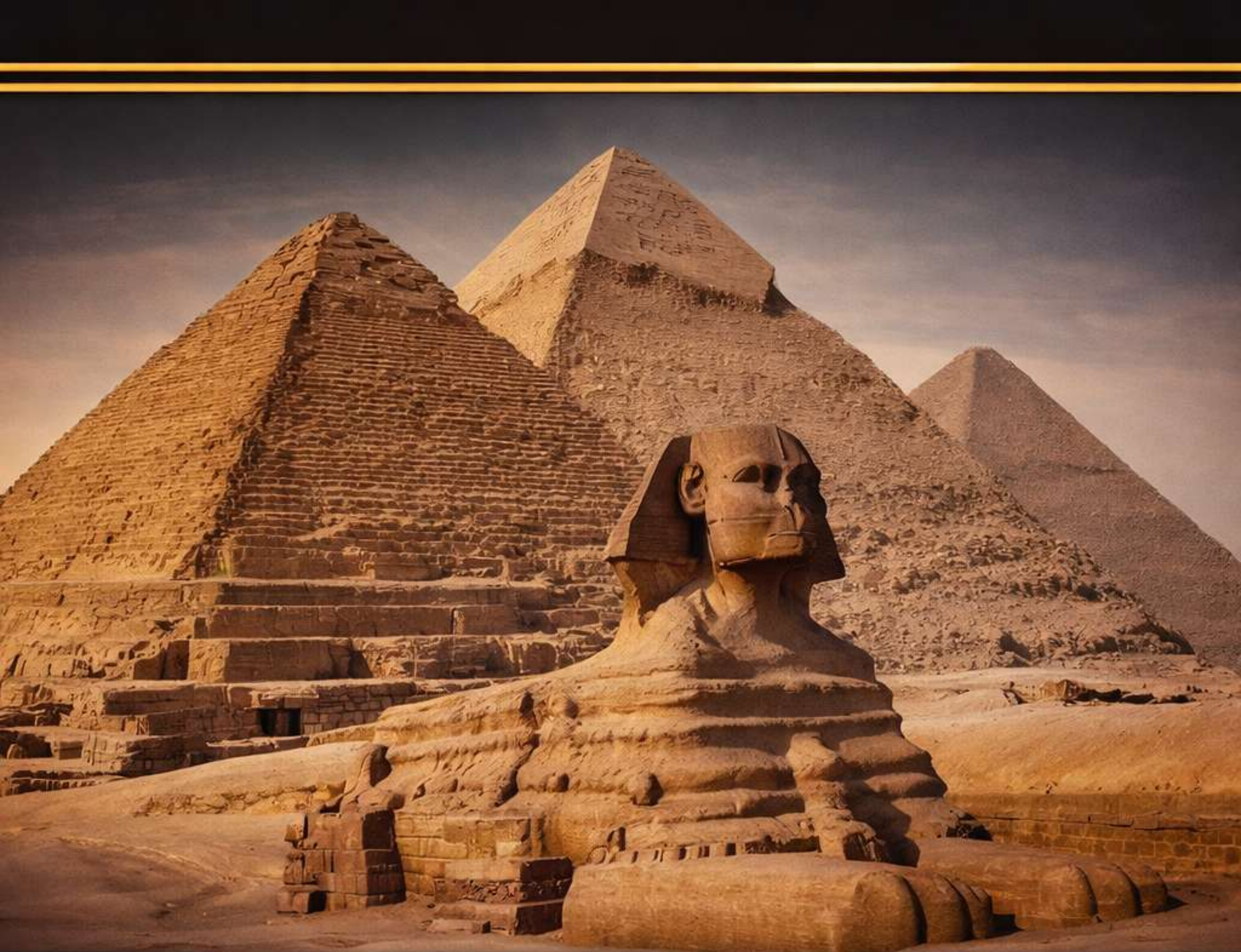

O GRANDE LIVRO DOS MISTÉRIOS POR RESOLVER

COLIN WILSON

TRADUÇÁO: AMADEU ANTÓNIO

O GRANDE LIVRO DOS 741

MISTÉRIOS POR RESOLVER

Colin Wilson & Damon Wilson Constable & Robinson Ltd 2000

Colin Wilson e Damon Wilson, 2000

Índice

Nota do Autor Introdução
1 Rei Artur e Merlin
2 Atlântida
3 A Banda Baader-Meinhof
4 A Abóbada de Barbados
5 O Assassinato Basa
6 O Triângulo das Bermudas
7 Pé Grande (Bigfoot)
8 Agatha Christie
9 Os Assassinatos dos Torso de Cleveland
10 Círculos nas Culturas (Crop Circles)
11 A Maldição dos Faraós
12 As Pegadas do Diabo
13 Philip K. Dick Foi Possuído por um Anjo?
14 Os Dogon e os Antigos Astronautas
15 O Mistério de Eilean More
16 Fadas
17 Fulcanelli e os Mistérios da Alquimia
18 O Mistério de Glozel
19 O Homem Cinzento de Ben MacDhui
20 Kaspar Hauser
21 Rudolf Hess
22 O Santo Sudário de Turim
23 Homero e a Queda de Troia
24 O Diamante Hope
25 O Mistério da Hipnose
26 O Enigma dos Gémeos Idênticos
27 Jack, o Estripador
28 Joana d'Arc Regressou dos Mortos?
29 Junius
30 Fedor Kuzmich
31 O Monstro do Lago Ness
32 O Homem da Máscara de Ferro
33 O Mistério do Mary Celeste
34 Glenn Miller

35 O Elo Perdido
36 Onde Está a Mona Lisa?
37 «O Manuscrito Mais Misterioso do Mundo»
38 Joan Norkot
39 O Livro Oera Linda
40 «O Povo do Segredo»
41 Poltergeists
42 Possessão pelos Mortos
43 Psicometria
44 Rennes-le-Château
45 Robin dos Bosques Existiu Mesmo?
46 A Misteriosa Morte de Mary Rogers
47 «Saint-Germain, o Imortal»
48 Os Milagres de Saint-Médard
49 Os Reis do Mar de 6000 a.C.
50 Monstros Marinhos
51 Quem Foi Shakespeare?
52 O Crânio do Destino
53 Combustão Humana Espontânea
54 Sincronicidade ou «Mera Coincidência»?
55 O Tempo em Desordem
56 A Grande Explosão de Tunguska
57 Objetos Voadores Não Identificados
58 Vampiros: Existem Mesmo?
59 O Cometa de Velikovsky
60 Vórtices
61 Quem Foi Harry Whitecliffe?
62 Patience Worth
63 Zombies Índice

Nota do Autor

Este livro contém a maioria dos capítulos de duas obras anteriores: *An Encyclopedia of Unsolved Mysteries* e *Unsolved Mysteries Past and Present*. Isto explica por que alguns capítulos contêm fragmentos de informação que podem ser encontrados noutros capítulos: originalmente faziam parte de livros diferentes. Não eliminámos tais repetições, porque são sempre relevantes para o capítulo em que ocorrem, e os leitores que lerem este livro de forma fragmentada provavelmente nem as notarão.

CW e DW

Introdução

Em 1957, o escritor científico Jacques Bergier fez uma emissão na televisão francesa que causou sensação. Estava a discutir um dos grandes mistérios por resolver da pré-história, o desaparecimento súbito dos dinossauros há cerca de sessenta e cinco milhões de anos. Sugeriu que os dinossauros tinham sido exterminados pela explosão de uma estrela relativamente próxima do nosso sistema solar — uma «supernova». Depois fez a sugestão ainda mais chocante de que a explosão pode ter sido deliberadamente causada por super-seres que queriam eliminar os dinossauros e dar uma oportunidade aos mamíferos inteligentes.

Mesmo a primeira parte da sua teoria foi rejeitada pelos cientistas como fantasia de um excêntrico, e a reação não foi melhor quando, em 1970, Bergier repetiu-a num livro chamado *Extra-Terrestrials in History*, que começava com um capítulo intitulado «A Estrela que Matou os Dinossauros». Mas cinco anos depois, um geólogo americano chamado Walter Alvarez estudava uma fina camada de argila numa encosta em Itália — a argila que separa a era dos dinossauros (Mesozoico) da nossa era dos mamíferos — e refletia sobre a questão do que teria exterminado classes inteiras de animais. Levou um pedaço da encosta para a Califórnia e mostrou-o ao seu pai, o físico Luis Alvarez, com o comentário: «Pai, essa camada de meia polegada de argila representa o período em que os dinossauros desapareceram, e cerca de 75 por cento das outras criaturas da Terra.»

O pai ficou tão intrigado que submeteu a argila a testes laboratoriais e descobriu que continha uma alta proporção de um elemento raro chamado irídio, um elemento pesado que normalmente afunda para o centro dos planetas, mas que é expelido por explosões. Alvarez também considerou seriamente a ideia de uma estrela em explosão, e só a rejeitou quando testes adicionais mostraram a ausência de um certo platina radioativa que também estaria presente numa explosão de supernova. A única alternativa era que a Terra tivesse sido atingida por um enorme meteorito, que enchera a atmosfera de vapor e produzira um «efeito de estufa» que aumentara a temperatura em vários graus.

Os crocodilos e aligátores modernos conseguem sobreviver a uma temperatura de cerca de 37 °C; mas dois ou três graus a mais é demasiado para eles, e morrem. Isto é quase certamente o que aconteceu aos

dinossauros, há cerca de sessenta e cinco milhões de anos. E é por isso que este livro atual não contém uma entrada intitulada: «O que aconteceu aos dinossauros?» Sabemos a resposta. E também sabemos que a teoria da «franja lunática» de Bergier estava notavelmente próxima da verdade.

Esta é a justificação básica para um volume como este. Sublinha o ponto de que é sempre perigoso traçar uma linha nítida e clara entre «loucura» e ciência ortodoxa. No artigo sobre combustão humana espontânea, citei um manual médico moderno que afirma que a combustão espontânea é impossível, e que não há ponto em discuti-la. Mas as evidências são agora esmagadoras de que a combustão espontânea não só ocorre, como ocorre com relativa frequência.

Em 1768, a Academia Francesa de Ciências pediu ao grande químico Lavoisier que investigasse um relato de uma enorme pedra que caíra do céu e se enterrara na terra não longe de onde alguns camponeses trabalhavam. Lavoisier estava absolutamente certo de que grandes pedras não caíam do céu, e relatou que as testemunhas estavam enganadas ou a mentir; passou mais meio século até a existência de meteoritos ser aceite pela ciência.

O «poltergeist», ou fantasma barulhento, é ainda mais comum do que a combustão humana espontânea; em qualquer momento há centenas de casos a decorrer em todo o mundo. No entanto, na América, os cientistas formaram uma espécie de liga defensiva chamada CSICOP (Comité para a Investigação Científica das Alegações do Paranormal), cujo objetivo básico é argumentar que o «paranormal» simplesmente não existe, e é uma invenção de excêntricos e «pseudos». Qualquer pessoa que tenha o mínimo interesse pelo paranormal sabe que tal visão não é apenas insustentável, mas representa uma espécie de cegueira voluntária.

Sejamos bem claros sobre isto. Não estou a argumentar que o ceticismo seja fundamentalmente prejudicial. A razão é a faculdade mais elevada possuída pelos seres humanos, e todos os momentos das nossas vidas exigem uma avaliação contínua de probabilidades. As nossas vidas dependem desta avaliação todas as vezes que atravessamos uma rua movimentada. Tenho de julgar a probabilidade de aquele carro ou autocarro me atingir antes de conseguir pôr o pé no passeio oposto. E quando um cientista é confrontado com a questão de saber se, digamos, um «psíquico» israelita consegue dobrar chaves apenas acariciando-as, só pode recorrer à sua experiência geral de chaves e tentar avaliar as probabilidades. No

entanto, penso que todo o cientista concordaria que seria errado fazer um julgamento a priori e decidir que a questão não vale a pena investigar porque as chaves não podem ser dobradas apenas acariciando-as. Se for honesto, então deve pelo menos estar disposto a estudar o assunto mais de perto.

A maioria dos cientistas responderia que é precisamente assim que operam, e em princípio isso é perfeitamente verdadeiro. Na prática, são seres humanos, sujeitos a tédio, impaciência e suscetibilidade como o resto de nós, o que significa que podem facilmente passar a fronteira que separa o desapego científico do compromisso emocional.

Um dos membros menos dogmáticos do CSICOP foi o matemático Martin Gardner, cujo livro *Fads and Fallacies in the Name of Science* é um estudo divertido e delicioso sobre «cultos da irracionalidade». Podemos ler sobre o profeta Voliva, que acreditava que a Terra é plana, sobre o Capitão Symmes, que acreditava que era oca, sobre Cyrus Teed, que acreditava que tinha a forma de um ovo e que vivemos na sua superfície interior. Gardner é perversamente divertido sobre as Testemunhas de Jeová e os excêntricos que acreditam que a Grande Pirâmide contém informação sobre a segunda vinda de Cristo.

Mas depois de meia dúzia de capítulos, o leitor começa a achar esta atitude de superioridade constante um pouco enjoativa. Será o autor algum tipo de super-intelecto que descobriu o segredo da verdade eterna? Está ele completamente certo de que a radiestesia para encontrar água é uma superstição risível, de que toda a gente que viu um OVNI está iludida ou enganada, de que o continente da Atlântida foi uma invenção da imaginação de Platão, de que as ideias posteriores de Wilhelm Reich eram pura loucura? É certamente uma questão de onde se decide traçar a linha. Estou inclinado a concordar que Immanuel Velikovsky foi, em última análise, um excêntrico — isto é, que as suas teorias sobre a ligação entre Vénus e catástrofes bíblicas são o resultado de inspiração em vez de raciocínio científico cuidadoso. Mas muitas das suas adivinhações inspiradas foram surpreendentemente precisas — por exemplo, a sua crença de que a Terra está rodeada por poderosos campos magnéticos. E há filósofos influentes da ciência como Sir Karl Popper, Michael Polanyi e Abraham Maslow que acreditavam que todo o pensamento científico se

baseia em «inspiração» em vez de raciocínio científico cuidadoso. Em resumo, parece-me que Gardner traça a sua linha no lugar errado.

Escrevi uma biografia de Wilhelm Reich e concordo que Reich era dogmático e paranóico, além de ser uma personalidade profundamente desagradável. No entanto, o problema com Reich era que, tal como tantos outros psicanalistas, ele tomara emprestado de Freud um manto de infalibilidade papal. Toda a neurose tem origem sexual e uma pessoa neurótica é incapaz de enfrentar a natureza sexual dos seus problemas. Discorda? Isso só prova que tem problemas sexuais que tem medo de reconhecer. Neste aspeto, Reich é como o Dr. Johnson: se a pistola falha, ele atira-lhe com a coronha. Quem discorda dele tem necessariamente de estar "mentalmente doente".

Mas o próprio livro de Gardner está repleto deste mesmo tom de dogmatismo brutal. Existe uma suposição subjacente de que ele próprio é infalível. E embora o leitor esteja disposto a admitir essa possibilidade, gostaria de saber mais sobre os métodos através dos quais Gardner chega às suas certezas inabaláveis.

Na verdade, seria desastroso que a atitude de Gardner se tornasse amplamente aceite e passasse a fazer parte da "sabedoria convencional". O progresso do conhecimento humano depende de se manter uma pitada de ceticismo mesmo em relação às verdades mais "inquestionáveis". Há um século, a teoria da evolução de Darwin por seleção natural era considerada cientificamente inabalável; hoje, a maioria dos biólogos tem as suas reservas. Há cinquenta anos, a teoria sexual da neurose de Freud era aceite pela maioria dos psiquiatras; hoje reconhece-se amplamente que os seus métodos eram altamente questionáveis. No início deste século, um cientista que questionasse a teoria da gravidade de Newton seria considerado louco; vinte anos depois, ela foi suplantada pela teoria de Einstein — embora, significativamente, poucas pessoas a compreendessem realmente.

Parece perfeitamente concebível que os nossos descendentes do século XXII se perguntem como é que algum de nós pôde ser suficientemente estúpido para se deixar enganar por Darwin, Freud ou Einstein.

Gardner dedica um capítulo a atacar as ideias de Charles Fort, o nova-iorquino que passou a vida a insistir que os cientistas são demasiado dogmáticos e deveriam estar mais dispostos a questionar os seus

pressupostos fundamentais. Ele objeta que, como Fort é apenas um crítico destrutivo, sem teorias próprias para oferecer, é basicamente estéril. Há um elemento de verdade nisso. Mas Gardner não consegue perceber que aquilo a que Fort realmente se opõe é a atitude rígida, de tipo comissário, que caracteriza o próprio livro dele. Fort argumenta que a descoberta científica tem raízes num sentido de maravilha e que um sentido de maravilha, mesmo com um toque de credulidade, é preferível a uma espécie de dogmatismo marxiano sem humor.

O próprio Newton sentia fascínio pela alquimia e considerava a sua maior obra o comentário ao Livro de Daniel. Isso qualifica Newton como um excêntrico? Obviamente que não. A inferência é seguramente que é mais frutífero ficar intrigado com a possibilidade de algum monstro pré-histórico nas profundezas do Lago Ness do que o despedir como uma absurdidade infantil. É mais frutífero admitir que os OVNIs podem ser reais do que os descartar como alucinações. Pode até ser mais frutífero reconhecer que as provas sugerem que Shakespeare talvez não tenha escrito as suas próprias peças, ou que Andrew Crosse criou vida no seu laboratório, ou que Orffyreus terá descoberto o segredo do movimento perpétuo, do que adotar a atitude de que tais extravagâncias nem sequer merecem ser discutidas.

A carreira de outro "amigo cético", Ian Wilson, também me proporcionou muita diversão irónica. Convertido ao catolicismo romano, começou por escrever um livro importante em que defendia que o "Santo Sudário de Turim" é autêntico. Seguiu-se-lhe um livro sobre reencarnação intitulado *Mind Out of Time*, que atacava brilhantemente vários casos de supostas "memórias de vidas passadas", como o famoso caso Bridey Murphy. (A Igreja Católica condenou oficialmente a noção de reencarnação.)

Foi depois convidado a participar numa série de televisão baseada nos arquivos da Society for Psychical Research e, embora tenha voltado a usar a sua técnica de desmascaramento com considerável efeito em casos como o do "vampiro de Croglin", teve de admitir que noutros casos, particularmente os que envolviam fantasmas, as provas simplesmente não podiam ser descartadas. Quando Wilson se debruçou sobre a "experiência após a morte" (num livro com esse título), aconteceu o mesmo: mesmo depois de rejeitar grande parte das provas como fraudulentas, acabou por

reconhecer que o caso global a favor da "sobrevivência" era muito poderoso. Um livro mais recente de Wilson, *Superself*, aborda poderes invulgares da mente, incluindo rabdomancia e cura, e termina por reconhecer a realidade do que poderia ser chamado "supraconsciente". Temos aqui o exemplo de um homem que possui a paciência e a honestidade para estudar detalhadamente muitos casos de aparentes poderes paranormais e que acaba com o seu ceticismo profundamente erodido — embora se sinta demasiado embaraçado para admitir abertamente que, na prática, fez uma viragem de 180 graus.

Outro exemplo interessante da atitude "por atacado" em relação aos fenómenos paranormais encontra-se no livro *Secrets of the Supernatural*, de Joe Nickell e John Fischer. O objetivo dos autores é resolver vários mistérios através de uma abordagem investigativa. O primeiro capítulo descreve uma investigação sobre uma assombração na Mackenzie House, em Toronto. Citam vários testemunhos de pessoas que afirmam ter visto fantasmas ao longo dos anos e algumas que ouviram ruídos assustadores durante a noite. Depois descrevem como falaram com o zelador da casa ao lado, que demonstrou que diversos ruídos feitos na cave eram "transmitidos" para a "casa assombrada".

Os autores não deixam dúvidas de que muitos dos ruídos "assustadores" na Mackenzie House resultavam de uma caldeira a roncar. Mas isso não explica as visões de fantasmas relatadas pelas testemunhas. A suposição tácita é que a demonstração sobre os ruídos nos permite descartar as visões propriamente ditas. Na realidade, pode ou não permitir. Se acreditarmos, como eu acredito, que existem realmente fantasmas, então seria necessária uma demonstração adicional de que as visões de uma mulher sombria e de um homem de fraque também resultavam da caldeira a roncar.

Os investigadores céticos parecem cometer sempre o mesmo curioso erro lógico. William James observou que, se quisermos provar que nem todos os corvos são pretos, não precisamos de demonstrar que nenhum corvo é preto; basta apresentar um único corvo branco. Assim, um livro cheio de casos de fraude ou de credulidade excessiva não prova nada além de que esses casos particulares são fraudulentos. Mas um único caso de fenómeno paranormal com provas avassaladoras destrói o argumento de que o paranormal é, por definição, fraudulento.

A verdade é que a expansão do conhecimento humano depende de fazer perguntas. Uma vaca não aprende nada porque não consegue fazer perguntas; o mundo da vaca é exatamente o que parece ser, nem mais nem menos, e não há nada sobre que perguntar. Mas quando Tales viu um eclipse, quis saber o que o causava. Newton fez a pergunta aparentemente absurda: por que razão cai uma maçã ao chão em vez de ficar onde está? E Einstein fez a pergunta derradeiramente absurda: como seria sentar-me a cavalo num feixe de luz? Todas estas perguntas conduziram a resultados frutíferos. Se Martin Gardner estivesse atrás deles de braços cruzados, provavelmente teriam decidido ficar calados.

Considere uma pergunta levantada pelo zoólogo Ivan Sanderson. Numa noite de luar, numa estrada coberta de poeira no Haiti, ele e a esposa experimentaram uma curiosa alucinação de estarem de volta a Paris no século XV. (A história é contada na íntegra em "Time in Disarray" neste volume.) Gardner declararia que esta é uma pergunta que simplesmente não deve ser feita, a menos que a resposta seja que Sanderson estava bêbado ou a mentir.

Mas é óbvio que ele não era nem uma coisa nem outra. Aqueles que o conheciam (e tenho neste momento uma carta na secretária de um deles) concordam que era um homem honesto que não tinha o mínimo interesse pelo "sobrenatural". Vale também a pena perguntar como é que os criados de Sanderson souberam que ele estivera envolvido num acidente — embora tivesse ocorrido num local remoto e deserto — e que estaria em casa ao amanhecer.

E assim é outra pergunta que a experiência de Sanderson o leva a discutir: se a mente é idêntica ao cérebro. Ele menciona o caso de um homem que morreu num hospital de Nova Iorque e cuja autópsia revelou que não tinha cérebro, apenas "meia chávena de água suja". Isto soa, admito, como mais uma dessas histórias absurdas que não valem a pena discutir. Mas no início dos anos 80, o Professor John Lorber, da Universidade de Sheffield, descobriu um estudante com um QI de 126 cuja cabeça estava completamente cheia de "água". Uma tomografia mostrou que o cérebro do estudante era apenas uma camada exterior, com apenas um milímetro de espessura. Como pode uma pessoa funcionar praticamente sem cérebro? Lorber, que se especializa em hidrocefalia ("água no cérebro"), responde que encontrou muitos casos de pessoas perfeitamente

normais cujas cabeças estão cheias de 95 % de líquido, e que 70 a 90 % é na verdade bastante comum.

Se uma pessoa pode pensar sem usar o cérebro, a conclusão óbvia parece ser que o ser que faz o pensamento existe separadamente do seu cérebro.

O verdadeiro problema colocado por experiências como a dos Sanderson diz respeito à natureza do tempo. Todo o raciocínio científico, mesmo o menos dogmático, diz-nos que é totalmente impossível regressar ao passado ou prever o futuro. No que diz respeito ao passado, podemos especular que o "salto temporal" é uma espécie de "gravação em fita". Mas uma visão do futuro deveria ser uma impossibilidade total, uma vez que o futuro ainda não aconteceu. Apesar disso, existem muitos casos bem autenticados de "vislumbres" do futuro. (Apresentei uma vez um programa de televisão sobre um deles — um par irlandês chamado Lord Kilbracken que sonhava repetidamente com os vencedores de corridas de cavalos e ganhava dinheiro a apostar neles.) Parece seguir-se que há algo fundamentalmente errado com a visão do mundo que os nossos sentidos nos apresentam — na verdade, basta pensarmos um momento para vermos que tem de haver algo errado com uma lógica que nos diz que tudo tem um princípio e um fim, e depois nos apresenta o paradoxo de um universo que aparentemente não tem nem um nem outro.

É por isso que as visões do CSICOP devem ser tratadas com suspeita. Não se trata apenas de saber se a ESP ou a telepatia merecem ser levadas a sério, mas se — como Martin Gardner gostaria de acreditar — o universo é, em última análise, tão racional e "normal" como um romance de Jane Austen ou Anthony Trollope. É uma crença fácil de manter, porque o universo que nos confronta quando abrimos os olhos de manhã parece perfeitamente "normal", e é improvável que encontremos durante o dia algum acontecimento que contradiga essa suposição. Mas o universo também parece "inquestionável" para uma vaca pela mesma razão.

Sabemos que, no momento em que começamos a usar a nossa inteligência para fazer perguntas, o universo se torna um lugar muito mais estranho e misterioso. A maioria dos cientistas concordaria, de facto, de todo o coração com este sentimento, pois a ciência começa com um sentido de mistério. Mas um certo tipo de cientista — e infelizmente são a maioria — também gostaria de acreditar que todos os mistérios podem ser

resolvidos pelo tipo de lógica dedutiva simples usada por Sherlock Holmes. E os problemas colocados por "saltos temporais" ou precognições ou sincronicidades, ou por poltergeists e experiências fora do corpo, tornam claro que isto é pensamento ilusório. Só podemos manter a ciência dentro de limites lógicos confortáveis recusando reconhecer a existência de qualquer coisa que esteja fora desses limites.

Pode parecer razoável perguntar: Qual é o mal nisso? Ninguém censura um polícia por não se interessar por misticismo ou filosofia — não é o seu trabalho. Por que censurar um físico por não se interessar por poltergeists e ESP?

A resposta é que as suas preconceções sobre o universo também envolvem preconceções sobre a mente humana. No século XIX, era indiferente se um cientista se interessava por investigação psíquica ou a considerava uma ilusão. Mas na segunda metade do século XX, a ciência especulava se o universo poderia conter onze dimensões e se os buracos negros poderiam ser uma entrada para um "hiperespaço" sem dimensões — até mesmo se poderíamos usar buracos negros para viajar pelo universo. Cientistas russos e americanos têm experimentado a ESP como meio de comunicação com submarinos sob o gelo polar.

De repente, a questão dos limites da mente humana tornou-se uma questão de grande importância científica. Se somos meros produtos do acaso de um universo material, então a nossa posição é basicamente a de espetadores, e a extensão em que podemos "intervir" é limitada. Mas se — para tomar apenas um exemplo — a visão de Sanderson de Paris no século XV não foi uma alucinação, mas uma espécie de vislumbre de um poder oculto da sua própria mente, então isso desafiaria toda a imagem darwiniana da evolução.

Considere o estranho caso dos gémeos calculistas discutido no artigo sobre gémeos idênticos. Um número primo é um número que não pode ser dividido exatamente por nenhum outro número, como 3, 7 e 13. Mas não há uma forma fácil e rápida de saber se um número é primo ou não: tem de se dividir pacientemente todos os números mais pequenos por ele e ver se algum deles "encaixa" exatamente. Se o número for muito grande — digamos de cinco algarismos —, a única forma rápida de descobrir se é primo é consultá-lo numa tabela de números primos. No entanto, estes gémeos conseguem fazê-lo instantaneamente, e isso é absurdo. Para além

do mistério de como o conseguem fazer, há o mistério ainda mais desconcertante de como tal poder poderia ter-se desenvolvido ao longo da história humana. Segundo Darwin, o mecanismo básico da evolução é a "sobrevivência do mais apto". O guepardo corre mais depressa do que um homem e o canguru salta mais alto porque teve de o fazer para sobreviver. A maioria dos animais não consegue contar para além de alguns algarismos. O homem teve de aprender a contar à medida que a sua vida social se tornava mais complexa. Mesmo assim, a maioria das pessoas é "má em contas". Então, como poderia algum ser humano ter desenvolvido esta capacidade incrível de reconhecer números primos de cinco algarismos instantaneamente, quando mesmo um computador não conseguiria fazê-lo?

Só pode haver uma resposta: estamos errados ao pensar que a inteligência humana tem de funcionar como um computador. Parece ter algum "método alternativo". E presumivelmente foi o mesmo método alternativo que permitiu acidentalmente a Sanderson o seu curioso vislumbre do passado. Esta afirmação soa razoável o suficiente, pois todos concordamos que a "intuição" parece operar de formas misteriosas. Mas depois deparamo-nos com um caso em que alguém previu claramente o futuro, e sabemos que isto não é simplesmente uma questão de intuição. A noção de que o tempo tem um fluxo unidirecional é o próprio fundamento da ciência ocidental; tudo depende disso. Se a precognição for possível, então as nossas suposições básicas precisam de ser revistas.

Para os cientistas do século XIX, uma ideia destas era profundamente inquietante; é por isso que tantos deles eram tão hostis à "investigação psíquica". Parecia o oposto do que toda a ciência representava; um regresso a superstições e contos da carochinha em vez de experiência e análise. Em 1848, esta reação da ciência tinha ido tão longe que uma romancista chamada Catherine Crowe decidiu que era altura de protestar. Por isso deu-se ao trabalho de reunir alguns dos casos melhor autenticados do "sobrenatural" que conseguiu encontrar — o tipo de casos que mais tarde seriam cuidadosamente examinados pela Society for Psychical Research — e publicou-os num livro chamado *The Night Side of Nature*. Teve um impacto considerável nas pessoas reflexivas.

Mas a Sra. Crowe teve azar. O ano da sua publicação foi também o ano em que estranhas perturbações poltergeist ocorreram na casa da família Fox, no estado de Nova Iorque — pancadas e batidas curiosas que ocorriam

na presença das duas crianças, Kate e Margaret. Num código de pancadas, a "entidade" afirmou ser um pedreiro assassinado que tinha sido enterrado na cave. (De facto, um esqueleto humano foi encontrado enterrado na cave em 1907.) Estas manifestações causaram sensação, e em breve o "Espiritualismo" começou a espalhar-se pela América e pela Europa.

Os cientistas ficaram indignados com esta moda de "superstição" — particularmente quando vários "médiuns" se revelaram fraudulentos — e os argumentos altamente razoáveis da Sra. Crowe foram esquecidos. De facto, ela encontrou tanta hostilidade que pouco mais de uma década após a publicação de *The Night Side of Nature* sofreu um esgotamento nervoso e passou algum tempo num lar para doentes mentais; durante os últimos dezasseis anos da sua vida, não escreveu mais nada.

Agora, mais de um século e meio depois, o Espiritualismo deixou de ser um desafio à ciência e tornou-se pouco mais do que uma religião minoritária inofensiva; hoje em dia é perfeitamente óbvio que nunca foi um desafio à ciência. Também podemos ver que nunca houve qualquer questão de a ciência ser suplantada por superstição e contos da carochinha, e que portanto o CSICOP estava completamente errado ao imaginar que o sucesso de Uri Geller anunciava um regresso à Idade Média.

E o que isto implicaria seria o reconhecimento de que a história da vida na Terra pode ser um pouco mais complexa do que Darwin pensava. Se poderes paranormais, como a telepatia e a «segunda visão», de facto existem, então parece também bastante certo que eram possuídos em grau muito maior pelos nossos antepassados primitivos, tal como hoje são possuídos em maior grau por muitos povos ditos «primitivos». Sanderson deixa claro, por exemplo, que acredita que alguns dos haitianos que encontrou possuíam poderes de «segunda visão». Um deles comentou com ele, após a sua experiência de «deslizamento temporal»: «Viste coisas, não foi? Não acreditas nisso, mas podias sempre ver coisas, se quisesses». Em suma, o próprio Sanderson poderia ter desenvolvido, ou talvez simplesmente redescoberto, as suas faculdades paranormais.

No meu livro *The Occult*, citei muitos casos que parecem ilustrar o mesmo ponto. Por exemplo, o famoso caçador de tigres Jim Corbett descreve, em *Man-Eaters of Kumaon*, como acabou por desenvolver aquilo a que chama «sensibilidade da selva», de modo a saber quando um animal selvagem estava à espreita. Obviamente, tal faculdade seria muito útil a um

caçador de tigres na Índia, mas praticamente inútil a um corretor da bolsa em Nova Iorque. Assim, parece que o homem civilizado se livrou deliberadamente dessa capacidade. Ou melhor, o desenvolvimento de outra faculdade — a capacidade de lidar com as complicações da vida civilizada — suprimiu a faculdade «paranormal», porque já não precisamos dela.

Mas será isto realmente verdade? Será sequer verdade que um corretor da bolsa em Nova Iorque não precisa de «sensibilidade da selva»? Afinal, ele vive noutros tipos de selva — não apenas a selva comercial, mas também a selva de betão, onde assaltantes se escondem em passagens subterrâneas para peões e em parques públicos. O seu verdadeiro problema é mais provavelmente o mesmo que causou o esgotamento nervoso de Catherine Crowe: ter permitido que a vida civilizada «o dominasse».

Todos nós, em certa medida, perdemos essa força vital primitiva que se encontra na maioria dos povos ditos «selvagens». Mas o que realmente se perdeu foi um certo sentido de maravilha, um certo otimismo básico. A criança pensa que este mundo dos adultos é um lugar mágico, cheio de aventuras sem fim: entrar em bares, conduzir automóveis, apanhar aviões… Custar-lhe-ia muito acreditar que, à medida que cresce, o mundo se tornará um lugar duro, implacável e bastante desagradável, onde a regra básica é: «Ninguém recebe nada de graça».

O problema do adulto é que as suas atitudes se tornaram negativas. Descrevi noutro lugar como, em 1967, fui dar uma palestra a uma universidade em Los Angeles e depois fui encontrar-me com a minha família na Disneyland. Tinha-me esquecido de quão grande é a Disneyland e, quando passei pelas cancelas de entrada e vi as multidões, o meu coração afundou-se. Mas sentia-me bem-disposto e otimista, depois de ter dado uma boa palestra. Por isso, relaxei, coloquei-me num estado de confiança e simplesmente deixei que os meus pés me conduzissem até eles. Andei ao acaso cerca de cinquenta metros, virei à esquerda e encontrei-os parados junto a uma banca de comida mexicana.

Há quarenta e oito horas, estava à procura de um livro sobre o Império dos Habsburgos e procurei em três estantes sem sucesso. Na manhã seguinte, fiz outra busca e desta vez encontrei o livro numa prateleira que já tinha examinado várias vezes. Porque é que o tinha ignorado? Porque estava num estado de tensão enquanto procurava (como se estivesse com pressa) e a simples «pressa» fez-me olhar para ele sem o ver. Pelo

contrário, tenho notado repetidas vezes que, quando estou num estado de confiança descontraída, consigo encontrar coisas por uma espécie de «sexto sentido».

Mas reparei em algo ainda mais interessante: quando estou nesses estados de confiança descontraída, as coisas parecem simplesmente «correr bem». E isto, obviamente, não tem nada a ver comigo nem com qualquer «sexto sentido». Simplesmente «tropeço» numa informação importante no dia anterior àquele em que preciso de escrever sobre ela, ou evito alguma experiência desagradável por mera serendipidade.

O nosso problema básico enquanto seres civilizados é que as nossas atitudes se tornaram, de forma bastante injustificada, negativas. Todos conhecem a experiência de como o alívio nos pode colocar num estado de espírito otimista. A canalização avaria e temos de descarregar o autoclismo com baldes de água durante dois dias. Quando o canalizador finalmente chega, sentimos um enorme alívio e, durante as vinte e quatro horas seguintes, sentimos como é delicioso ter uma sanita que funciona ao simples toque de um botão.

E sempre que experimentamos esse alívio, reconhecemos também que estamos rodeados de razões para nos sentirmos satisfeitos: torneiras de banho e interruptores de luz e torradeiras elétricas que realmente funcionam, portas que se abrem sem ranger e televisões que nos fornecem notícias sempre que queremos. Ao homem demorou cerca de cinquenta mil anos sair das cavernas e alcançar esta felicidade. No entanto, habituámo-nos tanto à nossa civilização que a tomamos como garantida e passamos a maior parte do tempo a preocupar-nos com trivialidades.

E, no entanto, sempre que um pequeno incómodo é seguido de alívio, reconhecemos que permitimos que as nossas bênçãos fossem desvalorizadas e que caímos num estado de espírito estreito e sem alegria. A civilização foi concebida para nos dar lazer e liberdade; em vez disso, desperdiçamos os nossos dias a concentrar-nos obsessivamente em pequenos problemas que, dentro de uma semana, parecerão totalmente irrelevantes. Esta visão curta e carregada de ansiedade deve-se a certas qualidades do hemisfério esquerdo do cérebro que desenvolvemos ao longo dos últimos milhares de anos. (O hemisfério esquerdo lida com a lógica e a linguagem; o direito, com o significado e a intuição.) A única forma de recuperarmos o nosso direito de nascença ao lazer e à liberdade é

reconhecermos que a consciência quotidiana do hemisfério esquerdo, de algum modo, nos mente, e que temos de aprender a relaxar para um tipo mais amplo de consciência.

Consideremos o seguinte exemplo, retirado de um livro chamado *The States of Human Consciousness*, de C. Daly King; ele fala de experiências daquilo a que chama «despertar».

A primeira delas ocorreu na plataforma de uma estação ferroviária suburbana em Nova Jérsia, enquanto o autor caminhava ao longo dela para apanhar um comboio com destino a Nova Iorque, numa manhã soalheira e já avançada. Na plataforma havia várias pequenas construções para elevadores de carga, quiosques de jornais e afins, construídas em tijolo de cor parda. Ele encontrava-se emocionalmente à vontade, planeando sem pressa a agenda das suas várias visitas na cidade e, ao mesmo tempo, tentando estar consciente, activa e imparcialmente, dos movimentos do seu corpo ao caminhar…

De repente, todo o aspeto do que o rodeava mudou. Toda a atmosfera pareceu estranhamente vitalizada e, abruptamente, as poucas outras pessoas na plataforma passaram a ter uma aparência pouco mais importante ou significativa do que os puxadores das portas da sala de espera dos passageiros. Mas a alteração mais extraordinária foi a dos tijolos de cor parda, pois não houve qualquer ilusão sensorial concomitante na experiência. De súbito, pareceram tremendamente vivos; sem manifestarem qualquer movimento exterior, pareciam borbulhar quase alegremente por dentro e davam a impressão nítida de que, à sua maneira, estavam a viver ativamente e a gostar disso. Esta impressão atingiu de tal modo o autor que permaneceu a fitá-los durante alguns minutos, até o comboio chegar…

A primeira coisa a notar é o seu comentário de que «estava emocionalmente à vontade, planeando sem pressa a agenda das suas várias visitas». Ou seja, encontrava-se num estado de «hemisfério direito», livre de tensão. Depois, algum esforço curioso, algum ligeiro movimento da mente, por assim dizer, impulsionou-o na direção certa e fê-lo aperceber-se de que os tijolos que normalmente teria como garantidos estavam, de algum modo, a brilhar com vida interior. Também é significativo que os seres humanos que normalmente ocupariam o centro do seu campo de atenção tenham deixado de parecer importantes. O hábito prolongado levou-nos a selecionar os seres humanos como o centro do nosso campo de

atenção, pois somos animais sociais cuja tranquilidade mental depende de «nos integrarmos» na sociedade.

Não é necessário assumir que a sua perceção dos tijolos tenha sido uma experiência «mística». Todos nós podemos induzir algo semelhante simplesmente fitando com atenção uma parede perfeitamente vulgar à luz do sol. O nosso problema é que normalmente não nos concentramos em nada; «varremos» as coisas automaticamente, como a rapariga na caixa de um supermercado. Mas, se algo desperta o nosso interesse e focamos nele toda a nossa atenção, experimentamos instantaneamente este sentido de significado intensificado.

Estou apenas a tentar salientar que a principal razão pela qual a nossa experiência nos parece geralmente pouco memorável é termo-nos habituado a responder «roboticamente» ao que nos rodeia, deixando o piloto automático conduzir por nós.

E que diferença faria uma experiência não robótica? Basicamente, esta: faria com que Daly King se apercebesse de que a suposição normal que partilha connosco — a de que o mundo «lá fora» é um lugar bastante comum — está errada. Os seus sentidos estão a mentir-lhe. Ou melhor, os seus sentidos fazem o melhor que podem; são as suas atitudes, as suas pressuposições, que reduzem o seu testemunho à «banalidade». O seu «vislumbre» ter-lhe-ia mostrado que está rodeado por um círculo vicioso indescritivelmente estranho, no qual a maioria de nós está presa.

Este consiste na suposição de que o mundo lá fora é bastante comum e aborrecido. E quando estamos aborrecidos, as nossas energias descem. E quando as nossas energias descem, é como se uma nuvem cobrisse o sol, fazendo com que o mundo pareça mais sombrio e menos interessante. Esta sensação de que o mundo é desinteressante impede-nos de fazer qualquer tipo de esforço. A tendência humana normal — não auxiliada por estímulos externos — é afundar-se num estado de letargia, um pouco como as personagens de Samuel Beckett sentadas em caixotes do lixo.

Cada vislumbre da realidade — cada «momento de visão» — até mesmo o simples ato de partir de férias — diz-nos exatamente o contrário. Diz-nos que, quando uma nuvem parece obscurecer o sol, o que realmente aconteceu foi termos permitido que os nossos sentidos se tornassem mais baços, como o dispositivo num cinema que baixa as luzes. A perceção é

«intencional». Vemos as coisas por meio de um feixe de luz gerado por um dínamo dentro da nossa cabeça. Quando estamos aborrecidos, o dínamo funciona a meia velocidade e tudo o que olhamos parece monótono. Mas, se conseguirmos convencer o nosso subconsciente de que o mundo lá fora é fascinante — como as férias o convencem — o dínamo acelerará e veremos que isso é verdade.

Wordsworth falava do tempo da infância, quando tudo parecia «revestido de luz celestial». Isto acontece porque a criança sabe que existe um mundo infinitamente maravilhoso lá fora e faz automaticamente o esforço que mantém o dínamo a funcionar à velocidade máxima. Os seres humanos começam a morrer quando ficam presos no «círculo vicioso» e se convencem de que «já viram tudo». E, a menos que as circunstâncias os obriguem a continuar a fazer um esforço, afundam-se suavemente numa espécie de pântano de tédio, de «tomar tudo como garantido», que acaba por os engolir. (É por isso que tantas pessoas morrem depois de se reformarem de uma vida inteira de trabalho.)

Ora, é evidente que a raça humana está à beira de um desenvolvimento evolutivo extremamente interessante. O primeiro passo para escapar a este círculo vicioso é reconhecer que a aparente «banalidade» do mundo é uma ilusão. Se conseguíssemos ficar profunda e permanentemente convencidos de que o mundo lá fora é infinitamente excitante, nunca mais permitiríamos que nos prendesse no pântano do «tomar como garantido». E tornar-nos-íamos praticamente impossíveis de matar. Shaw diz dos seus «Antigos», em *Back to Methuselah*: «Mesmo no momento da morte, a vida não os abandona». O «falhanço da vida» é essa sensação de que não há nada de novo sob o sol e de que todos temos de aceitar a derrota no fim. Se conseguíssemos aprender o truque mental de fazer o dínamo acelerar, esta ilusão nunca mais seria capaz de exercer poder sobre nós.

Permitam-me que exponha a minha crença fundamental acerca da existência humana. O homem consiste num corpo altamente complexo, um «computador» que levou milhões de anos a evoluir, controlado por uma entidade a que chamamos alma, espírito ou o que quer que seja. Mas colocar o «espírito» a comandar uma peça de maquinaria tão complicada é como pedir a um bebé que conduza um Rolls-Royce. Falhamos em

compreender cerca de 90% das suas potencialidades. Além disso, é simplesmente demasiado «pesado» para o manusearmos confortavelmente.

Ao arrastarmos este corpo maciçamente pesado, estamos na posição de um viajante espacial que foi abandonado num planeta onde a gravidade é várias vezes maior do que na Terra, pelo que nem sequer consegue ficar de pé, e precisa de toda a sua força apenas para rastejar de gatas. Quando é galvanizado por alguma emergência, consegue reunir muito mais força e até cambalear brevemente sobre os próprios pés. Então consegue vislumbrar a verdadeira resposta: que precisa de desenvolver músculos muito mais poderosos — músculos mentais, bem como físicos.

Sempre que sou confrontado com um desafio ou crise excitante, consigo ver a resposta. Consigo então perceber que, se pudesse ser «galvanizado» desta forma o tempo todo, poderia elevar-me a um nível muito mais alto de propósito e vitalidade. O nosso problema é que, depois de uma crise, perdemos rapidamente esse sentido de urgência e voltamos a afundar-nos no velho estado baço e sonolento, em que cada pequena dificuldade se transforma numa montanha, e a mente cai numa curiosa apatia em que perde todo o sentido de propósito. Na verdade, estamos tão habituados a este estado que o aceitamos como normal. Só tendemos a vislumbrar as nossas verdadeiras potencialidades quando partimos em viagens — físicas ou mentais.

A resposta está em gerar (através do uso da determinação) uma imaginação muito mais poderosa, um sentido de realidade, que nos mantenha continuamente conscientes dos potenciais desafios e problemas e nos conserve num estado «galvanizado». É um completo absurdo que um homem sentado num comboio fique a olhar, apaticamente, pela janela, quando a sua mente contém uma vasta biblioteca de experiências passadas que o poderiam entreter durante anos.

Tudo isto explica, claro, porque passamos tanto do nosso tempo a procurar desafios e estímulos — viagens, aventura, desporto, sexo, álcool; é uma tentativa patética e mal orientada de nos atirarmos para lá destas limitações estúpidas. Se conseguíssemos aprender a identificar e enfrentar o problema de base, teríamos dado o passo mais decisivo para o resolver. Tornar-nos-íamos incapazes de nos aborrecermos, e o «desânimo» perderia o seu poder sobre nós. Começaríamos a ver a saída da armadilha que tem abatido os seres humanos prematuramente há milhares de gerações.

Agora deve ser claro porque sinto tanta impaciência com aquelas pessoas que querem convencer-nos de que o universo é um lugar perfeitamente racional e lógico, e de que qualquer tentativa de sugerir o contrário é um regresso à superstição medieval. Estou disposto a admitir que os poltergeists não são particularmente importantes — o instinto do cientista é perfeitamente sensato nesse ponto — e também não o são os «deslizamentos temporais», as precognições ou as experiências fora do corpo; eu próprio acho que as pessoas demasiado obcecadas com o paranormal são tão aborrecidas como as pessoas demasiado obcecadas com futebol ou telenovelas.

Mas estas experiências são apenas uma pequena parte do vasto panorama de estranheza que nos confrontará quando aprendermos esse truque mental de nos libertarmos dos grilhões do hábito e de fazermos um esforço poderoso e contínuo para rasgar as «cortinas do quotidiano» que nos rodeiam.

Se este livro precisa de alguma justificação, é a de ser uma tentativa modesta de captar alguns vislumbres da estranheza que existe do outro lado da cortina.

1
Rei Artur e Merlin
Lenda ou realidade?

O Rei Artur e o seu mago, Merlin, são duas das figuras mais populares da mitologia mundial. Mas terão existido realmente? Ou serão apenas personagens de um encantador conto de fadas?

Podemos compreender, naturalmente, porque é que os historiadores duvidariam da existência de Merlin. Mas alguns estudiosos modernos chegaram mesmo a duvidar de que o Rei Artur tenha sido uma figura histórica real. Esta é, obviamente, uma questão que tem de ser resolvida antes de avançarmos.

A primeira vez que ouvimos falar de Artur e Merlin é num livro intitulado *History of the Kings of Britain*, escrito por volta de 1135 por um bispo galês chamado Geoffrey de Monmouth — cuja fiabilidade pode ser avaliada pelo seu capítulo de abertura, no qual explica como a Bretanha recebeu o nome do guerreiro Bruto, que ali teria navegado após o cerco de Troia. Cem e tal páginas mais adiante, Geoffrey descreve como um rei

chamado Vortigern — que foi uma figura histórica real — ordenou que se construísse uma torre inexpugnável no Monte Snowdon, no País de Gales. A torre continuava a ruir, e então alguns adivinhos disseram-lhe que, se queria que a torre se mantivesse de pé, teria de salpicar as pedras com o sangue de um rapaz sem pai. Os seus mensageiros viajaram por todo o reino à procura de tal jovem, até que ouviram dois rapazes a discutir e um deles a troçar dizendo que o outro não tinha pai. O rapaz sem pai chamava-se Merlin.

O rei Vortigern mandou chamar Merlin e a sua mãe, que se revelou ser filha do rei do Sul do País de Gales. Ela contou como tinha sido seduzida por um belo jovem que depois se desvanecera no ar — embora, por vezes, ouvisse a sua voz a falar-lhe quando estava sozinha. Vortigern explicou então que, como Merlin era literalmente sem pai, tinha de o sacrificar e salpicar com o seu sangue as fundações da torre. Merlin ofereceu-se de imediato para provar que os adivinhos estavam a mentir e pediu que os trouxessem à sua presença. «Sabeis porque a torre continua a cair?», perguntou-lhes. Eles abanaram a cabeça. «Porque há um tanque por baixo dela, que torna a terra encharcada.»

Os homens de Vortigern receberam ordem para escavar e encontraram o tanque. Merlin prosseguiu, profetizando que, se o escoassem, encontrariam dois dragões (ou serpentes). E quando isso também se provou verdadeiro, Vortigern decidiu poupar-lhe a vida. Merlin passou então a proferir uma série de profecias — incluindo o presságio de que Vortigern morreria queimado numa torre. Isso aconteceu exatamente como Merlin predissera, quando um rei chamado Aurelius Ambrosius — o legítimo herdeiro do trono — invadiu a Bretanha e incendiou a torre de Vortigern.

Quando Aurelius foi envenenado, o seu irmão, Uther Pendragon, tornou-se rei. Após conquistar a Escócia, convidou todos os nobres do seu reino para um banquete a fim de presenciarem a sua coroação. Entre eles estavam o duque Gorlois da Cornualha e a sua bela esposa, Igerna. Uther apaixonou-se perdidamente por Igerna e, quando Gorlois se apercebeu disso, apressou-se a regressar à Cornualha. Isto insultou o rei, que perseguiu Gorlois com um exército. Gorlois preveniu a violação da sua esposa escondendo-a no castelo de Tintagel, que era virtualmente inexpugnável, pois ficava numa ilha a que se acedia apenas por um estreito

istmo de terra. Ao saber disto, Uther Pendragon caiu numa profunda depressão, porque não conseguia pensar em nada senão em possuir Igerna.

O problema foi resolvido por Merlin, que usou a sua magia para transformar Uther no duplo do duque Gorlois. Uther foi ao castelo de Tintagel e foi imediatamente admitido. Nessa noite, nos braços de Igerna, concebeu o rapaz que viria a ser o Rei Artur.

Enquanto Uther estava ausente, os seus homens atacaram o castelo onde Gorlois se tinha refugiado. Gorlois foi morto, e Uther Pendragon casou com Igerna e fê-la rainha. Reinou por mais quinze anos, até também ser envenenado; então Artur tornou-se rei.

Os leitores de Geoffrey de Monmouth (cujo livro continua disponível numa edição popular) perguntar-se-ão o que aconteceu à espada na pedra, aos Cavaleiros da Távola Redonda e a outras partes famosas da lenda. A resposta é que foram acrescentadas por cronistas posteriores (na sua maioria franceses) e ganharam a sua forma definitiva num dos primeiros livros impressos, a *Morte D'Arthur* de Sir Thomas Malory, impressa por William Caxton em 1485. Pouco se sabia sobre o seu autor até 1926, quando a investigação literária revelou — para desgosto dos estudiosos — que Malory era um chefe de salteadores que saqueava mosteiros e roubava gado, e que violou uma mulher chamada Joan Smyth, esposa de um tal Hugh Smyth, em pelo menos duas ocasiões. Aparentemente, escreveu a *Morte D'Arthur* na prisão de Newgate, onde está sepultado.

Mas, se Artur era adolescente quando o seu pai morreu, porque teria de provar o seu direito ao trono puxando uma espada de uma pedra (ou de uma bigorna cravada numa pedra, como Malory conta a história)? Malory contorna este problema fazendo com que Merlin tome conta de Artur desde o momento em que nasce; Merlin entrega então o bebé a um cavaleiro chamado Sir Ector, cuja esposa amamenta Artur. Tudo isto soa tão absurdo que não é surpreendente que alguns estudiosos tenham descartado Artur como lenda. Apontam, por exemplo, que uma das principais fontes de informação sobre o período de Artur é um monge chamado São Gildas, que escreveu um livro amargo e ressentido intitulado *The Downfall and Conquest of Great Britain* (*De excidio et conquestu Britanniae*) e que nem sequer menciona Artur — embora fale da Batalha de Badon, que é a batalha mais famosa de Artur.

Mas uma biografia de Gildas, escrita por Caradoc de Llancarfan, refere que Artur matou o irmão de Gildas, Hueil, que lutou contra ele; isso, por si só, explicaria claramente porque Gildas não conseguia sequer mencionar o nome de Artur.

Então, o que sabemos realmente sobre o herói lendário chamado Rei Artur? Bem, para começar, não era rei, mas um general. Não cavalgava num cavalo branco vestido com uma armadura medieval, porque pertenceu a um período muito anterior — terá nascido provavelmente por volta de 470 d.C., quando os Romanos tinham acabado de abandonar a Bretanha. Era, de facto, um romano — ou, pelo menos, um cidadão romano. Assim, o seu cavalo teria sido um pequeno cavalo romano, aproximadamente do tamanho de um pónei moderno, e a sua espada teria sido uma espada romana curta, não uma longa espada larga como a lendária Excalibur.

Por volta de 410 d.C., os Romanos decidiram retirar-se da Bretanha — precisavam de todas as suas forças para defender Roma dos bárbaros. Um chefe chamado Vortigern proclamou-se rei da Bretanha, mas depressa encontrou problemas com os ferozes pictos do norte da fronteira escocesa; por volta de 443 d.C., convidou mercenários saxões do Continente para virem lutar por ele. Eles vieram, mas quando Vortigern ficou sem dinheiro para lhes pagar, decidiram ficar e conquistar a Bretanha. Os bretões originais — a quem hoje chamamos celtas — foram lentamente empurrados para oeste, para o País de Gales, a Cornualha e a Escócia. No entanto, um guerreiro ex-romano chamado Ambrosius Aurelianus reuniu os celtas e foi para a guerra com rigor romano, infligindo muitas derrotas aos invasores. Quando morreu, o seu irmão, Uther Pendragon, substituiu-o. E um dos seus generais mais brilhantes era um jovem chamado Artorius, o lendário Rei Artur — que pode ou não ter sido filho de Uther Pendragon.

Foi Artur quem travou a invasão saxónica numa série de doze grandes batalhas, a última das quais, a Batalha de Badon, ocorreu por volta de 518 d.C. Isto estabeleceu-o como o equivalente, na Idade das Trevas, de um general Montgomery ou de um general Eisenhower. Se os seus aliados tivessem permanecido leais, parece provável que os saxões tivessem sido expulsos de volta para o Continente, e que hoje fossem os descendentes celtas de Artur a governar a Bretanha, e não os anglo-saxões.

Infelizmente, os antigos aliados de Artur começaram então a disputar entre si, e Artur passou o resto da vida a tentar evitar ser apunhalado pelas

costas. Quando finalmente morreu, na Batalha de Camlann — que, segundo Geoffrey, teve lugar perto do rio Camel, na Cornualha — estava a combater o seu próprio sobrinho Mordred, e não os invasores saxões. Segundo Geoffrey de Monmouth, o corpo de Artur foi levado para a «Ilha de Avalon», que foi identificada com Glastonbury, uma pequena vila no oeste de Inglaterra com uma famosa abadia e um *tor* — uma colina encimada por uma torre. (Embora Glastonbury esteja hoje no interior, houve um tempo em que era rodeada pelas águas do Canal de Bristol.) Como o enterro foi secreto, para impedir que os saxões encontrassem o corpo, rapidamente se difundiu a história de que Artur não estava realmente morto, mas que regressaria para ajudar a Bretanha na sua hora de necessidade.

No verão de 1113, cerca de vinte anos antes de Geoffrey de Monmouth escrever a sua *History*, um grupo de padres franceses chegou a Bodmin, na Cornualha, trazendo relíquias sagradas. Quando um dos locais mencionou que Artur ainda estava vivo e que se esperava que regressasse a qualquer momento, o criado de um dos clérigos foi suficientemente imprudente para troçar. Isto provocou uma confrontação violenta e um grupo de cornívios armados irrompeu pela igreja com a intenção de dar uma lição aos estrangeiros céticos; só com dificuldade foram apaziguados. Isto parece demonstrar que Artur já era uma figura lendária antes de Geoffrey de Monmouth escrever o seu best-seller.

De facto, Artur é mencionado muitas vezes em vários poemas galeses escritos no espaço de um século após a sua morte. Mas a referência importante seguinte surge numa coleção confusa de material histórico compilado por um monge chamado Nennius algures entre 800 e 820 d.C. O material mais antigo sobre Artur que Nennius cita é uma coleção de «Anais Pascais» galeses, tabelas das datas da Páscoa (que é uma festa móvel) compiladas por monges. Estas tabelas têm margens largas, e numa delas — para o ano de 518 d.C. — há uma nota (em latim): «Batalha de Badon em que Artur carregou a cruz de Nosso Senhor Jesus sobre os ombros durante três dias e três noites, e os bretões foram vencedores». E outra, para o ano de 539 d.C., diz: «A contenda de Camlann em que Artur e Modred [sic] pereceram». Assim, se pudermos acreditar nos Anais Pascais, Artur reinou durante vinte e um anos após a Batalha de Badon.

Mas o episódio mais dramático da história de Artur ocorreu cerca de trinta anos após a morte de Geoffrey de Monmouth (em 1154 d.C.), durante o reinado de Henrique II — o rei mais lembrado por causa do assassinato do arcebispo Thomas à Becket. Henrique era um viajante incansável e, numa das suas viagens ao País de Gales, encontrou um bardo galês, um «cantor do passado», que lhe disse que o Rei Artur estava enterrado nos terrenos da Abadia de Glastonbury. Para proteger o corpo dos saxões, disse o bardo, tinha sido sepultado a cinco metros de profundidade. Chegou mesmo a indicar o local exato — entre duas «pirâmides».

O rei ficou, naturalmente, encantado, pois a *History* de Geoffrey de Monmouth apresentara Artur como um dos maiores conquistadores desde Júlio César. (Segundo Geoffrey, Artur teria conquistado a Irlanda, a Escandinávia e a França e estaria prestes a marchar sobre Roma quando a notícia da rebelião de Mordred o obrigou a regressar a Inglaterra.) Henrique ficou também aliviado ao ouvir que Artur estava enterrado em Glastonbury. Como bisneto de Guilherme, o Conquistador, conhecia a lenda de que Artur regressaria na hora de necessidade de Inglaterra. Se conseguisse provar que Artur estava, sem sombra de dúvida, morto, deixaria de ser um grito de guerra para rebeldes como os homens de Bodmin.

Além disso, Henrique tinha afeição por Glastonbury, porque o abade Henrique de Blois tivera um papel em fazê-lo rei. Assim, Henrique foi visitar o abade para lhe dar a boa notícia.

Curiosamente, o abade não ficou tão satisfeito quanto seria de esperar. A Abadia de Glastonbury já era uma das mais ricas de Inglaterra; não precisava de mais fama para atrair peregrinos. E «entre duas pirâmides» podia significar qualquer coisa.

Depois, a situação mudou de forma dramática. A 25 de Maio de 1184, a abadia ardeu e ficou em ruínas. O aspeto encorajador foi que a imagem de Nossa Senhora de Glastonbury sobrevivera intacta, o que sugeria que Deus ainda reservava grandes coisas para a abadia. Henrique II disponibilizou fundos para iniciar a reconstrução; muitos nobres contribuíram. E, em 1191, um dos monges morreu depois de expressar o desejo de ser sepultado no recinto, entre duas cruzes.

Estas erguiam-se sobre dois pilares de mármore que afunilavam em direção ao topo e poderiam ter sido descritos como altas pirâmides. Por alguma razão — talvez por se lembrarem das palavras do bardo galês — os monges continuaram a escavar para além de seis pés e, aos sete pés, encontraram uma laje de pedra. Forçaram-na para cima. No seu lado inferior havia uma cruz de chumbo, com uma inscrição em latim que dizia: *Hic jacet sepultus inclytus Rex Artorius in insula Avalonia* («Aqui jaz sepultado o ilustre rei Artorius na ilha de Avalon»).

Continuaram a escavar — provavelmente levou dias abrir um poço com cinco metros de profundidade e largo o suficiente para permitir que vários homens trabalhassem. Mas, aos dezasseis pés, tal como o velho bardo havia previsto, as enxadas bateram em madeira. Foi desenterrado um enorme caixão, escavado num tronco de carvalho. No interior, encontraram o grande esqueleto de um homem, cujo crânio fora esmagado por golpes violentos. Um monge viu uma madeixa de cabelo louro e inclinou-se para a agarrar. Desfez-se-lhe entre os dedos, e o monge caiu dentro do caixão. Mais tarde, identificaram fragmentos de um esqueleto menor e perceberam que o cabelo era o da esposa de Artur, Guinevere. Um cronista, Giraldus Cambrensis (Geraldo do País de Gales), que viu efetivamente os ossos e a cruz no ano seguinte, diz que a inscrição na cruz também mencionava «a rainha Wenneverla» (Guinevere).

A partir desse momento, a abadia tornou-se o local turístico mais popular de Inglaterra, se não mesmo da Europa. A abadia foi rapidamente reconstruída numa escala magnífica. Os estudiosos acusaram os monges de Glastonbury de terem inventado toda a história, mas isso parece improvável. Giraldus Cambrensis parece ter sido um homem honesto — foi um dos poucos a denunciar a *History* de Geoffrey de Monmouth como um amontoado de mentiras — e afirma especificamente ter visto os dois esqueletos e a cruz de chumbo. Esta cruz permaneceu durante muitos séculos e, em 1607, um antiquário chamado William Camden publicou uma imagem dela. No seu texto, escreve o nome de Artur como *Arturius*, uma forma antiga que estava em uso no tempo do Rei Artur, mas que deixara de ser usada entretanto. (Até os Anais Pascais escrevem o nome como Arthur.)

Além disso, uma reescavação do local em 1963 por C. A. Radford mostrou que os monges estavam a dizer a verdade quanto a terem escavado

até dezasseis pés. E, como o estudioso arturiano Geoffrey Ashe salientou, Glastonbury também é supostamente o local de sepultura de José de Arimateia, o homem que deu a Jesus um enterro digno; se os monges falsificaram o túmulo de Artur, porque não teriam também falsificado o de São José?

Assim, no conjunto, não pode haver dúvida de que o Rei Artur — ou, mais exatamente, o general Arturius — existiu realmente e mereceu a sua reputação de grande herói. Ainda restam dezenas de perguntas, mas algumas estão lentamente a ser respondidas. Por exemplo, muitos estudiosos acreditam que hoje conhecemos a localização da corte de Artur em Camelot. Em 1542, um escritor chamado John Leland escreveu que uma colina fortificada em South Cadbury, Somerset, era, de facto, «Camallate, outrora uma cidade ou castelo famoso… Artur frequentava muito Camallate». Em 1966 iniciaram-se escavações em Cadbury Castle (não um castelo no sentido medieval, mas uma colina fortificada). Por cima de vestígios romanos, encontraram-se as fundações de edifícios impressionantes que eram claramente ocupados, no período de Artur, por um chefe com considerável poder e autoridade.

Até a história absurda de Geoffrey de Monmouth sobre o Castelo de Tintagel começa a parecer ter algum fundamento. O atual Castelo de Tintagel foi construído por volta de 1140, na época da *History* de Geoffrey. Os historiadores apontaram que, no tempo do Rei Artur, existia ali apenas um mosteiro celta. Em 1924, o «visionário» Rudolf Steiner visitou Tintagel e dedicou-lhe uma palestra, identificando vários lugares como a Sala da Távola Redonda, o local onde os cavaleiros dormiam e assim por diante. Tudo soava a pura fantasia.

Mas no Verão seco de 1983, um incêndio na ilha destruiu a relva, e o vento e a chuva acabaram por revelar as fundações de mais de uma centena de pequenos edifícios retangulares e de um salão com mais de oitenta pés de comprimento. Cá em baixo, ao pé da falésia, existe um pequeno porto natural, e a cerâmica descoberta na ilha indicou que, em tempos, se importavam grandes quantidades de vinho e óleo. (Há mais cerâmica importada neste local do que em todos os outros sítios britânicos e irlandeses juntos.) Uma «pegada» de pedra no lado oposto da ilha dá para antigos túmulos cristãos celtas; uma tal «pegada» era muitas vezes feita por um chefe que ali pousava o pé e contemplava o seu reino. (Neste caso, teria

olhado para as sepulturas dos seus antepassados.) Tudo isto sugere que Tintagel foi outrora a fortaleza de um chefe importante, e não simplesmente um mosteiro. A objeção de que Tintagel estava essencialmente desabitada no tempo de Artur não se sustenta.

Assim, a prova da existência histórica real do Rei Artur é, de facto, muito forte. Num livro intitulado *Arthur: Roman Britain's Last Champion*, Beram Saklatvala chegou mesmo a argumentar que há indícios da existência da espada Excalibur e do Santo Graal. A palavra latina para pedra é *saxo*, que se aproxima de «saxão». Se alguma crónica antiga mencionasse Artur a tomar uma espada a um saxão — algum guerreiro que tivesse morto — isso poderia muito bem ter estado na origem da lenda da espada na pedra. Geoffrey de Monmouth chama à espada de Artur *Caliburn*; e *Caliburn* é uma combinação de duas palavras para «rio» — o celta *cale* e o saxão *burn*. As espadas precisam, claro, de ser temperadas em água fria e, como a palavra anglo-saxónica *cale* significa «frio», *caliburn* poderia traduzir-se por «o ribeiro frio». Assim, a espada de Artur poderia ter sido batizada a partir do ribeiro onde foi temperada, o Cale, perto de Sturminster, em Dorset.

Quanto ao Graal — o cálice que Jesus teria usado na Última Ceia e que se diz que José de Arimateia trouxe para Glastonbury —, seria provavelmente um recipiente muito maior, grande demais para uma taça de beber, usado para fins rituais. Em 1959, foi encontrada uma grande urna de mármore durante escavações de um palácio romano no Norte de África; o palácio datava do mesmo período que Artur. A urna tinha uma cruz gravada e a tampa tinha orifícios de rebites em forma de cruz, indicando que outrora tivera uma cruz metálica. A urna provavelmente continha os ossos de um santo e quase de certeza era usada para administrar juramentos, tal como hoje juramos sobre a Bíblia. Um orifício de libação sugere que era usada num ritual especial. Artur teria, com bastante probabilidade, uma urna semelhante na sua própria capela para a administração de juramentos. Se este vaso sagrado tivesse sido capturado durante uma das muitas guerras de Artur, sugere Saklatvala, então a demanda do Graal poderia muito bem ter tido base fatual.

Mas e quanto ao mago Merlin? Não terá sido uma invenção de Geoffrey de Monmouth? Na verdade, Geoffrey deu seguimento ao sucesso da sua *History* com uma *Life of Merlin*, um poema escrito para um público

mais restrito. Se Geoffrey tivesse inventado Merlin, esperaríamos que o poeta repetisse mais ou menos a história tal como contada na *History* — ou, pelo menos, que não a contradissesse. Merlin era, obviamente, bastante mais velho do que Artur, pois era um rapaz quando o rei Vortigern estava vivo — e o monge Gildas diz-nos que Vortigern cometeu o erro fatal de convidar os saxões para Inglaterra em 443 d.C.

No entanto, no poema sobre Merlin, Geoffrey põe Merlin a lutar com um rei chamado Rodarcus contra um rei escocês chamado Guennolous — e estas figuras históricas reais viveram um século mais tarde, após a morte de Artur. Geoffrey está consciente disso e explica-o dizendo que Merlin viveu até uma idade fenomenal — mais de um século. Mas parece que Geoffrey encontrou material sobre Merlin que o obriga a tentar explicar porque as datas originais estavam erradas.

A explicação aceite pela maioria dos estudiosos é que Merlin se baseou num bardo galês chamado Myrddin, que viveu após 573 d.C. A língua galesa só surgiu após a morte de Artur, pelo que Myrddin não poderia ser mais velho do que Artur. Esta identificação de Merlin com Myrddin é aceite por Robert Graves no seu estudo mitológico *The White Goddess* (1948) e por Nicolai Tolstoy em *The Quest for Merlin* (1985). Mas é, obviamente, uma teoria algo decepcionante, porque, se estiver correta, Merlin nem sequer se chamava Merlin. (A visão comum é que Geoffrey de Monmouth mudou *Myrddin* para *Merlin* porque *merde*, em francês, significa «merda», e um mágico chamado Myrddin teria suscitado ridículo numa época em que a Inglaterra era governada pelos franceses.) Além disso, Myrddin não poderia ter conhecido Artur, pois mesmo que as suas vidas se tivessem sobreposto, ele seria apenas uma criança à altura da morte de Artur. Geoffrey Ashe concorda que Merlin é Myrddin e que Geoffrey de Monmouth o fez mais velho do que Artur apenas por conveniência narrativa.

A professora norte-americana Norma Lorre Goodrich rejeita esta noção no seu livro *Merlin* (1988) e argumenta de forma convincente que Merlin foi uma pessoa real, cerca de trinta anos mais velha do que Artur, embora concorde que algumas das lendas de Myrddin foram incorporadas na história de Merlin. Sugere que o Merlin de Artur nasceu no País de Gales e foi sepultado na Escócia. Na verdade, termina sugerindo que

«Merlin» era um título, e não um nome (um *merlin* é um tipo de falcão), e que o Merlin original foi um bispo chamado Dubricius, que coroou Artur.

Myrddin, por outro lado, era um «Homem Selvagem das Florestas», um poeta que enlouqueceu, viveu no ermo e adquiriu certos poderes mágicos. Este Merlin é, de facto, aquele de quem Geoffrey de Monmouth soube depois de escrever a sua *History*. A sua *Life of Merlin* é, de facto, sobre um líder e profeta galês que enlouqueceu após combater numa batalha contra um rei escocês e que se tornou um errante no deserto, proferindo muitas profecias. O Merlin da *History* é também, como recordamos, um profeta: na verdade, Geoffrey publicou primeiro um livro das profecias de Merlin e só depois as incorporou na *History*. Parece que ele tomou conhecimento do profeta galês Myrddin após ter escrito a *History* e decidiu que Myrddin e Merlin deviam ser a mesma pessoa. Nicolai Tolstoy concorda com esta teoria e dedica grande parte de *The Quest for Merlin* a uma análise de vários poemas e lendas que falam do «Homem Selvagem das Florestas».

Parece, então, que temos duas teorias concorrentes: a de que existiram dois Merlins, visão sugerida pela primeira vez por Giraldus Cambrensis; e a de que existiu apenas um Merlin, que se chamava realmente Myrddin e era um bardo e adivinho galês. No entanto, Goodrich e Tolstoy defendem as suas teorias de forma tão brilhante que parece uma pena ter de escolher uma em detrimento da outra. Goodrich é mais convincente sobre a questão dos dois Merlins e no seu argumento de que o Merlin original foi o conselheiro do Rei Artur. Mas Tolstoy tem coisas profundamente importantes a dizer sobre Merlin, o Feiticeiro.

Para compreender o que ele sugere, temos de esquecer as nossas imagens modernas de feiticeiros e mágicos, derivadas de Próspero de Shakespeare, de Gandalf de Tolkien e do simpático e trapalhão Merlin de T. H. White. Essas são invenções recentes. Na época de Artur, um mágico teria sido uma combinação de sacerdote e curandeiro, um xamã.

Para um relato de um mágico em ação, é necessário recorrer a *A Pattern of Islands*, o relato de Arthur Grimble sobre os seus anos como Comissário de Terras nas Ilhas Gilbert, no Pacífico Sul. Ao ser-lhe dito que deveria comer carne de toninha, Grimble perguntou como poderia obter alguma. Disseram-lhe que alguns habitantes mais a norte, ao longo da costa, eram os chamadores hereditários de toninhas da ilha e que o primo

do seu informador também as conseguia chamar. Grimble foi convidado para a aldeia, onde estava preparada uma refeição. O chamador de toninhas, gordo e afável, recolheu-se à sua cabana e, durante várias horas, reinou o silêncio. Depois, o homem saiu a correr e prostrou-se de cara no chão, gritando: «Eles vêm, eles vêm!» Os aldeões correram todos para a água e ficaram com ela pelo peito e, para espanto de Grimble, centenas de toninhas começaram a nadar em direção à costa. Pareciam estar em transe. As toninhas «hipnotizadas» foram então cuidadosamente erguidas para dentro de barcos, levadas para terra e abatidas.

Não é difícil hipnotizar animais, e defendeu-se noutro ponto deste livro (ver capítulo 25) que a hipnose pode envolver uma espécie de telepatia. Mas «hipnotizar» toninhas à distância soa absurdo.

Por mais absurdo que pareça, parece bastante claro que este é um poder possuído por muitos curandeiros tribais e xamãs primitivos. O estudo de povos primitivos contemporâneos não deixa dúvidas de que os desenhos rupestres da Idade da Pedra, que mostram «magos» vestidos com peles de animais, não são uma forma de arte paleolítica, mas sim representações de rituais destinados a atrair animais para as imediações dos caçadores — exatamente como o xamã de Grimble convocou as toninhas. Um livro notável, *Wizard of the Upper Amazon*, de F. Bruce Lamb, descreve as experiências de um peruano chamado Manuel Cordova, que foi raptado por índios Amahuaca e passou a vida entre eles.

Lamb deixa claro que os caçadores primitivos do século XX usam exatamente as mesmas técnicas que os seus homólogos da Idade da Pedra. Cordova descreve como os caçadores matam a porca que lidera uma vara de porcos, e depois enterram a cabeça com cânticos rituais, para garantir que a vara regressará sempre por aquele caminho. E, numa sequência extraordinária, descreve como os índios bebem um «extrato de visão» chamado *hini xuma*, e como depois partilham visões de cobras, pássaros e animais; um leopardo negro aparece entre eles no auge da cerimónia, mas não faz mal a ninguém.

Noutro relato na primeira pessoa de anos passados entre os nativos da Papua-Nova Guiné, *Mitsinari* (1954), o padre André Dupreyat descreve um feiticeiro chamado Isidoro que consegue transformar-se num casuar (uma espécie de avestruz) e, consequentemente, é capaz de fazer, em duas horas, uma viagem de cinco horas por cima de uma montanha. Descreve também

o seu próprio confronto com feiticeiros que o colocam sob uma «maldição de serpente», após a qual as cobras o atacam em várias ocasiões. (Normalmente, as cobras fazem o possível por fugir das proximidades dos seres humanos.)[1]

Por isso, é um erro pensar num mágico como uma personagem de desenho animado da Disney com um chapéu alto e cónico pintado de estrelas. Os verdadeiros feiticeiros estão intimamente ligados aos modernos «médiuns espíritas»; afirmam que o seu poder provém de espíritos. Os «magos» modernos — como o notório Aleister Crowley — acreditam que se pode obter poder sobre os espíritos através de certos rituais precisos, que têm de ser executados com uma exatidão minuciosa.

O papel tradicional dos curandeiros tribais e dos xamãs é o de intermediários entre os seres humanos e o mundo dos espíritos, e a sua principal função é garantir boa caça ou boas colheitas. Os druidas celtas pertenciam a esta tradição. O druidismo era uma forma de culto da natureza; chegou à Bretanha por volta de 600 a.C. com os celtas, mas muitas formas mais antigas de religião da natureza já existiam muito antes disso: Stonehenge, por exemplo, era um templo desse culto e está alinhado com precisão com as estrelas.

Nicolai Tolstoy está convencido de que Merlin foi «o último dos druidas». O druidismo foi empurrado para o País de Gales com os celtas e ali sobreviveu muito depois de o Cristianismo o ter eliminado no resto das Ilhas Britânicas. Tolstoy observa que as histórias de Myrddin — particularmente as de bardos como Taliesin — estão cheias de indícios que ligam o mago ao druidismo. Ele invoca macieiras sagradas (os druidas cultuavam em bosques sagrados) e tem como animais familiares um porco e um lobo. Assume muitas das características do deus cornudo da mitologia pagã. Tolstoy situa o «bosque de Calidon», para onde Merlin fugiu depois de enlouquecer, na Escócia, perto de Hart Fell, onde os rios Annan e Clyde nascem ambos. E, segundo Tolstoy, Merlin cumpriu a sua própria profecia de que encontraria uma «morte tripla»: espancado, trespassado e afogado. Depois de ser espancado durante dias por pastores, escorregou para o rio Tweed e foi empalado num estaca antes de se afogar.

A professora Goodrich prefere a história tradicional, na qual Merlin é assassinado por uma donzela chamada Ninian ou Nimue, a Senhora do Lago (também chamada Vivian), por quem ele se enamora e a quem se

oferece para ensinar magia. Ela recusa tornar-se sua amante e acaba por usar um dos seus próprios encantamentos para o prender e sepultar numa gruta sob um enorme rochedo. Outro comentador argumentou que a donzela Nimue é, na verdade, a santa cristã Nimue e que a história do seu triunfo final sobre Merlin é, na realidade, o triunfo do Cristianismo sobre o paganismo.

Os livros de Nicolai Tolstoy e de Norma Lorre Goodrich são histórias de detetives ricas e complexas, que deixarão a maioria dos leitores num estado de «confusão esclarecida». A imagem final que emerge é a de um Rei Artur real, um dos maiores generais da Idade das Trevas, e de um Merlin real, um xamã e druida, conselheiro e assessor de Artur. Ambos foram homens de tal estatura notável que, mesmo poucas décadas após as suas mortes, se tornaram objeto de lendas intermináveis. As lendas obscureceram a realidade a tal ponto que hoje é virtualmente impossível discernir o contorno dos homens reais que viveram algures entre 450 e 550 d.C. Mas o resultado de todo este trabalho de investigação é, pelo menos, a certeza de que de facto existiram.

2
Atlântida
O continente submerso

A Atlântida tem sido descrita como o maior de todos os mistérios históricos. Platão, escrevendo por volta de 350 a.C., foi o primeiro a falar da grande ilha no Oceano Atlântico que desapareceu «num dia e numa noite» e foi submersa sob as ondas do Atlântico.

O relato de Platão, nos dois diálogos tardios *Timeu* e *Crítias*, tem a qualidade absorvente da boa ficção científica. A história é posta na boca do poeta e historiador Crítias, que conta como Sólon, o célebre legislador ateniense, foi a Saís, no Egipto, por volta de 590 a.C., e ouviu a história da Atlântida de um sacerdote egípcio. Segundo o sacerdote, a Atlântida já era uma grande civilização quando Atenas fora fundada por volta de 9600 a.C. Era então «uma potência poderosa que atacava arbitrariamente toda a Europa e a Ásia, e à qual a vossa cidade [Atenas] pôs termo».

A Atlântida, disse o sacerdote, ficava «para além das Colunas de Hércules» (o estreito de Gibraltar) e era maior do que a Líbia e a Ásia juntas. Era «um grande e maravilhoso império», que conquistara a Líbia e a

Europa até à Tirrenia (Etrúria, no centro de Itália). Abandonados pelos seus aliados, os atenienses lutaram sozinhos contra a Atlântida e, por fim, venceram-na. Mas, nesse momento, violentas inundações e terramotos destruíram tanto os atenienses como os atlantes, e a Atlântida afundou-se sob as ondas num único dia e numa única noite.

No segundo diálogo, o *Crítias*, Platão entra em muito mais detalhe sobre a história e a geografia do continente perdido. Conta como Poseidon (Neptuno), o deus do mar, fundou a raça atlante ao gerar dez filhos com uma donzela mortal, Cleito, a quem manteve numa colina rodeada de canais. Os atlantes eram grandes engenheiros e arquitetos, construindo palácios, portos, templos e docas; a sua capital foi construída na colina, rodeada por faixas concêntricas de terra e água, ligadas por imensos túneis, suficientemente largos para um navio navegar através deles.

A cidade tinha cerca de onze milhas de diâmetro. Um enorme canal, com trezentos pés de largura e cem pés de profundidade, ligava ao mar o anel mais exterior dessas faixas de água. Atrás da cidade existia uma planície de 230 por 340 milhas e, nela, os agricultores produziam o abastecimento alimentar da cidade. Para além da planície havia montanhas com muitas aldeias ricas, prados férteis e todo o tipo de gado. Platão descreve a cidade com grande pormenor, sugerindo ou que lhe contaram a história longamente ou que possuía o dom de romancista. A longa descrição de edifícios magníficos com fontes de água quente e fria, refeitórios comuns e muros de pedra revestidos de metais preciosos fascinou gerações de leitores durante mais de dois mil anos.

Mas, por fim, diz Crítias, os atlantes começaram a perder a sabedoria e a virtude herdadas do deus e tornaram-se gananciosos, corruptos e dominadores. Então Zeus decidiu dar-lhes uma lição. Por isso reuniu todos os deuses…

E aí, frustrantemente, a história de Platão interrompe-se. Nunca terminou o *Crítias*, nem escreveu o terceiro diálogo que completaria a trilogia, o *Hermócrates*. Mas podemos supor que o castigo final dos atlantes foi a destruição do seu continente.

Muitos estudiosos e comentadores posteriores assumiram que a Atlântida era um mito ou que Platão a pretendia como uma alegoria política: até o seu discípulo Aristóteles consta ter desacreditado a história.

No entanto, isto parece improvável. O *Timeu*, o diálogo em que Platão conta pela primeira vez a história, é uma das suas obras mais ambiciosas; o seu tradutor Jowett chamou-lhe «o maior esforço da mente humana para conceber o mundo como um todo que o génio da Antiguidade nos legou». Assim, é pouco provável que Platão tenha decidido inserir um conto de fadas no meio dele; é mais provável que tenha querido preservar a história para as gerações futuras.

Durante mais de dois mil anos, a história da Atlântida permaneceu uma simples curiosidade interessante. Mas, no final do século XIX, um congressista norte-americano chamado Ignatius Donnelly ficou fascinado por ela, e o resultado foi um livro intitulado *Atlantis, the Antediluvian World* (1882), que se tornou um best-seller e tem permanecido em circulação desde então. Mesmo um século depois, o livro continua surpreendentemente legível e atual. Donnelly pergunta se é possível que Platão estivesse a registar uma catástrofe real e conclui que sim.

Observa que os sismos modernos e as erupções vulcânicas têm causado danos tremendos e que há indícios de que o continente australiano é apenas a parte visível de um continente que se estendia de África ao Pacífico, e ao qual os cientistas deram o nome de Lemúria. (A Lemúria foi batizada pelo zoólogo L. P. Sclater, que notou que os lémures existiam de África a Madagáscar e sugeriu que uma única massa terrestre tinha outrora ligado as duas.) Donnelly estudou também lendas de inundações do Egipto ao México, salientando as suas semelhanças, e apontou todo o tipo de afinidades que ligam artefactos de ambos os lados do Atlântico. Observa que existe uma dorsal médio-atlântica e que os Açores parecem ser os cumes montanhosos de uma grande ilha submersa. O conhecimento de Donnelly de geologia, geografia, história cultural e linguística parece enciclopédico. O primeiro-ministro britânico Gladstone ficou tão impressionado com o livro que tentou convencer o governo a destinar fundos ao envio de um navio para traçar o contorno da Atlântida. (Não conseguiu.)

Escrevendo setenta anos mais tarde no seu livro *Lost Continents*, o escritor norte-americano L. Sprague de Camp comentou esta teoria impressionante: «A maior parte das afirmações factuais de Donnelly, verdade seja dita, ou já eram erradas quando as fez, ou foram refutadas por descobertas posteriores.» E acrescenta: «Não é verdade, como ele afirmou,

que os índios peruanos tinham um sistema de escrita, que as plantas de algodão nativas do Novo e do Velho Mundo pertencem à mesma espécie, que a civilização egípcia surgiu subitamente, ou que Aníbal usou pólvora nas suas operações militares…» De Camp demonstra que a erudição de Donnelly não é tão fiável quanto parece; mas ainda há muito no livro de 490 páginas que ele deixa sem contestação.

Cinco anos antes da publicação do livro de Donnelly, o tema da Atlântida fora abordado numa obra imensa de dois volumes chamada *Isis Unveiled*, da «ocultista» russa Helena Blavatsky, que escreveu as suas mil e quinhentas páginas a uma velocidade que sugere escrita automática. Mas os seus comentários sobre a Atlântida ocupam apenas uma única página do Volume I (593), na qual explica que os habitantes da Atlântida foram a quarta raça na Terra e que eram todos médiuns naturais. Tendo adquirido o seu conhecimento sem esforço, este povo tornou-se presa fácil do «grande e invisível dragão» rei Thevetat, que os corrompeu, de modo que se tornaram «uma nação de magos perversos». Iniciaram uma guerra que terminou com a submersão da Atlântida…

Isis Unveiled surpreendeu o editor ao tornar-se um best-seller; fez da autora uma celebridade, e ela acabou por deixar Nova Iorque para a Índia e fundar a Sociedade Teosófica. Após uma devastadora exposição que a declarou uma fraude, regressou a Londres e morreu de doença de Bright aos sessenta anos, em 1891. Mas deixou para trás o manuscrito de um livro ainda maior e mais confuso do que *Isis Unveiled*, um livro chamado *The Secret Doctrine*. Trata-se de um comentário a uma obra mística chamada *The Book of Dzyan*, alegadamente escrita na Atlântida na língua Senzar, e explica que o homem não é a primeira raça inteligente na Terra.

A primeira «raça-raiz» consistia em seres invisíveis feitos de névoa de fogo; a segunda viveu no norte da Ásia; a terceira viveu no continente insular perdido de Lemúria ou Mu, no Oceano Índico, e consistia em gigantes semelhantes a macacos que não possuíam razão. A quarta raça-raiz foram os atlantes, que alcançaram um elevado grau de civilização, mas foram destruídos quando a ilha se afundou após uma batalha entre magos egoístas. A atual espécie humana é a quinta raça-raiz, e somos a mais «sólida» até agora; a sexta e a sétima que nos sucederão serão mais etéreas.

Segundo Madame Blavatsky, todo o conhecimento do passado fica impresso numa espécie de éter psíquico chamado Akasa, e esse

conhecimento chama-se registos akáshicos. Afirma também que os sobreviventes da Atlântida povoaram o Egipto e construíram as pirâmides há cerca de cem mil anos. (A investigação moderna data as mais antigas por volta de 2500 a.C.)

Quando *The Secret Doctrine* apareceu, o livro de Donnelly já tinha popularizado o tema da Atlântida. Um membro destacado da Sociedade Teosófica em Londres, W. Scott-Elliot, publicou então uma obra chamada *The Story of Atlantis* (1896), que alcançou imensa popularidade; Scott-Elliot afirmou possuir a capacidade de ler os registos akáshicos. Fez a afirmação espantosa de que a civilização atlante florescia há um milhão de anos. Existiam sete sub-raças, uma das quais, os toltecas, conquistou todo o continente e construiu uma cidade magnífica, que Platão descreve. Quando alguns dos atlantes praticaram magia negra, uma grande loja de iniciados mudou-se para o Egipto e fundou uma dinastia; outros construíram Stonehenge, em Inglaterra.

Mais tarde, Scott-Elliot usou a sua suposta visão dos registos akáshicos para escrever um livro igualmente espantoso sobre a Lemúria. Ambos os livros são considerados, a par de *Isis Unveiled* e *The Secret Doctrine*, como escrituras fundamentais da Sociedade Teosófica.

Depois de Madame Blavatsky, o mais influente de todos os teosofistas foi o austríaco Rudolf Steiner, que se incompatibilizou com os teosofistas britânicos e desenvolveu o seu próprio sistema de «filosofia ocultista», conhecido como Antroposofia. Em 1904, antes da rutura, Steiner produziu uma obra intitulada *From the Akashic Records* (sendo *Akashic* uma grafia alternativa), que trata da Atlântida e da Lemúria.

Seria fácil descartá-la como mais uma produção da franja lunática; no entanto, como acontece com grande parte do trabalho de Steiner, contém um núcleo sólido de compreensão intelectual que soa verdadeiro. Steiner pensa em termos de evolução de mundos e, segundo o seu esquema, seres superiores chamados hierarquias estão encarregados do processo. O objetivo básico da evolução é o espírito conquistar o domínio da matéria. O homem começou como um ser completamente eterizado e tem-se tornado progressivamente mais sólido a cada passo da sua evolução. Mas o aumento da solidez significou que se tornou escravo da matéria. Quando, após evoluir através de três «mundos» anteriores, o homem renasceu na nossa Terra atual, o seu corpo era pouco mais do que uma nuvem de vapor.

Quando se desenvolveu até à «terceira raça-raiz» (os lemurianos), aprendera o segredo da telepatia e do uso direto da força de vontade. O medo, a doença e a morte entraram na história humana durante este período. Na época seguinte, a da Atlântida, o homem era capaz de controlar as forças vitais das plantas e usá-las como fonte de energia; não conseguia raciocinar, mas possuía uma memória anormalmente poderosa.

Porém, forças hostis a que Steiner chamou Ahriman empurraram o homem para a mera realização científica; tornou-se cada vez mais corrupto e egoísta, e a sua tentativa de usar forças destrutivas acabou por causar a catástrofe que submergiu a Atlântida… Ao contrário de Madame Blavatsky, Steiner data esta catástrofe por volta de 8000 a.C., o que a coloca no âmbito do razoavelmente possível. (É verdade que, segundo a investigação arqueológica, os primeiros agricultores mesolíticos mal tinham surgido na Terra nessa altura. Contudo, um professor norte-americano de História, Charles Hapgood, argumentou seriamente que certos «mapas dos antigos reis do mar» sugerem que existiu uma civilização avançada à escala global em 8000 a.C.; ver capítulo 25.)

Quando começava a parecer que a Atlântida tinha caído nas mãos de ocultistas e fornecedores de ficção científica, surgiu um novo e mais sério defensor. Lewis Spence era um editor de jornal escocês que também escreveu estudos eruditos sobre as mitologias da Babilónia, do Egipto, do México e da América Central. O seu *The Problem of Atlantis* foi publicado em 1924 e, tal como o livro de Donnelly, alcançou um público vasto. O que Spence propôs foi que existe evidência geológica para a existência de um grande continente na região atlântica no final do Miocénico (há 25 a 10 milhões de anos). Esse continente desintegrou-se em massas insulares menores, as duas maiores das quais ficavam no Atlântico, próximas do Mediterrâneo. Existiu outra grande ilha na região das Índias Ocidentais. Uma nova fase de desintegração do continente oriental começou há cerca de 25 000 anos e, por fim, desapareceu há cerca de 10 000 anos, como Platão disse. O outro continente, a oeste — Antília — sobreviveu até mais recentemente.

Spence argumentou que o homem não era um navegante há dez mil anos (Hapgood provavelmente discordaria), pelo que deveria haver evidências de que os habitantes da Atlântida procuraram refúgio em terras próximas. Ao estudar a costa do sudoeste de França, do norte de Espanha e

do Golfo da Biscaia, Spence aduz provas de que três raças primitivas — o homem de Cro-Magnon, os cápcios e os azilianos — migraram todas do oeste. Acreditava que o homem de Cro-Magnon chegou há cerca de 25 000 anos e exterminou o homem de Neandertal. (Os estudantes modernos da pré-história situariam o desaparecimento do Neandertal pelo menos dez mil anos antes disso.)

Os cápcios e os azilianos chegaram quinze mil anos mais tarde; sabe-se que os azilianos usavam embarcações para pesca em mar alto, e Spence conclui que a ponte terrestre que ligara a Atlântida à Europa já deixara de existir. Spence acreditava que os azilianos fundaram as civilizações do Egipto e de Creta. Outros «atlantes» fugiram para oeste, para Antília, e aí permaneceram até esta também ficar parcialmente submersa algures antes da era cristã; os seus habitantes tornaram-se os maias. (Esta identificação dos maias com atlantes é uma das características habituais da especulação sobre a Atlântida.) Uma das teorias mais estranhas de Spence é a de que os lemingues — pequenos roedores que muitas vezes se afogam em grande número — estão a tentar migrar de volta para a Atlântida. Na verdade, hoje sabemos que os lemingues estão simplesmente a reagir à sobrelotação, como tantos outros animais, e que o suicídio em massa não faz parte dos seus hábitos usuais — tendem apenas a dispersar-se aleatoriamente a partir de áreas onde a taxa de natalidade aumentou demasiado depressa.

Há outras objeções à teoria de Spence. Ele defende que as culturas do Egipto, de Creta e da América do Sul surgiram subitamente; desde então, a arqueologia estabeleceu que isso é falso: evoluíram lentamente a partir de origens primitivas. Ainda assim, há muito nos três primeiros livros de Spence sobre a Atlântida — *The Problem of Atlantis* foi seguido por *Atlantis in America* e *The History of Atlantis* — que merece ser levado a sério.

O mesmo não se pode dizer dos dois livros posteriores: *Will Europe Follow Atlantis?*, em que especula se o mundo moderno está a cair nos mesmos excessos perversos que destruíram a Atlântida (isto foi no período de Hitler), e *The Occult Sciences in Atlantis*, no qual tende a construir sem base («o leitor deve ter em mente que aqui estamos a lidar apenas com a questão da Alquimia na Atlântida…»). Ainda assim, no conjunto, Spence é provavelmente o autor mais interessante e fiável sobre a Atlântida, e o seu

The Problem of Lemuria revela a mesma abordagem sóbria e erudita, embora seja obrigado a apoiar-se demasiado na especulação e no palpite.

Spence aconselhou Conan Doyle no seu romance atlante *The Maracot Deep* e também correspondeu-se com o explorador coronel Percy H. Fawcett, que estava convencido de que o Brasil fora parte da antiga Atlântida — teoria que Doyle aproveitou em *The Lost World*. O romancista Rider Haggard ofereceu a Fawcett uma imagem de basalto inscrita com caracteres e, quando o Museu Britânico não conseguiu identificá-la, Fawcett levou-a a um psicometrista (a psicometria é a capacidade de «ler» a história de um objeto segurando-o nas mãos).[2] Embora o psicometrista não soubesse nada sobre a identidade de Fawcett, disse-lhe: «Vejo um grande continente de forma irregular estendendo-se desde a costa norte de África até à América do Sul.

Inúmeras montanhas espalham-se pela sua superfície e, aqui e ali, um vulcão parece prestes a entrar em erupção… Do lado africano do continente a população é escassa. As pessoas são bem constituídas, mas de uma classe variada e indefinida, de tez muito escura embora não negróide. A sua característica mais marcante são os ossos salientes das faces e olhos de brilho penetrante. Eu diria que a sua moral deixa muito a desejar, e o seu culto roça a demonologia…»

Do lado ocidental, os habitantes são «muito superiores aos outros. O país é ondulado e há templos elaborados parcialmente talhados nas faces das falésias, com fachadas salientes sustentadas por colunas belissimamente esculpidas… Dentro dos templos é escuro, mas por cima dos altares está a representação de um grande olho. Os sacerdotes fazem invocações a esse olho e todo o ritual parece ser de natureza ocultista, associado a um sacrificial… Colocadas em várias partes do templo há algumas efígies como a que tenho na mão — e esta era, evidentemente, o retrato de um sacerdote de muito alta categoria».

O psicometrista acrescentou que esta imagem acabaria por entrar na posse de uma reencarnação do sacerdote «quando numerosas coisas esquecidas, por sua influência, serão esclarecidas». «A população fervilhante das cidades ocidentais parece dividir-se em três classes: a hierarquia e o partido governante sob um monarca hereditário, uma classe média e os pobres ou escravos. Estas pessoas são senhores absolutos do mundo e, por muitos deles, as artes negras são praticadas num grau

alarmante.» O psicometrista descreveu depois como, como punição pela presunção, a terra é destruída por erupções vulcânicas e se afunda no mar. «Não consigo obter uma data definida da catástrofe, mas foi muito antes do florescimento do Egipto e foi esquecida, exceto talvez no mito.»

Assim, Fawcett tornou-se um firme crente na realidade da Atlântida e considerava que encontraria mais provas disso em certas cidades perdidas na selva do Brasil e da Bolívia. Tinha outra razão para desejar ir para o Mato Grosso, no sudoeste do Brasil. No Rio de Janeiro, encontrara um documento antigo em português, escrito por um homem chamado Francisco Raposo, que entrara na selva em 1743 à procura das minas perdidas de Muribeca — Muribeca sendo filho de um aventureiro português e de uma mulher indígena. Segundo o manuscrito de Raposo (citado no livro póstumo de Fawcett, *Exploration Fawcett*), encontrou uma cidade em ruínas notável, que evidentemente fora destruída por terramotos, com «colunas tombadas e blocos pesando talvez cinquenta toneladas e mais». Depois de passar algum tempo nessa cidade em ruínas, Raposo e o seu grupo regressaram a Bahia, onde escreveu o seu relato para o vice-rei, que o arquivou.

Assim, quando Fawcett finalmente partiu em 1924, após frustrações e atrasos intermináveis, tinha um objetivo triplo: a procura das minas de Muribeca, da cidade perdida de Raposo e de vestígios atlantes como o seu ídolo de basalto. Com o seu filho Jack e um amigo chamado Raleigh Rimell, acabou por chegar ao Dead Horse Camp, na bacia do Xingu, onde tirou uma última fotografia de Jack e Rimell. A 29 de Maio de 1924 escreveu uma última nota à esposa. Depois, os três homens desapareceram. Em 1932, um caçador suíço chamado Rattin afirmou que Fawcett era prisioneiro de uma tribo indígena. O próprio Rattin foi à procura do «coronel branco», mas nunca regressou. Vários outros rumores sobre Fawcett foram trazidos por exploradores e missionários e, em 1951, o chefe da tribo Kalapalos, Izarari, fez uma confissão no leito de morte, dizendo que matara Fawcett e os seus companheiros. Teria recusado a Fawcett carregadores e canoas, «por causa de conflitos intertribais», e Fawcett deu-lhe uma bofetada, após o que o chefe o teria matado à paulada, e depois morto os outros dois homens quando estes o atacaram.

Alegou também que Jack Fawcett se envolvera com uma das suas esposas e o brasileiro que relatou a história mencionou que o filho mais

velho do chefe parecia ter sangue branco. No entanto, uma equipa de peritos anunciou que ossos encontrados numa sepultura na selva não eram os do coronel Fawcett; assim, o mistério do seu desaparecimento permanece sem solução. Chegou mesmo a sugerir-se que Fawcett encontrou a sua cidade perdida e preferiu ficar lá em vez de regressar à civilização…

Outros estudiosos do mito da Atlântida preferiram acreditar que ela se encontrava do outro lado do Oceano Atlântico. Um grupo de arqueólogos alemães chamado Schulten, Herman, Jessen e Hennig começou, em 1905, a procurar outra cidade perdida, Tartessos; supunha-se que ficava na costa atlântica de Espanha, perto da foz do Guadalquivir, e que fora capturada pelos cartagineses em 533 a.C. Acreditavam que a Tartessos perdida era a Atlântida de Platão — ficava certamente do lado certo do estreito de Gibraltar. Outra arqueóloga, Elena Maria Whishaw, passou também vinte e cinco anos a estudar a mesma região — em torno da antiga fortaleza de Niebla — e, com base em evidências de alvenaria e engenharia hidráulica sofisticada nas minas de Rio Tinto, concluiu que a Andaluzia fora outrora colonizada por gente do Norte de África que fugira da Atlântida. Isto explica o título do seu livro, *Atlantis in Andalusia* (1930).

Na década de 1930, outra teoria interessante sobre a destruição da Atlântida ganhou milhões de seguidores; era obra de um engenheiro de minas vienense chamado Hans Hoerbiger (1860–1931). Em criança, Hoerbiger fora astrónomo amador e, ao observar a lua e os planetas através de um telescópio, foi subitamente tomado pela certeza de que a forma como refletem a luz solar indica que estão cobertos de gelo. Mais tarde, viu solo encharcado a explodir em baforadas de vapor quando ferro fundido corria sobre ele, e pensou ter encontrado a chave das energias explosivas do universo. O espaço, segundo Hoerbiger, está cheio de hidrogénio e oxigénio, embora num estado extremamente rarefeito. (Isto é certamente verdade quanto ao hidrogénio!) Isto condensa-se em torno de pequenas estrelas sob a forma de gelo e, quando essas bolas de gelo caem numa estrela quente, ocorre uma explosão tremenda — o mesmo tipo de explosão que formou o nosso sistema solar.

A maior parte dos planetas, insistia Hoerbiger, está coberta por uma camada de gelo com centenas de milhas de espessura, enquanto a nossa lua atual tem uma cobertura de gelo com 125 milhas. É necessário falar da

nossa lua atual (Luna) porque ela é apenas a mais recente de um número considerável, talvez até seis. O movimento natural de todos os corpos planetários, diz Hoerbiger, é em espiral, e os planetas vão espiralando em direção ao sol como a agulha num disco de gramofone. Os objetos pequenos movem-se mais depressa do que os grandes, e, ao passarem em espiral por planetas maiores, é provável que sejam capturados e se tornem «luas». Há um quarto de milhão de anos, a Terra tinha outra lua — um cometa capturado. Quando este se aproximou da Terra, movia-se tão depressa que fez os mares amontoarem-se numa crista de água que não teve tempo de recuar. O resto da Terra ficou coberto de gelo; os seres humanos foram forçados a mover-se para os cumes das montanhas, como as da Etiópia e do Peru. (O coronel Fawcett também acreditava que Tiahuanaco, nos Andes peruanos, continha provas de alguma civilização perdida misteriosa.) A gravidade mais leve a estas altitudes transformou os homens em gigantes — daí o comentário bíblico de que havia «gigantes na terra» nesses dias. Quando a lua finalmente explodiu, o resultado foi um grande dilúvio, como o registado na Bíblia e em muitos outros livros sagrados.

Quando a Terra capturou a nossa lua atual (há cerca de doze mil anos), o resultado foi novamente um dilúvio tremendo, acompanhado de sismos e erupções vulcânicas, e isto destruiu a Atlântida e a Lemúria.

Hoerbiger morreu em 1931, mas o seu trabalho foi continuado por um dos seus discípulos mais destacados, Hans Schindler Bellamy. Bellamy era austríaco e o seu livro *Moon, Myths and Man* — publicado no ano da morte de Hoerbiger — fez milhares de convertidos em Inglaterra e na América. Entre os convertidos alemães de Hoerbiger incluía-se Hitler, que propôs construir um observatório dedicado aos três maiores astrónomos de todos os tempos: Ptolomeu, Copérnico e Hoerbiger. A crença de Hitler em Hoerbiger pode tê-lo custado a guerra. Um serviço meteorológico baseado nos princípios de Hoerbiger previu um Inverno ameno para 1941–42, e Hitler enviou as suas tropas para a Rússia com uniformes leves de Verão… Hoerbiger continuou a ter legiões de discípulos até aos anos 60, quando a exploração espacial finalmente deixou claro que a sua crença de que a Lua e os planetas estavam cobertos de gelo espesso era errónea.

O principal problema de livros «excêntricos» como a *Cosmogonia Glacial* de Hoerbiger (1913) é que muitas vezes contêm mais do que um simples grão de verdade. É certamente o caso daquele espantoso best-seller

dos anos 50, *Worlds in Collision*, de Immanuel Velikovsky. Velikovsky, um judeu russo nascido em 1895, ficou surpreendido e impressionado com o livro de Freud *Moses and Monotheism*, que sugeria que Moisés não era judeu, mas egípcio, e que era seguidor do faraó «adorador do sol», Aquenáton. Velikovsky chegou à conclusão ainda mais espantosa de que Aquenáton era o rei grego Édipo. Em 1939, o ano em que se mudou da Palestina para os Estados Unidos, Velikovsky andava muito preocupado com a teoria de Hoerbiger, mas acabou por a rejeitar.

Ficou, contudo, impressionado com a teoria de W. Whiston, sucessor de Newton em Cambridge, segundo a qual o cometa de 1680 teria causado o dilúvio bíblico numa aproximação anterior. Também tomou contato com *Ragnarok: The Age of Fire and Ice* (1883), a continuação de *Atlantis*, de Donnelly, no qual Donnelly conclui que o «drift», o vasto depósito de areia, cascalho e argila que se encontra em manchas irregulares por grande parte da superfície terrestre, foi o resultado de uma explosão tremenda ocorrida quando um cometa atingiu a Terra. Whiston e Donnelly foram influências determinantes no livro que Velikovsky viria a escrever, *Worlds in Collision* (ver capítulo 40), no qual uma aproximação perigosamente próxima de um cometa é responsabilizada pela destruição da Atlântida, bem como por várias catástrofes bíblicas.

Uma teoria da Atlântida bastante mais credível foi avançada no final dos anos 60 por um arqueólogo grego, o professor Angelos Galanopoulos, com base nas descobertas do professor Spyridon Marinatos na ilha de Santorini, ou Tera, no Mediterrâneo. Por volta do ano 1500 a.C., uma tremenda explosão vulcânica rasgou Santorini e provavelmente destruiu grande parte da civilização das ilhas gregas, das regiões costeiras do leste da Grécia e do norte de Creta. Esta, sugere Galanopoulos, foi a catástrofe que destruiu a Atlântida. Mas a data não estará errada? — a destruição de Santorini ocorreu meros novecentos anos antes de Sólon, não nove mil. Este é o cerne do argumento de Galanopoulos: ele acredita que um escriba multiplicou acidentalmente todos os números por dez. Salienta que todos os números de Platão parecem demasiado grandes. O fosso de 10 000 estádios (cerca de 1850 km) em torno da planície daria vinte voltas em torno da Londres moderna. A largura e a profundidade do canal — 300 pés de largura e 100 pés de profundidade — parecem absurdas; não seria mais provável 30 pés por 10?

Quanto à planície atrás da cidade, 23 por 34 milhas seria um tamanho mais plausível do que 230 por 340. Se todos os números de Platão forem reduzidos desta forma, então Santorini começa a soar muito mais como a Atlântida, embora Galanopoulos sugira que a civilização atlante se estendia por todo o Mediterrâneo e que a própria Creta era provavelmente a Cidade Real. E como poderia tal erro ter ocorrido? Galanopoulos sugere que o copista grego confundiu o símbolo egípcio para 100 — uma corda enrolada — com o símbolo para 1000 — uma flor de lótus.

Há apenas uma grande objeção a tudo isto: Platão afirma claramente que a Atlântida ficava para lá das Colunas de Hércules. Galanopoulos argumenta que Hércules realizou a maior parte dos seus trabalhos no Peloponeso e que as Colunas de Hércules poderiam muito bem referir-se aos dois promontórios mais a sul da Grécia, o cabo Matapão e o cabo Maleas. Mas Platão diz claramente: «Eles [os atlantes] dominavam… o território dentro das colunas até ao Egipto e à Tirrenia.» E nenhuma revisão geográfica consegue colocar o Egipto e a Etrúria dentro dos promontórios da Grécia. Assim, mais uma teoria fascinante tem de ser abandonada com relutância. Mas a noção de que Santorini foi a lendária Atlântida trouxe milhares de turistas à ilha e melhorou muito a sua economia…

Em 1975, um simpósio realizado na Universidade de Indiana discutiu a questão: Atlântida, facto ou ficção? Vários especialistas expuseram as suas posições e chegaram à conclusão previsível de que a Atlântida era um mito. E é preciso admitir que, para além do tipo de evidência «cultural» apresentada por Donnelly, Spence e Whishaw, não existe um único grão de prova sólida da existência do continente submerso. E o tipo de «prova» que convenceu o coronel Fawcett — a evidência de um psicometrista — é compreensivelmente descartado por geólogos, arqueólogos e estudiosos clássicos. Ainda assim, qualquer pessoa que tenha estudado esse tipo de evidência concordará que, embora esteja longe de ser convincente, ainda deixa muito por explicar. Como é que o psicometrista de Fawcett foi pensar na Atlântida?

Para que a evidência tivesse algum valor, precisaríamos de saber muito mais sobre o psicometrista — se, por exemplo, tinha lido Donnelly ou Spence. E, mesmo que conseguisse convencer-nos de que o seu inconsciente não lhe estava a pregar partidas, permaneceria a possibilidade de estar, de algum modo, a ler a mente de Fawcett. Ainda assim, quem

estiver disposto a estudar a evidência da psicometria com abertura de espírito acabará por concordar que há muitos casos que não podem ser explicados como auto-engano inconsciente ou telepatia.

Questões semelhantes são levantadas pelas descrições detalhadas da civilização atlante produzidas pelo «curador psíquico» Edgar Cayce (pronuncia-se "Casey"). Quando Cayce tinha vinte e dois anos (em 1899), sofreu de uma paralisia psicossomática das cordas vocais, que foi curada por hipnose. O hipnotizador fez-lhe então algumas perguntas sobre os seus próprios problemas de saúde, e as respostas de Cayce revelaram um conhecimento médico que, conscientemente, ele não possuía. A capacidade de Cayce para produzir «diagnósticos em transe» depressa o tornou uma pequena celebridade. Em 1923, Cayce foi questionado sobre se existe vida após a morte; quando acordou do transe, ficou chocado ao saber que estivera a pregar a doutrina da reencarnação — como cristão ortodoxo, rejeitava a ideia. Acabou por a aceitar. Em 1927, ao dar uma «leitura de vida» sobre um rapaz de catorze anos, Cayce descreveu vidas anteriores dele sob Luís XIV, Alexandre, o Grande, no antigo Egipto e na Atlântida. Durante o resto da vida, Cayce continuou a acrescentar fragmentos ao seu relato da Atlântida.

Segundo Cayce, a Atlântida estendia-se do Mar dos Sargaços aos Açores e tinha aproximadamente o tamanho da Europa. Tivera dois períodos de destruição, no primeiro dos quais o continente se dividira em ilhas. A rutura final ocorreu, como Platão disse, por volta de 10 000 a.C., e o último lugar a afundar-se foi perto das Bahamas. O que ele diz ecoa Steiner de modo notável: «… o homem introduziu forças destrutivas que se combinaram com os recursos naturais dos gases, das forças elétricas, que provocaram as primeiras erupções que despertaram das profundezas da Terra em lento arrefecimento…» Ele afirmou que arquivos sobre a Atlântida existem hoje em três lugares do mundo, um deles no Egipto. Em Junho de 1940, Cayce previu que a ilha chamada Poseídia voltaria a emergir — «esperem-no em 68 ou 69». Aconteceria na zona das Bahamas.

No início de 1968, um guia de pesca chamado Bonefish Sam levou o arqueólogo Dr. J. Manson Valentine a ver uma linha de pedras retangulares sob seis metros de água, em North Bimini, nas Bahamas. Valentine ficou espantado ao encontrar duas linhas paralelas de pedras com cerca de 2000 pés de comprimento. Ficaram conhecidas como a Estrada de Bimini. Mas

os cientistas discordaram desde o início. John Hall, professor de arqueologia em Miami, disse que eram formações naturais; John Gifford, biólogo marinho, achou que, se as pedras tivessem sido produzidas por «stress geológico», deveria haver muito mais delas numa área muito mais ampla; concluiu que «nenhuma das provas refuta conclusivamente a intervenção humana». Um dos investigadores, o Dr. David Zink, escreveu um livro chamado *The Stones of Atlantis* e não tinha qualquer dúvida de que algumas das pedras eram feitas à mão — de facto, um objeto era uma cabeça de pedra. Mas mesmo que a Estrada de Bimini pudesse ser demonstrada como parte de um templo, isso ainda não provaria que fora construída há mais de dez mil anos; poderia ser obra de uma cultura muito mais recente.

Obviamente, a previsão de Cayce de que a Atlântida «voltaria a emergir» não se cumpriu. Isto, por si só, não prova que a previsão tenha sido pura imaginação; os parapsicólogos que estudaram a precognição têm muitas vezes notado que a escala temporal raramente é correta. Mas significa que, por enquanto, Cayce tem de ser classificado com Scott-Elliot, Steiner e Madame Blavatsky como uma testemunha altamente suspeita.

De todas as teorias sobre a destruição da Atlântida, uma recente, de um geólogo inglês, Ralph Franklin Walworth, é, em certos aspetos, uma das mais convincentes. O livro de Walworth, *Subdue the Earth*, trata apenas incidentalmente da Atlântida; é, em essência, uma tentativa de explicar o problema das eras glaciares. Até hoje, nenhum geólogo produziu uma teoria convincente que explique as variações tremendas de clima que, periodicamente, cobriram a Terra com imensas calotes de gelo. *African Genesis*, de Robert Ardrey, contém várias páginas fascinantes em que são resumidas as várias teorias. Um «pólo norte errante» não explicaria porque as camadas de gelo se estenderam até África. Uma aproximação próxima de um cometa não explicaria porque houve tantas eras glaciares e porque ocorreram em intervalos irregulares (o mesmo cometa regressaria regularmente). Um jugoslavo, M. Milankovitch, produziu uma teoria maravilhosamente convincente baseada no facto conhecido de que o nosso planeta atravessa pequenas variações cíclicas do clima e argumentou que, quando tais variações coincidem — como um relâmpago a cair duas vezes no mesmo sítio —, o resultado é uma era glaciar. Ardrey observa que mesmo as variações simultâneas de Milankovitch não conseguem explicar vinte milhões de milhas cúbicas de gelo.

Sir George Simpson produziu uma teoria altamente convincente segundo a qual as eras glaciares se devem a uma subida da temperatura solar, que faz com que caia mais chuva nas terras altas sob a forma de neve. Com o tempo, há tanta neve que não consegue derreter durante os Verões, e começa uma era glaciar. Mas, se a teoria de Simpson estiver correta, então os mares deveriam aquecer muito durante as eras glaciares; na realidade, estudos de depósitos do fundo do mar durante o Plistocénico — a última grande era glaciar — mostram que houve uma variação de temperatura de apenas alguns graus. A própria teoria de Ardrey é que a Terra passa periodicamente por alguma enorme nuvem de gás intergaláctico e que o campo magnético terrestre suga gás escuro para a nossa atmosfera, excluindo assim a luz do sol. Mas admite que a sua teoria não explica porque, nesse caso, as eras glaciares não ocorrem em intervalos regulares…

Walworth propõe-se explicar alguns dos problemas já assinalados por Donnelly e Velikovsky: a evidência de grandes convulsões que enterraram florestas inteiras. A maioria dos geólogos, observa ele, é hoje «uniformitarista»; propõem que a Terra evoluiu muito lentamente ao longo de vastas épocas e que as grandes catástrofes (inundações, sismos e afins) postuladas por cientistas do século XVIII, quando se pensava que a Terra tinha apenas alguns milhares de anos, são desnecessárias para explicar a evolução do planeta. Walworth salienta que, seja como for, continua a existir muita evidência de catástrofes gigantescas. E coloca algumas perguntas simples, mas muito desconcertantes. Como explicamos, por exemplo, os fósseis? A explicação padrão é que peixes, animais, etc., ficaram presos na lama, que endureceu à sua volta e os «preservou». Mas se um peixe morre num rio, decompõe-se rapidamente ou é comido por predadores; mesmo que afunde em alguns centímetros de lama, continua a decompor-se. Walworth acredita que os fósseis se formam melhor na presença do «pó ativado que um vulcão ejeta».

A sua teoria é que as eras glaciares são causadas por erupções vulcânicas tremendas, suficientemente grandes para ejetarem gás, magma e poeira muito para fora, para o espaço. O ar arremessado para o espaço perderia todo o calor; quando a gravidade o puxasse de volta à Terra, seria «um gás gelado e letal» que extinguiria a vida em vastas áreas e lançaria mesmo criaturas grandes como mamutes num congelamento instantâneo profundo. A poeira vulcânica causaria uma era glaciar.

Nevaria nas terras altas, até os oceanos mal serem mais do que poças. «A evidência dos fundos marinhos indica que o nível do mar, durante longos períodos, esteve três milhas mais baixo do que está hoje.» Os povoamentos humanos deslocar-se-iam para as margens desses mares, pois a temperatura junto ao mar é sempre ligeiramente mais elevada do que no interior. As calotes de gelo levantariam sedimentos moles e magmas para grandes altitudes, onde endureceriam como betão, formando montanhas e o «drift» que tanto intrigou Donnelly.

Depois, à medida que a era glaciar terminasse gradualmente, os povoamentos seriam forçados a recuar para altitudes cada vez maiores à medida que as antigas casas eram submersas. Algumas pessoas mudariam mesmo para cumes de montanhas, como a civilização de Tiahuanaco. E grandes civilizações desapareceriam sob as ondas…

Mas, se isto é verdade, porque não temos hoje em dia explosões tão tremendas? O Krakatoa, que entrou em erupção em 1883 e enviou uma onda gigante através do Pacífico, devastando ilhas inteiras, apenas projetou os seus vapores a dezassete milhas de altitude na atmosfera. Walworth aponta para o planeta Júpiter, que produz erupções de energia tremendas a cada dez anos, e sugere que isto é, basicamente, um fenómeno eletromagnético: «as correntes de Foucault desenvolvidas pelo movimento de Júpiter através do vento solar eletrificado provocam uma acumulação de calor sob a superfície do planeta». Como a Terra é muito mais pequena, o mesmo mecanismo poderia causar tais erupções em intervalos muito mais longos, o que explicaria as eras glaciares.

Talvez o aspeto mais controverso da teoria de Walworth seja a sua sugestão de que o núcleo da Terra pode não ser uma massa de ferro fundido, como os geólogos acreditam. Se a atividade vulcânica é causada pelo «vento solar eletrificado» a atuar sobre o campo magnético terrestre e a criar tensões tremendas logo abaixo da superfície, então, presumivelmente, o centro da Terra é relativamente fresco e sólido. Presumivelmente, a ciência acabará por desenvolver «sondas de profundidade» que possam provar ou refutar esta noção heterodoxa. No que diz respeito à raça humana, seria provavelmente um alívio se Walworth se revelasse errado, já que a sua teoria implica também outra erupção catastrófica algures nos próximos mil anos, seguida de uma era glaciar que recriaria as condições que destruíram a Atlântida.

3
O grupo Baader-Meinhof
Suicídio ou homicídio?

Na tarde de quinta-feira, 13 de Outubro de 1977, quatro palestinianos tomaram o controlo do voo LH181 da Lufthansa, quando este voava de Maiorca para Frankfurt. Dois homens e duas mulheres mantiveram passageiros e tripulação sob a mira de armas e obrigaram o piloto a alterar o rumo para o Aeroporto Leonardo da Vinci, em Roma. Depois de armarem o avião com cargas explosivas, apresentaram as suas exigências em nome da Organização da Luta Contra o Imperialismo Mundial.

Poucas fontes bem informadas se surpreenderam quando a principal exigência dos sequestradores palestinianos se revelou ser a libertação de «todos os prisioneiros políticos alemães»; era um segredo mal guardado que organizações paramilitares palestinianas tinham ligações estreitas com os terroristas revolucionários de esquerda na Alemanha Ocidental. Mais tarde, a exigência foi reduzida à libertação de onze membros de topo da Fação do Exército Vermelho (RAF; geralmente referida pela alcunha Baader-Meinhof), então detidos na RDA.

Nos três dias seguintes, o jato sequestrado foi levado para Chipre e depois para o Dubai, para impedir que as forças de segurança lançassem um ataque. Depois, na sexta-feira, 16 de Outubro, poucas horas antes de expirar o prazo-limite do resgate, foi levado para Adem, no Iémen.

Pouco depois de aterrar, o piloto, Jürgen Schumann, pediu autorização para inspecionar o trem de aterragem dianteiro, que julgava ter sido danificado no último toque na pista. Verificou o trem, concluiu que ainda estava operacional e começou a regressar, mas, no caminho, cometeu o erro de falar com um grupo de homens da segurança do aeroporto. Ao reentrar no avião, foi obrigado a ajoelhar-se e foi «executado» à frente dos outros reféns, com um tiro na nuca. O corpo de Schumann foi largado na pista e o co-piloto foi forçado a levá-los para o Aeroporto de Mogadíscio, na Somália.

À medida que se aproximava o prazo estabelecido pelos terroristas para destruírem o avião, o governo da Alemanha Ocidental ganhou tempo. Ofereceram-se para libertar os onze prisioneiros e levá-los de avião para Mogadíscio, para se juntarem aos palestinianos; depois, seria entregue uma

soma substancial em dinheiro e um jato para os transportar para onde quisessem. O líder dos sequestradores, que se fazia chamar Mártir Mahmoud, concordou em prolongar o prazo para facilitar os preparativos, mas acrescentou: «Não pode haver truques. Isto não será outro Entebbe.»

Por «Entebbe», referia-se a um sequestro semelhante ocorrido um ano antes. Um jato da Air France fora tomado num voo de Telavive para Paris e levado para o Aeroporto de Entebbe, no Uganda. Os sequestradores, cinco árabes e dois alemães, tinham negociado com o presidente do Uganda, Idi Amin, exigindo a libertação de cinquenta e três terroristas pró-palestinianos detidos em Israel e noutros países; entre eles estavam dois membros do grupo Baader-Meinhof e quatro do movimento aliado «2 de Junho», presos na Alemanha Ocidental.

Dois dias depois, três aviões de transporte militar tinham aterrado sem aviso em Entebbe; várias equipas de comandos israelitas tinham desembarcado na pista e avançado para assaltar tanto o jato sequestrado como o edifício principal do aeroporto. Na hora de combate que se seguiu, morreram vinte soldados ugandeses, um comando israelita, três reféns e os sete sequestradores. Os restantes reféns foram resgatados.

As apreensões de Mártir Mahmoud no caso do sequestro de Mogadíscio revelaram-se justificadas. Às duas da manhã de terça-feira, 18 de Outubro, a recém-criada unidade antiterrorista da Alemanha Ocidental, a GSG-9, assaltou o avião sequestrado. Acendendo um bidão de petróleo sob a frente da aeronave para distrair os terroristas, forçaram as saídas de emergência traseiras e lançaram granadas de atordoamento. Na confusão resultante, trocaram tiros com os sequestradores por cima das cabeças dos passageiros, encolhidos. Em poucos minutos, três dos terroristas estavam mortos, incluindo o líder, e o quarto estava gravemente ferido. Desta vez, apenas um dos noventa reféns ficou ferido no fogo cruzado e a equipa da GSG-9 não sofreu baixas.

O sequestro de Mogadíscio foi a terceira tentativa, em menos de um ano, de forçar as autoridades alemãs a libertarem membros do grupo Baader-Meinhof. Entebbe fora a primeira. A segunda ocorrera cinco semanas antes do incidente de Mogadíscio. A 5 de Setembro de 1977, um industrial alemão de sessenta e um anos, Dr. Hans-Martin Schleyer, fora raptado em Colónia pela RAF; o seu motorista foi morto por rajadas de metralhadora; e também três guardas armados que seguiam imediatamente

atrás. A exigência de resgate incluía os mesmos onze membros da RAF mais tarde exigidos pelos sequestradores de Mogadíscio. (De facto, verificou-se que ambos os pedidos de resgate tinham sido escritos na mesma máquina de escrever.)

O sequestro de Mogadíscio terminou às 2:15 da manhã de terça-feira, 18 de Outubro de 1977. Pouco depois das 7:30 dessa mesma manhã, guardas da prisão de Stammheim, em Estugarda, na Alemanha Ocidental, começaram a levar o pequeno-almoço aos prisioneiros nas celas do sétimo andar. O terrorista da Baader-Meinhof Jan-Carl Raspe, que cumpria prisão perpétua pelo assassinato de quatro soldados americanos num atentado à bomba, foi encontrado encostado na cama com um ferimento de bala na cabeça. Ainda estava vivo, mas morreu algumas horas depois. Três celas mais adiante, Andreas Baader, o líder do grupo, foi encontrado morto com uma arma ao lado. Gudrun Ensslin, amante de Baader, foi encontrada enforcada nas grades da janela da sua cela. A quarta terrorista da RAF, Irmgard Möller, foi encontrada deitada na cama com quatro facadas no peito. Foi submetida a cirurgia de emergência e sobreviveu.

Nessa noite, o ministro da Justiça da Alemanha Ocidental, Traugott Bender, anunciou que três líderes da RAF estavam mortos e que uma quarta se encontrava gravemente doente. Aparentemente, tinham entrado num pato de suicídio quando as notícias de Mogadíscio tornaram claro que não tinham esperança imediata de libertação. E, embora Bender insistisse que não havia suspeitas de crime, grande parte da imprensa mundial adotou a posição de que os terroristas tinham sido «executados» para contornar novos sequestros de aviões ou raptos. De facto, Schleyer foi assassinado pelos seus raptores poucas horas depois — deram-lhe três tiros na cabeça e cortaram-lhe a garganta — e o seu corpo foi encontrado na bagageira de um carro em Mulhouse, França, no dia seguinte.

A história Baader-Meinhof, que terminou tão abruptamente naquela manhã de Outubro de 1977, começara no final dos anos 60, com a morte de um estudante chamado Benno Ohnesorg, abatido por um polícia de Berlim Ocidental durante uma manifestação de protesto contra a visita do xá do Irão. Este acontecimento azedou todo o tom do debate político na Alemanha. Os anos 60 tinham sido marcados por protestos de esquerda — contra a bomba atómica, contra a Guerra do Vietname, contra o capitalismo em geral —, mas tinham permanecido, no essencial, pacíficos.

O autor do disparo que matou Ohnesorg, o inspetor Kurras, foi julgado por homicídio involuntário sete meses depois, mas foi absolvido com o argumento de que o calor dos acontecimentos durante o protesto afetara o seu discernimento. A esquerda radical ficou indignada com o veredicto, que confirmou a sua convicção de que a Alemanha continuava a ser um Estado fascista. No dia seguinte ao tiroteio, Gudrun Ensslin, uma alta e atraente loira vestida com a habitual camisola preta e jeans da esquerda revolucionária, discursou numa reunião da União Socialista dos Estudantes Alemães (SDS), em Berlim. Num registo estridente e emotivo, quase a chorar, insistiu que o «Estado fascista» queria matá-los a todos. Era estúpido procurar uma resolução pacífica, disse-lhes; para sobreviver, teriam de combater a violência com violência: «É a geração de Auschwitz — não se pode argumentar com eles!»

Ensslin, nascida em 1940, era filha de um pastor evangélico que também era comunista. Estudara filosofia em Tübingen e depois mudara-se para Berlim com o escritor de esquerda Bernward Vesper, com quem teve um filho. Em 1967, pouco tempo depois do seu discurso inflamado aos estudantes alemães, Ensslin conheceu, numa manifestação, um jovem bonito, de olhos escuros, chamado Andreas Baader. Na altura, Baader vivia com — e à custa de — uma pintora de ação chamada Elly Michell, que lhe dera uma filha. Mas isso não o impediu de passar a noite com Gudrun Ensslin, que tinha recentemente participado num filme pornográfico chamado *Das Abonnement* (*Subscription*).

Baader não tinha convicções políticas; interessavam-lhe mais carros velozes e mulheres. Mas a sua falta de dinheiro e de sucesso tornou-o presa fácil da ideia de que a sociedade estava podre e só podia ser melhorada através de uma revolução sangrenta. Ele abandonou a pintora, Ensslin abandonou o escritor-amante e, juntos, mudaram-se para Frankfurt, onde o movimento estudantil de esquerda operava a um nível mais sofisticado do que o seu equivalente berlinense. Ensslin tendia a falar nas reuniões enquanto Baader, ainda fora de profundidade, mantinha uma imagem dura e silenciosa. Ensslin era claramente a parceira dominante do ponto de vista intelectual e referia-se a Baader como o seu «bebé».

Depressa se decidiu, porém, que a ação tinha de substituir as palavras. A 2 de Abril de 1968, Baader e Ensslin entraram nos armazéns Schneider pouco antes da hora de fecho. Saíram pouco depois, deixando para trás os

sacos de compras. À meia-noite, deflagrou um incêndio em três pisos, mas foi rapidamente extinto pelos bombeiros. Na noite seguinte, Baader e Ensslin foram detidos no apartamento de um amigo — a polícia falou numa «denúncia concreta» — e identificados por funcionários dos armazéns. Dois outros militantes — Thorwald Proll e Horst Söhnlein — que, ao mesmo tempo, tinham colocado uma bomba que não chegou a explodir noutros armazéns, também foram presos. Os quatro foram condenados a três anos de prisão por incêndio criminoso. No julgamento, Ensslin declarou: «Não nos importamos com colchões queimados. Estamos preocupados com crianças queimadas no Vietname.»

Catorze meses depois, os quatro foram libertados enquanto aguardavam o desfecho de um recurso. Descobriram então que se tinham tornado heróis nos círculos da extrema-esquerda. Quando chegou a altura de ouvir a decisão do tribunal de recurso, apenas Söhnlein compareceu; os outros — Baader, Ensslin e Proll — tinham fugido para a Suíça. Regressaram secretamente em 1970 e, em Abril desse ano, Baader foi preso quando ia desenterrar um esconderijo de armas oculto num cemitério. Desta vez, foi enviado para a prisão de Tegel, em Berlim Ocidental.

Aí foi visitado por uma conhecida jornalista de esquerda chamada Ulrike Meinhof, que cobrira o julgamento do incêndio e entrevistara Ensslin e Baader nessa altura. Num artigo posterior, escrevera: «É melhor incendiar uns armazéns do que ser dono deles.»

Aos trinta e seis anos — nove anos mais velha do que Baader —, a divorciada Ulrike era uma espécie de celebridade; escrevera peças para rádio e televisão, era presença frequente em programas de debate e era mãe de gémeas. Nos últimos anos, ao dar aulas a tempo parcial na Universidade Livre de Berlim, envolvera-se cada vez mais em grupos estudantis da extrema-esquerda. O seu apartamento era frequentemente usado para reuniões, muitas vezes com a presença de associados de Baader e Ensslin. Entre estes estava Horst Mahler, advogado de defesa de Baader e fundador da RAF. (Baader estava no carro de Mahler quando foi detido.) Foi Mahler, juntamente com a ainda foragida Ensslin, quem convenceu Meinhof a ajudar num plano para libertar Baader.

As autoridades tinham dado a Baader permissão para escrever um livro sobre jovens desajustados e para conduzir a sua investigação no Instituto Alemão de Questões Sociais, no subúrbio berlinense de Dahlem

— uma concessão que dificilmente parece apoiar a afirmação de Ensslin de que estavam a enfrentar um Estado fascista implacável.

Outro membro do grupo de resgate, Peter Homann, afirmou mais tarde que o plano não tinha qualquer motivação política. Gudrun Ensslin queria desesperadamente recuperar o seu «bebé» e os outros queriam ajudá-la, era só isso. Só mais tarde, quando já andavam todos foragidos, parece ter-lhes ocorrido a ideia de se tornarem terroristas revolucionários a tempo inteiro, em parte pela lógica da necessidade.

A 14 de Maio de 1970, Ulrike Meinhof entrou no Instituto Alemão de Questões Sociais. A bibliotecária que lhe abriu a porta disse-lhe que, nessa manhã, estava fechado. Meinhof respondeu que já sabia; tinha recebido autorização para trabalhar com Andreas Baader no seu livro. Por ser uma jornalista conhecida, a bibliotecária acreditou nela. Trouxeram Baader e retiraram-lhe as algemas. Pouco depois, a campainha voltou a tocar e entraram duas jovens, explicando que precisavam de fazer alguma pesquisa. Momentos depois, um homem mascarado irrompeu na sala a agitar uma arma; as duas mulheres tiraram armas das malas e, no tiroteio que se seguiu — na sua maior parte apontado ao chão —, Baader e Meinhof saltaram por uma janela para um Alfa Romeo, conduzido por Astrid, irmã de Thorwald Proll. Uma bibliotecária ficou gravemente ferida no tiroteio.

Mahler tratou então de organizar a fuga do grupo — que incluía Baader, Meinhof, Ensslin e ele próprio — da Alemanha para o Médio Oriente, onde foram treinados em táticas terroristas pela Frente Popular para a Libertação da Palestina (PFLP). Foi nessa altura que decidiram chamar ao seu movimento Fação do Exército Vermelho, à semelhança do grupo terrorista Exército Vermelho Japonês.

De volta à Alemanha, Mahler organizou assaltos a bancos para financiar o movimento. O próprio Mahler foi preso em Outubro de 1970. Em Maio de 1972, a RAF colocou bombas no quartel-general do V Corpo do Exército dos EUA, em Frankfurt, matando um coronel e ferindo treze outras pessoas. Os danos foram estimados em mais de um milhão de dólares. Uma chamada telefónica anónima afirmou que o atentado era uma retaliação pelo Vietname. No dia seguinte, malas contendo bombas-relógio explodiram na esquadra de polícia de Augsburgo, na Baviera, ferindo cinco polícias. Três dias depois, a esposa de um juiz ficou ferida por uma bomba

colocada num carro, em Karlsruhe. A 19 de Maio, duas bombas-relógio explodiram nos escritórios da editora de direita Springer, em Hamburgo. E a 25 de Maio de 1972, explosões de bombas na base do exército americano em Heidelberg mataram três pessoas e feriram cinco.

Pouco depois do atentado de Heidelberg, a polícia de Frankfurt recebeu uma denúncia que a levou à garagem de um prédio de apartamentos no norte da cidade. Foi apreendido material de fabrico de bombas e desativadas várias bombas. E, quando Andreas Baader chegou à garagem nas primeiras horas de 1 de Junho de 1972, ao volante de um Porsche lilás, foi recebido por polícias armados. No carro com ele estavam Jan-Carl Raspe e outro terrorista, Holger Meins. Raspe abriu fogo e tentou escapar, mas foi dominado. Baader e Meins barricaram-se na garagem, mas foram vencidos com granadas de gás lacrimogéneo. Baader foi atingido na coxa e Meins saiu em cuecas, com as mãos erguidas.

Seis dias depois, Gudrun Ensslin foi detida numa boutique em Hamburgo — uma assistente notara uma arma no bolso dela e chamou a polícia.

Ulrike Meinhof foi detida em Hanôver uma semana mais tarde, na sequência de uma denúncia feita por um professor de esquerda que sentia que os terroristas estavam a prejudicar a causa. A 25 de Junho, um britânico chamado Ian MacLeod foi baleado e morto quando a polícia tentou detê-lo em Estugarda; acredita-se que estivesse a negociar um negócio de armas para o grupo.

Os membros do grupo foram colocados na prisão de alta segurança de Stammheim, em Estugarda; o julgamento seria adiado por mais três anos, até poder ser construído um tribunal de alta segurança, à prova de fuga. Entretanto, provas de que a ameaça terrorista continuava tão perigosa como sempre foram fornecidas nos Jogos Olímpicos de Munique, quando terroristas árabes do movimento Setembro Negro fizeram nove atletas israelitas reféns e abateram mais dois; os nove reféns morreram num tiroteio no aeroporto militar, juntamente com cinco terroristas. As exigências dos terroristas tinham incluído a libertação do grupo Baader-Meinhof.

Os atentados continuaram. Em Junho de 1974, um extremista chamado Ulrich Schmucker foi executado por membros do próprio grupo,

acusado de ter denunciado um plano para fazer explodir a embaixada turca em Bona, em represália pela execução de três terroristas turcos. E, após a morte por greve de fome de Holger Meins, a 9 de Novembro de 1974, um juiz chamado Günter von Drenckmann foi abatido a tiro por terroristas que traziam flores, quando abriu a porta no dia do seu aniversário.

Juízes e grandes industriais passaram então a ser obrigados a viver num estado de cerco. A 27 de Fevereiro de 1975, terroristas raptaram Peter Lorenz, líder do Partido Democrata Cristão, quando este seguia de carro para o seu gabinete em Berlim Ocidental. Exigiram, em troca da sua vida, a libertação de seis terroristas; entre eles estava Horst Mahler, mas, curiosamente, não Baader nem Meinhof. O governo da Alemanha Ocidental cedeu: cinco terroristas foram libertados e levados de avião para fora da Alemanha; talvez cansado de viver foragido, Horst Mahler recusou acompanhá-los. Lorenz foi libertado ileso.

O êxito da operação sugeria que o rapto seguinte envolveria uma exigência de libertação do grupo Baader-Meinhof. De facto, a 24 de Abril de 1975, seis terroristas que se intitulavam o «comando Holger Meins» tomaram a embaixada da Alemanha Ocidental em Estocolmo e ameaçaram massacrar os reféns se o grupo Baader-Meinhof não fosse libertado e se não fosse pago meio milhão de dólares de resgate. Para sublinhar a seriedade, assassinaram a tiro o adido militar, barão von Mirbach. O governo de Bona recusou ceder às exigências, mas ofereceu-lhes passagem segura para fora do país em troca da libertação dos reféns. Antes de poder haver novas negociações, deu-se uma explosão tremenda no último piso da embaixada — explosivos colocados num frigorífico tinham detonado acidentalmente. Um terrorista morreu; os reféns conseguiram sair do edifício, por entre o fumo. Cinco terroristas foram apanhados quando tentavam escapar por uma janela. Um deles morreu devido às sequelas da explosão; os restantes foram presos na Alemanha.

Por fim, a 21 de Maio de 1975, começou o julgamento Baader-Meinhof num edifício que era praticamente uma fortaleza. Objeções e arengas dos quatro réus — Baader, Meinhof, Ensslin e Raspe — ameaçavam reduzi-lo a uma farsa. Mas quando, quase um ano depois, a 4 de Maio de 1976, Gudrun Ensslin assumiu a responsabilidade por três dos quatro atentados, estava praticamente tudo decidido.

Cinco dias depois, a 9 de Maio, Ulrike Meinhof foi encontrada enforcada nas grades da janela da sua cela, com o pescoço preso num laço feito com os lençóis. Uma autópsia levou a um veredicto de suicídio. Mas uma segunda autópsia, realizada a pedido da família, lançou dúvidas sobre o veredicto. Alegou-se que tinham sido encontrados vestígios de sémen na roupa interior. Nódoas negras no interior das coxas sugeriam também violação. Havia um rasto de saliva do peito ao umbigo, sugerindo que ela estivera despida no momento da morte e que fora vestida depois. Um grupo de peritos médicos concordou mais tarde que não se podia excluir estrangulamento durante uma violação.

O julgamento arrastou-se até Abril de 1977, quando os três réus restantes foram condenados a prisão perpétua mais quinze anos. (Mahler fora condenado a catorze anos por assalto a banco em 1972.)

Seis meses depois, em Outubro de 1977, o avião da Lufthansa foi sequestrado em Palma, Maiorca, e começou o último ato do drama; terminou com os «suicídios» de Baader, Ensslin e Raspe a 18 de Outubro. A esquerda alemã apressou-se a acusar o governo de homicídio, e até a direita teve de conceder que era altamente provável — na verdade, que era a única solução lógica para o problema de novas tentativas de libertar o grupo.

Parecia que uma pessoa detinha agora a chave do mistério: Irmgard Möller. Se os outros tivessem sido assassinados, então os assassinos teriam cometido um erro grave ao deixá-la viva. Parecia que ela devia a vida ao facto de a lâmina da faca ser curta demais para atingir o coração. Mas, quando Möller conseguiu falar, o seu testemunho foi dececionante. Apresentou uma queixa-crime por homicídio contra «pessoa desconhecida» e, numa audiência em Janeiro de 1978, negou ter tentado suicídio ou que os quatro tivessem conseguido comunicar entre si durante o sequestro de Mogadíscio.

Mas não conseguiu explicar como acabou por ser encontrada inconsciente — apenas se recordava de ouvir «dois estalidos suaves» e uma voz a dizer: «Baader e Ensslin já estão mortos.» A sua aparição de noventa minutos terminou quando foi arrastada para fora do tribunal ao tentar conferir com os seus advogados. Em 1979, foi novamente condenada a prisão perpétua.

Ingrid Schubert, uma das mulheres que ajudara a libertar Baader em 1970 e que fora presa pelo seu papel em assaltos a bancos, foi encontrada enforcada na sua cela a 5 de Novembro de 1977, três semanas após as mortes de Baader, Ensslin e Raspe.

Terá o grupo Baader-Meinhof sido «executado» pelos seus carcereiros? O governo de Bona negou. Existira, insistiram, um pato de suicídio cujo objetivo era alimentar o fervor revolucionário dos camaradas no exterior. (Mesmo durante o julgamento houve outro assassínio — o do procurador federal chefe Siegfried Bruback, a 7 de Abril de 1977 — e pouco depois do julgamento, a 30 de Julho de 1977, Jürgen Ponto foi assassinado pela sua própria afilhada, Susanne Albrecht.) Foi descoberto um pequeno rádio transistor na cela de Raspe, e os fios deixados nas paredes das celas dos membros do grupo poderiam ter sido usados como um dispositivo primitivo de sinalização.

Explosivos encontrados nas celas alegadamente tinham sido introduzidos clandestinamente ao mesmo tempo que as pistolas que mataram Baader e Raspe. O objetivo, dizia a declaração oficial, era fazer parecer homicídio um suicídio. Baader chegou a escrever uma carta para um tribunal de Estugarda insistindo que nunca cometeria suicídio — embora não houvesse grande necessidade dessa garantia. De igual modo, Ensslin pedira a visita de dois clérigos e indicara que achava que poderia ser assassinada. Tudo isto, tal como a acusação de Möller, podia certamente ser interpretado como prova de um plano para embaraçar as autoridades com um derradeiro ato de desespero e desafio.

A evidência contra esta interpretação é escassa, mas profundamente perturbadora: as manchas de sémen na roupa interior de Ulrike Meinhof; e as facadas — feitas com uma faca de manteiga romba — no peito de Irmgard Möller. Um perito afirmou que haveria uma inibição esmagadora contra a auto-inflição de tais ferimentos.

A ironia da história Baader-Meinhof é que quase todos os protagonistas provinham de meios confortáveis da classe média e tinham pouca experiência direta de pobreza ou injustiça. Se tivessem vivido sob Hitler ou Estaline, seria mais fácil simpatizar com a violência das suas reações. Mas, no regime democrático da Alemanha Ocidental, o argumento de que estavam a combater «a geração de Auschwitz» soa de alguma forma exagerado.

Um líder estudantil comentou sobre o discurso «Auschwitz» de Gudrun Ensslin: «Ela estava demasiado histérica.» Andreas Baader, que sempre fora cinicamente apolítico, deixou que a histeria de Ensslin o arrastasse para o ataque incendiário. A partir daí, como uma personagem de Sófocles ou Shakespeare, foi sugado para um turbilhão de acontecimentos sobre os quais não tinha controlo e que o tornaram a figura central de uma tragédia grotesca que envolveu todo o país. O veredicto da história sobre a orgia de terrorismo Baader-Meinhof será provavelmente: tudo isto foi tão desnecessário.

4
O jazigo de Barbados
Mistério dos caixões que se movem

A 9 de Agosto de 1812, o caixão do honorável Thomas Chase, um proprietário de escravos na ilha caribenha de Barbados, foi descido pelas escadas do jazigo familiar. Quando a pesada laje foi afastada e a luz das lamparinas iluminou o interior, tornou-se claro que acontecera algo estranho. Um dos três caixões que já lá estavam jazia de lado. Outro, o de um bebé, estava num canto, com a cabeceira para baixo. Parecia óbvio que o túmulo tinha sido profanado.

O estranho era não haver sinais de arrombamento. Os caixões foram recolocados nas posições originais e o jazigo foi selado novamente. A população branca local não duvidava de que os trabalhadores negros eram responsáveis pela violação; Thomas Chase fora um homem cruel e implacável. Na verdade, o último caixão a ser colocado no jazigo — apenas um mês antes do de Chase — fora o da sua filha, Dorcas Chase, de quem se dizia ter morrido à fome por causa da brutalidade do pai.

Passaram quatro anos. A 25 de Setembro de 1816, outro pequeno caixão — desta vez de Samuel Brewster Ames, de onze meses — foi levado para o jazigo; mais uma vez se encontrou um cenário de caos. Alguém tinha revolvido os quatro caixões pelo chão, incluindo o imensamente pesado caixão de Thomas Chase, revestido a chumbo, que tinha exigido oito homens para ser levantado. Mais uma vez, os caixões foram arrumados com cuidado e o jazigo selado.

Foi aberto novamente sete semanas depois, desta vez para receber o corpo de Samuel Brewster, um homem assassinado numa revolta de

escravos no mês de Abril anterior e que, entretanto, fora enterrado provisoriamente noutro lugar. De novo, o jazigo estava em desordem, os caixões espalhados num amontoado. Ninguém duvidou de que os escravos negros eram responsáveis e de que se tratava de um ato de vingança. O mistério era: como o tinham feito? A grande laje de mármore tinha sido cimentada no lugar de cada vez e não havia sinais de que tivesse sido aberta à força e depois recimentada.

Um dos caixões — o de Mrs. Thomasina Goddard, a primeira ocupante do jazigo — tinha-se desfeito em tábuas, aparentemente devido ao tratamento brusco. As tábuas foram atadas de forma rudimentar com arame e o caixão foi encostado à parede. Como o jazigo (que tinha apenas 12 pés por 6½ pés) estava a ficar algo apinhado, os caixões das crianças foram colocados em cima dos dos adultos. Depois, uma vez mais, o jazigo foi selado.

A história tornara-se entretanto uma espécie de sensação nas ilhas. Christ Church e o seu reitor, o reverendo Thomas Orderson, passaram a ser o foco de uma curiosidade indesejada. Ele mostrou compreensível impaciência perante alguns caçadores de sensações; mas, àqueles cuja posição exigia cortesia, explicou que ele e um magistrado tinham feito uma busca minuciosa ao jazigo após a última profanação, tentando descobrir como é que os vândalos tinham entrado. Não havia dúvida de que não existia nenhuma porta secreta; o chão, as paredes e o teto em abóbada eram maciços e não apresentavam fendas.

Estava também convencido de que o problema não fora causado por inundações. Embora o jazigo ficasse dois pés abaixo do nível do solo, tinha sido escavado em calcário maciço. E uma inundação teria deixado marcas. Além disso, era pouco provável que caixões pesados revestidos a chumbo flutuassem. Orderson rejeitou naturalmente a teoria, sustentada pela população negra local, de que o túmulo tinha algum tipo de maldição e de que forças sobrenaturais eram responsáveis.

Quando chegou o momento do funeral seguinte — e último —, havia um interesse e uma excitação generalizados. A 7 de Julho de 1819 (outras versões dizem 17), Mrs. Thomazina Clarke foi levada para o jazigo num caixão de cedro. O cimento demorou muito tempo a ser removido da porta — tinha sido usado em abundância para voltar a selar o jazigo — e, mesmo depois de ser picado, a porta continuou a não ceder. Um esforço

considerável revelou que o caixão maciço, revestido a chumbo, de Thomas Chase estava agora entalado contra a porta, a seis pés do lugar onde fora colocado. Todos os outros caixões estavam deslocados, com exceção do caixão de Mrs. Goddard, preso com arame. Isto parecia provar que a inundação não era a resposta — flutuariam caixões de chumbo quando tábuas de madeira ficavam imóveis?

O governador, Lord Combermere, fora um dos primeiros a entrar no jazigo. Ordenou então uma busca exaustiva. Mas isso apenas confirmou o que Orderson dissera antes: não havia maneira de vândalos terem forçado a entrada, não havia alçapão escondido, nem entrada para água de inundação. Antes de mandar selar de novo o túmulo, o governador ordenou que o chão fosse polvilhado com areia, que revelaria pegadas. Depois, mais uma vez, a porta foi cimentada. Combermere chegou mesmo a usar o seu selo privado, para que não pudesse ser aberta e recimentada sem deixar vestígios óbvios.

Oito meses depois, a 18 de Abril de 1820, reuniu-se um grupo na residência de Lord Combermere e a conversa, como muitas vezes, foi parar ao jazigo. Por fim, o governador decidiu que iriam verificar se as precauções tinham sido eficazes. Eram nove ao todo, incluindo o governador, o reitor e dois pedreiros. Verificaram que o cimento estava intato e os selos não tinham sido mexidos. Depois, os pedreiros abriram a porta. Mais uma vez, o lugar estava em caos.

Um caixão de criança jazia nos degraus que desciam para a câmara, enquanto o caixão de Thomas Chase estava virado ao contrário. Só o molho de tábuas de Mrs. Goddard permanecera intato. A areia no chão continuava sem marcas. Mais uma vez, os pedreiros bateram nas paredes com os martelos, à procura de uma entrada secreta. E, por fim, quando parecia óbvio que o mistério era insolúvel, Lord Combermere ordenou que os caixões fossem removidos e enterrados noutro local. Depois disso, o túmulo ficou vazio.

Nenhum dos muitos autores que escreveram sobre o caso conseguiu apresentar uma explicação plausível. As explicações «naturais» óbvias são inundações e tremores de terra. Mas uma inundação teria desarranjado o caixão de Mrs. Goddard e teria mexido na areia do chão; além disso, alguém teria reparado se a chuva tivesse sido tão intensa ao ponto de inundar o cemitério. O mesmo vale para tremores suficientemente fortes para sacudir caixões como dados dentro de um copo de madeira. Conan

Doyle sugeriu que a explicação era algum tipo de explosão dentro do jazigo e, para explicar isso, afirmou que as «emanações» (suor?) dos escravos negros de algum modo se combinaram com forças não especificadas dentro do túmulo para produzir uma explosão de gás. Nada parece menos provável.

No entanto, uma explicação «sobrenatural» é igualmente implausível. Tem-se muitas vezes assinalado que as perturbações começaram após o enterro de uma mulher que se acreditava ter cometido suicídio; sugere-se que os outros «espíritos» se recusaram a descansar em paz com uma suicida. Mas o movimento dos caixões sugere um poltergeist (q.v.), e todos os investigadores concordam que um poltergeist precisa de algum tipo de «fonte de energia» — muitas vezes um adolescente emocionalmente perturbado a viver no local. E um túmulo vazio não pode fornecer tal fonte de energia.

Os negros acreditavam obviamente que havia algum tipo de vodu em ação — alguma força mágica deliberadamente conjurada por uma bruxa ou curandeiro, com o motivo de se vingar dos odiados senhores de escravos. Parece improvável, mas é o melhor que se consegue oferecer.

5
O homicídio de Basa
A voz do túmulo

Houve muitos contos populares em que os mortos regressam para depor contra os seus assassinos; mas só há um exemplo que foi autenticado para lá de qualquer sombra de dúvida. É o caso de uma fisioterapeuta filipina chamada Teresita Basa, que foi esfaqueada até à morte em Chicago, a 21 de Fevereiro de 1977.

Por volta das 20:30 desse dia, o corpo de bombeiros de Chicago foi chamado para apagar um incêndio num edifício de apartamentos alto, no North Side. Dois bombeiros avançaram, rastejando, para o apartamento 15B através do fumo negro e viram que o fogo estava no quarto. Um colchão, colocado aos pés da cama, estava a arder. Em poucos minutos, os bombeiros apagaram as chamas e abriram as janelas para deixar sair o fumo. Ao levantarem o colchão encharcado de água, encontraram o corpo nu de uma mulher, com as pernas afastadas e uma faca cravada no peito.

Teresita Basa, de quarenta e oito anos, nascera na cidade de Dumaguete, nas Filipinas, filha de um juiz. Tornara-se fisioterapeuta especializada em problemas respiratórios — talvez porque o pai morrera de uma doença respiratória — e trabalhava no Edgewater Hospital, em Chicago, quando morreu.

A investigação forense concluiu que Teresita abrira a porta a alguém que conhecia — estava a falar ao telefone com um amigo quando a campainha tocou. O intruso envolveu-lhe o pescoço por trás com o braço e estrangulou-a até ela perder os sentidos. Depois tirou dinheiro da mala e vasculhou o apartamento. Em seguida, despiu-a completamente, tirou uma faca de talhante da gaveta da cozinha e enfiou-a praticamente através do corpo dela. Depois, ateou fogo ao colchão com um pedaço de papel a arder, colocou-o em cima dela e saiu apressado do apartamento. O alarme de incêndio soou antes de ele ter ido mais do que algumas ruas.

A perícia também concluiu que não tinha havido agressão sexual. Teresita Basa morrera virgem.

Embora Remy (diminutivo de Remibias) Chua, outra filipina, tivesse trabalhado com Teresita Basa no departamento de terapia respiratória do Edgewater Hospital, as duas apenas se conheciam superficialmente. Duas semanas após o homicídio, durante uma conversa, Chua comentou, meio a brincar: «Se não houver solução para o homicídio dela, ela pode vir até mim num sonho.» Depois foi fazer uma breve sesta no balneário do hospital — eram duas da manhã. Enquanto dormitava numa cadeira, com os pés apoiados noutra, algo a fez abrir os olhos. Teve de reprimir um grito quando viu Teresita Basa — tão sólida como uma pessoa viva — de pé à sua frente. Não perdeu tempo e fugiu da sala.

Nas semanas seguintes, duas colegas de Mrs. Chua brincaram dizendo que ela parecia — e comportava-se — como Teresita Basa. O marido, Dr. José Chua, também notou que a esposa parecia ter sofrido uma mudança de personalidade. Normalmente alegre e bem-disposta, tornara-se estranhamente perentória e temperamental. Teresita Basa também era propensa a mudanças de humor.

No final de Julho, cinco meses depois do homicídio, Remy Chua estava a trabalhar com um auxiliar hospitalar chamado Allan Showery quando se viu tomada por um pânico inexplicável. Showery era um homem negro, magro mas muito robusto, de modos abertos e confiantes. Quando Showery ficou atrás de Mrs. Chua, ela apanhou um movimento pelo canto do olho — tal como Teresita Basa poderá ter apanhado quando o assassino se aproximou por trás para lhe prender o antebraço ao pescoço — e, sem explicação, o coração começou-lhe a bater violentamente. Decidiu que estava com problemas nervosos e pediu licença no trabalho.

Nessa noite, o marido ouviu-a a falar durante o sono — repetia: «Al–Al–Al…» Mais tarde, ela disse-lhe que sonhara que estava numa sala cheia de fumo. No dia seguinte sentiu-se tão mal que pediu aos pais que viessem a casa. Depois de tomar um sedativo forte, deitou-se. Mas, após algumas horas de sono, começou a balbuciar em espanhol — língua que Remy Chua não falava. O marido ajoelhou-se ao lado da cama e perguntou: «Como está?» A esposa respondeu: «Eu sou Teresita Basa.» Quando José Chua perguntou o que queria, a voz respondeu: «Quero ajuda… Nada foi feito em relação ao homem que me matou.» Alguns minutos depois, «Teresita» desapareceu e Remy Chua voltou a ser ela própria.

Dois dias depois, Remy Chua sentiu uma dor no peito, seguida de uma sensação pesada, «como se alguém estivesse a entrar no seu corpo». Disse à mãe (que ainda estava com eles): «A Terrie está aqui outra vez.»

Quando o marido regressou, encontrou a esposa na cama. A voz de Teresita Basa saiu-lhe da boca, perguntando de forma acusatória: «Falou com a polícia?» José Chua admitiu que não, porque precisava de provas. «O Allan matou-me», insistiu a voz. «Eu deixei o Al entrar no apartamento e ele matou-me.»

A tensão da «possessão» de Remy Chua começava a afectar negativamente toda a família (os Chuas tinham quatro filhos). José Chua

foi finalmente falar com o seu superior no Franklin Park Hospital, Dr. Winograd, e contou-lhe toda a história; Winograd levou a «possessão» a sério, mas acreditava que a polícia a descartaria como absurdo. Aconselhou o Dr. Chua a escrever-lhes uma carta anónima.

A «entidade» que possuía Remy tinha outras ideias. Da próxima vez que Remy entrou num estado de transe, a voz exigiu saber porque é que José Chua não fizera o que ela pedira. Ele explicou que não tinha provas. «Dr. Chua», disse a voz, «o homem Allan Showery roubou as minhas joias e deu-as à namorada. Eles vivem juntos.»

«Mas como é que isso poderia ser identificado?»

«Os meus primos, Ron Somera e Ken Basa, poderiam identificá-las. E os meus amigos, Richard Pessoti e Ray King, também.» Depois deu ao Dr. Chua o número de telefone de Ron Somera. A seguir, disse-lhe: «O Al veio consertar a minha televisão e matou-me e queimou-me. Diga à polícia.»

O Dr. Chua decidiu finalmente fazer o que lhe pediam; telefonou para a polícia de Evanston. A 8 de Agosto de 1977, o investigador Joseph Stachula foi encarregado de entrevistar os Chuas. A história deixou-o atónito e, no entanto, tinha uma certeza intuitiva de que não se tratava de excêntricos. Ainda assim, não via forma óbvia de usar o que lhe tinham contado. Mal podia ir ter com Allan Showery e prendê-lo com base no facto de a vítima ter voltado do além para o acusar.

Uma verificação sobre Showery revelou que ele podia muito bem ser o assassino. Tinha um longo registo criminal que incluía duas violações, ambas ocorridas no apartamento da vítima. Além disso, vivia a apenas quatro quarteirões de Teresita Basa.

Showery foi levado para a esquadra e perguntaram-lhe se era verdade que tinha concordado em reparar a televisão de Teresita Basa na noite do seu homicídio. Admitiu que sim, mas insistiu que depois fora a um bar local beber um copo e simplesmente se esquecera. Perguntado se alguma vez estivera no apartamento de Basa, negou. Depois, quando lhe pediram amostras de impressões digitais para comparar com algumas encontradas no apartamento, mudou de versão e admitiu que lá estivera meses antes. Por fim, admitiu que lá estivera na noite da morte dela, mas afirmou que saíra imediatamente porque não tinha o esquema do circuito daquele modelo de televisão.

O suspeito estava visivelmente nervoso, e os interrogadores deixaram-no sozinho enquanto voltavam a falar com Yanka. Ela recordou que, na noite do homicídio — lembrava-se por causa do carro de bombeiros que passara à janela — Showery chegara cedo a casa. Perguntada se ele lhe tinha dado recentemente alguma jóia, mostrou-lhes um anel de cocktail antigo. Pediram-lhe que os acompanhasse de volta à esquadra, juntamente com a caixa de joias. Entretanto, os dois amigos de Teresita Basa, Richard Pessoti e Ray King, foram levados para a esquadra. Assim que Pessoti viu o anel no dedo de Yanka, reconheceu-o como pertencente a Teresita Basa. Os dois também conseguiram identificar outras peças na caixa de joias de Yanka.

O parceiro de Stachula, o detective Lee Epplen, confrontou Showery e disse-lhe: «Acabou-se.» Showery gritou, furioso: «Vocês, polícias, estão a tentar incriminar-me.» Quando lhe mostraram as joias, insistiu que as tinha comprado numa casa de penhores, mas que não tinha pedido recibo. Minutos depois percebeu que as provas contra si eram esmagadoras. Pediu para falar com Yanka e, na presença dos detetives, disse: «Yanka, tenho uma coisa para te dizer. Eu matei a Teresita Basa.»

Ele acreditara que Teresita era rica e que roubá-la resolveria todos os seus problemas financeiros. Mas, depois de a matar, descobriu que a carteira dela continha apenas trinta dólares. Para fazer o homicídio parecer um crime sexual, despiu-a e abriu-lhe as pernas. Depois, esfaqueou-a com a faca de talhante e ateou fogo ao colchão, na esperança de que o incêndio destruísse quaisquer pistas que pudesse ter deixado.

O caso da «Voz do Túmulo» fez manchetes a nível nacional. Showery foi julgado a 21 de Janeiro de 1979, perante o juiz Frank W. Barbero. Mas a história da «possessão» de Remy Chua era tão espantosa que o júri não conseguiu chegar a um veredicto. A defesa também contestou que a prova de um fantasma não era admissível num tribunal. Cinco dias depois, foi declarado julgamento nulo. Mas, a 23 de Fevereiro de 1979, Allan Showery reconheceu que era culpado do homicídio de Teresita Basa. Foi condenado a catorze anos por homicídio e a quatro anos por cada um dos crimes de roubo à mão armada e fogo posto.

6
O Triângulo das Bermudas

Na tarde de 5 de Dezembro de 1945, cinco bombardeiros-torpedeiros Avenger levantaram voo de Fort Lauderdale, na Florida, para uma patrulha rotineira de duas horas sobre o Atlântico. O Voo 19 era comandado pelo líder de formação Charles Taylor; os outros quatro pilotos eram estagiários, a fazer aquilo a que se chama um «voo de leite» — isto é, um voo cujo objetivo é simplesmente aumentar o número de horas no ar, sem instrutores. Às 14:15, os aviões estavam bem sobre o Atlântico e a seguir a sua rota habitual. O tempo estava quente e limpo.

Às 15:45, a torre de controlo recebeu uma mensagem de Taylor: «Isto é uma emergência. Parece que estamos fora de rota. Não conseguimos ver terra… repito… não conseguimos ver terra.»

«Qual é a sua posição?»

«Não temos a certeza da nossa posição. Não conseguimos ter a certeza de onde estamos. Parece que estamos perdidos.»

«Siga a oeste», respondeu a torre.

«Não sabemos qual é o oeste. Está tudo errado… estranho. Não podemos ter a certeza de direção nenhuma. Até o oceano não parece como deveria.»

A torre estava perplexa; mesmo que algum tipo de interferência magnética tivesse feito falhar as bússolas de todos os cinco aviões, o piloto ainda deveria conseguir ver o sol baixo no céu ocidental. O contato por rádio começou a piorar, limitando as mensagens a frases curtas. A certa altura, a torre apanhou um piloto a falar com outro, dizendo que todos os instrumentos do seu avião «estavam a enlouquecer». Às quatro em ponto, o líder de formação decidiu passar o comando a outra pessoa. Às 16:25, o novo líder disse à torre: «Não temos a certeza de onde estamos.»

A menos que os aviões conseguissem regressar por cima de terra nas quatro horas seguintes, ficariam sem combustível e seriam forçados a amarar no mar. Às 18:27, foi lançada uma missão de salvamento. Um enorme hidroavião Martin Mariner, com uma tripulação de treze homens, levantou voo em direção à última posição reportada do voo. Vinte e três minutos depois, o céu a leste iluminou-se por instantes com um clarão laranja intenso. Nem o Martin Mariner nem os cinco Avengers voltaram a ser vistos. Desapareceram completamente, tal como outros aviões e navios

desapareceram na área que ficou conhecida como o «Triângulo do Diabo» e o «Triângulo das Bermudas».

O que aconteceu, no fim de contas, às aeronaves desaparecidas não é, certamente, nenhum mistério. O tempo piorou ao longo dessa tarde; navios reportaram «ventos fortes e mares tremendos». O Voo 19 e o seu potencial salvador terão ficado sem combustível e amarado no mar. O mistério é porque se tornaram tão completamente perdidos e confusos. Mesmo que os instrumentos de navegação tivessem deixado de funcionar e a visibilidade se tivesse reduzido a poucos metros, deveria ter sido possível subir acima das nuvens para recuperar a orientação. O que parece ainda mais estranho é que esta tragédia não tenha alertado as autoridades para o facto de haver algo de assustador e perigoso naquela faixa de oceano entre a Florida e as Bahamas — um arquipélago que começa a meras cinquenta milhas da costa da Florida. Mas as autoridades terão, sem dúvida, adoptado a visão de muitos céticos mais recentes: a de que o desaparecimento foi um acidente relativamente complexo, devido a uma série de factores fortuitos — mau tempo, interferência elétrica nas bússolas, a inexperiência de alguns pilotos e o facto de o líder de formação, Charles Taylor, só recentemente ter sido colocado em Fort Lauderdale e não estar familiarizado com a área.

Explicações semelhantes foram adotadas para justificar uma série de tragédias parecidas nas duas décadas seguintes: o desaparecimento de um Superfortress em 1947; de um Tudor IV de quatro motores em Janeiro de 1948; de um DC-3 em Dezembro de 1948; de outro Tudor IV em 1949; de um Globemaster em 1950; de um avião de transporte britânico York em 1952; de um Super Constellation da Marinha em 1954; de outro hidroavião Martin em 1956; de um avião-tanque da Força Aérea em 1962; de dois Stratotankers em 1963; de um «boxcar voador» em 1965; de um avião de carga civil em 1966; de outro avião de carga em 1967; e de mais outro em 1973… O número total de vidas perdidas em todos estes desaparecimentos foi bem superior a duzentas. Curiosamente, a primeira pessoa a perceber que tudo isto constituía um mistério assustador foi um jornalista chamado Vincent Gaddis; foi em Fevereiro de 1964 que o seu artigo «The Deadly Bermuda Triangle» apareceu na revista americana *Argosy* e deu o nome, hoje familiar, a essa faixa misteriosa de oceano. Um ano depois, num livro sobre mistérios do mar chamado *Invisible Horizons*, Gaddis incluiu o seu artigo num capítulo intitulado «O Triângulo da Morte». O capítulo continha também uma longa lista de navios que tinham desaparecido na área,

começando com o *Rosalie*, desaparecido em 1840, e terminando com o iate *Connemara IV* em 1956. No capítulo final, Gaddis entrou no domínio da ficção científica e especulou sobre «continuidades espaço-tempo [que] podem existir à nossa volta na Terra, interpenetrando o nosso mundo conhecido», sugerindo que talvez alguns dos aviões e navios desaparecidos tivessem sido sugados por uma espécie de ralo de quarta dimensão.

Pouco depois da publicação do livro, Gaddis recebeu uma carta de um homem chamado Gerald Hawkes, que contou a sua própria experiência no Triângulo das Bermudas em Abril de 1952. Num voo do aeroporto de Idlewild (hoje Kennedy) para as Bermudas, o avião de Hawkes desceu subitamente cerca de duzentos pés. Não foi um mergulho de nariz; foi como se tivesse caído de repente num poço de elevador no ar; depois, o avião disparou de volta para cima. «Era como se uma mão gigante estivesse a segurar o avião e a sacudi-lo para cima e para baixo», e as asas pareciam bater como as de um pássaro.

O capitão disse-lhes então que não conseguia encontrar as Bermudas e que o operador não conseguia estabelecer contato por rádio nem com os EUA nem com as Bermudas. Uma hora ou pouco mais tarde, o avião fez contato com um navio-rádio e conseguiu orientar-se e seguir para as Bermudas. Ao saírem do avião, observaram que era uma noite limpa e estrelada, sem vento. O autor concluiu que ainda se interrogava se teria sido apanhado numa área «onde o tempo e o espaço parecem desaparecer».

Ora, todos os pilotos conhecem bolsas de ar, em que uma mudança súbita de pressão faz o avião sacudir e descer, e conhecem a turbulência que faz as asas «bater». O que parece estranho neste caso é o apagão total de rádio.

Esta era uma anomalia que também chamara a atenção de estudiosos de OVNIs (ver capítulo 39), ou discos voadores, que vinham a criar teorias extraordinárias desde aquele dia de Junho de 1947 em que um piloto chamado Kenneth Arnold viu nove discos brilhantes a moverem-se contra o fundo do Monte Rainier, no estado de Washington. Os entusiastas dos discos voadores produziram então a ideia interessante de que a superfície da Terra tem vários estranhos «vórtices», redemoinhos, onde a gravidade e o magnetismo terrestre são inexplicavelmente mais fracos do que o normal. E, se inteligências extraterrestres soubessem destes redemoinhos, poderiam

muito bem achá-los ideais para recolher espécimes humanos, a serem estudados com calma no seu distante planeta…

Ivan Sanderson, amigo de Gaddis e estudioso de mistérios da Terra, achou que isto ia longe demais. A sua formação era científica, por isso começou por pegar num mapa do mundo e assinalar nele várias áreas onde tinham ocorrido desaparecimentos estranhos. Havia, por exemplo, outro «Triângulo do Diabo» a sul da ilha japonesa de Honshu, onde navios e aviões tinham desaparecido. Um correspondente contou a Sanderson uma experiência estranha num voo para Guam, no Pacífico ocidental, quando o seu velho avião de hélices percorreu 340 milhas em uma hora, embora não houvesse vento — cerca de 200 milhas a mais do que deveria; verificações mostraram que muitos aviões tinham desaparecido nessa área.

Ao marcar essas áreas no mapa, Sanderson observou que tinham forma de losango e que esses losangos pareciam circundar o globo numa simetria ordenada, correndo em dois anéis, cada um entre 30° e 40° a norte e a sul do equador. Havia dez desses «lugares estranhos», separados por cerca de 72°. Um especialista em sismos chamado George Rouse argumentara que os sismos tinham origem numa certa camada abaixo da superfície terrestre e especulara que existia uma espécie de sulco a correr em torno do núcleo central da Terra, determinando a direção das atividades sísmicas. O mapa de Rouse dessas áreas de perturbação sísmica correspondia de perto aos «losangos» de Sanderson. Assim, Sanderson inclinava-se a acreditar que, se «redemoinhos» realmente causavam o desaparecimento de navios e aviões, então eram redemoinhos físicos perfeitamente normais, causados, por assim dizer, pela tendência da Terra para «arrotar».

A teoria de Sanderson apareceu num livro intitulado *Invisible Residents* em 1970. Três anos depois, uma jornalista, Adi-Kent Thomas Jeffrey, tentou reunir toda a evidência sobre o Triângulo das Bermudas num livro com esse nome, publicado por uma pequena editora na Pensilvânia. Foi, sem dúvida, azar que o livro não tenha chegado ao grande público. Um ano depois, Charles Berlitz, neto do fundador das famosas escolas de línguas, voltou a reescrever toda a informação sobre o Triângulo das Bermudas, convenceu uma editora comercial, a Doubleday, a publicá-la, e subiu rapidamente ao topo das listas de best-sellers americanas. Tinham passado vinte anos desde o desaparecimento do Voo 19 e dez

desde que Vincent Gaddis inventara a expressão «Triângulo das Bermudas». Mas Berlitz foi o primeiro homem a transformar o mistério numa sensação mundial — e a enriquecer com isso.

O *Bermuda Triangle* de Berlitz, embora muito legível, peca por falta de rigor académico — nem sequer tem índice. Uma das razões da sua popularidade foi o facto de se lançar, intrépido, para regiões bizarras de especulação sobre OVNIs, distorções do espaço-tempo, inteligências alienígenas, «carros dos deuses» (à la Von Däniken) e outras matérias do género. E, entre as mais estranhas das suas especulações, estavam as que diziam respeito ao pioneiro «ufólogo» Morris K. Jessup, que morrera em circunstâncias misteriosas depois de tropeçar em informação sobre um certo e enigmático «experimento da Filadélfia». Esse experimento teria ocorrido em Filadélfia em 1943, quando a Marinha testava um novo dispositivo cujo objetivo era rodear um navio com um poderoso campo magnético.

Segundo o informador de Jessup, uma luz verde enevoada começou a envolver o navio, de tal modo que os seus contornos se tornaram difusos; depois desapareceu — para reaparecer no porto de Norfolk, na Virgínia, a umas trezentas milhas de distância. Vários tripulantes morreram; outros enlouqueceram. Segundo Jessup, quando começou a investigar esta história, a Marinha perguntou-lhe se estaria disposto a trabalhar num projetas secreto semelhante; ele recusou. Em 1959, foi encontrado morto no seu carro, sufocado por gases de escape; Berlitz especula que ele foi «silenciado» antes de poder divulgar as suas descobertas sobre o experimento.

E o que tem isto a ver com o Triângulo das Bermudas? Simplesmente que o experimento da Filadélfia teria sido uma tentativa de criar um vórtice magnético, como os sugeridos por Sanderson, e que (segundo Jessup) teve o efeito de envolver o navio numa distorção do espaço-tempo que o transportou centenas de milhas.

Compreensivelmente, este tipo de coisas enfureceu os céticos e, de repente, surgiu uma grande quantidade de artigos, livros e programas de televisão dedicados a desmontar o Triângulo das Bermudas. Todos adotavam a abordagem de senso comum que caracterizara as autoridades navais em 1945: isto é, partiam do princípio de que os desaparecimentos se deviam a causas naturais, sobretudo a tempestades anómalas. Em muitos

casos, é difícil não concordar que esta é, de facto, a explicação mais plausível. Mas, quando olhamos para a longa lista de desaparecimentos na área — muitos deles sem nunca devolverem um corpo ou um único vestígio de destroços —, a explicação começa a parecer frágil.

Existe então uma alternativa que combine senso comum com a ousadia necessária para reconhecer que nem todos os desaparecimentos podem ser convenientemente explicados? Existe, e assenta no testemunho de alguns dos que escaparam ao Triângulo das Bermudas. Em Novembro de 1964, um piloto de charters chamado Chuck Wakely regressava de Nassau para Miami, na Florida, e tinha subido aos 8000 pés. Reparou num brilho ténue em volta das asas do seu avião, que atribuiu a uma ilusão ótica causada pelas luzes do cockpit. Mas o brilho aumentou de forma constante e todo o equipamento eletrónico começou a falhar. Foi forçado a pilotar manualmente.

O brilho tornou-se tão ofuscante que ele ficou deslumbrado; depois, lentamente, esbateu-se, e os seus instrumentos começaram a funcionar normalmente outra vez.

Em 1966, o capitão Don Henry conduzia o seu rebocador de Porto Rico para Fort Lauderdale numa tarde clara. Ouviu gritos e correu para a ponte. Ali verificou que a bússola rodava no sentido dos ponteiros do relógio. Uma estranha escuridão abateu-se, e o horizonte desapareceu. «A água parecia vir de todas as direções.» E embora os geradores elétricos continuassem a funcionar, toda a energia elétrica se dissipou. Um gerador auxiliar recusou-se a arrancar. O barco parecia rodeado por uma espécie de nevoeiro. Felizmente, os motores ainda funcionavam, e subitamente o barco saiu do nevoeiro. Para espanto de Henry, o nevoeiro parecia concentrar-se numa única massa sólida, e dentro dessa área o mar estava agitado; no exterior, encontrava-se calmo. Henry comentou que a bússola se comportava como no rio São Lourenço em Kingston, onde algum grande depósito de ferro — ou um meteorito — afeta a agulha.

A nossa Terra é, evidentemente, um gigantesco íman (ninguém sabe exatamente porquê), e as linhas de força magnéticas percorrem a sua superfície em padrões estranhos. Aves e animais utilizam estas linhas de força para a «orientação», e os rabdomantes parecem capazes de responder-lhes com as suas varas de vedor. Mas existem áreas da superfície terrestre

onde as aves perdem o rumo porque as linhas, de alguma forma, se anulam mutuamente, formando uma anomalia ou vórtice magnético.

O *Marine Observer* de 1930 alerta os marinheiros para uma perturbação magnética nas proximidades do vulcão Tambora, perto de Sumbawa, que desviou a bússola de um navio em seis pontos, levando-o a desviar-se da rota. Em 1932, o capitão Scutt, do *Australia*, observou uma perturbação magnética perto de Fremantle que desviou a bússola 12° para cada lado da rota do navio. Dezenas de anomalias semelhantes foram recolhidas e documentadas por um investigador americano, William Corliss, em livros com títulos como *Unknown Earth* e *Strange Planet*.

Foi Corliss quem me chamou a atenção para as investigações do Dr. John de Laurier, de Otava, que em 1974 foi acampar nos blocos de gelo do norte do Canadá em busca de uma enorme anomalia magnética com quarenta e três milhas de comprimento, que ele acredita ter origem a cerca de dezoito milhas abaixo da superfície da Terra. A teoria de De Laurier é que tais anomalias se devem ao atrito entre as placas tectónicas da Terra — um fenómeno que também provoca terramotos.

O ponto central que emerge de tudo isto é que a nossa Terra não é como um íman comum em barra, cujo campo é simétrico e preciso; está repleta de «armadilhas» e anomalias magnéticas. Os cientistas não têm a certeza de por que razão a Terra possui um campo magnético, mas uma teoria sugere que se deve aos movimentos no seu núcleo de ferro fundido. Tais movimentos produziriam, de facto, padrões mutáveis no campo terrestre e explosões de atividade magnética, que poderiam comparar-se às explosões de energia solar conhecidas como manchas solares. Se estiverem relacionadas com tensões terrestres e, portanto, com terramotos, seria de esperar que ocorressem em certas zonas definidas, tal como os sismos.

Que efeitos produziria uma súbita «explosão» de atividade magnética? Um deles seria fazer as bússolas rodarem, pois seria como se um enorme meteoro magnético irrompesse do centro da Terra. No mar, produziria um efeito de turbulência violenta, pois afetaria a água da mesma forma que a Lua afeta as marés, mas num padrão irregular, fazendo com que a água parecesse vir «de todas as direções». Nuvens e nevoeiro seriam sugados para o vórtice, formando um «banco» na sua área imediata. E os aparelhos eletrónicos provavelmente ficariam fora de serviço…

Tudo isto faz-nos compreender por que razão as explicações «simplistas» do problema — todos aqueles livros que afirmam que o mistério do Triângulo das Bermudas é uma invenção jornalística — não são apenas superficiais, mas perigosas. Desincentivam a investigação do que pode ser um dos enigmas científicos mais interessantes do nosso tempo. Com satélites a orbitar a Terra a uma altitude de 150 milhas, deveria ser possível observar explosões de atividade magnética com a mesma precisão com que os tremores de terra são registados em sismógrafos. Deveríamos conseguir observar a sua frequência e intensidade com exatidão suficiente para os prever com antecedência. O resultado não seria apenas a resolução do mistério, mas também a prevenção de futuras tragédias como a do Voo 19.

7 Pé Grande

Tal como o tiroteio no O.K. Corral, o cerco do Canyon dos Macacos tornou-se parte do folclore americano.

Começa em 1924, quando um grupo de mineiros trabalhava na cordilheira do Monte St. Helens, no estado de Washington, a setenta e cinco milhas a norte de Portland, Oregon. Um dia, viram uma grande criatura semelhante a um macaco a espreitar de trás de uma árvore. Um dos mineiros disparou contra ela e julgou que a bala a atingiu na cabeça. A criatura fugiu para a floresta. Depois, outro mineiro, Fred Beck — que viria a contar a história trinta e quatro anos mais tarde —, encontrou outro dos «macacos» na borda do canyon e disparou três vezes nas costas dele. A criatura caiu no canyon; mas, quando os mineiros foram ver, não havia corpo.

Nessa noite, os mineiros viram-se sitiados. Do anoitecer até ao amanhecer do dia seguinte, as criaturas bateram nas portas, nas paredes e no telhado, e atiraram pedras. Os mineiros escoraram a pesada porta por dentro e dispararam através das paredes e do telhado. Mas as criaturas estavam obviamente furiosas e determinadas, e o assalto só cessou ao nascer do sol. Nesse dia, os mineiros decidiram abandonar o local.

A descrição de Beck do «Pé Grande» é a de uma criatura com cerca de dois metros e quarenta de altura, muito musculosa. Parecia-se bastante com um gorila, mas se conseguia usar pedras como arma de assalto, era claramente humanoide.

O relato de Fred Beck sobre o cerco, juntamente com outras observações na Costa Oeste, tornou o Pé Grande uma espécie de celebridade nacional no final da década de 1950. Mas as histórias sobre a criatura circulavam há séculos. Os índios Salish da Colúmbia Britânica chamavam-lhe «Sasquatch», que significa «homem selvagem das florestas». No norte da Califórnia, a tribo Huppa chama-lhes «Oh-mah-ah»; nas Cascades, são conhecidos como «Seeahtiks».

A ideia de colónias de monstros a viverem tranquilamente nos modernos EUA e Canadá parece, indiscutivelmente, absurda; mas isso deve-se em parte ao facto de poucas pessoas compreenderem a imensidão das florestas coníferas da América do Norte — milhares de milhas quadradas de mata totalmente desabitada, algumas ainda por explorar, onde seria possível esconder um rebanho de dinossauros.

A primeira história registada de uma pegada de Sasquatch data de 1811. O conhecido explorador e comerciante David Thompson atravessava as Montanhas Rochosas em direção à foz do rio Colúmbia quando, no local da atual Jasper, Alberta, ele e o seu companheiro depararam com uma pegada de catorze por oito polegadas, com quatro dedos e marcas de garras. Thompson pensou que provavelmente seria de um urso-cinzento, mas o companheiro insistiu que não podia ser de urso porque os ursos têm cinco dedos. De qualquer modo, poucos ursos deixam pegadas de catorze polegadas.

O *Daily Colonist* de Victoria, Colúmbia Britânica, de sexta-feira, 4 de julho de 1884, publicou um relato da captura de um Pé Grande. Jacko (como os captores o chamavam) parecia ser um espécime bastante pequeno, com apenas 1,40 m de altura e pesando 127 libras. Foi avistado de um comboio que serpenteava ao longo do rio Fraser, de Lytton a Yale, à sombra das montanhas Cascade, e aparentemente capturado sem grande dificuldade. Foi descrito como tendo longos pelos negros e grossos e pelos curtos e brilhantes por todo o corpo. Os antebraços eram muito mais longos do que os de um homem e poderosos o suficiente para rasgar um ramo ao meio. Lamentavelmente, o destino posterior de Jacko é desconhecido, embora o naturalista John Napier relate que poderá ter sido exibido no circo de Barnum e Bailey.

Em 1910, o Pé Grande foi culpado por um acontecimento macabro ocorrido no vale Nahanni, perto do Grande Lago do Escravo, nos

Territórios do Noroeste. Dois irmãos chamados MacLeod foram encontrados sem cabeça no vale, que posteriormente ficou conhecido como Vale Sem Cabeça. Parece muito mais provável que os prospetores tenham sido assassinados por índios ou bandidos; no entanto, o Pé Grande foi culpado, e a lenda ganhou um toque de horror.

Em 1910, o *Seattle Times* publicou um relato sobre «demónios da montanha» que atacaram a cabana de um prospetor no Monte St. Lawrence, perto de Kelso. Os atacantes foram descritos como meio humanos e meio monstros, com entre dois e dois metros e quarenta de altura. Para os índios Clallam e Quinault, as criaturas são conhecidas como Seeahtiks. As suas lendas afirmam que o homem foi criado a partir dos animais, e que os Seeahtiks ficaram num estado inacabado.

Uma das histórias de Pé Grande mais notáveis data de 1924, embora só tenha sido registada por escrito em 1957, quando foi descoberta por John Green, autor de *On the Track of the Sasquatch*. Albert Ostman, um lenhador e trabalhador da construção civil, procurava ouro na cabeceira do Inlet Toba, na Colúmbia Britânica, e não se alarmou quando um barqueiro índio lhe contou histórias de «pessoas grandes» que viviam nas montanhas. Após uma semana de caminhada, instalou-se num acampamento em frente à ilha de Vancouver. Mas quando acordou de manhã, descobriu que os seus suprimentos tinham sido mexidos. Decidiu ficar acordado nessa noite, por isso, quando entrou no saco-cama, só tirou as botas; também levou a espingarda para dentro do saco-cama. Horas depois, relatou: «Fui acordado por algo que me pegou ao colo. Estava a dormir e, a princípio, não me lembrava onde estava. Quando comecei a recuperar o juízo, lembrei-me que estava nesta viagem de prospeção e dentro do meu saco-cama.»

Horas depois, o captor largou-o no chão, e ele conseguiu rastejar para fora do saco-cama. Encontrou-se na presença de uma família de quatro Sasquatch — um pai com dois metros e quarenta de altura, uma mãe e um filho adolescente e uma filha imatura. Ostman descreveu-os com bastante detalhe — a mulher tinha mais de dois metros e dez, entre quarenta e setenta anos, e pesava entre 225 e 270 quilos. Aparentemente, não tentaram magoá-lo, mas pareciam determinados a não o deixar ir.

Possivelmente, consideravam-no um futuro marido para a rapariga, que era pequena e de peito liso. Passou seis dias na companhia deles até que, escolhendo o momento, disparou a espingarda. Enquanto os captores

se atiravam para se protegerem, Ostman fugiu. Questionado por John Green sobre por que razão se manteve calado durante tanto tempo, Ostman explicou que pensava que ninguém acreditaria nele.

Em 1928, um índio da tribo Nootka chamado Muchalat Harry chegou a Nootka, na ilha de Vancouver, vestindo apenas roupa interior rasgada e ainda muito abalado. Explicou que se dirigia ao rio Conuma para caçar e pescar quando, tal como Ostman, foi levantado — completo com saco-cama — e transportado vários quilómetros por um Pé Grande. Ao amanhecer, encontrou-se no meio de um grupo de cerca de vinte criaturas, e a princípio convenceu-se de que pretendiam comê-lo. Quando uma delas puxou pela sua roupa interior, ficou obviamente espantada por ela estar solta — supondo que fosse a pele dele. Ficou imóvel durante horas, e à tarde elas perderam o interesse e foram procurar comida. Harry aproveitou a oportunidade para fugir, correu cerca de uma dúzia de milhas até onde escondera a sua canoa e depois remou mais quarenta e cinco milhas de volta à ilha de Vancouver, onde contou esta história ao padre Anthony Terhaar, da Missão Beneditina. Terhaar diz que Harry estava num tal estado de colapso nervoso que precisou de cuidados atentos para recuperar a saúde, e que o seu cabelo ficou branco. A experiência abalou-o tanto que nunca mais saiu da aldeia.

Em 1967, um lenhador chamado Glenn Thomas, de Estacada, Oregon, caminhava por um trilho em Tarzan Springs, perto do Monte Round, quando viu três grandes figuras peludas a arrancar pedras do chão e depois a cavar a uma profundidade de dois a três metros. A figura masculina retirou um ninho de roedores e comeu-os. Investigadores que examinaram a sua história encontraram trinta ou quarenta buracos, dos quais haviam sido removidas pedras com até duzentos quilos. Marmotas e outros roedores frequentemente hibernam debaixo de tais pedras, e havia muitos destes animais na área.

Nessa altura, uma das provas mais convincentes da existência do Pé Grande já tinha surgido. Em outubro de 1967, dois jovens chamados Roger Patterson e Bob Gimlin estavam em Bluff Creek, no condado de Del Norte, norte da Califórnia, quando foram atirados dos cavalos ao contornarem uma curva no riacho. Cerca de trinta metros à frente, do outro lado da leito do riacho, encontrava-se uma enorme criatura peluda que caminhava como um homem. Roger Patterson agarrou a sua câmara cinematográfica e

começou a filmar. A criatura — que entretanto decidiram ser fêmea — parou de repente, depois virou-se para olhar para eles. «Ela não estava nada assustada. Na verdade, acho que não tinha medo de mim, e a única coisa em que consigo pensar é que o clique da minha câmara era novidade para ela.» Enquanto Patterson tentava segui-la, a criatura começou subitamente a correr, e após três milhas e meia perderam o rasto dela nas agulhas de pinheiro.

O filme — que se tornou famoso — mostra uma criatura com cerca de dois metros e dez de altura, pesando entre 160 e 200 quilos, com pelo castanho-avermelhado e seios e nádegas proeminentes e peludos. Enquanto caminha, vira a cabeça e olha diretamente para a câmara, revelando um rosto coberto de pelo. O topo da cabeça tem forma cónica. Tanto os gorilas-das-montanhas como o primo do Pé Grande, o Yeti ou Abominável Homem das Neves (sobre o qual falaremos mais adiante), apresentam esta característica.

Segundo os zoólogos, o seu propósito é proporcionar maior ancoragem aos músculos da mandíbula, ajudando a quebrar plantas duras.

Inevitavelmente, houve muitos cientistas que rejeitaram o filme como uma fraude, alegando que a criatura era um homem vestido com um facto de macaco. Mas, no seu livro *More "Things"*, o zoólogo Ivan Sanderson cita três cientistas — o Dr. Osman Hill, o Dr. John Napier e o Dr. Joseph Raight —, todos os quais parecem concordar que nada no filme os leva, por razões científicas, a suspeitar de uma burla. Moldes tirados das pegadas na lama do riacho indicam uma criatura com cerca de dois metros e dez de altura.

A versão asiática do Pé Grande é o Yeti, mais conhecido como o Abominável Homem das Neves. Quando Eric Shipton, o explorador do Evereste, atravessava o glaciar Menlung, no Evereste, em 1951, observou uma linha de enormes pegadas; Shipton fotografou uma delas, com uma picareta ao lado para dar escala (tamanho). Tinha quarenta e cinco centímetros de comprimento por trinta e três de largura, e a sua forma era curiosa — três dedos pequenos e um enorme dedo grande que parecia quase circular. As pegadas eram de uma criatura bípede, não de um lobo nem de um urso. O único animal com um pé vagamente semelhante é o orangotango. Mas estes têm um dedo grande muito mais longo.

Desde que os viajantes europeus começaram a explorar o Tibete, relatavam lendas de uma enorme criatura semelhante a um macaco chamada Metoh-kangmi, que se traduz aproximadamente por «homem das neves sujo» ou «abominável». As histórias abrangem uma vasta área, desde o Cáucaso até aos Himalaias, passando pelos Pamires, pela Mongólia, até à ponta mais oriental da Rússia. Na Ásia Central são chamados Mehteh ou Yetis, enquanto as tribos da Ásia Oriental os designam por Almas. A referência mais antiga a eles no Ocidente parece ser um relato de 1832 de B. H. Hodgson, o residente britânico na corte do Nepal, que mencionou que os seus caçadores nativos ficaram assustados com um «homem selvagem» coberto de longos pelos escuros. Mais de meio século depois, em 1889, o major L. A.

Waddell explorava os Himalaias quando encontrou enormes pegadas na neve a 5200 metros de altitude; os seus carregadores disseram-lhe que eram rastos de um Yeti. E o Yeti, segundo os carregadores, era uma criatura feroz, bastante capaz de atacar seres humanos e levá-los para os comer. A melhor maneira de escapar era correr encosta abaixo, pois o Yeti tinha pelos tão longos que lhe cairiam sobre os olhos e o cegariam ao descer.

Em 1921, uma expedição liderada pelo coronel Howard-Bury, na primeira tentativa pela face norte do Evereste, avistou ao longe várias grandes criaturas escuras a moverem-se contra a neve do passo Lhapta-la; os carregadores tibetanos disseram que eram Yetis. E em 1925, N. A. Tombazi, membro da Royal Geographical Society, quase conseguiu fotografar uma criatura nua e ereta no glaciar Zemu; mas ela desapareceu antes que ele conseguisse apontar a câmara. E assim as lendas e os avistamentos continuaram a chegar à civilização, sempre com aquele ligeiro elemento de dúvida que permitia aos cientistas descartá-los como mentiras ou enganos. A fotografia de Shipton, de 1951, causou tal sensação porque foi tirada por um membro de uma expedição científica, que não teria qualquer motivo para exagerar os factos. Além disso, a fotografia falava por si.

Pelo menos, era o que se poderia supor. O Departamento de História Natural do Museu Britânico não concordou, e uma das suas principais autoridades, o Dr. T. C. S. Morrison-Scott, declarou rapidamente que a pegada fora feita por uma criatura chamada langur do Himalaia. A sua

avaliação baseava-se numa descrição do Yeti feita pelo sherpa Tensing, que disse que tinha cerca de um metro e cinquenta de altura, caminhava ereto, tinha um crânio cónico e pelo castanho-avermelhado. Isto, disse o Dr. Morrison-Scott, soava bastante a um langur.

A objeção a esta teoria era que o langur, como a maioria dos macacos, caminha quase sempre de quatro; além disso, os seus pés têm cinco dedos muito longos, bem diferentes dos quatro dedos arredondados da fotografia. A teoria de Morrison-Scott foi recebida com gargalhadas de desdém, como certamente merecia. Mas isso não aproximou em nada a identificação da estranha criatura.

Uma visão mais imaginativa foi a do zoólogo holandês Bernard Heuvelmans, numa série de artigos publicados em Paris em 1952. Ele salientou que, em 1934, o Dr. Ralph von Koenigwald descobrira alguns dentes antigos na loja de um boticário chinês em Hong Kong — os chineses consideram dentes em pó um medicamento. Um deles era um molar de tipo humano duas vezes maior que o molar de um gorila adulto, sugerindo que o seu dono teria cerca de três metros e sessenta de altura. As provas indicavam que este gigante — que ficou conhecido como Gigantopithecus — vivera há cerca de meio milhão de anos. Heuvelmans sugeriu que as pegadas de Shipton teriam sido feitas por um enorme bípede relacionado com o Gigantopithecus. Mas poucos cientistas levaram a sua teoria a sério.

Em 1954, o *Daily Mail* enviou uma expedição para tentar capturar (ou pelo menos fotografar) um Yeti. Passou quinze semanas a caminhar pelas neves do Himalaia sem sequer vislumbrar o homem das neves sujo. Mas a expedição recolheu uma informação entusiasmante. Vários mosteiros, souberam eles, possuíam «couros cabeludos de Yeti», reverenciados como relíquias sagradas. Vários destes couros foram localizados e revelaram-se fascinantes. Eram todos longos e cônicos, semelhantes a uma mitra de bispo, e cobertos de pelo, incluindo um «topete» no meio feito de pelos eriçados.

Um destes couros revelou-se falso, costurado a partir de fragmentos de pele de animal. Mas outros eram indubitavelmente feitos de uma única peça de pele. Pelos deles foram enviados a peritos para análise, e os peritos declararam que provinham de nenhum animal conhecido. Parecia que a existência do Yeti fora finalmente provada. Infelizmente, não era o caso.

Sir Edmund Hillary teve autorização para levar um dos couros — era muito respeitado no Tibete — e Bernard Heuvelmans pôde examiná-lo. Lembrou-lhe uma criatura chamada serau do sul, uma espécie de cabra, que ele vira num jardim zoológico antes da guerra. E os seraus existem no Nepal, o país do «abominável homem das neves». Heuvelmans localizou um serau no Instituto Real de Bruxelas. A comparação com o couro de Yeti revelou que provinha do mesmo animal. A pele fora esticada e moldada com vapor. Não era, obviamente, uma falsificação deliberada. Fora feita para ser usada em certos rituais religiosos no Tibete; ao longo dos anos, a sua origem fora esquecida e designada como couro de Yeti.

Tudo isto foi suficiente para convencer os céticos de que o Yeti era apenas uma lenda. Mas essa conclusão foi precipitada. Os europeus que saíam à procura do homem das neves podiam ou não vislumbrar alguma criatura escura a mover-se contra a neve. Mas os seus rastos foram observados e fotografados em abundância. Um francês, o abade Bordet, seguiu três conjuntos diferentes de pegadas em 1955. O esquadrão leader Lester Davies filmou enormes pegadas no mesmo ano. O alpinista Don Whillans viu uma criatura semelhante a um macaco no Annapurna em junho de 1970, e Lord Hunt fotografou mais rastos de Yeti em 1978.

Na Rússia começaram a surgir provas mais sólidas. Em 1958, o tenente-coronel Vargen Karapetyan leu um artigo sobre o Yeti — ou, como é conhecido na Rússia, Alma — num jornal de Moscovo, e procurou o principal especialista soviético, o professor Boris Porshnev, para lhe contar a sua própria história. Em dezembro de 1941, a sua unidade combatia os alemães no Cáucaso, perto de Buinaksk, e foi abordado por um grupo de partisans que lhe pediram para ir ver um homem que tinham feito prisioneiro.

Os partisans explicaram que Karapetyan teria de ir a um celeiro para ver o «homem», porque, assim que era levado para uma sala aquecida, ele cheirava mal e suava abundantemente; além disso, estava coberto de piolhos. O «homem» revelou-se mais parecido com um macaco: nu, sujo e desgrenhado, parecia apático e vazio, e piscava frequentemente os olhos. Não fez qualquer tentativa de se defender quando Karapetyan lhe arrancou pelos do corpo, mas os seus olhos pareciam implorar por misericórdia. Era óbvio que não compreendia a fala. Por fim, Karapetyan saiu, dizendo aos partisans que decidissem eles o que fazer com a criatura. Dias depois,

soube que o «homem selvagem» tinha fugido. Obviamente, esta história poderia ser uma invenção. Mas um relatório do Ministério do Interior do Daguestão confirmou a sua veracidade. O «homem selvagem» fora julgado em tribunal militar e executado como desertor.

Foi em janeiro de 1958 que o Dr. Alexander Pronin, da Universidade de Leninegrado, relatou ter visto uma Alma. Estava nos Pamires e viu a criatura recortada contra o topo de um penhasco. Era semelhante a um homem, coberta de pelo cinzento-avermelhado, e observou-a durante mais de cinco minutos; três dias depois, viu-a novamente no mesmo local. Por alguma razão, os bons marxistas escarneceram da ideia de um «homem selvagem»; mas as provas continuaram a acumular-se, até que Boris Porshnev começou a tentar coordenar os avistamentos. O considerável conjunto de provas que acumulou é descrito com algum detalhe no impressionante livro de Odette Tchernine, *The Yeti*.

Em resumo: as provas da existência do Yeti, ou Alma, ou Pé Grande, ou Sasquatch, são realmente muito fortes; centenas de avistamentos tornam improvável que seja uma invenção. Se, então, assumirmos por um momento que realmente existe, o que é ele?

A Dr.ª Myra Shackley, docente de arqueologia na Universidade de Leicester, acredita saber a resposta. Está convencida de que o Yeti é um homem de Neandertal. E esta é também a conclusão a que chegou Odette Tchernine com base nas provas soviéticas.

O homem de Neandertal foi o predecessor do homem moderno. Parece ter surgido na Terra há cerca de cem mil anos. Era mais pequeno e mais semelhante a um macaco do que o homem moderno, com a conhecida testa fugidia e a mandíbula símia. Vivia em cavernas, e os montes de ossos de animais descobertos nessas cavernas sugerem que a mulher de Neandertal era uma dona de casa desleixada, e que a sua habitação devia cheirar a carne podre. Também era canibal. Mas de modo nenhum era um mero animal. Pigmentos de cor nas cavernas de Neandertal sugerem que gostava de cores; certamente tecia ecrãs de flores coloridas. E como as enterrava com os seus mortos, parece certo que acreditava numa vida após a morte. Pedras redondas misteriosas encontradas nas suas habitações sugerem que era adorador do sol.

O nosso ancestral, o homem de Cro-Magnon, surgiu na Terra há cerca de cinquenta mil anos; foi ele quem fez todas as famosas pinturas rupestres. O homem de Neandertal desapareceu completamente nos vinte mil anos seguintes, e o mistério do seu desaparecimento nunca foi resolvido. A visão geral é que foi exterminado pelo homem de Cro-Magnon (o romance *The Inheritors*, de William Golding, é uma história do encontro entre os dois; tal como o anterior *The Grisly Men*, de H. G. Wells).

O psicólogo Stan Gooch avançou uma tese surpreendente no seu livro *The Neanderthal Question*: que os neandertais não foram inteiramente exterminados, mas que as suas mulheres ocasionalmente davam à luz filhos de machos de Cro-Magnon. Os descendentes destes produtos de cruzamento ter-se-iam tornado os judeus. (Note-se que o próprio Gooch é judeu.) Gooch acredita que o homem de Neandertal era mais «psíquico» do que o de Cro-Magnon, e que as faculdades psíquicas que o homem atual possui são herdadas desses antepassados neandertais.

Aceitemos ou não a teoria de Gooch, parece razoável supor que o homem de Neandertal pode ter sobrevivido, expulso para os lugares mais selvagens e inóspitos da Terra pelo seu conquistador. Myra Shackley viajou até às montanhas Altai, na Mongólia, e recolheu provas da existência dos Almas. «Vivem em cavernas, caçam para se alimentarem, usam ferramentas de pedra e vestem peles e pelos de animais.» E menciona que, em 1972, um médico russo encontrou uma família de Almas. Na verdade, Odette Tchernine cita várias histórias desse tipo. O professor Porshnev descobriu repetidamente, entre populações de montanha, provas de que conheciam a existência de «homens selvagens»; os abecásios ainda têm histórias de como expulsaram os homens selvagens do distrito que colonizaram. Tchernine refere-se a estes homens selvagens como «pré-hominídeos».

O próprio Porshnev investigou o caso de uma fêmea Alma capturada na região de Ochamchir a meio do século XIX. Caçadores capturaram uma «mulher selvagem» com traços símios e coberta de pelo; durante vários anos em cativeiro foi tão violenta que não se podia aproximar dela, e a comida tinha de ser atirada. Chamavam-lhe Zana. Porshnev entrevistou muitas pessoas idosas — uma tinha cento e cinco anos — que se lembravam de Zana. Contaram-lhe como ela se tornou domesticada e realizava tarefas simples, como moer milho.

Tinha um peito enorme, braços e pernas grossos e musculosos, e dedos grossos; não suportava quartos quentes, preferindo o frio. Adorava empanturrar-se de uvas na vinha e também gostava de vinho — bebia muito e depois dormia durante horas. Isto pode explicar como se tornou mãe em várias ocasiões, de diferentes pais. Os seus filhos geralmente morriam porque ela os lavava no rio gelado. (Presumivelmente, tendo características meio humanas, não tinham a tremenda resistência ao frio herdada dela.) Por fim, os seus recém-nascidos foram-lhe retirados, e cresceram entre as pessoas da aldeia.

Ao contrário da mãe, eles conseguiam falar e eram seres humanos razoáveis. O mais novo destes morreu tão recentemente como em 1954 (Zana morreu por volta de 1890). Porshnev entrevistou dois dos seus netos e notou a pele escura e os traços negroides. Shalikula, o neto, tinha mandíbulas tão poderosas que conseguia levantar uma cadeira com um homem sentado nela. Aqui parece haver provas sólidas e inegáveis da existência de «homens selvagens».

8 Agatha Christie

O desaparecimento da romancista

Em 1926, Agatha Christie envolveu-se num mistério que parece saído da trama de um dos seus próprios romances. Mas, ao contrário dos crimes fictícios desvendados por Hercule Poirot, este enigma nunca foi satisfatoriamente resolvido.

Aos trinta e seis anos, Agatha Christie parecia uma figura invejável. Era uma ruiva atraente, com um toque de grisalho, e vivia com o marido, o coronel Archibald Christie, numa magnífica casa de campo que ela própria descrevera uma vez como «uma espécie de suite milionária do Savoy transferida para o campo».

Era também a autora de sete volumes de ficção policial, dos quais o mais recente, *O Assassinato de Roger Ackroyd*, causara alguma controvérsia devido ao seu final «injusto». Contudo, a autora estava longe de ser uma celebridade; poucos dos seus livros ultrapassavam as poucas milhares de exemplares vendidos.

Então, na gélida noite de 3 de dezembro de 1926, saiu de casa em Sunningdale, no Berkshire, e desapareceu.

Às onze horas da manhã seguinte, um superintendente da polícia de Surrey recebeu um relatório sobre um «acidente de viação» em Newlands Corner, logo fora de Guildford. O Morris de dois lugares de Agatha Christie fora encontrado a meio de uma encosta relvada, com o capô enterrado num maciço de arbustos. Não havia sinal da condutora, mas era evidente que não tencionava ir longe, pois deixara o casaco de peles no carro.

A meio da tarde, a imprensa já tomara conhecimento do desaparecimento e sitiava a casa dos Christie. Desde o início, a polícia insinuou que suspeitava de suicídio. O marido rejeitou esta teoria, apontando sensatamente que a maioria das pessoas comete suicídio em casa e não sai a conduzir a meio da noite. Foi, no entanto, organizada uma vasta busca na zona em torno de Newlands Corner e o Silent Pool, um lago supostamente sem fundo nas proximidades, foi investigado por mergulhadores.

O que ninguém sabia era que a vida de Agatha Christie não era tão invejável como parecia. O marido apaixonara-se recentemente por uma rapariga dez anos mais nova — Nancy Neele — e dissera-lhe há pouco que queria o divórcio. A morte da mãe fora outro choque psicológico. Dormia mal, fazia refeições irregulares e movia os móveis pela casa de forma desordenada. Estava visivelmente perturbada, possivelmente à beira de um esgotamento nervoso.

Os dois ou três dias seguintes não trouxeram qualquer pista sobre o seu paradeiro. Quando se soube que algumas roupas femininas tinham sido encontradas numa cabana isolada perto de Newlands Corner, juntamente com uma garrafa rotulada «ópio», houve uma corrida de jornalistas. Mas tratou-se de um alarme falso, e o ópio revelou-se um inofensivo remédio para o estômago. Alguns jornais insinuaram que Archibald Christie lucraria muito com a morte da mulher, mas ele tinha um álibi perfeito: estava numa festa de fim de semana em Surrey. Outros jornalistas começaram a perguntar-se se o desaparecimento não seria uma manobra publicitária. Ritchie-Calder suspeitava que ela desaparecera para contrariar o marido e tornar pública a sua aventura com Nancy Neele. Chegou mesmo a ler os seus romances para ver se alguma vez usara um cenário semelhante. Quando o *Daily News* ofereceu uma recompensa, choveram relatos de avistamentos. Todos se revelaram falsos.

Outro toque interessante de mistério surgiu quando o cunhado Campbell revelou que recebera uma carta dela cujo carimbo indicava que fora posta em Londres às 9h45 do dia seguinte ao desaparecimento, quando presumivelmente ela vagueava pelos bosques de Surrey.

No domingo seguinte, o *Mail* publicou uma entrevista com o marido, na qual ele admitia «que a minha mulher discutira a possibilidade de desaparecer à vontade. Há algum tempo disse à irmã: 'Eu podia desaparecer se quisesse e me preparasse cuidadosamente…'». Começava a parecer que o desaparecimento, afinal, talvez não fosse questão de suicídio ou amnésia.

A 14 de dezembro, onze dias após o desaparecimento, o chefe de sala do Hydropathic Hotel em Harrogate, no norte de Yorkshire, olhou mais atentamente para uma hóspede feminina e reconheceu-a nas fotografias dos jornais como a romancista desaparecida. Ligou para a polícia de Yorkshire, que contatou a casa dela. O coronel Christie apanhou um comboio da tarde de Londres para Harrogate e soube que a mulher estava hospedada no hotel há uma semana e meia. Alugara um bom quarto no primeiro andar por sete guinéus por semana e aparentemente parecera «normal e feliz», «cantava, dançava, jogava bilhar, lia os relatos nos jornais sobre o desaparecimento, conversava com os outros hóspedes e saía a passear».

Agatha dirigiu-se à mesa do jantar, pegou num jornal da noite que continha a história da busca por ela, com uma fotografia, e estava a lê-lo quando o marido se aproximou. «Parecia considerá-lo apenas um conhecido cuja identidade não conseguia fixar bem», disse o gerente do hotel. E Archibald Christie declarou à imprensa: «Ela sofreu a perda de memória mais completa e não creio que saiba quem é». Um médico confirmou mais tarde que sofria de perda de memória. Mas Lord Ritchie-Calder recordaria depois como pouco ela correspondia à condição habitual de amnésia. Quando desaparecera, usava uma saia de malha verde, um casaco de malha cinzento e um chapéu de veludo, e levava algumas libras na carteira. Quando foi encontrada, estava vestida com elegância e tinha trezentas libras consigo. Dissera a outros hóspedes do hotel que era uma visitante da África do Sul.

Houve repercussões desagradáveis. Uma indignação pública, orquestrada pela imprensa, queria saber quem pagaria as 3000 libras que se estimava ter custado a busca, e os contribuintes de Surrey culparam o

próximo grande aumento de impostos nela. O seu romance seguinte, *O Grande Quatro*, recebeu críticas pouco simpáticas, mas vendeu nove mil exemplares — mais do dobro de *O Assassinato de Roger Ackroyd*. E a partir daí (como Elizabeth Walter descreveu num ensaio intitulado «O Caso das Vendas em Escalada») os seus livros venderam em quantidades crescentes. Em 1950, todos os seus livros vendiam regularmente mais de cinquenta mil exemplares, e a última história de Miss Marple, *Assassinato Adormecido*, teve uma primeira tiragem de sessenta mil.

Agatha Christie divorciou-se do marido (que casou com a menina Neele) e, em 1930, casou com o professor Sir Max Mallowan. Mas pelo resto da vida recusou discutir o desaparecimento e só concedia entrevistas com a condição de o assunto não ser mencionado. A sua biógrafa, Janet Morgan, aceita que se tratou de um esgotamento nervoso seguido de amnésia. Contudo, isto é difícil de aceitar. Onde arranjou as roupas e o dinheiro para ir a Harrogate? Por que razão se registou com o apelido da amante do marido? E é possível acreditar que a sua amnésia fosse tão completa que, comportando-se perfeitamente de forma normal, conseguisse ler relatos do seu próprio desaparecimento, olhar para fotografias de si própria e ainda assim não suspeitar sequer da sua identidade?

Lord Ritchie-Calder, que veio a conhecê-la muito bem mais tarde na vida, permanece convencido de que «o seu desaparecimento foi calculado ao estilo clássico dos seus romances policiais». Uma peça de televisão produzida após a sua morte chegou mesmo a especular que o desaparecimento fazia parte de um plano para assassinar Nancy Neele. A única coisa certa sobre «o caso da autora desaparecida» é que transformou Agatha Christie numa autora de bestsellers e, eventualmente, numa milionária.

Posfácio ao «Desaparecimento de Agatha Christie»

O mistério do desaparecimento de Agatha Christie foi finalmente resolvido após a sua morte, a 12 de janeiro de 1976. Só então ficou claro por que razão fora mantido em segredo — a verdade teria sido altamente embaraçosa para a escritora e a sua família.

Ritchie-Calder estivera certo desde o início; o desaparecimento fora encenado com a conivência da cunhada Nan, e o motivo era simplesmente contrariar o marido e estragar o fim de semana que ele planeava passar com

a amante. O que Agatha Christie não previra era o imenso interesse público que o seu desaparecimento geraria. A publicidade subsequente horrorizou-a — mesmo tendo o efeito de a transformar numa celebridade e numa autora de bestsellers — e não tinha qualquer desejo de confessar que a razão do desaparecimento era o facto de o marido ter uma amante.

A raiz dos problemas de Agatha Christie residia quase certamente na sua infância. Era uma pessoa altamente imaginativa e muito reservada. Quando era pequena, ficou horrorizada ao ouvir a ama dizer a uma criada que a menina Agatha voltara a brincar com os seus amigos imaginários, os Gatinhos. A sua aversão ao longo da vida a invasões da sua privacidade parece ter começado aí.

Agatha Christie nasceu a 15 de setembro de 1890, numa vila branca chamada Ashfield, nos arredores de Torquay, a estância balnear na costa sul de Devon. O pai, Frederick Miller, era um americano abastado e ele e a mulher Clarissa tiveram três filhos, dos quais Agatha era a terceira. A irmã mais velha, Madge, era considerada a inteligente da família. Foi a devoção do pai por Madge que causaria tragédia.

Gastou tanto dinheiro na apresentação dela em sociedade em Nova Iorque que as finanças da família ficaram apertadas. Pela primeira vez na vida, começou a pensar em arranjar algum emprego na City. Mas não tinha qualificações, e uma combinação de depressão e uma constipação que se transformou em pneumonia dupla matou-o quando Agatha tinha onze anos.

Durante algum tempo, pareceu que Clarissa Miller teria de vender Ashfield, mas, por meio de economias extremas, conseguiu mantê-la, para enorme alívio de Agatha. Mas a mudança da abundância para a pobreza foi traumática para a criança e foi — pelo menos em parte — responsável pela determinação em se agarrar ao dinheiro que levaria ao eventual fim do seu casamento.

No ano seguinte à morte do pai, Madge casou com James Watts, filho de um rico fabricante de Manchester, e a irmã mais nova do noivo, Nan, viria a tornar-se amiga e cúmplice de Agatha para toda a vida.

Foram as visitas regulares de Agatha à magnífica casa vitoriana gótica de James Watts Senior, Abney Hall, em Cheshire, que lhe proporcionaram o tipo de experiência de vida luxuosa que usaria tão eficazmente nos seus romances policiais.

Como adolescente, com os longos cabelos ruivo-dourados e o modo tímido, Agatha era muito atraente e rapidamente se envolveu com um jovem que conheceu em representações amadoras em Torquay. Mas afastaram-se quando ela foi para uma escola de aperfeiçoamento em Paris, onde teve aulas de canto e piano. A cunhada Nan estava nessa altura numa escola de aperfeiçoamento em Florença, e Agatha visitava-a frequentemente.

Também fez a sua primeira viagem ao Egito quando teve a sua temporada de apresentação em sociedade no Cairo. E em 1912, aos vinte e dois anos, conheceu o futuro marido, Archibald Christie, num baile oferecido por Lord e Lady Clifford na sua casa em Devon. Ele era alto, bonito e aprendera a arte militar na Real Academia Militar de Woolwich, após o que se tornou tenente, estacionado em Exeter.

A Agatha, cheia de admiração, ele arrebatou o coração. Archie queria casar com ela imediatamente, mas a mãe de Agatha opôs-se — havia algo em Archie, talvez um toque de egoísmo ou irresponsabilidade, que a deixava desconfiada. Mas dezoito meses depois, eclodiu a Primeira Guerra Mundial, e Archie e Agatha casaram quando ele estava de licença em casa.

Archie partiu para servir o país em França, e a mulher regressou a casa para viver com a mãe. Mas Agatha decidiu também participar no esforço de guerra e tornou-se enfermeira voluntária no hospital da Cruz Vermelha em Torquay. Para distrair-se da guerra, começou a devorar histórias policiais.

A irmã mais velha, Madge, tornara-se escritora publicada, cujas histórias apareciam frequentemente na *Vanity Fair* e noutras revistas. Agatha também escrevia há anos, mas as suas histórias eram invariavelmente rejeitadas. Foi, porém, uma aposta com a irmã de que conseguiria escrever um bom romance policial que levou Agatha a escrever *O Misterioso Caso de Styles*, cujo herói era belga porque nessa altura Torquay estava cheia de refugiados belgas. Como seria de esperar, o assassinato no romance foi cometido por veneno — um tema sobre o qual Agatha se tornaria cada vez mais conhecedora.

A guerra terminou, Archie regressou a casa, e o casal mudou-se para Londres, onde Archie trabalhava no Ministério da Aeronáutica. As finanças estavam apertadas, tanto que Agatha demorou muitas semanas a decidir-se a visitar a velha amiga Nan, que entretanto arranjara um marido rico. As

duas descobriram que gostavam tanto de estar juntas como na infância. Em 1919, Agatha deu à luz uma filha, Rosalind (Clanssa).

Entretanto, Agatha decidira que melhoraria as finanças do casal se conseguisse encontrar um editor para *O Misterioso Caso de Styles*. Em 1920, o livro foi aceite por John Lane, da Bodley Head, que estava tão confiante na sua capacidade de escrita que lhe ofereceu um contrato para cinco livros. O livro foi publicado em Inglaterra e na América e vendeu dois mil exemplares. Tudo o que Agatha ganhou com ele foram 25 libras.

À medida que se tornava evidente para Agatha que os editores estavam a aproveitar-se dela, determinou romper com eles o mais depressa possível.

Archie ingressara no quadro da Imperial and Foreign Corporation e, em 1922, quando se tornou Conselheiro Financeiro na Missão do Império Britânico, o casal embarcou numa volta ao mundo que incluiu a África do Sul, a Austrália e os Estados Unidos. Mas, quando regressaram da viagem, Archie descobriu subitamente que fora dispensado. As histórias policiais de Agatha tornaram-se agora duplamente importantes para as finanças do casal. Archie detestava estar desempregado, e o casamento começou a mostrar sinais de tensão. As coisas não melhoraram quando uma série de histórias de Poirot apareceu na revista *The Sketch*, e Agatha foi descrita como a «autora do mais brilhante romance policial do momento». Embora Archie tenha encontrado rapidamente outro emprego, o sentimento de que a mulher era a principal provedora da família continuou a magoá-lo.

Quando o contrato de cinco livros com a Bodley Head terminou, Agatha recusou uma oferta de renovação em melhores condições e passou para a Collins, que lhe ofereceu um adiantamento de 200 libras por cada romance — uma quantia impressionante para a época.

Quando Agatha se recusou a partilhar os seus ganhos literários com o marido, Archie tornou-se ainda mais ressentido. Ocupada com a carreira, a mulher não reparou nos sinais de alerta. Provavelmente sentiu-se até aliviada quando Archie se tornou um entusiasta do golfe, pois isso o mantinha ocupado. Mas foi no campo de golfe que Archie conheceu uma datilógrafa chamada Nancy Neele e se apaixonou por ela.

Em férias com o marido em França, Agatha notou que ele parecia taciturno e irritável, mas não fazia ideia de que isso se devia ao facto de ter

transferido os seus afetos para outra pessoa. Na verdade, conhecia bem Nancy Neele, e a rapariga passava frequentemente fins de semana com eles. Não tinha qualquer suspeita de que Nancy fosse a amante do marido.

Até então, o nome Agatha Christie era conhecido apenas pelos leitores de histórias policiais, e raramente ganhava mais de algumas centenas de libras por livro. Mas, em 1925, a serialização de *Quem Matou Roger Ackroyd?* trouxe-lhe um novo nível de celebridade, pois os críticos discutiam se não seria batota fazer do assassino o inofensivo Watson que conta a história. Tornou-se o seu livro de maior sucesso até então.

Os Christie tinham-se mudado entretanto para uma grande casa não muito longe de Sunningdale, no Berkshire, e decidiram chamá-la Styles, em homenagem ao primeiro livro de Agatha. Isso dificilmente seria auspicioso, já que a fictícia Styles fora o cenário de um assassinato. Na verdade, a verdadeira Styles tinha má reputação, pois os últimos três proprietários tinham sofrido desgraças. Mas Agatha não sentia qualquer apreensão. Estava alegre e cheia de confiança, o casamento parecia feliz e chegou mesmo a tentar convencer Archie de que estava na altura de terem outro filho.

Em abril de 1926, Agatha ficou devastada quando a mãe morreu após um ataque de bronquite. Estava a caminho de a visitar quando subitamente teve a forte convicção de que a mãe já estava morta.

A sua intuição manifestar-se-ia novamente alguns meses depois, quando Archie regressou de uma viagem ao estrangeiro e Agatha sentiu fortemente que algo estava errado. Pressionou-o para que lhe contasse — e ficou horrorizada quando ele admitiu que estava apaixonado por Nancy Neele e que ela era sua amante há dezoito meses. Agatha sentiu-se totalmente traída. Durante algum tempo, Archie mudou-se para Londres, vivendo no seu clube, e Agatha mergulhou numa depressão. Por fim, quando Archie confessou que não tinha a certeza se deveriam divorciar-se, ela pressionou-o para manterem o casamento em bases experimentais por mais um ano. Archie só aceitou três meses. Agatha vingou-se um pouco escrevendo uma história em que a «outra mulher» comete suicídio saltando de um penhasco. Mas Nancy não estava disposta a fazer nada tão conveniente.

E assim chegou aquela noite de 3 de dezembro de 1926, quando ela saiu de Styles e desapareceu — tornando-se conhecida de todos os leitores de jornais em Inglaterra.

Na verdade, ela e Archie tinham discutido violentamente nessa manhã porque Archie tencionava passar o fim de semana com amigos, e Nancy Neele também estaria presente como convidada. Quando Archie partiu para Londres, Agatha escreveu-lhe uma longa carta cheia de recriminações. Depois disso, saiu de casa por volta das 22 horas, conduziu até Newlands Corner e pôs em prática o plano previamente combinado. Estacionou à beira da estrada e depois empurrou o carro encosta abaixo, com os faróis acesos.

Deixou o casaco de peles e uma mala com roupas — bem como a carta de condução — no carro. O veículo parou num maciço de arbustos à beira de uma pedreira de giz. Depois, Agatha caminhou até à estação de West Clandon e apanhou um comboio para Londres. Lá, dirigiu-se à casa da cunhada Nan, no número 78 de Chelsea Park Gardens, e passou lá a noite. Tinha ido ver Nan uns dias antes para lhe contar a traição do marido, pelo que a visita não foi totalmente inesperada.

Na manhã seguinte, Agatha enviou uma carta que escrevera ao irmão de Archie, Campbell, dizendo-lhe que se dirigia a um spa em Yorkshire. Enviou-a para o escritório dele em Woolwich, para que só a recebesse depois do fim de semana. Mas, na verdade, ao abrir a carta, Campbell Christie limitou-se a deitá-la uma olhadela e depois conseguiu perdê-la de alguma forma. Isto explica por que razão Archie e a polícia demoraram tanto a encontrá-la — onze dias após o desaparecimento. Entretanto, Archie vingou-se um pouco dizendo a um repórter de jornal que a mulher discutira a possibilidade de «desaparecer» — insinuando que poderia tratar-se de uma espécie de brincadeira prática ou manobra publicitária.

E assim Agatha ficou instalada no Harrogate Hydro Hotel, a ler os relatos nos jornais sobre si própria e a fazer as coisas que os visitantes estrangeiros — ela afirmava ser da África do Sul — faziam quando se hospedavam num hotel durante o período de Natal.

No domingo, 12 de dezembro, centenas de pessoas do público saíram para vasculhar as colinas de Surrey em busca da romancista desaparecida, quando na verdade dois membros de uma banda que tocava no Harrogate

Hydro Hotel já pensavam ter reconhecido Agatha Christie na pista de dança e foram informar a polícia local. Uma empregada de quarto chamada Rosie Asher confirmara as suspeitas dos músicos. Notara que a mala da mulher tinha um fecho éclair, a primeira vez que via esse artigo recém-moderno, mas tivera medo de o mencionar à gerência para não perder o emprego.

Durante a segunda-feira seguinte, polícias à paisana misturaram-se com os hóspedes do hotel e rapidamente chegaram à conclusão de que tinham encontrado Agatha Christie. No dia seguinte, a polícia de Yorkshire ligou para Archie no trabalho e perguntou-lhe se estaria disposto a viajar para Harrogate para identificar a mulher. Deve ter sido um alívio para Archie saber que já não era suspeito do assassinato da esposa.

No início dessa noite, Archie sentou-se na sala do hotel escondido atrás de um jornal enquanto Agatha entrava e parava para olhar para a sua própria fotografia na capa de um jornal que estava numa mesa. Depois viu o marido a olhar para ela. Com a típica frieza inglesa, o casal cumprimentou-se e, alguns minutos depois, foram jantar. Aí, aparentemente, Agatha admitiu que encenara o desaparecimento para contrariar o marido e que a brincadeira se expandira para além das suas expectativas.

Agora Archie soube que a cunhada Nan soubera o tempo todo onde ela estava e até lhe emprestara dinheiro para viajar para Harrogate e ficar no hotel. Agatha enviara a carta a Campbell — que supostamente garantiria que fosse encontrada rapidamente — e depois almoçara com Nan em Londres. A seguir apanhara um comboio às 13h40 de King's Cross para Harrogate, onde chegara seis horas depois.

Na manhã seguinte, iscos que se pareciam com os Christie saíram do hotel para serem perseguidos por uma multidão de repórteres, enquanto o fotógrafo do *Daily Mail*, o único que ficou para trás, tirou uma fotografia do verdadeiro casal Christie enquanto eles saíam apressadamente do hotel às 9h15. Na estação de Harrogate, entraram — por acordo prévio — pela entrada de mercadorias, mas mesmo assim encontraram a plataforma de Londres cheia de dezenas de repórteres e fotógrafos.

A irmã de Agatha, Madge, chegara com o marido Jimmy, mas a tentativa do grupo de enganar os repórteres dividindo-se em dois pares (homens e mulheres) falhou no seu propósito e os flashes rebentaram

enquanto as irmãs subiam para o comboio, com Agatha quase a chorar. Em Leeds, conseguiram despistar os repórteres mudando de comboio, mas a imprensa apanhou-os novamente em Londres, onde um fotógrafo tirou uma fotografia de Agatha ao subir a plataforma. Ela teve depois de enfrentar outra multidão de repórteres e conseguiu entrar no comboio para Manchester. Mas uma das fotografias dela que apareceu nessa noite mostrava-a a sorrir abertamente, reforçando a impressão geral de que se tratava de alguma manobra publicitária ou embuste.

Procurando refúgio em Abney Hall, em Cheadle, voltaram a ser sitiados por jornalistas, e Archie acabou por dar uma única entrevista a um jornalista que por acaso usava a gravata da sua antiga escola, explicando que a mulher perdera a memória. Ninguém, obviamente, acreditou nele. Quando Archie finalmente regressou a Styles, recebeu uma fatura da Polícia de Surrey pelo custo da busca — 25 libras. Recusou pagar. Mas era evidente que a Polícia de Surrey também achava que os Christie lhes tinham feito perder tempo.

A própria Agatha escapou a mais publicidade saindo do país, juntamente com a secretária e a filha, para as Canárias. Enquanto estava no estrangeiro, deputados levantaram questões na Câmara sobre o custo da busca, e um deputado denunciou todo o episódio como uma «cruel embuste».

Na verdade, embora o desaparecimento não tenha prejudicado a sua reputação a longo prazo, Agatha descobriria, ao regressar a Inglaterra, que muitos velhos amigos já não queriam saber dela.

O desaparecimento também falhara no seu objetivo imediato — convencer o marido a ficar com ela. Archie Christie era o tipo de pessoa que detestava publicidade ainda mais do que a mulher, e ressentia-se dos holofotes lançados sobre o seu caso com Nancy Neele. Menos de dois anos depois, em abril de 1928, a mulher divorciou-se dele, e pouco tempo depois ele casou com Nancy Neele, com quem continuou a viver feliz até à morte dela, no verão de 1958. O próprio Archie morreu em dezembro de 1962.

Agatha Christie também encontrou uma espécie de felicidade. Em 1930, visitou o sítio arqueológico de Ur, na Mesopotâmia, onde Leonard Woolley encontrara provas do que acreditava ser o Dilúvio bíblico. Aí, Agatha conheceu o assistente de Woolley, Max Mallowan, de 25 anos, a

quem foi pedido que a levasse num passeio turístico. Ela era catorze anos mais velha, mas os dois descobriram que tinham tanto em comum que, quando ele lhe pediu em casamento, ela aceitou quase imediatamente. Insistiu também que deveriam juntar as finanças — Mallowan era relativamente pobre — e dividi-las igualmente. Evidentemente aprendera com o erro do primeiro marido. Fez Max prometer que nunca jogaria golfe, ao que ele imediatamente concordou.

Em 1947, após a guerra, Max foi nomeado para a cadeira de arqueologia na Universidade de Londres. Aí era imensamente popular entre os alunos e, estando na casa dos quarenta, não resistia à tentação de ter algum caso ocasional. Agatha descobriu-o através de Nan, mas reagiu agora menos violentamente do que com Archie, pelo que os dois permaneceram casados até à morte dela.

Em 1948, a fortuna financeira de Agatha atingiu um novo pico quando a Penguin Books publicou um milhão dos seus livros de bolso num só dia. Era agora a escritora de policiais de maior sucesso de todos os tempos.

À medida que se aproximava dos oitenta anos, a sua saúde começou a deteriorar-se e, a 12 de janeiro de 1976, morreu tranquilamente enquanto Max a empurrava na cadeira de rodas.

Em 1997, a BBC realizou um documentário sobre o desaparecimento de Agatha Christie, e um jovem escritor chamado Jared Cade foi nomeado assistente de investigação. O resultado final dessa tarefa foi o seu livro *Agatha Christie and the Eleven Missing Days* (1998), ao qual este relato atual deve muito.

9 Os Assassinatos do Torso de Cleveland

Quem era o "Açougueiro Louco"?

O equivalente americano dos assassinatos de Jack, o Estripador (descritos no capítulo 27) foi o caso dos Torso de Cleveland. Os assassinatos de Cleveland foram mais numerosos e, de certa forma — como se verá —, mais horríficos do que os seus congéneres vitorianos.

Numa tarde quente de setembro de 1935, dois rapazes a caminho de casa depois da escola caminhavam ao longo de uma vala poeirenta e fuliginosa conhecida como Kingsbury Run, no coração de Cleveland, Ohio.

Numa encosta coberta de ervas daninhas chamada Jackass Hill, um desafiou o outro para uma corrida, e eles desceram a toda velocidade sessenta pés até ao fundo. James Wagner, de dezasseis anos, foi o vencedor e, ao parar ofegante, notou algo branco nos arbustos a poucos metros de distância. Ao aproximar-se, verificou que se tratava de um corpo nu e sem cabeça.

A polícia que chegou pouco depois encontrou o corpo de um jovem branco, vestido apenas com meias pretas; os órgãos genitais tinham sido removidos. Estava deitado de costas, com as pernas esticadas e os braços ao lado do corpo, como se preparado para um funeral. A trinta pés de distância, os polícias encontraram outro corpo, o de um homem mais velho, na mesma posição; também fora decapitado e emasculado. Cabelos a sair da terra revelaram uma das cabeças em falta enterrada a poucos metros; a segunda estava enterrada nas proximidades. Ambos os conjuntos de órgãos genitais foram igualmente encontrados ali perto, como se o assassino os tivesse atirado fora.

Uma característica curiosa dos crimes era a ausência de sangue no chão ou nos corpos, que estavam bastante limpos. Parecia que as vítimas tinham sido mortas e decapitadas noutro local, depois cuidadosamente lavadas quando deixaram de sangrar.

A exame forense revelou provas ainda mais desconcertantes. O cadáver mais antigo estava muito decomposto e a pele descolorida; os patologistas descobriram que isso se devia a alguma substância química não identificável, talvez usada pelo assassino numa tentativa de preservar o corpo. O homem estava morto há cerca de duas semanas. O mais jovem morrera apenas há três dias. As impressões digitais permitiram à polícia identificá-lo como Edward Andrassy, de vinte e oito anos, que tinha um pequeno registo policial por porte de arma oculta. Vivia perto de Kingsbury Run e tinha fama de brigão bêbado.

Mas a descoberta mais arrepiante foi que Andrassy morrera efetivamente por decapitação. Marcas de corda nos pulsos revelaram que fora amarrado e lutara violentamente. O assassino aparentemente cortara-lhe a cabeça com uma faca. A perícia com que a operação fora realizada sugeria um talhante — ou possivelmente um cirurgião.

Foi impossível identificar o homem mais velho. Mas a identificação de Andrassy levou a polícia a esperar que não seria muito difícil rastrear o assassino. Andrassy passava as noites a jogar e a beber numa zona degradada da cidade — o terceiro distrito — e era conhecido como proxeneta. Investigações posteriores revelaram também que tinha amantes masculinos. Pista após pista parecia extremamente promissora. O marido de uma mulher casada com quem Andrassy tivera um caso jurara matá-lo. Mas o homem conseguiu provar a sua inocência. O mesmo aconteceu com vários personagens suspeitos que poderiam ter rancor. A longa investigação policial levou a um beco sem saída — tal como aconteceu em outros dez casos envolvendo o assassino que ficou conhecido como «o Açougueiro Louco de Kingsbury Run».

Quatro meses depois, num domingo cru de janeiro, os uivos de um cão levaram finalmente uma mulher que vivia na East Twentieth Street — não muito longe de Kingsbury Run — a ir investigar. Encontrou o animal preso a tentar alcançar um cesto junto a uma parede de fábrica. Minutos depois, disse a um vizinho que passava que o cesto continha presuntos. Mas o vizinho reconheceu rapidamente que os «presuntos» eram partes de um braço humano. Um saco de serapilheira revelou conter o tronco feminino. A cabeça faltava, assim como o braço esquerdo e as partes inferiores de ambas as pernas. Mas as impressões digitais permitiram novamente à polícia rastrear a vítima, que tinha registo como prostituta. Tratava-se de Florence («Flo») Polillo, de quarenta e um anos, uma mulher baixa, de queixo duplo, bem conhecida nos bares do bairro.

Novamente havia muitas pistas, e novamente todas se esgotaram. Duas semanas depois, o braço esquerdo e as partes inferiores das pernas da vítima foram encontrados num terreno baldio. A cabeça nunca foi recuperada.

O assassinato de Flo Polillo levantou uma questão indesejada. Os dois primeiros crimes tinham convencido a polícia de que procuravam um sádico homossexual, o que pelo menos simplificava a investigação; este último crime fazia parecer que o assassino era simplesmente um sádico — como Peter Kürten, o assassino de Düsseldorf executado em 1931; ele matara homens, mulheres e crianças indiscriminadamente, e não era remotamente homossexual. O patologista recordou também que, um ano antes do primeiro duplo assassinato, o tronco de uma mulher desconhecida

fora encontrado na margem do lago Erie. Começava a parecer que o Açougueiro Louco era um psicopata simplesmente obcecado pela dissecação de cadáveres humanos, como alguns rapazes gostam de arrancar as asas às moscas.

Os residentes de Cleveland sentiam, no entanto, ter uma vantagem a seu favor. Desde o duplo assassinato, o famoso Eliot Ness fora nomeado diretor de segurança pública de Cleveland. Ness e os seus «Intocáveis» tinham desmantelado os esquemas da Proibição em Chicago, e em 1934 Ness mudara-se para Cleveland para combater os seus gângsteres. Com Ness no comando, os jornais estavam confiantes de que o Caçador de Cabeças de Kingsbury Run — outro apelido da imprensa — se veria a si próprio como caça.

Mas depressa ficou claro para Ness que caçar um pervertido sádico era totalmente diferente de caçar gângsteres profissionais. O assassino atacava ao acaso, e a menos que fosse suficientemente descuidado para deixar uma pista — como uma impressão digital —, a única esperança era apanhá-lo em flagrante. E Ness logo se convenceu de que o Açougueiro Louco sentia grande prazer em saber que estava vários passos à frente da polícia.

O Caçador de Cabeças esperou até ao verão antes de matar novamente, e cumpriu o seu nome ao deixar a cabeça de um jovem, embrulhada num par de calças, debaixo de uma ponte em Kingsbury Run; novamente, foram dois rapazes que a encontraram — a 22 de junho de 1936. O corpo foi encontrado a um quarto de milha de distância, e era óbvio pelo sangue que o homem fora morto onde jazia. Novamente, o exame médico revelou que a vítima morrera por decapitação — embora não fosse claro como o assassino impedira a vítima de lutar enquanto lhe cortava a cabeça. A vítima tinha cerca de vinte e cinco anos e estava muito tatuada. Não havia registo das suas impressões digitais nos ficheiros policiais. Três semanas depois, uma jovem excursionista descobriu outro corpo masculino decapitado numa vala, com a cabeça ali perto. A decomposição tornava claro que este homem fora morto antes da vítima anteriormente descoberta.

A última «talhada» de 1936 foi a de um homem de cerca de trinta anos, também encontrado em Kingsbury Run; o corpo fora cortado ao meio e emasculado. Um chapéu encontrado nas proximidades levou a uma

identificação parcial: uma dona de casa recordou tê-lo dado a um jovem vagabundo. Não muito longe havia um «acampamento de vagabundos» onde os indigentes dormiam; era obviamente ali que o Açougueiro encontrara a sua vítima mais recente.

O facto de Cleveland ter sido palco de uma convenção republicana e agora ser o local de uma Grande Exposição levou a uma atividade policial ainda mais frenética e a muita crítica da imprensa. Os assassinos foram noticiados em todo o mundo, e na Alemanha nazi e na Itália fascista foram citados como prova da decadência do Novo Mundo.

À medida que mês após mês passava sem mais descobertas macabras, os habitantes de Cleveland começaram a acreditar que tinham ouvido falar pela última vez do Açougueiro Louco. Mas em fevereiro de 1937 essa esperança revelou-se infundada quando o assassino deixou o corpo de uma jovem em pedaços picados nas margens do lago Erie. Ela nunca foi identificada. A oitava vítima foi identificada pelos dentes como a senhora Rose Wallace, de quarenta anos; só restava o esqueleto, e parecia que poderia ter sido morta no ano anterior.

A vítima número nove era do sexo masculino e fora desmembrada; quando o corpo foi retirado do rio, a cabeça faltava e nunca foi encontrada. Desta vez, o assassino fora ainda mais longe nas mutilações, eviscerando o cadáver à maneira de Jack, o Estripador. Foi impossível identificar a vítima. Acreditava-se que dois homens vistos num barco poderiam ser o Açougueiro e um cúmplice, mas essa sugestão não levou a lado nenhum.

O assassino pareceu agora descansar durante nove meses. Depois, a parte inferior de uma perna foi retirada do rio. Três semanas mais tarde, dois sacos de serapilheira encontrados no rio revelaram conter mais fragmentos de corpo, que permitiram ao patologista anunciar que a vítima era uma mulher morena de cerca de vinte e cinco anos. Ela nunca foi identificada.

O assassino haveria de atacar mais duas vezes. Mais de um ano após a última descoberta, em agosto de 1938, o tronco desmembrado de uma mulher foi encontrado num aterro junto ao lago, e uma busca na área revelou os ossos de uma segunda vítima, do sexo masculino. Um edredão em que os restos da décima segunda vítima estavam embrulhados foi

identificado como um que fora dado a um sucateiro. Nenhum dos corpos pôde ser identificado.

Uma coisa era agora óbvia: o Açougueiro selecionava as suas vítimas entre vagabundos e indigentes. Ness decidiu tomar o único tipo de ação que lhe parecia restar: dois dias após a última descoberta, a polícia invadiu a favela perto de Kingsbury Run, prendeu centenas de vagabundos e incendiou-a. Se por coincidência ou não, os assassinos cessaram.

Dois dos mais eficientes caçadores de homens, os detetives Merylo e Zalewski, passaram muito tempo à procura do «laboratório» do assassino. Num momento, pensaram tê-lo encontrado quando um negativo deixado por uma das primeiras vítimas, Edward Andrassy, foi revelado e mostrou Andrassy deitado numa cama num quarto desconhecido. A fotografia foi publicada nos jornais e o quarto foi finalmente identificado por um pequeno delinquente como sendo o quarto de um homossexual de meia-idade que vivia com as duas irmãs. Ao investigar, encontrou-se sangue no chão do quarto, e uma grande faca de talhante foi descoberta num baú. Mas o sangue revelou-se ser do próprio suspeito — ele era propenso a hemorragias nasais — e a faca de talhante não apresentava vestígios de sangue. E quando outro corpo apareceu enquanto o suspeito estava na prisão por sodomia, ficou claro que não era o assassino do Torso.

A seguir, os investigadores descobriram que Flo Polillo e Rose Wallace frequentavam o mesmo bar e que Andrassy também era cliente habitual. Também souberam de um homem de meia-idade chamado Frank Dolezal que andava com facas e ameaçava as pessoas com elas quando bêbado. Quando souberam que este homem também vivera com Flo Polillo, acreditaram ter finalmente identificado o assassino. Dolezal foi preso, e a polícia descobriu uma substância castanha semelhante a sangue seco nas fendas do chão da casa de banho dele. Facas com manchas de sangue seco forneceram mais provas incriminatórias.

Sob interrogatório intensivo, Dolezal, um homem de olhos turvos e desgrenhado, confessou o assassinato de Flo Polillo, e os jornais anunciaram triunfalmente a captura do Açougueiro. Depois as coisas começaram a correr mal. Testes forenses mostraram que o «sangue seco» na casa de banho não era sangue. A «confissão» de Dolezal revelou-se cheia de erros sobre o cadáver e o método de eliminação. E quando, em

agosto de 1939, Dolezal se enforcou na prisão, a autópsia revelou que tinha duas costelas partidas, o que sugeria que a confissão fora obtida à força.

As duas vítimas de agosto de 1938 provaram ser as últimas do Açougueiro — pelo menos em Cleveland. Em Pittsburgh, em 1940, três corpos decapitados foram encontrados em vagões antigos. Membros da equipa de Ness foram investigar, mas nenhuma pista para o triplo assassinato foi alguma vez descoberta. O Açougueiro Louco também foi culpado pelo assassinato da Black Dahlia em Hollywood em 1947, quando uma aspirante a atriz chamada Elizabeth Short foi dissecada, como a vítima número sete. Parece, no entanto, altamente improvável que o Açougueiro Louco tenha sobrevivido tanto tempo; uma grande percentagem de assassinos sádicos comete suicídio.

O livro de Steven Nickel sobre o caso, *Torso* (1989), deixa claro que havia muitos suspeitos em Cleveland capazes de cometer os assassinos. Um homem, apelidado de «Freud da Galinha», era conhecido pelas prostitutas do terceiro distrito porque só conseguia atingir o orgasmo ao ver uma galinha ser decapitada; ia a um bordel com duas galinhas vivas e uma grande faca de talhante. Prostitutas nuas eram convidadas a decapitar as galinhas enquanto ele observava e se masturbava; se não conseguisse o clímax, a faca ensanguentada tinha de ser esfregada na sua garganta. Finalmente preso, o «Freud da Galinha» revelou-se um condutor de camião que admitiu ter o hábito de manter relações sexuais com galinhas. Mas ficou tão obviamente nauseado ao ver fotografias das vítimas do Torso que foi autorizado a partir.

Por que razão os assassinatos do Torso nunca alcançaram a mesma sombria celebridade que os crimes de Jack, o Estripador? A razão é que Cleveland em meados da década de 1930 era uma cidade muito mais violenta do que Londres na década de 1880, e os crimes tiveram muito menos impacto na imaginação pública do que os assassínios sádicos de prostitutas do Estripador na Londres vitoriana. Dez anos antes do início dos assassinos de Cleveland, seis corpos masculinos decapitados foram encontrados num pântano perto de New Castle, uma pequena cidade a noventa milhas a sudeste de Cleveland. As vítimas nunca foram identificadas; a polícia local concluiu que haviam sido mortas por gângsteres no decurso das guerras do contrabando de álcool e que o pântano era um local conveniente para descarte.

Infelizmente, a última década da vida de Eliot Ness — morreu em 1957, aos cinquenta e quatro anos — foi cheia de pobreza e desilusão. Demitiu-se do cargo de diretor de Segurança de Cleveland em abril de 1941, após um escândalo envolvendo um acidente de atropelamento e fuga. Em 1947, sofreu uma pesada derrota ao candidatar-se ao posto de presidente da câmara de Cleveland. Um ano depois, foi até rejeitado para um emprego de sessenta dólares por semana. «Ele simplesmente ficou sem combustível», disse um amigo.

Em 1953, após cinco anos de obscuridade e pobreza, envolveu-se numa empresa de fabrico de papel que estava à beira da falência. Mas foi através de um amigo dessa empresa que Ness conheceu um jornalista chamado Oscar Fraley e começou a contar-lhe a história dos seus dias de combate ao contrabando de álcool. Nas conversas, Ness disse a Fraley que estava razoavelmente certo de conhecer a identidade do assassino do Torso e que o expulsara de Cleveland.

Ness contou a Fraley o seguinte: raciocinara que o assassino era um homem que possuía uma casa própria onde podia desmembrar os corpos e um carro para os transportar. Portanto, não era, afinal, um indigente. A perícia das mutilações sugeria formação médica, ou pelo menos um certo grau de conhecimento médico. O facto de algumas das vítimas serem homens fortes sugeria que o Açougueiro tinha de ser grande e poderoso — conclusão apoiada por uma pegada de tamanho 12 perto de um dos corpos.

Ness encarregou três dos seus melhores agentes — Virginia Allen, Barney Davis e Jim Manski — de fazerem inquéritos nos círculos mais elevados da sociedade de Cleveland. Virginia era uma mulher sofisticada com contatos entre os socialites de Cleveland, e foi ela quem soube de um homem que parecia o suspeito ideal. O suspeito, a quem Ness chamaria «Gaylord Sundheim», era um homem grande de uma família abastada com historial de problemas psiquiátricos. Também estudara medicina.

Quando os três «Intocáveis» o visitaram, ele lançou um olhar sarcástico a Virginia e fechou-lhes a porta na cara. Ness convidou-o — insistentemente — para almoçar, e ele compareceu sob protesto. Recusou-se tanto a admitir como a negar ter cometido os assassínios. Ness persuadiu-o a fazer um teste de polígrafo, e as respostas de «Sundheim» às perguntas sobre os crimes foram registadas pelo estilete como mentiras. Quando Ness finalmente lhe disse que acreditava ser ele o assassino do

Torso — esperando que táticas de choque desencadeassem uma confissão —, «Sundheim» respondeu com desdém: «Prove-o».

Pouco depois, «Sundheim» internou-se voluntariamente numa instituição psiquiátrica. Ness sabia que ele era agora «intocável», pois mesmo que conseguisse provar a culpa, poderia alegar insanidade.

Ness prosseguiu a colaboração com Fraley num livro intitulado *The Untouchables*. Foi publicado em 1957 e obteve um sucesso imenso, tornando-se um best-seller e dando origem a uma famosa série de televisão. Mas Ness nunca chegou a saber do seu sucesso; morreu de ataque cardíaco a 16 de maio de 1957, seis meses antes de *The Untouchables* ser publicado.

10 Círculos nas Culturas OVNIs, Redemoinhos ou Embusteiros?

A 15 de agosto de 1980, o *Wiltshire Times* publicou um relato estranho sobre o aparente vandalismo gratuito num campo de aveia perto de Westbury, em Wiltshire, Inglaterra. O proprietário do campo, John Scull, descobrira a sua aveia esmagada no chão em três áreas distintas, todas visíveis a partir da famosa Figura do Cavalo Branco de Westbury, uma figura talhada na encosta de giz. Parecia óbvio para Scull que os danos haviam sido causados por pessoas e não por fenómenos naturais, já que as áreas eram idênticas em forma e tamanho: círculos quase perfeitos, cada um com sessenta pés de diâmetro.

Notou-se também que os círculos pareciam ter sido produzidos manualmente e não mecanicamente, pois não havia sinais de que qualquer tipo de maquinaria tivesse atravessado o campo. Na verdade, não parecia haver evidência de nada ter cruzado o terreno; os círculos estavam rodeados por aveia intacta, sem caminhos que indicassem intrusos. Uma especulação foi que os vândalos teriam usado andas.

Uma exame mais atento do cereal achatado revelou que os círculos não haviam sido feitos ao mesmo tempo — na verdade, os danos se estenderam por um período de dois ou três meses, provavelmente entre maio e o final de julho. As bordas dos círculos eram nitidamente definidas, e todo o grão no interior estava achatado na mesma direção, criando um efeito de espiral no sentido dos ponteiros do relógio em torno dos centros. Nenhum dos talos de aveia fora cortado — apenas achatado. O efeito poderia ter sido produzido por um homem muito alto e forte parado no centro de cada círculo e girando um peso pesado numa longa corda.

O Dr. Terence Meaden, físico atmosférico de Bradford-on-Avon nas proximidades e membro sénior da Organização de Investigação de Tornados e Tempestades (TORRO), sugeriu que os círculos haviam sido produzidos por um redemoinho de verão. Tais efeitos de vento não são raros em terras agrícolas abertas. Mas o Dr. Meaden teve de admitir que nunca vira nem ouvira falar de um redemoinho a criar círculos. Os redemoinhos tendem a deslocar-se ao acaso, parando apenas por alguns segundos num mesmo local, pelo que se esperaria um caminho aleatório através da cultura.

Outro facto interessante foi notado por Ian Mrzyglod, editor da revista de «anomalias» *The PROBE Report*. O «ponto central» nos três círculos estava efetivamente descentrado em até quatro pés. Os padrões espirais em torno desses pontos eram, portanto, ovais e não circulares. Isto parecia contradizer a teoria dos vândalos — estes dificilmente se dariam ao trabalho de criar elipses precisas. Também tornava a explicação do redemoinho de Meaden menos plausível.

Quase exatamente um ano depois, a 19 de agosto de 1981, apareceu outra formação de três círculos num campo de trigo abaixo de Cheesefoot Head, perto de Winchester, em Hampshire. Estes círculos haviam sido criados simultaneamente e, ao contrário dos círculos amplamente dispersos de Wiltshire, estavam em formação próxima — um círculo de sessenta pés com dois de vinte e cinco pés de cada lado. Mas as bordas destes círculos tinham a mesma precisão que os de Wiltshire, e novamente o redemoinho das plantas achatadas estava ligeiramente descentrado, criando elipses. E novamente não havia caminhos através do cereal que indicassem intrusos.

As novas provas pareciam minar a teoria das causas naturais. Em vez de um redemoinho estacionário e limpo a criar apenas um círculo, Meaden tinha agora de argumentar a existência de uma perturbação atmosférica que saltitava pela paisagem e produzia círculos de tamanhos diferentes. Meaden sugeriu que peculiaridades do terreno poderiam causar esse efeito — o campo em questão estava numa encosta côncava, em forma de «taça de ponche», e isso poderia ter feito o vórtice «saltar».

Houve alguns relatos isolados de incidentes semelhantes em 1982, mas foram pouco espetaculares e atraíram pouca atenção. Como que para compensar, uma série de fenómenos de cinco círculos começou em 1983, um deles em Bratton, novamente perto do Cavalo Branco de Westbury.

Estes claramente não foram causados por redemoinhos, pois consistiam num grande círculo com quatro menores dispostos à sua volta como o número cinco num dado. Um «quíntuplo» apareceu em Cley Hill, perto de Warminster — uma cidade que, em anos anteriores, tivera mais do que a sua quota de avistamentos de «discos voadores». Outro surgiu num campo abaixo de Ridgeway, perto de Wantage, em Oxfordshire. Os quíntuplos deixaram de ser aberrações e tornaram-se praticamente a norma.

Agora a imprensa nacional começou a cobrir o fenómeno. A imprensa britânica refere-se muitas vezes ao verão como a «estação tonta», porque, por alguma razão estranha, há frequentemente escassez de boas histórias noticiosas nos meses quentes do ano, e os jornais tendem a compensar a deficiência exagerando trivialidades em grandes notícias. Os círculos nas culturas responderam perfeitamente a essa necessidade, com o resultado de que o público britânico depressa se familiarizou com as estranhas formações circulares. Entusiastas de OVNIs apareceram na televisão a explicar que o fenómeno só podia ser explicado por discos voadores. Os céticos preferiam a ideia de fraude.

Esta última visão pareceu confirmada quando um segundo quíntuplo encontrado em Bratton se revelou uma farsa patrocinada pelo *Daily Mirror*; uma família chamada Shepherd foi paga para duplicar os outros círculos de Bratton. Fizeram-no entrando no campo com andas e pisando as culturas. Mas, significativamente, a farsa foi rapidamente detetada por Bob Rickard, editor da revista de anomalias *Fortean Times*, que notou os sinais reveladores de intrusos humanos — que não estavam presentes nos círculos anteriores — e o facto de as bordas dos círculos serem bastante irregulares e imprecisas. O objetivo da farsa era embaraçar o tabloide concorrente, o *Daily Express*, que originalmente dera o furo sobre os círculos nas culturas.

Nos dois anos seguintes, o número de círculos aumentou, assim como a sua complexidade. Apareceram círculos com «anéis» à volta — caminhos achatados de vários pés de largura que corriam em círculo perfeito à volta da borda exterior. Alguns foram mesmo encontrados com dois ou três desses anéis. Ao mesmo tempo, as formações quíntuplas e os «solitários» continuaram a surgir.

Começou a parecer que quem — ou o que — criava os círculos se divertia a provocar os investigadores. Quando os crentes na teoria do redemoinho apontaram que o redemoinho até então fora sempre no sentido

dos ponteiros do relógio, apareceu prontamente um círculo no sentido contrário. Quando se sugeriu que um embusteiro poderia estar a fazer os círculos com a ajuda de um helicóptero, foi encontrado um círculo diretamente por baixo de uma linha de alta tensão. Quando um fotógrafo aéreo chamado Busty Taylor voava para casa depois de fotografar círculos nas culturas e mencionou que gostaria de ver uma formação em forma de cruz celta, uma cruz celta apareceu no dia seguinte no campo sobre o qual ele estivera a voar. E, como que para excluir toda a possibilidade de causas naturais, um «sextuplo» em Hampshire em 1990 tinha objetos semelhantes a chaves a sair dos lados de três círculos, produzindo a impressão de um pictograma antigo. Outro «padrão» de 1990 (em Chilcomb) parecia representar uma espécie de retorta química com um longo pescoço, com quatro retângulos perfeitamente espaçados de cada lado, tornando sem sentido a insistência de Meaden de que os círculos eram causados por «forças atmosféricas naturais».

Rickard reuniu várias descrições oculares da aparição real dos círculos:

Subitamente a erva começou a ondular diante dos nossos olhos e deitou-se plana numa espiral no sentido dos ponteiros do relógio… Um círculo perfeito completou-se em menos de meio minuto, sempre acompanhado por um som agudo de zumbido…

A minha atenção foi atraída por uma «onda» que avançava através das cabeças da cultura cerealífera em linha reta… A agência, embora invisível, comportava-se como um objeto sólido…

Quando chegámos ao local onde os círculos haviam sido feitos, fomos subitamente apanhados num terrível redemoinho… [O cão] enlouqueceu… Houve um som de correria e um ribombar… depois, de repente, tudo ficou em silêncio… Foi assustador… O coro da alvorada parou; o céu escureceu…

O som agudo de zumbido pode ser significativo. Foi notado noutra ocasião, a 16 de junho de 1991, quando um círculo de setenta e cinco pés (com um «centro de alvo» no meio) apareceu em Bolberry Down, perto de Salcombe, em Devon. Um operador de rádio amador local chamado Lew Dilling estava sintonizado numa frequência regular quando surgiram estranhos bipes e cliques agudos. Reconheceu os sons como sendo os

mesmos que outros ouvidos em ligação com incidentes de círculos nas culturas. «Os sinais eram tão poderosos», disse Dilling, «que se ouviam em fundo na Rádio Moscovo e na Voz da América — e normalmente sobreporiam tudo».

O dono do pub local, Sean Hassall, soube do círculo nas culturas indiretamente quando o seu spaniel enlouqueceu e começou a rasgar o tapete, causando danos consideráveis.

O proprietário do campo, Dudley Stidson, foi alertado para o círculo por dois caminhantes. Foi ao campo de feno de seis acres e encontrou um círculo gigante no centro. Mas este diferia de muitos outros círculos pelo facto de o feno estar queimado, como se alguém tivesse colocado uma enorme chapa quente sobre ele. Stidson enfatizou que não havia sinais de intrusão no campo, como trigo pisado.

Outro agricultor local, Peter Goodall, encontrou um círculo de sessenta pés no seu trigo de inverno (em Matford Barton) ao mesmo tempo.

Alguns dias antes destes incidentes ocorrerem, um professor japonês anunciou que resolvera o mistério dos círculos nas culturas. O professor Yoshihiko Ohtsuki, da Universidade Waseda de Tóquio, criara uma bola de fogo de «plasma elástico» — uma forma muito forte de ar ionizado — no laboratório. Quando a bola de fogo tocava numa placa coberta de pó de alumínio, criava belos círculos e anéis no pó.

Ohtsuki sugeriu que bolas de fogo de plasma eram criadas por condições atmosféricas e que achatariam as culturas ao descerem em direção ao chão. Isto certamente soava como se pudesse ser a solução do mistério — até se recordar que alguns dos círculos nas culturas tinham retângulos ou objetos semelhantes a chaves a sair dos lados. Outra objeção era que as bolas de fogo são geralmente do tamanho de bolas de futebol e visíveis a olho nu.

Certamente uma bola de fogo com setenta e cinco pés de diâmetro seria visível a muitos quilómetros? E por que razão nenhum dos testemunhos oculares citados por Rickard viu bolas de fogo, tendo apenas observado o milho a ser achatado numa espiral no sentido dos ponteiros do relógio?

Outra sugestão recente é que um excesso de fertilizante faria o milho onde fosse aplicado crescer muito mais rapidamente do que o que o rodeia, após o qual colapsaria e ficaria deitado no chão. Há duas objeções a esta teoria: por que razão um agricultor pulverizaria um excesso de fertilizante em forma de círculo — ou em desenhos ainda mais complicados? E por que razão o milho colapsaria numa direção no sentido dos ponteiros do relógio?

Num simpósio intitulado *The Crop Circle Enigma* (1990), John Michell fez a sugestão importante de que os círculos nas culturas têm um significado e que «o significado […] se encontra na forma como as pessoas são afetadas por eles». Em conjunto com esta ideia, Michell observou que «Jung discerniu o significado dos OVNIs como agentes e presságios de mudanças nos padrões de pensamento humanos, e essa função foi claramente herdada pelos círculos nas culturas».

Para compreender isto plenamente, temos de ter em mente o conceito de Jung de «sincronicidade» ou «coincidência significativa». A sua visão é basicamente que as «coincidências significativas» são de alguma forma criadas pela mente inconsciente — provavelmente com a intenção de sacudir a mente consciente para um estado de perceção mais aguçado. Sincronicidades absurdas conferem-nos um poderoso sentido de que existe um significado oculto por trás da realidade quotidiana. Certos escritores pessimistas — como Shakespeare e Thomas Hardy — adotaram a visão de que acidentes e desastres indicam uma espécie de inteligência malevolente por trás da vida. A visão de Jung é que as sincronicidades produzem um sentido de inteligência benevolente por trás da vida. Ele sugeriu uma vez que o fenómeno OVNI era um exemplo do que chamou «projeção» — isto é, de um efeito físico de alguma forma produzido pela mente inconsciente, na verdade, pelo «inconsciente coletivo».

Michell sugeria, de facto, que o fenómeno dos círculos nas culturas serve o mesmo propósito. Contudo, dizer, como ele fez, que os círculos nas culturas têm um «significado» poderia também implicar que alguma «outra inteligência» está a tentar influenciar os padrões de pensamento humanos. Esta é uma ideia que circula desde os primeiros avistamentos de OVNIs no final da década de 1940 e foi popularizada por Arthur C. Clarke no guião do filme *2001: Uma Odisseia no Espaço*: especificamente, a noção de que

«inteligências superiores» têm estado envolvidas na evolução do cérebro humano.

A objeção lógica a esta teoria é que «fazer» o homem evoluir é uma contradição em termos; a evolução é o resultado de um impulso interior. Presumivelmente, uma inteligência superior reconheceria isto melhor do que nós. Contudo, é também verdade que a inteligência evolui através de um sentido de curiosidade, de mistério, e que aparentes absurdos como discos voadores e círculos nas culturas qualificam-se certamente como mistérios.

Michell concluiu citando as palavras de Jung de que os OVNIs são «sinais de grandes mudanças por vir que são compatíveis com o fim de uma era». E quer Jung estivesse correto ou não, não há dúvida de que o fenómeno OVNI desempenhou um papel enorme na transformação da consciência humana do estreito materialismo científico da primeira metade do século XX para a atitude muito mais aberta da segunda metade. Quer os círculos nas culturas venham a ter uma explicação «natural» ou não, esta poderá ser a sua significância última na história do final do século XX.

Posfácio: No início de setembro de 1991, vários autoproclamados embusteiros fizeram confissões simultâneas de terem fabricado círculos nas culturas. Dois deles, Dave Chorley e Doug Bower, afirmaram ter estado a fazer círculos nas culturas há treze anos. Fred Day declarou que os fazia «toda a vida». Chorley e Bower demonstraram a sua técnica ao achatar milho num campo com uma tábua diante de câmaras de televisão e investigadores de círculos nas culturas. Tal como no caso da anterior farsa do *Daily Mirror*, os investigadores apontaram que o círculo de Chorley-Bower era visivelmente amador.

À data de redação, a posição tomada pelos «cereólogos» é que, embora alguns dos círculos possam ser farsas, a maioria apresenta sinais de serem genuínos, como perfeição geométrica e uma óbvia ausência de pisoteamento das culturas circundantes por pés humanos. O teste definitivo, claro, será saber se os círculos nas culturas simplesmente deixam de aparecer — o embusteiro mais tolo cansa-se da repetição — ou se, tal como os avistamentos de «discos voadores», continuam a ser tão numerosos como sempre. Os leitores que pegarem neste livro em 2025 estarão em melhor posição para avaliar as possibilidades do que os autores em 2000.

11

A Maldição dos Faraós

A 26 de novembro de 1922, o arqueólogo Howard Carter espreitou por uma pequena abertura acima da porta da tumba de Tutankhamon, segurando uma vela à sua frente. O que viu deslumbrou-o: «por toda a parte o brilho do ouro». Ele e o seu colega Lord Carnarvon tinham feito a maior descoberta da história da arqueologia. Mas alguns dias depois encontraram uma placa de argila com a inscrição hieroglífica: «A morte matará com as suas asas quem perturbar a paz do faraó».

No abril seguinte, Lord Carnarvon morreu de uma doença desconhecida. Em 1929 — apenas seis anos depois — vinte e duas pessoas que haviam estado envolvidas na abertura da tumba tinham morrido prematuramente. Outros arqueólogos rejeitavam as conversas sobre «a maldição dos faraós» como sensacionalismo jornalístico. Contudo, é difícil imaginar que esta longa série de mortes tenha sido apenas uma assustadora coincidência.

Tutankhamon era o herdeiro do «grande herege» Akhenaton (cerca de 1375 a.C. a 1360 a.C.), o primeiro rei monoteísta da história. Abandonou a capital Tebas, com todos os seus templos, e construiu para si uma nova capital, chamada Akhetaton (Horizonte de Aton), num local hoje chamado Tell el-Amarna. Adorava apenas um deus, o deus solar Aton. O seu povo, mais confortável com a multidão de antigos deuses animais, detestava esta nova religião e sentiu alívio quando Akhenaton morreu jovem, ou possivelmente assassinado. (Assim como os sacerdotes!)

O seu sucessor foi o seu genro — possivelmente filho — Tutankhamon, que era apenas uma criança quando subiu ao trono e morreu de um golpe na cabeça aos dezoito anos. Historicamente falando, portanto, Tutankhamon é uma figura insignificante, cujo nome mal merece ser recordado. A sua única realização — se é que se pode chamar assim — foi restaurar a antiga religião e transferir a capital de volta para Tebas.

Ninguém sabe como morreu, se por uma queda ou possivelmente pelo golpe de um assassino.

A parte mais estranha desta história ainda está para vir. O sumo sacerdote (e camareiro da corte) era um homem chamado Ay. Ele tomou o poder e casou com a viúva de Tutankhamon, Enhosnamon, de quinze anos. Reinou menos de quatro anos e, mais uma vez, o trono foi tomado por um usurpador, um general chamado Horemheb, que fora um pouco lento a reagir quando Tutankhamon morreu.

A espera pelo trono parece tê-lo enchido de ressentimento; assim que se tornou faraó, comportou-se como um ditador e pôs-se a apagar os nomes de Akhenaton e Tutankhamon da história; mandou cinzelar os seus nomes de todas as inscrições hieroglíficas e usou as pedras do grande templo do sol em Tell el-Amarna para construir três pirâmides em Tebas. Chegou mesmo a destruir muitas tumbas de cortesãos de Ay e Tutankhamon.

Contudo, omitiu fazer a coisa mais óbvia de todas: destruir a tumba de Tutankhamon e apoderar-se dos seus tesouros para o seu próprio tesouro. Porquê? Uma possível explicação é que a localização da tumba foi mantida secreta. Mas isso é improvável; afinal, Horemheb subiu ao trono apenas quatro anos após a morte de Tutankhamon; mesmo que a localização da tumba fosse secreta, devia haver dezenas de sacerdotes ou trabalhadores que poderiam ter sido «persuadidos» a revelá-la. É natural suspeitar que Horemheb tivesse outra razão para decidir deixar a tumba inviolada…

Howard Carter, o homem que finalmente descobriu a tumba, viera para o Egito ainda adolescente — nascera em 1873 — e, ainda nos seus vinte anos, tornou-se Inspetor-Chefe de Monumentos para o Alto Egito e Núbia. Seguindo o seu conselho, um americano rico, Theodore Davis, começou a escavar o Vale dos Reis em 1902. No ano anterior, ladrões de túmulos tinham montado um ataque armado aos homens que guardavam a recém-descoberta tumba de Amenhotep II — um personagem sanguinário que era o bisavô de Akhenaton — e fugiram com todo o ouro e joias. Carter conseguira capturá-los e processá-los, uma ação que o tornou tão impopular entre os egípcios que ficou sem emprego. Theodore Davis contratou-o como desenhista e, com a ajuda de Carter, fez algumas descobertas surpreendentes, incluindo a tumba de Horemheb, da grande rainha Hatshepsut e do avô de Akhenaton, Tutmés IV.

Foi durante este período que houve um curioso prelúdio à história da maldição dos faraós. Joe Linden Smith era outro desenhista talentoso que trabalhava de perto com os escavadores; estava casado com uma atraente americana de vinte e oito anos chamada Corinna. Entre os seus amigos mais próximos estavam Arthur e Hortense Weigel; Weigel era um arqueólogo inglês, enquanto Hortense, como Corinna, era uma jovem americana.

Um dia, ao descerem a encosta para o Vale das Rainhas, Smith e Weigel depararam com um anfiteatro natural que lhes pareceu o local ideal para a apresentação de uma peça. Decidiram encenar a sua própria «peça de mistério» e convidar a maior parte da comunidade arqueológica de Luxor. Mas o objetivo não era mero entretenimento. Ambos tinham uma imensa admiração por Akhenaton e pelas produções artísticas do seu reinado, muito mais vivas do que as obras estilizadas de outros períodos. O seu objetivo não era menos do que interceder junto dos antigos deuses para levantar a maldição que condenava o espírito de Akhenaton a vaguear por toda a eternidade.

Segundo a tradição, Akhenaton morreu a 26 de janeiro de 1363 a.C. Smith e Weigel decidiram apresentar a sua peça a 26 de janeiro de 1909, e os convites foram enviados. A 23 de janeiro realizaram o ensaio geral. O deus Hórus apareceu e conversou com o espírito errante de Akhenaton — representado por Hortense —, oferecendo-lhe a concessão de um desejo; Akhenaton pediu para ver a sua mãe, a rainha Tiy. A rainha foi convocada por uma cerimónia mágica; falou da sua tristeza ao ver o filho condenado à miséria eterna. Akhenaton respondeu que, mesmo na sua miséria, ainda encontrava conforto no pensamento do deus Aton; pediu à mãe que recitasse o seu hino a Aton…

Quando Corinna Smith começou a recitar o hino, as suas palavras foram abafadas pelo vento que se levantava. Subitamente uma violenta tempestade abateu-se sobre eles; o vendaval soprava areia e pequenas pedras, pelo que os trabalhadores encolhidos pensaram que os deuses os estavam a apedrejar. O ensaio teve de ser abandonado e os atores apressaram-se a regressar ao seu quartel-general, a tumba próxima de Amet-Hu, antigo governador de Tebas. Mais tarde nessa noite, Corinna queixou-se de dores nos olhos e Hortense de cãibras no estômago. Nessa noite ambas tiveram sonhos semelhantes; estavam no templo próximo de

Amon, diante da estátua do deus; ele ganhava vida e golpeava-as com o seu flagelo — Corinna nos olhos, Hortense no estômago.

No dia seguinte, Corinna estava em agonia com os olhos inflamados e teve de ser levada urgentemente a um especialista no Cairo, que diagnosticou um dos piores casos de tracoma — oftalmia egípcia — que alguma vez vira. Vinte e quatro horas depois, Hortense juntou-se a Corinna na mesma clínica; durante a operação ao estômago que se seguiu, esteve quase a perder a vida. A peça teve de ser abandonada.

Howard Carter e Lord Carnarvon haviam sido convidados para a peça; nessa altura Carter trabalhava para Theodore Davis. Em 1914, Davis decidira que já encontrara tudo o que havia para encontrar no Vale dos Reis e abandonou os trabalhos. Carnarvon aproveitou a concessão. Sabia que Davis estava convencido de ter encontrado a sepultura de Tutankhamon, uma sepultura em poço contendo placas de ouro e outros objetos; mas nem Carnarvon nem Carter acreditavam que um faraó seria enterrado de forma tão modesta.

A guerra tornou impossível começar as escavações até 1917. Então Carter começou a escavar, lenta e sistematicamente, movendo centenas de toneladas de entulho deixado por escavações anteriores. Não encontrou nada. Em 1922, Carnarvon sentiu que já gastara dinheiro suficiente no Vale dos Reis. Carter pediu mais uma oportunidade.

A 1 de novembro de 1922, começou novas escavações, abrindo uma vala para sul a partir da tumba de Ramsés IV. A 4 de novembro, os trabalhadores descobriram um degrau abaixo das fundações de algumas cabanas que Carter encontrara numa escavação anterior. Ao fim do dia, doze degraus haviam sido revelados, depois uma porta de pedra selada. Carter apressou-se a enviar um telegrama a Carnarvon em Inglaterra; Carnarvon chegou pouco mais de duas semanas depois.

Juntos, Carnarvon e Carter abriram caminho pela porta selada, num estado de excitação crescente ao perceberem que esta tumba estava virtualmente intacta. A trinta pés abaixo da porta, encontraram uma segunda. Com mãos trémulas, Carter abriu um buraco nos detritos no canto superior e espreitou; a luz da vela mostrou-lhe animais estranhos, estátuas e ouro. Havia carros virados, figuras em tamanho real, divãs dourados, um trono incrustado a ouro. Mas não havia múmia, pois aquela era apenas a

antecâmara. Foi, contudo, nesta antecâmara que encontraram a placa com a inscrição: «A morte matará com as suas asas quem perturbar a paz do faraó». Foi registada por Carter e depois desapareceu — temiam que rumores da inscrição pudessem aterrorizar os trabalhadores. Uma estátua de Hórus também trazia uma inscrição afirmando que era o protetor da sepultura.

A 17 de fevereiro de 1923, um grupo de pessoas ilustres foi convidado a assistir à abertura da própria tumba. Levou duas horas a abrir um buraco até à câmara funerária. Depois, apenas dois conjuntos de portas dobráveis os separavam do magnífico sarcófago de ouro que se tornaria mundialmente famoso; decidiram deixar isso para outro dia. A riqueza que os rodeava deixava-os a todos atordoados.

Carnarvon nunca chegaria a vê-lo. Em abril desse ano, adoeceu. Numa manhã ao pequeno-almoço, tinha uma temperatura de 40 °C, que se manteve durante doze dias; os médicos suspeitaram que ele abrira uma velha ferida com a navalha ao barbear-se, mas a febre sugeria uma picada de mosquito. Howard Carter foi chamado. Carnarvon morreu pouco antes das duas da manhã. Quando a família foi chamada ao seu leito pela enfermeira, todas as luzes apagaram-se subitamente, e tiveram de acender velas.

Mais tarde voltaram a acender-se. Tratou-se de uma falha de energia que afetou todo o Cairo. Algumas versões da morte de Lord Carnarvon afirmam que a falha nunca foi explicada, mas nenhuma delas menciona se alguma indagação foi efetivamente feita junto da Companhia de Eletricidade do Cairo.

Segundo o filho de Lord Carnarvon, outro acontecimento peculiar ocorreu nessa noite; em Inglaterra, o fox terrier preferido de Carnarvon começou a uivar e depois morreu.

Os jornais começaram rapidamente a publicar histórias sobre a «maldição dos faraós». Em parte, a culpa era do próprio Carnarvon; ele vendera os direitos exclusivos da história de Tutankhamon ao *London Times*, e os outros jornais tinham de publicar quaisquer histórias que conseguissem desenterrar ou inventar. Mas a história da maldição mal precisava de retoques jornalísticos. Arthur Mace, o arqueólogo americano que ajudara a desselar a tumba, começou a queixar-se de exaustão pouco

depois da morte de Carnarvon; caiu em coma e morreu no mesmo hotel — o Continental — não muito tempo depois. George Jay Gould, filho do famoso financista americano, veio ao Egito ao saber da morte de Carnarvon, e Carter levou-o a ver a tumba.

No dia seguinte, teve febre; ao cair da noite, estava morto. Joel Wool, um industrial britânico que visitou o local da sepultura, morreu de febre no caminho de regresso a Inglaterra. Archibald Douglas Reid, um radiologista que radiografou a múmia de Tutankhamon, sofreu ataques de fraqueza e morreu ao regressar a Inglaterra em 1924. Nos anos seguintes, treze pessoas que haviam ajudado a abrir a sepultura também morreram, e em 1929 o número subira para vinte e duas.

Em 1929, Lady Carnarvon morreu de uma «picada de inseto», e o secretário de Carter, Richard Bethell, foi encontrado morto na cama devido a um colapso circulatório. O professor Douglas Derry, um dos dois cientistas que realizaram a autópsia à múmia de Tutankhamon, morrera de colapso circulatório em 1925; o outro cientista, Alfred Lucas, morreu de ataque cardíaco aproximadamente na mesma altura.

No seu livro *The Curse of the Pharaohs*, Philip Vandenberg não só lista as mortes associadas a Tutankhamon, como menciona muitos outros arqueólogos ligados ao Egito que morreram prematuramente. Ele observa com que frequência estas mortes parecem envolver uma curiosa exaustão — o próprio Carter sofreu disso, assim como de acessos de depressão — e especula se os antigos sacerdotes do Egito conheceriam venenos ou fungos que conservassem o seu poder ao longo dos séculos.

Entre as mortes prematuras que menciona estão François Champollion, que decifrou a Pedra de Roseta, o grande egiptólogo Belzoni, o médico suábio Theodore Bilharz (depois de quem a doença bilharziose recebeu o nome), o arqueólogo Georg Möller e o próximo associado de Carter, o professor James Henry Breasted. Foi James Breasted quem relatou que Carter adoecera e enfraquecera após escavar a tumba, que por vezes parecia «não estar presente» e que tinha dificuldade em tomar decisões. Carter morreu aos sessenta e seis anos.

Vandenberg inicia o seu livro citando uma conversa que teve com o Dr. Gamal Mehrez, diretor-geral do Departamento de Antigidades do Museu do Cairo. Mehrez, com cinquenta e dois anos, expressou

incredulidade na ideia de uma maldição. «Olhe para mim. Passei toda a minha vida envolvido com tumbas e múmias de faraós. Sou a prova viva de que tudo foi coincidência.» Quatro semanas depois, Mehrez morreu de colapso circulatório…

Contudo, embora o próprio Vandenberg pareça descartar a teoria da coincidência, as suas tentativas de explicar cientificamente a «maldição» são pouco convincentes — chega mesmo a considerar a possibilidade de que a forma da pirâmide possa fazer com que absorva certas energias cósmicas capazes de afetar a saúde humana, e que os egípcios «souberam como influenciar a decadência radioativa».

Os antigos teriam rejeitado tais teorias como absurdas. Para eles, uma maldição era o resultado de um ritual para evocar um «demónio» ou espírito guardião. Tais crenças sobreviveram até aos tempos modernos. O investigador psíquico Guy Lyon Playfair descreveu os anos que passou no Brasil e como investigou assombrações «poltergeist» que pareciam resultar de uma maldição — isto é, de «magia negra».

A maioria dos investigadores do paranormal inclina-se a acreditar que o poltergeist — «fantasma barulhento» — é uma espécie de manifestação inconsciente da mente de um adolescente «perturbado», e que quando objetos voam subitamente pela sala, isso se deve a «psicocinese espontânea». Playfair, embora aceite esta explicação em alguns casos, acabou por acreditar que a maioria dos poltergeists são, de facto, «espíritos» desencarnados. Tais espíritos podem ser persuadidos, por meio de rituais, a «assombrar» certos indivíduos ou a causar perturbações em casas. Quando isso acontece, é chamado outro especialista em candomblé (o candomblé é um culto de influência africana) para dissipar a influência maligna. Na verdade, a magia tradicional ao longo dos tempos baseou-se nesta crença no uso de espíritos para fins mágicos.

Outro investigador moderno, Max Freedom Long, estudou a religião Huna no Havai e convenceu-se de que os sacerdotes huna — conhecidos como kahunas — eram capazes de causar a morte por meio da «oração da morte». Escreve ele:

A verdade era que, ao longo de vários anos durante os quais verifiquei os dados através de médicos que frequentavam o Queen’s Hospital em Honolulu, não passou um ano sem que uma ou mais vítimas da potente

magia morressem, apesar de tudo o que os médicos do hospital pudessem oferecer em auxílio.

Os kahunas, diz Long, acreditam que o homem tem três «eus» ou almas, conhecidos como o eu inferior, o eu médio e o eu superior. O eu inferior corresponde aproximadamente ao que Freud chamou de inconsciente; controla as forças vitais do homem e parece ser predominantemente emocional. O eu médio é a «consciência ordinária» do homem, o seu eu quotidiano. O «eu superior» poderia ser chamado de mente superconsciente; possui poderes desconhecidos para o eu quotidiano. Estes três eus habitam o corpo e separam-se dele após a morte. Mas por vezes um «eu inferior» pode desprender-se dos outros dois. Torna-se um «espírito preso à terra» do tipo que causa perturbações poltergeist. O eu inferior, segundo os kahunas, possui memória, enquanto o eu médio não. Assim, um «eu médio» desencarnado, separado dos outros dois, é uma assombração errante sem memória — o que consideraríamos um fantasma.

Segundo Long, a «oração da morte» envolve «espíritos inferiores» desencarnados, altamente suscetíveis à sugestão, e que podem ser facilmente persuadidos a obedecer. A vítima da oração da morte experimenta um entorpecimento crescente à medida que os espíritos drenam as suas energias vitais.

Long obteve grande parte da sua informação sobre os kahunas (registada no seu livro *The Secret Science Behind Miracles*) de um médico, William Tufts Brigham, que os estudara durante muitos anos. Brigham contou-lhe uma história típica da oração da morte. Contratara um grupo de havaianos para subir uma montanha, e um rapaz de quinze anos adoeceu, sentindo um entorpecimento que subia dos pés. Disse a Brigham que era vítima da oração da morte. O kahuna da sua aldeia odiava a influência dos homens brancos e declarara que qualquer havaiano que trabalhasse para os brancos se tornaria vítima da oração da morte. Quando o rapaz aceitou o trabalho com Brigham, o kahuna soube-o por clarividência e invocou a oração da morte.

Os havaianos, que também acreditavam que Brigham era um mago, pediram-lhe que tentasse salvar o rapaz. Brigham decidiu tentar. Partindo do princípio de que o jovem estava a ser atacado por «espíritos inferiores» altamente sugestíveis, posicionou-se sobre ele e dirigiu-se aos atacantes,

lisonjeando-os e argumentando que o rapaz era uma vítima inocente, dizendo-lhes que era o feiticeiro quem os enviara que deveria ser destruído.

Manteve a mente concentrada nesta ideia durante mais uma hora, quando subitamente a tensão pareceu desaparecer e sentiu um alívio. O rapaz declarou que agora conseguia voltar a sentir as pernas. Quando Brigham visitou a aldeia do rapaz, soube que o kahuna morrera, após ter dito aos aldeões que o «mago branco» redirecionara os espíritos para o atacarem. Horas depois estava morto. Brigham pensou que ele se deitara cedo, acordara e se encontrara sob ataque, altura em que já era demasiado tarde.

Long acredita que os kahunas tiveram origem em África, possivelmente no Egito. «A sua jornada começou no 'Mar Vermelho de Kane', o que se encaixa perfeitamente na ideia de que vieram do Egito através do Mar Vermelho.»

Os egípcios também acreditavam que o homem é um ser múltiplo, um corpo animado por vários espíritos, os principais sendo o *ka* ou duplo (correspondendo aproximadamente ao que por vezes se chama «corpo astral»), o *ba*, ou alma-coração, e o *khu*, ou alma espiritual. Havia ainda o *ab* (alma-coração), *khaibit* (sombra), *sekhem* (ou força vital) e o *ren*, o nome do homem.

Long escreve: «No Egito, como seria de esperar […] há vestígios definitivos do sistema kahuna», e prossegue descrevendo em detalhe as crenças egípcias. Acredita que os kahunas chegaram ao Havai passando pelo Egito, e também deixaram vestígios do seu sistema na religião hindu.

Os estranhos efeitos debilitantes experimentados por alguns dos arqueólogos, incluindo Carter, soam de muitas maneiras como os efeitos da oração da morte descritos por Brigham e Long. Mas não é necessário estabelecer uma ligação direta entre os kahunas do Havai e a religião do antigo Egito. Se Long e Playfair estiverem corretos, e os poltergeists ou «espíritos inferiores» podem ser usados para fins mágicos, então é lógico acreditar que foram usados pelos sacerdotes do antigo Egito como os «guardiões da tumba».

Em *A Search in Secret Egypt*, o ocultista inglês Paul Brunton descreve uma noite passada na Câmara do Rei na Grande Pirâmide. Fala de «uma estranha sensação de que não estava sozinho», que se desenvolveu num

sentimento de estar rodeado por «seres antagónicos». «Criações elementais monstruosas, horrores malignos do submundo, formas de aspeto grotesco, insano, grosseiro e demoníaco reuniram-se à minha volta… O fim veio com uma súbita violência. Os invasores fantasmas malevolentes desapareceram…» Depois disso, Brunton experimentou a sensação de que um ser benevolente estava presente na câmara, e depois pensou ter visto dois sumos sacerdotes.

Vandenberg, que cita isto, admite que tudo pode ter sido imaginação de Brunton. Mas prossegue descrevendo como, ao visitar a pirâmide em 1972, uma mulher gritou, depois caiu e ficou incapaz de se mover. Disse mais tarde a Vandenberg: «Foi como se algo me tivesse atingido de repente». O guia disse-lhe que tais ataques não eram invulgares.

Se estes efeitos estranhos forem apenas resultado da imaginação, então é também argumentável que o mesmo se aplique à maldição dos faraós. Afinal, Carnarvon morreu de algo que se assemelhava a uma picada de mosquito, outros de ataques cardíacos, outros de falência circulatória — nada que soe como o entorpecimento progressivo da maldição da morte. Num programa da BBC sobre a maldição dos faraós, Henry Lincoln, investigador do mistério de Rennes-le-Château, afirmou categoricamente: «Nunca houve uma maldição dos faraós». É certamente mais confortável pensar assim.

12

As Pegadas do Diabo

O inverno de 1855 foi excecionalmente rigoroso, mesmo no sudoeste de Inglaterra, onde os invernos são geralmente amenos. Na manhã de 8 de fevereiro, Albert Brailsford, o diretor da escola da aldeia em Topsham, Devon, saiu pela porta da frente e verificou que nevara durante a noite. Ficou intrigado ao notar uma linha de pegadas — ou melhor, de cascos — que descia a rua da aldeia. À primeira vista pareciam as pegadas normais de um cavalo ferrado; mas ao olhar mais de perto percebeu que isso era impossível, pois as pegadas corriam numa linha contínua, uma à frente da outra.

Se fosse um cavalo, teria de ter apenas uma perna e saltitar pela rua. E se a criatura desconhecida tivesse duas pernas, então teria colocado uma cuidadosamente à frente da outra, como se caminhasse numa corda bamba.

O que era ainda mais estranho era que as pegadas — cada uma com cerca de dez centímetros de comprimento — estavam apenas a vinte centímetros de distância umas das outras. E cada pegada era muito nítida, como se tivesse sido marcada na neve congelada com um ferro em brasa.

Os habitantes de Topsham seguiram rapidamente o rasto para sul através da neve. E pararam estupefactos quando as pegadas de casco pararam diante de um muro de tijolos. Ficaram ainda mais perplexos quando alguém descobriu que continuavam do outro lado do muro, e que a neve no topo do muro estava intacta. As pegadas aproximaram-se de um palheiro e continuaram do outro lado, embora o feno não mostrasse sinais de que uma criatura pesada tivesse trepado por cima dele. As pegadas passaram por baixo de arbustos de groselhas e foram mesmo vistas em telhados. Começava a parecer que algum brincalhão insano decidira apresentar à aldeia um enigma insolúvel.

Mas depressa ficou claro que esta explicação também estava fora de questão. Investigadores entusiasmados seguiram as pegadas quilómetro após quilómetro pelo campo de Devon. Pareciam vaguear erraticamente por várias pequenas cidades e aldeias — Lympstone, Exmouth, Teignmouth, Dawlish, até Totnes, aproximadamente a meio caminho de Plymouth. Se fosse um brincalhão, teria de ter percorrido quarenta milhas, grande parte delas através de neve profunda.

Além disso, um tal brincalhão certamente se apressaria para cobrir a maior distância possível; na verdade, as pegadas aproximavam-se frequentemente de portas da frente, depois mudavam de ideias e afastavam-se novamente. Em algum ponto a criatura atravessara o estuário do rio Exe — parecia que a travessia fora entre Lympstone e Powderham. Contudo, também havia pegadas em Exmouth, mais a sul, como se tivesse voltado para trás. Não havia lógica no seu percurso errante.

Em alguns locais parecia que a «ferradura» tinha uma fenda, sugerindo um casco fendido. Era o auge da era vitoriana, e poucas pessoas do campo duvidavam da existência do Diabo. Homens armados com espingardas e forcados seguiram o rasto; quando a noite caiu, as pessoas trancaram as portas e mantiveram espingardas carregadas ao alcance da mão.

Passou mais uma semana até que a história chegasse aos jornais; a 16 de fevereiro de 1855, o *London Times* relatou o caso, acrescentando que a maioria dos jardins em Lympstone apresentava algum vestígio do estranho visitante. No dia seguinte, o *Plymouth Gazette* publicou um relato e mencionou a teoria de um clérigo segundo a qual a criatura poderia ter sido um canguru – aparentemente sem saber que um canguru tem garras. Um relatório no *Exeter Flying Post* fez a sugestão ligeiramente mais plausível de que se tratava de uma ave. Mas um correspondente no *Illustrated London News* rejeitou essa ideia, observando que nenhuma ave deixa uma pegada em forma de ferradura. Acrescentou que passara cinco meses de inverno nos matagais do Canadá e nunca vira uma pista tão claramente definida.

No *Illustrated London News* de 3 de março, o grande naturalista e anatomista Richard Owen anunciou dogmaticamente que as marcas eram da pata traseira de um texugo e sugeriu que muitos texugos teriam saído da hibernação nessa noite em busca de alimento. Não explicou por que todos esses texugos teriam saltitado sobre uma única pata traseira. (Cinco anos depois, seria igualmente dogmático – e igualmente errado – sobre Charles Darwin e a origem das espécies.) Outro correspondente, um médico, descreveu como ele e outro médico "dedicaram considerável tempo a tentar descobrir as peculiaridades desta impressão singularíssima" (os vitorianos adoravam este tipo de linguagem pomposa).

Afirmou que, numa exame mais minucioso das pistas, conseguiam distinguir claramente as impressões dos dedos e da almofada da pata de um animal. O seu candidato era uma lontra. Outro correspondente, que se assinava "Ornither", estava convencido de que se tratavam das pegadas de uma abetarda-grande, cujos dedos externos, alegava, eram arredondados. Outro cavalheiro, de Sudbury, disse ter visto recentemente impressões de ratos à volta de um canteiro de batatas e que pareciam exatamente os desenhos das "pegadas do diabo". Achava que os ratos teriam estado a saltar pela neve, aterrando com todo o peso do corpo e produzindo uma impressão aproximadamente em forma de ferradura.

Um correspondente escocês pensava que o culpado poderia ser uma lebre ou um furão a saltar pela neve. Estas sugestões são menos absurdas do que parecem. Certamente explicariam a característica mais desconcertante das pegadas – o facto de se seguirem umas às outras, como

se feitas por um animal de uma só perna. Mas ainda assim não explicam por que continuaram por cerca de quarenta milhas.

Talvez a hipótese mais provável seja a avançada por Geoffrey Household, que editou um pequeno livro com toda a correspondência principal sobre o assunto. Comenta o seguinte, numa carta ao autor:

Penso que o estaleiro naval de Devonport libertou, por acidente, algum tipo de balão experimental. Este soltou-se das suas amarrações e arrastou duas manilhas na extremidade de cordas. A impressão deixada na neve por essas manilhas subiu pelas paredes das casas, sobre palheiros, etc. [...] Um major Carter, homem local, diz-me que o avô dele trabalhava em Devonport na altura e que tudo foi abafado porque o balão destruiu vários jardins de inverno, estufas, janelas, etc. Diz que o balão acabou por descer em Honiton.

Esta informação é fascinante e bem poderia representar a solução do mistério. Mas, se assim for, ainda resta uma grande anomalia a explicar. Um olhar para o mapa das "pegadas" mostra que estas serpenteavam numa espécie de círculo entre Topsham e Exmouth. Um balão fugitivo derivaria de forma tão errática? Com certeza o seu percurso tenderia a ser mais ou menos em linha reta, na direção do vento predominante que, além disso, soprava de leste.

O facto de ter demorado uma semana para o primeiro relato do mistério aparecer na imprensa significa que certas pistas vitais se perderam para sempre. Seria interessante saber, por exemplo, se a neve que caiu nessa noite foi a primeira de fevereiro de 1855. Fora um inverno rigoroso nesse ano e muitos pequenos animais, incluindo ratos, coelhos e texugos, deveriam estar meio famintos em fevereiro e ter saído à procura de alimento. A carta ao *Plymouth Gazette* (datada de 17 de fevereiro) começa assim: "Na noite de quinta-feira, dia 8 de fevereiro, verificou-se uma forte queda de neve, seguida de chuva e vento forte de leste, e de manhã geada".

Os pequenos animais provavelmente tinham saído todas as noites, mas só nessa manhã de sexta-feira, com o tapete fresco de neve, as suas pegadas foram notadas pela primeira vez. Essas pegadas teriam afundado profundamente na neve macia e teriam sido ainda mais aprofundadas pela chuva antes de congelarem solidamente. Isso explicaria por que pareciam "marcadas a ferro" na neve.

Mas se o chão já estivesse coberto de neve antes da noite de 8 de fevereiro, então mais uma teoria plausível teria de ser abandonada. E, de qualquer modo, esta falha em explicar como as pistas conseguiram vaguear por telhados e palheiros... A esta distância no tempo, a única certeza parece ser que o mistério é agora insolúvel.

13

Terá Philip K. Dick sido possuído por um anjo?

À data da sua morte, em março de 1982, Philip K. Dick tornara-se talvez o mais respeitado dos escritores modernos de ficção científica. A razão para isso foi expressa num ensaio sobre Dick por Brian Stableford: "Fez mais do que qualquer outro para abrir as questões metafísicas à análise ficcional científica". Foi também, com a possível exceção de H. P. Lovecraft, o mais neurótico dos grandes escritores de ficção científica, obcecado pela noção de que os seres humanos estão presos numa teia de irrealidade.

A sua mania de perseguição desenvolveu-se ao ponto de poder ser, sem dúvida, descrito como um esquizofrénico paranóico. No entanto, para o fim da vida, Dick convenceu-se de que fora "tomado" por uma espécie de super-alienígena que prosseguiu reorganizando a sua vida. E embora Lawrence Sutin, na sua biografia completa de Dick, *Divine Invasions* (1991), lance dúvidas sobre algumas das alegações de Dick, o caso é demasiado complexo para ser descartado como mera autoilusão.

Philip Kindred Dick foi um menino excessivamente sensível cuja infância não foi propícia a torná-lo otimista e confiante. A sua irmã gémea morreu pouco depois do nascimento – como resultado, acreditou mais tarde, da negligência da mãe. Era uma criança solitária; a mãe era fria e, nas palavras de Sutin, "emocionalmente contida". Sofria frequentemente de dores e passava longos períodos acamada – padecia da doença de Bright.

O próprio Dick sofria de asma e tinha fobias relacionadas com comer e engolir. Era uma criança introvertida que gostava de se refugiar em devaneios de cowboys; resistia a todas as tentativas do pai de o interessar por desportos. Os pais divorciaram-se quando ele tinha cinco anos. Aos nove, ele e a mãe mudaram-se para Berkeley, Califórnia, onde Dick

frequentou o ensino secundário. A relação com a mãe, que era esguia e bonita, tinha tons freudianos clássicos; quando era adolescente, chegou a sonhar que dormia com ela. Saiu finalmente de casa aos dezanove anos – alegou que a mãe ameaçou chamar a polícia para o impedir – e mudou-se para uma pensão boémia habitada por artistas gays. Desde os quinze anos trabalhava numa loja local de televisões e discos e assim conseguia sustentar-se.

Aos dezanove anos, Dick ainda era virgem e nunca beijara uma rapariga. Então uma das suas clientes – uma mulher baixa e acima do peso chamada Jeanette, dez anos mais velha – resolveu a situação numa arrecadação no porão, e Dick decidiu casar com ela; foi a primeira de cinco esposas. Dois meses depois do casamento, Jeanette disse-lhe que tinha direito a ver outros homens; ele atirou as coisas dela para fora do apartamento e mudou as fechaduras.

A sua vida amorosa tornou-se esporádica e pouco satisfatória; uma mulher por quem se apaixonou preferiu o seu sócio na loja; outra fugiu com uma lésbica. Outra bela mulher com quem teve um caso largou-o por ele ser tão socialmente desajeitado. Um colapso nervoso – acompanhado de agorafobia – levou-o a abandonar a Universidade da Califórnia um ano depois. “Consegui tornar-me universalmente detestado onde quer que fosse”, disse mais tarde a um entrevistador. Isso levou-o, disse, a identificar-se com os fracos e a fazer dos heróis das suas histórias seres fracos.

Desde cedo Dick foi obcecado pela dor e pela miséria. Regista que aos quatro anos o pai, que combatera no Marne na Primeira Guerra Mundial, lhe contou sobre ataques com gás e homens com as tripas rebentadas. E durante a Segunda Guerra Mundial, ainda criança, viu um noticiário que mostrava um soldado japonês atingido por um lança-chamas e que “ardia e corria, e ardia e corria”, enquanto o público aplaudia e ria. Dick escreveu sobre o incidente: “Fiquei atordoado de horror... e pensei que algo está terrivelmente errado”. Num ensaio autobiográfico escreveu: “O sofrimento humano e animal deixa-me louco; sempre que um dos meus gatos morre, amaldiçoo Deus e falo a sério; sinto fúria contra ele. Gostaria de o apanhar onde pudesse interrogá-lo, dizer-lhe que acho o mundo estragado, que o homem não pecou e caiu mas foi empurrado”. Forçado a matar um rato

apanhado numa ratoeira no quarto dos filhos, ficou assombrado para o resto da vida pelos seus gritos.

Em jovem, Dick teve impulsos de crueldade, mas após um incidente na infância em que atormentou um besouro, o impulso desapareceu subitamente e foi substituído por um sentido de unidade da vida – o que chamou satori: "Nunca mais fui o mesmo".

A obsessão de Dick com o problema da crueldade assemelhava-se à do escritor russo Dostoiévski, cujo Ivan Karamazov confessa que a crueldade e brutalidade do mundo o fazem querer "devolver a Deus o seu bilhete de entrada". Não é surpreendente, portanto, que a primeira história de ficção científica de Dick, "Beyond Lies the Wub", trate de exploradores espaciais num planeta alienígena que compram uma criatura parecida com um porco chamada wub, que se deleita a discutir filosofia com eles – enquanto o único desejo deles é comê-la.

Uma história posterior de wub descreve como o pelo de wub é usado para encadernar livros porque é auto-reparável, embora o pelo faça os textos alterarem-se. O *Age of Reason* de Thomas Paine desaparece completamente – expressão do sentimento de Dick de que é uma forma absurda de hybris os seres humanos acreditarem que são criaturas racionais.

A partir daí, a maior parte da obra de Dick tem um traço mórbido, para não dizer paranóico. Em "Second Variety", as máquinas descontrolam-se e criam duplicados humanos para atrapar os reais. "The Imposter" trata de um homem que se vê sujeito à experiência de pesadelo de ser suspeito de ser uma bomba-robô; o twist final da história é que isso acaba por ser verdade. (As primeiras histórias de Dick foram fortemente influenciadas pela obra do escritor mais velho de ficção científica A. E. van Vogt, que frequentemente escolhe temas semelhantes – p. ex., um herói preso num mundo de pesadelo de mal-entendidos aparentemente insanos – embora a sua visão de base seja otimista.)

Há uma qualidade kafkiana na obra de Dick, que frequentemente apresenta indivíduos atormentados por complicações intermináveis que frustram todas as tentativas de ação intencional. Tal como muitos escritores modernos – notoriamente Arthur C. Clarke –, Dick gosta de brincar com a ideia de computadores desenvolverem inteligência própria e tomarem o lugar dos humanos. Está também inclinado a experimentar a ideia de que a

palavra “realidade” não tem significado – que, em vez disso, há tantas “realidades” quantos os seres vivos e que a noção de “realidade” é portanto puramente subjetiva. Esta visão, claro, leva facilmente ao solipsismo, a crença de que somos a única pessoa no universo. Afinal, se a realidade à nossa volta é “relativa” e auto-criada, então talvez as outras pessoas sejam ilusões que criamos para nos defendermos do reconhecimento da nossa solidão.

Um dos primeiros romances de Dick, *Eye in the Sky* (1957), encapsula as suas visões sobre a “realidade”: um grupo de pessoas vê-se numa “realidade alternativa” onde as crenças das outras pessoas podem tornar-se “realidade”; um culto religioso impõe as suas próprias visões na mente de todos. Depois percebem que estão presos na realidade insana de um dos seus elementos. Quando escapam dessa ilusão, encontram-se imediatamente presos noutra. O seu regresso à “realidade” é um processo doloroso em que têm de escapar à “realidade individual” de cada membro do grupo. Mas nesta obra inicial Dick pelo menos acredita que um “regresso à realidade” é possível. A sua obra posterior torna-se mais sombriamente pessimista, impregnada da convicção subjacente de que não há uma “realidade” global, apenas as nossas ilusões individuais. Isto pode ser visto como uma versão dramatizada da filosofia pessimista de Schopenhauer e possivelmente da de Buda.

Em 1963, Dick alcançou finalmente um reconhecimento relativamente amplo com um romance intitulado *The Man in the High Castle*, que venceu o Prémio Hugo para o melhor romance de ficção científica do ano. É outro romance de “realidade alternativa”, sobre um mundo em que os Aliados perderam a Segunda Guerra Mundial, com o resultado de a América estar dividida numa zona alemã e numa zona japonesa. Uma personagem chamada Tagomi tem lampejos de uma realidade alternativa em que os Aliados venceram a guerra, mas parecem absurdos. Dick aparentemente delineou este romance com a ajuda do *I Ching*, o livro chinês dos oráculos; o resultado é uma certa qualidade arbitrária.

Um romance posterior, *Do Androids Dream of Electric Sheep?*, trata de uma tentativa de “pessoas reais” de erradicar os robôs que tentam tomar conta da Terra e que são virtualmente indistinguíveis dos humanos. (Foi adaptado num filme de sucesso, *Blade Runner*.) Toda a obra de Dick parece expressar o seu próprio sentido de ter uma fundação extremamente

insegura na realidade e a sua incapacidade de lidar com a vida. Escreveu: "Para nós... não pode haver sistema. Talvez todos os sistemas... sejam manifestações de paranoia. Devemos contentar-nos com o sem sentido, o contraditório, o hostil".

Entretanto, a vida de Dick oscilava de crise em crise: colapsos nervosos, tentativas de suicídio, divórcios, romances escritos a toda a velocidade para evitar dívidas, delírios paranóicos – em certo momento, viu uma grande face metálica, com fendas no lugar dos olhos, a olhar para ele do céu. As suas relações sexuais lembravam as do dramaturgo sueco Strindberg; repetidamente parecia que o escritor solitário e cheio de medos encontrara a paz quando alguma mulher atraente pensava poder dar-lhe a segurança de que precisava.

Mas a sua instabilidade fundamental destruía todas as relações. E a sua solidão e paranoia provocavam bloqueios de escritor. O seu biógrafo observa: «Se há um estado de espírito dominante nos seus romances do final dos anos 60, é o de uma noite escura da alma». Os próprios romances têm habitualmente uma atmosfera sufocante, sem ar, que contrasta fortemente com o vento da realidade que parece soprar através do melhor de Tolstói ou Hemingway.

Uma discussão que teve com o escritor de ficção científica Harlan Ellison parece encarnar tudo o que havia de errado em Dick. Numa conferência de ficção científica em Metz, França, Dick confundiu e aborreceu o público com um discurso tipicamente divagante intitulado «If You Find This World Bad, You Should See Some of the Others». Os presentes suspeitaram que estivesse bêbado ou drogado. (Na realidade, era viciado em numerosos medicamentos prescritos.) Dick e Ellison já se tinham separado antes porque Ellison o considerava pouco fiável e «possivelmente louco». Quando se encontraram no bar, envolveram-se num amargo debate filosófico que era basicamente uma briga. A namorada de Dick na altura dá um retrato memorável do encontro:

Phil era muito oposto a Harlan. Harlan é muito convencido, falador, fixe, e ali está Phil a fazer clunk clunk clunk. Phil não era um homem muito elegante ou seguro de si. Tabaco a cair-lhe do nariz, noventa e dois pontos na gravata – sabes como é. E Harlan achava que Phil tratava as pessoas muito mal porque se afastava, se perdia, fazia com que as pessoas o sustentassem em vez de ser ele o mestre do seu próprio barco.

De qualquer modo, meteram-se num enorme debate. Phil sai-se muito bem nestes tipos de situações. Ali está Harlan a bater no peito, e Phil era mais filósofo. Phil esteve ótimo – mais dinâmico e sexy do que eu alguma vez o vira.

Claramente, Dick conseguia recompor-se e organizar as suas ideias. No entanto, como Ellison percebeu, preferia «fazer com que as pessoas o sustentassem em vez de ser ele o mestre do seu próprio barco».

Mas a 2 de março de 1974, Dick viveu uma «visão» que transformou a sua vida. Mais tarde contou ao entrevistador Charles Platt: «A minha angústia mental foi simplesmente removida de mim como por um fiat divino... Algum poder divino transcendente, que não era maligno, mas benigno, interveio para restaurar a minha mente, curar o meu corpo e dar-me um sentido da beleza, da alegria, da sanidade do mundo».

Em fevereiro de 1974, Dick estava convencido de que era perseguido tanto pelas autoridades americanas como pelas soviéticas; estava também convencido de que estava destinado a morrer no mês seguinte.

Uma noite, deitado acordado e a lutar contra «temor e melancolia», começou a ver luzes a rodopiar. Uma semana depois teve novamente visões, mas desta vez de «pinturas abstratas modernas perfeitamente formadas» – centenas de milhares delas a substituírem-se umas às outras a uma velocidade deslumbrante. Depois experimentou a «viagem do Bardo Thodol» (uma viagem após a morte, tal como descrita no Livro Tibetano dos Mortos) e encontrou-se cara a cara com a deusa Afrodite. Depois disso começou a ouvir vozes femininas enquanto pairava em estados hipnagógicos à beira do sono.

A 16 de março «apareceu – em fogo vívido, com cores brilhantes e padrões equilibrados – e libertou-me de todo o jugo, interior e exterior». Dois dias depois «isso, de dentro de mim, olhou para fora». Em outras palavras, Dick sentia agora outro ser dentro de si; estava «possuído». Mas a entidade parecia benigna: «Negava a realidade, o poder, a autenticidade do mundo, dizendo: 'Isto não pode existir; não pode existir'». Dois dias depois: «Apoderou-se de mim por completo, elevando-me das limitações da matriz espaço-tempo; dominou-me ao mesmo tempo que eu sabia que o mundo à minha volta era de cartão, uma falsificação. Pelo seu poder vi subitamente o universo tal como ele era; pela sua perceção vi o que

realmente existia, e pelo seu poder de decisão sem pensamento, agi para me libertar».

Tudo isto soa como o típico delírio divagante de um psicótico. No entanto, o que realmente aconteceu não esteve de modo algum inteiramente no reino da fantasia. Dick tinha a convicção de que receberia uma carta que o mataria. A sua mulher, Tessa, confirma que uma manhã ele selecionou uma carta de um grande maço de correio, entregou-lha sem abrir e disse-lhe que era aquilo que estivera à espera. Na realidade, tratava-se de uma fotocópia de uma crítica de livro sobre o declínio do capitalismo americano, e todas as palavras negativas, como morrer, declínio, decadência e decomposição, tinham sido sublinhadas. Paranóico ou não, Dick parecia possuir um sexto sentido que lhe permitia detetar a carta estranha sem a abrir.

Agora, diz Dick, foi tomado pela «inteligência». «Às quintas e sábados pensava que era Deus, às terças e quartas pensava que era extraterrestre... Pôs-se a curar-me fisicamente, [bem como] o meu filho de quatro anos, que tinha um defeito congénito potencialmente fatal não diagnosticado de que ninguém tinha conhecimento».

A «inteligência», a que Dick chamou VALIS (Vast Active Living Intelligence System – Sistema Inteligente Vivo Ativo Vasto), disparava informação para o seu cérebro por meio de feixes de luz cor-de-rosa. Disse-lhe que o seu filho Christopher sofria de uma hérnia inguinal potencialmente fatal. Os Dick verificaram com o médico e descobriram que a informação era correta; a hérnia foi resolvida com uma operação.

Dick contou a Charles Platt:

Esta mente estava equipada com um conhecimento técnico tremendo – engenharia, medicina, cosmologia, filosofia. Tinha memórias que remontavam a mais de dois mil anos, falava grego, hebraico, sânscrito, não havia nada que não parecesse saber.

Imediatamente pôs-se a pôr os meus assuntos em ordem. Despediu o meu agente e o meu editor. Remargou a minha máquina de escrever. Era muito prático; decidiu que o apartamento não tinha sido aspirado recentemente o suficiente; decidiu que eu devia deixar de beber vinho por causa do sedimento – veio a descobrir-se que eu tinha uma abundância de ácido úrico no organismo – e passou-me para a cerveja. Cometia erros

elementares, como chamar «ele» ao cão e «ela» ao gato – o que irritava a minha mulher; e continuava a tratá-la por «senhora».

A sua mulher, Tessa, disse ao biógrafo de Dick, Lawrence Sutin, que não tinha dúvidas da genuinidade destas experiências «místicas». Mas ela própria também tinha razões para acreditar que havia algum fundamento na paranoia do marido. Dick pensava que a rádio transmitia programas em que um cantor popular o insultava, lhe dizia que não valia nada e o aconselhava a morrer. Isto soa como uma típica ilusão esquizofrénica. Mas a própria Tessa verificou que a rádio se ligava às duas da manhã e tocava música (ela não ouvia a voz); o estranho era que a rádio estava desligada da tomada.

Dick prossegue:

A minha mulher ficou impressionada com o facto de que, devido à tremenda pressão que esta mente exercia sobre as pessoas do meu meio, ganhei bastante dinheiro muito rapidamente. Começámos a receber cheques de milhares de dólares – dinheiro que me era devido, de que a mente tinha consciência que existia em Nova Iorque mas que nunca fora pago. E levou-me ao médico que confirmou os seus diagnósticos das várias doenças que eu tinha... fez tudo menos forrar as paredes do apartamento. Também disse que ficaria como meu espírito tutelar. Tive de procurar «tutelar» para ver o que significava.

Sutin confirma que Dick galvanizou o seu agente – aquele que despedira temporariamente – para perseguir royalties atrasados da Ace Books e que o agente conseguiu enviar-lhe um cheque de 3000 dólares.

Tessa também confirmou que Dick normalmente se recusava a ir ao médico, mas que o «espírito» insistiu e que o médico mandou imediatamente Dick internar-se num hospital para tratamento de tensão arterial elevada. Saiu fisicamente muito melhorado. A mulher escreveu: «Tornou o Phil mais divertido de se conviver. Todos os dias traziam uma aventura». E as suas experiências culminaram nesta perceção: «Este não é um mundo mau... Há um mundo bom sob o mau. O mal está de algum modo sobreposto a ele... e quando é retirado, a criação pristina e radiante torna-se visível».

A vida de Dick começou a melhorar. Sempre fora pobre. Em 1974 ganhou 19 000 dólares, e no ano seguinte, 35 000. À medida que a sua reputação aumentava, também cresciam as exigências de entrevistas, e um

número crescente dos seus romances era traduzido para línguas estrangeiras. Vários livros foram adquiridos por Hollywood, e um deles, como já foi mencionado, tornou-se num filme clássico, *Blade Runner*. Quando Dick morreu – de um acidente vascular cerebral e insuficiência cardíaca – em 1982, já alcançara estatuto de culto entre milhares de fãs de ficção científica e tornara-se uma espécie de lenda.

Até que ponto podemos aceitar a própria avaliação de Dick sobre a sua experiência de «possessão»? O seu biógrafo, Lawrence Sutin, mostra-se obviamente ambivalente quanto ao assunto. No entanto, o título do seu livro, *Divine Invasions*, indica que considera a experiência a mais importante na vida de Dick. A sua ambivalência é compreensível. Dick soa como um esquizofrénico paranóico, e os esquizofrénicos paranóicos têm «visões». Contudo, há evidência fatual suficiente para sugerir que Dick talvez não estivesse a sofrer de delírios.

O problema, claro, é que um ser humano racional acha praticamente impossível acreditar em «possessão» – exceto como rótulo psiquiátrico. O capítulo 42 deste livro argumenta que tal atitude pode não ser tão razoável como parece. Depende da suposição de que «espíritos» desencarnados não podem existir, e embora ninguém discorde que esta é uma suposição perfeitamente sensata para um ser humano racional e prático, não podemos assumir que seja verdadeira só por esse motivo. E se estivermos dispostos a admitir sequer a possibilidade lógica de espíritos, então também admitimos a possibilidade lógica de «possessão».

Um psiquiatra americano, Wilson Van Dusen, encontrou-se nesta posição simplesmente como resultado do seu trabalho com doentes mentais no Hospital Estadual de Mendocino, na Califórnia. No livro *The Natural Depth in Man* (1972), Van Dusen define a loucura como «um voltar-se para dentro de si mesmo que faz de alguém uma inutilidade constrita que perde os seus potenciais mais elevados». Em outras palavras, a loucura é uma limitação do nosso potencial natural – o que inevitavelmente levanta a questão: qual é o nosso potencial natural? A conclusão de Van Dusen foi que todos os seres humanos têm o potencial para viver experiências «místicas», em que a consciência parece expandir-se muito para além das suas limitações normais, e que, portanto, num certo sentido, todos somos «loucos».

Prosseguiu descrevendo como conseguiu estabelecer contato com a alucinação de um dos seus pacientes. A rapariga tinha um amante fantasma, e «só por brincadeira», Van Dusen pediu-lhe que «relatasse fielmente o que [o amante] dizia e fazia». Van Dusen pôde assim manter «conversas» com a alucinação, usando a paciente como intermediária. Descobriu então, para sua surpresa, que conseguia aplicar testes psicológicos aos pacientes e às suas alucinações, separadamente. Fez a seguir uma descoberta surpreendente e perturbadora: as alucinações eram mais doentes do que os pacientes. Isso deveria ser impossível, uma vez que as alucinações eram os pacientes. No entanto, «o que se revelava das alucinações parecia-se notavelmente com relatos antigos de possessão por espíritos». Não podia haver dúvida na mente de Van Dusen de que as alucinações se comportavam como pessoas reais e realmente respondiam aos seus comentários; por exemplo, os olhos da paciente por vezes piscavam de lado enquanto Van Dusen falava e a alucinação interpunha algum comentário.

Os pacientes contavam frequentemente histórias de como tinham vindo a «conhecer» as suas alucinações: «Uma mulher estava simplesmente a trabalhar no jardim e um homem amável começou a falar com ela quando não havia mais ninguém por perto. Um alcoólico ouviu vozes a subir por um poço de luz de um hotel. Outro homem viu uma nave espacial aterrar e homens verdes a sair». (Esta experiência vale a pena ter em mente quando se consideram os chamados contactados de discos voadores; se Van Dusen estiver correto, estes podem nem sempre ser alucinações.) «Leva algum tempo até o paciente perceber que está a ter experiências privadas que consequentemente não são partilhadas pelos outros».

Havia evidência de que as «alucinações» não eram inteiramente subjetivas e irreais. Uma das pacientes era uma mulher que «assassinara um marido bastante inútil». A Virgem Maria viera ter com ela ao hospital e aconselhara-a a dirigir-se à parte sul do estado e enfrentar o julgamento por assassinato. A Virgem disse-lhe que haveria um terramoto no dia em que partisse para o sul e outro no dia em que chegasse. De facto, ambos os terramotos ocorreram no momento previsto.

Van Dusen notou em breve que pareciam existir dois tipos de alucinações, que denominou «de ordem superior» e «de ordem inferior». As de ordem inferior eram mais estúpidas do que o paciente. Mentiam, enganavam, ludibriavam e ameaçavam. Podiam repetir a mesma palavra

vezes sem conta durante dias a fio; podiam dizer ao paciente que ele era inútil e estúpido e que o iam matar. Comportavam-se, segundo Van Dusen, como «bêbedos desordeiros num bar».

As de «ordem superior», pelo contrário, eram mais inteligentes e talentosas do que o paciente e, longe de o atacar, respeitavam a sua liberdade. Eram «ajudantes». Num caso, Van Dusen foi apresentado pelo seu paciente – um «encanador de gás pouco dotado» – a uma «bela senhora» que se referia a si própria como a Emanação do Aspeto Feminino do Divino e que parecia possuir um conhecimento incrível de símbolos religiosos: «Quando eu ou o paciente dizíamos algo muito acertado, ela aproximava-se de nós e entregava-nos as suas cuecas».

Um dia, Van Dusen foi para casa e passou a noite a estudar mitos gregos. No dia seguinte perguntou à «alucinação» sobre algumas das partes mais obscuras. «Ela não só compreendia o mito, como via as suas implicações humanas melhor do que eu. Quando lho pedi, escreveu brincalhona o alfabeto grego por todo o lado. O paciente nem sequer reconhecia as letras, mas conseguia copiar as dela para mim». Quando o encanador de gás saía da sala, virou-se para Van Dusen e pediu-lhe que lhe desse uma pista sobre o que fora a conversa.

O detalhe de entregar as cuecas faz soar como se, independentemente do que Van Dusen pensasse, esta alucinação tivesse sido conjurada pelo encanador de gás – que admitiu ter feito propostas «imorais» à mulher e ter sido rejeitado. No entanto, a sua descrição de si própria como a «Emanação do Aspeto Feminino do Divino» oferece uma pista importante. Estava a descrever-se como a mulher arquetípica simbólica, o «eterno feminino» de Goethe. Para um homem, a essência incrível da mulher é que ela está disposta a entregar-se; a entrega das cuecas pode ser considerada um símbolo singularmente apropriado para essa essência.

Van Dusen ficou fascinado ao descobrir que o místico sueco Emanuel Swedenborg (1688–1772) descrevera as ordens inferior e superior com considerável exatidão. Eram, segundo Swedenborg, «espíritos», e os de ordem inferior eram espíritos presos à terra, movidos por malícia ou tédio. Estes tendiam a superar os espíritos superiores na proporção de cerca de quatro para um. Tal como Kardec (ver capítulo 26), Swedenborg comentava que os espíritos só podiam «invadir» pessoas com quem tivessem alguma afinidade – o que provavelmente explicava por que os

espíritos baixos eram mais numerosos do que os elevados. Swedenborg referia-se aos «espíritos elevados» como anjos e dizia que o seu propósito era ajudar; os espíritos baixos poderiam ser considerados demónios, mas a sua função era muitas vezes – apesar deles próprios – útil, pois apontavam os pecados e defeitos do paciente.

Terá Swedenborg sido louco?, pergunta Van Dusen, e responde que não há qualquer evidência disso. O que é estranho é que os seus espíritos altos e baixos não se limitam a lares mentais cristãos; transcendem barreiras culturais e encontram-se com igual frequência entre lunáticos muçulmanos ou hindus.

Van Dusen chega à interessante conclusão de que «o mundo espiritual é muito como Swedenborg o descreveu, e é o inconsciente».

Se ele estiver correto, e o «mundo dos espíritos» estiver dentro de nós – como afirmou outro notável místico, Rudolf Steiner –, então podemos começar a compreender por que os doentes mentais podem experienciar alucinações. Poderão ter-se «aberto» às suas próprias profundezas, aos curiosos habitantes dessas regiões.

Quando as estranhas experiências de Philip K. Dick são consideradas à luz destes comentários, torna-se claro que é impossível descartá-lo como um esquizofrénico paranóico. Devemos pelo menos estar dispostos a deixar aberta a possibilidade de que ele tenha tido consciência – tal como expresso no título do segundo livro de Wilson Van Dusen – da «presença de outros mundos».

14

Os Dogon e os Antigos Astronautas

Evidências de Visitantes do Espaço?

A teoria de que a Terra tenha sido visitada, talvez mesmo colonizada, por seres de fora do espaço faz parte da mitologia popular desde que o filme de culto de Stanley Kubrick *2001: Uma Odisseia no Espaço* (escrito por Arthur C. Clarke) estreou em 1968. Mas já andava «no ar» havia muitos anos – na verdade, desde 1947, quando um homem de negócios chamado Kenneth Arnold, que pilotava o seu avião privado perto do Monte Rainier, no estado de Washington, relatou ter visto nove discos brilhantes a viajar a uma velocidade estimada de mil milhas por hora. Em breve,

avistamentos de «OVNIs» eram relatados em todo o mundo – demasiado numerosos e precisos para serem descartados como pura fantasia.

Em 1958, num livro intitulado *The Secret Places of the Lion*, um «contactado» chamado George Hunt Williamson avançou a teoria de que visitantes do espaço tinham chegado à Terra há 18 milhões de anos e desde então se dedicavam a ajudar a humanidade a evoluir. Foram eles que construíram a Grande Pirâmide. Talvez por estar tão cheio de referências à Bíblia, o livro de Williamson teve pouco impacto.

Em 1960 surgiu em França um livro intitulado *O Despertar dos Mágicos* (*Le Matin des Magiciens*), de Louis Pauwels e Jacques Bergier, que se tornou imediatamente um best-seller e que pode reclamar o duvidoso mérito de ter iniciado o «boom ocultista» dos anos 60. (Antes disso, a moda era a rebelião política com forte sabor marxista.) O seu sucesso deveu-se em grande parte à sugestão de que Hitler poderia ter estado envolvido em magia negra, mas também incluía especulações sobre a Grande Pirâmide, as estátuas da Ilha da Páscoa, a teoria de Hans Hoerbiger de que a Lua era coberta de gelo (em breve desmentida pelas aterragens lunares) e a realidade da transformação alquímica.

Escritores de ficção como Arthur Machen, H. P. Lovecraft e John Buchan são discutidos ao lado de Einstein e Jung. E há, inevitavelmente, uma secção sobre o famoso mapa de Piri Re'is (ver capítulo 49), em que os autores conseguem confundir o pirata do século XVI Piri Re'is com um oficial naval turco que apresentou uma cópia do mapa à Biblioteca do Congresso em 1959. Concluem a discussão: «Seriam estas cópias de mapas ainda mais antigos? Teriam sido traçadas a partir de observações feitas a bordo de uma máquina voadora ou de uma nave espacial de algum tipo? Notas tomadas por visitantes de Além»?

Estas especulações causaram excitação porque o mundo estava tomado pela mania dos discos voadores. Livros de pessoas que se diziam «contactados» – como George Adamski – tornaram-se best-sellers. E embora muitos «avistamentos» pudessem ser descartados como histeria – ou como o que Jung chamava «projeções» (isto é, delírios religiosos) –, alguns eram demasiado bem autenticados para se enquadrarem nessa teoria simplista.

Em 1967, um escritor suíço chamado Erich von Däniken eclipsou *O Despertar dos Mágicos* com um livro intitulado *Erinnerungen an die Zukunft*. Traduzido para inglês como *Eram os Deuses Astronautas?*, vendeu rapidamente mais de um milhão de exemplares. Esta obra também se dedicava à tese de que visitantes do espaço tinham aterrado na Terra quando os homens ainda viviam em cavernas e tinham sido responsáveis por muitos monumentos antigos, como a Grande Pirâmide, as estátuas da Ilha da Páscoa, as linhas de Nazca desenhadas na areia do sul do Peru (sugeriu que eram pistas de aterragem para naves espaciais) e as pirâmides escalonadas da América do Sul.

Mas a quase deliberada falta de cuidado de von Däniken levou rapidamente ao seu descrédito. Talvez o exemplo mais óbvio dessa falta de cuidado tenha sido o seu tratamento da Ilha da Páscoa. Von Däniken alegava que as gigantescas estátuas de pedra da ilha – algumas com seis metros de altura – só poderiam ter sido esculpidas e erguidas com o auxílio de tecnologia sofisticada, muito para além dos recursos de selvagens primitivos.

Na realidade, o explorador norueguês Thor Heyerdahl convenceu ilhéus da Páscoa modernos a esculpir e erguer estátuas com a sua própria «tecnologia primitiva». Von Däniken também assinalara que a Ilha da Páscoa não tem madeira para rolos – desconhecendo que, apenas há alguns séculos, a ilha estava coberta de floresta e que os próprios ilhéus da Páscoa tinham sido responsáveis pela destruição do seu ambiente.

A maior parte dos outros argumentos de von Däniken provaram ser igualmente vulneráveis. Insistira que uma placa de pedra – conhecida como a placa de Palenque – de Chiapas, no México, representava um «astronauta» prestes a descolar. Arqueólogos que estudaram a religião do antigo México demonstraram que o que von Däniken tomara por instrumentos de tecnologia espacial eram símbolos religiosos mexicanos tradicionais. As afirmações de von Däniken sobre as pirâmides revelaram-se igualmente fantasiosas e desinformadas. Perguntava como tais monumentos poderiam ter sido construídos sem auxílio de cordas e conseguiu exagerar o peso da Grande Pirâmide por um factor de cinco.

Peritos nas pirâmides apontaram que pinturas antigas mostram os egípcios a usar cordas e conseguiram provar que os engenheiros egípcios antigos eram mais conhecedores do que von Däniken imaginava. Quanto às

famosas linhas de Nazca, não era preciso ser especialista para ver que linhas desenhadas na areia – mesmo feitas de pequenas pedras – seriam rapidamente destruídas por qualquer tipo de nave espacial que aterrasse. Na realidade, o propósito das linhas de Nazca – tal como o de todas as cerimónias antigas de fertilidade – parece ter sido controlar o tempo.

Grande parte da evidência literária de von Däniken é igualmente duvidosa. Discute a Epopeia Assíria de Gilgamesh (errando a data da sua descoberta) e descreve como o deus-sol Enkidu transportou o herói Gilgamesh para cima nas suas garras «de modo que o seu corpo se sentiu pesado como chumbo» – o que para von Däniken sugere uma ascensão num foguetão espacial. A torre da deusa Ishtar – visitada pelo herói – é também, segundo von Däniken, um foguetão espacial. Uma porta «que falava como uma pessoa viva» é obviamente um altifalante. E assim por diante. Quem se der ao trabalho de verificar a Epopeia de Gilgamesh – facilmente disponível numa tradução de bolso – descobrirá que nenhum destes episódios ocorre de facto.

Mas a bolha de von Däniken rebentou finalmente em 1972 quando, em *Ouro dos Deuses*, o autor alegou ter visitado um vasto sistema de cavernas subterrâneas no Equador, com paredes elaboradamente engenhadas, e examinado uma antiga biblioteca gravada em folhas de metal. Quando o seu companheiro de exploração, Juan Moricz, negou que von Däniken tivesse sequer entrado nas cavernas, von Däniken admitiu que o seu relato era fictício, mas argumentou que o seu livro não pretendia ser um tratado científico; como fora concebido para consumo popular, permitira-se um certo grau de licença poética. No entanto, numa biografia de von Däniken, Peter Krassa ignora esta admissão, insistindo que o caso ainda está em aberto e que von Däniken pode ter dito a verdade. Mas Krassa tem uma técnica hábil de fazer uma admissão e depois retirá-la rapidamente. Conclui: «Claro que o seu relato era louco e falso; esta história das cavernas subterrâneas; a sua descrição do tesouro de ouro que lá se encontrava era uma mentira. Esta foi a opinião de muitos cientistas e jornalistas».

Na realidade, uma expedição britânica às cavernas descobriu que eram naturais, com evidências de habitação por homens primitivos, mas sem sinais da antiga biblioteca de von Däniken nem de paredes perfeitamente

engenhadas. Um programa de televisão britânico de duas horas desmascarou posteriormente todas as principais alegações de von Däniken.

Dito isto, deve admitir-se que von Däniken e outros teóricos dos «antigos astronautas» têm pelo menos uma peça de evidência extremamente poderosa do seu lado. Membros de uma tribo africana chamada Dogon, que vivem na República do Mali, a cerca de 480 quilómetros a sul de Tombuctu, insistem que possuem conhecimentos que lhes foram transmitidos por «astronautas» da estrela Sírio, que fica a 8,7 anos-luz de distância. A mitologia dogon afirma que a «Estrela do Cão» Sírio (assim chamada por estar na constelação de Cão Maior) tem um companheiro escuro invisível a olho nu e que é denso e muito pesado. Isto é correto; Sírio tem de facto um companheiro escuro conhecido como Sírio B.

A existência de Sírio B era suspeitada pelos astrónomos desde meados do século XIX, e foi observada pela primeira vez em 1862 – embora só tenha sido descrita em detalhe na década de 1920. Será possível que algum viajante branco tenha levado o conhecimento de Sírio B para África em algum momento depois da década de 1850? É possível, mas improvável. Dois antropólogos franceses, Marcel Griaule e Germaine Dieterlen, revelaram pela primeira vez o «segredo dos Dogon» num artigo obscuro em 1950; intitulado «Um Sistema Sudanês de Sírio», foi publicado no *Journal de la Société des Africanistes*.

Os dois antropólogos viviam entre os Dogon desde 1931 e, em 1946, Griaule foi iniciado nos segredos religiosos da tribo. Foi-lhe dito que criaturas semelhantes a peixes, chamadas Nommo, tinham vindo à Terra de Sírio para civilizar o seu povo. Sírio B, que os Dogon chamam *po tolo* (nomeando-a a partir da semente que constitui a parte principal da sua dieta, cujo nome botânico é *Digitaria*), é feita de matéria mais pesada do que qualquer outra na Terra e move-se numa órbita elíptica, demorando cinquenta anos a completá-la. Só em 1928 é que Sir Arthur Eddington postulou a teoria das «anãs brancas» – estrelas cujos átomos colapsaram para dentro, de modo que um pedaço do tamanho de uma ervilha poderia pesar meia tonelada. (Sírio B tem o tamanho da Terra, mas pesa tanto como o Sol.) Griaule e Dieterlen foram viver entre os Dogon três anos depois. Será provável que algum viajante tenha levado uma nova e complexa teoria científica a uma remota tribo africana nos três anos entre 1928 e 1931?

Um erudito oriental chamado Robert Temple foi a Paris estudar os dogon com Germaine Dieterlen. Depressa concluiu que o conhecimento demonstrado pelos dogon não podia ser explicado como coincidência ou "difusão" (conhecimento transmitido por contato com outros povos). Os dogon pareciam possuir um conhecimento extraordinariamente detalhado do nosso sistema solar.

Diziam que a Lua era "seca e morta" e desenhavam Saturno com um anel à sua volta (o que, naturalmente, só é visível através de um telescópio). Sabiam que os planetas giravam à volta do Sol. Conheciam as luas de Júpiter (vistas pela primeira vez através de telescópio por Galileu). Tinham registado os movimentos de Vénus nos seus templos. Sabiam que a Terra rodava sobre si própria e que o número de estrelas é infinito. E, ao desenharem a órbita elíptica de Sírio, mostravam a estrela descentrada, não no meio da órbita – como alguém sem conhecimentos de astronomia concluiria naturalmente.

Os dogon insistem que o seu conhecimento lhes foi trazido pelos anfíbios Nommo, oriundos de uma "estrela" (presumivelmente querem dizer um planeta) que, tal como Sírio B, orbita Sírio e cujo peso é apenas um quarto do de Sírio B. Adoravam os Nommo como deuses. Desenhavam diagramas para representar o rodopio da nave em que estas criaturas aterram e eram precisos quanto ao local de aterragem – o lugar a noroeste do atual território dogon, onde os dogon tiveram origem. Referem que a "arca" em que os Nommo chegaram provocou uma tempestade de poeira em redemoinho e que "derrapou". Falam de "uma chama que se apagou ao tocarem na terra", o que implica que aterram numa pequena cápsula espacial. A mitologia dogon menciona também um objeto luminoso no céu semelhante a uma estrela, presumivelmente a nave-mãe.

Os nossos telescópios ainda não revelaram o "planeta" dos Nommo, mas isso não é surpreendente. Sírio B só foi descoberto porque o seu peso causava perturbações na órbita de Sírio. A Estrela do Cão é 35,5 vezes mais brilhante (e quente) do que o nosso Sol, pelo que qualquer planeta capaz de suportar vida teria de estar nas regiões mais longínquas do seu sistema solar e seria quase certamente invisível aos telescópios. Temple supõe que o planeta dos Nommo seria quente e húmido e que isso provavelmente explica por que razão a vida inteligente evoluiu nos seus mares, que seriam mais frescos. Estes seres-peixe passariam grande parte do tempo em terra,

mas próximos da água; precisariam de uma camada de água na pele para se sentirem confortáveis e, se a pele secasse, seria tão doloroso como uma grave queimadura solar. Temple vê-os como uma espécie de golfinho.

Mas o que fariam tais criaturas no meio do deserto, perto de Tombuctu? Na verdade, a ideia é obviamente absurda. Temple salienta que a noroeste do Mali fica o Egito e, por várias razões, inclina-se a acreditar que a aterragem dos Nommo ocorreu lá.

Temple assinala também que um historiador babilónio chamado Beroso – contemporâneo e aparentemente conhecido de Aristóteles (século IV a.C.) – afirma na sua história, da qual só sobreviveram fragmentos, que a civilização babilónia foi fundada por anfíbios alienígenas, cujo chefe se chamava Oannes – os filisteus conheciam-no como Dagon (e o escritor de ficção científica H. P. Lovecraft tomou-o emprestado para a sua própria mitologia). O gramático grego Apolodoro (cerca de 140 a.C.) parece ter lido mais de Beroso, pois critica outro escritor grego, Abideno, por não mencionar que Oannes era apenas um dos "povo-peixe"; chama a estes alienígenas "Annedoti" ("repulsivos") e diz que são "semidemónios" vindos do mar.

Mas por que razão deveriam os dogon prestar atenção particular a Sírio, mesmo sendo uma das estrelas mais brilhantes do céu? Afinal, era apenas uma entre milhares de estrelas. Aí, pelo menos, os céticos conseguem apresentar uma resposta convincente. Presumivelmente, os dogon aprenderam dos egípcios e, para os antigos egípcios, Sótis (como chamavam a Sírio) era a estrela mais importante dos céus – pelo menos após 3200 a.C., quando começou a nascer mesmo antes do amanhecer, no início do Ano Novo egípcio, sinalizando que o Nilo estava prestes a subir.

Assim, a Estrela do Cão tornou-se a deusa das águas crescentes. A deusa Sótis foi identificada com Ísis; e Temple salienta que, nas pinturas tumulares egípcias, Ísis costuma aparecer num barco com duas deusas companheiras, Anúquis e Satis. Temple argumenta de forma convincente que isto indica que os egípcios sabiam que Sírio era um sistema de três estrelas – a desconhecida "Sírio C" sendo o lar dos Nommo. Um antigo nome árabe para uma das estrelas da constelação de Sírio (não a própria Sírio) é Al Wazn, que significa "peso", e um texto diz que é quase pesada demais para se erguer acima do horizonte.

Temple sugere que os antigos poderão ter olhado para a constelação de Cão Maior em busca de Sírio B e confundido-a com Al Wazn. Sugere também que as Sereias de Homero – criaturas semelhantes a sereias, omniscientes, que tentam atrair os homens para longe das suas responsabilidades quotidianas – são na verdade "sirianas", deusas anfíbias. Assinala ainda que o barco de Jasão, o Argo, está associado à deusa Ísis e que tem cinquenta remadores – cinquenta sendo o número de anos que Sírio B leva a orbitar Sírio A. Há muitos outros alienígenas de corpo de peixe na mitologia grega, incluindo os Telquines de Rodes, que supostamente vieram do mar e introduziram os homens em várias artes, incluindo a metalurgia. Significativamente, tinham cabeças de cão.

Mas, se os egípcios sabiam de Sírio B e dos Nommo, porque não temos textos egípcios que nos falem de alienígenas do sistema da Estrela do Cão? Aqui a resposta é óbvia: Marcel Griaule teve de ser "iniciado" pelos sacerdotes dogon antes de lhe ser permitido aprender sobre os visitantes de Sírio. Se os egípcios sabiam de Sírio B, o conhecimento era revelado apenas aos iniciados. Mas teria deixado a sua marca na mitologia egípcia – por exemplo, no barco de Ísis.

O livro de Temple, *The Sirius Mystery* (1976), está cheio de "evidências" mitológicas deste tipo, e muita delas tem sido atacada por forçar demasiado a interpretação. No entanto, o que resta quando todos os argumentos são considerados é o facto curioso de uma tribo africana remota possuir algum conhecimento preciso de um sistema estelar inteiro invisível a olho nu e que atribuem esse conhecimento a alienígenas desse sistema estelar. Esse único facto sugere que, apesar das absurdidades de von Däniken, devemos manter a mente aberta quanto à possibilidade de visitantes alienígenas terem aterrado alguma vez no nosso planeta.

15

O Mistério de Eilean Mòr

A Ilha dos Homens que Desapareceram

No Atlântico vazio, a dezassete milhas a oeste das Hébridas, situam-se as Ilhas Flannan, conhecidas pelos marinheiros como os Sete Caçadores. A maior e mais a norte destas chama-se Eilean Mòr – que significa, na verdade, "ilha grande". Tal como o *Mary Celeste*, o seu nome tornou-se sinónimo de um mistério aparentemente insolúvel do mar.

Estas ilhas desoladas receberam o nome de um bispo do século VII, São Flannan, que construiu uma pequena capela em Eilean Mòr. Os pastores das Hébridas transportavam frequentemente as suas ovelhas para as ilhas para pastarem na relva rica; mas eles próprios nunca passavam lá uma noite, pois as ilhas supostamente são assombradas por espíritos e por "pequeninos". Nas últimas décadas do século XIX, à medida que o comércio marítimo britânico aumentava, muitos navios que navegavam para norte ou sul de Clydebank naufragavam nas Flannan, e em 1895 a Northern Lighthouse Board anunciou que um farol seria construído em Eilean Mòr.

Esperavam que a construção demorasse dois anos; mas mares revoltos e os problemas de içar pedras e vigas por uma falésia de 200 pés tornaram impossível cumprir o calendário; o farol de Eilean Mòr foi finalmente inaugurado em dezembro de 1899. Durante o ano seguinte, o seu feixe podia ser visto refletido nos mares agitados entre Lewis e as Flannan. Depois, onze dias antes do Natal de 1900, a luz apagou-se.

O tempo estava demasiado tempestuoso para o vapor da Northern Lighthouse Board ir investigar, mesmo tendo o farol sido construído com dois cais de desembarque, um a oeste e outro a leste, para que um deles estivesse sempre protegido do vento predominante. Joseph Moore, à espera no cais em Loch Roag, sentia-se impotente ao olhar para oeste em direção às Flannan. Era inconcebível que os três homens em Eilean Mòr – James Ducat, Donald McArthur e Thomas Marshall – tivessem adoecido simultaneamente, e praticamente impossível que o próprio farol tivesse sido destruído pelas tempestades.

No dia de Natal de 1900, o amanhecer estava limpo e o mar menos agitado. O *Hesperus* saiu do porto logo após o nascer do dia; Moore estava tão ansioso que recusou tomar o pequeno-almoço, andando de um lado para o outro no convés e olhando para as ilhas; o mistério atormentava-o e agora estava demasiado excitado para comer.

A ondulação ainda era forte e o *Hesperus* teve de fazer três aproximações antes de conseguir atracar no cais leste. Nenhuma bandeira respondeu aos seus sinais e não havia sinal de vida.

Moore foi o primeiro a chegar ao portão de entrada. Estava fechado. Colocou as mãos em concha e gritou, depois subiu apressadamente o

caminho íngreme. A porta principal estava fechada e ninguém respondeu aos seus gritos. Tal como no *Mary Celeste*, o farol estava vazio. Na sala principal, o relógio tinha parado e as cinzas na lareira estavam frias. Nos quartos de dormir no andar de cima – Moore esperou até ser acompanhado por dois marinheiros antes de subir, com medo do que poderia encontrar – as camas estavam bem feitas e o lugar arrumado.

James Ducat, o chefe dos guardas, mantinha registos numa ardósia. A última entrada era de 15 de dezembro às 9 horas, o dia em que a luz se apagou. Mas isso não se devia à falta de óleo; os pavios estavam aparados e as luzes todas prontas para serem acesas. Tudo estava em ordem. Ficou claro, portanto, que os homens tinham completado as suas tarefas básicas do dia antes de a tragédia os atingir; quando a noite chegou, não havia ninguém na ilha para acender o farol. Mas o dia 15 de dezembro tinha sido calmo…

O *Hesperus* regressou a Lewis com os presentes de Natal dos homens ainda a bordo. Dois dias depois, investigadores desembarcaram em Eilean Mòr e tentaram reconstruir o que acontecera. À primeira vista, parecia que a solução era bastante simples. No cais oeste havia sinais de danos causados por vendaval; várias cordas estavam enroladas num guindaste que se encontrava a 65 pés acima do nível do mar.

Uma caixa de ferramentas guardada numa fenda a 45 pés acima disso tinha desaparecido. Parecia que uma onda de cem pés tinha irrompido do Atlântico e levado tudo, incluindo os três homens. O facto de os impermeáveis de Ducat e Marshall estarem em falta parecia apoiar esta teoria; só os usavam para visitar os cais. Assim, os investigadores tinham uma teoria plausível. Os dois homens teriam temido que o guindaste estivesse danificado na tempestade; lutaram até ao cais com os impermeáveis vestidos e foram apanhados por uma onda súbita gigantesca… Mas, nesse caso, o que aconteceu ao terceiro homem, Donald McArthur, cujos impermeáveis ainda estavam no farol? Terá ele corrido para tentar salvá-los e sido levado também?

Todas estas teorias ruíram quando alguém apontou que o dia 15 tinha sido calmo; as tempestades só começaram no dia seguinte. Então talvez Ducat tivesse simplesmente escrito a data errada por engano? Essa teoria também teve de ser abandonada quando, de volta a Loch Roag, o capitão

Holman do *Archer* lhes disse que passara perto das ilhas na noite do dia 15 e que a luz já estava apagada…

E se os três homens estivessem no cais numa manhã calma – o que explicaria porque McArthur não usava o impermeável – e um deles tivesse escorregado para a água? Talvez os outros dois tivessem saltado atrás dele e se tivessem afogado. Mas havia cordas e bóias no cais – porque saltariam para a água quando bastava atirar uma bóia?

Supondo que o homem que se afogava estava inconsciente e não conseguia agarrar a bóia? Nesse caso, apenas um dos companheiros teria saltado atrás dele, deixando o outro no cais com uma corda…

Outra teoria era que um dos três homens enlouquecera e empurrara os outros para a morte, atirando-se depois ao mar. É possível; mas não há o mínimo indício de evidência para isso.

O locutor Valentine Dyall – o "Homem de Negro" – sugeriu a explicação mais plausível no seu livro *Unsolved Mysteries*. Em 1947, um jornalista escocês chamado Iain Campbell visitou Eilean Mòr num dia calmo e estava perto do cais oeste quando o mar deu subitamente um solavanco e subiu 70 pés sobre o cais. Depois, cerca de um minuto depois, voltou ao normal. Poderia ter sido uma anomalia das marés ou possivelmente um terramoto submarino. Campbell ficou convencido de que qualquer pessoa no cais naquele momento seria sugada para o mar. O guarda do farol disse-lhe que esta curiosa "subida" ocorre periodicamente e que vários homens quase foram arrastados para o mar.

Mas continua difícil compreender como três homens poderiam estar envolvidos num acidente destes. Como McArthur não usava o impermeável, podemos presumir que estava na torre quando aconteceu – se aconteceu. Mesmo que os companheiros fossem levados, será que ele seria estúpido ao ponto de correr para o cais e atirar-se ao mar?

A única coisa que parece clara é que, naquele calmo dia de dezembro, no virar do século, algum acidente arrebatou três homens de Eilean Mòr, sem deixar sequer um fragmento de pista sobre o mistério.

16

Fadas Os "Pequeninos"

São Apenas um Conto de Fadas?

No verão de 1897, o poeta W. B. Yeats foi passar uma temporada em Coole Park, no condado de Galway, com Lady Augusta Gregory, que viria a tornar-se sua amiga íntima e patrona. Os dois começaram a recolher histórias de fadas junto da população rural local. Yeats já tinha compilado duas coleções de mitos e contos de fadas irlandeses, entrevistando camponeses no seu condado natal de Sligo.

Mas agora veio a reconhecer que a maioria dos habitantes do campo irlandês aceitava a existência das fadas não como uma espécie de superstição meio acreditada – como bater na madeira – mas como um facto concreto da vida.

O pai de Yeats era um completo cético, e o próprio Yeats estivera inclinado a brincar com a crença nas fadas como uma espécie de reação ao materialismo do mundo moderno – em suma, como uma forma de pensamento desejante. A sua colaboração com Lady Gregory fez-lhe compreender que a crença nas fadas dificilmente poderia ser descartada como simples desejo. G. K. Chesterton, que o conheceu alguns anos mais tarde, ficou impressionado com a sua insistência na realidade fatual das fadas e escreveu sobre Yeats na sua autobiografia:

«Ele era o verdadeiro racionalista original que dizia que as fadas fazem sentido. Deixou os materialistas atónitos ao atacar o materialismo abstrato deles com um misticismo completamente concreto; "Imaginação"!, dizia ele com desprezo cortante; "Não houve muita imaginação quando o lavrador Hogan foi arrastado da cama e espancado como um saco de batatas – foi o que fizeram, tiraram-no de lá"; o sotaque irlandês aquecia-se de escárnio; "tiraram-no de lá e bateram-lhe; e isso não é o tipo de coisa que um homem queira imaginar".»

Chesterton prossegue fazendo um ponto muito importante:

«É o facto de não serem homens anormais como artistas, mas homens normais como camponeses, que testemunharam mil vezes tais coisas; são os agricultores que veem as fadas. É o trabalhador agrícola, que chama pá a uma pá, que também chama espírito a um espírito; é o lenhador sem interesses ocultos… que dirá que viu um homem enforcado na forca e depois a rondara como fantasma.»

Alguns anos mais tarde, Yeats incentivaria o orientalista W. Y. Evans-Wentz – mais conhecido pela sua tradução do Livro Tibetano dos Mortos – a estudar o folclore das fadas; o resultado foi o primeiro livro de Wentz, *The Fairy Faith in Celtic Countries* (1911), um volume volumoso e erudito baseado no seu próprio trabalho de campo extenso. O amigo de Yeats, o poeta AE (George Russell), contribuiu com um texto anónimo para o livro (sob o título "Testemunho de um Místico Irlandês"), no qual descrevia as suas próprias visões de fadas com a precisão fatual e rigor de um antropólogo a descrever tribos primitivas: seres luminosos, seres opalinos, seres da água, seres da floresta, elementais inferiores:

«O primeiro [das fadas] que vi lembro-me muito claramente…: primeiro houve um clarão de luz, e depois vi que esta provinha do coração de uma figura alta com um corpo aparentemente formado de ar meio transparente ou opalino, e por todo o corpo corria um fogo elétrico radiante, ao qual o coração parecia ser o centro. À volta da cabeça deste ser e através do seu cabelo luminoso ondulante, que esvoaçava por todo o corpo como fios vivos de ouro, apareciam auréolas flamejantes semelhantes a asas. Do próprio ser a luz parecia jorrar em todas as direções; e o efeito que me ficou após a visão foi de uma leveza, alegria ou êxtase extraordinários.»

Wentz conclui que a evidência fatual e científica da existência das fadas é avassaladora, que na verdade "há centenas de casos comprovados de fenómenos".

Mas as fadas de AE eram essencialmente "visões" e poderiam, portanto, ser classificadas ao lado de unicórnios ou centauros. Em 1920, nove anos depois da publicação do livro de Wentz, o público britânico ficou intrigado ao saber de novas evidências científicas que pareciam colocar a crença nos "pequeninos" numa base bem mais sólida. A capa da edição de Natal da revista *Strand* anunciava: "Um Acontecimento Épico… Descrito por Conan Doyle".

Em frente à primeira página do artigo encontrava-se uma fotografia de uma rapariga adolescente com um vestido de algodão branco, sentada num campo relvado e estendendo a mão a um gnomo que dançava. Outra fotografia mostrava uma rapariga mais nova a olhar placidamente para a câmara por cima de um grupo de quatro fadas saltitantes, completas com asas diáfanas. A legenda sob a primeira fotografia dizia: "Esta fotografia e

a ainda mais extraordinária das fadas na página 465 são as duas fotografias mais assombrosas alguma vez publicadas. Como foram tiradas é descrito integralmente no artigo de Sir A. Conan Doyle".

Não se tratava de uma brincadeira de Natal. Doyle e os seus colegas investigadores estavam convencidos de que as duas fotografias provavam virtualmente a existência dos "pequeninos". A controvérsia resultante permaneceria por resolver durante os sessenta anos seguintes.

As raparigas das fotografias eram Elsie Wright e Frances Griffiths, e viviam na aldeia de Cottingley, no Yorkshire. Tinham tirado as fotografias três anos e meio antes, no verão de 1917, e afirmavam consistentemente, muitas vezes perante interrogatórios extremamente céticos, que as fotografias eram de fadas reais.

A aldeia de Cottingley situa-se perto de Bradford, embora hoje tenha sido engolida pelos subúrbios. Em 1917, era rodeada pela verde paisagem rural inglesa. Foi em abril desse ano que Frances Griffiths, de dez anos, se mudou para a aldeia com a mãe, Annie, vinda da África do Sul; o pai estava a combater em França. Mais tarde ela afirmou que depressa percebeu que havia fadas nos campos à volta da sua casa, especialmente perto do riacho local (beck), que corria por um pequeno vale de encostas íngremes no fundo do jardim. Descreveu mais tarde a primeira vez que disse ter visto uma fada junto ao riacho:

«Uma tarde depois da escola fui até ao riacho a um sítio de que gostava – o salgueiro que se debruçava sobre o curso de água… então uma folha de salgueiro começou a tremer violentamente – só uma. Já tinha visto isso antes – não havia vento, e era estranho que só uma folha tremesse… enquanto observava, um homenzinho, todo vestido de verde, estava em pé no ramo com o pé da folha na mão, que parecia estar a agitar na direção de algo que olhava. Não ousei mexer-me para não o assustar. Ele olhou diretamente para mim e desapareceu.»

Mas decidiu não contar a ninguém por medo de ser ridicularizada.

Explicou como, à medida que o verão avançava, se tornou cada vez mais fascinada pelo riacho e como passava horas a "observar fadas" no pequeno vale. Por vezes escorregava no banco escorregadio e acabava com água até à cintura. Quando voltava para casa, a mãe dava-lhe uma palmada

e fazia-a prometer que não voltaria perto do riacho, mas Frances nunca cumpria a promessa – não conseguia resistir ao desejo de ver as fadas.

Um dia, quando chegou a casa encharcada mais uma vez, a mãe e a tia Polly pressionaram-na muito por uma explicação. O que ouviram deixou-as ambas um pouco sem fôlego: «Vou ver as fadas! É por isso – para ver as fadas!»

Neste ponto, para surpresa das duas mulheres, a prima de Frances, Elsie Wright, de dezassete anos, veio em sua defesa e insistiu que também ela tinha visto fadas. Nenhum interrogatório conseguiu abalar a história das raparigas.

Segundo o artigo de Doyle, foi este confronto que convenceu as duas primas de que tinham de produzir alguma prova irrefutável para fazer os adultos engolirem as suas palavras.

Foi por isso que, numa tarde de sábado de julho de 1917, Elsie pediu ao pai, Arthur Wright, se podia emprestar a sua câmara de chapas. Ele, compreensivelmente, relutou, pois a câmara era nova e as chapas caras, mas acabou por ceder. As raparigas foram a correr para o riacho e voltaram meia hora depois. Depois do chá, Arthur deixou-se convencer a revelar a chapa.

À medida que a chapa começava a revelar-se, ele percebeu que era uma fotografia de Frances encostada a um talude que parecia estar coberto de papéis de sanduíche. Depois, para seu espanto, viu que os "papéis" eram pequenas formas humanas com asas a crescer das costas; eram aparentemente quatro fadas a dançar.

As mães das raparigas não sabiam o que pensar. Ambas se tinham interessado recentemente pela Teosofia – o movimento fundado por Madame Blavatsky, que ensinava que por trás do mundo sólido da realidade quotidiana havia um mundo invisível povoado por seres espirituais, incluindo espíritos da natureza ou fadas. Em teoria, pelo menos, concordavam.

Arthur Wright, por outro lado, era cético:

«Vocês andaram a fazer qualquer coisa.»

«Não andámos nada», insistiu Elsie.

Ele sabia que Elsie era uma artista dotada e estava convencido de que as fadas eram recortes de papel – embora uma busca no quarto das raparigas e nos cestos do lixo não tenha revelado quaisquer retalhos de papel sobejos de fadas fabricadas. E apesar de todas as suas protestações, ele continuou não convencido. Eventualmente, o assunto foi deixado de lado. Mas em agosto as raparigas voltaram a pedir a câmara; desta vez regressaram com uma fotografia de Elsie sentada num campo a observar um gnomo que dançava. Explicaram que muitas vezes viam gnomos no campo mesmo acima do riacho. Depois disto, no interesse da paz e sossego, Arthur Wright recusou mais empréstimos da sua câmara. Mas foram feitas várias cópias de cada chapa.

Todo o caso poderia ter sido esquecido não fosse a Sociedade Teosófica. Após a guerra, com as suas terríveis baixas, o Espiritualismo e a Teosofia tinham conquistado milhares de novos convertidos, e o Bradford Unity Hall, onde a Sociedade realizava as suas reuniões, estava sempre cheio.

Após uma reunião em que se mencionaram fadas, Polly Wright aproximou-se do orador e falou-lhe das fotografias. Ele pediu para as ver, e cópias depressa circularam entre os teosofistas de Bradford.

Pouco depois, Polly Wright recebeu uma carta de Edward L. Gardner, chefe da Loja Teosófica de Londres; ele estava entusiasmado com as fotografias e pediu para ver as cópias originais e os negativos. Ao receber os negativos, Gardner mandou fazer cópias e depois retocou-as. Foi bastante aberto sobre isso; numa carta a Doyle escreveu:

«Pedi emprestados os negativos propriamente ditos – e duas chapas de quarto vieram pelo correio alguns dias depois. Uma era razoavelmente clara, a outra muito subexposta… o resultado imediato foi que se tirou um positivo de cada negativo, para que os originais pudessem ser preservados intocados, e depois prepararam-se novos negativos e intensificaram-se para servirem como melhores suportes de impressão.»

Em seguida levou as cópias originais e os negativos a um fotógrafo profissional, Harold Snelling. O antigo patrão de Snelling tinha garantido a Gardner que "o que Snelling não sabe sobre fotografia falsificada não vale a pena saber". Foi Snelling quem examinou o negativo das quatro fadas dançantes (a chapa melhor exposta). Ele relatou a Gardner:

«Esta chapa é uma exposição única… Estas fadas dançantes não são feitas de papel nem de qualquer tecido; não estão pintadas num fundo fotografado – mas o que mais me impressiona é que todas estas figuras se moveram durante a exposição.»

Gardner, encantado com este veredicto, começou a mostrar diapositivos das fotografias em reuniões teosóficas por todo o país. E no verão de 1920 teve a honra de receber uma carta do criador de Sherlock Holmes.

O Doyle de sessenta anos não era teosofista, mas nos últimos anos tornara-se convencido da verdade do Espiritualismo. Já tinha sido encarregado pela *Strand* de escrever um artigo sobre fadas, e a notícia das fotografias de Cottingley deve ter-lhe soado como um presente do além. Quando viu as fotografias, Doyle mostrou-se inicialmente cético. Mas uma reunião com Gardner convenceu-o de que poderiam ser genuínas. O passo seguinte, obviamente, era tentar obter mais delas.

No final de julho de 1920, Edward Gardner foi visitar os Wright pela primeira vez – Frances estava então em Scarborough com o pai e por isso não se encontrava presente. O pai de Elsie não fez qualquer esforço para esconder que estava infeliz com toda a situação. Continuava a achar que as fotografias eram falsificações, e a alta consideração que tinha por Doyle diminuíra drasticamente quando soube que Doyle estava agora convencido "pela nossa Elsie, e ela no fundo da turma»!

Mas a sua mulher teve uma longa e ponderada conversa com Gardner, e Elsie mostrou-lhe mais tarde o campo e o local junto ao riacho onde as fotografias tinham sido tiradas. Algumas pessoas tinham achado que a fotografia do riacho parecia um pouco demasiado "mágica" para ser verdadeira, com os seus pequenos cogumelos e cascata; Gardner ficou encantado ao verificar que era exatamente como na fotografia. Relatou a Doyle que estava convencido de que as raparigas eram genuínas. Doyle ainda achava que eram precisas mais fotografias para provar o caso.

Assim, enquanto Doyle embarcava num navio a vapor para sul, rumo à Austrália, para dar palestras sobre Espiritualismo, Gardner voltou a dirigir-se para norte; desta vez armado com novas câmaras e duas dúzias de chapas cuidadosamente numeradas. (Curiosamente, ninguém se deu ao

trabalho de registar quantas chapas foram efetivamente usadas pelas raparigas, pelo que a numeração acabou por ser inútil.)

Nesta ocasião, Gardner também conheceu Frances, então com catorze anos, que regressara de Scarborough para as férias de verão. Depressa formou a convicção de que ambas as raparigas eram médiuns. Como o tempo estava chuvoso e sombrio – má visibilidade para avistar fadas, segundo as raparigas –, deixou as câmaras para trás e regressou a Londres. A chuva continuou durante as duas semanas seguintes.

Na manhã de 19 de agosto estava sombrio e enevoado, mas quando o tempo melhorou mais tarde, as raparigas decidiram experimentar as câmaras. Regressaram com mais duas fotografias, que foram imediatamente reveladas pelo incrédulo Arthur Wright. Uma era de uma fada alada, com um penteado curto elegante, de pé placidamente num ramo, oferecendo a Elsie um pequeno ramo de campânulas. A outra mostrava uma Frances ligeiramente desfocada a deitar a cabeça para trás enquanto outra fada alada saltava na sua direção. Era claro que saltava em vez de voar, pois as asas não estavam desfocadas pelo movimento. Gardner mandou mais tarde estas fotografias examinar por um perito, que voltou a relatar que não apresentavam sinais de fraude.

A última fotografia foi tirada num dia de chuvisco, a 21 de agosto de 1920. Mais tarde referida por Frances como um "banho de sol das fadas", parece mostrar duas fadas a estenderem um material semelhante a gaze sobre um tufo de erva, para fazer um abrigo ou uma armadilha solar. Frances disse que muitas vezes via os pequeninos a fazer isto em dias sombrios, como se para se aquecerem. Curiosamente, este fenómeno foi relatado em várias visões de fadas não relacionadas, antes e depois das fotografias de Cottingley. As fadas nesta última fotografia têm uma qualidade semi-transparente, que os detratores alegavam ser sinal de dupla exposição, mas que os crentes atribuíam ao efeito do frio na constituição das fadas.

Como Doyle tinha escrito o artigo para a *Strand* antes de partir para a Austrália, não fazia referência a estas últimas três fotografias. Mesmo assim, quando a revista foi publicada nesse Natal – com cópias retocadas e muito mais nítidas –, causou sensação. As fadas de Cottingley tornaram-se o assunto de todas as mesas de jantar de Londres. Mas os céticos ficaram indignados com o que consideravam a credulidade infantil do público. O

seu argumento básico foi resumido na edição de 5 de janeiro da *Truth*: "Para a verdadeira explicação destas fotografias de fadas, o que é preciso não é conhecimento de fenómenos ocultos, mas conhecimento de crianças".

Um detrator, um médico chamado Major Hall-Edwards, chegou mesmo a dizer:

«Critico a atitude daqueles que declaram haver algo sobrenatural nas circunstâncias em que estas imagens foram tiradas porque, como médico, acredito que a inculcação de ideias tão absurdas nas mentes das crianças resultará mais tarde na vida em manifestações de perturbações nervosas e mentais.»

(Questiona-se como ele se sentiria em relação aos pais que dizem aos filhos que o Pai Natal é uma pessoa real.)

Por outro lado, as fadas de Cottingley tiveram apoiantes nos media. O *South Wales Argus* comentou: «No dia em que matarmos o nosso Pai Natal com as nossas estatísticas, teremos mergulhado um mundo glorioso na escuridão mais profunda». O *City News* disse de forma mais pragmática: «Parece que neste ponto temos de acreditar ou no mistério quase incrível das fadas ou nas maravilhas quase incríveis das fotografias falsificadas».

O próprio Doyle, ainda na Austrália, ficou encantado com as novas imagens. Escreveu a Gardner:

«O meu coração alegrou-se quando aqui no longínquo Austrália recebi a sua nota e as fotografias, que confirmam os nossos resultados publicados. Quando as nossas fadas forem admitidas, outros fenómenos psíquicos encontrarão uma aceitação mais pronta… temos recebido mensagens contínuas em sessões há algum tempo de que um sinal visível viria.»

Em março de 1921, três meses após o primeiro artigo, a *Strand* publicou o segundo de Doyle, ilustrado com as novas fotografias. A reação foi muito semelhante à anterior – uma crítica principal era que os vestidos e penteados pareciam demasiado contemporâneos. Outros críticos objetavam que as fadas pareciam demasiado semelhantes às típicas fadas de "livros de histórias". Os defensores sugeriam que a aparência física das fadas poderia ser uma projeção ectoplásmica baseada no que os espíritos pensavam ser esperado delas. E como Elsie e Frances se interessavam pela moda

contemporânea, as suas fadas poderiam bem parecer um híbrido estranho dos dois elementos.

À medida que as fotografias eram reproduzidas em publicações estrangeiras e o debate se espalhava pelo mundo, tornava-se mais aceso. Mas o segundo conjunto de fotografias não conseguiu inclinar a balança. Poucas pessoas achavam que faziam alguma diferença real.

Um problema básico era que ambas as raparigas eram menores, e como tal o seu testemunho era legalmente inadmissível; os pais também não podiam oferecer prova, pois nunca tinham alegado ter visto quaisquer "pequeninos". Uma fotografia tirada por um adulto que pudesse jurar sob juramento que não houvera truque poderia ter sido suficiente para mudar o rumo do debate.

Um amigo de Doyle, o médium Geoffrey Hodson – que também afirmava ter visto fadas –, foi a Cottingley para ver o que conseguia descobrir. Hodson chegou a Cottingley com a mulher e Edward Gardner em agosto de 1921. Gardner ficou pouco mais de uma semana, durante a qual o tempo foi geralmente mau e não se viram fadas. No dia antes de partir, tanto Hodson como as raparigas afirmaram ter avistado muitos "espíritos da natureza" (como Hodson os chamava no seu caderno), mas falharam em captar imagens. Hodson e a mulher ficaram, e as visões de fadas tornaram-se mais frequentes; mas ele ainda não conseguiu capturar nenhuma com a câmara. No final, admitiu a derrota e partiu.

Neste ponto, o debate perdeu força; parecia haver evidência demasiado escassa para provar o caso de um lado ou do outro. Em 1922, Doyle publicou um livro intitulado *The Coming of the Fairies*, mas embora contivesse muitas fotografias e relatos de visões de fadas, não convenceu os céticos.

Durante os cerca de quarenta anos seguintes, Elsie e Frances foram esquecidas.

Em 1965, Elsie, então na casa dos sessenta, foi localizada nas Midlands por um repórter do *Daily Express*, Peter Chambers. Ele acreditava que as imagens eram falsificadas, e o comentário de Elsie de que as pessoas deviam ser deixadas a formar a sua própria opinião sobre o assunto só aprofundou o seu ceticismo. Elsie fez o curioso comentário:

«Quanto às fotografias, digamos que são imagens de fragmentos da nossa imaginação, da Frances e minha, e deixemos por isso mesmo».

Isto poderia ser interpretado de duas formas: ou fazia uma referência oblíqua à teoria do ectoplasma; ou admitia que as fadas nunca existiram fora da sua imaginação. Agora que o assunto fora revivido, houve muitas mais entrevistas com ambas, Frances e Elsie. Deu-se muita importância a uma nova admissão de que não tinham visto fadas durante a visita de Geoffrey Hodson; explicaram que estavam completamente aborrecidas com todo o assunto e consideravam-no um fraude, pelo que se divertiram fingindo ver fadas e acharam graça maliciosa quando ele disse que também as via. (No seu próprio livro sobre fadas, Hodson insiste que viu "pequeninos" em Cottingley.)

Em 1971, Elsie foi perguntada pelo programa "Nationwide" da BBC se o pai tivera alguma participação na tiragem das fotografias. Respondeu: «Juro pela Bíblia que o pai não sabia o que se passava». Mas quando lhe perguntaram se juraria pela Bíblia que as fotografias não eram truques, respondeu após uma pausa: «Prefiro deixar isso em aberto, se não se importa… mas o meu pai não teve nada a ver com isso, posso prometer-lhe isso». Mais uma vez, parecia estar perto de admitir que houvera algum tipo de fraude.

Por outro lado, quando Frances foi perguntada pela Yorkshire Television se as fotografias eram fabricadas, respondeu: «Claro que não. Diga-nos como ela poderia fazê-lo – lembre-se que ela tinha dezasseis anos e eu dez. Agora, como criança de dez anos, consegue guardar um segredo para o resto da vida?»

Este parecia ser o principal argumento a favor das fotografias de fadas – que parecia improvável que Frances e Elsie conseguissem e quisessem guardar um segredo tão grande durante tanto tempo.

Frances fez este comentário em 1976; a ocasião foi um programa de televisão sobre Frances e Elsie, sugerido pelo investigador psíquico de Yorkshire Joe Cooper. Foi por isso que, a 10 de setembro de 1976, as duas mulheres apareceram numa casa na Main Street, em Cottingley, em frente à casa onde a família Wright vivera meio século antes. Nos anos intermédios, Elsie vivera na Índia com o marido, Frank Hill, um engenheiro escocês;

Frances casara com um soldado, Frank Way, e passara muito tempo com ele no estrangeiro.

Cooper descreve Frances como «uma mulher de óculos, de classe média e estatura média, vestindo roupas de ganga da moda mas com um toque de vermelho e preto no lenço e na blusa». Elsie, quando chegou, parecia ter bons dez anos menos do que os seus setenta e cinco verões, vestida com calças da moda e equipamento "mod", incluindo um chapéu derby preto. Durante o dia, Cooper tornou-se amigo das duas mulheres, chegando mesmo a carregar Elsie por cima de uma cancela. A equipa de câmara entrevistou locais – que expressaram extremo ceticismo sobre as fotografias – e filmou as mulheres junto ao riacho. O entrevistador Austin Mitchell não escondeu que acreditava que o caso das fadas de Cottingley começara como uma brincadeira, mas saíra do controlo. Cooper inclinava-se a acreditar em Frances e Elsie. Diante das câmaras, Elsie e Frances identificaram o local onde tinham visto um gnomo e negaram categoricamente que tivessem fabricado as fotografias. Quando entrevistado por Mitchell, Cooper afirmou a sua opinião de que as raparigas tinham visto uma "forma elemental de vida de fadas" – isto é, espíritos da natureza. Afinal, observou, W. B. Yeats e milhares dos seus compatriotas estavam bastante certos da existência das fadas.

Em 1977 houve um desenvolvimento interessante. Um investigador chamado Fred Gettings, a trabalhar em ilustrações de fadas do século XIX, encontrou o *Princess Mary's Gift Book*, publicado durante a Primeira Guerra Mundial para angariar fundos para o Work for Women. Continha um poema intitulado "A Spell for a Fairy" de Alfred Noyes, ilustrado por Claude Shepperson. Duas das fadas na ilustração eram virtualmente idênticas às fadas da primeira fotografia de Cottingley, que mostrava Frances a olhar por cima das cabeças de cinco duendes saltitantes. As suas posições tinham apenas sido invertidas.

Em agosto de 1978, a *New Scientist* relatou que o mágico James Randi ("o Incrível Randi") e o Comité para a Investigação Científica de Alegações do Paranormal (CSICOP) tinham submetido as fotografias a um processo de melhoria de imagem e descoberto que isso revelava cordas a segurar as fadas. Quando Cooper falou a Elsie sobre o artigo, ela apenas riu e apontou que não havia lugar na região do riacho onde cordas pudessem ser amarradas. Após uma peça de televisão sobre as fadas ter sido

transmitida em outubro de 1978, Randi expressou indignação por a BBC não ter declarado claramente que as fotografias tinham sido provadas falsas.

Em 1981, Cooper estava a escrever um livro sobre telepatia e teve alguma correspondência com Frances – que agora vivia em Ramsgate – sobre o assunto. Em setembro de 1981, ela pediu-lhe que fosse vê-la, dizendo-lhe que havia "algumas coisas que ele devia saber". Quando chegou, ela ainda não estava pronta para especificar o que eram. Mas no dia seguinte pediu-lhe que a levasse a Canterbury; uma vez lá, pediu-lhe que esperasse enquanto entrava na catedral. Quando regressou, sentaram-se num café e ela perguntou-lhe o que pensava da primeira fotografia de fadas. Ele comentou que tinha sido muito retocada. Então Frances largou a bomba:

«Do sítio onde eu estava, conseguia ver os alfinetes de chapéu a segurar as figuras. Sempre me admirei que alguém alguma vez o tivesse levado a sério.»

«Porque me está a contar isso?», perguntou o investigador atónito.

«Porque a Elsie já o disse ao Glenn» [filho de Elsie].

«E as outras quatro? São falsas?»

A resposta dela foi, à sua maneira, tão assombrosa como a admissão original:

«Três delas. A última é genuína.»

Cooper e Frances discutiram agora escrever um livro juntos e dar a Elsie uma parte dos lucros; Frances era adamant que Elsie não devia participar na escrita do livro. Cooper foi a Londres falar com o seu editor.

Infelizmente, o editor não estava particularmente interessado numa história de sessenta anos sobre fadas, especialmente porque terminava de forma tão anticlimática.

Por esta altura, o presente autor (CW) também se envolvera. Conhecera Joe Cooper num fim de semana de conferência sobre parapsicologia (no Swanwick Conference Centre, em Derbyshire) em 1980, e ele dissera-me que escrevera um livro sobre as fadas de Cottingley – isto,

claro, um ano antes de Frances lhe contar a verdadeira história. Enviou-me o manuscrito, e achei-o fascinante.

Também conhecera pessoas – uma delas um entrevistador de televisão escocês de cabeça dura – que afirmavam ter visto fadas, e simplesmente não estava disposto a descartar a possibilidade de que "espíritos da natureza" pudessem existir. A própria investigação de Joe sobre o paranormal convencera-o de que os "elementais" não podiam ser simplesmente descartados como um absurdo.

De facto, estava a caminho de Yorkshire para investigar um caso de poltergeist em Pontefract, e esse fim de semana foi uma espécie de ponto de viragem na minha vida, pois pouco antes de deixar o centro de conferências conheci Guy Lyon Playfair, um investigador psíquico com quem mantinha correspondência há algum tempo. Nessa altura, eu aceitava a visão da maioria das pessoas envolvidas na investigação psíquica – que os poltergeists seriam uma estranha manifestação da mente inconsciente de um adolescente psicologicamente perturbado. O que Playfair sugeriu deixou-me bastante perplexo. Ele achava que, embora alguns poltergeists possam ser "psicocinese espontânea", mente sobre matéria, a maioria são espíritos genuínos que retiram a sua energia de seres humanos, particularmente de crianças à beira da puberdade.

Descrevi no meu livro *Poltergeist* como a minha visita à casa dos Pritchard em Pontefract me convenceu rapidamente de que Guy Playfair sabia do que falava. Quando Diane Pritchard, que fora o foco das perturbações (isto é, a pessoa cuja energia era "roubada" pelo poltergeist), descreveu como foi arrastada pelas escadas por uma força desconhecida, soube de repente, sem qualquer dúvida, que o poltergeist não era uma manifestação da sua própria mente inconsciente. Era um espírito. Isso significava que, enquanto escritor sobre o paranormal, eu tinha de deixar de ficar em cima do muro e de manter uma "mente aberta" quanto à possibilidade de existência de espíritos.

Parecia-me claro que os espíritos envolvidos na maioria dos casos de poltergeist são espíritos de mortos – no caso de Pontefract, possivelmente o de um monge cluniacense que fora enforcado por violação no tempo de Henrique VIII. (O cadafalso ficava no local da casa dos Pritchard.) Mas isso não significava necessariamente que não pudessem existir outros tipos de espíritos. O escritor de viagens Laurens van der Post, por exemplo, não

tinha a menor dúvida de que os espíritos da natureza ou deuses dos bosquímanos do Kalahari são reais e podem causar todo o tipo de problemas.

Em *The Lost World of the Kalahari* descreve como "os espíritos das Colinas Escorregadias" se ofenderam quando um dos elementos da sua equipa matou um javali verrugoso no território deles e causaram uma série de infortúnios até receberem um pedido de desculpas adequado. Em *Poltergeist* citei muitas histórias semelhantes. Por isso, não era lógico da minha parte negar a existência de espíritos da natureza sob o pretexto de que só uma criança poderia acreditar neles.

Mas o problema com o livro de Joe Cooper, mesmo na sua versão original, era que a história era demasiado ténue – poderia ser contada em cinquenta páginas, o que parecia significar que o resto teria de ser uma espécie de "enchimento". E como, naquela altura, tanto Frances como Elsie continuavam a insistir que as fotografias eram genuínas, a história não tinha uma conclusão real. Tentei encontrar um editor para o livro, mas sem sucesso. E foi nesse ponto que Joe disse que queria reescrevê-lo de qualquer forma; e aí ficou a questão.

Foi no ano seguinte que Frances finalmente "se abriu". Curiosamente, Joe ficou entusiasmado por o caso ter chegado finalmente a uma conclusão definitiva. Quando me contou a confissão de Frances, fui menos otimista. Se o livro terminasse com uma admissão de fraude, seria um anticlímax.

Joe Cooper chegou à mesma conclusão. No final de 1982, uma antologia chamada *The Unexplained*, da qual eu era editor consultor, publicou o seu artigo "Cottingley: At Last the Truth", no qual revelava que as fadas nas primeiras quatro fotografias eram recortes colados nos ramos com alfinetes de chapéu. Compreensivelmente, isto perturbou tanto Frances como Elsie. Quando Frances ligou à mulher de Joe no Dia de Ano Novo de 1983, e Joe atendeu o telefone, ela chamou-lhe traidor e desligou. Morreu em 1986. Elsie morreu em 1988, mantendo até ao fim que não acreditava em fadas.

O que parece ser o fim da história…

Ou será? Certamente os céticos estão justificados ao considerar o caso encerrado. Possivelmente têm razão. No entanto, antes de tirarmos conclusões, há alguns pontos interessantes a salientar.

O que Frances nos pede para acreditar é o seguinte: Chegou a Inglaterra vinda da África do Sul em 1917, com dez anos, e foi ficar com a prima de dezasseis anos, Elsie, em Cottingley. Elsie afirmava ter tido algumas experiências fantasmagóricas estranhas. Por exemplo, insistia que, aos quatro anos, era regularmente visitada na cama por uma mulher que usava um vestido justo abotoado até ao pescoço. E quando tinha seis anos acordou uma noite e chamou por uma bebida; como ninguém respondeu, desceu as escadas e encontrou um homem e uma mulher estranhos em casa. Perguntou onde estavam os pais e disseram-lhe que tinham saído para jogar cartas com os vizinhos. Elsie disse que queria ir encontrá-los, e o homem abriu a porta da frente e deixou-a sair. Os pais – que estavam, de facto, a jogar cartas com os vizinhos – ficaram surpreendidos ao vê-la e ainda mais ao ouvir falar do homem e da mulher, pois tinham deixado a casa vazia. Mas quando foram investigar, a casa estava vazia.

Frances não tivera experiências "psíquicas". Mas na primavera de 1918 viu o seu primeiro gnomo. Tinha ido até ao riacho depois da escola e observou um fenómeno que já tinha observado muitas vezes antes: uma única folha de salgueiro começou a tremer na árvore junto ao riacho. Depois, um homenzinho, todo vestido de verde, estava em pé no ramo. Frances observou, sem fôlego, aterrorizada com a ideia de o perturbar. O homenzinho olhou diretamente para ela e depois desapareceu. Depois disso, afirmou, viu muitas vezes homenzinhos com casacos de verde-acinzentado e bonés a condizer junto ao riacho.

Chegou gradualmente à conclusão de que os homenzinhos estavam empenhados numa atividade com algum propósito, talvez associada a ajudar as plantas a crescer. Mais tarde, começou a ver fadas, com e sem asas. Eram menores do que os duendes; tinham rostos e braços brancos e muitas vezes pareciam estar a realizar algum tipo de reunião. Elsie, insiste ela, nunca viu as fadas nem os homenzinhos.

Foi depois de cair novamente no riacho que Frances admitiu que ia lá para ver fadas. E foi o ceticismo total dos adultos que levou Elsie a decidir tirar fotografias de fadas. Não era simplesmente desejo de enganar. Elsie acreditava em Frances quando ela dizia que via fadas; as suas próprias experiências psíquicas tornavam isso bastante plausível. Queria abalar a incredulidade dos adultos. Assim, as fotografias foram tiradas com recortes apoiados por alfinetes de chapéu.

Quando o mundo subitamente se interessou pelas fadas, as raparigas ficaram numa posição difícil. As fotografias eram falsas. No entanto – segundo as raparigas –, as fadas existiam realmente. Se tudo tivesse sido uma burla, teria sido mais fácil confessar. Mas não era uma burla – não totalmente, pelo menos. Estavam numa posição embaraçosa e anómala. Se admitissem que as fotografias eram falsas, estariam a implicar que todo o caso era uma enganação. E isso seria tão falso como continuar a afirmar que as fotografias eram genuínas. Decidiram, por isso, ficar caladas.

Quando todo o assunto explodiu novamente em 1965, a situação mantinha-se inalterada. É verdade que Elsie, agora uma mulher dura na casa dos sessenta, já não estava convencida de que Frances tivesse visto fadas; contudo, tinha absoluta certeza de que tivera experiências "psíquicas" e estava, por isso, disposta a manter a mente aberta. Quanto a Frances, tinha visto fadas e não tinha nada a retratar. Numa carta a Leslie Gardner, filho de Edward Gardner, Elsie comentou que, após a sua entrevista com Peter Chambers (em 1965), na qual declarara que as pessoas deviam julgar por si próprias e que as imagens eram "fragmentos da nossa imaginação", Frances dissera indignada: «Porque disseste isso? Sabes muito bem que eram reais».

De facto, Frances sempre manteve que as fadas eram reais. Em novembro de 1918 enviou a primeira fotografia de fadas a uma amiga na África do Sul e rabiscou no verso: «A Elsie e eu somos muito amigas das fadas do riacho. É engraçado, nunca as via em África. Deve ser demasiado quente para elas lá».

No seu manuscrito original do livro sobre Cottingley, Joe Cooper incluíra um capítulo intitulado "Outras Visões", composto por relatos de fadas que lhe foram feitos por várias testemunhas, e isso torna claro porque acreditava em Frances. Um homem, curandeiro, contou como estava sentado com uma rapariga em Gibraltar, a comer uma sanduíche, quando esta lhe foi arrancada por "um homenzinho com cerca de quarenta e cinco centímetros de altura". Um funcionário de oitenta anos da Sociedade Teosófica insistiu que, quando era pequeno, era frequentemente visitado na cama por um gnomo vestido de verde.

Outro idoso descreveu ter visto um gnomo vestido de verde, com cerca de sessenta centímetros de altura, a caminhar por um caminho num campo de milho. Alguns jovens estudantes contaram como, ao passear num

bosque perto de Bradford, viram fadas que estavam a "rodopiar e dançar", mas que eram invisíveis ao olhar direto; só podiam ser vistas "pelo canto do olho". Uma senhora idosa mostrou a Cooper uma fotografia de um gnomo visto através de uma janela embaçada pelo gelo; afirmava que uma manhã descera, vira o gnomo e correra para cima para buscar a câmara. A fotografia também mostra coelhos brancos diminutos.

Joe Cooper acabou por publicar a maioria destes relatos no seu livro *Modern Psychic Experiences*, juntamente com muitos mais. Uma médium da Nova Zelândia chamada Dorothy descreveu como brincava com uma rapariga "espírito" chamada Mabel quando era criança e como vira pela primeira vez fadas, que vinham de debaixo das plantas. Um dia chegou a casa e encontrou o pai inconsciente no chão – uma úlcera gástrica perfurara – e as fadas tomaram conta e acompanharam-na até à casa do médico. A própria sobrinha de Joe Cooper, Jo, que estava na casa dos trinta, descreveu como, aos dezasseis anos, vira três homenzinhos agachados no topo de um muro.

Quando escrevi sobre as fadas de Cottingley em *Poltergeist* (antes de Frances "confessar"), também me dei ao trabalho de encontrar relatos de fadas "reais". Descrevi ter sido entrevistado na televisão no Festival de Edimburgo de 1978 por um homem chamado Bobbie (cujo apelido esqueci de anotar no meu diário); no pub ao lado, ele contou-me casualmente que uma vez vira um gnomo em pé no passeio em frente ao portão de um convento e que isso o "assustara de morte".

O meu amigo Marc Alexander, autor de muitos livros sobre o paranormal, contou-me a história de um amigo na Nova Zelândia chamado Pat Andrew, que afirmava ter visto um duende quando tinha seis anos. Anos mais tarde, depois de ver um hipnotizador de palco, Marc e Andrew começaram a experimentar hipnose um no outro. Marc não tinha dúvidas de que Andrew estava genuinamente hipnotizado, e um dia decidiu tentar "regredi-lo" à idade em que vira o duende. O resultado foi uma conversa unilateral impressionante que deixou Marc sem a menor dúvida de que, quer Andrew tivesse realmente visto um duende ou não, acreditava firmemente que sim.

Um dos relatos mais convincentes que conheço é um encontro com um duende, conforme narrado por outra amiga, Lois Bourne, no seu livro *Witch Among Us*. Lois é uma "bruxa" no sentido de possuir estranhos

poderes psíquicos, cuja realidade não duvido minimamente. É uma mulher extremamente sensata e com os pés assentes na terra. E no seu livro, entre muitas histórias que os investigadores psíquicos acharão suficientemente credíveis, conta uma história que obviamente fará a maioria dos leitores duvidar da sua veracidade ou da sua sanidade.

Durante umas férias numa casa de campo em Crantock, na Cornualha, conheceu um membro de um coven de "wicca" e passou uma noite em sua casa. O marido da mulher, Rob, perguntou-lhe se gostaria de ver um goblin, explicando que um aparecia entre os juncos do riacho do moinho em Treago Mill, Cuberts Heath, todas as manhãs ao nascer do sol; se quisesse vê-lo, teria de se levantar cedo. Na manhã seguinte, Lois e o marido, Wilfred, juntaram-se a Rob no portão do moinho e aproximaram-se sorrateiramente do riacho. Bourne escreve:

«Nunca consegui decidir, e ainda não consigo decidir, se realmente vi aquele goblin, ou se Rob me fez vê-lo… Fosse o que fosse, ali estava, sentado calmamente numa pedra a lavar as suas meias, uma criatura élfica com chapéu vermelho, casaco e calças verdes, uma meia amarela calçada, e outra nas suas minúsculas mãos em processo de lavagem. Lembro-me de ter pensado na altura, no meu modo sonolento, atordoado mas prático: "Que combinação de cores atroz". De repente viu-nos e desapareceu… "Agora acreditas em mim?", perguntou Rob.»

Conheço Lois há anos. Posso ser crédulo e ela pode ser mentirosa, mas acredito nela. Não é do tipo que inventa uma história tão disparatada. E o marido, Wilfred – que também o viu –, não é do tipo que apoia uma mentira descarada.

Como já foi mencionado, o poeta W. B. Yeats convenceu-se da existência das fadas desde que ele e Lady Gregory foram de porta em porta recolher informações junto dos camponeses locais. Registaram essas entrevistas num livro de 1920 intitulado *Visions and Beliefs*. Evans-Wentz conclui o seu *Fairy Faith in Celtic Countries* ao reconhecer: «Parece que chegámos a um ponto… em que podemos postular cientificamente… a existência de tais inteligências invisíveis como deuses, génios, daimones, todo o tipo de fadas verdadeiras e homens desencarnados». (Por estes últimos entende fantasmas.) E prossegue citando a evidência muito sólida da existência do poltergeist.

George Russell (AE) e Evans-Wentz enfatizam que estas entidades só são vistas por "médiuns", e Russell acredita que tais seres não são "indivíduos" no sentido humano: «A vida deles é coletiva, tão pouco individualizada e tão calma que eu poderia ter mais pensamentos variados em cinco horas do que eles em cinco anos».

Quando tudo isto é levado em conta, podemos sentir que a noção de que Frances realmente viu fadas junto ao riacho em Cottingley já não parece assim tão absurda.

17

Fulcanelli e os Mistérios da Alquimia

No outono de 1926 apareceu em Paris uma edição limitada de um livro intitulado *O Mistério das Catedrais – Le Mystère des Cathédrales* –, cujo autor era indicado na página de rosto simplesmente como "Fulcanelli". Tratava-se de um livro escrito por um homem que afirmava ser alquimista e dirigido aos seus pares alquimistas. A sua tese é que as grandes catedrais góticas não são apenas templos da religião cristã, mas também "livros de pedra" cujas páginas contêm os segredos codificados da alquimia.

Segundo Fulcanelli, a palavra "gótico" não deriva do povo germânico conhecido como godos, mas da palavra *argot*, que significa calão. *Arts gothiques* – arte gótica – deveria escrever-se *argotiques*: pois o *argot* é uma linguagem usada por aqueles que não desejam que o seu significado seja compreendido por estranhos. O restante do livro é uma elegante exposição de alguns dos "segredos de pedra" das catedrais de Notre-Dame, Amiens e Bourges.

O prefácio da primeira edição foi escrito por um tal "Eugène Canseliet", que declara que o autor do livro, o seu "Mestre", desapareceu entretanto. «Tendo atingido o pináculo do conhecimento, poderia ele recusar obedecer às ordens do Destino?» «Fulcanelli já não existe», diz Canseliet, e depois agradece ao artista Julien Champagne, «a quem o meu mestre confiou a ilustração da sua obra».

Embora impresso apenas numa edição de trezentos exemplares – ou talvez precisamente por isso –, a reputação de *O Mistério das Catedrais* continuou a crescer, de modo que uma nova edição foi necessária em 1957.

No seu novo prefácio, Canseliet admite que "Fulcanelli" é um pseudónimo sob o qual o seu mestre escolheu ocultar a identidade, e cita uma longa carta de Fulcanelli ao seu mestre, parabenizando-o por ter finalmente alcançado o "Dom de Deus" ou a "Grande Obra", a Pedra Filosofal dos alquimistas.

Quando o livro foi traduzido para inglês em 1971, incluía uma introdução adicional do marido da tradutora, Walter Lang – pseudónimo de Edward Campbell –, na qual este revela que conheceu Canseliet e soube que Canseliet vira Fulcanelli após o seu "desaparecimento" em 1922. Esse encontro ocorrera trinta anos mais tarde e, segundo Canseliet, o seu mestre parecia ter trinta anos menos do que quando o vira pela última vez. Fulcanelli tinha oitenta anos em 1924; agora parecia ter apenas cinquenta. O que era ainda mais estranho era que Fulcanelli estava agora vestido de mulher.

A história de Canseliet era que recebera uma convocatória de Fulcanelli e viajara até um castelo nas montanhas. Lá foi recebido por Fulcanelli na sua aparência masculina normal e lhe foi atribuído um laboratório alquímico para trabalhar. Alguns dias depois, desceu cedo pela manhã, ainda de suspensórios, e viu no pátio um grupo de três mulheres vestidas ao estilo do século XVI. Ao passarem por ele, uma delas virou-se e ele reconheceu Fulcanelli. Mais tarde, Canseliet recordou que um dos símbolos básicos da alquimia é o andrógino ou hermafrodita, por vezes usado como símbolo da "obra concluída" – a obtenção da pedra filosofal. Estaria Fulcanelli a dizer-lhe que alcançara finalmente o objetivo de uma vida?

Quando *O Mistério das Catedrais* apareceu em inglês, Fulcanelli já alcançara um estatuto lendário, semelhante ao do Conde de Saint-Germain (ver capítulo 47). Isso deveu-se em grande parte ao papel que desempenha numa obra de grande êxito de Louis Pauwels e Jacques Bergier, *O Despertar dos Mágicos* (1960), que foi em grande medida responsável pelo "renascimento ocultista" da década de 1960.

Segundo Pauwels, o seu amigo Bergier estudava química em 1933 quando confidenciou ao seu professor o desejo de estudar alquimia – e foi imediatamente e previsivelmente repelido. O estudante protestou que uma forma de alquimia – a energia nuclear – deveria ser possível, mas o professor assegurou-lhe que isso também era impossível. Mesmo assim,

Bergier continuou a estudar alquimia. De 1934 a 1940 trabalhou com André Helbronner, o distinto físico que morreu em Buchenwald.

E entre os conhecidos de Helbronner havia muitos pseudo-alquimistas e pelo menos um alquimista genuíno, cujo nome Bergier nunca soube. «O homem de quem falamos desapareceu há algum tempo sem deixar vestígios visíveis, para levar uma existência clandestina, tendo rompido todos os laços entre si e o século em que vivia.» Bergier só pode supor que se tratava do homem que, sob o pseudónimo de Fulcanelli, escreveu «dois livros estranhos e admiráveis, *Les Demeures Philosophales* e *Le Mystère des Cathédrales*…»

Pauwels prossegue contando como, numa tarde de junho de 1937, Bergier pensou estar na presença de Fulcanelli. A pedido de Helbronner, Bergier encontrou-se com o "alquimista" no laboratório da Companhia do Gás em Paris. O que o homem tinha a dizer-lhe era que as investigações de Helbronner sobre energia nuclear estavam muito próximas do sucesso e que «a investigação em que você e os seus colegas estão empenhados está repleta de perigos terríveis… para toda a raça humana».

A radioatividade, disse o alquimista, poderia envenenar a atmosfera do planeta, e alguns gramas de metal poderiam produzir energia suficiente para destruir uma cidade inteira. «Os alquimistas sabem-no há muito tempo.» Pegando no livro de Soddy *The Interpretation of Radium*, leu em voz alta um parágrafo sugerindo que civilizações anteriores (Atlântida?) teriam sido destruídas por radiação atómica.

Mas a parte mais interessante do relato reside na resposta do alquimista à pergunta de Bergier sobre a natureza das suas investigações:

«Posso dizer-lhe isto: você está ciente de que, na ciência oficial de hoje, o papel do observador se torna cada vez mais importante… O segredo da alquimia é este: há uma forma de manipular matéria e energia de modo a produzir o que os cientistas modernos chamam um "campo de força". Este campo atua sobre o observador e coloca-o numa posição privilegiada em relação ao Universo. Desta posição tem acesso às realidades que normalmente nos são ocultadas pelo tempo e pelo espaço, pela matéria e pela energia. É isto que chamamos "A Grande Obra".»

«Mas e a pedra filosofal? A fabricação de ouro?»

«São apenas aplicações, casos particulares. O essencial não é a transmutação dos metais, mas a do próprio experimentador. É um antigo segredo que alguns homens redescobrem uma vez por século.»

Jacques Sadoul, outro estudante moderno da alquimia, faz o mesmo ponto no seu livro *Alquimistas e Ouro*:

«Na realidade, o pó transmutatório era simplesmente um experimento realizado no final da Grande Obra, para ter a certeza de que a substância fabricada era de facto a Pedra Filosofal… O seu objetivo, depois de transmutar um metal, era transmutar-se a si próprios ingerindo uma dose homeopática da Pedra duas vezes por ano.»

Quando ingere esta dose, o alquimista perde todos os cabelos, unhas e dentes; mas estes crescem novamente, mais fortes e saudáveis do que antes. O adepto torna-se mais jovem e já não precisa de alimento, embora possa continuar a comer por prazer.

A maioria dos leitores modernos será compreensivelmente cética quanto a tudo isto, e o único livro de fôlego sobre o misterioso Mestre de Canseliet, *The Fulcanelli Phenomenon* de Kenneth Rayner Johnson (1980), fará pouco para abalar esse ceticismo. Ele conta como, na década de 1930, um estudante do oculto chamado Robert Ambelain ficou tão intrigado com os livros de Fulcanelli (o segundo, *As Moradas Filosóficas*, é uma expansão das ideias do primeiro) que se lançou à procura dele.

Visitou o editor, Jean Schemit, para pedir permissão de citar os livros de Fulcanelli numa obra sua, *À Sombra das Catedrais*. Schemit contou-lhe como, no início de 1926, fora visitado por um homem de estatura média com um longo bigode gaulês. O estranho começou a falar com Schemit sobre arquitetura gótica e afirmou que esta era uma espécie de código ("argot"), conhecido como "língua verde". Prosseguiu argumentando que o calão continha muitos jogos de palavras e trocadilhos que indicavam na verdade uma profunda profundidade filosófica: era, de facto, a antiga linguagem hermética, a "Língua dos Pássaros" – isto é, dos iniciados. Depois partiu. Algumas semanas mais tarde, Canseliet apareceu no escritório de Schemit e deixou-lhe o manuscrito de *O Mistério das Catedrais*. Schemit leu-o e reconheceu os padrões de fala do seu visitante anterior. Decidiu publicá-lo. Pouco depois, Canseliet voltou, trazendo consigo o artista que ilustraria o livro, Jean-Julien Champagne. E em

Champagne Schemit reconheceu o seu visitante anterior. Canseliet mostrava-lhe "extraordinário respeito e admiração", tratando-o ora por "Mestre", ora por "meu Mestre". Canseliet também se referia a Champagne como "meu Mestre" na sua ausência. Schemit chegou consequentemente à conclusão de que Fulcanelli era Champagne.

Canseliet sempre insistiu que o seu amigo Champagne era apenas um ilustrador, mas isto foi categoricamente contradito por um artigo numa revista ocultista popular que continha uma descrição de uma ilustração de Champagne; a ilustração estava cheia de símbolos alquímicos, e o autor do artigo admitiu que a descrição era do próprio Champagne. O mesmo autor, um homem chamado Jules Boucher, disse a Ambelain que Champagne possuía uma lata de biscoitos contendo goma-resina e que Champagne frequentemente inalava profundamente os seus odores, dizendo a Boucher que possuía alguma qualidade mágica que lhe permitia obter "intuições sobre o conhecimento que procurava". Boucher também disse que Champagne conseguia induzir "experiências fora do corpo" à vontade.

Champagne morrera em 1932, a meio dos seus sessenta anos. A sua antiga senhoria contou a Ambelain que Canseliet e Champagne ocupavam quartos no n.º 59 bis da rue de Rochechouart – o sótão – e que Canseliet tratava Champagne com grande respeito, dirigindo-se-lhe por Mestre. Assim, pareceria uma conclusão lógica que Champagne fosse o "mestre" de Canseliet – isto é, Fulcanelli.

Boucher – que também foi "discípulo" de Champagne – não tinha dúvidas de que Champagne e Fulcanelli eram a mesma pessoa. Quando Champagne corrigia as provas de *O Mistério das Catedrais*, ficava extremamente indignado com erros de impressão, e as provas dos dois livros «foram reescritas oito vezes sob os olhos vigilantes do seu autor». Além disso, disse Jules Boucher, Champagne escreveu os prefácios dos livros, que pediu a Canseliet para assinar.

Canseliet, previsivelmente, nega tudo isto. Afirma que Schemit nunca conheceu Champagne e insiste que foi ele próprio quem escreveu os prefácios. Tende a desvalorizar as alegações de Boucher de ter conhecido Champagne intimamente. Mas se Champagne e Canseliet inventaram Fulcanelli entre os dois, isso seria perfeitamente compreensível. Tendo-se dado ao trabalho de criar um mito moderno – não muito diferente do de

Saint-Germain –, porque haveria de admitir que tudo não passa de uma mistificação direta?

Os argumentos de Kenneth Rayner Johnson contra a identificação Champagne-Fulcanelli também não são convincentes. Ele salienta que Champagne era um conhecido brincalhão e alcoólico. Como exemplo do sentido de humor de Champagne, conta como este aconselhou um estudante crédulo de que o primeiro passo na alquimia era encher o quarto com sacos de carvão. Quando o estudante já tinha arrastado saco após saco por vários lanços de escadas e mal tinha espaço para se deitar na cama, Champagne disse-lhe que a busca da pedra filosofal era uma perda de tempo e que era melhor esquecer. Isto sugere que o sentido de humor de Champagne era pueril e cruel. Isso, argumenta Johnson, dificilmente soa como o autor de *O Mistério das Catedrais*, ao que a resposta óbvia é: porque não? A imersão na magia e no "ocultismo" parece exigir um temperamento peculiar; pode ver-se em dezenas de casos, de Paracelso e Cornelius Agrippa a Macgregor Mathers e Aleister Crowley, todos os quais combinaram o temperamento de um genuíno "buscador da verdade" com o de um vigarista. Relatos contemporâneos revelam que o "grande adepto" Saint-Germain era vaidoso, falador e fanfarrão, e entre os "adeptos" isto parece ser a regra e não a exceção.

Significa isto então que a alquimia deve ser considerada uma fantasia ou uma perda de tempo? A resposta do senso comum deveria obviamente ser sim. Mas o senso comum pode facilmente levar-nos ao erro, como quando nos diz que o Sol gira à volta da Terra ou que a matéria é sólida. Os estudos de Jung sobre a alquimia levaram-no a concluir – tal como o misterioso alquimista de Bergier – que o verdadeiro propósito da alquimia é transformar o alquimista: por outras palavras, que se trata, como o ioga ou o misticismo, de uma disciplina espiritual. A principal diferença entre Jung e Freud era que, para Freud, o mundo se divide em doentes e pessoas "normais", enquanto Jung sempre se sentira fascinado pelas pessoas "supernormais" – santos e homens de génio. Jung queria encontrar uma ligação entre a "psicologia profunda" e as pessoas supernormais, e pensava que talvez a tivesse encontrado na alquimia, que, tal como certos investigadores anteriores, inclinava-se a ver como uma "religião de mistério".

Mas após estudar textos alquímicos obscuros durante muitos anos e tentar "interpretá-los" como se estivessem cheios de simbolismo onírico, chegou à conclusão algo dececionante de que o alquimista "projetava" as suas próprias obsessões básicas nos seus experimentos, tal como nós podemos "ver" rostos nas nuvens, de modo que a alquimia se tornava uma espécie de espelho em que via as suas próprias profundezas ocultas. Por outras palavras, tratava-se de uma espécie de autoengano inconsciente.

No entanto, na sua obra posterior sobre a sincronicidade (ver Capítulo 54), Jung tropeçou em algumas pistas vitais para este problema. Por sincronicidade, Jung entendia "coincidência significativa", como, por exemplo, quando ouvimos um nome pela primeira vez e depois o ouvimos meia dúzia de vezes mais nas vinte e quatro horas seguintes, quase como se o "destino" estivesse a tentar garantir que o aprendêssemos de cor. Jung esforçou-se por encontrar explicações "científicas" para tais coincidências, falando de um "princípio de ligação acausal" e do princípio da incerteza de Heisenberg. Críticos como Arthur Koestler sugeriram que Jung estava apenas a tentar envergar ideias "ocultistas" com terminologia científica aceitável.

Mas é geralmente aceite que a base do "ocultismo" é a afirmação atribuída a Hermes Trismegisto (depois de quem se nomeia a "arte hermética"): "Como em cima, assim em baixo", o que significa que o padrão do grande universo se repete no pequeno universo da alma humana (microcosmo). Em *Alquimistas e Ouro*, Jacques Sadoul começa por citar uma tradução da chamada Tábua de Esmeralda de Hermes feita por Fulcanelli: «Como em baixo, assim em cima; e como em cima, assim em baixo. Com este conhecimento sozinho podes operar milagres».

O que poderíamos chamar de interpretação junguiana disto é o seguinte. É evidente que os acontecimentos externos influenciam os nossos estados de espírito (ou de alma). Mas talvez o princípio mais fundamental do ocultismo seja que a alma humana pode influenciar acontecimentos externos, possivelmente por algum processo de indução não muito diferente daquele utilizado numa bobina de indução. O princípio desta última é o seguinte. Quando uma corrente elétrica passa por uma bobina de fio, cria um "campo" à volta do fio. E se outra bobina de fio, com mais "voltas" de fio, for enrolada à volta da primeira, uma corrente muito mais poderosa é de algum modo induzida na segunda bobina. Um equipamento

elétrico americano funciona com uma corrente de 120 volts; em Inglaterra a voltagem é duas vezes maior; por isso, se quiser usar uma máquina de barbear americana em Inglaterra, ou vice-versa, basta comprar um pequeno transformador que "eleve" de 120 para 240 volts, ou "reduza" de 240 para 120 volts. As vibrações elétricas numa bobina comunicam-se à outra e induzem uma corrente mais forte – ou mais fraca.

A lei "Como em cima, assim em baixo" pode, assim, ser interpretada: a alma humana pode, nas circunstâncias certas, induzir as suas próprias "vibrações" no mundo material; um resultado deste processo é a coincidência – ou melhor, a sincronicidade.

É também verdade, claro, que o "transformador mental" pode ser usado para o efeito oposto: para "reduzir" a corrente vital a um nível mais baixo. Este é, de facto, o problema da maioria dos seres humanos: usamos o nosso transformador mental ao contrário. Muitas vezes, um vago sentimento geral de "desânimo" ou pessimismo provoca uma "indução negativa" no ambiente. Todos conhecemos a sensação de que é "um daqueles dias" e como, nesses dias, tudo parece correr mal. Além disso, todos reconhecemos instintivamente que isso se deve às nossas próprias atitudes negativas; elas parecem atrair azar.

O inverso é a sensação de que as coisas estão de algum modo destinadas a correr bem e que, de forma estranha, o otimismo induzido por esta intuição provocará "serendipidade". Nesses momentos temos também um vislumbre de uma perceção entusiasmante: que, se conseguíssemos aprender a criar este estado de otimismo à vontade, poderíamos de algum modo fazer as coisas correrem bem. Toda a gente reconhece o outro lado da mesma moeda: que pessoas pessimistas que "esperam o pior" de algum modo atraem azar. No entanto, a sensação de que as atitudes mentais certas podem induzir boa sorte é estranhamente inquietante; parece estar a desafiar o destino…

Tudo isto, argumentaria eu, está implícito na teoria junguiana da sincronicidade e na "lei hermética", Como em cima, assim em baixo. E se esta lei for também o ponto de partida da alquimia, então é obviamente um erro pensar na alquimia como uma forma equivocada de química cujo objetivo é a transmutação do chumbo em ouro. Sadoul tem obviamente razão; a transmutação é apenas um símbolo de outra coisa. Mas se a transmutação for apenas outro nome para a perceção mística, um sinónimo

de *satori* ou iluminação, então porque perder tempo com retortas e cadinhos?

O que parece estar implícito é que a alquimia é um método, como o ioga ou as disciplinas do Zen. Os alquimistas antigos podem muito bem ter acreditado que o chumbo poderia ser transmutado em ouro por algum processo químico direto, mas os seus equivalentes modernos sabem melhor. Reconhecem que, num sentido básico, a alquimia é um símbolo para o processo real de viver. O alquimista tradicional começa com a chamada *prima materia* (que alguns acreditam ser sal, outros mercúrio, outros terra, até água), que deve ser misturada com "fogo secreto" e aquecida num recipiente selado; isto deve primeiro tornar-se negro (a "nigredo"), depois branco (a "albedo"). Esta mistura é combinada com "mercúrio" (mas não necessariamente o mercúrio do químico) e depois dissolvida em ácido; após um processo conhecido como "o leão verde", acaba por ficar vermelho – a pedra filosofal. Para todos os seres humanos, a *prima materia* é o mundo da sua experiência quotidiana. Surpresas agradáveis, estímulos físicos agradáveis, lampejos de "consciência de férias" podem transmutar a experiência quotidiana no que J. B. Priestley chama "deleite", e naquela estranha sensação de que "tudo está bem". Quando experimentamos esses momentos, confrontamo-nos sempre com a mesma perceção: que, por mais absurdo que pareça, a experiência agradável que desencadeou a perceção era desnecessária; deveríamos ser capazes de a alcançar por um ato de vontade.

Todo o processo químico da alquimia pode ser visto como paralelo a esta experiência. Canseliet observa que Fulcanelli nunca teria tentado "a grande obra" se não tivesse começado com a convicção de que era possível. E este parece ser o passo inicial no processo que estamos a discutir: a criação de um estado de otimismo, um estado pragmático de "intencionalidade". A implicação dos textos clássicos da alquimia é que o alquimista deve de algum modo "apoiar" o processo químico com um processo psicológico.

Só quando tiver alcançado o estado de espírito certo, de "indução positiva", é que a transformação pode ser conseguida. E o objetivo último do processo não é a pedra filosofal, mas o estado de espírito em que a pedra filosofal pode ser fabricada. O objetivo do processo alquímico é fazer o "operador" reconhecer que pode controlar os seus próprios estados mentais.

O uso de simbolismo sexual na alquimia pode ser uma pista de que o mais próximo que a maioria dos seres humanos chega deste controlo é no componente mental da experiência sexual.

Num certo sentido, portanto, é irrelevante se Fulcanelli realmente existiu ou se era Jean-Julien Champagne, ou mesmo se Canseliet o inventou. Os próprios "adeptos" reconhecem este princípio básico quando insistem no anonimato. Todos os textos clássicos parecem concordar que a transmutação física é uma possibilidade genuína; contudo, até isto pode ser considerado um subproduto irrelevante. Sadoul afirma que é por isso que nenhum alquimista bem-sucedido se deu ao trabalho de fabricar grandes quantidades de ouro.

Numa crítica ao livro *Flashbacks* de Timothy Leary na revista *Books and Bookmen* (novembro de 1983), John Walsh observou: «A consciência expandida, segundo Leary, leva a um sistema de "impressão" radicalmente diferente, mais amplo e mais libertário, pelo qual o cérebro humano dá a si próprio, num único momento ofuscante, uma imagem do mundo inteiro em que se move, e depois extrai força e sustento mental desse paradigma». Isto também poderia ser considerado um resumo conveniente do propósito fundamental da "alquimia".

18

O Mistério de Glozel Enigma Arqueológico ou Fraude?

Um dia de 1869, um grupo de caçadores do castelo de Santillana del Mar, ao pé das montanhas Cantábricas, no norte de Espanha, apercebeu-se de que tinha perdido um cão. Assobiaram e procuraram e acabaram por ouvir o animal a ganir vindo de uma fenda no chão. Saía ar frio da fenda. Desceram pela fenda e as suas tochas revelaram uma grande caverna. Resgataram o cão e regressaram para contar a descoberta ao seu senhor, Dom Marcelino de Sautuola. O Dom desceu pela fenda, concluiu que a caverna era apenas um buraco no chão sem interesse particular e decidiu selá-la para impedir que os rapazes da aldeia brincassem lá dentro. Nos nove anos seguintes esqueceu-se dela.

Mas em 1878 visitou a Exposição de Paris e ficou fascinado pelos expositores cheios de ferramentas e gravuras da Idade do Gelo. (A última

Idade do Gelo terminou há cerca de 12 000 anos.) Ao regressar a casa, Dom Marcelino consultou um especialista sobre o procedimento correto para procurar artefactos da Idade do Gelo e depois dirigiu-se à caverna armado com uma pá e uma tocha.

As suas primeiras escavações foram dececionantes; não encontrou nada. Finalmente, quase um ano depois, foi recompensado com a descoberta de um machado de mão e algumas pontas de seta de pedra. Começou a escavar com renovado vigor. E um dia, quando a sua filha de cinco anos, Maria, estava na caverna com ele, ouviu-a gritar de espanto. Ela encontrava-se num recesso que o Dom ignorara por ser demasiado baixo para ele. Mas a criança tinha visto figuras de touros a investir nas paredes. Ao princípio o Dom não conseguiu ver nada; depois, ao aproximar a vela da parede, reconheceu o olho de um bisão. Uma observação mais próxima revelou que a parede estava coberta de figuras de bisontes – touros, vacas e vitelos – em todas as posturas. O que ele vira primeiro estava deitado de lado, em processo de morrer. O teto e as outras paredes estavam cobertos de pinturas ainda mais extraordinárias. Quando as tocou, apercebeu-se de que o pigmento ainda estava húmido.

Juntamente com o seu amigo, o Professor Vilanova, Marcelino anunciou a descoberta ao mundo; visitantes – incluindo o rei de Espanha – acorreram à caverna (hoje conhecida como Altamira). Mas quando se dirigiu a um congresso de pré-historiadores em Lisboa, Marcelino ficou atónito ao descobrir que o consideravam uma fraude. De facto, todos os eruditos da Europa denunciaram as pinturas. Marcelino mandou reproduzi-las num livro; foi ignorado. Os homens das cavernas antigos não podiam pintar daquela maneira, disseram os especialistas; tinha de ser uma burla. O seu principal inimigo, um pré-historiador chamado Cartailhac, chegou mesmo a recusar-lhe a entrada num congresso em Argel.

Anos mais tarde, Cartailhac foi ver as cavernas recentemente descobertas em Les Eyzies, no vale do Vézère, e encontrou-as cheias de pinturas semelhantes às de Altamira. Tarde demais, regressou a Altamira para pedir desculpa pelo seu erro; a criança Maria, agora uma mulher adulta, só pôde levá-lo a ver o túmulo do pai.

Esta história, não invulgar no comportamento dos “especialistas”, pode servir de prelúdio a outra narrativa de descoberta que começou em 1924, quando uma vaca tropeçou num buraco no sul de França. Isso

aconteceu numa quinta da família Fradin, perto de Glozel, não longe de Vichy. A família tinha encontrado alguns fragmentos de cerâmica durante a Primeira Guerra Mundial; agora, investigando o buraco em que a vaca tropeçara, encontraram "uma espécie de túmulo", contendo vários vasos e tábuas inscritas. Havia um pavimento oval de tijolos, alguns dos quais com vidro derretido, e outros pedaços de vidro espalhados. Uma professora local disse aos Fradin que tinham encontrado uma sepultura de cremação e que isso explicava o vidro derretido. Mas outro visitante do local achou mais provável que tivessem tropeçado num forno de vidro romano ou medieval.

No ano seguinte, um médico de Vichy chamado Morlet, também arqueólogo amador, veio à quinta. Tinha encontrado recentemente um esqueleto no seu próprio jardim. Quando os Fradin lhe contaram que tentavam convencer a sociedade histórica local a pagar as escavações, Morlet cometeu o erro de oferecer comprar os achados – e quaisquer outros que viessem a encontrar – e disse-lhes para cercar o local. Foi um erro porque mais tarde levou à acusação de que os Fradin tinham inventado uma burla por dinheiro. Contudo, parece claro que não fizeram qualquer tentativa de lucrar com a descoberta antes de Morlet aparecer.

Os Fradin e Morlet começaram agora a escavar o local – que ficou conhecido como "o Campo dos Mortos" – juntos. Depressa descobriram uma variedade assombrosa de objetos. Estes incluíam gravuras em osso de animais e figuras de renas em pedras, bem como marcas que pareciam escrita. De facto, desenterraram muitas tábuas inscritas. Encontraram também rostos esculpidos – cada um com cerca de dois centímetros e meio de altura – e uma figura humana em pé sobre um animal.

Um escritor francês, Robert Charroux, cujos livros sobre mistérios antigos são creditados por terem inspirado Erich von Däniken (ver capítulo 8), declarou confiadamente em 1969: «Pouco se sabe sobre a civilização de Glozel, exceto que deve ter existido antes do Dilúvio, a grande catástrofe que bloqueou as cavernas de Lascaux e engoliu a necrópole ou centro religioso de Glozel, tendo todos os habitantes morrido no desastre». Estimou que Glozel floresceu há cerca de 15 000 anos, no final da última grande era glacial.

Este foi o período da cultura magdaleniana, a que pertencem as pinturas de Altamira e Lascaux (descoberta em 1940). Porque os caçadores

e pescadores desse período estavam rodeados de abundância de alimento, ocorreu uma explosão demográfica e grandes números de pessoas começaram a viver em habitações lacustres. Se, como acredita Charroux, Glozel pertence a este período, então as tábuas com escrita sobre elas apoiam certamente a sua tese de que a civilização é muito mais antiga do que acreditamos – o que, por sua vez, fornece um argumento para a teoria dos "antigos astronautas" discutida no capítulo 8.

A cerâmica de Glozel torna esta tese improvável, no entanto, pois a cerâmica mais antiga conhecida data de muitos milhares de anos depois – há 9000 anos no Japão e muito mais tarde na Europa. Alguma da cerâmica de Glozel apresenta rostos semelhantes a corujas, como a cerâmica da Idade do Bronze francesa (de cerca de 2000 a.C.). Por outro lado, Morlet datou certas cabeças de machado polidas para o período neolítico (Nova Idade da Pedra), após 9000 a.C. Se ele estivesse correto, então a escrita não teria sido inventada no Médio Oriente (Suméria) por volta de 3500 a.C., mas em França cinco mil anos antes.

Uma autoridade francesa notável no assunto era o Professor Salomon Reinach, autor de um livro de grande êxito sobre a história da religião intitulado *Orfeu*. A sua primeira reação aos achados de Glozel foi que poderiam ser falsificações. Mas quando visitou Glozel, convenceu-se de que eram, de facto, genuínos. Os céticos apontariam mais tarde que Glozel parecia apoiar algumas das teorias preferidas de Reinach, como a de que as renas sobreviveram em França muito mais tarde do que os arqueólogos acreditavam, e que a França seria o berço da civilização. De qualquer modo, ele anunciou a sua convicção de que os achados eram genuínos, e o resultado foi uma enorme publicidade, que transformou Glozel numa atração turística.

Outros arqueólogos reagiram declarando a sua convicção de que Glozel era uma fraude e que os Fradin estavam ativamente a fabricar artefactos "antigos" e a enterrá-los. Quando foram descobertos túmulos toscamente construídos, os anti-Glozelianos salientaram que em milhares de anos não entrara terra entre as fendas, o que parecia improvável. O curador do museu de Villeneuve-sur-Lot anunciou que se abrigara numa granja em Glozel em setembro de 1927 e vira alguns artefactos meio acabados e algumas tábuas de argila por cozer. Se fosse verdade, esta prova seria devastadora. Por outro lado, como os Glozelianos salientaram, o

curador de um museu rival poderia ter as suas próprias razões para lançar dúvidas sobre Glozel.

Uma comissão enviada a Glozel pelo Congresso Internacional de Antropologia de 1927 apresentou um relatório desfavorável, declarando que os achados "não eram de grande antiguidade". A polícia desceu agora sobre Glozel e apreendeu vários artefactos, que foram enviados para o laboratório da polícia em Paris. Reinach contra-atacou conseguindo que um polícia sueco chamado Soderman testasse os objetos de osso num laboratório de Estocolmo. O laboratório relatou que o osso tinha um teor orgânico inferior ao do osso moderno. O relatório da polícia de Paris, por outro lado, declarou que os artefactos pareciam modernos e que uma cabeça de machado neolítico parecia ter sido trabalhada com uma lima. Mas os Glozelianos recusaram-se a convencer-se. Quando acusado de fraude, Émile Fradin processou e ganhou o caso – embora só tenha recebido um franco de indemnização.

A controvérsia prolongou-se, mas – como no caso de Altamira – o ceticismo prevaleceu, e tornou-se geralmente aceite que os achados de Glozel eram fraudulentos. E quando, em 1953, o famoso "crânio de Piltdown" foi revelado como uma burla (ver capítulo 35), tornou-se moda classificar Glozel e Piltdown juntos. Glozel também fora saudado como uma espécie de elo perdido – neste caso, o elo perdido entre os caçadores da Idade da Pedra Antiga e os agricultores da Idade da Pedra Nova – uma lacuna a que os arqueólogos se referiam como "o antigo hiato". Supunha-se que os caçadores da Idade da Pedra Antiga teriam seguido as renas em retirada para norte e que os agricultores da Idade da Pedra Nova teriam chegado de outro lugar, possivelmente da Ásia. Reinach estava convencido – corretamente, como se veio a verificar – de que isso nunca aconteceu e que os agricultores da Idade da Pedra Nova eram descendentes dos caçadores da Idade da Pedra Antiga. Assim, Glozel preenchia o hiato. Eventualmente, o hiato dissolveu-se, tal como o elo perdido. E Glozel tornou-se não apenas suspeito, mas irrelevante.

Então, em 1974, Émile Fradin – que tinha dezassete anos na altura das primeiras descobertas – anunciou que um exame científico de artefactos de Glozel na Dinamarca provara a sua autenticidade. A técnica utilizada chamava-se termoluminescência. Quando a cerâmica é cozida, liberta eletrões presos que provêm de vestígios radioativos na argila. Depois, o

vaso volta gradualmente a acumular eletrões presos provenientes da radioatividade. Se o vaso for aquecido a entre 300 e 500 °C, emite um brilho, resultante da libertação dos eletrões presos. Quanto maior o brilho, mais antigo o vaso. Amostras de cerâmica de Glozel foram entregues ao Dr. Hugh McKerrel do Museu Nacional de Antiguidades da Escócia e ao Dr. Vagn Mejdahl da Comissão Dinamarquesa de Energia Atómica. Mediram a termoluminescência da cerâmica de Glozel e concluíram que fora cozida por volta da época de Cristo, algumas delas possivelmente oitocentos anos antes.

Isto, claro, contradizia a tese de Reinach de que a cerâmica era neolítica. Mas também contradizia a noção de que os achados cerâmicos de Glozel tinham sido cozidos num forno na quinta. Algumas das tábuas com escrita também foram datadas do mesmo período.

Os arqueólogos ficaram indignados e acusaram os físicos de incompetência. O programa "Chronicle" da BBC convidou prontamente uma equipa de especialistas para irem ver Glozel novamente. A sua conclusão foi que as novas provas continuavam em desacordo com os factos. Se a cerâmica de Glozel datasse de entre 2000 e 2800 anos atrás, então os exemplos mais recentes deveriam ser semelhantes a outra cerâmica do período em que a França (Gália) estava ocupada pelos romanos. Não era. Era *sui generis* – do seu próprio tipo único.

E assim o mistério permanece. Será Glozel outra burla de Piltdown? É uma conclusão tentadora, mas se a aceitarmos, temos de ignorar alguns factos em contrário. Charles Dawson, o homem que encontrou o crânio de Piltdown, era um arqueólogo amador, pelo que poderia ter tido um motivo para a falsificação (embora ainda não esteja claro qual). Mas quando Émile Fradin e o seu avô encontraram o primeiro "túmulo" (ou forno de vidro), não tinham motivo para engano. E se é verdade que achados anteriores tinham surgido durante a Primeira Guerra Mundial, então este ponto é reforçado. Não fizeram qualquer tentativa de lucrar com a descoberta, e só um ano depois é que o Dr. Morlet apareceu em cena e os Fradin finalmente começaram a ganhar dinheiro com os seus achados.

Terá isto tentado a começar a falsificar artefactos? É certamente possível. Mas um agricultor francês sem instrução teria o tipo de conhecimento necessário para falsificar cerâmica, cabeças de machado, figurinhas de osso e tábuas de argila gravadas? Além disso, um dos

achados mais antigos foi um tijolo com “escrita” nele. Se isto fosse genuíno, então os achados posteriores também poderiam ser genuínos. E a conclusão teria de ser que, na época de Sócrates, Glozel albergava uma pequena e florescente comunidade com a sua própria cultura especial.

Reinach estava indubitavelmente errado. Glozel não prova que a escrita tenha surgido em França na Idade da Pedra Nova. Mas as provas (indiscutivelmente confusas) parecem indicar que os especialistas também podem estar errados e que – tal como Dom Marcelino – os Fradin poderão um dia receber um pedido de desculpas tardio.

19

O Homem Cinzento de Ben MacDhui

Na 27.ª Assembleia Geral Anual do Cairngorm Club em Aberdeen, em dezembro de 1925, o eminente montanhista Professor Norman Collie fez uma revelação chocante. Contou como, em 1890, escalava sozinho o Ben MacDhui, a 1200 metros acima do nível do mar, quando teve uma experiência aterradora. Ao regressar do marco no planalto, havia uma névoa densa e Collie ouviu ruídos de passos atrás de si, «como se alguém caminhasse atrás de mim, mas dando passos três ou quatro vezes mais longos do que os meus». Disse a si próprio que era disparate, mas à medida que continuava a andar e os passos continuavam a soar atrás dele, «fui tomado de terror e fugi, cambaleando às cegas entre as pedras durante quatro ou cinco milhas até à floresta de Rothiemurchus».

Na verdade, Collie contara a história vinte e três anos antes, a amigos na Nova Zelândia, e o resultado fora uma reportagem num jornal neozelandês com o título: «O Pânico de um Professor». Como resultado desta história, outro montanhista escocês, o Dr. A. M. Kellas – que viria a morrer durante a expedição de reconhecimento ao Monte Evereste de 1921–2 – escreveu a Collie contando-lhe a sua própria experiência curiosa no Ben MacDhui. Kellas e o seu irmão Henry estavam a lascar a rocha em busca de cristais numa tarde tardia quando viram uma figura gigante a descer na direção deles a partir do marco. A figura desapareceu brevemente numa depressão, e enquanto os dois homens fugiam encosta abaixo novamente na névoa, ambos ficaram convencidos de que estavam a ser seguidos pelo “gigante”.

Este relato faz parecer que alguma forma de "Yeti", ou Abominável Homem das Neves, vive nas encostas do Ben MacDhui. Mas relatos de outros escaladores tornam claro que a explicação pode não ser tão simples. Peter Densham, que estava encarregado dos trabalhos de resgate de aviões nos Cairngorms durante a Segunda Guerra Mundial, descreveu numa entrevista a um jornalista como, em maio de 1945, deixou a aldeia de Aviemore e escalou até ao marco no cume. Subitamente, enquanto olhava para Ben Nevis, a névoa fechou-se. Sentou-se ali a comer chocolate, consciente de ruídos estranhos que atribuiu à expansão e contração das rochas, quando teve uma forte sensação de que havia alguém perto dele.

Depois sentiu algo frio na nuca e uma sensação de pressão. Levantou-se e ouviu ruídos de passos vindos da direção do marco. Dirigiu-se ao marco para investigar, «sem o menor medo». Então, subitamente, experimentou uma sensação de apreensão e viu-se a correr em direção ao Lurcher's Crag, com o seu precipício vertical. «Tentei parar-me e descobri que era extremamente difícil fazê-lo. Era como se alguém me estivesse a empurrar. Consegui desviar o meu curso, mas com grande dificuldade…» Correu a maior parte do caminho de volta pela montanha abaixo.

Noutra ocasião, Densham estava na montanha com o seu amigo Richard Frere, à procura de um avião que se dizia ter-se despenhado. Estavam sentados perto do marco quando Densham se surpreendeu ao ouvir Frere aparentemente a falar sozinho do outro lado do marco. Depois apercebeu-se de que Frere estava a falar com outra pessoa. «Fui dar a volta e encontrei-me a juntar-me à conversa. Foi uma experiência estranha que parecia ter um aspeto psíquico. Falámos com alguém invisível durante algum tempo, e pareceu-nos que tínhamos mantido esta conversa por algum tempo quando subitamente nos apercebemos de que não havia mais ninguém além de nós próprios. Depois, estranhamente, nenhum de nós conseguiu recordar o conteúdo desta extraordinária conversa.» O que parece ainda mais estranho é que, quando o próprio Frere foi localizado por Affleck Gray, o autor de um livro intitulado *The Big Grey Man of Ben MacDhui*, não tinha qualquer recordação do episódio descrito por Densham. Mas tivera as suas próprias experiências estranhas na montanha e descreveu-a a Gray como «a montanha mais misteriosa em que alguma vez estive». Contou a Gray sobre um dia em que escalara até ao alto passo de Lairig Ghru, acima de Ben MacDhui, e se sentara a olhar para os penhascos de Lurcher's Crag com a sua cascata de água. Depois viu-se a

deslizar para um curso de pensamentos «esquisito e desagradável», pelo que se levantou e caminhou. Mas o abatimento transformou-se numa sensação de profunda depressão e apatia. Então, subitamente, tornou-se certo de que não estava sozinho. «Muito perto de mim, permeando o ar que se movia tão suavemente na brisa de verão, havia uma Presença, completamente abstrata mas intensamente real.»

Depois Frere notou outra coisa. «O silêncio da montanha foi violado por uma nota cantante intensamente aguda, um som que estava mesmo no limite da capacidade auditiva, que nunca subia nem descia… O som, parecia, vinha do próprio solo da montanha.» Este som continuou até que ele chegou abaixo de Lurcher's Crag, quando a música se tornou tão ténue que não tinha a certeza se ainda estava lá. Mas a «Presença abstrata» parecia agarrar-se a ele «com uma espécie de ansiedade desesperada, como se desejasse apaixonadamente deixar a montanha que assombrava…» Depois houve um lampejo momentâneo de terror, e desapareceu.

A experiência da nota estranha e sustentada não é tão invulgar como Frere aparentemente pensava. Na sua autobiografia *The Infinite Hive*, a eminente investigadora psíquica Rosalind Heywood chama-lhe «o Canto». Descreve-o como «uma espécie de som interior vibrante contínuo, cuja analogia mais próxima é o ruído induzido ao pressionar uma concha contra o ouvido, ou talvez o zumbido de um dínamo distante». Rosalind Heywood conseguia ouvir «o Canto» de forma bastante constante – embora muito ténue – se direcionasse toda a sua atenção para ele. Diz que «é muito mais evidente em alguns lugares do que noutros; particularmente numa floresta silenciosa, por exemplo, ou numa charneca ou numa montanha…» Observa que também o ouve em igrejas e bibliotecas universitárias, «lugares onde o pensamento ou a devoção foram intensos durante anos». Nota que «o Canto da montanha transmite uma "atmosfera" diferente do Canto da igreja, tal como um oboé transmite uma "atmosfera" diferente de uma trombeta».

E diz que conheceu outras quatro pessoas que o ouvem; num caso, mencionou-o a um jovem engenheiro, convencida de que ele era um pragmático completo; para sua surpresa, ele respondeu: «Oh sim, também o ouço, em lugares onde acabaram de ocorrer emoções fortes». Assim, até certo ponto, o «Canto» parece ser uma espécie de "registo": Rosalind Heywood diz que também o "sente" quando entra numa sala onde se tem realizado pensamento intenso. Contudo, não pode ser inteiramente devido a

"vibrações" humanas, pois menciona que a estação de metro de Hampstead – a mais profunda de Londres – é o único lugar onde não o ouviu. «O silêncio era morto.»

Se "o Canto" pode ser ouvido em lugares onde ocorreram pensamentos intensos ou culto, isso confirma que pode ser considerado uma espécie de "registo". Na década de 1840, um professor americano de anatomia chamado Joseph Rodes Buchanan chegou à interessante conclusão de que cada objeto tem a sua própria história de algum modo "impressa" nele, e que "médiuns" podem sentir essa história ao segurá-lo nas mãos; chamou a esta faculdade "psicometria". Observou que as cartas manuscritas parecem ser particularmente bons "gravadores" do estado de espírito do escritor, especialmente se este estivesse a sentir alguma emoção poderosa na altura. No início do século XX, o cientista e investigador psíquico Sir Oliver Lodge avançou a teoria de que "fantasmas" podem ser "registos" – que as poderosas emoções associadas a alguma tragédia podem ser impressas nas paredes do quarto onde ocorreu, de modo que uma pessoa "sensível" que entrasse no quarto sentisse uma estranha sensação de miséria e opressão, ou talvez até visse a tragédia reencenada.

Um docente de Cambridge chamado Tom Lethbridge sugeriu uma teoria muito semelhante de "gravação em fita" meio século mais tarde. Lethbridge sugeriu que estes "registos" são impressos em algum tipo de campo elétrico, e acreditava que montanhas, desertos e bosques têm cada um o seu próprio tipo especial de "campo". (Parecia sentir que o campo da água é o melhor "gravador", de modo que os fantasmas estão frequentemente associados a lugares húmidos).

Parece concebível, portanto, que quando Rosalind Heywood ouviu "o Canto" estivesse simplesmente a captar algum tipo de campo elétrico – um campo que, devido às suas propriedades, poderíamos batizar de "campo psíquico". Porque Richard Frere se tornou subitamente consciente deste campo nas encostas de Ben MacDhui terá de permanecer uma questão em aberto. Mas pelo menos parece oferecer algum tipo de confirmação de que a sua sensação de ameaça e depressão não era mera imaginação.

O episódio em que Frere e Densham mantiveram uma conversa com alguma entidade invisível parece ainda mais estranho; presumivelmente estavam a responder a alguma "presença" num nível subconsciente, quase

como se estivessem a sonhar. Isto também poderia explicar porque Frere nem sequer se lembrava do episódio mais tarde.

Frere também contou a Affleck Gray uma curiosa história sobre um amigo – cuja identidade não estava autorizado a revelar – que decidiu passar a noite em Ben MacDhui para ganhar uma aposta. Montou a sua tenda junto ao marco do cume numa noite de janeiro. (Este não é um marco artificial, mas uma formação natural erodida pelo tempo.) Também começou a experimentar a familiar sensação de irrealidade e "a direção mórbida e analítica do pensamento". Frere explicou: «Não se sentia de modo algum louco: o terror que o possuía dizia respeito ao impacto iminente de um conhecimento que sabia que o separaria sempre dos seus semelhantes. Era como se fosse o destinatário involuntário de uma vasta gama de novos impulsos de pensamento revolucionários construídos numa mente todo-poderosa. E essa mente não era humana nem anti-humana; simplesmente não tinha nada a ver com ele.»

Adormeceu e acordou «com um medo de natureza mais aterradora». O luar entrava pela abertura da cobertura da tenda, e enquanto olhava para ele viu uma mancha castanha e «soube que algo se encontrava entre ele e a lua». Ficou ali em imobilidade gelada até a sombra desaparecer. Agora puxou a cobertura da tenda. «A noite estava brilhante. A cerca de vinte jardas de distância, uma grande criatura castanha descia a encosta com ar arrogante.» Usou a palavra "swaggering" porque a criatura tinha um ar de força insolente.

A sua impressão era que a criatura tinha cerca de seis metros de altura e estava coberta de pelo castanho curto. Era demasiado ereta para ser um enorme macaco; tinha uma cintura afilada e ombros muito largos. O livro de Affleck Gray contém uma fotografia de pegadas na neve tirada em Ben MacDhui, e parecem estranhamente semelhantes à famosa fotografia das pegadas do "Abominável Homem das Neves" descoberta no glaciar Menlung no Evereste por Eric Shipton em 1951.

Frere inclinava-se a perguntar-se se a criatura de pelo castanho era real, ou se talvez tivesse sido de algum modo criada pela imaginação do seu amigo naquele estranho estado de espírito "irreal".

No seu livro *The Secret of Spey*, a escritora Wendy Wood descreve a sua própria experiência em Ben MacDhui. Chegara à entrada do passo de

Lairig Ghru num dia de neve e preparava-se para regressar quando ouviu uma voz "de ressonância gigantesca" mesmo atrás de si. «Parecia falar com as consoantes ásperas e vogais plenas do gaélico.» Perguntou-se se alguém estaria ferido na neve e andou em círculos até se convencer de que estava sozinha.

Agora com medo, começou a apressar-se a descer, e à medida que descia a montanha, achou que ouvia passos a segui-la. «Tinha uma estranha sensação de que algo caminhava imediatamente atrás dela.» Ao princípio pensou que poderiam ser ecos dos seus próprios passos, até perceber que os ruídos de esmagamento não correspondiam exatamente aos seus passos. Pergunta no seu livro se os estranhos acontecimentos em Ben MacDhui não poderiam ser «a concreção das imaginações da raça, agarradas a um lugar particular, discerníveis apenas por aqueles cuja sensibilidade racial está aberta a receber as impressões e medos primordiais de um tempo passado». Por outras palavras, sugere que o "fantasma" de Ben MacDhui é um "registo".

Isto parece ser confirmado, até certo ponto, por uma experiência narrada pela romancista Joan Grant na sua autobiografia *Time Out of Mind*. O seu livro revela que era altamente psíquica. Ela e o marido nem sequer estavam em Ben MacDhui, mas mais abaixo perto de Aviemore; Gray sugere que estavam no caminho de Lairig Ghru perto de Coylum Bridge. Sem motivo aparente, foi subitamente dominada pelo medo. «Algo – completamente maligno, de quatro patas e contudo obscenamente humano, invisível e contudo sólido o suficiente para eu ouvir o bater dos seus cascos, tentava alcançar-me. Se o conseguisse, eu morreria, pois estava demasiado assustada para saber como me defender.» Fugiu em pânico. «Corri cerca de meia milha quando irrompi através de uma barreira invisível atrás da qual sabia que estava segura. Sabia que estava segura agora, embora um segundo antes tivesse estado em perigo mortal; sabia-o com tanta certeza como se fosse um toureiro que saltou a barreira diante de um touro em investida.»

O que parece emergir da maioria destas histórias sobre Ben MacDhui é que a principal manifestação é uma súbita sensação de depressão seguida de pânico. O relato de Joan Grant sublinha outro ponto importante. Tom Lethbridge, já citado, observara repetidamente que estas súbitas sensações desagradáveis de medo ou "maldade" parecem ter uma área precisamente

definida, de modo que é possível entrar ou sair delas num único passo. Descreve, por exemplo, como um dia ele e a sua mulher Mina foram à praia de Ladram em Devon para recolher algas para o jardim.

Num ponto da praia onde um pequeno riacho corria da falésia, ambos experimentaram uma estranha sensação de abatimento. «Entrei numa espécie de cobertor, ou nevoeiro, de depressão e, penso, de medo.» Mina Lethbridge foi recolher algas na outra extremidade da praia mas depressa voltou apressada. «Não aguento mais este lugar. Há aqui algo horrível.» Na semana seguinte regressaram, num outro dia cinzento e sombrio, e foram novamente recebidos pela mesma sensação de depressão – Tom comparou-a a um mau cheiro. Era mais forte à volta do riacho, fazendo-o sentir-se quase tonto. Mina foi ao topo da falésia fazer um esboço, e teve uma súbita sensação de que estava a ser incitada a saltar. Mais tarde verificaram que alguém se suicidara naquele exato local.

Tom notou que era possível entrar e sair da "depressão" – e voltou a notá-lo quando a velha senhora da casa ao lado morreu em circunstâncias estranhas após uma tentativa de praticar magia negra. Uma sensação "desagradável" pairava à volta da casa, mas era possível entrar e sair dela, como se fosse uma espécie de barreira invisível, semelhante à barreira da praça de touros de Joan Grant.

Gray relata muitas histórias que parecem apoiar a teoria de "gravação em fita" de Lethbridge. O poeta escocês James Hogg, conhecido como o Pastor de Ettrick (porque era pastor de profissão), viu uma vez um rebanho de gado das Terras Altas do outro lado do riacho e, como não tinham direito a estar ali, enviou um pastor para os afastar, juntamente com mais dois trabalhadores armados com cacetes. Mas não encontraram sinal de rebanho, nem sequer de marcas de cascos. Ninguém vira um rebanho de gado no distrito nesse dia. Fora algum tipo de "miragem", ou talvez um "registo" de algo há muito passado.

Gray também cita *The Mountain Vision* do montanhista Frank S. Smythe. Smythe descreve como, atravessando as colinas de Morvich para Loch Duich, num dia soalheiro brilhante, com um maravilhoso panorama de colinas salpicadas de nuvens e o mar distante, entrou numa garganta relvada aquecida pelo sol e «tornou-se instantaneamente consciente de uma aura de maldade» no lugar. «Era como se algo terrível tivesse acontecido ali uma vez, e o tempo não tivesse dissipado a atmosfera criada por isso.»

Por impulso, Smythe decidiu almoçar ali. Enquanto fumava o cachimbo, a atmosfera parecia tornar-se cada vez mais desagradável. Depois, ao esforçar-se por se tornar recetivo à estranha influência, pareceu assistir a um massacre: uma vintena de pessoas andrajosas arrastavam-se cansadas pela garganta quando homens escondidos se precipitaram sobre elas com lanças e machados e as mataram a todas. Enquanto Smythe se apressava, parecia ouvir gritos atrás de si. Mais tarde conseguiu confirmar que um massacre de montanheses pelas tropas britânicas ocorrera na estrada, mas permaneceu convencido de que não foi isso que viu. «As armas que vi, ou pareceu-me ver, eram de uma data anterior.»

No entanto, os muitos relatos estranhos de presenças invisíveis em Ben MacDhui parecem lançar dúvidas sobre a noção de que o "grande homem cinzento" é apenas um "registo". George Duncan, um advogado de Aberdeen e montanhista, estava totalmente convencido de que vira o diabo nas encostas da montanha. Ele e um companheiro de escalada, James A. Parker, tinham descido de Devil's Point e seguiam de carroça ao longo da Estrada Derry. Duncan disse: «De repente, levei o maior susto da minha vida ao ver diante de mim uma figura alta com uma túnica preta – a figura convencional do próprio Diabo, agitando os braços, vestido com mangas compridas pendentes, vindo na minha direção.» Parecia ver a figura rodeada de fumo. Em poucos momentos desapareceu de vista quando a carroça virou uma esquina. James A. Parker confirmou a história. «Só ao jantar nessa noite me disse que, quando estávamos a cerca de uma milha abaixo de Derry Lodge, olhara para a encosta à sua direita e vira o Diabo a cerca de um quarto de milha de distância a agitar os braços para ele.»

Talvez a explicação mais estranha e, de certo modo, mais interessante que Gray encontrou tenha sido dada pelo Capitão Sir Hugh Rankin, Baronete, e pela sua mulher. Rankin era budista mahayana, e a sua mulher budista zen. Ele e Lady Rankin seguiam de bicicleta de Rothiemurchus para Mar através do passo de Lairig Ghru e, embora fosse julho, estava intensamente frio no passo. Nos Pools o' Dee sentiram subitamente "a Presença" atrás deles; voltaram-se e viram um homem grande, de tez oliva, vestido com uma túnica comprida e sandálias, de cabelos longos esvoaçantes. «Não tivemos o menor medo. Sendo budistas, soubemos imediatamente quem era. Ajoelhámo-nos imediatamente e fizemos reverência.» Tinham reconhecido instantaneamente o estranho como um Bodhisattva, «um dos cinco "Homens Perfeitos" que controlam os destinos

deste mundo, e se encontram uma vez por ano numa caverna nos Himalaias».

Segundo Sir Hugh, a Presença dirigiu-se-lhes numa língua que pensou ser sânscrito, e ele respondeu respeitosamente em urdu. «Todo o tempo que o Bodhisattva esteve connosco [deu o tempo como cerca de dez minutos] uma hoste celestial de músicos tocava bem alto no céu… Imediatamente após o Bodhisattva nos deixar, a música cessou e nunca mais a ouvimos.» Parece que ouviram alguma versão de "o Canto". Mas o seu comentário de que a Presença falou em sânscrito levanta a questão de se Wendy Wood não terá confundido sânscrito com gaélico quando o ouviu na montanha.

Pouco antes da sua morte, F. W. Holiday, autor de um livro clássico sobre o monstro do Lago Ness (ver Capítulo 18), avançou a teoria surpreendente de que o Homem Cinzento, tal como o monstro do Lago Ness, a puma de Surrey e possivelmente o Abominável Homem das Neves dos Himalaias, pertence à "menagerie fantasmagórica", criaturas que pertencem a algum outro mundo ou dimensão. Em *The Goblin Universe* (capítulo 6) cita várias histórias sobre o Fear Liath More (o nome celta para o Homem Cinzento) e prossegue:

«Pan, o deus de pés de cabra, não é assim tão engraçado quando o encontramos… O principal sintoma de estar na presença de Pan é o pânico, que o dicionário Oxford define como "terror irrazoável e excessivo, do grego panikos, do deus Pan, reputado por causar pânico…" O fenómeno não está certamente localizado nos Cairngorms. Hamish Corrie, ao aproximar-se do cume de Sgurr Dearg em Skye, voltou para trás quando foi dominado por "um pânico inexplicável".»

O falecido John Buchan relatou o mesmo efeito nos Alpes Bávaros. Descreve como, em 1910, regressava através de um pinheiro numa manhã soalheira com um guarda-florestal local quando o pânico os atingiu do nada. Ambos fugiram sem falar até desfalecerem de exaustão na estrada do vale abaixo. Buchan comenta que um amigo seu "correu pela vida" ao escalar em Jotunheimen na Noruega. O efeito Pan pode ser mundial.

Férias liga «o phantom menagerie» aos Objetos Voadores Não Identificados e cita a autoridade em OVNIs, John Keel, que começou por assumir que os OVNIs seriam algum tipo de aeronave desconhecida, talvez proveniente de outros planetas, e acabou por aceitar que provinham «de

outra dimensão» e que pareciam possuir um elemento distintamente sobrenatural.

Num dos seus livros, *The Mothman Prophecies*, Keel fala de uma figura alada gigantesca avistada repetidamente na Virgínia Ocidental e descreve a sua própria sensação de «pânico» numa estrada próxima de um dos locais de avistamento. Tal como Lethbridge, Keel verificou que a zona de «pânico» parecia estar muito bem delimitada, de modo que conseguia entrar e sair dela com um único passo. A área dos avistamentos do «Mothman» também regista numerosos fenómenos OVNI.

Curiosamente, Affleck Gray está disposto a considerar a teoria dos «visitantes do espaço» como explicação para os fenómenos de Ben MacDhui. Ele assinala que, em 1954, um antigo taxista chamado George King fundou a Sociedade Aetherius na Caxton Hall, em Londres. King afirmava ter encontrado o Mestre Jesus em Holdstone Down, no norte de Devon, e ter sido informado de que fora escolhido como o principal canal mental de certas Inteligências Espaciais. Foi-lhe ordenado que viajasse pelo mundo, com a missão de servir de canal para «carregar» dezoito montanhas com energia cósmica.

Uma dessas montanhas era Creag an Leth-Choin, a três milhas a noroeste de Ben MacDhui, e King garante que existe um enorme auditório em forma de cúpula, um retiro da Grande Irmandade Branca, no interior de Ben MacDhui. Outro grupo de «buscadores», a Active Truth Academy em Edimburgo, também acredita que Ben MacDhui «se tornou o ponto de aterragem na Terra para seres do espaço». Contudo, pelo capítulo de Gray sobre Seres Espaciais, é evidente que ele encara esta explicação com cepticismo.

Se procurarmos uma explicação «científica» para os fenómenos de Ben MacDhui, a mais provável parece ser que a resposta resida no próprio Ben MacDhui: que o «pânico» seja causado por algum fenómeno natural, uma espécie de «força telúrica» que poderá estar ligada ao campo magnético da Terra. Existem zonas da superfície terrestre onde as aves perdem o rumo porque as linhas do magnetismo terrestre se anulam mutuamente, formando um vórtice magnético. Os «caçadores de leys» acreditam também que as chamadas «linhas ley» — que ligam locais sagrados como igrejas, túmulos e menires — são basicamente linhas de força magnética. Muitos estão igualmente convencidos de que os locais

onde esta força é excepcionalmente poderosa tendem a estar associados a ocorrências «sobrenaturais» — aliás, que tais lugares «gravariam» as emoções humanas, produzindo os efeitos descritos como «assombrações». Esta explicação daria conta da experiência de Frank Smythe na «vale assombrado» onde ocorrera um massacre.

A explicação não científica pode ser procurada na crença da maioria dos povos primitivos de que a Terra está viva, que certos lugares são sagrados e que tais lugares são habitados por espíritos. A mente ocidental tende a rejeitar essas crenças como superstição; contudo, muitos viajantes que estiveram em contato próximo com elas mostram-se mais abertos. Em *The Lost World of the Kalahari*, Laurens van der Post conta como, ao procurar os bosquímanos desaparecidos da África do Sul, o seu guia Samutchoso o levou a um lugar chamado Slippery Hills. O guia insistiu que não devia haver caça à medida que se aproximavam das colinas, caso contrário os deuses ficariam zangados.

Van der Post esqueceu-se de avisar o grupo de avanço e estes abateram um javali. A partir daí, foram acometidos por uma sucessão interminável de azar. Quando Samutchoso tentou rezar, Van der Post viu-o ser puxado para trás por uma força desconhecida. Todo o equipamento técnico começou a avariar. Depois Samutchoso «consultou» os espíritos e começou a falar com presenças invisíveis. Disse a Van der Post que eles estavam furiosos e o teriam matado se ele tentasse rezar novamente. Van der Post sugeriu que todos escrevessem uma mensagem de desculpas, a qual deveria ser enterrada numa garrafa ao pé de uma rocha sagrada.

Aparentemente, isso funcionou; os espíritos acalmaram-se e, subitamente, o equipamento deixou de avariar. Através do guia, os «espíritos» disseram a Van der Post que encontraria más notícias ao chegar ao próximo ponto da sua rota. De facto, o seu assistente encontrou uma mensagem a dizer que o pai morrera e que tinha de regressar imediatamente a casa. Depois de tudo isto, Van der Post não teve dúvidas quanto à existência real dos «espíritos da terra» venerados pelos povos primitivos.

A visão de F. W. Holiday era que a explicação para fenómenos como o «Homem Cinzento» se situava algures entre estes dois conjuntos de explicações: a científica e a «sobrenatural». Mas acreditava que a mente

ocidental só seria capaz de compreender a resposta quando alargasse a sua concepção de ciência.

20

Kaspar Hauser O Rapaz do Nada

O caso de Kaspar Hauser é talvez o maior dos mistérios históricos do século XIX. Mas é bastante mais do que isso. O infeliz jovem foi sujeito a um cruel experimento do que hoje se chamaria «privação sensorial», e os resultados desse experimento foram, sob certos aspetos, mais interessantes do que o já de si fascinante enigma da identidade de Kaspar.

Na segunda-feira de Pentecostes, 26 de maio de 1828, a Praça Unschlitt, em Nuremberga, estava quase deserta, pois a maioria das pessoas se encontrava no campo a desfrutar do *Ausflug* (excursão de feriado). Por volta das cinco da tarde, um jovem de aspeto cansado arrastou-se até à praça e quase caiu nos braços do sapateiro local, George Weichmann. Era bem constituído, mas mal vestido, e caminhava de forma estranha, com os membros rígidos. Weichmann pegou na carta que o jovem lhe estendia e viu que estava endereçada ao capitão do 4.º Esquadrão do 6.º Regimento de Cavalaria.

O rapaz parecia incapaz de responder a perguntas, respondendo apenas com um murmúrio estranho — Weichmann suspeitou que estivesse bêbado. Levou-o ao posto de guarda mais próximo e o sargento de serviço conduziu-o à casa do capitão. Quando o Capitão Wessenig chegou a casa algumas horas depois, encontrou o local em alvoroço. O jovem parecia ser um idiota. Tentara tocar na chama de uma vela com os dedos e gritara ao queimar-se. Ofereceram-lhe cerveja e carne, mas ele olhou para elas como se não soubesse o que fazer; contudo, devorou avidamente um pão preto e água. O relógio de parede pareceu aterrorizá-lo. As únicas palavras que o rapaz parecia conhecer eram «Weiss nicht» — Não sei.

O envelope continha duas cartas. A primeira começava assim: «Honrado Capitão. Envio-lhe um jovem que deseja servir o seu rei no exército. Foi-me entregue a 7 de outubro de 1812. Sou apenas um pobre trabalhador com filhos para criar. A mãe dele pediu-me que o criasse… Desde então nunca o deixei sair de casa». A carta não tinha assinatura. A outra nota dizia: «Esta criança foi batizada. O seu nome é Kaspar; deve dar-lhe um segundo nome. O pai era soldado de cavalaria. Quando ele fizer

dezassete anos, leve-o a Nuremberga, ao 6.º Regimento de Cavalaria: o pai pertencia a esse regimento. Nasceu a 30 de abril de 1812. Sou uma pobre rapariga; não posso cuidar dele. O pai está morto». Esta seria presumivelmente a carta que acompanhava Kaspar quando foi entregue ao «pobre trabalhador».

Levado à esquadra, o rapaz aceitou um lápis e escreveu «Kaspar Hauser». Mas a todas as outras perguntas respondia «Não sei».

Tudo parecia bastante simples — uma criança ilegítima abandonada à porta de alguém e criada por um estranho bondoso. Mas, nesse caso, porque o teriam mantido fechado em casa durante dezassete anos? Os pés do rapaz estavam tão sensíveis — sangrava através dos sapatos — porque não estava habituado a caminhar. A sua pele era pálida, como se tivesse estado confinado na escuridão. Além disso, um exame mais atento revelou que as duas cartas tinham sido escritas pela mesma mão e aproximadamente na mesma altura, e não com dezasseis anos de intervalo. As roupas que trazia vestidas pareciam ter sido tiradas de um espantalho e obviamente não eram suas. Alguém tentava despistar a pista.

O rapaz foi encerrado numa cela e o carcereiro observou que ele parecia perfeitamente satisfeito em ficar horas sentado sem se mexer. Não tinha noção do tempo e parecia não saber nada sobre horas e minutos. Depressa se tornou evidente que possuía um vocabulário muito reduzido. Conseguia dizer que queria ser um *Reiter* (cavaleiro de cavalaria) como o pai — uma frase que obviamente aprendera como um papagaio. A todos os animais chamava «cavalo» e parecia fascinado por cavalos. Quando um visitante — um dos muitos que acorriam diariamente para o ver — lhe deu um cavalo de brinquedo, adornou-o com fitas, brincou com ele durante horas e fingia alimentá-lo em todas as refeições. O público não o incomodava e causava divertimento ao realizar as suas funções naturais completamente à vista, sem qualquer pudor. Nem sequer parecia distinguir homens de mulheres — chamava «rapazes» (*Junge*) a ambos.

Uma das coisas mais curiosas nele era a sua incrível acuidade física. Começava a vomitar se houvesse café ou cerveja na mesma divisão; a visão e o cheiro de carne provocavam-lhe náuseas. O cheiro de vinho embriagava-o literalmente e uma única gota de aguardente na água fazia-o adoecer. A sua audição e visão eram anormalmente apuradas — aliás, conseguia ver no escuro e mais tarde demonstrou essa capacidade lendo

uma Bíblia numa divisão completamente às escuras. Era tão sensível aos ímanes que distinguia se o polo norte ou sul estava voltado para ele. Conseguia distinguir diferentes metais passando a mão sobre eles, mesmo quando estavam cobertos por um pano. (Alguns anos depois, o médico americano Joseph Rodes Buchanan tropeçaria na faculdade que chamou psicometria — ver Capítulo 43 — ao descobrir que muitos dos seus alunos conseguiam fazer o mesmo.)

Inicialmente Kaspar parecia um imbecil; vivia num estado de torpor. Tal como um animal, ficava aterrorizado com trovoadas. Mas a ideia de que era mentalmente atrasado teve de ser rapidamente abandonada. A atenção dos visitantes dava-lhe visivelmente prazer e ele tornava-se dia após dia mais alerta — exatamente como um bebé que aprende com a experiência. O seu vocabulário aumentava diariamente e a sua falta de jeito físico desaparecia — aprendeu a usar tesouras, canetas de aparo e fósforos. À medida que a sua inteligência crescia, as suas feições alteravam-se. A maioria das pessoas tinha-o considerado um idiota típico, grosseiro, pesado, desajeitado e estranhamente repulsivo; agora as suas características faciais pareciam mudar e tornar-se mais refinadas. Continuava, no entanto, a caminhar de forma algo desajeitada: no lugar atrás dos joelhos, onde a maioria de nós tem uma concavidade, ele tinha protuberâncias, de modo que, quando se sentava de pernas estendidas, toda a perna ficava em contato com o chão.

À medida que aprendia a falar, conseguiu aos poucos contar algo da sua própria história. Mas isso parecia tornar o mistério ainda mais desconcertante. Um comunicado emitido pelo burgomestre Binder e pela câmara municipal de Nuremberga afirmava que, pelo que Kaspar conseguia recordar, vivera numa pequena divisão de cerca de dois metros por um metro e vinte, com as janelas tapadas com tábuas. Não havia cama, apenas um monte de palha sobre a terra nua. O teto era tão baixo que não conseguia pôr-se de pé. Não via ninguém. Quando acordava, encontrava pão e água na cela. Por vezes a água tinha um sabor amargo e ele entrava num sono profundo; ao acordar, a palha tinha sido mudada e o cabelo e as unhas cortados. Os únicos brinquedos eram três cavalos de madeira. Um dia um homem entrou na sua divisão e ensinou-lhe a escrever o seu nome, Kaspar Hauser, e a repetir frases como «Quero ser soldado» e «Não sei». Um dia acordou e viu-se com as roupas largas em que fora encontrado; o homem veio, levou-o para o ar livre e, enquanto caminhavam, prometeu-

lhe um grande cavalo vivo quando fosse soldado. Depois foi abandonado algures perto das portas de Nuremberga.

De repente, Kaspar tornou-se famoso; o seu caso era discutido em toda a Alemanha. Isso deve ter preocupado certamente quem quer que fosse responsável por o ter libertado; o seu captor, ou captores, esperavam que ele desaparecesse discretamente no exército e fosse esquecido; agora era uma celebridade nacional, e toda a gente fazia perguntas.

O burgomestre e a câmara municipal decidiram tomar Kaspar sob a sua proteção; seria alimentado e vestido à custa do município. Na cidade algo monótona de Nuremberga, ele era objeto de um interesse inesgotável, e todos queriam desvendar o mistério. A cidade pagou milhares de panfletos a apelar a pistas sobre a sua identidade, chegando mesmo a oferecer uma recompensa. A polícia procedeu a uma busca minuciosa na zona rural circundante pelo local da sua prisão, que obviamente ficava a uma distância passível de ser percorrida a pé; mas nada encontraram.

A câmara municipal nomeou também um tutor para a sua celebridade, um docente e cientista chamado Georg Friedrich Daumer. Este interessava-se por «magnetismo animal» e foi ele quem realizou os testes que revelaram que Kaspar conseguia distinguir os polos de um íman e ler no escuro. Sob a tutela de Daumer, Kaspar desenvolveu-se finalmente num jovem de inteligência normal. Como qualquer adolescente, gostava de ser o centro das atenções. A sua aparência tornou-se quase afetada, e nos últimos meses de vida parecia-se bastante com os bustos romanos de Nero, com o rosto rechonchudo e os pequenos caracóis.

Um dos muitos homens cultos que o examinaram foi o jurista e criminologista Anselm Ritter von Feuerbach, distinto autor do código penal bávaro; e ele chegou à interessante conclusão de que Kaspar devia ser de sangue real. Não poderia haver outra explicação para o longo encarceramento do rapaz; ele tinha de ser herdeiro de alguém. Kaspar não pareceu descontente com essa ideia.

Então, apenas dezassete meses depois de ter sido «encontrado», alguém tentou matá-lo. Isso aconteceu na tarde de 7 de outubro de 1829, quando Kaspar foi encontrado deitado no chão da cave da casa de Daumer, a sangrar de uma ferida na cabeça e com a camisa rasgada até à cintura. Mais tarde descreveu ter sido atacado por um homem que usava uma

máscara de seda, o qual o atingira com um cacete ou uma faca. A polícia fez imediatamente uma busca em Nuremberga, mas sem sucesso em encontrar alguém que correspondesse à descrição do agressor feita por Kaspar.

Havia quem murmurasse em Nuremberga que nunca existira agressor algum, e que Kaspar inventara todo o episódio para chamar a atenção. Nem todos acreditavam, como Daumer, que Kaspar fosse uma espécie de anjo. Mas a maioria das pessoas considerava que a sua vida corria perigo. Foi mudado para um novo endereço, e dois polícias foram nomeados para o vigiar; Ritter von Feuerbach foi nomeado seu tutor. Durante os dois anos seguintes, Kaspar desapareceu da vista do público. Mas não da mente pública. Agora que a novidade se esgotara, havia muitos em Nuremberga que se opunham a sustentar Kaspar com os impostos municipais.

Então surgiu uma solução que agradou a todos. Um inglês rico e excêntrico, Lord Stanhope — sobrinho do antigo primeiro-ministro Pitt —, interessou-se por Kaspar e veio entrevistá-lo. Os dois pareceram gostar imediatamente um do outro; começaram a jantar fora em restaurantes, e Kaspar era frequentemente visto na carruagem de Lord Stanhope. Stanhope estava convencido de que Kaspar era de sangue real e sentia-se evidentemente fascinado pelo mistério. Quando ofereceu levar Kaspar numa digressão pela Europa, a câmara municipal ficou encantada. De 1831 até 1833, Kaspar foi exibido em várias cortes menores da Europa, onde nunca deixava de despertar interesse. Mas vários membros das casas reais bávaras, particularmente a de Baden, ameaçaram processar se os seus nomes fossem publicamente ligados ao de Kaspar…

Parece que toda essa atenção e boa vida não fizeram bem ao caráter de Kaspar; previsivelmente, tornou-se vaidoso, difícil e presunçoso. Stanhope desiludiu-se com ele. Em 1833, de regresso a Nuremberga, Stanhope pediu autorização para o alojar na cidade de Ansbach, a vinte e cinco milhas de distância, onde seria instruído pelo amigo de Stanhope, o Dr. Meyer, e vigiado por certo Capitão Hickel, um oficial de segurança. Depois, sentindo que cumprira o seu dever, Stanhope desapareceu de volta para Inglaterra.

Kaspar não estava feliz em Ansbach. Era ainda mais uma cidade provinciana do que Nuremberga — na verdade, comparada com Ansbach, Nuremberga era uma metrópole reluzente. Kaspar ressentia-se de ser obrigado a fazer lições, especialmente latim, e ansiava pela antiga vida de

cortes e jantares. A sua saudade intensificou-se após uma breve visita a Nuremberga. Parece ter sentido que Ansbach mal era melhor do que a cela em que passara os primeiros anos.

Então, apenas alguns dias antes do Natal, morreu. A 14 de dezembro de 1833, numa tarde de neve, cambaleou para dentro da casa de Meyer ofegante: «Homem esfaqueou… faca… Hofgarten… deu bolsa… Vá ver depressa». Um médico chamado às pressas descobriu que Kaspar fora esfaqueado no flanco, logo abaixo das costelas. O golpe danificara o pulmão e o fígado. Hickel correu para o parque onde Kaspar estivera a passear e encontrou uma bolsa de seda contendo um bilhete escrito em escrita especular. Dizia: «Hauser poderá dizer-vos como eu sou, de onde vim e quem sou. Para o poupar a essa tarefa, digo-vo-lo eu mesmo. Sou de… na fronteira bávara… No rio… O meu nome é M.L.O.».

Mas Kaspar não conseguiu dizer-lhes nada sobre a identidade do homem. Só explicou que recebera uma mensagem através de um trabalhador, pedindo-lhe que fosse ao Hofgarten. Um homem alto, de barbas, com uma capa preta perguntara-lhe: «És Kaspar Hauser?», e quando ele acenou com a cabeça entregou-lhe a bolsa. Quando Kaspar a pegou, o homem esfaqueou-o e fugiu.

Hickel revelou um facto que lançava dúvidas sobre esta história; havia apenas um conjunto de pegadas na neve — as de Kaspar. Mas dois dias depois, a 17 de dezembro, quando Kaspar entrou em coma, as suas últimas palavras foram: «Não fui eu que o fiz».

A sua morte foi o sinal para uma enxurrada de livros e panfletos, cada um com a sua própria teoria sobre o mistério. Feuerbach publicou um livro intitulado *Exemplo de um Crime Contra a Alma de um Homem*, argumentando que Kaspar devia ser de sangue real. Para evitar calúnia, evitou nomear suspeitos, mas os seus leitores não tiveram dificuldade em fornecer os seus próprios nomes. Os candidatos favoritos eram os Grandes Duques de Baden. O velho Duque Karl Frederick casara morganaticamente com uma bela jovem de dezoito anos, Caroline Geyer, que se dizia ter envenenado os filhos dele de um casamento anterior para garantir que os seus próprios filhos se tornassem futuros Grandes Duques. Kaspar Hauser supostamente seria um desses filhos. A história era obviamente absurda, pois implicaria roubar a criança em bebé e entregá-la a uma «ama». Uma sugestão era que essa «ama» seria um homem chamado Franz Richter, e

que o lar de infância de Kaspar fora o Castelo Pilsach, perto de Nuremberga. (O castelo é, na verdade, apenas uma grande quinta.) Sugeriu-se que Richter decidira enviar Kaspar Hauser para Nuremberga após a morte da esposa. Mas não há provas conclusivas para esta visão, nem para qualquer outra teoria sobre a origem de Kaspar.

Claro que não existe qualquer prova de que Kaspar fosse de sangue real. Se fosse o legítimo herdeiro de algum trono, ou mesmo de uma grande propriedade, seria difícil compreender por que razão o manteriam numa pequena divisão toda a vida; bastaria entregá-lo a uma «ama» num lugar distante. O tratamento estranho e desumano de Kaspar soa mais típico de camponeses ignorantes do que de aristocratas atormentados pela culpa. Num caso da Cornualha do século XX, um desertor do exército da Primeira Guerra Mundial, William Garfield Rowe, foi mantido escondido na quinta da família durante trinta anos.

Não parece ter ocorrido a ninguém que isso era uma espécie de loucura — muito pior do que os poucos meses de prisão que poderia ter sofrido se se entregasse. A teoria de que Kaspar era filho adotivo de algum Grande Duque perverso parece, no conjunto, menos provável do que a de que fosse o filho ilegítimo de alguma filha respeitável de um agricultor, noiva de um proprietário local, e aterrorizada com a possibilidade de o segredo se tornar mexerico local.

Nesse caso, quem estaria por trás dos ataques? É possível que nunca tenham acontecido. Após o primeiro ataque, na cave de Daumer, os mexericos de Nuremberga sugeriam que a ferida fora autoinfligida, e que Kaspar tentava chamar a atenção para si após o fracasso da sua Autobiografia recentemente publicada. Quando ocorreu o segundo ataque, a sua fama já estava em declínio, e ele sentia-se desesperadamente infeliz com a sua situação.

É importante tentar compreender a psicologia de um rapaz que passou os primeiros dezassete anos da vida numa espécie de cela-prisão. A maioria dos rapazes adora ser o centro das atenções e faz grandes esforços para o conseguir. (Mark Twain demonstra o quanto compreende essa mentalidade no episódio em que Tom Sawyer finge estar afogado e assiste ao próprio funeral.) A maioria dos rapazes deseja a aprovação dos adultos e mente para a obter. No seu livro sobre Kaspar, Jacob Wassermann descreve o

quão desapontado Daumer ficou ao descobrir que Kaspar não era tão verídico como parecia.

Kaspar emergiu literalmente da obscuridade para se encontrar no centro de uma atenção simpática — na verdade, uma celebridade europeia. Embora a sua idade cronológica fosse dezassete anos, no sentido mais básico era um menino de dois anos. Intelectualmente, cresceu com assombrosa rapidez; emocionalmente, permaneceu uma criança. Assim, é perfeitamente concebível que estivesse disposto a ir a extremos desesperados para conservar a simpatia pública.

À luz desta suspeita, a história de Kaspar sobre ambos os ataques começa a parecer implausível. Será que um homem mascarado conseguiria entrar na cave da casa de Daumer, atingir Kaspar na cabeça com um cacete (ou uma faca; parece haver alguma contradição quanto à arma) e fugir sem se certificar de que estava morto? Quanto ao segundo ataque, poderia Hickel ter-se enganado ao afirmar que só havia um conjunto de pegadas na neve? E por que razão o misterioso bilhete estava escrito em escrita especular? Seria porque Kaspar o escreveu com a mão esquerda, olhando para um espelho, para disfarçar a letra? (É um facto bem conhecido que é fácil treinar a mão esquerda a escrever ao contrário usando um espelho.) Por que razão a mensagem era tão sem sentido: «Hauser poderá dizer-vos como eu sou, de onde vim e quem sou…» etc.? Por que razão um assassino contratado escreveria uma carta? Não seria mais provável que Kaspar, num estado de infelicidade desesperada, decidisse infligir uma ferida inofensiva e se tenha esfaqueado demasiado fundo?

Se assim foi, Kaspar pelo menos conseguiu o que queria — a simpatia universal e um lugar nos livros de história.

Rudolf Hess:

Foi o Adjunto de Hitler que Morreu na Prisão de Spandau?

A 17 de agosto de 1987, o homem conhecido como Prisioneiro Número 7 cometeu suicídio por enforcamento na Prisão de Spandau, em Berlim. Os registos prisionais identificavam-no como Rudolf Walter Richard Hess, com noventa e três anos — o último membro do alto comando nazi detido naquela prisão.

Hess fora adjunto de Hitler e seu secretário pessoal, terceiro na linha de sucessão ao Führer. Em 1941, poucas semanas antes do lançamento do ataque alemão à União Soviética, desapareceu de Berlim e voou para a Escócia como autoproclamado embaixador da paz. O resultado dessa missão bem-intencionada foi uma vida inteira de prisão. À data da sua morte, estava encarcerado há quase quarenta e seis anos, fora condenado por planear e travar guerra de agressão e tentara o suicídio várias vezes. Ignorando queixas de grupos de direitos humanos, a União Soviética insistiu em que Hess permanecesse preso até morrer — o verdadeiro motivo era manter o acesso daquele país a Berlim Ocidental, onde se situava a Prisão de Spandau.

Durante mais de dez anos antes do seu suicídio, circularam rumores estranhos de que o Prisioneiro Número 7 não era Hess, mas sim um duplo, colocado pelos britânicos por razões desconhecidas. As conclusões de um médico da prisão em 1973 parecem, de facto, provar que o prisioneiro não era Hess. Mas porquê, se assim fosse, teria ele guardado o segredo durante tanto tempo e a tal custo? Porquê teriam as autoridades prendido um homem inocente durante quase meio século? Um exame atento dos factos revela uma série de anomalias bizarras que sugerem que, por mais absurdo que pareça, o Número 7 pode não ter sido, afinal, o adjunto de Hitler.

Pouco antes das onze horas da noite de sábado, 10 de maio de 1941, David McLean, o chefe dos aradores na Quinta de Floors, perto de Eaglesham, nos arredores de Glasgow, ficou assustado com um rugido tremendo que abanou toda a casa. Correndo para fora, viu que um avião se despenhara num campo próximo; viu também um único paraquedas a descer ao luar. Desarmado, McLean correu pelo campo e encontrou o paraquedista a libertar-se do arnês — dificultado por um tornozelo torcido.

McLean, mantendo a distância, gritou: «Quem é você? É alemão?» O piloto, um homem corpulento, ergueu-se com dificuldade e respondeu: «Sim, sou alemão. Chamo-me Capitão Alfred Horn. Quero ir para Dungavel House. Tenho uma mensagem importante para o Duque de Hamilton.»

O «Capitão» não deu problemas e esperou calmamente até chegar um agente da polícia, que o tomou sob custódia. Foi detido no quartel local da Home Guard durante algumas horas e depois transferido para os Quartéis

de Maryhill, em Glasgow. Quando interrogado, repetiu apenas o seu nome e insistiu que tinha de ver o Duque de Hamilton com urgência.

Na manhã seguinte, essa informação foi transmitida ao Duque, que era então comandante de asa no esquadrão (de bombardeiros) da cidade de Glasgow. Acompanhado por um oficial de inteligência da RAF, apressou-se imediatamente a entrevistar o piloto capturado — que então estava de cama com o tornozelo dolorosamente inchado. Após as apresentações, o prisioneiro insistiu em falar com o Duque a sós.

O oficial de inteligência saiu obedientemente; mal ficaram sozinhos, o prisioneiro saudou o Duque de Hamilton como um conhecido. Explicou que se tinham encontrado na Alemanha durante os Jogos Olímpicos de 1936 e que o Duque até assistira a um almoço na sua casa. Quando Hamilton continuou com ar perplexo, o «Capitão» disse: «Não sei se me reconhece, mas eu sou Rudolf Hess.»

Hamilton ficou atónito. Se o homem à sua frente era realmente Hess — e a semelhança era impressionante —, isso significava que tinham capturado o vice-Führer do Partido Nazi — um dos principais homens do alto comando nazi e terceiro na linha de sucessão ao próprio Hitler. Mas porquê arriscaria um dos homens mais poderosos da Europa a vida voando à noite para um país inimigo e depois se entregando como um criminoso comum em busca de amnistia?

Hess continuou a explicar que estava numa «missão de humanidade»; uma missão diplomática da maior importância, trazendo uma mensagem que poderia salvar milhares, talvez milhões de vidas. Estava ali, disse ao Duque espantado, para tentar negociar a paz entre a Grã-Bretanha e a Alemanha.

Rudolf Hess tinha a reputação de ser o membro mais intelectual do círculo íntimo de Hitler. Nascido em 1894 no Egito, fora educado na Alemanha e alistara-se imediatamente como voluntário ao eclodir a guerra em 1914. Atingido por uma bala no pulmão esquerdo na frente romena em 1917, recebeu baixa médica do exército, mas, após seis meses de recuperação, juntou-se ao Corpo Aéreo Imperial. Concluiu com sucesso o treino de piloto a tempo de servir apenas dez dias antes do armistício.

O Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, liderado por um orador hipnótico chamado Adolf Hitler, era composto

principalmente por ex-combatentes que se sentiam traídos pela paz. Hess aderiu em 1920, o ano em que Hitler assumiu a liderança. Rapidamente ganhou destaque e, em 1923, ajudou Hitler a planear a tentativa de derrube do governo da Baviera — mais tarde conhecida como o «Putsch da Cervejaria». Quando este falhou e Hitler foi preso, Hess fugiu do país. Após uma defesa espetacular que foi virtualmente uma condenação dos seus juízes, Hitler foi condenado por um tribunal simpático a cinco anos de prisão, mas ofereceram-lhe uma pena consideravelmente reduzida se mantivesse bom comportamento. Ao saber da notícia, Hess regressou por vontade própria e entregou-se. Foi condenado a dezoito meses e enviado para cumprir pena com Hitler na fortaleza de Landsberg.

Durante o encarceramento, Hitler e Hess mantiveram-se ocupados: Hitler escreveu um livro e Hess atuou como seu secretário. É certo que Hess teve uma influência importante no desenvolvimento das ideias em *Mein Kampf*; tinha melhor formação intelectual e académica do que Hitler e já desenvolvera as suas próprias visões fortes sobre a pureza racial alemã e a necessidade de expansão territorial. Os dois trabalharam bem juntos, e foram lançadas as bases da futura influência de Hess no Partido Nazi.

Quando Hitler venceu eleições e se tornou Chanceler do Reich em 1933, Hess foi nomeado seu adjunto e, durante o estabelecimento da ditadura totalitária, nunca esteve longe do lado de Hitler. Mas quando Hess anunciou planos para realizar o primeiro voo transatlântico leste-oeste, Hitler rejeitou a ideia, insistindo que Hess era demasiado valioso para o Reich para arriscar a vida. Em fevereiro de 1938, Hess foi nomeado chefe de um departamento cujo objetivo era fazer planos secretos para a guerra de expansão alemã, que eclodiu um ano depois. Sabe-se que Hess defendia a expansão para leste, para a Polónia e depois para a União Soviética, mas era fortemente contra uma guerra em duas frentes. E quando a França capitulou em 1940, parece ter decidido que a nova fronteira ocidental da Alemanha era razoavelmente segura e que, portanto, a guerra com a Grã-Bretanha era perigosa e desnecessária. A questão era: teria Hess sentido o assunto com suficiente força para arriscar a própria vida para fazer a paz, e teria um plano tão louco o apoio de Hitler?

Embora afirmasse que agia por iniciativa própria, o homem que se dizia Hess insistiu junto de Hamilton que falava em nome de Hitler em tudo menos no nome. O Führer nunca quisera guerra com o Império

Britânico, disse. A derrota total iminente da Grã-Bretanha — e em 1941 muitas pessoas pensavam isso cada vez mais provável — era algo que Hitler verdadeiramente desejava evitar. Havia agora uma oportunidade para as nações chegarem à paz e talvez até se unirem para esmagar a ameaça comunista da Rússia. Estava ali para tentar pôr fim imediato à guerra.

Hamilton perguntou-lhe porquê ter pedido especificamente para o ver, e o prisioneiro respondeu que um amigo comum, o Dr. Albrecht Haushofer, recomendara o Duque como um homem que apoiaria a sua iniciativa de paz. Para o comprovar, apontou que, entre os seus bens confiscados, estavam os cartões de visita de Haushofer e do seu pai, o Professor Karl Haushofer. Mencionou também uma carta que Albrecht Haushofer enviara ao Duque, convidando-o para uma reunião diplomática secreta em Portugal neutro.

O Duque recebera realmente essa carta, após ter sido intercetada e investigada pelo MI5, mas continuava duvidoso quanto à identidade do prisioneiro. Para começar, não trazia identificação além dos cartões de visita e algumas fotografias de Rudolf Hess em criança — uma escolha muito estranha de material para apoiar uma história tão incrível.

Tudo parecia além da crença. Capturar Rudolf Hess — em quaisquer circunstâncias — era quase bom demais para ser verdade, e ocorreu a Hamilton que poderia ser uma armadilha usando um sósia, para sondar a disposição do governo britânico para continuar a lutar. Mesmo assim, encontrou-se mais do que meio convencido de que o prisioneiro era realmente Hess, mas teve cuidado em não revelar isso durante a entrevista.

O Duque, cauteloso com o uso do sistema telefónico, voou para informar Churchill pessoalmente. Apresentado ao Primeiro-Ministro algumas horas depois, contou a sua estranha história. Churchill exclamou: «Quer dizer-me que o Vice-Führer da Alemanha está nas nossas mãos? ... Bem, Hess ou não Hess, vou ver os Irmãos Marx!» E de facto viu — *Os Irmãos Marx no Oeste* — num cinema local.

Ao regressar, interrogou Hamilton mais a fundo. O Duque disse que, quanto mais pensava na carta secreta do Dr. Haushofer, mais certo estava de que só o verdadeiro Hess poderia saber dela. Hess era conhecido como associado próximo de Haushofer, e era bastante possível que a carta tivesse sido enviada por suas ordens. Se assim fosse, ou mesmo se Hess

simplesmente a tivesse tolerado, era altamente improvável que divulgasse o facto aos seus colegas, muitos dos quais teriam argumentado que era traição.

Após uma sessão de três horas, Churchill ficou em profundo pensamento e ouviu-se murmurar: «O verme está no botão».

No dia seguinte, Hamilton, que admitiu que a sua memória de ter conhecido Hess em 1936 era vaga, foi enviado de volta a Glasgow com Ivone Kirkpatrick, um homem que servira como Primeiro-Secretário na embaixada em Berlim de 1933 a 1938 e encontrara Hess em muitas ocasiões. Quando aterraram, receberam uma chamada do Secretário dos Negócios Estrangeiros, Anthony Eden. Acabara de ser emitida na rádio pública alemã a seguinte transmissão:

No sábado, 10 de maio, Rudolf Hess descolou às 18:00 de Augsburgo num voo do qual ainda não regressou. Uma carta que deixou infelizmente mostra, pela sua confusão, traços de perturbação mental, e teme-se que tenha sido vítima de alucinações... Nas circunstâncias, deve considerar-se que o membro do partido Hess ou se despenhou ou sofreu um acidente.

Hamilton e Kirkpatrick foram informados de que o Ministério da Informação ia emitir em breve uma declaração intitulada «Rudolf Hess em Inglaterra». O governo britânico comprometia-se.

Se isto fosse realmente uma astuta armadilha nazi, então Hitler jogava por altos riscos. O verdadeiro Hess poderia ter desaparecido temporariamente para dar a um impostor hipótese de convencer os britânicos, mas a credibilidade pública de Hess na Alemanha seria destruída se a «missão» não resultasse em nada. E se isso acontecesse, o alto comando nazi teria de admitir que tentara uma fraude de confiança ao mais alto nível diplomático; a perda de prestígio para o partido como um todo seria enorme. Como ninguém conseguia imaginar que trama poderia valer tal risco, parecia lógico que a explicação simples — que Hess voara para Inglaterra sem conhecimento de Hitler — fosse a única possível.

O prisioneiro não reconheceu Kirkpatrick quando foram apresentados pela primeira vez, mas à medida que conversavam pareceu lembrar-se dele e mencionou vários incidentes que tinham presenciado juntos na Alemanha. Isso convenceu Kirkpatrick e Hamilton de que estavam a falar com Hess. Depois, quando a entrevista se tornava mais descontraída, o

prisioneiro tirou um grande pacote de notas manuscritas e lançou-se numa diatribe de quatro horas sobre as relações histórico-anglo-alemãs e a injustiça da declaração de guerra da Grã-Bretanha à Alemanha.

O exausto Kirkpatrick telefonou mais tarde para o Foreign Office, sendo informado de que Churchill decidira definitivamente excluir qualquer possibilidade de negociar com o Vice-Führer. Fazê-lo poderia ser interpretado, por amigos e inimigos, como falta de vontade de lutar — talvez exatamente o resultado que os nazis esperavam. Hess, disse Churchill, devia ser tratado como prisioneiro de guerra e nada mais. Devia ser-lhe dito que, após a guerra, se fosse considerado culpado de crimes de guerra, o seu arrependimento contaria a seu favor; além disso, o governo britânico não tinha interesse nele.

Após dezoito meses de prisão, Hess começou a mostrar sinais de doença mental; queixava-se de que a comida estava envenenada e tentou suicídio várias vezes. Foi transferido para um hospital psiquiátrico e aí permaneceu pelo resto da guerra.

Era agora geralmente aceite que o prisioneiro era Rudolf Hess — até a sua doença mental parecia apoiar a declaração nazi de que sofrera de um colapso na altura do voo. No entanto, um médico atento poderia ter notado razões para dúvida. Para começar, Hess insistia que sofria de crises periódicas de amnésia, o que lhe tornava impossível responder a perguntas sobre si próprio. Mas também parecia ter sofrido uma mudança de personalidade.

O Vice-Führer era conhecido por ser obcecado com a saúde. Como Hitler, fora um vegetariano estrito, que recusava até ovos, alimentos fritos ou quaisquer produtos cultivados com fertilizantes artificiais, considerando-os «impuros». Era conhecido por comer com cuidado escrupuloso e por ser meticulosamente arranjado e asseado. Em confinamento em Inglaterra, comia vorazmente e de forma desleixada tudo o que lhe punham à frente e parecia ter perdido todo o interesse na aparência.

Enquanto detido na Grã-Bretanha, foi autorizado a escrever à mulher, Ilse Hess, via Suíça neutra. Ela disse mais tarde que a caligrafia parecia ser a do marido e que nunca tivera dúvidas de que era ele. O que a incomodava

ocasionalmente era que o marido parecia desesperado por provar-lhe que era Rudolf Hess.

A guerra terminou; em outubro de 1945, o prisioneiro foi transferido para Nuremberga, na Alemanha, para enfrentar o Tribunal de Crimes de Guerra. À chegada, pareceu sofrer um colapso total de memória e foi julgado incapaz de ser julgado. Os médicos tentaram refrescar-lhe a memória apresentando-lhe antigos colegas; mas, embora mostrasse algum sinal de reconhecimento ao confrontar-se com as suas duas secretárias, não reconheceu Hermann Göring nem Karl Haushofer, o pai do homem que recomendara que procurasse o Duque de Hamilton.

Talvez compreensivelmente, o prisioneiro também estava em mau estado físico. Hess fora outrora um homem grande, bem constituído e de excelente saúde. Agora estava magro e doente; embora, em defesa dos seus carcereiros, deva notar-se que já estava em mau estado físico quando capturado.

Enquanto as autoridades discutiam a sua competência mental, o prisioneiro emitiu subitamente a seguinte declaração:

Doravante, a minha memória voltará a responder ao mundo exterior. As razões por que simulei perda de memória foram táticas. O facto é que apenas a minha capacidade de concentração está algo reduzida. No entanto, a minha capacidade de seguir o julgamento, de me defender, de interrogar testemunhas ou mesmo de responder a perguntas não está afetada por isso.

Posteriormente, foi julgado e, embora claramente cansado e menos do que totalmente alerta, deu uma conta razoável de si próprio. A 2 de setembro de 1946, foi considerado culpado de conspiração e crimes contra a paz. Como não se pôde provar que soubesse dos campos de extermínio, foi absolvido da acusação de crimes de guerra. Juntamente com Walter Funk, o Almirante Dönitz, o Almirante Raeder, Baldur von Schirach, Constantin von Neurath e Albert Speer, Rudolf Hess foi condenado a prisão perpétua na Prisão de Spandau, em Berlim Ocidental. Aí era simplesmente referido como Prisioneiro Número 7.

Ao longo do julgamento e durante os vinte e três anos seguintes, o prisioneiro recusou-se a ver a sua mulher ou o seu único filho. Quando finalmente concordou em permitir que Ilse Hess o visitasse, ela expressou

surpresa pelo facto de a sua voz ter ficado mais grave — seria de esperar que se tornasse mais aguda com o avançar da idade.

A Prisão de Spandau era um produto estranho e anómalo da Guerra Fria. Situada na zona ocupada pelos britânicos em Berlim Ocidental, era administrada pelas quatro grandes potências vencedoras: Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e União Soviética. Ao abrigo de uma convenção especial elaborada para a prisão, o controlo alternava mensalmente entre estas quatro nações, incluindo uma mudança total da guarda.

Com o passar do tempo, os outros seis prisioneiros foram libertados, os últimos dois — von Schirach e Speer — em 1966. Mas ao Prisioneiro Número 7 não foi oferecida qualquer esperança de libertação. Os soviéticos deixaram claro que bloqueariam qualquer tentativa nesse sentido e que Hess deveria permanecer preso até à morte.

Havia duas razões para isso. Em primeiro lugar, o povo soviético sentia um ressentimento particular contra Hess, que colaborara com Hitler no plano de conquistar e escravizar a União Soviética. Mas a razão principal era, sem dúvida, que a libertação de Hess implicaria a perda pelos soviéticos do seu ponto de apoio em Berlim Ocidental, e com ele, presumivelmente, toda a espécie de oportunidades de espionagem.

Assim, a 17 de agosto de 1987, o último prisioneiro de Spandau cometeu suicídio por enforcamento, aos noventa e três anos. Mas durante pelo menos catorze anos antes disso, existiam dúvidas muito reais sobre a sua identidade. Em 1972, o Dr. Hugh Thomas foi nomeado consultor em cirurgia geral no Hospital Militar Britânico em Berlim. Três anos antes, em 1969, Hess quase morrera quando uma úlcera duodenal perfurou, e os seus captores russos deixaram passar vários dias antes de chamar um médico; agora, Thomas insistiu em fazer-lhe um exame médico completo — embora só no ano seguinte, 1973, lhe tenha sido finalmente permitido examinar Hess na presença de representantes das quatro potências. Thomas ficou revoltado com a desumanidade demonstrada por Voitov, o comandante soviético, para com Hess; qualquer tentativa de mostrar simpatia era imediatamente recebida com a ordem: «Pare com isso! Isso contraria a Convenção de Nuremberga».

O que Thomas descobriu agora intrigou-o profundamente. Hess fora ferido no peito na Primeira Guerra Mundial, e a lesão pulmonar resultante

causara-lhe muitos problemas brônquicos nos dias em que era adjunto de Hitler. Agora não havia sinal de ferida de guerra nem problemas brônquicos. A análise dos registos médicos de Hess tornava claro que deveriam existir muitas cicatrizes de feridas de guerra, nenhuma das quais visível no corpo do prisioneiro de Spandau. Quando, num segundo exame, Thomas lhe perguntou: «O que aconteceu às suas feridas de guerra?», Hess empalideceu, começou a tremer e murmurou: «Tarde demais, tarde demais». O que significaria isso? Que agora não valeria a pena admitir que não era Rudolf Hess?

Thomas concluiu que era impossível que este prisioneiro — que fora codinome «Jonathan» quando esteve em Inglaterra — pudesse ser Hess. As radiografias deveriam pelo menos mostrar sinais de cicatrizes tecidulares, mas não havia nenhuma.

Thomas prosseguiu o estudo dos documentos relativos ao voo de Hess para a Escócia e concluiu que teria sido impossível um Messerschmitt 110D transportar combustível suficiente para percorrer os 850 milhas se tivesse incluído tantos desvios como Hess afirmava. O alcance da aeronave — com tanques cheios — era pouco mais de 850 milhas. Poderia eventualmente transportar tanques suplementares sob as asas, mas o adjunto de Hess, Pintsch, tirara uma fotografia do avião ao descolar, e esta não mostrava tanques de combustível extra.

No seu livro *O Assassínio de Rudolf Hess*, o Dr. Thomas sugere que Hess nunca saiu da Alemanha; pelo contrário, morreu lá e foi substituído por um duplo. O comandante das esquadras de caça ao longo da costa holandesa, Adolf Galland, conta no seu livro *O Primeiro e o Último* como, na noite do voo de Hess, Hermann Göring — que detestava Hess — lhe telefonou e ordenou que intercetasse uma aeronave que saía da Alemanha, afirmando: «O Vice-Führer enlouqueceu e está a voar para Inglaterra... Tem de ser abatido». Mas os aviões de Galland não conseguiram localizar o Messerschmitt de Hess.

O que sabemos que apoie a ideia de que Hess voou para a Grã-Bretanha numa missão de paz? Para começar, é claro que Hitler queria a paz. Era conhecido por admirar os britânicos e teria preferido tê-los como aliados em vez de inimigos; a Rússia era o seu verdadeiro alvo. A 25 de junho de 1940, Hitler fez um discurso em que apelou à Inglaterra a partir de uma posição de força («pois não sou o vencido») para a paz «em nome da

razão». Churchill rejeitou esta oferta. Mas sabe-se que Hess defendia um apelo direto aos britânicos. Um dos seus amigos mais próximos era o já mencionado Albrecht Haushofer, cujo pai, Karl, fora conselheiro pessoal de Hess a meio da década de 1930 e fora enviado em várias missões diplomáticas.

Parece certo que ele sabia dos planos de Hess para apelar diretamente aos britânicos. No dia seguinte ao adjunto de Hess, Pintsch, entregar a Hitler em Berchtesgaden a carta de «despedida» de Hess, descrevendo a sua missão de paz, Albrecht Haushofer foi chamado a escrever um relato das suas próprias tentativas de contato com os britânicos para fazer a paz. Infelizmente, Albrecht foi assassinado pela SS nos últimos dias da guerra, pelo que a única testemunha que poderia ter dito a verdade sobre o prisioneiro de Spandau foi silenciada.

Mas se sabemos que Hess queria fazer a paz, e até que foi falar com o Duque de Windsor em Lisboa em julho de 1940, porque duvidar que foi Hess quem aterrou na Escócia a 10 de maio de 1941? Porque, como vimos, as provas médicas sugerem que o prisioneiro codinome «Jonathan» não era o homem que recebeu tantas feridas na Primeira Guerra Mundial. Se o «Hauptmann» Horn era Hess, porque trazia tão pouca documentação, tão poucos papéis para estabelecer a sua identidade? Porque se recusou a ver a mulher e o filho durante vinte e três anos após ser encarcerado em Spandau?

A teoria de Thomas, em resumo, é esta: Göring detestava Hess e teria ficado satisfeito por o ver morto. E Heinrich Himmler, chefe da SS, é conhecido por ter alimentado planos para substituir Hitler. Para qualquer um deles, a morte de Hess seria um bónus. Mas se Hess fosse assassinado na sua missão de paz — ou intercetado e abatido —, Hitler seria implacável. Era importante que «Hess» chegasse. Assim, quando o voo planeado de Hess se tornou conhecido por Göring, encontrou-se um duplo e foi cuidadosamente treinado. E quando Hess foi eliminado — algures na noite de 9-10 de maio de 1941 —, o duplo foi enviado à pressa, provavelmente de um aeródromo dinamarquês. Foi por isso que o Duque de Hamilton não o reconheceu. Foi por isso que começou a fingir perda de memória à primeira oportunidade.

Mas os serviços secretos britânicos devem ter descoberto muito depressa que ele não era Rudolf Hess. Isso poderia explicar porque os britânicos não tentaram usar o seu prisioneiro para fins de propaganda.

Então, porque não revelou o duplo de Hess o seu segredo após a guerra? Thomas fala do hábito conhecido de Himmler de eliminar famílias inteiras de «traidores» do Reich. Isso explicaria o silêncio do duplo antes da morte de Himmler — antes do início dos julgamentos de Nuremberga. E depois disso, pode ter continuado a acreditar que a sua família estava em perigo por parte de ex-nazis ou simplesmente assumido que não tinha hipótese de ser acreditado. Se, de facto, tivesse sido praticamente lavado ao cérebro durante uma série de colapsos e tentativas de suicídio, e exaustão mental, pode simplesmente ter-se instalado num estado de indiferença vazia que por vezes se vê nos muito velhos.

Seja qual for a razão, parece claro que o Prisioneiro Número 7 reconheceu que era «tarde demais, tarde demais» quando o Dr. Thomas finalmente começou a fazer as perguntas certas.

22

O Santo Sudário de Turim

A noção de que um pano oblongo de catorze pés preservado na Catedral de Turim possa ser o sudário em que o fundador do cristianismo foi depositado no túmulo parece, à primeira vista, uma evidente absurdidade, especialmente porque o Sudário de Turim tinha cerca de quarenta rivais noutras partes da Europa. No entanto, se o «Santo Sudário» for uma falsificação, então o mistério é, de certo modo, ainda maior; pois ficamos então com o problema de tentar explicar uma quantidade impressionante de provas notavelmente convincentes.

A história conhecida do sudário começa em 1353, quando Geoffroy de Charny, Senhor de Savoisie e Lirey, mandou construir uma igreja em Lirey e aí exibiu «o verdadeiro lençol funerário de Cristo». Tratava-se de uma tira de linho com pouco mais de catorze pés de comprimento por três pés e meio de largura. Nesse linho via-se a imagem castanha ténue de um homem — ou melhor, duas imagens, uma da frente e outra das costas. Aparentemente, o corpo fora estendido na metade inferior do lençol, que

depois fora dobrado sobre a cabeça. E, de algum modo estranho, a imagem do homem ficara impressa no sudário como uma fotografia muito pobre.

Uma «relíquia» destas valia muito mais do que o seu peso em ouro, pois os peregrinos acorriam à igreja para a ver e deixavam moedas na caixa de esmolas. Em 1389, o bispo de Troyes, Pierre D'Arcis, declarou que o sudário era uma falsificação, pintada por um artista, e tentou apoderar-se dele; mas não conseguiu. Em 1532, o sudário esteve quase destruído num incêndio na Sainte Chapelle em Chambéry, França, e quando foi recuperado estava gravemente danificado — muitos buracos tinham sido queimados pela prata derretida. Felizmente, estes buracos evitaram completamente a parte central que continha a imagem, e quando as freiras de St Clair próximas o remendaram, ficou quase como novo.

Para o leitor moderno, a verdadeira história do sudário começa a 28 de maio de 1898. O sudário encontrava-se na catedral de Turim desde 1578 — agora pertencia ao Duque de Saboia — e a 25 de maio de 1898 foi novamente colocado em exibição pública. Um fotógrafo de Turim, Secondo Pia, recebeu a encomenda de o fotografar. E foi no seu apartamento, perto da meia-noite, que o fotógrafo retirou a primeira de duas grandes chapas do líquido de revelação. O que viu quase o fez deixar cair a chapa. Em vez da imagem ténue e desfocada, contemplava um rosto real, perfeitamente reconhecível. E estava a olhar para um negativo fotográfico, não para o produto final. Isso só podia significar uma coisa: a imagem no sudário era ela própria um negativo fotográfico, pelo que, ao «invertê-la», Pia transformara-a num positivo — uma verdadeira fotografia. Se a relíquia fosse genuína, Pia estava a olhar para uma fotografia de Cristo.

O Duque de Saboia — agora Rei Umberto I (seria assassinado dois anos depois) — foi informado da novidade; uma procissão de visitantes ilustres começou a chegar à casa do fotógrafo. A maioria deles, compreensivelmente, ficou convencida de que este devia ser o verdadeiro Santo Sudário, pois nenhum pintor teria pensado em falsificar um negativo fotográfico. A única outra possibilidade era que o efeito tivesse sido conseguido acidentalmente por um falsificador, mas isso parecia improvável. Duas semanas depois, um jornalista divulgou a história, e ela espalhou-se pelo mundo.

Mas a fama do sudário não durou muito. Dois anos depois, um relatório detalhado sobre ele por um erudito medieval, o Padre Ulysse Chevalier, dissipou a excitação. Chevalier estudou todos os documentos que conseguiu encontrar, incluindo a afirmação de Pierre D'Arcis de que era uma falsificação (D'Arcis alegava que o artista confessara), e declarou firmemente que a imagem no sudário era uma pintura; citou um fotógrafo conhecido para o efeito de que o aspeto «negativo» da imagem era apenas um acidente técnico. Os eruditos convenceram-se; o Santo Sudário era apenas mais uma relíquia falsa, como os milhares de pedaços da «verdadeira cruz» existentes nas igrejas de todo o mundo.

Mas já surgira um novo defensor. Paul Vignon, um pintor com interesse em biologia, tornara-se assistente do Professor Yves Delage, da Sorbonne. Vignon era católico, Delage agnóstico. Mas foi Delage quem, em 1900, mostrou a Vignon fotografias do sudário, despertando o seu interesse pelo problema. Certamente, raciocinou Vignon, um exame minucioso deveria provar de uma vez por todas se o sudário fora pintado à mão. Foi a Turim e obteve cópias das fotografias de Secondo Pia, bem como duas instantâneas do sudário tiradas ao mesmo tempo por outros homens.

A primeira questão que Vignon se colocou foi como poderiam ter sido feitas as manchas castanhas. Se tivesse sido pintado por um artista, poderia este ter produzido um negativo tão impressionante? Isso significaria pintar sem ver realmente o que estava a fazer, e, como artista, Vignon sabia que isso era praticamente impossível. E como a fotografia não existia em 1353, o artista não teria meios de verificar o seu trabalho. E porque haveria de querer produzir um negativo se a intenção era enganar os peregrinos? Estes prefeririam um rosto reconhecível...

Vignon tentou cobrir o rosto com pó de giz vermelho, deitar-se e cobrir o rosto com um pano, que depois pressionou suavemente contra a cara. O resultado não foi um negativo; eram apenas borrões.

Assim, se a imagem tivesse sido produzida por «contato», não poderia ter sido este tipo de contato direto e grosseiro. Mas então, que tipo de contato? Um mistério era que mesmo as concavidades do rosto tinham sido «impressas»; a imagem mostrava a ponte do nariz, mas um pano colocado sobre o rosto de alguém não tocaria na ponte do nariz.

Supondo que a imagem tivesse sido produzida por suor? Os unguentos funerários mais comuns na época da Crucificação eram mirra e aloés. Vignon e Delage tentaram impregnar um pano com mirra e aloés, e depois ver qual o efeito do suor. O suor contém uma substância chamada ureia, que se transforma em amoníaco (daí o cheiro desagradável das pessoas com mau odor corporal). Descobriram que o suor produzia manchas castanhas no pano impregnado.

Curiosamente, o agnóstico Delage acabou por ficar convencido de que o sudário era genuíno — embora não chegasse a converter-se ao cristianismo. A «fotografia» daquele homem mostrava sinais de flagelação e de perfuração num dos lados com uma lança; a testa tinha marcas que corresponderiam a uma coroa de espinhos. Havia marcas de pregos nos pulsos e nos pés. A maioria das pinturas da Crucificação mostra pregos cravados nas mãos, mas Vignon estabeleceu que as mãos não suportariam um homem na cruz — rasgariam. De facto, a investigação histórica mostrou que a crucificação envolvia pregar os pulsos, não as mãos.

O relatório de Vignon e Delage foi lido a 21 de abril de 1902 na Academia de Ciências, causando sensação. Vignon e Delage foram elogiados e denunciados. Curiosamente, alguns católicos influentes continuavam a considerar o sudário uma falsificação; o padre jesuíta Herbert Thurston, da Farm Street em Londres, contribuiu para a *Catholic Encyclopedia* com um artigo em que afirmava ser o sudário apenas um «auxílio devocional», pintado por algum monge do século XIV.

A polémica acalmou; passaram quase trinta anos. Em maio de 1931 decidiu-se exibir novamente o sudário, numa celebração tardia do casamento do príncipe herdeiro Umberto. Foram tiradas mais fotografias, desta vez por Giuseppe Enrie. Eram de qualidade muito superior às de Secondo Pia, e a sensação de realidade era ainda mais forte. Além disso, um exame minucioso do tecido mostrava que a teoria da pintura era improvável: a tinta teria penetrado no tecido, mas a mancha castanha parecia estar apenas na superfície. Mesmo ao microscópio, não se viam fragmentos de tinta.

As fotografias foram mostradas a um eminente anatomista francês, Pierre Barbet, que as estudou em pormenor. A fotografia revelava que o prego que perfurara o pulso saíra na parte de trás da mão. Poderia isto ser um erro de um falsificador? Barbet experimentou pregar um pulso

amputado: quando o prego batia no osso, deslizava para cima e saía exatamente no local mostrado na fotografia. Os pulsos apresentavam dois rastos de sangue, como se o pulso tivesse estado em duas posições diferentes. Barbet demonstrou que um homem pendurado pelos pulsos sufocaria rapidamente; para respirar, teria de se erguer à força, literalmente apoiando-se nos pregos que lhe seguravam os pés; mas logo se esgotaria e voltaria a cair.

As manchas de sangue correspondiam precisamente a essas duas posições. Refletindo sobre a descrição do apóstolo João da lança cravada no lado do Cristo morto — «e imediatamente saiu sangue e água» —, Barbet realizou uma experiência: cravou uma faca no lado de um cadáver, acima do coração; o resultado foi «sangue e água» — uma mistura de sangue e líquido pericárdico.

Todas estas investigações deram a Barbet uma visão aterradora dos sofrimentos de um homem a morrer na cruz — a tal ponto que ele admitiu já não ousar pensar neles, e o seu livro A Paixão Corporal de Jesus Cristo tornou-se tema de inúmeras homilias pascais. O próprio Barbet ficou emocionado quando, em outubro de 1933, conseguiu ver de perto o sudário e percebeu que algumas das manchas castanhas eram manchas de sangue — o sangue de Cristo... Caiu de joelhos e baixou a cabeça.

Uma coisa era agora óbvia: a informação contida no sudário era tão complexa que as hipóteses de ser uma falsificação eram de mil para um contra. O estudo do sudário tornou-se uma espécie de ciência autónoma. Foi batizada de sindonologia (sindone é o termo italiano para sudário), e Paul Vignon tornou-se o seu líder reconhecido. Foi Vignon quem fez a sugestão interessante de que o sudário poderia ser responsável por uma mudança súbita nas representações de Jesus no tempo do imperador Constantino (274–337 d.C.); nos primeiros três séculos após a Crucificação, Jesus é representado como um jovem imberbe, mas depois como um homem barbado com bigode. Terá sido a descoberta do sudário a causar essa mudança? Vignon estudou centenas de pinturas e concluiu que muitas delas pareciam influenciadas pelo sudário. Por exemplo, havia um pequeno quadrado acima do nariz, devido a uma imperfeição no tecido, e ele encontrou isso em muitos retratos de Jesus. No chamado «santo rosto de Edessa», um retrato datado de um século após Constantino, há uma semelhança distinta com o rosto do sudário.

Um investigador posterior, Ian Wilson, argumentou de forma convincente que o sudário é idêntico a uma relíquia conhecida como Mandylion, o lenço com que Santa Verónica limpou o rosto de Jesus no caminho para o Calvário, e no qual Jesus imprimiu milagrosamente a sua imagem. O Mandylion (ou uma relíquia que se dizia ser o lenço original de Santa Verónica) foi preservado em Bizâncio até ao saque pelos Cruzados em 1204; chegara ali de Edessa (atual Urfa, na Turquia) em agosto de 944 d.C.

Wilson argumenta que o sudário estava dobrado de modo a que só o rosto ficasse visível, e que isso era o Mandylion. No seu livro O Sudário de Turim, Wilson dedica mais de cem páginas a estudar fontes documentais e a tentar traçar a história do sudário-Mandylion antes de aparecer em Lirey a meio do século XIV. Os seus argumentos são demasiado longos para serem detalhados aqui, mas a sua reconstrução tentativa é a seguinte.

Após a Crucificação (por volta de 30 d.C.), o sudário foi dobrado e disfarçado como um retrato, para esconder a sua natureza «impura» de lençol funerário. Foi levado para Edessa, então uma próspera comunidade cristã; mas quando Ma'nu VI regressou ao paganismo em 57 d.C. e perseguiu os cristãos, foi escondido numa nicho na muralha acima da porta oeste de Edessa. Embora os cristãos voltassem a ser tolerados cerca de 120 anos depois, a existência do sudário permaneceu desconhecida. Em 525, inundações graves em Edessa custaram 30 000 vidas e destruíram muitos edifícios públicos; o sudário foi redescoberto quando as muralhas estavam a ser reconstruídas. (Esta versão, claro, contradiz a hipótese de Vignon de que foi redescoberto no reinado de Constantino, três séculos antes.)

Na primavera de 943, o exército bizantino sitiou Edessa e ofereceu poupar a cidade em troca do Mandylion; assim, o Mandylion foi transferido para Constantinopla. Foi descoberto ser um lençol funerário por volta de 1045 d.C., provavelmente quando alguém o despregou da moldura para o remontar. Em 1204, quando os Cruzados tomaram Constantinopla aos cristãos gregos, o sudário desapareceu novamente. O que aconteceu depois é desconhecido, mas uma conjectura é que caiu nas mãos dos Cavaleiros Templários, que foram acusados de adorar uma cabeça de homem com barba ruiva. Em 1291, após a queda de Acre (onde os Templários tinham o seu tesouro), o pano foi levado para Sidon e depois para Chipre.

Em 1306, o tesouro dos Templários chegou a França, trazido por Jacques Molay. A 13 de outubro de 1307, os Templários foram presos por ordem do rei Filipe, o Belo, que ansiava apoderar-se do seu dinheiro, e em março de 1314 Jacques Molay foi queimado na fogueira, juntamente com Geoffrey de Charnay, mestre da Normandia da ordem. Não se sabe se este Geoffrey de Charnay estava relacionado com o Geoffroy de Charny que construiu a igreja de Lirey em 1353 e que parece ter exibido aí o sudário por volta de 1355. Quando Geoffroy morreu em Poitiers em setembro de 1356, o sudário passou a pertencer ao seu filho pequeno, também chamado Geoffroy; o sudário foi exibido (talvez para angariar fundos) em 1357, mas o bispo Henrique de Poitiers ordenou que a exibição fosse interrompida. Em 1389, outra exibição provocou a ira de Pierre D'Arcis, bispo de Troyes, que apelou ao rei e depois ao papa para obter a posse da relíquia; insistiu que o sudário fora forjado por um artista por volta de 1355. O papa apoiou a família de Charny, e a tentativa do bispo falhou. Em 1400, após a morte do jovem Geoffroy de Charny, a sua filha Margarida casou com Humberto de Villersexel, e o sudário foi-lhe entregue para guarda.

Foi guardado na capela de St Hippolyte-sur-Doubs e exibido anualmente num prado às margens do Doubs (conhecido como Prado do Senhor, Pré du Seigneur). Os cónegos de Lirey tentaram recuperá-lo a partir de cerca de 1443 e até conseguiram que Margarida fosse excomungada; mas falharam. Quando Margarida morreu em 1460, o sudário já parecia estar na posse do Duque de Saboia, que deu a Margarida dois castelos franceses. Em 1502, o sudário foi depositado no castelo de Chambéry, onde trinta anos depois esteve quase destruído num incêndio. E em 1578 foi levado para Turim, onde permanece desde então, exceto durante a Segunda Guerra Mundial, quando foi levado para a Abadia de Monte Vergine, em Avellino, por segurança.

Em 1955, o capitão de grupo Leonard Cheshire levou uma rapariga escocesa deficiente a Turim, e foi-lhe permitido segurar o sudário no colo; no entanto, não houve cura. Talvez este fracasso tenha levado o cardeal Pellegrino de Turim a tentar de forma determinada estabelecer a autenticidade ou não do sudário por meios científicos. Em junho de 1969, uma comissão científica pôde examinar o sudário, e mais fotografias (algumas a cores) foram tiradas por Giovanni-Battista Judica-Cordiglia. Durante dois dias, a comissão examinou o sudário e recomendou uma série de testes que envolveriam a «remoção de amostras mínimas». Em Portugal,

o rei exilado Umberto II deu a sua autorização para os testes. A 23 de novembro de 1973, o sudário foi mostrado pela primeira vez na televisão. No dia seguinte, foi levado para uma pequena sala nos fundos da catedral de Turim, e foram cuidadosamente removidas um total de dezassete amostras. Parte do tecido de suporte cosido pelas freiras após o incêndio também foi removido, revelando o facto interessante de que a imagem no pano não tinha «penetrado» para o outro lado. Na verdade, um exame mais próximo de um fio mostrou que a mancha castanha estava restrita à superfície muito externa do tecido. Isso também parecia excluir a possibilidade de haver sangue real no sudário — recordemos que Pierre Barbet caíra de joelhos ao perceber que estava a olhar para uma verdadeira mancha de sangue. De facto, os testes mostraram que não havia sangue no sudário.

Outro cientista, o Dr. Max Frei, de Zurique, notara que havia pó no sudário e recolheu amostras pressionando fita adesiva na superfície do linho. No seu laboratório, o microscópio revelou que havia muitos grãos de pólen entre o pó e as partículas minerais. Frei, criminalista, era especialista em pólen. Uma das suas primeiras descobertas foi pólen de um cedro do Líbano. Isso parecia promissor — exceto que essas árvores se espalharam muito para além do Líbano, especialmente em parques públicos.

Depois encontrou algo mais revelador: pólen de plantas únicas do vale do Jordão, adaptadas a viver em solos com alto teor de sal. Prosseguiu e identificou quarenta e nove variedades de pólen, muitas de Jerusalém, outras de Istambul (Constantinopla), outras de Urfa (Edessa), outras de França ou Itália. Isto constituía uma prova poderosa de que o sudário tivera origem na Terra Santa, viajara para a Turquia, depois para França e Itália. Foi, sem dúvida, a descoberta mais excitante a emergir do exame de 1973.

Na altura deste exame, uma investigação importante também decorria nos Estados Unidos por um físico, John Jackson, e o seu amigo Dr. Eric Jumper, capitão da Força Aérea dos EUA. Fizeram um «boneco» do sudário usando uma transparência e marcando todas as principais características do sudário num pedaço de tecido semelhante. Colocando o boneco sobre um homem deitado, traçaram a escuridão relativa das marcas castanhas. Isso revelou o facto curioso de que as marcas eram mais fortes onde o tecido teria tocado o corpo, e que pareciam estar em proporção exata com a distância que o tecido estaria da carne — por exemplo, sendo

mais ténues abaixo do queixo, onde o tecido estaria esticado entre o queixo e o peito.

Mas foi em 1976 que os dois tropeçaram na informação mais fascinante — e talvez na descoberta mais excitante desde a fotografia original de Secondo Pia. Decidiram submeter o sudário a «melhoria de imagem». Trata-se de uma técnica moderna cujo objetivo é analisar o brilho relativo de áreas de uma fotografia — por exemplo, uma tirada por uma sonda espacial — e intensificá-las seletivamente para «fazer emergir» imagens subjacentes. (Foi usada em fotografias do monstro do Lago Ness.) Como o melhorador de imagem também pode interpretar informação sobre distância, pode transformar uma fotografia plana numa imagem tridimensional, o equivalente a transformá-la numa estátua.

A «estátua» pode então ser rodada de lado para lado. A partir de uma pequena transparência do sudário, Jackson e Jumper obtiveram uma imagem surpreendentemente perfeita do rosto. Isso provou que as marcas castanhas no sudário continham informação suficiente para o computador reconstruir o original e, ao fazê-lo, praticamente excluía a possibilidade de o sudário ser uma falsificação pintada. Na verdade, como Jackson e Jumper salientaram, o sudário era em muitos aspetos superior a uma fotografia moderna. Uma fotografia pode não conter informação suficiente sobre «distância» para produzir uma «estátua» precisa — uma tentativa de traduzir uma fotografia do Papa Pio XI numa imagem tridimensional achatou o nariz, distorceu a boca e deixou os olhos demasiado fundos. A imagem no sudário era mais precisa do que isso. Revelou até algo nunca antes reconhecido — que moedas tinham sido colocadas sobre ambos os olhos, segundo o costume funerário judaico da época. Outros investigadores, Donald Lynn e Jean Lorre, conseguiram mesmo identificar tentativamente as moedas — como «leptons», o «óbolo da viúva» do Novo Testamento.

Em 1977, o Dr. Walter McCrone, microanalista de Chicago, pediu autorização para recolher amostras do sudário. McCrone desmascarara a autenticidade do «mapa de Vinland», que supostamente provava que os vikings descobriram a América, ao mostrar que, embora o pergaminho fosse medieval, a tinta continha um componente só usado após 1920. McCrone afirmou que, com o uso do microscópio iónico, poderia identificar a natureza da imagem do sudário.

Mas em 1977 as suas hipóteses de obter material do sudário pareciam mínimas; Turim exigira a devolução das pequenas amostras. Depois foi nomeado um novo cardeal de Turim, Anastasio Ballestrero, antigo arcebispo de Bari. Em agosto de 1978, Ballestrero organizou outra exibição do sudário, e era claro que não se opunha a mais testes científicos. Jackson e Jumper, Lynn e Lorre puderam recolher mais material; Max Frei recolheu mais amostras de pó e pólen. E McCrone obteve as suas amostras de teste.

Para os crentes, os resultados de McCrone foram decepcionantes. Anunciou que o seu exame microscópico revelara traços de óxido de ferro e fragmentos de tinta no sudário, e concluiu que isso provava ser uma falsificação. Outros cientistas apontaram que o linho é embebido em água antes de ser transformado em tecido, e que isso poderia facilmente ser a fonte dos minúsculos traços de óxido de ferro. Além disso, o sudário entrou frequentemente em contato com artistas — muitas cópias pela Europa ostentam uma inscrição certificando que estiveram em contato real com o Santo Sudário de Turim (e, presumivelmente, absorveram alguma da sua virtude). Nada é mais provável do que ter alguns traços dos pigmentos usados para fazer tais cópias.

Na altura em que isto foi escrito, estas questões permaneciam por resolver. A escola cética regressou à velha afirmação, primeiro feita pelo Padre Ulysse Chevalier, de que o sudário é uma falsificação cujas propriedades peculiares — quando sujeitas a fotografia e melhoria de imagem — se devem de algum modo à «decadência» do pigmento original. Esta crença parece agora tão absurda como parecia no início do século XX. A datação por carbono 14 poderia talvez resolver a questão de uma vez por todas, se provasse que o linho do sudário data de muito depois da Crucificação. Isso ainda não fora realizado quando este livro foi escrito, em parte porque as técnicas de datação por carbono ainda envolveriam a destruição de uma pequena quantidade do tecido do sudário, mas a permissão para isso aparentemente já fora concedida.

Mas se, como parece provável com base nos resultados de pólen de Max Frei, o sudário se provar da data certa, continuamos perante o mistério de como a imagem foi «impressa» nele. Investigadores americanos apontaram a semelhança das marcas com «queimaduras de radiação» produzidas por explosões atómicas, e sugeriram que a imagem pode ter sido impressa no sudário por uma explosão muito breve e intensa de

radiação — talvez quando o corpo de Jesus foi trazido de volta à vida no túmulo. Os céticos contrapõem perguntando porque um «milagre» envolveria radiação atómica. A sua pergunta parece sem resposta. Mas também sem resposta é a evidência da extraordinária quantidade de «informação» codificada no sudário. Se o sudário se provar uma falsificação do século XIV, o milagre será quase tão grande como se se provar genuíno.

Posfácio a «O Santo Sudário»

Os desenvolvimentos no caso do Sudário de Turim desde que este artigo foi escrito são extremamente interessantes.

Em 1977, formou-se uma organização americana chamada Shroud of Turin Research Project (STURP). A Igreja Católica continuou a rejeitar todas as propostas para submeter o sudário a datação por carbono, mas acabou por ceder e concordou com um teste a 21 de abril de 1988. Três laboratórios estiveram envolvidos: do Arizona, de Oxford e de Zurique. Os resultados foram publicados a 13 de outubro de 1988 e mostraram com noventa e nove por cento de certeza que o material do sudário datava de entre 1260 e 1390 d.C.

Assim, parecia que o sudário era uma falsificação. Então quem o falsificou, e porquê?

Em 1994, Lynn Picknett e o seu colega investigador Clive Prince apresentaram uma resposta bastante interessante a esta questão. O seu livro, O Sudário de Turim – Em Que Imagem?, tinha como subtítulo «A Verdade Chocante Revelada». Segundo Picknett e Prince, a «falsificação» foi obra de Leonardo da Vinci, e ele provavelmente foi encomendado para isso pelo papa.

Mas e o facto de Leonardo ter nascido em 1452, 99 anos depois de o sudário ter sido exibido pela primeira vez? A teoria deles é que Leonardo foi encarregado pelo papa de fazer uma cópia do sudário que seria exibida para atrair turistas — porque, presumimos, o outro estava a ficar gasto.

Esta história, aparentemente, foi contada por um napolitano chamado Giovanni Battista della Porta, que é geralmente creditado com a invenção da fotografia, pois descreveu o processo em 1552, 33 anos após a morte de Leonardo. Depois, os cadernos de Leonardo foram traduzidos (ele

escrevera-os num tipo de código), e mostraram que Leonardo inventara o que chamava «o olho artificial» (oculus artificialis). Leonardo explicou que, se a fachada de um edifício for iluminada pelo sol e for feito um pequeno buraco na face do edifício virada para ela, a luz que passa por esse buraco projetará uma imagem invertida da fachada numa parede. Seria necessário esperar mais cerca de 150 anos, na década de 1640, até que o cientista jesuíta Athanasius Kircher usasse o princípio na primeira «lanterna mágica».

O que Picknett e Prince têm então de provar é que o nitrato ou cloreto de prata, os químicos que «fotografam» a imagem, eram conhecidos na época de Leonardo. Conseguem mostrar que estes eram conhecidos desde o início desse século.

A teoria é original, mas a maioria das pessoas sentirá, com razão, que é simplesmente demasiado especulativa, sem provas evidenciais sólidas. Por exemplo, se a datação por carbono mostrou que o linho do sudário foi tecido entre 1200 e 1390, então a vida de Leonardo é simplesmente um século tardia. Claro que o linho que ele usou pode ter estado guardado durante um século — mas parece improvável.

Esta objeção não se aplica a uma outra teoria recente sobre a natureza do sudário, explicada em *The Second Messiah* (1997), de Christopher Knight e Robert Lomas. Estes investigadores argumentam que a imagem no sudário é a de Jacques de Molay, Grão-Mestre dos Cavaleiros Templários.

Os Templários (que também são discutidos no artigo sobre Rennes-le-Château) foram um grupo de cavaleiros que se formou na Terra Santa após a queda de Jerusalém e o sucesso da Primeira Cruzada, em 1099 d.C. O seu propósito era tornar as estradas da Terra Santa seguras para os peregrinos, mas o grupo original de nove cavaleiros parece claramente inadequado para este fim, sugerindo que se tratava de uma "fachada".

Lomas e Knight argumentam que os Templários tinham outro propósito quando se mudaram para as ruínas do Templo de Salomão, em Jerusalém, que tinha sido destruído pelos Romanos quando estes esmagaram a revolta judaica de 70 d.C. Os Templários, sugerem eles, estavam na verdade à procura de antigos pergaminhos ou documentos.

Os pergaminhos mais famosos da Terra Santa são, naturalmente, os Manuscritos do Mar Morto, descobertos numa caverna por um pastor árabe em 1947. Ele levou-os para casa e, felizmente, decidiu não os utilizar para acender o fogo. Lomas e Knight acreditam que os pergaminhos no Templo provinham da mesma fonte que os do Mar Morto, mas que tinham um significado muito maior.

Existem evidências de que o Templário que levou alguns dos pergaminhos de volta para França foi Geoffrey de St. Omer, o segundo no comando após Hugues de Payens. Os pergaminhos foram levados a um velho sacerdote chamado Lambert de St. Omer, que é conhecido pelos historiadores principalmente devido a uma cópia de um desenho que retrata a Jerusalém Celestial. Este foi feito por volta de 1120 d.C. e — apontam Lomas e Knight — mostra os símbolos básicos da Maçonaria cinco séculos antes da data em que se diz ter sido fundada. Lomas e Knight argumentam de forma convincente que o desenho teve origem no Templo de Salomão.

Mas o que eram estes pergaminhos? Os Manuscritos do Mar Morto eram propriedade de uma seita judaica chamada Essénios, também conhecidos como Nazorenos. Estes eram o que poderíamos descrever como puritanos judeus, vegetarianos estritos que rejeitavam o sacrifício de animais e, portanto, recusavam-se a reconhecer a inspiração divina de Moisés.

Os Essénios foram fundados devido a uma divisão fundamental entre os judeus. Quando os judeus foram arrastados para o seu exílio babilónico pelos exércitos do rei Nabucodonosor em 587 a.C., sonhavam com um Messias que os levaria à liberdade. E quando regressaram a Jerusalém cinquenta anos mais tarde, e um sacerdote chamado Zorobabel reconstruiu o Templo, Zorobabel foi considerado por muitos como o Messias — embora ele próprio preferisse evitar essa responsabilidade.

Dois séculos depois, Alexandre, o Grande, conquistou a Palestina, e foram os seus generais, conhecidos como Selêucidas, que passaram a governar. Mas quando os conquistadores gregos foram suficientemente imprudentes para colocar uma estátua de Zeus no altar do Templo, os judeus, sob o comando de Judas Macabeu, iniciaram uma campanha de guerrilha altamente bem-sucedida e, finalmente, rededicaram o Templo a Jeová em 164 a.C. Os Macabeus tornaram-se reis, bem como sumos sacerdotes, de Jerusalém.

Isto causou indignação entre os descendentes de Zorobabel, que consideravam os Macabeus como pretensiosos, e por volta de 187 a.C., muitos retiraram-se para o deserto perto do Mar Morto e tornaram-se a comunidade de Qumran. Viviam em tendas e usavam as cavernas como armazéns. Eram também conhecidos como os Essénios e eram liderados por um homem a quem se referiam simplesmente como o Mestre da Justiça. Lomas e Knight argumentam que os rituais dos Essénios apresentavam muitas semelhanças com os dos Maçons.

Na revolta judaica de 66 d.C., os Essénios esconderam os seus pergaminhos e manuscritos nas cavernas do Mar Morto e — acreditam Lomas e Knight — no Templo de Salomão, que estava reservado para os mais valiosos.

Estes, argumentam Lomas e Knight, é o que os Templários estavam na verdade a procurar. Este foi o "tesouro" que encontraram. Ao longo dos dois séculos seguintes, eles alcançaram uma enorme quantidade de riqueza e influência. Os documentos que tinham encontrado no Templo eram, de acordo com Lomas e Knight, os títulos de propriedade que os autorizavam a tornarem-se os fundadores de uma nova ordem religiosa.

A parte mais controversa do argumento de Lomas e Knight é que os líderes dos Essénios no século I d.C. eram Jesus, que se tornou conhecido como Jesus Cristo, e o seu irmão Tiago. Jesus, afirmam eles, era na verdade conhecido como Jesus o Nazoreno, não o Nazareno. Nazaré, dizem eles, nem sequer existia no tempo de Jesus.

De acordo com Lomas e Knight, era o irmão mais novo de Jesus, Tiago, também conhecido como Ya'cov, quem era o líder dos Essénios e o "Mestre da Justiça".

A Igreja Católica Romana negou que Jesus tivesse irmãos ou irmãs, embora isto seja na verdade contrariado pelo Evangelho de Mateus (13:55): "Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago, Simão e Judas? E suas irmãs, não estão todas entre nós?".

Lomas e Knight argumentam que Jesus não era simplesmente um pregador do amor universal; ele queria ver-se livre dos Romanos e estava preparado para liderar uma revolta para o fazer. Um grande número de Essénios preferia o irmão menos radical de Jesus, Tiago.

Tanto Jesus como o seu primo João Batista eram considerados "messias". Após a morte de João Batista, Jesus assumiu o seu ministério (que durou apenas um ano), reunindo seguidores e pregando em locais remotos. Depois cometeu o que, historicamente falando, foi o seu grande erro — entrou em Jerusalém montado num asno, para cumprir a profecia do profeta Zacarias de que o rei chegaria num jumento. Depois causou um motim no templo e atacou os cambistas.

Os Romanos emitiram um cartaz de "procurado" para Jesus que ainda sobrevive, descrevendo-o como baixo (cerca de 1,37 m), careca e corcovado. O seu irmão Tiago foi preso primeiro, depois Jesus foi preso em Gethsemane.

Parece altamente provável que Jesus esperasse que o seu ato de rebelião causasse uma insurreição que levaria as pessoas a afluírem à sua bandeira. Ele tinha anunciado que o fim do mundo ocorreria durante a vida das pessoas que o estavam a ouvir na altura. Estava enganado em ambos os aspetos.

Em vez disso, foi preso, julgado e condenado à morte. Lomas e Knight argumentam que Barrabás, o "ladrão" que foi absolvido, era o irmão de Jesus, Tiago — Barrabás é um título que significa "filho do Pai". Um manuscrito antigo de Mateus dá o sobrenome de Barrabás como Jesus.

Assim, Jesus foi crucificado, enquanto Tiago voltou a ser o líder da comunidade de Qumran. Trinta anos mais tarde, ele seria assassinado por sacerdotes, que o atiraram do topo do templo e depois o apedrejaram até à morte.

O corpo de Jesus desapareceu do túmulo de rocha e começaram assim os rumores de que ele não tinha morrido na cruz, mas que tinha sido visto vivo.

Foi S. Paulo — Saulo — quem desempenhou o papel central na história primitiva do Cristianismo. Quando Saulo se tornou cidadão romano, mudou o seu nome para Paulo e recebeu a tarefa de erradicar os restos do movimento de liberdade judaico. Isto foi dez anos após a morte de Jesus, em 43 d.C. E foi dezessete anos mais tarde que Paulo teve a sua experiência na estrada de Damasco e foi subitamente convertido ao Cristianismo. Lomas e Knight afirmam que esta não teria sido a Damasco na Síria, onde ele não teria autoridade, mas provavelmente Qumran, que

também era referida como Damasco. E foi provavelmente a caminho de Qumran para perseguir os Essénios que Paulo recebeu a sua revelação. Ficou temporariamente cego e, quando recuperou, ficou romanticamente cativado pela doutrina que mais tarde seria rotulada como Cristianismo. Esta doutrina, de invenção do próprio Paulo, declarava que Jesus tinha morrido na cruz para redimir a humanidade do pecado de Adão, e que todos os que acreditassem em Jesus ficariam livres do Pecado Original.

Tiago e os outros Nazorenos devem ter ficado atónitos e encantados ao descobrir que o seu perseguidor se tinha tornado subitamente o principal admirador de Jesus. Mas quando, no devido tempo, souberam os pormenores do Cristianismo que tinha sido inventado por Paulo, ficaram enfurecidos e referiam-se habitualmente a ele como "o propagador de mentiras".

Ora, de facto, estas duas versões do Cristianismo — a versão militante de Tiago e a versão do "manso Redentor" de Paulo — poderiam muito bem ter continuado a ser rivais durante os séculos seguintes. Mas a revolta judaica pôs fim a isso; Tiago foi assassinado e a maioria dos rebeldes foi massacrada ou levada para o exílio.

Paulo, que estava no estrangeiro a pregar aos Gentios, sobreviveu, e a sua versão do Cristianismo também.

A imensa popularidade do Cristianismo deveu-se ao facto de pregar o fim do mundo dentro de uma década ou pouco mais — digamos, até ao final do primeiro século — e, quando esse tempo passou sem qualquer sinal do Armagedão, a versão do Cristianismo de S. Paulo estava tão bem estabelecida que ninguém notou.

Durante os dois séculos seguintes, a sorte dos Cristãos variou, mas na maioria das vezes foram perseguidos. Depois, subitamente alcançaram o poder. Isto aconteceu no ano 312 d.C., quando o imperador Constantino fez do Cristianismo a religião oficial do seu império. Assume-se geralmente que Constantino foi convertido quando viu o sinal de uma cruz no céu, antes da batalha da Ponte Mílvia, e as palavras "Com este sinal vencerás".

Mas a verdade é que Constantino nunca se tornou cristão — permaneceu um seguidor do deus sol Sol Invictus. Restam poucas dúvidas de que a sua "conversão" foi inteiramente política. Foi basicamente uma tentativa de evitar que o abalado Império Romano se desmoronasse. O que

o Império precisava, reconheceu ele subitamente, não era de um exército vasto, mas de uma nova religião. A sua mãe Helena, uma princesa britânica, tinha sido convertida ao Cristianismo. E embora os Cristãos estivessem longe de ser uma maioria, havia provavelmente alguns deles em cada cidade e aldeia do seu império. Se lhes entregasse o poder, passaria a ter um apoiante em cada cidade e aldeia. Se o Império Romano pudesse ser comparado a uma escola pública britânica, então o diretor tinha decidido entregar parte da sua autoridade aos prefeitos, que agora tinham boas razões para querer manter a ordem.

Era verdade que, assim que ganharam poder, estes cristãos gentis e amantes da paz começaram imediatamente a discutir e a assassinar-se uns aos outros. Mas, pelo menos, mantiveram o império unido. Lomas e Knight citam o Papa Leão X como tendo dito: "Serviu-nos bem, este mito de Cristo".

A Igreja Católica Romana tinha todos os motivos para apoiar esta nova versão autoritária do Cristianismo, baseada na invenção inspirada de S. Paulo, mas a versão mais antiga — a dos Nazorenos e Messianistas — não tinha morrido inteiramente. Por exemplo, Paulo — nos dias em que ainda era um perseguidor de cristãos — expulsou um grupo de Messianistas conhecidos como Mandeus — que consideravam João Batista como o Messias — para o Iraque, onde continuam a florescer até hoje.

Lomas e Knight acreditavam que foi esta versão mais antiga do Cristianismo, com as suas raízes na comunidade de Qumran, que um dia se tornou a Maçonaria. E é aqui que a história toca na estranha história de Rennes-le-Château. Henry Lincoln argumentou que a ordem do Priorado de Sião, que foi fundada no final da primeira Cruzada por Hugues de Payens e os seus cavaleiros, remonta na verdade a muitos séculos, através da dinastia conhecida como os Merovíngios. (Ver Posfácio ao artigo sobre Rennes-le-Château.)

Durante o século XII, os Cruzados perderam o terreno que tinham conquistado na Terra Santa; uma segunda cruzada terminou em fracasso e os Muçulmanos, sob a liderança de Saladino, recapturaram Jerusalém em 1187. Durante o século seguinte, mais sete cruzadas falharam em restaurar o poder aos Cristãos. A queda de Acre em 1291 completou a sua derrota, e os Cavaleiros Templários tinham perdido a sua *raison d'être*.

A sua riqueza — baseada na isenção de impostos — permaneceu. Mas o rei francês Filipe, o Belo (1265–1314) observava-os como um gato observa um rato. Tinha razões para se sentir hostil, uma vez que os Templários eram dedicados ao serviço do papa, e Filipe, o Belo, estava em conflito com o Papa Bonifácio VIII. Filipe simplesmente queria uma desculpa para se lançar sobre os Templários e confiscar a sua riqueza.

Após serem expulsos da Terra Santa, os Templários mudaram-se para Chipre, mas a ilha era insegura. A solução ideal teria sido os Templários regressarem a França. Nenhum deles estava ciente do quão profundamente o rei — que outrora tivera a sua adesão recusada — os detestava.

Bonifácio VIII morreu; o seu sucessor, Bonifácio IX, seguiu-o pouco depois — provavelmente envenenado por Filipe. Nesse ponto — 1305 — Filipe conseguiu que o seu próprio candidato fosse nomeado papa — o Arcebispo Bertrand de Gotte de Bordéus. Bertrand e Filipe não gostavam um do outro, mas os prémios eram demasiado grandes para permitir que isso se interpusesse no seu caminho. Assim, Bertrand tornou-se o Papa Clemente V, e o rei — agora que tinha o papa no seu bolso — decidiu transferir a sede papal de Roma para Avignon e confiscar a riqueza dos Templários.

Foi um empreendimento imenso, uma vez que o número de Templários era agora enorme e eles estavam entre os homens mais influentes de França. Apesar disso, ordens seladas foram enviadas em meados de setembro de 1307, ordenando uma investida contra os Templários na sexta-feira, 13 de outubro de 1307. O que é tão surpreendente é que o golpe funcionou realmente e a maioria dos Templários caiu na armadilha. A exceção foram os Templários de Bézu, perto de Rennes-le-Château, que foram quase certamente avisados pelo próprio papa — dificilmente será coincidência que o chefe templário de Bézu se chamasse de Gotte.

A desculpa de Filipe para mandar prender os Templários foi que eles eram, na verdade, uma espécie de organização satânica — foram acusados de homossexualidade, de adorar um demónio chamado Baphomet e de cuspir na cruz. Quase tudo isto era certamente disparate — exceto que os Templários provavelmente não acreditavam no Cristianismo ortodoxo. Se, como Lomas e Knight acreditam, eles eram descendentes dos Essénios e do Priorado de Sião, então teriam certamente considerado S. Paulo como um

"propagador de mentiras" e o Cristianismo Paulino como uma distorção grosseira da verdade.

A maioria dos Templários foi submetida a torturas terríveis, de modo que muitos confessaram estas acusações absurdas. O próprio Grão-Mestre, Jacques de Molay, estava entre os que confessaram, assim como o seu segundo em comando, Geoffrey de Charney. Mas na sua sentença, sete anos mais tarde — a 18 de março de 1314 — Molay retirou a sua confissão, declarando que esta lhe tinha sido arrancada sob tortura. O rei ficou tão enfurecido por ver os seus planos frustrados que ordenou imediatamente que Molay e Charney fossem assados vivos, em lume brando. Isto aconteceu no dia seguinte, numa ilha do Sena chamada Île de Palais, e diz-se que Molay, morrendo em agonia horrível, convocou o rei e o papa a encontrarem-se com ele perante o trono de Deus no prazo de um ano. Quer isto seja verdade ou não, tanto o rei como o papa estavam mortos no espaço de um ano.

De facto, o principal propósito de Filipe ao destruir os Templários foi frustrado. Os cavaleiros de Bézu e outros Templários partiram de La Rochelle em dezoito navios no dia anterior à prisão dos Templários e desapareceram da história. Assim, os cofres de Filipe acabaram por não ser reabastecidos.

Pelo menos um dos navios templários escapou para a Escócia, e foi lá que um cavaleiro chamado William St. Clair construiu uma capela chamada Rosslyn, não muito longe de Edimburgo, que está cheia de evidências de que St. Clair era um Templário.

A capela de Rosslyn é certamente surpreendente. Para começar, parece ter sido construída segundo a planta do Templo de Salomão. Segundo, algumas das suas decorações mostram maçarocas de milho doce, que na altura só se encontrava no Novo Mundo, o qual não seria descoberto antes de passar outro meio século — St. Clair começou a construir Rosslyn em 1440. As decorações também incluem aloés, outra planta americana. É difícil não concordar com Lomas e Knight que alguns dos dezoito navios templários desaparecidos navegaram para a América. Mas fariam eles uma viagem tão perigosa como essa se não tivessem ideia do que existia do outro lado do Atlântico? A sugestão altamente plausível feita por Lomas e Knight é que o "tesouro" encontrado pelos primeiros Templários no Templo de Salomão incluía mapas que mostravam a América. E isto

pressupõe que os Templários tinham acesso a alguns mapas antigos como os "mapas dos antigos reis do mar" discutidos noutra parte deste livro (pág. 91).

Lomas e Knight descobriram um pequeno painel de quatro polegadas, escondido no topo de um pilar na capela de Rosslyn, que mostra uma figura decapitada a segurar um pedaço de tecido no qual se encontra o rosto de um homem barbudo. A cabeça foi obviamente cortada para evitar o reconhecimento. Contudo, nenhuma das outras figuras tem a cabeça em falta. Além disso, os rostos são altamente distintos, como se fossem retratos de pessoas vivas. Assim, parece provável que a figura com a cabeça em falta pudesse ter o rosto do próprio William St. Clair, ou possivelmente de um membro da família de Charney, que era então proprietária do Santo Sudário. Lomas e Knight estão convencidos de que o tecido segurado pela figura é o Santo Sudário.

Argumentam também firmemente que a imagem no Santo Sudário é a de Jacques de Molay, o Mestre dos Templários. O argumento que apresentam no seu livro *The Second Messiah* — a sequela de *The Hiram Key* — é que foi, de facto, Jacques de Molay cujo contorno ainda se encontra preservado no Santo Sudário.

Ora, de Molay não tinha sido torturado na câmara da Inquisição, mas sim na sede dos Templários em Paris. O cavalete de tortura e as correntes de suspensão não estariam disponíveis na sede. Lomas e Knight argumentam que de Molay foi, na verdade, torturado por crucificação, e que esta foi executada pregando-o a uma porta numa câmara na sede de Paris. O inquisidor William Imbert, um católico devoto, teria certamente ficado horrorizado ao saber que os Templários negavam que Cristo fosse o Filho de Deus, e teria sentido que era altamente apropriado torturar de Molay pregando-o a uma porta.

Depois de Molay ter confessado tudo aquilo de que os inquisidores o acusavam, foi retirado e envolvido num pedaço de tecido que provavelmente estaria ali no Templo de Paris. Foi deitado na sua cama neste "sudário", com o corpo a escorrer transpiração e sangue (com um elevado teor de ácido lático), e os autores apresentam algumas evidências interessantes no sentido de que esta mistura teria "fotografado" a imagem de de Molay no tecido do sudário. (Num apêndice de *The Second Messiah*,

apresentam a evidência do Dr. Alan Mills, um especialista em fotografia, sobre a química deste processo.)

Este tecido, pensam eles, foi devolvido à casa de Geoffrey de Charney, quer antes ou depois de os dois homens terem sido assados até à morte. Menos de quarenta anos depois, o sudário foi colocado em exibição numa igreja em Lirey, perto da casa do neto de Geoffrey de Charney, que tinha o mesmo nome.

Milhares de pessoas consideraram Jacques de Molay um mártir — daí o título do livro *The Second Messiah* (O Segundo Messias). Quatro séculos e meio mais tarde, quando Luís XVI foi guilhotinado durante a Revolução Francesa, alguém na multidão gritou: "Jacques Molay está vingado!".

A teoria de Lomas e Knight sobre a origem do Santo Sudário é certamente uma das mais controversas até agora. É, naturalmente, apoiada pela datação por carbono do Sudário. E a noção de que o Sudário é uma farsa, proposta por Picknett e Prince, parece ter sido refutada pelo facto de testes químicos terem demonstrado que o Sudário foi genuinamente embebido em sangue e transpiração.

É verdade que o único ponto fraco da teoria de Lomas e Knight é que não existem provas positivas de que Jacques de Molay tenha sido torturado através da crucificação. Mas se o homem no Sudário não era de Molay, quem era ele então?

23

Homero e a Queda de Troia

Serão Ambos um Mito?

Embora Shakespeare seja reconhecido como o maior poeta de Inglaterra, foram expressas sérias dúvidas sobre se ele escreveu alguma das obras que lhe são atribuídas. No caso de Homero — o primeiro grande poeta da civilização ocidental — muitos académicos foram ainda mais longe e levantaram dúvidas sobre se ele sequer existiu. Um livro infantil intitulado *How Much Do You Know?* contém a seguinte entrada sob a pergunta: "Quem foi Homero?":

O autor tradicional da *Ilíada* e da *Odisseia*. Não existem provas de que tal pessoa tenha alguma vez vivido, embora todos os testes conhecidos tenham sido aplicados aos poemas e todas as fontes possíveis de informação escrutinadas. Todas as "Vidas de Homero" são apócrifas. O melhor que se pode dizer é que um texto autorizado dos dois poemas existia em Atenas entre 550 e 500 a.C. Segundo a tradição, Homero era cego, e os bustos e pinturas convencionais mostram-no sem visão.

Como poderia um poeta famoso ser inexistente? Uma opinião amplamente defendida é que vários bardos gregos (ou rapsodos) inventaram poemas sobre a Guerra de Troia e o seu desfecho, e que estes vários relatos foram mais tarde cosidos uns aos outros nos poemas que conhecemos como a *Ilíada* e a *Odisseia*. Podemos acrescentar a esta questão sobre a existência de Homero a questão de saber se a Guerra de Troia realmente aconteceu ou se — como muitos académicos sugeriram — foi um evento puramente mítico, como as guerras dos deuses. No entanto, ninguém que tenha realmente lido estes dois poemas de fio a pavio pode acreditar que foram escritos por um comité.

Existe uma razão muito sólida para acreditar que Homero realmente existiu. Ao estudar a linguagem da *Ilíada* e da *Odisseia,* os académicos dataram os poemas entre 750 e 650 a.C. Ora, isto é meramente dois ou três séculos antes da Idade de Ouro de Atenas, a era de Platão, Aristóteles e Eurípides. Por outras palavras, estava mais próximo da era de Platão do que Shakespeare está do nosso próprio período à data em que escrevo.

Além disso, os bardos gregos aprendiam a sua poesia de cor e podiam recitar muitos milhares de versos de memória — tal como os seus descendentes modernos ainda hoje conseguem. Portanto, não se tratava de Homero estar perdido no nevoeiro obscuro da antiguidade, nos dias antes de haver registos históricos. As memórias dos próprios bardos eram os registos históricos. E é impossível acreditar que eles simplesmente

inventaram um poeta chamado Homero e lhe atribuíram vários poemas — tão improvável quanto acreditar que Sir Isaac Newton foi a invenção de um grupo de cientistas do século XVII, que também escreveram os seus *Principia*.

O que parece emergir da evidência disponível é que Homero foi um poeta cego que nasceu por volta de 750 a.C. na Ásia Menor (atualmente Turquia) e que passou grande parte da sua vida na pobreza, vagueando de lugar em lugar, até encontrar uma certa fama na ilha de Quios. Existem muitas biografias fragmentárias dele entre as obras dos escritores clássicos, sendo a mais longa e melhor atribuída ao historiador Heródoto (conhecido como o Pai da História), que também nasceu na Ásia Menor cerca de dois séculos e meio mais tarde.

A história de Heródoto é a seguinte. A mãe de Homero era uma pobre rapariga órfã chamada Creteide que engravidou fora do casamento, em resultado do qual se mudou da Ásia Menor para um local perto do rio Meles, na Grécia (Beócia), e deu à luz um filho, a quem chamou Melesígenes (pronunciado Mel-li-sí-ge-nes), devido ao rio. Ele viria a adquirir a alcunha Homero (que significa "homem cego") muitos anos mais tarde. Ela regressou depois a Esmirna (hoje chamada Izmir) e tornou-se governanta de um professor de literatura e música chamado Fémio, que se apaixonou por ela e casou com ela. Assim, Homero adquiriu um padrasto que sabia tudo sobre poesia e música.

O jovem Homero distinguiu-se na escola. Quando o seu padrasto morreu — seguido pouco depois pela sua mãe — ele assumiu a escola com um sucesso brilhante e tornou-se algo como uma celebridade entre os seus concidadãos. Tornou-se amigo de um viajante chamado Mentes, da ilha de Leucádia (hoje chamada Leucas), no oeste da Grécia, que convenceu Homero a acompanhá-lo nas suas viagens e se ofereceu para pagar todas as despesas de Homero. Incapaz de resistir a esta oferta para ver o mundo, Homero partiu com Mentes e viajou por terra até ao que é hoje chamado Itália.

Cheio de curiosidade, fazia perguntas em todo o lado por onde passava. Mas, no decurso das suas viagens, apanhou uma infeção ocular e, na altura em que chegou a Ítaca — logo a sul de Leucádia — esta tinha-se tornado tão grave que Mentes o deixou para trás com um médico chamado Mentor. Foi Mentor quem ensinou a Homero as lendas de Ulisses (a quem

os Romanos chamariam *Ulysses*) e a história da sua viagem épica de regresso da Guerra de Troia. Quando veio a compor a *Odisseia*, Homero deu o nome de Mentor ao preceptor do filho de Ulisses, Telémaco, e o nome tornou-se sinónimo de "professor".

Mas Mentor foi incapaz de curar os problemas oculares de Homero. Homero decidiu tentar regressar a casa, mas em Cólofon, na Ásia Menor, acabou por ficar cego.

De volta a Esmirna, continuou a dedicar-se à poesia. Mas agora não tinha escola que o sustentasse e partiu para as errâncias que durariam o resto da sua vida. Num lugar chamado Neon Teichos (Muralha Nova) foi ajudado por um armeiro chamado Tíquio e ganhava o seu pão recitando versos. E embora a pobreza tenha forçado o poeta cego a seguir caminho, os habitantes de Neon Teichos lembravam-se dele com carinho e apontavam o local onde ele costumava recitar.

Em Cumas, a terra natal da sua mãe (de onde ela tinha fugido para esconder a gravidez), encontrou mais uma vez um público tão simpático para os seus versos que decidiu que gostaria de se estabelecer ali e perguntou ao conselho municipal se o apoiariam com fundos públicos em troca de entretenimento — prometendo-lhes que tornaria a sua cidade famosa. Mas um conselheiro ranzinza declarou que, se alimentassem todos os "homeros" ("homens cegos") que vinham a Cumas, em breve estariam infestados de vagabundos. Perante isto, o conselho decidiu não conceder o pedido do poeta. O nome "Homero", no entanto, pegou.

Homero mudou-se para a vizinha Foceia, na ilha de Quios, onde um aspirante a poeta chamado Testórides o convenceu a aceitar um acordo estranho. Homero escreveria poesia para Testórides em troca de comida e alojamento. Mas o seu anfitrião acabou por quebrar o acordo e expulsou o homem cego. Homero continuou como um andarilho sem teto, cantando pela sua refeição. Algum tempo depois, de volta ao continente, encontrou alguns mercadores de Quios que lhe contaram que o seu poeta local, Testórides, estava a cantar versos que eram virtualmente idênticos aos de Homero. Enfurecido por Testórides estar a fazer passar os seus versos (de Homero) como sendo dele, Homero apressou-se a voltar a Quios, onde conheceu um bondoso pastor de cabras chamado Glauco, que o acolheu por uma noite na sua cabana. A história de Homero sobre as suas viagens comoveu tanto Glauco que este foi ter com o seu senhor e pediu-lhe que

ajudasse o poeta. O senhor foi desdenhoso, sentindo que Glauco tinha sido enganado por um vagabundo. Mas quando conheceu realmente Homero, ficou tão impressionado com o seu saber e com a sua poesia que o contratou como tutor para os seus filhos.

Agora, finalmente, as desventuras de Homero tinham acabado. Na cidade de Quios ele tornou-se uma celebridade e, quando se soube a verdade sobre Testórides, o impostor foi expulso da ilha. Homero tornou-se altamente bem-sucedido, tanto como poeta como professor de jovens, casou-se e teve duas filhas. Quios ficou tão orgulhosa de Homero que afirmou ser o seu local de nascimento. À medida que a sua reputação se espalhava pela Grécia, ele decidiu viajar para lá novamente. Na ilha de Samos foi reconhecido e participou num festival religioso, sendo depois convidado em muitas casas ricas.

Depois disto, partiu para Atenas, mas tinha apenas chegado à ilha de Ios quando adoeceu e morreu, provavelmente de um AVC. (A lenda afirma que a sua morte foi provocada pela frustração de ser incapaz de responder a um enigma proposto por filhos de pescadores.) Mas à medida que a sua fama se espalhava por toda a Grécia e os bardos recitavam os seus poemas, os bardos de Quios formaram uma escola conhecida como os filhos de Homero — ou *Homeridae* — que ainda florescia quando Heródoto escreveu a sua vida de Homero.

Assim, enquanto os académicos insistem em manter a cautela, parece uma suposição de senso comum que um poeta cego chamado Homero nasceu na Ásia Menor, viajou pela Grécia e Itália — talvez até tão longe como a Espanha — estabeleceu-se em Quios e morreu a caminho de Atenas. A escola que fundou aprendeu as suas palavras de cor; por que não os eventos da sua vida? As datas destes eventos são inteiramente mais duvidosas. Heródoto pensa que Homero viveu cerca de quatrocentos anos antes de si próprio — por volta de 900 a.C. Um académico posterior, Crates, colocou-o cerca de oitenta anos após a Guerra de Troia (que tem sido geralmente datada cerca de 1180 a.C., mas que os académicos modernos situam logo em 1250 — uma questão à qual voltaremos num momento). Sabemos agora que isso é virtualmente impossível; por exemplo, uma referência na *Odisseia* aos Fenícios como mercadores data-a depois de 900 a.C.

Mas qualquer pessoa que tenha lido as duas epopeias terá notado diferenças básicas entre elas. Embora seja muito mais longa do que a *Odisseia*, a *Ilíada* cobre apenas uma pequena parte da Guerra de Troia — algumas semanas no seu décimo ano — e está cheia de matança e violência. (A história é simples: o herói grego, Aquiles, discute com o Rei Agamemnon por causa de uma bela escrava e recusa-se a participar na batalha — até que o seu amigo mais próximo, Pátroclo, é morto pelo troiano Heitor; então Aquiles sai para enfrentar Heitor, persegue-o três vezes em redor das muralhas de Troia e mata-o.)

A *Odisseia* tem um tom inteiramente mais suave e lírico, descrevendo as aventuras de Ulisses enquanto ele tenta fazer o seu caminho de regresso de Troia para Ítaca. O académico grego Longino, autor de *Do Sublime*, defende que esta diferença se deve ao facto de Homero ter escrito a *Ilíada* quando era jovem e estava no auge dos seus poderes, e a *Odisseia* na velhice. Mas a maioria dos académicos modernos explica a diferença sugerindo que dois poetas diferentes escreveram as duas obras. O autor da *Ilíada*, afirmam, foi o poeta cego descrito por Heródoto. A *Odisseia* foi escrita por um poeta posterior, cuja identidade é desconhecida. Uma visão amplamente defendida é que a *Ilíada* foi composta por volta de 750 a.C. e a *Odisseia* por volta de 700.

Existe uma diferença muito óbvia entre os dois poemas. Na *Ilíada*, os deuses desempenham um papel tão proeminente como os homens; estão sempre a interferir na batalha e a deusa do amor, Afrodite, chega a descer e levar Páris quando este está prestes a ser derrotado por Menelau. Na *Odisseia*, os deuses ainda interferem na narrativa, mas poderiam ser eliminados sem fazer grande diferença na história de Ulisses. Um exemplo bastará: quando Ulisses está a matar os pretendentes da sua esposa, a deusa Minerva (Atena) aparece, disfarçada de administrador da propriedade; mas depois de os pretendentes a terem ameaçado com represálias violentas, ela transforma-se numa andorinha e voa para as traves do teto.

Tal evento, seria de esperar, convenceria claramente os pretendentes de que algo sobrenatural estava a acontecer e baixaria o seu moral; na verdade, eles parecem não notar e continuam a atacar Ulisses como se nada tivesse acontecido. A aparição da deusa não é apenas inútil, torna a cena absurda. É quase como se a *Ilíada* pertencesse a um período anterior de

crença, enquanto a *Odisseia* foi escrita por alguém para quem os deuses eram pouco mais do que um mecanismo de enredo conveniente.

Mas se o autor da *Odisseia* não foi o cego Homero, quem foi ele então?

O escritor inglês Samuel Butler deu-se conta do enigma em 1891. Butler é mais conhecido pelo seu divertido romance satírico *Erewhon*, mas seria um erro pensar nele apenas como um satirista. Ele era um pensador sério que dedicou uma parte importante da obra da sua vida a atacar a teoria da evolução de Darwin. Ele objetava à visão de Darwin de que as mutações fazem as espécies mudar ao acaso e que a evolução se deve simplesmente à sobrevivência do mais apto. Butler objetava que Darwin tinha "banido Deus do universo" e transformado o universo numa máquina gigantesca. Preferia as opiniões do zoólogo anterior, Lamarck, que acreditava que as espécies mudam porque fazem esforços determinados para mudar. (Para um relato mais detalhado do problema, ver capítulo 35.)

Aos cinquenta e seis anos, Butler decidiu compor uma cantata intitulada *Ulysses*. (Ele era também um compositor amador que escrevia no estilo de Handel.) O seu libretista, Henry Festing Jones, baseava-se em *Adventures of Ulysses* de Charles Lamb, mas Butler sentiu que deveria reler a *Odisseia*, da qual retinha apenas memórias vagas dos seus tempos de escola. Butler achou o grego de Homero simples e direto e decidiu fazer a sua própria tradução em prosa.

À medida que trabalhava, apercebeu-se de uma sensação de desconforto, de "um enigma que eu não conseguia ler". A *Ilíada* está cheia de heróis maiores do que a vida. A *Odisseia*, por comparação, pareceu a Butler muito mais realista; na verdade, como um tipo de romance em vez de uma epopeia, cheia de pessoas reais e observações reais. Esta última começa contando como o filho de Ulisses, Telémaco, farto da horda de pretendentes que rodeiam a sua mãe, Penélope, parte para ver se consegue encontrar notícias do seu pai; ele visita o Rei Menelau, que vive agora feliz com a sua esposa errante, Helena de Troia, e a cena doméstica tem uma atmosfera quase irónica. Aqui ele fica a saber que o seu pai é prisioneiro da ninfa Calipso.

A cena muda para a ilha de Calipso, de onde Ulisses recebeu permissão para partir (devido à intervenção de Júpiter). Mas o deus

Neptuno, que não gostava de Ulisses, provocou uma tempestade que naufragou o herói na costa de um país chamado Esquéria. Aqui, ele foi encontrado a dormir por Nausícaa, a filha do rei, que o levou de volta para o palácio. E aqui, no devido tempo, Ulisses conta a história do que lhe aconteceu depois de ter deixado Troia (que foi capturada por meio de um cavalo de madeira). Neste ponto, temos uma longa história-dentro-da-história, que constitui a parte principal da *Odisseia*.

Butler ficou impressionado com o realismo do episódio de Nausícaa e com os seus muitos toques caseiros. Isso confirmou o seu sentimento de que a *Odisseia* era uma espécie de romance, baseado em pessoas reais. Alguns livros mais tarde, depois de Ulisses ter encontrado o Ciclope, o deus do vento (Éolo) e os comedores de homens Lestrigões, ele desembarca na ilha da feiticeira Circe, que transforma os seus homens em porcos. E foi enquanto lia sobre Circe que Butler foi subitamente atingido por uma intuição deslumbrante: a de que Circe não fora criada por um homem, mas por uma mulher — e, além disso, por uma mulher jovem. Uma leitura mais atenta convenceu-o disso.

Os homens da *Odisseia* são criaturas de madeira comparados com as mulheres, que têm esse toque de vida. Butler também concluiu que, embora o autor da *Odisseia* mostre um conhecimento íntimo dos assuntos das mulheres, sente-se frequentemente, de forma estranha, desconfortável ao descrever coisas que são do domínio masculino, especialmente marinheiros ou agricultores.

Que homem colocaria o leme na frente do navio? Que marinheiro acreditaria que se pode cortar madeira seca de uma árvore viva? Ou faria o vento "assobiar" sobre as águas? (Ele assobia em terra, devido aos obstáculos, mas não há obstáculos no mar.) Que homem com algum conhecimento de agricultura faria um pastor ordenhar as ovelhas e depois dar-lhes os cordeiros para mamar (presumivelmente com as tetas vazias)? Que homem do campo faria um falcão despedaçar a sua presa em pleno voo? O autor da *Odisseia* comete estes erros curiosos, e muitos outros. Butler prossegue argumentando com grande habilidade e convicção que o autor da *Odisseia* tinha de ser uma mulher, e uma mulher jovem.

Ora, se, por uma questão de argumento, estivermos dispostos a admitir a possibilidade de a *Odisseia* ter sido escrita por uma jovem mulher, uma espécie de Jane Austen ou Elizabeth Barrett Browning grega, então certas

coisas tornam-se óbvias. A primeira é que ela tinha muito tempo livre. No tempo de Jane Austen, a filha de um vigário rural teria tempo livre suficiente para escrever romances; mas na Grécia antiga, a vida era muito mais dura.

(O que os modernos acham tão difícil de compreender é que a vida na Grécia antiga era uma questão de pobreza, com a maioria das pessoas a viver à base de azeite e vegetais, com um pouco de carne de carneiro cozida a cada semana ou algo assim.) Para uma mulher ter tido tempo livre suficiente para escrever, teria de ter sido membro da aristocracia, alguém que tivesse criados para cuidar dela. (E notamos que até a princesa Nausícaa vai à praia fazer a sua própria lavagem de roupa.)

Em segundo lugar, uma Jane Austen grega, tal como a inglesa, teria tido um conhecimento de vida bastante restrito (naqueles tempos, as raparigas ficavam em casa), e seria de esperar que ela usasse o seu próprio contexto no seu poema. Butler sentiu que todas as mulheres mais velhas no poema — Helena, Penélope, a Rainha Arete (mãe de Nausícaa) — são basicamente a mesma pessoa, e que o mesmo se aplica às mulheres mais jovens — Nausícaa, Circe e Calipso — e aos homens — Ulisses, Nestor, Menelau e o Rei Alcínoo (pai de Nausícaa). E se, como qualquer jovem romancista, a autora da *Odisseia* colocou um retrato de si mesma no seu livro, então temos de escolher entre Nausícaa, Circe e Calipso. Nausícaa é a escolha óbvia. E, presumivelmente, a Rainha Arete e o Rei Alcínoo são retratos dos pais da autora.

Mas se a jovem autora conhecia apenas a sua própria casa, como conseguiu descrever as viagens de Ulisses de forma tão convincente? Presumivelmente, usando lugares que conhecia realmente e transformando-os nas terras de Polifemo, Circe, os Lestrigões, e assim por diante. Por outras palavras, se se conseguisse descobrir onde vivia "Nausícaa", poder-se-ia reconhecer várias características do poema na sua geografia.

Ora, Nausícaa, como dissemos, vivia numa terra chamada Esquéria — que significa "terra-que-avança" — uma península que se projeta no mar, que, segundo Homero, era a terra de um povo chamado Feácios. Quando Ulisses, nu, se aproxima dela na praia — cobrindo-se com um ramo por decência — ela dá-lhe comida e roupa e instrui-o precisamente sobre como chegar à casa do pai: "Encontrarás a cidade situada entre dois portos, com acesso por um estreito istmo de terra". Mais tarde na *Odisseia*, depois de os

Feácios terem levado Ulisses de volta à sua própria terra de Ítaca, o irado deus do mar, Neptuno, transforma o navio deles numa rocha na boca do porto.

Assim, Butler sentiu que tinha uma série de pistas sobre Esquéria: tinha de ter um istmo de terra projetando-se no mar entre dois portos e uma grande rocha que se assemelhasse a um navio na boca de um dos portos. Também parece claro, pela *Odisseia*, que Ulisses se aproxima de Esquéria vindo do leste, de modo que o porto deve estar na costa ocidental. Butler foi ao Museu Britânico e estudou um mapa da Grécia e da Itália, procurando qualquer costa ocidental que tivesse dois portos em cada lado de um promontório. Conseguiu encontrar apenas um — o local da cidade de Trapani, na costa ocidental da Sicília.

Butler olhou para Trapani mais atentamente e ficou convencido de que aquela tinha de ser a casa de Nausícaa. Era a única costa ocidental em toda a área — incluindo a Itália e a Grécia — que se ajustava à descrição. Havia também uma montanha — o Monte Érice — acima de Trapani, e Neptuno é também relatado na *Odisseia* como ameaçando enterrar a cidade dos Feácios sob uma alta montanha.

Dois estudiosos anteriores da história grega, Stolberg e Mure, também estavam convencidos de que o Monte Érice se ajustava à geografia do episódio do Ciclope. E o historiador grego Tucídides, escrevendo por volta de 403 a.C., mencionara que a Sicília era provavelmente o lar do Ciclope e dos Lestrigões. Na *Odisseia*, claro, estes episódios ocorrem longe da casa de Nausícaa. Mas o que seria mais natural para uma jovem autora, escrevendo uma espécie de romance sobre Ulisses, do que usar o cenário local como pano de fundo?

O passo seguinte foi visitar Trapani; Butler fê-lo em 1892. Teve agora a satisfação de descobrir que tudo confirmava os seus pontos de vista. É certo que um dos dois portos estava agora assoreado e continha uma salina; mas era óbvio que outrora fora exatamente um porto como "Homero" descrevera. A poucos quilómetros de distância, nas encostas mais baixas do Monte Érice, havia uma gruta a que os habitantes locais ainda chamavam "gruta de Polifemo". Perto da entrada do porto norte havia uma rocha que não era muito diferente de um navio. A lenda local dizia que era um navio pirata turco transformado em pedra pela Bem-Aventurada Virgem — obviamente uma forma cristianizada da antiga lenda.

Agora, Butler já não tinha dúvidas de que estava no caminho certo. Notou que a descrição de Ítaca na *Odisseia* é bastante diferente da verdadeira Ítaca: é descrita como "a mais elevada no mar" com uma vista clara para o oeste, ao passo que a verdadeira Ítaca está completamente ocultada pela ilha muito maior de Samos (agora Cefalónia) a oeste. Mas se a autora da *Odisseia* modelou a sua Ítaca na pequena ilha de Marettimo, de frente para os portos de Trapani, ela corresponderia à descrição na *Odisseia*.

Uma viagem ao redor da Sicília convenceu Butler de que a sua autora tinha simplesmente pegado na ilha que conhecia e usado o seu cenário como fundo geográfico para a viagem de Ulisses. O próprio Ulisses descreve como navegou para sul até à ilha de Citera, logo a sul da Grécia, e depois foi impedido de virar para norte (para Ítaca) por ventos fortes que o empurraram para oeste até à terra dos Lotófagos, que deve ter sido na costa do norte de África.

Mas depois disto, segundo Butler, ele dirigiu-se para a Sicília, a norte, caçou cabras na ilha de Favignana (conhecida pelos antigos como Ilha das Cabras — *Aegusa*), depois desembarcou na Sicília e teve a sua aventura com o gigante de um só olho, Polifemo, cujo olho ele queimou com uma estaca. Depois navegou para norte até à ilha de Éolo, o deus dos ventos, que Butler identifica como a pequena ilha de Ustica. A cidade de Cefalù, na costa norte, pensa ele ser o local da aventura dos Lestrigões comedores de homens. O local de Cila e Caríbdis fica na costa leste, perto da atual Messina. Finalmente, no seu caminho de regresso, encontrou a ilha de Calipso, que Butler identifica como a ilha de Pantelleria. E assim de volta a Trapani — ou melhor, a Marettimo, que é a Ítaca de Homero.

Se Butler tivesse vivido um século mais tarde, teria levado um bom fotógrafo consigo para a Sicília e publicado uma série de fotografias a cores dos vários locais das aventuras de Ulisses num livro de arte, juntamente com as descrições de Homero. De facto, no seu livro *The Authoress of the Odyssey* (finalmente publicado em 1897), Butler inclui meia dúzia de fotografias, mas nenhuma é tão convincente quanto poderia ser. Provavelmente, a melhor maneira de um leitor moderno tomar a sua própria decisão seria ir à Sicília com uma cópia do livro de Butler. É preciso admitir que o puro entusiasmo e excitação de Butler transmitem

uma grande dose de convicção. Mas a secção do livro que descreve os vários lugares é menos minuciosa do que poderia ser.

A minha própria suspeita é que Butler ficou desanimado com o ceticismo geral que encontrou e com a total falta de resposta dos vários estudiosos a quem enviou panfletos sobre a sua teoria. O famoso Professor Jowett, um estudioso de Oxford e tradutor de Platão, admitiu francamente que nem sequer tinha olhado para os dois panfletos que Butler lhe enviara. Uma dúzia de editores recusou a excelente tradução em prosa que Butler fez da *Odisseia*. Portanto, no geral, não surpreende que ele não tenha conseguido reunir a energia necessária para argumentar a parte topográfica do livro com tanta minúcia como o resto.

A proeza é, no entanto, considerável. Na altura em que Butler escrevia o seu livro, a maioria dos estudiosos dava como certo que Homero era o autor tanto da *Ilíada* como da *Odisseia*. Hoje em dia, muito poucos mantêm essa posição. Butler estava reconhecidamente errado quanto às datas — ele pensava que pelo menos cem anos separavam as duas epopeias e que a *Odisseia* tinha sido composta por volta de 1050 a.C. Mas, nessa altura, Butler carecia das ferramentas — e da informação arqueológica — que permitiram aos estudiosos posteriores serem muito mais precisos. Quanto à sua tese essencial — de que a *Odisseia* foi escrita por uma mulher — poucas pessoas que sigam os seus argumentos com a *Odisseia* na outra mão deixarão de admitir que ele poderá ter razão. George Bernard Shaw assistiu a uma reunião da Sociedade Fabiana na qual Butler deu uma conferência sobre a autoria feminina da *Odisseia* e admitiu que, embora inicialmente cético em relação à ideia, pegou na *Odisseia* e logo se viu a dizer: "Claro que isto foi escrito por uma mulher".

Robert Graves foi outro estudioso clássico que se deixou convencer, e cujo romance *Homer's Daughter* (A Filha de Homero) é inspirado na teoria. A história é contada pela Princesa Nausícaa, que descreve como o seu irmão desapareceu após uma discussão com a mulher e se presumiu que tivesse partido para terras estrangeiras. Na verdade, ele fora assassinado por um amigo traidor. O pai dela, o Rei Alfeides, parte para o procurar, deixando o Tio Mentor encarregado. Os pretendentes de Nausícaa comportam-se então exatamente como os pretendentes de Penélope na *Odisseia* e mudam-se para o palácio. Mas quando Nausícaa e as suas criadas estão a lavar a roupa perto do mar, são abordadas por um homem

nu que naufragou; ele é um nobre cretense chamado Áeton, e é ele quem acaba por matar os pretendentes e casar com Nausícaa. Nausícaa passa então a escrever a *Odisseia*, na qual biografia e lenda se misturam livremente. O mérito do livro é que nos permite compreender a absoluta plausibilidade da teoria de Butler. *Homer's Daughter* é um dos livros mais subestimados de Graves — uma recriação cuidadosa da Sicília por volta de 800 a.C. que merece ser tão lida como *Eu, Cláudio*.

Outra nota de rodapé interessante à teoria de Butler é que James Joyce usou a sua tradução em prosa da *Odisseia* como base para *Ulisses*.

Para resumir esta parte do argumento: é provavelmente justo dizer que, se a *Odisseia* foi de facto a obra de uma única pessoa — e não a obra coletiva de muitos bardos — então a tese de que foi escrita por uma mulher é altamente plausível.

Mas e quanto à nossa segunda questão: o cerco de Troia aconteceu realmente, ou foi simplesmente um mito? Afinal de contas, é óbvio que a *Odisseia*, com os seus gigantes de um só olho, rochas errantes e feiticeiras que transformam homens em porcos, é basicamente um conto de fadas. E a ação da *Ilíada* é ainda mais mítica, com os deuses a desempenharem um papel tão importante na ação como os heróis.

Reveja-mos a história novamente. Segundo a lenda grega, baseada maioritariamente nas obras de Homero, um príncipe chamado Páris (ou Alexandre), filho do Rei Príamo de Troia, era convidado do Rei Menelau de Esparta quando se apaixonou pela mulher de Menelau, Helena, que era uma beleza famosa. Ela era filha do deus Jove (ou Zeus) e de uma princesa chamada Leda, que Jove seduziu transformando-se num cisne. Muitos príncipes tinham pedido a sua mão antes de ela aceitar Menelau. Por isso, quando Páris a levou — com ou sem o seu consentimento — o indignado Menelau foi pedir ajuda ao seu irmão, o Rei Agamemnon, em Micenas (teria de viajar por mar, pois as estradas eram quase inexistentes), e uma armada de noventa navios partiu para Troia. Estes incluíam contingentes liderados por muitos dos pretendentes rejeitados de Helena.

Troia — ou Ílion — era uma cidade cuja riqueza se fundava no comércio (tal como Micenas, que era tão rica que era conhecida como "Micenas dourada"). A sua principal indústria parece ter sido a criação de cavalos. É importante percebermos que, naqueles dias, o Mediterrâneo

estava infestado de piratas, pelo que nenhuma cidade se podia dar ao luxo de estar à beira-mar a menos que tivesse defesas poderosas. Troia ficava a uma milha de terra, mas tinha defesas poderosas de qualquer forma, incluindo muralhas imensas com torres defensivas. Também é importante perceber que, no mundo antigo, a paz era uma mercadoria rara.

A primeira coisa que o homem parece ter feito quando começou a viver em povoações foi fazer guerra aos seus vizinhos, de modo que, no mundo antigo, as palavras "nação pacífica" eram virtualmente uma contradição de termos. Não foi senão em tempos relativamente modernos — por volta de 1700 — que as regras da história mudaram e ir para a guerra se tornou um negócio tão dispendioso e altamente destrutivo que longos períodos de paz se tornaram a norma.

Assim, os Gregos que atacavam Troia viram-se na posição de um falcão a tentar atacar uma tartaruga. Este não foi um cerco comum — nenhuma cidade conseguiria resistir durante dez anos, como Troia fez, se estivesse cercada. A planície de Troia era notoriamente ventosa — ainda o é — por isso os Gregos acamparam num local abrigado entre dois cabos e construíram uma paliçada para se protegerem. Os Troianos tinham aliados noutras partes da Ásia Menor, que saíam periodicamente para os ajudar. Assim, foi menos um cerco do que uma série espasmódica de combates.

Mas no décimo ano da guerra algo aconteceu, e Troia caiu e foi destruída; todos os seus homens foram massacrados, e as suas mulheres e crianças foram levadas para a escravatura. Segundo Ulisses na *Odisseia*, foi ele quem sugeriu o estratagema de construir um cavalo de madeira e enchê-lo de homens armados, fingindo depois partir. Mas, claro, isto bem poderia ter sido uma invenção do autor (ou autora) da *Odisseia*.

A história da procura de Troia é uma das mais fascinantes na história da arqueologia, e as suas conclusões são mais satisfactoriamente positivas do que no caso da procura da identidade de Homero.

Uma história relativa à procura de Troia começa em 1829, quando um rapaz de sete anos chamado Heinrich Schliemann recebeu um exemplar da *História Universal* de Jerrer pelo Natal. Quando viu a gravura de Troia em chamas, ficou impressionado com o pensamento de que nada poderia destruir muralhas tão poderosas. O jovem Schliemann resolveu que um dia iria investigar o assunto por si próprio. O seu pai era um pastor rural em

Neu-Buckow, na Alemanha, que foi demitido após ter sido falsamente acusado de desvio de fundos da igreja. Heinrich teve de se tornar assistente de merceeiro aos catorze anos. A tuberculose levou-o a abandonar o emprego e a embarcar para a América do Sul como grumete.

Após um naufrágio, foi parar a Amesterdão, onde se tornou escriturário e aprendeu inglês. Aos trinta e dois anos soube que o seu irmão tinha morrido na Califórnia e navegou para a América para reclamar a sua herança. Era uma boa altura para ir; a corrida ao ouro tornou-o rico e, em 1863, pôde finalmente realizar a sua ambição de procurar Troia. Juntamente com uma estudante grega de dezasseis anos, com quem casou, navegou para a costa norte da Turquia para iniciar a sua busca.

A maioria dos estudiosos aceitava a noção de que os restos de Troia seriam encontrados numa montanha perto de Bunarbashi, a cerca de três horas do mar. Schliemann, usando a *Ilíada* como guia, discordou — os heróis de Homero cavalgavam entre Troia e a costa várias vezes por dia. Schliemann concluiu que um local mais provável era um monte chamado Hissarlik na atual Turquia, a cerca de uma hora do mar. (E nos tempos antigos, o mar entrava muito mais por terra dentro.)

Foi um palpite inspirado, típico da sorte incrível de Schliemann. Quando obteve permissão para escavar, Schliemann iniciou os trabalhos — em 1871 — com um grande grupo de operários. Depressa encontraram as ruínas de uma cidade, mas esta datava do período romano e tinha apenas cerca de cem metros de diâmetro. Abaixo desta, havia outra cidade em ruínas. E depois outra. E mais outra. Ansioso por encontrar a Troia de Homero, Schliemann ordenou aos seus homens que abrissem uma grande trincheira através do meio do monte e que continuassem até chegarem à rocha-mãe. Ao todo, verificou-se existirem as ruínas de nove cidades, umas sobre as outras.

Doze anos mais tarde, Schliemann anunciou que tinha encontrado os tesouros do Rei Príamo — tesouros que ele, por alguma razão estranha, estivera sempre convencido de que ainda estariam lá. (Nunca explicou por que razão os conquistadores não os teriam simplesmente roubado quando destruíram Troia e massacraram os seus habitantes). Na sua autobiografia, ele conta uma história notável sobre como vislumbrara um vaso de cobre através de um buraco na parede e esperara que os seus operários fossem almoçar — receava que pudessem ser tentados a roubar — antes de ele e a

sua mulher removerem um tesouro de taças e joias. As descobertas fariam dele mundialmente famoso.

Há, de facto, um posfácio dececionante nesta história. Quando, em 1972, o Professor William Calder, da Universidade do Colorado, decidiu começar a verificar a informação biográfica de Schliemann, descobriu rapidamente que o grande arqueólogo era um mitómano de primeira ordem. A sua história sobre ter sido recebido pelo presidente dos Estados Unidos na sua primeira visita à América era pura invenção; tal como o seu relato de estar presente em São Francisco na noite do grande incêndio em maio de 1851.

Ficou claro que a sua fortuna fora fundada no engano aos banqueiros a quem vendia pó de ouro e que a história da descoberta do tesouro troiano era também uma invenção — na verdade, o tesouro fora encontrado ao longo de um período considerável e ocultado dos olhos dos seus parceiros na empresa, um paxá turco e um americano chamado Frank Calvert. A investigação de Calder provou que Schliemann era um vigarista. No entanto, não restam dúvidas de que, apesar disso, ele foi um arqueólogo inspirado.

De facto, o empreendimento seguinte de Schliemann foi escavar Micenas, no sul da Grécia, a casa de Agamemnon, o rei da Idade do Bronze que liderou a expedição a Troia; aqui ele descobriu ainda mais tesouros e revelou novamente que, no que dizia respeito à arqueologia, a sua intuição era assombrosa. Uma escavação em Tirinto, a casa do Rei Diomedes (outro herói homérico), em 1884, revelou alguns dos melhores vestígios da civilização da Idade do Bronze até à data.

Em 1889, Schliemann regressou a Hissarlik e renovou a sua busca por provas da Troia de Homero. O que encontrou, em 1890, foi ao mesmo tempo excitante e deprimente. Fora do monte, e bem além dos limites do que ele acreditava ser a Troia de Homero, deparou-se com as ruínas de um grande edifício que, por sua vez, continha vestígios de cerâmica que era inequivocamente micénica. A conclusão era óbvia: ele tinha cortado a direito através da Troia que procurava. No ano seguinte, Schliemann morreu de um AVC, colapsando na rua; a sua morte frustrou os seus planos para escavações ainda mais ambiciosas.

Schliemann provara, de facto, que Troia existira — os registos antigos deixam claro que simplesmente não havia outra grande cidade na área. Mas, das nove cidades que tinham sido descobertas, qual delas era a de Homero? Schliemann estivera convencido de que era a segunda a contar de baixo — porque mostrava sinais de ter sido destruída pelo fogo — e, para a alcançar, ordenara aos seus operários que cortassem uma enorme trincheira através das sete camadas de ruínas que se encontravam acima. Viria a saber demasiado tarde que a sua Troia era mil anos mais velha do que devia e que os seus métodos brutais tinham destruído grande parte da cidade que procurava. Mas, lá está, qual das outras oito era a Troia de Homero?

O colaborador de Schliemann, Wilhelm Dörpfeld, continuou e completou o trabalho de Schliemann. A descoberta do grande edifício contendo cerâmica micénica — provavelmente um salão real — forneceu-lhe a pista de que precisava. Indicava que as muralhas da Troia de Homero se estendiam bem além dos limites do monte de Hissarlik. E quando Dörpfeld escavou na extremidade sul do monte, depressa descobriu muralhas maiores do que quaisquer outras que Schliemann encontrara. Esta — a sexta cidade a contar de baixo — era a cidade que todos procuravam.

Estas muralhas tinham uma ligeira inclinação para dentro, tal como Homero indicara na *Ilíada* (Pátroclo fizera uma tentativa determinada de as escalar), e havia uma torre imponente que deveria ter tido cerca de dezoito metros de altura antes de ter sido reduzida a menos de metade. Havia uma porta na muralha leste e os vestígios de outra torre, construída com blocos de calcário. No interior das muralhas, ele descobriu as ruínas de cinco casas grandes e deduziu que a cidadela se erguera em círculos concêntricos.

E embora a "Troia 6" medisse apenas cerca de cento e oitenta metros por cento e trinta e cinco, deve ter sido tão impressionante como um castelo medieval. Era óbvio agora por que razão os Gregos não a conseguiram tomar de assalto. Deve ter-se erguido sobre a planície do Escamandro tal como o Mont Saint-Michel ainda se ergue sobre os pântanos planos da Bretanha.

O passo seguinte na arqueologia mediterrânica foi dado pelo inglês Arthur Evans, que começou a escavar perto da cidade de Heraklion, na ilha de Creta, em 1900, e descobriu o notável palácio real de Cnossos. Ele anunciou este achado como o palácio do lendário Rei Minos. Segundo a lenda grega, a mulher do rei, Pasífae, tinha um gosto pela bestialidade e

engravidou de um touro, dando à luz um monstro chamado Minotauro, que era metade homem e metade touro. A lenda também conta como Minos exigia um tributo anual de sete rapazes e sete raparigas de Atenas e como estes eram atirados ao Minotauro, que era mantido num labirinto construído para o efeito.

O herói grego Teseu foi a Creta como parte do tributo anual, matou o Minotauro e escapou do labirinto com a ajuda de um fio, que lhe foi dado pela filha de Minos, Ariadne. As escavações de Evans revelaram pinturas de rapazes e raparigas a darem cambalhotas sobre o dorso de um touro, sugerindo que houve um culto do touro em Cnossos. E o palácio, semelhante a um labirinto, estava cheio de símbolos de um machado de cabeça dupla, conhecido como *labrys*. Começou a parecer que a lenda de Teseu e do Minotauro era, afinal, baseada em factos. Se assim era, o mesmo poderia aplicar-se à história da Guerra de Troia.

Uma das descobertas mais importantes de Evans em Cnossos foi uma quantidade de tábuas de argila escritas numa forma de hieróglifos — na verdade, duas formas, que ficaram conhecidas como Linear A e Linear B. Evans estava convencido de que tinham sido escritas na língua desconhecida dos antigos cretenses, o que significaria que a civilização minoica de Creta não era grega. No entanto, o Linear B foi decifrado pelo académico Michael Ventris em 1952, onze anos após a morte de Evans, e provou ser uma forma arcaica de grego. (O Linear A permanece por decifrar). E os nomes encontrados nas tábuas em Linear B incluíam muitos nomes de lugares que tinham sido mencionados em Homero.

A visão de Evans dominou a arqueologia britânica durante muitos anos. Um americano chamado Carl Blegen discordou. As suas escavações na Grécia continental na década de 1920 convenceram-no de que os Gregos tinham dominado a civilização mediterrânica durante muito tempo — remontando até 1900 a.C. Em 1932, iniciou uma nova série de escavações em Hissarlik, cujo objetivo era usar as técnicas de datação mais recentes (que dependiam fortemente da cerâmica) para tentar estabelecer a idade de todos os níveis e aprender o máximo possível sobre cada um.

Blegen conseguiu estabelecer que a camada inferior remontava ao quarto milénio a.C. (A datação moderna situa-a em 3600 a.C.). Mas quando chegou ao estudo da sexta Troia, que Dörpfeld acreditara ser a de Homero, chegou a uma conclusão que parecia contradizer Dörpfeld: a de que fora

destruída por um terramoto. As muralhas tinham desmoronado e, num local, as fundações tinham mesmo sofrido um desvio. Isso parecia excluí-la como a Troia incendiada por Agamemnon. E Dörpfeld, que visitou o local em 1935, teve de concordar. Blegen datou a Troia 6 cerca de 1260 a.C., possivelmente dez anos antes.

Mas na camada seguinte, a que chamou 7a (porque encontrou muitas subcamadas no decorrer da sua escavação — um total de nada menos que cinquenta), encontrou algo que parecia muito mais promissor. As ruas da 7a eram uma espécie de bairro de lata; onde anteriormente existiram casas da nobreza, havia agora "bungalows" apertados. Parecia que todas as pessoas que normalmente viviam fora de Troia tinham sido amontoadas nos seus limites — o que seria de esperar num cerco. Dentro da porta estava um edifício a que Blegen chamou "snack bar" — uma combinação de padaria e loja de vinhos. (Blegen imaginou os heróis homéricos a correrem para lá depois da batalha para se refrescarem). Além disso, esta Troia tinha sido queimada. Ele encontrou crânios esmagados, esqueletos carbonizados e uma ponta de seta. Foi isto que levou Blegen a anunciar triunfalmente: "O saque de Troia é um facto histórico".

Havia uma objeção óbvia a este bairro de lata ser a Troia de Homero: se as muralhas tivessem sido seriamente danificadas por um terramoto num estágio anterior, então os Gregos certamente não teriam tido dificuldade em conquistar a cidadela desprotegida. Mas um exame mais atento afastou esta objeção. Embora as muralhas tivessem sido danificadas, o circuito permanecia completo; continuariam a ser um obstáculo formidável. Muitos académicos ficaram convencidos de que Blegen encontrara a Troia da *Ilíada*.

Mas começaram a surgir outras objeções. Havia evidência de incêndio na Troia 6 — Dörpfeld notara-o na viragem do século. Além disso, os "bungalows" e o "snack bar" tinham sido construídos sobre os locais das casas nobres. Mas a *Ilíada* está cheia de nobres, homens e mulheres. Seguramente, o cenário óbvio é que a Troia 6 — a "Troia do terramoto" — foi a Troia cercada pelos Gregos, e que quando caiu, os seus nobres foram massacrados; é por isso que as suas casas deram lugar a estruturas menores.

É possível, no entanto, que um terramoto tenha causado a queda da Troia de Homero. Foi mesmo sugerido que a história do cavalo de madeira pode ser uma "memória coletiva" deste evento. O deus do mar Neptuno

(Posidão) era frequentemente adorado sob a forma de um cavalo e supunha-se ser o mestre dos cavalos. Ele era também o deus dos terramotos. Suponhamos que ocorreu um grande terramoto no décimo ano da guerra, que abalou as muralhas e destruiu algumas das casas nobres na cidadela. E suponhamos que os Gregos aproveitaram esta oportunidade para escalar as muralhas — talvez até usando uma máquina de cerco que se assemelhava a um cavalo.

O que sabemos é que os palácios destes heróis gregos — Agamemnon, Nestor e Diomedes — foram eles próprios destruídos meio século mais tarde (cerca de 1200 a.C.), provavelmente por misteriosos invasores conhecidos como os "povos do mar". Assim, a poderosa civilização aqueia foi posta de joelhos pouco depois de ter destruído Troia. A escrita ainda não existia, exceto em tábuas de argila (e estas eram usadas apenas para fazer listas ou escrever cartas, não para preservar poesia); mas as histórias de Troia e dos seus heróis continuaram vivas na memória dos bardos. Passaram-se séculos; o Mediterrâneo mergulhou numa idade das trevas.

Finalmente, a escrita na sua forma moderna — com papel e tinta — foi inventada e, finalmente, as grandes epopeias foram postas por escrito. Além da *Ilíada* e da *Odisseia*, houve outros poemas épicos — a *Tebaida*, sobre o cerco de Tebas, e a *Cípria*, sobre como Páris roubou Helena — e epopeias cómicas como o *Margites* (cujo herói é um tolo) e a impronunciável *Batracomiomaquia*, ou a Batalha das Rãs e Ratos. Todos estes são atribuídos a Homero. No entanto, uma vez que os académicos se inclinam para datar a escrita na Grécia apenas em 650 a.C., isto significa que Homero pode ter estado vivo seis séculos após a queda de Troia.

Até agora, fomos obrigados a admitir que não existe nem um pequeno vestígio de prova real do cerco de Troia, tal como descrito por Homero. Schliemann afirmou ter encontrado as joias de Helena e a máscara de Agamemnon, e Blegen afirmou ter encontrado o palácio do Rei Nestor em Pilos. Tudo isto pode ter sido pensamento ilusório — na verdade, foi-o indubitavelmente no caso de Schliemann. Mas a confirmação da Guerra de Troia e dos seus heróis viria de uma fonte completamente inesperada.

Em 1834, um jovem francês chamado Charles Texier cavalgava pelo centro da Turquia quando ouviu falar de umas ruínas perto da aldeia de Bogazköy. Revelaram ser os restos gigantescos de uma civilização anterior,

com muralhas tremendas e magníficos edifícios em ruínas ornamentados com demónios alados e hieróglifos desconhecidos. Levou meio século até se reconhecer que estes eram os vestígios de um poderoso império que outrora se estendera da Ásia Menor até à Síria — o império do povo conhecido como os Hititas, que outrora atacaram a Babilónia.

O seu império, tal como o dos Gregos, colapsou por volta de 1200 a.C.; mas dois séculos antes fora uma das maiores nações do Médio Oriente. O período da queda de Troia fora o período da lenta desintegração do império hitita. Além disso, a maior parte da Ásia Menor fizera parte desse império. Portanto, Troia era, num certo sentido, uma cidade hitita.

As ruínas descobertas por Texier eram as da capital hitita, Hattusa, e em escavações realizadas entre 1906 e 1908, o arqueólogo Hugo Winkler encontrou uma poderosa biblioteca de tábuas de argila, algumas em hitita e outras em acádio, a língua em que se conduzia a diplomacia. Decifradas durante a Primeira Guerra Mundial, as tábuas, provenientes do equivalente hitita ao ministério dos negócios estrangeiros, deram uma impressão detalhada do funcionamento da política externa hitita.

Estes documentos forneceram alguns vislumbres fascinantes da história do Próximo Oriente. Revelaram, por exemplo, que após a morte (cerca de 1360 a.C.) do faraó egípcio Tutankhamon (ele morreu de um golpe na cabeça aos dezoito anos), a sua viúva, Anhesenamon, escreveu ao imperador dos Hititas, Supiluliuma, pedindo um marido. Um embaixador foi enviado ao Egito e ali lhe foram mostradas tábuas contendo detalhes de um antigo tratado entre o Egito e o reino de Hatti (a terra dos Hititas); isto convenceu-o da sua boa-fé, e um príncipe chamado Zannanza foi enviado para o Egito. No entanto, o sumo sacerdote Ay queria casar com a viúva, e Zannanza foi assassinado — o que causou uma crise diplomática. Tudo isto foi contado num documento pelo filho de Supiluliuma, o Rei Mursili II.

Haveria algo sobre Troia ou sobre a civilização micénica nestes registos espantosos? Em 1924, o historiador suíço Emile Forrer anunciou que tinha encontrado referências a um país chamado Ahhiyawa, algures a oeste, e identificou-o como significando "terra dos aqueus" — Homero referia-se sempre aos gregos como aqueus, ou *achaiwoi*. E embora um filólogo chamado Ferdinand Sommer tenha criticado as descobertas de Forrer num livro de 1932 intitulado *The Ahhiyawa Documents*, o caso de Forrer permanece notavelmente convincente.

Além disso, em 1963, uma escavação arqueológica em Tebas (noroeste de Atenas) revelou mais documentos hititas datados do período correto. Curiosamente, alguns destes eram do "ministério dos negócios estrangeiros" hitita para o rei de Ugarit, o grande centro comercial no norte da Síria. Havia também selos da Babilónia, que a investigação mostrou terem sido saqueados do templo de Marduk, saqueado pelos assírios por volta de 1225 a.C. Parece que os assírios, que estavam a ganhar poder na área e eram, portanto, inimigos dos hititas, consideravam os gregos como aliados.

Portanto, parece certo que os hititas estavam cientes dos gregos (um facto que foi negado por alguns dos críticos de Forrer). Nalgumas tábuas em Linear B, a Grécia é chamada *Achaiwia*, o que soa muito parecido com o hitita *Ahhiyawa*.

O que também emerge dos registos hititas é que os Ahhiyawanos controlavam algum território na costa da Ásia Menor, incluindo uma cidade chamada Millawanda ou Milawata. Ora, na costa da Ásia Menor, cerca de duzentas milhas a sul de Troia, havia uma cidade controlada pelos gregos chamada Mileto, anteriormente conhecida como Milatos. Os relatos geográficos deixam claro que Mileto é Milawata. E uma vez que os registos hititas se referem à terra de Ahhiyawa como ficando "além-mar" de Mileto, isto parece sugerir que é "Achaiwia" ou Acaia — ou seja, a Grécia continental. As relações entre os gregos de Mileto e os hititas eram basicamente amigáveis, embora Mileto tenha sido saqueada pelos hititas em 1315 a.C. no decorrer de uma disputa.

Os registos mostram também que um rei grego esteve em disputa com os hititas por volta de 1260 a.C. por causa de uma cidade a norte chamada Wilusa. Sabemos que os primeiros gregos chamavam Ílios (Troia) "Wilios". E 1260 foi, claro, a data aproximada da expedição grega contra os troianos. Por volta desta data, o rei hitita Hatussili menciona numa carta os seus problemas com os gregos, bem como o saque da cidade de Carquemis — muito a leste — pelo seu novo inimigo, os assírios.

Cerca de dez anos mais tarde, o imperador hitita escreveu ao rei dos gregos, a quem tratou por irmão. Parece que o irmão deste rei tinha estado a causar problemas aos hititas. O que parece ter acontecido foi o seguinte: o irmão do rei grego, um homem chamado Tawagalawa, juntou-se a um rebelde de Arzawa — uma região a nordeste de Mileto — para fustigar a

guarnição hitita. O imperador dos hititas marchou com um exército para Mileto, descobriu que os seus inimigos tinham fugido e escreveu uma carta de queixa ao "rei" grego, a qual deixava claro que os gregos eram então uma grande potência no Mediterrâneo. O rei a quem o imperador hitita escrevia bem poderia ter sido Agamemnon. O seu irmão rebelde Tawagalawa foi identificado como um grego chamado Etéocles, e se soubéssemos que Agamemnon tinha um irmão com esse nome, isso confirmaria o argumento. Infelizmente, apenas conhecemos o seu outro irmão, Menelau.

Na série televisiva *In Search of the Trojan War* (Em Busca da Guerra de Troia), o historiador Michael Wood argumenta convictamente que Wilusa era Troia (não apenas a cidade, mas toda a área ao seu redor), utilizando uma grande quantidade de evidências geográficas dos registos hititas. Além disso, o rei de Wilusa chama-se Alaksandu. Homero refere-se frequentemente a Páris — que raptou Helena — como Alexandros de Troia. Wood cita outros registos hititas que mostram que o rei dos gregos estava na Ásia Menor no reinado de Hatussili III (1265–1235 a.C. — o que incluiria a data da Guerra de Troia). Se esse rei fosse Agamemnon — como parece provável pelas datas — então temos provas poderosas para a história de Homero.

Existe outra peça de evidência da existência da Guerra de Troia, desenterrada por Blegen nas suas escavações em Pylos, a casa do Rei Nestor de Homero. Entre as tábuas de Linear B encontradas em Pylos, havia muitas que se referiam a um grande número de mulheres "asiáticas" que eram aparentemente escravas, e cujas principais tarefas eram moer milho e preparar o linho. "Ásia" é uma abreviatura de Ásia Menor e refere-se na verdade ao reino de Lídia, a sul de Troia. Mas as referências aos locais de onde estas cativas foram tiradas deixam claro que vinham de muitos lugares na costa da Ásia Menor, incluindo Quios e Mileto.

Sabemos, claro, que os gregos eram piratas, por isso estas mulheres podem ter sido capturadas em incursões. Mas o número elevado — setecentas mulheres, quatrocentas raparigas e trezentos rapazes — sugere que eram cativos de guerra. Algumas destas mulheres são referidas como *To-ro-ja*, o que soa a "pessoas de Troia". Mais uma vez, a data está correta — o período da Guerra de Troia. Não são mencionados homens — e

Homero diz-nos que os homens de Troia foram mortos, e as suas mulheres e crianças escravizadas e levadas para a Grécia.

Portanto, o que parece emergir do registo histórico é o seguinte: o período da Guerra de Troia foi, de facto, um período de muitas guerras na Ásia Menor. O império dos hititas estava a enfraquecer, e os gregos aproveitaram-se disso para atacar povoações "asiáticas" e encorajar a rebelião. Troia (ou Wilios) tinha sido sempre uma fiel aliada dos hititas, e os registos mostram que o príncipe troiano Alaksandu tinha lutado ao lado do rei hitita Muwatalli II (1296–1272 a.C.), o irmão mais velho de Hatussili. Outra tradição independente do sudoeste da Ásia Menor declara que o amante de Helena é um aliado de Muwatalli. Assim, se este Alaksandu é de facto o Príncipe Alexandros — o Páris de Homero — então ele não era um jovem quando seduziu Helena, mas sim um veterano grisalho.

Cerca de dez anos depois de lutar ao lado de Muwatalli na batalha de Kadesh (na Síria) em 1274 a.C., Alexandros foi visitar Menelau, irmão de Agamemnon, em Esparta. Podemos supor que Menelau não era um personagem particularmente forte — a lenda representa-o como azarado no amor e na guerra — e que Helena achou o veterano de guerra Páris muito mais atraente, e fugiu com ele.

Quando Menelau foi ter com o seu irmão, o poderoso "Rei dos Aqueus", para se queixar, Agamemnon pode ou não ter ficado indignado com o rapto da sua cunhada. Mas ele sabia perfeitamente que a costa ocidental da Anatólia ("Ásia") estava altamente vulnerável, uma vez que os hititas tinham sido forçados a entrar em guerra com vários vizinhos, incluindo os assírios. Era precisamente o tipo de oportunidade de pilhagem que os gregos piratas adoravam. Então, partiram com uma vasta frota. Aquiles, segundo Homero, desembarcou por engano em Mísia, a sul de Troia, mas foi repelido para os seus navios por Télefo, o rei da Mísia — embora não antes de devastar o país.

Os gregos atacaram Troia, e os hititas estavam demasiado fracos para enviar ajuda. Mas Troia era virtualmente inexpugnável, e não foi senão no décimo ano da guerra que um terramoto causou uma certa dose de caos e finalmente permitiu que os gregos tomassem a cidade. Os homens foram mortos, e as mulheres e crianças foram levadas para a Grécia como escravas. A própria Troia foi incendiada e as suas casas nobres destruídas.

No seu lugar, surgiu uma cidade de "bungalows". Os gregos continuaram a causar problemas com impunidade, ajudando rebeldes contra os hititas — que tiveram de fazer o seu melhor para manter a paz com eles — e levando mais cativos de outras cidades da "Ásia".

O que aconteceu durante o meio século seguinte ainda não é claro para os historiadores. Tudo o que sabemos é que invasores conhecidos apenas como os "povos do mar" causaram o caos por toda a área do Mediterrâneo; alguns registos antigos atribuem-lhes a responsabilidade pela queda do império hitita. Certamente lutaram contra o Egito e causaram a queda da Micenas de Agamemnon, da Pylos de Nestor e da nova Troia de "bungalows". (Agamemnon, claro, já tinha morrido há muito tempo, assassinado pela sua mulher, Clitemnestra, e pelo amante dela, Egisto, que por sua vez foram mortos pelos filhos de Agamemnon, Orestes e Electra.)

A identidade dos "povos do mar" costumava ser um dos grandes mistérios da história antiga: Quem eram eles? De onde vinham? Como conseguiram derrubar grandes impérios? Mas a resposta que começa a emergir mostra que a própria pergunta é demasiado simples. Os povos do mar não eram um único grupo racial: vinham de muitos países.

Devemos lembrar-nos de que as civilizações mediterrânicas não eram tão estáveis como as do norte da Europa, por exemplo. Para começar, o Mediterrâneo é uma região pobre onde, ainda hoje, uma grande proporção de agricultores apenas consegue uma vida de subsistência. No meio desta pobreza generalizada, alguns governantes poderosos tornaram-se ricos, geralmente saqueando os seus vizinhos. A pirataria era considerada uma forma de vida respeitável. Mas tal situação era semelhante à Chicago de Al Capone; podias tornar-te muito rico, mas era provável que morresses de forma violenta.

Nesta favela mediterrânica infestada de crime, os impérios subiam e caíam com relativa rapidez. Enquanto estavas no auge, tinhas muitos aliados; mas assim que passavas o auge, ou a tua atenção era desviada para outro lado, os teus antigos aliados não perdiam tempo a atacar-te. O que aconteceu por volta de 1200 a.C. foi que os dois impérios poderosos — o egípcio e o hitita — estavam a ceder, como as placas tectónicas da Terra sob pressão, e por volta de 1190 a.C. houve um terramoto que causou um grande colapso e libertou hordas de "ratos criminosos" por todo o Mediterrâneo.

O mundo antigo chegou virtualmente ao fim. O século XII a.C. foi um período de colapso, uma idade das trevas, na qual a Grécia estava cheia de tribos errantes; a era dos grandes reis e grandes palácios tinha terminado. A recuperação deu-se lentamente. Por volta de 800 a.C., os gregos começaram a comerciar novamente com parceiros ultramarinos; alguns podem ter-se estabelecido na costa ocidental da Itália e fundado a cidade de Roma. Entretanto, os assírios tornaram-se os novos construtores de impérios — os mais sanguinários e cruéis até então. Mas eles não chegaram à Grécia, que se tornou um conglomerado de cidades-estado e inventou a democracia. Do caos surgiu a legislação e um sentido de ordem. E uma das principais vozes desta nova ordem foi o poeta que chamamos Homero, um viajante com um apetite imenso por velhas histórias de deuses e heróis. Não sabemos se Homero memorizou estas histórias ou se foi o primeiro a escrevê-las, nos dias antes da sua cegueira. Tudo o que sabemos é que ele se tornou uma lenda e que fundou uma escola de bardos que continuou o seu trabalho.

Se Samuel Butler estiver correto, o maior discípulo de Homero foi uma jovem da Sicília, uma rapariga de família nobre que partilhava a sua paixão por contos antigos, e que um dia decidiu que escreveria uma sequela para a *Ilíada*, uma sequela que não seria um conto de derramamento de sangue e traição, mas uma história mais suave sobre o rescaldo da guerra, e sobre mulheres nobres bem como homens heroicos. O resultado foi a *Odisseia*, o primeiro romance, cuja tradução para uma prosa direta e simples por Samuel Butler inspiraria um romancista do século XX, James Joyce, a criar a sua própria versão peculiar da lenda de Ulisses.

Grande parte desta história é especulação. Tudo o que podemos dizer com certeza é que Homero — fosse uma pessoa ou duas — criou um conceito que é hoje quase sinónimo da imaginação humana: o conceito de literatura.

24

O Diamante Hope

A Famosa Joia Maldita

Tal como a "caveira do destino" (descrita no capítulo 52), a história do diamante Hope parece sugerir que os cristais têm algum poder de absorver emoções humanas.

O diamante foi adquirido por Luís XIV em 1668 a um comerciante francês chamado Jean-Baptiste Tavernier, que se acredita tê-lo roubado (tal como o "Olho Verde do Pequeno Deus Amarelo" de Milton Hayes) da cavidade ocular de um ídolo num templo indiano. (Um escritor menciona o templo de Rama-sitra, perto de Mandalay). Subsequentemente, Tavernier foi à falência, navegou para a Índia para tentar recuperar a sua fortuna e morreu durante a viagem.

O Rei mandou lapidar o diamante em forma de coração, e este foi usado por Mme. de Montespan, a amante do Rei, que esteve também envolvida no notório "caso dos venenos", no qual uma série de velhas que liam a sina forneciam venenos para matar maridos indesejados. Magia negra estava envolvida, e um abade chamado Guiborg participou em missas negras nas quais bebés eram sacrificados; o corpo nu de Mme. de Montespan era usado nestas cerimónias como altar.

O escândalo foi suprimido, mas Mme. de Montespan caiu em desgraça, e as velhas foram julgadas secretamente na *chambre ardente* ("câmara iluminada por velas") e mais tarde queimadas. Assim, depois de Tavernier, parece que Mme. de Montespan foi a pessoa seguinte a quem o "azul francês" (como era então conhecido) trouxe infortúnio.

Um século depois, a pedra foi dada por Luís XVI à sua Rainha, Maria Antonieta; o seu envolvimento no escândalo do colar de diamantes fez com que ela perdesse o crédito perante o povo e foi uma causa indireta da Revolução Francesa, na qual ela perdeu a cabeça. A Princesa de Lamballe, a quem Maria Antonieta emprestou o diamante, foi assassinada por uma multidão.

O diamante reapareceu em Londres, mas agora grandemente reduzido dos seus originais 112,5 quilates (22,5 gramas) para 44,5 quilates — menos de metade do seu tamanho original. Foi comprado em 1830 pelo banqueiro

londrino Henry Thomas Hope por 18 000 libras e, a partir de então, ficou conhecido como o diamante Hope. Tanto quanto sabemos, Hope não sofreu efeitos adversos do diamante. Nem qualquer outro membro da sua família, até o diamante passar para as mãos da cantora May Yohe, que casou com Lord Francis Hope; foram assolados por problemas conjugais, e a esposa profetizou que o diamante traria má sorte a todos os que o possuíssem. Ela própria morreu na pobreza, culpando o diamante.

Lord Francis, em graves dificuldades financeiras, vendeu-o no início do século XX a um corretor francês, Jacques Colot, que enlouqueceu e suicidou-se — mas não antes de o ter vendido a um russo, o Príncipe Kanitovsi, que o emprestou a uma atriz francesa do *Folies Bergère*, matando-a depois com um tiro a partir do seu camarote na primeira noite em que ela o usou. Ele foi esfaqueado por revolucionários.

Um joalheiro grego, Simon Mantharides, comprou-o e mais tarde caiu de um precipício (ou, segundo outro relato, foi empurrado). O sultão turco Abdul Hamid, conhecido como "Abdul, o Maldito", comprou-o em 1908 e foi deposto no ano seguinte; enlouqueceu. Habib Bey, o seu proprietário seguinte, afogou-se.

O diamante passou então, através do joalheiro francês Pierre Cartier, para a América, para Edward Beale Maclean, proprietário do *Washington Post*. Pouco depois de o comprar, a sua mãe morreu, e morreram também dois criados da casa. O seu filho, Vinson, de dez anos, que era sempre pesadamente protegido e vigiado, escapou um dia ao seu guarda e correu para a frente da casa, onde foi atropelado e morto por um carro. O próprio Maclean separou-se da sua mulher, Evalyn, esteve envolvido no famoso escândalo *Teapot Dome* e terminou como um alcoólico louco. Evalyn ficou com o diamante e usava-o frequentemente, descartando as histórias sobre as suas propriedades malignas. Mas quando a sua filha se suicidou em 1946 — com uma overdose de comprimidos para dormir — recordou-se que ela tinha usado o diamante no seu casamento.

Após a morte de Evalyn Maclean em 1947, todas as suas joias foram compradas pelo joalheiro nova-iorquino Harry Winston por uma soma que se dizia ser de um milhão de dólares. Ele exibiu o diamante em Nova Iorque, mas acabou por decidir oferecê-lo à *Smithsonian Institution*; o facto de o ter enviado por correio normal parece indicar que não tinha receios

quanto à "maldição". A embalagem está agora exposta juntamente com o diamante.

Quando foi testado sob luz ultravioleta no Laboratório De Beers em Joanesburgo, em 1965, continuou a brilhar como um carvão em brasa durante vários minutos depois — um fenómeno único entre diamantes.

Os céticos consideram a maldição do diamante Hope, tal como a "maldição de Tutankhamon", como mítica, apontando que muitos dos seus proprietários não sofreram qualquer infortúnio. No entanto, embora o ceticismo possa ser a atitude correta neste caso, seria sem dúvida prematuro descartar toda a noção de maldições como superstição. O falecido T. C. Lethbridge (ver capítulo 60) estava convencido de que tragédias e eventos desagradáveis podem deixar as suas "marcas" nos locais onde ocorreram — uma teoria avançada pela primeira vez no início do século XX por Sir Oliver Lodge, que sentia que certas chamadas assombrações podiam ser explicadas como uma espécie de "gravação". Lethbridge chamou a tais gravações "ghouls" — referindo-se às sensações desagradáveis que podem ser experimentadas em certos locais. Quando tinha dezoito anos, ele e a sua mãe estavam num passeio no Great Wood, perto de Wokingham, quando ambos sentiram uma depressão súbita. Mais tarde souberam que o corpo de um homem que se tinha suicidado estava deitado perto do local onde eles se encontravam; Lethbridge acreditava que a depressão do homem tinha sido de algum modo "gravada" pelo ambiente ao seu redor.

Quatro décadas mais tarde, Lethbridge e a sua mulher, Mina, partiram uma tarde para recolher algas de uma praia próxima — Ladram, em Devon. Enquanto caminhavam para a praia, Lethbridge experimentou novamente um "manto" de depressão, como se tivesse entrado num nevoeiro. Poucos minutos depois, Mina disse: "Não aguento mais este lugar", e eles foram-se embora. No fim de semana seguinte, repetiram a viagem. Novamente, ele sentiu o mesmo "manto de depressão". Desta vez, Mina foi para o topo de uma falésia para fazer um esboço e subitamente experimentou uma sensação desagradável, como se alguém a estivesse a incitar a saltar.

Mais tarde, Lethbridge descobriu que um homem se tinha suicidado recentemente saltando do local onde Mina estava. Ele concluiu que esta era novamente a razão da depressão; a miséria do homem tinha sido de alguma forma "gravada" no campo elétrico da água. (Ambos os dias tinham sido quentes e húmidos, e ele também notou que um pequeno riacho corria para

a praia no ponto onde a "depressão" era mais forte). Não era o fantasma do suicida que estava a incitar Mina a saltar; pelo contrário, ela estava a responder à própria sugestão de saltar dele. Esta noção de "gravação em fita" está por trás da teoria da psicometria, a capacidade de certas pessoas "lerem" a história de um objeto segurando-o nas mãos (ver capítulo 43).

Os clarividentes acreditam que os cristais possuem este poder de absorção em alto grau — daí a popularidade das bolas de cristal, que são mantidas envoltas em veludo preto para as proteger da luz e do calor (pelo mesmo princípio de que as fitas gravadas não devem ser deixadas sob a luz solar intensa ou sobre radiadores).

Existe também uma grande quantidade de documentação sobre "maldições", que parece indicar que certos objetos podem carregar "má sorte". Por exemplo, um livro inteiro foi dedicado à carreira do navio chamado *The Great Eastern*, construído pelo grande engenheiro do século XIX, Isambard Brunel. Durante a sua construção, um rebitador e o seu jovem aprendiz desapareceram; ninguém percebeu que tinham sido selados dentro do casco. O navio (o maior alguma vez construído naquela época) ficou preso durante o seu lançamento e levou três meses a ser libertado.

Brunel colapsou então no seu convés e morreu uma semana depois. A partir daí, a carreira do *The Great Eastern* foi uma longa série de desastres. Cinco fogueiros morreram quando uma chaminé explodiu. Enquanto estava no porto para reparações, o navio foi danificado numa tempestade. O capitão afogou-se num barco com um grumete. Um marinheiro foi esmagado pela roda; um homem perdeu-se no mar. Os desastres e os danos continuaram até o navio ser abandonado, meros quinze anos após o seu lançamento. Quando foi desmantelado para sucata, os esqueletos do rebitador e do seu aprendiz foram encontrados selados no casco.

Muitas histórias semelhantes poderiam ser contadas sobre navios, casas, aviões e carros "amaldiçoados". O carro no qual o arquiduque Francisco Fernando foi assassinado em Sarajevo (precipitando assim a Primeira Guerra Mundial) acabou por trazer a morte ou o desastre aos seus sete proprietários seguintes.

Ora, se Lethbridge estiver correto e uma maldição for meramente um tipo de gravação negativa, isso também sugere uma razão pela qual algumas pessoas podem ser afetadas enquanto outras escapam ilesas.

Lethbridge acreditava que os "sensitivos" como ele — por exemplo, bons radiestesistas — seriam invulgarmente recetivos a estas "gravações", enquanto outras pessoas nem sequer as notariam.

Se objetos físicos — como cristais — são sensíveis às vibrações da mente humana, também parece seguir-se que, sob certas circunstâncias, uma "maldição" pode ser deliberadamente impressa neles — tal como marcar as nossas posses com uma caneta de tinta invisível. Os antigos egípcios acreditavam certamente que os seus túmulos podiam ser "amaldiçoados" contra ladrões. Os sacerdotes do templo de Rama-sitra podem ter tomado a mesma precaução com o diamante Hope.

25

O Mistério da Hipnose

Svengalis da Vida Real e a Teoria da Telepatia

Em maio de 1991, um hipnotizador chamado Nelson Nelson (o seu nome real era Nelson Lintott) foi julgado no Tribunal da Coroa de Bristol sob a acusação de violar e/ou agredir sexualmente 113 raparigas sob hipnose. Nelson, de cinquenta e sete anos, aprendera aparentemente hipnose na África do Sul, numa festa. Após uma carreira variada como instrutor de condução, superintendente de piscinas, empregado de bar e restaurador, estabeleceu o Centro de Saúde Britannia Lodge em Appledore, Devon, onde, entre outras coisas, se propunha curar pessoas de todo o tipo de queixas, desde roer as unhas ao tabagismo.

Enquanto as raparigas estavam em transe, Nelson retirava-lhes a roupa e cometia agressões sexuais que foram descritas em tribunal como "pervertidas". Nelson também gravou em vídeo muitas destas agressões. A sua queda deu-se quando um dos seus empregados pediu emprestada uma cassete de vídeo do seu quarto sem permissão e descobriu que continha imagens de Nelson a despir raparigas que pareciam estar em transe e a cometer atos sexuais com elas.

O empregado foi à polícia, que revistou as instalações de Nelson e encontrou uma câmara de vídeo atrás de um espelho de duas faces na sua casa de banho. Encontraram também quarenta e cinco cassetes de vídeo, armas carregadas e numerosas fotografias que Nelson tirara ao longo dos

anos; estas últimas mostravam 113 raparigas e mulheres diferentes, com idades compreendidas entre os dez e os trinta e quatro anos.

Uma rapariga que trabalhou para Nelson como empregada de bar desde os dezasseis anos descreveu como ele a hipnotizava duas vezes por semana durante um longo período para a curar de roer as unhas. Enquanto ela estava sob hipnose, Nelson induzia-a a cometer vários atos sexuais; a rapariga ficou "perturbada e horrorizada" quando viu os vídeos e percebeu o que tinha estado a acontecer. Outras raparigas — a polícia conseguiu identificar 112 das 113 — ficaram igualmente atónitas ao saber o que lhes tinha acontecido.

Nelson foi condenado a onze anos de prisão.

O caso parece contradizer uma das afirmações mais básicas da medicina psiquiátrica: a de que ninguém pode ser compelido a realizar atos sob hipnose que não realizaria quando acordado. Um estudante travesso do grande médico — e hipnotizador — francês do século XIX, Jean-Martin Charcot, tentou fazer com que uma rapariga hipnotizada se despisse numa aula de medicina; ela acordou imediatamente. Quanto a atos criminosos, a visão geral é expressa por Bernard Hollander no seu livro *Hypnosis and Self-Hypnosis* (1928): "Sugestões criminosas seriam aceites apenas por mentes criminosas".

O público em geral ficou fascinado pela hipnose nos últimos anos do século XIX, quando o romance de George Du Maurier, *Trilby* (1894), alcançou um sucesso tremendo. Conta a história de uma atraente modelo de artistas (Trilby) no Quartier Latin de Paris, que um dia é hipnotizada por um músico húngaro chamado Svengali para lhe curar uma dor de cabeça. Três jovens artistas ingleses recusam-se firmemente a permitir que ele a hipnotize novamente. Mas quando os ingleses deixam Paris, Svengali aborda novamente Trilby e hipnotiza-a para que se torne uma grande cantora. (No seu estado normal, ela nem sequer consegue cantar afinada).

Quando os seus amigos ingleses voltam a ver Trilby, ela não os reconhece e parece apenas vaga e confusa — até que Svengali lhe murmura algo ao ouvido, momento em que ela se torna fria e hostil. Mais tarde, quando Svengali é esfaqueado por um colega músico, ela torna-se virtualmente uma imbecil. E quando ele morre, ela perde toda a memória

dos seus anos como "escrava" de Svengali. Sem o seu mestre sinistro, a sua vitalidade parece esvair-se, e ela também morre.

Svengali tornou-se um dos vilões mais famosos do século, e o seu nome tornou-se um sinónimo para um manipulador maligno, alguém que se apodera da vontade de outrem. (O livro implicava, claro, que Trilby era também a "escrava sexual" de Svengali). Mas como a hipnose estava nessa altura a começar a alcançar uma certa respeitabilidade médica, os psiquiatras apressaram-se a assegurar ao público que um Svengali na vida real era uma impossibilidade. Se uma pessoa sob hipnose fosse ordenada a fazer algo que normalmente consideraria repugnante, acordaria instantaneamente. O estudante travesso de Charcot poderia ter induzido a rapariga a despir-se se lhe tivesse dito que ela estava no seu próprio quarto, prestes a ir para a cama; caso contrário, a sua modéstia natural tê-la-ia feito acordar.

A hipnose de seres humanos data dos últimos anos do século XVIII. A hipnose de animais é conhecida na Europa desde 1636, quando o matemático Daniel Schwenter observou que, se um pequeno pedaço de madeira dobrada fosse fixado no bico de uma galinha, a galinha olharia fixamente para ele e entraria em transe. O mesmo aconteceria se a cabeça de uma galinha fosse mantida contra o chão e se desenhasse uma linha de giz em frente ao seu bico.

Dez anos mais tarde, um padre jesuíta alemão, Athanasius Kircher, descreveu como, se a cabeça de uma galinha fosse enfiada debaixo da sua asa, alguns balanços suaves no ar a enviariam para um transe. Os camponeses franceses ainda usam este método no mercado ao comprar uma galinha viva. Os africanos provavelmente conheciam a hipnose animal muito antes disso; no seu livro *Hypnosis of Men and Animals* (1966), Ferenc Volgyesi descreve como elefantes selvagens podem ser domados amarrando-os a uma árvore e agitando ramos folhosos à frente dos seus olhos até eles pestanejarem e se tornarem dóceis.

O homem com cujo nome a hipnose é habitualmente associada — Franz Mesmer — foi, na verdade, o descobridor de uma técnica completamente diferente. Convencido de que a nossa saúde depende do fluxo de "correntes vitais" pelo corpo, Mesmer passou a acreditar que o fluxo poderia ser aumentado através de carícias com ímanes. Quando, mais tarde, observou que uma hemorragia aumentava ou diminuía quando ele

movia a mão acima da mesma, concluiu que os seres humanos exercem um "magnetismo animal". Ele "magnetizava" árvores e fazia os seus pacientes abraçá-las; magnetizava cubas de água e fazia os pacientes sentarem-se com os pés nelas. Tudo isto supostamente aumentava o fluxo de energia vital pelos seus corpos.

Um dos discípulos de Mesmer, Armand-Marie-Jacques de Chastenet, o Marquês de Puységur, praticava o "mesmerismo" na sua propriedade em Buzancy. Um dia, amarrou a uma árvore um jovem camponês chamado Victor Race — que estava a tratar de asma — e estava a fazer passes "mesméricos" sobre ele quando os olhos de Race se fecharam. No entanto, ele continuava a responder às observações de Puységur. E, sob as ordens de Puységur, desamarrou-se e caminhou pelo parque. Puységur tinha descoberto a hipnose. Fez também outra descoberta importante que foi entretanto esquecida: ele podia dar ordens mentais a Race — por exemplo, para repetir as palavras de uma canção que ele estava a cantar mentalmente — e Race obedecia.

Com outra excelente cobaia hipnótica chamada Madeleine, Puységur dava demonstrações públicas de leitura de mente; um cético total converteu-se quando ele próprio foi capaz de ordenar a Madeleine — mentalmente — que pusesse a mão no bolso dele e tirasse um objeto que ele lá tinha colocado. Esta capacidade de influenciar sujeitos hipnotizados telepaticamente foi demonstrada repetidamente durante o século XIX; mas a medicina continuou a descartá-la como um mito.

Os inimigos de Mesmer expulsaram-no de Paris e de Viena; ele morreu, desacreditado e amargurado, em 1815. E a profissão médica garantiu que a hipnose fosse tratada como uma fraude durante todo o século XIX; qualquer médico que a praticasse corria o risco de ser expulso da ordem. Foi apenas perto do fim do século que Charcot a redescobriu. Charcot tinha notado que pacientes que sofriam de histeria se comportavam como se estivessem hipnotizados. Por exemplo, um homem que estivesse convencido de que o seu braço estava paralisado comportar-se-ia exatamente como se estivesse paralisado, embora não houvesse nada de fisicamente errado com o braço. Mas ele podia ser curado se lhe fosse dito sob hipnose que o seu braço não estava paralisado — e a paralisia também podia ser reinduzida por hipnose.

Quando Charcot anunciou à classe médica que a hipnose era simplesmente uma forma de histeria, os seus colegas acreditaram que ele tinha resolvido o mistério e deixaram de considerar a hipnose uma fraude. Levou algum tempo até se reconhecer que Charcot tinha invertido a verdade e que a histeria é, de facto, um tipo de hipnose.

Um paciente histérico fica convencido de que sofre de alguma deficiência e "sugestiona-se" a si próprio para a ter. Freud foi um dos muitos que ficaram impressionados com a teoria da hipnose de Charcot; mais tarde, fez dela a base da sua própria teoria do inconsciente.

Mas o que é precisamente a hipnose? Esta é uma pergunta a que ninguém naquela altura conseguia responder — e que permanece (oficialmente, pelo menos) sem resposta hoje. O livro de Bernard Hollander inclui um capítulo intitulado "Explicação da Hipnose" que contém algumas sugestões úteis. Ele aponta que um sujeito sob hipnose esquece o seu corpo; se a sua atenção for atraída para o corpo, este parece pesado e imóvel. No entanto, o paciente não está a dormir. Hollander compara um paciente hipnotizado a alguém absorvido numa peça de teatro — a mente está bem acordada, mas totalmente abstraída. Todos já vimos uma criança a olhar fixamente para a televisão com o polegar na boca, tão absorvida que tem de ser cutucada para que se ganhe a sua atenção. Isto parece implicar que temos duas mentes: uma que lida com o mundo que nos rodeia e lida com a experiência imediata, enquanto a outra pode "entrar em si mesma", num mundo subjetivo, uma espécie de cinema dentro da cabeça.

Por volta da altura em que Freud estudava com Charcot em Paris, um editor de jornais americano chamado Thomson Jay Hudson também quebrava a cabeça com o mistério da hipnose. Hudson tinha assistido a uma demonstração hipnótica pelo eminente fisiologista William B. Carpenter em Washington, D.C., e o que viu espantou-o. Carpenter colocou um jovem licenciado universitário sob hipnose e perguntou-lhe se gostaria de conhecer Sócrates. O jovem objetou que Sócrates estava morto, e Carpenter disse-lhe que tinha o poder de evocar o espírito de Sócrates. Depois apontou para um canto da sala e exclamou: "Ali está ele". O jovem — a quem Hudson chamou C. — parecia aterrorizado.

Carpenter instou então C. a travar conversação com Sócrates e a fazer-lhe qualquer pergunta que quisesse — mencionando que, como o público

não conseguia ouvir Sócrates, C. teria de repetir as suas respostas em voz alta. Durante as duas horas seguintes, o público testemunhou uma conversa incrível, na qual as respostas de Sócrates pareciam tão brilhantes e plausíveis que alguns dos presentes — interessados no Espiritismo — ficaram inclinados a acreditar que Sócrates estava realmente ali.

Depois disto, Carpenter apresentou C. aos espíritos de vários filósofos modernos, e seguiram-se mais conversas brilhantes e plausíveis. Estas eram bastante diferentes umas das outras e da conversa com Sócrates — embora geralmente não tivessem nada em comum com as ideias dos filósofos sob interrogação. Finalmente, para convencer o público de que não estavam a ouvir palavras de espíritos, Carpenter convocou um porco filosófico, que dissertou eruditamente sobre o Hinduísmo.

O que impressionou Hudson foi o facto de C. ser obviamente de inteligência média, ao passo que as respostas dos filósofos roçavam o nível de génio. Obviamente, a "mente inconsciente" de C. — ou o que quer que fosse — era muito mais inteligente do que ele. E ao estudar casos semelhantes, Hudson chegou à conclusão de que possuímos duas mentes — o que ele chamou de "mente objetiva", que lida com a realidade quotidiana, e a "mente subjetiva", que pode ficar totalmente absorvida num mundo interior. C. apenas se tornava um homem de génio sob hipnose, quando as operações da sua mente objetiva, tal como as do seu corpo, eram suspensas. Então a mente subjetiva podia operar livremente.

Por outras palavras, a mente objetiva serve como uma espécie de âncora, ou grilhão, para a mente subjetiva. Mas os homens de grande génio, concluiu Hudson, têm uma faculdade peculiar para permitir que as duas trabalhem em harmonia — como as crianças. Citou o caso de um orador americano, Henry Clay, que foi uma vez chamado a responder a um oponente no Senado quando estava doente. Pediu ao amigo sentado ao seu lado que puxasse as abas da sua casaca quando estivesse a falar há dez minutos. Duas horas depois, ele afundou-se exausto — olhou então para o relógio e perguntou ao amigo por que não o tinha interrompido.

O amigo explicou que não só tinha puxado as abas da casaca de Clay, como o tinha beliscado repetidamente e até espetado um alfinete na sua perna. Clay tinha permanecido totalmente alheio a tudo isto. Parecia que Clay estava no mesmo estado de transe que a criança a ver televisão com o polegar na boca e que se tratava, de facto, de um tipo de hipnose.

A teoria que Hudson desenvolveu no seu livro *The Law of Psychic Phenomena* (1893) é que a "mente subjetiva" tem poderes virtualmente milagrosos. Todos os homens de génio — particularmente aqueles cujo talento parece brotar como uma nascente, como Shakespeare e Mozart — são capazes de sintonizar à vontade os enormes poderes da mente subjetiva. Os milagres de Jesus, e de vários santos, eram simplesmente manifestações do mesmo poder misterioso.

O próprio Hudson ficou convencido de que também ele podia realizar milagres de cura com o auxílio da mente subjetiva e decidiu tentar curar um familiar de um reumatismo grave que quase o tinha matado. O homem vivia a mil milhas de distância. Hudson decidiu que a melhor altura para enviar "sugestões de cura" era no limiar do sono, quando a "mente objetiva" está passiva — exatamente como na hipnose.

A 15 de maio de 1890, disse a vários amigos que pretendia iniciar a experiência. Alguns meses mais tarde, um dos amigos encontrou o inválido e viu que ele estava bem novamente; os ataques tinham cessado e ele estava a trabalhar normalmente. Questionado sobre quando os ataques tinham cessado, ele disse: "Por volta de meados de maio" — exatamente quando Hudson tinha iniciado as suas "experiências".

Hudson afirmou que passou a curar cerca de quinhentas pessoas da mesma forma. Falhou em apenas dois casos e estes — curiosamente — foram pacientes a quem tinha sido dito que ele pretendia tentar curá-los. Isto, acreditava Hudson, sublinhava outra peculiaridade da mente subjetiva: os seus poderes têm de trabalhar espontaneamente, sem autoconsciência. Assim que se torna consciente de si, ela congela, como a mão de um estudante quando o professor olha por cima do seu ombro enquanto ele escreve. Isto explica também por que razão tantos "médium" falham quando são testados por céticos. É como tentar fazer amor numa praça pública cheia de gente.

Como temos duas mentes, os nossos poderes tendem a interferir uns com os outros. Na década de 1870, um hipnotizador de palco chamado Carl Hansen adorava demonstrar um truque espetacular: dizia ao sujeito hipnotizado que ele (o sujeito) estava prestes a tornar-se rígido como uma tábua. O sujeito era então colocado atravessado entre duas cadeiras, com a cabeça numa e os calcanhares na outra, e várias pessoas sentavam-se ou punham-se de pé em cima do seu estômago; ele nunca se dobrava no meio.

O que acontecia era que a mente objetiva tinha sido posta a dormir, e o hipnotizador assumia então o papel da mente objetiva. Normalmente, "tu" dizes ao teu corpo para se levantar ou sentar. Mas "tu" estás frequentemente negativo ou cansado ou inseguro de ti próprio, por isso as tuas "ordens" são dadas com uma voz hesitante. Somos minados pela dúvida. O hipnotizador entrega as suas ordens como um sargento-ajudante, e isto tem o efeito de desbloquear os poderes da mente subjetiva. Segue-se obviamente que, se pudesses aprender a dar ordens com a mesma segurança, serias também capaz de feitos "milagrosos".

Mas nesse caso, por que razão as pessoas autoconfiantes não são capazes de feitos milagrosos? Porque desenvolveram a mente objetiva, o "eu" consciente que lida com a realidade, em vez da mente subjetiva. O génio — e os milagres — têm a ver com o contato entre as duas mentes.

Hudson tinha também a certeza de que todos os chamados fenómenos psíquicos se devem aos poderes da mente subjetiva. Ele assistiu a uma sessão na qual um lápis escreveu por si próprio numa lousa, entregando mensagens que eram relevantes para Hudson e para o outro "assistente", um general. No entanto, ao pensar sobre o assunto mais tarde, Hudson concluiu que nada foi escrito que não pudesse ter emanado da mente do médium, se o médium tivesse poderes telepáticos. Ele decidiu que o médium tinha — inconscientemente — lido a mente dos assistentes e depois usado os poderes milagrosos da sua própria mente subjetiva para fazer o lápis escrever na lousa. E se isso fosse possível, argumentava Hudson, então todos os fenómenos psíquicos, incluindo fantasmas e *poltergeists*, podiam ser explicados da mesma forma. Na verdade, Hudson estava à frente do seu tempo. Passariam vários anos até que os investigadores psíquicos chegassem à conclusão de que os *poltergeists* se devem às mentes inconscientes de adolescentes perturbados.

Poder-se-ia argumentar aqui que Hudson se deixou levar pelas suas próprias e brilhantes intuições sobre os poderes da mente subjetiva. Argumentei noutros locais que a evidência sobre "espíritos" não pode ser descartada tão facilmente. Na verdade, ele estava decididamente errado quando lidou com o curioso poder conhecido como psicometria — a capacidade de certas pessoas "lerem" a história de um objeto que seguram nas mãos. Alguns dos testes mais notáveis na história da investigação

psíquica foram realizados por um professor de geologia chamado William Denton.

Ele embrulhava espécimes geológicos e arqueológicos em pacotes de papel pardo grosso, baralhava-os até já não saber qual era qual e, depois, pedia às suas "psicometristas" — a sua esposa e a sua cunhada — para descreverem o conteúdo e a história de pacotes escolhidos ao acaso. A precisão delas era espantosa — por exemplo, um fragmento de lava vulcânica de Pompeia produziu uma descrição precisa da erupção, enquanto um fragmento de azulejo de uma vila romana produziu uma descrição de legiões romanas e de um homem que parecia um soldado reformado. No entanto, esta última experiência preocupou Denton, porque o azulejo vinha da vila do orador Cícero, que era alto e magro, e o "soldado" fora descrito como sendo de compleição robusta. Foi apenas alguns anos mais tarde, após publicar o seu primeiro relato, que Denton soube que a vila também pertencera ao ditador romano Sula, que correspondia exatamente à descrição.

Mas tudo isto deixa intocada a intuição central de Hudson: a de que o homem tem duas mentes e é porque estas duas mentes se impedem mutuamente, em vez de se apoiarem, que os nossos poderes são tão limitados. A sua proposição básica é que, se pudéssemos aprender a explorar os poderes da mente subjetiva, transformar-nos-íamos em super-homens.

O livro de Hudson tornou-se um *bestseller* e teve edição após edição entre 1893 e a morte de Hudson, em 1903. Por que razão, então, a sua notável nova teoria não causou um impacto muito maior? A razão pode ser resumida numa única palavra: Freud. As mentes objetiva e subjetiva correspondem obviamente, de forma grosseira, ao ego e ao id de Freud — ou ao consciente e ao inconsciente. Mas há uma diferença fundamental. Freud era um pessimista que via a mente inconsciente como uma força passiva, uma espécie de cave cheia de lixo em decomposição que causa doenças — ou neuroses.

A mente consciente é a vítima destas forças inconscientes, que são basicamente de natureza sexual. Hudson teria ficado horrorizado com uma visão tão sombria e negativa da mente subjetiva. Mas porque Freud era um "cientista" e Hudson era meramente um editor de jornais reformado, a proeza deste último foi ignorada pelos psicólogos.

Contudo, a teoria das "duas mentes" viria a receber um poderoso apoio científico algumas décadas mais tarde. Já no século XIX se reconhecia que as duas metades do nosso cérebro têm funções diferentes. A função da fala reside na metade esquerda do cérebro; os médicos observaram que pessoas com danos no lado esquerdo do cérebro se tornavam inarticuladas. O lado direito do cérebro controla o reconhecimento de formas e padrões, de modo que um artista com danos no lado direito perderia todo o talento artístico.

Um homem não conseguia sequer desenhar uma folha de trevo; colocava as três folhas do trevo lado a lado, ao mesmo nível. No entanto, um artista com danos no lado esquerdo apenas ficava inarticulado; continuava a ser um artista tão bom como sempre. E um orador com danos no lado direito podia soar tão eloquente como sempre, embora não conseguisse desenhar uma folha de trevo.

O cérebro esquerdo também governa a lógica e a razão, que estão envolvidas em tarefas como somar uma lista de lavandaria ou fazer palavras cruzadas. O direito está envolvido em atividades como a apreciação musical ou o reconhecimento facial. Em suma, poder-se-ia dizer que o esquerdo é um cientista e o direito é um artista.

Explorar

Um dos factos curiosos da fisiologia humana é que o lado esquerdo do corpo é controlado pelo lado direito do cérebro, e vice-versa. Ninguém sabe exatamente por que razão é assim, exceto que provavelmente contribui para uma maior integração. Se o cérebro esquerdo controlasse o lado esquerdo e o direito o lado direito, poderia haver "disputas de fronteira"; tal como está, cada um tem um pé firmemente no território do outro.

Se removesse o topo da sua cabeça, a parte superior do seu cérebro — os hemisférios cerebrais — pareceria uma noz com uma espécie de ponte a ligar as duas metades. Esta ponte é um feixe de nervos chamado corpo caloso, ou comissura. Mas os médicos souberam que existem algumas raridades que não possuem comissura e que, no entanto, parecem funcionar perfeitamente bem. Isto levou-os a questionar se poderiam prevenir ataques epiléticos cortando a comissura.

Tentaram-no em epiléticos e pareceu resultar. As crises foram grandemente reduzidas e os pacientes pareciam inalterados. Isto levou os

médicos a questionarem-se sobre qual seria a função da comissura. Alguém sugeriu que seria para transmitir as convulsões epiléticas; outro sugeriu que poderia servir para evitar que o cérebro se abatesse no meio.

Na década de 1950, experiências na América começaram a lançar muita luz sobre o problema. Alguém notou que, se um paciente com "cérebro dividido" batesse contra uma mesa com o seu lado esquerdo, não parecia notar. Começou a tornar-se evidente que a operação de divisão do cérebro tinha o efeito de impedir uma metade do cérebro de aprender o que a outra metade sabia. Se se ensinasse um truque a um gato com um olho tapado e depois se lhe pedisse para o fazer com o outro olho tapado, ele ficava baralhado. Ficou claro que temos, literalmente, dois cérebros.

Além disso, se a um paciente de cérebro dividido fosse mostrada uma maçã ao olho esquerdo e uma laranja ao direito, e depois lhe perguntassem o que acabara de ver, ele responderia: "Laranja". Se lhe pedissem para escrever o que acabara de ver com a mão esquerda, escreveria: Maçã. Uma paciente de cérebro dividido a quem foi mostrada uma fotografia obscena ao seu cérebro direito corou; questionada sobre por que razão estava a corar, respondeu com verdade: "Não sei". A pessoa que estava a corar era a que vivia na metade direita do seu cérebro. Ela vivia na metade esquerda.

Isto é verdade para todos nós (exceto para indivíduos canhotos, cujos hemisférios cerebrais estão invertidos). A pessoa a quem chama "eu" vive na metade esquerda — a metade que "lida" com o mundo real. A pessoa que vive na direita é um estranho.

Poderia objetar que nem eu nem o leitor somos pacientes de cérebro dividido. Isso não faz diferença. Mozart observou uma vez que as melodias lhe entravam sempre na cabeça já formadas, e tudo o que ele tinha de fazer era escrevê-las. De onde vinham elas? Obviamente, da metade direita do seu cérebro, o "artista". Para onde iam? Para a metade esquerda do seu cérebro, onde Mozart vivia. Por outras palavras, Mozart era um paciente de cérebro dividido. E se Mozart o era, o mesmo se aplica a todos nós.

A pessoa a quem chamamos "eu" é o cientista. O "artista" vive nas sombras e raramente estamos cientes da sua existência, exceto em estados de relaxamento profundo ou de "inspiração". Todos nos tornamos mais "cérebro direito", por exemplo, após uma bebida alcoólica; isso torna-nos mais conscientes da nossa "outra metade". Fá-lo, até certo ponto, ao

anestesiar o cérebro esquerdo (o que explica por que razão é mais difícil resolver um problema matemático depois de ter bebido uns copos de vinho). É por isso que o álcool é tão popular. O mesmo se aplica — infelizmente — a outras drogas.

Podemos ver que as metades esquerda e direita do cérebro correspondem aproximadamente às mentes objetiva e subjetiva de Hudson. E como é que isto nos ajuda a compreender a hipnose? Bem, parece que o hipnotizador "anestesia" o cérebro esquerdo — fá-lo adormecer — enquanto o direito permanece bem acordado. Se Hudson estiver correto — e parece haver todas as razões para acreditar que está — o cérebro direito é então capaz de operar com todos os poderes da mente subjetiva. Parecem existir aqui pistas óbvias sobre como todos poderíamos fazer melhor uso dos nossos poderes.

De acordo com a medicina moderna, a hipnose apenas permite relaxar e tornar-se menos consciente de si. Não tem o poder de o tornar "super-humano". No entanto, mais uma vez, isto é contrariado pelos factos. Já vimos que o Marquês de Puységur era capaz de comunicar telepaticamente com Victor Race quando este estava em transe. E qualquer pessoa que se dê ao trabalho de consultar os quatro volumes de *Abnormal Hypnotic Phenomena*, de Eric J. Dingwall — dedicados principalmente ao século XIX — encontrará dezenas de casos que não deixam margem para qualquer dúvida de que a "telepatia sob hipnose" foi demonstrada vezes sem conta.

Um dos relatos mais espantosos de Dingwall diz respeito aos irmãos Alexis e Adolphe Didier, que conseguiam ambos realizar feitos paranormais notáveis sob hipnose. Por exemplo, os dois jogavam uma partida de cartas com as cartas viradas para baixo. No entanto, um irmão era capaz de dizer ao seu parceiro quais as cartas que o outro tinha, como se estivesse a olhar por cima do seu ombro.

O pai dos Didier era, ele próprio, um sujeito hipnótico notável que por vezes entrava em transe à mesa do pequeno-almoço enquanto lia o jornal — e continuava a ler o jornal embora o tivesse deixado cair sobre a mesa e não estivesse a olhar para ele. Alexis, o mais talentoso dos dois irmãos, era particularmente perito em "clarividência viajante". A pessoa com quem ele falava podia pedir-lhe para descrever o que ele (o "cliente") estivera a fazer naquele dia, ou para "viajar" até à sua casa e descrevê-la. Isto soa como algo que poderia ser explicado por telepatia — exceto que Didier conseguia

dizer ao cliente coisas que ele próprio não sabia. Numa ocasião, Didier descreveu o escritório de um magistrado com grande precisão e mencionou que havia uma campainha em cima da mesa; o magistrado negou-o. Mas quando chegou a casa, descobriu que Didier tinha razão; a sua esposa tinha colocado a campainha ali depois de ele ter saído de casa.

Alfred Russel Wallace, coautor (com Darwin) da teoria da evolução em meados do século XIX, interessou-se pela hipnose quando era um jovem professor e descobriu que alguns dos seus alunos eram excelentes sujeitos hipnóticos. Um rapaz partilhava efetivamente as perceções de Wallace quando estava em transe; se Wallace beliscasse o seu próprio braço, o rapaz estremecia e esfregava o seu braço; se Wallace provasse açúcar, o rapaz sorria e lambia os lábios; se Wallace provasse sal, o rapaz fazia uma careta.

Na década de 1880, o psicólogo francês Pierre Janet foi capaz de colocar uma das suas pacientes, uma mulher chamada Leonie, num transe hipnótico a partir do outro lado de Le Havre e convocá-la para ir ter com ele. As experiências foram realizadas sob condições de teste sob os auspícios da *Society for Psychical Research*.

Quase um século mais tarde, o Dr. Gustav Pagenstecher descobriu que uma das suas pacientes, Maria Reyes de Zierold, era capaz de partilhar as suas próprias sensações, provando substâncias que ele punha na sua língua e estremecendo se ele aproximasse a mão de um fósforo aceso. A primeira vez que a hipnotizou, ela disse-lhe que a sua filha estava a ouvir à porta; Pagenstecher abriu a porta e viu que era verdade. Isto soa como se ela pudesse ter simplesmente ouvido a rapariga lá fora; mas ela foi também capaz de descrever o que Pagenstecher estava a fazer quando ele estava na sala ao lado. Sob hipnose, Maria tornou-se também uma excelente psicometrista e conseguia descrever com grande precisão a história de objetos colocados nas suas mãos.

Tudo isto levanta obviamente uma possibilidade fascinante — a de que a hipnose possa não envolver apenas colocar alguém em transe através da sugestão, mas que possa ser a influência direta de uma mente sobre outra. Em *Over the Long High Wall*, o escritor J. B. Priestley conta como, num jantar literário aborrecido em Nova Iorque, disse à pessoa sentada ao seu lado que ia tentar fazer com que um dos poetas piscasse o olho para ele. Escolheu uma mulher de aspeto sério, "nada dada a piscadelas", e

concentrou-se nela. Passado um bocado, ela virou-se e piscou-lhe o olho. O vizinho de Priestley inclinou-se a duvidar de que tivesse sido uma piscadela, mas após o jantar, a mulher aproximou-se dele para lhe pedir desculpa por lhe ter piscado o olho, observando: "Não sei o que me deu".

Isto traz-nos de volta à questão levantada no início deste artigo: se um hipnotizador pode influenciar alguém a cometer um ato criminoso contra a sua vontade. A evidência sugere que é possível. Em 1865, em França, um vagabundo chamado Thimotheus Castellan foi julgado por raptar e violar uma jovem camponesa chamada Josephine. Ele tinha batido à porta da casa do pai dela, pedindo abrigo para a noite.

Na manhã seguinte, quando o pai e os irmãos tinham ido trabalhar, os vizinhos notaram-no a fazer passes no ar atrás das costas de Josephine. Durante a refeição do meio-dia, Castellan fez um movimento com os dedos e ela sentiu os sentidos a abandonarem-na; ele então levou-a para o quarto ao lado e violou-a. Ela disse que queria resistir mas estava paralisada. Mais tarde, ele partiu e levou-a consigo, demonstrando o seu poder sobre ela em várias quintas onde ficaram, fazendo-a andar de gatas como um animal. Foi finalmente preso e condenado a doze anos de prisão.

Em 1934, um hipnotizador de Heidelberg chamado Franz Walter conheceu uma mulher num comboio e fez com que ela entrasse em transe simplesmente pegando-lhe na mão. Após a violar, ordenou-lhe que trabalhasse para ele como prostituta. Subsequentemente, ordenou-lhe que fizesse várias tentativas contra a vida do marido; quando estas falharam, ordenou-lhe que se suicidasse. Ela foi salva por transeuntes em duas ocasiões. Finalmente, um médico da polícia adivinhou que ela tinha sido hipnotizada e instruída a manter silêncio sobre o assunto; ele conseguiu "desbloquear" a sua memória, e Franz Walter foi condenado a dez anos de prisão.

Em 1985, dois criminosos portugueses, ambos chamados Manuel, conseguiram retirar as poupanças de uma vida a várias vítimas através da hipnose. Uma mulher descreveu como estava simplesmente a falar com um dos homens quando este lhe pegou na mão e ela se sentiu "gelada por todo o corpo", entrando então num estupor no qual obedeceu a ordens para ir a casa e levantar as suas poupanças; entregou mais de mil libras. Os dois homens foram apanhados por acidente quando uma cabeleireira ouviu uma das suas clientes a aceitar (ao telefone) encontrar-se com eles e dar-lhes

dinheiro; ela tinha ouvido falar do caso anterior e avisou a polícia. Os homens foram deportados.

Tudo isto parece sugerir que existe um elemento telepático na hipnose — de uma mente a influenciar diretamente outra — e que as lendas sobre Svengalis da vida real podem ter algum fundamento. Ferenc Volgyesi, cujo livro *Hypnosis in Men and Animals* já foi mencionado, estava convencido de que as lendas sobre o "olhar hipnótico" da serpente não eram sem fundamento; cita exemplos de sapos, rãs e coelhos que ficaram "transfixados pelo olhar de uma serpente", o que envolvia a expansão das suas pupilas; mas possui fotografias de outras criaturas envolvidas em "batalhas de vontade" nas quais simplesmente olham fixamente uma para a outra. Num caso, um sapo venceu uma "batalha de vontade" contra uma serpente.

Isto não é, claro, negar a validade da teoria geralmente aceite da hipnose — a de que se trata basicamente de uma questão de sugestão. A hipnose, como vimos, baseia-se num estado de abstração, e os hipnotizadores criam sem dúvida este estado por sugestão — geralmente sugerindo que o sujeito está a ficar com sono, que os seus membros estão a ficar pesados, e assim por diante. Mas é o cérebro direito — o "outro tu" — que aceita estas sugestões e põe o "eu" a dormir, enquanto ele permanece bem acordado. Os seus poderes estão então à disposição do hipnotizador (o que sugere, por sua vez, que um bom sujeito hipnótico deveria ser capaz de curar pessoas à distância, como Hudson fez).

O que parece ter acontecido, no caso de Nelson Nelson, o violador descrito no início deste capítulo, é que as suas sugestões tornaram as suas pacientes totalmente inconscientes dos seus corpos e que ele cometeu as agressões sexuais enquanto as pacientes estavam virtualmente a dormir, como se sob anestesia.

Mas seria um erro assumir que isto apoia a visão de que um hipnotizador não poderia persuadir um sujeito relutante a submeter-se a relações sexuais. No seu livro *Open to Suggestion* (1989), um estudo sobre o abuso da hipnose, Robert Temple dedica um capítulo inteiro à violação sob hipnose. Uma vítima de agressão descreve como o hipnotizador levantou o seu sutiã e acariciou os seus seios, e mesmo assim ela marcou uma nova consulta. Na vez seguinte, depois de a colocar num transe leve,

ele acariciou o meu seio novamente e passado um pouco baixou as minhas calças e cuecas, e chegou a pôr a mão na minha vagina... Queria que eu pegasse nos seus genitais com a mão. Eu disse que não... Passado um bocado segurei o seu pénis... Gostaria de o ter afastado com um golpe, mas de uma forma ou de outra não consegui fazê-lo. [Quando] ele começou a aproximar-se com os seus genitais, entrei em pânico e chorei.

Aqui parece claro que ela não tinha mais desejo de ser violada do que a vítima dos dois criminosos portugueses tinha de entregar as poupanças de uma vida. Este é claramente um caso no qual — tal como com Thimotheus Castellan e Franz Walter — a vontade do hipnotizador prevaleceu sobre a vontade da vítima. Temple cita também um caso de uma agressão homossexual a um soldado por um hipnotizador — o seu coronel — no qual o soldado se sentiu imobilizado e incapaz de se levantar da cama, embora se opusesse às investidas do coronel.

O próprio Temple descreve um episódio pessoal que lança uma luz interessante sobre a hipnose. Ele estava a submeter-se a um curso de tratamento hipnótico e, um dia, não conseguiu "acordar". Mas, porque estava consciente de que o seu médico tinha pressa em sair, fingiu estar totalmente consciente. Lá fora, disse à sua mulher — que esperava no carro — que ainda estava hipnotizado e pediu-lhe que lhe soprasse no rosto; ela achou piada e soltou uma gargalhada.

No caminho para casa, ele viu uma árvore e ordenou-lhe que parasse. Depois, foi abraçar a árvore e desatou a chorar, dizendo-lhe como ela era bela. Depois disso, deitou-se de costas, olhando para o céu noturno e proferindo observações lamechas. Na verdade, comportou-se exatamente como se estivesse bêbado. Já em casa, bebeu meio copo de gin puro — uma bebida de que não gostava — e finalmente "voltou a si". É claro que ele sabia que uma parte da sua mente ainda estava sob hipnose, mas era incapaz de a despertar.

Isto levanta outro ponto importante. William James salientou que existem certos dias em que sentimos que os nossos poderes vitais simplesmente não estão no seu melhor; "os nossos fogos estão abafados; as nossas correntes de ar estão bloqueadas". Sentimo-nos curiosamente baços, como um carro cujo motor ainda está frio e que continua a "ir abaixo". De facto, o notável mestre Gurdjieff afirmava que a nossa consciência comum

é literalmente um estado de sono e que temos de fazer esforços sobre-humanos se quisermos acordar. (Hipnose vem do grego *hypnos* — "sono".)

Claramente, então, a hipnose não é uma condição anormal ou bizarra que possamos ignorar. Ela oferece pistas sobre o que está errado com os seres humanos e sobre o porquê de ser a coisa mais fácil do mundo desperdiçar a vida. O nosso problema básico é "sacudir a mente para que acorde".

Note que, quando estamos desanimados e aborrecidos, sentimo-nos "alienados" da realidade. Sentimo-nos presos no mundo físico e no momento presente; a "realidade" é uma prisão. Isto é o oposto do que acontece quando estamos felizes e entusiasmados — por exemplo, quando aguardamos com grande expetativa um evento muito desejado — ou quando estamos profundamente relaxados. Nestes estados, o mundo parece infinitamente fascinante; a realidade parece estender-se ao nosso redor em horizontes sem fim, como a vista do topo de uma montanha.

É óbvio que, em tais estados, o cérebro direito e o esquerdo estão em comunicação estreita. Quando se está aborrecido, está-se preso — não apenas no mundo físico, mas no cérebro esquerdo. É-se, em essência, um paciente de cérebro dividido. A mesma coisa acontece se estivermos absorvidos num devaneio, exceto que, neste caso, estamos presos no nosso mundo interior — o cérebro direito. Se passar demasiado tempo nestes estados — o que por vezes se chama "escapismo" — começa a achar o mundo real insuportável, e alterna entre estar preso dentro de si mesmo e sentir-se preso no mundo físico.

Por outro lado, em estados de felicidade ou relaxamento, torna-se, por um curto período, um paciente de "cérebro total". O seu cérebro direito — o seu eu intuitivo — sente-se agora acordado, e percebe que este estado "total" está muito mais próximo daquilo que a consciência humana deveria ser. Uma das coisas mais estranhas sobre estes estados é que, quando olhamos para as nossas misérias e infortúnios, a maioria parece risivelmente trivial, o resultado da meia-consciência desequilibrada que consideramos "normal".

O filósofo francês Sartre tinha uma palavra para estes estados em que nos sentimos presos no momento presente: "náusea". E, curiosamente, ele considerava a "náusea" como a realidade fundamental da existência

humana — o que se poderia chamar o estado básico da consciência humana — algo como ver uma mulher atraente com o cabelo cheio de rolos e creme frio espalhado por todo o rosto. Segue-se, naturalmente, que Sartre sentia que a vida humana não tem sentido e que — como ele disse numa frase famosa — "o homem é uma paixão inútil".

A sua colaboradora próxima Simone de Beauvoir captou o espírito da "náusea" quando escreveu: "Olho-me em vão num espelho, conto a mim própria a minha própria história. Nunca me consigo apreender como um objeto inteiro. Experimento em mim o vazio que sou eu própria. Sinto que não sou". Mas, obviamente, ela estava simplesmente a falar da experiência de estar presa na consciência do cérebro esquerdo. No entanto, é bastante claro que ela estava enganada quando disse que nunca se poderia apreender como um objeto inteiro e que sentia que "ela não é". Em estados de "cérebro total", temos um sentido curioso da nossa própria realidade e da do mundo. Sabemos subitamente que "nós somos".

O que é tão interessante aqui é que toda a filosofia de Sartre sobre a existência humana — ele é conhecido como uma das figuras fundadoras do existencialismo — baseia-se na sua noção errada de que a "náusea" é alguma verdade fundamental sobre a realidade humana — a mulher bonita com rolos no cabelo. Além disso, é uma filosofia que é ecoada por algumas das figuras mais respeitáveis da literatura moderna, de Ernest Hemingway e Albert Camus a Graham Greene e Samuel Beckett. Poder-se-ia dizer que domina a filosofia e a literatura modernas.

No entanto, podemos ver que se trata simplesmente de um mal-entendido. A "náusea" não é algum vislumbre da realidade; é tão sem importância como uma dor de cabeça, e em alguns aspetos curiosamente semelhante. Se Sartre soubesse dos hemisférios direito e esquerdo, teria reconhecido que estava a exagerar grandemente a importância da "náusea". E se pudéssemos compreender, de uma vez por todas, que a "alienação" na consciência do cérebro esquerdo não é um vislumbre da realidade da condição humana, experimentaríamos um aumento enorme e imediato no nosso nível de otimismo e vitalidade.

Há outra inferência importante a tirar de tudo isto. A hipnose, como vimos, é basicamente sugestão. A sugestão do hipnotizador ("as suas pálpebras estão a ficar pesadas...") tem o efeito de nos prender na consciência do cérebro esquerdo. O aborrecimento e o pessimismo têm o

mesmo efeito. Mas se acreditar — como Sartre — que a vida não tem sentido e que "o homem é uma paixão inútil", então está numa condição permanente de autossugestão negativa, e o aprisionamento na consciência do cérebro esquerdo torna-se o seu modo normal de perceção. Assim, a "náusea" torna-se uma espécie de profecia autorrealizável.

O aprisionamento na consciência do cérebro esquerdo já é mau o suficiente, mas torna-se dez vezes pior se o aceitarmos como norma. Por outro lado, se estiver ciente de que a consciência de cérebro total é a norma, então os estados de consciência do cérebro esquerdo "preso" seriam aceites tão casualmente como uma dor de cabeça.

Esta é, então, a real importância da descoberta da hipnose por Puységur. Foi o reconhecimento de uma anomalia curiosa que levantou questões enormes sobre a mente humana. O eclipse total da hipnose durante o século XIX revela que estas questões eram demasiado desconfortáveis para serem encaradas; era mais fácil descartá-las e ater-se à velha visão de senso comum da perceção humana.

Agora encontramo-nos num cruzamento interessante em que aceitamos a realidade da hipnose (embora ainda existam alguns académicos que a descartam como um delírio), mas não conseguimos compreender as suas implicações. Quando estas forem finalmente compreendidas e dadas como certas por todos os estudantes do ensino secundário — tal como agora damos como certa a noção do inconsciente ou do erotismo infantil — o homem estará preparado para iniciar uma viagem de descoberta

26

O Enigma dos Gémeos Idênticos

Uma Mente em Dois Corpos

Quando Jim Lewis tinha seis anos, soube que tinha um irmão gémeo idêntico. A sua mãe solteira tinha-os dado para adoção logo após o nascimento, em agosto de 1939. Jim fora adotado por um casal chamado Lewis em Lima, Ohio; o seu irmão fora adotado por uma família chamada Springer em Dayton, Ohio. Curiosamente, ambos os rapazes foram batizados como "Jim" pelos seus novos pais.

Em 1979, quando tinha trinta e nove anos, Jim Lewis decidiu tentar encontrar o seu irmão gémeo. O tribunal que tinha organizado a adoção foi excecionalmente prestável. Seis semanas mais tarde, Jim Lewis bateu à porta de Jim Springer em Dayton. No momento em que apertaram as mãos, sentiram-se próximos, como se tivessem estado juntos toda a vida. Mas quando começaram a comparar notas, aperceberam-se de uma série impressionante de coincidências.

Para começar, tinham os mesmos problemas de saúde. Ambos roíam as unhas compulsivamente e sofriam de insónias. Ambos tinham começado a ter enxaquecas aos dezoito anos e deixaram de as ter à mesma idade. Ambos tinham problemas cardíacos. Ambos tinham desenvolvido hemorroidas. Tinham exatamente o mesmo peso, mas ambos tinham engordado quatro quilos e meio exatamente no mesmo período das suas vidas, perdendo-os depois também ao mesmo tempo.

Tudo isto poderia parecer indicar que a programação genética é muito mais precisa e complexa do que alguém suspeitara. Mas as suas coincidências foram muito além da genética. Ambos se tinham casado com raparigas chamadas Linda, divorciaram-se e depois casaram com raparigas chamadas Betty. Ambos deram aos filhos o nome de James Allan. Ambos tiveram um cão chamado Toy. Ambos tinham trabalhado como xerife adjunto, empregado de bomba de gasolina e em restaurantes McDonald's. Ambos passavam férias na mesma praia da Flórida. Ambos fumavam compulsivamente a mesma marca de cigarros. Ambos tinham oficinas na cave onde faziam mobiliário... Os gémeos ficaram fascinados, não só por estas semelhanças de experiência, mas pelas suas semelhanças mentais — um começava a dizer algo e o outro terminava-o.

O seu reencontro recebeu uma vasta cobertura mediática e apareceram no programa de entrevistas de Johnny Carson. E no Minnesota, um psicólogo chamado Tom Bouchard ficou tão intrigado que convenceu a Universidade a dar-lhe uma bolsa para estudar cientificamente os "gémeos

Jim". Depois, passou a procurar outros pares semelhantes: ou seja, gémeos que foram separados em idade muito precoce e que não se viam desde então. Nos primeiros anos de investigação, descobriram trinta e quatro pares de gémeos nestas condições.

E repetidamente descobriram as mesmas coincidências extraordinárias — coincidências que não podem ser explicadas cientificamente. Duas gémeas britânicas, Margaret Richardson e Terry Connolly, que nem sequer sabiam que eram gémeas até aos trinta e poucos anos, casaram-se no mesmo dia com uma diferença de uma hora entre si. Outras duas, Dorothy Lowe e Bridget Harrison, tinham decidido manter um diário durante apenas um ano, 1962, e ambas tinham preenchido exatamente os mesmos dias. Os diários pareciam idênticos porque eram da mesma marca e cor. Ambas tocaram piano em crianças, mas desistiram no mesmo ano. Ambas gostam de joalharia vistosa.

Desde então, o trabalho com gémeos continuou a mostrar que em muitos casos — particularmente de gémeos idênticos — existem coincidências incríveis. Gémeos idênticos são aqueles que se formam pela divisão do mesmo óvulo. Têm genes idênticos, o que significa que têm olhos, orelhas, membros e até impressões digitais idênticas. O termo científico para tais gémeos é monozigóticos, ou MZ. Gémeos dizigóticos (DZ) formam-se a partir de dois óvulos diferentes. O nível espantoso de "coincidência" aplica-se principalmente aos gémeos MZ. De facto, as semelhanças tornam-se quase monótonas em muitos casos.

Por exemplo, as gémeas mencionadas por último, Bridget Harrison e Dorothy Lowe, tinham filhos chamados respetivamente Richard Andrew e Andrew Richard. As suas filhas chamavam-se Katherine Louise e Karen Louise, mas Dorothy Lowe pretendia originalmente chamar à filha Katherine e mudou para Karen para agradar a um familiar. Ambas usam o mesmo perfume. Ambas deixam as portas do quarto entreabertas. Ambas tinham tido meningite. Ambas colecionam peluches e tinham gatos chamados Tiger. Os testes de inteligência de Bouchard mostraram que tinham QIs idênticos.

Barbara Herbert e Daphne Goodship eram gémeas de uma estudante finlandesa solteira e foram adotadas por famílias diferentes à nascença. Ambas as mães adotivas morreram quando elas eram crianças. Ambas tinham caído das escadas aos quinze anos e partido um tornozelo. Ambas

conheceram os futuros maridos em bailes da câmara municipal aos dezasseis anos e casaram-se no início dos vinte anos. Ambas tiveram abortos precoces, depois cada uma teve dois rapazes seguidos de uma rapariga.

Ambas têm um sopro cardíaco e a tiroide ligeiramente aumentada. Ambas leem os mesmos romancistas populares e compram a mesma revista feminina. E quando se encontraram pela primeira vez, ambas tinham pintado o cabelo com o mesmo tom de castanho-avermelhado e usavam vestidos bege, casacos de veludo castanho e anáguas brancas idênticas.

Em 1979, Jeanette Hamilton e Irene Read descobriram cada uma que tinham irmãs gémeas e apressaram-se a reunir-se. Descobriram que ambas sofriam de claustrofobia e aversão à água, ambas se sentam de costas para o mar nas praias, ambas detestavam alturas, ambas tinham uma dor no mesmo sítio da perna direita com tempo húmido e ambas são calculadoras compulsivas. Em crianças, tinham liderado grupos de escuteiros e ambas tinham trabalhado em tempos para a mesma empresa de cosméticos.

Dois gémeos do sexo masculino estudados por Bouchard tinham sido criados em contextos que dificilmente poderiam ter sido mais diferentes. Oscar Stohr e Jack Yufe nasceram em Trindade em 1933; depois os pais seguiram em direções opostas, levando cada um um gémeo. Oscar foi para a Alemanha e tornou-se membro do movimento da juventude nazi, enquanto Jack foi criado como judeu ortodoxo. Encontraram-se pela primeira vez no aeroporto em 1979 e descobriram que ambos usavam óculos quadrados de armação metálica e camisas azuis com dragonas; tinham bigodes idênticos.

Um estudo mais atento revelou semelhanças notáveis nos seus hábitos. Ambos puxavam o autoclismo antes e depois de usarem a sanita, guardavam elásticos nos pulsos e gostavam de comer sozinhos em restaurantes para poderem ler. Os seus ritmos de fala eram idênticos, embora um falasse apenas alemão e o outro apenas inglês. Ambos tinham o mesmo andar e a mesma maneira de sentar. Ambos tinham o mesmo sentido de humor — por exemplo, uma tendência para espirrar alto em elevadores para assustar os outros passageiros.

É obviamente muito difícil, se não impossível, explicar tal série de "coincidências" sem postular alguma forma de telepatia — ou seja, alguma

forma de ligação oculta entre os gémeos — que persistiu mesmo quando estavam separados por longas distâncias. De facto, Jung, que inventou a palavra "sincronicidade" (ver Capítulo 54) para "coincidências significativas", teria aceite a explicação telepática: existem muitas anedotas na sua obra que visam ilustrar a realidade da telepatia.

Mas mesmo a telepatia não consegue explicar como duas irmãs conheceram os maridos em circunstâncias semelhantes ou trabalharam para a mesma empresa de cosméticos; isto deve ser descartado como coincidência ou explicado em termos de alguma teoria peculiar sobre "destinos individuais", ou mesmo o que o Professor Joad chamou uma vez de "a indubitável estranheza do tempo". Se as pessoas podem ter vislumbres do futuro, ou sonhar com eventos antes de eles acontecerem, isso sugere que, de alguma forma estranha, estes eventos já estão "programados", como um filme que já foi feito. Se as vidas individuais são, até certo ponto, "pré-programadas", então talvez as vidas de gémeos MZ tenham a mesma programação básica...

Outros casos parecem certamente demonstrar a realidade da telepatia. Em 1980, duas gémeas compareceram em tribunal em York e atraíram a atenção dos repórteres porque faziam os mesmos gestos ao mesmo tempo, sorrindo simultaneamente, levando as mãos à boca no mesmo momento, e assim por diante. As gémeas Chaplin, Freda e Greta, estavam em tribunal por uma razão peculiar: ambas tinham aparentemente desenvolvido uma "paixão" avassaladora por um motorista de camiões, o Sr. Ken Iveson, que costumava viver na porta ao lado, e andavam a persegui-lo há quinze anos. Parecem ter tido uma forma algo curiosa de mostrar afeto, gritando insultos e batendo-lhe com as malas. Quando isto já durava há quinze anos, o Sr. Iveson decidiu pedir proteção ao tribunal.

A publicidade em torno do caso judicial levou a vários estudos médicos das gémeas. A sua obsessão pelo Sr. Iveson foi definida medicamente como erotomania, uma condição em que um paciente mergulha na melancolia ou perturbação mental devido ao amor romântico. As gémeas revelaram ser subnormais mentais, embora isto pareça ter sido um desenvolvimento posterior. Na escola tinham sido lentas, mas não atrasadas, e os professores descreviam-nas como asseadas, limpas e quietas. O subdiretor atribuiu a culpa à mãe. "Era perfeitamente claro que tinham uma mãe extremosa que nunca lhes permitiu uma identidade

separada". Eram aparentemente vestidas de forma idêntica e não lhes eram permitidos amigos.

As gémeas mostravam uma tendência para o "efeito espelho" que é frequentemente típico de gémeos MZ. (Isto é, se uma é canhota, a outra é destra; se os redemoinhos do cabelo crescem no sentido dos ponteiros do relógio numa, crescem no sentido contrário na outra, e assim por diante.) Uma gémea usa uma pulseira no pulso esquerdo, a outra no direito. Quando uma partiu um atacador, a outra removeu o seu próprio atacador no lado oposto.

A certa altura, as gémeas tinham sido forçadas a sair de casa — nem elas nem a mãe revelaram o porquê. Aos trinta e sete anos estavam solteiras e sem emprego; viviam numa residencial de serviço local. Cozinhavam o pequeno-almoço no quarto juntas, ambas segurando a frigideira, e depois saíam com roupas idênticas.

Quando tinham dois casacos cinzentos idênticos com botões de cores diferentes, trocavam simplesmente metade dos botões para que cada um ficasse com ambas as cores. Quando recebiam pares de luvas diferentes, ficavam com uma de cada par. Ao receberem dois sabonetes diferentes, cortavam ambos ao meio e partilhavam-nos. Disseram a uma jornalista que tinham um só cérebro e que eram, na verdade, uma única pessoa, alegando saber exatamente o que o outro está a pensar. O seu "comportamento simultâneo" sugere que existe alguma forma de telepatia entre eles. Ocasionalmente discutem, batendo um no outro levemente com as malas idênticas, e depois amuam durante horas. Mas, apesar destes desentendimentos, parece claro que o seu objetivo comum é excluir o mundo externo e viver no seu próprio pequeno universo privado.

Duas gémeas californianas, Grace e Virginia Kennedy, chegaram a desenvolver uma linguagem privada na qual conversavam; isto começou quando tinham dezassete meses. Em 1977, quando tinham sete anos, um terapeuta da fala no hospital infantil de San Diego começou a estudar a sua linguagem privada e descobriu que parecia ser uma mistura de palavras inventadas, como "nunukid" e "pulana", e uma mistura de palavras inglesas e alemãs mal pronunciadas (os pais eram, respetivamente, americano e alemã). Chamavam-se uma à outra Poto e Cabenga, e falavam a sua língua desconhecida com rapidez e fluência. Acabaram por ser convencidas a falar

inglês; mas recusaram-se a explicar a sua língua anterior — ou talvez fossem simplesmente incapazes de o fazer.

Um dos casos mais estranhos envolvendo gémeos foi registado na *New York Review of Books* (28 de fevereiro de 1985) pelo psiquiatra Oliver Sacks. Michael e John, conhecidos apenas como "Os Gémeos", estão em instituições estatais desde os sete anos (em 1947). Foram diagnosticados como autistas, psicóticos e com atraso mental grave. No entanto, possuem uma capacidade extraordinária: a de dizer em que dia da semana cairá qualquer data do passado ou do futuro; questionados, por exemplo, sobre 11 de junho de 55 a.C., respondiam instantaneamente "quarta-feira" — e provavam estar certos. São, diz Sacks, uns grotescos Tweedledum e Tweedledee, gémeos "em espelho" que são idênticos no rosto, na personalidade e nos movimentos corporais, bem como nos danos cerebrais e de tecidos. Usam óculos tão grossos que os seus olhos parecem distorcidos.

Conseguem repetir qualquer número de dígitos após uma única audição — até trezentos. No entanto, não são "prodígios de cálculo", capazes de multiplicar números enormes em segundos ou extrair raízes décimas de números de vinte dígitos, como muitos desses prodígios conseguiram. Mas quando uma caixa de fósforos caiu ao chão, ambos murmuraram "111" antes de os fósforos atingirem o solo — e, mais uma vez, provaram estar certos.

Certo dia, Sacks encontrou-os sentados num canto, com um sorriso estranho e satisfeito, trocando números de seis dígitos. Ele anotou vários desses números e, quando chegou a casa, verificou num livro de tabelas matemáticas e descobriu que todos os números eram primos — números que não podem ser divididos por nenhum outro número sem deixar "resto". Ora, o estranho é que não existe um método matemático para determinar se um número grande é primo ou não — exceto tentar meticulosamente dividi-lo por todos os números menores; se der um "resto" com todos os números menores até metade do seu próprio tamanho, então é um primo. No entanto, os gémeos estavam aparentemente a extrair primos do nada, sem o mínimo esforço.

No dia seguinte, Sacks voltou a assistir ao jogo deles e interrompeu-o subitamente com um número primo de oito algarismos (retirado do seu livro de tabelas). Eles olharam para ele espantados; depois, após uma pausa

de meio minuto, os seus rostos abriram-se em largos sorrisos. Então, os gémeos começaram a trocar primos de nove algarismos. Sacks ofereceu um primo de dez algarismos; mais uma vez, houve maravilhamento. Após um longo silêncio, John apresentou um número de doze algarismos. Sacks não tinha forma de verificar isto, pois o seu livro apenas ia até primos de dez algarismos; mas não teve dúvidas de que era um primo. Uma hora depois, os gémeos trocavam números de vinte algarismos.

O que faziam os gémeos durante o seu meio minuto de silêncio quando Sacks introduziu o primo de oito algarismos? A resposta só pode ser que estavam a fazer o esforço de *ver* o número — de o ver de alguma forma simétrica, para poderem perceber se havia algum "resto". A maioria de nós consegue visualizar, digamos, nove ou dezasseis imaginando um grupo de pontos dispostos em três filas de três ou quatro filas de quatro; os gémeos deviam estar a fazer a mesma coisa numa escala muito mais vasta.

Isto oferece-nos uma pista importante. Sabemos que os dois hemisférios do cérebro têm funções diferentes: na prática, o esquerdo é um cientista, o direito um artista. O esquerdo ocupa-se da linguagem e da lógica; o direito das intuições e perceções. O esquerdo vê o mundo de uma perspetiva rasteira (*worm's-eye view*), o direito de uma perspetiva aérea (*bird's-eye view*). Nos seres humanos civilizados, o esquerdo é o "hemisfério dominante", e o meu sentido de identidade reside ali, de modo que, quando uso a palavra "eu", é o cérebro esquerdo que fala. (Ver também o artigo sobre sincronicidade). Na maioria de nós, os poderes do cérebro direito — para visualizar padrões, por exemplo — são bastante limitados em comparação com os poderes de raciocínio do esquerdo. Parece claro que, nos Gémeos, os poderes do esquerdo são extremamente limitados, mas os poderes do direito são aparentemente centenas de vezes superiores aos do resto de nós.

Parece que a lição geral a tirar dos gémeos é que a atividade ininterrupta do cérebro esquerdo exigida pela civilização suprimiu todo o tipo de poderes "naturais" no direito, tais como a comunicação telepática, a empatia física e a capacidade de apreender a realidade com uma "visão aérea" — com um "telescópio" em vez do microscópio que habitualmente utilizamos. E casos como os dos gémeos Jim — em que o mesmo tipo de coisas aconteceu a gémeos separados desde o nascimento — parecem

sugerir que existem leis e padrões de eventos que cientistas e filósofos ainda nem sequer começaram a suspeitar.

27

Jack, o Estripador

Lançando Nova Luz sobre o

Assassino em Série Mais Infame do Mundo

Apesar da epidemia de assassinos em série do século XX com alcunhas como o Estrangulador de Boston, o Retalhador de Buffalo e o Assassino de Sunset, Jack, o Estripador, continua a ser, de longe, o mais famoso — ou infame — assassino em série do mundo. Isto não se deve apenas ao pitoresco macabro da alcunha, mas ao facto de os crimes terem ocorrido na Londres envolta em nevoeiro de Sherlock Holmes e de — ao contrário dos três assassinos acima mencionados — a identidade de Jack, o Estripador, ser ainda um mistério total.

Outro facto interessante merece ser tido em conta: Jack, o Estripador, foi o primeiro assassino sexual no sentido moderno do termo. A noção de que os crimes sexuais fizeram a sua primeira aparição apenas em 1888 soa um pouco estranha. Que dizer de imperadores romanos como Tibério, que apreciava desflorar acólitos? E de Gilles de Rais, Vlad, o Empalador, e Ivã, o Terrível? A primeira coisa que notamos sobre estes homens é que eram todos governantes ou membros da aristocracia. Tinham lazer — o que também pode levar ao tédio — e autoridade suficiente para poderem impor a sua vontade às vítimas.

Mas a maioria dos criminosos ao longo da história matou ou roubou por razões puramente económicas. O *Newgate Calendar*, uma compilação de crimes publicada em Londres no final do século XVIII, contém apenas meia dúzia de "crimes sexuais", e estes não eram violações violentas, mas o que chamaríamos seduções. As classes baixas tinham demasiada fome para se preocuparem com sexo "proibido", e as classes altas podiam obtê-lo tão facilmente que a violação teria sido inútil.

No início do século XIX, ocorreu um desenvolvimento significativo: a ascensão da pornografia. O homem mais responsável por isso foi o Marquês de Sade — novamente um aristocrata — que morreu num

manicómio em 1816. Tinha uma líbido muito elevada e, como passou a maior parte da vida na prisão, pouco tinha a fazer senão fantasiar sobre sexo. Os seus livros, com os seus devaneios monstruosos de violação e tortura, inspiraram muitos imitadores na década de 1820, nem todos partilhando o seu gosto por chicotear e ser chicoteado, mas todos excitados pela noção do proibido.

Nas duas décadas que precederam Jack, o Estripador, houve alguns crimes que hoje descreveríamos como assassinatos sexuais, mas eram geralmente perpetrados por pessoas que hoje seriam internadas num manicómio — como o jovem italiano Vincent Verzeni, que passou de matar galinhas a esventrar mulheres e "chupar-lhes o sangue", ou o adolescente de Boston Jesse Pomeroy, que gostava de infligir dor a crianças mais novas e acabou por matar duas delas.

Comparados com estes, havia algo de totalmente calculado nos assassínios de Jack, o Estripador, que ocorreram na zona de Whitechapel, no leste de Londres, no outono de 1888, e que produziram um sentido mórbido de choque e pânico.

Ainda estava escuro na manhã de 1 de setembro quando um condutor de carroças chamado George Cross caminhava pela Bucks Row a caminho do trabalho. Era uma rua estreita, de paralelepípedos, com a parede cega de um armazém de um lado e uma fila de casas geminadas do outro. Na penumbra, Cross viu o que pensou ser um fardo de lona alcatroada e foi investigar. Tratava-se de uma mulher deitada de costas, com a saia acima da cintura.

Cross decidiu que ela estava bêbada e, quando outro homem se aproximou, disse: "Dê-me uma ajuda a pôr esta mulher de pé". O outro homem, um carregador de mercado, olhou para baixo com dúvida; a sua primeira impressão foi de que ela tinha sido violada e deixada para morrer. Baixou-se e tocou-lhe na bochecha, que estava fria, e na mão. "Está morta", disse ele. "É melhor irmos procurar um polícia". Puxou-lhe a saia para baixo para a recompor.

De facto, a ronda do guarda John Neil levava-o pela Bucks Row e, poucos minutos depois de os homens terem partido, a luz da sua lanterna de olho-de-boi mostrou-lhe o corpo da mulher, que jazia perto de uma porta de estábulo. Também lhe mostrou algo que os homens não tinham conseguido

ver: que a garganta da mulher tinha sido cortada tão profundamente que as vértebras estavam expostas.

Uma hora depois, o corpo, que era o de uma mulher de meia-idade, jazia no pátio da morgue local, e dois indigentes do asilo vizinho receberam a tarefa de o despir, enquanto um inspetor da polícia tomava notas. Foi quando puxaram as duas anáguas que o inspetor viu que o abdómen da mulher tinha sido aberto com uma incisão irregular que ia da base das costelas até à bélvis.

A mulher foi identificada através de uma marca do Asilo de Lambante estampilhado na sua anágua. Era Mary Ann Nicholls, uma prostituta que vivia numa casa de alojamento comum na Thrawl Street — um dos piores bairros de lata mesmo naquela zona assolada pela pobreza. Poucas horas antes da sua morte, ela tinha cambaleado de volta à casa de alojamento, com a fala arrastada pela bebida, e admitira que lhe faltavam os quatro cêntimos necessários para uma cama.

O encarregado tinha-a mandado embora. "Arranjarei o dinheiro num instante", gritara ela enquanto descia a rua. "Vejam que chapéu tão alegre eu tenho". Fora à procura de um homem que lhe desse o preço de uma cama em troca de um ato desconfortável de coito no passeio, num beco traseiro. O que acontecera, inferiu o médico legista, foi que o seu cliente lhe pusera as mãos à volta da garganta enquanto ela estava deitada no chão e a estrangulara até à inconsciência — havia hematomas no pescoço. Depois, cortara-lhe a garganta com dois golpes poderosos que quase separaram a cabeça, levantara-lhe a saia e esfaqueara e retalhara o seu estômago numa espécie de frenesim.

Curiosamente, o crime causou pouca sensação. Prostitutas eram frequentemente mortas nos bairros de lata de Londres, por vezes por bandos que exigiam dinheiro de proteção. No abril anterior, uma prostituta chamada Emma Smith tinha-se arrastado até ao Hospital de Londres, relatando que tinha sido atacada por quatro homens na Osborn Street. Tinham-lhe introduzido algum objeto, possivelmente uma barra de ferro, na vagina com tanta força que tinha penetrado no útero; ela morrera de peritonite. Em julho, partes desmembradas do corpo de uma mulher tinham sido recuperadas do Tamisa. E em 7 de agosto de 1888, uma prostituta chamada Martha Tabram fora encontrada morta num patamar dos George Yards Buildings, em Whitechapel; tinha sido esfaqueada trinta e nove

vezes com uma faca ou baioneta. Dois soldados foram interrogados sobre o seu assassínio, mas provaram ter um excelente álibi. Evidentemente, algum bruto sádico tinha rancor contra prostitutas; dificilmente era o tipo de história que apelasse aos leitores de jornais respeitáveis.

Essa atitude mudaria dramaticamente oito dias após o assassínio de Mary Ann Nicholls, quando outro corpo esventrado foi encontrado no quintal de uma barbearia na Hanbury Street, em Whitechapel. Era um lugar onde as prostitutas levavam frequentemente os seus clientes, e foi evidentemente o que Annie Chapman fez cerca das 5h30 da manhã de sábado, 8 de setembro de 1888; uma vizinha vira-a a falar com um homem de aspeto moreno, "de aparência estrangeira", vestido com roupas de uma pobreza remediada e usando um chapéu *deerstalker*. Meia hora depois, um inquilino chamado John Davis desceu as escadas e foi para o quintal, onde se situava a retrete. Viu o corpo de uma mulher encostado à vedação, com a saia levantada acima da cintura e as pernas dobradas pelos joelhos. O estômago tinha sido aberto e parte dos intestinos puxados para fora.

Tal como no caso de Mary Ann Nicholls, a causa da morte foi um golpe profundo na garganta. O assassino tinha colocado os anéis da mulher e algumas moedas aos seus pés e um envelope rasgado perto da sua cabeça. O exame médico revelou que o assassino também tinha removido o útero e a parte superior da vagina.

Subitamente, a imprensa despertou para o facto de o assassino desconhecido ser um maníaco sádico. O *Star* dessa tarde trazia a manchete: "Último Horrível Assassinato em Whitechapel". Quando a Sra. Mary Burridge, da Blackfriars Road, no sul de Londres, leu a história, colapsou e morreu "de um ataque". Sir Melville Macnaghten, mais tarde chefe do Departamento de Investigação Criminal (CID), escreveria eventualmente nas suas memórias: "Ninguém que vivesse em Londres naquele outono esquecerá o terror criado por estes assassínios. Ainda agora consigo recordar as noites de nevoeiro e ouvir de novo os gritos roucos dos ardinas: 'Outro horrível assassinato, assassinato, mutilação, Whitechapel'".

Na nossa própria era de violência em massa, achamos impossível imaginar o choque criado pelos crimes. Um jornalista que relatou os crimes começou mais tarde o seu relato num panfleto popular: "No longo catálogo de crimes compilado nos nossos dias modernos, nada se encontra, talvez, que tenha obscurecido tanto o horizonte da humanidade e sombreado a

visão da melhor natureza do homem como a série de misteriosos assassínios cometidos em Whitechapel durante a última parte de 1888". "Sombreado a visão da melhor natureza do homem" — era isto que tanto assustava os londrinos. Era como se um monstro inumano, uma espécie de demónio, tivesse começado a caçar nas ruas. A histeria varreu todo o país. Não houvera nada assim desde os assassínios da Ratcliffe Highway em 1811, quando duas famílias foram massacradas no leste de Londres e os chefes de família em toda a Inglaterra barricaram as suas portas à noite.

Em 29 de setembro de 1888, a Central News Agency recebeu uma carta que começava: "Caro Chefe, continuo a ouvir dizer que a polícia me apanhou, mas ainda não me vão tramar". Incluía a frase: "Não suporto putas e não pararei de as estripar até me apanharem" e prometia: "Em breve ouvirão falar de mim e dos meus joguinhos engraçados". Estava assinada "Jack, o Estripador" — a primeira vez que o nome fora usado. O escritor solicitava: "Guardem esta carta até eu fazer mais um bocado de trabalho, depois publiquem-na sem rodeios". A Central News Agency decidiu seguir o seu conselho.

Nessa noite, um sábado, o "estripador" matou de novo — desta vez não uma, mas duas prostitutas. À 1h00 da manhã de domingo, um vendedor ambulante chamado Louis Diemschutz conduzia o seu pónei e carroça para o quintal de um clube operário na Berner Street. O pónei assustou-se e Diemschutz viu algo deitado à frente das suas patas; um olhar mais atento mostrou-lhe que era o corpo de uma mulher. O Estripador ou estava no quintal naquele momento ou acabara de sair quando ouviu a aproximação do cavalo e da carroça. Quando Diemschutz regressou, momentos depois, com uma vela acesa, conseguiu ver que a garganta da mulher tinha sido cortada. Houvera também uma tentativa de lhe cortar a orelha. Foi mais tarde identificada como Elizabeth Stride, uma prostituta sueca alcoólica.

O assassino fora interrompido, mas o seu sangue-frio estava intato. Apressou-se a subir a Berner Street e ao longo da Commercial Road — este assassínio tinha sido mais longe do que os outros — e chegou à zona de Houndsditch mesmo a tempo de encontrar uma prostituta que tinha sido libertada da esquadra de Bishopsgate dez minutos antes. Chamava-se Catherine Eddowes e tinha sido detida por estar bêbada e causar desordem. Parece não ter tido dificuldade em convencer a mulher a acompanhá-lo até à Mitre Square, uma pequena praça rodeada de armazéns, a apenas algumas

centenas de metros de distância. Um polícia patrulhava a praça aproximadamente a cada quinze minutos e, quando passou por lá à 1h30, não viu nada de invulgar. À 1h45 encontrou o corpo de uma mulher deitado num canto da praça. Estava deitada de costas, com o vestido puxado até à cintura, e o seu rosto fora retalhado. O seu corpo fora aberto com golpes desde a base das costelas até à região púbica, e a garganta tinha sido cortada. Exames posteriores revelaram que faltava um rim e que metade de uma orelha tinha sido cortada.

O assassino tinha evidentemente ouvido a aproximação do polícia e abandonou apressadamente a praça por uma pequena passagem que sai do seu lado norte. Nessa passagem havia um lavatório comum, onde ele se deteve o tempo suficiente para lavar o sangue das mãos e, provavelmente, da faca. Na Goulston Street, a dez minutos a pé dali, descartou um pedaço ensanguentado do avental da sua vítima. O polícia que o encontrou também descobriu uma mensagem escrita a giz numa parede próxima: *"The Juwes are not the men that will be blamed for nothing"* (Os Judeus não são os homens que serão culpados por nada). O comissário da polícia, Sir Charles Warren, ordenou que as palavras fossem apagadas, apesar do apelo de um agente local do CID para que fossem fotografadas primeiro; ele temia que pudessem causar um motim contra os judeus, milhares dos quais viviam em Whitechapel.

Macnaghten admitiu mais tarde: "Quando o duplo assassinato de 30 de setembro ocorreu, a exasperação do público perante a não descoberta do autor não conheceu limites". A carta "Jack, o Estripador" foi tornada pública, e o assassino adquiriu imediatamente uma alcunha. E, logo na manhã de segunda-feira, a Central News Agency recebeu outra missiva — desta vez um postal — de Jack, o Estripador. Dizia: "Não estava a brincar, querido velho chefe, quando lhe dei a pista. Amanhã ouvirá falar do trabalho do Atrevido Jack. Evento duplo desta vez. A número um guinchou um bocado. Não consegui terminar logo. Não tive tempo de tirar as orelhas para a polícia. Obrigado por guardarem a última carta até eu voltar ao trabalho".

O público explodiu em fúria. Realizaram-se reuniões nas ruas, criticando a polícia. Exigiu-se a demissão de Sir Charles Warren. Como se suspeitava que o assassino fosse médico, homens que transportavam malas pretas achavam perigoso caminhar pelas ruas. A polícia decidiu

experimentar cães de busca, mas os animais perderam-se prontamente em Tooting Common.

Contudo, como o mês de outubro passou sem mais assassínios, o pânico começou a diminuir. Então, nas primeiras horas de 9 de novembro, o Estripador encenou o seu crime mais espetacular de todos. Mary Jeanette Kelly era uma jovem irlandesa de apenas vinte e quatro anos, que vivia num quarto barato em Miller's Court, junto à Dorset Street. Por volta das duas da manhã, foi vista a falar com um homem moreno de bigode farto; parecia bem vestido e tinha uma corrente de relógio de ouro. Entraram no beco estreito que levava ao seu alojamento: o quarto 13.

Às 10h45 da manhã seguinte, um cobrador de rendas bateu-lhe à porta, mas não obteve resposta. Passou a mão por um vidro partido da janela e afastou a cortina. O que viu fê-lo correr em busca de um polícia.

Jack, o Estripador, superara-se a si próprio. O corpo jazia sobre a cama, e as mutilações devem ter levado muito tempo — uma hora ou mais. Uma das mãos estava dentro do estômago aberto. A cabeça fora virtualmente removida e estava segura apenas por um pedaço de pele, tal como o braço esquerdo. Os seios e o nariz tinham sido removidos e a pele das pernas arrancada. O coração estava sobre a almofada e alguns dos intestinos pendiam em redor de um quadro. Os restos de uma fogueira ardiam na lareira, como se o Estripador a tivesse usado para se iluminar. Mas, desta vez, o exame médico revelou que o Estripador não levara nenhum dos órgãos internos; o seu longo exercício de mutilação tinha aparentemente satisfeito a sua febre sádica peculiar.

Este assassinato causou a maior sensação de todas. O chefe da polícia acabou por se demitir. O clamor público tornou-se mais forte do que nunca; até a Rainha Vitória fez sugestões sobre como apanhar o assassino. No entanto, o massacre de Mary Kelly provou ser o último dos crimes de Jack, o Estripador. A polícia, mal conseguindo acreditar na sua sorte à medida que as semanas e meses passavam sem mais atrocidades, chegou à conclusão de que o Estripador ou se tinha suicidado ou fora internado num manicómio. Um corpo retirado do rio no início de janeiro seguinte foi identificado como sendo o de um médico que se suicidara, e os detetives da Scotland Yard disseram a si mesmos que este era quase certamente Jack, o Estripador. Mas as suas afirmações nunca foram confirmadas.

Houve, naturalmente, muitas teorias fascinantes. Quarenta anos após os crimes, um jornalista australiano chamado Leonard Matters escreveu o primeiro livro completo sobre Jack, o Estripador. Terminava contando uma história extraordinária: como um cirurgião em Buenos Aires fora chamado à cabeceira de um inglês moribundo, que reconheceu como sendo o brilhante cirurgião Dr. Stanley, com quem estudara. Stanley contou-lhe uma história horrorosa.

Em 1888, o seu filho Herbert morrera de sífilis contraída de uma prostituta dois anos antes; o nome dela fora Mary Jeanette Kelly. O Dr. Stanley jurou vingar a morte de Herbert e rondou o East End de Londres à procura da mulher. Abordava prostitutas, interrogava-as sobre Mary Kelly, e depois matava-as para garantir que não tentavam avisá-la. Finalmente, encontrou a mulher que procurava e consumou a sua vingança. Depois partiu para a Argentina.

Matters admitiu que a sua própria pesquisa nos registos da Associação Médica Britânica não revelara nenhum Dr. Stanley nem ninguém que se assemelhasse a ele. Mas existem outras razões para considerar a história de Stanley como ficção. Se o Dr. Stanley estava apenas a tentar silenciar as suas primeiras quatro ou cinco vítimas, por que razão as esventrou? De qualquer modo, é improvável que a sífilis mate um homem em dois anos — dez é um período mais provável. Mas a prova mais conclusiva contra a teoria do Dr. Stanley é que Mary Kelly não sofria de sífilis.

Dez anos depois, um artista chamado William Stewart publicou *Jack the Ripper: A New Theory*. Stewart estudara o relatório do inquérito sobre Mary Kelly e descobriu que ela estava grávida na altura da sua morte. Apresentou a teoria notável de que Jack, o Estripador, era uma mulher — uma parteira que tinha ido ao quarto em Miller's Court para realizar um aborto. Depois de matar Mary Kelly num frenesim sádico, vestir-se-ia com as roupas sobresselentes dela e saíra, depois de queimar as suas próprias vestes ensanguentadas na lareira. A objeção imediata a esta teoria é que Mary Kelly não tinha roupas sobresselentes — era pobre demais. Mas a maior objeção é que nunca houve até hoje um caso de homicídio com mutilação sádica em que o assassino fosse uma mulher. A "Jill, a Estripadora" de Stewart é uma improbabilidade psicológica.

Em 1959, o jornalista Donald McCormick reanimou uma teoria que datava dos anos 1920. Um jornalista chamado William LeQueux

descrevera num livro intitulado *Things I Know* como, após a revolução russa, o governo Kerensky lhe permitira ver um manuscrito escrito em francês pelo "monge louco" Rasputine, encontrado num cofre na cave da casa de Rasputine. Chamava-se *Grandes Criminosos Russos* e declarava que Jack, o Estripador, era um maníaco sádico chamado Alexander Pedachenko, enviado para Inglaterra pela polícia secreta russa para embaraçar as forças policiais britânicas. Pedachenko, dizia LeQueux, fora mais tarde preso após tentar matar uma mulher em Tver (Kalinin). Na verdade, LeQueux escreveu três livros sobre Rasputine, todos cheios de invenção cínica. E embora tivessem sido escritos antes de *Things I Know*, nenhum deles menciona esta teoria extraordinária. Mas a maior objeção à teoria Rasputine-Pedachenko é que Rasputine não falava uma palavra de francês e vivia num apartamento no terceiro andar, numa casa sem cave.

No mesmo ano em que o livro de McCormick foi publicado, Daniel Farson investigou os assassínios do Estripador para um programa de televisão e conseguiu obter um "furo" extraordinário. Sir Melville Macnaghten dera a entender fortemente nas suas memórias que conhecia a identidade de Jack, o Estripador, e falara de três suspeitos, embora acabasse por descartar dois deles. Farson conseguiu obter as notas originais de Macnaghten e descobriu o nome deste suspeito principal: um advogado sem sucesso chamado Montague John Druitt — o homem cujo corpo fora encontrado no Tamisa no início de janeiro de 1889. Farson fez um trabalho de detetive notável e aprendeu muito sobre a vida e a morte de Druitt.

Infelizmente, quando os comentários de Macnaghten são examinados de perto, torna-se muito claro que ele sabia pouco ou nada sobre Druitt. Chama-lhe médico quando ele era advogado. Diz acreditar que Druitt vivia com a família, quando na verdade vivia num escritório (*chambers*), como a maioria dos advogados. Diz acreditar que a mente de Druitt cedeu após o seu "excesso" em Miller's Court e que ele se suicidou no dia seguinte. Sabemos que Druitt se matou três semanas depois e que o fez porque estava deprimido após visitar a mãe, que enlouquecera — temia que o mesmo lhe estivesse a acontecer. De facto, Macnaghten entrou para a polícia seis meses após os assassínios do Estripador terem terminado, e é óbvio que a sua teoria sobre Druitt era puro pensamento ilusório, sem um pingo de prova que a sustentasse.

Quando, em 1960, publiquei uma série de artigos intitulada "A Minha Busca por Jack, o Estripador" no *London Evening Standard*, fui convidado para almoçar por um velho cirurgião chamado Thomas Stowell, que me contou a sua própria teoria espantosa sobre a identidade do Estripador: tratava-se do neto da Rainha Vitória — o herdeiro do trono — o Duque de Clarence, que morrera durante a epidemia de gripe em 1892. Stowell disse-me que vira os documentos privados de Sir William Gull, médico da Rainha Vitória, e que Gull deixara cair pistas misteriosas sobre Clarence e Jack, o Estripador, além de mencionar que Clarence tinha sífilis, de que morrera.

Quando, posteriormente, perguntei a Stowell se podia escrever sobre a sua teoria, ele disse que não. "Poderia perturbar Sua Majestade". Mas, em 1970, decidiu publicá-la ele próprio numa revista chamada *The Criminologist*. É certo que não deu o nome do seu suspeito — chamou-lhe S — mas deixou dezenas de pistas de que se tratava de Clarence. Os jornalistas pegaram na história e esta causou uma sensação mundial. Stowell ficou tão abalado com toda a publicidade que morreu uma semana depois, tentando reparar o estrago ao afirmar que o seu suspeito não era o Duque de Clarence.

Um escritor chamado Michael Harrison, a trabalhar numa biografia de Clarence, releu cuidadosamente o artigo de Stowell e percebeu que havia muitas discrepâncias entre a carreira de S e a do Duque de Clarence. Concluiu que Sir William Gull se referira de facto a um suspeito como S, mas que não era o Duque de Clarence, e sim alguém que o conhecia de perto. Estudando os conhecidos de Clarence, descobriu o suspeito ideal: James Kenneth Stephen, poeta, advogado e homem da sociedade que se tornara nitidamente estranho após ser atingido na cabeça pela pá de um moinho de vento e que, tal como Clarence, morrera — num manicómio — em 1892. Harrison não teve dificuldade em descartar Clarence como suspeito, apontando que, na altura do assassinato em Miller's Court, Clarence estava a celebrar o aniversário do pai em Sandringham. Mas teve muito menos sucesso em encontrar sequer um grão de prova que ligasse Stephen aos crimes. É quase impossível imaginar o jovem esteta intelectual, autor de uma grande quantidade de versos publicados, a caçar prostitutas com uma faca.

O livro seguinte de relevo sobre Jack, o Estripador, intitulava-se otimistamente *Jack the Ripper: The Final Solution* (1976) e foi escrito por um jovem jornalista chamado Stephen Knight; ele estava a seguir uma história apresentada numa série da BBC chamada "The Ripper File", que por sua vez se baseava numa história assombrosa contada por Joseph "Hobo" Sickert, filho do famoso pintor vitoriano Walter Sickert. Esta história também envolvia o Duque de Clarence — embora desta vez não como o assassino.

De acordo com Hobo Sickert, o seu pai e o herdeiro do trono eram amigos íntimos, e o Duque ia frequentemente aos bairros pobres com o pintor boémio. No estúdio de Sickert na Cleveland Street, Soho, Clarence conheceu uma atraente jovem modelo de artista chamada Annie Crook. Ela tornou-se sua amante e, em 1885, deu à luz uma menina a quem chamaram Alice Margaret. Depois, segundo Sickert, Clarence e a amante casaram-se numa cerimónia privada.

A história torna-se ainda mais absurda. Quando o casamento secreto chegou aos ouvidos da Rainha Vitória, ela ficou horrorizada. Annie não era apenas uma plebeia, era católica. O Primeiro-Ministro, Lord Salisbury, deu ordens para que Annie e o bebé fossem raptados. Uma carruagem parou junto à casa no número 6 da Cleveland Street, e Annie e a sua filha bebé foram metidas lá dentro e levadas para um manicómio; ali, Sir William Gull realizou uma sinistra operação cerebral em Annie para que ela perdesse a memória. (Isto, aliás, é virtualmente impossível; mesmo hoje os cientistas não têm a certeza de onde reside a fonte da memória e, em 1888, a ignorância era total).

A criança, Alice, foi entregue a uma ama no East End de Londres — uma tal Mary Kelly. Eventualmente, Alice encontrou o caminho de volta para Walter Sickert e tornou-se sua amante. Joseph "Hobo" Sickert foi o fruto desta união. Mas Mary Kelly cometeu o erro de decidir chantagear a família real. Tinha partilhado o segredo com várias colegas prostitutas, e o Primeiro-Ministro decidiu que todas tinham de ser mortas. A tarefa foi entregue a Sir William Gull, que já tinha tendências sádicas de qualquer modo.

O seu método era complicado mas original; circulava pelas ruas de Whitechapel numa carruagem até ver a sua futura vítima, que seria então atraída para o interior e esventrada. O seu cocheiro, um homem chamado

Netley, era cúmplice. (Uma teoria mais recente sugere que o próprio Netley era Jack, o Estripador). E como Gull era também maçom, deixou várias pistas sob a forma de alusões a rituais maçónicos, como os objetos dispostos tão cuidadosamente em redor de Annie Chapman e a grafia incorreta de judeus como *Juwes*. Mary Kelly, claro, foi a vítima final.

Não é claro se Knight acreditava neste incrível amontoado de disparates. Provavelmente não. Ele sabia que Gull sofrera um AVC em 1887 e teria sido incapaz de cometer os assassínios. E um colega investigador chamado Simon Wood descobrira o livro de rendas de Annie Crook e verificara que ela deixara a morada da Cleveland Street em 1886, um ano antes de supostamente ter sido raptada. Além disso, os registos mostram que ela viveu uma vida perfeitamente normal até 1920, quando morreu num asilo. A sua religião era a Igreja de Inglaterra, não a Católica Romana. Simon Wood contou tudo isto a Knight logo após a publicação de *The Final Solution*, mas Knight não fez qualquer tentativa de corrigir os seus "factos" na edição de bolso. Como o seu livro se tinha tornado um *bestseller*, não era do seu interesse admitir que fora enganado por Hobo Sickert.

Foi, de facto, o próprio Hobo Sickert quem tirou o tapete a Knight, admitindo publicamente que a parte de Jack, o Estripador na sua história era pura invenção. Insistiu, no entanto, que a história de Annie Crook dar à luz a filha do Duque de Clarence — e de a filha se tornar a sua própria mãe — era verdadeira. E nisto estaria provavelmente a ser sincero. A parte mais convincente do livro de Knight é a descrição das várias "pistas" do caso que Sickert inseriu nas suas pinturas.

De facto, esta parte da história foi confirmada — ou pelo menos fortemente apoiada — num livro intitulado *Sickert and the Ripper Crimes* (1990) de Jean Overton Fuller. Este demonstra também que Hobo Sickert não inventou a sua história de Jack, o Estripador do nada; parece que uma coincidência notável o levou a acreditar que havia alguma ligação entre o Duque de Clarence e os assassínios do Estripador.

A mãe de Jean Overton Fuller tinha uma amiga chamada Florence Pash, uma artista que era também íntima de Walter Sickert. Florence dissera à Sra. Fuller que Sickert conhecia a identidade de Jack, o Estripador e que ele carregara um segredo sinistro consigo para o resto da vida — um segredo que, por vezes, o fazia temer pela própria vida. Florence Pash

confirmou também que Mary Kelly trabalhara para Sickert como ama antes dos assassínios. Sabemos que Sickert era obcecado pelos crimes do Estripador e que pintou vários quadros baseados neles. Tudo isto, segundo Jean Fuller, prova que o próprio Sickert era Jack, o Estripador e que o seu motivo era matar as prostitutas chantagistas que conheciam o segredo de Annie Crook.

Isto é obviamente absurdo. Por que razão andaria Sickert a assassinar prostitutas porque elas sabiam que o Duque de Clarence fora pai de uma filha ilegítima? Proteger o bom nome do seu amigo real é obviamente um motivo insuficiente. Além disso, Jack, o Estripador era um sádico que gostava de esventrar mulheres. Walter Sickert parece ter sido um dos homens mais desagradáveis e mimados que alguma vez viveu, mas, tanto quanto sabemos, não era sádico.

O que a evidência de Florence Pash parece provar é que o Duque foi realmente pai de uma filha ilegítima, que se tornou a mãe de Joseph Sickert. Confirma também a parte mais improvável da história de Hobo Sickert: a de que Mary Kelly serviu de ama ao bebé. Ela pode até ter tentado chantagear Sickert. Mas mesmo sem o motivo da chantagem, conseguimos compreender por que razão Sickert pensou ser o guardião de um segredo assustador.

Quando Mary Kelly se tornou — quase certamente por puro acaso — a vítima final do Estripador, ele deve ter tido a certeza de que o braço longo de Buckingham Palace estava envolvido. E quando Hobo Sickert, o filho de Walter Sickert e Annie Crook, veio a saber deste conto de um romance real seguido de assassinato, passou compreensivelmente a acreditar que o Palácio estava de alguma forma envolvido nos crimes. Pelo menos o livro de Fuller permite-nos compreender como toda esta história tola veio a ser inventada.

Mas isso deixa-nos com a questão: Quem foi o Estripador? Em 1988, o centenário dos crimes, meia dúzia de livros propuseram novas teorias — ou velhas teorias com um novo fôlego.

O livro de Martin Fido, *Crimes, Detection and Death of Jack the Ripper*, regressou às notas originais de Macnaghten, que listavam três homens como os principais suspeitos: Druitt (que já descartámos), um médico russo louco chamado Ostrog (a origem de "Pedachenko") e um

judeu polaco louco chamado Kosminski, que foi internado num manicómio em 1889. Sir Robert Anderson, o Comissário Assistente da Polícia, deixou registado o comentário de que o Estripador era um judeu polaco. Fido examinou os registos dos manicómios e encontrou um homem chamado Aaron Kozminski, que morreu em 1891; mas este sofria de delírios paranoides e carecia obviamente da astúcia e inteligência para ser o Estripador.

Uma busca posterior, contudo, descobriu um Nathan Kaminsky, tratado de sífilis em março de 1888, mas sobre quem nada mais se sabe. Fido identifica-o como David Cohen, outro judeu polaco, que foi internado num manicómio em dezembro de 1888 e morreu no ano seguinte; Cohen era demasiado violento para conviver com os outros pacientes. Fido especula que um homem que murmurasse o seu nome como "Nathan Kamin" poderia ter sido mal interpretado como dizendo "David Cohen". Isto é verdade; também é verdade que Cohen poderia ter sido Jack, o Estripador. Mas não existe um pingo de prova real de que o tenha sido.

Paul Begg, outro "estripadorólogo", assinala em *Jack the Ripper: Uncensored Facts* que um colaborador próximo de Anderson, D. S. Swanson, escreveu na margem da autobiografia de Anderson o comentário de que o judeu polaco morreu no "Seaside Home". Isto parece excluir Kaminsky-Cohen como o Estripador.

Em *The Ripper Legacy*, Martin Howells e Keith Skinner descrevem a sua investigação infrutífera sobre uma "ligação australiana" mencionada por Daniel Farson: a noção de que o primo de Druitt, Lionel, se mudou para a Austrália e escreveu um panfleto intitulado "Jack the Ripper – I Knew Him" (Jack, o Estripador – Eu Conhecia-o). Esta pista não deu em nada. No entanto, Howells e Skinner apoiam a conclusão de Farson de que Druitt era Jack, o Estripador, e sugerem que o seu "suicídio" no Tamisa foi na verdade um assassinato — que antigos associados dos seus tempos de Cambridge, uma sociedade chamada *The Apostles*, souberam que ele era o Estripador e mataram-no para evitar um escândalo. O livro revela a sua notável tenacidade como investigadores, mas a sua teoria contém tantos "ses" como a de Martin Fido.

O "mago negro" Aleister Crowley estava convencido de que o Estripador era outro "mago" de nome Roslyn D'Onston Stevenson (que preferia ser chamado de "D'Onston"), que cometeu os crimes como parte de

um ritual para obter poderes mágicos supremos. Crowley conta uma história absurda sobre como D'Onston comeu partes dos corpos na cena do crime e, ao fazê-lo, manchou as suas gravatas com sangue. As gravatas ensanguentadas foram depois encontradas numa caixa de lata debaixo da cama de D'Onston pela sua senhoria lésbica.

De facto, D'Onston escreveu uma carta à Scotland Yard afirmando conhecer a identidade de Jack, o Estripador: um médico chamado Morgan Davies. Os seus fundamentos para esta crença eram que tinha ouvido Davies descrever os assassínios a alguns colegas médicos e encenar os crimes com um realismo macabro que convenceu D'Onston de que Davies os tinha realmente cometido. A polícia parece ter tratado o assunto como apenas mais uma carta de um lunático. Em *A Casebook on Jack the Ripper* (1976), o criminologista Richard Whittington-Egan analisou a teoria de D'Onston detalhadamente, mas concluiu que D'Onston era um fantasiador e uma espécie de vigarista.

Um amigo de Whittington-Egan, Melvin Harris, decidiu investigar D'Onston e descobriu que Whittington-Egan fora pouco justo. Muitas das "fantasias" de D'Onston sobre o seu serviço na Índia e combates sob as ordens de Garibaldi revelaram-se verdadeiras. O livro de Harris, *Jack the Ripper: The Bloody Truth*, é uma peça de investigação impressionante. Mas falha totalmente em explicar por que razão um homem que foi à polícia alegar que outra pessoa era Jack, o Estripador (com fundamentos que não podem ser levados a sério), seria ele próprio o assassino de Whitechapel.

Outra brilhante peça de investigação foi levada a cabo por um contabilista de Norwich chamado Steward Hicks, que pesquisou nos registos de loucura de 1888 e encontrou o nome de um médico chamado John Hewitt, que fora paciente em Coton Hill, um manicómio em Staffordshire. Walter Sickert descreveu uma vez como tinha alugado um quarto perto de Camden Town e como a sua senhoria estava convencida de que um dos seus inquilinos anteriores, um estudante de veterinária chamado John Hewitt, era Jack, o Estripador — Hewitt queimara todas as suas roupas na lareira (presumivelmente para destruir manchas de sangue) e ficava frequentemente fora toda a noite. A mãe de Hewitt acabou por o levar para Bournemouth, onde ele morreu de tuberculose.

Poderia ser, questionou Hicks, que a mãe de Hewitt tivesse percebido que ele era Jack, o Estripador e o tivesse internado num manicómio em

Staffordshire? A sua investigação revelou que Hewitt morrera de "paralisia geral dos loucos" em 1892, pelo que poderia ser o Estripador. Hicks abordou-me com a sua teoria e eu pude ajudá-lo a obter acesso aos registos do manicómio de Coton Hill, que tinham sido transferidos para o manicómio de Staffordshire. Infelizmente, estes revelaram que Hewitt se tinha internado no manicómio antes de os assassínios começarem. Havia, contudo, ainda uma ténue esperança para a teoria do Sr. Hicks.

Como Hewitt se tinha internado voluntariamente, era-lhe permitido entrar e sair conforme quisesse. Se ele estivesse ausente nas datas dos crimes de Whitechapel, isso constituiria uma prova circunstancial quase esmagadora de que ele era o Estripador. Lamentavelmente, quando Hicks finalmente obteve acesso total aos papéis no *Public Records Office*, estes deixaram claro que as datas em que Hewitt esteve ausente do manicómio não coincidiam com as datas dos assassínios. Hicks diz-me que, apesar disto, ainda acredita que poderá encontrar provas para mostrar que Hewitt poderia ter sido Jack, o Estripador. Desejo-lhe sorte, mas não consigo partilhar o seu otimismo.

Outras teorias que surgiram por volta da altura do centenário do Estripador são de que o assassino era Frank Miles, um artista homossexual que era amigo de Oscar Wilde (e que morreu louco), e de que era Joseph Barnett, o homem que vivera com Mary Kelly até pouco antes do seu assassinato. A teoria de Frank Miles — defendida pelo Sr. Thomas Toughill — está sujeita à mesma objeção que a teoria de Harrison sobre Stephen: que jovens poetas (ou artistas) altamente instruídos e "estetas" não são propensos a dedicar-se a esventramentos. Bruce Paley, autor da teoria de Joseph Barnett, tem um argumento mais forte, no sentido de que quem quer que tenha matado Mary Kelly trancou a porta ao sair — no entanto, sabe-se que a chave estava desaparecida há algum tempo. Barnett poderia facilmente ter ficado com a chave. Por outro lado, esta pode simplesmente ter reaparecido antes de Mary Kelly ser morta. E como Barnett é conhecido por ter sido um homenzinho pacato, a teoria de que ele matou cinco mulheres porque estava loucamente apaixonado por Mary e desaprovava o seu hábito de se prostituir é, no mínimo, improvável.

Jack the Ripper: Summing Up and Verdict, da minha autoria e de Robin Odell, também apareceu durante o centenário. Em *Jack the Ripper in Fact and Fiction* (1965), Robin Odell sugerira que Jack, o Estripador era

um *shochet* judeu, ou matador ritual, cujas tendências sádicas foram estimuladas pela sua profissão até começar a matar mulheres. Isto é concebível — exceto que é difícil perceber por que razão um sádico cujo trabalho envolvia abater gado cortando-lhes a garganta sentiria a necessidade de matar mulheres. E como todos os registos que poderiam ter permitido a Odell identificar o seu matador foram destruídos durante a Segunda Guerra Mundial, parece que devemos considerar a sua teoria como mais uma interessante hipótese.

Desde o início da década de 1980, o fenómeno do assassinato em série captou a imaginação do público, e estudos psicológicos cuidadosos — particularmente pela Unidade de Ciência Comportamental do FBI em Quantico, Virgínia — lançaram uma nova luz importante sobre o fenómeno. O que podem eles dizer-nos sobre Jack, o Estripador? Para começar, a grande maioria dos assassinos em série emergiu de contextos de classe trabalhadora. O assassino em série de classe média ou alta é virtualmente desconhecido — presumivelmente porque o tipo de frustrações que leva ao assassinato múltiplo tende a brotar da pobreza infantil e dos maus-tratos. Isto significa que podemos, com relativa confiança, descartar todas as teorias que envolvam um Estripador de classe alta (ou mesmo um médico de classe média como o Dr. Stanley de Matters ou o Morgan Davies de D'Onston).

Devemos também reconhecer que parte do fascínio dos crimes do Estripador reside na noção errada de que o assassino deve ter sido um mestre do crime, uma espécie de Drácula que preferia mutilar as suas vítimas em vez de lhes beber o sangue. Na verdade, o aspeto surpreendente sobre a maioria dos assassinos em série é que tendem a ser indivíduos comuns e banais. Em muitos casos, parecem tão gentis e educados que os seus conhecidos acham impossível acreditar que fossem capazes de matar. O Estrangulador de Boston, Albert DeSalvo, enquadra-se nesta categoria; o mesmo acontece com Peter Kürten, o sádico de Düsseldorf, e Earl Nelson, o Assassino Gorila — um jovem charmoso que gostava de discutir a Bíblia.

Em muitos casos, o próprio assassino é totalmente incapaz de compreender os impulsos que o levam a matar, e os criminologistas admitem estar igualmente baralhados. Em setembro de 1980, quatro homens negros foram baleados com uma espingarda calibre .22 em Buffalo e Niagara Falls; em outubro, dois taxistas negros foram esfaqueados até à

morte e os seus corações arrancados. O assassino abrira as caixas torácicas e parecia possuir alguma habilidade médica. Em dezembro de 1980, quatro homens negros foram esfaqueados até à morte em Nova Iorque por um homem que simplesmente se aproximou deles na rua.

No janeiro seguinte, um soldado de dezoito anos chamado Joseph C. Christopher — branco — atacou um soldado negro com uma faca de descascar batatas e tentou depois castrar-se a si próprio. Sob custódia, Christopher confessou ser o "Retalhador de Buffalo", bem como o assassino da .22 e o maníaco da faca de Nova Iorque. As pessoas que conheceram Christopher em Buffalo ficaram estupefactas; ele era um adolescente calmo e comum, que não era conhecido como racista ou homossexual. (Todas as vítimas eram do sexo masculino). Tinha sido criado num bairro italiano por um pai dominante e uma mãe passiva — nesse aspeto assemelhava-se ao Estrangulador de Boston — e adorava o pai, que o ensinara a disparar. Christopher fora muito afetado pela morte do pai, ocorrida em 1976, quando ele tinha catorze anos. Ele próprio parecia não ter ideia de por que razão tinha matado. Como "monstro", Joe Christopher é uma deceção total. No entanto, fornece-nos uma imagem mais realista do assassino em série do que a noção de um maníaco furioso.

A probabilidade é que Jack, o Estripador fosse tão "comum" e tão banal quanto Christopher. Provavelmente nem sequer era louco, como "Pedachenko", ou violento, como Kaminsky-Cohen. Por isso, não há quase certamente esperança de estabelecer a sua identidade mais de um século após os crimes. Ele era um "ninguém".

Contudo, curiosamente, existe um suspeito que se ajusta a esta descrição de um "ninguém assassino". Depois de Daniel Farson ter apresentado o seu programa de televisão sobre Jack, o Estripador em 1959, recebeu uma carta de um homem que assinava como G.W.B. e que explicava ser um idoso de setenta e sete anos que vivia em Melbourne, na Austrália. Escreveu:

"Quando eu era um miúdo, por volta de 1889, estava a brincar na rua cerca das 21h00 quando a minha mãe chamou: 'Entra, Georgie, senão o JTR [Jack, o Estripador] apanha-te'. Nessa noite, um homem deu-me uma festinha na cabeça e disse: 'Não te preocupes, Georgie. Tu serias a última pessoa em quem o JTR tocaria'. [Este homem era aparentemente o próprio pai de Georgie, que nasceu em 1850 e teria, portanto, trinta e oito anos na

altura dos crimes.] O meu pai era um bêbado terrível e noite após noite chegava a casa e dava pontapés na minha mãe e em nós, crianças, de forma cruel. Por volta do ano de 1902 aprendi boxe e, depois de me sentir capaz de me defender, ameacei o meu pai dizendo que, se ele pusesse a mão na minha mãe ou irmãos, eu dar-lhe-ia uma tareia.

Ele nunca mais o fez, mas vivíamos na mesma casa e nunca falávamos um com o outro. Mais tarde, emigrei para a Austrália. Tinha partida marcada com três dias de antecedência e a minha mãe pediu-me para me despedir do meu pai. Foi então que ele contou a sua história imunda e por que razão cometeu aqueles assassínios terríveis, e aconselhou-me a mudar de nome porque ele confessaria antes de morrer. Uma vez estabelecido em Melbourne, assumi outro nome. No entanto, o meu pai morreu em 1912 e eu estive atento aos jornais, esperando um anúncio sensacional."

Isto, claro, nunca aconteceu. A explicação de Georgie para o alcoolismo pesado do pai é que ele sempre quisera uma filha, mas que o seu primeiro filho — uma menina — era imbecil; os filhos seguintes foram todos rapazes. "Durante a confissão daqueles crimes horríveis, ele explicou que não sabia o que estava a fazer, mas que a sua ambição era embebedar-se e sentia um impulso de matar todas as prostitutas que o abordavam".

O seu pai, explicou Georgie, era um apanhador de estrume e, numa ocasião, após matar uma mulher, removera o seu par de calças exterior, que estava saturado de sangue, e escondera-as no estrume. Mais tarde, enquanto o seu parceiro ia comer uma refeição de salsicha com puré, Jack (este era o nome do pai) enterrou-se no estrume para se manter quente e, ao ouvir um polícia fazer perguntas sobre Jack, o Estripador, sentiu-se "morto de medo".

Muitos assassinos sádicos cometem os seus crimes apenas depois de terem bebido muito, e o relato de "Georgie" sobre o seu pai soa psicologicamente verdadeiro. Um indivíduo altamente dominante, um rufia que batia na mulher e provavelmente sentia desprezo por todas as mulheres, poderia muito bem ter sentido uma espécie de raiva homicida ao ser abordado por prostitutas. Também é difícil imaginar por que razão um homem de setenta e sete anos se daria ao trabalho de escrever uma carta anónima de Melbourne com uma história completamente falsa. E, assumindo que a sua história é verdadeira, é igualmente difícil perceber por que razão o seu pai inventaria a história de ser Jack, o Estripador.

É possível que, mesmo a esta distância temporal, uma verificação dos registos dos navios com destino à Austrália em 1902 pudesse revelar a identidade de "G.W.B." e que isto, por sua vez, pudesse levar à descoberta da identidade de um homem chamado Jack (apelido provavelmente começando por B) que nasceu em 1850, morreu em 1912 e era apanhador de estrume em Whitechapel em 1888. Não teríamos meios de ter a certeza de que este homem era Jack, o Estripador; mas parecer-me-ia, de longe, o candidato mais provável.

Posfácio a Jack, o Estripador

Em 1993, um novo — e altamente plausível — candidato foi adicionado à lista quando foi publicado um livro intitulado *The Diary of Jack the Ripper*. O autor do Diário (encontrado rabiscado num velho caderno) era James Maybrick, um comerciante de algodão de Liverpool, cuja jovem esposa Florence foi acusada de o envenenar. Florence foi considerada culpada e condenada à morte, mas mais tarde a pena foi comutada. O Diário revelava que Maybrick era um "comedor de arsénico" (em pequenas quantidades o arsénico é um estimulante poderoso) e que era levado a um frenesim de ciúmes pelas infidelidades da sua jovem esposa. Maybrick passava muito tempo em Whitechapel por razões de negócios e, de acordo com o Diário, descarregava a sua fúria contra Florence assassinando prostitutas. Embora a autenticidade do Diário tenha sido amplamente questionada, provas internas poderosas sugerem que foi escrito por James Maybrick e que Maybrick era Jack, o Estripador.

28

Terá Joana d'Arc Regressado dos Mortos?

A 30 de maio de 1431, Joana d'Arc foi queimada como herética pelos ingleses; tinha apenas dezanove anos. Considerava-se uma mensageira do Céu, enviada para salvar os franceses dos seus inimigos, os ingleses (que estavam aliados aos borgonheses que a capturaram). Aos treze anos, Joana começou a ouvir vozes, que mais tarde identificou como sendo as de S. Gabriel, S. Miguel, S. Margarida e S. Catarina.

Quando a notícia do cerco de Orleães chegou à sua pequena aldeia na Lorena, Domrémy, as suas vozes disseram-lhe para ir levantar o cerco. A

sua carreira militar foi breve mas espetacular: num ano obteve muitas vitórias notáveis e viu Carlos VII ser coroado em Reims. Depois foi capturada pelos borgonheses, vendida aos ingleses por dez mil francos, julgada como bruxa e queimada viva.

Mas esse, curiosamente, não foi bem o fim da "Donzela". "Ora, um mês depois de Paris ter regressado à sua lealdade ao Rei Carlos", escreve Anatole France, "apareceu na Lorena uma certa donzela. Tinha cerca de vinte e cinco anos. Até então fora chamada Claude; mas agora deu-se a conhecer a diversos senhores da cidade de Metz como sendo Joana, a Donzela".

Isto foi em maio de 1436, cinco anos depois de Joana ter morrido na fogueira.

Soa muito obviamente como se algum impostor tivesse decidido fazer-se passar por Joana, a Donzela. Mas há algumas provas espantosas que sugerem que não é assim. Os dois irmãos mais novos de Joana, Petit-Jean e Pierre, continuavam a servir no exército, e não tinham qualquer dúvida de que a sua irmã fora queimada em Rouen. Assim, quando ouviram que uma mulher que afirmava ser Joana estava em Metz, e que manifestara o desejo de os encontrar, os irmãos apressaram-se a ir a Metz — Petit-Jean não estava longe, sendo o preboste de Vaucouleurs. Um cronista descreve como os irmãos foram à aldeia de La-Grange-aux-Ormes, a duas milhas e meia a sul de Metz, onde se realizava um torneio.

Um cavaleiro de armadura galopava à volta de um percurso com obstáculos e arrancava estacas do chão com perícia; era essa a pessoa que afirmava ser a sua irmã. Os irmãos entraram a cavalo no campo, preparados para desafiar o impostor. Mas quando Petit-Jean exigiu: «Quem és tu?», o "impostor" levantou a viseira, e ambos os irmãos ficaram boquiabertos de espanto ao reconhecerem a sua irmã Joana.

Na verdade, Joana estava rodeada por várias pessoas que a tinham conhecido durante o seu ano espetacular a combater os ingleses, incluindo Nicole Lowe, o camareiro do rei. Se ela fosse de facto uma impostora, parece absurdo que fosse para um lugar onde teria a certeza de ser reconhecida. (João de Metz fora um dos seus primeiros e mais leais apoiantes.) E no dia seguinte os seus irmãos levaram-na para Vaucouleurs,

onde ela passou uma semana, aparentemente aceite por muitas pessoas que a tinham visto ali sete anos antes, quando fora ver o escudeiro local Robert de Baudricourt, para lhe pedir que a enviasse para ver o Delfim, o herdeiro do trono. Depois disso passou três semanas numa pequena vila chamada Marville, e em seguida fez uma peregrinação para ver a Virgem Negra chamada Notre Dame de Liance, entre Laon e Reims. Depois foi ficar com Isabel, Duquesa do Luxemburgo, em Arlon. Entretanto o seu irmão Petit-Jean foi ver o rei e anunciou que a sua irmã Joana ainda estava viva. Não sabemos qual foi a reação do rei, mas ordenou ao seu tesoureiro que desse a Petit-Jean cem francos. Uma entrada nas contas do tesouro de Orleães, de 9 de agosto de 1436, declara que o conselho autorizou o pagamento a um correio que trouxera cartas de "Jeanne la Pucelle" (Joana, a Donzela).

Os registos destes acontecimentos encontram-se na obra padrão fundamental sobre Joana d'Arc, Trial and Rehabilitation of Joan of Arc (1841), em cinco volumes, de Jules Quicherat, que contém todos os documentos originais. Um desses documentos afirma que, em 24 de junho de 1437, os poderes milagrosos de Joana regressaram a ela. Nessa altura tornara-se uma espécie de protegida do conde Ulrich de Württemberg, que a levou para Colónia. Aí envolveu-se num conflito entre dois eclesiásticos que eram rivais pela diocese; um fora nomeado pelo cabido, o outro pelo papa.

O conde Ulrich favorecia um chamado Udalric, e Joana aparentemente também se pronunciou a seu favor. Mas a sua intervenção não serviu de nada; o Concílio de Basileia considerou Udalric um usurpador, e o nomeado do papa foi designado. O inquisidor-geral de Colónia ficou curioso acerca da hóspede do conde (lembre-se que isto foi no auge da "febre da bruxaria"), e aparentemente ficou chocado ao saber que ela praticava magia, e que dançava com homens e comia e bebia mais do que devia. (A magia soa mais a prestidigitação: rasgou uma toalha de mesa e restituiu-a ao seu estado original, e fez o mesmo com um copo que partiu contra uma parede.) Ele convocou-a à sua presença, mas ela recusou comparecer; quando foram enviados homens para a trazer, o conde escondeu-a na sua casa e depois tirou-a da cidade às escondidas. O inquisidor excomungou-a. De regresso a Arlon, a ficar com a Duquesa do Luxemburgo, conheceu um nobre chamado Robert des Armoires e — sem dúvida para espanto dos seus seguidores — casou com ele. (A Joana original fizera voto de castidade perpétua sob uma "árvore das fadas" em

Domrémy.) Depois mudaram-se para Metz, onde Robert tinha uma casa, e nos três anos seguintes ela deu à luz dois filhos.

Dois anos mais tarde, no verão de 1439, a "Dame des Armoires" foi a Orleães, cujos magistrados lhe ofereceram um banquete e lhe presentearam 210 libras como forma de agradecer os seus serviços à cidade durante o cerco. Curiosamente, esses mesmos burgueses tinham pago missas em memória da morte da Donzela três meses antes; presumivelmente devem ter mudado de opinião entretanto. Depois de 1439 as missas cessaram.

Após duas semanas deixou Orleães com alguma pressa, segundo um cronista, e foi para Tours, onde enviou uma carta ao rei por intermédio do bailio da Turena, Guillaume Bellier, que fora o anfitrião da Donzela dez anos antes. Além disso, pouco depois foi para Poitou, onde parece ter recebido o comando nominal de um lugar chamado Mans — presumivelmente pelo rei que ela entronizara. Depois o rei transferiu esse comando para o antigo companheiro de armas de Joana, Gilles de Rais. Desde os dias em que combatera ao lado de Joana diante das muralhas de Paris, Gilles começara a praticar magia negra — numa tentativa de restaurar a sua fortuna, drenada pelos seus excessos — e tornara-se um assassino sádico de crianças. No ano seguinte, 1440, Gilles seria julgado e condenado a ser enforcado e queimado.

Entretanto — supondo que tenha encontrado a Dame des Armoises (o que parece praticamente certo, uma vez que ela teve de lhe entregar o seu comando) — ele parece tê-la aceite como a sua antiga companheira de armas. Também a colocou em autoridade sobre os homens de armas.

Em 1440 Joana foi finalmente a Paris e encontrou-se com o rei. E pela primeira vez sofreu um revés; após a reunião o rei declarou que ela era uma impostora. Pode ser significativo que o tenha feito depois da entrevista. Certamente, se pudesse ver que ela era uma fraude, tê-lo-ia dito na altura? Chegou mesmo a tentar aplicar-lhe o mesmo estratagema que experimentara no primeiro encontro onze anos antes, escondendo-se e pedindo a um dos seus homens que se fizesse passar por ele. Mas, como na ocasião anterior, Joana não se deixou enganar; caminhou diretamente até ao rei e ajoelhou-se a seus pés, ao que o rei disse: «Pucelle, minha querida, és bem-vinda de regresso em nome de Deus». Parece, no mínimo, estranho que então tenha decidido que ela era uma impostora.

E agora, segundo o diário "de um Burguês de Paris", Joana foi presa, julgada e exibida publicamente como uma malfeitora. Foi pregado um sermão contra ela, e foi forçada a confessar publicamente que era uma impostora. A sua história, segundo o "Burguês de Paris", era que por volta de 1433 fora a Roma procurar absolvição por ter agredido a sua mãe. Disse que se alistara como soldado na guerra ao serviço do Santo Padre Eugénio, e usara traje masculino. Isso, presumivelmente, deu-lhe a ideia de fingir ser a Donzela . . .

Mas toda esta história é extremamente duvidosa. Para começar, Joana regressou então a Metz e continuou a ser aceite como "la Pucelle". Em 1443 o seu irmão Pierre refere-se a ela numa petição como "Jeanne la Pucelle, minha irmã", e o seu primo Henry de Voulton menciona que Petit-Jean, Pierre e a sua irmã la Pucelle costumavam visitar a aldeia de Sermaise e festejar com os parentes, todos os quais a aceitavam. Catorze anos depois ela aparece na cidade de Saumur e é novamente aceite pelos oficiais da cidade como a Donzela. E depois disso desaparece da história, presumivelmente vivendo o resto da sua vida tranquilamente com o marido em Metz.

Que devemos então fazer da história de que o rei a declarou impostora e de que ela o admitiu publicamente? Em primeiro lugar, a sua única fonte é o "diário de um Burguês de Paris". Isso em si é estranho, se ela esteve envolvida num escândalo tão público. Além disso, o "burguês" era hostil à Joana anterior, nos dias antes da sua execução. Anatole France menciona que o povo comum de Paris estava num estado febril de excitação com a notícia de que a Donzela ainda estava viva e regressava a Paris. A Universidade de Paris continuava profundamente hostil à Donzela, que fora condenada como bruxa.

A sua sentença só podia ser revertida pelo papa, e ele não dava sinal de o fazer, apesar de um movimento para reabilitar Joana. Assim, no que dizia respeito aos clérigos e magistrados de Paris, o regresso de Joana teria sido apenas um embaraço. Quanto às autoridades da Igreja que tentavam que a Donzela fosse declarada inocente (conseguiram em 1456, e Joana foi finalmente canonizada em 1922), teriam encontrado no regresso da sua heroína — viva, saudável e casada — um obstáculo à sua campanha patriótica. O rei deve ter-se visto sob uma pressão intolerável para declarar

Joana impostora. Afinal, se a declarasse genuína, então seria "oficial", e ninguém em França teria o direito de duvidar da sua identidade.

Além disso, haveria alguma questão de reconhecimento público . . . Por outro lado, se exprimisse dúvidas acerca dela, todo o escândalo ficaria desarmado. Ela poderia regressar a casa e desaparecer de vista. E todos ficariam muito mais satisfeitos. E isso, ao que parece, é precisamente o que aconteceu.

Anatole France toma como certo que a Dame des Armoises era uma impostora. Mas a sua biografia de Joana d'Arc está impregnada da sua famosa ironia e defende que ela era uma camponesa iludida; France era basicamente um discípulo de Voltaire. A ideia de que ela era uma impostora é de facto a explicação mais simples. Mas deixa-nos perante o problema: por que razão, nesse caso, tantas pessoas que conheciam "a Donzela" aceitaram a Dame des Armoises como genuína? É concebível que os seus irmãos tenham decidido que lhes seria vantajoso ter a sua famosa irmã viva, e assim tenham tolerado a impostura. Mas por que razão tantos antigos companheiros teriam concordado em apoiar a história?

A Dame des Armoises nunca, tanto quanto sabemos, explicou como escapou às chamas. Mas presumivelmente não saberia a resposta a essa questão. Saberá apenas que fora resgatada, e que outra pessoa morrera no seu lugar — talvez outra "bruxa". É fácil ver como isso poderia ter acontecido. Sabemos que Joana era uma jovem extraordinariamente persuasiva, e que dezenas de pessoas, de Robert de Baudricourt ao Delfim, que começaram por supor que ela era louca, acabaram por acreditar que era guiada por vozes divinas. Sabemos que mesmo em tribunal Joana declarou que podia ouvir Santa Catarina a dizer-lhe o que responder.

Mesmo no seu julgamento tinha certos amigos; um padre chamado Loyseleur era seu conselheiro. Quando Joana se queixou da conduta dos seus dois guardas, o conde de Warwick ficou furioso e substituiu-os por outros dois guardas — o que sugere que o conde a tinha em alta consideração. Assim, não seria de todo surpreendente se tivesse havido um plano bem-sucedido para a resgatar. E é possível que os próprios ingleses possam ter estado envolvidos nesse plano; quando Joana foi aparentemente queimada na fogueira em Rouen, a multidão foi mantida à distância por oitocentos soldados ingleses, o que obviamente impediria qualquer pessoa de se aproximar o suficiente para a reconhecer. No julgamento para a sua

reabilitação em 1456, o testemunho do carrasco era inteiramente em segunda mão, embora três dos companheiros de Joana que estavam com ela no "fim" — Ladvenu, Massieu e Isambard — estivessem realmente presentes. Se Joana foi resgatada, presumivelmente eles também estiveram envolvidos no plano.

A própria reabilitação tem os seus aspetos farsescos. Começou em 1450, e a mãe de Joana foi a pessoa que a pôs em marcha, apoiada pelo irmão Pierre. Não sabemos se a mãe de Joana aceitou a Dame des Armoires como sua filha, mas não há dúvida de que deu crédito à pretensão ao não a denunciar como impostora. No entanto, agora ela e Pierre juntaram-se à alegação que se baseava na afirmação de que Joana fora executada pelos ingleses em 1431. Mas o objetivo da reabilitação era financeiro; Joana fora uma mulher rica, graças à generosidade do rei, e a riqueza permanecia congelada enquanto Joana estivesse excomungada. Assim, quer a família de Joana acreditasse ou não que a Dame des Armoires era a Donzela, tinham agora boas razões para tentar reabilitá-la — mesmo que isso implicasse jurar que ela estava morta.

Se a Dame des Armoires era genuína, deve ter sentido que havia uma certa ironia na situação. Fora um embaraço para todos durante a sua primeira carreira como guerreira virgem santa; agora era igualmente um embaraço como heroína regressada dos mortos. É ingrato ser santa.

29
Junius
Quem Foi o Satirista Mais Temido do Século XVIII?

Nestes dias de jornalismo investigativo, é quase impossível imaginar um homem que consiga manter uma identidade secreta quando todo o país arde de curiosidade para saber quem ele é. Isso acontece apenas nas bandas desenhadas infantis. No entanto, foi precisamente o que aconteceu em Inglaterra nos anos finais do século XVIII. O homem misterioso era um escritor que se chamava a si próprio Junius e cujas cartas mordazmente satíricas levaram todo o país a rir-se do governo, e até do próprio Rei. Como satirista e estilista literário, Junius compara-se favoravelmente com Daniel Defoe, Jonathan Swift e Samuel Butler — todos eles publicaram as suas primeiras obras anonimamente. Mas nestes casos famosos, o brilho da sátira tornou inevitável que a identidade dos autores de Robinson Crusoe,

Gulliver's Travels e Erewhon fosse descoberta. O segredo de Junius foi com ele para a sepultura.

A história começa no reinado de Jorge III, o rei cujo "imposto sobre o chá" viria a provocar a Revolução Americana e cujo general Wellington mais tarde derrotou Napoleão.

Jorge III subiu ao trono em 1760, e o seu reinado foi conturbado quase desde o início. Sob o seu maior chefe militar, o primeiro-ministro William Pitt, a Grã-Bretanha vinha lutando contra a França há quatro anos e estava a ganhar a guerra. O novo rei estava ansioso por lhe pôr fim, para desgosto dos seus súbditos, que queriam ver os franceses bem e verdadeiramente espancados. E Pitt — que não só queria espancar os franceses como também entrar em guerra com os espanhóis — demitiu-se em 1761. A guerra terminou dois anos depois, e a "rendição" tornou o rei ainda mais impopular.

Mas o verdadeiro problema — que levou a Inglaterra perto da revolução — foi causado por um político radical chamado John Wilkes. Era o tipo de homem que fazia qualquer cavalheiro inglês à antiga espumar de raiva. Era blasfemo, feio, vesgo e um sedutor incansável — mas de um encanto tão natural que gostava de se gabar de que só precisava de meia hora de avanço sobre o homem mais bonito de Inglaterra. Tinha sido membro do Hell-Fire Club de Sir Francis Dashwood, um grupo que gostava de se vestir de monges e invocar o Diabo; Wilkes aterrorizou-os quando introduziu um babuíno sujo de fuligem numa das suas orgias e eles o confundiram com Satanás.

Quando Wilkes foi eleito para o Parlamento em 1757, tornou-se apoiante de William Pitt. E quando o rei nomeou o seu antigo tutor, um escocês chamado Lord Bute, como Secretário de Estado, e Bute começou a fazer paz com os franceses, Pitt demitiu-se enojado. Wilkes naturalmente considerou Bute um inimigo. Além disso, a maioria dos ingleses detestava os escoceses — não tinham passado vinte anos desde que Bonnie Prince Charlie marchara sobre Londres. Assim, Wilkes fundou um jornal violentamente anti-escocês chamado The North Briton. (Um north Briton era, claro, um escocês — era como se alguém tivesse fundado um jornal antissemita chamado The Israelite.) Entre outras coisas, insinuava que Lord Bute tinha conseguido a sua posição dormindo com a Rainha-Mãe, uma

acusação que deixou o rei apoplético. A campanha difamatória foi tão bem-sucedida que Bute se demitiu.

Mas então Wilkes foi longe demais e pôs na boca do rei um discurso satírico — supostamente escrito por Bute — que equivalia a uma acusação de traição vil aos aliados da Grã-Bretanha na guerra. Wilkes foi preso e atirado para a Torre de Londres, o que — inevitavelmente — aumentou a sua popularidade junto do povo descontente. Wilkes invocou o "privilégio parlamentar" — segundo o qual um membro do Parlamento tem o direito de dizer livremente o que pensa sobre questões políticas — e foi libertado ao fim de uma semana. Passou então a embaraçar ainda mais o rei e o seu governo ao processar Lord Halifax, o Secretário de Estado, por invasão de propriedade. (Foi financeiramente apoiado por Lord Temple, cunhado de Pitt, que também financiara The North Briton.) Wilkes ganhou o processo; foi-lhe atribuída uma indemnização enorme — 5.000 dólares — e o Secretário de Estado perdeu o cargo.

O rei estava agora decidido a ver sangue de Wilkes. Para qualquer pessoa com bom senso, deveria ter sido óbvio que a sua administração era propensa a acidentes e faria melhor em manter a cabeça baixa. Em vez disso, o novo Secretário de Estado, Lord Sandwich,14 decidiu fazer Wilkes pagar pela sua vitória. A Câmara dos Comuns votou que o ataque de Wilkes ao rei fora uma "difamação sediciosa". Também subornaram um impressor para entregar um poema pornográfico — intitulado "An Essay on Woman" — que Wilkes estava a mandar imprimir, e algumas das suas passagens mais picantes foram lidas em voz alta na Câmara dos Lordes.

Os Lordes acharam graça, porque toda a gente sabia que Lord Sandwich tinha uma moral mais frouxa do que Wilkes. (Quando Sandwich disse a Wilkes que ele acabaria por morrer de sífilis ou na forca, Wilkes retorquiu: «Isso depende de eu abraçar a sua amante ou os seus princípios».) Mas o Parlamento ficou chocado e votou que afinal Wilkes não tinha direito a privilégio parlamentar. Wilkes foi obrigado a fugir para o estrangeiro para evitar a prisão, mas isso só aumentou a sua popularidade junto da turba. O impressor que entregara o "Essay on Woman" não conseguiu que ninguém o empregasse e suicidou-se.

A escolha seguinte do rei para primeiro-ministro foi George Grenville, antigo aliado de Pitt. Era bastante capaz, mas revelou-se um chato inclinado a fazer longas palestras; o rei livrou-se dele em 1765. Mas foi sob

Grenville que o governo primeiro atiçou a revolução nas colónias americanas ao impor um Stamp Act — um imposto sobre jornais, anúncios e documentos legais. Isto encontrou uma resistência tão violenta na América que a administração seguinte foi forçada a revogá-lo. Foi um "ensaio geral" para a Boston Tea Party sete anos depois.

Grenville fora um dos principais perseguidores de John Wilkes. Agora o rei voltou-se para um defensor de Wilkes, o marquês de Rockingham, que tinha amigos dos dois lados, whigs e tories. Wilkes decidiu regressar a Inglaterra, e os problemas do rei começaram de novo. Wilkes candidatou-se a um lugar parlamentar por Londres e foi derrotado de forma esmagadora. Como era um fora-da-lei, o governo fez o possível para o prender. Ele escapou-lhes e conseguiu eleger-se deputado por Middlesex. Depois entregou-se. Se o rei tivesse tido algum bom senso, tê-lo-ia perdoado.

Em vez disso, Wilkes recebeu dois anos de prisão e uma multa de mil libras. Wilkes tornou-se instantaneamente o homem mais popular de Inglaterra. Uma multidão furiosa resgatou-o das mãos dos agentes da lei. Ele entregou-se outra vez e foi metido na cadeia. Uma turba reuniu-se e parecia prestes a assaltar a prisão; as tropas dispararam e mataram cinco, ferindo quinze. Wilkes escreveu um artigo violento atacando o uso da força contra os amotinados; o Parlamento votou que era difamatório e expulsou-o novamente.

Ele fez-se reeleger por eleitores rebeldes; o Parlamento voltou a expulsá-lo. Tornou-se a causa mais popular do seu tempo; não havia nada assim desde que Daniel Defoe se deixara pôr no pelourinho — pelo mesmo tipo de ofensa — em 1703 e fora apedrejado com flores em vez de ovos podres. O rei bem-intencionado, com o seu desejo patético de popularidade e a sua determinação em ser um "verdadeiro britânico" (como todos os Hanôveres, era alemão por ascendência), ia tropeçando de desastre em desastre.

Rockingham demitiu-se; as querelas partidárias eram demasiado para ele. Agora o rei teve uma ideia que deve ter considerado brilhante e infalível: persuadir Pitt a assumir novamente. Isso deveria desfazer toda a disputa e amargura dos últimos seis anos. Infelizmente, a depressão maníaca de Pitt estava a transformar-se em loucura. Quando o rei o fez conde de Chatham, Pitt praticamente retirou-se para a Câmara dos Lordes,

e a administração ficou nas mãos de um homem muito mais novo, Lord Grafton. O país estava num estado de caos.

E foi neste ponto que Junius entrou em cena.

Ora, quem quer que fosse Junius, era um homem que, por alguma razão, detestava o rei e os seus aliados políticos e era apoiante de Pitt e de Wilkes. Tinha uma antipatia particular por Lord Grafton, que por esta altura já se tinha desavindo com Pitt. Em 1768, Pitt e Grenville — que também se tinham desavindo — receberam cartas assinadas Junius, instando-os a fazerem as pazes e a unirem-se contra Grafton. De facto, Pitt demitiu-se pouco depois.

Agora Junius decidiu levar o seu caso ao público. A sua primeira carta foi enviada para um jornal chamado The Public Advertiser, propriedade de Henry Sampson Woodfall. Os jornais ainda eram uma espécie de novidade em Inglaterra. Tinham começado cerca de cinquenta anos antes; no tempo de Junius havia onze só em Londres. A maior parte do seu lucro vinha de anúncios, mas as cartas dos leitores também eram imensamente populares — de facto, a primeira carta de Junius, datada de 21 de janeiro de 1769, ficou retida durante vários dias enquanto se imprimia uma acumulação de cartas.

O estilo das cartas de Junius não é imediatamente apelativo para um público moderno; parece algo pesado e pedante. Para os seus contemporâneos, no entanto, isso era uma vantagem; podiam ver que era um homem de espírito sério que sabia dar uma boa volta a uma frase. E a primeira frase da sua primeira carta deixa claro que o que o preocupa é a liberdade do povo britânico e a sensação de que políticos maquiavélicos como o primeiro-ministro Grafton estavam a tentar roubá-la. Junius começa com uma afirmação controversa mas bastante aborrecida: «A submissão de um povo livre à autoridade executiva do governo não é mais do que uma conformidade com leis que eles próprios promulgaram».

Os ingleses, prossegue ele, são um povo generoso e de boa índole, que naturalmente respeita a lei e ama o seu rei. Por isso enche-o de indignação ver estas boas qualidades abusadas por conspiradores: «A situação deste país é suficientemente alarmante para despertar a atenção de todo o homem . . .» Até aqui, os seus leitores devem ter reprimido um bocejo. Mas algumas frases depois foram sobressaltados: «As finanças de uma nação, a

afundar-se sob as suas dívidas e despesas, são confiadas a um jovem nobre já arruinado pelo jogo». Acusar o primeiro-ministro do rei de ser um jogador dissoluto era coisa forte.

Depois, Junius voltou a sua atenção para o soldado mais popular da Grã-Bretanha, o marquês de Granby, cujas vitórias na guerra dos sete anos com a França tinham inflamado o patriotismo britânico e levado centenas de pubs e estalagens a chamar-se Marquis of Granby. Na batalha de Minden, Granby queria carregar sobre os franceses, mas o seu superior, Lord Sackville, ordenou-lhe que não o fizesse. Mais tarde tornou-se óbvio que, se Granby tivesse sido autorizado a carregar, os franceses teriam sido completamente destroçados. Sackville foi demitido e Granby ocupou o seu lugar.

Mas, como muitos bons soldados, estava fora de pé na política e, quando foi feito comandante-em-chefe em tempo de paz, foi menos do que brilhante. Mesmo assim, quando Junius comentou com uma malícia polida: «A natureza foi parcimoniosa nos seus dons para com este nobre lorde», foi tão chocante como se alguém tivesse descartado Winston Churchill ou o general Eisenhower como um idiota hesitante depois da Segunda Guerra Mundial. E quando Junius prosseguiu acusando Granby de usar a sua posição para "amontoar promoções nos seus favoritos e dependentes" e ignorar o mérito no resto do exército, estava virtualmente a acusar o herói de guerra britânico de ser um vigarista.

Não é claro se Junius fez estas acusações para produzir choque e indignação. Mas dificilmente poderia ter escolhido uma melhor forma de se tornar famoso — ou infame. Pois um dos mais distintos companheiros de armas de Granby, Sir William Draper, rapidamente saltou em sua defesa e escreveu uma carta indignada ao The Public Advertiser, cujo proprietário deve ter esfregado as mãos de satisfação. Draper começou por acusar furiosamente Junius de ser um "ladrão criminoso do carácter privado", um "assassino covarde e vil" que não tinha coragem de assinar com o seu verdadeiro nome. Depois Draper passou a defender o seu comandante-em-chefe, dizendo, em essência, que ele era um "tipo decente" de quem toda a gente gostava e que era demasiado generoso para seu próprio bem. Este tipo de coisa deve ter feito os leitores gemer de tédio. Quanto a não cumprir promessas — outra das calúnias de Junius — havia alguns casos, disse Draper, em que era melhor não cumprir promessas. Estava obviamente a

pensar nalgum amigo manhoso de Granby que persuadira o general a fazer promessas imprudentes quando tinha bebido demais — uma pessoa, diz Draper indignado, «que perverteria os momentos abertos e desprevenidos de alegria convivial em aplicações furtivas e insidiosas para promoção . . . e que se esforçaria por surpreender um homem bom que não suporta ver alguém sair da sua presença insatisfeito».

Junius, naturalmente, tinha alcançado o seu objetivo. Estava a ser levado a sério por um soldado famoso, e o público encantado podia assistir à sua disputa. A carta seguinte de Junius começou com uma benevolência e generosidade enganadoras: «A sua defesa de Lord Granby honra a bondade do seu coração». Prosseguiu elogiando a "indignação honesta e irrefletida" de Draper — embora a palavra irrefletida avisasse do que vinha aí. Depois tirou as luvas e foi diretamente ao queixo: «É o senhor, Sir William, quem faz o seu amigo parecer desajeitado e ridículo, ao dar-lhe um traje guarnecido de qualificações vistosas e ordinárias que a natureza nunca pretendeu que ele vestisse».

E tornou-se positivamente assassino quando respondeu às observações mal aconselhadas de Draper sobre promessas feitas em "alegria convivial". «É o senhor, Sir William Draper, quem se deu ao trabalho de representar o seu amigo na personagem de um estalajadeiro bêbedo, que distribui as suas promessas tão liberalmente como o seu licor, e não deixa nenhum homem sair da sua mesa triste ou sóbrio. Ninguém a não ser um amigo íntimo, que deve tê-lo visto frequentemente nesses momentos infelizes e vergonhosos, poderia tê-lo descrito tão bem.»

Draper deve ter estremecido. Mas faltou-lhe o bom senso para ver que estava a dar a Junius exatamente o tipo de publicidade que ele queria. Além disso, tinha sido académico e sentia que podia trocar insultos urbanos com os melhores. Por isso voltou para mais, desta vez acusando Junius (provavelmente com razão) de ser um homem amargo e desiludido que «tem prazer em esquartejar carcaças com um machado». Depois enfrentou a tarefa impossível de defender o seu amigo Granby contra o machado, sem perceber que só estava a conseguir fazê-lo parecer um boneco indefeso. Prosseguiu respondendo às acusações de Junius de que se tinha enchido a si próprio, entrando em pormenores precisos sobre o seu rendimento que apenas revelavam o quanto Junius o tinha na defensiva.

Junius voltou na sua forma mais suave e mortífera: «Eu seria justamente suspeito de agir por motivos de inimizade mais do que comum para com Lord Granby, se continuasse a fornecer-lhe novos materiais ou ocasião para escrever em sua defesa.» Mas depois passou a indulgir noutro dos seus truques preferidos: uma aparência de omnisciência. Prosseguiu falando do rendimento e da carreira de Draper como se soubesse mais sobre eles do que o próprio Draper. Depois acusou Draper de ser um mentiroso ganancioso que virara as costas ao exército em troca de uma pensão — que Junius chamou uma "provisão sórdida para si e para a sua família".

Agora podemos começar a ver a técnica de Junius. Não pode haver dúvida de que ele era amargo e retorcido. Era um homem com uma queixa, e a sua especialidade eram acusações difamatórias que causariam o máximo sofrimento aos acusados, bem como o máximo regozijo ao público em geral. Fica-se com a impressão de que era uma espécie de sádico a quem pouco importava o que dizia desde que magoasse; mas era suficientemente esperto para fazer as suas acusações soarem plausíveis — como se fosse um insider com uma fonte secreta de conhecimento.

O público em geral, claro, adora ver a autoridade atacada e ridicularizada. As coisas não mudaram minimamente nos dois séculos e tal que passaram desde os tempos de Junius; qualquer tipo de escândalo sobre um político ainda pode vender jornais. Na América atual, os políticos não têm qualquer recurso legal contra a difamação — desde que não se possa estabelecer malícia — de modo que os jornalistas podem inventar praticamente o que quiserem. Após o assassínio de Kennedy, uma peça chamada Macbird acusou Lyndon Johnson de ser o assassino; era pura invenção, mas o seu autor, um académico dissidente, deve ter ficado perplexo quando se tornou o sucesso da temporada na Broadway.

Em Inglaterra, uma revista chamada Private Eye especializou-se desde os anos sessenta em histórias difamatórias e insultuosas que poderiam ter sido inventadas por Junius; mas, embora a revista tenha sido processada até à beira da falência, continua a prosperar, pois o apetite do público por "lama" maliciosa permanece insaciável. Junius foi simplesmente o primeiro a descobrir que existe uma procura permanente de "lama".

O ingénuo Draper continuou a aumentar a fama de Junius escrevendo mais cartas sofridas e explicativas; Junius continuou a tratá-lo com

desprezo feroz. Na sua terceira carta despediu-o de forma paternalista: «E agora, Sir William, despeço-me de si para sempre . . . Na verdade, tem alguma razão para se considerar em dívida para comigo. Das lições que lhe dei, poderá colher uma instrução proveitosa para a sua vida futura».

Junius ignorou a terceira resposta de Draper e voltou a sua atenção para o primeiro-ministro, o duque de Grafton. Fiel ao seu estilo, acusou-o de ser um político manhoso que preferia os seus próprios interesses ao bem público. Depois voltou a sua atenção para um escândalo recente relativo à eleição intercalar de Middlesex, que o governo esperava fervorosamente que Wilkes perdesse — e que, de facto, Wilkes ganhara com a ajuda de uma ralé bêbeda. (Wilkes estava agora, claro, na prisão.)

Um homem chamado Clarke fora morto numa rixa, e um irlandês chamado MacQuirk, presidente local do partido anti-Wilkes, foi acusado do seu homicídio, juntamente com outro homem chamado Balf. Ambos foram condenados à morte, mas isso era obviamente injusto; a prova contra Balf era fraca, e MacQuirk obviamente não pretendera cometer homicídio. Ambos foram perdoados por Grafton. Junius fingiu pensar que isto era uma interferência escandalosa no curso da justiça, uma adulteração deliberada das provas; um homicida saía em liberdade por ser contra Wilkes. Terminou perguntando: «Nunca lhe ocorreu que, enquanto estava a subtrair este miserável desesperado à justiça . . . existe outro homem, que é o favorito do país, cujo perdão teria sido aceite com gratidão»?

Referia-se, claro, a John Wilkes, e prosseguiu usando a sua técnica favorita de invenção: «Já se esqueceu completamente de que este homem foi outrora amigo de Vossa Graça»? Grafton haveria de protestar repetidamente que Wilkes era apenas um conhecido casual; Junius ignorou-o e continuou a repetir a acusação; que Grafton apunhalara o seu amigo pelas costas. Investigações posteriores de historiadores indicam que Grafton dizia a verdade. Mas Junius nunca deixava que a verdade estragasse uma boa acusação.

O que tanto alarmou o governo — e o rei — foi que o encarceramento de Wilkes o tornara potencialmente o homem mais perigoso de Inglaterra. Junius prosseguiu acusando Grafton de ter fugido de Londres por duas noites durante os motins de Wilkes e de ter deixado a cidade ser defendida por dois dos seus subordinados incompetentes. Grafton aparentemente passara essas duas noites com a sua amante, Nancy Parsons, e Junius

troçou da sua "beleza desbotada" — embora mais tarde fingisse ficar chocado quando Grafton rompeu com ela e casou com outra pessoa, declarando: «A baixeza dele para com esta mulher está para além de qualquer descrição ou crença». Quando Grafton se casou, Junius escarneceu dele como um libertino reformado que se cansara da devassidão.

A carta seguinte de Junius a Grafton atingiu novos picos de malícia: «Permita-me considerar o seu carácter e conduta», escreveu ominosamente, «apenas como um tema de curiosa especulação». E depois de o chamar preguiçoso, desonesto e inconsistente, acrescentou generosamente: «Por causa da sua amante, o amante será poupado. Não a trarei a público, como Vossa Excelência fez, nem insultarei a memória da sua beleza desaparecida. O seu sexo, que por si só a tornou amável aos seus olhos» — está a insinuar que Grafton monta tudo o que use saia — «torna-a respeitável aos meus».

Prosseguiu dando aquilo que alegava ser um relato simpático dos antepassados de Grafton — «os de Vossa Graça . . . não deixaram exemplos de virtude que afligissem» — e da sua própria carreira — «grave e plausível o suficiente para ser julgado apto para negócios; demasiado jovem para a traição». Mas, alegou ele, Grafton não perdeu tempo a apunhalar pelas costas o seu patrono William Pitt, depois a agarrar o poder sob Rockingham e a trair o seu amigo Wilkes. Tal como o Dr. Goebbels, Junius sentia que a melhor forma de fazer as pessoas acreditarem numa mentira era repeti-la.

Passados mais de dois séculos, estes insultos fazem-nos sorrir. Mas se tentarmos pôr-nos no lugar das suas vítimas, percebemos que elas devem ter sentido uma raiva desesperada a sufocá-las. Junius não era tanto um homem como um escorpião. Quando uma vítima irada desafiou Junius para um duelo, Junius recusou educadamente: «O senhor lutaria, mas outros assassinariam». Provavelmente tinha razão. A pura malícia e injustiça dos seus ataques teria levado algumas das suas vítimas a assegurar-se de que ele seria esfaqueado às escuras.

Em dezembro de 1769 Junius chocou toda a gente, incluindo os seus próprios apoiantes, ao lançar um ataque ao próprio rei. O seu sucesso em evitar a exposição dera-lhe obviamente a confiança para arriscar a prisão. Em cartas anteriores, tinha tido o cuidado de falar do rei com o mais

profundo respeito, referindo-se a ele numa carta a Grafton como «um príncipe amável e realizado». Agora dirigiu-se diretamente ao rei, lembrando-lhe uma das suas primeiras declarações quando subiu ao trono: «Eu glorio-me no nome de britânico».

O rei sem dúvida queria dizer que se considerava britânico em vez de alemão; Junius fingiu pensar que ele estava deliberadamente a fazer uma distinção entre britânicos e ingleses, para sublinhar o seu afeto pelos escoceses: «Enquanto os nativos da Escócia não estiverem em rebelião efetiva, têm sem dúvida direito a proteção; nem pretendo condenar a política de dar algum encorajamento à novidade das suas afeições».

Disse ao rei, de forma condescendente, que atribuía os seus erros à inexperiência. Prosseguiu defendendo Wilkes e descrevendo a campanha do rei contra ele como mesquinha e ridícula. Depois de desferir golpes no rei por oprimir os irlandeses e os americanos, advertiu-o contra a «traição bajuladora» dos escoceses. Por fim, disse-lhe com superioridade que «as afeições dos seus súbditos ainda podem ser recuperadas», mas que isso significaria deixar de ser movido por ressentimentos mesquinhos. O rei, escreveu Junius, deveria enfrentar os seus súbditos como um cavalheiro e «dizer-lhes que foi fatalmente enganado» por ministros corruptos. Terminou numa nota de aviso que soava perigosamente a sedição. O povo era leal à Casa de Hanôver, escreveu ele, porque esperava justiça. A Casa de Stuart — à qual pertencia Bonnie Prince Charlie — era «apenas desprezível», mas armada com poder real tornar-se-ia formidável. «O príncipe que imitar a sua conduta deve ser advertido pelo seu exemplo» (isto é, pelo rei Carlos perder a cabeça), «e, enquanto se enfeita com a segurança do seu título à coroa, deve lembrar-se de que, assim como foi adquirida por uma revolução, pode ser perdida por outra».

Isso fez toda a gente prender a respiração. O romancista Horace Walpole — filho de um antigo primeiro-ministro — descreveu-o como «o insulto mais ousado alguma vez oferecido a um príncipe, exceto em tempos de rebelião aberta». O impressor, Woodfall, foi preso sob acusação de difamação sediciosa. O júri recusou condená-lo, e ele foi libertado mediante pagamento das custas. Reconhecendo o seu próprio perigo, Junius avisou Woodfall para tomar todas as precauções possíveis, pois «eu não sobreviveria a uma descoberta três dias».

Como conseguira ele sobreviver à descoberta durante tanto tempo? Por um sistema elaborado de ocultação. Era fácil fazer chegar as suas cartas ao Public Advertiser — podia enviá-las por mensageiro ou pelo correio. Mas as comunicações vindas do jornal eram muito mais perigosas. Muitas pessoas escreviam a Junius e enviavam-lhe informação "sensível". Junius tinha cartas endereçadas a ele, através do impressor, sob vários pseudónimos em vários cafés (havia literalmente centenas), e o impressor assinalava que uma carta estava à espera inserindo um anúncio codificado no jornal. Junius mudava frequentemente o seu endereço de poste restante com pouco aviso, informando Woodfall com mensagens como: «Mude para o Somerset Coffee House, e que nenhum mortal saiba da alteração». E obviamente passava algum tempo a preocupar-se com o que aconteceria se Woodfall se tornasse descuidado: «Estou convencido de que é um homem honesto demais para contribuir para a minha destruição».

Junius também se correspondia com Wilkes, que foi libertado da prisão em 1770 e voltou prontamente ao Parlamento; Wilkes fez algumas tentativas discretas de persuadir Junius a revelar a sua identidade, mas respeitou a sua determinação de não ter confidentes.

De facto, Junius começava a sentir-se cansado; o enorme esforço de enfrentar adversário após adversário, como um espadachim mascarado, estava obviamente a cobrar o seu preço. Além disso, quando Grafton se demitiu em 1770 — sem dúvida abalado pelos insultos de Junius — e Wilkes foi libertado no mesmo ano, Junius tinha atingido o seu objetivo básico. O rei recusou deixar-se precipitar a fazer mais concessões ao Partido Libertário e nomeou o eficiente e bem-humorado Lord North como seu primeiro ministro. Junius atacara anteriormente Lord North: «Pode ser generoso supor que até aqui ocultou voluntariamente os seus talentos; tencionando, talvez, espantar o mundo quando menos o esperarmos». Mas enganou-se, e Lord North desenvolveu-se como um excelente administrador.

Junius escreveu a sua última carta pública em janeiro de 1772. Quando, um ano depois, Henry Woodfall fez o possível por induzir Junius a regressar à luta com insinuações no Public Advertiser, Junius respondeu: «Se voltasse a escrever teria de ser tão tolo como qualquer do gado cornudo que enlouquece a correr pela Cidade . . . A causa e o público — ambos estão abandonados». Na verdade, o mundo tinha ouvido pela última vez

falar de Junius — embora as suas cartas reunidas, em livro, tenham alcançado considerável popularidade. Nesta coletânea Junius escreveu: «Sou o único depositário do meu próprio segredo, e ele perecerá comigo». E, tanto quanto sabemos, manteve a palavra.

Então, quem era Junius? Nos dias do primeiro-ministério de Rockingham, o principal suspeito era o brilhante irlandês Edmund Burke, que era apaixonadamente liberal — embora de modo algum radical, como Wilkes. Era amigo do Dr. Johnson, Oliver Goldsmith, Sir Joshua Reynolds e David Garrick (o ator mais famoso do seu tempo). Tal como Wilkes, queria travar as práticas corruptas na corte real e por isso era detestado pelo rei. Argumentou vigorosamente contra as políticas do rei na América, sugerindo — corretamente — que elas levariam à revolução, e após a Boston tea party defendeu a revogação do imposto sobre o chá. Se Burke tivesse sido ouvido, a América muito provavelmente ainda seria uma colónia britânica. Mais tarde ficou horrorizado com a Revolução Francesa e tornou-se um dos seus opositores mais apaixonados, o que o tornou querido a todos os seus antigos inimigos.

Burke era suficientemente brilhante para ter escrito as cartas de Junius. Mas também era um homem de imensa integridade. Assim, quando escreveu a um amigo, Charles Townshend: «Dou-lhe agora a minha palavra e honra de que não sou o autor de Junius», podemos tomar isso como verdade.

No século XIX, apareceram livro após livro sobre Junius; especulações sobre a sua identidade tornaram-se tão populares como as especulações sobre a identidade de Jack, o Estripador, se tornariam um século depois. (Na sua edição das cartas de Junius, o professor John Cannon oferece uma "lista curta" de sessenta e um nomes.) Uma possibilidade óbvia é o próprio Wilkes; mas a troca de cartas entre Wilkes e Junius que veio à luz mais tarde deixa claro que isso está fora de questão.

Um escritor anunciou com confiança que Junius era o próprio Jorge III, evitando a revolução ao dar aos seus súbditos uma oportunidade de desabafar. Outro escritor identificou Junius como o historiador Edward Gibbon, baseando o seu caso na pura ausência de provas, o que, alegou o escritor, apenas servia para provar até que ponto o historiador fora para ocultar o seu segredo culpado. Outro apresentou a pretensão de Lord George Sackville, o comandante militar que fora demitido após a batalha

de Minden em favor do marquês de Granby; certamente, os ataques de Junius a Granby tornam isto plausível, embora improvável. (Sackville era um caloroso apoiante do rei.)

Lord Chesterfield, autor das famosas Letters to His Son, é outro candidato; mas a sua saúde na altura era tão má — estava meio cego e acamado — que é virtualmente impossível que fosse Junius. Talvez o nomeado mais improvável fosse Thomas Paine, autor de The Rights of Man (1791), um panfleto dirigido contra Burke. À época das cartas de Junius, Paine ainda lutava para começar na vida — como merceeiro, tabaqueiro, mestre-escola e fiscal de impostos — e ainda tinha vários anos pela frente antes de aprender a escrever; só em 1774 é que Benjamin Franklin o persuadiu a emigrar para a América.

Tudo isto parece sugerir que Junius foi um dos nomes menos conhecidos do período. Charles Everett, o editor da edição de 1927 das cartas, dedica uma longa introdução a provar que Junius foi Lord Shelburne, um membro da oposição e mais tarde primeiro-ministro; o historiador Sir Lewis Namier destruiu esse caso numa breve recensão em que apontou que Shelburne estava no Continente no verão de 1771, quando Woodfall recebeu duas cartas privadas de Junius que tinham de ter sido escritas em Londres. O secretário particular de Shelburne, Laughlin Macleane, tem sido fortemente sugerido por dois académicos recentes, um dos quais afirmou ter uma declaração, assinada por Shelburne, identificando Macleane como Junius. O principal problema aqui é que Macleane foi atacado por Junius, que troçou da sua gaguez. Isto poderia ter sido uma tentativa deliberada de desviar atenções; mas Junius não usou o seu próprio nome nesse ataque, mas outro dos seus pseudónimos, Vindex. E como ninguém além de Woodfall sabia que Vindex era Junius, isto parece afastar Macleane — quer Shelburne acreditasse ou não que o seu secretário era Junius. Além disso, Macleane era um patriota escocês fervoroso, e Junius claramente detestava os escoceses, não perdendo qualquer oportunidade para troçar da sua corrupção, estupidez e cobardia.

Isto leva-nos ao principal suspeito: Sir Philip Francis, que era então um alto funcionário público de vinte e oito anos no War Office. Francis levantou suspeitas em 1812, quando as cartas privadas de Junius para Woodfall foram publicadas numa nova edição. Revelaram que Junius usava vários outros pseudónimos, incluindo Vindex e Veteran. Essas cartas

prestam muita atenção aos assuntos do War Office e indicam que Junius sabia muito mais sobre ele do que qualquer pessoa de fora poderia aprender.

Em 1772, o ano em que as cartas de Junius cessaram, Francis foi para a Índia, onde entrou em choque com Warren Hastings — o principal servidor da Companhia das Índias Orientais, que virtualmente governava a Índia. No seu regresso a Inglaterra, entrou no Parlamento como liberal, foi feito cavaleiro e perseguiu Hastings com considerável vindictividade, sendo em grande medida instrumental para que ele fosse submetido a impeachment por corrupção e por exceder os seus poderes.

Em 1813, quando tinha setenta e três anos, Francis foi identificado como Junius num livro de um homem chamado John Taylor. Ele negou-o categoricamente, chamando à acusação «tola e maldosa». No entanto, quando voltou a casar no ano seguinte, deu à sua esposa as cartas de Junius como presente de casamento. Também lhe deu o livro de Taylor sobre o mistério de Junius. A sua esposa percebeu a indireta; não teve qualquer dúvida de que ele era Junius. E Francis tinha consciência disso. Ela observou que ele só teria de o negar e ela teria abandonado a ideia; mas ele nunca o fez.

O professor Cannon não tem qualquer dúvida de que Francis foi Junius. Ele aponta que, em 1772 — antes de Francis ser colocado na Índia com o enorme salário de £10.000 por ano — Junius mudou o seu pseudónimo para Veteran. Em 1771, Christopher D'Oyly, um amigo de Francis, disse-lhe que tencionava demitir-se como Deputy Secretary of War; é óbvio, pela sua correspondência, que ambos detestavam o seu chefe, Lord Barrington. Francis esperava suceder a D'Oyly, mas foi preterido em favor de um homem chamado Chamier.

"Veteran" começou em breve a escrever ao seu impressor: «Não tendo nada melhor para fazer, proponho-me entreter a mim próprio e o público torturando aquele maldito miserável Barrington. Acaba de nomear um corretor francês como seu adjunto. Ouço de todos os lados que isto é visto como o insulto mais insolente ao exército. Tenha cuidado para que não se saiba que vem de mim. Uma criatura tão insignificante não merece a raiva generosa de Junius». Nesse caso, por que razão perder tempo com gente tão pequena?

Em março de 1772 Francis demitiu-se do seu cargo. Junius escreveu ao impressor: «O que segue é facto, e desejo que pudesse ser impresso amanhã. Os procedimentos deste miserável são inexplicáveis. Deve haver algum mistério nisso, que espero que em breve seja descoberto para sua confusão. A seguir ao duque de Grafton, creio verdadeiramente que o coração mais negro do reino pertence a Lord Barrington». O "anexo" declarava: «Desejo que informe o público de que o digno Lord Barrington, não satisfeito por ter expulsado o Sr. D'Oyly do War Office, por fim conseguiu expulsar o Sr. Francis».

Provas de caligrafia também ligam Francis e Junius. Em 1771, uma certa Miss Giles, em Bath, recebeu uns versos educados, e a caligrafia no sobrescrito era a de Junius. Em 1870, um perito em caligrafia, Charles Chabot, identificou os versos como tendo sido escritos pelo primo de Francis, Richard Tilman. A segunda esposa de Francis mais tarde produziu cópias dos versos na caligrafia do marido, dizendo que ele lhos dera como exemplos dos seus próprios versos iniciais. Em cartas descobertas no final do século XIX, a autoria de Francis foi confirmada pelo seu primo.

Isto levanta uma pergunta óbvia: certamente basta comparar a caligrafia de Junius com a de Francis para termos a solução? Mas não é assim tão simples. Junius deve ter sabido que, a menos que fosse a grandes extremos para disfarçar a sua caligrafia, isso poderia ser a sua perdição. Só após um estudo cuidadoso é que Charles Chabot concluiu que a caligrafia de Junius era uma versão disfarçada da de Francis.

Outra peça de evidência surgiu em 1969, quando investigação francesa revelou que um relatório diplomático francês enviado a Luís XVI na década de 1770 atribuía as cartas a um tal Thaddeus Fitzpatrick, um homem da alta roda. Ora, na verdade, sabemos que isto é impossível, porque Fitzpatrick morreu em 1771, enquanto Junius ainda escrevia. Mas o relatório declara que Fitzpatrick obtinha a sua informação do seu amigo Philip Francis, um escriturário no War Office.

Fitzpatrick tinha-se desavindo com o ator David Garrick e com Lord Chief Justice Mansfield, dois homens que foram estraçalhados por Junius. Assim, há um forte caso a sustentar que Fitzpatrick foi colaborador de Junius. Isto não contradiz a afirmação de Junius de que era «o único depositário do seu próprio segredo», uma vez que esta foi feita no ano seguinte à morte de Fitzpatrick.

Seja onde for que o embaixador francês obteve a sua informação — informação que parece ter sido negada aos seus colegas britânicos — ela tem certamente um ar de plausibilidade. Uma das razões por que a posteridade achou o problema de Junius tão fascinante é que ele parece uma figura solitária e de fora, um homem com um dom verdadeiramente espantoso para a invectiva selvagem e para o toma-lá-dá-cá da polémica, que conseguiu, como o Scarlet Pimpernel, manter a sua luz escondida debaixo de um alqueire. É uma conceção fascinante e romântica, mas a maior objeção a ela é que é demasiado romântica. Scarlet Pimpernels existem apenas na imaginação dos romancistas.

O que parece muito mais plausível é que um homem de meia-idade da alta roda, que alimenta rancores poderosos contra pessoas que de facto conhece, decida lançar algumas reprimendas afiadas sob o manto do anonimato e tome na sua confiança um jovem escriturário sarcástico e descontente do War Office, que pode fornecer informação de bastidores. (Um dos trabalhos de Francis era relatar discursos na Câmara dos Lordes, pelo que tinha a oportunidade de ouvir muita mexeriquice política.)

A imagem de dois homens a rir-se e a incitarem-se um ao outro é de algum modo mais credível do que a imagem de um misantropo solitário a guardar o seu próprio segredo. Além disso, se Thaddeus Fitzpatrick foi o iniciador do projeto, isso também explicaria por que razão as cartas posteriores de Junius — as que se seguiram à sua morte em 1771 — mostram uma quebra de qualidade. A parte de trás do cavalo de pantomima viu-se tristemente sem o seu parceiro.

Isto também poderia explicar a atitude curiosa de Francis perante o livro que o acusava de ser Junius. Mais de quarenta anos depois de o fumo da batalha ter assentado e a maioria das suas vítimas estar morta — incluindo o próprio Grafton — certamente não haveria mal nenhum em reconhecer que era Junius? Mas se isso significasse reconhecer que era apenas metade de Junius — e a metade menor, ainda por cima — então seria obviamente muito melhor ficar calado e permitir que os seus contemporâneos — e a posteridade — lhe dessem todo o crédito, enquanto continuava a negá-lo de um modo que não convencia ninguém. Era uma forma de ter o bolo e comê-lo.

Certamente, tudo o que sabemos de Francis indica que ele poderia ter sido Junius (ou meio Junius). Cannon descreve-o como «um homem de

animosidades ferozes, duro e sarcástico». Desavinha-se com a maior parte dos seus amigos e benfeitores, diz o seu biógrafo Herman Merivale, com todos «os que lhe queriam bem, o defendiam, lhe davam benefícios em abundância». Todos «aparecem . . . nos seus registos escritos, marcados com alguma nota pouco amistosa ou desprezível, alguma insinuação ou censura pronunciada».

Francis rompeu com dois dos seus antigos patronos, Henry Fox e John Calcraft, e quando eles se desavindaram, fez a sua apreciação tipicamente mordaz e pouco generosa deles: «Não havia virtude suficiente em nenhum deles para justificar a sua zanga. Se qualquer deles tivesse honestidade comum nunca poderia ter sido amigo do outro». A frase tem o típico tom juniano. Jantando com Francis no último ano da sua vida, relata Cannon, o filósofo Sir James Mackintosh foi levado a comentar: «Os ódios vigorosos que pareciam manter Francis vivo eram muito divertidos».

Por outras palavras, Francis tinha uma veia de paranoia. E é assim que Cannon resume Junius: «Junius acreditava . . . que era necessário salvar a constituição de violação, mas o desesperado complô para destruir as liberdades do súbdito existia apenas na sua própria mente».

Não há espaço suficiente aqui para descrever o caso do impeachment de Warren Hastings e o papel de Francis nele; mas isso confirma que Francis era um homem que, como Junius, sabia odiar bem e tinha pouca generosidade.

Por fim, nos anos 1950, um filólogo sueco, Alvar-Ellegard, empreendeu uma análise computacional da escrita de Junius e de quarenta dos seus contemporâneos, procurando palavras recorrentes, truques de estilo, e assim por diante. Ellegard começou por ser cético quanto a Francis; acabou totalmente convencido de que ele era Junius: «A afirmação de que Sir Philip Francis foi Junius pode doravante ser admitida sem ponto de interrogação».

Mas será que a identidade de Junius importa? A resposta tem de ser sim, pois ele apareceu num momento vital da história. Quando Jorge III subiu ao trono, a política britânica era notoriamente corrupta; dava-se como garantido que um homem ia para a Câmara dos Comuns para fazer fortuna. Esperava receber dinheiro em troca de favores. Nem sequer era considerado repreensível — apenas normal e natural. O próprio rei gastava

a sua vasta "bolsa privada" — mais de um milhão de libras — a subornar membros do Parlamento. (Pelo menos não era, como alguns dos seus congéneres europeus, um monarca absoluto que podia simplesmente ordenar-lhes que votassem como lhe apetecesse.) Junius não perdia oportunidade de troçar desta corrupção.

Os jornais tinham começado no reinado da rainha Ana (1702–14), mas eram pouco mais do que entretenimento. Junius mudou tudo isso. As suas cartas ultrajantes revelaram que não era preciso ser rei ou membro do Parlamento para exercer pressão sobre o governo. Sob a rainha Isabel ou Carlos I, tais ataques teriam sido considerados alta traição; teria havido tortura e execuções às dezenas. O julgamento e absolvição de Woodfall (1770) revelou que até o Parlamento não tinha poder para silenciar a crítica. Os jornais começaram a relatar debates parlamentares e expuseram-se a processos. Em 1771 um jornal referiu-se a um membro do Parlamento, o coronel George Onslow, como «o pequeno canalha» e «esse inseto mesquinho e insignificante».

Quando ele se queixou, a Câmara ordenou a prisão dos impressores. Os impressores ripostaram, prenderam os homens enviados para os prender e levaram-nos perante o Lord Mayor e dois aldermen (um dos quais era Wilkes, recentemente saído da prisão). Quando o Lord Mayor revogou a ordem de prisão, o Parlamento ordenou que ele fosse recolhido na Torre de Londres. Os seus apoiantes levantaram-se e amotinaram-se; assobiaram o rei, invadiram o Parlamento e atacaram as carruagens dos deputados. O Lord Mayor foi libertado à pressa. E os jornais aproveitaram este triunfo para retomar os seus relatos dos debates parlamentares.

O próprio Parlamento foi obrigado a ordenar a publicação integral dos seus debates — o primeiro "Hansard" (assim chamado por Luke Hansard, o editor) apareceu em 1774. A partir de então, uma imprensa livre passou a ser tida como garantida, e as opiniões do povo tornaram-se tão importantes quanto as opiniões do rei e dos seus ministros. O suborno e a corrupção tornaram-se a exceção em vez da regra.

Junius, claro, não pode levar todo o crédito por esta revolução; Wilkes tinha começado com o seu artigo no North Briton, que por sua vez foi inspirado por Pitt e pelo seu cunhado. Mas Junius acrescentou fermento à mistura; agitou as questões e levantou um espírito de rebelião que, a certa

altura, parecia que levaria a uma revolução como a que varreu a França duas décadas mais tarde.

É difícil sentir muita simpatia por Junius como homem; era obviamente uma personagem completamente desagradável: mesquinho, invejoso e paranoico. A sua raiva não era generosa mas vingativa. Mas o seu formidável talento literário, comparável ao de Swift, mudou o curso da história britânica, criando um espírito de liberdade que viria a mudar o curso da história mundial. É impossível pensar em qualquer figura histórica de influência comparável cuja identidade tenha permanecido desconhecida. Mas, como o próprio Junius observou com satisfação: «O mistério de Junius aumenta a sua importância».

30
Fedor Kuzmich
Teria o Czar morrido como um monge desconhecido?

Em 1836, um mendigo de sessenta anos chamado Fedor Kuzmich foi preso como vadio perto da cidade de Krasnophinsk, na província de Perm, Rússia, e foi condenado a vinte açoites de knout (chicote). Depois foi enviado para a Sibéria — a colónia penal da Rússia. Aí, em Nerchinsk, perto de Tomsk, tornou-se eremita e adquiriu uma reputação de santidade.

Fedor Kuzmich impressionava todos os que o viam. Era alto e de ombros largos, e de aspeto majestoso, produzindo em todos um sentimento de espanto e veneração. A sua voz, também, parece ter sido a de um homem instruído, e a sua fala era suave e pausada. Apesar da sua gentileza, porém, havia momentos em que se tornava impaciente e imperioso, e os camponeses que se aproximavam dele sentiam o impulso de se ajoelhar.

Kuzmich desviava-se sempre de perguntas sobre a sua vida anterior. Mas, ocasionalmente, fazia alguma observação que sugeria ter combatido no Exército russo contra Napoleão; falava da campanha de 1812 e da entrada vitoriosa em Paris dos russos e dos seus aliados em 31 de março de 1814. A limpeza meticulosa da sua cela sugeria treino militar.

Kuzmich tinha notáveis poderes como curandeiro, e as pessoas vinham vê-lo de toda a Sibéria. E, segundo o seu biógrafo, Schilder (autor de um panfleto que se tornou imensamente popular na década de 1890),

dois antigos criados do palácio do czar estavam entre esses visitantes — tinham sido exilados para a Sibéria e, quando um deles adoeceu, o seu companheiro decidiu ir ver o curandeiro, para perguntar se poderia ajudar o seu camarada doente. Segundo Schilder, o homem entrou sozinho na cela, deixando um guia — provavelmente um monge — do lado de fora; e quando viu o eremita, sentiu-se obrigado, como tantos outros, a cair de joelhos.

O velho ergueu-o e começou a falar; com espanto, o homem reconheceu a voz do czar Alexandre I. E, ao fitar os traços de barba branca, reconheceu o rosto do seu antigo senhor. Caiu desmaiado. O guia do lado de fora ouviu o seu grito e entrou; Fedor Kuzmich disse-lhe suavemente: «Leve-o de volta para casa. E quando recuperar os sentidos, avise-o para não contar a ninguém o que viu. Diga-lhe que o amigo dele vai recuperar». Kuzmich provou ter razão.

A história de que Alexandre fora reconhecido por um dos seus antigos criados depressa se espalhou por toda a Rússia e foi objeto de alguma correspondência oficial. O biógrafo de Alexandre, Maurice Paléologue, descreveu (em The Enigmatic Tsar, 1938) como um velho soldado que fora enviado para a prisão de Nerchinsk viu o eremita e imediatamente pôs-se em sentido, dizendo: «É o nosso querido czar Alexandre Pavlovich»!

Fedor Kuzmich morreu em 1864 com oitenta e sete anos — precisamente a idade que Alexandre I teria se tivesse vivido.

É concebível que um czar moderno da Rússia, o homem que derrotou Napoleão, tenha desaparecido silenciosamente e se tenha tornado eremita? É verdade que Ivan, o Terrível, abdicou por volta dos trinta e tal anos e se retirou para um mosteiro; os seus súbditos tiveram de ir suplicar-lhe que regressasse. Mas isso foi em 1564, numa Rússia ainda virtualmente medieval, não no século XIX esclarecido. Para compreender como isso poderia ser possível, precisamos de saber um pouco da história assustadoramente sangrenta e violenta da Rússia.

O primeiro czar absoluto foi Ivan, o Terrível, que subiu ao trono em 1547 e era um maníaco paranoico. Começou o seu reinado mandando o seu principal conselheiro ser despedaçado pelos seus cães de caça — Ivan tinha então adolescência. Depois lançou-se numa carreira de violação, assassinato e tortura — considerava todas as mulheres de Moscovo

membros do seu harém privado. O casamento pareceu reformá-lo, mas quando a sua mulher morreu, tornou-se mais paranoico do que nunca e prosseguiu perpetrando algumas das mais horríveis crueldades da história. Ao cercar a cidade de Novgorod, mandou construir uma muralha de madeira em redor dela para que ninguém pudesse escapar. Quando a cidade caiu, dirigiu um massacre que durou cinco dias; maridos e mulheres foram forçados a ver-se mutuamente a ser torturados; mães viram os seus bebés maltratados antes de elas próprias serem assadas vivas. Sessenta mil pessoas foram executadas. Quando cercou Weden, na Livónia, centenas de cidadãos preferiram fazer-se explodir num castelo a cair nas suas mãos; ele mandou torturar até à morte todos os restantes habitantes da cidade.

Ivan foi o pior dos czares, mas por pouco. Mesmo governantes que gostamos de pensar como "esclarecidos" — Pedro, o Grande, Catarina, a Grande — eram capazes de ordenar execuções em massa e tortura. A sobrinha de Pedro, o Grande, ganhou para si o título de Ana, a Sangrenta, enquanto o filho de Catarina, Paulo — a criança do seu primeiro amante, Saltykov — era um louco que oprimia o campesinato de tal modo que os fazia sentir que Ivan, o Terrível, tinha voltado. (Desde 1649 — o ano em que Carlos I foi executado em Inglaterra — os camponeses russos não eram autorizados a abandonar as propriedades dos seus donos e eram meramente "propriedade".)

Em 1801, o czar paranoico Paulo vivia recluso num palácio recém-construído que era rodeado de canais e impusera um recolher obrigatório às nove horas em São Petersburgo — cuja reação a isso foi mais ou menos a que teria sido em Londres ou Paris. A 23 de março, o regimento do seu filho Alexandre guardava o palácio. Alexandre sofrera muito com o despotismo arbitrário do pai e absorvera ideias liberais da Europa; concordou com o principal conselheiro do pai, o conde Pahlen, que Paulo tinha de ser deposto.

Diz-se que insistiu que a vida de Paulo fosse poupada, mas poucos historiadores acreditam que o dissesse a sério. Um grupo de conspiradores foi admitido no palácio depois de escurecer e entrou no quarto do czar; foi-lhe ordenado que abdicasse e depois foi estrangulado com um lenço. O povo da Rússia enlouqueceu de alegria quando Alexandre se tornou seu czar; sentiam que um pesadelo terminara.

E de facto parecia assim. O jovem czar bonito e encantador reunia-se todos os dias com um grupo de amigos liberais para discutir, ao café, a forma de regenerar o seu país através da liberdade do indivíduo. Fez rapidamente paz com os ingleses — para desgosto de Napoleão. Não tinha dúvidas de que o primeiro grande passo era a abolição da servidão; mas isso era mais fácil dizer do que fazer. O seu ministro Speransky, filho de um padre de aldeia, foi encarregado de redigir uma constituição para uma Rússia democrática; mas mesmo ele aconselhou contra libertar os servos de uma só vez. Alexandre teve de se contentar com um decreto que permitia a qualquer pessoa possuir terra, um direito que antes fora restrito à nobreza. Também fez um esforço determinado para aumentar o número de escolas e universidades. Permitiu que os estudantes viajassem para o estrangeiro, levantou a proibição de importação de livros estrangeiros e encerrou o departamento de polícia secreta.

Um primeiro passo para a libertação dos servos ficou suspenso enquanto a Rússia entrava em guerra com a Pérsia por causa da anexação russa da Geórgia — uma guerra que a Rússia acabou por vencer. Mas o principal problema de Alexandre, claro, era Napoleão, com quem o seu pai, Paulo, tinha tido relações amistosas. Em 1805 Alexandre juntou-se a Inglaterra, Áustria e Suécia numa aliança contra Napoleão. A Grã-Bretanha derrotou a frota de Napoleão em Trafalgar, mas os russos e austríacos foram derrotados por Napoleão em Austerlitz. Seguiu-se uma série de tratados com Napoleão, e Alexandre tornou-se aliado de Napoleão pelo Tratado de Tilsit (1807). Alexandre prosseguiu travando guerras bem-sucedidas contra a Turquia e a Suécia, adquirindo a Bessarábia e a Finlândia. O liberal de olhos brilhantes estava a tornar-se um herói conquistador.

Em 1812 era óbvio que Napoleão e Alexandre se detestavam demasiado para permanecerem aliados; em junho, o Grande Exército de Napoleão, reforçado por italianos, polacos, suíços, holandeses e alemães, invadiu a Rússia. Parecia o fim para Alexandre. Smolensk caiu; os russos foram derrotados em Borodino; em meados de setembro os franceses entraram em Moscovo. No dia seguinte a cidade irrompeu em chamas. Alexandre recusou fazer termos, e um mês depois Napoleão iniciou a sua retirada desastrosa.

Cercadas pelos russos e pelo inverno russo, as tropas francesas morreram às dezenas de milhar; Napoleão fugiu para Paris, deixando para trás meio milhão de cadáveres. Os prussianos desertaram então Napoleão e juntaram-se aos russos. E embora Napoleão tenha levantado outro exército e obtido algumas vitórias notáveis, não conseguiu impedir os aliados de entrarem em Paris em março de 1814. Em abril, Napoleão abdicou e foi exilado para Elba.

Alexandre tinha derrotado o "monstro corso"; era adorado por todos os seus súbditos. Se a história fosse previsível, teria completado as suas reformas e tornado-se o monarca mais popular da Europa. Infelizmente, os dez anos de guerra de Alexandre tinham-no transformado num realista e levado a arrepender-se das ilusões liberais da juventude. Sob a influência de uma visionária duvidosa chamada Julie de Krüdener, concebeu uma ideia chamada a Santa Aliança, na qual os chefes da Europa se uniriam sob princípios cristãos de fé e justiça; o estadista britânico Castlereagh chamou-lhe «misticismo sublime e disparate».

No entanto, era profundamente típico de Alexandre. Sempre parecera aos que o conheciam bem um homem dividido consigo mesmo, e diz-se — embora não seja claro com quanta verdade — que nunca deixou de se recriminar pelo assassínio do pai. Alexandre era um encantador famoso, bem como um homem de sentimento; mas o exercício contínuo do seu encanto deve tê-lo feito por vezes perguntar-se se era um homem ou um rato. Para começar, continuou a cumprir os seus compromissos liberais, concedendo uma constituição à Polónia e emancipando os servos nas províncias bálticas. Mas na própria Rússia, teve o cuidado de manter o statu quo. Começou a apertar os parafusos na educação, pondo conservadores à frente das universidades. Introduziu-se a censura e professores liberais foram expurgados.

Um dos principais problemas de Alexandre era o exército. Compreensivelmente, sentia que era necessário um enorme exército permanente. Mas isso era enormemente caro. Concebeu aquilo que julgava ser uma solução brilhante para o problema: colónias militares. Os camponeses locais tinham de manter as unidades do exército, e os soldados tinham de trabalhar a terra como camponeses. Essas unidades eram uma combinação de quartéis, explorações coletivas e campos de concentração. Eram o aspeto mais odiado do reinado de Alexandre.

No entanto, curiosamente, ele encorajou o florescimento da literatura que estava a ocorrer, tornando-se patrono pessoal — e, de certo modo, carcereiro — do grande poeta romântico Alexandre Púchkin. (Uma razão para isto pode ter sido o seu desejo de levar para a cama a linda mulher de Púchkin — Alexandre, como a maioria dos czares russos, não perdia oportunidade de seduzir uma rapariga bonita.) Sob Alexandre, a literatura russa começou a desenvolver-se numa das grandes literaturas do mundo.

Foi esta combinação de liberdade e repressão que alimentou a revolução decembrista que iria rebentar três semanas após a sua morte.15 Jovens oficiais que tinham absorvido ideias liberais na Europa juntaram-se em 1816 para formar um grupo de discussão literária chamado os Filhos Fiéis da Pátria. Parecia-lhes ultrajante que a Rússia estivesse a resvalar de novo para o despotismo, e começaram a falar de revolução. Em 1820, o próprio regimento Semionovsky de Alexandre amotinou-se contra um comandante duro; Alexandre procedeu então a colocar os seus oficiais noutras partes da Rússia. Alexandre cedo se tornou consciente de que os seus oficiais conspiravam contra ele, e contudo parecia estranhamente indiferente e desiludido.

A meio dos quarenta, sentia a ironia da situação: um czar liberal que tinha conquistado Napoleão, tornara-se um símbolo de opressão para os mesmos oficiais que outrora o tinham visto como a mais brilhante esperança da Rússia. Durante muitos anos, o seu casamento com a bela imperatriz Isabel fora um casamento apenas de nome; não tinham filhos, e ele mantinha uma sucessão de amantes. A vida parecia estranhamente vazia. Quando lhe falaram da proliferação de sociedades secretas, disse com cansaço: «Eu próprio partilhei e encorajei estes erros e ilusões . . . Não tenho o direito de os punir».

Um homem mais forte e mais implacável teria mandado prender e julgar todos os conspiradores; Alexandre não tinha estômago para um banho de sangue. Começou a falar com saudade de abdicar, de se tornar um cidadão privado na Suíça, ou um botânico no Reno.

Quando foi informado da morte do seu filho da sua amante polaca, Marie Naryshkin, rebentou em lágrimas diante dos seus oficiais. Poucos dias depois, começou a viajar febrilmente por toda a Rússia e percorreu três mil milhas em quatro meses — uma façanha que não suscita espanto quase dois séculos depois, mas que, naqueles dias de carruagens aos solavancos e

estradas cheias de buracos, foi considerável. De volta a São Petersburgo em novembro de 1824, testemunhou um grande desastre: o rio Neva inundou metade da cidade. Quando ouviu um homem gritar desesperadamente, «É um castigo pelos nossos pecados», respondeu: «Não, é um castigo pelos meus pecados».

A revolta estava por toda a parte. Púchkin disse: «A Santa Rússia está a tornar-se inabitável». O ajudante-de-campo favorito do czar morreu, e a imperatriz adoeceu; Alexandre sentia que a sua vida se estava a desfazer. E quando a imperatriz decidiu tentar recuperar em Taganrog, no mar de Azov, o imperador anunciou que iria com ela. As pessoas ficaram intrigadas com a escolha de Taganrog, que não era uma estância de saúde mas uma pequena cidade-fortaleza em região selvagem e pantanosa. Por que razão não escolheu ela a Itália?

Antes de o imperador partir da capital, assistiu a um ofício num mosteiro e depois passou algum tempo com um velho eremita que era muito venerado.

Eles tiveram uma longa conversa e, quando Alexandre se foi embora, comentou: «Ouvi muitos sermões, mas nenhum me comoveu tanto como aquele velho monge. Que pena eu tenho de não o ter conhecido mais cedo».

Ele foi para Taganrog, e a imperatriz — cuja doença a impedia de se apressar — chegou dez dias depois. Durante um mês viveram simples e tranquilamente juntos, e parecia que o seu amor tinha alcançado um verão de São Martinho. Depois Alexandre voltou a ser tomado pela sua inquietação de viajante e partiu numa digressão pela Crimeia. Quando regressou a Taganrog, a 16 de novembro, estava febril.

E, segundo os livros de história, morreu ali a 1 de dezembro de 1825. Quatro testemunhas oculares garantem-no: a própria imperatriz, o seu ajudante-de-campo, o príncipe Volkonsky, o seu médico pessoal, o inglês Sir James Wylie, e o médico da corte, Tarassov. Então por que razão não haveremos de aceitar isto como verdade?

Para começar, porque os diários e cartas das testemunhas se contradizem entre si; por exemplo, um diz que ele está a piorar de forma constante, enquanto outro afirma que ele se sente muito melhor e está alegre e a sorrir. Uma coisa é certa: o czar recusou consistentemente todos os medicamentos durante a sua última doença.

23 de novembro de 1825 parece ter sido o dia crucial. De manhã, depois de ter dormido bem, o czar mandou chamar a sua mulher e permaneceu em conversa com ela durante cerca de seis horas. Evidentemente, estavam a discutir algo de considerável importância. Ela escreveu à mãe: «Quando pensa que arranjou tudo pelo melhor, surge uma provação inesperada que lhe torna impossível desfrutar da felicidade que o rodeia».

Felicidade, quando o marido estava gravemente doente? Não soa, antes, como se ela estivesse agora certa de que ele está a recuperar e que, depois da reconciliação, estava a antever uma nova e íntima relação com o marido — e então, de súbito, surge um novo obstáculo que lhe frustra as esperanças? Poderá ser que o marido lhe tenha confiado que vê esta doença como uma oportunidade para pôr em prática o seu plano de "desaparecer"?

Além disso, depois de escrever esta carta, há uma lacuna súbita no seu diário. Paléologue sugere que as entradas do diário foram destruídas pelo czar Nicolau I — o irmão mais novo de Alexandre — quando subiu ao trono. Isto é plausível, pois sabe-se que Nicolau I destruiu muitos papéis pertencentes ao irmão mais velho, assim como o diário da imperatriz. Mas se a imperatriz acabara de ser informada pelo marido de que pretendia desaparecer, isso seria uma explicação ainda melhor; é seguramente improvável que ela tivesse continuado a manter o seu diário, com provas incriminatórias.

Ocorreu outro incidente curioso. O príncipe Volkonsky registou no seu diário que Alexandre sugerira que a sua doença fosse dada a conhecer ao seu irmão mais novo, o grão-duque Constantino, que era herdeiro do trono. (Na verdade, ele recusou e permitiu que Nicolau assumisse.) Volkonsky deu a data deste pedido como 21 de novembro — depois emendou-a para 23 de novembro, o dia da longa conversa do czar com a sua mulher. Pode ter sido um erro genuíno. Ou pode ter refletido um desejo de apoiar a história de que o czar começou a piorar a 23 de novembro.

Que ele não estava num estado debilitado prova-se pelo facto de que, depois da conversa de seis horas com a sua mulher, escreveu ainda uma longa carta à sua mãe, a imperatriz-viúva Maria — uma mulher altamente dominadora — que desde então desapareceu. Nicolau I destruiu mais tarde o diário da mãe do czar, bem como todos os papéis relativos aos últimos anos de Alexandre. A prova é puramente circunstancial, mas ajusta-se

certamente à hipótese de que 23 de novembro foi o dia em que Alexandre disse à sua mulher que pretendia abdicar; o dia em que transmitiu esta notícia à mãe e ao seu ajudante-de-campo e aos seus médicos — com instruções para falsificarem os seus diários.

Quatro dias depois, o pároco de Taganrog, o padre Fedotov, chegou para dar a Alexandre a Comunhão. Quatro dias depois disso, Alexandre morreu. É crível que não tenha pedido ao padre para voltar? Esperaríamos o contrário de um homem com as suas tendências religiosas e místicas — isto é, que, quando acreditasse estar a morrer, tivesse mantido o padre junto de si a maior parte do tempo. Também não houve quaisquer últimos sacramentos, como todos os czares anteriores tinham recebido. Em vez disso, Alexandre aparentemente morreu sem quaisquer dos confortos da religião — o que soa tão absurdo como um papa morrer sem o sacramento final.

Dez médicos assinaram o relatório da autópsia no dia seguinte à morte do czar. Este relatório fornece a prova mais positiva de que o cadáver não era o do czar e de que outro cadáver fora encontrado durante as trinta e duas horas que tinham decorrido desde a sua morte. Diz-se que Alexandre morreu de malária, que faz a baça hipertrofiar. Mas a baça do cadáver era completamente normal. O exame ao cérebro revelou que o homem sofrera de sífilis. Mas Alexandre, diz Paléologue, era conhecido por ser imune à sífilis. Tivera muitas amantes, e a sua amante favorita, Marie Naryshkin, tinha muitos amantes. A sua promiscuidade deve tê-lo levado a consultar os seus médicos sobre a possibilidade de doença venérea em várias ocasiões; relatórios médicos mostram que sempre permanecera imune.

As costas e os lombos do cadáver estavam castanho-arroxeados e vermelhos; isto poderia esperar-se de um camponês que não cuidasse da pele — ou que tivesse sido recentemente açoitado — mas dificilmente de um czar.

Mas onde poderia o cadáver ter sido obtido? Não há dificuldade em responder a esta pergunta se recordarmos que Taganrog era uma cidade-guarnição cheia de soldados. Maurice Paléologue (que foi o embaixador francês na corte de Nicolau II, o último dos czares) relata que há alguma evidência (concorda que é "ténue", porque tais assuntos eram mantidos secretos) de que o médico-chefe do hospital militar, o Dr. Alexandrovitch, por acaso tinha nas mãos o corpo de um soldado que era aproximadamente

da mesma altura e tamanho que o czar. Se o corpo era o de um soldado — possivelmente um tártaro — isso poderia explicar por que razão a pele dos lombos e das costas estava roxa; os soldados eram frequentemente espancados.

Curiosamente, o Dr. Tarassov, o cirurgião real, declarou mais tarde que não tinha assinado o relatório da autópsia. No entanto, o relatório está assinado por Tarassov. Por que razão Tarassov achou que não o tinha assinado? Teria sido porque não desejava pôr o seu nome num documento que sabia ser falso? Por outro lado, um relatório de autópsia não assinado confirmaria suspeitas se surgisse qualquer questão da "sobrevivência" do czar, e seria portanto lógico que alguém falsificasse a assinatura de Tarassov.

Também se sabe que quando os restos mortais do czar foram expostos à vista do público — como tinham de o ser por costume — na igreja de Taganrog, todos os que olharam para o rosto disseram a mesma coisa: «É esse o czar? Como ele mudou».

Outro acontecimento curioso ocorreu quando o caixão seguia de volta para São Petersburgo — ou antes, para o palácio de verão em Tsarskoe Selo — no março seguinte. (No inverno russo gelado, o corpo estava perfeitamente preservado, como se tivesse sido mantido num congelador profundo.) Quando o caixão chegou a Babino, a cinquenta milhas do seu destino, a imperatriz-viúva Maria Feodorovna veio — sozinha — vê-lo. Ordenou que o caixão fosse aberto, olhou longamente para o corpo e depois foi-se embora. Parece estranho que tenha feito a viagem até Babino quando poderia, com igual facilidade, ter visto o corpo em São Petersburgo. Regista-se que ela recebera recentemente «uma confidência muito grave» da princesa Volkonsky, mulher do ajudante-de-campo do czar. Se essa confidência era que o cadáver não era o do czar, isso explicaria certamente a sua visita em pleno inverno. Se assumirmos que a carta de 23 de novembro apenas lhe dissera que Alexandre decidira abdicar e que a notícia seguinte que recebeu foi a da sua morte, então torna-se compreensível que estivesse ansiosa por descobrir o mais depressa possível se era verdade que o seu filho ainda estava vivo. Não queria ver o corpo na presença de outras pessoas.

Alexandre foi levado para o palácio de verão em Tsarskoe Selo, embora se pudesse esperar que ficasse em câmara ardente em São

Petersburgo para que os seus súbditos o vissem pela última vez. Em vez disso, apenas a família real passou diante do caixão na capela. Quando a imperatriz-viúva o fez, fez a curiosa observação: «Sim, esse é o meu querido filho Alexandre» e beijou a testa do cadáver. O corpo foi então levado para a Fortaleza de Pedro e Paulo e colocado num túmulo.

Quarenta anos mais tarde, o novo czar, Alexandre II, ouviu os rumores de que o eremita Fedor Kuzmich, que morrera no ano anterior, era na verdade o czar Alexandre I. Ordenou que o túmulo fosse aberto. Isso foi feito de noite, sob a direção do ministro da corte imperial, o conde Adlersberg. O caixão revelou-se vazio. O túmulo foi então selado novamente sem o caixão.

Paléologue regista que o túmulo foi aberto de novo no reinado do czar Alexandre III e que o caixão estava em falta. Em contradição com isto, o historiador R. D. Charques regista, numa nota de rodapé na sua Short History of Russia (1956), que o caixão foi aberto de novo pelos bolcheviques na década de 1920 e encontrado vazio.

Mas, na sua introdução a Death of Ivan Ilyich de Tolstói (que contém a sua história "Fedor Kuzmich"), o tradutor de Tolstói, Aylmer Maude, afirma que, em 1927, o governo soviético mandou abrir os túmulos imperiais e que o de Alexandre I continha apenas uma barra de chumbo. Isto parece muito mais provável. Sugere que o relato de Paléologue é o correto e que Charques escreveu caixão quando queria dizer túmulo. De facto, um caixão completamente vazio não seria colocado no túmulo, pois seria evidente para os que o levantassem que estava vazio; quase de certeza seria colocado algo dentro para lhe dar peso, e esse algo poderia muito bem ser uma barra de chumbo. Quando o caixão foi encontrado vazio pelo conde Adlersberg, isso muito bem poderia ter ficado para trás no túmulo.

Tolstói ficou intrigado com a história de Fedor Kuzmich e, como já foi referido, esboçou uma história — inacabada à altura da sua morte — sobre ela. O "Fedor Kuzmich" de Tolstói pretende ser o diário de Alexandre I. O protagonista descreve-se como «o maior dos criminosos», o assassino de centenas de milhares de pessoas, bem como do seu próprio pai. Em Taganrog, diz ele, recebeu uma carta do seu ministro, Arakcheyev, descrevendo o assassínio da voluptuosa amante de Arakcheyev; isto, diz ele, encheu-o de pensamentos lúbricos. Na manhã seguinte, muito cedo, saiu sozinho, ouviu o som de tambores e flautas e percebeu que um soldado

estava a ser obrigado a correr a gauntlet — isto é, a correr meio nu entre filas de colegas que o bateriam com varas.

A ideia da rapariga assassinada e de um soldado a ser espancado com varas «fundiu-se numa única sensação estimulante». Depois percebeu que o soldado que estava a ser espancado tinha uma semelhança marcante consigo; era um homem chamado Strumenski, a quem por vezes chamavam a brincar Alexandre II. Tinha estado no antigo regimento do czar e estava agora a ser punido por tentativa de deserção. Dois dias depois, o czar fez perguntas e soube que Strumenski estava a morrer. Foi quando o seu chefe de estado-maior lhe falava de várias conspirações que o desejo de abdicar voltou a apoderar-se dele com uma força tremenda, e percebeu que a morte de Strumenski lhe daria a oportunidade de que precisava. E quando, no dia seguinte, se cortou gravemente ao barbear-se e caiu no chão, decidiu que chegara o momento de pôr o seu plano em prática.

A versão de Tolstói assume que Alexandre decidiu desaparecer por impulso em Taganrog; Paléologue suspeita que escolheu Taganrog porque já tinha planeado o seu desaparecimento.

Curiosamente, Paléologue duvida que Fedor Kuzmich fosse Alexandre I — cita uma história segundo a qual um lorde inglês apanhou o czar no seu iate e Alexandre morreu como monge na Palestina. Isto é, em certo sentido, mais lógico do que a ideia de que se tornou um errante na Rússia, onde teria sido facilmente reconhecido.

Muitos historiadores, incluindo Charques, descartam a ideia de que Alexandre I tenha sobrevivido à sua "morte" em Taganrog. Em The Court of Russia in the Nineteenth Century (1908), E. A. Brayley Hodgetts cita o relatório de Sir James Wylie, o médico inglês do czar, que examinou o corpo e diagnosticou que a morte se devia a «febre remitente biliosa». Mas se Alexandre "desapareceu", então Wylie fazia sem dúvida parte da conspiração. E as dúvidas sobre a teoria do desaparecimento devem ser equilibradas contra a evidência do túmulo vazio e contra toda a estranha história da doença final e morte de Alexandre. Agora parece improvável que alguém alguma vez prove que Alexandre I arranjou o seu próprio desaparecimento. Mas a razão por que é improvável — que todos os diários e cartas relevantes tenham misteriosamente desaparecido — sugere que é verdade.

31
O Monstro do Loch Ness

Loch Ness, o maior dos lagos britânicos, tem vinte e duas milhas de comprimento e cerca de uma milha de largura; na sua maior profundidade, tem 950 pés de profundidade. Faz parte do Great Glen, que corre como uma fenda profunda através de toda a Escócia, de uma costa à outra; abriu-se entre 300 e 400 milhões de anos atrás como resultado de terramotos, e depois foi aprofundado por glaciares. Na extremidade sul do loch há a pequena cidade de Fort Augustus; na extremidade norte, Inverness. Até ao século XVIII, o loch era praticamente inacessível, exceto por trilhos sinuosos; só em 1731 é que o general Wade começou a trabalhar na estrada que vai de Fort Augustus pela margem sul do loch (embora Fort Augustus só tenha recebido esse nome em 1742). Mas esta estrada íngreme, que faz um grande desvio para o interior, não era obviamente a distância mais curta entre Fort Augustus e Inverness; a rota mais direta correria ao longo da margem norte. No início da década de 1930, uma estrada foi finalmente aberta a golpes de picareta e explosivos nessa margem norte, e enormes quantidades de rocha foram despejadas pelas encostas íngremes do Loch Ness.

A estrada tinha acabado de ser concluída em abril de 1933, e foi no dia 14 desse mês que o Sr. e a Sra. John Mackay, proprietários do Drumnadrochit Hotel, regressavam a casa de uma viagem a Inverness. Eram cerca de três da tarde quando a Sra. Mackay apontou e disse: «O que é aquilo, John»? A água, no meio do loch, estava num estado de agitação; ao princípio ela pensou que eram dois patos a lutar, depois apercebeu-se de que a área da perturbação era demasiado ampla. Quando o marido encostou, viram um grande animal no meio da água revolta; depois, enquanto observavam, a criatura nadou em direção ao cais de Aldourie, do outro lado do loch. Por um momento vislumbraram duas corcovas negras,

que subiam e desciam de forma ondulante; depois a criatura fez meia volta e afundou-se, desaparecendo de vista.

Os Mackay não fizeram qualquer tentativa de publicitar a sua história, mas a bisbilhotice sobre o avistamento chegou a um jovem fiscal das águas, Alex Campbell, que também era correspondente local do Inverness Courier; ele foi falar com os Mackay, e o seu relato entrou no Courier a 2 de maio, mais de duas semanas depois de o avistamento ter ocorrido. Diz-se que o editor comentou: «Se é tão grande como eles dizem, não é uma criatura, é um monstro». E assim o "Monstro do Loch Ness" adquiriu o seu nome.

Isto não foi, estritamente falando, o primeiro relato do monstro a aparecer impresso. Essa distinção pertence a uma Vida de São Columba datada de cerca de 565 d.C. Isto conta (no vol. 6, livro 11, cap. 27) como o santo chegou a uma barca numa travessia nas margens do loch e encontrou alguns homens a preparar-se para enterrar um companheiro que fora mordido até à morte por um monstro aquático enquanto nadava. O santo ordenou a um dos seus próprios seguidores que atravessasse o loch a nado. O monstro ouviu os salpicos e nadou na direção dele, altura em que o santo fez o sinal da cruz e ordenou à criatura que se fosse embora; o monstro, aterrorizado, obedeceu…

Outros relatos ao longo dos séculos são mais difíceis de fixar; no seu livro sobre o monstro, Nicholas Witchell menciona várias referências à "besta" ou "kelpie de água" (fada) do Loch Ness em livros antigos entre 1600 e 1800. E depois de o comandante Rupert Gould ter publicado um livro sobre o monstro em 1934, um Dr. D. Mackenzie de Balnain escreveu a Gould afirmando tê-lo visto em 1871 ou 1872, parecendo-se um pouco com um barco virado ao contrário mas movendo-se a grande velocidade, «contorcendo-se e revolvendo a água». Alex Campbell, o fiscal das águas, relatou que um crofter chamado Alexander MacDonald tinha visto o monstro em 1802 e o tinha contado a um dos antepassados de Campbell. Mas relatos de ouvir dizer como este inevitavelmente levaram céticos a suspeitar que as pessoas locais, particularmente hoteleiros, tinham um interesse financeiro em promover o monstro, de modo que, em meados da década de 1930, "Nessie" (como ela foi em breve batizada na zona) se tornara uma espécie de piada.

Na verdade, o primeiro relato "moderno" do monstro ocorrera em 1930; o Northern Chronicle relatou que três jovens que estavam num barco a pescar em 22 de julho desse ano, perto de Dores, na margem sul, viram uma grande agitação na água a cerca de 600 jardas de distância, e alguma grande criatura a nadar na direção deles logo abaixo da superfície; virou para o lado quando estava a cerca de 300 jardas. Os jovens comentaram que «certamente não era um tubarão-frade nem uma foca».

Esse verão de 1933 foi um dos mais quentes de que há registo e, no fim do verão, o monstro do Loch Ness era conhecido de leitores em todas as Ilhas Britânicas; ainda iria tornar-se uma sensação mundial.

A esta altura o monstro também tinha sido visto em terra. Numa tranquila tarde de verão, 22 de julho de 1933, o Sr. e a Sra. George Spicer iam de volta para Londres depois de umas férias nas Highlands. Por volta das quatro horas estavam a conduzir pela estrada sul de Inverness para Fort William (a estrada original do general Wade) e encontravam-se no troço intermédio entre Dores e Foyers. A cerca de duzentas jardas à frente viram um objeto parecido com um tronco aparentemente estendido através da estrada. Depois viram que estava em movimento e que estavam a olhar para um pescoço comprido. A isto seguiu-se um corpo cinzento, com cerca de cinco pés de altura (o Sr. Spicer disse mais tarde: «Foi horrível — uma abominação») que se moveu através da estrada aos solavancos. Como estavam numa encosta, não conseguiam ver se tinha pernas ou não e, quando o carro atingiu o topo da encosta, tinha desaparecido na vegetação do lado oposto. Parecia estar a transportar alguma coisa nas costas.

Não viram cauda, e o desenho que o comandante Gould fez mais tarde sob a sua orientação justifica a descrição do Sr. Spicer de «um enorme caracol com um pescoço comprido». Quando Gould ouviu falar deste avistamento, pensou que era uma partida; mas depois de ter entrevistado os Spicer em Londres não teve dúvidas de que diziam a verdade. Os Spicer ainda pareciam abalados e perturbados. Mais tarde foi sugerido que o objeto por cima do ombro do monstro poderia ter sido uma ovelha morta. Em 1971 Nicholas Witchell entrevistou a Sra. Margaret Cameron, que afirmou ter visto o monstro em terra quando era adolescente, durante a Primeira Guerra Mundial; ela disse: «Tinha um corpo enorme e o seu movimento ao sair das árvores era como o de uma lagarta».

Também o descreveu como tendo cerca de vinte pés de comprimento e disse que tinha dois pés curtos e redondos à frente, e que baloiçava de um lado para o outro ao entrar na água. Ela e as amigas ficaram tão enjoadas e perturbadas que não conseguiram comer o chá depois. Witchell também entrevistou um homem chamado Jock Forbes, que afirmou ter visto o monstro em 1919, quando tinha doze anos; era uma noite de tempestade e ele e o pai iam numa charrete puxada por um pónei quando o pónei empinou e viram algo grande atravessar a estrada à frente deles, e depois ouviram um chapinhar quando se atirou para o loch.

Em novembro de 1933 "Nessie" foi fotografada pela primeira vez. Hugh Gray, um empregado da British Aluminium Company, caminhava num promontório arborizado, cinquenta pés acima do loch, perto de Foyers. Tinha visto o monstro numa ocasião anterior e agora levava consigo uma câmara. Era domingo, 12 de novembro de 1933, uma manhã soalheira, e Gray sentou-se por um momento a olhar para o loch. Ao fazê-lo, viu o monstro a erguer-se da água, a cerca de duzentas jardas. Ergueu a câmara e fotografou-o quando estava dois ou três pés acima da superfície da água.

Não é a mais nítida das fotografias — é fácil concentrar a atenção na sombra escura e ignorar o volume vago e acinzentado da criatura a emergir da água acima dela. Esta foi apenas uma de cinco fotografias; as outras parecem ter sido ainda menos satisfatórias. Gray estava tão ambivalente quanto ao avistamento — receoso de ser alvo de troça — que deixou o rolo na câmara durante duas semanas, até que o irmão o levou a revelar. A fotografia apareceu no Scottish Daily Record e no London Daily Sketch em 6 de dezembro de 1933, juntamente com uma declaração da empresa de filmes Kodak de que o negativo não tinha sido retocado. Mas o professor Graham Kerr, um zoólogo da Universidade de Glasgow, declarou que a achava totalmente pouco convincente como fotografia de qualquer ser vivo. Foi o início da "desmistificação" do monstro, na qual grandes zoólogos haveriam de ser proeminentes durante muitas décadas.

E os avistamentos continuaram. No dia seguinte ao clique de Hugh Gray, o Dr. J. Kirton e a sua mulher desciam a encosta atrás do Invermoriston Hotel quando viram o monstro a nadar para longe deles. Viram um dorso arredondado com uma protuberância no meio, «como a vista traseira de um pato num lago». Gould lista isto como o vigésimo sexto avistamento de 1933. Uma semana mais tarde, a 20 de novembro, o

monstro foi visto deitado imóvel na água durante cerca de dez minutos por uma Sr.ª N. Simpson, perto de Altsigh; ela avaliou o seu comprimento em cerca de 30 pés. Depois viu-o nadar debaixo de água para o centro do loch «a uma velocidade semelhante à de uma lancha com motor fora de borda».

Em 12 de dezembro de 1933, uma firma de produtores de cinema escoceses, Irvine, Clayton and Hay, conseguiu filmar o monstro em movimento durante alguns segundos; infelizmente, o filme mostra pouco mais do que uma longa sombra escura a mover-se através da água.

A fotografia mais famosa do monstro foi tirada no abril seguinte, 1934 — a célebre "fotografia do cirurgião". A 1 de abril de 1934, Robert Kenneth Wilson, membro do Royal College of Surgeons, conduzia para norte com um amigo; tinham arrendado um local de caça a aves aquáticas perto de Inverness e pretendiam ir até lá e tirar fotografias às aves. Wilson tinha pedido emprestada uma câmara com lente teleobjetiva. Era cedo, cerca das sete da manhã, e pararam o carro num pequeno promontório a duas milhas a norte de Invermoriston.

Enquanto observavam a superfície, notaram sinais de «considerável agitação» que parecem anunciar a chegada do monstro, e o amigo, Maurice Chambers, gritou: «Meu Deus, é o monstro». Wilson correu para o carro, voltou com a câmara e conseguiu expor quatro chapas em dois minutos com tanta pressa que nem sequer olhou para o que estava a fotografar. A cabeça serpentina, não muito diferente da tromba de um elefante, recuou então suavemente para dentro da água. Sem saber se tinha captado alguma coisa, Wilson apressou-se a ir a Inverness e levou as chapas a um farmacêutico para as revelar. Ficaram prontas mais tarde nesse dia. Duas revelaram-se em branco; uma mostrava a cabeça prestes a desaparecer na água. Mas a quarta era excelente, mostrando o pescoço semelhante ao de um dinossauro e a pequena cabeça.

Wilson vendeu os direitos de autor da fotografia ao Daily Mail e ela apareceu em 21 de abril de 1934, criando sensação. Também suscitou os habituais rugidos de troça do establishment científico, que classificou a fotografia como falsa e apontou que o "cirurgião" (que tinha ocultado a sua identidade) podia ser uma invenção do autor da fraude. Na verdade, Wilson depressa permitiu que o identificassem, e o seu nome apareceu no livro do comandante Gould, The Loch Ness Monster and Others, que saiu no mesmo ano, com a "fotografia do cirurgião" como frontispício. (O facto de

a fotografia ter sido tirada a 1 de abril pode ter aumentado o cepticismo geral.)

Muitos anos mais tarde, outro investigador do monstro, Tim Dinsdale, segurou a fotografia à distância de um braço e reparou em algo que o convenceu da sua autenticidade. Quando vista de longe, é visível um ténue círculo concêntrico de anéis em torno do monstro, enquanto há outro círculo ao fundo, como se outra parte do corpo estivesse logo abaixo da superfície. Ninguém, apontou Dinsdale, se daria ao trabalho de falsificar um pormenor que é quase invisível ao olho. Outra peça de prova a favor da sua autenticidade surgiu em 1972, quando a fotografia foi sujeita ao processo de melhoria por computador na NASA; a imagem melhorada mostrou sinais de bigodes a pender da mandíbula inferior.

Em julho de 1934, uma equipa de catorze homens foi contratada por Sir Edward Mountain, por um salário de £2 por semana por homem, para passar cinco semanas nas margens do loch, armados com câmaras. Foram tiradas cinco fotografias promissoras; quatro delas apenas mostravam um rasto escuro, que poderia ter sido causado por um barco; a quinta mostrava uma cabeça a desaparecer num salpico de espuma. Depois de os vigias terem sido pagos e despedidos, o capitão James Frazer, que estivera encarregado da expedição, conseguiu filmar vários pés de película a partir de uma posição mesmo acima do Castelo Urquart. Mostrava um objeto como um barco de fundo chato virado ao contrário, com cerca de quinze pés de comprimento; desaparecia numa nuvem de espuma. Zoólogos que viram o filme disseram que a criatura era uma foca. O capitão Frazer admitiu mais tarde que teve de suportar muita ridicularização.

Os avistamentos continuaram e foram tiradas mais fotografias; mas o público em geral deixara de estar profundamente interessado no monstro. Depois da excitação inicial, a maioria das pessoas estava disposta a aceitar o ponto de vista dos céticos de que o monstro tinha sido uma invenção cínica de pessoas envolvidas no negócio turístico das Highlands; se assim foi, certamente resultou, pois os hotéis do Loch Ness estiveram cheios durante todo o verão. Um dos avistamentos mais interessantes de 1934 passou praticamente despercebido. A 26 de maio, o irmão Richard Horan, da Abadia de São Bento, estava a trabalhar no ancoradouro da abadia quando ouviu um ruído na água e viu o monstro a olhar para ele a uma distância de cerca de trinta jardas.

Tinha um pescoço gracioso com uma larga faixa branca na frente, e um focinho como o de uma foca. Três outras pessoas corroboraram o seu avistamento. Em dezembro do ano seguinte, uma Sr.ª Rena Mackenzie também viu o monstro bastante perto e notou que a cabeça parecia minúscula e que a parte de baixo da garganta era branca. Um homem chamado John Maclean, que viu o monstro em julho de 1938, viu a cabeça e o pescoço a apenas vinte jardas de distância e disse que era evidente que estava a engolir comida, abrindo e fechando a boca e atirando a cabeça para trás «exatamente da mesma maneira que um corvo-marinho faz depois de engolir um peixe». Quando a criatura mergulhou, Maclean e a sua mulher viram duas corcovas. Descreveram-na como tendo cerca de dezoito pés de comprimento e disseram que, de perto, a sua pele era castanho-escura e «como a de um cavalo quando está molhado e a brilhar». Cada um destes avistamentos permite-nos formar uma imagem mais clara do monstro. E em julho de 1958 o fiscal das águas Alex Campbell teve um avistamento que confirmou algo em que acreditara durante muitos anos — que devia haver mais do que uma das criaturas; viu uma a repousar calmamente perto da Abadia de São Bento enquanto outra (visível como uma grande corcova negra) atravessava o loch, revolvendo a superfície da água. (Muitos relatos indicam que os animais podem mover-se a grande velocidade.)

Durante a Segunda Guerra Mundial o interesse no monstro (ou monstros) diminuiu, embora continuassem a ser relatados avistamentos. Em 1943 o comandante Russell Flint, ao comando de uma lancha a motor que atravessava o Loch Ness a caminho de Swansea, relatou um enorme solavanco que convenceu a tripulação de que tinham embatido em detritos flutuantes. Na verdade, viram o monstro a desaparecer numa agitação de água. O seu sinal para o Almirantado, informando que sofrera danos na proa de estibordo após uma colisão com o monstro do Loch Ness, valeu-lhe em resposta «um belo ralhete».

Em novembro de 1950, o *Daily Herald* publicou uma reportagem intitulada “The Secret of Loch Ness”, alegando que dezenas de minas com dois metros e meio de diâmetro tinham sido ancoradas no fundo do lago desde 1918, algumas a uma profundidade de uma milha. (O *Herald* afirmava que, na sua maior profundidade, o lago tem sete milhas de profundidade.) A história tinha aparentemente algum ligeiro fundamento fatual; minas tinham sido colocadas em 1918 pelo HMS *Welbeck* – Hugh Gray, que mais tarde tirou a primeira fotografia do monstro, encontrava-se

a bordo – mas quando uma embarcação foi recolhê-las em 1922, apenas as âncoras permaneceram. As minas, que tinham sido concebidas para durar apenas alguns anos, encontravam-se provavelmente no fundo. Certamente nenhuma das fotografias se assemelha minimamente a uma mina de dois metros e meio, mesmo que tivesse espoletas.

No ano seguinte, outra fotografia do monstro foi tirada por um guarda-florestal chamado Lachlan Stuart. Estava prestes a ordenhar uma vaca, cedo, a 14 de julho de 1951, quando viu algo a mover-se rapidamente ao longo do lago, tão rapidamente que, a princípio, pensou tratar-se de uma lancha rápida. Agarrou na sua câmara, desceu a colina a correr e fotografou o monstro quando este se encontrava a apenas cinquenta jardas da margem. O resultado foi uma fotografia que mostrava três corcovas distintas.

Quatro anos mais tarde, um gerente bancário chamado Peter Macnab regressava de férias no norte da Escócia e parou o carro logo acima do Castelo de Urquhart. Era uma tarde calma e quente – 29 de julho de 1955 – e viu um movimento na água imóvel perto do castelo; ergueu apressadamente a câmara e tirou uma fotografia que veio a juntar-se à "fotografia do cirurgião" e à fotografia de Lachlan Stuart como uma das imagens clássicas do monstro. Mas estava tão ansioso por evitar o ridículo que só divulgou a fotografia três anos depois, em 1958.

Antes de isso acontecer, o interesse no caso fora reavivado pelo melhor livro até então publicado sobre o assunto – *More Than a Legend*, publicado em 1957. A autora era Constance Whyte, esposa do diretor do canal da Caledónia, que se interessou pelo monstro depois de lhe terem pedido que escrevesse um artigo sobre o tema para uma pequena revista local. A Sra. Whyte entrevistou todas as testemunhas que conseguiu encontrar e produziu o primeiro levantamento global das provas desde o livro de Rupert Gould, de 1934. *More Than a Legend* despertou um interesse generalizado, a autora foi inundada de correspondência e, mais uma vez, o monstro do Loch Ness tornou-se notícia. O que a Sra. Whyte fizera, com a sua investigação cuidadosa, fora refutar a ideia de que o monstro era uma brincadeira ou uma invenção da Junta de Turismo da Escócia. Ninguém que leia o seu livro pode terminá-lo com a mínima dúvida de que o monstro realmente existe e que se mostra com uma frequência razoável.

O resultado imediato foi uma nova geração de "caçadores de monstros". Um deles, Frank Searle, era gerente de uma empresa de frutarias em Londres; comprou o livro de Constance Whyte e, em 1958, decidiu acampar junto ao Loch Ness. A partir de então regressou repetidamente. Em junho de 1965 estava estacionado numa berma perto de Invermoriston e conversava com alguns boleeiros quando viu um objeto escuro romper a superfície e percebeu que finalmente tinha visto o monstro. A sua excitação foi tão grande que, em 1969, deixou o emprego e montou a sua tenda junto ao Loch Ness, onde permaneceria durante os quatro anos seguintes.

Em agosto de 1971 viu a cauda de perto quando o monstro mergulhou; a sua impressão foi a de uma cauda de jacaré, "com dois metros de comprimento, escura e nodosa em cima, lisa e branco-sujo por baixo". Em novembro de 1971 obteve a sua primeira fotografia do monstro – uma corcova escura num redemoinho de água; admitiu que era "inconclusiva". Mas nos cinco anos seguintes conseguiu pelo menos dez das melhores fotografias do monstro até então tiradas, incluindo uma que mostrava o pescoço semelhante ao de um cisne a erguer-se da água e outra que mostrava tanto o pescoço como uma das corcovas; estas foram publicadas em *Nessie: Seven Years in Search of the Monster*, em 1976. Durante esse período, a sua tenda tornara-se uma "Meca para visitantes" – na sua maioria encaminhados pela Junta de Turismo da Escócia – e, em 1975, estimou ter recebido vinte e cinco mil visitantes em oito meses. A 7 de junho de 1974, juntamente com uma visitante do Quebeque, teve uma observação memorável.

Ao aproximarem-se de uma vedação de arame farpado perto de Foyers, ouviram um som de salpicos. Aproximaram-se furtivamente e espreitaram por cima da vedação "e viram duas das mais estranhas criaturinhas que alguma vez vi. Tinham cerca de sessenta centímetros de comprimento, de cor cinzento-escuro, algo semelhante à pele de um elefante bebé, cabeças pequenas com olhos negros salientes, pescoços longos e corpos roliços. Tinham caudas semelhantes às de serpente, enroladas ao longo dos lados, e, de cada lado do corpo, dois apêndices como cotos". Quando tentou atravessar a vedação, as pequenas criaturas "afastaram-se com uma espécie de movimento semelhante ao de um caranguejo" e submergiram no lago em poucos segundos.

Mas no seu livro *The Loch Ness Story* – talvez o melhor relato abrangente da caça ao monstro – Nicholas Witchell comenta: "É um facto lamentável que pode facilmente ser provado que estas fotografias de 1972 foram adulteradas. O Sr. Searle também produziu outra série idêntica às fotografias originais em todos os aspetos, exceto pelo facto de lhes ter sido acrescentada uma corcova extra por algum processo de sobreposição ou por refotografia". E acrescenta: "Devido ao conteúdo altamente suspeito de algumas das fotografias do Sr. Searle e às inconsistências dos factos que rodeiam a sua obtenção, não é possível aceitá-las como fotografias autênticas de objetos animados no Loch Ness".

Em 1959, um engenheiro aeronáutico chamado Tim Dinsdale leu um artigo sobre o monstro numa revista chamada *Everybody's* e ficou intrigado. Passou a maior parte desse inverno a ler tudo o que conseguiu encontrar; foi no fevereiro seguinte que (como já descrito) olhou para a fotografia do cirurgião e reparou no círculo de ondulações que o convenceu de que era genuína. Em abril desse ano, Dinsdale partiu para o Loch Ness para caçar o monstro. Mas, após cinco dias, ainda não tinha visto nada. No dia anterior ao seu regresso a casa aproximava-se do seu hotel em Foyers quando viu algo no lago; com os binóculos distinguiu uma corcova.

Agarrou na sua câmara de cinema de 16 mm e começou a filmar enquanto a criatura se afastava a nadar. Depois, quase sem película, desceu de carro até à beira da água; quando lá chegou, a criatura tinha desaparecido. Mas Dinsdale tinha cinquenta pés de película mostrando o monstro em movimento. Quando exibido na televisão, suscitou um interesse generalizado e – como diz Witchell – assinalou uma nova fase na saga do monstro.

Nesse mês de junho, a primeira expedição científica ao Loch Ness iniciou uma investigação de um mês, com trinta estudantes voluntários e um eco-sonda Marconi, bem como uma grande coleção de câmaras. Em julho foi avistada uma corcova de três metros e o eco-sonda seguiu um grande objeto enquanto mergulhava da superfície até uma profundidade de sessenta pés e voltava a subir. A expedição descobriu também grandes cardumes de truta alpina a cem pés de profundidade – uma resposta aos céticos que diziam que o lago não continha peixe suficiente para sustentar um monstro; a conclusão da equipa foi que havia peixe suficiente para sustentar vários.

Mas o Dr. Denys Tucker, do Museu Britânico de História Natural, que organizara esta expedição, não a liderou como tencionava; em junho foi despedido do seu emprego – segundo acreditava, por ter expressado publicamente a sua crença na existência do monstro.

Dinsdale tornou-se amigo próximo de Torquil MacLeod, que tinha visto o monstro quase fora de água em fevereiro de 1960. MacLeod observara-o durante nove minutos e admitiu ter ficado "apavorado com o seu tamanho", que estimou entre 40 e 60 pés. Tinha um pescoço longo, como a tromba de um elefante, que se movia constantemente de um lado para o outro e para cima e para baixo, e "remadores" à frente e atrás. Em agosto de 1960, MacLeod teve outro avistamento a partir da margem, enquanto uma família num iate a motor pertencente ao diretor de empresa R. H. Lowrie viu o monstro de perto durante cerca de um quarto de hora, tirando algumas fotografias. A certa altura pensaram que o monstro se dirigia diretamente contra eles e que estava prestes a colidir; mas desviou-se e desapareceu.

Foi também em agosto de 1960 que Sir Peter Scott, fundador do Wildfowl Trust, e Richard Fitter, da Fauna Preservation Society, abordaram o deputado David James e pediram a sua ajuda para tentar obter assistência governamental para uma "tentativa total de descobrir o que exatamente se encontra no Loch Ness". Em abril de 1961, um painel decidiu que existia um caso prima facie para investigar o lago. O resultado foi a formação do Bureau for Investigating the Loch Ness Phenomena, uma instituição de beneficência registada. Em outubro de 1961, dois potentes holofotes varreram o lago todas as noites durante duas semanas e, numa ocasião, iluminaram um "objeto semelhante a um dedo" de dois metros e meio erguendo-se da água. Em 1962, outra equipa utilizou sonar e detetou vários "grandes objetos"; um desses registos de sonar precedeu uma aparição do monstro à superfície.

Em 1966, o filme de Tim Dinsdale foi submetido a análise pela Inteligência da Força Aérea, que informou que o objeto filmado não era certamente um barco nem um submarino, e pelos especialistas em melhoramento informático da NASA, que descobriram que outras duas partes do corpo também romperam a superfície além da corcova principal.

Em agosto de 1962, outro "caçador de monstros", F. W. ("Ted") Holiday, estacionou a sua carrinha junto ao Loch Ness, na margem sul, em

frente ao Castelo de Urquhart. Ao cair da noite teve a sensação de que "o Loch Ness não é uma água junto à qual se deva permanecer". Duas noites depois, numa noite perfeitamente calma, ouviu o estrondo de ondas a rebentar na praia pedregosa, embora não houvesse som de motor de barco. Dois dias depois teve o seu primeiro avistamento do monstro. Numa colina perto do local onde Dinsdale filmara em 1961, viu subitamente um objeto negro e reluzente erguer-se cerca de um metro acima da água; depois mergulhou como "um hipopótamo a mergulhar". Ainda conseguia ver a forma do animal logo abaixo da superfície. Calculou que tivesse cerca de 45 pés de comprimento. Então um homem num cais próximo começou a martelar e a criatura desapareceu.

Todos os anos, a partir de então, Holiday regressou ao lago; mas em 1963 e 1964 não teve sorte. Depois, em 1965, viu-o em duas ocasiões; na primeira viu-o (parecendo um barco virado ao contrário) de três posições diferentes enquanto conduzia ao longo do lago para obter melhor vista. Mas já tinha chegado a uma conclusão acerca da natureza do monstro: que era simplesmente uma versão gigante da comum lesma de jardim, um antepassado da lula e do polvo. No seu livro *The Great Orm of Loch Ness* argumentou que o monstro é um tipo de *Tullimonstrum gregarium*, uma criatura que se assemelha um pouco a um submarino com uma cauda larga. Passou também a acreditar que estes monstros foram outrora muito mais abundantes nas Ilhas Britânicas, que eram conhecidos como "worms" (ou "orms") e que deram origem à lenda dos dragões. Uma fotografia no livro mostra a península de Worm's Head, no sul do País de Gales, e argumenta que assim se chama porque se assemelha ao "orm" da lenda e do Loch Ness.

Em 1963, Holiday entrevistou dois pescadores que tinham visto o monstro de perto, a apenas 20 ou 30 jardas. Um deles disse que a cabeça lhe fazia lembrar a de um bulldog, larga e muito feia. O pescoço era franjado por algo que parecia cabelo preto grosseiro. Numa carta a Dinsdale, Holiday comentou: "Quando as pessoas se deparam com este animal fantástico a curta distância parecem ficar atordoadas. Há algo de estranho em Nessie que não tem nada a ver com tamanho ou aparência. Estranho, não é?" Ficou intrigado com o número de pessoas que sentiam horror ao ver o monstro. Porque estavam os dragões e os "orms" sempre associados a poderes do mal na mitologia medieval? Começou também a sentir cada vez mais que era mais do que coincidência o facto de os

monstros serem tão difíceis de fotografar: uma vez tinha o dedo no botão quando a cabeça submergiu. Ou os monstros possuíam alguma consciência telepática da observação humana ou estavam associados a algum tipo de "sincronicidade" junguiana, ou coincidência significativa.

Holiday, que era correspondente de pesca, tivera também vários avistamentos de OVNIs (ou Discos Voadores) e um ou dois encontros próximos com "poltergeists" (ou "fantasmas barulhentos"). E ficou intrigado ao saber que a Boleskine House, perto de Foyers, fora habitada pelo notório "mago" Aleister Crowley nos primeiros anos do século XX e que Crowley começara ali a realizar um longo ritual mágico de um certo Abramelin, o Mago. O próprio Crowley afirmava que a casa se enchera de espíritos sombrios enquanto realizava o ritual (que demora muitos meses) e que estes tinham levado um cocheiro à bebida e uma vidente à prostituição. Crowley não conseguiu completar o ritual e, segundo Holiday, "o infortúnio perseguiu-o" a partir daí. Embora nunca o diga explicitamente, Holiday parecia alimentar a suspeita de que o monstro poderia ter sido conjurado por Crowley: certamente considerava coincidência o facto de uma criatura associada ao mal ser vista com tanta frequência a partir de Foyers, perto da Boleskine House. Achou também estranho quando estudantes americanos que exploravam o cemitério perto de Boleskine encontraram uma tapeçaria e uma concha marinha sob uma laje tumular. A tapeçaria – provavelmente de origem turca – tinha "criaturas semelhantes a vermes" bordadas e a sua ausência de bolor sugeria que tinha sido escondida recentemente. Holiday suspeitou que tivesse sido usada numa cerimónia mágica e que a cerimónia tivesse sido abandonada apressadamente quando alguém entrou no adro. Parecia que a magia negra ainda era praticada perto da Boleskine House.

Pouco depois, Holiday foi jantar a casa de um amigo perto do Loch Ness e conheceu um americano chamado Dr. Dee, que se encontrava em Inglaterra a pesquisar a sua árvore genealógica. O Dr. Dee disse ter descoberto que tinha um célebre antepassado elisabetano com o mesmo nome. Era outra coincidência: John Dee, o "mago" elisabetano, publicara o ritual de Abramelin, o Mago. Numa carta que me escreveu em 1971, Ted Holiday descreveu uma coincidência adicional.

Olhando através do lago, deu por si a fixar a palavra DEE em grandes letras amarelas. Bulldozers envolvidos no alargamento da estrada tinham

raspado o solo que descia até ao lago, e a metade superior das "letras" era formada pelo subsolo amarelo. A metade inferior das letras era formada pelo reflexo da metade superior na água perfeitamente imóvel.

Na verdade, Holiday estava a chegar a uma conclusão muito estranha sobre monstros lacustres; ela surgiu a partir de algumas investigações que realizara na Irlanda em 1968, onde tinham sido avistados mais monstros em lagos (ou "loughs") em Galway. Os avistamentos soavam muito semelhantes aos de "Nessie", e as testemunhas eram de reputação irrepreensível – numa ocasião, dois padres. No entanto, após semanas de observação cuidadosa, e até uma tentativa de "capturar com rede" um monstro em Lough Nahooin, Holiday não conseguira obter o mínimo indício de prova da existência dos monstros. O que o intrigava era que esses lagos irlandeses eram demasiado pequenos para sustentarem um monstro de quinze pés, quanto mais uma colónia deles. Começou a perguntar-se se a *peiste* (como os irlandeses chamavam a criatura) seria uma coisa de carne e osso. Jung sugerira que os OVNIs são uma "projeção" do inconsciente humano, a tentativa do homem moderno de recriar símbolos religiosos perdidos. Poderia ser, perguntava-se Holiday, que os monstros lacustres fossem também algum tipo de "projeção"?

Em 1971, Holiday abandonara a noção de que os monstros lacustres são simplesmente "sobrevivências pré-históricas". Começava a inclinar-se para a visão, indiscutivelmente excêntrica, de que existe alguma influência em ação que impede ativamente a solução final do mistério, tal como acontece no caso dos Objetos Voadores Não Identificados. E, algures em 1972, esta visão pareceu ser confirmada quando leu uma controvérsia num jornal entre um "exorcista", o Rev. Donald Omand, e um opositor que achava que o monstro do Loch Ness era simplesmente um animal não identificado. Omand herdara a "segunda visão" de antepassados das Terras Altas e não tinha dúvidas quanto à existência real de poderes do mal – ou pelo menos de travessura; frequentemente realizava exorcismos para se livrar deles. Tivera o seu primeiro vislumbre de um monstro lacustre em Loch Long, em Ross-shire, em 1967. Em junho de 1968, num barco no Fiorde dos Trolls, na Noruega, viu outro, que veio direito na direção deles; o capitão norueguês que estava com ele disse-lhe para não ter medo: "Não nos fará mal – nunca fazem". E, de facto, o monstro mergulhou antes de chegar ao barco. Mas o capitão, Jan Andersen, estava convencido de que os monstros eram basicamente malignos, de que, de alguma forma, podiam

causar dano ao caráter dos homens (ou, como Omand teria dito, às suas almas). Em 1972, Omand participou numa conferência de psiquiatria na qual um eminente psiquiatra sueco apresentou uma comunicação sobre o monstro do Lago Storsjön e disse estar convencido de que os monstros tinham um efeito malévolo sobre os seres humanos, especialmente sobre aqueles que os caçavam ou os viam regularmente. Pensava que a sua influência podia causar tragédias domésticas e degeneração moral. Assim, Omand começou a considerar a teoria de que talvez os monstros lacustres não sejam criaturas reais, mas "projeções" de algo vindo do passado pré-histórico.

Holiday escreveu a Omand e o resultado estranho foi que, em junho de 1973, Holiday e Donald Omand remaram até ao meio do Loch Ness, e Omand realizou um exorcismo do lago. Holiday disse que ambos se sentiram estranhamente exaustos quando terminou. E a suspeita de que estava a mexer com forças perigosas pareceu confirmar-se dois dias mais tarde, quando foi passar a noite a casa de um Wing Commander reformado chamado Carey. Holiday contava à Sra. Carey a história de um jornalista sueco chamado Jan-Ove Sundberg, que andara a vaguear pelos bosques atrás de Foyers quando vira uma estranha nave numa clareira e alguns homens de aspeto invulgar; a nave descolara a grande velocidade e, depois do seu regresso à Suécia, Sundberg fora atormentado por "homens de negro" – pessoas que se diziam funcionários e que muitas vezes parecem assediar "contactados" de OVNIs.

Holiday disse que tencionava ir ver o local onde o "OVNI" aterrara e a Sra. Carey avisou-o contra isso. Nesse momento, ouviu-se do lado de fora da janela um som impetuoso, como um tornado, e uma série de pancadas violentas; um feixe de luz entrou pela janela e incidiu na testa de Holiday. Um instante depois, tudo estava em silêncio. O estranho foi que o Wing Commander Carey, que estava a servir uma bebida a apenas alguns pés de distância da esposa, não viu nem ouviu nada. Na manhã seguinte, quando Holiday caminhava em direção ao lago, viu um homem vestido inteiramente de preto – incluindo capacete e óculos – parado ali perto; passou por ele, virou a cabeça e ficou espantado ao constatar que o homem tinha desaparecido. Correu para a estrada e olhou para ambos os lados; não havia lugar para onde o homem pudesse ter ido. Um ano mais tarde, perto do mesmo local, Holiday teve um ataque cardíaco; enquanto o levavam, olhou por cima da lateral da maca e viu que estavam a passar exatamente

pelo local onde tinha visto o "homem de negro". Cinco anos mais tarde, Holiday morreu de ataque cardíaco.

Talvez um ano antes da sua morte, Ted Holiday enviou-me o dactiloscrito do seu livro *The Goblin Universe*, no qual tentou justificar as opiniões bastante estranhas que fora desenvolvendo gradualmente desde que começara a sua caça ao monstro do Loch Ness. Já as tinha discutido no seu segundo livro *The Dragon and the Disc*, no qual ligava OVNIs ("discos") e "vermes" como símbolos do bem e do mal. Depois, para minha surpresa, mudou de ideias quanto a publicar o livro.

Houve, suspeito, duas razões. A equipa de investigadores da Academy of Applied Science do Massachusetts Institute of Technology, liderada pelo Dr. Robert H. Rines, tinha obtido algumas notáveis fotografias subaquáticas em 1972 e 1975; uma das fotografias de 1972 mostrava muito claramente um objeto como uma grande barbatana, talvez com oito pés de comprimento, enquanto uma fotografia de 1975 mostrava muito claramente uma criatura de pescoço longo e a sua barbatana dianteira; isto era particularmente impressionante porque as provas do sonar – ondas sonoras refletidas pela criatura – deixavam claro que não se tratava de algum efeito estranho de luz nem de um pedaço de destroço a flutuar ou de ervas aquáticas. Na altura em que pensava em publicar *The Goblin Universe*, Holiday estaria provavelmente a perguntar-se se o livro não seria contradito por alguma nova prova que estabelecesse, para além de qualquer dúvida, a realidade física do monstro.

Além disso, o argumento de *The Goblin Universe* não era tão rigoroso quanto poderia ser – ele tentava explicar porque tinham mudado de forma tão surpreendente as suas opiniões desde 1962 e passava muito tempo a deter-se no "paranormal". Seja como for, decidiu não publicar o livro e, em vez disso, escreveu outro dactiloscrito confinado aos monstros lacustres. (*The Goblin Universe* foi recentemente publicado na América.)

Este relato das atividades de Holiday pode parecer uma espécie de digressão; no entanto, ilustra a imensa frustração sentida pelos caçadores de monstros nas décadas de 1970 e 1980. Quando Gould escreveu o seu livro, em 1934, a solução do problema parecia próxima; depois afastou-se. O livro de Constance Whyte reavivou o interesse no mistério e, quando o Bureau de Investigação dos Fenómenos do Loch Ness começou a cooperar com a equipa da Academy of Applied Science e a utilizar os mais recentes

equipamentos científicos, começou a parecer que o mistério estava prestes a ser resolvido de uma vez por todas. Contudo, à data em que isto é escrito – onze anos após aquela notável fotografia subaquática do monstro – ainda não houve nenhum avanço importante. Nicholas Witchell conclui triunfalmente o seu livro *The Loch Ness Story* (1975) com um capítulo intitulado "The Solution", no qual descreve a sua excitação quando Rines lhe telefonou da América para descrever a fotografia a cores do monstro; contém a frase: "Com a ratificação oficial da descoberta dos animais no Loch Ness, o mundo perderá um dos seus mistérios mais populares". E declara que seria ignóbil, agora, vangloriar-se da miopia do establishment científico pela sua atitude cética em relação ao Loch Ness.

Está agora claro que Witchell foi prematuro. A maioria das pessoas ainda considera a questão da existência do monstro como em aberto, e a maioria dos cientistas ainda considera tudo isto uma espécie de brincadeira. Em 1976, Roy Mackal, diretor do Bureau de Investigação do Loch Ness e Professor de Bioquímica na Universidade de Chicago, publicou a avaliação científica mais equilibrada e completa até então, *The Monsters of Loch Ness*. Ele olha para as provas com um olhar altamente crítico e, ainda assim, conclui que está agora provado que "uma população de animais aquáticos piscívoros de tamanho moderado habita o Loch Ness". Se o establishment científico estivesse disposto a mudar de ideias, este livro deveria tê-lo mudado; no entanto, parece não ter tido qualquer impacto real.

Uma coisa parece clara: o pessimismo de Holiday acerca do monstro não se justificava; mesmo na altura em que escrevia *The Dragon and the Disc*, Rines estava a obter as melhores fotografias subaquáticas do monstro até então. Assim, parece haver razões para acreditar que a ciência acabará por resolver o problema de estabelecer a sua existência para além de qualquer dúvida. Os problemas de capturar o monstro, quer em filme quer em redes, estão bem exemplificados na descrição que se segue, feita por Dennis Stacy, de San Antonio, Texas, do seu próprio encontro com "Nessie".

"Em 1972 fui ao Loch com o propósito expresso de procurar Nessie. A ideia era acampar ao longo da margem durante cerca de duas semanas e ver o que houvesse para ver. Tinha uma sensação muito clara de confiança de que, se fosse ao Loch, veria Nessie. Encontrei alguns estudantes em férias de Oxford e fiquei com eles mesmo acima de Drumnadrochit. Todos

os dias levava a minha câmara até à margem e observava atentamente. Exceto no dia em que estava frio e chuviscava e todos nós fomos dar um passeio pelos pinhais ali perto. Eu e uma estudante afastámo-nos depressa dos outros e descemos até à beira do lago. Enquanto estivéramos debaixo dos pinheiros, o céu abriu de forma notável e o vento amainou.

Quando chegámos ao lago, estava completamente parado, como um espelho. A cerca de três quartos de milha do outro lado, quase por baixo de Boleskine de Crowley/Page, estava Nessie, mostrando cerca de seis pés de pescoço e cabeça acima da água. Tínhamos saltado para cima do pequeno muro baixo de pedra que marginava a estrada. Vimo-la os dois ao mesmo tempo e quase fizemos o outro cair para o lado ao agarrarmos os ombros um do outro e apontarmos e dizermos: Olha! Estás a ver o que eu estou a ver? E a minha câmara, uma 35 mm, estava a milhas de distância. A minha companheira, no entanto, tinha uma câmara pequena, barata, e a presença de espírito para tirar uma fotografia.

Tudo o que era visível na imagem era um rasto branco, com cerca de cem pés de comprimento, deixado por Nessie (ou fosse o que fosse), que se destacava nitidamente contra o reflexo escuro das árvores da outra margem na água. A própria Nessie? A cabeça era definitivamente angular, como descrito. Alguns dizem que parece a de um cavalo, com a forma de cunha muito pronunciada. Na minha própria experiência, comparo-a à forma da cabeça de uma serpente-cascavel, um focinho quadrado que recua alargando-se até às mandíbulas. O comprimento do pescoço fora de água, incluindo a cabeça, era de cinco ou seis pés. A impressão que dava, no sentido em que aranhas e serpentes parecem exalar a sua própria aura peculiar, não era tanto de perigo como de poder.

Quero dizer, estava realmente a cortar a água, levantando uma pequena ondulação de cada lado do pescoço. Por vezes, a cabeça baixava para baixo e para a frente e varria um pequeno ângulo de um lado para o outro, como se se alimentasse, baixando a parte inferior da mandíbula até dentro de água. Mas estava realmente demasiado longe para ter absoluta certeza desta última manobra; a cabeça, no entanto, podia ver-se muito claramente a balançar de um lado para o outro.

Estava a nadar assim quando a vimos pela primeira vez e, após não mais do que um minuto, simplesmente foi descendo cada vez mais na água, de modo muito semelhante à forma como uma pessoa desce depois de uma

rodada de esqui aquático, ou como um submarino submerge. (Carta ao autor, 20 set. 1980.)"

Holiday poderia salientar que alguns aspetos desta narrativa parecem apoiar as suas próprias perspetivas quase junguianas. Dennis Stacy esperava ver o monstro. Mas não o viu enquanto patrulhava o lago com a sua câmara; aconteceu por acaso, num dia em que decidira fazer uma pausa na sua vigília. Soa certamente como se o monstro estivesse a jogar algum jogo junguiano de escondidas. No entanto, todos nós já experimentámos a mesma sensação de que certos dias são de sorte ou de azar – tudo parece correr bem ou tudo parece correr mal – e o senso comum diz-nos que isto é puramente subjetivo; uma atitude de pessimismo torna-nos descuidados e, portanto, mais propensos a acidentes; uma atitude de otimismo desperta um novo nível de vigilância que antecipa problemas.

O que parece absolutamente claro a partir da narrativa de Stacy (e de muitas outras citadas nas páginas anteriores) é que as criaturas do Loch Ness aparecem à superfície com bastante frequência, particularmente em dias calmos. Se a ciência consegue conceber métodos de detetar a presença de aviões ou mísseis a jato no céu, e de submarinos sob o mar, deveria ser seguramente uma questão simples conceber um sistema que detetasse todos os objetos que se movem à superfície do Loch Ness num dia calmo e os filmasse. Nesta era de feixes laser e vigilância eletrónica, parece absurdo que tenhamos de esperar por avistamentos fortuitos do monstro, como o descrito acima. Também deveria ser óbvio que as tentativas de o "caçar" com lanchas a motor, submarinos, helicópteros e holofotes são contraproducentes, uma vez que criam exatamente o tipo de perturbação que leva a(s) criatura(s) a esconder-se nas profundezas do lago.

Quando o "monstro" for finalmente identificado e classificado, será sem dúvida algo de anticlimático, e o Loch Ness provavelmente perderá, de um golpe, grande parte da sua indústria turística. Metade do fascínio do monstro reside na noção de que é aterrador e perigoso. Na realidade, todas as provas sugerem que, tal como aquele outro lendário predador, a baleia "assassina", acabará por revelar-se tímido, afável e totalmente inofensivo para o homem.

Posfácio a "O Monstro do Loch Ness"

Em março de 1994 foi revelado que uma das mais famosas fotografias do Monstro do Loch Ness, a chamada "fotografia do cirurgião", era uma mistificação. Tal como descrito no artigo acima, a fotografia foi tirada em abril de 1934 (no dia 19 – e não, como se afirmou acima, no dia 1) por um eminente ginecologista de Harley Street, o Coronel Robert Wilson, que alegou que seguia de carro em direção a Inverness quando um amigo, que ia no carro, gritou: "Meu Deus, é o monstro", e Wilson tirou quatro fotografias com uma câmara de chapas.

A verdadeira história, ao que parece, começa vários meses antes e diz respeito a um autodenominado caçador de caça grossa e autopromotor chamado Marmaduke Arundel Wetherell. Tinha sido contratado para seguir o rasto do monstro pelo *The Daily Mail*. A 18 de dezembro de 1933, Wetherell foi para a Escócia com um fotógrafo do *Daily Mail* e, quarenta e oito horas após chegar, afirmou ter encontrado duas pegadas do monstro na margem sul, perto de Fort Augustus. O "rasto", declarou, tinha "menos de algumas horas". Era "um animal de quatro dedos, e tem pés ou almofadas com cerca de oito polegadas de largura, um animal muito poderoso, de pés macios, com cerca de vinte pés de comprimento".

Foram feitos moldes de gesso das pegadas e enviados para o Museu de História Natural, mas, a 4 de janeiro, foi anunciado que as pegadas eram as de um jovem hipopótamo. Era provável, disse o perito, que o pé estivesse a ser usado algures como suporte para guarda-chuvas. Compreensivelmente, Wetherell ficou perturbado com a tempestade de troça que se seguiu a este anúncio. A história do Loch Ness deixou de ser notícia de primeira página.

E depois, três meses mais tarde, surgiu a "fotografia do cirurgião", e o riso desvaneceu-se.

O que ninguém sabia é que a fotografia também era obra de Duke Wetherell.

O Coronel Robert Wilson era amigo de um homem chamado Maurice Chambers, em associação com o qual arrendara uma zona de caça a aves aquáticas no Beauly Firth, perto de Inverness. E Chambers era também amigo de Duke Wetherell.

Outra pista importante nunca foi revelada ao público – que o Coronel Wilson gostava extremamente de partidas.

A verdadeira história da "fotografia do cirurgião" começou a emergir em dezembro de 1975, quando uma nota de diário no *The Sunday Telegraph* relatou que o filho de Wetherell, Ian, afirmava que ele e o pai tinham fabricado uma fotografia do Monstro do Loch Ness. O artigo não especificava qual fotografia, mas nomeava Maurice Chambers como cúmplice.

David Martin, zoólogo do Loch Ness and Morar Scientific Project, e Alistair Boyd, um colega investigador, lembraram-se de ter lido que Chambers era amigo de Duke Wetherell.

Na altura dessa nota, Ian Wetherell tinha sessenta e três anos e geria um pub em Chelsea. Mas quando Martin e Boyd chegaram ao pub dezoito anos mais tarde, ele estava morto.

A pista conduziu então ao enteado de Duke Wetherell, que vivia na costa sul e estava com a saúde débil. Christian Spurling tinha então quase noventa anos e estava disposto a contar toda a história.

Quando Duke Wetherell regressou da Escócia para casa, em Twickenham, em janeiro de 1934, estava furioso com o *The Daily Mail*, que deixara bem claro o que pensava das suas pegadas de hipopótamo. "Está bem", disse ao filho Ian, "vamos dar-lhes o monstro".

Ian, com vinte e um anos, foi enviado para comprar as matérias-primas – um submarino de brincar e algumas latas de massa de madeira. O seu meio-irmão Christian, filho de um pintor marinho, era um entusiasta do modelismo. Recebeu uma mensagem de Wetherell a dizer: "consegues fazer-me um monstro"?

Spurling fez um pequeno monstro de massa de madeira com um pescoço longo e uma cabeça como a de um dinossauro. O pescoço foi construído por cima da torre de comando do submarino de brincar, deixando um espaço para a chave de corda. Uma peça de chumbo foi soldada por baixo para impedir que virasse. O modelo foi testado no lago local e depois Duke Wetherell e o filho regressaram ao Loch Ness, encontraram um dia calmo e puseram o "monstro" a flutuar nas águas pouco profundas. Foi Ian quem tirou as fotografias.

O que Wetherell precisava agora era de alguém "respeitável" que estivesse disposto a afirmar que tinha tirado as fotografias.

O amigo de Chambers, o Coronel Robert Wilson, entrou no espírito da coisa, levou as quatro chapas fotográficas a uma drogaria em Inverness e anunciou que tinha fotografado o Monstro do Loch Ness.

Na tempestade de publicidade que se seguiu, a Associação Médica Britânica disse ao Coronel Wilson que a história era suscetível de lançar descrédito sobre a sua profissão, após o que Wilson começou a deixar escapar insinuações de que não podia falar com mais ninguém sobre o seu avistamento porque a companheira que gritara: "Meu Deus, é o monstro" era uma mulher casada com quem ele tinha um caso.

Wilson morreu na Austrália em 1969, e Duke Wetherell e Chambers morreram em meados da década de 1950. Christian Spurling morreu em novembro de 1993, depois de registar a história.

Quanto ao submarino de brincar, presume-se que ainda esteja algures no Loch Ness – quando tinham fotografado "o monstro", ouviram aproximar-se um fiscal das águas e Duke Wetherell estendeu o pé e afundou-o.

Um desenvolvimento igualmente interessante na história do Loch Ness veio a lume em abril de 1999, através de outro "caçador" de estranhas anomalias chamado Erik Beckjord.

Como referido no artigo acima, um dos mais eminentes investigadores do Monstro do Loch Ness foi o engenheiro aeronáutico Tim Dinsdale, que ficou fascinado após ler um artigo sobre o monstro numa revista chamada *Everybody's Weekly*. Dinsdale filmou algumas das imagens mais conhecidas do monstro e tornou-se amplamente conhecido pela sua teoria de que se tratava de algum tipo de dinossauro – um plesiossauro. Isto foi em 1959.

Mas vinte e quatro anos mais tarde, Erik Beckjord soube, pelo próprio Dinsdale, que este já não acreditava na sua própria teoria.

Beckjord descreve como seguia viagem para umas férias num barco-casa num canal com a sua namorada, Kathy Quint, quando parou em Reading, onde Tim Dinsdale vivia. Foram beber um copo a um pub nas

proximidades e Dinsdale confidenciou a Beckjord que a sua esposa tinha reservas quanto à sua fama de caçador de monstros.

O problema, ao que parecia, era que Dinsdale se convencera totalmente de que o Monstro do Loch Ness era um fantasma. Ted Holiday, admitiu, tinha tido razão desde o princípio.

Contou a Beckjord como, ao longo de muitas noites de vigília junto ao Loch, experienciara uma série de acontecimentos paranormais (ou anormais) e ficara cada vez mais certo de que lidava com algum aspeto do sobrenatural. Aparentemente, o que o convenceu para além de qualquer dúvida foi uma noite em que ancorou o seu pequeno cruzeiro ao largo de Boleskine House, onde o mago Aleister Crowley realizara o ritual ocultista de Abrahamelin, o Mago, setenta anos antes, e em que, segundo o relato de Dinsdale, "suportou uma série de fantasmas, monstros, 'demónios', a rastejarem para dentro do seu barco e a virem na sua direção. Nunca lhe fizeram mal físico, mas acabaram por matar de vez, para ele, a ideia do plesiossauro". Estava absolutamente certo de que não se tratava de alucinações por fadiga, mas de acontecimentos reais.

Percebia agora que estava perante um dilema. Uma grande parte do seu rendimento vinha dos seus livros e palestras sobre o monstro. O seu público simplesmente não queria ouvir a sua teoria de que o monstro era, de algum modo, "sobrenatural". Financeiramente, isso seria um desastre. Também seria rotulado de "maluco". No conjunto, seria melhor manter-se calado.

Assim, segundo Beckjord, Dinsdale ocultou o seu conhecimento dos editores e do seu público, mas pelo menos confidenciou-o a vários investigadores.

Quando, em meados da década de 1980, Beckjord o pressionou para fazer planos para a sua herança, Dinsdale disse que estava tudo tratado. O próprio Beckjord ficou totalmente convencido de que o Monstro do Loch Ness era, de alguma forma, paranormal e constatou que era evitado pelos investigadores tradicionais do Loch Ness. Em 1987, Beckjord participou na International Society of Cryptozoology, em Edimburgo, e nem sequer lhe foi permitido falar na conferência principal. Contudo, exibiu um filme de 16 mm depois de terminadas as sessões e muitas pessoas concordaram que mostrava uma coisa branca, metamórfica, que não era um réptil. Tim

Dinsdale estava lá e viu o filme, mas não disse nada a Beckjord. Porém, o Dr. Jack Gibson, copatrocinador do encontro, disse a Beckjord, numa voz que podia ser ouvida por Dinsdale, que o filme era "o mais importante que alguma vez tinha visto sobre Nessie".

Seis meses depois, Dinsdale morreu aos sessenta e sete anos.

32
O Homem da Máscara de Ferro

A 19 de novembro de 1703, um prisioneiro mascarado morreu na Bastilha após uma breve doença. Estivera preso durante trinta e quatro anos, e nem mesmo o tenente do rei na Bastilha, Étienne du Jonca, sabia a sua identidade. Fez uma nota no seu diário: "Soube depois que lhe chamavam M. de Marchiel". O prisioneiro desconhecido foi sepultado no dia seguinte à sua morte, sob o nome de Marchioly, e rapidamente foi esquecido.

Tornou-se famoso quase meio século mais tarde, como resultado de um livro de Voltaire, *O Século de Luís XIV*, no qual Voltaire finalmente expôs o mistério do "homem da máscara de ferro". Segundo Voltaire, poucos meses após a morte do Cardeal Mazarin (que ocorreu em 1661), um jovem prisioneiro usando uma máscara de ferro – ou antes, uma máscara cujo queixo era composto por molas de aço, para poder comer sem a retirar – foi levado para a prisão na Île Sainte-Marguerite. Foram dadas ordens para o matarem caso retirasse a máscara. Este prisioneiro, "de estatura majestosa… de figura graciosa e nobre", tinha permissão para ter tudo o que desejasse. O seu maior prazer era linho fino e rendas. Era obviamente um homem de alta condição, pois o governador raramente se sentava na sua presença. Nem mesmo o médico que o assistia alguma vez foi autorizado a ver-lhe o rosto. O desconhecido morreu em 1704, disse Voltaire (errando a data por um ano), e a coisa estranha é que, quando foi encarcerado pela primeira vez na Ilha de Sainte-Marguerite, nenhuma pessoa de alguma posição desapareceu na Europa. Segundo Voltaire, o prisioneiro misterioso riscou uma vez algo num prato, que atirou pela janela da prisão. Foi apanhado por um pescador, que o levou ao governador da prisão. "Leste o que está escrito?" perguntou o governador. O pescador confessou que não sabia ler. "Tens sorte", disse o governador…

A história de Voltaire causou sensação. Havia rumores sobre um prisioneiro mascarado, mas ninguém jamais ousara falar deles abertamente. Na verdade, um romance bastante absurdo chamado *The Iron Mask*, do Chevalier de Mouhy, fora proibido cinco anos antes, embora a sua história decorresse em Espanha e nada tivesse que ver com a verdadeira história do prisioneiro mascarado.

Mas quem era o prisioneiro mascarado, e o que tinha feito? Vinte anos mais tarde, em *Questions on the Encyclopedia*, Voltaire revelou a resposta – ou aquilo que acreditava ser a resposta. Para compreender a sua história, é preciso conhecer um pouco da história de França. Dizia-se que o rei Luís XIII era impotente e, em qualquer caso, estava em maus termos com a esposa, Ana de Áustria. Ana estava muito mais próxima do grande ministro do rei, o Cardeal Mazarin; politicamente eram inseparáveis e é bastante certo que ele foi seu amante; ela pode até ter-se casado secretamente com ele após a morte do rei. Esta era então a teoria de Voltaire: que Ana de Áustria teve de Mazarin um filho, e que isso aconteceu antes do nascimento de Luís XIV; a criança, naturalmente, foi mantida em segredo do rei. Assim, Luís XIV tinha um irmão mais velho, que poderia ter contestado o seu direito ao trono. Foi por isso que Luís manteve o irmão na prisão, o rosto oculto por uma máscara, para que a semelhança familiar não o denunciasse…

Quase um século após a "revelação" de Voltaire, em 1847, Alexandre Dumas publicou o seu famoso romance *O Homem da Máscara de Ferro*, uma das muitas sequências de *Os Três Mosqueteiros*. Este tornou-se de longe o relato mais famoso do mistério e serviu de base ao popular filme de Hollywood. Segundo Dumas, o prisioneiro desconhecido era o irmão gémeo de Luís XIV. Esta não era a teoria de Dumas; foi avançada pela primeira vez numa obra intitulada *Memoires* do Duc de Richelieu, publicada em Londres em 1790. Esta obra afirmava que Luís XIV nascera ao meio-dia e que o seu irmão gémeo chegara às 8h30 da noite, enquanto o pai jantava. O gémeo mais novo foi escondido, para não causar problemas com a sucessão. Mas estas *Memoires* são, de facto, uma falsificação do secretário do duque, o Abbé Soulavie, pelo que esta história é provavelmente uma invenção.

No prefácio a uma tradução inglesa do romance de Dumas, o crítico literário Sidney Dark escreve:

Outras teorias mais desenfreadas identificaram o prisioneiro com o Duque de Monmouth, o filho ilegítimo de Carlos II, com um certo Patriarca Arménio, com Fouquet, o ambicioso ministro de Luís XIV na sua juventude, que é uma das figuras centrais no romance de Dumas, e, a mais desenfreada de todas as suposições, com Molière. Diz-se que, após a bem-sucedida apresentação da célebre comédia de Molière *Tartufo*, os jesuítas persuadiram Luís XIV a ordenar o seu desaparecimento. Todas estas suposições são românticas e fantasiosas. Os historiadores sérios sustentam agora que o Homem da Máscara de Ferro foi um italiano chamado Matthiolo, ministro do Duque de Mântua, que despertou a inimizade de Luís XIV através de certas intrigas obscuras.

Sidney Dark não estava inteiramente correto. O homem que muitos estudiosos consideravam ser o prisioneiro mascarado era Ercole Mattioli, que nasceu em 1640 e foi Secretário de Estado do Duque de Mântua. A "intriga obscura" que despertou a ira de Luís XIV foi um ato de duplicidade. Em 1632, a França comprara uma fortaleza em Itália chamada Pinerolo, ou Pignerol. Trinta e tal anos mais tarde, Luís julgou ver uma oportunidade de adquirir, pelos mesmos meios, outro pedaço útil de território italiano: a cidade e cidadela de Casale, perto de Turim, que pertencia ao Duque de Mântua. Aparentemente, o Duque estava com dificuldades financeiras e poderia estar disposto a vender.

Mas as negociações tinham de ser conduzidas com grande cautela, pois Luís estava em conflito com Espanha, e o Duque de Mântua estava rodeado de amigos de Espanha. Na verdade, Mattioli deixou que a notícia do acordo proposto chegasse aos inimigos de Luís, com o resultado de o negócio falhar. Luís ficou furioso, mas não havia muito que pudesse fazer enquanto Mattioli estivesse em território italiano. Em primeiro lugar, era preciso manter Mattioli na ignorância quanto à ira do rei. Em seguida, era necessário atraí-lo a Pignerol, aparentemente para concluir o acordo.

No momento em que entrou em território francês, foi preso e lançado numa cela na fortaleza de Pignerol, que estava sob a responsabilidade de um governador chamado Saint-Mars. Tudo foi mantido em segredo; Mattioli simplesmente "desapareceu" e permaneceu na prisão até à sua morte; ninguém sabe exatamente quando, mas a conjetura mais provável é que tenha sido cerca de quinze anos mais tarde, em 1694.

Mattioli é certamente um candidato provável – podemos recordar que Étienne du Jonca, o tenente do rei na Bastilha, disse que o prisioneiro mascarado era conhecido como "M. Marchiel"; e sabemos que foi sepultado como "Marchiolly". Mas, se Mattioli era o homem da máscara, então por que razão o rei se deu a tantos trabalhos para manter a sua identidade em segredo, sobretudo depois de ele ter sido transferido para a Ilha de Sainte-Marguerite e depois para a Bastilha? É verdade que Mattioli foi raptado em Itália, o que poderia causar problemas diplomáticos. Mas, naquela época pragmática, ninguém se teria preocupado muito com Mattioli depois de ele estar preso. E por que razão esconder o rosto de Mattioli? Não seria muita gente a reconhecê-lo.

E quanto à teoria do irmão gémeo, que continua a ser, de longe, a solução mais popular do mistério? Na realidade, esta foi desmontada meio século antes de Dumas escrever o seu romance. Após a queda da Bastilha durante a Revolução Francesa, os seus arquivos foram publicados com o título *A Bastilha Desvendada*. O presidente da comissão que investigou os arquivos, um certo M. Charpentier, estudou todos os documentos a que conseguiu deitar a mão relativos ao homem da máscara de ferro. Também tinha à sua disposição outros arquivos reais e verificou que não existia um único indício de que Ana de Áustria tivesse dado à luz, quer um filho ilegítimo quer gémeos.

Mas Charpentier descobriu alguns factos interessantes sobre o "antigo prisioneiro", bem como uma curiosa lenda. A lenda era a de que o homem da máscara era o filho ilegítimo de Ana de Áustria com o Duque de Buckingham, o belo e audaz ministro de Jaime I e Carlos I. Buckingham ascendera ao poder como favorito do homossexual Jaime I, mas também adquirira grande influência sobre Carlos I. Sabe-se que fez o possível por seduzir Ana de Áustria quando esteve em França, em 1626, mas há alguma dúvida quanto a ter conseguido – não seria fácil para duas pessoas tão conhecidas encontrarem ocasião para adultério. Mas, segundo a lenda registada por M. Charpentier, Ana teve do Duque um filho, em 1626, que apresentava uma notável semelhança familiar com o seu filho posterior Luís XIV, nascido doze anos depois – daí a necessidade de o manter mascarado…

Esta lenda tinha um ponto forte a seu favor. Tinha origem numa certa Madame de Saint-Quentin, que era amante do Marquês de Louvois, o

ministro da guerra de Luís XIV. E se (como é praticamente certo) ela a ouviu do Marquês, então não teria de haver nela uma certa porção de verdade? Isso é verdade; mas o contrário também pode ser. Talvez o Marquês lhe tivesse contado a história que Luís queria que as pessoas acreditassem – uma história suficientemente próxima da verdade para parecer provável, mas que induziria em erro os curiosos.

Em todo o caso, esta história tem também uma grande desvantagem. Se o homem da máscara de ferro nasceu em 1626, então teria cerca de setenta e três anos à data da sua morte. Mas outras pistas sobre o prisioneiro sugerem que ele seria pelo menos dez anos mais novo. Voltaire diz que era jovem e gracioso. Mas, em 1669 – a data em que os arquivos da Bastilha revelam que o prisioneiro foi encarcerado pela primeira vez – um homem nascido em 1626 teria quarenta e três anos – quase um velho na Europa daquela época.

Pelo menos Charpentier conseguiu encontrar algumas pistas úteis nos arquivos. O prisioneiro estivera em Pignerol, tal como Mattioli, bem como na Ilha de Sainte-Marguerite – também tal como Mattioli. Mas não era Mattioli. Pois outro material de arquivo revelou que, quando Saint-Mars, o governador da prisão de Pignerol, recebeu outra colocação nos próximos Exiles, em 1681, o "antigo prisioneiro" foi com ele, enquanto Mattioli ficou para trás. E, à medida que surgiu mais material de arquivo, descobriu-se que diversas cartas trocadas entre o ministro da guerra e Saint-Mars estavam no dossiê. E, mais importante, havia cartas do próprio rei. Estas provavam para além de qualquer dúvida que o nome do homem da máscara de ferro era Eustache Dauger. Em julho de 1669, o Marquês de Louvois (pai daquele que contou à amante o conto de fadas sobre o Duque de Buckingham) escreveu a Saint-Mars:

O Rei ordenou-me que mande o homem chamado Eustache Dauger para Pignerol. É da máxima importância… que ele seja guardado em segurança e que, de modo algum, dê informações sobre si próprio nem envie quaisquer cartas… Não deve, em circunstância alguma, dar ouvidos ao que ele possa querer dizer-lhe, ameaçando sempre matá-lo se abrir a boca…

E o arquivo continha duas cartas do próprio rei que sublinhavam o mesmo ponto. Tornam uma coisa muito clara: Eustache Dauger sabia algum segredo espantoso e o rei estava absolutamente determinado a que

mais ninguém o soubesse. Então por que não executar Dauger? Talvez porque Luís XIV não fosse tão impiedoso e cruel; talvez porque tivesse alguma afeição por Dauger. Talvez até porque o rei esperasse que Dauger pudesse, um dia, revelar algum grande segredo…

Foi um historiador chamado Jules Lair quem avançou pela primeira vez a teoria de que o homem da máscara era Eustache Dauger; fê-lo numa biografia do ministro das finanças Nicolas Fouquet, que também fora condenado a prisão perpétua pelo rei. Fouquet, nascido em 1615, fora protegido do Cardeal Richelieu e, quando Mazarin – aliado e sucessor de Richelieu – morreu em 1661, todos esperavam que Fouquet se tornasse o principal ministro do rei. Mas o jovem rei – tinha apenas vinte e três anos – estava farto de Fouquet, que se tornara imensamente rico graças ao cargo. Pode também ter sentido ciúmes de Fouquet, que tentara seduzir Louise de la Vallière, a filha de um oficial que se tornou amante do rei. O rei nomeou Jean-Baptiste Colbert, filho de um lojista, como assistente de Fouquet, e Colbert rapidamente comunicou que Fouquet entregava ao rei contas falsificadas todas as tardes. Fouquet cometeu o erro de convidar o rei para o seu *château* e entretê-lo com uma magnificência extravagante, uma magnificência que o rei sabia ter sido comprada com dinheiro público. Fouquet foi preso, julgado e condenado a prisão perpétua na fortaleza de Pignerol. E, em 1675, o "antigo prisioneiro", Eustache Dauger, foi autorizado a tornar-se criado pessoal de Fouquet. Só podem ter existido duas razões. Ou Fouquet já conhecia o segredo do "antigo prisioneiro", ou não importava que viesse a conhecê-lo, uma vez que ele próprio jamais seria libertado.

Mas quem era Eustache Dauger, e o que tinha feito? A primeira pergunta revelou-se ligeiramente mais fácil de responder do que a segunda. No final da década de 1920, o historiador Maurice Duvivier propôs-se segui-lo até o encontrar. O médico que o assistira na Bastilha mencionara a sua idade como sendo cerca de sessenta anos. Isso significava que devia ter nascido no final da década de 1630. Duvivier pesquisou incansavelmente os registos em busca de um Dauger – ou D'Auger, ou Danger, ou Oger, ou Daugé – que pudesse encaixar. Acabou por encontrar um nos registos da Bibliothèque Nationale, um homem chamado Oger de Cavoye, membro da pequena nobreza da Picardia.

Eustache Oger (também grafado Dauger) de Cavoye era filho de François de Cavoye, capitão dos mosqueteiros do Cardeal Richelieu, e nasceu a 30 de agosto de 1637. Era um de seis irmãos, quatro dos quais morreram em batalha. O quinto, Louis Dauger de Cavoye, tornara-se um dos mais fiéis funcionários de Luís XIV. Mas Eustache parece ter sido o desregrado da família. E quanto mais Duvivier o estudava, mais certo ficava de que era ele o homem da máscara de ferro.

O pai de Eustache, François de Cavoye, foi para a corte procurar fortuna por volta de 1620. Tal como o D'Artagnan de Dumas, depressa alcançou celebridade pela sua coragem. (D'Artagnan foi de facto uma pessoa real e escoltou Fouquet para a prisão de Pignerol.) Casou com uma jovem viúva, Marie de Sérignan, e tornou-se capitão da guarda do cardeal em 1630. Marie era extremamente popular por direito próprio e tornou-se amiga de Richelieu e do rei, e dama de honor da rainha. Assim, os seus filhos foram criados na corte, e o jovem Eustache foi companheiro de brincadeiras do jovem Luís XIV – o que parece explicar por que razão Luís não estava disposto a mandá-lo executar. François de Cavoye foi morto no cerco de Bapaume em 1641, mas a posição da viúva garantiu que as crianças continuassem a ser favorecidas na corte. Mas quatro dos irmãos viriam a morrer no exército. Eustache, que também era soldado, tinha servido em sete campanhas quando tinha vinte e um anos.

Em 1659, quando tinha vinte e dois anos, Eustache Dauger parece ter estado envolvido num incidente extremamente estranho. Esteve presente, na Sexta-Feira Santa desse ano, numa missa negra no Castelo de Roissy, na qual um porco foi batizado e comido. O escândalo foi tremendo e várias carreiras ficaram arruinadas, mas Eustache parece ter escapado a castigo, provavelmente por causa do respeito de que a sua mãe gozava na corte. Mas, seis anos mais tarde, envolveu-se noutro escândalo que o obrigou a vender a sua patente.

Houve algum tipo de rixa com um pajem à porta do velho castelo de Saint-Germain; um relato (do Duque d'Enghien) diz que o pajem estava bêbedo e que conseguiu atingir o Duc de Foix com a sua pique ao cambalear junto dele. A rixa acendeu-se e "um homem chamado Cavoye" matou o pajem. Isto foi considerado um ato de sacrilégio, já que o local era santificado pela presença do rei. O Duc de Foix escapou incólume, mas Cavoye foi obrigado a vender a sua patente. Que o Cavoye em causa era

Eustache Dauger prova-se pelo facto de ele também ter deixado de ser oficial da guarda em 1665, enquanto os seus dois irmãos sobreviventes, Louis e Armand, continuaram ao serviço do rei.

Pouco depois do assassínio do pajem, a mãe de Eustache morreu e, no testamento, declarou que Louis Dauger, e não o seu irmão mais velho Eustache, deveria ser o chefe da família. Aparentemente fizera este testamento catorze meses antes do assassínio do pajem, pelo que só podemos concluir que já considerava Eustache um libertino. Deixou-lhe uma pensão vitalícia de mil libras por ano. Eustache parece ter ficado financeiramente seguro, e ele e o irmão Louis partilhavam quartos na Rue de Bourbon, não longe do Hospital da Caridade.

Mas em 1668, Louis Dauger viu-se em sérios apuros. Tentara seduzir uma senhora chamada Sidonia de Courcelles, cujo marido se opôs. Louis bateu-se em duelo com ele e foi preso. O ministro da guerra Louvois também se interessava por Sidonia e esforçou-se por conseguir que Louis fosse condenado à morte. O ministro das finanças Colbert salvou-o; mas Louis passou os quatro anos seguintes na Bastilha. Quando saiu, continuou a ascender no mundo. Mas, nessa altura, o seu irmão Eustache estava em Pignerol.

Porquê? O que tinha feito Eustache? A teoria de Duvivier é que ele desempenhara algum papel no infame "caso dos venenos" – ou antes, num prelúdio do mesmo que ocorreu em 1668. O "caso dos venenos" começou em 1673, quando o chefe da polícia, Nicolas de la Reynie, ouviu rumores de senhoras ricas que admitiam no confessionário que tinham envenenado os maridos. La Reynie precisou de quatro anos para descobrir uma incrível "rede de venenos" gerida por cartomantes e padres que praticavam a missa negra. Muitas damas da corte estavam envolvidas e também (o que foi um profundo choque para o rei) Madame de Montespan, a amante do rei. O objetivo dela era assegurar o amor do rei e enfraquecer a influência da sua rival Louise de la Vallière, e ela participou numa missa negra, permitindo que o seu ventre nu fosse usado como altar, enquanto um padre chamado Guibourg cortava a garganta de um bebé.

Noutra cerimónia para preparar uma poção de amor para o rei, gotas de sangue menstrual de uma mulher foram misturadas com o esperma de um homem – este último obtido fazendo um homem masturbar-se para dentro de um cálice sagrado. Tudo isto horrorizou tanto o rei que ele

ordenou que fosse investigado com o máximo segredo numa sala iluminada apenas por velas, conhecida como a *Chambre Ardente* (sala iluminada) – e que não fosse permitido que qualquer indício chegasse ao público. A maioria das figuras principais do caso dos venenos foi queimada viva. Mme de Montespan caiu em desgraça.

Em 1668, cinco anos antes de La Reynie ouvir os primeiros indícios sobre a rede de envenenamentos, houvera em Paris outro "pânico dos venenos" e um "feiticeiro" chamado Le Sage e o seu assistente, o Abbé Mariette, foram acusados de bruxaria. Falou-se muito de poções de amor, missas negras e damas da corte. O nome de Madame de Montespan foi mencionado pela primeira vez, mas rapidamente suprimido. Le Sage foi condenado às galés para o resto da vida, enquanto o Abbé Mariette, que tinha parentes influentes, escapou com nove anos de exílio.

Ora, no caso posterior dos venenos, o Abbé Guibourg admitiu que lhe tinham pago para celebrar uma missa negra em casa da Duquesa d'Orléans, por um cirurgião que vivia no bairro de Saint-Germain, perto do Hospital da Caridade, com o seu irmão. Foi aqui que Eustache Dauger e o seu irmão viviam em 1668. E outra peça de prova do julgamento da Chambre Ardente referia-se a um cirurgião chamado d'Auger, que fornecia "drogas". Duvivier especula que este "cirurgião" d'Auger era Eustache e que foi o seu envolvimento no caso Le Sage–Mariette que levou ao seu exílio. Provas mostraram que Eustache Dauger fora preso em Dunquerque por ordem especial do rei; aparentemente, estava prestes a fugir para Inglaterra. Assim, Duvivier pode ter razão.

Eustache Dauger pode ser o cirurgião d'Auger envolvido no caso de feitiçaria. Mas isso continua a não explicar por que razão o rei haveria de conduzir todo o assunto com tamanho secretismo. Afinal, o Abbé Mariette foi exilado e, portanto, teve amplas oportunidades de abrir a boca sobre quaisquer segredos sinistros que soubesse acerca do rei e de Dauger. De algum modo, a teoria de Duvivier, de que o crime de Dauger foi feitiçaria ou a venda de venenos, não convence.

Há outra possibilidade, e bastante mais interessante, que liga Dauger ao mistério de Rennes-le-Château (ver Capítulo 44). No seu livro *The Holy Blood and the Holy Grail*, Henry Lincoln afirma que Fouquet, o ministro das finanças caído em desgraça, poderia ter sido o homem da máscara de ferro. Isto, como sabemos, é impossível; Fouquet morreu em 1680, vinte e

três anos antes do "antigo prisioneiro". Mas Lincoln também salienta que, em 1656, o irmão de Fouquet, Louis, foi enviado a Roma para ver o pintor Poussin e que escreveu a Fouquet uma carta curiosa sobre um segredo que lhe daria, "através de M. Poussin, vantagens que até reis teriam grande dificuldade em arrancar-lhe".

Presume-se que este segredo tenha algo que ver com o tesouro escondido de Rennes-le-Château. O quadro de Poussin *Os Pastores da Arcádia*, que contém chaves importantes para o mistério, foi adquirido por Luís XIV e mantido nos seus aposentos privados, onde ninguém o podia ver. Será possível que Fouquet soubesse o segredo de Rennes-le-Château e que o rei o tenha mandado prender em Pignerol – onde não lhe era permitido falar com ninguém – para tentar forçá-lo a revelar o segredo? Há ainda outra possibilidade ligada a Rennes-le-Château. Lincoln revela que uma parte importante do mistério diz respeito a uma ordem secreta chamada Priorado de Sião, cujo objetivo é restaurar a dinastia merovíngia ao trono de França.

No século XVII, os merovíngios – descendentes do rei Merovech – eram a casa de Lorena. O irmão mais novo de Luís XIII, Gaston d'Orléans, era casado com a irmã do Duque de Lorena, e houve uma tentativa de depor Luís e colocar Gaston no seu lugar – o que significaria que os descendentes merovíngios de Gaston voltariam a estar no trono de França. A tentativa falhou, mas continuava a ser possível que os herdeiros de Gaston viessem a suceder ao trono, uma vez que Luís XIII não tinha filhos. Depois, como sabemos, Ana de Áustria surpreendeu toda a gente ao conceber a criança que viria a ser Luís XIV…

Lincoln escreve: "Segundo escritores contemporâneos e posteriores, o verdadeiro pai da criança foi o Cardeal Richelieu, ou talvez um 'garanhão' empregado por Richelieu…"

E quem poderia ser tal "garanhão"? O candidato óbvio é o belo e jovem capitão dos mosqueteiros de Richelieu, François Dauger de Cavoye. Existem muitas histórias sobre a conceção de Luís XIV – como, por exemplo, a de Richelieu ter urdido um plano para aproximar o rei e a rainha e a de Luís se ter refugiado junto de Ana de Áustria durante uma trovoada, com o resultado de a criança ter sido concebida. É claro que é possível que Luís XIV tenha sido concebido como resultado de um único encontro entre o rei e a rainha, mas é muito mais provável que Richelieu tenha arranjado o

encontro de modo a que Luís tivesse razões para acreditar que a criança era sua…

Vários escritores mencionam a semelhança entre Louis Dauger de Cavoye, o irmão mais novo de Eustache, e Luís XIV. Isso seria compreensível se os dois fossem, de facto, meio-irmãos.

E assim, por fim, temos uma teoria que parece explicar o mistério do homem da máscara. François de Cavoye foi o "garanhão" que garantiu que nascesse um herdeiro do trono, frustrando assim as aspirações dos merovíngios (e do Priorado de Sião). Eustache e Louis Dauger sabiam ambos que o rei era, na verdade, seu meio-irmão; é por isso que Louis se tornou um favorito real depois de sair da Bastilha. Podia contar-se com ele para guardar um segredo. Mas o desregrado Eustache era outra história. Depois da sua queda, da sua saída da guarda e da prisão e encarceramento do seu irmão, começou a falar demais. Talvez tenha tentado alguma forma de chantagem ao rei: libertem o meu irmão ou então…

Isso explicaria certamente por que razão Luís o mandou levar à pressa para Pignerol e mantê-lo incomunicável e por que razão, mais tarde, garantiu que o "antigo prisioneiro" acompanhasse sempre o governador Saint-Mars quando este era transferido para outra prisão. Também é concebível que Eustache se tenha envolvido com o Priorado de Sião e com a conspiração para colocar um merovíngio no trono de França – afinal, que melhor razão poderia haver para substituir o rei do que revelar que ele não era o verdadeiro filho de Luís XIII? Fouquet provavelmente já conhecia o segredo, pois também parece ter tido ligação ao Priorado. (Lincoln especula que é por isso que Fouquet foi preso e julgado; Luís esforçou-se por conseguir que Fouquet fosse condenado à morte, mas o tribunal recusou.) Foi por isso que Eustache foi autorizado a tornar-se criado pessoal de Fouquet. Mas quando outro velho conhecido de Dauger, o Duque de Lauzun, foi preso em Pignerol após uma escapadela, ele e Dauger foram cuidadosamente mantidos afastados.

Esta teoria poderia explicar muitas coisas. Poderia explicar, por exemplo, por que razão o ministro da guerra Louvois (que, sem dúvida, conhecia o segredo) disse à sua amante que o prisioneiro mascarado era o filho do Duque de Buckingham e de Ana de Áustria. Não estava assim tão longe da verdade; explicava por que razão o rei queria manter a existência do prisioneiro em segredo; mas fazia do prisioneiro o filho ilegítimo, e não

o rei. Também explicaria por que razão Dauger era obrigado a usar uma máscara quando havia outras pessoas por perto: tal como o seu irmão, provavelmente parecia-se com o rei. É quase impossível imaginar por que razão um homem seria obrigado a usar uma máscara, a menos que o próprio rosto seja uma chave importante do seu segredo.

Tem de admitir-se que há também uma forte objeção a esta teoria. Quando o rei Luís XV foi finalmente informado do segredo do homem da máscara pelo seu regente, o Duque d'Orléans, diz-se que exclamou: "Se ele ainda estivesse vivo, eu dar-lhe-ia a liberdade". Teria o rei realmente achado irrelevante que o seu avô fosse filho do capitão dos mosqueteiros de Richelieu? Talvez; afinal, o seu próprio trono estava agora seguro. Mas há outra história sobre Luís XV que lança ainda mais dúvidas sobre a teoria. Quando o Duque de Choiseul lhe perguntou sobre o prisioneiro misterioso, ele recusou-se a dizer seja o que for, exceto: "Todas as conjeturas que foram feitas até hoje são falsas". Depois acrescentou uma reflexão desconcertante: "Se soubesse tudo sobre isso, veria que tem muito pouco interesse". Se este comentário for verdadeiro – e não apenas uma tentativa de aplacar a curiosidade do duque – então sugere que as milhares de páginas que foram escritas sobre o homem da máscara de ferro são "muito barulho por nada".

33
O Mistério do Mary Celeste

Numa tarde calma de 5 de dezembro de 1872, o navio inglês *Dei Gratia* avistou um bergantim de dois mastros a seguir um rumo errático no Atlântico Norte, a meio caminho entre os Açores e a costa de Portugal. À medida que se aproximavam, puderam ver que navegava apenas com o seu traquete de proa e o estai do mastro de mezena içados; além disso, o traquete estava caçado a bombordo, enquanto a embarcação seguia em amura a estibordo – um sinal inequívoco, para qualquer marinheiro, de que o navio estava fora de controlo.

O capitão Morehouse, do *Dei Gratia*, fez sinais ao navio misterioso, mas não recebeu resposta. O mar estava agitado após recentes rajadas, e levou duas horas inteiras até Morehouse conseguir aproximar-se o suficiente para ler o nome da embarcação. Era o *Mary Celeste*. Morehouse

conhecia este navio americano e o seu comandante, o capitão Benjamin Spooner Briggs. Havia menos de um mês, ambos os navios tinham estado a carregar carga em cais vizinhos no East River de Nova Iorque. O *Mary Celeste* partira com destino a Génova, com um carregamento de álcool bruto, a 5 de novembro, dez dias antes de o *Dei Gratia* ter partido para Gibraltar; e, no entanto, agora, um mês depois, estava à deriva no meio do Atlântico, sem sinal de vida.

Morehouse enviou três homens para investigar, liderados pelo seu primeiro imediato, Oliver Deveau, um homem de grande força física e coragem. Ao treparem a bordo viram que o convés estava deserto; uma busca abaixo revelou que não havia uma alma viva a bordo. Mas o bote salva-vidas estava em falta, o que indicava que o capitão Briggs decidira abandonar o navio.

Havia muita água por baixo do convés; duas velas tinham sido arrancadas, e as velas inferiores do mastro de proa pendiam pelos cantos. Ainda assim, o navio parecia em condições de navegar e certamente não corria risco de afundar. Então por que razão a tripulação o abandonara? Investigações posteriores revelaram que a bitácula, a caixa que contém a bússola do navio, fora partida, e a própria bússola estava quebrada. Duas escotilhas de carga tinham sido arrancadas, e um dos tonéis de álcool bruto fora arrombado. Tanto os compartimentos de armazenamento à proa como à popa continham abundantes provisões de comida e água.

Os baús dos marinheiros continuavam nos camarotes da tripulação, o que indicava a pressa com que o navio fora abandonado. Mas uma busca no camarote do capitão revelou que os instrumentos de navegação e o diário de navegação tinham desaparecido. A última entrada no diário geral datava de 25 de novembro; significava que o *Mary Celeste* navegara sem tripulação durante pelo menos nove dias e que se encontrava agora a cerca de 700 milhas a nordeste da sua última posição registada.

Para além do capitão Briggs e de uma tripulação de sete homens, o *Mary Celeste* seguia também com a esposa de Briggs, Sarah, e a sua filha de dois anos, Sophia Matilda. Perante o mistério de terem abandonado o navio sem razão óbvia, Morehouse sentiu um certo alarme supersticioso quando Deveau sugeriu que dois tripulantes do *Dei Gratia* navegassem o *Mary Celeste* até Gibraltar; foi a perspetiva de 5.000 libras de dinheiro de salvamento que finalmente o levou a concordar com o plano de Deveau.

Os dois navios chegaram ao porto de Gibraltar seis dias mais tarde. E, em vez das boas-vindas que esperava, Deveau foi recebido por um burocrata inglês que pregou uma ordem de prisão imediata no mastro principal do *Mary Celeste*. A data, significativamente, era sexta-feira, dia 13.

Desde o início, o *Mary Celeste* fora um navio azarado. Estava originalmente registado como *Amazon*, e o seu primeiro capitão morrera no espaço de quarenta e oito horas. Na sua viagem inaugural, embatera num açude de pesca ao largo da costa do Maine e danificara o casco. Enquanto isto era reparado, deflagrara um incêndio a meio do navio. Mais tarde, ao atravessar o Estreito de Dover, abalroou outro bergantim, que se afundou. Isso aconteceu sob o seu terceiro capitão; o quarto encalhou acidentalmente o navio na ilha do Cabo Brenton e naufragou-o.

O *Amazon* foi recuperado e passou pelas mãos de mais três proprietários antes de ser comprado por J. H. Winchester, fundador de uma bem-sucedida companhia de navegação que ainda opera em Nova Iorque. Winchester descobriu que o bergantim – agora rebatizado *Mary Celeste* – tinha podridão seca nas suas madeiras e mandou reconstruir o fundo com forro de cobre e alongar a cabine do convés. Estas reparações garantiram que o navio estivesse em excelente estado antes de partir para Génova sob o comando experiente do capitão Briggs – o que ajudou a explicar por que razão sobrevivera tanto tempo no Atlântico invernal, depois de a tripulação ter passado para o bote salva-vidas.

As autoridades britânicas em Gibraltar pareciam suspeitar de motim ou de alguma conspiração americana – esta última teoria baseada no facto de o capitão Morehouse e o capitão Briggs serem amigos e de, aparentemente, terem jantado juntos no dia anterior à partida do *Mary Celeste* de Nova Iorque. Mas, no inquérito que se seguiu, a ideia de motim parecia ter ganho terreno. Para sustentar esta teoria, o Tribunal de Inquérito foi confrontado com uma marca de machado num dos varandins do navio, riscos no casco descritos como uma tentativa grosseira de fazer parecer que o navio embatera em rochas e uma espada manchada encontrada debaixo do beliche do capitão. Tudo isto, alegava-se, apontava para a tripulação se ter embriagado, ter matado o comandante e a sua família e ter fugido no bote do navio.

Os americanos sentiram-se insultados com o que consideraram uma afronta à honra da Marinha Mercante dos EUA e negaram indignados esta história. Assinalaram que Briggs não só era conhecido por ser um homem justo, pouco dado a provocar a tripulação a amotinar-se, como também comandava um navio "seco"; o único álcool a bordo do *Mary Celeste* era o da carga. E mesmo um marinheiro sedento dificilmente beberia mais do que um gole de álcool bruto – isso causaria fortes dores de estômago e, por fim, cegueira. Além disso, se a tripulação se tivesse amotinado, por que deixaria para trás os seus baús, juntamente com objetos como fotografias de família, navalhas e botas de mar?

O Almirantado britânico manteve-se pouco convencido, mas teve de admitir que, se a teoria alternativa fosse correta e Briggs e Morehouse tivessem decidido fazer uma falsa reivindicação de salvamento, Briggs teria, na verdade, saído a perder com o acordo – era coproprietário do navio e a sua parte de qualquer salvamento corresponderia a uma fração do que poderia ter ganho vendendo a sua parte pelo método normal.

Em março de 1873, o tribunal foi finalmente obrigado a admitir que era incapaz de decidir por que motivo o *Mary Celeste* fora abandonado, a primeira vez na sua história que não conseguira chegar a uma conclusão definitiva. Aos proprietários do *Dei Gratia* foi atribuído um quinto do valor do *Mary Celeste* e da sua carga. O próprio bergantim foi devolvido ao seu proprietário, que não perdeu tempo e o vendeu assim que regressou a Nova Iorque.

Nos onze anos seguintes, o *Mary Celeste* teve muitos proprietários, mas trouxe pouco lucro a qualquer deles. Os marinheiros estavam convencidos de que era um navio azarado. O seu último proprietário, o capitão Gilman C. Parker, encalhou-o num recife nas Índias Ocidentais e apresentou um pedido de indemnização ao seguro. As seguradoras ficaram desconfiadas, e Parker e os seus associados foram levados a tribunal. Nessa altura, a pena por afundar deliberadamente um navio em alto-mar era a morte por enforcamento; mas o juiz, tendo em mente o anterior historial de má sorte do *Mary Celeste*, permitiu que os homens fossem libertados por um tecnicismo. No prazo de oito meses, o capitão Parker estava morto, um dos associados enlouquecera e outro suicidara-se. O próprio *Mary Celeste* fora deixado a desfazer-se no recife.

Ao longo da década seguinte, mais ou menos, como não surgiram novas provas, o interesse pela história esmoreceu. Durante o julgamento, quando ainda se suspeitava de fraude, mantivera-se uma vigilância cuidada nos principais portos de Inglaterra e da América. Mas não havia sinal de qualquer um dos tripulantes desaparecidos.

No ano de 1882, um jovem médico recém-qualificado de 23 anos chamado Arthur Doyle mudou-se para Southsea, um subúrbio de Portsmouth, e aparafusou a sua placa. E, durante as longas semanas de espera por doentes, passava o tempo a escrever contos. Foi no outono de 1882 que começou uma história: "No mês de dezembro de 1873, o navio britânico *Dei Gratia* entrou em Gibraltar, tendo a reboque um bergantim abandonado, o *Marie Celeste*, que fora encontrado na latitude 38°40´, longitude 70°15´ oeste".

Para uma frase tão curta, contém um número notável de imprecisões. O ano era, na verdade, 1872; o *Dei Gratia* não rebocou o *Marie Celeste* — este chegou sob a sua própria vela; a latitude e a longitude estão erradas; e o navio chamava-se, em inglês simples, *Mary*, não *Marie*. Ainda assim, quando a "Declaração de J. Habakuk Jephson" foi publicada na revista *Cornhill* em 1884, causou sensação, lançando a carreira de Arthur Doyle como escritor — depressa passou a usar o nome A. Conan Doyle. A maioria das pessoas tomou-a por verdade e, a partir daí, tornou-se amplamente aceite que o *Mary Celeste* fora tomado por uma espécie de líder do Black Power com ódio aos brancos. O Sr. Solly Flood, o principal investigador do caso *Mary Celeste*, ficou tão indignado que enviou um telegrama à Central News Agency denunciando J. Habakuk Jephson como um impostor e um mentiroso. A partir daí, a *Cornhill* mostrou-se disposta a publicar a maioria das histórias de Conan Doyle por trinta guinéus cada uma, em vez das três guinéus que lhe tinham sido pagas até então.

A história de Doyle foi o sinal para um novo interesse no mistério e, nos anos seguintes, apareceram vários relatos falsos dos últimos dias do *Mary Celeste*. Contavam todo o tipo de histórias, desde motins simples até acidentes em massa — como toda a gente cair ao mar quando uma plataforma feita para ver uma corrida de natação cedeu — ou a descoberta de outro navio abandonado carregando barras de ouro, que teria tentado o capitão Briggs a deixar o seu próprio navio à deriva enquanto fugia no outro. Um autor argumentou que toda a tripulação fora arrastada, à noite,

pelos óculos de vigia do navio por uma lula gigante voraz, enquanto Charles Fort, o eminente investigador do paranormal, sugeriu que a tripulação fora arrebatada pela mesma força estranha que provoca chuvas de rãs e peixes vivos. Fort acrescentou: "Tenho uma coleção de histórias, contadas por mentirosos altamente individualizados, ou artistas que desdenhavam, em qualquer aspeto, imitar-se uns aos outros; que contaram, trinta, quarenta ou cinquenta anos mais tarde, terem sido membros desta tripulação". Ainda hoje, o *Mary Celeste* entra frequentemente, sem o saber, em séries de televisão e filmes de ficção científica, para se envolver em distorções do tempo ou ser atacado por extraterrestres em OVNIs.

Na realidade, um estudo cuidadoso dos factos revela que a solução deste mistério em particular é óbvia.

O homem mais responsável pela perpetuação do mito do *Mary Celeste* foi Conan Doyle: foi ele quem insistiu que os botes do navio ainda estavam intatos. Esta pequena imprecisão tornou um problema, de outro modo simples, praticamente insolúvel.

Na verdade, uma vez que sabemos que o bote estava em falta, ficamos pelo menos com uma coisa certa: a tripulação abandonou o navio, aparentemente com grande pressa — o leme não estava amarrado, um indício de que o navio foi abandonado à pressa. A questão que então se coloca é: o que poderia ter levado todos a bordo a abandonar o navio com tamanha urgência?

O capitão James Briggs, irmão do comandante do *Mary Celeste*, estava convencido de que a pista estava na última entrada do diário de bordo, na manhã de 25 de novembro de 1872: dizia que o vento amainara após uma noite de fortes rajadas. James Briggs acreditava que o navio poderia ter ficado encalmado nos Açores e começado a derivar em direção às rochas perigosas da ilha de Santa Maria. As marcas de rasgão encontradas ao longo da borda do *Mary Celeste* — que os investigadores britânicos tinham afirmado ter sido deliberadamente feitas pela tripulação amotinada — podem ter sido feitas quando o navio realmente roçou numa rocha submersa, convencendo a tripulação de que estava prestes a afundar.

Oliver Deveau propôs que, durante as tempestades, alguma água poderia ter encontrado caminho do entreconvés para o porão, dando a impressão de que o navio estava a fazer água.

Outra explicação popular é a de que um tornado-marinho atingiu o *Mary Celeste*. A pressão atmosférica dentro de um tornado-marinho é baixa; isto poderia ter feito as tampas das escotilhas saltarem e ter forçado água de sentina para o poço da bomba; isso teria feito parecer que o navio tinha embarcado seis a oito pés de água e se estava a afundar rapidamente.

Há objeções fundamentais a estas três respostas. Se o navio tivesse raspado rochas perigosas ao largo de Santa Maria, então o bote salva-vidas estaria suficientemente perto para chegar à ilha. Uma vez que não foram encontrados sobreviventes nem destroços do bote, isto parece improvável.

A teoria de Oliver Deveau tem muito mais a seu favor. Têm ocorrido frequentemente pânicos no mar. Quando o *Endeavour* do capitão Cook esteve em apuros ao largo da costa oriental da Austrália, o carpinteiro do navio foi enviado para medir a água no porão. Enganou-se e a histeria resultante poderia ter terminado com a tripulação a abandonar o navio, se Cook não tivesse conseguido controlar o pânico. Noutra ocasião, um navio que transportava um porão cheio de madeira despejou tudo ao mar ao largo da Terra Nova, antes de alguém se aperceber de que seria praticamente impossível afundar um navio cheio de madeira. Mas parece improvável que um capitão da conhecida competência de Briggs deixasse uma simples leitura errada causar pânico.

A objeção à teoria do tornado-marinho é que, à exceção das escotilhas abertas, o navio estava completamente intato. Se um tornado-marinho fosse suficientemente grande para causar tal pânico, teria seguramente provocado muito mais estragos.

Em todo o caso, o verdadeiro mistério é por que razão, se a tripulação deixou o *Mary Celeste* no bote salva-vidas, não tentou voltar a bordo quando viu que o navio não corria perigo de afundar.

Só uma explicação abrange todos os factos. Briggs nunca antes transportara álcool bruto e, sendo um típico puritano da Nova Inglaterra, sem dúvida desconfiava dele. A mudança de temperatura entre Nova Iorque e os Açores teria feito os tonéis de álcool suarem e verterem. A noite de tempestades, em que os barris teriam sido sacudidos violentamente, teria provocado a formação de vapor dentro dos tonéis, aumentando lentamente a pressão até que as tampas de dois ou três rebentaram. A explosão, embora basicamente inofensiva, pode ter lançado as tampas das escotilhas do porão

de carga para o convés, nas posições em que Deveau mais tarde as encontrou.

Convencido de que todo o navio estava prestes a explodir, Briggs mandou toda a gente para o bote salva-vidas. Na pressa, não tomou a única precaução simples que lhes teria salvado a vida — prender o bote ao *Mary Celeste* com algumas centenas de jardas de cabo. O mar estava relativamente calmo quando o bote foi baixado, como sabemos pela última entrada no diário, mas as provas das velas rasgadas indicam que o navio encontrou depois vendavais severos. Podemos conjeturar que o vento crescente empurrou o *Mary Celeste* para longe, enquanto a tripulação no bote remava freneticamente num esforço fútil para o alcançar. O resto da história é tragicamente óbvio.

34
Glenn Miller
O Estranho Desaparecimento de um Líder de Orquestra

A 24 de dezembro de 1944, um comunicado oficial à imprensa declarava que "o major Alton Glenn Miller, diretor da famosa banda da Força Aérea do Exército dos Estados Unidos, que tem atuado em Paris, é dado como desaparecido durante um voo de Londres para Paris. O avião em que seguia como passageiro saiu de Inglaterra no dia 15 de dezembro e não se encontrou qualquer vestígio desde a descolagem".

A ascensão de Glenn Miller à fama e à riqueza não fora fácil. Nascido em Clarinda, Iowa, em março de 1904, aprendeu a tocar trombone aos treze anos e ajudou a pagar os seus estudos na Universidade do Colorado tocando com bandas locais de dança. Juntou-se à banda de Ben Pollack aos vinte anos e, nos dez anos seguintes, tornou-se conhecido em Nova Iorque como arranjador e também como trombonista, tocando com Red Nichols, Smith Ballew e os irmãos Dorsey. Uma orquestra de dança que organizou para Ray Noble em 1934 tornou-se popular graças às emissões, mas a própria orquestra de Miller, organizada em 1937, foi um fracasso. Uma segunda orquestra, formada no ano seguinte, pouco melhor fez.

A viragem deu-se em março de 1939, quando a banda tocou no Glen Island Casino, num subúrbio de Nova Iorque, e o público ficou arrebatado de entusiasmo com este novo e distinto som de Glenn Miller, com os seus

metais suaves, quase xaroposos. As transmissões radiofónicas espalharam a febre por todo o país e Miller tornou-se rapidamente um homem rico. Embora lhe faltasse o génio inventivo puro de outros homens do jazz da época — Benny Goodman, Duke Ellington e Count Basie, por exemplo — a perfeição "fluida e rica" de temas como "Moonlight Serenade" fez dele o favorito das classes médias americanas, enquanto temas "quentes" como "In the Mood" e "Tuxedo Junction" o tornaram popular junto de uma geração mais jovem que estava a aprender a dançar *jive*.

Foi para Hollywood e fez dois filmes clássicos, *Orchestra Wives* (1941) e *Sun Valley Serenade* (1942). Durante este período tornou-se amigo do ator David Niven — uma amizade que, como veremos, desempenha um papel estranho no mistério do desaparecimento de Glenn Miller.

Em 1942, como gesto patriótico, Miller alistou-se na força aérea. Em pouco tempo reuniu outra banda e foi destacado para entreter as tropas no estrangeiro. Foi enviado para Londres. David Niven também se alistara — mas no Exército britânico. Sendo uma personalidade famosa do mundo do espetáculo, foi-lhe também atribuído um posto importante no entretenimento das forças armadas, e uma das suas funções era organizar as digressões de Glenn Miller. Era, na prática, o chefe de Miller. O homem efetivamente encarregado de organizar os detalhes das digressões de Miller — hotéis e viagens — era o tenente Don Haynes, antigo agente de contratação de Miller, agora também na Força Aérea dos EUA.

Em novembro de 1944, Niven organizou uma digressão de seis semanas para a banda de Miller, com início no sábado, 16 de dezembro. A banda devia voar para Paris nesse dia. Mas, a 12 de dezembro, quando Don Haynes e Miller regressavam a pé ao hotel em Londres, Miller disse a Haynes — segundo o relato posterior de Haynes — que queria ir um dia mais cedo porque tinha um compromisso social. Haynes disse que o colocaria num voo a partir da RAF Bovingdon, a noroeste de Londres, o ponto habitual de partida para voos para o Continente.

No dia seguinte, quarta-feira, 13 de dezembro, Haynes afirma que deixou Miller em Londres e conduziu de volta para Bedford, onde a banda estava alojada em aquartelamentos, para tratar do voo. Na manhã seguinte, afirma, encontrou o tenente-coronel Norman Baessell, que era assistente especial do comandante da base da RAF Milton Ernest, perto de Bedford.

Baessell mencionou que voaria para Paris no dia seguinte — quinta-feira — e ofereceu boleia a Haynes. Haynes recusou, dizendo que voaria com a banda no sábado, mas mencionou que Glenn Miller gostaria de uma boleia. Haynes telefonou a Miller, que aceitou a oferta; Haynes foi a Londres buscá-lo e levou-o para a RAF Milton Ernest.

Na manhã seguinte, Haynes apanhou Miller e Baessell e levou-os para o aeródromo próximo, Twinwood Farm. Por volta da 1h40, o avião chegou — um pequeno avião americano a hélice chamado *Norseman*, pilotado pelo Flight Officer John R. S. Morgan. Apesar de condições meteorológicas terríveis, descolaram cinco minutos depois — e desapareceram.

Sabemos agora o que aconteceu ao avião. Voou através do Canal em direção a Dieppe, mas começou a ter problemas de motor; o piloto foi forçado a amarar no mar apenas seis milhas a oeste de Le Touquet, que fica a alguma distância a norte de Dieppe. O avião foi localizado em 1973 e examinado por um mergulhador independente sete anos mais tarde. A hélice não estava lá. Isto sugeria uma fuga no sistema hidráulico, que não conseguiu ajustar as pás à velocidade necessária; a hélice entrou em "sobrerrotação" e provavelmente desprendeu-se.

Ora, por mais estranho que pareça, ninguém na altura parece ter percebido o que tinha acontecido. Na segunda-feira (o voo foi adiado devido ao mau tempo) a banda chegou ao Aeroporto de Orly, perto de Paris, e Haynes ficou perplexo quando Miller não apareceu para os receber. Haynes passou o resto de segunda-feira, e todo o dia seguinte, a procurar em Paris — que tinha sido recentemente libertada — o líder de orquestra. Por fim contatou o general Ray Barker, que estava encarregado de todo o pessoal militar dos EUA em Paris. Dois dias depois, quando a banda fez a sua primeira atuação em Paris, foi simplesmente dito ao público que "o major Miller não podia estar com a banda". A morte de Miller foi anunciada três dias mais tarde.

Essa foi a história. Mas a mulher de Miller, Helen — a paixão de infância com quem se casara — não queria acreditar. Para começar, esperou que ele tivesse sido feito prisioneiro. E quando, após o fim da guerra, se tornou claro que essa era uma esperança vã, começou a empreender diligências que envolviam procurar cemitérios de guerra, na esperança de que, pelo menos, pudesse encontrar um túmulo que pudesse visitar. Em fevereiro de 1946, um certo coronel Donnell escreveu em

resposta ao seu pedido, dizendo-lhe que o marido não tinha voado num dos aviões de passageiros, mas sim numa aeronave de combate não concebida para transportar passageiros.

Essa aeronave, disse ele, tinha autorização para voar do Campo de Abbotts Ripton, perto de Huntington, até Bordéus. Ora, Bordéus fica muito aquém de Paris, e Helen Miller deve ter-se perguntado se o marido deveria ir a pé o resto do caminho. É claro que o *Norseman* poderia ter-se destinado a aterrar em Paris e depois seguir para Bordéus; mas, se assim fosse, a autorização teria indicado isso. A carta concluía dizendo-lhe firmemente que não havia mais informações disponíveis.

O rumor de que existira algum tipo de encobrimento no caso levou vários investigadores a tentarem seguir a pista dos documentos oficiais. Um deles, um ex-oficial da RAF chamado John Edwards, rejeitou a teoria do encobrimento e propôs-se provar que Glenn Miller tinha estado a bordo do *Norseman* quando este se despenhou. Seria, pensava ele, apenas uma questão de obter o formulário oficial — chamado um 201 — sobre a morte de Miller, do arquivo de Washington onde tinha de estar guardado. Mas descobriu que era uma tarefa menos simples do que esperava. O Gabinete de Registos em Washington negou ter qualquer conhecimento do dossiê. O National Personnel Records Center, em St. Louis, disse que julgava que os registos se tinham perdido num incêndio. Edwards começou a aperceber-se de que alguém tinha uma razão para manter as provas debaixo de sete chaves.

Outro homem da RAF, o Squadron Leader Jack Taylor, decidiu tentar. Conseguiu obter o MACR (*Missing Air Crew Report*), mas verificou que a assinatura era ilegível e os detalhes dactilografados estavam tão esbatidos que eram quase impossíveis de ler. Dois outros documentos que conseguiu obter mostravam apenas que não fora instituída, na altura, qualquer espécie de busca por Glenn Miller. Isto, por si só, parecia estranho, pois os Aliados controlavam então a maior parte de França e nada impediria uma busca exaustiva pelo famoso líder de orquestra.

Foi Taylor quem abordou outro ex-piloto da RAF chamado Wilbur Wright, que se tornara um romancista de grande sucesso e, portanto, tinha tempo disponível. Era verdade que, em 1986, a maioria das testemunhas já tinha morrido; mas Wright raciocinou que deveria ser suficientemente simples obter quaisquer registos que existissem. Se houvesse dificuldades,

poderia invocar a *Freedom of Information Act*. E assim Wilbur Wright respirou fundo e escreveu ao United States Air Force Inspection and Safety Center, em Norton, Califórnia, pedindo o relatório do acidente do avião desaparecido. A resposta dizia que não havia registo de um acidente envolvendo um *Norseman* naquela data. Uma segunda carta arrancou-lhes a resposta de que nenhum avião *Norseman* fora dado como desaparecido em dezembro de 1944. Mas Wright tinha forma de verificar isto — um documento chamado *Cumulative Loss Listing*. E esse documento dizia-lhe que tinham sido nada menos do que oito aviões *Norseman* perdidos em dezembro de 1944.

Wright começou a farejar gato escondido. E quando cartas para o Gabinete de Registos em Washington, para a *Army Casualty Division* e para o departamento de História da Força Aérea obtiveram recusas semelhantes, pelo menos uma coisa ficou evidente. Isto não era vaguidão nem incompetência; estavam deliberadamente a bloqueá-lo. Outra carta para a *Casualty Division* em Alexandria, Virgínia, trouxe uma revelação fascinante. Admitiram, em tom de queixa, que andavam há anos a tentar obter o dossiê de Glenn Miller de Washington e tinham sido totalmente ignorados.

No mês seguinte, mais ou menos, Wright manteve uma feroz barragem de cartas para várias agências. Chegou mesmo a escrever diretamente ao Presidente Reagan, pedindo-lhe que interviesse. Conseguiu uma admissão relutante do *Military Reference*, admitindo que havia vários documentos no dossiê de Miller e listando-os. Mas o Gabinete de Registos em Washington continuou a insistir que todos os documentos tinham sido perdidos ou extraviados. Em janeiro de 1987, Wright telefonou para o gabinete de registos e exigiu falar com "o responsável máximo". Puseram-no em contato com um Sr. George Chalou, e ele explicou que era um autor profissional e queria ver o dossiê de enterramento de Glenn Miller. Acrescentou que tinha escrito repetidamente e não obtivera nada e que as pessoas da *Casualty Division* em Alexandria se queixavam de que Washington não lhes fornecia o dossiê. "Certo!", disse o Sr. Chalou, "e não há maneira nenhuma de o recuperarem, nem sequer. Esses ficheiros estão há anos sob chave e fechadura, e é assim que vão ficar". Wilbur Wright, que estava a gravar a conversa, ficou a olhar para o telefone, estupefacto. Finalmente tinha uma admissão de que o dossiê estava a ser mantido em segredo.

Prosseguiu, mencionando que escrevera a Ronald Reagan — mas não referiu que até então não recebera resposta. Isso provocou um suspiro de "Não fez isso!" seguido de uma exigência do número de telefone de Wright. Mas não houve retorno de chamada — apenas mais cartas assegurando a Wright que ele já recebera toda a informação disponível. Pressões adicionais arrancaram-lhes a resposta de que o dossiê em falta tinha agora sido encontrado e que, quando Wright viesse visitar o gabinete, veria o "MACR original". Isso confirmou o que Wright já tinha deduzido: o MACR obtido pelo Squadron Leader Jack Taylor era falso.

O Gabinete de Registos em Washington decidiu então enviar o dossiê para a *Casualty Division* na Virgínia, assegurando-lhes que só agora tinha sido localizado. A Virgínia escreveu a Wright informando-o de que lhe tinham agora enviado por correio uma cópia do dossiê desaparecido. E, eventualmente, semanas mais tarde, o dossiê finalmente chegou.

Este — como seria de esperar — não incluía revelações extraordinárias; se incluísse, presumivelmente não teria sido enviado. Mas confirmou uma coisa: o *Missing Air Crew Report* obtido por Taylor não era o original; um estudo atento revelou que fora alterado. Além disso, apenas a página 1 fora incluída; a página 2, que deveria conter a assinatura, estava em falta. E quando, com a sua habitual persistência incrível, Wright obteve a página em falta — que apareceu no *Burial File* do piloto — ela não tinha assinatura. A versão posterior "assinada" era uma fabricação. Então por que razão a versão original sem assinatura não tinha sido dada a Taylor — ou divulgada pouco depois do acidente? Obviamente, porque não estava assinada, e isso teria levantado suspeitas. Porque o capitão Ralph S. Cramer, que deveria tê-la assinado, devia saber que estaria a apor a sua assinatura a algo que não era verdade, preferiu não o fazer.

Tudo isto, percebeu Wright, soava inconclusivo; talvez Cramer estivesse com pressa e se tivesse esquecido de assinar; talvez o Gabinete de Registos em Washington tivesse realmente extraviado o dossiê. Mas havia uma outra peça de prova que Wilbur Wright considerava muito mais marcante: o ator David Niven fora amigo de Miller desde que se tinham conhecido em Hollywood no início da década de 1940. Como já referido, ele era o "chefe" de Miller quando este veio para Londres como membro da Força Aérea dos EUA, e organizou aquela derradeira digressão, que nunca chegou a realizar-se. No entanto, na sua autobiografia de grande sucesso,

The Moon's a Balloon, Niven nem sequer mencionou Glenn Miller. E também não disse nada sobre ele ao seu biógrafo, Sheridan Morley.

Há uma omissão igualmente estranha na autobiografia de Niven. Ele estava em Paris na altura do desaparecimento de Miller, a organizar uma digressão para Marlene Dietrich, outra velha amiga — na verdade, ela, Niven e Miller encontravam-se para jantar sempre que podiam. A Batalha das Ardenas — na qual os alemães tentaram relançar a ofensiva contra os Aliados — começou no dia seguinte ao "desaparecimento" de Miller, e Marlene Dietrich (que era, claro, alemã e poderia ter sido fuzilada como traidora se fosse capturada) teve de ser evacuada à pressa para Paris.

Niven fez um telefonema desesperado a um colega em Inglaterra, o coronel Hignett, para tentar pedir emprestado um destacamento de "brutamontes" (comandos) para ir resgatar a Sr.ª Dietrich. Hignett teve de recusar, uma vez que todos os seus homens estavam em alerta vermelho. Então por que razão Niven não mencionou este episódio importante na sua autobiografia? Ele menciona o período mas diz que estava noutro local, num lugar chamado Spa, a duzentas milhas de Paris. E uma biografia de Marlene Dietrich confirma que ela e Niven estiveram juntos no dia anterior ao "desaparecimento" de Miller e que ela foi "resgatada" do avanço alemão e regressou a Paris.

A conclusão de Wright era que Niven sabia exatamente o que tinha acontecido a Glenn Miller e que, fosse o que fosse, não tinha sido um acidente por afogamento ao largo de Le Touquet. Mas, se Miller não estava no *Norseman* quando este se despenhou, onde estava ele? Presumivelmente em Paris, onde era suposto estar — e com Niven e Marlene Dietrich.

Partindo do princípio de que isso era correto e de que Miller voou para Paris — ou na quinta-feira (dia 14) a partir de Bovingdon, ou no dia seguinte —, então o que lhe aconteceu em Paris que levou a um encobrimento?

A longa investigação de Wright — demasiado longa para descrever em detalhe — levou-o a estudar muitos cenários possíveis. Ele enumera-os no seu livro *Millergate* (1990). O irmão de Miller, Herb, estava convencido de que Glenn nunca saíra de Inglaterra, mas que morrera de cancro. Isto, obviamente, levanta a questão de por que razão teria sido necessário um encobrimento. Não há nada de desonroso em morrer de cancro.

Outra teoria analisada por Wright foi a de que o avião de Miller fora abatido por caças alemães. Mas o tempo sobre o Continente a 15 de dezembro estava tão mau que todos os aviões tinham sido imobilizados. Além disso, os registos da Luftwaffe não mencionam nenhum avião abatido sobre o Canal. Curiosamente, as investigações de Wright revelaram que o tempo sobre o aeródromo de Twinwood ainda estava bom e não, como Haynes afirmara, terrível. A inferência era que Haynes inventara as condições meteorológicas terríveis para tornar a história mais convincente.

Outro rumor alegava que Miller fora feito prisioneiro e morrera num campo de prisioneiros de guerra. Wright rejeita esta teoria, observando que os alemães teriam anunciado a captura de Glenn Miller para minar a moral dos Aliados.

Uma pista mais promissora estava ligada ao tenente-coronel Norman Baessell, que veio a revelar ter uma reputação extremamente duvidosa como traficante de droga. Wright investigou um rumor segundo o qual Baessell estaria a traficar droga para uma pista no norte de França naquele voo fatal, Glenn Miller teria protestado e Baessell tê-lo-ia abatido e ocultado o corpo; a caminho de regresso, o avião despenhou-se. A pesquisa de Wright revelou que Baessell era certamente uma figura aventureira, machista e agressiva, perfeitamente capaz de traficar droga. Mas não há a mínima peça de prova confirmatória de que isto tenha acontecido.

Uma das histórias mais interessantes foi contada por um homem chamado Dennis Cottam, que fora a Paris em 1954 buscar um carro. Num lugar chamado Fred's Bar, não muito longe do Hotel Olympiades em Montmartre, onde a banda de Miller tinha ficado, Cottam foi informado pelo barman: "Vocês, ingleses, pensam que Glenn Miller morreu no Canal a 15 de dezembro de 1944, no entanto ele estava aqui a beber nessa mesma noite." Disse-lhe que, se quisesse confirmação da história, devia ir a uma porta pintada de azul do outro lado da rua e perguntar à senhora que lá estava sobre Glenn Miller. A porta revelou-se a de um bordel, e a Madame disse a Cottam que, em 1944, o seu namorado fora capitão da Polícia Militar (*Provost Marshall*) e que lhe contara que vira e identificara o corpo de Glenn Miller. Mas por que foi ele morto? quis saber Cottam. "Porque sabia demais sobre o Mercado Negro."

Isso era certamente interessante. Mas matariam realmente os traficantes do Mercado Negro um famoso líder de orquestra que estivera

em Paris apenas vinte e quatro horas, mais ou menos — tempo escasso para aprender muito sobre o Mercado Negro?

Entrevistas com o investigador John Edwards trouxeram também algumas perspetivas interessantes. Ele obteve uma gravação feita por um técnico da BBC chamado Teddy Gower, que afirmava ter voado para Paris (Orly) com Glenn Miller desde Bovingdon, na quinta-feira, 14 de dezembro, o dia em que Miller de facto queria voar. Don Haynes admitira que Miller queria voar para Orly no dia 14 e que ele (Haynes) prometera tratar de um voo a partir de Bovingdon, o aeródromo habitual para voos para o Continente. No entanto, segundo Haynes, mudara de ideias e aceitara a oferta de Baessell para dar boleia a Miller até Paris no dia seguinte, sexta-feira.

Mas por que razão Miller preferiria uma "boleia" num pequeno avião (Miller detestava aviões pequenos) na sexta-feira, em vez de uma viagem confortável num Dakota maior na quinta-feira?

Wright já tinha encontrado muitas incoerências no relato de Haynes que o levavam a acreditar que ele estava a mentir. Por exemplo, Haynes afirmou que, na tarde de quarta-feira, tinha conduzido de volta para Bedford sob nevoeiro cerrado, quando Wright conseguiu descobrir provas de que ele e Glenn Miller tinham passado essa noite no Milroy Club com um grupo de oficiais e uma cantora. Isto, e muitas outras provas, convenceu Wright de que Haynes estava intimamente envolvido no encobrimento. Miller voara para Paris na quinta-feira, num Dakota, e provavelmente fora recebido por David Niven, que certamente se encontrava em Paris nesse dia.

John Edwards tinha outra história, algo estranha, para contar a Wilbur Wright. Devido à publicidade dada à sua busca por Glenn Miller, recebera muitas cartas. Uma delas era de um veterano da Segunda Guerra Mundial que afirmava não só ter conhecido o major Glenn Miller, como ter estado com Miller num hospital militar em Columbus, Ohio, quando o líder de orquestra morreu de ferimentos na cabeça. Aquilo soou tão absurdo que Edwards nem sequer deu seguimento à história e atirou a carta para o caixote do lixo.

Edwards contou também a Wright sobre um médico americano chamado David Pecora, que alegava ter estado presente quando Glenn

Miller morreu. Com a sua habitual persistência incrível, Wright acabou por conseguir localizar Pecora. O resultado foi dececionante — Pecora concordou que estivera em França na altura, mas disse não ter qualquer conhecimento sobre Glenn Miller.

Ainda assim, esta falsa pista viria a revelar-se produtiva. Seguir a pista de Pecora implicara muita correspondência para Nova Jérsia, o estado onde Miller vivera antes de se juntar à Força Aérea dos EUA, e Wright decidiu escrever ao Registo Civil do estado de Nova Jérsia, perguntando se tinham algum registo da morte de um major Alton Glenn Miller; deu todos os detalhes familiares necessários, incluindo local e data de nascimento. Mas, por acidente, indicou o estado de nascimento de Miller como Ohio em vez de Iowa. Ficou espantado ao receber uma carta a confirmar que Alton Glenn Miller tinha morrido no Ohio em dezembro de 1944. Um telefonema para o registo em Nova Jérsia confirmou que Alton Glenn Miller, mais tarde residente em Nova Jérsia, tinha morrido no Ohio.

Neste ponto, Wilbur Wright cometeu um erro. Em vez de pedir mais pormenores sobre onde Miller tinha morrido, disse à mulher do outro lado da linha: "Está a perceber que estamos a falar do Glenn Miller que desapareceu na Europa em 1944?" Após um longo silêncio, a mulher disse: "Voltamos a ligar". De facto, voltou a ligar dois dias depois para dizer que a dactilógrafa se enganara. Tinham-lhe enviado o local de nascimento de Glenn Miller em vez do local da morte.

Wright ficou perplexo. Como poderiam confundir um local de nascimento em 1904 com um local de morte em 1944? Além disso, disse Wright à mulher, Miller nascera no Iowa, não no Ohio. "Foi um erro de dactilografia", insistiu a mulher. "E, de qualquer maneira, Ohio, Iowa — é o mesmo estado." Samuel Goldwyn é conhecido por ter confundido os dois, mas soou estranho vindo de uma funcionária de um Registo Civil.

Havia, descobriu Wright, outra estranheza que precisava de explicação. Em 1949, Helen Miller, que se mudara para Pasadena, Califórnia, comprara um lote funerário para seis sepulturas na vizinha Altadena. Mas a família consistia apenas nela própria e no filho e na filha que ela e Glenn tinham adotado; havia também os seus pais, que, a seu tempo, foram sepultados no lote. Para quem era a sepultura extra? As autoridades do cemitério foram instadas a negar que Glenn Miller estivesse sepultado no lote; levaram quinze meses a fazê-lo. Também enviaram o

pedido “confidencial” de Wilbur Wright ao filho adotivo de Glenn Miller, Steve, cuja resposta foi escrever uma carta zangada ao irmão de Glenn, Herb — que respondera às perguntas de Wright — dizendo: “Tirem este tipo de cima de nós.”

Então o que aconteceu a Glenn Miller? De longe, o rumor mais persistente com que Wright se deparou foi o de que Miller recebera um golpe fatal na cabeça numa rixa num bordel em Pigalle, Paris. (Pigalle é conhecida como a zona das prostitutas.) Num artigo de jornal de 1976, John Edwards especulou que Miller fora assassinado em Paris na segunda-feira em que a banda finalmente chegou. O artigo resumia: “O Sr. Edwards acredita que Miller, que era um pouco dado às senhoras, morreu com o crânio fraturado.”

Wright foi inicialmente cético em relação a esta história, porque conseguiu refutar alguns dos outros pormenores dados por Edwards — por exemplo, a sua afirmação de que um tenente-coronel Corrigan podia confirmar o “assassínio”. Wright localizou Corrigan, que o negou. Edwards também afirmou que um médico americano em Paris assinara a certidão de óbito; seria presumivelmente o Dr. Pecora, que negou saber fosse o que fosse sobre a morte de Miller. Ainda assim, a persistência da história — que surgiu em Paris logo em 1948 — sugeria que poderia ser verdadeira. E encaixa certamente no restante conjunto de informações que Wilbur Wright reuniu.

Este é, então, o esboço do cenário de Wright sobre o que aconteceu a Glenn Miller:

Miller decidiu ir para Paris dois dias antes da banda, para fazer algum “convívio social” — que incluía comprar companhia feminina. Tinha combinado encontrar-se com o velho amigo David Niven, que estaria lá a 14 de dezembro para organizar a digressão de Marlene Dietrich. A autobiografia de Niven deixa claro que ele também não era avesso a companhia feminina, tendo sido colega de casa de Errol Flynn. Niven terá provavelmente ido buscar Miller ao Dakota que o trouxe de Bovingdon na quinta-feira, 15 de dezembro. Dois dias depois, Niven teve de se apressar a resgatar Marlene Dietrich para que não se tornasse vítima da Batalha das Ardenas, mas os dois regressaram a Paris dois dias mais tarde e é bem possível que se tenham juntado a Miller para uma refeição.

Miller foi a um bordel em Pigalle, envolveu-se em algum tipo de rixa e foi atingido na cabeça. Quando Don Haynes chegou a Orly, ficou perplexo por Miller não estar lá para o receber. Afirma que passou dois dias a procurar Miller em Paris, mas (como Wright salienta) isso não teria sido necessário. Ele devia saber onde Miller estava hospedado e ter ido verificar — provavelmente descobrindo que Miller estava desaparecido desde a noite anterior. O Miller gravemente ferido foi localizado; parecia claro que poderia morrer.

Como explicar a sua morte violenta sem escândalo? Começou o encobrimento. Miller foi transportado de avião para um hospital militar em Columbus, Ohio. Entretanto, o desaparecimento do *Norseman* ofereceu a oportunidade perfeita para explicar a sua ausência nos concertos de Paris. Quando o desaparecimento do *Norseman* foi anunciado, nove dias depois de ter acontecido, Glenn Miller já estava morto no Ohio. Provavelmente foi enterrado lá. A sua mulher, Helen, foi informada de que ele morrera no *Norseman*, mas ela não acreditou. E, por fim, as autoridades militares decidiram dizer-lhe o que tinha acontecido — presumivelmente antes de ela comprar o lote de seis sepulturas em Altadena.

Algum tempo depois, Glenn Miller foi trasladado da sua sepultura sem identificação no Ohio para o seu local de repouso em Altadena. Helen juntou-se a ele lá em 1966.

O seu amigo Niven, um dos poucos que conheciam o segredo, manteve um silêncio inteiramente pouco característico sobre Miller até ao fim da vida, sem sequer o mencionar à sua segunda mulher. Don Haynes viria mais tarde a publicar os seus diários, que pareciam confirmar o seu relato de que Miller voara para Paris desde Twinwood na manhã de sexta-feira, 15 de dezembro, com condições meteorológicas excecionalmente más. As investigações de Wright revelaram que o tempo era razoável nessa data, mas que o aeródromo estava fechado.

Os discos de Glenn Miller continuam tão populares como sempre, e o seu som suave e sem costuras continua a ser um dos encantos da era do *swing*. Talvez, afinal, Niven e Haynes tivessem razão quando decidiram que, para a posteridade, Miller morrera num misterioso acidente de avião em vez de numa rixa pouco digna num bordel de Paris.

35
O Elo Perdido
O Mistério Não Resolvido da Evolução Humana

Um dia, em 1908, um arqueólogo amador chamado Charles Dawson, que ganhava a vida como solicitador, caminhava por um caminho rural perto de Piltdown Common, em East Sussex, Inglaterra, quando reparou em algumas pedras de sílex castanhas peculiares que tinham sido usadas para reparar a estrada. Quando soube que tinham sido encontradas numa camada de gravilha na quinta, foi lá dar uma olhadela. Dois trabalhadores estavam a escavar e Dawson perguntou-lhes se tinham encontrado algum fóssil; disseram que não. Mas quando Dawson regressou mais tarde, um deles entregou-lhe um fragmento de um crânio humano. Três anos depois, no mesmo local, Dawson encontrou outro fragmento.

No ano seguinte, 1912, Dawson decidiu mostrar os fragmentos ao seu amigo Dr. Arthur Smith Woodward, conservador do Departamento de Geologia do Museu Britânico e, durante esse verão, Smith Woodward foi ver o local, levando outro geólogo, o padre francês Pierre Teilhard de Chardin (que se tornaria famoso quatro anos após a sua morte, em 1955, pelo seu livro *The Phenomenon of Man*). Descobriram rapidamente aquilo que Dawson descreveu como uma "mandíbula humana" (maxilar inferior) com dois dentes molares. Ossos de animais pré-históricos e ferramentas humanas primitivas no mesmo poço de gravilha pareciam datar a mandíbula de cerca de meio milhão de anos. Parte de um crânio humano também apareceu no poço.

Isto foi motivo de grande excitação, pois o próprio homem tem apenas cerca de meio milhão de anos. Em todo o caso, a súbita expansão do cérebro que ficou conhecida como "a explosão do cérebro" começou — por razões que ninguém compreende — há meio milhão de anos. (O "primeiro homem", *Homo erectus*, remonta a cerca de um milhão e um quarto de anos, mas tinha um cérebro do tamanho do de um macaco.) O que era tão surpreendente naquela descoberta era que a mandíbula era decididamente símia, e, no entanto, encaixava no crânio. Pareciam ter descoberto algo que a ciência procurava havia quase meio século — aquilo a que Charles Darwin chamara "o Elo Perdido", a prova definitiva de que o homem descende do macaco.

É difícil para nós compreender o escândalo que fora causado pela publicação de *A Origem das Espécies* de Darwin em novembro de 1859. A maioria de nós dá a noção de evolução por adquirida e encara o fundamentalismo bíblico como uma piada absurda. Em 1859, as conclusões de Darwin pareciam abalar os alicerces do Cristianismo e, portanto, os alicerces da sociedade britânica. A primeira edição do livro esgotou, de facto, no primeiro dia. E, apesar da cautela com que formulara as suas conclusões — que todas as espécies surgem através da seleção natural, devido à sobrevivência do mais apto — Darwin depressa foi acusado de ateísmo e de pura maldade. Em 1859, a maioria dos britânicos aceitava que o relato da criação no Génesis era inteiramente fatual e a maioria aceitava a estimativa do arcebispo Usher para a data da criação (calculada a partir da Bíblia) como 4004 a.C.

É certo que Sir Charles Lyell refutara isto quase trinta anos antes no seu *Principles of Geology*, no qual mostrava que a Terra tinha de ter milhões de anos. Mas, de algum modo, isso não incomodou demasiado a Igreja — afinal, se Deus criou as rochas, bem poderia tê-las criado com fósseis de milhões de anos, da mesma forma que alguém poderia abastecer uma biblioteca nova com livros antigos. Mas Darwin dizia que o homem não era o "Senhor da Criação", apenas um recém-chegado descendente do macaco. Num discurso no Parlamento, Disraeli fez o célebre comentário de que, na controvérsia sobre se o homem era um macaco ou um anjo, ele estava do lado dos anjos.

A batalha histórica — o equivalente, para o evolucionismo, da Batalha de Hastings — teve lugar em Oxford, a 30 de junho de 1860, e os dois principais debatedores foram o bispo Samuel Wilberforce — conhecido por "Soapy Sam" por causa do seu modo untuoso — e o "bulldog de Darwin", o biólogo Thomas Henry Huxley. Depois de Soapy Sam ter apresentado um relato humorístico e satírico da teoria da evolução, virou-se educadamente para Huxley e "implorou para saber: era pelo avô ou pela avó que ele reclamava a sua descendência de um macaco"? Sentou-se sob estrondosas gargalhadas e aplausos.

Diz-se que Huxley bateu com a mão no joelho e sussurrou ao vizinho: "O Senhor entregou-o nas minhas mãos". Huxley ergueu-se e falou de forma calma e grave, explicando a teoria de Darwin numa linguagem clara e simples. Concluiu dizendo: "Eu não me envergonharia de ter um macaco

como antepassado, mas envergonhar-me-ia de estar ligado a um homem que usou os seus grandes dons para obscurecer a verdade." Os aplausos que se seguiram foram tão estrondosos como os que se seguiram ao ataque de Wilberforce. Uma mulher desmaiou. E Wilberforce ficou tão atordoado que declinou a oportunidade de ter a última palavra.

Onze anos mais tarde, em 1871, Darwin declarou a sua crença de que a arqueologia traria à luz a prova da sua teoria no "Elo Perdido". Os darwinistas ansiavam por ter a honra de cumprir essa profecia. E em 1912 parecia que Charles Dawson tinha triunfado.

Seguiram-se outras descobertas. Teilhard de Chardin encontrou um canino humano nos detritos que tinham sido retirados do poço; encaixava no crânio. Foi também encontrado um osso de elefante moldado em forma de clava — a arma mais antiga conhecida. E quando, em 1915, foi encontrado outro "crânio de Piltdown" a duas milhas de distância, até os céticos ficaram convencidos. Isto "provava", para além de qualquer dúvida, que o homem era descendente de um macaco.

Dawson tinha apenas mais um ano de vida; morreu em 1916, aos cinquenta e dois anos, num brilho de celebridade. Woodward tinha batizado a sua descoberta como *Eoanthropus dawsoni* – o homem da aurora de Dawson. E, no devido tempo, uma estátua de Dawson foi erguida perto do cascalheiro.

O problema era que o homem da aurora de Dawson não parecia ajustar-se ao quadro emergente da evolução humana. Por exemplo, o homem de Neandertal, que tinha sido descoberto em 1857, tinha uma mandíbula recuada; o mesmo acontecia com o muito mais antigo homem de Heidelberg, descoberto em 1907 (e também datado de há cerca de meio milhão de anos). O mesmo se passava com o homem de Java, descoberto em 1891. Mas todos estes pareciam muito mais humanoides, menos simiescos, do que o homem da aurora. Em suma, o homem da aurora de Piltdown era demasiado tardio para ser o Elo Perdido.

A bolha rebentou finalmente em 1953, quando o crânio de Piltdown foi submetido aos mais recentes testes científicos no Museu Britânico pelo Dr. Kenneth Oakley. Estes incluíram a análise de flúor. (O flúor acumula-se em ossos enterrados, por isso, quanto mais velho é um osso, mais flúor contém.) O crânio de Piltdown provou ter meros 50.000 anos, enquanto o

maxilar provou ser o de um chimpanzé; ambos tinham sido tingidos com sulfacto de ferro e pigmento. O crânio de Piltdown, que tinha figurado em tantos livros sobre a evolução do homem, era uma farsa. Mas quem era o responsável por ela?

O suspeito óbvio era o próprio Dawson. Começaram a acumular-se evidências de que ele não era tão honesto como todos tinham suposto. O Dr. J. S. Weiner, autor de um livro intitulado *The Piltdown Problem* (1955), deslocou-se a Sussex e, num armário de fósseis pertencente a um contemporâneo de Dawson, Harry Morris, encontrou uma pederneira descrita no seu cartão acompanhante como "tingida por C. Dawson com intenção de defraudar". De facto, sabe-se que Dawson tingiu os ossos com bicromato para os preservar – ou pelo menos essa foi a razão que deu a Woodward. Historiadores locais tinham criticado Dawson por basear a sua *History of Hastings Castle*, sem reconhecimento, numa história anterior. E havia uma história de que ele teria comprado uma casa que estava a ser considerada para local da sede da Sociedade Arqueológica de Sussex, usando a sua filiação para a arrebatar de debaixo do nariz dos membros da sociedade. Quem quer que tenha "salgado" o cascalheiro com ferramentas primitivas e ossos de hipopótamo, rinoceronte e veado, tinha acesso a este tipo de material. E a mesma pessoa colocou o segundo "crânio de Piltdown" a duas milhas de distância para silenciar os céticos. Dawson estava certamente em posição de fazer estas coisas.

Por outro lado, Francis Vere, autor de *The Piltdown Fantasy*, está convencido de que Dawson não possuía conhecimentos suficientes para levar a cabo a fraude – por exemplo, conhecimentos de odontologia suficientes para desgastar os dentes. Ele acredita que o autor da farsa foi um dos muitos geólogos amadores locais – como Harry Morris (que se sabe ter sido um homem amargurado).

Mas por que razão foi feito? Se foi Dawson quem o fez, então a razão pode ter sido ou o desejo de engrandecimento pessoal ou o desejo de provar que Darwin tinha razão de uma vez por todas. Cinquenta anos após a publicação de *A Origem das Espécies*, o mundo ainda estava cheio de fundamentalistas que não conseguiam aceitar o darwinismo. Em 1925, um professor chamado John Scopes foi levado a tribunal em Dayton, Tennessee, por ensinar aos seus alunos a teoria da evolução. Scopes foi considerado culpado e multado em 100$.

Num panfleto intitulado *Lessons of Piltdown* (publicado pelo Evolution Protest Movement em 1959), Francis Vere chega a sugerir que Teilhard de Chardin poderia ter sido responsável pela farsa de Piltdown. O protesto de Vere dirige-se também à noção de que o homem descende do macaco, e ele sugere que o que os cientistas deveriam estar a tentar explicar é a "dádiva de Deus ao Homem – a mente". O protesto de Vere está no espírito da queixa de Samuel Butler – outro anti-darwinista – que afirmou que a teoria da seleção natural tinha "banido Deus do universo". Bernard Shaw retomou o seu protesto no prefácio de *Back to Methuselah*, no qual argumentou que a falha do darwinismo reside no seu determinismo rígido, na sua falha em reconhecer o papel desempenhado na evolução pela vontade do indivíduo.

O que, de facto, aconteceu desde a década de 1950 é que as objeções de historiadores como Vere – e até dos habitantes de Dayton – foram justificadas por novas descobertas que provam, de uma vez por todas, que não há ligação entre os seres humanos e os macacos. Há cerca de noventa milhões de anos, na era que sucedeu aos dinossauros (que viveram de há cerca de 250 a 150 milhões de anos), o antepassado tanto dos macacos como do homem era uma minúscula criatura insectívora que se assemelhava a um rato ou a um musaranho e que vivia nas florestas fumegantes que cobriam a terra. Por esta altura, estas criaturas sentiram-se confiantes o suficiente para emergir do subbosque e subir às árvores, onde comiam sementes e folhas tenras e um novo desenvolvimento chamado fruta, em vez de insetos.

Foi provavelmente em consequência de viver nas árvores que o "rato" desenvolveu uma "mão" com um polegar e quatro dedos, em vez de uma pata com todos os dígitos lado a lado. Muitas destas criaturas foram exterminadas pelos seus primos roedores, que tinham uma grande vantagem – os seus dentes nunca paravam de crescer e, por isso, nunca se desgastavam. Mas sobreviveram em África – ou melhor, no vasto continente que incluía a África e a América do Sul, antes de se separarem há quarenta milhões de anos. Por esta altura, o musaranho-arborícola tinha-se transformado num macaco – portanto, nesse sentido, o homem descende de um macaco.

Por alguma razão, os macacos tinham os olhos na frente da cabeça, em vez de em cada lado, como os roedores têm. Isto permitiu-lhes desenvolver

a perceção de profundidade, o que, com o tempo, significaria que poderiam manusear ferramentas. (Se tentar conduzir um carro com um olho fechado, descobrirá que é muito mais difícil julgar a sua distância em relação à sebe.) À medida que a terra se tornava mais seca e as luxuosas florestas africanas se tornavam savanas, os primatas dividiram-se em duas linhagens, os grandes símios e os macacos.

O símio mais antigo parece ter sido uma criatura a que chamamos *Aegyptopithecus*, que viveu há cerca de vinte e oito milhões de anos. Depois veio o *Dryopithecus*, uma criatura semelhante ao babuíno, que se espalhou para fora de África e por toda a Europa. Há cerca de quinze milhões de anos, uma linhagem de *Dryopithecus* subiu às árvores e tornou-se o antepassado do símio moderno – do tipo que encontramos nas histórias de Tarzan. Seguiu-se o símio a que chamamos *Ramapithecus*, encontrado em 1934 no norte da Índia. Este era tão semelhante ao humano que o paleontólogo G. E. Lewis o classificou como um hominídeo. O *Ramapithecus* parece datar de entre oito e catorze milhões de anos e tem pretensões a ser o "primeiro homem".

Em 1924, na parte de África agora chamada Botsuana, mineiros que procediam a explosões em rocha descobriram ossos fósseis perto de uma estação de comboios conhecida como Taungs; investigações posteriores revelaram o crânio de uma criança; ainda tinha dentes de leite e, por isso, estimou-se que teria cerca de seis anos. A caixa craniana era muito menor do que a de uma criança humana, mas os dentes eram definitivamente humanos. O Professor Raymond Dart concluiu que este era um dos primeiros "homens verdadeiros" já descobertos e chamou-lhe *Australopithecus africanus*, ou homem-macaco do sul. Esta criatura era carnívora e é hoje referida como um "Dartiano". Um outro tipo de *Australopithecus* foi descoberto algum tempo depois, um vegetariano com uma constituição mais robusta; foi rotulado como *Australopithecus robustus*.

Os colegas cientistas de Dart estavam relutantes em aceitar que o seu homem-macaco carnívoro fosse um elo importante na cadeia evolutiva, mas as descobertas feitas pelo paleontólogo Robert Broom na segunda metade da década de 1930 não deixaram dúvidas de que os "Dartianos" eram uma espécie verdadeiramente humana que tinha tido origem em África. Alguns datavam de há três milhões de anos, outros de meros três

quartos de milhão de anos. Os "Dartianos" parecem ter dado lugar à criatura que chamamos *Homo erectus*, o antecessor imediato do *Homo sapiens*, enquanto o *robustus* parece ter-se extinguido.

Nalguns dos locais australopitecíneos, Dart encontrou crânios de babuínos com uma espécie de depressão dupla na parte posterior. E a descoberta de ossos de pernas dianteiras de antílope (úmeros) nestes locais sugeriu a Dart que estes primeiros homens-macaco tinham usado os ossos como clavas. Isto levou-o a publicar, em 1949, um artigo altamente controverso intitulado "The Predatory Transition from Ape to Man", que argumentava que a inteligência humana se tinha desenvolvido através do uso de armas. Empunhar uma clava, sustentava Dart, requer um certo grau de coordenação entre a mão e o olho.

Em suma, Dart sugeria que o homem evoluiu porque era descendente de algum macaco assassino primitivo, enquanto os seus irmãos mais pacíficos ficaram nas árvores e evoluíram para os modernos gorilas, orangotangos e assim por diante. O homem dartiano passou a desenvolver ferramentas – pedras com as extremidades lascadas para fazer machados primitivos, que podiam ser usados para extrair medula dos ossos – há cerca de dois milhões de anos.

A versão de Dart sobre a evolução humana foi popularizada em 1961 pelo dramaturgo tornado antropólogo Robert Ardrey, num livro intitulado *African Genesis*. Eis, resumidamente, como Ardrey vê o desenvolvimento humano: Há cerca de quinze milhões de anos, na era Miocénica, a África ainda estava coberta por florestas luxuriantes. Há doze milhões de anos as chuvas pararam, e o Mioceno deu lugar às longas secas da era Pliocénica. Em algum momento da era Pliocénica, os nossos antepassados humanos desceram das árvores para tentar a sua sorte nas savanas. Estes tornaram-se os dois tipos de *Australopithecus* – os "Dartianos" carnívoros e o vegetariano *robustus*. Durante este período, acredita Ardrey, os "Dartianos" aprenderam a usar armas como clavas de osso.

Depois, há cerca de um milhão de anos, as chuvas voltaram e a era Pleistocénica começou. Foi o mau tempo, pensa Ardrey, que levou o homem a desenvolver a sua inteligência. As ferramentas de seixo fizeram a sua aparição. O mesmo aconteceu com os machados de mão. O gentil *robustus* desapareceu à medida que as chuvas deram lugar a secas periódicas, mas o homem "Dartiano", o "animal de mau tempo",

sobreviveu. E porque a sua principal vantagem evolutiva era a sua agressividade, o seu instinto assassino, ele tornou-se gradualmente a espécie mais dominante na terra. Isto, sugere Ardrey, é a razão pela qual o seu maior problema no nosso mundo moderno é o facto de ele vir a exterminar a sua própria espécie.

É um quadro sombrio, e dificilmente pode trazer qualquer conforto para os antievolucionistas que estão satisfeitos por não descendermos do macaco. Mas não é necessariamente a última palavra. Richard Leakey, filho do eminente antropólogo Louis Leakey (a quem Ardrey cita extensivamente), argumentou que todas as evidências mostram que os nossos antepassados primitivos eram criaturas pacíficas e que só quando começou a criar cidades – com o seu sobrepovoamento e outros problemas – é que o homem se tornou cruel e destrutivo.

E o paleontólogo finlandês Björn Kurtén desenvolveu as suas próprias opiniões num livro intitulado – significativamente – *Not from the Apes* (1972). Esta é, em resumo, a sua visão:

Os nossos antepassados Ramapitecíneos que viviam nas árvores há cerca de quinze milhões de anos (na era Miocénica) eram criaturas peludas com o tamanho de uma criança moderna de cinco anos; mas tinham olhos virados para a frente e dentes humanos. Kurtén sugere que estas criaturas altamente sociais desenvolveram um "sistema de chamadas" – de avisos e assim por diante – que evoluiu para a linguagem. Tornaram-se capazes de "processos de pensamento simples".

Com a chegada das secas – e das savanas – da era Pliocénica, estas criaturas desceram das árvores – não porque fossem expulsas, mas porque as savanas ofereciam um modo de vida mais rico. Os babuínos desceram das árvores sensivelmente na mesma altura. Mas os babuínos continuaram a ser herbívoros quadrúpedes, enquanto os primatas de aspeto humano se tornaram carnívoros bípedes. A sua postura vertical permitia-lhes ver mais longe – uma vantagem para os caçadores. A necessidade de períodos de atividade violenta – perseguir pequenos animais, por exemplo – levou à perda gradual de pelo.

Como a vida errante era difícil para as mulheres e crianças pequenas, o bando tendia a encontrar para si um lar semipermanente. Os homens iam caçar enquanto as mulheres permaneciam para trás. A vida familiar

desenvolveu-se, e as famílias com dois progenitores tornaram-se o núcleo da população. O sexo desempenhou um papel cada vez mais importante nas suas vidas, em vez de ser um "espetáculo secundário" (frase de Ardrey), como é para os animais em estado selvagem. O pelo mais fino tornou o contato cutâneo mais sensual. Porque andavam eretos, o acasalamento face a face substituiu gradualmente o sexo por trás. Os lábios tornaram-se mais cheios e os seios femininos desenvolveram-se. (Kurtén reconhece que deve esta ideia a *Naked Ape* de Desmond Morris.) E neste ponto, Kurtén concorda que a capacidade de manipular armas causou um desenvolvimento da inteligência. Algo muito semelhante à fala evoluiu da "conversa de macacos".

O *Homo erectus* surgiu há cerca de dois ou três milhões de anos e coexistiu com o homem Dartiano. Mas enquanto o homem Dartiano tinha um tamanho de cérebro de cerca de 500 cc, o cérebro do *Homo erectus* desenvolveu-se lentamente até atingir os 1.000 cc por volta de há 400.000 anos. Ali parou, e o *Homo erectus* desapareceu gradualmente.

Mas há cerca de meio milhão de anos uma nova espécie, o *Homo sapiens*, entrou em cena – ninguém sabe exatamente como. (Um cientista, Allan Wilson, chegou a sugerir que o *Homo sapiens* se desenvolveu a partir do *Homo erectus* na Austrália.) O que sabemos é que o seu cérebro se desenvolveu dos 1.000 cc do *Homo erectus* para os 1.800 cc do homem moderno num período tão curto (em termos evolutivos) que os cientistas falam da "explosão do cérebro".

O que causou esta explosão do cérebro? Sabemos agora o suficiente sobre a evolução para saber que as coisas não "acontecem" simplesmente. A evolução não é "natural"; o tubarão permaneceu inalterado durante 150 milhões de anos. Kurtén não tem muito a sugerir, exceto apontar o óbvio – que as nossas capacidades evolutivas são extraídas de nós por mudanças no ambiente (como o mau tempo do Pleistoceno). Mas, tanto quanto sabemos, não houve tais mudanças nos últimos meio milhão de anos, exceto uma sucessão de idades do gelo. É possível, claro, que estas tenham "pressionado" o homem a desenvolver o seu cérebro; mas parece mais provável que favorecessem o desenvolvimento de pelo ou cabelo. Ardrey chega a sugerir a possibilidade de a explosão do cérebro poder ter estado ligada a um enorme meteoro que explodiu sobre o Oceano Índico há cerca de setenta mil anos (os seus restos, chamados tectitos, ainda podem ser

encontrados espalhados por vinte milhões de milhas quadradas) e causou uma inversão no campo magnético da Terra. Ele sugere que, se a Terra não tivesse campo magnético por um breve período interveniente, uma chuva de raios cósmicos pode ter causado mudanças genéticas nos seres humanos.

Outro antropólogo, Otto Kiss Maerth, dedicou um livro intitulado *The Beginning Was the End* (1971) à teoria de que a evolução humana se deveu ao canibalismo – descobertas perto de Pequim em 1929 pareciam mostrar que os homens-macaco de há seiscentos mil anos comiam os cérebros dos seus inimigos. Maerth sugere que comer cérebros estimula tanto a inteligência como o instinto sexual e que isso explica a explosão do cérebro. A objeção a esta teoria é que não existem evidências generalizadas suficientes de canibalismo e de ingestão de cérebros para justificar a evolução humana.

Ardrey tem uma hipótese básica mais plausível, que ele chama "a hipótese da caça" – a noção de que os homens tiveram de aprender a cooperação social porque tiveram de aprender a caçar juntos. Mas Ardrey tinha sugerido originalmente que o homem Dartiano se tornou carnívoro durante a era Pleistocénica (no último milhão de anos), quando as secas tornaram a vegetação escassa. Quando Louis Leakey descobriu evidências em Fort Ternan, no Quénia, de que o *Ramapithecus* era carnívoro há quase quinze milhões de anos, essa visão foi abalada; no entanto, isso apenas aumentou a convicção de Ardrey de que a "hipótese da caça" explica a evolução humana. O que ele não conseguiu explicar foi por que razão os lobos e outros animais que caçam em matilhas não evoluíram para o nível humano.

De facto, este problema foi quase certamente resolvido por um psicólogo experimental chamado Nicholas Humphrey, que estudou os cérebros dos gorilas das montanhas no Ruanda, na África central, e se perguntou por que razão tinham cérebros tão grandes quando as suas vidas são tão rudimentarmente simples – comer, dormir e seguir para novas áreas de alimentação. A resposta veio quando observou os gorilas de perto e notou a sua incrível sensibilidade aos sentimentos uns dos outros. A coisa mais importante na vida de um gorila é a sua relação com outros gorilas. A vida familiar de um gorila é o equivalente a uma educação universitária; ele aprende a reagir delicadamente aos humores, sentimentos e reações de

outros gorilas. Se Humphrey estiver correto, então o tamanho do cérebro tem algo a ver com a complexidade das relações sociais.

A "teoria de Humphrey" da evolução correria, então, assim: à medida que o homem se tornava cada vez mais bem-sucedido devido à sua proeza como caçador, os seus números aumentaram e o intercâmbio social com outros grupos tornou-se cada vez mais importante. À medida que a sensibilidade e a cooperação se tornaram factores de sobrevivência, o cérebro floresceu.

No entanto, a "hipótese da caça" pode preparar o caminho para o próximo passo no argumento. Se Kurtén estiver correto na sua crença de que o homem Dartiano deixou de ser um errante na era Pliocénica e começou a deixar as mulheres e crianças para trás enquanto ia caçar, então isso aplicar-se-ia ainda mais ao *Homo sapiens* durante as grandes secas e idades do gelo do Pleistoceno. A maioria dos antropólogos parece reconhecer que o sexo desempenhou um papel fundamental na evolução humana – desde Kurtén e Morris até Maerth, com a sua teoria da ingestão de cérebros.

Como Ardrey aponta, o sexo é um espetáculo secundário no mundo da natureza. Os animais selvagens só se interessam por ele quando a fêmea experimenta o seu ciclo periódico. Mas em algum ponto da sua evolução, o desejo sexual humano tornou-se independente desse ciclo, e o homem começou a ter sexo em todos os momentos, exceto quando a fêmea estava a menstruar. Parece lógico explicar isto em termos da hipótese da caça. Se um caçador estivesse fora de casa durante semanas, esperaria fazer amor com a sua companheira quando regressasse, estivesse ela "com o cio" ou não. Algumas fêmeas opor-se-iam naturalmente a isto; mas teriam menos descendência do que as fêmeas que não tinham tal objeção – ou que engoliam o seu desagrado – e, eventualmente, as opositoras morreriam.

O que ninguém parece ter reconhecido até agora é a importância do sexo como um factor "interno" na evolução. Quando um animal não tem mais nada para fazer, deita-se e boceja. Quando um homem não tem mais nada para fazer, os seus pensamentos voltam-se, as mais das vezes, para o sexo. Se houver uma rapariga bonita por perto, ele pode começar a matutar em sedução – mesmo que por acaso já tenha esposa. Se for demasiado tímido ou estiver de outro modo inibido, pode simplesmente sonhar

acordado com sexo. De "espetáculo secundário", o sexo tornou-se um dos interesses centrais da existência humana.

Ora, se imaginarmos os caçadores da Idade da Pedra num período de escassez, podemos ver que eles podem ter tido de passar períodos cada vez mais longos longe das mulheres e crianças da tribo; uma expedição de caça poderia durar um mês ou mais. De volta a casa, as mulheres eram agora permanentemente recetivas e estavam, consequentemente, a começar a desenvolver as características sexuais que os homens consideravam excitantes – seios maiores, lábios carnudos, nádegas arredondadas. Quando os machos voltavam de uma longa expedição, algumas raparigas adolescentes magras tinham subitamente começado a transformar-se em mulheres desejáveis. A presença destas fêmeas desimpedidas deve ter introduzido um elemento de competição e excitação. Os jovens tinham agora boas razões para quererem tornar-se caçadores e lutadores bem-sucedidos – isso dava-lhes a primazia na escolha das raparigas.

Notamos outra coisa interessante sobre os seres humanos: que, desde a infância, têm tendência a idealizar possíveis parceiros. Os rapazes apaixonam-se pela rapariga mais bonita da turma e sonham acordados ser cobóis que a resgatam de um bando de índios saqueadores. Não sabemos, claro, se os cães e os gatos experimentam estas emoções, mas parece improvável. Tanto quanto podemos ver, parece ter sido o sexo que ensinou os seres humanos a usar a imaginação.

Isto significa que, em larga medida, o sexo nos fornece metas e objetivos, mesmo quando não existem outros estímulos. É um factor "interno" na evolução, um impulso psicológico que opera a maior parte do tempo. Poderia ser o factor que explica por que razão o homem se tornou um "animal evolutivo", um animal que continuou a esforçar-se mesmo quando tinha a barriga cheia.

Kurtén parece roçar estas ideias quando observa: "Outra semisolucão [para o problema da evolução] foi a ideia de uma força interior da evolução, o *élan vital*, que nos levaria automaticamente para novos patamares de nobreza e espiritualidade. Infelizmente, não existe qualquer prova da existência de tal força". Mas o sexo é precisamente uma força dessas, como Goethe reconheceu quando escreveu: "O eterno feminino puxa-nos para cima e para diante".

No parágrafo anterior, Kurtén tinha descartado outra possibilidade: a de que, ao aperfeiçoarem-se, os seres humanos produzam melhores descendentes. Isto é conhecido como "a herança de características adquiridas" e é uma teoria da evolução que foi sugerida pelo predecessor de Darwin, Lamarck. A ilustração mais simples da diferença entre as duas teorias é o problema de como a girafa passou a ter um pescoço comprido. Segundo Darwin, a escassez de alimentos devido à seca fez com que as girafas originais de pescoço curto se extinguissem. Mas as girafas que, por acaso, tinham pescoços mais compridos, conseguiram alcançar as folhas nos ramos mais altos e assim sobreviveram. E, eventualmente, todas as girafas tinham pescoços compridos. A visão de Lamarck era a de que, quando a comida se tornava escassa, as girafas tinham de fazer esforços extenuantes para alcançar os ramos mais altos, e estes esforços alongaram gradualmente os seus pescoços.

A descoberta dos genes (por Mendel) fez parecer que Darwin estava certo e Lamarck errado. Pois a genética parecia provar que, mesmo que uma girafa pudesse esticar o seu pescoço pelo esforço, não poderia transmitir este pescoço comprido aos seus filhos, cujos genes garantiriam que tivessem pescoços curtos.

No século XX, alguns biólogos perguntaram-se se talvez os genes não sofressem mutações ao acaso, mas de alguma forma que fosse útil ao organismo. Mas esta teoria foi refutada pelo estudo das bactérias, que mostrou que os genes sofrem sempre mutações ao acaso. Pelo menos, as bactérias saudáveis e bem alimentadas sofrem mutações ao acaso, e isso é o que seria de esperar. Por que haveriam de querer mudar se estivessem confortáveis e bem alimentadas?

Mas, no final da década de 1980, o Dr. John Cairns, de Harvard, decidiu estudar bactérias famintas e concluiu que algumas delas poderiam sofrer mutações deliberadamente para utilizar uma nova fonte de alimento. Os seus resultados foram confirmados pelo Professor Barry Hall na Universidade de Rochester, Nova Iorque. Quando ele privou deliberadamente as suas bactérias de um aminoácido essencial à sua sobrevivência, algumas delas sofreram mutações para poderem fabricar o ácido em falta, até que colónias inteiras das bactérias mutantes surgiram. Parece, então, que Lamarck tinha provavelmente razão, afinal de contas.

Como, aliás, tinha Samuel Butler, que se opôs a Darwin precisamente nestes fundamentos (ver capítulo 23).

Mas mesmo num nível mais prático, a visão rigidamente darwinista é questionável. Todos sabemos que os esforços feitos pelos pais podem ser transmitidos aos filhos – que, por exemplo, pais que se educaram a si próprios podem transmitir o seu amor pela aprendizagem aos seus filhos. A verdade é – como Kurtén reconhece – que o cérebro tem uma enorme capacidade latente, que pode ser despertada pelos estímulos certos. O homem tinha desenvolvido um cérebro de "tamanho moderno" muito antes de ter livros e música e filosofia para lá colocar.

Kurtén também reconhece isto quando diz que os nossos antepassados podem ter descido das árvores não porque já não houvesse comida suficiente nas florestas, mas porque estavam excitados pelas possibilidades das amplas savanas. Mais uma vez, ele está a reconhecer uma força evolutiva, um anseio por aventura, por um modo de existência mais pleno e rico. *Not from the Apes* é dedicado à tese de que a singularidade do homem pode datar de há trinta e cinco milhões de anos, quando a nossa linhagem se separou da dos nossos primos, os grandes símios. No início, essa separação pode ter-se devido à seleção natural e à sobrevivência do mais apto. Mas nos últimos meio milhão de anos ou mais – talvez muito mais tempo do que isso – o impulso evolutivo parece ter adquirido o seu próprio ímpeto, de modo que mesmo um darwinista convencido como Sir Julian Huxley (neto de T. H. Huxley) pode afirmar que o homem se tornou finalmente "o diretor executivo da evolução".

Podemos ver, então, que toda a controvérsia do Elo Perdido se baseou num simples mal-entendido. Darwin parecia estar a dizer que o homem é apenas um macaco mais inteligente e que a sua inteligência se desenvolveu por acaso. Isso implica claramente que o esforço individual não conta para nada. Lutamos porque temos de lutar; isso faz parte da corrida desenfreada. Mas as nossas "aspirações mais elevadas" são um disparate. Somos meros macacos.

A evolução humana prova o contrário. O homem tornou-se um animal evolutivo, um animal que espera mudar. O esforço tornou-se a sua segunda natureza – um esforço baseado no seu intenso romantismo, o mesmo romantismo que fez os gregos romantizarem Helena de Troia, que fez os trovadores romantizarem a sua "senhora" escolhida, que fez Malory

romantizar a Rainha Guinevere e Isolda. E há todas as razões para esperar que a nossa evolução continue. A capacidade latente que transformou o homem Dartiano no homem moderno reside dentro das nossas cabeças. O cérebro desenvolveu-se através do intercâmbio social e da cooperação, mas o seu tamanho excessivo significava capacidade latente. Por outras palavras, o *Homo sapiens* desenvolveu um cérebro moderno mas tinha muito pouco uso para ele.

Os fisiologistas do cérebro dizem-nos que, apesar da ciência, da filosofia, da arte e da tecnologia, o homem moderno ainda só utiliza um quinto da sua capacidade cerebral. Quando aprender a utilizar os outros quatro quintos, há todas as razões para acreditar que será tão diferente do homem moderno como o leitor e eu somos dos nossos antepassados australopitecíneos.

36

Onde está a Mona Lisa?

A resposta à pergunta acima pode parecer evidente: no Louvre. Mas a questão não é tão simples quanto parece.

A Mona Lisa é mais conhecida no continente europeu como "La Gioconda", ou a mulher que sorri – a palavra significa o mesmo que o antigo inglês "*jocund*". Foi pintada, como todos sabem, pelo grande artista italiano Leonardo, que nasceu na pequena cidade de Vinci, perto de Florença, em 1452. Mona Lisa (Mona é abreviatura de Madonna) era uma jovem casada que tinha cerca de vinte e quatro anos quando Leonardo a conheceu. Era a esposa de um homem vinte anos mais velho que ela, o rico Francesco del Giocondo, e quando Leonardo começou a pintá-la, por volta de 1500, ela tinha acabado de perder um filho.

Por alguma razão, Leonardo ficou obcecado por ela e continuou a pintá-la durante vários anos, sempre insatisfeito com o seu trabalho. Isto deu origem a histórias de que ele estaria apaixonado por ela, e até de que ela se teria tornado sua amante; mas tal parece improvável. Leonardo era homossexual e tinha uma visão depreciativa do sexo, escrevendo com um nojo digno de Swift: "O ato do coito e os membros que lhe servem são tão hediondos que, se não fosse pela beleza dos rostos... a espécie humana

perderia a sua humanidade". No entanto, havia algo em Madonna Lisa que o fez empenhar-se em captar a sua expressão durante pelo menos seis anos – possivelmente mais. A sua biógrafa Antonia Vallentin diz que ela o fascinou mais do que qualquer outra mulher que conheceu na vida. Ele entregou o retrato inacabado ao marido de Mona Lisa quando partiu de Florença em 1505, mas continuou a trabalhar nele a intervalos quando regressou.

Nas suas *Vidas dos Pintores*, Giorgio Vasari diz que Leonardo trabalhou na Mona Lisa durante quatro anos e deixou-a inacabada. "Esta obra está agora na posse de Francisco, rei de França, em Fontainebleau..." E esta, presumimos nós, é o famoso retrato que se encontra agora no Louvre. No entanto, isto levanta uma questão intrigante. Leonardo entregou o retrato ao homem que o tinha encomendado, o marido de Mona Lisa, em 1505, e meros quarenta anos depois, quando Vasari estava a escrever, ele está na posse de Francisco I de França. Certamente a família Giocondo não se desfaria de uma obra-prima tão facilmente? Além disso, o quadro do Louvre está obviamente terminado...

Existe outra pista interessante. Em 1584, um historiador de arte, Giovanni Paolo Lomazzo, publicou um livro sobre pintura, escultura e arquitetura, no qual se refere a "a Gioconda e a Mona Lisa", como se fossem duas pinturas distintas. O livro é dedicado a Dom Carlos Emanuele, o Grão-Duque de Saboia, que era um grande admirador de Leonardo – pelo que dificilmente parece provável que se tratasse de um lapso de escrita...

Duas Giocondas? Então onde está a outra? E, mais importante, quem é esta segunda Gioconda?

A resposta à primeira pergunta é, curiosamente: no Louvre. A pintura mundialmente famosa, que foi reproduzida mais vezes do que qualquer outra pintura na história, quase certamente não é a Mona Lisa de que temos estado a falar.

Então onde está a pintura da mulher que tanto obcecou Leonardo que ele não conseguiu terminar o seu retrato? Há evidências que mostram que esta Mona Lisa original foi trazida de Itália em meados do século XVIII e foi para a casa senhorial de um nobre em Somerset. Pouco antes da Primeira Guerra Mundial, foi descoberta pelo conhecedor de arte Hugh Blaker em Bath, que a adquiriu por algumas guinas e a levou para o seu

estúdio em Isleworth. Daí que tenha ficado conhecida como a *Mona Lisa de Isleworth*. Era maior do que a pintura do Louvre e – mais importante – estava inacabada; o fundo apenas foi levemente esboçado. Blaker ficou muito impressionado com ela. A rapariga era mais jovem e mais bonita do que a Mona Lisa do Louvre. E Blaker sentiu que esta nova Mona Lisa correspondia muito mais de perto à descrição de Vasari do que a pintura do Louvre. Vasari teceu loas ao seu realismo delicado:

Os olhos tinham aquele brilho e aspeto húmido que se vê sempre na vida real, e ao seu redor estavam aqueles toques de vermelho e as pestanas que não podem ser representadas sem a maior subtileza... O nariz com as suas belas narinas, rosadas e tenras, parecia estar vivo. A abertura da boca, unida pelo vermelho dos lábios aos tons de carne do rosto, parecia não ser colorida, mas sim carne viva.

Sir Kenneth Clark, citando esta passagem no seu livro sobre Leonardo, pergunta: "Quem reconheceria a deusa submarina do Louvre?". Ao que Blaker teria respondido: "Ah, precisamente". Mas a descrição ajusta-se à *Mona Lisa de Isleworth*.

Há outro ponto que parece estabelecer além de qualquer dúvida que o quadro de Blaker é a Mona Lisa de Leonardo. O pintor Rafael viu-a no estúdio de Leonardo por volta de 1504 e mais tarde fez um esboço dela. Este esboço mostra duas colunas gregas em cada lado – colunas que podem ser encontradas na *Mona Lisa de Isleworth*, mas não na pintura do Louvre.

Blaker acredita que a *Mona Lisa de Isleworth* é uma obra muito mais bela, e muitos especialistas em arte concordaram com ele. É verdade que a pintura do Louvre tem muitos admiradores; Walter Pater escreveu uma célebre "passagem de prosa rebuscada" sobre ela em *The Renaissance* começando com: "Ela é mais velha do que as rochas entre as quais se senta; tal como o vampiro, ela já morreu muitas vezes...", e W. B. Yeats achou isto tão belo que o dividiu em linhas de verso livre e o imprimiu como um poema no seu *Oxford Book of Modern Verse*.

Por outro lado, o conhecedor Bernard Berenson escreveu sobre ela: "O que eu realmente vi na figura da Mona Lisa foi a imagem alienante de uma mulher fora do alcance da minha simpatia ou do âmbito do meu interesse... vigilante, astuta, segura, com um sorriso de satisfação antecipada e um ar generalizado de hostilidade superior..." Ele sentia que a beleza da Mona

Lisa do Louvre tinha sido sacrificada à técnica. Ninguém poderia dizer isto da muito mais fresca e viva *Mona Lisa de Isleworth*.

Mas se a senhora no Louvre não é a Lisa del Giocondo de Leonardo, então quem é ela? Aqui a pista mais importante encontra-se num documento de Antonio Beatis, secretário do Cardeal de Aragão. Quando Leonardo foi para a corte de Francisco I em 1517, foi visitado pelo cardeal, e o secretário anotou a conversa. Ao cardeal foram mostradas obras de Leonardo, incluindo *São João Batista, A Virgem, o Menino e Santa Ana*, e "o retrato de uma certa dama florentina, pintado do natural a instâncias do falecido Magnífico Juliano de Médici..."

Na sua biografia de Leonardo, Antonia Vallentin especula que esta obra era a Mona Lisa e pergunta: "Terá Juliano [de Médici] amado Mona Lisa na sua juventude... terá pensado com saudade nela agora que estava casada com Messer del Giocondo, e terá encomendado a Leonardo que pintasse o seu retrato?". Mas esta deliciosa bolha romântica é estilhaçada por uma mera consideração de datas. Juliano de Médici, irmão de Lourenço o Magnífico, senhor de Florença, foi assassinado na catedral de Florença em 1478. Os conspiradores – na sua maioria banqueiros rivais – esperavam matar Lourenço também, mas Lourenço foi demasiado rápido para eles. Tudo isto aconteceu no ano anterior ao nascimento de Mona Lisa.

Então quem era a dama que Leonardo pintou por ordem de Juliano de Médici? Quase certamente a resposta é Costanza d'Avalos, amante de Juliano, uma dama de tão agradável disposição que era conhecida como "a sorridente" – *la Gioconda*...

E assim parece que a pintura no Louvre foi rotulada como "a Mona Lisa" devido a um simples mal-entendido. O seu tema é obviamente uma mulher na casa dos trinta e não, como Mona Lisa del Giocondo, na casa dos vinte. Leonardo levou-a consigo para França, e ela entrou na coleção de Francisco I e, eventualmente, no Louvre. A Mona Lisa inacabada ficou em Itália, foi trazida para Inglaterra e foi comprada por Hugh Blaker em 1914. Em 1962, foi adquirida por uma soma vasta mas não revelada – totalizando indubitavelmente milhões – por um consórcio suíço liderado pelo colecionador de arte Dr. Henry F. Pulitzer, e Pulitzer escreveu desde então um pequeno livro, *Where is the Mona Lisa?*, expondo as pretensões da sua própria pintura de ser a de Madonna Lisa del Giocondo.

A tese de Pulitzer é simples. Existem duas Giocondas – pois Madonna Lisa tinha todo o direito de se chamar pelo nome do marido, com uma terminação feminina. Mas existe apenas uma Mona Lisa. E essa não está no Louvre, mas sim em Londres.

37

"O Manuscrito Mais Misterioso do Mundo"

O Manuscrito Voynich

Foi em 1912 que um negociante americano de livros raros, Wilfred Voynich, ouviu falar de uma obra misteriosa que tinha sido descoberta num velho baú na escola jesuíta de Mondragone, em Frascati, Itália, e conseguiu comprá-la por uma quantia não revelada. Era um volume de oitavo, de seis por nove polegadas, com 204 páginas; tinha originalmente outras 28 páginas, mas estas perderam-se. Está escrito em cifra, que à primeira vista parece escrita medieval comum. E as páginas estão cobertas de estranhos pequenos desenhos de nus femininos, diagramas astronómicos e todo o tipo de plantas estranhas em muitas cores.

Acompanhava o manuscrito uma carta, datada de 19 de agosto de 1666, escrita por Joannes Marcus Marci, o reitor da Universidade de Praga. Era dirigida ao famoso erudito jesuíta Athanasius Kircher – lembrado hoje principalmente por algumas experiências interessantes em hipnose animal – e afirmava que o livro tinha sido comprado por 600 ducados pelo Imperador do Sacro Império Romano-Germânico Rodolfo II de Praga.

Kircher era um especialista em criptografia, tendo publicado um livro sobre o assunto em 1663, no qual afirmava ter resolvido o enigma dos hieróglifos. Isto, por si só, pode ser tomado como indicação de que Kircher tinha inclinação para o pensamento ilusório, uma vez que sabemos que passaria mais um século e meio até que Champollion conseguisse ler os hieróglifos. Kircher aparentemente já tinha tentado decifrar algumas páginas do livro, enviadas pelo seu anterior proprietário, que tinha dedicado toda a vida a tentar descodificá-lo. Agora, enviava-lhe o manuscrito completo.

Não sabemos como o manuscrito foi parar a Praga, mas a possibilidade mais provável é que tenha sido levado de Inglaterra pelo

famoso "mago" isabelino Dr. John Dee, que lá foi em 1584; um escritor especula que Dee possa tê-lo obtido do Duque de Northumberland, que tinha pilhado mosteiros a mando de Henrique VIII. O escritor inglês Sir Thomas Browne disse mais tarde que o filho de Dee, Arthur, tinha falado sobre "um livro contendo nada além de hieróglifos" que ele tinha estudado em Praga. Marci acreditava que o livro misterioso era da autoria do monge e cientista do século XIII Roger Bacon.

O Manuscrito Voynich (como ficou conhecido) é um mistério desconcertante porque parece muito direto; com os seus desenhos de plantas, parece um vulgar "herbário" medieval, um livro que descreve como extrair drogas curativas de plantas. Seria de esperar diagramas astronómicos ou astrológicos num herbário, porque se supunha frequentemente que as plantas deviam ser colhidas na lua cheia, ou quando as estrelas ou planetas estivessem numa determinada posição.

Kircher obviamente não teve sucesso com o manuscrito; acabou por depositá-lo no Colégio Jesuíta em Roma, de onde passou para as mãos dos jesuítas de Frascati.

Voynich estava bastante seguro de que o manuscrito não continuaria a ser um mistério assim que os estudiosos modernos tivessem oportunidade de o estudar. Por isso, distribuiu fotocópias a qualquer pessoa interessada. O primeiro problema, claro, era determinar em que língua estava – latim, inglês médio, talvez até Langue d'Oc. Isto deveria ter sido uma tarefa fácil, uma vez que as plantas estavam rotuladas, embora numa espécie de código. Mas a maioria das plantas provou ser imaginária. Certas constelações puderam ser reconhecidas entre os diagramas astronómicos mas, novamente, revelou-se impossível traduzir os seus nomes a partir do código. Os criptanalistas tentaram o método familiar de procurar os símbolos mais frequentes e equipará-los às letras mais frequentemente usadas do alfabeto; não tiveram dificuldade em reconhecer 29 letras ou símbolos individuais, mas cada tentativa de traduzir estes para uma língua conhecida foi um fracasso.

O que tornava tudo tão exasperante era o facto de a escrita não parecer um código; parecia que alguém se tinha sentado e a tinha escrito com tanta fluidez como se fosse a sua língua materna. Muitos estudiosos, criptanalistas, linguistas, astrónomos, especialistas em Bacon, ofereceram-se para ajudar; a Biblioteca do Vaticano ofereceu-se para abrir os seus

arquivos aos investigadores. Mesmo assim, o manuscrito recusou-se a entregar o seu segredo – ou sequer um dos seus segredos.

Depois, em 1921, um professor de filosofia da Universidade da Pensilvânia, William Romaine Newbold, anunciou que tinha resolvido o código; explicou a sua descoberta perante uma reunião da Sociedade Filosófica Americana em Filadélfia. O que ele tinha feito, explicou, foi começar por traduzir os símbolos em letras romanas, reduzindo-os no processo de 29 para 17. Usando o latim *conmuto* (ou *commuto*: mudar) como palavra-chave, passou depois a produzir nada menos que mais quatro versões do texto, a última das quais era (segundo Newbold) um texto latino direto misturado em anagramas. Estes apenas tinham de ser decifrados e o resultado era um tratado científico que revelava que Roger Bacon fora um dos maiores intelectos de todos os tempos.

Isto, claro, sempre tinha sido suspeitado. Foi Bacon quem inspirou Colombo a procurar a América através de uma passagem no seu *Opus Majus*, na qual sugeria que as Índias poderiam ser alcançadas navegando para oeste a partir de Espanha. Nos dias da alquimia e de uma ciência dogmática e confusa derivada de Aristóteles, Bacon defendia a aprendizagem através da natureza, da experiência e da observação, e foi lançado na prisão pelos seus esforços. Ao rejeitar a autoridade de Aristóteles, ele estava também, por implicação, a rejeitar a autoridade da Igreja. Na sua *Cidade de Deus*, Santo Agostinho tinha avisado os cristãos para evitarem a ciência e a investigação intelectual como um perigo para a salvação.

Roger Bacon, tal como o seu homónimo isabelino Francis, conseguia ver que tal atitude equivalia a um suicídio intelectual. No entanto, dito tudo isto, tem de se admitir que Bacon era muito um homem do seu tempo, e que o *Opus Majus* está cheio de afirmações que um cientista moderno consideraria erros crassos e superstições.

Mas se Newbold estivesse correto, Bacon seria um dos maiores cientistas antes de Newton. Tinha fabricado um microscópio e examinado células biológicas e espermatozoides – estes eram os desenhos de "girinos" nas margens – e tinha fabricado um telescópio muito antes de Galileu; tinha até reconhecido a nebulosa de Andromeda como uma galáxia espiral. Newbold traduziu uma legenda para o que afirmou ser um esboço da nebulosa: "Num espelho côncavo vi uma estrela em forma de caracol...

entre o umbigo de Pégaso, o cinto de Andromeda e a cabeça de Cassiopeia". (Sabe-se que Bacon compreendia como usar um espelho côncavo como lente ardente.) Newbold declarou que não tinha ideia do que encontraria ao olhar na região indicada, e ficou surpreendido ao descobrir que o "caracol" era a nebulosa de Andromeda.

Mas em *The Codebreakers*, o especialista em cifras David Kahn apontou uma das falhas básicas no sistema de Newbold. O método de Newbold dependia de "duplicar" as letras de uma palavra, de modo que, por exemplo, "*oritur*" se tornava *or-ri-it-tu-ur*, e este texto era resolvido com a ajuda da palavra-chave "*conmuto*" e a adição de um *q*. Mas como é que este processo seria realizado ao contrário – por outras palavras, quando Bacon estivesse a transformar o seu texto original numa cifra? Kahn diz: "Muitas cifras de sentido único foram concebidas; é possível colocar mensagens em cifra, mas não as retirar. A de Newbold parecia ser o único exemplo existente da situação inversa".

Newbold morreu em 1926, com apenas sessenta anos; dois anos depois, o seu amigo Roland G. Kent publicou os resultados dos trabalhos de Newbold em *The Cipher of Roger Bacon*. Foi amplamente aceite – por exemplo, pelo eminente historiador cultural Étienne Gilson.

Mas um estudioso que andava a estudar o sistema de Newbold estava longe de estar convencido. Tratava-se do Dr. John M. Manly, um filólogo que dirigia o departamento de Inglês na Universidade de Chicago, e que se tinha tornado assistente do grande Herbert Osborne Yardley – descrito como o maior decifrador de códigos da história – quando a Inteligência Militar dos EUA criou um departamento de criptoanálise em 1917. Manly tinha produzido a edição definitiva de Chaucer em oito volumes, comparando mais de oitenta versões do manuscrito medieval dos *Contos de Cantuária*. Um dos seus feitos mais notáveis foi a decifração de uma carta encontrada na bagagem de um espião alemão chamado Lothar Witzke, que foi capturado em Nogales, México, em 1918. Em três dias de aplicação ininterrupta, Manly tinha resolvido a cifra de transposição oficial de doze passos, com múltiplos deslocamentos horizontais de grupos de três e quatro letras finalmente dispostos numa transcrição vertical. Num tribunal militar, ele conseguiu ler em voz alta uma mensagem do ministro alemão no México que começava: "O portador desta é um súbdito do império que viaja como russo sob o nome de Pablo Waberski. Ele é um agente secreto

alemão..." Foi a sentença de morte do espião (embora o Presidente Wilson a tenha comutado para prisão perpétua).

Ora, Manly estudou *The Cipher of Roger Bacon* de Newbold e concluiu que, apesar da sua indubitável integridade, Newbold tinha estado a enganar-se a si próprio. O ponto fraco da cifra era o processo de anagrama. A maioria das frases pode ser transformada em anagramas de uma dúzia de outras frases, um método pelo qual os admiradores de Francis Bacon não tiveram dificuldade em provar que ele escreveu as peças de Shakespeare (ver capítulo 51). Com uma frase envolvendo mais de cem letras, simplesmente não há forma de garantir que algum rearranjo particular forneça a única solução – David Kahn aponta que as palavras "Avé Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco" podem ser transformadas em anagramas de milhares de formas diferentes.

Newbold tinha também transformado certos "sinais taquigráficos" numa parte básica do seu sistema de interpretação. Quando Manly olhou para estes através de uma lupa potente, descobriu que não eram de todo "taquigrafia", mas apenas locais onde a tinta tinha descascado do velino. No momento em que tinha apontado dezenas de casos em que Newbold permitira que a sua interpretação fosse influenciada pelos seus próprios pressupostos do século XX, Manly tinha demolido totalmente a pretensão de Newbold de ter resolvido "a cifra de Roger Bacon".

Desde essa altura, 1931, tem havido muitas tentativas de decifrar o Manuscrito Voynich. Em 1933, um especialista em cancro, o Dr. Leonell C. Strong, publicou os seus próprios fragmentos de tradução e provou para sua satisfação que a obra era um herbário de um estudioso inglês, Anthony Ascham; chegou a publicar uma receita para um contracetivo que aparentemente funciona. Mas Strong falhou ao não explicar o método pelo qual chegou às suas traduções, pelo que estas nunca alcançaram ampla aceitação.

William F. Friedman, que organizou todo um grupo de especialistas para trabalhar no problema no último ano da Segunda Guerra Mundial, foi frustrado pelo fim da guerra e pela dissolução do seu grupo. Mas Friedman apontou que o Manuscrito Voynich difere de outros códigos num aspeto básico. O inventor de um código tenta frustrar potenciais criptanalistas tentando remover repetições que o denunciariam (por exemplo, um grupo repetido de três letras seria quase certamente "and" ou "the").

O Manuscrito Voynich tem, na verdade, muito mais repetições do que um texto vulgar. Isto levou Friedman a criar a hipótese de o texto estar numa língua artificial que, devido à necessidade de simplicidade, teria inevitavelmente mais repetições do que uma língua "natural" altamente complexa. Mas isto pressupõe que Roger Bacon (ou quem quer que tenha escrito o manuscrito) estava tão ansioso por ocultar o seu significado que foi a extremos muito maiores do que os que mesmo um especialista em códigos consideraria razoáveis. E para um monge do século XIII, que tinha poucas razões para temer decifradores de códigos, isto parece improvável...

E este é, claro, o próprio cerne do mistério. Não sabemos quando o manuscrito foi escrito, nem por quem, nem em que língua, mas mesmo que soubéssemos as respostas a estas perguntas, é difícil pensar em qualquer boa razão para inventar um código tão desconcertante. As cifras mais antigas no arquivo do Vaticano datam de 1326 (quando Roger Bacon era um rapaz) e estas são meramente nomes "codificados" relativos à luta entre Guelfos e Gibelinos. Estes eram, respetivamente, apoiantes do Papa e do Imperador do Sacro Império Romano-Germânico; os Gibelinos são chamados egípcios e os Guelfos Filhos de Israel. (É fácil adivinhar de que lado estava o inventor do código.) A cifra de "substituição" ocidental mais antiga data de 1401. O primeiro tratado sobre códigos, a *Polygraphia* de Johannes Trithemius, não foi impresso até 1518, dois anos após a morte do seu autor. Portanto, é difícil imaginar por que razão Roger Bacon ou qualquer pessoa no século seguinte à sua morte se daria a tanto trabalho para inventar um código de tal sofisticação aparente quando algo muito mais simples teria bastado.

Kahn oferece uma pista sobre o motivo pelo qual o autor de um herbário (que é o que o Manuscrito Voynich mais parece) quereria ocultar o seu significado quando fala de uma das primeiras cifragens, uma minúscula tábua cuneiforme que data de cerca de 1500 a.C. "Contém a fórmula mais antiga conhecida para o fabrico de vidrados para cerâmica. O escriba, guardando zelosamente o seu segredo profissional, usou sinais cuneiformes... nos seus valores menos comuns". O autor do Manuscrito Voynich pode ter sido um fitoterapeuta profissional altamente qualificado que anotou os seus segredos para uso próprio e dos seus alunos, e estava determinado a mantê-los fora das mãos de rivais.

Esta visão teria parecido ao alfarrabista Hans Kraus demasiado comum. Quando Ethel Voynich morreu aos noventa e seis anos, em 1960, Kraus comprou o manuscrito aos seus executores e pô-lo à venda por 160.000$; explicou que pensava que ele poderia conter informações que poderiam fornecer novas perspetivas sobre o registo do homem, e que, se pudesse ser decifrado, poderia valer um milhão de dólares. Ninguém o comprou por esse preço, e Kraus acabou por o doar à Universidade de Yale em 1969, onde jaz agora, aguardando a inspiração de algum mestre da criptografia.

38

Joan Norkot

O Caso do Cadáver que Sangrava

Quando Sir John Mainard, conhecido como "um cavalheiro de grande nota e juízo da lei", morreu em 1690, foi encontrado entre os seus papéis um relato de um caso incrível no qual o cadáver de uma mulher acusou os seus assassinos. O documento completo foi impresso na *The Gentleman's Magazine* de julho de 1851, tendo sido tirada uma cópia por um advogado chamado Hunt. Os eventos que descreve são tão extraordinários que a revista tomou a precaução de o intitular: "Exemplo Singular de Superstição". No entanto, o relato de Mainard torna claro que o evento foi testemunhado por uma multidão de pessoas paradas num cemitério, incluindo dois clérigos.

O julgamento no qual as provas foram ouvidas teve lugar no Tribunal de Hereford, em Herefordshire, no "quarto ano do reinado do Rei Carlos I" (1629), mais de sessenta anos antes da morte de Mainard. O relato de Mainard está impresso na íntegra em *The Vampire in Europe* (1929), do Reverendo Montague Summers. Um relato escrito por Valentine Dyall em *Unsolved Mysteries* (1954) também se baseia nos registos do tribunal, que admite serem "exasperantemente escassos". O relato tem uma falta irritante de datas, e até de nomes, mas o esboço geral é suficientemente claro.

Tinha havido, ao que parece, alguns problemas entre Arthur Norkot e a sua esposa, Joan, sendo uma das sugestões a de que ele suspeitava da infidelidade dela. Pode ter sido simplesmente o sobrepovoamento que

causou as suas divergências, pois Joan vivia numa cabana de dois quartos com o marido e o bebé, bem como com a sogra, Mary Norkot, e a irmã e o cunhado, Agnes e John Okeman.

Certa manhã, Joan foi encontrada morta na sua cama, com a garganta cortada; o bebé estava deitado – ileso – ao lado dela. Uma faca ensanguentada estava espetada no soalho nu.

O marido estivera fora de casa nessa noite, de acordo com os parentes. Tinha ido visitar amigos perto de Tewkesbury. Os outros juraram que era impossível que Joan Norkot tivesse sido assassinada, pois qualquer pessoa que entrasse na cabana teria de passar pelo quarto em que eles dormiam antes de entrar no quarto dela.

No inquérito que se seguiu, admitiu-se que tinha havido "muitos problemas" entre marido e mulher e que Joan estivera de "mau humor com algum desânimo" antes de se deitar. Mas quando se experimentou a faca no pequeno buraco no chão que a sua ponta fizera, observou-se que o seu cabo apontava para a porta e que estava a alguns pés de distância da cama. Se Joan tivesse atirado a faca ao chão depois de cortar a garganta, certamente o cabo estaria a apontar para a cama? Apesar disto, foi proferido um veredito de *felo-de-se* (suicídio), e Joan foi devidamente enterrada, presumivelmente em solo não sagrado.

Podem ter sido as provas da faca que fizeram circular rumores desagradáveis (Mainard diz apenas "observações de diversas circunstâncias"). Pediu-se ao médico-legista que reabrisse o caso e este concordou com uma nova investigação. O corpo foi exumado e descobriu-se que o pescoço estava partido. Claramente, a mulher não poderia ter partido o seu próprio pescoço. Notou-se, além disso, que havia mais sangue no chão do quarto do que na cama, o que parecia estranho se Joan tivesse cortado a garganta na cama. Além disso, o álibi de Arthur Norkot ruiu quando os seus amigos em Tewkesbury declararam que não o viam há três anos. No total, as provas contra os acusados eram tão fortes que a acusação decidiu não mencionar a peça de prova mais estranha e incrível no seu julgamento. Mas, por alguma razão, o júri não achou que fosse conclusivo, e os quatro foram absolvidos. O juiz, um homem chamado Harvey, ficou incrédulo e "deixou cair a sua opinião de que seria melhor que se interpusesse um recurso do que um assassinato tão vil escapasse impune".

Isto só poderia ser feito em nome do bebé de Joan Norkot. Consequentemente, os quatro foram julgados novamente perante o juiz Harvey. E foi neste novo julgamento que um clérigo sem nome – o pároco da freguesia – apresentou a prova de que o cadáver tinha acusado os seus assassinos. O juiz incrédulo perguntou se mais alguém o tinha visto, e o velho respondeu: "Acredito que toda a companhia o viu".

O que tinha acontecido, ao que parecia, fora isto: Trinta dias depois de ter sido enterrado, o corpo de Joan Norkot foi retirado da sepultura e o caixão colocado ao lado desta, quase certamente sobre cavaletes. Deve ter sido uma visão desagradável, uma vez que a veia jugular cortada a teria drenado de quase todo o sangue. Depois, de acordo com uma antiga superstição, pediu-se a cada um dos acusados que tocasse no corpo. Segundo a superstição, se um cadáver for tocado pelo seu assassino, as feridas sangrarão de novo. A Sra. Okeman caiu de joelhos e rezou a Deus para que concedesse a prova da sua inocência. Depois, tal como os outros, foi-lhe pedido que tocasse no cadáver.

O clérigo depôs o seguinte: Os apelantes tocaram no corpo morto, momento em que a fronte da falecida, que tinha uma cor lívida ou de carniça... começou a ter um orvalho ou suor suave, que escorreu em gotas pelo rosto, e a fronte tornou-se e mudou para uma cor viva e fresca, e a morta abriu um dos seus olhos e fechou-o novamente, e este abrir do olho repetiu-se várias vezes. Ela igualmente estendeu o dedo anelar — ou do casamento — três vezes e recolheu-o de novo, e o dedo deixou cair sangue sobre a erva.

Foi neste ponto que o juiz expressou as suas dúvidas, e o clérigo voltou-se então para o seu irmão, o ministro da paróquia vizinha, que também estivera presente. O irmão repetiu o testemunho: que a fronte começara a transpirar, que a sua cor mudara de lívida (isto é, cor de contusão) para fresca e normal, que o olho se abrira e que o dedo fizera três vezes um movimento de apontar. (Isto parece ter sido interpretado como implicando que apenas três dos quatro acusados eram culpados.)

O que se seguiu foi uma repetição das principais provas que já tinham sido apresentadas no primeiro julgamento. O corpo de Joan Norkot jazia "de maneira composta" na cama, as roupas de cama imperturbadas e o seu bebé ao seu lado. Isto por si só era prova suficiente para condenar alguém por homicídio, pois era obviamente impossível que ela pudesse cortar a

própria garganta noutro local do quarto — o chão estava fortemente manchado de sangue — e depois deitar-se e cobrir-se cuidadosamente. Além disso, o pescoço partido parecia indicar que fora usada uma força considerável contra ela. É meramente possível que uma pessoa parta o seu próprio pescoço, mas não que corte a garganta depois disso. É igualmente impossível cortar a garganta primeiro e depois partir o pescoço.

O que acontecera, muito claramente, fora que o marido e a mulher tinham discutido violentamente e que ele terminara com as mãos em redor da garganta dela. Ela caíra e batera com a cabeça contra algo, partindo o pescoço. Agora em pânico — pois a morte fora quase certamente acidental — Arthur Norkot conferenciou com a sua mãe e irmã sobre o que poderia ser feito, com o seu cunhado, John Okeman, como participante relutante. Para esconder as contusões na garganta de Joan e o seu pescoço partido, a solução pareceu ser cortar-lhe a garganta. Mas estavam em tal pânico que o fizeram no chão do quarto em vez de na cama. Depois, Joan Norkot foi arranjada na sua cama e o bebé — que provavelmente dormira durante tudo aquilo — colocado ao seu lado.

Alguém deixou uma impressão digital e uma marca de polegar ensanguentadas na mão dela. (O Juiz Conselheiro Hyde, que ouviu o caso, parece ter sido tão inexperiente em tais assuntos que teve de perguntar como podiam distinguir as marcas da mão esquerda das da mão direita.) E, ao saírem do quarto, alguém atirou a faca ensanguentada — que provavelmente jazia perto da porta — de volta para o quarto, de modo a que ficasse espetada no chão a alguns pés da cama. Depois, Arthur Norkot lavou apressadamente as suas manchas de sangue e partiu, instruindo a sua mãe a "encontrar" o corpo na manhã seguinte e explicar que o seu filho estava fora, em Tewkesbury.

É claro que a tentativa de fazer o homicídio parecer suicídio foi tão mal executada que um investigador moderadamente inteligente poderia ter percebido tudo imediatamente. Mas, em 1629, a investigação criminal científica era desconhecida. Passariam quase outros dois séculos antes de a Grã-Bretanha ter sequer uma força policial. Se alguém era suspeito de um crime, o método padrão de "investigação" era torturá-lo até que confessasse ou morresse. Ninguém, ao que parecia, sentiu que as provas contra a família Norkot eram suficientemente fortes para uma acusação.

Isto leva-nos à questão mais difícil de todas. Terá o cadáver realmente "ressuscitado" e acusado os criminosos? Qualquer leitor que tenha estudado o capítulo 42 deste volume poderá conceder que a evidência para a "sobrevivência" da personalidade humana é, pelo menos, plausível. Pareceria até que os espíritos podem, sob certas circunstâncias, "possuir" os vivos e causar movimentos inexplicáveis de objetos materiais (efeitos "*poltergeist*"). E num caso extraordinário, o espírito de uma vítima de homicídio parece ter regressado para acusar o seu assassino (ver capítulo 5). Parece igualmente concebível que Joan Norkot tenha sido momentaneamente capaz de "reapossar-se" do seu antigo corpo a fim de acusar os seus atacantes. Mas deve admitir-se imediatamente que não existem outros exemplos conhecidos na história da investigação paranormal.

Em *Unsolved Mysteries*, Valentine Dyall sugere uma solução de senso comum: que os dois médicos que presidiram à exumação decidiram chocar os suspeitos para obter uma confissão pública. Uma pequena bolsa com algum fluido vermelho escuro foi colada à sua mão esquerda e um fio fino preso à sua tampa. O fio foi passado através da aliança de casamento. Outro fio foi amarrado a uma das pestanas. Depois, ambos os fios foram presos às pegas do caixão. Quando o "teste do toque" foi sugerido, cada médico (parado em cada lado do caixão) puxou um fio.

A pálpebra tremeu, o dedo anelar deu um solavanco e o "sangue" foi libertado de modo a escorrer pelo lado do cadáver e para fora de uma fenda no fundo do caixão mal fabricado. A ferida que sangrava "provou" que Joan fora assassinada por alguém que acabara de lhe tocar. O depoimento afirma que alguém pôs o dedo no sangue e testemunhou que era real; mas isto, sugere Dyall, teria sido obviamente um dos próprios médicos.

Poderia ser apenas possível, embora se pense que em plena luz do dia os fios seriam certamente visíveis. E quanto ao testemunho de ambos os clérigos de que o rosto perdeu a sua cor "morta" e pareceu ganhar vida? Pura imaginação? Isso também é possível — exceto que eles afirmaram que essa foi a primeira coisa que aconteceu, antes de o olho se abrir ou o dedo se mexer. A teoria da imaginação seria mais aceitável se o rosto tivesse "ganho vida" depois de o cadáver "piscar o olho".

Qualquer que seja a explicação, o testemunho dos dois clérigos convenceu o tribunal. Arthur Norkot, juntamente com a sua mãe e irmã, foi

sentenciado à morte. Por razões que Sir John Mainard (que era o Sargento Mainard quando participou no julgamento) não explica, o júri decidiu absolver o cunhado de Norkot, John Okeman. Ao serem sentenciados, todos os três repetiram: "Eu não o fiz". Na verdade, Agnes Okeman foi indultada quando se descobriu que estava grávida. Mary e John Norkot foram enforcados. Mainard conclui: "Indaguei se confessaram alguma coisa na execução, mas não o fizeram, segundo me foi dito".

39

O Livro de Oera Linda

A História Esquecida de um Continente Perdido

Em 1876 surgiu em Londres uma obra desconcertante intitulada *The Oera Linda Book* e com o subtítulo *From a Manuscript of the Thirteenth Century* (De um Manuscrito do Século Treze). Foi publicado pela Trubner and Co., um dos nomes mais respeitáveis na edição, pelo que não poderia haver sugestão de que se tratasse de uma farsa. E o facto de o texto original em frísio (a língua da Frísia, uma parte do norte da Holanda) ter sido publicado defronte da tradução inglesa ofereceu aos estudiosos a oportunidade de verificarem por si próprios.

No entanto, se as afirmações do Livro de Oera Linda fossem verdadeiras, então a história do mundo antigo teria de ser completamente reescrita. Sugeria que, no terceiro milénio a.C., por volta da altura em que a Grande Pirâmide e o Stonehenge original foram construídos, existia um grande continente insular no norte da Europa que era habitado por uma raça altamente civilizada. Em 2193 a.C., esta ilha foi destruída, tal como a lendária Atlântida, por alguma catástrofe imensa. Mas um número suficiente dos seus habitantes escapou para levar a sua civilização para outros locais — incluindo o antigo Egito e Creta. De facto, o Livro de Oera Linda sugeria que o lendário Rei Minos de Creta (criador do Labirinto) era um frísio e que a mesma civilização antiga deu a democracia a Atenas.

Tudo isto parecia tão extraordinário e tão confuso que a primeira reação dos estudiosos holandeses e alemães foi sugerir que o livro era uma falsificação. No entanto, parecem ter concordado que não era uma falsificação moderna e que tinha provavelmente um século a um século e

meio de idade. Mas isso datá-lo-ia aproximadamente da década de 1730. E é difícil imaginar por que razão alguém quereria forjar tal documento na década de 1730. Um século depois, na era Romântica, faria algum sentido criar esta narrativa misteriosa com as suas maravilhosas alusões a uma era de ouro no passado remoto. Mas é virtualmente impossível imaginar por que razão, naquela era algo monótona de Frederico o Grande e do Príncipe de Orange-Nassau (monótona, pelo menos, do ponto de vista literário), alguém se teria incomodado.

É verdade que uma famosa falsificação de poesia gaélica "antiga" — as obras de "Ossian", na verdade escritas por James MacPherson — se tornou imensamente popular em Inglaterra e no Continente na década de 1760; mas se o Livro de Oera Linda foi inspirado pelo *Ossian* de MacPherson, por que razão o falsificador o guardou numa gaveta e se esqueceu dele até 1848, quando finalmente viu a luz do dia?

De acordo com a sua Introdução, escrita em 1871, o Livro de Oera Linda tinha sido preservado na família Linden (ou Linda) desde "tempos imemoriais" e estava escrito numa escrita peculiar que se parecia um pouco com o grego. Começava com uma carta de um tal "Liko oera Linda", datada de 803 d.C., na qual ele implorava ao seu filho que preservasse o livro "com corpo e alma", uma vez que continha a história dos seus povos. O manuscrito foi herdado por um certo C. Over de Linden — uma versão modernizada de Oera Linda — em 1848, e um professor erudito chamado Verwijs perguntou se poderia olhar para ele. Ele reconheceu imediatamente a sua língua como frísio antigo, uma forma de holandês. O manuscrito examinado por Verwijs tinha sido copiado em 1256 em papel fabricado a partir de algodão e escrito numa tinta preta que não continha ferro (que acaba por se tornar castanha).

De acordo com a Introdução (pelo Dr. J. O. Ottema), o Livro de Oera Linda regista a história do povo de uma grande ilha chamada Atland, que ficava sensivelmente na mesma latitude que as Ilhas Britânicas, no que é agora o Mar do Norte (por outras palavras, ao largo da costa da Holanda moderna). O Dr. Ottema parece pensar que Atland é a Atlântida de Platão, que a maioria dos comentadores colocou algures no Atlântico médio. Mas como Platão diz apenas que ficava "além das Colunas de Hércules" (o que é agora Gibraltar), Ottema poderia estar correto.

De acordo com o Livro de Oera Linda, Atland tinha um excelente clima e abundância de comida. E como os seus governantes eram sábios e profundamente religiosos, era uma terra pacífica e contente. A sua fundadora lendária era uma mulher semimítica chamada Frya — obviamente uma versão da nórdica Freya, a deusa lunar, cujo nome significa "uma senhora". (Da mesma forma, *frey* significa "um senhor".) O seu povo adorava um único Deus, sob o nome (para nós) impronunciável de Wr-alda. Frya era uma de três irmãs, sendo as outras duas chamadas Lyda e Finda. Lyda tinha a pele escura e tornou-se a fundadora das raças negras; Finda tinha a pele amarela e tornou-se a fundadora das raças amarelas. Frya era branca.

Tudo isto é obviamente lenda. Mas o Livro de Oera Linda passa depois a descrever eventos históricos. No ano 2193 a.C., uma grande catástrofe de algum tipo atingiu Atland, e esta foi submersa pelo mar. A lógica sugere que a mesma catástrofe deve ter atingido as Ilhas Britânicas, uma vez que estavam tão próximas; mas se Atland fosse tão baixa e plana como a Holanda, podemos compreender por que razão foi submersa. (O Dogger Bank, onde Atland estaria situada, é a área mais rasa do Mar do Norte.)

De acordo com Platão, a Atlântida tinha sido destruída numa grande catástrofe mais de nove mil anos antes. Mas uma autoridade moderna, o Professor A. G. Galanopoulos, argumentou que todos os números associados à Atlântida (que foram registados por sacerdotes egípcios) eram cerca de dez vezes excessivos — por exemplo, Platão diz que o fosso em redor da cidade real tinha dez mil estádios (mais de mil milhas) de comprimento, o que tornaria a cidade real cerca de trezentas vezes maior do que a Grande Londres ou Los Angeles. Se dividirmos nove mil anos por dez, obtemos novecentos. Os sacerdotes egípcios falaram ao legislador ateniense Sólon sobre a Atlântida por volta de 600 a.C., o que faria a data da destruição da Atlântida por volta de 1500 a.C. (novecentos anos antes). Esta é aproximadamente a data da explosão do vulcão de Santorini (a norte de Creta) que devastou a maior parte do Mediterrâneo, e Galanopoulos argumenta que a ilha de Santorini era a Atlântida. O único problema é que Platão colocou a Atlântida além das Colunas de Hércules — caso em que Atland é certamente uma candidata.

Outra razão para o relativo desprezo pelo Livro de Oera Linda é que a sua narrativa parece tão estranha e os seus nomes são tão bizarros; neste aspeto, assemelha-se ao Livro de Mórmon ou àquela obra extraordinária intitulada *Oahspe*, que foi "ditada" a um médium americano chamado J. B. Newbrough sensivelmente na mesma altura em que o Livro de Oera Linda foi publicado. Mas estes dois documentos reivindicam algum tipo de origem "divina", enquanto o Livro de Oera Linda pretende ser um documento histórico.

No entanto, as pessoas nele mencionadas não são pura invenção. Um livro posterior fala detalhadamente sobre um guerreiro chamado Friso, um oficial de Alexandre o Grande (nascido em 356 a.C.), que é descrito noutras crónicas nórdicas. (O Livro de Oera Linda também fala longamente de Alexandre o Grande.) Estas crónicas afirmam que Friso veio da Índia. O Livro de Oera Linda diz que Friso descendia de uma colónia frísia que se estabeleceu no Punjab por volta de 1550 a.C.; além disso, o geógrafo grego Estrabão menciona esta estranha tribo "indiana", referindo-se a eles pelo nome *Germania*. O Livro de Oera Linda menciona até Ulisses e relata como ele partiu em busca de uma lâmpada sagrada — uma sacerdotisa profetizara que, se ele a conseguisse encontrar, tornar-se-ia rei de toda a Itália. Após uma tentativa frustrada de comprar a lâmpada à sua sacerdotisa-guardiã, a "Mãe Terra" (usando tesouros saqueados de Troia), ele navegou para um local chamado Walhallagara (que soa estranhamente a Valhalla) e teve um caso amoroso com uma sacerdotisa chamada Kalip (obviamente Calipso), com quem permaneceu durante vários anos "para escândalo de todos os que o sabiam". De Kalip ele obteve uma lâmpada sagrada do tipo que pretendia, mas de nada lhe serviu, pois naufragou e teve de ser recolhido, nu e desprotegido, por outro navio.

Este fragmento da história grega lançado no Livro de Oera Linda é interessante por duas razões. Data esta aventura de Ulisses por volta de 1188, o que é cerca de cinquenta anos mais tarde do que a arqueologia moderna dataria a queda de Troia (ver capítulo 23). Mas o Livro de Oera Linda poderia estar correto. E afirma que a ninfa Calipso era na verdade uma *burgtmaagd* (uma palavra que significa "donzela do burgo" — literalmente, uma sacerdotisa virgem encarregada das virgens vestais). Isto é consistente com a afirmação central do Livro de Oera Linda: que após o "dilúvio", os frísios navegaram pelo globo e tornaram-se os fundadores da civilização mediterrânica, bem como se estabeleceram na Índia. É óbvio

por que razão os estudiosos ignoraram o livro. Levá-lo a sério significaria virtualmente reescrever a história antiga. Se, por exemplo, aceitarmos que a ilha de Calipso, Walhallagara, era a ilha de Walcheren, no Mar do Norte (como afirma o comentário ao Livro de Oera Linda), então Ulisses navegou para fora do Mediterrâneo. É certamente mais simples aceitar a versão da história de Homero.

Após quase um século de negligência, o Livro de Oera Linda foi redescoberto por um estudioso inglês chamado Robert Scrutton. No seu fascinante livro *The Other Atlantis*, Scrutton conta como, em 1967, ele e a sua esposa — uma "sensitiva" com fortes poderes psicométricos — caminhavam sobre Dartmoor quando ela experimentou uma visão aterradora de um dilúvio: grandes ondas verdes mais altas do que as colinas derramando-se sobre a terra. Oito anos mais tarde, ele encontrou lendas de um grande dilúvio na poesia antiga conhecida como as Tríades Galesas (que também falam do Rei Artur). As Tríades explicam que, muito antes de os Kmry (os galeses) chegarem à Grã-Bretanha, houve uma grande inundação que despovoou a ilha inteira. Um navio sobreviveu, e aqueles que nele navegaram estabeleceram-se na península da "Terra do Verão" (que Scrutton identifica como a Crimeia — ainda chamada Krym — no Mar Negro). Estes povos decidiram procurar outras terras porque a sua península estava sujeita a inundações. Uma parte foi para Itália e a outra atravessou a Alemanha e a França até à Grã-Bretanha. (De facto, este relato não contradiz o pouco que sabemos sobre o povo misterioso chamado os Celtas, cuja origem é desconhecida.) Assim, os Kmry voltaram para a Grã-Bretanha — provavelmente por volta de 600 a.C. — e trouxeram a sua religião druídica, que envolvia sacrifícios humanos.

Scrutton passou a descobrir muitas outras lendas relativas a uma grande catástrofe na antiga poesia galesa e nas Eddas islandesas (onde era conhecida como Ragnarok). Vale a pena mencionar que Ignatius Donnelly, cujo livro *Atlantis: The Antediluvian World* causou sensação em 1882, passou a escrever outro clássico, *Ragnarok: The Age of Fire and Ice*, no ano seguinte; neste volume ele tentou estudar lendas de catástrofes do hemisfério norte e criou uma teoria notável de deriva continental que mais tarde provou ser totalmente precisa.

A investigação de Scrutton levou-o a redescobrir o Livro de Oera Linda e a ficar absorvido pelo seu relato estranho, mas credível, da história

antiga. A primeira pergunta que se colocou foi: qual foi a natureza precisa da catástrofe que destruiu Atland e despovoou a Grã-Bretanha? Em *The Other Atlantis* (1977), ele sugere que foi um meteorito ou asteroide gigante que atingiu a terra algures na região do Polo Norte; a força da explosão teve o efeito de inclinar o eixo da terra para uma posição mais vertical, de modo que terras que anteriormente tinham verões longos e quentes desenvolveram agora condições árticas. Os gregos têm as suas lendas dos Hiperbóreos, um povo que vive em condições idílicas no extremo norte, e Scrutton identifica-os com os Atlandeses.

Este projétil, sugere Scrutton, produziu a cratera conhecida como o Oceano Ártico — o qual, afirma ele, se pareceria com uma das enormes crateras da Lua se a sua água fosse drenada. Muitas pedras e rochas que os cientistas modernos acreditam ter sido movidas por glaciares foram na verdade, sugere Scrutton, arremessadas pela explosão. Mas esta parte da sua teoria está aberta a uma objeção simples. A secção de abertura do Livro de Oera Linda diz que durante todo o verão antes do dilúvio "o sol estivera escondido atrás das nuvens, como se não estivesse disposto a olhar para a terra". Houve uma calma perpétua, e "uma névoa húmida pairava como uma vela molhada sobre as casas e pântanos". Depois, "no meio desta quietude, a terra começou a tremer como se estivesse a morrer. As montanhas abriram-se para vomitar fogo e chamas".

Isso parece claramente ser uma descrição de uma catástrofe vulcânica do tipo que se supõe ter destruído a Atlântida, não uma onda gigante causada por um meteorito. Significará isto que a teoria do meteorito deve ser abandonada? Não necessariamente. Um meteorito que atingisse a região do Polo Norte produziria certamente uma onda gigante, mas se a calote polar estivesse coberta de gelo, esta poderia não ser suficientemente grande para causar uma onda que submergisse a Grã-Bretanha e Atland. Mas a atividade vulcânica que quase certamente se seguiria a tal impacto poderia produzir uma onda gigante poderosa, como a causada pela explosão de Santorini (e mais tarde de Krakatoa).

Scrutton menciona também uma descrição no épico finlandês, o *Kalevala*, de um tempo em que o sol desapareceu do céu e o mundo se tornou gelado e estéril, e cita uma introdução moderna que coloca este evento num período em que os Magiares (Húngaros) e os Finlandeses ainda estavam unidos — há pelo menos três mil anos.

Scrutton acredita que os "mapas dos antigos reis do mar" descritos pelo Professor Charles Hapgood (e discutidos no capítulo 49) confirmam a sua visão da catástrofe que destruiu Atland. Mais uma vez, há uma objeção. Amostras de núcleos recolhidas na Terra da Rainha Maud (na Antártida) mostram que a última vez que o Polo Sul esteve sem gelo foi por volta de 4000 a.C. Portanto, a grande civilização marítima que Hapgood acredita ter sido responsável pelos "mapas antigos" deve ter florescido antes disso. Isto, claro, não exclui uma catástrofe cerca de dois mil anos mais tarde — talvez a civilização de Atland tenha durado dois mil anos, como a dos Egípcios. Mas se Hapgood estiver correto, e a sua grande civilização marítima existiu há mais de seis mil anos e foi depois esquecida ou destruída numa grande catástrofe, torna-se certamente difícil conciliar as duas teorias.

Existe, contudo, uma forma de as conciliar que não é mais audaciosa — ou mais absurda — do que as próprias teorias. Hapgood acreditava que os mapas antigos eram evidência de uma civilização marítima mundial que existiu muito antes de Alexandre o Grande. Vamos, então, postular a existência de tal civilização que começou algum tempo após a última grande idade do gelo — digamos, por volta de 10.000 a.C. Seis mil anos mais tarde, esta civilização está altamente desenvolvida na Antártida e em Atland. Noutras partes do mundo — como o Médio Oriente — está menos desenvolvida, embora já existam cidades e o arado tenha sido desenvolvido. Por razões desconhecidas — ninguém sabe o que causa as idades do gelo — o frio regressa, e a civilização da Antártida congela, pelo que os seus povos são forçados a ir para outro lado — nomeadamente para o Egito. A civilização de Atland, estando em latitudes mais temperadas, não é afetada. Depois, em 2192 a.C., surge a "grande catástrofe" que inclinou o eixo da terra. Agora, tal como os habitantes do Polo Sul, os Atlandeses são também forçados a mudar-se — e, claro, mudam-se para sul, para regiões que não foram afetadas pela grande catástrofe — como a Índia e o Mediterrâneo. Se este cenário estiver correto, então tanto Hapgood como Scrutton poderiam ter razão.

Uma coisa parece clara: que os mapas antigos provam a existência de uma grande civilização marítima que floresceu antes de Alexandre o Grande. Tal como os mapas, o Livro de Oera Linda também aponta para a existência de tal civilização. Mesmo que o Livro de Oera Linda provasse ser uma falsificação, a evidência dos mapas não seria afetada. Mas, presentemente, não existe evidência de que seja uma falsificação. Nesse

caso, merece ser reimpresso numa edição moderna e cuidadosamente estudado por historiadores — bem como lido pelo público em geral pelos seus contos fascinantes de crime e batalha. Se provar ser genuíno, o Livro de Oera Linda poderia revolucionar a nossa visão da história mundial.

40

O "Povo do Segredo"

No início de 1883, um livro chamado *Esoteric Buddhism* (Budismo Esotérico) causou uma sensação imediata e rapidamente chegou à segunda edição. Era da autoria de um homenzinho magro e calvo chamado Alfred Percy Sinnett, editor do jornal mais influente da Índia, o *Pioneer*. O que causou a excitação foi a afirmação de Sinnett, logo na primeira página, de que obtivera a sua informação de "mestres ocultos", homens que viviam nas altas montanhas do Tibete e que eram virtualmente imortais. Vindo do editor de um jornal que era considerado o porta-voz do governo britânico na Índia, isto não podia ser descartado como loucura "ocultista". Tal homem merecia atenção séria quando declarava:

Pelas razões que aparecerão à medida que as presentes explicações prosseguirem, o bloco muito considerável de ensino até agora secreto que este volume contém, foi-me transmitido, não apenas sem condições do tipo habitual, mas com o fim expresso de que eu pudesse transmiti-lo por minha vez ao mundo em geral.

Muitas pessoas levaram Sinnett muito a sério. O poeta W. B. Yeats leu o livro e entregou-o ao seu amigo Charles Johnston, que ficou tão impressionado que correu para Londres para obter permissão para fundar um ramo em Dublim da Sociedade Teosófica, a editora do livro de Sinnett.

Foi quase três anos mais tarde que o público em geral soube como Sinnett obtivera o seu "ensino até agora secreto", e os céticos sentiram-se confirmados no seu cinismo. Em outubro de 1880, Sinnett e a sua esposa tinham sido anfitriões dessa senhora notável, Madame Blavatsky, que lhe contou que a maior parte do seu conhecimento fora obtida dos seus "Mestres secretos" que viviam nos Himalaias. Ela convenceu Sinnett da sua genuinidade através de uma série de pequenos milagres. Num piquenique, quando apareceu um convidado inesperado, ela ordenou a outro convidado que escavasse na encosta com uma faca de mesa; ele desenterrou uma chávena e um pires com o mesmo padrão do resto da louça.

Quando uma mulher comentou casualmente que desejava poder encontrar um broche perdido, Madame Blavatsky disse aos outros convidados para irem procurar no jardim; o broche em falta foi encontrado num canteiro de flores embrulhado em papel. E quando Sinnett expressou o seu desejo de corresponder diretamente com os "Mestres", Madame Blavatsky prometeu fazer o que pudesse, e poucos dias depois Sinnett encontrou deitado na sua secretária a primeira do que viriam a ser conhecidas como "as cartas de Mahatma". Foi a partir desta série de cartas que Sinnett obteve o seu conhecimento de "budismo esotérico".

Infelizmente, esta informação sobre as cartas de Mahatma foi revelada num relatório sobre Teosofia publicado pela Sociedade de Investigação Psíquica por volta do final de 1885, e o resto do relatório era condenatório. Foi o resultado de uma investigação de um jovem chamado Richard Hodgson, que falara com os governantes da casa de Madame Blavatsky e soubera que a maioria dos "milagres" era fraudulenta; a sua demonstração mais convincente fora fazer cair do ar sobre a sua cabeça uma carta — dirigida a Hodgson e referindo-se à conversa que acabavam de ter. O relatório de Hodgson teve o efeito de destruir totalmente a credibilidade de Madame Blavatsky e demolir o mito dos "mestres ocultos" no Tibete.

Dito tudo isto, é necessário admitir que ainda há uma série de coisas a dizer a favor de Madame Blavatsky. A evidência de muitos observadores mostra que ela foi, sem dúvida, uma genuína "médium espiritual". Constance Wachtmeister, uma condessa que se tornou factótum de Madame Blavatsky em 1884, achou-o de início um pouco inquietante. Partilhava um quarto (dividido por um biombo) com Madame Blavatsky e, assim que Madame adormecia, os golpes (*raps*) começavam, continuando em intervalos de dez minutos até cerca das 6 da manhã. Uma lâmpada ardia junto à cama de Madame Blavatsky; numa das primeiras noites, a condessa foi mantida acordada e esgueirou-se por trás do biombo para a apagar. Tinha acabado de se deitar novamente quando a lâmpada se reacendeu. Madame Blavatsky estava obviamente a dormir e, em qualquer caso, a condessa teria ouvido o riscar de um fósforo ou de um isqueiro. Três vezes ela a apagou; três vezes ela se reacendeu prontamente. Os golpes também continuaram. A terceira vez que a apagou, viu uma mão castanha desincorporada a subir a torcida. Acordou Madame Blavatsky, que parecia pálida e abalada, e explicou que tinha estado "com os Mestres" e que era perigoso acordá-la subitamente.

Charles Johnston descreve como se sentou a observar HPB (como os seus admiradores lhe chamavam), batendo os dedos ociosamente no tampo de uma mesa. Depois, ela ergueu a mão cerca de trinta centímetros acima da mesa e continuou o movimento de batida; os sons continuaram a vir da mesa. Depois, virou-se para Johnston e começou a enviar os "toques astrais" para as costas da mão dele. "Eu conseguia tanto senti-los como ouvi-los. Era algo como receber faíscas do condutor principal de uma máquina elétrica; ou, melhor ainda, talvez fosse como esguichar mercúrio através dos dedos".

É, claro, possível que tudo isto fosse fraudulento; mas parece improvável. Se pudermos aceitar a hipótese de que existem médiuns genuínos — isto é, médiuns que ou possuem, ou são possuídos por certos poderes "mágicos" — então parece bastante certo que Madame Blavatsky era uma dessas pessoas. E se pudermos aceitar que existem médiuns genuínos, então a questão seguinte é se os seus poderes são o resultado de alguma atividade misteriosa da mente inconsciente, ou se envolvem alguma força externa — alguma emanação do "inconsciente coletivo", ou mesmo "espíritos". A maioria dos estudiosos do paranormal acaba por conceder (por muito relutantemente que seja) que parece de facto haver alguma força externa, embora compreensivelmente muitos deles achem impossível admitir a existência de espíritos.

O psiquiatra Wilson Van Dusen, que estudou centenas de pacientes que sofriam de alucinações no Hospital Estatal de Mendocino, chegou à conclusão notável de que a natureza das alucinações tinha sido descrita com precisão pelo místico do século dezoito Emanuel Swedenborg. Elas pareciam dividir-se em dois tipos, que ele chama de "ordem superior" e "ordem inferior". As alucinações de ordem inferior pareciam ser estúpidas e repetitivas; elas "são semelhantes a bêbedos vagabundos num bar que gostam de provocar e atormentar apenas por diversão". Mas as alucinações de ordem superior pareciam "mais propensas a ser simbólicas, religiosas, de apoio, genuinamente instrutivas".

Um instalador de gás experimentou uma alucinação de ordem superior de uma mulher bela que lhe mostrou milhares de símbolos. Van Dusen foi capaz de manter um diálogo com esta "mulher", com a ajuda do paciente, e após a conversa o paciente pediu apenas uma pista sobre o que eles tinham estado a falar.

Se pudermos aceitar isto, então também podemos ver que os "mestres secretos" de Madame Blavatsky podem não ter sido invenção dela. Ela disse a Constance Wachtmeister que os golpes que ressoavam de cima da sua cama eram um "telégrafo psíquico" que a ligava aos Mestres, que vigiavam o seu corpo enquanto ela dormia. Se estivermos dispostos a conceder que os Mestres podem ter sido o que Swedenborg chama de "anjos", ou o que Van Dusen chama de alucinações de ordem superior, então subitamente deixa de ser evidente que HPB era uma velha fraude. Temos, pelo menos, de considerar a hipótese de que algo estava a acontecer que é ligeiramente mais complicado.

Madame Blavatsky não foi a inventora da ideia de mestres secretos; a noção faz parte de uma antiga tradição "oculta". O compositor Cyril Scott, que também era um "ocultista", escreve no seu *Outline of Modern Occultism* (1935) sobre os dogmas básicos da "ciência oculta":

Primeiramente, o ocultista sustenta que o Homem está em processo de evoluir de uma imperfeição comparativa para estados muito mais elevados de evolução física e espiritual. Em segundo lugar, que o processo evolutivo em todas as suas fases é dirigido por uma Grande Hierarquia de Inteligências que alcançaram elas próprias estes estados superiores.

Ora, muitos pensadores modernos concordariam que o homem está envolvido num processo evolutivo que envolve a sua mente tanto quanto o seu corpo, e muitos insistiriam que o processo não é inteiramente uma questão de mecanismos darwinistas (ver, por exemplo, os colaboradores de *Beyond Reductionism* de Arthur Koestler). Mas é claramente um passo muito longo deste tipo de evolucionismo para a crença de que o processo evolutivo está a ser dirigido por "inteligências superiores".

Tal passo foi, de facto, dado (por razões puramente científicas) pelo ciberneticista David Foster, no seu livro *The Intelligent Universe*. A asserção básica de Foster é simplesmente que, aos olhos do ciberneticista, a evolução parece sugerir alguma intervenção inteligente. A cibernética é basicamente a ciência de fazer as máquinas comportarem-se como se fossem inteligentes — como faz, por exemplo, uma máquina de lavar moderna, que executa uma série de processos complexos: aquecer a água até uma certa temperatura, lavar a roupa durante um certo período, enxaguar, centrifugar, etc. Mas estes processos são "programados" na máquina, e podem ser selecionados meramente rodando um mostrador, ou

inserindo uma espécie de disco de plástico — cada uma cujas arestas contém um programa diferente — numa ranhura. Uma bolota poderia ser considerada um dispositivo contendo o programa para um carvalho. Mas aos olhos de um ciberneticista a bolota, tal como o disco de plástico, sugere alguma forma de programação. Poderia uma bolota ser programada apenas pela seleção natural darwinista? Foster aponta que uma regra básica sobre a programação de computadores é que a inteligência que faz a programação deve ser de uma ordem superior, mais complexa, do que o próprio programa.

Da mesma forma, para conduzir um carro ou usar uma máquina de escrever elétrica, a minha mente deve trabalhar mais depressa do que a máquina; se a máquina for mais depressa do que a minha mente, o resultado será o desastre ou a confusão. Na cibernética, a luz azul poderia ser um programa para a luz vermelha, mas não vice-versa, pelo mesmo princípio que Dickens pode criar o Sr. Pickwick, mas um Sr. Pickwick não poderia criar um Dickens. E Foster argumenta que as energias envolvidas na programação do ADN teriam de ser superiores a qualquer forma de energia encontrada na Terra. Ele argumenta que o processo exigiria energias da mesma ordem que os raios cósmicos. Tal argumento implica obviamente que a complexidade da vida na Terra só pode ser explicada por alguma inteligência "lá fora".

Podemos rejeitar este argumento, apontando que o "instinto" pode criar uma complexidade que parece superinteligência. Prodígios matemáticos, que conseguem resolver problemas de uma complexidade desconcertante em segundos, são muitas vezes de inteligência baixa noutros aspetos. Não há necessidade evolutiva para o cérebro humano resolver tais problemas; então porque é que o cérebro desenvolveu tal poder? O fisiologista responderia: como uma espécie de subproduto, tal como um dispositivo de cálculo simples como um ábaco poderia ser usado para multiplicar números muito além do alcance da imaginação humana. Mas aqueles que acreditam que a evolução é basicamente intencional usam exemplos como prodígios matemáticos para argumentar que a evolução das faculdades superiores do homem não pode ser explicada em termos puramente darwinistas.

Desde Madame Blavatsky (que morreu em 1891), tem havido muitos "ocultistas" (uso a palavra no seu sentido mais lato, como significando

aqueles que se interessam pelo paranormal) que acreditaram estar em contato com inteligências superiores. Alice Bailey tornou-se um membro ativo da Sociedade Teosófica após a morte de Madame Blavatsky, e estava convencida de que estava em contato com o "Mahatma" de Sinnett (significa "grande alma") Koot Hoomi. Em 1919, desgostada com as lutas de poder dentro da sociedade, fundou o seu próprio grupo e produziu um grande número de livros ditados por uma entidade chamada "o Tibetano".

O Rev. Stainton Moses, um dos primeiros membros da Sociedade de Investigação Psíquica, usou a "escrita automática" para produzir grandes quantidades de um texto que foi publicado após a sua morte sob o título *Spirit Teachings*. Embora Moses tenha publicado extratos destes em *Light*, sentia-se demasiado embaraçado para admitir que alguns dos "espíritos" que os ditavam afirmavam ser Platão, Aristóteles e meia dúzia de profetas do Antigo Testamento. No entanto, havia fortes evidências de que estes textos não eram simplesmente o produto da sua própria mente inconsciente. Numa ocasião, Moses perguntou ao "espírito" se ele iria à estante, selecionaria o penúltimo livro na segunda prateleira e leria o último parágrafo da página 94.

O espírito fê-lo corretamente. Moses ainda não estava convencido, por isso o espírito selecionou o seu próprio livro. Ditou uma passagem sobre Pope, e depois disse a Moses precisamente onde a encontrar; quando Moses tirou o livro da prateleira, este abriu-se na página certa. O espírito ditou estas passagens enquanto os livros permaneciam fechados na prateleira.

Em 1963, dois americanos, Jane Roberts e o seu marido Rob, começaram a fazer experiências com um tabuleiro ouija, inspirados até certo ponto por "Patience Worth" (ver capítulo 62). Várias personalidades identificaram-se e deram mensagens; depois de algum tempo, começou a surgir uma personagem que se identificava como "Seth":

Foi imediatamente aparente que as mensagens do tabuleiro tinham subitamente aumentado em alcance e qualidade. Vimo-nos a lidar com uma personalidade que era de inteligência superior, uma personalidade com um humor distinto, alguém que exibia sempre uma perspicácia psicológica notável e um conhecimento que estava certamente além das nossas próprias capacidades conscientes.

"Seth" passou a ditar uma série de livros, com títulos como *The Seth Material* e *Seth Speaks*, que alcançaram uma popularidade tremenda. Eles demonstram certamente que Seth, fosse um aspeto da mente inconsciente de Jane Roberts ou um "espírito" genuíno, era de um nível elevado de inteligência. No entanto, quando Jane Roberts produziu um livro que pretendia ser o diário pós-morte do filósofo William James, foi difícil levá-lo a sério. As obras de James são notáveis pelo seu vigor e clareza de estilo; o "comunicador" de Jane Roberts escreve como um estudante de licenciatura:

No entanto, que folia nacionalista turbulenta, e foi correspondida com um fervor quase missionário pelos psicólogos, decididos a arrancar da alma do homem todas aquelas inconsistências e paixões que ali estavam enterradas; e a refrear estas também para as esplêndidas buscas do progresso, da indústria e da manipulação física da natureza para uso do homem.

Há aqui uma canhestriez que é totalmente diferente da prosa coloquial e rápida de James. "E a refrear estas também..." (*And to leash these as well...*) simplesmente não é William James; ele teria dito simplesmente "E a canalizar estas..." (*And to harness these...*).

Contudo, o próprio Seth diz frequentemente coisas de imensa e profunda importância — por exemplo, a sua ênfase (em *The Nature of Personal Reality*) na importância da mente consciente e da decisão consciente.

Compreendo perfeitamente que muitas das minhas afirmações contradirão as crenças daqueles de vós que aceitam a ideia de que a mente consciente é relativamente impotente, e que as respostas aos problemas residem escondidas por baixo — isto é, no "inconsciente". Obviamente, a mente consciente é um fenómeno, não uma coisa. Está em constante mudança. Pode ser concentrada ou virada pelo ego em direções literalmente infinitas. Pode visualizar a realidade exterior ou virar-se para dentro, observando os seus próprios conteúdos... É muito mais flexível do que aquilo que lhe dão crédito.

Comentários como estes são tão opostos aos nossos dogmas familiares sobre o inconsciente e o "plexo solar" que causam um impacto de uma frescura surpreendente. Este não é o habitual palavreado difuso da escrita

"inspiradora", mas a comunicação de uma visão sobre os poderes da mind. Se Seth é um aspeto de Jane Roberts, então ela é uma filósofa de perspicácia considerável.

A experiência do londrino Tony Neate é típica do "psíquico" que se vê "em comunicação" com as "alucinações de ordem superior" de Van Dusen. Em 1950, aos vinte anos, começou como um cético a brincar com uma forma primitiva de tabuleiro ouija, um copo sobre o tampo de uma mesa polida; o copo voou da mesa com tal violência que derrubou um homem para trás. Ele começou a praticar psicometria — recebendo "imagens" de objetos que são segurados na mão — e descobriu que as suas visões da história de tais objetos eram frequentemente precisas. Um dia, quando estava a praticar psicometria, entrou em transe e "espíritos" falaram através dele. Um "espírito" que afirmava ser Freud citou um livro alemão dando a página exata; Tony Neate foi capaz de localizar o livro na London Library e descobriu que a citação era exata. Um espírito que afirmava ser a cantora Melba contou sobre um concerto que dera em Bruxelas; novamente, a afirmação revelou-se exata.

Depois, durante o Natal de 1955, Tony Neate viu-se sintonizado com uma personagem que se autodenominava Helio-Arcanophus (H-A para abreviar), que afirmava ser um habitante da Atlântida — o nome significa sumo sacerdote do sol. Tony Neate e os seus associados fundaram uma sociedade chamada os Atlantes, e mudaram-se para um complexo de quintas em West Malvern. A escritora Annie Wilson passou algum tempo lá, e o seu livro sobre as suas experiências, *Where There's Love*, torna claro que, tal como Seth, "H-A" tem muitas coisas importantes e algumas originais a dizer. Ao ler estas declarações, é natural que o cético assuma que elas originam na mente inconsciente de Tony Neate. Mas se for esse o caso, então como podemos explicar a citação de Freud e a informação obtida de "Melba"? E se estivermos dispostos a admitir que esta informação foi obtida "paranormalmente" ou que qualquer informação pode ser obtida paranormalmente, como no caso dos textos de Glastonbury (ver *Time in Disarray*), então é obviamente possível que o mesmo se aplique às declarações de Seth e Helio-Arcanophus.

Nem todos os "ensinamentos ocultos" afirmam originar em entidades desincorporadas; outros são acompanhados pela alegação de que foram preservados ao longo dos tempos por sociedades secretas ou irmandades.

George Gurdjieff, um dos pensadores mais originais do século vinte, passou grande parte da sua juventude em busca de uma certa "Irmandade Sarmoung", e afirmou ter recebido os seus ensinamentos básicos de uma irmandade monástica no norte dos Himalaias. A essência do ensinamento de Gurdjieff consiste na noção de que a consciência comum é uma forma de "sono", que quase todas as atividades humanas são inteiramente "mecânicas" e que, se o homem deseja deixar de ser mecânico, tem de fazer um esforço de vontade tremendo.

Mas livros como *In Search of the Miraculous* (pelo principal seguidor de Gurdjieff, P. D. Ouspensky) tornam claro que por trás dos ensinamentos "psicológicos" de Gurdjieff jazia um sistema cosmológico altamente complexo, que não tem relevância óbvia para os ensinamentos psicológicos e que parece improvável que Gurdjieff tenha inventado sozinho.

Esta cosmologia é mais elaborada na obra em quatro volumes de outro importante seguidor de Gurdjieff, J. G. Bennett, *The Dramatic Universe*, que se baseia na afirmação de que "existe uma classe de essências cósmicas chamadas Demiurgos que é responsável por manter a ordem universal", e que estas Inteligências Demiúrgicas "trabalham em escalas de tempo que excedem em muito o período de uma vida humana". Bennett chama o universo de "dramático" para sublinhar o seu sentido da importância do livre-arbítrio; porque o universo não está morto e predeterminado, o resultado final é incerto. "A chave de todo o esquema é o tempo-vontade ou *Hyparxis*. Esta é a região na qual a vontade é livre para tomar decisões que introduzem algo novo e não causado no processo do mundo". Os demiurgos têm um poder muito maior do que o homem para introduzir algo novo e não causado no processo do mundo; mas não são infalíveis. Embora a sua principal tarefa seja "guiar a evolução do mundo desde o seu primeiro começo sem vida", eles têm "guiado o processo por experimentação e ensaio, por vezes cometendo erros e retrocedendo nos seus passos, por vezes dando grandes saltos em frente, como quando a vida saiu do oceano e as criaturas terrestres começaram". Bennett acrescenta que Gurdjieff chama aos demiurgos "anjos", "mas isto tinha tantos significados que é melhor ser evitado".

A existência de uma tradição secreta de ensinamentos ocultos é sugerida no livro de Idries Shah, *The Sufis*, e foi numa crítica a este livro no

London *Evening News* que o seu editor literário, Edward Campbell, escreveu:

Durante muitos séculos tem havido uma lenda estranha no Oriente. Ela sugere que num centro oculto, talvez nas Terras Altas da Ásia Central, existe uma colónia de homens possuidores de poderes excecionais. Este centro atua, em alguns aspetos pelo menos, como o governo secreto do mundo. Alguns aspetos desta lenda chegaram ao Ocidente durante as Cruzadas; a ideia foi renovada sob a roupagem Rosa-Cruz em 1614; foi reafirmada com variações no século passado por Mme Blavatsky e pelo diplomata francês Jacolliot; foi sugerida novamente pelo autor inglês Talbot Mundy e, mais recentemente, pelo viajante mongol Ossendowski em 1918.

No misterioso Shangri-la desta lenda, certos homens, evoluídos além da situação humana comum, atuam como regentes de poderes além deste planeta. Através de escalões inferiores — que se misturam insuspeitos nos caminhos comuns da vida, tanto no Oriente como no Ocidente — eles atuam em fases críticas da história, engendrando resultados necessários para manter toda a evolução da Terra em sintonia com os eventos no sistema solar.

E no seu livro *The People of the Secret* (1983), Campbell (sob o pseudónimo de trocadilho Ernest Scott) passa a sugerir que "no primeiro quartel do século XX, a ciência ocidental não só tinha atingido uma fase crítica como um impasse e que, simultaneamente, material possivelmente capaz de resolver essa situação apareceu discretamente do Oriente". Ele prossegue sugerindo que "esta interpretação deriva de uma fonte superior a, e qualitativamente diferente do intelecto comum", e que "uma 'intervenção' semelhante ocorre em pontos críticos da história humana e tem-no feito em todas as culturas e todas as eras sob uma forma apropriada ao momento".

Campbell refere-se às fontes desta influência como "a Tradição" e sugere que entre 1920 e 1950 parte da intenção parece ter sido "revelar publicamente o mecanismo da própria operação da Tradição". E menciona que dois homens que estiveram em contato com "a Tradição" foram J. G. Bennett e Rodney Collin, ambos seguidores de Gurdjieff.

Campbell passa a sugerir uma analogia estreita entre o organismo humano e uma cultura civilizada.

Uma célula espermática origina um novo indivíduo. Suponhamos que um homem consciente origina uma nova cultura. Suponhamos que dentro da vida existem alguns homens, insuspeitos e escondidos, que são capazes de processar energia consciente e estão, portanto, em contato com o padrão de energia consciente fora da vida. (Na terminologia de J. G. Bennett, isto corresponderia ao nível Demiúrgico.) Tais homens conscientes seriam para uma cultura humana o que uma célula espermática é para as células dos tecidos no corpo humano.

Campbell esboça então os "sistemas culturais" delineados por Rodney Collin no seu livro *The Theory of Celestial Influence* (Capítulo XVI): Homem Aurignaciano, Homem Magdaleniano, Homem do Médio e Extremo Oriente (Egito, Suméria, Antiga Índia), Homem Greco-Romano, Homem Cristão Primitivo, Homem Cristão Medieval, Homem Renascentista, Homem Moderno. Neste esquema, o Egito deu à luz o mundo dos Gregos, e os Gregos transmitiram a "energia de fertilização" a Roma através da filosofia dos Estoicos e Epicuristas. "Novamente um período de realização deslumbrante aparentemente vindo do nada". O Cristianismo Primitivo brotou de Roma mas, no século oitavo, tinha fossilizado na igreja corrupta do papado medieval. A cultura seguinte, segundo Campbell, é a igreja medieval, que teve origem em Cluny, cuja catedral gótica "encapsulou todas as catedrais góticas vindouras". "Em cada uma delas havia uma sugestão de toda uma cosmologia invisível; cada uma uma enciclopédia em pedra contendo, para aqueles que pudessem ler... um resumo do Plano e Propósito da evolução".

Campbell concorda claramente com o autor de *O Mistério das Catedrais* (ver capítulo 17) que as catedrais góticas eram manuais de alquimia. Os pedreiros medievais eram expoentes da "Tradição". Campbell nota também que este foi também o período de "edificação esotérica no Islão" e menciona a missão conjunta de Cluny e Chartres à Espanha sarracena, que regressou com conhecimento de logaritmos, álgebra e alquimia.

Esta foi a preparação para a fase seguinte importante: o Renascimento. E a cultura renascentista deu finalmente lugar à época moderna por volta de meados do século dezanove — Campbell menciona 1859, o ano de *A Origem das Espécies*. A nossa era moderna, sugere Campbell, atingiu o pico do seu desenvolvimento por volta de 1935 com o transporte rodoviário

e aéreo e o rádio e o cinema — e, de facto, podemos ver que estes desenvolvimentos transformaram a perspetiva mental da raça humana tal como a invenção da imprensa o fez no Renascimento. A época moderna bem pode continuar por mais seiscentos ou setecentos anos; mas a nova época que a substituirá lutará para nascer muito antes de o nosso próprio período chegar ao fim.

O ponto de partida de Campbell são, então, as "inteligências Demiúrgicas" de J. G. Bennett. Ele assume que estas são uma realidade e que as suas atividades podem ser vistas na história humana. Do ponto de vista deste "Diretório Oculto", o cristianismo primitivo tomou o caminho errado. Ele vê a missão de Jesus como um evento de significado universal, uma tentativa de introduzir certas energias no processo evolutivo — as energias de um amor altruísta. Campbell sugere que os Padres Primitivos "rejeitaram a componente de sabedoria dentro da qual residiam as técnicas de desenvolvimento da consciência". Raciocinaram que nada é necessário para a evolução espiritual exceto o Cristo. O "herege" Ário sentiu instintivamente que isto era um erro. A sua heresia consistia na afirmação de que o Filho não era o igual do Pai — um reconhecimento ténue de que Jesus tinha sido "enviado" para a história num tempo particular para um propósito particular. Quando o Concílio de Niceia rejeitou esta visão em 325 d.C., voltaram as costas à "Tradição Demiúrgica". "Contudo", diz Campbell:

A responsabilidade Demiúrgica pela evolução permaneceu. Os Demiurgos continuavam obrigados a alcançar ganhos evolutivos, em harmonia com o crescimento além da terra. Os seus agentes, o Diretório Oculto na terra, ainda eram obrigados a engendrar o ambiente social que proporcionaria as oportunidades necessárias. O mandato de ambos é elevar o nível de consciência da humanidade em geral e de indivíduos adequados excecionalmente. A humanidade no Ocidente tinha decidido subconscientemente que isto já não era necessário.

A vinda de Maomé permitiu mais uma vez aos Demiurgos um ponto de apoio. Uma "escola" para a transmissão oral das suas ideias formou-se em redor dele. "Este grupo interno de 90 fez um juramento de fidelidade e diz-se ter adotado o nome Sufi". (Um momento depois, Campbell confunde a questão ao afirmar que isto não quer dizer que o Sufismo derive do Maometismo, e que a tradição sufista recua na verdade através de Platão,

Hipócrates, Pitágoras e Hermes Trismegisto. Mas o fulcro principal do seu argumento é claro.) No devido tempo, os árabes invadiram a Espanha e plantaram as sementes que se tornariam o Renascimento.

O capítulo de Campbell sobre "Roma, o Cristianismo e o Islão" contém um exemplo claro do que ele quer dizer com intervenção Demiúrgica na história humana. Os mosteiros da Europa ocidental, que preservaram a aprendizagem durante a Idade das Trevas, eram demasiado remotos e inacessíveis para servirem como centros culturais reais. Mas a conversão da Irlanda por São Patrício — começando em 432 d.C. — causou "o renascimento da cultura celta por um 'choque' do Cristianismo". A Irlanda tornou-se um centro de aprendizagem — a tal ponto que em 550 teve de ser fretado um navio para transportar estudiosos da Gália para Cork.

O Cristianismo Celta valorizava a literatura pagã. São Columba e o seu aluno Columbano dirigiram o fluxo missionário de volta à Europa, e Columbano fundou mais de cem mosteiros. Roma acabou por submeter a Igreja Celta em 664 no Sínodo de Whitby, mas o impulso não pôde ser destruído. Dois monges celtas estabeleceram-se como dispensadores de sabedoria na corte de Carlos Magno. Campbell faz a sugestão fascinante de que a Igreja Celta obteve parte da sua sabedoria através de "técnicas psicocinéticas". Psicocinese é o termo inventado pelos estudantes de parapsicologia para "mente sobre a matéria", e Campbell sugere noutras partes do livro que este é o segredo básico da alquimia; não está muito claro como ele acredita que a Igreja Celta usou estas técnicas.

No século nono, diz Campbell, escolas de iniciados começaram a florescer em Córdova e Toledo, e os seus esforços teriam influências de longo alcance, que ainda hoje podem ser rastreadas no mundo. O médico Al-Razi e o erudito Avicena, ambos persas, foram apenas dois de um número imenso de estudiosos que "forneceram a matéria-prima para a vinda da injeção de intelecto na Europa". Entre estes impulsos intelectuais estavam as escolas de pensamento que mais tarde ficariam conhecidas como Maçonaria e Iluminismo, "impulsos que no seu sétimo harmónico haveriam de abranger a Revolução Francesa".

Os cinco capítulos seguintes de *The People of the Secret* são uma interpretação da história europeia do ponto de vista "intervencionista". Consideram a Cabala, o Tarot e a alquimia como veículos da "Tradição", e

estudam o significado histórico do Catarismo, a ascensão dos Trovadores e as lendas do Rei Artur. Vez após vez, Campbell rastreia a semente original destes movimentos até às suas origens sufistas.

No capítulo sobre Gurdjieff, Campbell comenta:

Desde o início da década de 1950, uma grande quantidade de material até então desconhecido tornou-se disponível e, na natureza das coisas, isto não pode ter acontecido por acidente. Se houve fugas, é porque aqueles encarregados dele decidiram deixar "fugas" acontecer. Separadamente, os vários indícios montam a pouco. Tomados em conjunto, sugerem pela primeira vez a natureza da organização, há muito suspeitada mas nunca identificada, que se preocupa em injetar possibilidades de desenvolvimento no processo histórico em certos pontos críticos.

Com base em evidências internas, pode ser legítimo sugerir que esta organização é a expressão de um dos Centros inferidos por J. G. Bennett como dirigindo a evolução de toda a raça humana. Em *The Dramatic Universe*, os Centros de Transformação são as quatro regiões hipotéticas onde, há 35.000 a 40.000 anos, a mente humana foi dotada de criatividade e o homem se tornou *Homo sapiens sapiens*. Há doze mil anos, estes Centros retiraram-se durante cerca de 80 gerações para se prepararem para a estreia do homem moderno. A sugestão é que um destes, imediatamente responsável pelo Ocidente, decidiu vir, parcialmente pelo menos, para o aberto na segunda metade do século XX. Pode ser que o desenvolvimento intelectual do Ocidente esteja agora numa tal fase que o progenitor só possa guiar a descendência mais adiante tomando-a na sua confiança.

Campbell menciona que as tentativas dos alunos de Gurdjieff de fazerem contato com os mosteiros ou outros centros de ensino onde Gurdjieff obteve o seu conhecimento "oculto" foram todas infrutíferas.

Na década de 1930, acredita-se que Ouspensky tenha estabelecido contato com os Mevlevi (Ordem dos Dervixes) e lhes tenha pedido que enviassem alguém para Inglaterra. Eles recusaram fazê-lo, mas indicaram que estavam preparados para receber um representante dele. Um dos alunos séniores de Ouspensky estava pronto para partir para o Oriente em 1939 quando a Guerra eclodiu e o projeto foi abandonado.

Mas, em 1961, um jornalista que procurava material para um artigo sobre práticas sufistas "foi inexplicavelmente introduzido a todas as

facilidades para obter material... Este jornalista, Omar Burke, viu-se autorizado a visitar uma comunidade secreta de Dervixes cuja localização foi identificada como Kunji Zagh ('Canto do Corvo') no Baluchistão". Burke escreveu depois as suas descobertas num artigo na *Blackwood's Magazine* em dezembro de 1961. Este foi visto por um membro de um grupo Gurdjieff de Londres que percebeu que uma pista para a fonte de Gurdjieff estava a ser abertamente revelada numa revista. Mas quando o grupo de Londres estabeleceu contato com a "fonte", foi-lhes dito que seria inútil ir ao Baluchistão porque o foco atual de atividade era em Inglaterra.

Campbell argumenta que a "fonte" de Gurdjieff era a tradição sufista. O que está implícito, presumivelmente, pelo comentário sobre o "foco atual" em Londres é que este se encontra no grupo dirigido por Idries Shah, autor do livro *The Sufis*. Bennett tinha, de facto, entregue o seu próprio centro de ensino em Coombe Springs a Shah. Na sua autobiografia *Witness*, Bennett descreve como em 1962 lhe foi falado por um velho amigo sobre Idries Shah, que viera do Afeganistão para Inglaterra para procurar seguidores de Gurdjieff e "completar o seu ensino". Num encontro com Shah, as suas primeiras impressões foram desfavoráveis.

Ele era inquieto, fumava incessantemente, falava demasiado e parecia demasiado empenhado em causar uma boa impressão. A meio da noite a nossa atitude mudou completamente. Reconhecemos que ele não era apenas um homem excecionalmente dotado, mas que possuía aquele "algo" indefinível que marca o homem que trabalhou seriamente sobre si próprio.

Shah, diz ele, não afirmava ser um mestre, mas afirmava ter sido enviado pelo seu próprio mestre, e que "tinha o apoio dos 'Guardiães da Tradição'". Ele prossegue citando um documento que Shah lhe entregou, "Declaração do Povo da Tradição", que afirmava que uma "forma de conhecimento secreta, especial e superior" existe realmente, e

poderia ser transmitida às pessoas a quem este material é dirigido... Este conhecimento é concentrado, administrado e presidido por três formas de indivíduos... Eles têm sido chamados de "Hierarquia Invisível" porque normalmente não estão em comunicação ou contato com seres humanos comuns: certamente não em comunicação bidirecional com eles.

Bennett conta depois como foi persuadido por Shah a entregar Coombe Springs, sem quaisquer condições, e uma nota de amargura surge

quando descreve como Shah vendeu a casa por 100.000£ apenas um ano depois. No entanto, permanece claro que, apesar de uma certa animosidade pessoal em relação a Shah, Bennett ainda não descarta a possibilidade de ele ser precisamente o que diz ser.

Em qualquer caso, a tese de Campbell não depende de o leitor estar disposto a aceitar Idries Shah como um representante do "povo secreto". Foi o próprio Bennett quem inventou a frase "o Diretório Oculto" em *The Dramatic Universe*. Campbell resume a tese do seu livro:

O guião para a longa história humana foi escrito por inteligências muito maiores do que a do próprio homem... A responsabilidade por este processo na Terra recai sobre uma Inteligência que tem sido chamada de O Diretório Oculto. Isto pode corresponder ao nível simbolizado na lenda oculta como um Indivíduo (ex: "O Regente" ou "O Ancião dos Dias", etc.). Deve ser equacionado ou com o nível Demiúrgico ou com o nível imediatamente abaixo.

Lado a lado com a ação sobre a humanidade-em-massa, o Executivo e os seus subordinados preocupam-se com tentativas locais de elevar o nível de consciência de indivíduos de forma excecional.

Tais indivíduos comuns especialmente selecionados podem aspirar a qualificar-se para a participação no trabalho do Executivo. O processo pelo qual se podem qualificar é o *Magnum Opus* — a "Grande Obra". Isto equivale a uma ascensão vertical para um nível superior, por oposição a uma subida gradual com a maré evolutiva.

Em 1857, uma professora e autora americana, Delia Bacon, produziu a sua obra controversa *Philosophy of the Plays of Shakespeare Unfolded* (ver capítulo 51), na qual sugeria que "Shakespeare" era na verdade um grupo de estudiosos isabelinos, provavelmente liderado por Francis Bacon, cujo objetivo era expressar novas ideias que, de outro modo, teriam levado à tortura e à prisão. O livro foi recebido com escárnio, e Delia Bacon enlouqueceu e morreu pouco depois. Campbell expressa a mesma teoria em dois pontos de *The People of the Secret*, e os céticos sentirão indubitavelmente que toda a sua tese merece a mesma receção que a de Delia Bacon.

A objeção de senso comum é que os homens que representaram pontos de viragem na história humana — Maomé, Cosme de Médici,

Darwin, Einstein — não eram obviamente membros de algum "Diretório Oculto". E se nenhum "diretório oculto" é necessário para explicar a sua existência ou o seu impacto na história, então porquê dar-se ao trabalho de considerar tal hipótese desnecessária?

Por outro lado, os historiadores culturais observaram frequentemente como certas ideias parecem estar "no ar" em determinadas alturas, e os alemães cunharam uma palavra para expressar este fenómeno: o *Zeitgeist*. Cada grande descoberta e invenção parece ter sido feita por pelo menos duas pessoas ao mesmo tempo (evolução, fotografia, relatividade, gravação de som, televisão). O biólogo Rupert Sheldrake chegou a produzir uma teoria ("ressonância mórfica") argumentando que, uma vez alcançado qualquer processo difícil, desde a cristalização de uma nova substância até à criação de uma nova ideia, este se "espalha" como uma onda na superfície de um tanque, facilitando o processo onde quer que ele ocorra. Novamente, a ideia de sincronicidade de Jung (ver capítulo 54) sugere alguma ligação entre a mente e o mundo da matéria física que não encontra apoio na filosofia ocidental da ciência. Tais ideias indicam um movimento de afastamento do universo "morto" da ciência do século dezanove e em direção ao "universo inteligente" postulado pelo Dr. David Foster. Poder-se-ia argumentar que um "diretório oculto", responsável pela evolução, é apenas uma extensão lógica desta ideia.

Campbell menciona o livro de Yeats, *A Vision*, como um exemplo de uma obra inspirada pela "Tradição". Esta obra é um "sistema" de tipos humanos, expressos em termos das fases da lua, e foi produzida pela esposa de Yeats, Georgie, através de escrita automática. Os "comunicadores" de Yeats também esboçaram a sua própria visão da história, que tem muito em comum com a avançada em *People of the Secret*. Mas quando Yeats se ofereceu para "gastar o que restava da vida a explicar e a juntar as peças" deste sistema complexo, recebeu a resposta: "Não, viemos para lhe dar metáforas para a poesia".

Mesmo que o "Diretório Oculto" seja aceite apenas a este nível, continua a ser uma hipótese fascinante e frutífera.

41

Poltergeists

O *poltergeist* ou "fantasma barulhento" é um dos fenómenos mais desconcertantes em todo o domínio do paranormal. Há milhares de pessoas que não acreditam em fantasmas, mas que admitem relutantemente que a evidência do *poltergeist* é demasiado forte para ser ignorada. A teoria favorita de tais céticos é que o *poltergeist* é algum capricho inexplicado da mente humana.

Se o *poltergeist* é um "fantasma" ou espírito, como o seu nome implica, então a sua principal característica é a de um espírito de travessura. Os *poltergeists* fazem objetos voar pelo ar, portas abrir e fechar, poças de água aparecer do nada. E não são de modo algum uma raridade; neste preciso momento, algum caso de atividade de *poltergeist* está provavelmente a ocorrer a menos de uma dúzia de milhas do leitor deste livro. (Eu próprio conheço um caso que está a decorrer a menos de uma dúzia de milhas de mim enquanto escrevo isto.)

Um dos casos mais antigos conhecidos foi registado numa crónica chamada *Annales Fuldenses* e data de 858 d.C. Teve lugar numa quinta em Bingen, no Reno; a crónica descreve um "espírito maligno" que atirava pedras e fazia as paredes tremer como se homens as estivessem a golpear com martelos. O arremesso de pedras é uma das atividades mais típicas dos *poltergeists*. O *poltergeist* também causou incêndios — outra das suas atividades favoritas (embora, por alguma razão, raramente causem danos graves) — neste caso queimando as colheitas do agricultor pouco depois de terem sido recolhidas. Também desenvolveu uma voz — uma caraterística muito mais rara em casos de *poltergeist* — e denunciou o homem por vários pecados, incluindo fornicação e adultério. Padres enviados pelo Bispo de Mogúncia aparentemente falharam em exorcizá-lo; de facto, é virtualmente impossível ver-se livre de um *poltergeist* através de cerimónias de exorcismo.

Foi apenas após a formação da Sociedade de Investigação Psíquica em 1882 que o *poltergeist* foi estudado cuidadosamente. Observou-se então que, na maioria dos casos, havia crianças adolescentes presentes nas casas onde tais ocorrências tinham lugar; pareceu ser uma suposição razoável que as crianças eram, de alguma forma, a "causa" do surto. E na era de Freud, a teoria mais aceite era a de que o *poltergeist* é algum tipo de manifestação "inconsciente" de energias sexuais adolescentes; mas ninguém ofereceu até agora uma teoria sobre exatamente como isto pode ocorrer.

Em Inglaterra, um dos casos mais espetaculares é também um dos primeiros a ser minuciosamente registado: o chamado "tamborileiro fantasma de Tedworth". Teve lugar na casa de um magistrado chamado John Mompesson em março de 1661. Toda a casa foi mantida acordada a noite toda por sons altos de tambores. O magistrado tinha sido responsável pela detenção de um vagabundo chamado William Drury, que chamou a atenção na rua ao bater um tambor.

Mompesson confiscou o tambor, apesar dos apelos de Drury. Drury escapou da custódia — estava detido por posse de papéis falsificados — sem o seu tambor. Foi depois disto que os distúrbios na casa de Mompesson começaram e continuaram por dois anos. O "espírito" também batia portas, fazia ruídos ofegantes como um cão e sons de arranhar como ratos enormes, bem como ronronar como um gato. Também desenvolveu uma voz e gritou: "Uma bruxa, uma bruxa!". Esvaziou cinzas e bacias de quarto nas camas das crianças e fez vários objetos voar pelo ar. Em 1663, Drury, que estava na prisão por roubar um porco, admitiu a um visitante que era de algum modo responsável pelos distúrbios, e disse que eles continuariam até que Mompesson lhe desse satisfação por lhe ter tirado o tambor. Mas os fenómenos acabaram por desaparecer.

Uma famosa assombração de *poltergeist* teve lugar na casa do Rev. Samuel Wesley — avô do fundador do Metodismo — na sua reitoria em Epworth, Lincolnshire. "Old Jeffrey", como a família passou a chamar-lhe, manteve a família acordada na noite de 1 de dezembro de 1716 com gemidos terríveis e — algumas noites mais tarde — com sons fortes de pancadas. Também produziu sons de passos a caminhar pelos corredores e em quartos vazios. O "foco" dos distúrbios parecia ser Hetty Wesley, de dezanove anos, que estava geralmente a dormir quando os distúrbios

começavam e que tremia durante o sono. Como de costume, os distúrbios desapareceram gradualmente.

O famoso caso do fantasma de "Cock Lane" terminou com um homem inocente na prisão durante dois anos. O "foco" dos distúrbios era Elizabeth Parsons, de dez anos, filha de um escrivão chamado Richard Parsons. A família Parsons tinha dois inquilinos: um estalajadeiro reformado chamado William Kent e a sua companheira de facto Fanny Lynes, cuja irmã Elizabeth fora a esposa anterior de Kent. (Era por isso que não podiam casar-se, pois a lei impedia um homem de casar com a irmã da sua falecida esposa.) Uma noite, quando Kent estava fora, Fanny Lynes pediu à menina de dez anos que dormisse com ela para lhe fazer companhia; foram mantidas acordadas por sons de arranhar e pancadas vindos de trás do lambril.

Pouco depois disto, Fanny Lynes morreu de varíola e Kent mudou-se para outro local. As estranhas pancadas continuaram, e um clérigo chamado Moore tentou comunicar com o "espírito", usando um código de uma pancada para sim, duas para não. Por este meio, o "espírito" identificou-se como Fanny Lynes e acusou o seu ex-"marido" de a envenenar com arsénico.

Parsons ignorava, infelizmente, que os *poltergeists* mentem mais vezes do que não. E não ficou descontente ao ouvir que Kent era um assassino, pois alimentava um rancor contra ele. Kent tinha-lhe emprestado dinheiro que ele não conseguira pagar, e estava agora a processá-lo. Assim, Parsons ignorou o facto de que as pancadas tinham começado antes da morte de Fanny Lynes e não fez qualquer tentativa para manter as revelações em segredo.

No devido tempo, Kent ouviu dizer que estava a ser acusado de homicídio por um "espírito" e foi à casa em Cock Lane para ouvir por si próprio. Quando as pancadas o acusaram de homicídio, ele gritou zangado: "Tu és um espírito mentiroso". O "fantasma" tornou-se famoso. Mas quando um comité — incluindo o Dr. Johnson — veio investigar, ele preferiu permanecer em silêncio, convencendo Johnson de que era uma fraude. Então Kent decidiu processar por difamação. O ónus da prova recaía sobre o pai de Elizabeth, que era, para efeitos legais, o acusador.

Houve outro teste, e foi dito a Elizabeth que se o fantasma não se manifestasse desta vez, a sua mãe e o seu pai seriam lançados na prisão; naturalmente, ela garantiu que algo acontecesse. Mas criados a espreitar por uma fenda viram que ela estava a fazer as pancadas com uma tábua de madeira. Ela foi denunciada como uma farsa. No julgamento, Parsons foi condenado a dois anos de prisão, bem como a ficar três vezes no pelourinho. A sua mulher recebeu um ano; uma mulher que tinha "comunicado" frequentemente com o espírito recebeu seis meses. Até o pároco foi multado em 588£ — uma soma enorme para aqueles dias. Mas quando Parsons estava no pelourinho, a multidão foi distintamente solidária e fez uma coleta para ele — um gesto invulgar naquela era de crueldade, em que as multidões gostavam de apedrejar o malfeitor no pelourinho, por vezes chegando a matá-lo. Infelizmente, nada sabemos do que aconteceu a qualquer um dos protagonistas após o julgamento. Mas é muito claro que a desafortunada família Parsons sofreu uma grande injustiça. Muitas testemunhas tinham testemunhado anteriormente que seria impossível para Elizabeth ter simulado os ruídos das pancadas.

Um dos casos mais famosos da América ocorreu na quinta de um agricultor do Tennessee chamado John Bell; o caso da "bruxa dos Bell" é também invulgar — na verdade, virtualmente único — pelo facto de o *poltergeist* ter acabado por causar a morte da sua vítima, o próprio Bell. Bell tinha nove filhos, um dos quais, Betsy, era uma menina de doze anos; ela era quase certamente o "foco". Os distúrbios começaram em 1817 com sons de arranhar nas paredes e pancadas ocasionais. Depois, mãos invisíveis puxavam as roupas das camas e houve sons de asfixia que pareciam vir de uma garganta humana.

Depois foram atiradas pedras e movidos móveis. O "espírito" esbofeteava frequentemente Betsy, e a sua bochecha avermelhava após os sons do golpe; também lhe puxava o cabelo. Após cerca de um ano, o *poltergeist* desenvolveu uma voz — um estranho coaxar asmático. (As vozes dos *poltergeists* raramente soam como vozes humanas — é como se a "entidade" tivesse de dominar um meio desconhecido). Fazia observações como "Não suporto o cheiro de um negro". Após as suas manifestações, Betsy ficava geralmente exausta — ela era obviamente a fonte da sua energia.

Depois John Bell começou a ser atacado; a sua mandíbula ficou rígida e a língua inchou. O *poltergeist*, que agora tinha desenvolvido uma voz normal, identificou-se como um índio e depois como uma bruxa chamada Old Kate Batts. (Usava várias vozes.) Declarou também que atormentaria John Bell até que ele morresse, o que passou a fazer. Tirava-lhe os sapatos, batia-lhe na cara e causava-lhe violentas convulsões físicas. Tudo isto continuou até que um dia, em 1820, ele foi encontrado num estupor profundo.

A "bruxa" afirmou que tinha dado ao "velho Jack" uma dose de um remédio que o mataria. E quando Bell de facto morreu, a bruxa encheu a casa com gritos de triunfo. Depois os distúrbios abrandaram. Um dia, em 1821, enquanto a família jantava, houve um ruído alto na chaminé e um objeto como uma bola de canhão rolou da lareira e transformou-se em fumo. A voz da bruxa gritou: "Vou-me embora e estarei fora por sete anos". Mas ela nunca mais voltou.

Um especialista em *poltergeists*, Nandor Fodor, sugeriu que a explicação para a bruxa dos Bell reside num ataque incestuoso feito a Betsy pelo seu pai, e que o *poltergeist* é um "fragmento de personalidade" que de alguma forma se libertou do resto da personalidade. Não existem provas reais para nenhuma destas afirmações.

Outro famoso caso americano teve lugar na casa do Rev. Eliakim Phelps em 1850. Este *poltergeist* começou por espalhar mobília e fazer bonecos curiosos com roupas estofadas. Eram extremamente realistas e eram construídos em poucos minutos. Depois o *poltergeist* entrou na fase do arremesso de pedras (a maioria dos distúrbios parece passar por uma série de fases definidas), partindo setenta e uma vidraças. Papel explodia em chamas e todo o tipo de objetos eram despedaçados. O rapaz de doze anos, Harry, foi erguido no ar e, numa ocasião, amarrado a uma árvore. A sua irmã mais velha, Anna, de dezasseis anos, era beliscada e esbofeteada. Mas quando a mãe e os filhos partiram para a Pensilvânia durante o inverno, os distúrbios cessaram.

Foi, de facto, uma série de distúrbios de *poltergeist* que deu início à extraordinária loucura do século dezanove conhecida como Espiritismo, que começou com sons típicos de pancadas na casa da família Fox em Hydesville, no Estado de Nova Iorque, em 1848; duas filhas — Margaret, de quinze anos, e Kate, de doze — eram obviamente os "focos". Um

vizinho que interrogou o "espírito" (com o código habitual de uma pancada para sim, duas para não) foi informado de que se tratava de um vendedor ambulante que fora assassinado na casa. (Muitos anos mais tarde, ossos humanos e a caixa de um vendedor ambulante foram encontrados enterrados na cave.)

A notoriedade do caso fez com que muitos outros americanos aderissem ao "espiritismo", sentando-se em redor de uma mesa no escuro com as mãos dadas e pedindo que os espíritos se "manifestassem". O "espírito" de Hydesville acabou por entregar uma mensagem anunciando uma nova era na comunicação com os espíritos. E, de facto, o espiritismo varreu os Estados Unidos e depois a Europa.

No início da década de 1850, um educador francês chamado Léon-Denizard-Hyppolyte Rivail interessou-se pela nova moda espiritista; quando duas filhas de um amigo se revelaram proficientes em "escrita automática", Rivail fez aos "espíritos" todo o tipo de perguntas e recebeu respostas invulgarmente construtivas e sérias. No devido tempo, estas foram publicadas em *O Livro dos Espíritos*, que Rivail publicou sob o pseudónimo de Allan Kardec. Tornou-se, durante algum tempo, uma espécie de Bíblia do Espiritismo, embora tenha havido mais tarde uma cisão dentro do movimento, com muitos espiritistas influentes a rejeitarem a crença de Kardec na reencarnação.

Em Paris, em 1860, houve uma série de distúrbios violentos numa casa na Rue des Noyers — a habitual quebra de janelas e arremesso de móveis. Rivail pediu para falar com o "espírito" responsável, e uma entidade que afirmava ser um trapeiro morto há muito declarou que tinha usado a "energia elétrica" de uma criada na casa para causar os distúrbios. A rapariga, disse ele, estava totalmente alheia a isto — na verdade, era a que estava mais aterrorizada de todos. Ele tinha estado a fazer estas coisas apenas para se divertir. "Kardec" estava convencido de que os *poltergeists* são "espíritos errantes" — isto é, pessoas mortas que por várias razões não conseguiram avançar além do plano puramente material.

Um dos casos americanos mais notáveis do século dezanove foi registado num livro chamado *The Great Amherst Mystery* de Walter Hubbell, um ator de teatro que se mudou para a casa da família Teed em Amherst, Nova Escócia, em 1869 para investigar um *poltergeist* que concentrava a sua atenção numa rapariga de dezoito anos chamada Esther

Cox. Os distúrbios tinham começado no ano anterior, quando o namorado de Esther, Bob MacNeal, tentara levá-la para o bosque sob a ameaça de uma arma, presumivelmente para a violar; ao ser interrompido, fugiu e nunca mais voltou. Pouco depois disto, Esther e a sua irmã Jane foram mantidas acordadas por ruídos de arranhar semelhantes aos de ratos, e uma caixa de cartão saltou no ar.

Duas noites depois, o corpo de Esther pareceu inchar como um balão, mas voltou ao normal após um som semelhante a um trovão. Roupas de cama foram atiradas pelo quarto. A almofada de Esther insuflou como um balão. Perante muitas testemunhas, apareceu escrita na parede a frase: "Esther, tu és minha para eu matar". Esther queixava-se frequentemente de uma "sensação elétrica" a percorrer o seu corpo. Quando o *poltergeist* entrou no seu ritmo, deflagraram pequenos incêndios, objetos voaram pelo quarto, móveis moveram-se e Esther transformou-se numa espécie de íman humano ao qual facas e outros objetos metálicos ficavam firmemente agarrados. Hubbell conseguiu comunicar com os "espíritos", que conseguiram provar a sua autenticidade dizendo-lhe o número dentro do seu relógio e a data das moedas nos seus bolsos. Quando um celeiro ardeu, Esther foi acusada de fogo posto e condenada a quatro meses de prisão. Quando saiu, as manifestações pararam.

A Sociedade de Investigação Psíquica foi fundada em 1882 para investigar os "fenómenos psíquicos" cientificamente. Um dos seus membros mais influentes, Frank Podmore, autor de uma valiosa história do Espiritismo em dois volumes, estava firmemente convencido de que os *poltergeists* eram geralmente farsas causadas por crianças que atiravam pedras, embora estivesse disposto a admitir que um caso bem conhecido em Durweston, na propriedade do Visconde Portman, era provavelmente genuíno. Podmore teve mais tarde uma longa correspondência com Andrew Lang, que achou o ceticismo de Podmore demasiado generalizado; considera-se geralmente que Lang venceu esta controvérsia.

Em 1900, o famoso criminologista Cesare Lombroso investigou um caso de assombração de *poltergeist* numa loja de vinhos em Turim. Enquanto Lombroso estava na cave de vinhos, as garrafas erguiam-se suavemente das prateleiras e explodiam no chão. No início, Lombroso suspeitou que a mulher do proprietário fosse a causa dos distúrbios, mas estes continuaram enquanto ela estava fora. As suspeitas de Lombroso

focaram-se então num empregado de mesa de treze anos. Quando este rapaz foi despedido, a assombração parou.

Portanto, era bastante claro para os primeiros investigadores que os fenómenos de *poltergeist* estavam ligados, mais frequentemente do que não, a alguma pessoa em particular, geralmente um adolescente. (A palavra *poltergeist* era raramente usada nos primeiros tempos da investigação psíquica, embora tivesse sido usada para descrever vários casos pela Sra. Catherine Crowe no seu *best-seller The Night Side of Nature* em 1848.) Mas foi apenas no final da década de 1940 que a teoria da "mente inconsciente" se tornou popular. Nandor Fodor apresentou a sua teoria de que os *poltergeists* são "fragmentos de personalidade" no *The Journal of Clinical Psychopathology* em 1945.

A peça de Frank Harvey, *The Poltergeist*, teve uma temporada de sucesso no West End em 1946; baseava-se num caso que ocorrera em Pitmilly House, Boarshill, perto de Fife, no qual tinham sido causados danos por fogo no valor de 50£ — Harvey transferiu-o para uma casa paroquial em Dartmoor. A sua peça popularizou a teoria da "mente inconsciente", que tinha sido apresentada pela primeira vez por volta de 1930 pelo Dr. Alfred Winterstein, ao discutir o caso da médium austríaca Frieda Weisl; o marido desta descreveu como, quando se casaram pela primeira vez, os ornamentos voavam da lareira quando ela tinha um orgasmo.

A Condessa Zoe Wassilko-Serecki chegara a conclusões semelhantes quando examinou uma jovem rapariga romena chamada Eleanore Zugun, que era continuamente esbofeteada e esmurrada por um *poltergeist* — as marcas de dentadas que apareciam nela estavam frequentemente húmidas com saliva. No final da década de 1940, a teoria da "mente inconsciente" era geralmente aceite pelos investigadores psíquicos que estavam dispostos a acreditar que o *poltergeist* não era uma fraude. Esta teoria foi resumida pelo investigador da BBC Brian Branston no seu livro *Beyond Belief* (1976):

Acredito que, com base nas evidências, podemos reivindicar como hipótese de trabalho que os fenómenos de *poltergeist* são produzidos inconscientemente por um indivíduo cuja psique está perturbada, que a psique perturbada reage na parte mais antiga do cérebro, o tronco cerebral, que por meios desconhecidos pela ciência produziu os fenómenos de

poltergeist comummente reconhecíveis. E estes fenómenos são o grito aberto por ajuda: como diz o poema... "Eu não estava... a acenar, mas a afogar-me".

No entanto, a própria teoria de Branston foi contrariada por um caso que ele citou anteriormente no capítulo sobre *poltergeists* — um que teve lugar em Northfleet, em Kent. Branston regista que "os espectros perturbavam de tal modo os vários inquilinos que a casa acabou por ficar vazia. Inquilinos anteriores chamados Maxted tinham filhos pequenos e os habituais fenómenos de *poltergeist* tinham ocorrido — ruídos de arranhar semelhantes aos de ratos, depois as roupas da cama puxadas, ornamentos a desaparecer e a reaparecer, e assim por diante. Quando a Sra. Maxted viu o fantasma de uma menina de seis anos, decidiram mudar-se.

Os inquilinos seguintes não tinham filhos; ouviram ruídos estranhos nos quartos e sentiram um cheiro desagradável de podridão, mas foi apenas após um ano que acordaram e encontraram uma extremidade da cama a erguer-se no ar, enquanto ao lado da cama estava um fantasma rosa-alaranjado, parcialmente transparente, de uma mulher sem cabeça. Eles também se mudaram. Mas mesmo quando a casa estava vazia, os inquilinos do lado conseguiam ouvir sons de pancadas e ficaram alarmados quando a sua própria cama começou a vibrar. Portanto, aqui parece haver um caso em que o "poltergeist" permaneceu na casa durante dois arrendamentos e ficou lá quando a casa estava vazia.

Um caso semelhante foi investigado pelo presente escritor. Teve lugar na cidade de Pontefract, no Yorkshire, na casa da família Pritchard. Móveis moveram-se, ornamentos voaram, espuma verde jorrou das torneiras, a casa foi abalada por estrondos estrondosos. Um "fantasma" — aparentemente um monge vestido de preto — também foi visto. Mas a "assombração" começou quando o filho mais velho, Phillip, atingiu a idade de quinze anos e durou alguns dias. Quando a sua irmã mais nova, Diane, tinha catorze anos, os distúrbios recomeçaram e foram desta vez mais violentos. (Diane estivera fora de férias durante o primeiro surto.)

Praticamente todos os objetos quebráveis da casa foram despedaçados, Diane foi atirada repetidamente para fora da cama e atacada por mobília em movimento, e um crucifixo voou da parede e colou-se-lhe às costas, fazendo uma marca vermelha. Depois, como antes, as manifestações desapareceram. A própria Diane tinha consciência de que a entidade estava

de algum modo a usar a sua energia e também sentia intuitivamente que ela não lhe queria mal real.

Casos como estes sugerem que o *poltergeist* não é uma manifestação da mente inconsciente de um adolescente infeliz mas — como Kardec afirmou — uma entidade ou "espírito" real, que permanece associado a algum lugar, mas que só se consegue manifestar através da energia excedentária de um ser humano — não necessariamente um adolescente.

Esta foi a conclusão a que chegou Guy Lyon Playfair, um investigador de fenómenos paranormais que foi para o Rio de Janeiro no início dos anos 1960. O Brasil, ao contrário de Inglaterra e de França, manteve-se fiel à versão do espiritualismo de Allan Kardec, e as suas duas obras, *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, tornaram-se as escrituras básicas da religião mais influente do Brasil, o «espiritismo». Ele investigou um *poltergeist* para o Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas e começou a aceitar a crença brasileira de que os *poltergeists* são espíritos, e que podem ser controlados por feiticeiros, que os podem enviar para assombrar alguém de quem não gostem. Uma rapariga chamada Maria era continuamente atacada por um *poltergeist* que tentava sufocá-la e atear fogo às suas roupas. Um médium transmitiu uma mensagem dizendo que Maria tinha sido uma bruxa numa existência anterior, através da qual muitas pessoas tinham sofrido, e agora estava a pagar por isso. Maria cometeu suicídio com veneno aos treze anos. Os livros de Playfair, *The Flying Cow* e *The Indefinite Boundary*, apresentam provas altamente convincentes de que a maioria das perturbações de *poltergeist* se deve a «espíritos».

Em 1977, Playfair e o seu colega membro da SPR, Maurice Grosse, foram investigar um *poltergeist* em Enfield, no norte de Londres. O caso é descrito em detalhe num livro clássico, *This House is Haunted*. Havia quatro crianças na família Harper, com idades de treze, onze, dez e sete anos, respetivamente; era uma família monoparental e havia uma tensão psicológica considerável. As perturbações começaram com camas a vibrar e móveis a moverem-se. Playfair tentou segurar uma cadeira na sua posição com arame; o arame foi quebrado. Um médium que foi à casa disse que havia várias entidades e que Janet, de onze anos, era o «foco». Playfair e Grosse estabeleceram finalmente comunicação com la entidade por meio de

um código de batidas; esta afirmou que tinha sido um inquilino anterior da casa há trinta anos e que agora estava morta.

Começou a escrever mensagens a lápis. Eventualmente, desenvolveu uma voz estranha e áspera, identificando-se como Joe Watson. Noutra ocasião, a entidade chamou-se a si mesma Bill Haylock e alegou que tinha vindo de um cemitério próximo em Durant's Park. Uma das suas respostas habituais a perguntas (tais como «Sabes que estás morto?») era «Vai-te lixar». Bill Haylock foi mais tarde identificado como um residente local, já falecido. Finalmente, em 1978, um clarividente holandês, Dono Gmelig-Meyling, passou algum tempo na casa e, de alguma forma, pôs fim à «assombração». Ele relatou ter feito uma «viagem astral» e ter conhecido uma rapariga de 24 anos que estava, de alguma forma, envolvida no caso. A filha de Maurice Grosse, Janet, que tinha a idade certa, tinha sido morta num acidente de mota em 1976.

Playfair especula que terá sido Janet quem atraiu a atenção do pai para o caso, metendo na cabeça de um vizinho a ideia de ligar para o *Daily Mirror*, e na cabeça de um jornalista do *Daily Mirror* a ideia de contactar a Society for Psychical Research. (Kardec insistia que as nossas mentes são muito mais influenciadas por «espíritos» do que nos apercebemos.) Mas a energia necessária para o *poltergeist* ou *poltergeists* foi sem dúvida fornecida pelas crianças, principalmente por Janet Harper. (Playfair comentou a dada altura que metade do conteúdo do cemitério local parecia estar a assombrar a casa.)

A visão de que os *poltergeists* são «espíritos» que se servem de alguma forma de energia humana continua a ser altamente impopular entre os investigadores psíquicos, que preferem a teoria mais «científica» de Fodor. No entanto, o caso do tamborileiro fantasma de Tedworth parece apoiar a visão de Playfair de que os fenómenos de *poltergeist* podem ser causados por «bruxaria»; e as bruxas têm tradicionalmente alegado realizar a sua «magia» através do uso de espíritos. Uma coisa é certa: a visão de Podmore de que os *poltergeists* se devem habitualmente a fraude deliberada é insustentável face às provas.

Os céticos apontam que a maioria dos «fenómenos psíquicos» são intermitentes e que são de tal forma a exceção que podem ser seguramente ignorados. Mas tem havido literalmente milhares de casos de fenómenos de *poltergeist*, e eles continuam a ocorrer com uma regularidade que os torna

fáceis de registar e investigar. Ninguém que considere o fenómeno de mente aberta pode falhar em ser convencido de que o *poltergeist* é uma realidade que desafia uma explicação «puramente científica».

42

Possessão pelos Mortos

Mito ou Realidade?

Em 1924, o Instituto Psicológico Nacional de Los Angeles publicou um livro com o título marcante *Thirty Years Among the Dead*, de Carl A. Wickland. Não se tratava, como se poderia supor, das memórias de um funcionário de uma morgue, mas sim do relato feito por um respeitável doutor em medicina sobre a sua investigação psicológica do Espiritismo. Inevitavelmente, despertou um grande desdém no seio da fraternidade médica, sendo um resultado afortunado o facto de as primeiras edições ainda serem bastante fáceis de encontrar nas secções de «ocultismo» de livrarias de em segunda mão.

Contudo, isto mal faz justiça a uma obra que se revela, após um exame mais atento, um relato sóbrio e fatual da teoria do Dr. Wickland de que uma grande parte das doenças mentais é causada por «possessão espiritual».

Wickland, nascido em Leiden (Suécia) em 1861, tinha emigrado para Chicago, onde obteve o seu diploma em medicina; tornou-se membro da Associação Nacional para o Avanço da Ciência e conselheiro médico da delegação de Los Angeles do Instituto Psicológico Nacional. Parece provável que tenha decidido queimar as suas pontes e publicar o seu livro porque, aos sessenta e três anos, estava de qualquer forma à beira da reforma, e o ridículo não faria qualquer diferença.

O ridículo era inevitável. Doze anos antes de Wickland ter nascido, em 1849, o movimento chamado Espiritualismo tinha sido lançado no Corinthian Hall em Rochester, Nova Iorque, e, em poucos anos, a nova «religião» tinha varrido o mundo cristão. Tudo tinha começado dois anos antes na pequena cidade de Hydesville, onde ruídos estranhos de pancadas e batidas tinham mantido a família Fox acordada a noite toda. A Sra. Fox perguntou ao batedor invisível se era um espírito e, se assim fosse, que

desse duas batidas; foi respondida por dois estrondos estrondosos. Mais tarde, «comunicações» num código de batidas pareceram estabelecer que o batedor era o fantasma de um mascate que tinha sido assassinado por um inquilino anterior e enterrado na cave.

(O inquilino anterior negou-o indignado, mas mais de meio século depois, ossos humanos foram desenterrados na cave, atrás de uma parede improvisada.) As batidas e os estrondos transformaram-se em fenómenos típicos de *poltergeist*, que seguiam as duas irmãs adolescentes, Kate e Margaretta, mesmo quando estavam separadas. Na casa dos Fox, ruídos de gemidos de erguer os cabelos e sons como os de um corpo a ser arrastado pelo chão fizeram com que o cabelo de James Fox ficasse branco. Eventualmente, um «espírito» soletrou uma mensagem no sentido de que «esta verdade» deveria ser proclamada ao mundo, o que levou ao lançamento do movimento Espiritualista em novembro de 1849.

De repente, centenas de «médiuns» descobriram que podiam comunicar com espíritos; alguns «médiuns físicos» conseguiam até fazê-los «materializarem-se». Os cientistas ficaram furiosos e denunciaram o movimento como um renascimento da superstição medieval; mesmo a fundação da Society for Psychical Research em Londres, em 1882 – por cientistas, filósofos e estadistas de mentalidade séria –, falhou em dotar o Espiritualismo de um ar de respeitabilidade.

Assim, mesmo tão tarde quanto 1924, Wickland estava a convidar ao ridículo com um título como *Thirty Years Among the Dead*. No entanto, os capítulos de abertura do livro tornam logo claro que o seu interesse brotava da curiosidade médica e era o de um homem da medicina, em vez do de um «crente». Tudo começou, explicou ele, com uma paciente a quem chama Sra. Bl –, que começou a praticar a escrita automática e que depressa começou a ter acessos de perturbação nos quais usava linguagem vil e alegava ser uma atriz; teve de ser internada num asilo. Outra mulher, «uma artista e senhora de refinamento», ficou convencida de que era uma alma danada e ajoelhou-se na lama a rezar a plenos pulmões. Uma outra mulher, que possuía uma loja de chapelaria, posou na sua montra em trajes de noite, declarando que era Napoleão, e teve de ser removida pela polícia.

Nesta altura (em meados da década de 1890), acreditava-se geralmente que a doença mental podia ser explicada em termos puramente físicos; muitos médicos-chefes em manicómios eram nomeados porque

tinham um conhecimento prático da anatomia do cérebro. O próprio Freud foi um dos primeiros convertidos a esta teoria (conhecida como organicismo), sendo o seu professor, o Dr. Theodore Meynert, um dos seus principais defensores. (Meynert mais tarde virou as costas a Freud quando este regressou de Paris defendendo uma nova explicação «psicológica» da neurose baseada na ideia da mente inconsciente.) Na América, a teoria favorita para a doença mental era a de que esta se devia a venenos no sistema resultantes de causas como amígdalas infetadas ou dentes podres. Mas Wickland ficou intrigado com o caso de um jovem chamado Frank James que, após uma queda de mota aos dez anos de idade, mudou de um rapaz afetuoso e obediente para um delinquente juvenil que passou muitos períodos em reformatórios e prisões. Declarado irremediavelmente insano, James conseguiu escapar do asilo criminal e, durante a sua captura, foi atingido na cabeça com um cacete. Ao acordar, tinha revertido mais uma vez à sua personalidade anterior – gentil e bem-disposto.

Isto convenceu Wickland da inadequação da teoria da «toxemia». E, enquanto ainda era estudante de medicina, o seu casamento com uma mulher que se revelou ser uma excelente «médium» cedo lhe forneceu provas de uma teoria alternativa. Um dia, Wickland estava a dissecar uma perna na faculdade de medicina e, ao regressar a casa, ficou alarmado quando a sua esposa, Anna, pareceu estar prestes a desmaiar. Ele colocou a mão no ombro dela e ficou sobressaltado quando ela se empertigou e disse, num tom ameaçador: «O que quer dizer com cortar-me?». Após algumas perguntas, tornou-se claro que ele estava a falar com o espírito do proprietário da perna que estivera a dissecar. Wickland guiou Anna para uma cadeira, e o espírito objetou que ele não tinha o direito de tocar «nele».

Quando Wickland respondeu que estava a tocar na sua esposa, este retorquiu: «Do que está a falar? Não sou nenhuma mulher – sou um homem». Eventualmente, Wickland argumentou com o espírito até o fazer reconhecer que estava morto e que dissecar o seu antigo corpo não lhe faria mal. Quando este pediu um bocado de tabaco para mastigar ou um cachimbo, Wickland teve de explicar que a sua esposa não fumava. (No dia seguinte, ele observou que os dentes do cadáver estavam fortemente manchados de tabaco.) Explicações mais detalhadas convenceram finalmente o homem de que estava morto, e ele partiu.

Isto mostrou a Wickland que um «fantasma» pode acreditar que ainda está vivo, particularmente se a morte tiver surgido inesperadamente. Ele também se deparou com um caso que parecia demonstrar que os espíritos não precisavam de se manifestar através de um «médium». Quando estava sozinho um dia, a dissecar um cadáver feminino, pensou ter ouvido uma voz distante gritar: «Não me assassine!». Um jornal no chão fez um ruído de farfalhar, como se estivesse a ser esmagado. Alguns dias mais tarde, numa sessão espírita, um espírito que deu o seu nome como Minnie Morgan alegou que tinha sido ela quem gritara «Não me assassine!» e esmagara o jornal. Minnie também teve de ser convencida de que já não estava viva.

Nas sessões espíritas, entidades que falavam através da sua esposa explicaram mais tarde a Wickland que tais «espíritos sem abrigo» – aqueles que não têm consciência de que estão mortos – são atraídos pelo calor da «aura humana» – uma espécie de esfera de energia que se supõe rodear o corpo humano – e, sob certas circunstâncias, podem fixar-se ao proprietário da esfera como uma espécie de parasita mental. Efetivamente, tais espíritos encontram-se num estado de sono, no qual os sonhos e a realidade se confundem, e, tal como no sono, o sonhador não tem consciência de que está a sonhar.

Num caso – de uma mulher música que sofrera um esgotamento nervoso –, a mulher falava numa «gíria selvagem» de inglês e espanhol (uma língua que ela desconhecia). Eventualmente, Wickland conseguiu apurar que ela estava possuída por três espíritos: uma rapariga chamada Mary e dois amantes rivais. Um tinha assassinado Mary, e depois os dois homens tinham-se matado um ao outro numa luta; os três espíritos não sabiam que estavam mortos e tinham-se visto capazes de «possuir» a música, que estava psiquicamente enfraquecida. (A experiência de Wickland era a de que as pessoas que estão insanas ou à beira de um esgotamento nervoso estão vulneráveis a estes parasitas psíquicos.) Antes de a mulher ser finalmente curada, outro espírito – o de uma menina que tinha sido morta no sismo de São Francisco – foi «removido» dela (através de um tratamento de choque ligeiro que envolvia eletricidade estática gerada por uma máquina de Wimshurst, que Wickland considerava altamente eficaz para «desalojar» estes visitantes não convidados).

O livro de Wickland contém tantos casos nas suas cerca de 460 páginas que é impossível resumir. Mas um caso típico ilustrará a razão pela qual ele estava tão convencido de que estava a lidar com espíritos reais e não com alguma forma estranha de histeria por parte da sua esposa. Em 1904, numa sessão espírita em Chicago, a Sra. Wickland começou a agarrar a garganta e a gritar: «Tirem a corda. Estou às escuras!». Quando o «espírito» foi acalmado ao ponto de falar normalmente, declarou que era uma rapariga de dezasseis anos chamada Minnie Harmening, que se tinha suicidado por enforcamento num subúrbio de Chicago chamado Palatine (Wickland ouviu mal e percebeu Palestine). Ela tinha, disse, encontrado o espírito de um homem grande com uma barba preta no celeiro, e ele tinha-a «hipnotizado» e feito com que se enforcasse.

Wickland e a sua esposa estavam de visita a Chicago nessa altura e não tinham ouvido falar daquilo que ficara conhecido como o suicídio de Harmening, que tinha ocorrido seis semanas antes. O suicídio da rapariga tinha deixado a sua família intrigada porque tinha sido sem causa aparente (embora, acrescenta Wickland, «a rapariga sempre tivesse sido peculiar», sugerindo que seria mentalmente deficiente). Além disso, havia algumas circunstâncias suspeitas – as roupas em redor do pescoço estavam rasgadas e havia arranhões na sua garganta. O suicídio tinha ocorrido – tal como a rapariga dissera – em Palatine, no Condado de Cook, Illinois.

O espírito apareceu novamente na sessão espírita seguinte e, em resposta a perguntas, explicou que assim que tinha afastado o caixote com o pé, «voltou a si» e unhou as suas roupas, rasgando-as enquanto tentava afrouxar a corda. Wickland cita muitos casos deste género nos quais foi capaz de corroborar as provas dos «espíritos». Mas o que é obviamente de maior interesse neste caso é que a rapariga alegou ter sido «hipnotizada» (ela pode querer dizer simplesmente fortemente influenciada) por um espírito de barba preta e induzida a matar-se. Ou seja, ela tinha sido, na verdade, «possuída» pelo espírito de barba preta.

Infelizmente, Wickland não se preocupava geralmente com o tipo de corroboração que fornece neste caso, com o resultado de o seu livro ser raramente mencionado pelos modernos investigadores científicos do paranormal. (A própria desculpa de Wickland é a de que os espíritos estavam habitualmente num tal estado de confusão que não conseguiam dar nomes e datas precisas.) O que ele poderia ter feito é ilustrado pelo seu

amigo F. Lee Howard, um ministro congregacional, que assistiu a uma sessão na qual os Wickland tentavam tratar a filha de um dos amigos de Howard.

Howard questionou um «espírito possuidor», que se declarou ser o de uma vítima de suicídio, e obteve o nome e a data. Uma verificação nos registos do médico-legista confirmou que tal pessoa se tinha suicidado na data indicada. Noutro caso, um leitor do livro de Wickland escreveu para dizer que os detalhes dados por um dos espíritos o convenceram de que se tratava do primo do seu pai.

Outra objeção levantada pelos investigadores modernos é a de que Wickland é frequentemente ingénuo e que está inclinado a confundir a doença mental com «possessão espiritual». Por exemplo, o caso de Frank James, o rapaz que se tornou um delinquente juvenil após uma queda de mota, seria hoje em dia explicado em termos da ciência da «fisiologia do cérebro dividido». Esta baseia-se no reconhecimento de que quando o corpo caloso, o nó de nervos que une os dois hemisférios cerebrais do cérebro, é cortado – como por vezes acontece para curar a epilepsia –, o paciente transforma-se em duas pessoas diferentes, cada uma das quais reside num hemisfério separado do cérebro. (Ver também o capítulo 25.)

O «eu quotidiano» normal, a pessoa em quem se pensa como «eu», vive no hemisfério esquerdo e é basicamente uma pessoa lógica e prática, aquela que lida com as tarefas diárias. A pessoa que vive no direito é um estranho e parece ser inteiramente mais intuitiva e instintiva; parece mais preocupada com o que se passa dentro de nós. Poder-se-ia dizer que o eu do cérebro esquerdo é objetivo, o do cérebro direito subjetivo; um é, na verdade, um cientista e o outro um artista. A maioria de nós não tem consciência deste «outro» eu (do cérebro direito), mesmo estando ligado a ele pelo corpo caloso. Em pacientes com cérebro dividido, o «outro eu» pode ser estudado direcionando estímulos para o olho esquerdo (na verdade, o campo visual esquerdo) ou para o lado esquerdo do corpo; por alguma razão estranha, o lado esquerdo do corpo está ligado ao cérebro direito, e vice-versa.

Num caso bem conhecido da década de 1870, um jovem francês chamado Louis Vivé foi mordido por uma víbora e ficou com ambas as pernas paralisadas durante três anos; durante este tempo, ele era calmo e bem-comportado. Um dia teve um ataque «histero-epilético», seguido de

um sono de quinze horas; quando acordou, o jovem bem-comportado tinha dado lugar a um delinquente violento, agressivo e desonesto. Mas, ao contrário de Frank James, as duas personalidades de Vivé continuaram a alternar. Este novo eu «criminoso» tinha um defeito de fala e estava paralisado do lado direito do corpo. Após ser condenado por roubo, Vivé foi enviado para um asilo em Rochefort, onde dois médicos se interessaram pelo seu caso. Nesta altura, havia um interesse considerável na influência de ímanes e de vários metais em maleitas físicas como a paralisia, e os médicos tentaram afagar o seu lado direito com aço. Isto teve o efeito de transferir a paralisia para o lado esquerdo e de restituir o paciente à sua personalidade calma e bem-comportada anterior. Todas as suas memórias do período «criminoso» desapareceram, e ele conseguia recordar-se apenas do seu «próprio» eu anterior – embora o seu «outro eu» pudesse ser trazido de volta através da hipnose.

Aqui parece claro que o Vivé «criminoso» era uma condição associada ao seu cérebro direito – daí o distúrbio de fala. (A fala é controlada pelo lado esquerdo do cérebro). Outro caso bem conhecido de «dupla personalidade», o de Clara Fowler (descrito pelo Dr. Morton Prince no seu livro *Dissociation of a Personality* – Prince chama-lhe Christine Beauchamp) parece ilustrar o mesmo ponto. Um velho amigo do pai de Clara fez-lhe uma proposta sexual que a perturbou de tal forma que ela começou a sofrer de depressão e exaustão nervosa. Quando Prince a colocou sob hipnose, emergiu outra personalidade, uma criança travessa que se autodenominava Sally. A partir daí, Sally «assumia» frequentemente o corpo e pregava partidas, tais como dar um longo passeio no campo e, depois, desocupar o corpo, deixando Clara a caminhar a pé para casa. Tipicamente, Sally tinha uma gaguez acentuada, sugerindo que, tal como o *alter ego* de Vivé, estava associada ao cérebro direito. (Tem sido notado que as pessoas esquerdas que foram forçadas a aprender a escrever com a mão direita desenvolvem frequentemente gaguez.)

Mas embora seja tentador explicar os casos de Wickland em termos de «perturbação de personalidade múltipla» e da fisiologia do cérebro dividido, isso revela-se na prática uma empresa impossível; podemos ver que, no caso do suicídio de Minnie Harmening, nenhuma dose de fisiologia do cérebro dividido consegue explicar como é que a Sra. Wickland foi capaz de descrever um caso do qual não tinha conhecimento.

Na verdade, as descobertas de Wickland tinham sido antecipadas por meio século. En 1855, um educador francês chamado Léon Denizard Hyppolyte Rivail foi apresentado a uma sonâmbula – uma pessoa que «canalizava» comunicações em transe quando hipnotizada – chamada Celina Bequet, através da qual se alegava que falava o espírito do famoso hipnotizador Franz Mesmer. Aceitando sem questionar que estava em contato com os espíritos dos mortos – uma suposição razoável dadas as circunstâncias –, Rivail fez centenas de perguntas sobre a vida após a morte e publicou o resultado numa obra influente intitulada *O Livro dos Espíritos*. (Ele usou o pseudónimo Allan Kardec, sugerido-lhe pelos «espíritos».)

De acordo com *O Livro dos Espíritos*, o homem consiste em corpo, «aura», alma inteligente e alma espiritual. O objetivo da vida humana, de acordo com os espíritos, é a evolução, e esta acontece através da reencarnação – o renascimento em novos corpos. As pessoas que morrem subitamente, ou que não estão preparadas para a morte em razão de vidas desperdiçadas, muitas vezes não têm consciência de que estão mortas e tornam-se andarilhos sem abrigo na terra, atraídos por seres humanos com afinidade mental, e partilhando as suas vidas e experiências. Elas são capazes, até certo ponto, de influenciar estas pessoas com afinidade de pensamento e de as fazer cumprir a sua vontade através da sugestão. Alguns «espíritos inferiores» são movidos por malícia; outros são meramente travessos e podem usar energia extraída dos seres humanos para causar perturbações físicas – estes são conhecidos como *poltergeists*. Quando Kardec perguntou: «Influenciam os espíritos os nossos pensamentos e as nossas ações?», a resposta foi: «A sua influência sobre [os seres humanos] é maior do que suponde, pois muito frequentemente são eles que dirigem uns e outras».

Perguntado sobre a possessão, o «espírito» explicou que um espírito não pode na verdade assumir o corpo de outra pessoa, dado que este pertence ao seu proprietário; mas um espírito pode assimilar-se a uma pessoa que tenha os mesmos defeitos e qualidades que ele próprio e pode dominar essa pessoa. Em suma, tais espíritos poderiam ser descritos como «parasitas da mente».

De acordo com Wickland, um dos homicídios mais famosos do início do século vinte deveu-se à «influência de espíritos». Na noite de 25 de junho de 1906, um jovem libertino abastado chamado Harry Thaw sentou-

se ao lado da sua esposa no telhado do Madison Square Garden, a assistir a uma nova revista. Antes do seu casamento, a Sra. Thaw tinha sido Evelyn Nesbit, uma bela modelo e corista, a quem Thaw tinha convencido a acompanhá-lo à Europa. Thaw era viciado em flagelação e, numa ocasião, açoitou Evelyn de forma tão severa que ela ficou acamada durante duas semanas.

Quando ela lhe confessou que tinha sido seduzida aos quinze anos de idade por Stanford White, o arquiteto do Madison Square Garden, Thaw tinha ficado quase louco de ciúmes. Na noite de 25 de junho, enquanto saíam do espetáculo no telhado, Thaw viu White sentado sozinho a uma mesa, caminhou até ele e disparou três vezes contra ele com uma pistola.

No julgamento de Thaw por homicídio, Evelyn deu detalhes escabrosos da sua sedução pelo arquiteto (que era mais de trinta anos mais velho do que ela), descrevendo como ele lhe tinha tirado a virgindade após a embebedar com champanhe. («Quando voltei a mim, vi-me na cama, nua à exceção de uma abreviada peça de roupa interior cor-de-rosa».)[21] O júri não conseguiu chegar a acordo. No segundo julgamento, Thaw foi considerado inocente por motivos de insanidade e confinado a um asilo, do qual escapou em 1913; mais tarde nesse ano, um júri considerou-o são e autorizou a sua libertação.

Três semanas após o homicídio, a 15 de julho de 1906, a Sra. Wickland caiu ao chão no decorrer de uma sessão espírita e, quando foi movida para uma cadeira, gritou com uma voz brusca: «Empregado, traga-me uma bebida!». Perguntada onde pensava que estava, respondeu: «No Madison Square Roof Garden, claro». Depois começou a tremer, explicando que conseguia ver «pessoas mortas», e correu pela sala. Assim que este espírito cessou de «possuir» a Sra. Wickland, outro espírito assumiu o controlo, exultando: «Matei o cão!».

Mas este não era Harry Thaw; em resposta a perguntas, o espírito disse que o seu nome era Johnson e que tinha feito com que Thaw disparasse contra Stanford White porque «ele tinha brincado demasiado tempo com as nossas filhas». (Na verdade, White era um famoso sedutor de coristas, mantendo um apartamento especial para esse propósito; mas, por outro lado, Thaw partilhava do seu gosto.) A seguir, apareceu um espírito que afirmava ser o pai de Thaw, implorando às pessoas presentes para «salvarem o meu rapaz». (O velho Thaw já tinha morrido há alguns anos, e

a mãe de Thaw era excessivamente indulgente.) Ele continuou, explicando que Thaw tinha sido obsediado por «espíritos vingativos» quando matou White e que o seu filho era um «sensitivo psíquico».

Não há nada nos dois livros sobre o caso, nem no livro de Evelyn Nesbit, *The Untold Story*, que sugira que Thaw pudesse ser psíquico. Mas o livro de Evelyn torna claro que Thaw era mentalmente pouco mais do que uma criança. Um relato afirma: «Tivesse Thaw sido um homem pobre, provavelmente estaria num asilo». No seu julgamento, foram apresentadas provas de insanidade na sua família – na verdade, o seu irmão mais velho, Horace, tinha morrido num asilo. Os relatos de Evelyn Nesbit sobre as suas violentas birras – por exemplo, se um empregado ousasse tentar sacudir as migalhas da toalha de mesa, ele puxava a toalha abruptamente, arremessando os pratos ao chão – tornam claro que ele era mentalmente perturbado.

(As birras desapareciam com igual rapidez, e o rosto de Thaw desfazia-se num sorriso charmoso e radiante.) Embora isto não apoie o argumento de «obsessão» por espíritos vingativos, apoia a afirmação de Wickland de que Thaw era o tipo de pessoa cuja mente estava aberta à invasão porque ele «não regulava bem».

Há uma pequena prova que sugere que o «espírito» do pai de Thaw era o que afirmava ser. Ele implorou a Wickland: «Escreva à minha esposa e ao meu advogado, o Sr. Olcott», e, na verdade, o Juiz Olcott era o advogado de Thaw, um facto que era desconhecido para os Wickland.

O estudo clássico da «possessão», *Possession, Demoniacal and Other* (1921), é da autoria de um professor de Tübingen, T. K. Oesterreich. Oesterreich descarta totalmente a explicação «espiritual», insistindo que a possessão é sempre um caso de histeria ou de doença mental. Ele nem sequer aceita a hipótese de personalidade múltipla, já que não consegue acreditar que a personalidade humana se possa «dividir». Uma das suas provas mais impressionantes para a teoria da histeria é um longo relato do famoso caso de «Achille», descrito pelo psiquiatra Pierre Janet. Achille, um homem de negócios moderadamente bem-sucedido, provinha de um meio camponês e casou-se cedo. No inverno de 1890, quando tinha trinta e três anos, Achille regressou de uma viagem de negócios numa condição deprimida e, depois, ficou subitamente mudo.

Um dia mandou chamar a esposa e o filho, abraçou-os desesperadamente e, em seguida, entrou num estado catalético durante dois dias. Quando acordou, sofria de delírios; parecia pensar que estava no Inferno e que os demónios o estavam a queimar e a cortá-lo em pedaços. O quarto, dizia ele, estava cheio de diabretes, e ele estava possuído por um demónio. Após uma série de tentativas de suicídio, foi enviado para o Hospital da Salpêtrière em Paris, sob os cuidados do famoso médico Charcot. Este último colocou Janet encarregue do caso.

Janet observou com interesse como Achille exibia todos os sinais de possessão demoníaca, tal como descritos na Idade Média: com uma voz profunda, amaldiçoava a Deus, e depois, com uma voz estridente, protestava que o Diabo o tinha forçado a fazê-lo.

Ao início, todos os esforços de Janet para comunicar foram um fracasso; Achille recusava-se a ouvi-lo e resistia a todas as tentativas do médico para o hipnotizar. Janet viu a solução quando observou que Achille era extremamente distraído – comparou-o a alguém que procura um guarda-chuva que tem na mão. Enquanto Achille delirava, Janet colocou-lhe discretamente um lápis na mão e, depois, tentou ordenar-lhe, num sussurro, que fizesse movimentos de escrita. O lápis escreveu: «Não quero». «Quem és tu?», perguntou Janet, e o lápis escreveu: «O Diabo». «Não acreditarei em ti», respondeu Janet, «a menos que me possas dar uma prova. Consegues fazer com que o Achille levante o braço esquerdo sem que ele se dê conta?». «Claro», veio a resposta – e Achille levantou o braço.

«Porque estás a fazer isso?», perguntou Janet a Achille na sua voz normal, e Achille olhou para o seu braço levantado com espanto.

O demónio continuou a demonstrar os seus poderes fazendo Achille dançar, deitar a língua de fora e beijar um pedaço de papel. Finalmente, Janet perguntou-lhe se conseguia colocar Achille num sono profundo. Momentos depois, Achille estava em transe. Agora Janet era capaz de o questionar sobre a causa da sua doença. Cedo soube que Achille tinha sido infiel à sua esposa enquanto estivera fora na sua viagem de negócios e que uma culpa profunda e intensa tinha causado a depressão e os outros sintomas. Agora que era capaz de induzir alucinações, Janet fez Achille acreditar que a sua esposa estava na sala e o tinha perdoado pela sua infidelidade. (Não fica inteiramente claro pelo relato de Janet se a esposa

chegou a ir ao hospital.) Depois disto, os problemas psicológicos de Achille cedo se dissiparam.

Este é certamente um caso notável. No entanto, como refutação da teoria «espiritual», está obviamente aberto a uma objeção séria. De acordo com Wickland, as pessoas que sofrem de traumas nervosos ou de estados de culpa e miséria intensas têm maior probabilidade de se tornarem «obsediadas» por espíritos do que as pessoas saudáveis normais. Wickland apontaria que Achille pode ter estado genuinamente «obsediado» por um espírito travesso e que, assim que Janet o fez sentir que estava perdoado, o espírito foi «expulso».

Na sua introdução a *Possession* de Oesterreich, Anita Gregory, uma investigadora do paranormal, tece algumas palavras duras sobre Wickland e o seu *Thirty Years Among the Dead*. Ela aponta que há uma mesmice básica em todos os seus casos – ele tem sempre de convencer um espírito de que este está morto – e o seu relato de como os espíritos de Madame Blavatsky e de Mary Baker Eddy expressaram contrição pelas suas falsas doutrinas é quase risível. Aponta também que o racionalismo de Oesterreich é frequentemente rude e pouco convincente e que ele lida com as subtilezas ignorando-as.

Talvez o exemplo mais óbvio do fracasso de Oesterreich em deixar que os factos falem por si mesmos esteja no seu relato de um dos mais famosos de todos os casos de «possessão», o do «prodígio de Watseka», uma rapariga chamada Lurancy Vennum. Em julho de 1877, Lurancy, de treze anos de idade, de Watseka, Illinois, teve um ataque, após o qual se tornou propensa a transes. Nestes transes ela tornava-se uma médium, e uma série de personalidades desagradáveis manifestavam-se através dela. A 11 de fevereiro de 1878, colocada sob hipnose por um médico local, Lurancy afirmou que estava na sala um espírito chamado Mary Roff, e uma Sra. Roff que também estava presente exclamou: «É a minha filha». Mary tinha morrido doze anos antes, com a idade de dezoito anos. Lurancy afirmou então que Mary ia ter permissão para assumir o seu corpo durante os três meses seguintes.

No dia seguinte, Lurancy afirmou ser Mary Roff. Pediu para ser levada de volta para a casa dos Roff e, a caminho de lá, reconheceu a casa anterior deles, na qual tinham vivido enquanto ela era viva e que era desconhecida para Lurancy. Também reconheceu a irmã de Mary Roff, que

estava à janela. E durante as semanas seguintes, «Mary» mostrou um conhecimento preciso e detalhado da casa dos Roff e do passado de Mary, reconhecendo velhos conhecidos e brinquedos e recordando incidentes há muito esquecidos. A 21 de maio, o dia em que tinha declarado que tinha de partir, despediu-se em lágrimas da sua família e, a caminho de casa, «tornou-se» Lurancy novamente. O caso foi investigado por Richard Hodgson, um dos membros mais céticos da Society for Psychical Research, que ficou convencido da sua autenticidade.

Os leitores do relato de Hodgson sobre o «prodígio de Watseka» acharão muito difícil encontrar falhas; Mary forneceu uma prova tão detalhada do seu conhecimento dos seus primeiros anos e do ambiente familiar – reconhecendo sem hesitação qualquer pessoa que Mary tivesse conhecido – que a noção de logro ou delírio se torna insustentável; é talvez o caso isolado mais convincente de «possessão» na história da investigação psíquica. Mas Oesterreich limita-se a citar o resumo do caso feito por William James (de *The Principles of Psychology*), não fazendo qualquer tentativa para o analisar e passando rapidamente para outros assuntos – apesar de o próprio James ter falado da «plausibilidade da interpretação espiritualista do fenómeno».

E Anita Gregory conclui a sua introdução admitindo que é incapaz de declarar que todas as pessoas no livro de Oesterreich são fraudes, ingénuos, lunáticos e psicopatas, terminando com as palavras: «Por isso concluirei . . . que os fenómenos descritos por Oesterreich necessitam grandemente de uma explicação».

A *pièce de résistance* de Oesterreich é um longo relato do famoso caso dos «demónios de Loudun», que, em 1952, foi tema de um estudo integral por parte de Aldous Huxley. Em 1633, Urbain Grandier, o pároco da pequena cidade francesa de Loudun, foi acusado de enfeitiçar as freiras num convento local e de fazer com que fossem possuídas por demónios, de modo que estas gritavam blasfémias e obscenidades e se contorciam no chão exibindo as suas partes íntimas. Grandier tinha-se tornado notório pelas suas imoralidades – tinha engravidado duas das suas penitentes e seduzido muitas outras – e tinha feito muitos inimigos. Os inquisidores alegaram encontrar «marcas do diabo» no seu corpo e, num julgamento que foi uma farsa de justiça, foi considerado culpado e condenado a ser queimado vivo. Mesmo sob tortura, e mais tarde na fogueira, Grandier

manteve a sua inocência. A sua morte não fez qualquer diferença, e as freiras continuaram a estar possuídas por «demónios» durante muitos anos.

Oesterreich, tal como Aldous Huxley, assume a perspetiva de que tudo isto poderia ser explicado simplesmente em termos de histeria, enquanto outra autoridade, Rossell Hope Robbins, vai ainda mais longe na sua *Encyclopedia of Witchcraft and Demonology* e atribui as manifestações a uma flagrante impostura. Mas uma leitura atenta do próprio livro de Huxley faz com que qualquer uma destas explicações pareça implausível. É fácil ver como freiras privadas de sexo se poderiam enganar a si mesmas, acreditando que estavam possuídas por demónios – a Madre Superiora do convento, a Irmã Jeanne des Anges, admite na sua autobiografia que não fez qualquer tentativa real para combater a possessão porque gostava dos desejos sexuais despertados nela pelos demónios.

Mas é muito mais difícil compreender o que aconteceu depois aos próprios exorcistas. O Irmão Lactance, que tinha supervisionado a tortura, ficou «possuído» e morreu insano no espaço de um mês; cinco anos mais tarde, o Irmão Tranquille morreu de exaustão após meses de luta contra os «invasores» do seu psiquismo, e ficou espantado ao testemunhar o seu corpo a contorcer-se no chão e a ouvir-se a proferir blasfémias que era impotente para impedir. O Irmão Lucas, outro dos perseguidores de Grandier, conheceu o mesmo destino. O «provador de bruxas», o Dr. Mannouri, também morreu em delírio. O Irmão Jean-Joseph Surin, um homem genuinamente santo, que foi chamado a Loudun para tentar exorcizar as freiras após a execução de Grandier, caiu ele próprio vítima dos «demónios» e ficou periodicamente insano durante vinte e cinco anos.

É difícil acreditar que a histeria comum pudesse produzir tais resultados. Surin descreveu numa carta como o «espírito alheio» estava unido ao seu, «constituindo um segundo eu, como se eu tivesse duas almas». Considerando estes factos, a cética Anita Gregory admite que «provavelmente não se tem justificação para assumir que . . . o pandemónio de Loudun [fosse] necessariamente nada mais do que um delírio coletivo». E tendo em mente o comentário de Kardec de que «um espírito não entra num corpo como vós entrais numa casa . . . ele assimila-se a um [indivíduo] que tenha os mesmos defeitos e as mesmas qualidades que ele próprio», a hipótese de que o «pandemónio» de Loudun tenha sido causado pelos

espíritos terrenos de Wickland parece, no geral, mais plausível do que a teoria da histeria religiosa.

É difícil traçar uma linha divisória clara entre «possessão» e manifestações de *poltergeist.* Os *poltergeists* são «fantasmas barulhentos» que fazem com que objetos voem pelo ar, e a observação científica de dezenas de casos estabeleceu a sua realidade para além de qualquer dúvida. A visão atual mais amplamente aceite é a de que são uma forma de «psicocinese espontânea» (a mente sobre a matéria) causada pela mente inconsciente de um adolescente emocionalmente perturbado, mas esta teoria falha em explicar como é que a mente inconsciente pode fazer com que objetos pesados voem pelo ar. (Em experiências laboratoriais, os «médiums» falharam até agora em mover qualquer objeto maior do que uma agulha de bússola.) De acordo com os «informadores» de Kardec, os *poltergeists* são espíritos terrenos que são capazes, sob certas condições, de extrair energia dos vivos e de fazer uso de energias negativas «emanadas» pelos emocionalmente perturbados e pelos sexualmente frustrados.

No caso de Amherst, de 1878, os fenómenos de *poltergeist* começaram a ocorrer na casa de uma rapariga solteira chamada Esther Cox, que vivia com a sua irmã e o marido desta, Daniel Teed. Após uma tentativa de rapto e violação, o namorado de Esther tinha abandonado apressadamente a região, e Esther ficou profundamente perturbada. Poucos dias depois, ruídos de farfalhar – semelhantes aos de um rato – vieram de uma caixa debaixo da sua cama; escassas noites após isso, na sequência de um ataque histérico, o corpo de Esther começou a inchar como um balão. Ouviram-se então dois estrondos fortes, e ela cessou de inchar e adormeceu.

Tudo isto se repetiu escassos dias mais tarde; as roupas da cama também voaram da cama, e a almofada inflou. Enquanto a família se encontrava em redor da cama, ouviu-se um ruído de arranhadela acima desta, e uma mão ou garra invisível traçou no estuque as palavras: *Esther, és minha para matar*. Numa fase posterior da manifestação, Esther transformou-se num íman humano – as facas colavam-se a ela – e alguns raios de ferro no seu regaço tornaram-se demasiado quentes para se lhes tocar. Quando deflagraram fogos espontâneos, Esther foi acusada de os causar e condenada a quatro meses de prisão. Na altura em que foi libertada, as manifestações tinham cessado.

Dez anos mais tarde, em 1889, uma quinta na província do Quebeque, gerida por um homem chamado George Dagg, tornou-se o cenário de manifestações de *poltergeist* igualmente bizarras: panelas de leite viradas, pequenos fogos iniciados, janelas despedaçadas e água vertida no chão. Neste caso, o «foco» (ou a pessoa que parecia estar a causá-lo) era uma jovem chamada Dinah McLean, uma órfã. O *poltergeist* atacava frequentemente Dinah, fazendo-a gritar; tal como Esther Cox, ela também parecia ser capaz de o ouvir, embora mais ninguém conseguisse. Mais tarde, este começou a falar com uma voz rouca, proferindo obscenidades violentas e alegando que era o Diabo. Mas após algum diálogo com George Dagg – durante o qual admitiu causar os fogos e atirar pedras –, declarou a sua vontade de partir no domingo seguinte. Multidões de vizinhos reuniram-se, e o *poltergeist* falava livremente, parecendo ter um conhecimento íntimo das suas vidas. (O *poltergeist* dos Fox também tinha sido capaz de fornecer todo o tipo de informações pessoais aos vizinhos.)

Ele alegou também que não era o «Diabo» do dia anterior, mas sim um anjo enviado por Deus; porém, passou a contradizer-se e, depois, perdeu a paciência e usou linguagem obscena. Finalmente, declarou que partiria na manhã seguinte após se despedir das crianças da aldeia. Na manhã seguinte, as crianças correram do quintal para dizer que tinham acabado de ver um homem bonito vestido de branco, que tinha pegado em duas delas – Mary e Johnny – nos seus braços e declarado que Johnny era um belo rapazinho, tendo-as depois pousado e ascendido ao céu. Após isto, as manifestações cessaram.

Em ambos os casos, o *poltergeist* mascarou-se como uma espécie de entidade demoníaca, mas não era claramente nada desse género – uma observação que parece sugerir que os *poltergeists*, tal como os demónios de Loudun, são provavelmente também «espíritos terrenos».

Outro investigador que passou a acreditar que a «possessão» se devia a espíritos foi Max Freedom Long, um professor americano que chegou ao Havai em 1917, com a idade de vinte e sete anos, e começou a fazer um estudo dos seus «magos» nativos, os kahunas ou «guardiões do segredo» – os últimos representantes da antiga religião Huna. De acordo com a crença Huna, descobriu Long, o homem tem três «eus»: o «eu inferior», o «eu intermédio» e o «eu superior». O eu inferior é basicamente emocional e corresponde a traços largos ao inconsciente de Freud. O eu intermédio é a

nossa consciência comum do dia a dia. O eu superior poderia ser chamado de mente superconsciente e consegue prever o futuro. Após a morte, os três eus podem separar-se, e é o eu inferior que por vezes se torna um *poltergeist*, e o eu intermédio pode tornar-se um «fantasma».

No seu livro que descreve estas investigações – com o título desanimador de *The Secret Science Behind Miracles* –, Long discute também o fenómeno da personalidade múltipla e expressa a perspetiva de que este se deve frequentemente a «possessão», seja por um eu inferior, por um eu intermédio ou por uma combinação dos dois. Ele descreve o caso de uma rapariga da Califórnia com uma personalidade secundária que assumia o corpo durante anos de cada vez. Quando os médicos tentaram amalgamar as duas sob hipnose, surgiu uma terceira personalidade, que lhes disse que a rapariga deveria ser deixada como estava, com dois espíritos a partilharem o corpo. Esta terceira personalidade avisou que, se eles persistissem, ela retirar-se-ia e deixá-los-ia com um cadáver; Long acreditava que esta terceira pessoa era o «eu superior» da rapariga.

Mais dois eminentes investigadores americanos passaram a aceitar a possibilidade de «possessão». O filósofo William James foi convertido do seu ceticismo inicial para uma crença em «espíritos» através da mediunidade da Sra. Leonore Piper, cujo «guia», Phinuit, era capaz de lhe dizer todo o tipo de coisas que ele não poderia possivelmente ter sabido por meios normais. James viria a concordar que, se um médium podia ser «possuído» por um espírito, então era possível que outras pessoas o pudessem ser e que isto poderia explicar casos de «possessão demoníaca». O amigo íntimo de James, o Professor James Hyslop, era outro cético que foi «convertido» pela Sra. Piper. Mas ele tinha uma razão mais prática para ficar convencido da realidade da «possessão». Quando Hyslop era presidente da American Society for Psychical Research em 1907, recebeu a visita de um ourives chamado Frederick Thompson, que acreditava ter ficado «possuído» pelo espírito de um pintor chamado Robert Swain Gifford, que ele tinha conhecido em algumas ocasiões. Após a morte de Gifford, Thompson tinha começado a ouvir a voz de Gifford a incitá-lo a desenhar e a pintar – algo que nunca fizera antes – e, embora não tivesse formação artística, Thompson começou a pintar ao estilo de Gifford. O que convenceu Hyslop foi o facto de Thompson pintar quadros exatos de locais que nunca tinha visto, mas que Gifford tinha visto. Alguns destes revelaram-se idênticos aos esboços finais de Gifford – que Thompson

nunca tinha visto – e, quando Hyslop visitou os pântanos e as regiões costeiras da Nova Inglaterra, reconheceu-os como o tema desses esboços.

Hyslop consultou um neurologista, o Dr. Titus Bull, a respeito de Thompson. E o próprio Bull passou a concluir que muitos casos de doença mental envolviam realmente «possessão». Num caso, o paciente, que sofrera uma lesão na cabeça, alegava que tinha sido «assumido» pelo espírito de um pintor chamado Josef Selleny, que tinha sido amigo do Imperador Maximiliano e que o estava a «forçar» a pintar. (Wickland, como sabemos, acreditava que acidentes como lesões na cabeça podiam fornecer oportunidade para a invasão de «entidades» alheias.) Uma longa investigação realizada pela assistente de Bull, Helen Lambert, acabou por desvendar a existência de um verdadeiro Josef Selleny (as enciclopédias grafavam erradamente o seu primeiro nome como Joseph, mas o paciente grafava-o corretamente), que tinha sido, de facto, amigo do Imperador Maximiliano. Uma médium que trabalhava com o Dr. Bull foi capaz de revelar que o paciente estava a ser possuído por várias «entidades», uma das quais se apoderou do corpo dela e agarrou Bull pela garganta. Eventualmente, as várias entidades foram desalojadas ou persuadidas a ir embora. O relato da Sra. Lambert, mais tarde publicado no seu livro *A General Survey of Psychic Phenomena*, soa notavelmente como muitos casos descritos por Carl Wickland. Os poucos casos disponíveis tornam claro que o nome de Bull merece um lugar distinto nos anais da investigação psíquica; infelizmente, a maioria dos seus registos perdeu-se.

Claramente, visões como as de William James e de Titus Bull não encontrarão aceitação junto da maioria dos médicos e cientistas. No entanto, em anos recentes, a crença na «possessão» como causa de alguma doença mental recebeu apoio de dois eminentes psiquiatras, Adam Crabtree e Ralph Allison. No seu livro *Multiple Man* (1986), Crabtree afirma que passou a aceitar, meramente como uma hipótese de trabalho conveniente, a noção de que certas personalidades múltiplas estão «possuídas» por espíritos, convidando-nos a acreditar que está à espera que alguém sugira uma teoria psicológica alternativa que cubra todos os factos. Mas os casos que ele descreve tornam virtualmente impossível imaginar tal hipótese.

A primeira experiência de Crabtree com a «possessão» envolveu uma jovem paciente chamada Sarah Worthington, que se encontrava numa condição de depressão suicida. Num estado de semitranse, Sarah falava

com uma voz completamente diferente, que soava como a de uma mulher mais velha habituada a exercer autoridade. Esta «voz» identificou-se como sendo a avó de Sarah e explicou que queria «ajudar Sarah». Começou a emergir que a avó também tinha um problema: muitos anos antes, tinha deixado o seu filho de sete anos sozinho em casa e, depois, correra de volta quando soube que a vizinhança estava a arder. O seu filho tinha sido, na verdade, removido para um local seguro pelos vizinhos, mas ela tinha passado uma hora traumática à sua procura. Mais tarde, a sua indiferença para com a filha, a mãe de Sarah (ela preferia grandemente o filho), tinha criado problemas psicológicos, que tinham sido herdados por Sarah. Agora a avó acreditava que estava a tentar ajudar Sarah, que sempre se sentira rejeitada; na verdade, a sua presença estava a perturbar a rapariga, que estava intuitivamente consciente de ter sido «invadida». O caso soa estranhamente semelhante a muitos descritos por Carl Wickland. Mas, neste caso, foi desnecessário persuadir o «espírito» a ir embora; quando Sarah se apercebeu de que a obscura presença interior que sentia era a sua avó, passou a aceitá-la, e todos os seus impulsos suicidas desapareceram.

Noutro caso, uma rapariga chamada Susan estava convencida de que estava «possuída» pelo seu falecido pai, que tinha sido morto num acidente de automóvel. Ele sempre fora sexualmente obcecado por ela, esgueirando-se para o seu quarto quando ela estava a dormir para lhe acariciar as partes genitais; o conhecimento inconsciente que ela tinha do que se passava fazia com que o desprezasse. Mas a estreita afinidade entre eles fez com que, quando ele morreu, encontrasse refúgio no corpo da filha, sem consciência de que estava morto. Quando Crabtree foi capaz de o persuadir a deixá-la, os problemas dela desapareceram.

Mas do ponto de vista da «possessão demoníaca», talvez o caso mais interessante no livro de Crabtree seja o de um professor de história a quem ele chama Art. Prestes a casar-se pela segunda vez, Art experienciava estranhos sentimentos de relutância, como se estivesse «sob grande pressão de alguma força interior que não conseguia controlar». Uma voz interior censória criticava qualquer pessoa de quem ele gostasse. A própria teoria de Art era a de que algum aspeto negativo da sua personalidade tinha assimilado inconscientemente as atitudes críticas da sua mãe, Veronica, que vivia agora em Detroit. Quando Crabtree colocou Art num transe ligeiro, foi capaz de abrir um diálogo com a «mãe», e ela disse-lhe: «O Art é meu e

a vida dele é minha . . . Tenho de me certificar de que o Art sabe quão excêntricos são todos estes amigos dele».

A descrição que Art fazia da sua mãe revelava que ela era sexualmente obcecada pelo filho. Até ele estar no final da adolescência, ela chamava-o para a sua cama quando o marido saía para o trabalho e despertava-o para um estado de excitação sexual que se recusava a satisfazer. Curiosamente, a Veronica que «possuía» Art também tinha consciência de si mesma como a «Veronica que vivia em Detroit», e descrevia a vida do seu *alter ego* como monótona e sem interesse. Crabtree sugeriu que a vida poderia tornar-se mais interessante se ela passasse mais tempo com a «Veronica em Detroit», e a entidade concordou em tentar.

Quando a mãe de Art fez uma operação para remover um tumor cancerígeno, a entidade percebeu que a tinha estado a privar de vitalidade ao concentrar-se em Art e começou a passar menos tempo com Art. A vida da verdadeira Veronica sofreu agora uma transformação notável, e ela começou a conviver mais com as pessoas e a divertir-se. Art, surpreendentemente, descobriu que sentia falta da voz interior censória e reconheceu o quanto a tinha encorajado, usando-a como uma desculpa para não tomar as suas próprias decisões. À medida que enfrentou este facto, os seus problemas desapareceram.

Aqui podemos assumir ou que o próprio Art sofria de delírios – uma hipótese bastante razoável, dadas as circunstâncias – ou que, de alguma forma estranha, a sua mãe o estava a «possuir» à distância, apesar do facto de ainda estar viva. Isto, reconheça-se, soa implausível – até termos em conta a transformação da mãe após a sua operação. E se a mãe de Art estava, de algum modo, «em dois locais ao mesmo tempo», as implicações são de facto muito estranhas.

Pode uma pessoa «possuir» outra? Na obra clássica de Frederic Myers, *Phantasms of the Living*, há um relato interessante de uma rapariga que estava convencida de que um homem que mal conhecia estava a assumir o controlo dos seus sonhos e a tentar forçá-la a uma escravatura sexual (ver capítulo 60). Se isto é possível, e se existem «espíritos» desencarnados, então pareceria seguir-se que, sob certas circunstâncias, a «possessão» por um espírito é uma possibilidade.

Embora Crabtree afirme tratar a noção de «possessão» meramente como uma hipótese de trabalho, pode ver-se que a sua obra confere apoio às visões expressas por Wickland. Isto é ainda mais flagrante no caso do psiquiatra da Califórnia Ralph Allison, cujo *Minds in Many Pieces* (1980) é uma obra de relevo no campo da perturbação de personalidade múltipla (habitualmente abreviada para PPM). Allison exercia há quase uma década quando se deparou com o seu primeiro caso de PPM – uma mulher chamada Janette que tinha tentado matar o marido e os filhos.

Um colega informou Allison de que achava que Janette era um caso de PPM e, quando Allison a induziu a relaxar profundamente e perguntou se podia falar com a «outra pessoa», surgiu uma mulher com uma voz áspera e estridente que se identificou como Lydia. A dada altura, Janette tinha sido violada no hospital por vários auxiliares; agora, enquanto Lydia mencionava o seu interesse em «beber, dançar, foder» e se colocava numa posição provocante, Allison começou a suspeitar que os auxiliares podiam não ter sido inteiramente culpados. Eventualmente, emergiu uma terceira personalidade chamada Karen – uma mulher equilibrada e sensata – e, com a ajuda desta, Allison foi capaz de curar Janette. (Ele passou a chamar a tais personalidades «o ajudante interior do eu».)

Neste caso, a hipótese básica de personalidade múltipla cobria os factos; a de que uma infância traumática tinha feito com que a «personalidade principal» se retirasse dos problemas da vida, como uma avestruz que enterra a cabeça na areia. Mas a paciente seguinte de Allison, uma rapariga chamada Carrie, forçou-o a levar a sério a hipótese da «possessão». Carrie era outra «múltipla» com um historial de traumas de infância, incluindo uma violação coletiva. Mesmo sem hipnose, um *alter ego* chamado Wanda emergiu e falou com Allison. Mas parecia claro que Wanda não era responsável pelos impulsos suicidas que Carrie estava a experienciar.

Quando lhe disseram que uma «médium» alegava que Carrie estava possuída pelo espírito de um toxicodependente que tinha morrido de uma overdose em Nova Iorque em 1968, Allison decidiu «dar uma oportunidade ao conceito de possessão espiritual». Sob hipnose profunda, Carrie concordou que o toxicodependente estava a influenciar a sua vida, e o «exorcismo» improvisado de Allison – realizado com uma bola de cristal oscilante numa corrente – aparentemente teve sucesso. Infelizmente, falhou

em desalojar duas outras personalidades, e Carrie acabou por cometer suicídio.

Ainda assim, Allison continuou a rejeitar a noção de «possessão espiritual» até se deparar com uma rapariga chamada Elise, que revelou várias personalidades sob hipnose. A maioria destas era capaz de descrever o seu historial – que traumas tinham feito com que «nascessem». Mas uma delas afirmava ser um homem chamado Dennis, que explicou ter entrado no corpo de Elise quando ela estava a experimentar magia negra na adolescência e que gostava de lá permanecer porque gostava de ter relações sexuais com outra das personalidades de Elise, uma rapariga chamada Shannon. O sexo não era, como se poderia supor, um ato incorpóreo entre dois «espíritos»; quando Shannon assumia o corpo de Elise e tinha relações sexuais com um homem, Dennis entrava no corpo do homem. E embora Elise e Shannon partilhassem o mesmo corpo, Dennis não estava interessado em ter relações sexuais com Elise, apenas com Shannon. Eventualmente, com a ajuda de outro «ajudante interior do eu», Elise foi curada. Foi este caso que finalmente convenceu Allison de que a personalidade múltipla pode por vezes ser um caso de possessão espiritual.

Outro caso confirmou isto. Ao curar uma rapariga chamada Sophia (através da «integração» das suas várias personalidades), Allison descobriu que duas personalidades permaneciam «de sobra». Sob hipnose, Sophia foi regressada ao nascimento e descreveu como o médico, que tinha sido amante da sua mãe, sufocara dois gémeos trigémeos à nascença, mas fora interrompido antes de conseguir livrar-se do terceiro – Sophia. As outras duas crianças tinham-se então mudado para o corpo de Sophia. Armado com este conhecimento, Allison foi capaz de livrar Sophia das suas duas irmãs e de a curar.

Allison concluiu que havia muitas causas possíveis para a personalidade múltipla, tais como a neurose compulsiva e traumas violentos. Mas ele também listou a «possessão» por outra pessoa viva – como no caso de «Art» e da sua mãe –, a possessão por uma pessoa morta – como no caso do pintor Gifford relatado pelo Dr. Bull – e a possessão por um «espírito não humano». Com isto, ele referia-se ao que outrora teria sido chamado de «possessão demoníaca». Num artigo sobre personalidade múltipla, o parapsicólogo Stanley Krippner revela que um número crescente de psiquiatras aceita a «hipótese espiritual».

O que se deve fazer, então, deste bando desnorteante de provas sobre a «possessão», que a maioria dos médicos descartaria como fantasia infantil? A crença na possessão depende, claramente, da suposição prévia de que os «espíritos» realmente existem e de que o que acontece nas sessões espíritas, por exemplo, é uma verdadeira «possessão» pelos mortos. Isto é posto em dúvida por muitos parapsicólogos eminentes e até por alguns próprios médiuns; estes preferem acreditar que tudo o que está envolvido em tais casos é telepatia e alguma forma de perceção extrassensorial (PES).

Mas, como vimos, o próprio William James ficou finalmente convencido pela Sra. Piper. O mesmo aconteceu com Richard Hodgson, que a mandou vigiar por detetives privados para ver como ela adquiria as suas informações – e que não descobriu absolutamente nada. Mas ele ficou estupefacto quando a Sra. Piper lhe falou de uma rapariga chamada Jessie, de quem ele estivera noivo na Austrália e que tinha subsequentemente morrido; o «guia» da Sra. Piper, Phinuit, foi capaz de relatar a Hodgson uma conversa com Jessie sobre a qual mais ninguém sabia.

O próprio Hyslop estava inclinado a acreditar que a mediunidade era uma questão de «super-PES» até ser finalmente convencido por William James – muitos anos após a morte de James. Hyslop recebeu uma carta de um médium irlandês, dizendo-lhe que um espírito que se autodenominava William James (e de quem o médium nunca ouvira falar) lhe tinha pedido para contactar Hyslop e o lembrar do «pijama vermelho». James tinha outrora concordado com Hyslop que aquele de ambos que morresse primeiro deveria tentar comunicar com o outro. Ao início, a mensagem sobre o pijama vermelho não significou nada para Hyslop. Depois, lembrou-se de repente. Quando ele e James tinham visitado Paris em jovens, a bagagem deles não tinha chegado, e Hyslop fora forçado a ir à rua comprar um pijama. Tudo o que tinha conseguido encontrar a curto prazo fora um par de um vermelho vivo, e James tinha-o provocado durante dias devido ao seu mau gosto para pijamas. Foi esta mensagem que finalmente convenceu Hyslop da sobrevivência dos mortos.

Se, tal como Hyslop, pudermos aceitar a noção de «sobrevivência», e se, tal como Kardec, pudermos aceitar que os espíritos conseguem, sob certas condições, partilhar o cérebro humano, então é difícil ver por que razão não deveríamos também aceitar que eles conseguem influenciar as ações das pessoas – isto é, «possuí-las». É importante notar que os

«espiritistas» estão em concordância geral de que tal «possessão» é rara, dado que é impossível para um espírito desalojar realmente o ocupante, ou sequer partilhar o corpo, a menos que haja uma estreita afinidade entre o «possessor» e o «possuído».

O caso de Loudun parece fornecer apoio a esta visão. Kardec afirma que os *poltergeists* só se conseguem manifestar roubando energia humana, particularmente energia sexual. A autobiografia da Irmã Jeanne torna claro que as suas próprias frustrações sexuais, por si só, poderiam ter fornecido a uma imensidão de «entidades» a energia necessária. E na altura em que cerca de uma dúzia de freiras se contorciam no chão e faziam sugestões que faziam corar até os libertinos mais endurecidos, o convento devia estar inundado de energia sexual. A maioria dos casos de possessão em conventos parece envolver a mesma sexualidade febril. Duas décadas antes do caso de Loudun, Madeleine de Demandolx de la Palud, de catorze anos de idade, foi seduzida pelo Irmão Louis Gaufridi, vinte anos mais velho do que ela; a ligação foi desfeita e ela foi enviada para um convento em Aix-en-Provence. Dois anos mais tarde, Madeleine começou a ver demónios e despedaçou um crucifixo. A sua histeria cedo se espalhou às outras freiras; Madeleine acusou Gaufridi não só de a seduzir, mas de a introduzir em várias práticas diabólicas. Gaufridi foi instado a tentar exorcizar os demónios e, quando falhou, foi metido na prisão.

No seu julgamento, Madeleine declarou que as suas alegações eram todas imaginações, após o que começou a mover as ancas para a frente e para trás de uma maneira lasciva. O juiz optou por não acreditar nela; Gaufridi foi torturado até «confessar», sendo depois queimado na fogueira.

É importante perceber que a fornicação entre o clero era uma ocorrência banal no século dezassete e que a sedução de freiras pelos seus confessores estava longe de ser rara. Em 1625, uma órfã francesa chamada Madeleine Bavent foi seduzida por um padre franciscano, apropriadamente chamado Bonnetemps. No ano seguinte, ela entrou num convento gerido pelo Irmão Pierre David, que pertencia secretamente aos Illuminati – uma seita que acreditava que o Espírito Santo não podia fazer mal e que, por isso, o sexo era perfeitamente aceitável entre os padres. David aparentemente insistia em que Madeleine se despisse até à cintura enquanto ele administrava a comunhão; outras freiras, afirmou ela mais tarde, passeavam nuas. Ela alegou que ela e David nunca se envolveram em

relações sexuais reais – apenas em masturbação mútua – e que, quando David morreu em 1628, o seu sucessor, o Irmão Mathurin Picard, continuou a acariciar-lhe as partes genitais durante a confissão.

Foi após a morte de Picard em 1642 (quando Madeleine tinha trinta e cinco anos) que as freiras começaram a manifestar os sinais habituais de possessão: contorcerem-se no chão, deformarem os seus corpos e fazerem ruídos de uivos como animais, ao mesmo tempo que alegavam estar a ser violadas por demónios. Catorze das cinquenta e duas freiras exibiram estes sintomas, e todas culparam Madeleine.

Madeleine contou então a história completa de David, de Picard e do assistente deste último, o Irmão Boulle. Ela alegou que Picard e Boulle se tinham entregado a vários atos «mágicos» que envolviam hóstias de comunhão e sangue menstrual e, eventualmente, a «aquelarres», nos quais era recitada uma Missa Negra. Os padres tinham revestido as suas ereções com hóstias consagradas com um buraco cortado no meio e, «assim adornados, entregavam-se às mulheres presentes» – sendo Madeleine favorecida cinco ou seis vezes.

Madeleine foi acusada de ser uma bruxa e foi expulsa da ordem; o cadáver de Picard foi desenterrado, excomungado e atirado para uma lixeira. Isto levou o irmão do padre a criar um escândalo, e o resultado foi um julgamento que terminou com Boulle a ser torturado e queimado vivo, juntamente com outro padre chamado Duval. Madeleine, confinada num convento e tratada brutalmente, fez várias tentativas de suicídio e acabou por morrer aos quarenta anos. As freiras foram todas dispersas por outros conventos.

As descrições de Madeleine sobre aquelarres (reunião noturna de bruxas) e Missas Negras soam a pura invenção. Mas meio século mais tarde, o notório caso da *chambre ardente* («câmara ardente») revelou que muitos padres participavam, de facto, em tais práticas. Quando Luís XIV foi informado pelo seu chefe de polícia de que muitas mulheres estavam a pedir a absolvição por assassinarem os seus maridos, ordenou uma investigação. Esta revelou que existia uma rede internacional de envenenamento, organizada por homens de influência. Uma série de cartomantes fornecia aos seus clientes venenos e filtros de amor, enquanto os padres realizavam Missas Negras que envolviam o sacrifício de bebés e cerimónias mágicas nas quais copulavam com mulheres sobre os altares.

Estes factos surgiram devidamente em sessões secretas da «câmara ardente» e foram registados em detalhe. (O rei ordenou mais tarde que todos os registos fossem destruídos, mas a transcrição oficial foi descurada.)

Cento e quatro dos acusados foram sentenciados, trinta e seis deles à morte, enquanto duas das cartomantes foram queimadas vivas. É difícil para nós compreender por que razão a Igreja estava envolvida nesta vaga de demonologia – a explicação mais provável é a de que o racionalismo do século dezassete estava a minar a sua autoridade e que o protesto contra esta autoridade tomou a forma de licenciosidade e de magia negra. Qualquer que seja a explicação, as transcrições da *chambre ardente* não deixam dúvidas de que isso realmente aconteceu.

Resta uma questão interessante: se, como Ralph Allison acredita, existe tal coisa como a possessão por entidades «não humanas» – isto é, se alguma forma de «possessão demoníaca» é uma realidade. De todos estes casos que envolvem «possessão», o caso de Loudun continua a ser o mais intrigante. Mesmo que possamos aceitar a crença de Wickland de que os seres humanos podem ser influenciados por «espíritos terrenos», é difícil compreender como é que cinco dos exorcistas se tornaram vítimas da possessão demoníaca e quatro morreram de facto por causa dela. Nenhum dos pacientes descritos por Wickland, Crabtree ou Allison foi levado a este extremo.

Uma pista possível é fornecida por um curioso livrinho que apareceu na Cidade do Cabo, África do Sul, em 1972. É intitulado *Who Are the Dead?*, e o autor é listado como Helen Quartermaine – o que não é, aparentemente, o seu nome verdadeiro.

A visão da autora, em resumo, é a de que, para além do corpo físico, todos os seres humanos possuem um «corpo da personalidade» – também conhecido como psique –, que é feito de uma matéria mais fina do que o corpo físico. Este corpo da personalidade impregna o corpo físico – a autora usa a imagem de uma bola de lã embebida em água para ilustrar como o corpo da personalidade «embebe» o corpo físico. Os pontos de contato entre os dois corpos, diz ela, são as sete glândulas endócrinas, também conhecidas como os sete chakras do Hinduísmo.

Até aqui, Helen Quartermaine está simplesmente a ecoar a «tradição oculta», na qual o corpo da personalidade é por vezes chamado de corpo astral. (A tradição oculta também reconhece a «aura» humana, ou corpo etérico, que poderia ser considerado o seu «campo de vida» – o equivalente ao campo magnético de um íman.) Mas ela passa a fazer algumas afirmações muito mais surpreendentes. O nosso problema, diz ela, é manter estes três «corpos» em alinhamento. Na maioria das pessoas, os dois «corpos superiores» tendem a sobressair do lado direito. Esta falta de simetria significa que o lado esquerdo fica desprotegido e pode facilmente ser «invadido» por outras personalidades desencarnadas.

Quando as pessoas ficam zangadas ou perturbadas, explica ela, a personalidade recebe um choque e é deslocada para o lado. E pode permanecer assim durante muito tempo. A força vital escoa-se para o corpo físico, e o resultado é um grave depauperamento. Ela continua, dizendo: «Considerando a lista infindável de incidentes triviais que podem fazer com que uma pessoa fique mal posicionada dentro dos seus três corpos . . . segue-se que todos nós servimos de anfitriões aos nossos mortos, ao deixarmos a porta dos nossos corpos físicos aberta para os admitir. Contudo, segue-se o pior, pois também nos devemos deixar abertos às doenças mentais, físicas e emocionais deles».

Ela passa a descrever como os mortos se podem fixar àqueles que amam. Até aqui, ela está em concordância básica com Wickland. Mas afirma então: «Por vezes, claro, a força motriz é exatamente o oposto, e o ódio torna-se o poder destruidor. Há muitos casos bem conhecidos de vingança que ataca a partir do além-túmulo».

A Sra. Quartermaine cita a seguir o caso de Barbara Graham, executada na câmara de gás em San Quentin em junho de 1953 pelo seu papel no homicídio de uma viúva idosa, Mabel Monahan, no decurso de um assalto. Em 1953 Barbara, então com trinta anos, tinha-se tornado a amante de um gangster, bem como alcoólica e toxicodependente. A 9 de março, concordou em ajudar o bando a entrar na casa da Sra. Monahan em Burbank, Califórnia, batendo à porta e pedindo para usar o telefone para contactar uma oficina.

Os seus quatro cúmplices, Jack Santo, Baxter Shorter, Emmett Perkins e John L. True, correram para dentro da casa atrás dela e amarraram a viúva de sessenta e três anos enquanto revistavam a casa à procura da

fortuna que ela supostamente guardava para o proprietário de um casino de jogo. O que realmente aconteceu é incerto; o corpo da mulher, estrangulado com uma tira de lençol da cama, foi encontrado três dias mais tarde pelo jardineiro; a sua cabeça, envolvida numa fronha de almofada, tinha sido espancada por um instrumento rombo e pesado.

O caso era intrigante, dado que a mala da vítima continha 500 dólares e 10 000 dólares em joias estavam intocados. Mas após interrogar várias figuras do submundo, a polícia visitou Baxter Shorter, que – sob uma promessa de completa imunidade – lhes disse que Santo, Perkins, True e Barbara Graham tinham estado envolvidos. (Um homem chamado William Upshaw também tinha concordado em participar, mas tinha feito marcha atrás.) Barbara, disse ele, tinha tocado à campainha e, quando a velha senhora abriu a porta, True e Perkins tinham entrado à pressa. Quando Shorter finalmente entrou para ver o que os estava a demorar tanto tempo, viu Barbara a agredir a Sra. Monahan com uma pistola. Santo tinha amarrado a fronha em redor da cabeça dela e Perkins tinha-a estrangulado. Uma busca na casa falhou em revelar o tesouro do jogador, e eles partiram de mãos vazias.

A história de Shorter foi aceite e ele foi libertado. Mas foi depressa raptado por Perkins – que ainda estava em liberdade – e assassinado. Mais tarde, Perkins, Santo e Barbara Graham foram detidos num motel. Barbara negou que estivesse presente na casa de Monahan; quer isto fosse verdade ou não, é certo que muitas pessoas no tribunal não acreditaram que ela tivesse feito o espancamento, como True alegava. Mas a principal prova contra ela foi o facto de ter tentado subornar uma companheira de prisão – na verdade, uma agente da polícia – para lhe fornecer um álibi por 2500 dólares. Tinha também dito à polícia que Shorter tinha sido «bem tratado».

Barbara Graham foi julgada, juntamente com Santo e Perkins (o seu amante). Principalmente com base no depoimento de True, foi considerada culpada. Morreu na câmara de gás no mesmo dia que Santo e Perkins (que tinha sido condenado à morte pela segunda vez pelo homicídio de uma família inteira cometido no decurso de um assalto).

Helen Quartermaine afirma:

[Barbara Graham] jurou que estava inocente, mas quando o veredicto a considerou culpada, comprometeu-se a garantir que todos os homens

envolvidos na sua condenação também, tal como ela, morreriam prematuramente. Esta lista incluía os três homens que se dizia serem os seus cúmplices.

O primeiro a morrer após a sua execução foi aquele que se tinha tornado testemunha de acusação e cujo depoimento a condenou; ele esteve envolvido na colisão de dois barcos no Mississippi e teve morte imediata. Os outros dois homens foram julgados novamente numa data posterior e considerados culpados; foram também executados. Isto foi apenas o início. O Procurador-Geral encarregue da sua acusação morreu muito súbita e inesperadamente de cancro. O medo cresceu quando o diretor da prisão de San Quentin . . . caiu morto por insuficiência cardíaca. A seguir veio a morte abrupta, novamente por cancro, do Juiz do Tribunal Superior que a sentenciou. Em fevereiro de 1958, o homem que denunciou a Sra. Graham à polícia foi esmagado até à morte numa viagem devido a um engavetamento de carros. Outro informador no catálogo de vingança da senhora desapareceu desde então, e a polícia tem fortes razões para suspeitar que ele possa ter sido assassinado.

Este relato tem várias pequenas incorreções. Santo e Perkins morreram no mesmo dia, não «numa data posterior». John True morreu em janeiro, não em fevereiro de 1958, quando um cargueiro holandês abalroou uma pequena embarcação no nevoeiro. William Upshaw não foi o homem que denunciou Barbara Graham à polícia – mas morreu certamente quando embateu com o seu carro numa obstrução na estrada na Califórnia. O «outro informador» – Shorter – tinha morrido muito antes de Barbara Graham.

Helen Quartermaine está convencida de que estas mortes foram realmente causadas pelo «corpo da personalidade» de Barbara Graham, sequioso de vingança. Wickland, como vimos, acreditava que tal influência é possível e que Harry Thaw matou Stanford White sob a influência de uma entidade – ou entidades – que procuravam vingança. Helen Quartermaine argumenta que o tipo de lapso de atenção que fez com que William Upshaw conduzisse o seu carro contra uma obstrução, ou que fez com que o cargueiro holandês no nevoeiro atropelasse o barco que transportava mergulhadores (incluindo John True), poderia facilmente ser induzido por um «espírito vingativo».

John True e William Upshaw foram responsáveis pela sentença de morte que enviou Barbara Graham para a câmara de gás. O inquisidores de Loudun foram responsáveis pela tortura de Urbain Grandier e pela sua morte agonizante na fogueira. Helen Quartermaine consideraria, sem dúvida, a possessão dos inquisidores de Loudun como a vingança de Urbain Grandier sobre os seus atormentadores. Seja plausível ou não, a sugestão pode ser considerada uma nota de rodapé perturbadora para *Thirty Years Among the Dead* de Wickland.

43

Psicometria «Telescópio para o Passado»

No inverno de 1921, os membros do Instituto Metapsíquico de Paris reuniram-se para testar uma clarividente. Alguém apresentou uma carta e pediu a outra pessoa que lha passasse; antes de lhe chegar às mãos, foi agarrada por um romancista chamado Pascal Forthunny, que disse de forma desdenhosa: «Não deve ser difícil inventar algo que se aplique a qualquer pessoa». Fechou depois os olhos e pronunciou solenemente: «Ah, sim, vejo um crime, um homicídio . . .».

Quando terminou, o homem que tinha trazido a carta disse: «Isso foi escrito por Henri Landru». Landru era o «Barba-Azul» que estava então a ser julgado pelos homicídios de onze mulheres. O cético Forthunny tinha descoberto que possuía a curiosa capacidade conhecida como psicometria – a faculdade de «sentir» a história de um objeto ao segurá-lo na mão.

De acordo com o homem que inventou a palavra – um médico americano chamado Joseph Rodes Buchanan –, trata-se de uma capacidade que todos possuímos, embora a maioria de nós a tenha suprimido inconscientemente. Buchanan – que era professor de medicina em Kentucky – começou a suspeitar da existência de tal faculdade em 1841, quando conheceu um bispo chamado Leonidas Polk, que afirmava conseguir sempre detetar latão quando lhe tocava – mesmo no escuro –, porque este lhe produzia um gosto peculiar na boca. Buchanan interessava-se pela ciência conhecida como frenologia – a noção de que as «protuberâncias» nos nossos crânios revelam o nosso caráter – e ficou interessado ao descobrir que Polk parecia ter uma «protuberância» de sensibilidade altamente desenvolvida.

Decidiu, por isso, realizar um teste científico em estudantes que tivessem uma protuberância semelhante. Vários metais foram embrulhados em papel, e Buchanan ficou encantado ao descobrir que muitos dos seus estudantes conseguiam detetar latão, ferro, chumbo e assim por diante, limitando-se a pressionar as pontas dos dedos contra o papel. Conseguiam também distinguir substâncias como sal, açúcar, pimenta e vinagre.

Buchanan concluiu que a resposta residia numa espécie de «aura nervosa» nas pontas dos dedos, que consegue detetar diferentes metais exatamente como os poderíamos distinguir ao tocar-lhes com a ponta da língua. Isto pareceu ser confirmado pela sua observação de que parecia funcionar melhor quando as mãos estavam húmidas de suor – pois, afinal de contas, uma pele húmida é mais «sensível» do que uma pele seca. Mas esta explicação começou a parecer inadequada quando descobriu que um dos seus melhores «sensitivos» – um homem chamado Charles Inman – conseguia sentir o conteúdo de cartas seladas e o caráter dos remetentes. A explicação de Buchanan era a de que a «aura nervosa» do escritor tinha deixado uma espécie de rasto na carta, e Inman era capaz de captar esse rasto através da sua própria aura nervosa. Por outras palavras, a «sensibilidade» de Inman estava anormalmente desenvolvida, de forma muito semelhante ao olfato de um cão de caça. Mas essa teoria também ruiu quando descobriu que Inman exibia a mesma perceção quando lhe eram apresentadas fotografias – daguerreótipos – em envelopes selados. Mesmo o argumento de que a fotografia tivera contato com o «modelo» e, por isso, captara algo da sua «aura nervosa», cessou de ser convincente quando Buchanan descobriu que as fotografias de jornal funcionavam tão bem como os daguerreótipos.

O professor de geologia da Universidade de Boston, William Denton, leu o artigo original de Buchanan sobre psicometria – a palavra significa «medição da alma» – e decidiu experimentá-la por si mesmo. A sua irmã Anne era «altamente impressionável» e revelou-se uma psicometrista ainda melhor do que Inman; era capaz não só de descrever o caráter de quem escrevia as cartas, mas também o seu aspeto físico e o ambiente em redor.

Isto levou Denton a perguntar-se se, caso a imagem e o ambiente de um escritor pudessem ficar «gravados» numa carta, «por que não poderiam as rochas receber impressões dos objetos circundantes, de cuja vizinhança imediata estiveram próximos durante anos». Assim, em 1853, Denton

começou a testar os seus «sensitivos» com espécimes geológicos e arqueológicos, «e ficou encantado ao descobrir que, sem possuírem qualquer conhecimento prévio do espécime, ou mesmo sem o verem, a história do seu tempo passava diante do olhar do vidente como uma grande vista panorâmica».

Quando entregou à sua irmã um pedaço de lava vulcânica do Havai, ela ficou abalada ao ver «um oceano de fogo a derramar-se por um precipício e a ferver à medida que se derrama». Significativamente, ela também viu o mar com navios nele, e Denton sabia que a lava tinha sido expelida durante uma erupção em 1840, quando a marinha americana estivera no Havai. Um fragmento de osso encontrado num pedaço de calcário evocou a imagem de uma praia pré-histórica com dinossauros. Um fragmento de olaria índia trouxe uma visão de peles-vermelhas.

Um fragmento de meteorito trouxe visões do espaço vazio, com as estrelas a parecerem anormalmente grandes e brilhantes. Um fragmento de rocha de Niágara trouxe a visão de uma torrente fervilhante a lançar salpicos (que ela pensou ser vapor). Um pedaço de estalactite trouxe a imagem de pedaços de rocha pendurados como estalactites de gelo. Para ter a certeza absoluta de que os seus sensitivos não estavam, de alguma forma, a captar pistas inconscientes ou a reconhecer os espécimes, Denton embrulhou-os em papel grosso. Descobriu também que, quando experimentava o mesmo espécime uma segunda vez – talvez um mês mais tarde –, este produzia o mesmo resultado, embora a imagem nunca fosse idêntica.

Numa das suas experiências mais interessantes, mostrou à sua esposa um fragmento de azulejo romano que provinha de uma villa que tinha pertencido ao orador Cícero. Ela descreveu uma villa romana e fileiras de soldados; viu também o proprietário da villa, um homem cordial, corpulento e com um ar de comando. Denton ficou desapontado; Cícero tinha sido alto e magro. Mas na altura em que Denton chegou a escrever o segundo volume de *The Soul of Things*, tinha descoberto que a villa também tinha pertencido ao ditador Sula, e que Sula correspondia de facto à descrição da sua esposa.

Outro «acerto» impressionante foi a «visão» induzida por um pedaço de rocha vulcânica de Pompeia. A Sra. Denton não fazia ideia do que se tratava e não teve autorização para o ver; mas teve uma impressão vívida

da erupção do Vesúvio e das multidões a fugir de Pompeia. O filho de Denton, Sherman, teve uma visão ainda mais detalhada da antiga Pompeia, completa com muitos detalhes arqueológicos – tais como a imagem de um barco com um «pescoço de cisne» – que se revelaram historicamente exatos.

Denton estava imensamente entusiasmado; acreditava que ele e Buchanan tinham descoberto uma faculdade humana até então desconhecida, uma espécie de «telescópio para o passado» que nos permitiria reviver grandes cenas da história. Efetivamente, tudo o que alguma vez tinha acontecido no mundo estava preservado numa espécie de «jornal cinematográfico» (embora esta não fosse, naturalmente, uma imagem que ocorresse a Denton) e podia ser reproduzido à vontade.

Mas embora as provas da faculdade psicométrica estejam indubitavelmente para além de qualquer disputa, Denton não tinha consciência de até que ponto esta pode ser enganadora. O terceiro volume de *The Soul of Things*, publicado em 1888, contém «visões» de vários planetas que sabemos hoje serem absurdas. Vénus tem árvores gigantes como cogumelos e animais que parecem inventados por Hieronymus Bosch; Marte tem uma temperatura estival (na verdade, estaria um frio de rachar) e é povoado por homens de quatro dedos com olhos azuis e cabelos loiros; Júpiter também tem loiras de olhos azuis com tranças até à cintura e a capacidade de flutuar como balões. O filho de Denton, Sherman (que foi responsável pela maioria destas descrições extraordinárias), tinha claramente desenvolvido a faculdade a que Jung chama «imaginação ativa» e era incapaz de a distinguir das suas verdadeiras capacidades psicométricas.

O que impressiona o leitor moderno sobre *The Soul of Things* de Denton e o *Manual of Psychometry* de Buchanan (otimisticamente subtitulado *The Dawn of a New Civilization*) é a sua abordagem inteiramente científica. Isto também impressionou os seus contemporâneos ao início. Infelizmente, o período em que realizavam as suas experiências foi também o período em que a nova mania conhecida como Espiritualismo alastrava pela América e pela Europa. Tinha começado com curiosas manifestações de *poltergeist* na casa da família Fox, no estado de Nova Iorque (ver capítulo 41), no final da década de 1840. Por volta de 1860, era um fenómeno mundial. Os cientistas ficaram horrorizados, e a maioria

deles descartou-o como puro delírio. Tudo o que parecesse remotamente ligado ao «sobrenatural» tornou-se objeto do mesmo ceticismo, e as investigações de Buchanan e Denton nunca atraíram a atenção que mereciam. Denton morreu em 1883, Buchanan em 1900, ambos numa relativa obscuridade.

As grandes experiências seguintes em psicometria foram realizadas pelo Dr. Gustav Pagenstecher, um alemão que se mudou para a Cidade do México na década de 1880 e que se considerava um materialista pragmático. Algum tempo após a Primeira Guerra Mundial, Pagenstecher estava a tratar as insónias de uma paciente chamada Maria Reyes de Zierold através de hipnose. Um dia, enquanto ela se encontrava em transe hipnótico, disse-lhe que a sua filha estava a escutar à porta. Pagenstecher abriu a porta e encontrou lá a filha. Começou a testar as capacidades paranormais de Maria e descobriu que, sob hipnose, ela conseguia partilhar as sensações dele; se ele colocasse açúcar ou sal na língua, ela conseguia saboreá-lo; se ele segurasse um fósforo aceso perto dos seus dedos, ela sentia o calor da chama. Começou então a testá-la quanto a capacidades psicométricas. Tal como os sujeitos de Denton, ela conseguia descrever de onde provinha determinado espécime. Segurando uma concha marinha, descreveu uma cena subaquática; segurando um pedaço de meteorito, descreveu o movimento vertiginoso através do espaço e a descida através da atmosfera terrestre. («Estou horrorizada! Meu Deus!»). O Dr. Walter Franklin Prince, que a testou em nome da American Society for Psychical Research, entregou-lhe o que pensava ser uma «fava do mar» que encontrara na praia. Ela descreveu uma floresta tropical. Botânicos profissionais confirmaram que a «fava» era a semente de uma árvore que crescia na floresta tropical e que era frequentemente arrastada para o mar pelos rios.

Outro eminente experimentador da década de 1920 foi o Dr. Eugene Osty, diretor do Instituto Metapsíquico no qual o romancista Pascal Forthunny identificou corretamente a carta do assassino em massa Landru. Na sua obra clássica *Supernormal Faculties in Man*, Osty descreveu muitas experiências em psicometria com vários «sensitivos». In 1921, foi-lhe entregue a fotografia de uma cápsula de vidro selada que continha algum líquido; tinha sido encontrada perto do grande templo de Baalbek. Uma das suas melhores médiuns, a Sra. Moral, segurou a fotografia na mão – estava tão desfocada que poderia ser de qualquer coisa – e disse imediatamente

que aquilo lhe lembrava «um local com pessoas mortas», e um homem velho em particular. Ela «viu» um local vasto, como uma igreja enorme, passando depois a descrever o homem, que era obviamente um sumo sacerdote. A cápsula na fotografia continha o sangue de um homem que tinha sido sacrificado numa terra distante e que tinha sido colocado no túmulo do sacerdote como recordação.

Na altura, o próprio Osty não fazia ideia do que a fotografia representava e ficou surpreendido quando o engenheiro que a tinha encontrado pôde confirmar que fora descoberta num túmulo rico no vale de Bekaa.

Esta história levanta novamente o problema central sobre a psicometria. A hipótese original de Buchanan – de que era simplesmente uma questão de «aura nervosa», pelo que o psicometrista poderia ser considerado uma espécie de cão de caça humano – cessa de ser plausível se a informação puder ser captada a partir de uma fotografia, da qual não se poderia esperar que retivesse qualquer tipo de «odor». Mesmo a suposição de Denton de que cada objeto de alguma forma «fotografa» o que o rodeia parece duvidosa. Nesse caso, um pedaço de pavimento romano apenas teria «fotografado» uma área limitada, e a visão da Sra. Denton sobre os legionários romanos teria sido simplesmente de pernas peludas a erguerem-se acima dela.

A hipótese mais provável é a de que a faculdade envolvida seja aquilo que é tradicionalmente conhecido como «clarividência», uma capacidade peculiar de «saber» o que se passa noutro local ou noutro tempo. Mas a capacidade do Bispo Polk para distinguir o latão no escuro não é obviamente clarividência. Aqui, como em tantas outras áreas do «paranormal», é praticamente impossível traçar linhas divisórias nítidas.

Muitos psicometristas modernos – como Gerard Croiset, Peter Hurkos e Suzanne Padfield – têm sido capazes de usar a sua faculdade para ajudar a polícia a resolver crimes: Suzanne Padfield foi mesmo capaz de ajudar a polícia de Moscovo a apanhar um assassino de crianças sem sair da sua casa em Dorset. Mas é significativo que Croiset não gostasse de ser chamado psicometrista ou clarividente, preferindo a palavra mais ambígua «paragnosta» – que significa simplesmente a capacidade de «saber» o que está para além dos limites normais dos sentidos.

44

Rennes-le-Château

O Tesouro de Béranger Saunière

O mistério de Rennes-le-Château é o enigma de um padre pobre que descobriu um segredo que o tornou milionário e que chocou profundamente o padre a quem o confiou no seu leito de morte.

Em junho de 1885, um novo cura chegou à pequena aldeia de Rennes-le-Château, no lado francês dos Pirenéus; tratava-se de Béranger Saunière, de 33 anos, que regressava à região onde tinha sido criado. Os seus primeiros livros de contabilidade sobreviveram e mostram que ele era muito pobre – o rendimento com que se sustentava a si próprio e à sua governanta era o equivalente a seis libras esterlinas por ano.

Foi seis anos mais tarde que Saunière decidiu restaurar o altar da igreja, uma laje de pedra cimentada na parede e apoiada na outra extremidade por dois pilares visigóticos quadrados. Um destes revelou ser oco e, no seu interior, Saunière encontrou quatro pergaminhos em tubos de madeira. Dois eram genealogias de famílias locais; os outros dois eram textos do Novo Testamento, mas escritos sem os espaços habituais entre as letras. Parecia bastante óbvio que estes estavam nalgum tipo de código – de facto, o código do texto mais curto era direto.

Saunière apenas teve de escrever as letras que estavam elevadas acima das outras, e obteve uma mensagem que dizia: «A Dagobert II roi et à Sion est ce trésor et il est la mort»: a Dagoberto II, rei, e a Sião pertence este tesouro, e ele está ali morto. (A frase final «et il est la mort» também poderia ser traduzida como «e é a morte» – significando, talvez, «é a morte interferir com ele».) Portanto, estas mensagens secretas eram sobre um tesouro. Dagoberto era um rei francês do século sétimo da dinastia merovíngia. O autor destes pergaminhos era quase certamente um predecessor de Saunière, um padre chamado Antoine Bigou, que tinha sido o cura de Rennes-le-Château na altura da Revolução Francesa.

Saunière levou os pergaminhos ao Bispo de Carcassonne, Monseigneur Félix-Arsène Billard, e o bispo ficou suficientemente intrigado para enviar Saunière a Paris a fim de consultar vários estudiosos e

peritos em criptografia. Entre estes encontrava-se o Abade Bieil, diretor de Saint-Sulpice. O sobrinho de Bieil era um jovem brilhante chamado Émile Hoffet, que era estudante de linguística. Embora Hoffet estivesse a estudar para o sacerdócio, estava em contato com muitos «ocultistas» que floresciam em Paris na década de 1890, uma era que tinha assistido a um renascimento do interesse pela magia ritual; Hoffet introduziu Saunière num círculo de artistas distintos, que incluía o poeta Mallarmé, o dramaturgo Maeterlinck e o compositor Claude Debussy. Foi provavelmente Debussy quem apresentou Saunière à famosa soprano Emma Calvé, e a relação que se desenvolveu entre eles pode ter sido mais do que amizade – Saunière era um homem que adorava mulheres e comida.

Antes de deixar Paris, Saunière visitou o Louvre e adquiriu reproduções de três pinturas, incluindo *Les Bergers d'Arcadie* – Os Pastores de Arcádia – de Nicolas Poussin, que mostra três pastores junto a um túmulo onde estão esculpidas os palavras «Et in Arcadia Ego» – habitualmente traduzidas como «Eu [a Morte] também estou em Arcádia».

Quando Saunière regressou a Rennes-le-Château três semanas mais tarde, estava no encalço direto do «tesouro». Trouxe três jovens para levantar a laje de pedra colocada no chão em frente ao altar e descobriu que a sua parte inferior estava esculpida com a imagem de cavaleiros montados; datava de cerca da época do Rei Dagoberto. Quando os seus ajudantes escavaram mais abaixo, descobriram dois esqueletos e – de acordo com um deles que sobreviveu até à década de 1960 – um pote de «medalhões sem valor». Saunière mandou-os então embora, trancou as portas da igreja e passou a noite ali sozinho.

Agora Saunière, acompanhado pela sua governanta – uma jovem camponesa chamada Marie Denarnaud –, começou a passar os seus dias a deambular pela região com um saco às costas, regressando todas as noites com pedras que utilizava para construir uma gruta no seu jardim. Não se sabe se este era o único propósito das suas explorações. Cometeu também um ato de vandalismo bastante curioso num túmulo no cemitério da igreja. Pertencia a Marie, Marquesa de Blanchefort, cuja lápide tinha sido desenhada pelo mesmo Abade Bigou que tinha ocultado os pergaminhos na coluna. Saunière apagou as inscrições na pedra que cobria o túmulo e removeu a lápide por completo. No entanto, ele não sabia que ambas as

inscrições já tinham sido registadas num pequeno livro por um antiquário local. A inscrição na lápide é mostrada na página oposta:

As inscrições verticais de cada lado da lápide são fáceis de ler: uma mistura de letras gregas e latinas apresenta a inscrição *Et in Arcadia Ego* – ligando-a à pintura de Poussin. A inscrição central: «Reddis Regis Cellis Arcis» pode ler-se: «Na real Reddis, na gruta da fortaleza». «Reddis» é um dos nomes antigos de Rennes-le-Château, que era também conhecida pelos romanos como Aereda.

A inscrição na lápide tem muitas características estranhas. Na primeira linha, o *i* de *ci* (*ci gît* significa «aqui jaz») foi esculpido como um T maiúsculo. O M de *Marie* foi deixado no fim da primeira linha. O «e» de «noble» está em letra minúscula. A palavra a seguir a «negre» deveria ler-se «Dables» e não «Darles», pelo que deveria ter um R, não um B. No total, existem oito destas anomalias na inscrição, perfazendo dois conjuntos de quatro, um em letras maiúsculas e outro em letras minúsculas. As maiúsculas são TMRO, ao passo que as minúsculas são três «e» e um *p*. Apenas uma palavra pode ser formada a partir das maiúsculas: MORT – morte. Apenas uma palavra pode ser formada a partir das letras minúsculas: *epée* – espada. De facto, estas duas palavras revelaram ser a «palavra-chave» para decifrar o mais longo dos dois pergaminhos encontrados no pilar . . .

Quer Saunière o tenha decifrado sozinho, quer os seus prestáveis amigos de Saint-Sulpice lhe tenham transmitido, sem saber, as pistas vitais, talvez nunca se venha a saber. Tudo o que se sabe é que, pouco tempo depois disto, Saunière começou a gastar dinheiro a um ritmo notável. Contatou um banco de Paris, que enviou um representante a Rennes-le-Château unicamente para tratar dos assuntos de Saunière. Depois, construiu uma estrada pública para substituir o caminho de terra batida que ia até à aldeia e também mandou instalar uma rede de abastecimento de água canalizada.

Construiu uma villa agradável com um jardim que tinha fontes e passeios sombreados. Para albergar a sua biblioteca, construiu uma torre gótica empoleirada na borda da encosta da montanha. Começou a colecionar porcelanas raras, antiguidades e tecidos preciosos. Começou a receber visitantes distintos, como Emma Calvé e o Secretário de Estado da Cultura. Um dos seus visitantes foi reconhecido como o Arquiduque

Johann von Habsburg, primo de Francisco José, Imperador da Áustria. Aos seus convidados eram dados os melhores alimentos e vinhos (e pode ser significativo o facto de Saunière ter vindo a morrer de cirrose hepática).

Como é compreensível, os superiores de Saunière estavam curiosos acerca da sua riqueza e queriam saber de onde vinha. Saunière dizia-lhes friamente que não tinha autorização para divulgar a fonte da sua riqueza – parte dela vinha de penitentes ricos que lhe tinham exigido segredo absoluto. Tinha também sido bem pago por celebrar missas pelas almas dos mortos. O velho bispo decidiu não se meter na vida dele, mas um novo revelou mais tarde uma curiosidade pertinaz e, quando Saunière se recusou a satisfazê-la, ordenou a sua transferência para outra paróquia. Saunière recusou-se a ser transferido. Um novo padre foi nomeado para Rennes-le-Château, mas os aldeões continuaram a tratar Saunière como o seu pastor espiritual.

Finalmente, em 1917, Saunière sofreu um acidente vascular cerebral e morreu aos sessenta e quatro anos. Um padre de uma paróquia vizinha que foi chamado ao seu leito de morte saiu de lá com um aspeto pálido e abalado, e um relato local, sem dúvida exagerado, diz que ele «nunca mais voltou a sorrir». A sua governanta, Marie Denarnaud, viveu até 1953 numa opulência considerável. Quando, após a Segunda Guerra Mundial, o governo francês emitiu uma nova moeda e exigiu saber a origem de quaisquer grandes quantias (sendo o objetivo apanhar os evasores fiscais e os que tinham enriquecido ilicitamente), ela queimou pilhas de notas de dez francos no jardim e viveu o resto da sua vida com os rendimentos da venda da villa de Saunière. Estava evidentemente determinada a não trair o segredo de Saunière. Pouco antes da sua morte, confidenciou ao comprador da villa que lhe contaria um segredo que o tornaria simultaneamente rico e poderoso; mas morreu após um acidente vascular cerebral que a deixou sem fala.

A solução óbvia para o mistério é que Saunière descobriu o tesouro mencionado no pergaminho e, de alguma forma, o transformou em moeda moderna. Nesse caso, o mistério reside simplesmente em saber que pistas encontrou no pergaminho e como as seguiu para descobrir o tesouro escondido.

Henry Lincoln, um investigador moderno, ficou fascinado pelo problema depois de ler um livro chamado *Le Trésor Maudit* [O Tesouro

Maldito], de Gérard de Sède, em 1969. Fez muitas visitas a Rennes-le-Château e acabou por realizar um programa para a televisão da BBC chamado «The Lost Treasure of Jerusalem . . .?». Lincoln foi a Paris ver Gérard de Sède e, antes de o programa ser feito, de Sède tinha-lhe apresentado a solução do «longo cifrado» da coluna visigótica. De Sède alegou que este tinha sido decifrado com a ajuda de peritos do exército francês que tinham utilizado um computador. Lincoln suspeitou que isto não era verdade, e a Inteligência Britânica confirmou a sua suspeita de que o código não poderia ter sido decifrado por computador.

O código era inacreditavelmente complexo – tão complexo que Lincoln nem sequer tenta explicá-lo no livro que escreveu mais tarde sobre o mistério. A sua decifração envolvia uma técnica conhecida pelos peritos em cifra como o processo de Vigenère, que consiste em escrever o alfabeto vinte e seis vezes num quadrado, com a primeira linha a começar com A, a segunda com B, a terceira com C, e assim sucessivamente. Depois, a palavra-chave Mort Epée é colocada sobre toda a mensagem, neste caso, do mais longo dos dois pergaminhos, e as letras são transformadas por um processo simples utilizando a tabela de Vigenère. Mas o novo texto continua a não fazer sentido.

O passo seguinte consiste em mover cada letra uma letra mais para a frente no alfabeto. Continua a não fazer sentido. O passo seguinte consiste em utilizar uma nova palavra-chave na misturada. Esta nova palavra-chave é o texto completo da lápide que começa com «Ci gît noble Maria», etc., e retirar da lápide os dois conjuntos de letras «P.S» e «Prae cum» (latim para «antes» e «com»). Esta nova «palavra-chave» é aplicada de trás para a frente ao texto, terminando com «P.S.» e «Prae cum». Depois, todas as letras são movidas duas posições para a frente no alfabeto. A seguir, o texto é dividido em dois grupos de 64, e estes são dispostos em dois tabuleiros de xadrez, e o cavalo faz uma série de movimentos de cavalo nos tabuleiros de xadrez. Depois, escreve-se a letra contida em cada casa desta série. E agora, finalmente, emerge a mensagem – embora continue a parecer bastante absurda. A mensagem diz:

BERGERE PAS DE TENTATION QUE POUSSIN TENIERS GARDENT LE CLEF PAX DCLXXXI PAR LA CROIX ET CE CHEVAL DE DIEU J'ACHEVE CE DAEMON DE GARDIEN A MIDI POMMES BLEUES. Isto pode ser traduzido como: PASTORA SEM

TENTAÇÃO À QUAL POUSSIN E TENIERS GUARDAM A CHAVE PAZ 681 PELA CRUZ E POR ESTE CAVALO DE DEUS ATINJO ESTE DEMÓNIO GUARDIÃO AO MEIO-DIA MAÇÃS AZUIS.

Esta mensagem, devemos presumir, conduziu Saunière ao tesouro. O que levanta a questão interessante: como conseguiu ele decifrar a mensagem? É verdade que ele tinha as «palavras-chave» de extrema importância do túmulo de Marie de Blanchefort. Mas mesmo que ele também soubesse da tabela de Vigenère e dos movimentos do cavalo, isso continuaria a fazer da decifração uma tarefa inacreditavelmente complexa para um simples padre de paróquia sem formação em criptografia. Deixando de lado, por momento, o significado real da mensagem, quem entregou a Saunière o fio condutor que o guiou através deste complexo labirinto?

Lincoln concluiu, logicamente, que teria de haver alguém que já conhecia algumas das respostas básicas do mistério ou, mais provavelmente, algum grupo ou organização. Esta seria, presumivelmente, la organização da qual o seu próprio informador, Gérard de Sède, tinha recebido as suas informações. Esta suposição parecia ser apoiada pelo número de livros e panfletos sobre Saunière e Rennes-le-Château que tinham aparecido desde 1956. Muitos destes vinham sob pseudónimos óbvios como «António, o Eremita». Revelaram estar disponíveis na Bibliothèque Nationale, embora alguns deles fossem curiosamente difíceis de obter e um deles estivesse constantemente requisitado durante três meses. E foi na Bibliothèque Nationale que Lincoln encontrou uma das suas pistas mais vitais: uma série de artigos diversos reunidos em capas rígidas sob o título *Dossiers secrets*. E um destes documentos falava sobre uma ordem secreta chamada o Priorado de Sião. Podemos recordar que o mais curto dos dois documentos que Saunière encontrou no pilar terminava com as letras P.S., ao passo que o documento mais longo – o que continha a mensagem da «pastora» – está assinado com as letras NO-IS que, de trás para a frente, se lê «Sion».

De acordo com este documento, os Grão-Mestres desta ordem secreta incluíam o alquimista Nicolas Flamel (a quem se atribui a criação de ouro), Leonardo da Vinci, Isaac Newton, Victor Hugo – e Claude Debussy. Saunière tinha conhecido Debussy em Paris. Isto poderia então explicar onde ele tinha recebido a chave do código.

E o que era exatamente o Priorado de Sião? Era, de acordo com os *Dossiers Secretos*, a hierarquia interna da ordem de «monges guerreiros» chamados Cavaleiros Templários. No ano de 1118 d.C., depois de a primeira Cruzada ter aberto a Terra Santa aos peregrinos cristãos, um cavaleiro chamado Hugues de Payens concebeu a ideia, aparentemente absurda, de policiar as perigosas estradas da Terra Santa com um pequeno grupo de cavaleiros. Foram bem-sucedidos para além de toda a expectativa e foi-lhes concedida uma ala do templo de Salomão no Monte Sião, em Jerusalém, como quartel-general. À medida que os peregrinos agradecidos lhes deixavam legados, tornaram-se imensamente ricos – eram também, virtualmente, os banqueiros da Terra Santa. A sua queda deu-se dois séculos mais tarde, quando o rei francês Filipe, o Belo (Philippe le Bel), mandou prendê-los a todos numa investida súbita – era o dia 13 de outubro de 1307 – e os acusou de todo o tipo de heresias e indecências horríveis. Dezenas deles foram torturados e executados, e em 1312 a ordem foi dissolvida. Filipe tinha alcançado o seu principal objetivo – deitar as mãos à riqueza deles –, mas não teve sucesso na sua tentativa de confiscar os tesouros de uma das suas principais fortalezas, Bézu, que fica perto de Rennes-le-Château . . .

O Monte Sião fica mesmo nos arredores de Jerusalém, e Jerusalém é frequentemente referida como Sião nas escrituras. De acordo com os *Dossiers Secretos*, a Ordem de Sião (como era inicialmente chamada) foi a sociedade secreta que originalmente criou os Templários, e não foi afetada pela queda destes em 1307. E qual era o propósito do Priorado? Era, aparentemente, restaurar os Merovíngios – a dinastia fundada pelo Rei Clóvis no início do século sexto d.C. – no trono de França. Os reis merovíngios posteriores eram distintamente fracos – de facto, ficaram conhecidos como «os reis mandriões» (*rois fainéants*) – e deixavam a maior parte do trabalho para os seus mordomos do palácio (ou Prefeitos do Palácio). Em 679 d.C., um destes mordomos do palácio organizou o assassinato do Rei Dagoberto II – uma lança foi-lhe espetada no olho enquanto ele dormia – e, no devido tempo, os mordomos do palácio tornaram-se reis: ficaram conhecidos como os Carolíngios.

De acordo com os *Dossiers Secretos*, o filho de Dagoberto, Sigisberto, fugiu para sul, para o Languedoque, e herdou do seu tio o título de duque de Razès e conde de Rhedae. Rhedae é outro nome antigo de Rennes-le-Château (que era então uma grande cidade), e Razès é o nome do condado

(*comté*) no qual Rennes está situada. E três séculos mais tarde, outro descendente de Dagoberto, Gofredo de Bouillon, liderou a Primeira Cruzada e libertou Jerusalém dos Muçulmanos.

Parece uma ambição um tanto ou quanto estranha – restaurar no trono de França uma dinastia conhecida como «os reis mandriões». Por que haveria alguém de se dar ao trabalho? Parece tão irrelevante e absurdo como querer restaurar os Tudor ou os Stuart no trono inglês. E que ligação poderia haver entre esta curiosa aspiração e o «tesouro» que fez de Saunière um homem rico? À medida que Lincoln prosseguia as suas investigações, viu-se atraído para um labirinto cada vez mais desnorteante de mistério e rumores.

Para começar, Gérard de Sède disse-lhe, enquanto ele preparava o programa de televisão original, que o túmulo mostrado na pintura de Poussin tinha sido agora descoberto. Ficava num local chamado Arques, a escassas milhas a leste de Rennes-le-Château. O túmulo fica perto do Castelo de Arques e é, na verdade, uma cópia exata do túmulo da pintura de Poussin. Consegue-se mesmo ver Rennes-le-Château ao fundo da pintura. A primeira linha vertical da inscrição da lápide no túmulo de Marie de Blanchefort reza «Et in Arc». A inscrição central reza «Na real Reddis nas grutas da fortaleza». Um círculo de aspeto estranho rodeia as letras P.S., começando antes do P e curvando-se para trás de modo a terminar antes do S. A letra antes de P é O. A letra antes de S é R. O e R juntos formam «or», a palavra francesa para ouro. A mensagem parece estar a dizer que o ouro está na Real Reddis nas grutas da fortaleza. Porquê real Reddis? Porque está associada à linhagem de reis merovíngios . . .

Portanto, podemos começar a ver a razão pela qual a mensagem codificada no pergaminho dizia que Poussin guardava a chave; era presumivelmente a esta pintura que se referia. Mas a mensagem também mencionava o pintor Teniers, um artista flamengo que foi contemporâneo de Poussin. Que papel desempenha ele no mistério? Lincoln descobriu que existe uma cópia de Os Pastores de Arcádia de Poussin em Shugborough Hall, em Staffordshire – um baixo-relevo que é uma imagem geométrica invertida da pintura. Mas também em Shugborough Hall existe uma pintura de Santo António, de Teniers. A tentação de Santo António era um dos temas favoritos de Teniers. Mas este é diferente – mostra simplesmente Santo António em meditação: sem tentação. E, ao fundo, há uma pastora.

«Pastora sem tentação à qual Poussin e Teniers guardam a chave . . .»

Shugborough Hall é a sede dos condes de Lichfield, e Lincoln descobriu que tinha sido um foco de atividade maçónica no século dezassete. Em 1715, um dos condes ajudou o seu primo quando este escapou da prisão de Newgate. O primo chamava-se Charles Radclyffe e está listado nos *Dossiers Secretos* como um dos Grão-Mestres do Priorado de Sião. O crime pelo qual Radclyffe foi preso foi, significativamente, o de ajudar o Velho Pretendente na sua tentativa de subir ao trono de Inglaterra. Radclyffe tornou-se secretário do Jovem Pretendente em França – e, presumivelmente, Grão-Mestre do Priorado de Sião – e foi executado após Culloden, em 1746. Portanto, poderia haver boas razões para que mais pistas sobre o mistério de Rennes-le-Château se encontrassem em Shugborough Hall. Infelizmente, Lincoln viu-se incapaz de decifrar estas pistas.

O que é precisamente o tesouro de Rennes-le-Château? A suposição óbvia é a de que se trata do tesouro dos Templários de Bézu, ao qual Filipe, o Belo, não conseguiu deitar as mãos. E isto poderia muito bem estar correto. Mas há outra pista que está contida no mais longo dos dois pergaminhos codificados. No meio da mensagem, há doze letras elevadas acima das outras; estas têm de ser descartadas antes de o processo de descodificação começar. Mas, além disso, existem oito letras pequenas que ocorrem aleatoriamente ao longo do texto, e estas formam as palavras *Rex Mundi*, Rei do Mundo. Isto liga a mensagem a uma seita religiosa chamada os Cátaros, que poderia ser considerada uma forma primitiva de Protestantismo. Os Cátaros, ou «Os Puros», defendiam uma crença derivada de uma seita muito mais antiga, os Maniqueus: a de que tudo o que tem a ver com o mundo da matéria é mau e tudo o que tem a ver com o mundo do espírito é bom.

Acreditavam que este mundo não tinha sido criado por Deus, mas sim por um «demiurgo» ou demónio, que é o Rei deste mundo. Embora aceitassem a salvação através de Cristo, não acreditavam que ele tivesse sido crucificado na cruz. Esta seita de antigos puritanos tornou-se tão poderosa no Languedoque – onde Rennes-le-Château está situada – que o papa convocou uma cruzada contra eles e, em 1209, um enorme exército invadiu o Languedoque e assassinou milhares de pessoas. A última

resistência dos Cátaros do Languedoque ocorreu em 1244; os Cátaros refugiaram-se na cidadela de Montségur, situada no topo de uma montanha.

Após um cerco de dez meses, renderam-se e foram-lhes oferecidas condições clementes pelos sitiantes – todos os que renunciassem à sua fé poderiam ir em liberdade. Os heréticos que se recusassem a render-se seriam queimados vivos. Foram-lhes dadas duas semanas para pensarem no assunto; ao fim desse tempo, duzentos heréticos foram arrastados montanha abaixo (cerca de duzentos membros das famílias foram poupados) e queimados numa enorme fogueira. Mas, durante essas duas semanas, quatro homens escaparam da cidadela transportando o «tesouro» dos Cátaros – dois meses antes, outros dois Cátaros tinham escapado com mais «tesouro». Estes não foram capturados.

Portanto, o tesouro de Saunière pode ter sido o dos Cátaros de Montségur. Mas certamente que isto não podia ser muito substancial – afinal de contas, seis homens a descerem escarpados por uma encosta de montanha não conseguem carregar muito ouro e prata. É, evidentemente, concebível que estivessem a carregar alguma outra forma de tesouro – os objetos sagrados dos Cátaros. Mas, se assim for, quais eram esses objetos sagrados?

Para que conste o quadro completo, devemos mencionar ainda outro tesouro associado à região: o tesouro dos Visigodos (ou Godos do Oeste), os «bárbaros» germânicos que desempenharam um papel importante na queda de Roma. Na época de Dagoberto, Rennes-le-Château era um bastião visigodo, e Dagoberto era casado com uma princesa visigoda. Na sua marcha triunfal pela Europa, os Visigodos acumularam vastos tesouros, que parecem ter incluído alguns dos tesouros do Templo de Jerusalém, retirados depois de o imperador romano Tito ter tomado Jerusalém em 69 d.C. Grande parte deste tesouro nunca foi recuperada.

Mas, para Henry Lincoln, os materiais do Priorado de Sião nos *Dossiers Secretos* estavam a conduzir a outra linha de investigação, muito mais estranha. Após o seu primeiro programa de televisão sobre Rennes-le-Château (ele viria a realizar três), recebeu uma carta curiosa de um sacerdote anglicano que afirmava que o tesouro não envolvia ouro nem pedras preciosas. Consistia numa «prova incontrovertível» de que a Crucificação fora uma fraude e de que Jesus ainda estava vivo por volta de 45 d.C. (Assume-se habitualmente que a data da crucificação terá sido por

volta de 33 d.C.) Lincoln foi ver o sacerdote, que se recusou a entrar em pormenores. Mas admitiu que a sua informação provinha de um erudito anglicano chamado Cónego Alfred Leslie Lilley. Lilley mantivera contatos com eruditos católicos sediados em Saint-Sulpice e conhecera Émile Hoffet, o seminarista que apresentara Saunière a Debussy e a outros.

E tornou-se gradualmente claro que este era, na verdade, o «grande segredo» do Priorado de Sião. O verdadeiro fundador da dinastia merovíngia não era o lendário Rei Meroveu (ou *Merovée*), mas o próprio Jesus, e era por isso que os descendentes dos Merovíngios sentiam que tinham direito ao trono de França. No decurso das suas investigações, Lincoln encontrara repetidas menções ao Santo Graal ou «Sangreal». Uma lenda asseverava que este estava na posse dos Templários, outra que era o «tesouro» transportado Montségur abaixo pelos quatro Cátaros. Mas «sang real» também significa «sangue real».

Supunha-se que o Graal era o cálice do qual Jesus bebeu na última ceia, e as lendas de Glastonbury asseveram que foi levado para lá por José de Arimateia. Em dois dos Evangelhos, Jesus é descrito como sendo descendente do Rei David e, portanto, de sangue real; assume-se geralmente que o letreiro «O Rei dos Judeus» exibido acima da cruz era sarcasmo, mas pode ter-se referido a uma reivindicação realmente feita pelos seguidores próximos de Jesus.

Foi num livro, *The Holy Blood and the Holy Grail* (1982), em coautoria com Michael Baigent e Richard Lee, que Lincoln revelou finalmente esta espantosa teoria. É difícil descobrir pelo livro até que ponto isto é uma dedução dele a partir das provas e até que ponto recebeu a informação de fontes como Gérard de Sède, ou do M. Pierre Plantard de Saint-Clair, que afirma ser descendente em linha direta de Dagoberto II e o principal pretendente merovíngio ao trono da França moderna. Mas a teoria em si é bastante direta. Consiste em que Jesus não morreu na cruz – que a esponja que lhe foi oferecida continha uma droga. Lincoln aponta que Jesus parece ter demorado apenas algumas horas a morrer, ao passo que a maioria das pessoas demorava dias, até semanas. A sua morte antecipou a quebra das suas pernas – um ato de misericórdia que impedia um homem crucificado de se apoiar nos seus pés cravados e assegurava a sua rápida asfixia à medida que o seu peso se arrastava nos seus braços.

A esponja foi oferecida no momento exato. A teoria envolve também a suposição de que Jesus era casado e que a sua esposa era provavelmente Maria Madalena, que poderá ter sido idêntica a Maria, a irmã de Marta e de Lázaro. De acordo com a teoria, Jesus deixou a Palestina e veio para o Languedoque, embora possa ter terminado a sua vida no cerco de Massada em 74 d.C. O túmulo na encosta da colina retratado por Poussin bem poderia ser o túmulo real de Jesus.

Quer haja ou não provas históricas para esta teoria, há certamente provas de que esta é a crença perfilhada pelo Priorado de Sião e pelo próprio Saunière. Ele construiu para si uma torre para albergar a sua biblioteca e chamou-lhe a torre de Magdala (sendo Magdala o nome da aldeia de onde provinha Madalena). Chamou à sua casa a Villa Bethania, em memória de Betânia, o lar da outra Maria e o local de onde dois dos discípulos vão buscar o jumento em que Jesus monta para entrar em Jerusalém. Lincoln sugere que o homem que forneceu o jumento foi Lázaro, e que tudo fazia parte de um plano cuidadosamente traçado que envolveria a falsa crucificação.

Existe uma prova curiosa e desconcertante relativa a Nicolas Poussin. Em 1656, Nicolas Fouquet, Ministro das Finanças de Luís XIV, enviou o seu irmão mais novo, Louis, a Roma numa missão que envolvia uma visita a Poussin. A 17 de abril, Louis escreveu a Nicolas uma carta comentando que Poussin exibira uma «alegria avassaladora» ao receber a carta que Fouquet lhe enviara. Continua depois:

Ele e eu planeámos certas coisas de que daqui a pouco tempo poderei informar-vos totalmente; coisas que vos darão, através do M. Poussin, vantagens que os reis teriam grande dificuldade em obter dele, e que, segundo o que ele diz, ninguém no mundo jamais recuperará nos séculos vindouros; e, além disso, tal seria alcançado sem grande despesa e poderia até reverter em lucro, e são assuntos tão difíceis de investigar que nada na terra no momento presente poderia trazer uma maior fortuna nem talvez jamais a sua igual . . .

O comentário sobre «vantagens que os reis teriam grande dificuldade em obter (ou extrair) dele» é de forma bastante clara uma referência a Luís XIV. Parece que Fouquet está envolvido nalguma trama interessante nas costas de Luís. Cinco anos mais tarde, Fouquet foi preso sob acusações vagas de desvio de fundos e finalmente condenado a prisão perpétua. (Uma

teoria sugere que ele era o Homem da Máscara de Ferro.) Luís XIV deu-se a um grande trabalho para obter a pintura de *Os Pastores de Arcádia* – que também está gravada no túmulo de Poussin –, mas, em vez de a colocar em exibição, guardou-a nos seus aposentos privados.

Vejamos, então, se podemos começar a juntar as peças do esboço básico desta história incrivelmente complicada. Começa com Jesus, de quem se alega ter planeado a sua própria crucificação e subsequente «ressurreição», presumivelmente com o objetivo de «criar fé» e estabelecer o Cristianismo. Quer isto seja verdade ou não, somos convidados a acreditar que a dinastia merovíngia acreditava ser descendente direta de Jesus. Quando Dagoberto foi assassinado, a Igreja endossou o regicídio; Pipino, o Breve, o primeiro dos Carolíngios, recompensou o papa levando um exército para a Itália, infligindo derrotas aos inimigos do papa, os Lombardos, e entregando o território capturado, que se tornou a base dos Estados Pontifícios. Assim, os Merovíngios passaram a considerar-se os inimigos da Igreja de Roma. Foi formada uma sociedade secreta chamada Priorado de Sião, com o objetivo de colocar os Merovíngios de volta no trono de France. Esta detinha algum objeto sagrado importante – possivelmente o Graal, possivelmente alguma «prova incontrovertível» da descendência dos Merovíngios a partir de Jesus.

A sua palavra-passe secreta era provavelmente a frase «Et in Arcadia Ego». No século doze, os Cavaleiros Templários tornaram-se o braço militar desta sociedade secreta – o que significa, presumivelmente, que partilhavam o segredo sobre a crucificação –, um segredo, devemos ter em mente, que poderia ter minado os alicerces da Igreja Católica, a qual fora fundada sobre a noção da Expiação Vicária. Sem crucificação, não há expiação, não há Igreja . . .

O aspeto mais estranho da destruição dos Templários foram as acusações de blasfémia e de adoração de demónios. Mas se os Templários possuíam este conhecimento, então eram perigosos, tanto para a Igreja como para o Estado (isto é, para os reis de França). Há também muitas provas históricas de uma estreita aliança entre os Templários e os Cátaros. Os Cátaros doaram grandes extensões de terra aos Templários, e Bertrand de Blanchefort, quarto Grão-Mestre dos Templários, provinha de uma família cátara. Os descendentes de Bertrand lutaram ao lado dos Cátaros do

Languedoque contra os invasores que foram enviados pelo papa para erradicar o Catarismo.

Por volta do século dezasseis, os Merovíngios estavam representados pela casa de Lorena (que se tornou Habsburgo-Lorena – pelo que os Habsburgos também eram Merovíngios). Tentaram arduamente depor a casa reinante de Valois, mas, embora tenham finalmente conseguido provocar a sua extinção, tinham-se exaurido no processo e não tinham nenhum candidato elegível para apresentar. Quando Luís XIII morreu, houve outra tentativa determinada por parte dos conspiradores para impedir que Luís XIV subisse ao trono; mas esta falhou novamente. (Aos leitores que desejem estudar este aspeto histórico com mais detalhe, recomenda-se a leitura do fascinante livro de Lincoln.)

A história da queda de Fouquet parece sugerir que ele esperava usar o segredo do Priorado de Sião para derrubar o rei. Não é claro como Poussin estava associado ao mistério, mas ele seria presumivelmente um membro do Priorado e foi-lhe pedido que codificasse o seu principal segredo – provavelmente o da «prova incontrovertível», ou o do Graal – no seu quadro *Os Pastores de Arcádia*. Lincoln argumenta que a pintura incorpora alguma geometria secreta envolvendo um pentagrama que permitiria localizar o «tesouro». O interesse do Rei Luís na pintura sugere que ele esperava encontrar o tesouro primeiro.

Durante os primeiros anos do reinado de Luís, o Grão-Mestre do Priorado era, de acordo com os *Dossiers Secretos*, um pastor alemão chamado Johann Valentin Andreae; e isto introduz uma nova e interessante complicação. Pensa-se que Andreae terá sido o autor de uma obra curiosa chamada *The Fama Fraternitas of the Worthy Order of the Rosy Cross*, publicada em 1614. Esta afirmava que um asceta chamado Christian Rosenkreuz, que vivera até aos 106 anos, passara toda a sua vida na busca de sabedoria oculta e fundara uma ordem chamada a Fraternidade da Rosa-Cruz, ou Rosacruzes. Ele jazeu sepultado num túmulo secreto durante 120 anos, rodeado por velas acesas, antes de um irmão encontrar o túmulo. Agora, qualquer pessoa que desejasse tornar-se parte desta sabedoria secreta apenas tinha de manifestar o seu interesse e seria contactada . . . Muitas pessoas publicaram panfletos anunciando o seu desejo de ser iniciadas mas (tanto quanto se sabe) nenhuma delas foi alguma vez contactada. Foram publicadas mais duas obras rosacruzes, e a erudição

estabeleceu que o autor da terceira destas, *The Chemical Wedding of Christian Rosenkreuz*, foi Andreae. O Rosacrucianismo exerceu uma poderosa influência nas mentes de estudiosos e ocultistas nos séculos dezasseis, dezassete e dezoito. Agora, de acordo com as fontes de Lincoln, Andreae é revelado como um Grão-Mestre do Priorado (vinte anos após a publicação da *Fama*), e devemos aparentemente assumir que o Priorado de Sião se tornou estreitamente identificado com os Rosacruzes e, mais tarde, com as várias lojas maçónicas.

Lincoln escreve:

Foi no século dezoito, no entanto, que a linhagem merovíngia provavelmente esteve mais perto da concretização dos seus objetivos. Por força do seu casamento com os Habsburgos, a casa de Lorena tinha efetivamente adquirido o trono da Áustria, o Sacro Império Romano-Germânico. Quando Maria Antonieta, filha de François de Lorraine, se tornou rainha de França, o trono de França também estava a apenas uma geração ou duas de distância. Não tivesse a Revolução Francesa intervindo, a casa de Habsburgo-Lorena bem poderia, no início dos anos 1800, estar a caminho de estabelecer o seu domínio por toda a Europa.

Com a Revolução, estas esperanças evaporaram-se. E, por alguma razão, o Abade Antoine Bigou, o padre de Rennes-le-Château e confessor da família Blanchefort (da qual, recordemo-lo, um membro tinha sido Mestre dos Templários) sentiu que tanto ele como o segredo de Rennes-le-Château estavam em perigo. O porquê não é claro – os *sans-culottes* dificilmente matariam todos os padres em França. Possivelmente pensou que tinham sido traídos ou que estavam prestes a sê-lo. De qualquer modo, deu-se ao trabalho de escrever os dois pergaminhos codificados e de os ocultar, juntamente com as duas tabelas genealógicas, no pilar visigótico. Não sabemos o que continham as duas tabelas – talvez a linha de descendência desde Jesus até aos membros vivos do Priorado de Sião. (De acordo com o informador de Lincoln, o M. Plantard, o Pretendente Merovíngio, elas encontram-se agora num cofre de um banco de Londres.) Depois, Bigou fugiu para Espanha, onde morreu pouco tempo depois.

Estava assim preparado o cenário para o aparecimento de Saunière quase um século mais tarde e para a sua descoberta dos pergaminhos. O que aconteceu depois? Saunière foi a Paris e contatou a pessoa exata – Émile Hoffet – que foi capaz de o colocar em contato com o moderno

Priorado de Sião. O Priorado bem poderia ter perdido o contato com os segredos de Rennes-le-Château, caso Bigou tivesse escondido o «tesouro», pelo que terá ficado encantado por o ver.

Devemos assumir que Saunière aceitou a «prova incontrovertível» de que Jesus não morrera na cruz mas fundara uma dinastia royal, e tornou-se membro do Priorado. Regressou então a Rennes-le-Château e usou o conhecimento que adquirira – presumivelmente de Debussy – para encontrar o «tesouro». Aquelas excursões na região, quando afirmava ter estado a recolher pedras para uma gruta, deveriam fazer parte da caça ao tesouro. Encontrou o seu «tesouro» e tornou-se um homem rico. Mas sabemos que grande parte do seu dinheiro provinha da família Habsburgo – a dada altura foi acusado de ser um espião austríaco porque estava a ser pago pelos Habsburgos –, mas que parte dele lhe era paga pelo Abade Henri Boudet, cura da vizinha Rennes-les-Bains. Boudet também passava dinheiro ao Bispo de Carcassonne. Pareceria, então, que Boudet também era membro do Priorado de Sião.

Quando Saunière morreu, depois de desfrutar da sua recém-adquirida riqueza durante menos de um quarto de século, chocou o padre que lhe administrou os últimos sacramentos ao admitir que não era, no sentido estrito da palavra, um cristão. Ele tinha deixado pistas com o mesmo efeito nas restaurações da sua igreja: o diabo dentro da porta (*Rex Mundi*) – Asmodeus, o lendário guardião do tesouro de Salomão – e muitos apontamentos desconcertantes no painel da crucificação, tais como um saco de dinheiro ao pé da cruz.

Sobre a porta mandara inscrever as palavras TERRIBILIS EST LOCUS ISTE: este lugar é terrível. As palavras são da missa de dedicação cantada para as novas igrejas, e «terrível» aqui significa «que inspira temor reverente»; mas continua a parecer estranho que Saunière as tenha escolhido para a divisa da sua igreja, vistas imediatamente antes de o visitante deparar com o seu «demónio guardião».

Lincoln parece considerar que a solução para o mistério da riqueza de Saunière reside no facto de esta provir do Priorado de Sião. Mas isto é contestado por outros autores. Brian Innes, que realizou uma investigação em quatro partes sobre o mistério numa revista chamada *The Unexplained* em 1980, aponta que foram encontradas quantidades de ouro na região. Em 1645, um jovem pastor chamado Ignace Paris foi executado por roubo;

estava na posse de moedas de ouro e afirmou que as descobrira após cair numa ravina e encontrar o seu caminho para uma gruta cheia de tesouros. Innes diz que, mais recentemente, foi encontrada uma placa de ouro pesando cerca de 45 libras perto de Rennes-le-Château, feita a partir de moedas árabes (ou de Cruzados) fundidas, e que em 1928 os restos de uma grande estátua de ouro foram encontrados numa cabana à beira de um ribeiro que corre por baixo da aldeia.

No seu livro *The Holy Grail Revealed: The Real Secret of Rennes-le-Château*, Patricia e Lionel Fanthorpe também argumentam firmemente que Saunière encontrou um tesouro real, e não meramente algum segredo antigo. No entanto, também estão inclinados a concordar com Lincoln em que existia também algum «objeto» referido como o Graal que poderia conferir poder a quem o possuísse: comparam-no ao Anel do Poder em *O Senhor dos Anéis* de Tolkien e sugerem mesmo, a dada altura, que poderá ser de «origem extraterrestre», ligando Rennes-le-Château às teorias dos «antigos astronautas» de Erich von Däniken.

Nenhuma das teorias consegue fornecer uma solução completa para o mistério de Rennes-le-Château, mas, no geral, Lincoln é quem mais se aproxima dela. Para o leitor do século vinte, a noção de que Jesus sobreviveu à crucificação e fundou uma dinastia não é particularmente «terrível». No entanto, podemos ver que para Nicolas Poussin e Louis Fouquet esta noção teria parecido de erguer os cabelos, uma espécie de dinamite espiritual, suficiente para minar dezasseis séculos de Cristianismo e a autoridade do papa. Mesmo para Saunière, vivendo no final do cético século dezanove, deve ter parecido bastante marcante.

Será provável que venhamos alguma vez a chegar ao fundo do mistério? Está bem dentro do reino das possibilidades. Presumivelmente, o Priorado de Sião sabe precisamente o que Saunière encontrou perto de Rennes-le-Château no túmulo da encosta da colina ou na velha fortaleza, e a sua tendência crescente para «se tornar público» pode significar que, mais cedo ou mais tarde, nos será contada a história toda. Mas mesmo que isso não aconteça, a solução poderia ainda residir na mensagem do segundo pergaminho – na resolução do enigma contido em Poussin e Teniers, na decifração do significado de «Paz 681» (que poderia referir-se ao ano de 1799, dado que os Maçons Templários datavam o calendário a partir do ano de 1118), o cavalo de Deus, o demónio do guardião ao meio-dia e as maçãs

azuis. Mas quem quer que descubra o segredo pode estar razoavelmente certo de uma coisa: de que o tesouro em si estará em falta.

Pós-escrito a Rennes-le-Château

A publicação de *The Holy Blood and the Holy Grail* em 1982 causou sensação. De repente, a pequena aldeia de Rennes-le-Château tornou-se famosa, e autocarros cheios de turistas chegavam todos os verões – alguns deles guiados pelo próprio Henry Lincoln.

Lincoln passou a sentir que uma parte importante do mistério de Rennes-le-Château residia na própria paisagem. Olhando para o código descoberto no pergaminho, Lincoln notou a frase: «Poussin guarda a chave . . .» e, como vimos, o túmulo real mostrado na pintura de Poussin foi descoberto na região de Rennes-le-Château, na vizinha Arques. E, de facto, o túmulo, embora não tivesse qualquer inscrição em latim, era de resto idêntico, até na pedra sobre a qual o pastor na pintura apoia o seu pé.

Lincoln tinha não só notado que havia um pentagrama escondido num dos pergaminhos, mas também que havia algo de estranho na geometria da pintura de Poussin. Mostrou-a ao Professor Christopher Cornford, do Royal College of Art, e Cornford não só concordou com ele que havia um pentagrama oculto na pintura, mas também que a estrutura se baseava na Secção Áurea, uma divisão geométrica muito utilizada na antiguidade. (Esta é também conhecida pela letra grega *phi* e é basicamente uma forma de dividir uma linha numa proporção tal que a parte menor está para a maior assim como a maior está para a linha total – e em termos numéricos equivale a 1,618.) O que torna a Secção Áurea tão importante é que a natureza, por alguma razão estranha, a utiliza a toda a hora, desde conchas marinhas em espiral até galáxias em espiral. Está presente na disposição das pétalas em redor do miolo das flores e no corpo humano. E, por alguma razão, quando utilizada nas divisões de uma pintura, produz um efeito estranhamente agradável.

Ora, o pentagrama é um dos mais antigos símbolos mágicos. E a razão é, quase de certeza, o facto de estar associado ao planeta Vénus. Se imaginarmos a Terra como o centro do sistema solar (como os antigos acreditavam que era), torna-se óbvio que haverá momentos em que cada planeta será «eclipsado» pelo Sol, quando o Sol se coloca entre o planeta e a Terra. Mercúrio, por exemplo, é «eclipsado» três vezes e, se desenharmos

linhas entre estes três pontos nos céus, eles formam um triângulo irregular. Marte é «eclipsado» quatro vezes, e a figura é um retângulo irregular. Na verdade, todos os planetas descrevem figuras irregulares – exceto Vénus. E este desenha um pentagrama ou pentáculo regular.

Ora, ao escrever um livro chamado *From Atlantis to the Sphinx*, eu tinha concluído que a astronomia é muito, muito mais antiga do que poderíamos imaginar. Há até provas de que remonta a mais de cem mil anos atrás, ao Homem de Neandertal. E no seu livro *Hamlet's Mill*, Giorgio de Santillana e Hertha von Dechend demonstraram de forma muito clara que a precessão dos equinócios – aquele aparente movimento lento e retrógrado das constelações, devido a uma ligeira oscilação no eixo da Terra, que demora quase vinte e seis mil anos a completar o seu ciclo – era conhecida por todas as grandes civilizações do mundo antigo. Isto, reconheça-se, soa a absurdo, dado que pareceria envolver muitos séculos de observação atenta dos céus. Mas Santillana e Dechend deixam poucas dúvidas de que assim era. A implicação é que o pentagrama que simboliza Vénus tem sido sagrado durante muitos milhares de anos.

Ora, Lincoln também descobriu o pentagrama na geometria de Rennes-le-Château. Quando olhou para um mapa topográfico da região de Rennes-le-Château, uma coisa saltou imediatamente à vista: três dos seus locais fundamentais – Rennes, o Castelo Templário de Bézu e o castelo de Blanchefort – formavam os três pontos de um triângulo. E todos ficavam no topo de colinas.

Quando Lincoln desenhou o triângulo no seu mapa e passou a medir as suas linhas, teve uma surpresa. Era um triângulo isósceles preciso, isto é, com dois lados exatamente iguais. Com Bézu no vértice do triângulo, as linhas de Bézu a Blanchefort e de Bézu a Rennes-le-Château eram iguais. Isto não podia ser um acidente. Num ponto remoto do tempo, alguém tinha observado que os três topos das colinas formavam um triângulo preciso e, no devido tempo, tinham sido escolhidos como parte de um padrão secreto.

Agora, Lincoln viu-se a perguntar se, por alguma remota oportunidade, haveria mais dois topos de colinas que formassem o resto do pentagrama. Como é óbvio, ele sentia que isso seria pedir demasiado . . . No entanto, quando estudou o mapa, ficou estupefacto ao descobrir que existiam de facto dois topos de colinas nesses mesmos locais, precisamente nos sítios certos. O de leste chamava-se La Soulane e o de oeste Serre de

Lauzet. E quando os cinco topos das colinas foram unidos no mapa, formaram um pentáculo exato.

Isto era obviamente um espantoso capricho da natureza. Mas havia mais uma surpresa a caminho. Quando Lincoln procurou o centro do mapa, descobriu que este estava marcado por outra colina, chamada La Pique. Reconheça-se que, embora o cume de La Pique parecesse no mapa o centro exato, ficava na realidade a duzentas e cinquenta jardas a sudeste do centro. Mas isso era de esperar. Afinal de contas, esta não era uma paisagem feita pelo homem. Já era suficientemente incrível que La Pique calhasse no centro do pentáculo.

Portanto, este era o segredo básico de Rennes-le-Château: o de que fazia parte de uma paisagem sagrada. Talvez tenha sido por isso que Rennes-le-Château foi escolhida pelo rei merovíngio Dagoberto como sua residência (e explica por que razão o seu filho Sigisberto fugiu para lá após o assassinato do pai). O sangue real dos Merovíngios estava associado a uma paisagem mágica. A implicação é de que a deusa a quem o «Templo» de Rennes-le-Château fora originalmente dedicado era Vénus, e explica por que razão Maria Madalena – que foi identificada com Vénus na Idade Média – figura de forma tão proeminente na região.

Por outras palavras, toda a região de Rennes-le-Château era considerada sagrada devido à sua geometria. No centro da sua paisagem residia um pentagrama natural. Sendo assim, parece inevitável que, na era cristã, as igrejas fossem construídas de modo a conformarem-se com este padrão geométrico. E, de facto, um entusiasta chamado David Wood estudou o mapa da região e descobriu rapidamente que podia ser desenhado um círculo preciso através de cinco igrejas, incluindo a de Rennes-le-Château, ligadas por uma geometria pentacular.

O seu livro *Genisis* contém algumas perspetivas notáveis sobre a geometria da região, que Lincoln (que introduz o livro) reconhece serem notáveis. No entanto, Lincoln – provavelmente em comum com a maioria dos leitores do livro – é incapaz de concordar com a explicação de Wood para o mistério, a qual envolve uma super-raça que veio de Sírio há 200 000 anos e se tornou os deuses do Antigo Egito. Tais especulações, embora fascinantes, são obviamente não provadas e não prováveis.

Mas uma descoberta interessante feita por David Wood – e aceite por Lincoln – é a de que a geometria da região de Rennes-le-Château é, incrivelmente, medida em milhas inglesas, e não em quilómetros. Lincoln argumenta eficazmente que o quilómetro (que supostamente é a décima milionésima parte da distância do Polo Norte ao Equador) é uma medição descuidada e sem sentido, e que o mundo estaria melhor se regressasse às milhas.

Igualmente controversas são as especulações contidas num livro chamado *The Tomb of God* (1996), de Richard Andrews e Paul Schellenberger, cujas construções geométricas os levam a localizar o túmulo de Jesus no sopé de uma montanha perto de Rennes-le-Château, e que estão convencidos de que Saunière foi assassinado. Mas um programa de televisão da BBC sobre o livro pareceu demonstrar que a atitude da BBC em relação a Rennes-le-Château tinha mudado desde os três programas de Lincoln, e que se tinham tornado céticos intransigentes.

O que foi certamente mais absurdo foi a tentativa do programa de demonstrar que a história do Priorado de Sião, e todo o caso de Rennes-le-Château, era um embuste que tinha sido agora desmascarado. Pois mesmo que se pudesse demonstrar que Pierre Plantard, que afirma ser um descendente merovíngio de Dagoberto, era um impostor, o mistério de Saunière e da sua fortuna continuaria tão intrigante como sempre.

Então de onde vinha essa riqueza? A resposta é quase de certeza: não de qualquer tesouro escondido, mas sim do Priorado de Sião – isto é, de descendentes modernos dos Merovíngios, particularmente da casa de Habsburgo na Áustria. Andrews e Schellenberger (cujo livro está excelentemente investigado, mesmo que as suas conclusões pareçam duvidosas) apresentam provas de que Henri Boudet, o padre da vizinha Rennes-les-Bains, era o pagador de Saunière, e que passou quantias como três milhões e meio de francos de ouro para a governanta de Saunière, Marie Denarnaud, e sete milhões e meio para o Bispo Billard, que nomeou Saunière para Rennes-le-Château. Parece claro que havia muitas outras pessoas no segredo.

Quanto a Pierre Plantard, que parece ter dado a Lincoln a informação básica que lhe permitiu decifrar o mistério dos pergaminhos, o caso contra ele foi exposto por Lynn Picknett e Clive Prince num livro chamado *The Templar Revelation*. Plantard ganhou destaque na Paris ocupada em 1942

como o Grão-Mestre de uma ordem quase maçónica chamada A Ordem de Alpha-Galates, a qual era «marcadamente acrítica» em relação aos nazis. Na verdade, os nazis pareciam aprová-la. Mas, por outro lado, claro que aprovariam; parte do trabalho de Himmler consistia em estabelecer que os alemães tinham uma origem nobre nos dias remotos das sagas nórdicas e em criar uma ordem mística moderna com raízes no passado ariano.

Pierre Plantard, a quem Picknett e Prince descrevem como «um antigo desenhador de uma empresa de instalação de fogões, que alegadamente tinha dificuldades em pagar a renda de vez em quando», mudou depois o seu nome para Pierre Plantard de Saint-Clair e desempenhou mais tarde um papel importante no regresso ao poder do General de Gaulle em 1958. A partir de 1956, o Priorado de Sião estivera a depositar «documentos enigmáticos» na Bibliothèque Nationale. A implicação era a de que estes documentos tinham sido fabricados como parte do «embuste». Na verdade, os livros de Lincoln, *The Holy Place* e *Key to the Sacred Pattern*, tornam claro que não há qualquer razão para acreditar que o Priorado de Sião seja uma espécie de embuste ou que Pierre Plantard não seja exatamente aquilo que diz ser.

Por outro lado, é necessário admitir que a BBC poderá ter tido justificação na sua atitude negativa em relação a *The Tomb of God* de Andrews e Schellenberger. Como já foi referido, a teoria deles sugere que Jesus está sepultado no sopé de uma montanha perto de Rennes-le-Château. Encontram todo o tipo de figuras geométricas nos pergaminhos de Saunière e, depois, usam-nas como um mapa para localizar o «túmulo de God». Adicionam a palavra «sum» (sou) a «et in Arcadia ego» para formar um anagrama que reza «Eu toco o túmulo de Deus, Jesus».

Sugerem que as «maçãs azuis» referidas no pergaminho de Saunière são uvas e que simbolizam o corpo de Jesus. A intrigante frase «cavalo de Deus», parecem pensar que se refere a uma locomotiva de comboio, e um papel importante no seu argumento é desempenhado por uma linha de caminho-de-ferro que foi construída na década de 1870. Finalmente, sugerem que Saunière e os seus dois colegas padres foram assassinados, por razões que não conseguem esclarecer. Outra teoria citada por Picknett e Prince defende que o túmulo de Jesus está situado por baixo da casa de banho pública em Rennes-le-Château.

O argumento mais forte de Henry Lincoln diz respeito às medições reais da Terra. Ele menciona um livro notável chamado *Historical Metrology* (1953), de autoria de um engenheiro-chefe chamado A. E. Berriman, um volume incrivelmente erudito que cobre o Antigo Egito, a Babilónia, a Suméria, a China, a Índia, a Pérsia e muitas outras culturas, o qual começa com a pergunta: «Foi a Terra medida na antiguidade remota?», e se propõe demonstrar que, de facto, foi. Argumenta que os antigos pesos e medidas derivavam da medição da Terra – o que, como é óbvio, significa que os povos antigos já tinham medido a Terra.

O livro deve ter parecido aos contemporâneos de Berriman como desesperadamente excêntrico. Ele diz que uma medida era uma fração da circunferência da Terra, que uma medida de área de terreno (o acre) se baseava numa fração decimal do quadrado do raio da Terra, e que certos pesos se baseavam na densidade da água e do ouro. Soa quase como se Berriman estivesse a postular a existência de alguma antiga civilização que desapareceu sem deixar rasto, exceto por estas antigas medidas.

Em última análise, uma das coisas mais interessantes que Lincoln fez, com a sua investigação de trinta anos sobre Rennes-le-Château, foi demonstrar la existência de alguma antiga ciência de medição da Terra. Desde a época medieval, esta ciência parece ter estado sob a custódia da Igreja, e devemos naturalmente suspeitar do envolvimento dos Templários. Mas Lincoln está inclinado a acreditar que poderá ser muito mais antiga do que isso – remontando à era dos megálitos.

Berriman parece estar a defender o mesmo ponto em *Historical Metrology*. O seu argumento, como foi referido acima, é o de que a medição pré-histórica era de origem geodésica – isto é, derivava do tamanho da Terra. Um dos seus argumentos mais fortes surge logo no início do seu primeiro capítulo. Aponta que, embora os gregos não soubessem o tamanho da Terra, a circunferência polar da Terra calha ser precisamente de 216 000 estádios gregos. O estádio grego equivale a 600 pés gregos, e o pé grego é 0,15 mais longo do que o pé britânico.

Se quisermos descobrir quantos estádios gregos existem num grau da circunferência da Terra, dividimos 216 000 pelos 360 graus de um círculo. E a resposta, significativamente, revela ser 600 – o mesmo que o número de pés num estádio. Se depois dividirmos por 60 – para obter o número de estádios num minuto da circunferência –, obtemos 10 estádios. E se formos

mais longe e dividirmos novamente por 60, para encontrar o número de pés gregos num segundo da circunferência da Terra, vemos que é precisamente 100.

Isto simplesmente não pode ser por acaso. As distâncias não costumam dar números redondos e exatos. É óbvio (a) que os gregos receberam o seu estádio de outra pessoa, e (b) que essa outra pessoa conhecia o tamanho exato da Terra. Berriman está repleto destes factos intrigantes – por exemplo, o de que a área do grande banho de Mohenjo-Daro, no Vale do Indo, é de cem jardas quadradas.

Quanto a esta «ligação inglesa», Lincoln tem uma especulação divertida mas fascinante. No início da sua investigação sobre Rennes-le-Château, foi à Bibliothèque Nationale com Gérard de Sède, e de Sède sugeriu-lhe que solicitasse um livro chamado *La Vraie Langue Celtique* (A Verdadeira Língua Céltica) do Abade Henri Boudet, que era, como retivemos, padre na vizinha Rennes-les-Bains e um amigo íntimo de Saunière.

Lincoln conseguiu obter o livro de Boudet e considerou-o desconcertante, bem como cómico. Boudet parecia pensar que a língua original da humanidade antes da Torre de Babel era o inglês, ou melhor, o céltico. Esta parte do livro Lincoln descreve-a como «palhaçada linguística». E uma vez que se sabia que Boudet era um homem inteligente, Lincoln suspeita que ele estaria a falar com ironia. Mas o volume transforma-se depois em algo muito mais interessante. Boudet passa a discutir as complexas estruturas megalíticas da região.

O subtítulo do livro é «O Cromeleque de Rennes-les-Bains» – um cromeleque é um megálito composto por grandes pedras planas apoiadas em duas pedras verticais, um pouco como uma enorme mesa de jantar. Parece que o trabalho de Boudet consistia simplesmente em dar pistas sobre o mistério de toda a região e insinuar que este remonta aos tempos megalíticos. Mas Lincoln está também inclinado a suspeitar que a sua intenção é dizer ao seu leitor que uma chave importante para o segredo da região reside no inglês – talvez em medidas inglesas, tais como a milha inglesa. E estará Boudet também a insinuar que as medidas originais da humanidade são inglesas – tais como a milha?

Deixem-me tentar resumir as conclusões deste pós-escrito.

A região de Rennes-le-Château parece ser um enorme local sagrado centrado num pentáculo natural. Lincoln acredita que tem sido sagrado há pelo menos mil anos, pois o «templo» – constituído por igrejas, castelos e aldeias – deve ter sido projetado há pelo menos mil anos.

Mas a estrutura pentacular das montanhas da região só pode ser vista do ar ou a partir de um bom mapa. E sabemos que não havia bons mapas há mil anos, exceto os portulanos, os mapas que os marinheiros usavam para navegar de porto em porto. E veremos na secção sobre os «Mapas dos Antigos Reis do Mar» que o Professor Charles Hapgood acreditava que alguns dos portulanos poderiam remontar à época em que não havia gelo a cobrir a Antártida – pelo menos 5000 a.C., e talvez antes.

As conclusões de A. E. Berriman sobre o estádio grego apontam na mesma direção. Se os antigos gregos – antes de Eratóstenes, cerca de 200 a.C. – não sabiam o tamanho da Terra, então como é possível que o estádio grego seja uma medida muito precisa da circunferência polar da Terra? Alguém sabia o tamanho da Terra. Esse «alguém» poderá ter sido os antigos egípcios, ou talvez até os sumérios, cuja civilização data de cerca de 4000 a.C.

Mas, por outro lado, nem os egípcios nem os sumérios tinham meios para medir o tamanho da Terra com tanta precisão. Teria a Terra sido, de facto, medida por uma civilização muito anterior, que remonta a muito antes dos egípcios ou dos sumérios? No nosso livro *The Atlantis Blueprint*, Rand Flem-Ath e eu argumentámos que a Antártida era a Atlântida e que uma grande civilização existiu na Atlântida – como Platão sugere – já em 10 500 a.C.

Mas mesmo que uma «civilização marítima mundial» existisse nessa época, como Hapgood sugere, teria continuado a ser virtualmente impossível medir a circunferência polar da Terra a não ser pelos meios geométricos bastante imprecisos utilizados por Eratóstenes. (Ver o Capítulo sobre os Antigos Reis do Mar.) Erich von Däniken argumentaria, sem dúvida, que a Terra foi medida a partir de naves espaciais em tempos antigos. Rand Flem-Ath e eu (CW) estamos ambos inclinados a suspeitar que a verdadeira resposta reside na noção de que a civilização pode ser dezenas de milhares de anos mais antiga do que qualquer pessoa suspeita.

Se assim for, então o mistério de Rennes-le-Château pode estender-se muito mais para trás do que os Templários ou os Merovíngios e ter a sua origem nalgum período remoto da pré-história.

45

Terá Robin Hood Existido Realmente?

A seguir ao Rei Artur, Robin Hood é o mais famoso dos heróis britânicos, e partilha com o Rei Artur a indignidade de ver a sua existência posta em dúvida pela erudição moderna. O folclorista Lord Raglan concluiu que ele era na verdade um deus céltico, ao passo que em *The God of the Witches* Margaret Murray argumenta que o seu nome significa Robin do Capuz (*Robin of the Hood*) e que ele era provavelmente o diabo (ou deus cornífero) nos antigos festivais de bruxaria. No entanto, há também provas convincentes de que Robin foi uma pessoa real e de que – como as baladas declaram – saqueou os veados do rei na Floresta de Sherwood e manteve uma disputa de longa data com o Xerife de Nottingham.

A primeira referência literária a Robin Hood ocorre em *Piers Plowman* de William Langland, que data de cerca de 1377. Langland faz um padre observar que não conseguia rezar o pai-nosso sem cometer erros, mas «conheço rimas de Robyn Hood e de Randolf, Conde de Chester». Portanto, já existiam baladas de Robin Hood por essa data. Em 1510, Wynkyn de Worde, um dos primeiros impressores, publicou *A Lytell Geste of Robyn Hood*, que fez por Robin Hood o que Malory fizera pelo Rei Artur em meados do século anterior. E na altura em que aparece em *Ivanhoe* de Sir Walter Scott (1847), Robin tinha-se tornado o companheiro fiel e aliado de Ricardo Coração de Leão, o heroico salteador dos bosques.

Tudo o que foi preciso então foi que algum folclorista notasse a frequência com que o nome de Robin Hood surge associado a festivais

populares, como a cerimónia do *Hobby Horse* que tem lugar no Dia de Maio em Padstow, na Cornualha,[22] para sugerir que Robin Hood era na verdade Robin Wood, e que o seu nome deriva do deus nazi Woden . . . Na verdade, ele aparece como Robin Wood em *The Sword in the Stone* de T. H. White, no qual se torna contemporâneo do Rei Artur, que (se é que alguma vez existiu) se dizia ter morrido por volta de 540 d.C.

Aqueles que assumem que não há fumo sem fogo estão inclinados a acreditar que Robin Hood foi um salteador real que em tempos viveu na Floresta de Sherwood, e que se tornou tão popular durante a sua própria vida que, tal como Billy the Kid, se tornou depressa o tema de contos e baladas. No entanto, parece improvável que ele andasse por cá por altura de Ricardo Coração de Leão (1157–1199), senão teria certamente sido mencionado em manuscritos antes de *Piers Plowman*, dois séculos mais tarde. Na sua *Chronicle of Scotland*, escrita por volta de 1420, Andrew Wyntoun refere-se a Robin Hood e a Little John no ano de 1283, o que soa inteiramente mais provável – cerca de um século antes de *Piers Plowman*.

E onde operava ele precisamente? Uma pista importante é o facto de existir uma pequena cidade piscatória chamada Robin Hood's Bay em Yorkshire, não longe de Whitby, e de existirem ali perto, nos pântanos, dois túmulos (ou mamoas) chamados Robin Hood's Butts. Outra é o facto de, na Inglaterra medieval, a floresta de Barnsdale, em Yorkshire, se unir à Floresta de Sherwood, em Nottinghamshire. Uma biografia de Robin Hood do século dezasseis, que se encontra entre os Manuscritos Sloane, diz que ele nasceu em Loxley, em Yorkshire, por volta de 1160. A *Chronicle of Scotland* associa Robin a «Barnysale», presumivelmente Barnsdale. Assim, as provas sugerem que ele era um homem de Yorkshire.

Lendas posteriores declaram que ele era «Sir Robin de Loxley», ou mesmo o Conde de Huntingdon. Mas é claro pelas baladas anteriores que ele era um *yeoman* – um agricultor que possui as suas próprias terras – e que é em parte por isso que se tornou um herói tão grande: não por ser um nobre, mas por ser um representante do povo. (Um pequeno agricultor arrendatário estaria apenas um nível acima de um camponês sem terra.)

Uma das pistas mais importantes para a identidade de Robin surgiu em meados do século dezanove, quando a Comissão de Documentos Históricos estava a catalogar milhares de documentos que representavam oito séculos de história britânica. Foi em 1852 que o antiquário Joseph

Hunter afirmou ter tropeçado num homem que parecia poder ser o Robin Hood original. O seu nome, na verdade, era Robert, e era filho de Adam Hood, um guarda-florestal ao serviço do Conde de Warenne. (Robin era simplesmente um diminutivo de Robert – não sendo, nesses dias, um nome por direito próprio.)

Nasceu por volta de 1280 e, a 25 de janeiro de 1316, Robert Hood e a sua esposa Matilda pagaram dois xelins de licença para ocupar um pedaço de terreno baldio do conde em «Bickhill» (ou Bitch-hill), em Wakefield. Tinha meramente o tamanho de uma horta – trinta pés de comprimento por dezasseis pés de largura. A renda de isto era de seis cêntimos por ano. O *Manor Court Roll* de 1357 mostra uma casa «outrora propriedade de Robert Hode» no local – pelo que, por essa altura, Robert Hood estaria presumivelmente morto.

Ora, 1316 situava-se a meio do reinado de Eduardo II, o rei afetado e homossexual que acabou por ser assassinado – através da inserção de um espeto em brasa nas suas entranhas – em setembro de 1327. Após a sua coroação (em 1307), demitiu os ministros e juízes do seu pai e tornou o seu amante, Piers Gaveston, Conde da Cornualha – para fúria dos seus barões. Foi o mais poderoso destes, Thomas, Conde de Lancaster, quem forçou Eduardo a aceitar o governo de vinte e oito barões (chamados de *Ordainers*) e quem acabou por executar Piers Gaveston em 1312. A falta de atenção de Eduardo aos assuntos de Estado permitiu que os escoceses – contra quem o seu pai, Eduardo I, tinha lutado com tanto sucesso – se libertassem dos seus senhores ingleses. Eduardo II foi derrotado em Bannockburn em 1314, dois anos antes de Robin Hood arrendar o pedaço de terreno baldio e estabelecer casa com a sua esposa Matilda. Por isso, é compreensível que, quando o Conde de Warenne recebeu ordens do rei para mobilizar uma tropa para combater os escoceses, Robert Hood não tenha comparecido, mostrando os registos que foi consequentemente multado.

Mas quando uma segunda mobilização foi reunida em 1317, o nome de Hood não constava entre os multados – o que levou J. W. Walker, um historiador moderno, a concluir que desta vez Robin Hood se juntou ao exército. Cinco anos mais tarde, foi o Conde de Lancaster quem reuniu o exército para lutar contra o rei. Uma vez mais, o nome de Hood não consta entre os multados, pelo que parece novamente que ele respondeu à

convocação. O exército de Lancaster foi derrotado em Boroughbridge, e Lancaster foi capturado e decapitado. A disputa tinha sido por causa dos novos favoritos de Eduardo, os Despenser, pai e filho, que ele fora forçado a banir; agora podia chamá-los de volta.

Muitos dos apoiantes de Lancaster foram declarados salteadores, e Walker descobriu um documento que afirmava que um «edifício de cinco divisões» em Bichhill, Wakefield, constava entre os bens confiscados. Walker acredita que esta era a casa de Robert Hood e que o salteador se refugiou então na floresta vizinha de Barnsdale, onde depressa se tornou um assaltante de grande sucesso.

Ora, deve entender-se que, se Robert Hood era o lendário Robin e se refugiou na floresta, vivendo da população de veados, estava a arriscar penalizações horríveis. Quando Guilherme, o Conquistador, trouxe os Normandos para a Inglaterra, declarou que as florestas – que cobriam um terço do território – eram sua propriedade privada; qualquer camponês que matasse um veado corria o risco de ser literalmente esfolado vivo. Sob o governo de Guilherme, os Saxões sofreram tanto como os países ocupados pelos nazis na Segunda Guerra Mundial. Dois séculos e meio mais tarde, os Normandos consideravam-se ingleses, e a língua francesa tinha cessado de ser usada em Inglaterra, mas as leis continuavam a ser severas.

As «leis florestais» tinham sido mitigadas, pelo que um homem já não corria o risco de ver as mãos ou os lábios decepados por caçar furtivamente um veado; mas a pena continuava a ser uma multa pesada, um ano de prisão e garantias quanto ao seu futuro bom comportamento. Se não conseguisse encontrar fiadores, tinha de «abjurar o reino» – abandonar o reino para sempre.

A batalha de Boroughbridge foi travada a 16 de março de 1322, perto do rio Ure, em Yorkshire; homens de armas e arqueiros apeados repeliram a cavalaria, e depois outro exército monárquico avançou por trás dos rebeldes e forçou-os a renderem-se. Lancaster foi capturado e julgado; as provas revelaram que ele estivera a planear uma aliança com o velho inimigo do rei, Robert the Bruce. Lancaster – primo do rei – foi decapitado. E Robin Hood, privado da sua casa, tornou-se um salteador na floresta do rei.

Mas se Walker está correto ao identificar Robert Hood de Wakefield como Robin Hood, ele não foi um salteador por muito tempo. Na primavera do ano seguinte, o rei fez uma viagem pelo norte da Inglaterra, chegando a York a 1 de maio. De 16 de maio a 21 de maio, permaneceu em Rothwell, entre Wakefield e Leeds, e passou três dias a caçar em Plumpton Park, na Floresta de Knaresborough. E a *Lytell Geste* faz desta visita parte da história de Robin Hood, descrevendo como o rei «veio a Plumpton Park / E falhou [sentiu falta de] muitos dos seus veados». Onde o rei estava habituado a ver manadas de veados, agora apenas conseguia encontrar um veado «que ostentasse uma boa galhada». O que fez o rei jurar pela Trindade: «Quem me dera deitar as mãos a Robin Hood»:

I wolde I had Robyn Hode With eyen I myght hym se.

Assim, de acordo com esta balada, um dos guardas-florestais sugeriu que o rei se disfarçasse de abade, cavalgando pelo bosque frondoso com um grupo de monges. O estratagema resultou; Robin e os seus homens pararam o «abade», mas reconheceram-no como o rei. E o rei achou então Robin tão simpático que o convidou a juntar-se à comitiva real como *vadlet*, um cavalheiro da câmara real. O rei continuou as suas viagens até fevereiro de 1324, altura em que regressou a Westminster. As contas da casa real de abril registam o pagamento do salário do mês anterior a Robyn Hod e a vinte e oito outros.

O primeiro registo de um pagamento a Robyn Hod é de junho anterior. A balada diz-nos que, após ser servo do rei durante pouco mais de um ano, Robin pediu autorização ao rei para regressar a Barnsdale. E as contas da casa real de novembro de 1324 registam que Robyn Hod, outrora um dos «porteurs» (cavalheiros da câmara), recebera cinco xelins «porque já não tem capacidade para trabalhar». A balada diz que Robin pediu licença ao rei para regressar a Barnsdale, tendo-lhe sido concedida autorização para ficar por sete dias. Mas ele nunca mais regressou; em vez disso, reagrupou os seus companheiros alegres e continuou a viver no bosque frondoso por mais vinte e dois anos. Se isto se baseia em factos, então morreu por volta de 1346, em meados dos seus sessenta anos.

A sorte do rei mudou para pior após a partida de Robin. Tinha chamado de volta os banidos Despenser, e o mais jovem dos dois tornara-se o seu «favorito» – para desgosto da sua rainha, que já tivera de lidar com Piers Gaveston. Ela era uma francesa, filha de Filipe, o Belo. Passou então

a interessar-se romanticamente por um jovem barão antipático e ambicioso chamado Roger de Mortimer, que fora atirado para a Torre devido à sua oposição aos Despenser. A Rainha Isabel tornou-se sua amante, e foi provavelmente ela quem planeou a fuga de Mortimer. Ele fugiu para Paris, onde se lhe juntou Isabel, que se encontrava numa missão para o rei. Desembarcaram em Orwell, em Suffolk, com um exército de quase três mil homens. Quando o rei soube da notícia, fugiu, vindo a ser capturado e preso no Castelo de Berkeley.

Foi forçado a abdicar, e o seu filho (de quinze anos) foi coroado Eduardo III. Na noite de 21 de setembro de 1327, gritos horríveis ecoaram pelo castelo. Na manhã seguinte, foi anunciado que o rei tinha morrido «de causas naturais». Não havia marcas no corpo, mas diz-se que as suas feições continuavam contorcidas de agonia. Uma crónica de cerca de trinta anos mais tarde afirma que três assassinos entraram na sua cela enquanto ele dormia e imobilizaram a metade superior do seu corpo com uma mesa. Em seguida, foi inserida uma corneta no orifício anal e foi utilizada uma barra de ferro em brasa para queimar as entranhas do rei.

Mortimer e Isabel governaram a Inglaterra como regentes durante quatro anos; depois, o jovem rei impôs-se, mandou prender Mortimer no Castelo de Nottingham e mandou-o executar como traidor em Tyburn. A perda do amante quase enlouqueceu a rainha. Mas ela foi restituída aos favores reais e viveu por mais vinte e oito anos.

É, evidentemente, concebível que o Robin Hood que viveu no reinado de Eduardo não tivesse qualquer ligação com o lendário salteador da Floresta de Sherwood; um livro de referência (*Who's Who In History*) diz que ele estava vivo em 1230, no reinado de Henrique III, com o fundamento de que os registos mostram que o Xerife de Yorkshire vendeu os seus bens nesse ano (por 32s 6d) quando ele se tornou um salteador; mas o mesmo livro de referência admite que o Robyn Hode de Wakefield é também um bom candidato.

Há argumentos a favor desta datação anterior, pois daria mais tempo para que a legenda de Robin Hood se espalhasse por toda a Inglaterra. Mas há também imensos argumentos a favor de Robin Hood de Wakefield. Se ele se tornou um salteador em 1322, como resultado da rebelião de Lancaster, então passou apenas um ano na Floresta de Sherwood antes de o rei o perdoar. A história do seu perdão pelo rei homossexual soa certamente

a verdade – tal como a sua nomeação para cavalheiro da câmara. É natural especular que ele possa ter descoberto que os seus deveres na câmara envolviam mais do que aquilo de que estava à espera, embora nesta altura o favorito do rei fosse o jovem Hugh le Despenser (executado por Mortimer e Isabel em 1326).

Por isso, regressou ao bosque frondoso e tornou-se um herói de lenda. Não sabemos se ele se tornou o arqui-inimigo do Xerife de Nottingham, mas o xerife – que seria o equivalente a um Chefe de Polícia moderno – teria sido responsável pela lei e pela ordem em Nottinghamshire e no sul de Yorkshire, e teria certamente visto com maus olhos um bando de salteadores que vivia dos veados do rei. Uma crónica afirma que Robin também tinha um refúgio no que ficou conhecido como Robin Hood's Bay, e barcos nos quais podia escapar para o mar. (Diz-se também que operou em locais tão distantes como Cumberland.) Se tivesse sido feita uma tentativa concertada para o desalojar, provavelmente teria tido sucesso. Mas a maioria dos camponeses e pequenos agricultores estaria do lado de Robin. Houvera um tempo em que as florestas de Inglaterra eram terras comuns, e a população camponesa, semimorta de fome, deve ter sentido que era altamente irracional que milhares de milhas quadradas de floresta estivessem reservadas para a caça do rei, quando o rei não conseguia fazer uso de uma fração dessa área.

Mas poderá haver outra razão para que a Robin tenha sido permitido operar sem demasiada oposição. Quando estava na corte, deve ter certamente conhecido o rapaz de catorze anos que viria a ser Eduardo III, e Eduardo teria exatamente a idade certa para olhar com admiração para um salteador famoso. Isto é apenas especulação, mas poderia sem dúvida explicar por que razão a Robin foi permitido tornar-se a ruína lendária da autoridade nas últimas décadas da sua vida.

A autoridade tem as suas próprias formas de ripostar. De acordo com o Manuscrito Sloane, Robin adoeceu e foi ter com a sua prima, a Prioresa de Kirklees, para ser sangrado – o procedimento padrão para tratar qualquer doença nesses dias. Ela decidiu vingar os muitos homens da Igreja que ele tinha roubado e deixou-o sangrar até à morte. Outro relato diz que ela o traiu a pedido do seu amante, Sir Roger de Doncaster. Uma outra fonte afirma que o responsável pela morte de Robin foi um monge que foi chamado para o assistir e que decidiu que o salteador estaria melhor morto.

Foi sepultado nos terrenos do convento, a um tiro de flecha das suas muralhas. A *Grafton's Chronicle* (1562) diz que ele foi sepultado sob uma pedra inscrita, e um século mais tarde outra crónica relatava que o seu túmulo, com uma cruz simples numa pedra plana, podia ser visto no cemitério; em 1665, o Dr. Nathaniel Johnstone fez um desenho do mesmo; os *Sepulchral Monuments* de Gough também têm uma gravura da lápide. No início do século vinte, os operários que construíam uma linha de caminho-de-ferro partiram a pedra – diz-se que acreditavam que as suas lascas eram um remédio para a dor de dentes. Assim desapareceu o último vestígio da existência real de Robin Hood. Mas por essa altura, o túmulo da prioresa já tinha sido descoberto entre as ruínas do convento, e guardava alguma semelhança com o túmulo de Robin Hood. Mencionava também o seu nome – Elizabeth Stainton.

O verdadeiro significado de Robin Hood é o facto de ter vivido num século em que os camponeses começavam a sentir um ressentimento crescente em relação à sua condição – um ressentimento que se expressou nas doutrinas revolucionárias de John Ball e que explodiu na Revolta dos Camponeses de 1381, escasso tempo depois de Robin ser mencionado pela primeira vez na imprensa por Langland. A Revolta dos Camponeses é geralmente considerada como marcando o fim da Idade Média; mas é nas baladas de Robin Hood que podemos ver que o estado de espírito conhecido como a Idade Média está a chegar ao fim.

46

A Morte Mistério de Mary Rogers

A morte misteriosa da «rapariga dos charutos» Mary Rogers, que causou sensação em Nova Iorque no verão de 1841, dificilmente faria

erguer uma sobrancelha na mesma cidade hoje em dia. O facto de o mistério nunca ter sido esquecido deve-se em grande parte à obra de Edgar Allan Poe, que o transformou num conto policial clássico. Meio século após a morte da rapariga dos charutos, vieram a lume informações que sugeriam que o «palpite» de Poe estivera, pelo menos em parte, correto – e que levaram um autor a sugerir que o próprio Poe poderá ter cometido o homicídio.

Mary Cecilia Rogers nasceu em Nova Iorque em 1820; a sua mãe, que ficou viúva quando a criança tinha cinco anos, sustentava-se gerindo uma casa de hóspedes na Nassau Street. Mary cresceu e tornou-se uma jovem alta e muito bela, de cabelos negros como o azeviche. Isto levou o proprietário de uma loja de charutos chamado John Anderson, cuja loja ficava na Broadway, a oferecer-lhe um emprego como empregada de balcão.

Em 1840, isto era considerado uma iniciativa comercial imaginativa, pois Nova Iorque era ainda mais «vitoriana» do que Londres, e as jovens solteiras não se exibiam atrás de balcões de lojas, particularmente em lojas frequentadas exclusivamente por jovens. A mãe de Mary opôs-se à ideia, mas o entusiasmo da filha acabou por a convencer. Ela atraiu muitos clientes novos para a loja, embora – como Thomas Duke faz questão de notar em *Celebrated Criminal Cases of America* (1910) – «a conduta da rapariga fosse aparentemente um modelo de modesto decoro e, embora fosse generosa nos seus sorrisos, não hesitava em repelir todas as aproximações indevidas».

Trabalhava na loja há cerca de dez meses quando, um dia, em janeiro de 1841, não apareceu. A mãe não fazia ideia de onde ela estava e, de acordo com Duke, «o Sr. Anderson foi incapaz de justificar a sua ausência». A polícia procurou-a e os jornais relataram o seu desaparecimento. Seis dias mais tarde, ela reapareceu, com um aspeto cansado e algo doente, e explicou que tinha estado a visitar familiares no campo. A mãe e o patrão corroboraram aparentemente a história. Mas quando começou a circular o rumor de que ela tinha sido vista durante a sua ausência com um oficial naval alto e atraente, Mary abandonou abruptamente o emprego – escassos dias após regressar – e deixou de ser vista na Broadway. Um mês mais tarde, anunciou o seu noivado com um dos hóspedes da mãe, um funcionário de escritório chamado Daniel Payne.

Cinco meses depois, no domingo, 25 de julho de 1841, Mary bateu à porta do noivo às 10 horas da manhã e anunciou que ia ver a sua tia na Bleecker Street; Payne disse que a iria buscar nessa noite. Payne também passou o dia fora de casa, mas quando desabou uma violenta tempestade de trovoadas ao final da tarde, decidiu não ir buscar Mary, permitindo que ela passasse a noite com a tia. A Sra. Rogers aparentemente aprovou. Mas quando Mary não regressou a casa no dia seguinte, ela começou a preocupar-se. Quando Payne regressou do trabalho e soube que Mary continuava fora, correu a ver a tia na Bleecker Street – uma Sra. Downing – e ficou ainda mais alarmado quando esta lhe disse que não via Mary nas últimas quarenta e oito horas.

Foi dois dias mais tarde, na manhã de quarta-feira, que três homens num barco à vela viram um corpo na água junto a Castle Point, Hoboken. Era Mary e, de acordo com o *New York Tribune,* «era óbvio que ela tinha sido horrivelmente ultrajada e assassinada». Estava totalmente vestida, embora as suas roupas estivessem rasgadas e a saia de baixo estivesse em falta. Um pedaço de renda da parte inferior do vestido estava tão profundamente enterrado na garganta que quase tinha desaparecido. Uma autópsia realizada quase imediatamente levou à conclusão de que ela tinha sido «brutalmente violada». Curiosamente, Daniel Payne não foi ver o cadáver, embora antes a tivesse procurado por toda a Nova Iorque, incluindo Hoboken. Mas após ser interrogado pela polícia, Payne foi libertado. Passou uma semana sem quaisquer pistas novas, e foi oferecida uma grande recompensa.

O médico-legista recebeu então uma carta de um homem anónimo – que dizia não se ter apresentado antes por «motivos de prudência talvez criminosa» – e que afirmava ter visto Mary Rogers na tarde de domingo do seu desaparecimento. Ela tinha, dizia o autor, saído de um barco com seis indivíduos de aspeto rude e ido com eles para o bosque, rindo alegremente e aparentemente sem qualquer tipo de coação. Pouco tempo depois, um barco com três homens bem vestidos tinha chegado a terra, e um deles abordou dois homens que caminhavam na praia e perguntou se tinham visto uma jovem e seis homens recentemente.

Eles disseram que sim, e que ela parecia ter ido com eles de livre vontade. Perante isto, o trio voltou o barco e dirigiu-se de regresso a Nova Iorque. De facto, os dois homens apresentaram-se e corroboraram esta

história. Mas embora ambos conhecessem Mary Rogers de vista, nenhum deles pôde jurar que a rapariga que tinham visto era definitivamente Mary.

A informação importante seguinte veio de um condutor de diligências chamado Adams, que disse ter visto Mary chegar na balsa de Hoboken com um homem bem vestido e de tez escura, e que tinham ido para uma estalagem de estrada chamada «Nick Mullen's». Esta taberna era mantida por uma Sra. Loss, que disse à polícia que o casal tinha «tomado refrescos» ali e, depois, partido para o bosque. Algum tempo mais tarde, ela tinha ouvido um grito vindo do bosque; mas como o local «era um refúgio de indivíduos de reputação duvidosa», não pensou mais nisso. Dois meses após o homicídio, a 25 de setembro, crianças que brincavam no bosque encontraram a saia de baixo em falta num matagal; encontraram também um lenço de seda branca, uma sombrinha e um lenço de bolso marcado com «M.R.». Daniel Payne viria a cometer suicídio neste local pouco tempo depois.

Um jogador chamado Joseph Morse, que vivia na Nassau Street, foi detido e aparentemente acusado do homicídio; havia provas de que tinha sido visto com Mary Rogers na noite em que ela desapareceu. No dia seguinte, ele tinha fugido de Nova Iorque. Mas Morse foi libertado quando conseguiu provar que estivera em Staten Island com outra jovem na tarde de domingo. Uma história estranha no *Tribune* declarava que Morse acreditava que a jovem era Mary Rogers e que, quando soube do desaparecimento, assumiu que ela se tinha suicidado devido à forma como a tinha tratado – ele tinha tentado seduzi-la no seu quarto. Ficou aliviado ao saber que a rapariga com quem passara a tarde ainda estava viva.

No ano seguinte, 1842, o conto de Poe, «O Mistério de Marie Rogêt», foi publicado em três partes no *Snowden's Ladies' Companion*. Mas para quem procure uma solução para o mistério de Mary Rogers, este deve ser tratado com extrema cautela. Poe argumenta que Mary Rogers não foi assassinada por um bando, mas sim por um único indivíduo. A sua perspetiva original parece ter sido a de que o motivo fora violação; mais tarde, ouviu o rumor de que Mary tinha morrido em resultado de um aborto e fez algumas alterações apressadas na sua história para acomodar esta noção. Ele argumenta que os sinais de luta no bosque e o estado espancado do seu rosto indicam que ela foi morta por um indivíduo – um bando teria sido capaz de a subjugar facilmente. Fala também de uma tira da saia da

rapariga que fora enrolada em redor da cintura para proporcionar uma espécie de pega para carregar o corpo; mas o depoimento de duas testemunhas que arrastaram o corpo para fora da água não faz qualquer menção a esta «pega». Apesar disto, não pode haver dúvidas de que as objeções de Poe à teoria do bando têm um grande peso.

Numa edição de uma revista chamada *The Unexplained* (N.º 152), Grahame Fuller e Ian Knight sugerem que o próprio Poe poderá ter sido o assassino de Mary Rogers. Uma testemunha pensou tê-la visto com um homem alto, bem vestido e de tez morena na tarde em que ela morreu; os autores apontam que Poe tinha uma tez azeitonada e andava sempre bem vestido. Mas Poe tinha apenas um metro e setenta e três de altura – dificilmente um «homem alto». Argumentam também que Poe poderá ter matado Mary Rogers num acesso de «insanidade alcoólica». Em 1841, a esposa de Poe, Virginia, estava a morrer de tuberculose e ele encontrava-se sob um stress considerável; escreveu mais tarde: «Fiquei insano, com longos intervalos de uma horrível sanidade.

Durante estes acessos de inconsciência, bebi, Deus sabe com que frequência ou quanto». No entanto, nenhum dos biógrafos de Poe sugeriu alguma vez que ele fosse uma pessoa violenta – pelo contrário, a maioria enfatiza a sua gentileza e cortesia. Tem havido imensos homens de génio alcoólicos, alguns dos quais – como Ben Jonson ou Caravaggio – mataram homens em duelos ou zaragatas; mas não existe um único exemplo de um que tenha cometido um homicídio. Além disso, nenhuma testemunha sugeriu que o homem que fora visto com Mary Rogers estivesse completamente bêbado. No geral, a noção de Poe como um assassino demoníaco, escrevendo «O Mistério de Marie Rogêt» para se gabar do seu crime, deve ser relegada para o reino da fantasia.

O que não era conhecido por Poe em 1842 é que o patrão de Mary, John Anderson, tinha sido interrogado pela polícia como suspeito; tal como todos os outros, foi libertado. Mas cinquenta anos mais tarde – em dezembro de 1891 – novas provas iriam surgir. Por essa altura, Anderson já tinha morrido há dez anos; tinha-se tornado milionário e morrera em Paris. Aparentemente, tinha dito a amigos que passara «muitos dias e noites infelizes a respeito dela» (Mary Rogers) e que estivera em contato com o seu espírito. Os seus herdeiros contestaram a sua herança e, em 1891, a sua

filha tentou anular o testamento do pai com o fundamento de que, quando ele o assinou, estava mentalmente incapacitado.

O caso foi resolvido fora de tribunal e os registos foram destruídos. Mas um advogado chamado Samuel Copp Worthen, que estivera estreitamente associado à filha de Anderson, Laura Appleton, sabia que a sua firma tinha guardado uma cópia do depoimento no Tribunal Supremo de Nova Iorque em 1891 e tomou como tarefa lê-lo. Acabou por descrever o que aprendera no periódico *American Literature* em 1948. Este revelava que Anderson tinha sido interrogado pela polícia sobre a morte de Mary Rogers e que isso lhe pesara na mente, de tal modo que mais tarde recusou candidatar-se a presidente da câmara de Nova Iorque, com medo de que alguém revelasse o seu segredo.

A parte mais significativa do depoimento foi a afirmação de que Anderson admitira ter pago um aborto a Mary Rogers e ter-se metido «em alguns problemas por causa disso». Mas tinha insistido em que não tinha tido «nada, diretamente, ele próprio, a ver com os problemas dela». Isto explicaria obviamente o desaparecimento de uma semana de Mary da loja de charutos e o facto de ela parecer cansada e doente quando regressou. Provavelmente também explica por que razão ela decidiu deixar a loja uma semana mais tarde – não devido a coscuquices sobre o oficial naval, mas porque precisava de mais tempo para convalescer.

A teoria de Worthen é a de que, nos seis meses após deixar la loja de charutos, Mary voltou a ficar grávida e apelou mais uma vez a Anderson por ajuda. Quando ela saiu de casa naquela manhã de domingo, pretendia ir a Hoboken para fazer um aborto. (Na verdade, corria uma história de que a Sra. Loss, a proprietária da taberna, admitira no seu leito de morte que Mary Rogers tinha morrido durante um aborto; não existem provas concretas desta confissão, mas sabe-se que o Procurador-Geral estava inclinado para a teoria do aborto quanto à morte de Mary.) Ela morreu durante o aborto e o seu corpo foi despejado no rio para proteger o abortador – o homem de pele escura com quem ela foi vista na balsa – e a família da Sra. Loss.

Como se ajusta esta teoria aos factos conhecidos? A resposta é: extremamente bem, em particular se assumirmos de forma natural que o pai do segundo filho nascituro era Daniel Payne – pois parece improvável que Mary tivesse aceitado casar com ele e, depois, continuasse o seu caso com

o antigo amante. (Nada se sabe sobre este antigo amante, mas Anderson é obviamente um suspeito.) Devemos assumir, então, que Payne sabia perfeitamente que Mary estava a caminho de Hoboken para se submeter a uma operação ilegal.

Podemos também provavelmente assumir que a gravidez estava ainda nas suas fases iniciais e que Mary antecipava muito poucos problemas – afinal de contas, tinha recuperado do aborto anterior numa semana, embora isso a tivesse deixado a sentir-se doente. A mãe de Mary estaria provavelmente também no segredo. Duke comenta: «Acreditava-se geralmente na altura que a mãe da rapariga assassinada sabia mais sobre o misterioso admirador da filha do que aquilo que optava por contar».

E quanto às provas sobre o bando? É possível, claro, que uma jovem tivesse sido realmente vista a entrar no bosque com um bando de homens e que isso não tivesse nada a ver com Mary Rogers. Mas é muito mais provável que a carta anónima afirmando que Mary tinha entrado no bosque com seis rufias tivesse sido enviada pela Sra. Loss ou por um dos seus amigos – vinha de Hoboken. Depois, tudo o que ela tinha de fazer era persuadir dois dos seus familiares ou amigos a afirmarem que eram os homens na praia, e que tinham visto Mary entrar no bosque e visto o barco com três homens que desembarcou pouco tempo depois . . . O resultado seria uma pista falsa perfeita, desviando a atenção da polícia da sua própria clínica de abortos.

E quanto à saia de baixo encontrada mais tarde no bosque? Esta, de forma bastante significativa, foi encontrada pelos filhos da Sra. Loss. Podemos assumir que a saia de baixo, o guarda-chuva e o lenço foram deixados para trás na estalagem da Sra. Loss quando o corpo de Mary foi arrastado para a água a meio da noite, e foram mais tarde plantados no bosque, num local onde os arbustos estavam partidos, para sugerir indícios de uma luta.

E quanto às provas de que Mary tinha sido violada? Isto, aparentemente, constava do relatório do médico-legista; não sabemos se ela foi examinada por um médico ou, se foi, o que o médico concluiu. O que sabemos é que o corpo de Mary já estava em decomposição e que, devido ao tempo quente de julho, foi sepultado poucas horas após ser retirado da água; pelo que qualquer inquérito teria sido realizado à pressa. Em 1841, a ciência da medicina legal estava na sua infância, e é duvidoso que alguém

tenha colhido uma esfregaço vaginal e o tenha examinado ao microscópio à procura de espermatozoides. O que foi provavelmente tomado como prova de violação foi, na realidade, a prova de um aborto que tinha corrido mal.

Duke relata que Daniel Payne cometeu suicídio «no mesmo local no bosque onde a sua namorada foi provavelmente morta». Outros autores sobre o caso questionaram isto (notavelmente Charles E. Pearce em *Unsolved Murder Mysteries*, 1924). Mas o suicídio de Payne seria certamente consistente com a teoria de que ele era o pai do filho nascituro.

É uma solução dececionante – se bem que óbvia – para um dos grandes «mistérios de homicídio», a de que Mary Rogers morreu no decurso de um aborto. Por que não é isto mais geralmente conhecido? Em parte porque o próprio Poe obscureceu a verdade. Na edição de 1850 das obras de Poe, publicada no ano seguinte à sua morte, «Marie Rogêt» apareceu com uma nota de rodapé que afirmava:

Pode não ser impróprio registar . . . que as confissões de duas pessoas (uma delas a Madame Dulac da narrativa [Sra. Loss]) feitas em diferentes períodos muito posteriores à publicação confessaram, na íntegra, não só a conclusão geral, mas absolutamente todos os principais detalhes hipotéticos através dos quais a conclusão foi alcançada.

Mas isto é obviamente impossível. A Sra. Loss apenas parece ter confessado que Mary tinha morrido no decurso de um aborto na sua taberna. A teoria de Poe era a de que ela fora assassinada por um homem «num acesso de paixão» que depois arrastara o seu corpo para a beira-mar. A verdade provável parece ser a de que ela morreu de uma embolia gasosa e que o abortador, com a ajuda da Sra. Loss, fez com que a morte parecesse um homicídio ao amarrar uma tira de pano em redor da sua garganta; os dois provavelmente carregaram-na depois para a água. «Marie Rogêt» de Poe, longe de ser uma reconstituição espantosamente exata do homicídio, é simplesmente um mau palpite. Poe pode não ter sido um assassino, mas era indubitavelmente um mentiroso.

47

«Saint-Germain, o Imortal»

Ele continua a ser considerado por muitos «ocultistas» como uma das figuras mais empolgantes e misteriosas da história da magia; alguns acreditam mesmo que ele continua vivo. Mas todos os que escreveram sobre ele acabaram por se perguntar se os segredos de «Saint-Germain, o imortal» são uma questão de mistério ou meramente de mistificação. Dado que o enorme dossier sobre ele, reunido por ordem de Napoleão III, foi destruído pelo fogo durante a Comuna, a questão deve permanecer sem resposta. «Assim», diz um historiador, «mais uma vez um 'acidente' manteve a antiga lei que decreta que a vida de um adepto deve ser sempre rodeada de mistério».

Quando o Conde de Saint-Germain (ele admitia que o nome era falso) apareceu pela primeira vez em França, por volta de 1756, parecia ter cerca de cinquenta anos de idade. Era um conversador brilhante, falava muitas línguas, possuía conhecimentos de medicina e era um químico experimental de primeira ordem. Era um homem baixo, que se vestia de veludo preto com uma gravata de cetim branco (um sinal de contenção naqueles dias de magníficos guarda-roupas masculinos), e cujas maneiras eram meticulosamente corretas.

Era obviamente rico – usava muitos diamantes e tinha numerosos criados. Estes parecem ter sido extremamente bem treinados. Quando um cético disse a um deles: «O seu amo é um mentiroso», o homem respondeu: «Eu sei disso melhor do que o senhor. Ele diz a toda a gente que tem quatro mil anos de idade. Mas eu estou ao seu serviço há apenas cem anos e, quando vim, o conde disse-me que tinha três mil anos de idade. Se ele acrescentou novecentos anos por erro, ou se está a mentir, eu não sei». A outro criado – o seu criado de quarto – perguntaram-lhe sobre um determinado ponto da história antiga, ao que este respondeu: «Talvez o conde se esqueça de que estou ao seu serviço há apenas quinhentos anos».

Parece que ele era um exímio gozador, ou talvez meramente um charlatão; mas, se assim for, não é claro o que esperava ganhar. Parece ter sido abastado; era um violinista consumado, um pintor habilidoso e tinha um vasto conhecimento de música e de pintura – aparentemente conseguia identificar a maioria das pinturas com um simples olhar. Em *Historical Mysteries*, Andrew Lang sugere que ele era o filho da ex-rainha de Espanha, Maria de Neuburgo, que viveu em Baiona após a morte do seu

marido, Carlos II. O amante de Maria era o ministro das Finanças, o Conde de Andanero, e Lang pensa ser possível que Saint-Germain fosse seu filho.

Antes de ir para França, Saint-Germain estivera em Viena. Tinha conhecido o Marechal de Belle-Isle, que contraíra uma maleita enquanto fazia campanha na Alemanha; Saint-Germain curou-o, e o marechal trouxe-o consigo para Paris. Pouco depois, curou uma senhora da corte de um envenenamento por cogumelos e tornou-se amigo de Madame de Pompadour, amante de Luís XV. As senhoras da corte achavam-no intrigante.

A Condessa von Gergy, cujo marido fora embaixador em Veneza por volta de 1710, pensou recordar-se do seu nome e perguntou-lhe se o pai dele tinha estado lá; Saint-Germain respondeu – tipicamente – que ele próprio estivera lá na altura. «Impossível», disse a condessa; o homem que ela conhecera tinha pelo menos quarenta e cinco anos na época. Saint-Germain sorriu misteriosamente. «Sou muito velho». Acrescentou depois vários detalhes sobre Veneza, que convenceram a condessa de que ele sabia do que estava a falar. «O senhor deve ser um demónio!», exclamou a condessa, momento em que Saint-Germain começou a tremer como se tivesse uma cãibra e abandonou apressadamente a sala.

Uma década antes, Saint-Germain estivera em Londres e, em 1745, foi preso como espião do Jovem Pretendente, que marchava precisamente sobre Derby. Horace Walpole notou numa carta:

. . . no outro dia prenderam um homem bizarro que dá pelo nome de Conde de Saint-Germain. Está cá há dois anos e não diz quem é, nem de onde vem . . . Canta, toca violino maravilhosamente, compõe, é louco e não muito sensato. Chamam-lhe italiano, espanhol, polaco; alguém que casou com uma grande fortuna no México e fugiu com as joias dela para Constantinopla; um padre, um violinista, um grande fidalgo. O Príncipe de Gales tem tido uma curiosidade insaciável a seu respeito, mas em vão . . .

Ninguém sabe onde ele esteve entre 1745 e 1755. Mas, no final da década de 1750, era o tema de conversa de Paris. Madame du Hausset, uma *femme de chambre* de Madame de Pompadour, escreveu:

Um homem que era tão espantoso como uma bruxa vinha frequentemente . . . Tratava-se do Conde de Saint-Germain, que desejava fazer as pessoas acreditar que vivia há vários séculos. Um dia, a Senhora

disse-lhe, enquanto estava no seu toucador: «Que tipo de homem era Francisco I . . .?». «Um bom rapaz», disse Saint-Germain, «demasiado fogoso – eu poderia ter-lhe dado um conselho útil, mas ele não teria escutado». Descreveu depois, em termos muito gerais, a beleza de Mary Stuart e de *La Reine Margot.* «O senhor parece ter visto toda a gente . . .». «Por vezes», disse Saint-Germain, «divirto-me, não a fazer as pessoas acreditar, mas a deixar que acreditem que vivo desde tempos imemoriais». Depois, Madame de Pompadour perguntou-lhe sobre Madame de Gergy, que pensava ter conhecido Saint-Germain em Veneza cinquenta anos atrás. «Pode ser que sim», disse Saint-Germain, «mas admito que é ainda mais possível que a respeitada senhora esteja na sua caduquice».

Parece claro por isto que Saint-Germain tratava os relatos sobre a sua grande idade como uma piada e não fazia nenhuma tentativa real de os impor a Madame de Pompadour. O ministro dos Negócios Estrangeiros do rei, o Duque de Choiseul, confundiu ainda mais a questão ao contratar um impostor para se fazer passar por Saint-Germain nos salões de Paris e para o desacreditar fazendo afirmações absurdas – tais como alegar ter sido amigo íntimo de Santa Ana, mãe da Virgem Maria, e proferir observações como «eu sempre soube que Cristo acabaria mal».

Então o que sabemos nós na verdade sobre a vida de Saint-Germain? Uma carta autógrafa de 1735 prova que ele se encontrava em Haia em novembro desse ano, mas não nos diz porquê. Saint-Germain teria então cerca de vinte e cinco anos de idade. Sabemos que esteve em Inglaterra de 1743 até cerca de 1745 e que foi preso como espião. A história contada no livro da Sra. Cooper-Oakley sobre ele é a de que alguém que tinha ciúmes dele (devido a uma rivalidade por causa de uma senhora) lhe plantou uma carta de traição no bolso e, depois, mandou-o prender; ele foi capaz de provar a sua inocência.

Por volta de 1755 era abastado e vivia em Viena, onde foi acolhido pelo Marechal de Belle-Isle e trazido para Paris, onde – como já foi notado – a sua conversa e a sua vasta cultura depressa o tornaram um favorito dos salões. Ele alegava viver de um certo alimento ou elixir que fabricava ele próprio e permanecia sentado durante os jantares sem comer. Na verdade, o seu maior interesse parece ter sido a química, e tinha aparentemente descoberto um certo processo para tingir seda e couro. Disse ao rei que conseguia remover imperfeições de diamantes e partiu com uma pedra que

valia seis mil francos. Um mês mais tarde, devolveu a pedra sem imperfeições, e um joalheiro avaliou-a em dez mil francos. Com toda a probabilidade, Saint-Germain limitou-se a substituir a pedra por outra e ganhou a gratidão do rei pelo baixo preço de quatro mil francos.

O resultado foi que o rei montou um laboratório no Trianon e instalou Saint-Germain em aposentos no castelo de Chambord, para trabalhar nos seus processos de tingimento – o rei esperava que estes trouxessem eventualmente grandes quantias para o tesouro real, o qual necessitava seriamente de ser reabastecido. Tornou-se tão familiar de Luís que o Duque de Choiseul escreveu indignado: «É estranho que ao Rei seja tantas vezes permitido ficar quase sozinho com este homem, embora quando sai à rua vá rodeado de guardas. . . .». Referiu-se também a Saint-Germain como «o filho de um judeu português».

Em 1760, o rei enviou aparentemente Saint-Germain numa missão diplomática à Holanda – embora isto tenha sido mantido em segredo dos seus ministros; a missão de Saint-Germain consistia em investigar propostas de paz com a Inglaterra – o rei esperava convencer a Inglaterra a abandonar a sua aliada, a Prússia. Saint-Germain deu por si hospedado no mesmo hotel que aquele outro divertido aventureiro, Casanova, que tentava negociar um empréstimo para a França. Já se conheciam e Casanova estava convencido de que Saint-Germain era um charlatão. Diz dele nas suas *Memórias*:

Este homem extraordinário, destinado pela natureza para ser o rei dos impostores e dos curandeiros, dizia de uma maneira descontraída e segura que tinha trezentos anos de idade, que conhecia os segredos da medicina universal, que possuía o domínio sobre a natureza, que conseguia fundir diamantes. . . . Não obstante as suas jactâncias, as suas mentiras descaradas e as suas múltiplas excentricidades, não posso dizer que o tenha achado ofensivo.

Apesar de tudo, Casanova aproveitou a oportunidade para destruir o crédito de Saint-Germain ao fabricar um falso oráculo «cabalístico» que alertava contra ele. Entretanto, o Duque de Choiseul tivera conhecimento da trama – ele era contra a assinatura da paz – e enviou ordens para que Saint-Germain fosse preso e conduzido à Bastilha. Mas o Embaixador holandês decidiu dar uma palavra de aviso a Saint-Germain, e este apanhou o barco seguinte para Londres. Luís ficou demasiado embaraçado para

admitir que ele e Belle-Isle tinham estado por trás da missão de Saint-Germain.

Os inimigos de Saint-Germain tinham conseguido provocar a sua queda – embora não possa haver dúvidas de que a sua própria falta de tato e ingenuidade também desempenharam o seu papel; ele abordava as pessoas mais inadequadas e falava-lhes sobre a sua missão. Em Inglaterra, conheceu o embaixador alemão e poderá ter esperado ir juntar-se a Frederico, o Grande, na Saxónia; o embaixador escreveu à pressa ao secretário de Estado prussiano implorando-lhe que fizesse o seu melhor para impedir a viagem de Saint-Germain, com o fundamento de que ele era perigosamente impetuoso e poderia fascinar o rei e convencê-lo a empreender «muitas medidas desastrosas».

Parece que não tinha quaisquer dúvidas quanto ao poder de fascinar de Saint-Germain. Saint-Germain foi aparentemente obrigado a regressar secretamente à Holanda, onde comprou uma propriedade, autodenominando-se Conde Surmount – parece que estava com falta de dinheiro, pois pagou apenas uma parte do preço de compra. O embaixador francês descreveu-o como «completamente desacreditado». Mas tinha encontrado para si um novo patrono – ou vítima – em Cobenzl, ministro nos Países Baixos Austríacos, que pretendia explorar os processos químicos de Saint-Germain em fábricas em Tournai. Cobenzl falou a Kaunitz, o chanceler austríaco, de todo o tipo de «milagres», tais como transformar metais comuns em ouro, tingir sedas e outros materiais com todo o tipo de cores gloriosas e curtir peles para produzir um couro maravilhosamente macio.

Cobenzl parecia positivamente infatuado por Saint-Germain, embora tenha acrescentado: «A única coisa que lhe posso censurar é a jactância frequente sobre os seus talentos e origens». E embora Cobenzl tenha vindo mais tarde a ter uma perspetiva desfavorável sobre o caráter do «génio», nunca duvidou do tremendo valor comercial dos seus processos. As fábricas em Tournai foram montadas, e Saint-Germain conseguiu arrecadar cem mil florins por segredos que prometera dar gratuitamente. Mesmo assim, desapareceu sem partilhar todos os segredos prometidos. Mas as fábricas em Tournai aparentemente correram bem – de onde podemos inferir que os «processos» de Saint-Germain eram suficientemente genuínos.

O paradeiro de Saint-Germain durante a década seguinte é desconhecido, mas ele próprio afirmou ter estado duas vezes na Índia e ter estado envolvido na guerra russo-turca no Mediterrâneo (1768–1774). Foi certamente a São Petersburgo e tornou-se amigo do Conde Alexei Orlov, comandante da expedição russa ao Arquipélago. A sua bebida favorita, chá feito de sementes de sene (um laxante suave), ficou conhecida como chá russo e era fornecida em grandes quantidades à marinha russa. Por razões que não são claras, foi elevado ao posto de general russo. Em 1774, vivia em Schwabach, em Ansbach, e encontrou um novo patrono, Carlos Alexandre, marquês de Brandemburgo. O marquês ficou devidamente impressionado quando foi com Saint-Germain ao encontro de Orlov e viu este último abraçá-lo com grande calor humano.

Em breve, Saint-Germain era hóspede do marquês no seu castelo em Triersdorf, vivendo pacificamente e continuando as suas experiências. Chamava-se agora a si próprio Conde Tzarogy. Mas, um dia, o seu desejo de impressionar e espantar levou-o a dizer ao seu anfitrião que era na verdade o Príncipe Rakoczy da Transilvânia. Mas quando o marquês visitou a Itália no ano seguinte e começou a contar histórias sobre o seu hóspede espantoso, soube que os três últimos filhos da casa real da Transilvânia estavam mortos e que o seu hóspede parecia ser o notório trapaceiro Saint-Germain, que era na verdade filho de um cobrador de impostos de San Germano.

Gemmingen, o ministro de Ansbach que foi enviado para confrontar Saint-Germain, relatou que o «Príncipe Rakoczy» não negou que se chamava Saint-Germain. Tivera ocasião de usar muitos pseudónimos para evitar os seus inimigos; mas nunca tinha desonrado nenhum dos nomes que ostentara. Isto, no geral, era verdade, e o marquês teve de admitir que o seu hóspede se comportara sempre de forma pacífica e modesta, e nunca tentara separá-lo de grandes quantias de dinheiro. Apesar de tudo, ficou desiludido e recusou voltar a ver Saint-Germain. Assim, em 1776, em meados dos seus sessenta anos, Saint-Germain fez-se mais uma vez à estrada. Visitou Leipzig, Dresden, Berlim e Hamburgo, indo depois a Berlim na esperança de ver Frederico, o Grande; mas o rei não tinha qualquer desejo de travar conhecimento com um aventureiro desacreditado.

Finalmente, Saint-Germain encontrou outro patrono, o Príncipe Carlos de Hesse-Kassel, que se mostrou frio e desinteressado ao início, mas que

foi sucumbindo gradualmente ao charme e ao entusiasmo de Saint-Germain. O Príncipe Carlos não estava disposto a duvidar de nenhuma das histórias de Saint-Germain, incluindo a de que era o Príncipe Rakoczy, de que fora criado na casa do último dos Médici e de que tinha agora oitenta e oito anos de idade. Instalou Saint-Germain numa fábrica em Eckernförde, em Schleswig-Holstein, e ali o aventureiro viveu os seus últimos anos pacificamente, sofrendo periodicamente de depressão e reumatismo, e morrendo em fevereiro de 1784, para desgosto do Príncipe Carlos, que o descreveu como «um dos maiores sábios que alguma vez viveram».

Mal Saint-Germain morreu, começaram a circular rumores de que ele continuava vivo. Um jornal publicado no ano seguinte dizia que se esperava o seu regresso em breve. Madame de Genlis estava convencida de o ter visto em Viena em 1821. Em 1836, um volume de *Souvenirs* da Condessa d'Adhémar, que afirmava estar familiarizada com a corte de Versalhes nos últimos dias da monarquia, alegava que tinha visto Saint-Germain tão tarde quanto 1793 e que ele a tinha avisado sobre a morte de Maria Antonieta.

Disse-lhe que ela o veria mais cinco vezes, «e não deseje uma sexta», e ela afirma que o viu cinco vezes entre essa altura e 1820. Mas G. B. Volz, que realizou uma investigação sobre a vida de Saint-Germain na década de 1920, assevera que a condessa nunca existiu e que os *Souvenirs* são uma falsificação. Em 1845, Franz Gräffer declara nas suas *Memórias* que tinha visto Saint-Germain e que este anunciara que iria aparecer nos Himalaias por volta da viragem do século – uma afirmação que, no devido tempo, levou Madame Blavatsky a incluí-lo entre os seus «Mestres Secretos» no Tibete e a citá-lo com respeito em *A Doutrina Secreta*. Mas, uma vez mais, pensa-se que as *Memórias* de Franz Gräffer são uma falsificação. Por outro lado, Madame Blavatsky deu-se ao trabalho de visitar a então Condessa d'Adhémar em 1885, e a Sra. Cooper-Oakley, cujo livro sobre Saint-Germain apareceu em 1912, descobriu que ainda existiam documentos sobre ele na posse da família d'Adhémar. Tão tarde quanto janeiro de 1972, um jovem chamado Richard Chanfray apareceu na televisão francesa afirmando ser Saint-Germain e aparentemente transformou chumbo em ouro, utilizando apenas um fogão de campismo.

Quando todas as afirmações e contra-afirmações foram tidas em conta, o que podemos nós dizer do «homem do mistério»? Primeiro –

lamentavelmente – que ele não pode ser tomado a sério como um mago ou um Mestre secreto. Quer o embaixador prussiano em Dresden esteja correto quando diz que «a vaidade desmedida é a mola mestra do seu mecanismo», não pode haver dúvidas de que Saint-Germain era um homem vaidoso que falava demais – demasiados contemporâneos fazem este comentário para que ele seja mentira.

Mas um homem pode ser vaidoso e falador e, ainda assim, possuir génio (sendo Bernard Shaw o exemplo que nos vem imediatamente à mente). É também perfeitamente claro que Saint-Germain era um verdadeiro entusiasta, com uma extraordinária variedade de talentos. Ele próprio nunca afirmou ser um «mago» ou um estudante de ocultismo. Na verdade, insistia em que era um materialista cujo principal desejo era beneficiar a humanidade. Diderot e D'Alembert teriam sem dúvida achado que ele era um colaborador ideal para a sua *Enciclopédia*.

O verdadeiro mistério sobre Saint-Germain é o facto de ele ser um homem de génio e, ao mesmo tempo, um charlatão. Tinha aquilo a que hoje chamaríamos um sentido de publicidade fortemente desenvolvido, um desejo de intrigar e fascinar. E isto, por si só, argumenta que ele não era o que afirmava ser. Ele não era, indubitavelmente, o último membro sobrevivente da família real da Transilvânia – conhecem-se detalhes precisos sobre os seus três últimos membros sobreviventes. Mas este desejo de se fazer passar por um rei no exílio sugere que Saint-Germain nasceu em circunstâncias bastante humildes e que passou uma grande parte da sua infância e juventude a sonhar acordado com a fama e a glória. Os anais do charlatanismo estão repletos de Walter Mittys e de Billy Liars, mas é difícil recordar um vigarista que tivesse realmente nascido num palácio ou numa mansão senhorial. Podemos provavelmente assumir, então, que Saint-Germain não era o filho bastardo da Rainha de Espanha.

Mas parece igualmente claro que ele conseguiu adquirir uma boa educação e que a química foi o amor da sua vida. Em circunstâncias diferentes, poder-se-ia ter tornado num Lavoisier, num Robert Boyle ou num Michael Faraday. O seu brilhantismo natural tornava-o desdenhoso da inteligência dos seus semelhantes e, quando afirmava ter trezentos anos de idade ou deixava cair pistas sobre o seu conhecimento com Francisco I, provavelmente dizia a si próprio que estava a troçar da estupidez humana.

O único mistério real é onde adquiriu o dinheiro para se fazer passar por um príncipe. Dado que parece ter sido um homem honesto (se excetuarmos o pequeno assunto da fábrica de Tournai), la resposta, presumivelmente, é a de que foi capaz de dar um uso comercial às suas investigações químicas. É uma conclusão dececionante a de que o Homem do Mistério, o Mestre Secreto, era meramente um brilhante químico industrial. Mas é a única teoria que corresponde aos factos tal como os conhecemos.

48

Os Milagres de Saint-Médard

Os estranhos acontecimentos que tiveram lugar no pequeno adro da igreja de Saint-Médard, em Paris, entre 1727 e 1732, soam a algo tão incrível, tão absurdo, que o leitor moderno se sente tentado a descartá-los como pura invenção. Isto seria um erro, pois uma impressionante massa de documentos, incluindo relatos de médicos, magistrados e outras figuras públicas respeitáveis, atesta a sua autenticidade. Os milagres tiveram indubitavelmente lugar. Mas nenhum médico, filósofo ou cientista começou sequer a explicá-los.

Começaram com o sepultamento de François de Pâris, o Diácono de Paris, em maio de 1727. François tinha apenas trinta e sete anos de idade, mas era reverenciado como um homem santo, com poderes de cura. Era um seguidor do Bispo Cornélio Jansénio, que ensinava que os homens só se podem salvar pela graça divina, não pelos seus próprios esforços. O Diácono não tinha qualquer dúvida de que os seus próprios poderes de cura vinham de Deus.

Grandes multidões seguiram o seu caixão, muitas chorando. Foi depositado num túmulo atrás do altar-mor de Saint-Médard. Em seguida, a congregação desfilou, depositando as suas flores sobre o cadáver. Um pai amparava o seu filho, um coxo, enquanto este se inclinava sobre o caixão. De repente, a criança entrou em convulsões; parecia estar a ter um ataque.

Várias pessoas ajudaram a arrastá-lo, a contorcer-se, para um canto calmo da igreja. Subitamente, as convulsões pararam. O rapaz abriu os olhos, olhando em redor com perplexidade, e depois levantou-se lentamente. Um olhar de alegria incrédula cruzou o seu rosto; depois, para espanto dos espetadores, começou a dançar de um lado para o outro, cantando e rindo. O pai achou impossível de acreditar, pois o rapaz estava a usar a sua perna direita mirrada, a qual não tinha praticamente músculos. Mais tarde, alegou-se que a perna se tinha tornado tão forte e normal como a outra.

A notícia espalhou-se. Em poucas horas, coxos, leprosos, corcovados e cegos corriam para a igreja. Ao início, poucas pessoas «respeitáveis» acreditavam nas histórias de curas milagrosas – a maioria dos seguidores do Diácono era gente pobre. Os ricos preferiam deixar os seus assuntos espirituais nas mãos dos Jesuítas, que eram mais cultivados e mundanos. Mas cedo se tornou claro que a ignorância e a credulidade não podiam ser usadas como uma explicação geral para todas as histórias de prodígios. Membros deformados, dizia-se, estavam a ser endireitados; protuberâncias horrendas e cancros desapareciam sem deixar rasto; chagas e feridas horríveis saravam instantaneamente.

Os Jesuítas declararam que os milagres eram ou uma fraude ou obra do Diabo; o resultado foi que a maioria das pessoas mais abastadas de Paris se recusou terminantemente a acreditar que algo de invulgar estivesse a acontecer no adro da igreja de Saint-Médard. Mas alguns homens de intelecto foram atraídos pela curiosidade e regressavam invariavelmente do adro profundamente abalados. Por vezes registavam o seu testemunho por escrito: alguns, como um tal Philippe Hecquet, tentaram explicar os acontecimentos por causas naturais. Outros, como o beneditino Bernard Louis de la Taste, atacaram as pessoas que realizavam os milagres com fundamentos teológicos, mas foram incapazes de expor qualquer logro ou erro por parte destas, ou qualquer erro por parte das testemunhas. A acumulação de testemunhos escritos era tal que David Hume, um dos maiores filósofos, escreveu em *Investigação sobre o Entendimento Humano* (1758):

Certamente nunca houve um maior número de milagres atribuídos a uma única pessoa . . . Mas o que é mais extraordinário: muitos dos milagres foram imediatamente provados no local, perante juízes de inquestionável integridade, atestados por testemunhas de crédito e distinção, numa época

instruída. . . . Onde encontraremos nós tal número de circunstâncias, convergindo para a corroboração de um único facto?

Um dos que investigaram os acontecimentos foi um advogado chamado Louis-Adrien de Le Paige. Quando este contou ao seu amigo, o magistrado Louis-Basile Carré de Montgeron, o que tinha visto, o magistrado assegurou-lhe com condescendência que ele tinha sido enganado por truques de prestidigitação – o tipo de «milagres» realizados por charlatães em feiras populares. Mas acabou por concordar em ir com Le Paige ao adro, quanto mais não fosse pelo prazer de apontar como o advogado tinha sido ludibriado. Foram lá na manhã de 7 de setembro de 1731. E de Montgeron abandonou o adro como um homem mudado – chegou mesmo a suportar a prisão a negar o que vira naquele dia.

A primeira coisa que o magistrado viu quando entrou no adro foi uma série de mulheres a contorcerem-se no chão, deformando-se nas posições mais surpreendentes, por vezes dobrando-se para trás até que a parte de trás das suas cabeças tocava nos seus calcanhares. Estas senhoras vestiam todas uma longa peça de roupa interior de pano que se apertava em redor dos tornozelos. O Sr. Le Paige explicou que isto era agora obrigatório para todas as mulheres que desejassem valer-se dos poderes milagrosos do Diácono. Nos primeiros tempos, quando as mulheres ficavam de cabeça para baixo ou dobravam os seus corpos convulsivamente, jovens lascivos tinham começado a frequentar o adro para ver o espetáculo.

Contudo, não faltavam devotos masculinos do falecido Abade para ajudar nas atividades do adro. Montgeron ficou chocado ao ver que algumas das mulheres e raparigas estavam a ser espancadas de forma sadista – pelo menos, era isso que parecia estar a acontecer ao início. Homens agrediam-nas com pesados pedaços de madeira e de ferro. Outras mulheres jaziam no chão, aparentemente esmagadas sob pesos imensamente pesados. Uma rapariga estava nua até à cintura: um homem agarrava os seus mamilos com um par de tenazes de ferro e torcia-os violentamente. Le Paige explicou que nenhuma destas mulheres sentia qualquer dor; pelo contrário, muitas suplicavam por mais golpes. E um número incrível delas ficava curado de deformidades ou de doenças através deste tratamento violento.

Noutra parte do adro, viram uma rapariga atraente de faces rosadas, com cerca de dezanove anos, que estava sentada a uma mesa de cavaletes a

comer. Isso parecia bastante normal até Montgeron olhar mais de perto para a comida no prato e perceber, tanto pela aparência como pelo cheiro que lhe chegava, que se tratava de excrementos humanos. Entre garfadas desta iguaria nauseabunda, ela bebia um líquido amarelo, que Le Paige explicou ser urina.

A rapariga tinha ido ao adro para ser curada daquilo a que hoje chamaríamos uma neurose: tinha de lavar as mãos centenas de vezes por dia e era tão meticulosa com a sua comida que não provava nada que tivesse sido tocado por outra mão humana. O Diácono tinha-a de facto curado. Em poucos dias, ela comia excrementos e bebia urina, e fazia-o com todos os sinais de fruição. Tais casos poderiam não ser invulgares em manicómios; mas o que era mais extraordinário – na verdade, absurdo – era que, após uma destas refeições, ela abria a boca como se fosse vomitar e vertia-se leite em abundância. O Senhor Le Paige tinha recolhido uma chávena cheia; era aparentemente leite de vaca perfeitamente comum.

Após afastar-se cambaleante da comedora de excrementos, Montgeron teve de suportar uma provação pior. Noutra parte do adro, uma série de mulheres voluntariara-se para limpar feridas supuradas e furúnculos, sugando-os até ficarem limpos. Esforçando-se ao máximo para não vomitar, Montgeron observou enquanto alguém desenrolava uma ligadura suja da perna de uma menina; o cheiro era horrível. A perna era uma massa purulenta de chagas, algumas tão profundas que o osso era visível.

A mulher que se voluntariara para a limpar era uma das *convulsionnaires* – tinha sido milagrosamente curada e convertida pelas suas contorções corporais, e Deus tinha-a agora escolhido para demonstrar quão facilmente a repugnância dos seres humanos pode ser superada. No entanto, mesmo ela empalideceu ao ver e cheirar a perna gangrenada. Elevou os olhos ao céu, rezou silenciosamente por um momento, depois inclinou a cabeça e começou a lamber, engolindo a matéria sética. Quando ela moveu o rosto mais para baixo na perna da criança, Montgeron pôde ver que a ferida estava agora limpa. Le Paige assegurou-lhe que a rapariga ficaria quase de certeza curada quando o tratamento estivesse concluído.

O que Montgeron viu a seguir quebrou finalmente a sua resistência e convenceu-o de que estava a testemunhar algo de profundo significado. Uma rapariga de dezasseis anos chamada Gabrielle Moler tinha chegado, e o interesse que despertava fez Montgeron perceber que, mesmo no meio

daquela multidão de prodígios milagrosos, ela era uma celebridade. Retirou a sua capa e deitou-se no chão, com a saia modestamente em redor dos tornozelos. Quatro homens, cada um segurando uma barra de ferro pontiaguda, colocaram-se sobre ela. Quando a rapariga sorriu para eles, estes arremeteram contra ela, cravando as suas hastes no seu estômago. Montgeron teve de ser contido para não intervir enquanto as hastes atravessavam o vestido da rapariga e entravam no seu estômago. Procurou sinais de sangue a manchar-lhe o vestido. Mas não apareceu nenhum, e a rapariga parecia calma e serena. Em seguida, as barras foram encravadas sob o seu queixo, forçando-lhe a cabeça para trás.

Parecia inevitável que penetrassem até à sua boca; no entanto, quando as pontas foram retiradas, a carne estava intacta. Os homens empunharam pás de gume afiado, colocaram-nas contra um seio e depois empurraram com todas as suas forças; a rapariga continuou a sorrir suavemente. O seio, preso entre as pás, deveria ter sido cortado, mas parecia impermeável ao ataque. Depois, o gume cortante de uma pá foi colocado contra a sua garganta, e o homem que a empunhava fez o seu melhor para lhe cortar a cabeça; não pareceu capaz de sequer fazer mossa no seu pescoço.

Atordoado, Montgeron observou enquanto a rapariga era espancada com um grande bastão de ferro em forma de pilão. Uma pedra pesando meio quintal (25 quilos) foi erguida acima do seu corpo e largada repetidamente de uma altura de vários pés. Finalmente, Montgeron observou-a ajoelhar-se em frente a um fogo ardente e mergulhar a cabeça nele. Conseguia sentir o calor de onde se encontrava; no entanto, os seus cabelos e sobrancelhas não ficaram sequer chamuscados. Quando ela pegou num pedaço de carvão em brasa e passou a comê-lo, Montgeron não conseguiu aguentar mais e partiu.

Mas regressou repetidamente, até ter materiais suficientes para o primeiro volume de um livro espantoso. Apresentou-o ao rei, Luís XV, que ficou tão chocado e indignado que mandou atirar Montgeron para a prisão. No entanto, Montgeron sentia que tinha de «prestar testemunho» e viria a publicar mais dois volumes após a sua libertação, repletos de testemunhos científicos precisos relativos aos milagres.

No ano seguinte à prisão de Montgeron, 1732, as autoridades de Paris decidiram que o escândalo se estava a tornar insuportável e encerraram o adro. Mas as *convulsionnaires* tinham descoberto que podiam realizar os

seus milagres em qualquer lado e continuaram durante muitos anos. Um cético empedernido, o cientista La Condamine, ficou tão sobressaltado como Montgeron quando, em 1759, observou uma rapariga chamada Irmã Françoise a ser crucificada numa cruz de madeira, pregada pelas mãos e pelos pés ao longo de um período de várias horas, e esfaqueada no flanco com uma lança. Notou que tudo isto magoava obviamente a rapariga e as suas feridas sangraram quando os pregos foram retirados; mas ela não parecia apresentar sequer mazelas de uma provação que teria morto a maioria das pessoas.

Então o que podemos nós dizer dos milagres do ponto de vista do século vinte? Alguns autores acreditam que se tratava de uma espécie de auto-hipnose. Mas embora isto pudesse explicar a comedora de excrementos e a mulher que sugava feridas purulentas, é menos plausível para explicar as proezas de resistência de Gabrielle Moler. Estas lembram-nos antes as descrições de cerimónias de dervixes e faquires: por exemplo, J. G. Bennett na sua autobiografia *Witness* descreve ter assistido a um ritual de dervixes no qual uma espada afiada como uma navalha foi colocada sobre a barriga de um homem nu, e dois homens pesados saltaram em cima dela – tudo isto sem sequer deixar marca na carne. O que parece estar aqui em ação é algum poder da «mente sobre a matéria», mais profundo do que a mera hipnose, que ainda não é compreendido mas que obviamente merece uma atenção séria.

Seria absurdo deixar de procurar explicações científicas para os milagres de Saint-Médard. Mas não nos enganemos a nós próprios, entretanto, aceitando explicações «céticas» superficiais.

49

Os Reis do Mar de 6000 a.C.

Os Mapas Que Contradizem os Livros de História

Em 1966, Charles Hapgood, um professor de história da ciência, causou uma espécie de escândalo quando publicou um livro intitulado *Maps of the Ancient Sea Kings*. Pois o que o Professor Hapgood argumentava, com uma lógica que era difícil de contestar, era que a civilização pode ser muito, muito mais antiga do que os historiadores

reconhecem atualmente: que há cerca de doze mil anos, quando o homem era ainda um caçador nómada, antigos navegadores já poderiam estar a cruzar o Atlântico. Estas conclusões não eram o resultado de especulações selvagens, eram o resultado lógico do estudo de mapas antigos que estavam disponíveis há séculos.

A história começou em 1956, quando um cartógrafo chamado M. I. Walters, no Gabinete Hidrográfico da Marinha dos Estados Unidos, deu por si a olhar para uma cópia de um mapa estranho que tinha sido apresentado ao Gabinete por um oficial naval turco. Era obviamente muito antigo – de facto, estava datado de 919 no calendário muçulmano, o que corresponde a 1513 d.C. pela contagem cristã. Era basicamente um mapa do Oceano Atlântico, mostrando uma pequena parte do Norte de África, desde o atual Marrocos até à Costa do Marfim, e toda a América do Sul. Estes encontravam-se nas suas longitudes corretas, uma proeza notável – na verdade, quase inacreditável – para aqueles dias, em que a maioria dos mapas era ridiculamente rudimentar. (Um dos mapas medievais mais famosos mostra a Itália unida à Espanha; outro mostra as Ilhas Britânicas com a forma de um bule de chá.) Era também, para 1513, um mapa duma precisão espantosa da América do Sul.

E o que era ainda mais surpreendente era o facto de mostrar aparentemente a Antártida, a qual não foi descoberta senão em 1818. Curiosamente, também mostrava a crista média-atlântica, o que parece um conhecimento inacreditável para qualquer período anterior à invenção das sondagens de profundidade por sonar – a menos que, claro, tivesse sido observada enquanto se encontrava ainda acima da água.

O cartógrafo original tinha sido um corsário turco chamado Piri Reis (Reis significa «almirante»), que fora decapitado em 1554. Tinha sido sobrinho de um corsário famoso, Kemal Reis, e ocupara um alto cargo, equivalente ao de governador do Egito. Piri Reis fizera a interessante afirmação de que baseara o seu mapa em vinte mapas antigos, um deles feito por Cristóvão Colombo e outros provenientes da grande biblioteca de Alexandria, destruída pelos árabes invasores em 640 d.C.

Na verdade, o mapa de Piri Reis era conhecido desde 1929, altura em que fora descoberto no museu do Palácio de Topkapi, em Istambul, e já existia uma cópia na Biblioteca do Congresso. Mas, até então, ninguém lhe tinha prestado grande atenção. Walters decidiu tentar remediar isso e

mostrou o mapa ao seu amigo, o Capitão Arlington H. Mallery, um navegador que dedicava a sua reforma ao estudo de mapas antigos. Mallery teve autorização para levar o mapa emprestado e, quando o devolveu, trazia alguns comentários surpreendentes – na verdade, incríveis.

Mallery concordava que a terra mostrada a sul era a Antártida; além disso, o mapa tinha sido aparentemente feito antes de o continente antártico estar coberto de gelo. Mas isso parecia absurdo. A costa da Antártida estava certamente coberta de gelo no tempo de Alexandre, o Grande; a última vez que os homens puderam vê-la sem gelo fora há muitos milhares de anos, muito antes das primeiras civilizações marítimas conhecidas.

E isso só poderia significar uma de duas coisas: ou que os navios navegavam os mares numa época em que, segundo os historiadores, os nossos antepassados viviam em grutas, ou – o que soava igualmente intolerável – que houvera outrora uma civilização florescente na própria Antártida, cujos homens faziam mapas que foram sendo copiados ao longo dos tempos, até à época de Alexandre, o Grande.

Estas sugestões causaram uma controvérsia considerável, que chegou ao conhecimento de Hapgood. Ele ficou interessado porque parecia que o mapa de Piri Reis poderia apoiar algumas das conclusões que ele tinha tirado sobre os movimentos da crosta terrestre – e que publicaria num livro intitulado *Earth's Shifting Crust* em 1958. O ponto de partida de Hapgood tinha sido o enigma das grandes eras glaciares, as quais continuam por explicar pela ciência. A própria sugestão de Hapgood era a de que, por alguma razão desconhecida, a quantidade de luz solar varia de era para era.

As calotes polares formam-se de maneira irregular nos polos, e esta falta de equilíbrio afeta a rotação da Terra – tal como uma roda desalinhada começa a vibrar à medida que gira. Isto, sugeria Hapgood, faz com que massas de gelo se desloquem, bem como as placas tectónicas às quais estão coladas. E o movimento destas placas causa uma reorganização catastrófica da crosta terrestre. Hapgood estimou que o último desses movimentos catastróficos teve lugar entre há dez e quinze mil anos. Antes disso, sugeria ele, a Antártida estava 2500 milhas mais perto do equador do que está hoje e tinha um clima temperado. Albert Einstein escreveu uma introdução para o livro, na qual declarava que as teorias de Hapgood mereciam uma atenção cuidadosa.

Quando Hapgood soube das opiniões de Mallery sobre o mapa de Piri Reis, decidiu que, em vez de discutir se este era genuíno, seria mais sensato submetê-lo a um estudo cuidadoso e detalhado. Reuniu, por isso, um grupo de estudantes no Keene State College, em New Hampshire, e encarregou-os da tarefa de estudar uma série de mapas antigos, incluindo o de Piri Reis.

A primeira surpresa de Hapgood foi que os mapas conhecidos como portulanos – os utilizados pelos navegadores na Idade Média (a palavra significa «de porto em porto») – eram conhecidos pelos eruditos há séculos e ninguém lhes tinha prestado grande atenção, embora alguns mostrassem, por exemplo, que Cuba já era conhecida antes de Colombo a «descobrir» em 1492. A sua surpresa seguinte foi que estes portulanos eram frequentemente tão precisos como os mapas modernos. Parecia estranho que os cartógrafos baseados em terra se contentassem com coisas rudimentares quando os seus homólogos marítimos eram tão sofisticados.

Hapgood notou também que A. E. Nordenskiöld, um destacado erudito cujo estudo sobre mapas primitivos tinha aparecido em 1889, acreditava que os portulanos dos séculos quinze e dezasseis se baseavam em mapas muito mais antigos que datavam de séculos antes de Cristo. Uma das principais razões de Nordenskiöld para esta crença era que o grande geógrafo e astrónomo Ptolomeu, que exerceu atividade em Alexandria por volta de 150 d.C., fizera mapas que eram menos precisos do que estes portulanos medievais, embora tivesse a maior biblioteca do mundo à sua disposição. Seria provável que marinheiros medievais comuns, trabalhando por estimativa empírica, conseguissem superar Ptolomeu a não ser que tivessem alguns mapas antigos para os guiar?

Os argumentos que Hapgood utiliza para apoiar esta tese, baseados na investigação dos seus estudantes, são demasiado longos e demasiado técnicos para serem descritos detalhadamente aqui. Mas uma coisa que era óbvia era que, embora Piri tivesse combinado os vinte mapas que admitira utilizar da melhor forma que pudera, tinha frequentemente permitido que estes se sobrepusessem – ou falhassem em sobrepor-se. Tinha mostrado o rio Amazonas duas vezes, mas tinha deixado de fora uma extensão de novecentas milhas da linha costeira. O problema consistia em tentar compreender como tinham surgido estes erros.

Um erro pôde ser atribuído ao astrónomo grego Eratóstenes, o primeiro homem a calcular o tamanho da Terra com precisão. Ele sabia que a 21 de junho o Sol, ao meio-dia, se refletia num determinado poço em Siena, no Nilo, e que as torres não projetavam sombra. Mas em Alexandria, projetavam. Apenas teve de medir o comprimento da sombra de uma torre em Alexandria ao meio-dia de 21 de junho para calcular o ângulo dos raios de Sol. Este revelou ser de 7 graus.

Como conhecia a distância de Siena a Alexandria, pôde facilmente calcular quantas milhas eram necessárias para os 360 graus. Devido a um erro de cálculo da distância, Eratóstenes aumentou a circunferência da Terra em cerca de 4,5 graus; mas era um cálculo espantosamente preciso para 240 a.C. Hapgood descobriu que, se descontasse este erro de 4,5 graus, o mapa de Piri tornava-se ainda mais preciso. Esta era uma prova adicional de que o mapa de Piri se baseava em modelos gregos antigos.

Outro problema é o problema óbvio conhecido por todos os geógrafos – o de que a Terra é uma esfera, e um mapa que é plano está condenado a distorcê-la. Hoje em dia os cartógrafos usam uma «projeção» baseada na divisão em latitude e longitude. Mas os antigos cartógrafos, ao que parecia, usavam um método mais simples. Escolhiam um centro, desenhavam um círculo em redor deste, dividindo-o depois em dezasseis segmentos, um pouco como dividir um bolo em dezasseis fatias.

Ao longo da borda exterior de cada «fatia» desenhavam vários quadrados – um método complicado, mas que funcionava suficientemente bem. O centro original do mapa de Piri Reis ficava na realidade fora do mapa, mas os cálculos indicavam que teria de ser no Egito. Ao início, Alexandria parecia o local óbvio. Mas cálculos mais cuidadosos mostraram que o local teria de ser mais a sul. Quando se verificou ser Siena, Hapgood soube que estava no caminho certo.

Mas isto por si só, percebeu Hapgood, tinha algumas implicações interessantes. Quando os geógrafos de Alexandria faziam os seus mapas – os quais incluíam o erro de 4,5 graus de Eratóstenes –, é pouco provável que partissem de barco para visitar os vários locais que estavam a mapear. Eles presumivelmente usavam mapas mais antigos. E esses mapas mais antigos tinham de ser incrivelmente precisos – sem o erro de 4,5 graus. Isto sugere que os antigos cartógrafos possuíam uma ciência de cartografia mais precisa e avançada do que a dos gregos.

De facto, existe uma prova interessante de que assim é. Pelo final do século segundo a.C., o gramático grego Agatárquides de Cnido, que foi tutor de um dos reis Ptolomeus do Egito, foi informado de que, segundo a tradição antiga, um dos lados da base da Grande Pirâmide – construída por volta de 2500 a.C. – tinha precisamente um oitavo de minuto de grau de comprimento – isto é, era essa parte da circunferência da Terra. (Um minuto é a sexagésima parte de um grau.) A base da pirâmide tem pouco mais de 230 metros. Se 230 for multiplicado por 8, depois por 60, depois por 360, o resultado é de pouco menos de quarenta mil quilómetros, ou pouco menos de vinte e cinco mil milhas – uma estimativa notavelmente precisa do comprimento do equador.

Ora é possível, claro, que quem desenhou a pirâmide tenha escolhido o comprimento da sua base ao calhas e que algum geógrafo posterior, depois de Eratóstenes, tenha calculado que se tratava de um oitavo de minuto. Mas o nosso conhecimento dos antigos egípcios, e a importância que atribuíam à geometria sagrada, sugere que eles sabiam exatamente o que estavam a fazer – e que conheciam a circunferência da Terra em 2500 a.C.

Quando Napoleão invadiu o Egito em 1798, um dos sábios que levou consigo, Edme-François Jomard, estudou a Grande Pirâmide cuidadosamente e fez algumas descobertas importantes: os quatro lados da pirâmide apontam para os quatro pontos cardeais – norte, sul, este e oeste – com uma precisão incrível. A pirâmide fica a dez milhas do Cairo, o qual se encontra na base do Delta do Nilo – assim chamado porque é um triângulo de cursos de água que correm para o mar – e se forem desenhadas diagonais a partir da pirâmide, estas delimitam perfeitamente o delta.

Além disso, uma linha traçada a partir do meio exato da face norte divide o delta em duas metades exatas. Todos estes factos indicam que os antigos egípcios tinham algum método extremamente preciso de medir longas distâncias e não o faziam por estimativas grosseiras.

O metro francês supõe-se ser precisamente uma décima milionésima parte da distância desde o equador até ao polo. O estudo de Jomard sobre a pirâmide convenceu-o de que os egípcios também tinham utilizado uma medida baseada no tamanho da Terra – neste caso, 1 dividido por 216 000.

Tudo isto é avassalador. Como podia uma civilização agrícola bastante primitiva conhecer o tamanho da Terra? O que é igualmente difícil de compreender é a razão pela qual este conhecimento teve de ser redescoberto por Eratóstenes mais de dois mil anos mais tarde – até nos recordarmos de que, até Colombo navegar para a América, havia uma crença geral de que a Terra era plana. O conhecimento pode perder-se muito facilmente.

Hapgood fez outra descoberta interessante a partir do seu estudo do mapa de Piri Reis: a de que os mapas originais a partir dos quais este fora desenhado deveriam ter utilizado um comprimento ligeiramente diferente para o grau de latitude em relação ao grau de longitude. Porquê? Bem, presumivelmente porque, se estivermos a tentar projetar a superfície de uma esfera numa folha de papel plana, as linhas de longitude tornam-se mais curtas à medida que se aproximam dos polos, ao passo que as linhas de latitude (dado que correm paralelas ao longo do globo) são menos afetadas. O primeiro europeu a utilizar este método de projeção foi Gerardo Mercator, em 1569. Parecia que os antigos cartógrafos já tinham utilizado o mesmo método.

Hapgood concluiu que o «evidente conhecimento da longitude implica um povo que nos é desconhecido, uma nação de navegadores, com instrumentos para encontrar a longitude com que os gregos nem sequer sonhavam».

O que foi igualmente impressionante foi a confirmação por parte de Hapgood da conclusão de Mallery de que a costa da Terra da Rainha Maud, no continente antártico, tinha sido desenhada sem as camadas de gelo. Em 1949, uma expedição montada pela Noruega, pela Grã-Bretanha e pela Suécia foi capaz de estabelecer o contorno do território sob o gelo através de várias técnicas sofisticadas para efetuar sondagens de profundidade através das calotes polares. Isto indicava que Piri Reis baseara provavelmente o seu mapa nalgum mapa original da Antártida antes da Era Glaciária – a qual, como recordamos, Hapgood situara (em *Earth's Shifting Crust*) entre há dez e quinze mil anos.

O mapa de Piri Reis não foi o único examinado por Hapgood e pelos seus estudantes. Hapgood pediu à Biblioteca do Congresso que lhe permitisse examinar todos os mapas antigos do período e ficou sobressaltado ao encontrar centenas deles dispostos para a sua inspeção.

Foi um mapa de 1531 de um tal Oronteus Finaeus que o encheu com a convicção de ter feito uma descoberta de importância igual à do mapa de Piri Reis. Mostrava o Polo Sul – o que era já suficientemente espantoso para uma data cerca de três séculos anterior à sua descoberta oficial.

O que era positivamente avassalador era o facto de se tratar de um mapa de toda a calota polar, como se tivesse sido desenhado a partir do ar, mostrando uma semelhança notável com o polo tal como o conhecemos hoje. E, mais uma vez, todas as provas sugeriam que tinha sido feito nos dias anteriores a o polo estar coberto de gelo – também ele mostrava a costa da Terra da Rainha Maud e cadeias montanhosas agora sob o gelo, bem como rios a correrem para o mar.

Certos erros no mapa reapareciam em todos os outros mapas contemporâneos, sugerindo que todos eles se tinham baseado nalgum mapa antigo, datando possivelmente da época de Alexandre, o Grande. Mas as amostras de sondagem de 1949 não deixavam dúvidas de que a Antártida estava coberta de gelo no tempo de Alexandre, o Grande (356–323 a.C.). Portanto, os mapas originais teriam de ser muito mais antigos.

Quão mais antigos? As amostras de sondagem mostraram que o último período quente na Antártida terminou há seis mil anos, ou por volta de 4000 a.C., pelo que a «civilização antártica» postulada por Hapgood deve ter florescido antes disto. Ora isto, em si, não é particularmente espantoso. O homem pescava há dez mil anos e começou a cultivar pouco tempo depois. Jericó, a cidade-mercado mais antiga até agora descoberta, foi fortificada entre há oito e dez mil anos, e os seus habitantes utilizavam pratos de calcário polido porque ainda não tinham aprendido a cozer olaria.

Por outro lado, a escrita não foi inventada senão por volta de 3500 a.C., na Suméria. A domesticação de camelos e burros viria a causar uma expansão no comércio cerca de quinhentos anos mais tarde. Portanto, o mapa de Oronteus Finaeus sugeria que algum tipo de escrita – porque é difícil conceber um mapa sem «rótulos» – deveria ter existido quase três mil anos mais cedo. Além disso, a cartografia é uma ciência sofisticada que requer, entre outras coisas, algum conhecimento de geometria – e o conhecimento mais antigo de geometria parece datar da Babilónia por volta de 1500 a.C., quase cinco mil anos mais tarde do que a «civilização antártica».

Um mapa turco de Hadji Ahmed de 1559 (cinco anos antes do nascimento de Shakespeare) mostra o mundo a partir de uma «projeção» norte, como se estivesse a pairar sobre o Polo Norte. Mais uma vez, a precisão é incrível. Mas aquela que poderá ser a sua característica mais interessante é o facto de o Alasca e a Sibéria parecerem estar unidos. Uma vez que esta projeção mostra um globo em forma de coração, com o Alasca de um lado da «reentrância» e a Sibéria do outro, isto poderia meramente indicar que o cartógrafo não tinha espaço suficiente para mostrar o Estreito de Bering que divide os continentes. Se não for assim, as consequências são avassaladoras: sabemos que existiu uma ponte terrestre no passado remoto, mas poderá ter sido há tanto tempo como doze mil anos.

Outros portulanos primitivos eram igualmente notáveis pela sua precisão. O «Portulano de Dulcert» de 1339, por exemplo, mostra que o cartógrafo tinha um conhecimento preciso de uma área desde Galway até à bacia do Don, na Rússia. Outros mostravam o Egeu salpicado de ilhas que hoje não existem – teriam sido presumivelmente submersas pelo gelo em derretimento; um mapa desenhado com precisão do sul da Grã-Bretanha, mas sem a Escócia e com indicações de glaciares; e uma Suécia ainda parcialmente sob glaciação.

Talvez a prova mais interessante desvendada por Hapgood seja um mapa da China que encontrou na obra de Needham, *Science and Civilisation in China*, que data de 1137 d.C. e está esculpido em pedra. Os estudos de Hapgood sobre Piri Reis e outros portulanos europeus tinham-no familiarizado com o «erro de longitude» mencionado acima; agora, ficou estupefacto ao encontrá-lo neste mapa da China. Se ele estava correto, então os chineses também tinham conhecido os mapas «originais» nos quais o mapa de Piri Reis se baseava.

E isto, escusado será dizer, sugeria a ideia avassaladora de que alguma civilização marítima mundial tinha existido antes de Alexandre, o Grande, e de que tinha desaparecido enquanto a civilização da Mesopotâmia era ainda primitiva e analfabeta. Esta é a sugestão que Hapgood – rejeitando toda a cautela académica – esboça no último capítulo do seu livro, «Uma Civilização Que Desapareceu». Aponta que tivemos de esperar pelo século dezoito para desenvolver um método preciso de medir a longitude e a circunferência da Terra, e até ao século dezanove para a exploração do Ártico e da Antártida. De acordo com Hapgood: «Os mapas indicam que

algum povo antigo fez todas estas coisas». E esta civilização desapareceu, fosse nalguma catástrofe ou ao longo de um grande período de tempo, e foi simplesmente esquecida. Se existiu na Antártida – e possivelmente no Ártico –, então o seu desaparecimento é facilmente explicado pelo regresso da calota polar há cerca de seis mil anos.

E o que significa tudo isto? Hapgood contentou-se simplesmente em postular uma civilização marítima que navegava os sete mares quando, de acordo com os historiadores, os únicos navegadores eram pescadores que não se afastavam das costas do Mediterrâneo. Mas outros estavam ansiosos por pôr os pontos nos is e os traços nos tês. Viram a sua «civilização avançada da Era Glaciária» como uma prova da existência real da Atlântida, supostamente destruída nalguma grande catástrofe pré-histórica, ao passo que outros se agarraram a ela como prova de que a Terra tinha sido visitada por «homens do espaço» nalguma época remota no passado.

A teoria dos «antigos astronautas» (ver capítulo 14) foi popularizada em livros como *O Despertar dos Mágicos* (1960), de Louis Pauwels e Jacques Bergier, e *Eram os Deuses Astronautas?* (1968), de Erich von Däniken. Todas estas especulações – popularizadas no filme de 1968 *2001: Odisseia no Espaço* – tiveram o mesmo efeito sobre os cientistas da década de 1960 que a explosão espiritualista da década de 1860 teve sobre os seus predecessores do século dezanove. A investigação séria foi prejudicada por uma «culpa por associação». Hapgood deixou de ser levado a sério, mesmo por uma minoria dos seus colegas académicos.

Em 1979, uma edição revista de *Maps of the Ancient Sea Kings: Evidence of Advanced Civilisation in the Ice Age* fez com que os críticos percebessem que Hapgood não merecia ser metido no mesmo saco que von Däniken. É perfeitamente concebível que alguns dos seus argumentos venham a provar-se falsos e que os erros de cartógrafos inexperientes possam explicar as ilhas extra no Egeu, a metade superior em falta da Inglaterra, a crista média-atlântica e até a ponte terrestre através do Estreito de Bering. Mas o seu argumento principal permanece inalterado. Os portulanos da Idade Média mostram a Antártida muito antes de esta ser explorada, e a perícia com que são desenhados sugere que se baseiam em mapas muito mais antigos. Talvez a semelhança entre o mapa chinês de 1137 e os portulanos seja coincidência e não tenha existido nenhuma «civilização marítima mundial». Mas, no mínimo, deve ter havido alguma

civilização bastante sofisticada muito antes do chamado nascimento da civilização na Mesopotâmia ou na China – talvez sepultada sob o gelo antártico.

Hapgood está inclinado a enfraquecer o seu próprio argumento com raciocínios capciosos. Por exemplo, aponta que em *As Viagens de Gulliver* (1726), Swift dá uma descrição estranhamente precisa das duas luas de Marte, as quais não foram descobertas senão um século e meio mais tarde. Hapgood sugere que Swift se baseava nalguma «fonte antiga», quando a verdadeira explicação é provavelmente a curiosa serendipidade que se pode encontrar tantas vezes na história da arte e da literatura. (Aponto no meu livro *Starseekers* que em *Eureka*, Poe antecipou a teoria do *Big Bang* sobre a origem do universo, bem como a descoberta de que os átomos podem ser divididos em partículas positivas e negativas.) Por outras palavras, estamos a lidar com algo mais próximo da «sincronicidade» de Jung.

Para ser justo com von Däniken e com *O Despertar dos Mágicos*, deve também admitir-se que a análise cuidadosamente fundamentada de Hapgood sobre os portulanos oferece de facto algum apoio à teoria dos «antigos astronautas». O mapa de Oronteus Finaeus parece mesmo ter sido baseado numa vista aérea. O mesmo acontece com o mapa do mundo de Hadji Ahmed de 1559 visto de cima do Polo Norte. Além disso, continua a ser difícil ver como as linhas e os vastos desenhos no chão do deserto de Nazca poderiam ter sido desenhados por pessoas que eram incapazes de olhar para eles a partir do ar – embora balões primitivos tivessem sido tão eficazes como naves espaciais para esse propósito.

Mas as teorias que apelaram às descobertas de Hapgood como apoio (incluindo as baseadas no *Livro de Oera Linda*, discutido no capítulo 39) não podem ser consideradas como prova nem a favor nem contra as suas descobertas. Tudo o que é perfeitamente certo é que as provas de Hapgood quanto a uma antiga civilização marítima que precedeu qualquer uma das que conhecemos são virtualmente incontrovertíveis.

50

Monstros Marinhos

Gigantes Desconhecidos das Profundezas

A 10 de outubro de 1848, o *Times* de Londres publicava o seguinte relato:

«Quando a fragata *Daedalus*, sob o comando do Capitão M'Quhae, a qual chegou no dia 4 do corrente, se encontrava na sua travessia das Índias Orientais entre o Cabo da Boa Esperança e Santa Helena, o seu capitão e a maioria dos seus oficiais e tripulação viram, às quatro horas de uma tarde, uma serpente marinha».

O relato trouxe uma enxurrada de cartas indignadas de homens da marinha que sentiam que o *Times* estava a falhar no seu dever para com o público ao imprimir tal disparate. Como é compreensível, o público teve uma visão diferente, e os jornais de todo o país agarraram-se à história. Uma conferência foi convocada à pressa no Almirantado, a qual concluiu que era necessária uma investigação imediata.

O primeiro passo consistiu em contactar o Capitão Peter M'Quhae, para descobrir se havia algum fundamento na história. Para embaraço do Almirante Sir W. Gage, que estava encarregue da investigação, M'Quhae respondeu que, apesar de certas incorreções flagrantes, a história do *Times* estava essencialmente correta: ele tinha de facto visto um monstro marinho. Tinha registado o acontecimento no diário de bordo do navio e planeara relatar o incidente através dos canais normais.

A sua história era a seguinte: às cinco horas de 6 de agosto de 1848, enquanto o *Daedalus* se encontrava entre o Cabo da Boa Esperança e Santa Helena, um dos aspirantes relatou uma criatura estranha a nadar lentamente em direção a eles pela bochecha de estibordo. A maioria da tripulação

estava a cear e havia apenas sete homens no convés, incluindo o capitão, o oficial de quarto e o navegador do navio. Todos eles testemunharam o que M'Quhae descreveu como «uma serpente enorme» – avaliada em cerca de 100 pés de comprimento – enquanto esta nadava em linha reta ultrapassando a fragata, aparentemente alheia à existência desta. O capitão calculou que ela se deslocava a cerca de doze a quinze milhas por hora e descreveu como esta permanecera ao alcance dos seus óculos de alcance durante quase vinte minutos.

Embora a tarde estivesse chuvosa e monótona, M'Quhae afirmou que estava ainda suficientemente claro para ver a criatura nitidamente e que esta nadara suficientemente perto para que, «se fosse um homem do meu conhecimento, eu teria facilmente reconhecido as suas feições a olho nu». Descreveu a cabeça grande, distintamente serpentina, projetando-se mesmo acima das ondas num pescoço com cerca de quinze polegadas de espessura, seguida por sessenta pés ou pouco mais de dorso serpentino, o qual se crastava acima da superfície da água. A cor era uniformemente castanho-escura, à exceção da garganta, que era de um branco-amarelado.

Para M'Quhae, parecia deslizar pela água sem esforço, sem a ajuda de barbatanas ou da natação ondulante típica das serpentes e das anguias. Este facto estranho poderá ser explicado por uma crina de pelo ou de algas marinhas que corria ao longo do seu dorso e que poderá ter ocultado o seu meio de propulsão. Em momento algum a criatura abriu a boca para revelar «grandes dentes recortados» (como o *Times* tinha relatado). As testemunhas tinham todas concordado que esta não parecia assustada nem ameaçadora, mas sim que se deslocava para a frente «com algum propósito determinado». M'Quhae tinha feito um esboço da criatura o qual, a pedido do almirante, converteu num desenho maior para acompanhar a sua declaração.

Para crédito do Almirantado, este disponibilizou rapidamente ao público o controverso relatório. A 13 de outubro, o *Times* imprimiu o relatório na íntegra e, quinze dias mais tarde, o *Illustrated London News* imprimiu várias imagens da «serpente marinha do *Daedalus*» baseadas no desenho de M'Quhae. O monstro marinho «determinado» tornou-se tema de um debate nacional por vezes aceso. Os outros seis testemunhos nomeados por M'Quhae apoiaram a sua versão dos factos, mas ficou claro desde o início que havia alguma divergência de opinião quanto aos

detalhes. A revista *Zoologist* publicou um extrato do diário do oficial de quarto, o Tenente Edgar Drummond, que cobria o dia do avistamento.

Drummond tinha avaliado a cabeça em cerca de dez pés de comprimento – bastante grande para um pescoço de dezasseis polegadas sustentar. Estimou a parte visível do corpo em cerca de vinte pés de comprimento e, embora tenha mencionado que o capitão afirmava ver mais vinte pés de cauda mesmo abaixo da superfície, isto ficava ainda aquém da estimativa de M'Quhae de sessenta pés de corpo a crastar as ondas. Drummond também discordou sobre o que o seu capitão referia como uma «crina» no dorso da criatura, preferindo descrevê-la como uma espécie de barbatana dorsal.

Poucos céticos foram suficientemente rudes para acusar as testemunhas de serem mentirosos descarados, mas muitos insinuaram que essa era a sua perspetiva. Um escreveu ao *Times* perguntando por que razão M'Quhae não ordenara aos seus homens que dessem a volta e perseguissem a criatura. Outro, talvez com ironia, exigiu saber por que razão ele não tinha disparado uma andainha contra ela.

Uma contribuição mais útil para a discussão foi uma carta na *Literary Gazette* que apontava que a descrição do monstro do *Daedalus* era notavelmente parecida com a de uma serpente marinha descrita pelo bispo dinamarquês Pontoppidan no seu influente estudo zoológico, *A Natural History of Norway* (1753).

Continuava: «Poder-se-ia imaginar que o galante Capitão tinha lido o velho dinamarquês e o estava a copiar, quando fala da cor castanho-escura e do branco em redor da garganta, e do pescoço revestido como que por uma crina de cavalo ou um punhado de algas marinhas, as palavras exatas do historiador». Ao longo de tudo isto, M'Quhae manteve um silêncio digno. Foi necessária a intervenção de um dos principais homens de ciência da Europa para o convencer a pronunciar-se.

Sir Richard Owen, conservador do Museu Hunterian, um anatomista, naturalista e paleontólogo de imensa reputação, apresentou-se para liderar a cruzada dos desmistificadores da serpente marinha do *Daedalus*. Owen era considerado por muita gente como a maior autoridade viva em zoologia. Pugnazmente conservador, viria mais tarde a tornar-se o oponente mais implacável e mais venenoso de Darwin.

Owen começou por enviar ao *Times* a cópia de uma longa carta que tinha escrito a um amigo que tinha perguntado se a serpente marinha do *Daedalus* não poderia ser uma sobrevivência da era dos Sáurios – uma das teorias mais populares que tinham surgido durante a controvérsia. Owen descartou a sugestão de M'Quhae de que a criatura era uma serpente marinha gigante, insinuando que o capitão deveria deixar as deduções científicas para os peritos.

Após uma consideração cuidadosa da declaração de M'Quhae, Owen chegou à conclusão de que a criatura era quase de certeza um mamífero de algum tipo e – uma vez que a sua análise se baseava na ideia preconcebida de que o avistamento era de alguma espécie já conhecida da ciência – passou a sugerir uma que se poderia ajustar ao caso: o *Phoca proboscidea* ou elefante-marinho. (O nível de competência de Owen sobre serpentes marinhas pode ser avaliado pela sua observação de que os jacarés são frequentemente encontrados por navios no mar; na verdade, os jacarés são nadadores relativamente fracos e não conseguem sequer viver em troços de rio turbulentos.)

O elefante-marinho é, na verdade, uma foca enorme (pode crescer até aos vinte pés de comprimento) que é nativa dos mares em redor da Antártida. A sugestão de Owen era a de que uma destas criaturas poderia ter sido arrastada para norte num icebergue, a partir do qual nadaria periodicamente para comer peixe. Quando o gelo derreteu, teria sido forçada a nadar até as suas forças se esgotarem.

Talvez, escreveu ele, estivesse a morrer quando o *Daedalus* deparou com ela, explicando assim a sua falta de interesse por eles. Na sua opinião, o que M'Quhae tinha confundido com uma extensão de quarenta pés de corpo reptiliano semissubmerso era, na verdade, a turbulência que a sua cauda horizontal fazia enquanto nadava em linha reta. A «crina» que o capitão notara era, apontou Owen, típica dos elefantes-marinhos machos – também conhecidos como leões-marinhos de Anderson. Passou depois a negar a existência de todas as serpentes marinhas com o fundamento de que a ciência não tinha encontrado provas delas e concluiu com a afirmação: «Poderia reunir-se um maior volume de provas de testemunhas oculares em comprovação de fantasmas do que de serpentes marinhas».

Numa carta ao *Times*, M'Quhae respondeu, um pouco irritado, que a criatura vista naquele dia não tinha sido um elefante-marinho, o qual teria

reconhecido rapidamente, nem de resto uma foca de qualquer espécie. Como marinheiro experiente, era perfeitamente capaz de distinguir a diferença entre a turbulência da água e a passagem de um corpo grande e sólido. Insistiu também em que não tinha ouvido falar do relato de uma serpente marinha feito pelo Bispo Pontoppidan até este ter sido mencionado pelo correspondente da *Literary Gazette* e que, por conseguinte, este não o poderia ter influenciado a romancear o relato do que tinha visto.

Finalmente, terminou declarando categoricamente que não houvera qualquer agitação histérica entre as testemunhas e que ele próprio tinha a certeza de que nenhum tipo de ilusão ótica os poderia ter induzido em erro quanto aos detalhes fornecidos no relatório. A sua declaração, concluiu, manter-se-ia como estava «até que ocorra alguma oportunidade mais afortunada de travar um conhecimento mais próximo com o 'grande desconhecido' – no presente caso, asseguradamente nenhum fantasma». A carta foi a sua última palavra sobre a controvérsia, e o seu tom geral era o de um homem fartinho de todo o assunto.

Dez anos após o avistamento do *Daedalus*, um Capitão Frederic Smith escreveu ao *Times* descrevendo como a sua vigia no *Pekin* tinha avistado o que tomaram por uma serpente marinha com uma «cabeça e pescoço enormes, cobertos com uma espécie de crina longa e de aspeto farfalhudo», mas que se provara ser uma extensão de vinte pés de algas marinhas.

A carta terminava concluindo que a serpente do *Daedalus* era quase de certeza um pedaço de algas marinhas também. Isto mereceu uma resposta de um oficial do *Daedalus* na qual este afirmava que a «serpente» era «para lá de toda a questão um animal vivo, movendo-se rapidamente através da água». Passou a descrever como a tinham observado de perto durante algum tempo. Mais uma vez, os detalhes circunstanciais do relato são impressionantes.

Pelo menos o Almirantado Britânico indicou o seu apoio tardio à história de M'Quhae ao colocar o seu relatório nos seus registos oficiais, o primeiro avistamento de que há alegação a ser dignificado desta forma.

Na verdade, tinha havido dezenas de avistamentos de serpentes marinhas antes de 1848 – o livro de Bernard Heuvelmans, *In the Wake of the Sea-Serpents* (1968), lista cerca de 150 entre 1639 e 1848. O

avistamento de 1639 é de segunda mão, mas existem dezenas de outros relatos que são tão circunstanciais como o de M'Quhae. Por exemplo, o Capitão George Little, da fragata *Boston*, descreveu como, em maio de 1740, se encontrava na Broad Bay, ao largo do Maine, quando «descobri uma grande Serpente ou monstro a descer a Baía, à superfície da água».

Uma lancha cheia de homens armados partiu para ver mais de perto, mas «quando a menos de cem pés . . . a serpente mergulhou. Tinha não menos de 45 a 50 pés de comprimento; o diâmetro maior do seu corpo, eu julgaria de 15 polegadas; a cabeça quase do tamanho da de um homem, a qual transportava a quatro ou cinco pés acima da água. Exibia todo o aspeto de uma serpente preta comum».

Heuvelmans cita 587 avistamentos entre 1639 e 1966. Um dos avistamentos de 1966 foi feito por dois ingleses, John Ridgway e Chay Blyth. Ridgway escreveu em *A Fighting Chance*:

«Fui despertado de sobressalto para uma vigília completa por um ruído de restolhada a estibordo. Olhei para a água e vi subitamente a forma contorcida e sibilante de uma grande criatura. Estava delineada pela fosforescência do mar como se uma fiada de luzes de néon estivesse pendurada nela. Tinha um tamanho enorme, uns trinta e cinco pés ou mais de comprimento, e vinha em direção a mim bastante depressa. . . . Dirigiu-se direita a mim e desapareceu mesmo por baixo de mim. . . . Fiquei gelado de terror perante esta aparição».

E Heuvelmans conclui o seu capítulo – e os seus avistamentos – com um relato de dois veraneantes perto de Skegness, no leste de Inglaterra, que viram «algo parecido com o monstro de Loch Ness» a cem jardas de distância no mar: «Tinha uma cabeça como uma serpente e seis ou sete bossas pontiagudas a arrastarem-se atrás».

Heuvelmans passa a citar Sir Arthur Conan Doyle, que dizia que se um único ocapi tivesse sido abatido na África, a sua existência poderia ser posta em dúvida. Se dez homens abaterem um ocapi, as provas seriam fortes. Se cinquenta homens abaterem um, «tornar-se-ia convincente». Portanto, 587 avistamentos – mesmo que alguns sejam descartados como fraude ou puros equívocos – merecem sem dúvida ser classificados como convincentes.

Heuvelmans analisa depois os avistamentos e classifica-os em sete tipos básicos: a «super-lontra», com uma cabeça achatada e um corpo longo, semelhante ao de uma lontra; a serpente de várias bossas, com a sua fileira de bossas regulares; a serpente de várias barbatanas, com projeções pontiagudas ao longo de ambos os lados; o cavalo-marinho, uma criatura com uma crina; a serpente de pescoço longo, com um pescoço longo e esguio como o de um diplódoco pré-histórico; e as «super-anguias», que se assemelham a cobras gigantes. Ele equaciona uma classificação chamada o «Pai-de-todas-as-tartarugas» – com o aspeto, como se poderia supor, de uma tartaruga gigante –, mas acaba por a descartar como suspeita e duvidosa. Ele acredita que os primeiros cinco são mamíferos, ao passo que a super-anguia – com base em provas de fragmentos de corpos – parece ser um peixe.

O Bispo Pontoppidan, com quem já deparámos, não foi o primeiro a descrever a serpente marinha. Já em 1539, um bispo sueco chamado Olaf Månsson (latinizado como Olaus Magnus) publicou em Veneza um mapa do norte que mostrava claramente duas serpentes marinhas. E numa *História dos Godos, Suecos e Vândalos*, publicada em 1555, descreve uma «serpente com 200 pés de comprimento e 20 pés de espessura» que vive nas grutas marinhas ao largo de Bergen. Esta história, acompanhada por imagens aterrorizadoras de serpentes a devorarem navios, foi citada por muitos enciclopedistas subsequentes.

Duzentos anos mais tarde, o Bispo Pontoppidan dedicou um capítulo da sua *Natural History of Norway* a vários monstros, incluindo a serpente marinha, o craquen e a sereia. No caso da serpente marinha, deu-se ao trabalho de obter um relato em primeira mão por parte de um certo Capitão Lorenz von Ferry, que ordenara a uma lancha que perseguisse a criatura, e foi capaz de descrever com algum detalhe a cabeça semelhante à de um cavalo com uma crina branca e olhos pretos, e as muitas voltas ou dobras – ele pensava que eram sete ou oito, com cerca de uma braça (seis pés) entre cada dobra.

O principal interesse dos comentários de Pontoppidan nesta conjuntura é que o seu livro despertou um ceticismo considerável na Grã-Bretanha quando foi traduzido em 1765 e que um Capitão (mais tarde Almirante) Charles Douglas, que tentou averiguar o que podia sobre tais monstros, assumiu uma perspetiva distintamente cética em relação ao

depoimento de algumas testemunhas. Curiosamente, ele registou que, embora muitos noruegueses acreditassem na existência de «*Stoor worms*» (vermes marinhos), estavam inclinados a descartar o craquen, um polvo gigante, como um mito. E continuou a ser descartado como um mito até a sua existência ser finalmente aceite pela ciência na década de 1970. As lendas do craquen – um vasto monstro octopoide que por vezes atacava nadadores, navios e até aldeias costeiras – podem ser rastreadas até ao antigo erudito romano Plínio, que descreveu um «pólo» com braços de trinta pés de comprimento que subia a terra para roubar peixe que estava a ser salgado em Carteia, em Espanha, e que só foi morto após um confronto violento. No entanto, deve notar-se que praticamente todas as culturas marítimas do mundo tiveram o seu equivalente ao mito do craquen.

Em comparação, o craquen do Bispo Pontoppidan parecia relativamente inofensivo. Ele nota que os pescadores locais tinham descoberto que havia um determinado local ao largo da costa da Noruega onde a profundidade registada de oitenta a cem braças diminuía por vezes para vinte ou trinta braças, e que durante estes períodos o mar em redor se tornava turvo e lamacento e a pesca na zona era espetacularmente abundante. Isto, acreditavam eles, devia-se ao craquen, uma vasta besta com tentáculos, com uma milha e meia de circunferência, que subia do fundo do mar e atraía o peixe ao expelir os seus excrementos.

O monstro não representava qualquer perigo para os homens, desde que estes retirassem os seus barcos da zona antes de ele subir à superfície. Este craquen parecia ser curiosamente passivo – assemelhava-se a um grupo de ilhas a emergirem à superfície, ligadas entre si por uma substância semelhante a algas e rodeadas por «cornos» ondulantes, alguns «tão altos e tão grandes como os mastros de navios de tamanho médio». Depois de comer até se fartar do peixe «encalhado» na sua imensa bota, afundava-se novamente no fundo.

No final do século dezoito, a ciência tinha descartado tais criaturas como míticas. Mas o grande número de avistamentos de serpentes marinhas no século dezanove ao largo da costa da América começou a desgastar o ceticismo, ao passo que enormes marcas de ventosas encontradas em cachalotes, e fragmentos de tentáculos monstruosos encontrados nos seus estômagos, tornaram claro que a lula-gigante também não era um mito. Em novembro de 1861, tripulantes da canhoneira francesa *Alecton* viram uma

lula-gigante perto de Tenerife e tentaram arpoá-la. A criatura estava claramente a morrer, uma vez que conseguiram passar-lhe um laço; mas partiu-se em duas quando tentaram içá-la para bordo.

A lula tinha cerca de vinte e quatro pés de comprimento e a boca media dezoito polegadas de diâmetro. O *Alecton* chegou a Tenerife com uma parte suficiente do monstro para não deixar qualquer dúvida possível sobre a sua existência, e um relato sobre o mesmo foi lido perante a Academia Francesa de Ciências a 30 de dezembro de 1861. No entanto, um zoólogo chamado Arthur Mangin continuou a expressar incredulidade e quis saber por que razão a criatura não tinha simplesmente mergulhado abaixo da superfície. Seria mais provável, pensava ele, que todos os envolvidos no relatório fossem mentirosos.

Mas na década de 1870, tantas lulas-gigantes expiraram nas praias da Terra Nova e do Labrador que se tornou impossível duvidar da sua existência. E em 1886, um cadáver enorme, embora mutilado, deu à costa na praia de St. Augustine, na Flórida, tendo sido fotografado e examinado pelo Dr. DeWitt Webb. Foram necessários quatro cavalos, seis homens e uma caderna e teia para mover a bota de seis ou sete toneladas mais para cima na praia. Os peritos decidiram que se tratava de uma baleia morta. Mas setenta e cinco anos mais tarde, o exame científico dos poucos pedaços que tinham sido preservados demonstrou que se tratava de um polvo gigante (não uma lula) que deveria ter cerca de 200 pés de diâmetro – suficientemente grande para que o seu volume ocupasse a maior parte de Piccadilly Circus ou de Times Square.

Felizmente, os encontros reais com tais monstros têm sido raros. Mas alguns dos relatos mais vívidos datam da Segunda Guerra Mundial. A 25 de março de 1941, numa zona remota do Atlântico Sul, o navio aliado *Britannia* foi atacado por um corsário alemão que ostentava a bandeira japonesa. Os alemães dispararam contra o navio até este ficar em chamas, dando depois cinco minutos à tripulação para abandonar o navio antes de o afundarem.

Como o *Britannia* tinha um número insuficiente de baleeiras de salvação, muitos dos tripulantes viram-se agarrados a frágeis jangadas de borracha em pleno oceano, a centenas de milhas de terra e bem fora das rotas normais de navegação. Uma destas estava sobrecarregada com doze homens exaustos, entre os quais se encontravam os Tenentes Rolandson e

Davidson da Marinha Real e o Tenente R. E. Grimani Cox do Exército Indiano, que sobreviveram para fazer um relato das suas experiências.

Não tinham comida nem água, nem abrigo contra o Sol. Para evitar que a jangada ficasse alagada, tinham de se revezar pendurados precariamente nos seus lados, onde não tinham qualquer defesa contra os ataques de caravelas-portuguesas, as quais Cox descreveu mais tarde como «picando como um milhão de abelhas». Ao segundo dia, alguns dos homens tinham ficado delirantes; ao terceiro, os tubarões começaram a aproximar-se. Durante três dias, os sobreviventes feridos e enlouquecidos pela sede foram sendo levados um a um. Depois, para alegria dos marinheiros, os tubarões que os rodeavam desapareceram subitamente.

Um dos sobreviventes olhou para as profundezas do oceano e viu, para seu horror, uma forma enorme a emergir por baixo deles. Uma enorme criatura com tentáculos subiu à superfície ao lado deles e fustigou os seus «braços» sobre a jangada. Agarrou um marinheiro indiano, «abraçando-o como um urso», e arrastou-o para o mar. Satisfeito com a sua presa, afastou-se, mas mais tarde renovou o seu ataque. O braço do Tenente Cox ficou gravemente ferido por um tentáculo preensil, mas desta vez os marinheiros conseguiram repeli-lo. Vários dias mais tarde, Cox, Rolandson e Davidson, os únicos sobreviventes dos doze originais, foram resgatados por um navio espanhol.

Quando, em 1943, Cox foi examinado pelo biólogo britânico Dr. John L. Cloudsley-Thompson, este último observou uma série de cicatrizes circulares no braço de Cox, mostrando que discos de pele e de carne, medindo cada um cerca de uma polegada e um quarto de diâmetro, lhe tinham sido a dada altura arrancados violentamente. Na opinião de Cloudsley-Thompson, os ferimentos assemelhavam-se de perto aos provocados pelas ventosas serrilhadas de uma lula; e, pelo seu tamanho, deduziu que a lula em questão teria de ter aproximadamente vinte e três pés de comprimento. Richard Owen e os seus colegas céticos teriam considerado isto um monstro de proporções sem precedentes, mas a única surpresa para Cloudsley-Thompson foi o facto de uma lula-gigante tão «pequena» conseguir raptar um homem adulto.

Outro relato de uma lula-gigante também data dos anos da guerra. J. D. Starkey descreve como baixava um conjunto de lâmpadas elétricas pela borda de um arrastão do Almirantado para atrair o peixe, o qual podia então

ser facilmente pescado. Uma noite, no Oceano Índico, deu por si a olhar para um «olho verde que não piscava». Apontando uma lanterna potente para a água, Starkey viu tentáculos com dois pés de espessura. Percorreu o comprimento do navio, estudando o monstro, com o seu bico semelhante ao de um papagaio, e percebeu que teria de ter mais de 175 pés de comprimento. A lula permaneceu ali durante cerca de quinze minutos; depois, «quando a sua válvula se abriu totalmente . . . sem qualquer esforço visível, disparou para a noite».

O principal problema, no que diz respeito à ciência, é que parece virtualmente impossível estudar os monstros marinhos no seu habitat natural. Tal como o notório monstro de Loch Ness, parecem estranhamente tímidos. Um estudante de «monstros lacustres», o falecido Ted Holiday, chegou mesmo a acreditar que alguns deles devem ser considerados fenómenos paranormais – uma conclusão a que chegou devido à sua observação de que alguns dos lagos em que os monstros têm sido observados são demasiado pequenos para sustentar uma grande criatura. Os encontros de Holiday com o monstro de Loch Ness também desenvolveram nele a convicção de que este parecia ter um sexto sentido sobre quando se podia mostrar sem perigo de ser fotografado.

Outro «observador de monstros» – Tony «Doc» Shiels – chegou a uma conclusão semelhante. Em 1975 e 1976, houve muitos avistamentos de um monstro marinho ao largo de Falmouth, na Cornualha; foi batizado de «Morgawr», que significa «gigante da Cornualha». Shiels conseguiu tirar uma excelente fotografia do Morgawr, o qual tinha a mesma forma «semelhante à de um plesiossauro» que o monstro de Loch Ness – um pescoço longo e um corpo volumoso com «bossas» no dorso. Shiels foi subsequentemente a Loch Ness e conseguiu imediatamente tirar duas fotografias ao monstro. Mas o seu livro *Monstrum*, subtitulado *A Wizard's Tale*, torna claro que ele acredita que os seus próprios avistamentos de monstros envolveram algum tipo de encontro com o mundo do paranormal.

Isto não tem de implicar que criaturas como o Morgawr e a «Nessie» sejam fantasmas, como Holiday esteve a dada altura inclinado a acreditar. Pode simplesmente implicar que possuem poderes telepáticos altamente desenvolvidos que lhes permitiram, até agora, evitar os caçadores de monstros com um sucesso considerável. O que, por sua vez, pode implicar que aqueles que desejam estudá-los devem também possuir tais poderes.

O mistério dos monstros subaquáticos está ainda longe de estar resolvido. Mas, pelo menos, há agora provas suficientes para tornar claro que Olaus Magnus e o Bispo Pontoppidan merecem um pedido de desculpas.

51

Quem Foi Shakespeare?

No início de 1616, um respeitável senhor de classe média de Stratford-upon-Avon decidiu que era altura de fazer o seu testamento; escassos meses mais tarde, em abril, morreu, aparentemente após uma maratona de copos com dois velhos amigos de Londres, os dramaturgos Ben Jonson e Michael Drayton. E depois, durante um período considerável, foi mais ou menos esquecido. No espaço de sete anos após a sua morte, foi-lhe erguido um monumento na igreja paroquial.

Em 1656, o antiquário Sir William Dugdale, que se interessava por brasões de armas, reproduziu um esboço impreciso do mesmo na sua obra *Antiquities of Warwickshire*. Mostrava um senhor de bigode caído, cujas mãos repousavam sobre um saco de lã – um símbolo de comércio. Poucas pessoas em Stratford pareciam estar conscientes de que este comerciante de aspeto fúnebre era um famoso ator-dramaturgo que tinha atuado perante a Rainha Isabel.

Mais de um século depois, na década de 1770, um clérigo chamado James Wilmot retirou-se para o seu Warwickshire natal e dedicou os seus anos de declínio ao estudo dos seus dois autores favoritos, Francis Bacon e William Shakespeare. Como a aldeia de que era agora reitor – Barton-on-the-Heath – ficava a escassas seis milhas de Stratford, começou a fazer investigações para descobrir se alguma história ou tradição sobre o grande ator-dramaturgo sobrevivia ainda na sua cidade natal. Aparentemente, ninguém conhecia nenhuma. Mas a partir do estudo das peças de Shakespeare, Wilmot tinha concluído que ele teria de ser um homem de vasta erudição e que deveria, por conseguinte, possuir uma biblioteca considerável.

Ao longo de muitos anos, fez investigações diligentes na região, inspecionando pequenas bibliotecas privadas num raio de cinquenta milhas.

Não encontrou absolutamente nada – nem um único volume que pudesse ter pertencido a Shakespeare. E, finalmente, foi assaltado por uma convicção espantosa: a de que o homem chamado Shakespeare não era o autor das peças que lhe eram atribuídas. O homem que possuía todas as qualificações para as escrever era o seu outro autor favorito, Francis Bacon.

Wilmot ficou aparentemente tão avassalado por esta constatação – pois, por esta altura, Shakespeare começava a ser reconhecido como um dos maiores dramaturgos ingleses – que decidiu guardar as suas estranhas convicções para si próprio. Mas quase trinta anos mais tarde, quando tinha oitenta anos, parte da sua cautela tinha-se evaporado. E quando foi visitado por um quacre de Ipswich em 1803, Wilmot revelou finalmente o seu segredo embaraçoso. O quacre, James Cowell, estava a investigar a vida de Shakespeare porque tinha concordado em ler um artigo sobre ele na sua sociedade filosófica local, e ainda não tinha sido publicada nenhuma biografia padrão. Cowell ficou abalado, mas mais de metade convencido. Dois anos mais tarde, leu o seu artigo sobre Shakespeare e falou aos seus concidadãos estupefactos sobre o notável velho vigário e as suas teorias alarmantes. Os filósofos de Ipswich ficaram aparentemente «lançados na confusão».

Talvez Wilmot tenha sabido da reação deles; de qualquer modo, deixou instruções no seu testamento para que todos os seus papéis sobre Shakespeare fossem queimados, o que foi devidamente cumprido. E a palestra de Cowell permaneceu por descobrir até mais de um século mais tarde, quando um eminente estudioso de Shakespeare descreveu Wilmot no *The Times Literary Supplement* como «O primeiro baconiano».[23] O Professor Allardyce Nicoll não pretendia que isso fosse um elogio, pois considerava os defensores da teoria baconiana sobre a autoria de Shakespeare como excêntricos.

E por que haveria alguém de chegar a uma conclusão aparentemente tão bizarra? Por que não havia de ser o senhor de Stratford-upon-Avon o autor de *Hamlet* e de *Rei Lear,* tal como a maioria das pessoas assumia que era? Na verdade, a noção não é tão absurda como parece. O aspeto mais desconcertante sobre Shakespeare é a falta de ligação real entre o «senhor de Stratford» e o autor das peças. Shakespeare foi para Londres na casa dos seus vinte anos; em poucos anos era um ator e dramaturgo de sucesso e, na altura em que chegou a meados dos seus trinta anos (em 1601), era um dos

escritores mais populares da época. O autor de *Coriolano* e de *A Tempestade* teria de saber que possuía génio – diz isso mesmo no soneto 55, que começa:

Not marble, nor the gilded monuments Of princes, shall outlive this powerful rime.

E quando regressou a Stratford em meados dos seus quarenta anos, tinha-se tornado um homem rico através do uso dos seus talentos. Será concebível que ele não se tenha sequer dado ao trabalho de levar consigo uma única cópia impressa de qualquer uma das suas obras – existiam muitas disponíveis – e que tenha mesmo deixado para trás em Londres a biblioteca que deve ter acumulado ao longo dos anos? Claro que o pode ter feito – mas, nesse caso, o que lhes aconteceu? Por que não são mencionadas no seu testamento?

Os estudiosos de Shakespeare respondem que, na época elisabetana, a representação não era considerada uma profissão particularmente respeitável – pouco mais do que o lenocínio – e que Shakespeare poderá ter preferido guardá-la para si próprio. Isto é verdade. Mas os escritores, tanto na altura como agora, eram considerados um nível acima da maioria das outras profissões, e Shakespeare era também o autor dos sonetos, de *O Rapto de Lucrécia* e de *Vénus e Adónis*.

Os sonetos apareceram em 1609, dois anos antes de ele se retirar para Stratford – não teria ele certamente levado algumas cópias consigo para distribuir aos seus amigos e família? Não se teria certamente certificado de que cópias das suas obras iam para a sua amada filha Susanna, a quem deixou a maior parte dos seus bens no testamento, e para o marido desta, o distinto médico Dr. John Hall, que mais tarde viria a recusar um título de cavaleiro de Carlos I?

Mais uma vez, os estudiosos respondem que ele poderá muito bem tê-lo feito, e que os livros de Shakespeare simplesmente desapareceram ao longo dos cinquenta anos seguintes ou por aí – altura em que os admiradores começavam a mostrar interesse pelo dramaturgo. Poderia ser verdade, mas soa a algo improvável.

O Rev. Wilmot tinha outra razão para duvidar que o senhor de Stratford tivesse escrito as peças. Elas parecem revelar um homem de vasta erudição e experiência: um conhecimento de medicina, direito, botânica e

de países estrangeiros, bem como da vida na corte. Onde teria o filho de um açougueiro de Stratford a oportunidade de adquirir tal conhecimento? Francis Bacon, por outro lado – filósofo, ensaísta e Lorde Chanceler – era conhecido como um dos homens mais eruditos do seu tempo. . . .

Para Wilmot, um dos principais problemas era o facto de a reputação de Shakespeare ter aumentado tanto desde a sua morte que era difícil destrinçar a verdade das lendas posteriores. Até 1660 – quando os teatros abriram novamente após o interregno puritano – ele permaneceu meio esquecido (embora as suas peças reunidas tivessem aparecido em 1623). Houve um renascimento de Shakespeare durante a Restauração, mas as suas peças foram «adaptadas» e quase totalmente reescritas. As *Brief Lives* de John Aubrey (1682) têm uma biografia extremamente «breve» de Shakespeare – meras duas páginas – na qual diz que Shakespeare era filho de um açougueiro e que fazia discursos dramáticos quando tinha de matar um vitelo.

Por essa altura, o vigário de Stratford, John Ward, tinha anotado nos seus diários (1661–1663) a lenda sobre Shakespeare morrer após uma maratona de copos com Jonson e Drayton. Por volta de 1670, a reputação de Shakespeare junto do público que frequentava o teatro era tão elevada como o fora em 1600, e livreiros sem escrúpulos desfaziam-se de todo o tipo de peças velhas declarando que eram de Shakespeare. O «*boom* de Shakespeare» deveu-se em grande parte à obra de Sir William Davenant, que se dizia ser afilhado de Shakespeare – talvez seu filho – e que dedicou grande parte da sua vida a reavivar a reputação do seu ídolo. A primeira Biografia de Shakespeare apareceu em 1709, como introdução à edição em seis volumes de Shakespeare feita por Nicholas Rowe; Rowe obteve grande parte da sua informação através do ator Thomas Betterton, outro adorador do bardo, que fizera uma peregrinação a Stratford para recolher histórias e tradições por volta de 1708. Foi Rowe quem imprimiu pela primeira vez a história sobre a forma como Shakespeare fugiu de Stratford depois de ser apanhado a caçar furtivamente os veados de Sir Thomas Lucy. A partir daí, as lendas multiplicaram-se: histórias de paródias nas aldeias de Warwickshire – notavelmente na «bêbada Bidford» –, de rimas sobre concidadãos, de segurar as cabeças dos cavalos à porta do teatro quando veio pela primeira vez para Londres, dos seus casos amorosos, das suas aparições perante a Rainha Isabel e o Rei Jaime, e dezenas de outras.

Em 1769, Shakespeare era já considerado com tal reverência que os burgueses de Stratford decidiram realizar as celebrações do bicentenário e pediram ao famoso ator David Garrick que ficasse encarregue do Jubileu. (Estavam, na verdade, cinco anos atrasados – Shakespeare nasceu em 1564 –, mas ninguém pareceu importar-se com isso.) Shakespeare tinha-se já tornado uma fonte de rendimento para os comerciantes de Stratford. A chuva estragou as celebrações e Garrick perdeu uma pequena fortuna; não obstante, pode dizer-se que o Jubileu estabeleceu a «Indústria de Shakespeare» como a principal fonte de rendimento de Stratford.

Mas no mesmo ano, 1769, Herbert Lawrence, um amigo de Garrick, publicou uma alegoria divertida chamada *The Life and Adventures of Common Sense,* a qual descreve como um patife plausível e ladrão habitual chamado Shakespeare roubou alguns dos atributos da Sabedoria, do Génio e do Humor e os usou para escrever peças. Não pretendia ser uma acusação séria, mas parecia demonstrar uma atitude levemente satírica em relação à Indústria de Shakespeare.

Pouco depois disto, o Rev. James Wilmot mudou-se para Barton-on-the-Heath e iniciou as investigações que o levaram a concluir que o verdadeiro nome de Shakespeare era Francis Bacon. Mas quando o quacre James Cowell transmitiu estas conclusões à Sociedade Filosófica de Ipswich em 1803, jurou-os ao silêncio quanto ao nome do seu autor, e eles parecem ter cumprido a sua palavra.

O episódio absurdo das falsificações de Ireland demonstra a medida em que a «bardolatria» (como Shaw lhe viria a chamar) se tinha implantado por volta da década de 1790. Samuel Ireland, um próspero autor de livros de viagens, adorava Shakespeare e permitiu que vários comerciantes de Stratford lhe vendessem um grande número de relíquias de Shakespeare, incluindo um cálice esculpido na amoreira plantada no jardim de Shakespeare e a cadeira em que Shakespeare se sentava nos seus dias de namoro.

qAO filho mais novo de Ireland, William, ansiava pelo afeto do pai e começou a falsificar pequenos artigos de Shakespeare, tais como uma escritura de hipoteca. A ganância do pai levou-o finalmente a falsificar peças inteiras de Shakespeare que, durante algum tempo, enganaram muitos peritos. A bolha acabou por rebentar em 1796, quando a peça de Ireland, *Vortigern,* foi apresentada em Drury Lane; perante a fala: «E

quando esta solene zombaria terminar», o público desatou em vaias e apupos. Quando William confessou finalmente as falsificações, o pai recusou terminantemente acreditar nele, permanecendo convencido de que tais «obras de génio» estavam para além das capacidades do seu filho sem talento.

No século anterior, houvera uma atitude muito mais sensata e equilibrada – Samuel Pepys achou *Noite de Reis* «apenas uma peça boba» e *Sonho de uma Noite de Verão* «a peça mais insípida e ridícula que alguma vez vi na minha vida». Em meados do século dezanove, Shakespeare era considerado um génio divino cujas linhas mais fracas eram vistas como estando para além de qualquer crítica. Matthew Arnold expressou esta atitude de adoração cega num soneto que começava:

Others abide our question. Thou art free. We ask and ask: Thou smilest and art still, Out-topping knowledge. For the loftiest hill That to the stars uncrowns his majesty . . . etc.

Foi provavelmente este tipo de veneração acrítica que esteve na base das várias heresias que começaram a surgir em meados do século dezanove. Em 1848, o cônsul americano em Veracruz, Joseph C. Hart, escreveu um livro sobre *The Romance of Yachting* no qual fez uma pausa para refletir: «Ah, Shakespeare – Bardo Imortal – quem foste tu?». E nas trinta e cinco páginas seguintes, Hart afasta-se do iatismo para sugerir a teoria de que o ator de Stratford era meramente um trolha que inseria linhas brejeiras em peças que tinham sido escritas por poetas a morrer de fome. Em 1857, William Henry Smith publicou *Bacon and Shakespeare*, no qual apontava que nada do que sabemos sobre Shakespeare indica que ele pudesse ser o autor das peças, ao passo que Bacon tinha todas as qualificações necessárias.

Já tinha sido antecedido por uma brilhante e atraente americana, Delia Bacon, que começara a vida como professora, tornando-se depois autora e conferencista. Os seus temas de especialidade eram a história e a literatura, e o seu estudo de Shakespeare convenceu-a — pelas razões que já discutimos — de que o ator reformado de Stratford dificilmente poderia ser o autor das peças. Convenceu-se de que as provas da autoria de Bacon se encontravam em Inglaterra, provavelmente no próprio túmulo. Obteve o apoio do eminente bostoniano Ralph Waldo Emerson e de um banqueiro nova-iorquino admirador de Bacon, Charles Butler. Partiu para Inglaterra

na primavera de 1853, munida de uma carta de apresentação de Emerson para Carlyle. Carlyle simpatizou imediatamente com ela e deu-lhe apoio; o mesmo aconteceu com Nathaniel Hawthorne, que era cônsul americano em Liverpool. Passou três anos a viver em quartos alugados e a escrever o seu livro para provar que Bacon era Shakespeare. Os editores Chapman and Hall enviaram-lhe uma nota de recusa, declarando não querer participar "num ataque a uma das crenças mais sagradas da nação e, na verdade, de todas as nações" — frase que exprime o fanatismo quase religioso que se tornara típico da atitude britânica em relação a Shakespeare.

Em 1856 mudou-se para Stratford e encantou o sacristão da igreja ao ponto de este lhe permitir passar algum tempo fechada sozinha no templo; mas, no último momento, faltou-lhe a coragem — ou talvez tenha simplesmente ficado desmoralizada perante a ideia de arrancar o pavimento da igreja e cavar até dezassete pés de profundidade, a alegada profundidade da sepultura.

Em 1857, Delia Bacon publicou finalmente *The Philosophy of the Plays of Shakespeare Unfolded*. (Hawthorne, com quem entretanto se zangara, pagou a publicação.) Mas o livro revelou-se confuso e desconcertante — nem sequer é claro se o seu "suspeito" é Bacon, Raleigh, Spenser, Sidney ou o Conde de Oxford. A sua tese principal era obviamente absurda: um grupo de eruditos iluminados teria composto as peças, usando o ator de Stratford como fachada, para exprimir convicções que de outro modo poderiam levá-los à prisão e à tortura.

Os críticos foram, compreensivelmente, impiedosos. Após tantos anos de esforço, Delia ficou arrasada, e pouco depois perdeu a razão. Um sobrinho encontrou-a num hospício e levou-a de volta à Nova Inglaterra, onde morreu aos quarenta e oito anos.

O sucesso de Delia Bacon foi maior do que ela chegou a perceber em vida; levantara a questão da autoria de Shakespeare, e muitos outros passaram a interessar-se pelo assunto, incluindo Emerson, Whitman, Oliver Wendell Holmes e Henry James sénior. Em Inglaterra, o primeiro-ministro Lord Palmerston leu o livro de William Henry Smith e tornou-se baconiano.

Em 1867 veio à luz uma das mais interessantes e convincentes peças de prova ligando Bacon e Shakespeare. Um bibliotecário encarregado pelo

Duque de Northumberland de examinar manuscritos em Northumberland House encontrou um volume in-fólio composto por vinte e duas folhas dobradas. Parecia claro que pertencera a Francis Bacon — continha sobretudo cópias de obras escritas por ele. Restavam nove peças no dossier, e provavelmente houvera mais. A capa, encimada por "Mr ffrauncis Bacon", traz também a palavra "Nevill" escrita duas vezes no topo. Logo abaixo encontram-se as palavras "Ne vele velis", lema da família do sobrinho de Bacon, Sir Henry Nevill.

O manuscrito contém duas caligrafias distintas, provavelmente de amanuenses — presumivelmente de Bacon. A capa apresenta ainda uma lista que parece funcionar como índice, mencionando várias peças realmente presentes no dossier, como quatro ensaios de Bacon, "Philipp against monsieur" — uma carta de Sir Philip Sidney dissuadindo a rainha de casar com o Duque de Anjou —, "Speeches for Lord Essex at the tylt" — discursos escritos por Bacon para o Conde de Essex —, e "Loycester's Common Wealth" — uma cópia incompleta de *Leicester's Commonwealth*. Contudo, a capa também enumera peças já desaparecidas do fólio, incluindo a peça proibida de Nashe *The Isle of Dogs*, bem como "Richard the Second" e "Richard the Third". E imediatamente acima destes títulos de Shakespeare: "By Mr ffrauncis William Shakespeare".

Na verdade, esta prova é menos forte do que parece à primeira vista. *Richard the Second*, embora não propriamente proibida, era uma peça politicamente delicada, e Shakespeare fora obrigado a omitir algumas falas da primeira edição em quarto de 1597 (que também é a data mais provável do manuscrito de Northumberland). Quando Essex se rebelou em 1601, pagou por uma representação especial de *Richard II*, esperando que uma peça sobre um rei deposto inspirasse os londrinos a juntarem-se à sua insurreição. A tentativa fracassou, e ele foi executado. As falas "sensíveis" sobre deposição foram restauradas numa edição posterior à morte da rainha Isabel. *Richard III* tratava de um assunto igualmente delicado e poderá também ter sido considerada suspeita. Como conselheiro privado da rainha e seu assessor jurídico, cabia a Bacon estudar obras "sensíveis" — também lera uma obra do Dr. Hayward sobre Ricardo II que "muito irritara a Rainha Isabel"; Hayward foi preso na Torre por traição, mas Bacon assegurou à rainha que o livro era inofensivo.

Podemos, portanto, supor que o dossier de Northumberland continha originalmente várias obras "proibidas" sobre as quais Bacon fora chamado a emitir parecer. Uma observação mais atenta da capa mostra que o nome "Mr ffrauncis Bacon" e "Mr ffrauncis" foi rabiscado várias vezes, talvez pelo próprio Bacon; o nome de Shakespeare também foi repetidamente rabiscado. Mas um exame minucioso do manuscrito mostra que é falso afirmar que alguém rabiscou "Mr ffrauncis William Shakespeare". "ffrauncis" e "William Shakespeare" encontram-se em níveis diferentes, e o apelido Bacon aparece escrito diretamente abaixo de "Mr ffrauncis" (com a expressão "your sovereign" escrita ao contrário entre ambos). "William Shakespeare" surge diretamente acima dos títulos das suas duas peças e refere-se obviamente a elas.

Assim, infelizmente, o manuscrito de Northumberland deve ser abandonado como prova de que existia uma ligação mais estreita entre Bacon e Shakespeare do que geralmente se supõe; tudo o que demonstra é que Bacon lera *Richard II* e *Richard III* no exercício das suas funções como conselheiro da rainha.

Trinta e um anos após o livro de Delia Bacon surgiu a mais influente de todas as obras dos "hereges shakespearianos", *The Great Cryptogram, Francis Bacon's Cipher in the So-called Shakespeare Plays*, de Ignatius Donnelly. Donnelly era um congressista americano, famoso por *Atlantis: the Antediluvian World*, ainda hoje considerada obra de referência por quem acredita na existência do continente submerso de Platão. Mas, na vasta obra em dois volumes sobre Bacon, tentou provar que Bacon escondera cifras acerca de si próprio nas peças de Shakespeare, para demonstrar a sua autoria. (Bacon tinha, de facto, fascínio por cifras.)

Após anos a estudar as peças e a experimentar todas as chaves possíveis, começou finalmente a descobrir mensagens obscuras como: "Seas ill said that More low or Shak'st spur never writ a word of them", significando, segundo Donnelly: "Cecil disse que Marlowe ou Shakespeare nunca escreveram uma palavra delas." O livro inspirou milhares de excêntricos a procurar "cifras" em Shakespeare e noutros autores famosos, e levou alguns humoristas e satiristas a demonstrar que quase qualquer frase pode ser rearranjada para produzir mensagens espantosas — Ronald Knox escreveu um delicioso ensaio provando, por esse método, que a

Rainha Vitória era a verdadeira autora de *In Memoriam*, descrevendo-se, por exemplo, como "Alf's pen-poet".

Outro baconiano convencido de que Bacon escondera a sua identidade sob várias cifras e anagramas foi o Dr. Orville W. Owen, de Detroit, que acabou por extrair das peças uma longa mensagem em verso branco e concluiu que ela lhe ordenava cortar todas as obras de Bacon e Shakespeare em páginas separadas e colá-las em torno da periferia de uma roda. Owen usou duas rodas e uma faixa de lona com mil pés de comprimento, passando em torno delas, com as páginas coladas. Através de um raciocínio incrivelmente complexo, extraiu novos códigos desse texto desmembrado e concluiu que Bacon era, na verdade, filho da Rainha Isabel e do seu amante, o Conde de Leicester; *Hamlet* fora escrito como ataque pessoal à mãe, que retaliara enviando Bacon para o exílio em França.

A cifra revelava ainda que a rainha acabara estrangulada pelo seu principal ministro, Robert Cecil. O material decifrado informava também Owen de que Bacon escondera manuscritos vitais comprovando a sua autoria em várias caixas ocultas perto de um castelo na confluência dos rios Severn e Wye. Owen e um grupo de seguidores fiéis passaram quinze anos a vasculhar a região de Chepstow (onde existe um castelo em ruínas). Abriram dezenas de buracos e túneis em redor do castelo e até sob o rio Wye, mas acabaram por admitir a derrota.

Outro grupo contratou barqueiros para os levarem rio acima e abaixo, à procura de escadarias ocultas que conduzissem a câmaras secretas. Para o estudioso de poltrona das excentricidades humanas, tudo isto parece maravilhosamente cómico; mas as pessoas que desperdiçaram as suas fortunas e as suas vidas nesta caça absurda devem ter sentido que estava mais próxima da tragédia.

Na verdade, qualquer pessoa que se dê ao trabalho de ler uma biografia de Francis Bacon perceberá porque é impossível que ele tenha escrito as peças de Shakespeare. Os seus caracteres eram totalmente diferentes. O autor de *A Midsummer Night's Dream* e *Twelfth Night* é obviamente um ser humano bondoso e afável; compreende-se facilmente porque os seus amigos lhe chamavam "gentle Shakespeare". Ninguém teria chamado gentil a Bacon. Era um homem de inteligência imensa, permanentemente insatisfeito consigo próprio e com o seu destino. Era movido pela mais superficial das ambições: "o que quero é poder político,

poder sobre homens e assuntos". Era calculista e bastante desalmado, acreditando que os homens bem-sucedidos deviam aprender a manipular os amigos descobrindo-lhes as fraquezas. O pai morreu antes de ter tempo de lhe deixar provisões em testamento, e Bacon viu-se praticamente sem dinheiro aos dezanove anos.

O tio, Lord Burghley (William Cecil), era Lorde Tesoureiro e poderia facilmente ter assegurado o progresso do sobrinho; preferiu, porém, favorecer o próprio filho, Robert. Bacon tornou-se advogado. Depois decidiu cortejar o favorito da rainha, o brilhante e elegante Conde de Essex; com charme e bajulação rapidamente conquistou a amizade do conde. Essex dava-lhe frequentemente dinheiro — Bacon era gastador — e esforçou-se por persuadir a rainha a conceder-lhe diversos cargos. Quando ela preteriu Bacon em favor de outro candidato para Mestre dos Rolos, Essex consolou o protegido oferecendo-lhe uma grande propriedade. Em 1596 Essex capturou Cádis e tornou-se um dos homens mais populares de Inglaterra. Mas — para alarme de Bacon — começou a exceder-se.

Após uma expedição fracassada contra os irlandeses, Essex ficou politicamente arruinado. Tentou fomentar uma rebelião, foi preso e levado a julgamento. Todos reconheciam que era culpado sobretudo de impulsividade e não de desejar derrubar a rainha, parecendo provável que a pena não fosse pesada. Nesse momento Bacon traiu o amigo; pronunciou um brilhante discurso em que acusou Essex de traição e declarou que, "como amigo", sabia que Essex pretendia apoderar-se do trono. Essex foi condenado à morte e executado.

É impossível ilibar Bacon. Fê-lo para ganhar o favor da rainha e promover a própria carreira; em troca de enviar Essex para a morte recebeu mil e duzentas libras. Mas não a promoção que esperava. Isabel desconfiava dele.

Quando Isabel morreu, Bacon dedicou-se a bajular Jaime I, e teve sucesso. Foi armado cavaleiro e tornou-se Procurador-Geral em 1613. Cinco anos depois atingiu finalmente o auge da sua ambição: recebeu título nobiliárquico e tornou-se Lorde Chanceler. Três anos mais tarde sofreu impeachment por aceitar subornos; admitiu a culpa, foi afastado dos cargos públicos e multado em quarenta mil libras. Dedicou os últimos cinco anos da vida à escrita.

Bacon é uma personagem desconcertante, uma estranha mistura de grandeza e mesquinhez. Foi o homem mais inteligente do seu tempo e, em certos aspetos, um dos mais desagradáveis. Seria difícil conceber carácter mais totalmente diferente do de Shakespeare. O dramaturgo tinha génio; contudo, num certo sentido, não era particularmente inteligente. Escrevia tão naturalmente como um pássaro canta. O pessimismo em que frequentemente se entrega é o pessimismo de uma criança que acaba de perder o brinquedo favorito, não o sombrio cinismo do intelectual brilhante que despreza a própria ânsia de sucesso. É tão impossível que Bacon tenha escrito Shakespeare como que Schopenhauer tenha escrito *Alice in Wonderland*.

Bacon foi apenas o primeiro de muitos candidatos. Em 1891 um arquivista chamado James Greenstreet publicou uma série de artigos em *The Genealogist* sugerindo que Shakespeare era o Conde de Derby, William Stanley. Em 1599 um espião jesuíta informara um correspondente no continente de que o conde não podia participar numa conspiração contra a rainha porque estava "ocupado a escrever comédias para os atores populares". Greenstreet morreu pouco depois de publicar os artigos, mas a teoria foi retomada quinze anos mais tarde por um americano, Robert Frazer, no livro *The Silent Shakespeare*. Um defensor posterior da teoria, o Professor Abel Lefranc, escreveu quatro grandes volumes destinados a provar que Shakespeare conhecia profundamente França e os franceses. Também salientou que o enredo de *Measure for Measure* se baseava numa história real de Paris em que havia notável semelhança entre os nomes das personagens e as invenções de Shakespeare.

O dramaturgo Christopher Marlowe foi outro candidato, proposto em 1895 num romance chamado *It Was Marlowe*, de William G. Ziegler, advogado de São Francisco. A teoria não foi levada a sério, mas ressurgiu em 1955 graças ao académico americano Calvin Hoffman, em *The Murder of the Man Who Was Shakespeare*. Marlowe tornou-se famoso com a sua primeira peça, *Tamburlaine*, em 1587, quando tinha apenas vinte e três anos, e provavelmente colaborou com Shakespeare em *Henry VI*. Em 1593 foi morto numa rixa acerca da parte que lhe cabia pagar numa conta de taverna; o homicida foi absolvido. Na altura da sua morte, Marlowe enfrentava sérios problemas; o dramaturgo Thomas Kyd fora acusado de ateísmo e alegara que os papéis encontrados no seu quarto pertenciam na realidade a Marlowe.

Kyd foi torturado mas libertado, morrendo pouco depois. Marlowe tinha um poderoso protetor, Sir Thomas Walsingham, primo do mestre-espião da rainha, Sir Francis Walsingham. No momento da morte deveria comparecer em tribunal e poderia perfeitamente ter sido executado. A teoria de Hoffman sustenta que Marlowe foi secretamente levado para a Europa, enquanto outro homem foi morto em seu lugar e enterrado na sua sepultura. E Marlowe teria continuado a escrever as peças de Shakespeare.

O principal argumento de Hoffman é que um método analítico inventado pelo Dr. Thomas Corwin Meadenhall — baseado no comprimento médio das palavras usadas por um autor — demonstrava que Bacon não podia ter escrito Shakespeare, mas Marlowe podia.

Mas, mais uma vez, a leitura das obras dos dois homens revela caracteres bastante diferentes. Uma das diferenças mais fundamentais era o facto de Marlowe ser homossexual, enquanto Shakespeare claramente não o era. O estudioso shakespeariano Dr. A. L. Rowse observou que uma das grandes diferenças entre a obra de Marlowe e a de Shakespeare reside no facto de Shakespeare gostar de piadas obscenas e duplos sentidos sexuais, enquanto a obra de Marlowe revela o pudor frequentemente característico de homossexuais — a aversão à obscenidade grosseira. Esta observação deixa a tese de Calvin Hoffman com muito pouco apoio.

Por volta de 1914, um professor primário chamado John Thomas Looney (nome infeliz, embora pronunciado "Loney") convenceu-se de que o ator de Stratford não podia ter escrito as peças e iniciou uma busca sistemática por um elisabetano que possuísse as qualificações adequadas. Deduziu o carácter do autor a partir da obra e elaborou uma lista dos requisitos fundamentais dessa pessoa: acabou com dezassete critérios. Em 1920 decidira que apenas um homem correspondia ao retrato: Edward de Vere, o décimo sétimo Conde de Oxford.

O seu livro *Shakespeare Identified* é geralmente considerado tão absorvente quanto um romance policial, mas o "infeliz nome" do autor impediu que fosse levado a sério pelo grande público. (Outros autores que escreveram sobre o problema shakespeariano incluíram S. E. Silliman, defensor da tese de Marlowe, e George Battey, que acreditava que Shakespeare era Daniel Defoe.) Embora o livro tenha sido rapidamente esquecido, a teoria foi retomada por outro académico americano, Charlton Ogburn, cujo enorme volume *The Mysterious William Shakespeare* (1984)

é, apesar da extensão, extremamente legível. Contudo, embora Ogburn argumente convincentemente que Oxford era um excelente poeta lírico que poderia muito bem ter escrito "Hark, hark the lark" e "Full fathom five", enfrenta uma tarefa quase impossível ao tentar convencer o leitor de que peças tardias como *A Winter's Tale*, *Lear* e *The Tempest* foram escritas antes de 1604, ano da morte de Oxford.

Looney ultrapassou esse problema sugerindo que essas peças tinham sido escritas por outras pessoas — Raleigh seria o autor de *The Tempest* e Fletcher de *Henry VIII*; Ogburn argumenta vigorosamente que todas foram escritas muito antes do que se supõe; mas os seus argumentos deixarão a maioria das pessoas tão pouco convencidas como os de Looney.

Um dos pequenos problemas dos estudos shakesperianos é a identidade da senhora chamada Anne Whateley, com quem, segundo um registo do bispo de Worcester, Shakespeare deveria casar em Novembro de 1582; foi emitida uma licença para William Shakespeare pouco antes do seu casamento com Anne Hathaway. "Whateley" pode ter sido um lapso da pena do escrivão, mas dificilmente ele teria escrito "de Temple Grafton" quando deveria ter escrito "Shottery". Diz Sir Sidney Lee: "Tratava-se sem dúvida de outro dos numerosos William Shakespeare existentes na diocese de Worcester". Esta opinião foi contestada por William Ross, arquitecto escocês, que se convenceu de que Anne era a verdadeira autora das peças de Shakespeare.

Em *The Story of Anne Whateley and William Shaxpere* (1939), Ross conta a tocante história de como, em 1581, o jovem Shakespeare de dezassete anos, empregado no negócio do pai, visitou um convento em Temple Grafton, perto de Stratford, e conheceu uma freira chamada Anne Whateley, que se apaixonou por ele. Ela começou a escrever-lhe sonetos, o primeiro dos quais começava com "From fairest creatures we desire increase". Mas, depois de lhe ter dado trinta e dois sonetos, o jovem confessou que mantinha uma relação amorosa com uma mulher mais velha, Anne Hathaway, e no soneto 33 ela transforma-se na "basest cloud" que oculta o rosto do sol.

Quando Anne Hathaway engravidou, Shakespeare sentiu repulsa e persuadiu Anne Whateley a casar com ele; mas a família Hathaway interveio e tomou medidas legais para obrigar "Shaxpere" a casar com Anne Hathaway. Anne é, evidentemente, a "Dark Lady", por quem Anne

Whateley começou a sentir uma forma de amor atormentada e ambivalente. De facto, segundo Ross, Anne Whateley acabaria por escrever acerca do abandono de Shakespeare — rumo a Londres — do ponto de vista de Anne Hathaway, resultando daí *A Lover's Complaint*, triunfo da identificação de uma mulher com outra.

Mas como poderia uma rapariga que passara a maior parte da vida num convento tornar-se tão excelente artesã literária? A resposta, segundo Ross, é que ela fora também colaboradora de um dos grandes poetas da época, Edmund Spenser. Spenser conheceu Anne Whateley por volta de 1576, quando Shakespeare tinha apenas doze anos, e apaixonou-se por ela. O primeiro grande poema de Spenser, *The Shephearde's Calender*, apareceu três anos depois e, segundo Ross, "a suposição de que ela colaborou nele não é improvável". Depois escreveu a obra mais célebre de Spenser, *The Faerie Queene*. Alguns anos mais tarde escreveu ainda *Hero and Leander*, de Marlowe. Na verdade, "uma leitura das peças atribuídas a Marlowe torna bastante evidente que a sua verdadeira autora foi Anne Whateley. Essas peças… foram esforços preliminares, escritos enquanto ela adquiria domínio da técnica teatral. A sua plena realização como artista criativa ficou reservada exclusivamente para Shakespeare." A questão de saber se ela foi também responsável pelas passagens obscenas não é explorada, mas podemos provavelmente assumir que esses toques vulgares foram acrescentados pelo ator de Stratford.

O leitor de *Anne Whateley and William Shaxpere* poderá começar a suspeitar subitamente de que o autor está a troçar dele e de que o livro pretende ser uma sátira a toda a indústria anti-shakespeariana. Tal suspeita seria infundada. William Ross ofereceu um exemplar ao presente autor em 1963, quando tinha setenta e três anos, e era perfeitamente claro pela carta que o acompanhava que ele era totalmente sincero e que, desde a publicação do livro em 1939, trabalhara diligentemente na sua teoria, acumulando mais provas. E também era evidente que nada o convenceria de que os diferentes estilos de *The Faerie Queene, Hero and Leander* e *King Lear* indicavam a presença de três autores distintos.

Este parece ser o grande problema da maioria dos anti-shakespearianos. Examinam o problema através de uma lupa e não conseguem ver a floresta por causa das árvores. E muitos deles carecem tanto de qualquer capacidade de crítica literária que não conseguem

distinguir um bom poema de um mau. Muitos conseguem ser altamente convincentes durante algumas páginas, mas o argumento global é sempre inferior à soma das suas partes. Nem Bacon, nem Derby, nem Oxford, nem Marlowe, nem sequer Anne Whateley acabam por surgir como candidatos mais convincentes do que o ator de Stratford.

Mas e quanto ao ator de Stratford? Parece, no mínimo, improvável que um homem cujo pai era analfabeto e cujos filhos eram analfabetos, e que nem sequer se dava ao trabalho de conservar exemplares dos próprios livros em casa, pudesse ter escrito *Hamlet* e *Othello*. Podemos rejeitar todos os outros candidatos como absurdos; mas, no final, continuamos confrontados com os mesmos problemas que levaram o reverendo James Wilmot a concluir que, quem quer que tivesse escrito as peças e os sonetos, não fora William Shakespeare.

O Crânio da Perdição

A Estranha História do Crânio de Cristal

Durante os últimos vinte anos, a gema mais estranha do mundo pertenceu a uma senhora que a mantinha sobre um pano de veludo num aparador da sua casa. Trata-se de um crânio assustador, pesando 11 libras e 7 onças (5,19 quilogramas), esculpido em puro cristal de quartzo, e a sua proprietária acredita que provém de uma civilização perdida. Os seus olhos são prismas e diz-se que neles aparece o futuro. Foi chamado "o crânio da perdição".

Esta passagem da série televisiva *Mysterious World*, de Arthur C. Clarke, pode servir de introdução a um dos mais interessantes mistérios do século XX. O crânio pertenceu a um explorador e aventureiro chamado Albert ("Mike") Mitchell-Hedges, nascido em 1882. À sua morte, em 1959, passou para a posse da sua protegida, Anna Mitchell-Hedges, nascida em 1910, que afirmava tê-lo descoberto numa "cidade perdida" da América do Sul — a cidade maia de Lubaantun, nas Honduras Britânicas. Segundo o seu próprio relato: "Fui eu quem viu primeiro o crânio — ou melhor, vi algo a brilhar e chamei o meu pai — era a expedição dele, e todos ajudámos a remover cuidadosamente as pedras. [Lubaantun significa 'lugar das pedras caídas'.] Deixaram-me pegá-lo porque tinha sido eu a vê-lo primeiro." Teria sido encontrado debaixo do altar nas ruínas de um templo

maia. A data indicada por ela — 1924 — entra em conflito com um relato anterior em que se dizia tê-lo descoberto no seu décimo sétimo aniversário, o que teria acontecido três anos depois. O que encontrou foi a parte superior do crânio; o maxilar, diz ela, apareceu três meses mais tarde, debaixo de escombros a vinte e cinco pés de distância.

Segundo Anna, Mitchell-Hedges sentiu que o crânio pertencia aos índios locais, descendentes dos antigos maias, e entregou-lho. Mas, quando se preparava para regressar a Inglaterra na estação das chuvas de 1927, os índios gratos devolveram-lho como presente pela sua bondade.

Os antigos maias são eles próprios um mistério. A sua história mais remota parece remontar a 1500 a.C., mas o seu grande período "clássico" estende-se aproximadamente de 700 a 900 d.C. Durante esse período desenvolveram uma civilização avançada, com escrita, matemática sofisticada, calendário e esculturas impressionantes. Depois, com surpreendente rapidez, a civilização maia entrou em colapso — ninguém sabe porquê. Foram sugeridas doenças e terramotos, mas não existem provas de nenhuma dessas hipóteses. Também não há evidências de violência. Parece que os maias simplesmente abandonaram as cidades e desapareceram para regiões remotas. E a sua grande civilização regrediu para um nível muito mais primitivo. Os seus escritos, apenas parcialmente decifrados, não oferecem qualquer pista para o mistério.

Mitchell-Hedges acreditava que existia uma ligação entre os maias e o lendário continente da Atlântida, que se dizia ter desaparecido sob as águas do Atlântico em tempos pré-históricos. Outro explorador, o coronel Percy Fawcett, acreditava possuir provas de que sobreviventes da Atlântida tinham chegado à América do Sul e de que essas provas se encontravam no Brasil. Fawcett desapareceu sem deixar rasto numa expedição ao Brasil em 1924. Mitchell-Hedges acreditava que os sobreviventes tinham desembarcado mais a norte, na Península do Iucatão, na América Central, e um dos objetivos da sua expedição às Honduras era procurar provas dessa teoria. Nunca as encontrou, mas descobriu pistas relativas aos tesouros perdidos de Sir Henry Morgan, pirata que capturara o Panamá (com considerável brutalidade) no século XVII.

O que sabemos realmente sobre o "crânio da perdição"? Surpreendentemente pouco. É feito a partir de um único bloco de cristal de rocha, ou quartzo transparente. Mitchell-Hedges declarou que teria

provavelmente 3600 anos, mas isso recuaria mil anos antes da data mais antiga sugerida para os maias. Sugeriu também que a sua criação teria exigido cento e cinquenta anos, através de moagem e polimento da rocha com areia. Em *Chariots of the Gods?*, Erich von Däniken adoptou uma posição ainda mais ousada, afirmando (erradamente) que "em parte alguma do crânio existe qualquer indício de utilização de uma ferramenta conhecida por nós!" e sugerindo que teria sido criado pelos "Astronautas Antigos" que (segundo von Däniken) construíram a Grande Pirâmide. Um especialista moderno em cristal, Frank Dorland, afirmou que conseguiria produzir um crânio semelhante em três anos, mas com a ajuda de tecnologia moderna.

Inevitavelmente, os especialistas dividem-se quanto à origem do crânio. A maioria parece concordar que foi provavelmente esculpido no México, a partir de cristal de rocha proveniente do México ou do condado de Calaveras, Califórnia, podendo ter sido fabricado nos últimos quinhentos anos. Mas, se essa data estiver correta, contradiz a afirmação de Mitchell-Hedges de que fora encontrado num templo maia abandonado havia mil anos. Os astecas — os fabricantes mais prováveis do crânio — fundaram a sua capital, Tenochtitlán, por volta de 1325 d.C.

Infelizmente, esta é também a opinião de praticamente todos os que investigaram o assunto. Mike Mitchell-Hedges era, sem dúvida, um homem extraordinário, e a devoção total de Anna por ele é compreensível. Quando a conheceu em Toronto, em 1917, ela era uma órfã de sete anos chamada Anna Le Guillon, entregue aos cuidados de alguns homens que pretendiam colocá-la num orfanato. Mitchell-Hedges comoveu-se com a sua situação e adoptou-a — decisão que, segundo ela viria mais tarde a afirmar, nenhum dos dois teve razões para lamentar.

Mas, apesar de toda a sua bondade e do brilhantismo errático como explorador, Mitchell-Hedges não era um novo Capitão Scott nem outro Coronel Fawcett; o seu carácter aproximava-se muito mais do aventureiro fanfarrão Sir Henry Morgan. Era um homem com grande sentido de humor, apreciando contar — e até publicar — histórias mirabolantes em tom jocoso. A sua vida de aventuras fora inspirada pelas leituras de infância de Rider Haggard e de *The Lost World*, de Arthur Conan Doyle, e os seus próprios livros — com títulos como *Land of Wonder and Fear* e *Battles with Giant Fish* — refletem o carácter de um homem que, em certos

aspetos, era um rapaz de escola crescido demais. Não era tanto um mentiroso quanto um aventureiro elisabetano nascido fora do seu tempo.

Foi sugerido que Mitchell-Hedges levara o crânio de cristal de Londres para Lubaantun e o "plantara" debaixo do altar para a filha adoptiva o descobrir no seu décimo sétimo (ou décimo quarto) aniversário — algo perfeitamente compatível com a sua personalidade.

Contudo, a sua autobiografia, *Danger My Ally* (1954), sugere que tudo era menos simples do que a versão de Anna faz crer. Seria de esperar que um homem responsável por uma descoberta tão importante a descrevesse em detalhe; em vez disso, despacha o assunto em poucas linhas, explicando: "Tenho razões para não revelar como o crânio entrou na minha posse." Mas porquê, se a história de Anna sobre a descoberta fosse verdadeira? Afinal, isso valorizaria a sua filha adotiva. Ele descreve longamente artefactos muito menos importantes encontrados em Lubaantun. Mais estranho ainda: eliminou toda a referência ao crânio da edição americana do livro. Só pode haver uma razão para isso: não queria ser apanhado numa mentira, mas também não estava disposto a contar a verdade.

Anna Mitchell-Hedges manteve-se firmemente fiel à história de Lubaantun. O jornalista do *Daily Express* Donald Seaman descreveu como a ouviu diretamente da boca dela. Em 1962, Seaman, que escrevia um livro sobre espionagem, deparou-se com uma fotografia do recentemente condenado espião Gordon Lonsdale, onde este surgia ao lado de duas mulheres de meia-idade. Uma investigação cuidadosa revelou que uma dessas mulheres era Anna Mitchell-Hedges. Curioso em saber o que fazia ela com um espião, Seaman contatou-a em casa, em Reading, e foi visitá-la acompanhado pelo fotógrafo Robert Girling.

Anna Mitchell-Hedges revelou-se uma mulher robusta e imponente, na casa dos cinquenta anos, ainda vestida com roupão quando eles chegaram. A história por detrás da fotografia revelou-se perfeitamente inocente; fora tirada num castelo histórico, onde ela e a amiga tinham começado a conversar com o homem que mais tarde viria a ser identificado como figura central do caso de espionagem de Portland; um fotógrafo comercial de passagem captara a imagem, cobrara dinheiro a Anna Mitchell-Hedges e depois enviara-lhe a fotografia. Ela não voltara a ver Lonsdale desde então.

Talvez sentindo-se culpada por os ter levado até Reading numa perseguição inútil, perguntou-lhes se gostariam de ver o "crânio da perdição". Nenhum deles ouvira falar dele, mas responderam educadamente que sim. Pediu-lhes que a seguissem e conduziu-os ao quarto principal, onde começou a tatear debaixo da cama. Seaman, que esperava um objeto do tamanho de um ovo, surpreendeu-se quando ela retirou algo do tamanho aproximado de uma grande couve, embrulhado em jornais. Regressaram com ela à sala, onde desembrulhou o objeto sobre a mesa.

Tanto Seaman como Girling ficaram a olhar, maravilhados, para o magnífico e bizarro objeto diante deles. O crânio humano em tamanho real parecia feito de diamante polido — à luz ténue tinha um tom esverdeado, como se estivesse iluminado por dentro ou por baixo. O maxilar inferior movia-se como o de um crânio humano verdadeiro, acrescentando um toque macabro de realismo. Mais tarde concordaram que nunca tinham visto nada simultaneamente tão belo e tão inquietante.

Aquilo, explicou Anna Mitchell-Hedges, era o "crânio da perdição", encontrado num templo maia em 1927. O objeto recebera esse nome dos nativos locais, convencidos de que possuía poderes mágicos e devia ser tratado com o respeito devido a um ser sobrenatural. Tornara-se o centro de várias lendas sobre pessoas que haviam sofrido desgraças por não lhe demonstrarem respeito suficiente.

Ela continuou, contando que em 1927 o pai procurava o tesouro enterrado pelo pirata Henry Morgan em 1671. Tinham descoberto que, na região da cidade maia de Lubaantun, nas Honduras Britânicas, existiam indígenas com apelidos como Hawkins e Morgan. O pai também estava convencido de que os vestígios da civilização perdida da Atlântida se encontravam na mesma região. Mas o crânio era o único artefacto antigo que encontrara.

Agora que o pai morrera (em 1959), Anna queria regressar às Honduras à procura do tesouro e, para financiar a expedição, estava disposta a vender o crânio, bem como uma caneca oferecida ao rei Carlos II por Nell Gwyn (e autenticada por estudiosos).

"Quanto vale o crânio?", perguntou Seaman.

"Provavelmente cerca de um quarto de milhão."

"Meu Deus! Não tem medo de o guardar em casa?"

"Creio que conseguiria lidar com quaisquer ladrões." Anna Mitchell-Hedges abriu o roupão, revelando um revólver Colt 45 preso à cintura.

Falou-se da possibilidade de o *Daily Express* ajudar a financiar a expedição a Lubaantun e permitir que Seaman a acompanhasse para escrever uma reportagem. Para grande pena dele, a proposta foi rejeitada pelo editor. Mas Donald Seaman nunca esqueceu aquele objeto ameaçadoramente belo que parecia brilhar com luz própria.

Contudo, como vimos, a história de Lubaantun continua duvidosa. Norman Hammond, arqueólogo que também escavou Lubaantun, não mencionou o crânio de cristal no seu livro sobre o local e explicou a Joe Nickell, investigador cético (mencionado na introdução deste livro), que isso acontecia porque o crânio de cristal nada tinha a ver com o sítio arqueológico. "O cristal de rocha não existe naturalmente na região maia", escreveu, acrescentando que os locais mais próximos onde foi encontrado são Oaxaca, no sul do México, e o Vale do México, onde foram descobertos outros pequenos crânios de cristal — de fabrico asteca. Acrescentou ainda que, segundo as provas documentais, Anna Mitchell-Hedges nunca esteve em Lubaantun. Isto parece ser confirmado por outros participantes na expedição. (Hammond afirmou também: "Sempre pensei que se trata muito provavelmente de um *memento mori* [algo destinado a recordar-nos que todos morreremos] de origem entre os séculos XVI e XVIII. Embora uma origem renascentista não seja improvável, dada a enorme dimensão do bloco de cristal utilizado, não se pode excluir a hipótese de ter sido fabricado na China da dinastia Qing para um cliente europeu.")

Quando descobrimos que o próprio Mitchell-Hedges foi apanhado numa mentira — a sua afirmação de que servira ao lado do revolucionário mexicano Pancho Villa e combatera na Batalha de Laredo — e que perdeu um processo por difamação contra o *Daily Express*, que alegara em 1928 que ele encenara um falso assalto para obter publicidade, começa a parecer que toda a história do crânio de cristal deve ser descartada como pura invenção. De facto, a primeira referência ao crânio surge numa revista intitulada *Man – A Monthly Record of Anthropological Science*, em 1936, na qual dois especialistas comparam o crânio com outro existente no Museu Britânico e se referem ao primeiro como "o crânio Burney".

O “Burney” em questão era Sydney Burney, negociante de arte, e os registos da Sotheby’s mostram que ele colocou o crânio em leilão no final de 1943; mas, como ninguém ofereceu mais de 340 libras, Burney decidiu conservá-lo. Foi então, aparentemente, vendido a Mitchell-Hedges em 1944 por 400 libras.

Quando Joe Nickell perguntou a Anna Mitchell-Hedges sobre esta história, ela respondeu que Mitchell-Hedges deixara o crânio com Burney como garantia de um empréstimo para financiar uma expedição e que Burney não tinha o direito de o colocar à venda. Contudo, não existe a mínima prova de que o crânio estivesse na posse de Mitchell-Hedges antes de 1944. Além disso, uma carta de Sydney Burney, datada de 21 de Março de 1933 e dirigida a alguém do American Museum of Natural History, declara que, antes de Burney se tornar proprietário do crânio, este estivera na posse do colecionador a quem Burney o comprara, e antes disso na coleção de um inglês.

Tudo leva, portanto, a crer que Mitchell-Hedges inventou a história de ter encontrado o crânio num templo maia e que a filha continuou a sustentar essa versão falsa por um compreensível sentimento de gratidão e lealdade para com o pai adotivo. Presumivelmente, o mesmo se aplica à afirmação de Mitchell-Hedges de que o crânio fora utilizado para “desejar a morte” de alguém (Anna Mitchell-Hedges explicava que isso devia ser entendido como manifestação do sentido de humor dele) e às várias outras alegações acerca dos poderes sobrenaturais do crânio — como a notícia de jornal sobre um operador de câmara que fugira aterrorizado da câmara escura quando a lâmpada de ampliação explodiu enquanto tentava ampliar uma fotografia do crânio.

Tudo isto parece bastante dececionante — sobretudo quando descobrimos que foram encontrados vestígios de “desgaste mecânico” nos dentes. O consenso parece ser que o “mistério” em torno do “crânio da perdição” não passa de uma fraude.

No entanto, essa conclusão seria prematura. Antes de mais, o outro crânio de cristal — muito menos “perfeito” — que se encontra na posse do Museu Britânico (e exposto no topo das escadas do Museum of Man, perto de Piccadilly Circus, em Londres) é geralmente aceite como autêntico, embora também apresente sinais de desgaste mecânico. Os índios mexicanos utilizavam uma roda de moagem acionada por uma corda

esticada num arco. Parece relativamente certo que ambos os crânios tiveram origem no México. O crânio do Museum of Man foi comprado na Tiffany's, a joalharia nova-iorquina, em 1898, por 120 libras.

Em 1963, Anna Mitchell-Hedges permitiu ao já referido estudioso e especialista em cristais Frank Dorland levar o crânio para a Califórnia a fim de o submeter a testes; Dorland estudou-o durante sete anos. Uma das suas conclusões mais importantes foi a de que o crânio poderia ter até doze mil anos, embora trabalhos mais recentes tenham sido efetuados sobre ele. Dorland enviou o crânio para os laboratórios da empresa Hewlett-Packard Eletronics, fabricante de osciladores de cristal. Os especialistas sugeriram que o objeto teria exigido um período muito longo de fabrico — talvez trezentos anos (o dobro da estimativa de Mitchell-Hedges). Se isto estiver correto, parece provável — quase certo — que se tratasse de um objeto religioso, criado por ordem de sacerdotes e guardado num templo. Nesse caso, a sua finalidade estaria ligada à adivinhação. Seria mantido sobre um altar — provavelmente coberto (como as bolas de cristal dos clarividentes) — e exposto apenas durante determinadas cerimónias, provavelmente iluminado por baixo.

Dorland relatou também que amigos de Mitchell-Hedges lhe disseram que o crânio fora trazido da Terra Santa pelos Cavaleiros Templários durante as Cruzadas e que permanecera no seu Santuário Interior, em Londres, até acabar por surgir no mercado de antiguidades.

Em muitos aspetos, isto é mais plausível do que a história do templo maia. Os Templários, fundados em 1118 por Hugo de Payens, da Champanhe, eram uma ordem religiosa cujos membros juravam dedicar a vida à defesa da Terra Santa e dos peregrinos cristãos. O seu sucesso foi extraordinário e a sua riqueza tornou-se lendária. Isso levou à sua queda, pois as suas riquezas eram cobiçadas pelo rei Filipe IV de França, que organizou uma prisão em massa dos Templários a 13 de Outubro de 1307. Foram acusados de magia negra, blasfémia, renúncia a Cristo e perversões sexuais. Uma das principais acusações era a de que adoravam o demónio Baphomet sob a forma de uma cabeça empalhada ou de um crânio humano, e de que os cordões usados sobre as túnicas eram santificados ao serem enrolados em torno desse crânio.

Algumas das acusações menores feitas contra os Templários são reconhecidas como verdadeiras pelos estudiosos, entre elas a crença de que

praticavam magia ritual. Centenas de Templários foram executados; no entanto, o rei nunca conseguiu apoderar-se dos seus lendários "tesouros". Nada parece menos provável do que a ideia de que o "crânio" venerado pelos Templários fosse um crânio humano vulgar, e o crânio Mitchell-Hedges seria certamente um candidato perfeito ao misterioso talismã.

E quanto às suas propriedades "místicas"? Anna Mitchell-Hedges declarou que Adrian Conan Doyle, filho de Arthur Conan Doyle, não conseguia suportar o crânio e detestava até permanecer na mesma sala que ele. Segundo ela, ele percebia quando o crânio estava por perto, mesmo sem o ver. Afirmações deste género são normalmente descartadas como típicas tentativas de construção de uma lenda. Mas o próprio Frank Dorland concluiu, após sete anos de contato com o crânio, que este possuía propriedades místicas. Descreveu ter ouvido sons de "sinos de prata muito agudos, muito suaves mas claramente audíveis" e sons semelhantes a "um coro *a cappella*". E, olhando para dentro do crânio, viu imagens de "outros crânios, montanhas elevadas, dedos e rostos". Declarou ainda que, na primeira noite em que guardou o crânio em casa, ouviu sons de felinos selvagens a rondar.

Naturalmente, tudo isto pode ser pura autossugestão. Mas o que aconteceu após uma visita do "satanista" Anton LaVey não poderia ser descartado tão facilmente. LaVey visitou Dorland acompanhado do editor de um jornal de Oakland; afirmou que o crânio fora criado por Satanás e que, por isso, pertencia à sua igreja. (LaVey tinha um forte sentido de humor e igualmente de publicidade.) Antes de partir, tocou durante bastante tempo no órgão de Dorland, de modo que, quando saiu, já era demasiado tarde para devolver o crânio ao cofre onde era guardado. Nessa noite, mais uma vez, ocorreram numerosos sons estranhos que mantiveram Dorland e a mulher acordados. Mas, quando se levantaram para investigar, nada encontraram. Na manhã seguinte descobriram que vários objetos da casa tinham mudado de lugar e que uma vareta de cristal utilizada como marcador telefónico fora projectada a mais de dez metros até à porta da frente.

A teoria de Dorland não era a de que o próprio crânio possuísse um "espírito" (ou poltergeist), mas antes que absorvera algo da presença de LaVey — talvez as "vibrações" de LaVey e as do crânio tivessem entrado em conflito, produzindo efeitos físicos. Esta teoria não é tão disparatada

quanto parece. Os clarividentes utilizam cristais porque afirmam que estes conseguem absorver energias vivas; mantêm-nos cobertos com veludo preto porque essas energias escapariam quando expostas à luz do dia. Desde as mais antigas crenças mágicas conhecidas, os cristais foram considerados especiais devido aos seus poderes.

Curiosamente, existe hoje algum tipo de apoio científico para esta ideia. Há mais de uma década que o biólogo Rupert Sheldrake defende que a aprendizagem entre seres humanos e animais é "transmitida" através de um processo que designa por ressonância mórfica. O exemplo mais famoso que ilustra este processo é o dos macacos da ilha de Kojima, ao largo da costa do Japão, que aprenderam a lavar batatas no mar porque o sal lhes melhorava o sabor; posteriormente, afirma o zoólogo Lyall Watson (em *Lifetide*), macacos de outras ilhas, sem qualquer ligação ao grupo original, começaram a fazer o mesmo. A ressonância mórfica poderia, assim, ser encarada como uma espécie de telepatia, e Sheldrake acredita que desempenha um papel ativo na evolução.

O estranho é que este fenómeno não se aplica apenas a seres vivos, mas também aos cristais. Alguns novos compostos químicos são extremamente difíceis de cristalizar em laboratório. Mas, uma vez cristalizados em qualquer lugar do mundo, o processo torna-se subitamente mais rápido em todos os laboratórios. Inicialmente suspeitou-se de que isso acontecia porque os cientistas transportavam vestígios dos cristais no cabelo ou nas roupas quando visitavam outros laboratórios; mas essa teoria teve de ser abandonada. Parece que os cristais, tal como os seres vivos, conseguem "aprender" por ressonância mórfica. Assim, a ideia de que conseguem absorver energias vivas e irradiá-las novamente é menos extravagante do que parece.

Parece provável que nunca venhamos a conhecer a verdade sobre o "crânio da perdição", mas a sua semelhança com o crânio do Museu Britânico sugere que terá sido provavelmente de fabrico asteca. Aquilo que sabemos sobre os astecas — e sobre a sua religião de sacrifícios humanos — sugere que foi criado como objeto religioso, possivelmente utilizado para *scrying* (forma abreviada de *descrying*), isto é, para fins de adivinhação, tal como um clarividente moderno utiliza uma bola de cristal. Mas, qualquer que tenha sido a sua finalidade original, quase todos os que

o viram parecem concordar que se trata de um dos mais belos objetos criados pela mão humana.

Combustão Humana Espontânea

Na noite de domingo, 1 de Julho de 1951, a senhora Mary Reeser, de setenta e sete anos, parecia ligeiramente deprimida enquanto permanecia sentada na sua confortável poltrona, fumando um cigarro. Por volta das nove da noite, a senhoria, senhora Pansy Carpenter, passou por lá para lhe desejar boa-noite. A senhora Reeser não dava sinais de querer ir para a cama tão cedo; era uma noite quente em St. Petersburg, Florida.

Às cinco da manhã seguinte, a senhora Carpenter acordou com cheiro a fumo; pensando tratar-se de uma bomba de água sobreaquecida, foi à garagem desligá-la. Voltou a acordar às oito, quando um rapaz dos telegramas trouxe uma mensagem para a senhora Reeser; a senhora Carpenter assinou a receção e levou-a ao quarto da inquilina. Para sua surpresa, o puxador da porta estava quente. Chamou por ajuda e dois pintores que trabalhavam do outro lado da rua entraram.

Um deles colocou um pano sobre o puxador e rodou-o; uma rajada de ar quente atingiu-o quando a porta se abriu. No entanto, o quarto parecia vazio e, ao princípio, não conseguiam ver sinais de incêndio. Depois notaram um círculo negro no tapete, no local onde estivera a poltrona. Restavam apenas algumas molas. No meio delas havia um crânio humano, "carbonizado até ao tamanho de uma bola de basebol", e um fragmento de fígado ligado a uma coluna vertebral. Havia também um pé dentro de um chinelo de cetim; queimara-se até ao tornozelo.

A senhora Reeser fora vítima de um fenómeno desconcertante chamado combustão humana espontânea; existem centenas de casos registados. Contudo, no manual clássico *Forensic Medicine*, os doutores S. A. Smith e F. S. Fiddes afirmam categoricamente: "A combustão espontânea do corpo humano não pode ocorrer, e nenhum bom propósito será servido discutindo-a." Este é um exemplo típico do género de pensamento ilusório em que os cientistas tendem a cair quando confrontados com um facto que ultrapassa o âmbito da sua experiência. Do mesmo modo, o grande químico Antoine Lavoisier negou a possibilidade da existência de meteoritos.

O exemplo da senhora Reeser merece ser citado porque é mencionado pelo Professor John Taylor no livro *Science and the Supernatural*, obra cujo principal objetivo é desacreditar toda a ideia do "paranormal", que, segundo Taylor, tende a "desfazer-se em nada" quando submetido a análise científica. Contudo, ele acaba por admitir que existem casos aparentemente "razoavelmente bem validados", citando precisamente o caso da senhora Reeser.

Vinte e nove anos mais tarde, em Outubro de 1980, um caso de combustão espontânea foi observado de perto quando uma militar da aviação naval chamada Jeanna Winchester seguia de automóvel com uma amiga, Leslie Scott, pela Seaboard Avenue, em Jacksonville, Florida. Subitamente, Jeanna Winchester irrompeu em chamas amarelas e gritou: "Tirem-me daqui!" A companheira tentou apagar-lhe as chamas com as mãos, e o carro embateu num poste telegráfico. Quando Jeanna Winchester foi examinada, verificou-se que vinte por cento do seu corpo apresentava queimaduras. Mas Jeanna Winchester sobreviveu.

O livro de Michael Harrison sobre combustão espontânea, *Fire From Heaven* (1976), cita dezenas de casos; todos deixam claro que o principal mistério da combustão espontânea reside no facto de raramente se propagar para além da própria vítima. Na segunda-feira de Pentecostes de 1725, em Reims, Nicole Millet, esposa do estalajadeiro do Lion d'Or, foi encontrada carbonizada numa poltrona intacta, e o marido foi acusado do homicídio. Mas um jovem cirurgião, Claude-Nicholas Le Cat, conseguiu convencer o tribunal de que a combustão humana espontânea realmente existe, e Millet foi absolvido — o veredicto declarou que a esposa morrera "por visitação divina". O caso inspirou um francês chamado Jonas Dupont a reunir todas as provas possíveis relativas à combustão espontânea, publicando-as no livro *De Incendiis Corporis Humani Spontaneis*, impresso em Leiden em 1763.

Outro caso célebre desse período foi o da condessa Cornelia di Bandi, de Cesena, de sessenta e dois anos, encontrada no chão do quarto pela criada. As pernas, ainda cobertas pelas meias, estavam intactas, e entre elas encontrava-se a cabeça, meio queimada. O resto do corpo reduzira-se a cinzas, e o ar estava cheio de fuligem flutuante. A cama permanecia intacta e os lençóis tinham sido afastados, como se ela se tivesse levantado —

talvez para abrir uma janela — e tivesse sido rapidamente consumida enquanto permanecia de pé, de modo que a cabeça caiu entre as pernas.

Ao contrário da esposa do estalajadeiro Millet, a condessa não era grande consumidora de álcool. (Uma das teorias mais populares da época acerca da combustão espontânea atribuía-a à presença de grandes quantidades de álcool no organismo.)

Dois romancistas do século XIX recorreram à combustão espontânea para eliminar personagens indesejadas. Captain Marryat utilizou detalhes de uma notícia do *Times* de 1832 para descrever a morte da mãe do herói Jacob Faithful (no romance do mesmo nome), reduzida a "uma espécie de carvão pegajoso e oleoso" na própria cama. Vinte anos depois, em 1852, Charles Dickens fez desaparecer o seu comerciante alcoólico de trapos e ossos Krook, em *Bleak House*, através da combustão espontânea — Krook fica reduzido a um carvão semelhante a um tronco queimado. G. H. Lewes, companheiro de George Eliot, contestou Dickens e declarou impossível a combustão espontânea, pelo que Dickens respondeu no prefácio de *Bleak House*, contradizendo Lewes e citando trinta exemplos retirados da imprensa. No entanto, no final do artigo sobre Krook em *The Dickens Encyclopedia* (1924), Arthur L. Hayward afirma dogmaticamente: "A possibilidade de combustão espontânea em seres humanos foi definitivamente refutada." Não explica, porém, quais as experiências que a "refutaram definitivamente".

O livro de Harrison, reunindo resultados de numerosos estudos, não deixa margem para dúvidas quanto à realidade da combustão espontânea. Mas o que a provoca? Atualmente, é preciso admitir que o fenómeno desafia o conhecimento médico. Ainda assim, Harrison oferece algumas pistas interessantes. Refere as pesquisas de um médico americano, Mayne R. Coe Jr., interessado no fenómeno da telecinese — mente sobre matéria.

Coe conseguia mover tiras de alumínio equilibradas sobre pontas de agulhas simplesmente passando a mão sobre elas — fenómeno aparentemente devido a algum tipo de "magnetismo" físico natural. Começou então a praticar vários exercícios de ioga na tentativa de desenvolver a sua bioeletricidade; certo dia, sentado numa poltrona, sentiu uma poderosa corrente a descer da cabeça através de todo o corpo; acreditou tratar-se de alta voltagem mas baixa amperagem.

Suspendeu uma caixa de cartão do teto por um fio e verificou que conseguia fazê-la mover-se à distância — em ambiente seco, até cerca de dois metros e meio. Em seguida carregou o próprio corpo com 35 000 volts de corrente contínua, usando eletricidade, e verificou que conseguia mover a caixa exatamente da mesma forma. Isso parecia provar que estava efetivamente a gerar uma corrente de alta voltagem através dos exercícios mentais. Subiu também num avião até uma altitude de 21 000 pés, onde o ar era extremamente seco, e produziu faíscas elétricas após carregar o corpo com 35 000 volts. Coe teorizou que isso poderia explicar o fenómeno da levitação — quando o corpo do iogue flutua acima do solo — sendo o corpo humano positivamente carregado repelido pela Terra, carregada negativamente.

Harrison cita também casos de "baterias humanas" e de pessoas magnéticas (geralmente crianças) que desenvolveram uma poderosa carga elétrica. Em 1877, Caroline Clare, de London, Ontário, transformou-se num íman humano que atraía objetos metálicos e conseguia provocar um forte choque eléctrico em até vinte pessoas de mãos dadas. Sofria, na altura, de depressões próprias da adolescência. Frank McKinistry, de Joplin, Missouri, desenvolveu uma força magnética que fazia os seus pés aderirem ao chão.

Em 1895, Jennie Morgan, de catorze anos, de Sedalia, Missouri, gerava carga suficiente para derrubar um homem adulto, e, quando tocava no manípulo de uma bomba de água, saltavam faíscas das pontas dos seus dedos. Vale também a pena notar que muitos adolescentes que se tornaram foco de "fenómenos poltergeist" (ver capítulo 41) desenvolveram propriedades magnéticas ou elétricas; em 1846, uma rapariga francesa chamada Angélique Cottin tornou-se uma espécie de bateria humana; os objetos que lhe tocavam eram violentamente repelidos, e um pesado tear de carvalho começava a "dançar" quando ela se aproximava. Por outro lado, Esther Cox, o "centro" dos distúrbios de Great Amherst, na Nova Escócia, desenvolveu um magnetismo que fazia os talheres voarem na sua direção e aderirem-lhe ao corpo. Parece, portanto, que devem existir dois tipos de carga, positiva e negativa.

Segundo o Dr. Coe, cada célula muscular humana é uma bateria, e uma polegada cúbica poderia desenvolver 400 000 volts. (O inventor Nikola Tesla costumava demonstrar que o corpo humano consegue suportar

enormes cargas elétricas — suficientes para acender tubos de néon — desde que a amperagem permaneça muito baixa.)

Mas isto parece improvável como explicação para a combustão espontânea: o ponto central das experiências de Tesla era precisamente o facto de ele não entrar em combustão. É a elevada amperagem que pode provocar "queimaduras totais". (Se duas baterias automóveis de 12 volts forem ligadas por um fio fino, o fio derrete; mesmo um fio grosso aquece.) E isto começa a explicar porque os arredores das vítimas de combustão espontânea permanecem intatos; são maus condutores.

As vítimas de combustão espontânea tendem a ser idosos e jovens. A 27 de Agosto de 1938, Phyllis Newcombe, de vinte e dois anos, dançava vigorosamente em Chelmsford, Essex, quando o seu corpo começou a brilhar com uma luz azul que rapidamente se transformou em chamas; morreu poucos minutos depois. Em Outubro do mesmo ano, uma jovem chamada Maybelle Andrews dançava num clube noturno do Soho com o namorado, Billy Clifford, quando chamas começaram a surgir das suas costas, peito e ombros.

O namorado, que sofreu queimaduras graves ao tentar apagar o fogo, afirmou que não havia chamas na sala — as chamas pareciam vir da própria rapariga. Ela morreu a caminho do hospital. Em casos como estes, parece concebível que a atividade da dança tenha gerado algum tipo de eletricidade estática. Michael Harrison chega mesmo a salientar que a "dança ritual" é usada por tribos primitivas para criar tensão emocional em cerimónias religiosas, sugerindo que algo semelhante possa ter acontecido aqui.

Michael Harrison aponta também algumas curiosas ligações geográficas. Em 13 de Março de 1966, três homens sofreram "combustão espontânea" ao mesmo tempo. John Greeley, timoneiro do SS *Ulrich*, foi reduzido a cinzas a algumas milhas a oeste de Land's End; George Turner, motorista de camião, apareceu queimado ao volante do veículo em Upton-by-Chester — o camião encontrava-se virado numa vala; em Nijmegen, Holanda, Willem ten Bruik, de dezoito anos, morreu ao volante do seu automóvel. Como é habitual nestes casos, os arredores permaneceram intatos. Harrison salienta que os três homens se encontravam nos vértices de um triângulo equilátero com lados de 340 milhas. Será concebível que a própria Terra tenha descarregado energia segundo um padrão triangular?

Outro investigador, Larry Arnold, apresentou a sua própria teoria na revista *Frontiers of Science* (Janeiro de 1982): as chamadas "linhas ley" — linhas de "força terrestre" — poderão estar envolvidas. O homem que "descobriu" as linhas ley, Alfred Watkins, observou com frequência a ocorrência de lugares chamados "Brent" sobre essas linhas (*brent* sendo uma antiga forma inglesa de "burnt", queimado).

Outros investigadores das linhas ley sugeriram que os círculos megalíticos de pedra se situam em pontos cruciais dessas linhas — muitas vezes em cruzamentos de várias delas. É novamente interessante notar quantos círculos de pedra estão associados à ideia de dança — por exemplo, as Merry Maidens, na Cornualha; o próprio Stonehenge era conhecido como "a Dança dos Gigantes". Já foi sugerido que nesses locais se realizavam danças rituais, permitindo aos dançarinos interagir de algum modo com a energia terrestre (ou "força telúrica").

Larry Arnold desenhou cerca de uma dúzia das principais linhas ley num mapa de Inglaterra e procurou verificar se estavam associadas a incêndios misteriosos. Afirma que uma "linha ígnea" de cerca de 400 milhas (como lhes chama) atravessava cinco localidades onde ocorreram dez incêndios misteriosos. Refere também vários casos de combustão espontânea ocorridos nessa "linha". Cita quatro casos entre 1852 e 1908.

Harrison acredita que a combustão espontânea é essencialmente uma "anomalia mental", em que a mente influencia de algum modo o corpo a acumular enormes cargas. A resposta poderá residir numa das duas teorias, ou numa combinação de ambas.

Sincronicidade ou "Mera Coincidência"?

O jornalista do *Sunday Times* Godfrey Smith pensava escrever algo sobre a "saga dos manuscritos perdidos" — o manuscrito de *The French Revolution*, de Carlyle, queimado por uma criada descuidada; *Seven Pillars of Wisdom*, de T. E. Lawrence, esquecido num táxi; a mala de Hemingway cheia de manuscritos iniciais, roubada num comboio — e decidiu visitar o agente literário Hilary Rubinstein, um verdadeiro tesouro de histórias semelhantes. Mas antes de conseguir introduzir o tema na conversa, uma rapariga sentada com eles — esposa do romancista Nicholas Mosley — mencionou que o marido estava perturbado porque acabavam de lhe roubar do automóvel as primeiras 150 páginas do novo romance. Smith comentou

na sua coluna do *Sunday Times*: "Estamos de volta ao que J. W. Dunne chamou tempo serial, Arthur Koestler chamou sincronicidade, e alguns de nós ainda chamam coincidência…"

Na verdade, foi Jung quem criou a palavra "sincronicidade" para designar coincidências significativas. Mas Arthur Koestler estava igualmente fascinado pelo assunto, discutindo-o num livro chamado *The Roots of Coincidence*, em 1972. No ano seguinte escreveu um artigo sobre coincidências para o *Sunday Times* e pediu aos leitores exemplos. Muitos desses casos foram utilizados no livro *The Challenge of Chance* (1973), escrito em colaboração com Sir Alister Hardy e Robert Harvie. O livro começa com uma secção intitulada "O Anjo da Biblioteca", descrevendo coincidências relacionadas com livros. Em 1972, Koestler fora convidado a escrever sobre o campeonato de xadrez entre Boris Spassky e Bobby Fischer, pelo que foi à London Library procurar livros sobre xadrez e sobre a Islândia. Decidiu começar pelo xadrez e o primeiro livro que lhe chamou a atenção chamava-se *Chess in Iceland*, de Williard Fiske.

Conta depois como Dame Rebecca West tentava confirmar um episódio relatado por um dos acusados nos julgamentos de Nuremberga e descobriu, para seu desgosto, que os processos estavam publicados apenas sob a forma de resumos organizados segundo títulos arbitrários, tornando-os praticamente inúteis para investigação. Após uma hora de buscas infrutíferas, dirigiu-se a uma bibliotecária e disse: "Não consigo encontrar…"; ao mesmo tempo retirou casualmente um volume da estante e abriu-o. O livro abriu exatamente na página que procurava.

Esta anedota é particularmente interessante porque envolve uma ação aparentemente "aleatória", um gesto casual sem propósito lógico. Jung criou a palavra "sincronicidade" em relação ao *I Ching*, o Livro Chinês das Mutações, consultado pelos chineses como "oráculo". O método de consulta consiste em lançar três moedas ao acaso meia dúzia de vezes e observar se aparecem mais caras ou coroas. Duas ou três coroas produzem uma linha interrompida ao meio, enquanto três caras produzem uma linha contínua. As seis linhas sobrepostas formam um "hexagrama".

O hexagrama acima é o número 58, "O Alegre — Lago", cujo "Julgamento" afirma: "A Alegria, Sucesso — A perseverança é favorável." Mas, do ponto de vista lógico, parece obviamente impossível explicar como lançar moedas ao acaso pode fornecer uma resposta — mesmo que a

pergunta tenha sido formulada de forma muito clara e precisa antes do lançamento.

A experiência de Rebecca West oferece um vislumbre de resposta. Ela procurava uma passagem específica. Podemos supor que alguma faculdade inconsciente de "perceção extrassensorial" a guiou para o lugar correto antes mesmo de começar a falar com a bibliotecária, conduzindo depois a sua mão quando estendeu o braço casualmente. Mas poderia também fazer o livro abrir-se na página certa? Isso parece exigir algo mais do que simples "ESP", algo para o qual Horace Walpole cunhou a palavra "serendipidade", "a faculdade de fazer descobertas felizes e inesperadas por acaso". E quanto ao "acaso" que fez com que a bibliotecária estivesse exatamente naquele lugar naquele momento?

Estamos perante uma situação tão complexa que se torna difícil imaginar uma faculdade puramente "passiva" — uma espécie de intuição — capaz de a explicar. A menos que recorramos simplesmente à "coincidência", temos de pensar numa faculdade capaz, em certa medida, de "engenheirar" uma situação, e não apenas de aproveitá-la. O uso do *I Ching* também parece pressupor a existência de uma faculdade desse género, capaz de fazer as moedas caírem numa determinada ordem.

Durante grande parte da vida, Jung mostrou-se relutante até em admitir publicamente tal possibilidade. (Na realidade, utilizava o *I Ching* como oráculo desde o início da década de 1920.)

Em 1944, quando tinha sessenta e oito anos, Jung escorregou numa estrada gelada e fraturou o tornozelo; o acidente provocou um grave ataque cardíaco. Enquanto pairava entre a vida e a morte, teve visões curiosas, numa das quais flutuava acima da Terra, no espaço, vendo depois uma espécie de templo hindu no interior de um meteoro. "Noite após noite flutuava num estado de pura beatitude." Convenceu-se de que, se recuperasse, o seu médico teria de morrer — e, de facto, o médico morreu quando Jung começou a recuperar.

O resultado dessas estranhas experiências foi que Jung deixou de se preocupar com o facto de os contemporâneos o considerarem um místico em vez de um cientista, deixando igualmente de esconder o seu interesse de toda a vida pelo "oculto". Em 1949 escreveu a célebre introdução à edição do *I Ching* traduzida por Richard Wilhelm, onde fala do "princípio de

conexão acausal" chamado sincronicidade; no ano seguinte publicou o ensaio *On Synchronicity*, mais tarde expandido para livro. Infelizmente, a premissa fundamental de Jung nestas obras é basicamente absurda.

Segundo ele, a ciência ocidental assenta no princípio da causalidade, mas a física moderna abalou esse princípio até aos fundamentos; sabemos agora que as leis naturais são apenas verdades estatísticas, pelo que devemos admitir exceções. Isto é, evidentemente, falso. O filósofo Hume argumentara que a causalidade não constitui uma lei fundamental do universo; uma panela de água normalmente ferve quando colocada ao lume, mas poderia congelar. Kant utilizou posteriormente este argumento para demonstrar que a substância do universo é essencialmente "mental".

Hoje percebemos que esses argumentos eram falaciosos. É verdade que uma panela de água poderia congelar ao ser colocada sobre o fogo, se a pressão atmosférica aumentasse subitamente mil vezes. Mas isso não representaria uma violação da lei da causalidade, apenas uma alteração das condições básicas da experiência. E, pelo mesmo raciocínio, percebemos que a física moderna não demonstrou que as leis da natureza sejam "estatísticas" e que possam ser "violadas" uma vez em cada mil milhões. Uma lei natural só pode ser quebrada por uma excelente "razão legal".

Assim, as referências de Jung a um "princípio de conexão acausal" podem ser vistas como mera mistificação verbal, destinada a confundir cientistas que de outro modo o acusariam de superstição na velhice. O exemplo que Jung oferece de sincronicidade torna isso evidente. Conta que, a 1 de Abril de 1949, comeram peixe ao almoço e alguém mencionou o costume do "peixe de Abril" (equivalente ao nosso Dia das Mentiras). À tarde, uma paciente mostrou-lhe quadros de peixes que pintara.

À noite, mostraram-lhe um bordado com monstros semelhantes a peixes. Na manhã seguinte, outra paciente contou-lhe um sonho envolvendo um peixe. Na altura, Jung estudava o símbolo do peixe na história e, antes desta série de coincidências começar, tomara nota de uma citação latina sobre peixes. É, diz Jung, natural sentir que se trata de uma "coincidência significativa" — isto é, de uma "conexão acausal". Mas, se a coincidência é "significativa", então deve existir uma ligação causal — mesmo que, como Jung sugere, ela não seja reconhecida pela ciência. Jung está, na verdade, a sugerir uma ligação oculta entre a mente e a natureza.

Jung não foi o primeiro a considerar esta possibilidade. O biólogo austríaco Paul Kammerer — que se suicidou após ser acusado de falsificar algumas experiências — era fascinado por coincidências estranhas e escreveu um livro, *The Law of Series*, sobre o assunto. A obra contém uma centena de exemplos. Em 1915, por exemplo, a esposa lia um romance com uma personagem chamada senhora Rohan; pouco depois, num elétrico, viu um homem parecido com o amigo príncipe Rohan; nessa mesma noite, o príncipe Rohan apareceu inesperadamente em sua casa. No elétrico ouvira alguém perguntar ao homem parecido com Rohan se conhecia a aldeia de Weissenbach, no lago Attersee; ao sair do elétrico entrou numa mercearia fina e o empregado perguntou-lhe se conhecia Weissenbach no lago Attersee…

A teoria de Kammerer era a de que os acontecimentos ocorrem em "aglomerados", naturais mas não "causais". Considerava isso uma espécie de lei matemática desconhecida — uma "lei da serialidade". Em suma, as coincidências "absurdas" seriam uma lei da natureza. Passava os dias a anotar cuidadosamente todo o tipo de detalhes — idade, sexo e vestuário das pessoas que passavam por ele num parque ou viajavam num elétrico — observando esses "aglomerados" típicos.

Jung oferece um dos exemplos mais divertidos de "aglomeramento" no seu livro sobre sincronicidade — originalmente relatado pelo cientista Camille Flammarion em *The Unknown*. O poeta Emile Deschamps recebeu uma porção de *plum pudding* de um certo senhor Fortgibu quando frequentava um colégio interno — prato então quase desconhecido em França, mas que Fortgibu conhecia por ter regressado recentemente de Inglaterra. Dez anos depois, Deschamps viu *plum pudding* na montra de um restaurante parisiense e entrou para pedir uma porção.

Disseram-lhe, infelizmente, que o pudim fora encomendado por outra pessoa — o senhor Fortgibu, que se encontrava ali sentado e se ofereceu para partilhá-lo. Anos depois, Deschamps participou numa festa onde haveria *plum pudding* e contou a história de Fortgibu. Enquanto todos comiam pudim, a porta abriu-se e um criado anunciou: "Monsieur Fortgibu." Fortgibu entrou — fora convidado para outro apartamento no mesmo edifício e enganara-se na porta.

Isto parece um excelente exemplo da serialidade de Kammerer; se existe algum "significado" na coincidência, ele não é evidente. Mas outro

exemplo apresentado por Flammarion é diferente. Enquanto escrevia um livro, uma rajada de vento levou as páginas de um capítulo pela janela; nesse momento começou a chover. Decidiu que não valia a pena ir procurá-las. Alguns dias depois, o capítulo chegou-lhe vindo da tipografia. Parece que o porteiro da gráfica passara pelo local, vira as folhas no chão e presumira que as deixara cair; recolheu-as, organizou-as e entregou-as ao impressor. Qual era o tema do capítulo? O vento…

Parece, portanto, haver dois tipos de coincidência: os "aglomeramentos" seriais, puramente mecânicos, e as sincronicidades, que parecem implicar que a própria mente foi capaz de influenciar as leis da natureza — como quando Rebecca West retirou ao acaso o livro certo da estante.

Koestler apresenta um exemplo ainda mais estranho de sincronicidade. A escritora Pearl Binder planeava um romance satírico com dois colaboradores. Inventaram uma situação em que campos para sem-abrigo tinham sido instalados em Hyde Park. Decidiram incluir um professor vienense refugiado, um velho arruinado com um nome de sonoridade húngara — algo como Horvath-Nadoly. Dois dias depois leram no jornal que um velho estrangeiro sem abrigo fora encontrado a vaguear sozinho à noite em Hyde Park e dera o nome de Horvath-Nadoly. Aqui os três colaboradores participaram na coincidência impossível. Se deve ser considerada "significativa" e não simples exemplo de "aglomeramento serial", então teríamos de admitir que todos participaram numa estranha forma de telepatia e/ou precognição; isto é, chamados a inventar uma situação ao acaso, os seus inconscientes preferiram "fazer batota", fornecendo-lhes detalhes sobre uma pessoa real — tal como, quando nos pedem para inventar rapidamente um nome, provavelmente escolhemos um que acabámos de ver ou ouvir…

Esta explicação "inconsciente" — preferida por Jung — consegue explicar dezenas de curiosas coincidências literárias. Em 1898, um romancista chamado Morgan Robertson escreveu um livro sobre um navio chamado *Titan*, "o navio mais seguro do mundo", que embatia num iceberg na sua viagem inaugural pelo Atlântico; catorze anos depois, a história tornou-se realidade com a trágica viagem inaugural do *Titanic*. Além disso, o editor W. T. Stead escrevera uma história sobre um navio que se afundava, concluindo: "É exatamente isto que pode acontecer, e

acontecerá, se os paquetes forem enviados para o mar com botes insuficientes." Tal como o navio do romance de Robertson, o *Titanic* não possuía botes salva-vidas suficientes. E W. T. Stead foi uma das vítimas do naufrágio.

Em 1885, um dramaturgo chamado Arthur Law escreveu uma peça sobre um homem chamado Robert Golding, único sobrevivente do naufrágio de um navio chamado *Caroline*. Poucos dias após a estreia, Law leu nos jornais a notícia do afundamento de um navio chamado *Caroline*; o único sobrevivente chamava-se Robert Golding.

Em 1972, um escritor chamado James Rusk publicou, sob pseudónimo, um romance pornográfico chamado *Black Abductor*; o enredo era tão semelhante ao caso real do rapto da herdeira Patty Hearst em 1974 pelo "Exército Simbionês de Libertação" — até no nome da vítima, Patricia — que o FBI interrogou posteriormente Rusk para averiguar se estivera envolvido no rapto. Não estivera; tratava-se, mais uma vez, de "mera coincidência".

No mês que antecedeu a invasão aliada da Normandia — o Dia D — as palavras cruzadas do *Daily Telegraph* continham a maioria dos nomes de código da operação: Utah, Mulberry, Neptune e Overlord (este último sendo o nome de toda a operação). O MI5 foi chamado a investigar, mas descobriu apenas que o autor das palavras cruzadas era um professor chamado Dawe, que não fazia ideia de como aquelas palavras lhe tinham surgido na mente.

Para explicar acontecimentos "sincronísticos", Jung tendia a recorrer a uma expressão do psicólogo francês Pierre Janet, *abaissement du niveau mental*, "rebaixamento do limiar mental", pela qual Janet entendia uma certa diminuição das forças vitais — semelhante àquela que sentimos quando estamos cansados ou desanimados e que constitui a pré-condição da neurose. Jung acreditava que, quando o limiar mental desce, "o tom do inconsciente é intensificado, criando assim um gradiente através do qual o inconsciente flui em direção ao consciente".

O consciente passa então a ficar sob a influência do que Jung chama "arquétipos" ou "imagens primordiais". Essas imagens pertencem ao "inconsciente coletivo" e podem assumir, por exemplo, a forma de uma "grande mãe", de um deus-herói, de uma figura demoníaca ou de uma

imagem de sabedoria incarnada. Jung pensava que, quando o arquétipo é ativado, se tornam prováveis coincidências estranhas.

Jung desenvolveu a sua ideia de sincronicidade com a ajuda do físico Wolfgang Pauli. O próprio Pauli parecia possuir um estranho poder de provocar coincidências. Sempre que tocava em algum aparelho experimental, este tendia a avariar-se. Certo dia, em Göttingen, um complicado equipamento destinado ao estudo de fenómenos atómicos desmoronou-se sem aviso, e diz-se que o Professor J. Franck comentou: "O Pauli deve andar por aqui algures." Escreveu-lhe e recebeu resposta dizendo que, no momento do acidente, o comboio de Pauli estava parado na estação de Göttingen, a caminho de Copenhaga. Pauli, compreensivelmente, ficou intrigado com as ideias de Jung acerca da sincronicidade, e o livro de Jung sobre o tema foi publicado juntamente com um ensaio de Pauli acerca das ideias arquetípicas na obra de Kepler — Kepler aparentemente tropeçara na ideia de arquétipos três séculos antes, embora com um significado mais próximo das "ideias" de Platão.

Pauli criara uma hipótese chamada "princípio da exclusão", segundo a qual apenas um eletrão de cada vez pode ocupar qualquer "órbita planetária" no interior de um átomo. Não apresentou qualquer razão física para essa ideia; ela simplesmente lhe parecia possuir uma agradável simetria matemática, semelhante à hipótese de Avogadro de que volumes iguais de gases contêm igual número de moléculas.

No seu próprio ensaio sobre Kepler em *The Encyclopedia of Philosophy*, Arthur Koestler tentou mostrar que Kepler chegara às conclusões corretas sobre o sistema solar através de ideias completamente absurdas relativas à Santíssima Trindade e outras noções semelhantes, implicando assim que as mentes criativas possuem algum instinto ou intuição que lhes revela verdades científicas segundo princípios de simetria ou beleza, e não por raciocínio lógico. E isto implica, por sua vez, que existe uma estranha afinidade fundamental entre a mente e a natureza, e que a mente não é um produto acidental sem "direito" a existir no universo. Foi esta intuição que aproximou Jung e Pauli.

Mais relevante é uma passagem do "mago" medieval Albertus Magnus:

Um certo poder de alterar as coisas habita na alma humana e subordina as outras coisas a ela, particularmente quando se deixa arrebatar por um grande excesso de amor ou ódio ou algo semelhante. Quando, portanto, a alma do homem cai num grande excesso de qualquer paixão, pode provar-se pela experiência que esse [excesso] liga as coisas entre si [magicamente] e as altera conforme deseja. Quem quiser aprender o segredo de fazer e desfazer estas coisas deve saber que qualquer pessoa pode influenciar tudo magicamente se cair num grande excesso.

Ou seja, um estado psicológico pode, de algum modo, afectar o mundo físico. Mas o "grande excesso" de Albertus é claramente o oposto do "rebaixamento do limiar mental" de Jung. Um corresponde a uma diminuição da vitalidade; o outro, à sua intensificação.

Alguns conceitos da "fisiologia do cérebro dividido" — ciência desenvolvida após a morte de Jung em 1961 — poderão lançar luz útil sobre estes problemas. O cérebro está dividido em dois hemisférios, como uma noz. A fisiologia cerebral demonstrou que o hemisfério esquerdo está ligado aos nossos objetivos conscientes — linguagem, lógica, cálculo — enquanto o direito lida com a intuição, o reconhecimento de padrões e a perceção súbita.

A notável descoberta de Roger Sperry foi que, quando a ponte de nervos chamada *corpus callosum*, que liga as duas metades, é cortada para prevenir epilepsia, o paciente transforma-se em duas pessoas. Um paciente de cérebro dividido tentou bater na esposa com uma mão enquanto a outra o impedia. A pessoa a que chamo "eu" vive no hemisfério esquerdo; a pessoa que vive na outra metade — o "eu intuitivo" — é um estranho. Quando mostraram a uma paciente uma imagem obscena através do hemisfério direito, ela corou; quando lhe perguntaram porquê, respondeu: "Não sei."

O "estranho" do hemisfério direito é um artista; o "eu" do hemisfério esquerdo é um cientista. Existem provas interessantes de que é este "estranho" do hemisfério direito que intervém nos chamados fenómenos de "perceção extrassensorial" — telepatia, radiestesia, "segunda visão" — e que o seu principal problema consiste em comunicar ao eu lógico aquilo que sabe, enquanto este permanece demasiado ocupado com os próprios objetivos práticos para prestar atenção à "voz calma e subtil" do "outro eu".

Por vezes, o "estranho" consegue assumir o controlo. Quando o pugilista inglês Freddie Mills combateu Gus Lesnevitch em 1946, foi derrubado no segundo assalto e sofreu uma concussão. Não se lembrava de mais nada até ouvir o árbitro anunciar o décimo assalto. Mas, nos sete assaltos intermédios, lutara brilhantemente contra o muito mais pesado Lesnevitch e encontrava-se à frente na pontuação. Assim que "recuperou" a consciência, começou a perder. O seu "outro eu" assumira o controlo após a queda no segundo assalto. Eis um exemplo em que um "rebaixamento do limiar mental" produziu resultados positivos.

Se atribuirmos então ao "outro eu" algum tipo de perceção extrassensorial, torna-se possível explicar fenómenos como as atividades do "anjo da biblioteca" — por exemplo, o modo como Rebecca West encontrou o processo que procurava ao estender casualmente a mão. O "outro eu" sabe onde o processo está localizado, mas não consegue comunicar esse conhecimento ao hemisfério esquerdo, obsessivamente ocupado a consultar catálogos. Então aproxima-se uma bibliotecária, e ele vê a oportunidade quando ela pára perto do livro. Rebecca sente impulso de ir reclamar com a bibliotecária — tarefa relativamente fácil, dado o seu estado de exasperação — e então o "outro eu", com a habilidade intuitiva que vemos nos grandes desportistas, pega no livro e abre-o no local certo… (Seria interessante saber se Rebecca West pegou no livro com a mão esquerda — porque o lado esquerdo do corpo é controlado pelo hemisfério direito, e vice-versa.)

E como se aplica a hipótese ESP a outra história contada por Rebecca West e citada por Koestler? Mais uma vez, ela estava na London Library e pedira a um funcionário as *Memórias* de Gounod. Enquanto esperava, foi abordada por um americano que a reconhecera e queria saber se era verdade que possuía algumas litografias do artista Delpeche. Ela respondeu que sim, e continuavam a conversar quando o funcionário regressou com o livro. Abriu-o casualmente e encontrou-se diante de uma passagem em que Gounod descrevia a bondade de Delpeche para com a sua mãe.

Aqui percebemos que a cadeia de coincidências fora posta em marcha — pelo pedido do livro — antes de o estranho lhe falar de Delpeche; portanto, não podemos acusar o "outro eu" de ter montado toda a situação. O que podemos supor é que o "outro eu" sabia, de algum modo, que as *Memórias* de Gounod continham uma referência ao artista de quem

falavam naquele exato momento, e chamou-lhe a atenção para isso levando-a a abrir o livro no local correto…

Porquê? Uma resposta possível é evidente. O homem moderno tornou-se um "ser de cérebro dividido"; vive sobretudo no hemisfério esquerdo. Isto significa que tem consciência apenas de metade da própria identidade. Sempre que lhe é recordada essa outra metade — por exemplo, quando a música ou a poesia produzem uma súbita "onda de calor", ou quando um cheiro lhe recorda intensamente a infância — experimenta aquela estranha sensação de exaltação selvagem a que G. K. Chesterton chamou "boas notícias absurdas". Quanto mais se sente "aprisionado" no eu do hemisfério esquerdo pelo cansaço, desânimo ou pressentimento — mais se afasta daquela profunda sensação interior de propósito e bem-estar. Se tivesse um método instantâneo de restabelecer contato com esse poder interior — aquilo a que Abraham Maslow chamou "experiências de pico" — a sua vida transformar-se-ia.

Deve ser irritante para o "outro eu" ver o eu do hemisfério esquerdo mergulhar em estados de tristeza e tédio totalmente desnecessários, desperdiçando assim a vida — ambas as vidas. Como hipótese fecunda, poderíamos encarar as "sincronicidades" — como a relacionada com as *Memórias* de Gounod — como tentativas do "outro eu" de lembrar ao eu do hemisfério esquerdo a sua existência e resgatá-lo do sentimento de "contingência" — a sensação descrita por Proust de se sentir "medíocre, acidental, mortal".

Existe, infelizmente, outro tipo de sincronicidade que não pode ser explicado pela hipótese ESP, e é precisamente aquele que Jung originalmente procurava explicar. A ESP não consegue explicar como o *I Ching* poderia produzir uma resposta "significativa" a uma pergunta (caso efetivamente o faça). O senso comum diz-nos que lançar moedas ao acaso só pode produzir um resultado aleatório, a menos que as moedas sejam de algum modo "interferidas" durante a queda.

Os chineses acreditam que o *I Ching* é uma espécie de entidade viva — presumivelmente sobrenatural — e podemos supor que essa entidade responde à pergunta fazendo as moedas cair de determinada maneira. O psicólogo ocidental, rejeitando a explicação sobrenatural, só pode recorrer à ideia de que a mente inconsciente — o "outro eu" — consegue influenciar a queda das moedas através de alguma forma de psicocinese,

"mente sobre matéria". E, embora isto possa explicar mais ou menos o funcionamento do *I Ching*, continua sem explicar, por exemplo, as sincronicidades relacionadas com peixes que Jung achava tão intrigantes: a inscrição latina sobre um peixe, a referência ao "peixe de Abril", a paciente que pintara peixes, o bordado com monstros semelhantes a peixes, a outra paciente que sonhara com um peixe. A psicocinese dificilmente explica esta série de coincidências.

O mesmo se aplica a um tipo de coincidência "aglomerada" descrita por Koestler. Um médico escreveu-lhe comentando que, se um paciente com uma doença rara aparecesse no consultório, poderia quase ter a certeza de que outro caso semelhante surgiria durante a mesma consulta; e que, se um paciente chamado Donnell telefonasse, então outro paciente chamado Donnell apareceria quase certamente nesse mesmo dia. Outra carta mencionava "aglomerados" semelhantes de vários tipos: um dentista observando como frequentemente recebia sucessões de pacientes com o mesmo problema de extração, um oftalmologista notando séries de pacientes com idêntica doença ocular, até um reparador de máquinas de escrever reparando como frequentemente recebia várias máquinas da mesma marca ou diferentes máquinas com exatamente o mesmo defeito.

É evidente que não existe "explicação" para tais estranhezas, a menos que algum matemático descubra uma nova lei da serialidade. Mas podemos observar, mais uma vez, que tais coincidências produzem em nós um efeito semelhante ao das experiências pessoais de "serendipidade" — uma sensação de que talvez o universo seja menos sem sentido e menos insondável do que supomos. E isto — como qualquer leitor do livro de Jung concordará — era precisamente o que Jung sentia acerca da sincronicidade. De facto, um crítico hostil poderia objetar que Jung — filho de um pastor protestante — tenta introduzir Deus pela porta das traseiras. Todas as suas tentativas de argumentar a favor de um princípio "científico" de sincronicidade são pouco convincentes porque as palavras "princípio de conexão acausal" contêm uma contradição em termos — a menos que ele esteja disposto a admitir tratar-se de "mero acaso", caso em que destrói o próprio argumento. Uma coincidência é "significativa" ou não é; e, se é significativa, então não é coincidência.

Em última análise, aceitar ou rejeitar a "sincronicidade" é uma questão de temperamento individual. Pessoalmente, inclino-me a aceitá-la

porque as minhas próprias experiências de "coincidências" levam-me a acreditar que frequentemente são "significativas". Na manhã em que me preparava para começar o artigo sobre Joana d'Arc no presente livro, reparei na minha biblioteca numa coleção encadernada da *International History Magazine* e decidi passar meia hora a folheá-la, caso contivesse material útil.

Abri o primeiro volume ao acaso e deparei imediatamente com um artigo sobre Joana d'Arc cuja introdução editorial levantava a questão de saber se ela sobrevivera à "execução". Na verdade, o artigo revelou-se inútil: o autor não fazia qualquer referência à controvérsia da Dame des Armoires. Não sugere isto, por si só, que a coincidência era "não significativa"? Não necessariamente. Já citei noutro lugar (ver capítulo 57) a interessante teoria da sincronicidade proposta por Jacques Vallée.

Quando investigava um culto que utilizava o nome do profeta Melquisedeque, Vallée passou muito tempo à procura de todas as referências a Melquisedeque que conseguia encontrar. Em Los Angeles pediu um recibo a uma taxista; estava assinado "M. Melchizedek". Uma consulta à lista telefónica de Los Angeles revelou existir apenas um Melchizedek em toda a região.

Vallée observa que existem duas formas de um bibliotecário armazenar informação. Uma consiste em colocá-la por ordem alfabética nas estantes. Mas os cientistas informáticos descobriram que existe um método mais simples e rápido. Preferem armazenar a informação à medida que chega — equivalente a um bibliotecário colocar os livros lado a lado conforme entram na biblioteca — utilizando depois uma palavra-chave ou algoritmo para a recuperar. (Numa biblioteca, o equivalente seria o seguinte: à medida que cada novo livro entra, prende-se à lombada uma espécie de mecanismo sonoro; cada mecanismo é ajustado para responder a um determinado código numérico, como um telefone. Quando o bibliotecário precisa de um livro específico, marca o número no aparelho portátil e dirige-se diretamente ao livro que está a emitir o sinal.)

Vallée sugere que "o mundo poderá estar organizado mais como uma base de dados aleatória do que como uma biblioteca sequencial". Era como se ele tivesse afixado no quadro universal de avisos uma nota dizendo: "Procuram-se Melquisedeques", e algum bibliotecário diligente tivesse

respondido: “Que tal este?” “Não, isso não serve — é apenas uma taxista…”

Esta imagem, tal como a de Jung, sugere existir uma interação mútua entre a mente e o universo, e que a chave para “recuperar informação” consiste em estar no estado mental adequado: um estado de profundo interesse ou entusiasmo — o “excesso de paixão” de Albertus Magnus.

Outro exemplo pessoal. Fui levado a escrever o presente artigo em parte pela “coincidência de Joana d’Arc”, em parte por outra coincidência que ocorreu um ou dois dias depois. Recebera pelo correio um exemplar da biografia da romancista americana Ayn Rand, escrita por Barbara Branden. Lia-o na cama no dia seguinte quando chegou o correio. Entre as cartas vinha um romance em edição de bolso enviado por um leitor americano, acompanhado de uma carta. A carta começava: “Na recente biografia de Ayn Rand escrita por Barbara Branden, o seu nome é mencionado numa nota de rodapé…”

Meia hora mais tarde, quando me preparava para ir para o gabinete, reparei num recorte de jornal que a minha mulher deixara à porta. Perguntei-lhe: “O que é isto?”, e ela respondeu: “É um artigo que menciona Hemingway — pensei que te pudesse interessar.” Tratava-se, de facto, do artigo de Godfrey Smith sobre coincidências e manuscritos perdidos, citado no início deste artigo.

Por coincidência, decidi não escrever imediatamente o artigo sobre coincidências; planeava antes escrever um texto sobre o desaparecimento de Mary Rogers. Retirei os contos de Poe da estante e abri-os em *The Mystery of Marie Roget*. O parágrafo inicial dizia: “Poucas pessoas existem, mesmo entre os pensadores mais calmos, que não tenham ocasionalmente sido surpreendidas por uma vaga mas intensa meia-crença no sobrenatural, diante de coincidências de carácter tão aparentemente maravilhoso que o intelecto se vê incapaz de as aceitar como simples coincidências.” Isto confirmou a minha decisão de escrever o presente artigo.

Como se quisesse sublinhar esse ponto, ocorreu ainda outra coincidência depois de eu ter escrito a frase anterior, já ao fim de um dia de trabalho. Quando me preparava para deixar o gabinete, reparei numa pilha desarrumada de livros num título de que não tinha memória: *You Are*

Sentenced to Life, de W. D. Chesney, publicado por uma pequena editora da Califórnia; tratava-se de um livro sobre a vida depois da morte. Evidentemente comprara-o há muito tempo e nunca — tanto quanto sei — sequer o folheara. Decidi remediar isso. Mais tarde, passei cerca de uma hora a percorrê-lo, lendo aqui e ali; depois, pouco antes de o fechar, resolvi olhar para a última página. No topo lia-se: ORDER OF MELCHIZEDEK, reproduzindo uma carta de Grace Hooper Pettipher, "Instrutora da Ordem de Melchizedek", pedindo um exemplar de outro livro publicado pela mesma editora. Duvido que, entre os dois mil ou mais livros do meu gabinete, exista outra referência a Melquisedeque; mas eu tinha de tropeçar precisamente naquela depois de escrever sobre Melquisedeque num artigo acerca da sincronicidade.

É minha experiência pessoal que coincidências deste género parecem acontecer quando estou "em boa forma" — quando me sinto alerta, alegre e otimista — e não quando estou cansado, aborrecido ou deprimido. Isto leva-me a formular a minha própria hipótese sobre a sincronicidade da seguinte maneira. Como escritor, estou no meu melhor quando me sinto alerta e determinado; nesses momentos sinto uma espécie de "significados ocultos" escondidos por detrás da face aparentemente impassível da realidade quotidiana.

Mas isto não se aplica apenas aos escritores; aplica-se a todos os seres humanos. Estamos todos no nosso melhor quando a imaginação está desperta e conseguimos sentir a presença daquele "outro eu", a parte intuitiva de nós próprios. Quando estamos cansados ou desanimados, sentimo-nos "encalhados" na consciência do hemisfério esquerdo. Sentimos, como diz William James, que "os nossos fogos se apagam, as nossas correntes enfraquecem".

Podemos ser arrancados desse estado por uma crise súbita ou por qualquer estímulo agradável, mas, na maioria das vezes, tais estímulos não surgem. Deve ser irritante para o "outro eu" encontrar o parceiro tão enfadonho e lento, deixando escapar tempo valioso e oportunidades por mera inércia. Uma "sincronicidade" pode lançar-nos abruptamente num estado de alerta e consciência. E, se o "outro eu" consegue, através dos seus poderes peculiares, provocar uma sincronicidade, então ainda há tempo de impedir que desperdicemos mais um dia das nossas breves vidas.

A coincidência de Melquisedeque parece-me de outro tipo, concebida para confirmar que estamos "no caminho certo". Quando, no final da década de 1960, comecei a interessar-me pelo campo do paranormal e a escrever um livro chamado *The Occult*, coincidências deste género tornaram-se frequentes. Nesse livro descrevi como precisava de uma referência retirada de um texto alquímico. Sabia que o livro que continha a passagem estava numa das estantes diante da minha secretária; mas já era fim do dia, sentia-me cansado e preguiçoso.

Além disso, esquecera-me de onde encontrar exatamente a referência, e a perspetiva de uma busca infrutífera por meia dúzia de volumes desanimava-me. Finalmente, a consciência venceu, levantei-me com esforço, atravessei a sala e retirei um livro da estante. Ao fazê-lo, o livro ao lado caiu da prateleira; aterrou no chão, aberto exatamente na passagem que eu procurava. E senti aquele curioso lampejo de gratidão e alegria que experimentamos sempre nestes momentos, como se algum anjo-da-guarda invisível tivesse delicadamente oferecido a sua ajuda.

Ora, um livro cair de uma estante e abrir-se na página certa aproxima-se claramente mais do procedimento do *I Ching* do que, por exemplo, a cadeia de coincidências da senhora Kammerer acerca do príncipe Rohan e do lago Attersee, ou a história de M. Fortgibu contada por Flammarion. E, no entanto, parece igualmente evidente que, num sentido fundamental, existe entre todos estes fenómenos uma espécie de semelhança familiar. O problema surge quando tentamos classificá-los. Quando Rebecca West estendeu a mão e encontrou o livro certo, isso parece ESP. Mas um livro cair de uma estante e abrir-se na página certa envolve claramente algum elemento adicional além da ESP — algo mais próximo da psicocinese. Contudo, nem a ESP nem a psicocinese conseguem sequer começar a explicar a cadeia de coincidências da senhora Kammerer; e, no caso de M. Fortgibu e do *plum pudding*, a situação torna-se absurda. Parece que estamos perante aquela entidade misteriosa a que Charles Fort chamou "o cómico cósmico", e qualquer parapsicólogo respeitável tenderá inevitavelmente a recuar horrorizado perante tal ideia.

Mas, mesmo que a sincronicidade se recuse a encaixar em qualquer das nossas teorias científicas, isso não constitui motivo para recusarmos acreditar na sua existência. A ciência continua sem saber como ou porquê o universo começou, qual a natureza do tempo ou o que existe para lá do

limite mais extremo das estrelas. Na verdade, a ciência continua a utilizar termos como espaço, tempo e movimento como se fossem plenamente compreensíveis ao intelecto humano; ninguém acusa Georg Cantor de ocultismo ou misticismo por ter criado uma matemática do infinito. A ciência continua a crescer e a desenvolver-se apesar dos seus desconfortáveis fundamentos metafísicos.

Do ponto de vista puramente prático, o principal problema da existência humana é a falta individual de propósito. Naqueles curiosos momentos de descontração ou felicidade súbita que todos experimentamos ocasionalmente, percebemos que é absurdo perder o sentido de direção e que, se conseguíssemos aprender a convocar esse estado de consciência à vontade, essa tendência fatal para o esquecimento poderia ser permanentemente eliminada e a vida transformar-se-ia. Nesses momentos torna-se óbvio que, se conseguíssemos treinar-nos para agir como se existissem significados ocultos por detrás da face vazia do presente, o problema estaria resolvido. Se as "sincronicidades" conseguem produzir esse sentido de significado e propósito, então é obviamente sensato comportarmo-nos como se fossem coincidências significativas e ignorar a questão da sua validade científica.

O Tempo em Desordem

Deslizamentos Temporais e Precognições

O falecido Ivan T. Sanderson, eminente naturalista e cientista, teve certa vez uma curiosa experiência relacionada com Paris. Mas não se tratava da Paris contemporânea, e sim da Paris de há cinco séculos; e, para tornar a história ainda mais paradoxal, aconteceu no Haiti.

Antes de iniciar o relato (em *More "Things"*), Sanderson faz questão de esclarecer que nunca se interessou pelo "oculto" — não porque desacreditasse ativamente nele, mas porque "só tenho uma vida para viver… e tenho estado demasiado ocupado a tentar alcançar os factos mais pragmáticos dela".

Sanderson e a esposa viviam numa pequena aldeia chamada Pont Beudet, no Haiti; juntamente com o assistente Frederick G. Allsop, encontrava-se empenhado num levantamento biológico. Numa bela noite, os três decidiram ir de automóvel até ao lago Azuey no velho Rolls-Royce.

Tomando um atalho por uma estrada antiga de terra, entraram numa massa de lama mole e o carro afundou-se até aos eixos.

Saíram e começaram a caminhar. Andaram quase toda a noite até ficarem exaustos. Encontraram um carro conduzido por um médico americano a caminho de uma urgência, mas ele não tinha lugar para os três; prometeu tentar recolhê-los no regresso. Continuaram a avançar ao luar. Então:

…subitamente, ao erguer os olhos do chão poeirento, percebi com absoluta clareza, sob o luar agora brilhante e projetando sombras compatíveis com a sua posição, casas de três andares de diversas formas e tamanhos alinhadas em ambos os lados da estrada. As casas avançavam sobre a rua, que parecia enlameada e coberta aqui e ali por grandes paralelepípedos. As construções eram, diria eu, do período elisabetano inglês, mas por alguma razão eu sabia que estava em Paris!

Tinham telhados inclinados, alguns com trapeiras, pórticos de madeira em empena e pequenas janelas com diminutos vidros encaixados em chumbo. Aqui e ali viam-se luzes avermelhadas baças por detrás delas, como se viessem de velas. Havia lanternas de armação metálica suspensas em vigas que saíam das casas e todas balançavam em conjunto, como se soprasse vento, embora não houvesse o mais leve movimento de ar à nossa volta. Poderia continuar indefinidamente a descrever a cena, tão vívida ela era: na verdade, poderia desenhá-la. Mas esse não é o ponto principal.

Eu contemplava aquilo maravilhado quando a minha mulher parou abruptamente e soltou um grito abafado. Embati contra ela. Depois ficou muda por instantes enquanto eu insistia em perguntar-lhe o que se passava. Finalmente pegou-me na mão e, apontando, descreveu exatamente aquilo que eu estava a ver. Nesse momento fui eu que fiquei sem fala.

Finalmente recompus-me e disse algo como: “O que achas que aconteceu?”, mas a resposta dela perturbou-me ainda mais. Lembro-me perfeitamente: disse, “Como é que fomos parar à Paris de há quinhentos anos?”

Ficámos ali maravilhados com aquilo que ambos aparentemente víamos, distinguindo objetos individuais, apontando detalhes, interrogando-nos mutuamente acerca deles, e assim por diante. Curiosamente,

começámos a oscilar para trás e para diante e a sentir-nos muito fracos, pelo que chamei Fred, cuja camisa branca desaparecia já ao longe.

Não me lembro exatamente do que aconteceu a seguir, mas tentámos correr na direção dele e, sentindo tonturas, sentámo-nos no que tínhamos a certeza ser um alto e rude lancil de pedra. Fred regressou a correr perguntando o que se passava, mas ao princípio nem sabíamos o que dizer. Ele guardava os cigarros — restavam-nos cerca de meia dúzia — e sentou-se ao nosso lado, dando-nos um a cada um.

Quando a chama do isqueiro deixou de me ofuscar os olhos, também a Paris do século XV desaparecera, e diante de mim havia apenas os intermináveis arbustos espinhosos, os catos e a terra nua. A minha mulher também "regressou" quando fitou a chama. Fred não vira nada e ficou completamente perplexo com o nosso discurso desconexo, mas não se mostrou cético e insistiu em que nos sentássemos à espera do camião…

Quando finalmente regressaram a casa, ficaram surpreendidos ao descobrir que a criada lhes tinha preparado uma refeição quente e uma grande bacia de água quente, insistindo em lavar os pés da senhora Sanderson; o chefe da aldeia preparara banhos quentes para Sanderson e Fred Allsop. Não quiseram explicar como sabiam que regressariam ao amanhecer. Mas um dos jovens da aldeia disse mais tarde a Sanderson: "Vocês viram coisas, não foi? Não acreditam nisso, mas poderiam sempre ver coisas se quisessem."

Sanderson experimentara obviamente uma espécie de "deslizamento temporal" para o passado, e existem dezenas — talvez centenas — de exemplos semelhantes registados, sendo o mais famoso provavelmente o das duas inglesas Eleanor Jourdain e Charlotte Moberly que, em Agosto de 1901, ao passearem nos jardins de Versalhes, se encontraram de súbito na Versalhes de 1789, pouco antes da queda de Luís XVI. Dez anos depois, o livro em que relataram a experiência causou sensação porque era evidente que as duas senhoras — diretoras de um colégio de Oxford — possuíam reputação irrepreensível. O Professor C. E. M. Joad, comentando a "aventura", utilizou a expressão "a inegável estranheza do tempo". Mas não tentou explicar o mecanismo dos "deslizamentos temporais".

No meu livro *Mysteries* relato um exemplo igualmente notável, contado diretamente pela própria protagonista, a senhora Jane O'Neill, de

Cambridge. Em 1973, ela foi a primeira pessoa a chegar ao local de um grave acidente e ajudou passageiros feridos a sair de um autocarro destruído. Mais tarde começou a sofrer de insónias, e o médico explicou-lhe que isso se devia ao choque. Durante férias em Norfolk com uma amiga, começou a experimentar "visões" — imagens vívidas e repentinas que duravam apenas alguns segundos. Após uma delas disse à amiga: "Acabei de te ver nas galés", ao que a outra respondeu: "Isso não é estranho. Os meus antepassados eram huguenotes e foram condenados às galés."

Mas o episódio mais extraordinário ocorreu numa visita à igreja de Fotheringay. Jane permaneceu algum tempo diante de uma imagem da Crucificação atrás do altar. Mais tarde, ao comentar o quadro no hotel, a amiga perguntou: "Que quadro?" Um ano depois, ao regressarem à igreja, o interior parecia completamente diferente e não existia qualquer imagem atrás do altar. Ela escreveu a Joan Forman, especialista em "deslizamentos temporais", que a pôs em contato com um antiquário capaz de lhe dizer que aquilo que vira era a igreja tal como existira antes de ser demolida em 1553.

Tanto Sanderson como Jane O'Neill estavam convencidos de que aquilo que observavam era real, não uma alucinação, embora os Sanderson sentissem tonturas quando tentaram correr. Uma das "visões" de Jane O'Neill mostrava duas figuras caminhando junto de um lago, "e eu sabia, embora não saiba porquê, que uma delas era Margaret Roper", filha de Thomas More. Os Sanderson "sabiam" que estavam a olhar para a Paris do século XV. Parece portanto claro que a visão não era uma simples alucinação objetiva, como uma miragem no deserto, mas dependia em certa medida das próprias mentes.

Sanderson e a esposa presumivelmente partilharam-na devido a alguma ligação telepática do tipo que frequentemente se desenvolve entre casais. Mas isso não explica porque viram Paris no Haiti. (O Haiti era, evidentemente, território francês, mas apenas a partir do século XVIII.)

Em meados do século XIX, uma teoria dos "deslizamentos temporais" foi desenvolvida por dois professores americanos, Joseph Rodes Buchanan e William Denton. Através das experiências com os seus estudantes, Buchanan convenceu-se de que os seres humanos possuem uma faculdade para "ler" a história dos objetos; chamou-lhe "psicometria". Denton testou

os próprios alunos com todos os tipos de espécimes geológicos e verificou que os mais "sensíveis" viam "imagens mentais" estreitamente relacionadas com o objeto que seguravam (e que Denton embrulhava em papel castanho espesso para que não soubessem o que era).

Um pedaço de lava evocava visões de um vulcão em erupção; um fragmento de meteorito sugeria imagens do espaço exterior; um dente de dinossauro produzia visões de florestas primitivas. Denton estava convencido de que todos os seres humanos possuem essa faculdade, que descreveu como "um telescópio para o passado".

Mas, embora os "deslizamentos temporais" descritos por Sanderson e Jane O'Neill tenham obviamente muito em comum com as visões psicométricas, eram claramente muito mais do que simples imagens ou impressões mentais. Ainda assim, isso não significa que não fossem imagens mentais. Após a experiência do acidente, Jane O'Neill continuou a "ver" os ferimentos dos passageiros; tais visões são conhecidas como "imagens eidéticas".

O cientista Nikola Tesla possuía esta faculdade a tal ponto que conseguia construir um dínamo na mente e vê-lo efetivamente a funcionar. Depois de passar o dia inteiro a experimentar imagens do Sol, Isaac Newton verificou que conseguia produzir uma alucinação visual do Sol simplesmente imaginando-o. Tal como as estranhas capacidades dos prodígios do cálculo, isto parece ser uma faculdade que todos os seres humanos possuem, mas que a maioria nunca aprende a utilizar. Podemos supor que a experiência traumática de Jane O'Neill ativou essa faculdade adormecida e que ela continuou a funcionar de modo espasmódico nos meses seguintes.

Se a imagem da igreja do século XVI era uma espécie de "imagem eidética" flutuando diante dos seus olhos, não havia razão para que a reconhecesse como alucinação, a menos que tentasse tocar na pintura atrás do altar; a maioria de nós aceita a evidência dos sentidos sem questionar. O mesmo argumento provavelmente se aplica à experiência de Moberly e Jourdain em Versalhes. Viram homens e mulheres vestidos ao estilo de Luís XVI (e presumiram tratar-se de um ensaio para um drama histórico), mas naturalmente não tentaram tocar-lhes nem sequer dirigir-lhes a palavra. (Sendo inglesas, precisariam de apresentação!)

Outro “deslizamento temporal” recolhido por Joan Forman oferece uma pista adicional. A senhora Turrell-Clarke, de Wisley-cum-Pyrford, em Surrey, seguia de bicicleta pela estrada moderna em direção às vésperas quando a estrada se transformou subitamente num caminho de terra e ela teve a sensação de caminhar por ele. Vestia hábitos de freira e viu um homem com roupas camponesas do século XIII afastar-se para lhe dar passagem. Um mês depois, sentada na igreja da aldeia, viu de repente o edifício regressar ao estado original, com chão de terra batida, altar de pedra, janelas ogivais e monges de hábito castanho entoando o mesmo cantochão que naquele momento era cantado pelo coro da igreja “moderna”.

Nessa altura, a senhora Turrell-Clarke sentiu-se colocada no fundo da igreja, observando a cerimónia. Parece, portanto, evidente que o que aconteceu foi uma mudança de ponto de vista, encontrando-se ela a olhar através dos olhos de outra pessoa — os olhos de uma mulher que caminhava pela estrada e os olhos de alguém colocado no fundo da igreja. Quando Jane O’Neill viu a filha de Thomas More caminhando junto ao lago, perguntou-se se poderia existir alguma ligação “familiar”, dado que o seu apelido de solteira era Moore. Talvez até suspeitasse de que regressara de algum modo a uma vida anterior. Mais uma vez, parece claro que observava a cena através dos olhos de outra pessoa — o que explica como sabia estar a olhar para Margaret Roper. E, dado que os Sanderson sabiam estar perante a Paris do século XV, podemos supor que também eles olhavam através dos “olhos de outra pessoa”.

O falecido T. C. Lethbridge, antigo docente de Cambridge que dedicou os últimos anos da vida ao estudo do paranormal, chegou à interessante conclusão de que os “fantasmas” são na verdade uma espécie de “gravação magnética”: emoções poderosas poderiam “imprimir-se” num certo campo magnético, e essas “gravações” poderiam depois ser “captadas” por pessoas sensíveis — por exemplo, um bom radiestesista. O próprio Lethbridge experimentou uma estranha sensação de pressentimento e depressão num local onde o corpo de um suicida estava escondido dentro de uma árvore oca. Joan Forman também exprimiu a convicção de que os deslizamentos temporais “têm alguma ligação com o campo eletromagnético humano”. Ela própria encontrava-se no pátio de Haddon Hall, em Derbyshire, quando viu quatro crianças a brincar nos degraus e a rir às gargalhadas. Quando avançou um passo, o grupo desapareceu, mas

mais tarde reconheceu uma das raparigas num retrato ancestral pendurado nas paredes. Forman cita igualmente a experiência de uma professora de Norwich, Anne May, que estava encostada a um monólito em Clava Cairns, perto de Inverness, quando "viu" um grupo de homens de túnicas grosseiras e calças cruzadas arrastando um dos monólitos sobre a relva; quando um grupo de turistas entrou na clareira, as figuras desapareceram; aparentemente, a senhora May vislumbrara os construtores originais da Idade do Bronze que ergueram o círculo megalítico. Joan Forman acredita que o contato com o monólito foi o "factor desencadeador" da visão da senhora May e que, no seu próprio caso, o elemento decisivo foi o local exato onde se encontrava.

A maioria dos estudiosos do paranormal admitiria outra possibilidade: a ideia de que aquilo que está a ser "contactado" é a mente de alguém que viveu num passado distante. Em 1907, o arquiteto Frederick Bligh Bond foi nomeado pela Igreja de Inglaterra responsável pelas escavações da Abadia de Glastonbury. O que os seus superiores não sabiam era que Bond se interessava por espiritismo. Juntamente com um amigo chamado Bartlett, Bond tentou praticar "escrita automática", com o objetivo de descobrir onde iniciar as escavações no terreno da abadia. Quando perguntaram acerca de Glastonbury, o lápis — que ambos seguravam — escreveu: "Todo o conhecimento é eterno e está disponível à simpatia mental." Pouco depois, um comunicador que assinava "Gulielmus Monachus" — Guilherme, o Monge — começou a fornecer instruções extremamente detalhadas sobre onde escavar e, graças a isso, Bond desenterrou duas capelas, ambas exatamente com as dimensões indicadas por Guilherme, o Monge. Outro "comunicador", Johannes, fez a seguinte observação interessante:

Porque me prendo eu àquilo que já não existe? Sou eu, e não sou eu, mas antes parte de mim que habita o passado e permanece ligada àquilo que o meu eu carnal amou e chamou "lar" durante tantos anos. Contudo eu, Johannes, sou composto de muitas partes, e a melhor parte faz outras coisas… apenas aquela parte que recorda se agarra, como memória, ao que ainda vê.

A ruína de Bond começou quando publicou um livro descrevendo a forma como obtivera as informações que tornaram as escavações tão bem-sucedidas; a Igreja de Inglaterra despediu-o. Mas o livro, *Gate of*

Remembrance, permanece como uma espantosa prova de que uma mente do século XX pode aparentemente alcançar algum tipo de acesso direto ao passado. "Todo o conhecimento é eterno e está disponível à simpatia mental." E os comentários de Johannes parecem implicar que uma "parte de mim que habita o passado… se agarra, como memória, ao que ainda vê". Parece, portanto, remotamente possível que alguns "deslizamentos temporais" envolvam contato com uma mente "que habita o passado".

Muitos autores que descrevem deslizamentos temporais mencionam uma estranha sensação de "atravessar um limiar". Quando Miss Jourdain regressou sozinha a Versalhes alguns meses após a "aventura" com Miss Moberly, sentiu subitamente "como se tivesse atravessado uma linha e entrado num círculo de influência", vendo trabalhadores estranhamente vestidos com túnicas coloridas. Uma rapariga chamada Louisa Hand contou a Joan Forman que, quando era criança, entrou no chalé da avó e ficou perplexa ao encontrar um interior com mobiliário mais antigo. Pensando ter entrado na casa errada, saiu para confirmar e voltou a entrar; o quarto continuava diferente. Mas, quando entrou pela terceira vez, tudo regressara ao normal. Também mencionou a sensação de "atravessar um limiar" e o silêncio peculiar que a acompanhava.

Pareceria então que a teoria "psicométrica" de Buchanan e Denton poderia explicar o fenómeno dos deslizamentos temporais. Mas isso está longe de ser toda a verdade. Também é possível "deslizar" no sentido oposto — para o futuro. Joan Forman cita o caso de um professor de Holt, em Norfolk, que, envolvido num pequeno incidente de trânsito na cidade, reparou que uma lavandaria automática ainda em construção estava agora concluída e em funcionamento. Comentou o facto à esposa, que no dia seguinte se dirigiu ao local com um saco de roupa suja, apenas para descobrir que o estabelecimento continuava meio acabado. O professor vira a loja tal como estaria seis semanas mais tarde.

A maioria dos casos de "visões do futuro" citados em *The Mask of Time* envolve sonhos. Em 1927, o livro *An Experiment With Time,* de J. W. Dunne, com o seu estudo dos "sonhos precognitivos", causou sensação. Dunne descreveu diversas ocasiões em que sonhara acontecimentos que mais tarde leria nos jornais. T. C. Lethbridge teve experiências muito semelhantes; observava cuidadosamente os próprios sonhos e reparou quantas vezes sonhava com um acontecimento trivial do dia seguinte; por

exemplo, acordou certa vez a sonhar com o rosto de um homem desconhecido; o rosto parecia enquadrado por uma espécie de moldura, e o homem fazia movimentos com as mãos junto ao queixo, como se estivesse a ensaboar o rosto antes de fazer a barba. No dia seguinte, conduzindo por uma estrada rural, viu o rosto do homem do sonho; estava atrás do pára-brisas — a "moldura" — de um automóvel que vinha em sentido contrário, e as mãos moviam-se no volante, diretamente sob o queixo. Joan Forman cita muitos casos semelhantes. Todos parecem possuir a mesma qualidade "trivial", como se o vislumbre do futuro fosse uma espécie de acidente estranho. Um professor, deitado na cama com febre alta, teve uma estranha alucinação envolvendo ouriços-cacheiros a caminhar pelo chão do quarto e a construir um ninho elevado com paus e palha. Três meses depois estava a empacotar figuras de cerâmica feitas pela turma de olaria para as levar ao forno; organizou-as em camadas, como um ninho, com palha entre elas. Vários ouriços de cerâmica encontravam-se espalhados pelo chão aos seus pés. De repente reconheceu a alucinação. Instantes antes de iniciar o empacotamento, sentira uma "peculiar inevitabilidade mecânica".

Um cientista de Oxford, Michael Shallis, escreveu um livro sobre a natureza do tempo no qual menciona duas experiências pessoais de "pré-visão". Aos doze anos entrou em casa um dia e perguntou à mãe o que haveria para jantar. Enquanto o fazia, experimentou uma sensação de *déjà vu* e soube que a mãe responderia que haveria salada ao jantar — o que efetivamente aconteceu.

Este tipo de "pré-visão" é bastante comum. Joan Forman cita a carta de um homem que frequentemente sabia com absoluta certeza que um jogador de críquete seria eliminado antes de a bola abandonar a mão do lançador; comenta que isso irritava muitas vezes o batedor, que sentia que ele somehow provocara o resultado. Uma explicação possível seria algum tipo de "computador inconsciente" avaliando rapidamente toda a situação — a posição do batedor, a habilidade do lançador — e "vendo" que a perda do wicket era inevitável. Mas outra experiência relatada por Shallis sugere que o problema é mais complexo.

Há alguns anos estava a ensinar física a um aluno numa sala de aulas no andar superior. Chegara ao ponto da aula em que discutíamos meias-vidas radioactivas quando fui novamente inundado pela sensação de *déjà vu*. Sabia que iria sugerir a necessidade de lhe mostrar alguns exemplos

num determinado livro do meu gabinete e depois ir buscá-lo. Resistia a dizê-lo, mas a sensação de que tudo aquilo já acontecera era muito forte. Estava determinado a quebrar o padrão do acontecimento.

Voltei-me para o estudante e perguntei-lhe se já tínhamos estudado aquela matéria antes, acreditando que talvez estivesse a partilhar a experiência. Ele pareceu confuso e respondeu que não. Lutei para evitar continuar a experiência. Resolvi não ir buscar o livro. Depois de tomar essa decisão, voltei-me novamente para o estudante e disse: "Acho melhor mostrar-lhe alguns exemplos disto. Vou só descer ao meu gabinete buscar um livro." O facto de estar consciente da experiência não a fez desaparecer, mesmo quando tentei não repetir o seu padrão pré-estabelecido.

Existe uma implicação inquietante nas palavras "repetir o seu padrão pré-estabelecido". Será possível que façamos aquilo que "temos" de fazer, quer o desejemos ou não, e que a nossa sensação de livre-arbítrio seja uma ilusão? Shallis prossegue:

Existe um elemento de precognição na experiência, porque a situação é tão "familiar" que sabemos o que acontecerá a seguir. Contudo, é diferente da precognição, porque é familiar; estamos, num certo sentido, a reviver parte da nossa vida, não a prever ou sentir um acontecimento remoto.

A explicação de J. W. Dunne para tais experiências envolve aquilo a que chamou "tempo serial". Basicamente, sugere que existem vários "tempos". Quando dizemos "o tempo flui", isso significa que o estamos a medir em relação a alguma coisa. Essa coisa teria de ser outro tipo de tempo, "tempo número dois". E este, por sua vez, poderia ser medido em relação ao "tempo número três". Também possuímos vários "eus". O eu número um está preso ao tempo número um; mas possuímos outro eu, que não é o corpo físico, capaz de elevar-se acima do eu número um e prever o futuro.

No livro *Man and Time*, J. B. Priestley conta uma história que parece ilustrar a diferença entre esses dois eus. Uma jovem mãe sonhou que, durante umas férias de campismo, deixava o filho pequeno junto ao rio enquanto ia buscar sabão e que, ao regressar, encontrava-o afogado. Algum tempo depois, durante férias semelhantes, preparava-se para ir buscar o

sabão quando reconheceu subitamente a cena do sonho; pegou então no bebé ao colo antes de se dirigir à tenda…

A implicação aqui é importante. Possuímos efetivamente algum grau de livre-arbítrio, mas é difícil exercê-lo no mundo material do "tempo número um". É como nadar contra a corrente. O problema humano não consiste em permanecer preso ao "tempo número um", o mundo material com a sua futilidade repetitiva, mas em aprender a passar o máximo de tempo possível no mundo mental, o mundo do "tempo número dois".

Priestley argumenta que Dunne torna as coisas desnecessariamente complicadas ao defender um número infinito de eus; segundo Priestley existem apenas três. O eu número um limita-se a viver; poderia dizer, por exemplo: "Sinto-me deprimido." O eu número dois diz: "Sei que o eu número um está deprimido." O eu número três diz: "Sei que o eu número dois sabe que o eu número um está deprimido. Mas o eu número um é um idiota indulgente." O eu número um experiencia; o eu número dois toma consciência da experiência; o eu número três julga a experiência.

Priestley dá um exemplo: num acidente de avião, o eu número um foi projetado do assento; o eu número dois soube que estava prestes a ocorrer um acidente. O eu número três pensou: "Agora vou descobrir como é ser frito vivo." "Na verdade, não se importa; é como se acompanhasse os outros dois apenas pelo passeio."

Esta é talvez uma das observações mais interessantes e importantes surgidas destas especulações sobre a natureza do tempo: a experiência do que parece ser um "eu superior". No importante livro *A Drug-Taker's Notes*, R. H. Ward descreve a sua experiência sob efeito de gás anestésico dentário:

…depois das primeiras inalações do gás, passei diretamente para um estado de consciência já muito mais completo do que o grau mais elevado da consciência desperta comum e, a seguir, continuei progressivamente para cima… em graus cada vez mais refinados de consciência ampliada. Mas, embora seja necessário escrever isto em termos de tempo, o tempo não tinha qualquer lugar na experiência. Num sentido, durou muito mais do que o curto intervalo entre a inalação do gás e o "regresso" à consciência — durou de facto uma eternidade — e, noutro sentido, não levou tempo nenhum.

A observação de Ward enfatiza que a natureza do tempo é essencialmente mental. Poder-se-ia quase dizer que a sensação de tempo é produzida pela tensão entre o mundo físico e o "eu superior", e que, quando essa tensão desaparece, surge uma sensação de intemporalidade. A tensão desaparece como resultado de um recolhimento interior, como se nos movêssemos para outro nível de realidade dentro de nós, um mundo interior com realidade própria. Ward conta que, quando mais tarde tentou recordar a essência da experiência, deu consigo a repetir: "Dentro e dentro e dentro…" como uma dízima infinita.

Cita também a experiência de um amigo a quem chama A, que regressava da estação quando sentiu uma ligeira indigestão. O pensamento ocorreu-lhe:

Pertence apenas ao meu corpo e é real apenas para o não-eu físico. Não há necessidade de o eu senti-la… No exato momento em que pensei isto, a dor desapareceu; isto é, ficou para trás de alguma forma… começou então a sensação de "elevação interior"… Primeiro existe uma indescritível sensação na coluna, como se algo estivesse a subir, sensação que é em parte prazer e em parte reverência… Isto é acompanhado por uma extraordinária sensação de leveza corporal, bem-estar e ausência de esforço… Tudo se tornava "mais", tudo subia para outro nível.

Aqui parece que o "eu número três" de A decidira intervir ativamente, produzindo a sensação de abandonar a dor para trás.

Se existe alguma conclusão geral a retirar destas experiências da "inegável estranheza do tempo", talvez seja esta: estamos de algum modo enganados na nossa natural e perfeitamente compreensível suposição de que o mundo físico é a realidade fundamental e talvez a única realidade. As experiências de deslizamentos temporais e precognição sugerem que, quando a mente consegue mudar de "engrenagem", escapa à habitual escravidão ao tempo e atinge um estado de serena separação "acima" do tempo.

O aspeto desconcertante desta ideia é a implicação de que o tempo é, de algum modo, irreal — ou pelo menos, menos real do que supomos. O senso comum e a ciência concordam em afirmar que o futuro não pode ser previsto com precisão porque ainda não aconteceu. Cada "causa" no mundo do presente pode produzir inúmeros efeitos diferentes. Quando um gás é

aquecido, as moléculas começam a mover-se mais rapidamente e ocorre um número crescente de colisões. Cada colisão altera a trajetória das moléculas e conduz a uma nova série de colisões. Seria portanto praticamente impossível determinar quais as moléculas que colidirão entre si dentro de dez minutos; tudo depende do acaso.

Da mesma forma, os cerca de cinco mil milhões de pessoas existentes atualmente no mundo interagem de modos imprevisíveis e determinarão aquilo que acontecerá daqui a uma semana. No caso das moléculas de gás, um computador suficientemente complexo poderia teoricamente prever o que acontecerá uma semana mais tarde; mas nenhum computador poderia fazer previsões semelhantes relativamente aos seres humanos.

As experiências de deslizamentos temporais e precognição contradizem esta afirmação. Implicam claramente que, em certo sentido, o futuro já está parcialmente determinado, como se tivesse acontecido antecipadamente. E isto é precisamente aquilo que o materialista afirmaria. O livre-arbítrio seria uma ilusão; os seres humanos obedeceriam a leis mecânicas. Contudo, aparentemente isso não pode ser inteiramente verdade, ou a mãe mencionada por Priestley não teria conseguido impedir o afogamento do filho.

Na verdade, a própria existência da precognição significa que o futuro não pode estar completamente determinado, pois conhecer o futuro antecipadamente é poder alterá-lo até certo ponto. Embora Michael Shallis tenha obedecido ao impulso de ir buscar o livro, fez ainda assim um esforço para não o fazer — revelando assim que não estava totalmente "determinado". (E presumivelmente teria conseguido vencer o impulso se sentisse isso com intensidade suficiente — por exemplo, se o seu *déjà vu* o tivesse avisado de que sofreria um grave acidente a caminho do gabinete.)

É uma ideia perturbadora: a de que a vida esteja, de algum modo, "escrita" à partida. Mas o que parece mais importante é reconhecer que, com o tipo certo de esforço, conseguimos afastar-nos do "guião". Priestley discorda da opinião do Professor Gilbert Ryle, exposta em *The Concept of Mind*, segundo a qual o homem é apenas um corpo vivo e não um corpo controlado por um eu ou alma. Ryle chamou a esta ideia "o fantasma na máquina".

As experiências de "tempo em desordem" parecem apoiar Priestley e contradizer Ryle: parecem confirmar a ideia de que possuímos pelo menos três "eus" distintos do corpo físico e que o terceiro desses eus corresponde aproximadamente ao que Immanuel Kant (e Husserl) entendiam por "ego transcendental", ou "o eu que preside à consciência".

A Grande Explosão de Tunguska

Em 30 de Junho de 1908, os habitantes de Nizhne-Karelinsk, uma pequena aldeia da Sibéria central, viram um rasto de fogo branco-azulado cortar verticalmente o céu na direção noroeste. Aquilo que começara como um ponto brilhante alongou-se durante cerca de dez minutos até parecer dividir o céu em dois. Quando atingiu o solo, fragmentou-se numa monstruosa nuvem de fumo negro. Segundos depois ouviu-se uma tremenda detonação rugidora que fez tremer os edifícios.

Convencidos de que chegara o Dia do Juízo Final, muitos aldeões caíram de joelhos. A reação não era inteiramente absurda; tinham efetivamente testemunhado a maior catástrofe natural registada na história da Terra. Se o objeto que causou aquilo que hoje é conhecido como "a Grande Explosão Siberiana" tivesse chegado algumas horas antes ou depois, poderia ter atingido regiões muito mais povoadas e provocado milhões de mortes.

Como se verificou posteriormente, a aldeia de Nizhne-Karelinsk situava-se a mais de 200 milhas do "ponto de impacto" e, ainda assim, a explosão foi suficientemente forte para fazer cair detritos dos telhados. Um expresso transiberiano parou porque o maquinista estava convencido de que o comboio descarrilara; e os sismógrafos da cidade de Irkutsk registaram um abalo de proporções sísmicas. Tanto o comboio como a cidade ficavam a mais de 800 milhas da explosão.

Seja o que fosse que atingiu a região de Tunguska, na floresta siberiana, explodiu com uma força nunca antes imaginada. A sua onda de choque deu duas voltas ao globo antes de desaparecer, e o seu efeito geral sobre o clima do hemisfério norte foi de grande alcance. Durante o resto de Junho tornou-se perfeitamente possível ler as letras pequenas do *London Times* à meia-noite. Foram tiradas fotografias de Estocolmo à uma da manhã usando apenas luz natural, e uma fotografia da cidade russa de Navrochat tirada à meia-noite parece mostrar uma brilhante tarde de Verão.

Durante alguns meses o mundo foi brindado com amanheceres e entardeceres espetaculares, tão impressionantes como os observados após a grande erupção do Krakatoa em 1883. A partir disto, bem como dos vários relatos de formações invulgares de nuvens nos meses seguintes, é razoável concluir que o acontecimento lançou enormes quantidades de poeira na atmosfera, tal como sucede em violentas erupções vulcânicas e, notavelmente, em explosões atómicas.

Talvez o aspeto mais estranho da Grande Explosão Siberiana tenha sido o facto de quase ninguém lhe prestar atenção. Relatos sobre o objeto em queda foram publicados em jornais siberianos, mas não se espalharam para além disso. Os meteorologistas especularam acerca do clima estranho, mas ninguém chegou perto de adivinhar a verdadeira causa.

Só depois da Primeira Guerra Mundial e da Revolução Russa ter derrubado o regime czarista é que os extraordinários acontecimentos daquele dia de Junho chegaram finalmente ao conhecimento do grande público. Em 1921, como parte do plano geral de Lenine para colocar a URSS na vanguarda da ciência mundial, a Academia Soviética de Ciências encarregou Leonid Kulik de investigar quedas de meteoritos em território soviético. Foi Kulik quem tropeçou nos breves relatos publicados dez anos antes em jornais siberianos e começou a suspeitar de que algo extraordinário acontecera na Sibéria central no Verão de 1908.

Leonid achou os relatos confusos e contraditórios. Nenhum parecia concordar sobre o local exato da explosão do objeto. Alguns afirmavam até que o "meteorito" fora posteriormente encontrado. Mas, quando os seus investigadores começaram a recolher testemunhos oculares do acontecimento, Kulik convenceu-se de que aquilo que explodira na floresta de Tunguska certamente não era um meteorito normal.

Os relatos descreviam como o solo se abrira para libertar uma gigantesca coluna de fogo e fumo que brilhava mais intensamente do que o Sol. Cabanas distantes foram derrubadas e manadas de renas dispersaram-se em pânico. Um homem que lavrava um campo aberto sentiu a camisa arder-lhe nas costas, e outras pessoas descreveram graves queimaduras solares num lado do rosto mas não no outro. Muitos afirmaram ter ficado temporariamente surdos devido ao estrondo, ou ter sofrido efeitos prolongados do choque. Contudo, de forma quase inacreditável, nem uma única pessoa morreu ou ficou gravemente ferida. Aquilo que produziu a

explosão caiu num dos poucos lugares da Terra onde o seu efeito catastrófico foi minimizado. Algumas horas antes ou depois, e poderia ter obliterado São Petersburgo, Londres ou Nova Iorque. Mesmo que tivesse caído no mar, maremotos poderiam ter destruído regiões costeiras inteiras. Naquele dia, a raça humana escapou à maior catástrofe da sua história — sem sequer se aperceber disso.

Por fim, Kulik descobriu que um meteorologista local fizera uma estimativa do ponto de impacto e, em 1927, recebeu da Academia de Ciências o apoio necessário para encontrar o local onde o "grande meteorito" caíra.

A grande floresta siberiana é um dos lugares menos acessíveis da Terra. Ainda hoje permanece em grande parte inexplorada e existem zonas inteiras apenas observadas do ar. As poucas povoações encontram-se nas margens dos seus enormes rios, alguns com quilómetros de largura. Os Invernos são ferozmente frios e, no Verão, o solo transforma-se em pântano enquanto o ar se enche do zumbido dos mosquitos. Kulik enfrentava uma tarefa quase impossível: viajar a cavalo e em jangadas sem saber exatamente onde procurar nem o que procurar.

Em Março de 1927 partiu acompanhado por dois guias locais que tinham testemunhado o acontecimento e, após muitos contratempos, chegou às margens do rio Mekirta em Abril. O Mekirta é o rio mais próximo do ponto de impacto e, em 1927, marcava a fronteira entre floresta intacta e devastação quase total.

Nesse primeiro dia, Kulik subiu a uma pequena colina e contemplou a destruição provocada pela explosão de Tunguska. Até onde a vista alcançava para norte — talvez uma dúzia de milhas — não existia uma única árvore adulta de pé. Todas tinham sido abatidas pela explosão e jaziam como um regimento massacrado, apontando todas na sua direção. Contudo, era evidente que aquilo que observava representava apenas uma fração da devastação, pois todas as árvores estavam orientadas na mesma direção até ao horizonte. A explosão devia ter sido muito mais poderosa do que os relatos mais extravagantes sugeriam.

Kulik quis explorar a zona devastada; os dois guias ficaram aterrorizados e recusaram continuar. Foi assim forçado a regressar com eles, e só em Junho conseguiu voltar com dois novos companheiros.

A expedição seguiu a linha de árvores partidas durante vários dias até chegar a um anfiteatro natural entre as colinas, onde montaram acampamento. Passaram os dias seguintes a inspecionar a área circundante, e Kulik concluiu que "o caldeirão", como lhe chamou, era o centro da explosão. Em redor, as árvores derrubadas apontavam para longe dele e, ainda assim, de forma incrível, algumas árvores permaneciam de pé, embora despidas e carbonizadas, exatamente no centro da explosão.

A verdadeira dimensão da devastação tornava-se agora evidente; desde o rio até ao ponto central havia uma distância de trinta e sete milhas. A explosão achatara portanto mais de quatro mil milhas quadradas de floresta.

Continuando a trabalhar na suposição de que a explosão fora causada por um grande meteorito, Kulik começou a procurar os seus restos. Julgou ter encontrado aquilo que procurava ao descobrir várias crateras cheias de água — naturalmente assumiu que tinham sido abertas por fragmentos do meteorito em explosão. Contudo, quando os buracos foram drenados verificou-se que estavam vazios. Um deles tinha mesmo um cepo de árvore no fundo, provando que não fora criado por uma explosão.

Kulik realizaria quatro expedições à região da explosão e, até à morte, manteve-se convencido de que fora causada por um meteorito excecionalmente grande. Contudo, nunca encontrou fragmentos de ferro ou rocha que lhe fornecessem as provas necessárias. Na realidade, nunca conseguiu provar sequer que algo tivesse atingido o solo. Existiam evidências de duas ondas de choque — a explosão inicial e a onda balística — e até de um breve incêndio instantâneo; mas não havia cratera.

As novas provas apenas aprofundaram o enigma. Um levantamento aéreo em 1938 mostrou que apenas 770 milhas quadradas de floresta tinham sido destruídas e que, precisamente no ponto onde deveria existir a cratera, as árvores originais continuavam de pé. Isso sugeria as irregularidades típicas de uma bomba em explosão, e não o impacto de um gigantesco meteorito — como aquele que criou a cratera de Winslow, no Arizona, com 600 pés de profundidade.

Até a forma como o objeto caiu na Terra foi motivo de disputa. Mais de setecentas testemunhas afirmaram que ele mudara de direção durante a queda, dizendo que inicialmente seguia em direção ao lago Baikal antes de

desviar-se. Nunca se soube de corpos celestes em queda capazes de tal manobra, nem existe explicação física plausível para o fenómeno.

Outro enigma curioso dizia respeito ao efeito da explosão sobre as árvores e os insetos da região afetada. As árvores que sobreviveram tinham parado de crescer ou desenvolviam-se a ritmo extraordinariamente acelerado. Estudos posteriores revelaram novas espécies de formigas e outros insetos peculiares da região da explosão de Tunguska.

Só alguns anos após a morte de Kulik num campo de prisioneiros alemão é que os cientistas começaram a reconhecer semelhanças entre o acontecimento de Tunguska e outra explosão ainda mais catastrófica: a destruição de Hiroshima e Nagasaki por dispositivos termonucleares.

O nosso conhecimento da bomba atómica permite esclarecer muitos dos mistérios que intrigavam Kulik. A razão da ausência de cratera era o facto de a explosão ter ocorrido acima do solo, como numa bomba atómica. As árvores de pé no centro da explosão confirmavam isso; tanto em Nagasaki como em Hiroshima, os edifícios diretamente sob o ponto da explosão permaneceram de pé, porque a onda de choque se espalhou lateralmente. As mutações genéticas na flora e fauna em torno das cidades japonesas são semelhantes às observadas na Sibéria, enquanto as bolhas encontradas em cães e renas da região de Tunguska podem agora ser reconhecidas como queimaduras de radiação.

As explosões atómicas provocam perturbações no campo magnético terrestre e, ainda hoje, a região em torno da explosão de Tunguska é descrita como “caos magnético”. Parece evidente que um “furacão eletromagnético” de força incrível rompeu o campo magnético da Terra naquela área.

Os relatos das testemunhas acerca da nuvem produzida pela explosão apoiam igualmente a ideia de algum tipo de dispositivo atómico; apresentava a típica forma de “cogumelo” nuclear. Infelizmente, falta a única prova conclusiva para a teoria da “bomba atómica”: quando os níveis de radiação foram finalmente medidos, mais de cinquenta anos depois, já eram normais.

Investigadores posteriores descobriram também que Kulik se enganara na teoria sobre os buracos cheios de água; não eram crateras causadas por fragmentos de meteorito, mas sim resultado do gelo invernal que subia à

superfície devido à expansão e depois derretia no Verão. O enorme esforço de Kulik para drenar os buracos fora um desperdício de tempo.

Infelizmente, nenhuma das novas provas recolhidas por expedições russas — e mesmo americanas — lançou luz sobre a causa da explosão. Os entusiastas dos OVNI defendem a teoria de que o objeto era uma nave espacial alienígena movida por motores atómicos, que perdeu o controlo ao entrar na atmosfera terrestre. Chegou até a ser sugerido que a nave poderia dirigir-se ao lago Baikal por necessitar de água doce para arrefecer os reatores nucleares; antes de alcançar o destino, os reatores teriam sobreaquecido e explodido.

O meio científico tende naturalmente a descartar esta teoria como pura fantasia. Mas algumas das suas próprias hipóteses parecem igualmente fantásticas. A. A. Jackson e M. P. Ryan, da Universidade do Texas, sugeriram que a explosão foi causada por um mini buraco negro — uma espécie de redemoinho espacial provocado pelo colapso total das partículas dentro do átomo. Calcularam que o seu buraco negro teria atravessado a Terra e saído do outro lado, e os russos ficaram suficientemente impressionados para pesquisar jornais locais da Islândia e Terra Nova referentes a Junho de 1980; contudo, não existia sinal da catástrofe semelhante a Tunguska que deveria ter ocorrido se Jackson e Ryan estivessem corretos.

Outros cientistas americanos sugeriram que a explosão foi causada por antimatéria, um tipo hipotético de matéria cujas partículas possuem carga elétrica oposta à da matéria normal. Em contato com matéria comum, a antimatéria explodiria e desapareceria simplesmente. Apenas a radiação atómica permaneceria. Mas existem ainda menos provas para esta teoria do que para a hipótese do buraco negro.

Ligeiramente mais plausível — embora ainda altamente improvável — é a teoria do cientista inglês Fred Whipple segundo a qual a Terra foi atingida por um cometa. Os astrónomos continuam sem saber ao certo de onde vêm os cometas ou como se formam. As duas principais objeções a esta teoria são que seria improvável um cometa produzir uma explosão "nuclear" e que teria sido observado muito antes de atingir a Terra. Os defensores da hipótese cometária salientam que um cometa vindo da direção do Sol poderia ser difícil de detetar e que a explosão de um cometa poderia produzir um efeito semelhante ao das erupções solares, capazes de

gerar radioatividade. Mas nenhum dos 120 observatórios interrogados pelos russos registou qualquer cometa na trajetória do objeto de Tunguska.

Mais recentemente, apontou-se que o acontecimento ocorreu a 30 de Junho e que, nessa mesma data todos os anos, a órbita terrestre cruza uma corrente meteórica chamada Beta Taurids, produzindo uma "chuva de meteoros". Se um desses meteoros fosse excecionalmente grande, poderia ter sobrevivido à passagem pela atmosfera terrestre e, à medida que o exterior superaquecido reagisse com o interior gelado, fragmentar-se-ia como vidro incandescente mergulhado em água gelada. Se esta teoria estiver correta, então parece que Kulik tinha razão afinal. Mas isso apenas nos recorda que Kulik nunca encontrou o menor fragmento de prova para a sua teoria. Oito décadas após o acontecimento, parece cada vez menos provável que o mistério da explosão de Tunguska venha algum dia a ser resolvido.

Posfácio a "A Grande Explosão de Tunguska"

Desde que este artigo foi escrito, novas investigações sugeriram que o "objeto de Tunguska" era quase certamente um pequeno cometa ou meteorito e não, como alguns sugeriram, uma nave espacial em explosão ou mesmo um mini buraco negro. Um cometa parece menos provável do que um meteorito, já que os cometas se deslocam relativamente devagar e teriam seguramente sido vistos a aproximar-se da Terra. O Professor Alexei Zolotov (líder da expedição de 1959 a Tunguska) calculou que, fosse o que fosse o objeto, teria cerca de 130 pés de diâmetro e explodiu a cerca de três milhas acima do solo com uma força de 40 megatoneladas — 2000 vezes superior à bomba atómica de Hiroshima.

Objetos Voadores Não Identificados

Os "Discos Voadores" foram sem dúvida o grande mistério da era posterior à Segunda Guerra Mundial, e as teorias para os explicar variaram entre a crença de que seriam seres superiores vindos de outro planeta (ou outra dimensão) e a sugestão de que constituiriam algum tipo de fenómeno sobrenatural associado a fantasmas. Entre intelectuais, a teoria mais popular foi a de Jung, que sugeriu que os OVNI (objetos voadores não identificados) seriam "projeções" da mente inconsciente, uma forma científica e educada de dizer que não possuem mais realidade objetiva do que os elefantes cor-de-rosa de um alcoólico delirante. Contudo, muitos

destes seguidores de Jung preferem ignorar — ou desconhecem — a posterior retração do próprio Jung; pouco antes da morte, confessou à sobrinha que passara a aceitar que os OVNI eram objetos reais.

A história dos avistamentos modernos começou em 24 de Junho de 1947, quando um empresário chamado Kenneth Arnold pilotava o seu avião privado perto do Monte Rainier, no Estado de Washington; contra o pano de fundo da montanha, viu nove discos brilhantes movendo-se a grande velocidade — calculou cerca de mil milhas por hora, muito além da velocidade alcançável por qualquer aeronave da época. Arnold disse que voavam em formação, como gansos, serpenteando entre os picos das montanhas; mais tarde comparou o movimento a "um pires lançado sobre a água". Assim nasceram os "discos voadores".

A história de Arnold foi amplamente divulgada na imprensa americana, pois possuía boa reputação e era levado a sério — encontrava-se à procura dos destroços de um avião desaparecido quando ocorreu o avistamento e obviamente não tinha motivo para inventar tal história. Quatro dias depois, dois pilotos e dois oficiais dos serviços secretos viram uma luz brilhante realizando "manobras impossíveis" sobre a Base Aérea de Maxwell, em Montgomery, Alabama, e, no Nevada, outro piloto observou uma formação de "objetos voadores não identificados".

À medida que estes e outros relatos se multiplicavam, a imprensa começou a dar destaque às histórias de discos voadores e, no final desse ano, já existiam centenas de avistamentos — número que rapidamente cresceu para milhares.

Em Janeiro do ano seguinte, 1948, um "objeto não identificado" foi observado no céu sobre a Base Aérea de Godman, no Kentucky. Três caças F-51 Mustang interromperam um exercício de treino para investigar, e um deles, pilotado pelo Capitão Thomas Mantell, depressa ultrapassou os outros dois. A torre de controlo recebeu uma comunicação: "Vejo algo acima e à minha frente — continuo a subir." "O que é?" "Parece metálico e é tremendamente grande." Depois anunciou: "Está acima de mim e estou a aproximar-me. Vou subir aos vinte mil pés." Foram as últimas palavras de Mantell. Mais tarde, nesse mesmo dia, os destroços do seu avião foram encontrados a noventa milhas da base.

A história causou sensação — "aviador destruído por disco voador". A Força Aérea anunciou que Mantell confundira o planeta Vénus com um disco voador — explicação que parecia, no mínimo, improvável. Afinal, a própria Força Aérea já demonstrara semelhante confiança dez dias após o avistamento original de Arnold, ao declarar que Arnold "estava a alucinar".

Era óbvio que a publicidade nos jornais estava a causar um certo grau de histeria, e que muitas pessoas pensavam ter visto discos voadores quando, na realidade, apenas tinham visto balões meteorológicos ou luzes traseiras de aviões. Mas seria concebível que milhares de pessoas — na verdade, milhões — pudessem estar todas enganadas? Pois, em 1966, uma sondagem Gallup revelou que cinco milhões de americanos tinham visto discos voadores. E alguns destes avistamentos ocorreram a curta distância. Poucos dias após o avistamento original de Arnold, o SS *Llandovery Castle* partiu de Mombaça rumo à Cidade do Cabo.

Cerca das onze da noite, uma senhora A.M. King, de Nairobi, encontrava-se no convés com outra mulher quando viram o que parecia ser uma estrela brilhante a aproximar-se do navio. Então, um holofote acendeu-se, iluminando o mar a cerca de cinquenta jardas do navio. Viram um objeto feito de aço e "com a forma de um charuto cortado na extremidade traseira". Era cerca de quatro vezes maior do que o navio e deslocava-se na mesma direção; pouco depois desapareceu a grande velocidade, com chamas a saírem da extremidade "achatada".

Contudo, apesar do número crescente de relatos deste tipo e de milhares de "avistamentos celestes", a Força Aérea continuava a insistir que os avistamentos de OVNIs eram fraudes, enganos ou mentiras descaradas. Uma investigação oficial, conhecida como "Project Sign", começou em Setembro de 1947, vindo mais tarde a chamar-se "Project Blue Book". Um dos seus conselheiros era o astrónomo J. Allen Hynek, que começou como cético, mas que cedo ficou convencido, pela evidente sinceridade das testemunhas, de que os OVNIs eram uma realidade.

Mas a Força Aérea permaneceu obstinadamente cética. Em meados da década de 1960, a crença de que estava envolvida num encobrimento tornou-se tão persistente que, em 1965, a própria Força Aérea ordenou a criação de um novo painel científico; Edward U. Condon, um físico bem conhecido, foi nomeado chefe desse painel, patrocinado pela Universidade do Colorado. Mas, quando o painel publicou o seu relatório em 1969,

tornou-se evidente que os cientistas da Universidade do Colorado tinham chegado à mesma conclusão dos investigadores da Força Aérea — um título de jornal resumiu as conclusões do relatório de 965 páginas da seguinte forma: "Discos Voadores Não Existem — Oficial".

Um problema fundamental era que muitos dos avistamentos eram demasiado absurdos para serem levados a sério; todo o campo de investigação se tornara um terreno fértil para excêntricos. Num livro intitulado *Flying Saucers Have Landed*, um polaco-americano chamado George Adamski afirmava que, em 1952, ele e vários outros entusiastas de discos voadores tinham conduzido pelo deserto da Califórnia — seguindo uma rota determinada pelos "pressentimentos" de Adamski — e visto um enorme objeto em forma de charuto no céu. Com uma máquina fotográfica, Adamski afastou-se sozinho e viu um disco voador aterrar a cerca de meia milha de distância.

Correu para o local e encontrou um disco voador e um pequeno homem de cabelo loiro até aos ombros, que se identificou por linguagem gestual como habitante do planeta Vénus. Depois, partiu na sua nave espacial. Os seus amigos testemunharam o encontro à distância e, mais tarde, assinaram declarações autenticadas nesse sentido. Num segundo livro, *Inside the Space Ships*, Adamski contou como fora levado para um passeio num disco voador — chamado "nave de reconhecimento" — acompanhado pelo seu conhecido venusiano, além de um homem de Marte e um homem de Saturno. Nessa ocasião, voaram para o espaço e embarcaram na nave-mãe. Noutra ocasião, Adamski foi levado à Lua, onde viu vegetação abundante, incluindo árvores e animais peludos de quatro patas. Também lhe mostraram imagens ao vivo de Vénus num ecrã de televisão, e viu que o planeta tinha cidades, montanhas, rios e lagos. Adamski morreu em 1965, quatro anos antes das alunagens, mas três anos depois de uma sonda espacial — a *Mariner II* — ter passado por Vénus e revelado que este possui uma atmosfera de gás sulfúrico e uma superfície demasiado quente para sustentar vida. Mas contratempos tão insignificantes não perturbavam Adamski — ele conseguia sempre afirmar que uma simples sonda espacial era menos fiável do que verdadeiros venusianos — e passou os últimos anos da sua vida a dar palestras a audiências de entusiastas de OVNIs em todo o mundo.

O amigo de Adamski, Dr. George Hunt Williamson, que tinha sido uma das testemunhas do "contato" original de Adamski, alcançou celebridade semelhante. Num livro chamado *The Saucers Speak*, contou como fizera originalmente contato com os habitantes dos discos voadores através da escrita automática e como, mais tarde, um operador de rádio (a quem chama Sr. R.) conseguira estabelecer contato direto. Os "homens do espaço" eram do planeta Marte, que chamavam Masar, e explicaram que a Terra estava em grave perigo de se destruir a si própria. "Forças do bem e do mal estão agora em atividade.

A organização é importante para a salvação do vosso mundo." Estas inteligências espaciais observavam a Terra há setenta e cinco mil anos e estavam agora preparadas para salvar o mundo revelando todo o tipo de segredos espantosos acerca da Vida, de Deus e do lugar do Criador no Esquema Divino. Num livro chamado *Secret Places of the Lion*, Williamson revelou alguns desses segredos — afirmava tê-los encontrado numa grande biblioteca numa cidade perdida no alto das montanhas do Peru, onde um Mestre professor, sobrevivente dos Anciãos, ainda vive e trabalha. (Este Mestre tem milhares de anos — viveu na Terra nos tempos em que gigantes ainda vagueavam pelo planeta.) Esta biblioteca (o autor agradece a um dos monges pela tradução dos seus registos antigos) revela que os Povos das Estrelas vieram à Terra há dezoito milhões de anos (muito antes do aparecimento do homem) e, desde então, têm ajudado a humanidade a evoluir. Os seus registos encontram-se em túmulos e câmaras secretas, e uma das suas naves espaciais está atualmente escondida na base da Grande Pirâmide, construída há 24 000 anos (e não há apenas 4 500, como acreditam os egiptólogos).

Estes Povos das Estrelas reencarnavam continuamente como os grandes líderes e profetas da humanidade, pelo que Tiyi, esposa do faraó Amenófis III, mais tarde se tornou a Rainha de Sabá, Nefertiti, a Rainha Guinevere (esposa do Rei Artur) e Joana d'Arc, enquanto o príncipe herdeiro egípcio Seti se tornou Isaías, Aristóteles, o apóstolo João e Leonardo da Vinci. *The Secret Places of the Lion* é uma história da Terra segundo os registos antigos e, reconheça-se, oferece excelente entretenimento histórico. Mas o leitor pode ser perdoado por pensar que Williamson decidiu que, se Adamski conseguia escapar impune, então ele também conseguiria…

Em 1960 apareceu em França um livro extraordinário chamado *Morning of the Magicians*, de Louis Pauwels e Jacques Bergier; tornou-se imediatamente um best-seller e foi traduzido para muitas línguas. Discutia vários "mistérios" — alquimia, astrologia, magia negra, artefactos antigos misteriosos e a Grande Pirâmide — mas o seu principal argumento era que muito "conhecimento perdido" fora trazido ao nosso planeta por visitantes do espaço exterior. Discute, por exemplo, os chamados mapas de Piri Reis, datados do século XVI, que mostram a Antárctida (embora esta só tenha sido descoberta três séculos mais tarde), e mostram também uma ponte terrestre entre a Sibéria e o Alasca — ponte essa que desapareceu há milhares de anos, dando lugar ao estreito de Bering — e argumenta que tais mapas provam que a Terra deve ter sido observada a partir do ar há mais de dois mil anos. O livro está também repleto de imprecisões — por exemplo, descreve Piri Reis (que foi um pirata turco decapitado em 1554) como um oficial da marinha americana do século XIX. Ainda assim, provocou enorme entusiasmo e pareceu justificar o número crescente de "ufólogos" que acreditavam que os "discos" apareciam há séculos e que até são descritos na Bíblia (como os carros de fogo do profeta Ezequiel, por exemplo).

Mas foi em 1967 que a "teoria dos astronautas antigos" alcançou finalmente uma audiência mundial, sob a forma de um livro chamado *Memories of the Future*, traduzido para inglês como *Chariots of the Gods?* (Um jornal publicou-o em série sob o título "Foi Deus um Astronauta?"). O seu autor, Erich von Däniken, apropriou-se generosamente — e sem reconhecimento — de ideias de predecessores como Williamson, Bergier e Pauwels, mas apresentou as suas próprias "provas" com um certo estilo pessoal.

O seu argumento consiste basicamente na afirmação de que vários monumentos antigos — a Grande Pirâmide (naturalmente), as estátuas da Ilha da Páscoa, as pirâmides mexicanas, os megálitos de Carnac e Stonehenge — devem ter sido erguidos com a ajuda de homens do espaço, porque a tecnologia necessária estaria além das capacidades dos construtores a quem são atribuídos. O livro está cheio de informações erradas — por exemplo, consegue multiplicar por cinco o peso da Grande Pirâmide e cita "lendas" da *Epopeia de Gilgamesh* que simplesmente não existem nessa obra. A maior parte dos seus principais argumentos revelou-se defeituosa. Insiste que as estátuas da Ilha da Páscoa eram demasiado

grandes para terem sido erguidas pelos nativos; mas o explorador Thor Heyerdahl convenceu habitantes modernos da ilha a esculpir e erguer uma estátua semelhante em poucas semanas. Afirma que as pirâmides tiveram de ser construídas por astronautas antigos porque os egípcios não possuíam cordas — mas textos das pirâmides mostram o uso de cordas. O que Däniken afirmava ser a imagem de um homem a descolar numa nave espacial, na lápide funerária de Palenque, na Guatemala, foi demonstrado por estudiosos ser uma inscrição religiosa maia típica, cheia dos seus símbolos fundamentais — aves, serpentes e assim por diante.

Cita as misteriosas linhas de Nazca, nas planícies do Peru, como exemplos de estruturas que só poderiam ser compreendidas vistas do ar, sugerindo que eram pistas gigantes para naves espaciais — chega mesmo a apresentar uma fotografia de uma "zona de estacionamento" para aeronaves. Mas as linhas estão desenhadas na superfície pedregosa do deserto e desapareceriam imediatamente se uma aeronave tentasse aterrar nelas. A "zona de estacionamento" revelou-se um detalhe da perna de uma ave — o joelho — e dificilmente teria tamanho suficiente para estacionar uma bicicleta. Däniken insistiu que isto fora um erro de um editor; contudo, permitiu que permanecesse em edições posteriores do livro.

O erro acerca da superfície do deserto parece típico da atitude displicente de Däniken perante os factos. Outro exemplo encontra-se em *Gold of the Gods*, onde Däniken apresenta a fotografia de um esqueleto esculpido em pedra e pergunta como poderiam escultores antigos conhecer esqueletos antes da invenção dos raios X — ignorando o facto de todos os cemitérios estarem cheios deles. É também em *Gold of the Gods* que Däniken afirma ter sido levado a uma cidade subterrânea onde examinou uma biblioteca secreta com livros feitos de folhas metálicas. O seu companheiro, dizia ele, era um explorador chamado Juan Moricz. Quando Moricz negou categoricamente toda a história, Däniken apressou-se a admitir que inventara a biblioteca subterrânea, mas insistiu que, na Alemanha, os autores de obras de divulgação não ficcional têm permissão para usar certos "efeitos" — isto é, mentir — desde que sejam meramente incidentais e não afetem os factos… E, apesar destes embaraços, Däniken continuou a publicar mais livros, cada um dos quais, segundo afirmava, ajudava a provar a sua teoria dos astronautas para além de qualquer dúvida possível.

Compreensivelmente, então, a crescente torrente de livros de "ufólogos" despertou nos investigadores sérios sentimentos de fúria ou escárnio.

No entanto, houve exceções notáveis. J. Allen Hynek, como já observámos, fazia parte do Project Blue Book e as provas que estudou acabaram por convencê-lo de que, por mais excêntricos, simplórios e mentirosos descarados que obscurecessem os factos, esses factos indicavam inequivocamente a existência real de discos voadores e até de "homens do espaço". Foi Hynek quem cunhou a expressão "encontros imediatos do terceiro grau", significando encontros com discos pousados e "humanóides", e inicia o seu capítulo sobre tais encontros (em *The UFO Experience, A Scientific Enquiry*) da seguinte forma: "Chegamos agora ao aspeto mais bizarro e aparentemente inacreditável de todo o fenómeno OVNI.

Francamente, omitiria esta parte de bom grado, se pudesse fazê-lo sem ofender a integridade científica…" E prossegue analisando vários casos que, embora soem absurdos, estavam demasiado bem documentados para serem descartados. Um caso típico bastará.

Em 11 de Agosto de 1955, um disco voador foi visto a aterrar numa zona agrícola perto de Kelly-Hopkinsville, Kentucky. Uma hora depois, membros da família Sutton foram alertados pelo ladrar do cão para a presença de um intruso perto da quinta e viram "um pequeno homem 'brilhante', com olhos extremamente grandes e os braços estendidos acima da cabeça". Os dois homens da família Sutton dispararam contra ele com uma espingarda e uma caçadeira, ouvindo-se um som "como se tivesse disparado contra um balde", e o "homem do espaço" virou-se e afastou-se apressadamente. Quando outro visitante apareceu à janela, a espingarda voltou a disparar e eles correram para o exterior para ver se a criatura fora atingida. Quando um deles parou sob uma parte baixa do telhado, uma mão semelhante a uma garra desceu dele e tocou-lhe no cabelo. Mais tiros foram disparados contra a criatura no telhado e, embora tivesse sido atingida diretamente, flutuou até ao chão e afastou-se rapidamente.

Durante as três horas seguintes, os onze ocupantes da casa permaneceram atrás de portas trancadas, vendo frequentemente os "homens do espaço" às janelas. Finalmente, todos saíram precipitadamente da casa, entraram em dois carros e conduziram até à esquadra de polícia mais

próxima. A polícia não encontrou sinais dos homens do espaço, mas, mal se retirou, as criaturas reapareceram. No dia seguinte, um desenhador da polícia pediu às testemunhas que descrevessem o que tinham visto; as imagens resultantes mostravam pequenas criaturas com cabeças redondas, olhos semelhantes a discos e braços duas vezes mais longos do que as pernas.

A família foi alvo de grande assédio por causa da sua história; mas os investigadores sérios que os interrogaram não tiveram qualquer dúvida de que estavam a dizer a verdade.

Talvez o caso mais famoso de um "encontro imediato do terceiro grau" tenha sido o de Barney e Betty Hill. Em Setembro de 1961, regressavam através de New Hampshire após umas férias no Canadá quando viram um disco voador aparentemente em processo de aterragem. Duas horas depois encontraram-se a trinta e cinco milhas desse local, sem qualquer recordação do que acontecera entretanto. Acabaram por consultar um especialista em amnésia, Dr. Benjamin Simon, que os colocou sob hipnose; os Hills descreveram então — independentemente um do outro — o que acontecera. Tinham sido levados a bordo do "disco" por vários homens uniformizados de aparência mais ou menos humana (Barney disse que lhe lembravam irlandeses ruivos e de rosto redondo), submetidos a vários testes ou experiências médicas — foram recolhidas amostras de pele e unhas, e Betty Hill teve uma agulha inserida no umbigo — e depois hipnotizados e instruídos a esquecer tudo o que acontecera. O próprio Allen Hynek esteve mais tarde presente quando Barney Hill foi colocado sob hipnose e teve permissão para o interrogar. Acabou convencido da autenticidade da experiência.

O que foi chamado "o auge das histórias de contato" aconteceu a Antonio Villas-Boas, um agricultor brasileiro de 23 anos. Em 15 de Outubro de 1957, Villas-Boas afirmou que estava a lavrar os campos quando um OVNI em forma de ovo desceu diante do seu trator. Tentou fugir, mas foi agarrado por "humanóides" vestidos com factos cinzentos justos e capacetes, sendo levado para dentro do disco. Os homens do espaço comunicavam através de sons semelhantes a ganidos ou latidos. Villas-Boas foi despido e lavado, tendo-lhe depois sido retirada uma amostra de sangue. Após isso, uma bela mulher nua — com cerca de 1,37 metros de altura — entrou na sala. Rapidamente levou Villas-Boas a fazer

amor com ela, embora ele diga que ela tinha o hábito desagradável de grunhir ocasionalmente, o que o fazia sentir que estava a ter relações com um animal.

A história de Villas-Boas seria uma candidata óbvia à categoria de "fraude", não fosse um detalhe. O Dr. Olavo T. Fontes examinou-o pouco depois do "encontro" e verificou que Villas-Boas fora submetido a uma dose muito elevada de radiação. E no ponto do queixo onde afirmava ter sido introduzida a agulha para recolha de sangue, o médico encontrou duas pequenas marcas. A história de Villas-Boas encontra-se documentada com detalhes convincentes em *The Humanoids*, editado por Charles Bowen.

Tal como Hynek, o jornalista John Keel também era moderadamente cético em relação aos discos voadores até adotar o expediente pouco habitual de estudar o assunto em vez de emitir juízos *a priori*. Em 1952 preparou um documentário radiofónico sobre coisas vistas no céu e passou a acreditar que — mesmo nessa altura — já existiam demasiados avistamentos de discos voadores para serem descartados como erros ou mentiras. Em 1953, no Egipto, viu o seu primeiro OVNI: um disco metálico com uma borda giratória, pairando sobre a barragem de Assuão em plena luz do dia.

Ainda assim, só em 1966 decidiu empreender um estudo cuidadoso do tema, subscrevendo um serviço de recortes de imprensa. O que então o espantou foi o enorme número de avistamentos — frequentemente recebia 150 recortes por dia. (Naqueles tempos, os recortes custavam apenas alguns cêntimos; vinte anos depois, a cerca de uma libra cada, a experiência estaria além dos recursos da maioria dos jornalistas.)

Além disso, tornou-se rapidamente evidente que mesmo esses representavam apenas uma pequena percentagem do total e que milhares de avistamentos não estavam a ser registados. (Este é, de facto, o principal inconveniente de um artigo como este; não consegue sequer começar a transmitir o enorme volume de avistamentos. Qualquer cético deveria experimentar ler, por exemplo, uma centena de casos, um após o outro, para perceber que a teoria da "ilusão" não se sustenta.) O que também fascinava Keel era o facto de tantas testemunhas que tinham visto OVNIs a partir dos seus carros os terem depois visto sobre as suas casas; isto sugeria que os "homens do espaço" não eram meramente cientistas ou exploradores alienígenas envolvidos em trabalho rotineiro de observação.

No ano seguinte, 1967, Keel conduzia pela autoestrada Long Island Expressway quando viu uma esfera luminosa no céu, seguindo uma trajetória paralela à sua. Quando chegou a Huntington, verificou que havia carros estacionados ao longo da estrada e dezenas de pessoas observavam quatro luzes que oscilavam e ziguezagueavam no céu; a luz que seguira Keel juntou-se às outras quatro. Keel dirigia-se, na verdade, para entrevistar um cientista, Phillip Burckhardt, que na noite anterior vira um OVNI pairar sobre árvores perto da sua casa e o observara através de binóculos; tinha percebido que se tratava de um disco prateado iluminado por luzes retangulares que piscavam alternadamente. A base aérea de Suffolk, ali perto, parecia nada saber sobre o assunto.

Tal como Hynek, Keel ficou impressionado com as testemunhas que entrevistou; a maioria eram pessoas comuns que não tinham qualquer motivo evidente para inventar histórias sobre OVNIs. O estudo da literatura existente convenceu-o de que 98 por cento era puro disparate; mas a maioria das testemunhas individuais estava claramente a dizer a verdade. Keel acumulou rapidamente casos suficientes para preencher um manuscrito de duas mil páginas; este teve de ser drasticamente reduzido antes de ser publicado sob o título *UFOs: Operation Trojan Horse*.

À medida que a sua investigação avançava, Keel tornava-se cada vez mais convencido de que os OVNIs existiam há milhares de anos e de que muitos relatos bíblicos de carros de fogo ou bolas luminosas são provavelmente descrições deles. Em 1883, um astrónomo mexicano chamado Jose Bonilla fotografou 143 objetos circulares que atravessavam o disco solar. Em 1878, um agricultor texano chamado John Martin viu um grande objeto circular a voar sobre a sua cabeça e chegou mesmo a utilizar a palavra "pires" numa entrevista ao jornal sobre o acontecimento. Em 1897, pessoas por toda a América começaram a avistar enormes aeronaves — aparelhos em forma de charuto. (Isto foi antes da invenção dos dirigíveis construídos pelo homem.)

Dezenas de outros avistamentos precoces de "OVNIs" foram registados em jornais ou panfletos; o capítulo 26 de *The Book of the Damned*, de Charles Fort — escrito trinta anos antes da febre dos OVNIs — é dedicado a estranhos objetos e luzes vistos no céu. Um dos avistamentos mais convincentes foi feito pelo pintor russo Nicholas Roerich (que concebeu o bailado *A Sagração da Primavera*, de

Stravinsky); no seu livro *Altai Himalaya* (1930), descreve como, ao viajar da Mongólia para a Índia em 1926, ele — e toda a expedição — observou um grande disco brilhante a mover-se rapidamente pelo céu. Como tantos OVNIs modernos, este mudou subitamente de direção sobre o acampamento. (Em muitos relatos de OVNIs, o objeto parece desafiar as leis do momento ao virar em ângulo reto a grande velocidade.) Desapareceu sobre os picos montanhosos.

Keel interessou-se também pelos paralelos entre relatos de "homens do espaço" e descrições feitas por pessoas que afirmavam ter tido experiências sobrenaturais. O "anjo" que instruiu Joseph Smith — fundador dos mórmons — a escavar em busca de placas de ouro gravadas parece muito semelhante ao tipo de visitante espacial descrito por Adamski e tantos outros. Durante a Primeira Guerra Mundial, três crianças que brincavam nos campos perto de Fátima, Portugal, viram um globo luminoso brilhante e ouviram uma voz feminina vinda dele. (Apenas duas das três ouviram a voz, embora todas a tenham visto, o que sugere que estava nas suas mentes e não no mundo objetivo.) Multidões começaram a visitar mensalmente o local onde a "Senhora do Rosário" (como ela se chamava) aparecia às três crianças — apenas elas conseguiam vê-la e ouvi-la. Mas, em 13 de Outubro de 1917, quando a Senhora anunciara que forneceria um milagre para convencer o mundo, as nuvens abriram-se e um enorme disco prateado desceu em direção à multidão de setenta mil pessoas.

Girava e oscilava — exatamente como os OVNIs que Keel tinha visto — e mudava de cor ao longo de todo o espectro; todos o observaram durante dez minutos antes de desaparecer novamente entre as nuvens. Muitas outras pessoas da região também o viram a partir das suas casas. O calor proveniente do "objeto" secou as roupas molhadas da multidão. Keel cita este e outros "milagres" (como um ocorrido em Heede, na Alemanha) e argumenta que soam curiosamente semelhantes a relatos posteriores de OVNIs.

Parecia também existir um aspeto mais sinistro na questão dos OVNIs; testemunhas começaram a relatar que "funcionários do governo" as tinham visitado e advertido para se manterem em silêncio; estes homens vestiam geralmente de preto, embora por vezes usassem uniformes militares. Aparentemente, nenhum departamento governamental tinha

qualquer conhecimento deles. Albert K. Bender, de Bridgeport, Connecticut, encerrou subitamente o seu *International Flying Saucer Bureau* em 1953 e declarou que três homens de pele escura e olhos brilhantes o tinham pressionado a abandonar as suas investigações.

A maioria dos entusiastas dos OVNIs culpou o governo; mas, quando Bender publicou o relato completo dez anos mais tarde, tornou-se evidente que algo muito mais estranho estava envolvido; os três homens materializavam-se e desmaterializavam-se no seu apartamento e, numa ocasião, tinham-no transportado para uma base de OVNIs na Antárctida. Jacques Vallee, outro cientista que se interessara pelo fenómeno OVNI, notou a semelhança entre esta história e as lendas medievais sobre fadas e "elementais".

Quando Keel começou a investigar avistamentos na Virgínia Ocidental de um enorme homem alado que parecia conseguir acompanhar carros em alta velocidade, ele próprio começou a encontrar entidades vagamente hostis. Um fotógrafo tirou-lhe uma fotografia numa rua vazia e depois fugiu a correr. Pouco depois de combinar encontrar-se com outro especialista em OVNIs, Gray Barker, uma amiga revelou-lhe que lhe tinham falado do encontro dois dias antes, quando Keel ainda nem sequer pensara nele. "Contactados" telefonavam-lhe e explicavam que estavam com alguém que desejava falar com ele; então mantinha conversas com homens que falavam com vozes estranhas. (Por vezes tinha a sensação de estar a falar com alguém em transe.)

Keel recebia instruções para escrever cartas para moradas que, após investigação, se revelavam inexistentes; ainda assim, recebia respostas rápidas, escritas em letras maiúsculas. Numa ocasião, hospedou-se num motel escolhido ao acaso e encontrou uma mensagem à sua espera na receção. Diz ele (em *The Mothman Prophecies*): "Alguém, algures, estava simplesmente a tentar provar que conhecia todos os meus movimentos, ouvia todas as minhas chamadas telefónicas e conseguia até controlar o meu correio. E estava a conseguir."

As entidades também fizeram muitas previsões acerca do assassinato de Martin Luther King, de um ataque planeado contra Robert Kennedy, de uma tentativa de esfaquear o Papa; mas frequentemente pareciam enganar-se nas datas. Keel concluiu que "o nosso pequeno planeta parece estar a

experienciar a interpenetração de forças ou entidades provenientes de algum outro contínuo espaço-temporal".

O especialista britânico em OVNIs, Brinsley Le Poer Trench (Conde de Clancarty), chegou a uma conclusão semelhante com base nas suas investigações. Expressa-a (em *Operation Earth*) da seguinte forma:

". . . existem pelo menos duas forças diametralmente opostas de entidades interessadas em nós. Primeiro, aquelas que são o verdadeiro Povo do Céu e que existem desde tempos imemoriais. Segundo, aquelas que vivem numa região indígena deste planeta, embora alguns de nós acreditem que também vivem no interior da Terra. Existe evidentemente uma 'Guerra nos Céus' entre estas duas fações. Contudo, não se considera que ocorram batalhas no sentido em que os humanos normalmente as imaginam. Trata-se mais de um confronto mental pela dominação das mentes da humanidade."

Jacques Vallee, um dos escritores mais sérios e inteligentes sobre o tema, acabou por chegar a uma conclusão semelhante. Em livros anteriores como *Anatomy of a Phenomenon* e *Challenge to Science: The UFO Enigma*, estudara relatos de casos com rigor invulgar (e muitas tabelas estatísticas). Em *Passport to Magonia* (1970), salientou que a imagem que podemos formar do mundo dos ocupantes dos OVNIs se assemelha mais ao conceito medieval de Magónia, uma terra acima das nuvens, do que a algum planeta habitado.

Em 1977 chegara à estranha conclusão de que os OVNIs são basicamente de natureza "psíquica", ideia que exprimiu num livro chamado *The Invisible College*. O colégio invisível é um grupo de cientistas empenhados no estudo dos fenómenos OVNI e que recusam deixar-se intimidar pelas atitudes conservadoras da ciência oficial. Vallee, ele próprio especialista em informática, concluiu que os fenómenos OVNI constituem um "sistema de controlo" — isto é, foram concebidos para produzir um efeito específico sobre a mente humana. Explica em *Messengers of Deception* (1979) que, após um ano a investigar as semelhanças entre fenómenos OVNI e fenómenos psíquicos, "já não conseguia considerar os 'discos voadores' simplesmente como algum tipo de nave espacial ou máquina, por mais exótica que fosse a sua propulsão".

Voltou então aos seus computadores e concluiu: “O resultado mais claro foi que o fenómeno se comportava como um processo de condicionamento. A lógica do condicionamento utiliza o absurdo e a confusão para alcançar o seu objetivo enquanto esconde o seu mecanismo. Comecei a ver uma estrutura semelhante nas histórias de OVNIs”.

O absurdo e a confusão são certamente um dos aspetos mais desconcertantes e irritantes das histórias de OVNIs. Vallee dedica um capítulo de *The Invisible College* ao estudo do caso de Uri Geller. Geller, o médium e “entortador de metal” israelita, foi “descoberto” pelo cientista Andrija Puharich. Os poderes de Geller despertaram tal interesse mundial que parecia inevitável que o primeiro livro de grande dimensão sobre ele se tornasse um best-seller. Na verdade, *Uri: A Journal of the Mystery of Uri Geller* (1974), de Puharich, quase destruiu a reputação deste como investigador sério.

O livro parece repleto de confusões desconcertantes e acontecimentos absurdos e inexplicáveis. Ainda assim, fornece algumas pistas vitais para o mistério das “inteligências espaciais”. Em 1952, muito antes de conhecer Geller, Puharich estudava com um médium hindu chamado Dr. Vinod quando este entrou em transe e começou a falar com uma voz inglesa; esta entidade em transe apresentou-se como membro dos “Nove”, inteligências sobre-humanas que estudavam a raça humana há milhares de anos e cujo propósito era ajudar a evolução humana. Três anos depois, durante uma viagem ao México, Puharich encontrou um médico americano que também transmitia longas mensagens de “inteligências espaciais” — sendo estranho o facto de estas constituírem uma continuação das mensagens transmitidas através do Dr. Vinod. Quando Puharich conheceu Geller em 1971, os “Nove” voltaram a entrar na história; enquanto Geller estava em transe, uma voz falou no ar acima da sua cabeça explicando que Geller fora programado por “inteligências espaciais” desde os três anos de idade — o objetivo seria impedir a raça humana de se lançar numa catástrofe.

Puharich continua descrevendo avistamentos de OVNIs e uma interminável série de acontecimentos desconcertantes, com objetos a aparecerem e desaparecerem e gravações misteriosamente “apagadas”. Puharich garantiu ao presente autor (CW) que omitira alguns dos episódios mais espantosos porque seriam simplesmente inacreditáveis.

Após a rutura entre Puharich e Geller, os "Nove" continuaram a manifestar-se através de médiuns. A história é contada em *Prelude to a Landing on Planet Earth*, de Stuart Holroyd, sendo ainda mais confusa do que o livro de Puharich. Os "Nove" acabaram por enviar Puharich e os seus companheiros numa espécie de perseguição inútil pelo Médio Oriente e outros locais remotos; aparentemente, o principal propósito era rezar pela paz, e as "inteligências" garantiram-lhes que tinham evitado terríveis catástrofes internacionais.

Na verdade, a referência a médiuns pode fornecer uma chave para o mistério. O espiritismo moderno começou em meados do século XIX, quando "espíritos" começaram a manifestar-se através da mediunidade de duas adolescentes chamadas Fox; rapidamente, milhares de "médiuns" produziam pancadas misteriosas (uma pancada para sim, duas para não), faziam trompetes e outros instrumentos musicais flutuar no ar e aparentemente tocar sozinhos, além de produzirem vozes espirituais — e até formas espirituais — entrando em transe. Ninguém que tenha estudado profundamente estes fenómenos pode acreditar que fossem todos fraudulentos. Além disso, a teoria de que eram produzidos de algum modo pelas mentes inconscientes dos participantes também deve ser relutantemente descartada, uma vez que, em muitos casos, "espíritos" conseguiam utilizar diferentes "médiuns" para revelar fragmentos da mesma mensagem — fragmentos que se encaixavam como peças de um puzzle.

Mas o que rapidamente se torna igualmente claro para qualquer estudioso do assunto é que os "espíritos" não podem ser aceites segundo a imagem que fazem de si próprios. Muitas vezes mentiam. Emanuel Swedenborg, o visionário do século XVIII, advertiu que existem basicamente duas variedades de espírito: uma "ordem superior" e uma "ordem inferior". Um psiquiatra, Wilson Van Dusen, que estudou centenas de casos de alucinações no Hospital Estatal de Mendocino, na Califórnia, observou que "os pacientes sentiam como se estivessem em contato com outro mundo ou ordem de seres. A maioria pensava que essas outras pessoas estavam vivas. Todos rejeitavam o termo 'alucinação'". E notou que as alucinações pareciam enquadrar-se nas duas categorias de Swedenborg: espíritos "prestáveis" (cerca de um quinto dos casos) e espíritos claramente malévolos, cujo objetivo parecia ser causar miséria, irritação e angústia aos pacientes.

É, naturalmente, um grande passo para qualquer pessoa normal e racional aceitar a existência real de espíritos desencarnados. Contudo, qualquer pessoa disposta a estudar as provas pacientemente e com espírito aberto acabará, sem dúvida, por chegar a essa conclusão. Na verdade, qualquer pessoa que alguma vez tenha experimentado escrita automática, o tabuleiro Ouija ou "mesas girantes" provavelmente chegou à conclusão de que existem "inteligências" capazes de se manifestarem através de seres humanos. Mas a questão da natureza precisa destas entidades é muito mais desconcertante. Parece claro que algumas podem ser levadas a sério, outras não.

Muitas comportam-se como os demónios tradicionais da Idade Média, dizendo qualquer mentira que lhes ocorra no momento. Algumas destas "inteligências" — conhecidas como poltergeists — conseguem até manifestar a sua presença fazendo objetos voar pela sala ou provocando pancadas e estrondos misteriosos. Uma característica interessante do poltergeist é conseguir fazer um objeto que viaja a grande velocidade mudar abruptamente de direção, desafiando as leis newtonianas do movimento. Isto também parece ser uma das características do disco voador.

Jacques Vallee ficou intrigado com o número de casos em que os OVNIs se comportavam de forma contraditória com a ideia de serem simplesmente artefactos de alguma civilização superior; alguns dissolviam-se no ar; alguns desapareciam na terra; alguns expandiam-se como balões e depois desapareciam. Alguns "homens do espaço" parecem possuir o poder de ler pensamentos e prever acontecimentos futuros. Muitos deles, como os "Nove" de Puharich, insistem que o seu propósito é preparar a raça humana para algum acontecimento espantoso, como uma aterragem de OVNIs na Terra; mas essa aterragem nunca parece ocorrer.

Contudo, pode ser simplista acreditar que os OVNIs sejam apenas uma versão atualizada dos demónios medievais ou dos "comunicadores espirituais" do século XIX. Vallee acredita que o fenómeno é "heurístico", isto é, destinado a ensinar-nos alguma coisa. A ciência e a filosofia modernas habituaram-nos a teorias materialistas do universo, à noção de que as criaturas vivas são um acidente improvável entre mil milhões e de que a realidade humana é simplesmente a realidade dos nossos corpos e cérebros. Em *Flying Saucers, A Modern Myth of Things Seen in the Skies*,

Jung sugeriu que os OVNIs podem ser a resposta do homem moderno ao seu desejo de significado religioso, e Vallee parece aceitar pelo menos a implicação fundamental desta teoria.

Tal como Jung, também parece acreditar que as coincidências podem ser mais do que aparentam. Em *Messengers of Deception*, descreve o seu interesse por um culto religioso moderno chamado Ordem de Melquisedeque, que acredita que as suas doutrinas fundamentais foram recebidas através de inteligências extraterrestres. Depois, como referido no capítulo 54, começou a recolher tudo o que conseguia encontrar sobre o profeta bíblico Melquisedeque. Em Fevereiro de 1976 pediu um recibo a uma taxista em Los Angeles; quando olhou para o recibo, estava assinado "M. Melchizedek". Procurou Melchizedek na lista telefónica de Los Angeles; existia apenas um…

Isto levou Vallee a uma especulação interessante sobre a realidade subjacente do mundo. Salienta que estamos confinados ao nosso contínuo espaço-temporal e que todos os nossos conceitos de conhecimento se baseiam no espaço e no tempo. Assim, numa biblioteca, o nosso "sistema de recuperação de informação" baseia-se na ordem alfabética.

Mas os cientistas modernos da informática desenvolveram outro método; "dispersam os registos pelo armazenamento à medida que chegam e… constroem um algoritmo de recuperação baseado em algum tipo de palavra-chave…" Concluiu: "O incidente Melchizedek… sugeriu-me que o mundo pode estar organizado mais como uma base de dados aleatória do que como uma biblioteca sequencial". Numa "biblioteca" informática, o estudante introduz um pedido para "micro-ondas" ou "dor de cabeça" e encontra vinte artigos cuja existência nem sequer suspeitava. Vallee introduzira um pedido para Melquisedeque, e algum computador psíquico perguntou: "E este aqui?"

Em *The Flying Saucer Vision* (1967), o escritor inglês John Michell também parte de Jung. Michell aceita a ideia de Jung de que o fenómeno OVNI está de algum modo ligado ao "vazio religioso" na alma do homem moderno. Associa os OVNIs a antigas lendas sobre deuses que descem em aeronaves, e as suas conclusões não são muito diferentes das de von Däniken, embora apresentadas de forma bem mais convincente. Mas Michell também traz uma contribuição original para a "ufologia". Nas suas investigações descobrira o livro *The Old Straight Track* (1925), de Alfred

Watkins, no qual Watkins argumenta que o campo inglês é atravessado por antigos caminhos retilíneos que eram rotas comerciais pré-históricas e que ligam "locais sagrados" como igrejas, círculos de pedra, túmulos e mamoas. Watkins chamou-lhes "linhas ley".

Michell argumenta que as linhas ley são idênticas às linhas que os chineses chamam "caminhos do dragão" ou *lung mei*. A ciência chinesa do *feng shui*, ou geomancia, é basicamente um sistema religioso preocupado com a harmonia entre o homem e a natureza; considera a Terra um corpo vivo. Os *lung mei* são linhas de força na superfície terrestre, e um dos objetivos do *feng shui* é preservar e concentrar essa força, impedindo que ela se dissipe.

Michell enganava-se ao afirmar que os *lung mei* são linhas retas, como as *leys* de Watkins — na verdade, os chineses olham para as linhas retas com desconfiança; a qualidade essencial dos *lung mei* é serem sinuosos. Mas Michell dá um passo importante para além de Watkins ao considerar as linhas *ley* como linhas de uma certa força terrestre; acredita que o homem antigo escolhia locais onde existia uma elevada concentração dessa força para estabelecer os seus sítios sagrados. Os pontos onde duas ou mais linhas *ley* se cruzam têm um significado especial. Michell salienta também que muitos avistamentos de discos voadores ocorrem sobre linhas *ley*, e particularmente nos seus pontos de intersecção — por exemplo, Warminster, em Wiltshire, onde ocorreu um número verdadeiramente extraordinário de avistamentos.

Num livro chamado *The Undiscovered Country*, Stephen Jenkins, outro investigador sério destes assuntos, mostra como os pontos de cruzamento das linhas *ley* estão frequentemente associados a todo o tipo de ocorrências "sobrenaturais", desde fantasmas e poltergeists até estranhas visões de exércitos fantasmagóricos. Mais uma vez, parece existir uma ligação interessante entre OVNIs e o "sobrenatural".

Dois outros investigadores merecem menção neste contexto: T.C. Lethbridge e F.W. Holiday. Lethbridge era um académico reformado de Cambridge que ficou fascinado pela radiestesia e pelo poder do pêndulo para detetar várias substâncias sob a terra. (Falei longamente dele no meu livro *Mysteries*.) Perto do final da sua vida (morreu em 1971), Lethbridge interessou-se pelos discos voadores e, num livro chamado *Legend of the Sons of God* (1972), sugeriu que os OVNIs podem estar associados a

antigos monólitos — na verdade, que tais pedras podem ter sido erguidas em tempos remotos como "faróis" para antigas naves espaciais. Lethbridge nada sabia sobre linhas *ley*, mas as suas próprias investigações conduziram-no a conclusões notavelmente semelhantes às de Michell.

F.W. Holiday era naturalista e jornalista especializado em pesca, tendo ficado fascinado pelo mistério do monstro do Lago Ness (q.v.) e escrito um livro sugerindo que se tratava de uma lesma gigante, ou "verme" (utilizando esta palavra no seu sentido medieval de "dragão"). Mas, após anos de estudo do fenómeno, considerou o monstro do Lago Ness e outros monstros lacustres tão evasivos quanto os ufólogos consideravam os discos voadores. Tornou-se cada vez mais convencido de que tanto os discos voadores como os monstros lacustres pertencem ao que chamou "o bestiário fantasma" (ver capítulo 19 sobre o Homem Cinzento de Ben MacDhui).

Esta ideia foi expressa no seu livro *The Dragon and the Disc* e na sua obra póstuma *The Goblin Universe*. Tal como Vallee, Holiday acabou convencido de que a resposta ao enigma dos OVNIs reside na "solução psíquica". Deve reconhecer-se que existe uma grande quantidade de provas que apontam nessa direção. Por outro lado, seria prematuro descartar a possibilidade de se tratarem de naves espaciais vindas de outro planeta ou galáxia; é uma questão em relação à qual seria insensato não manter uma mente aberta.

58

Vampiros: Existem?

O problema do vampiro pode ser formulado de forma simples. Qualquer pessoa racional concordará que a ideia de que os vampiros existem realmente só pode ser pura superstição. Seres sobrenaturais que bebem sangue não existem nem podem existir. Tem de haver alguma explicação mais simples e sensata. A objeção a esta perspetiva é que vários relatos antigos de vampiros possuem tal ar de sobriedade e autoridade que é difícil descartá-los como pura fantasia. Eis, por exemplo, um relatório do século XVIII conhecido como *Visum et Repertum* ("Visto e Descoberto"), assinado por nada menos do que cinco oficiais austríacos, três deles médicos:

Depois de ter sido relatado na aldeia de Medvegia [perto de Belgrado] que os chamados vampiros tinham morto algumas pessoas sugando-lhes o sangue, fui, por decreto superior de um Honrado Supremo Comando local, enviado para investigar o assunto minuciosamente, juntamente com oficiais destacados para esse propósito e dois médicos subalternos, tendo assim realizado e ouvido o presente inquérito na companhia do Capitão da companhia Stallath de haiduks [mercenários e fora-da-lei balcânicos opositores ao domínio turco], Hadnack Gorschiz, do porta-estandarte e do mais velho haiduk da aldeia. [Eles relataram], unanimemente, o seguinte.

Há cerca de cinco anos, um haiduk local chamado Arnod Paole partiu o pescoço numa queda de uma carroça de feno. Este homem, durante a sua vida, descrevera frequentemente como, perto de Gossova, na Sérvia turca, fora atormentado por um vampiro, motivo pelo qual comera terra da sepultura do vampiro e se ungira com o sangue do vampiro, a fim de se libertar do tormento que sofrera. Vinte ou trinta dias após a sua morte, algumas pessoas queixaram-se de estarem a ser incomodadas por esse mesmo Arnod Paole; e, de facto, quatro pessoas foram mortas por ele.

Para pôr fim a este mal, exumaram Arnod Paole quarenta dias após a sua morte — isto sob conselho do seu Hadnack, que já presenciara tais acontecimentos anteriormente; e descobriram que ele estava completamente intato e incorrupto, e que sangue fresco lhe escorrera dos olhos, nariz, boca e ouvidos; que a camisa, o sudário e o caixão estavam completamente ensanguentados; que as unhas antigas das mãos e dos pés, juntamente com a pele, tinham caído, e que novas unhas tinham crescido. E como viram por isso que era um verdadeiro vampiro, cravaram-lhe uma estaca no coração — segundo o seu costume — após o que ele soltou um gemido audível e sangrou abundantemente. Depois disso, queimaram o corpo até às cinzas nesse mesmo dia e lançaram-nas na sepultura. Estas mesmas pessoas dizem também que todos aqueles que tenham sido atormentados e mortos por vampiros devem eles próprios tornar-se vampiros.

Assim, desenterraram também essas quatro pessoas da mesma maneira. Acrescentam ainda que este mesmo Arnod Paole atacava não apenas pessoas mas também gado, sugando-lhes o sangue. E como algumas pessoas comeram a carne desse gado, parece que [essa é a razão pela qual] alguns vampiros estão novamente presentes aqui, visto que num período de

três meses morreram dezassete pessoas, jovens e velhas, entre elas algumas que, sem doença prévia, morreram em dois ou no máximo três dias. Além disso, o haiduk Jovitsa relata que a sua enteada, chamada Stanacka, se deitou para dormir há quinze dias, fresca e saudável, mas que à meia-noite se levantou sobressaltada com um grito terrível, cheia de medo e a tremer, queixando-se de ter sido estrangulada pelo filho de um haiduk chamado Milloe [que morrera nove semanas antes], após o que sentiu uma grande dor no peito e piorou de hora a hora, até finalmente morrer ao terceiro dia. Perante isto, dirigimo-nos nessa mesma tarde ao cemitério, juntamente com os já mencionados haiduks mais velhos da aldeia, para abrir as sepulturas suspeitas e examinar os corpos nelas contidos. Depois de todos terem sido [exumados e] dissecados, encontrou-se o seguinte:

1. Uma mulher chamada Stana, de vinte anos, que morrera no parto há dois meses, após uma doença de três dias, e que ela própria dissera antes de morrer que se tinha untado com o sangue de um vampiro — razão pela qual tanto ela como a criança, que morrera pouco depois do nascimento e que, devido a enterro negligente, fora parcialmente comida por cães, também se tinham tornado vampiros. Estava completamente intacta e incorrupta. Após a abertura do corpo, encontrou-se na *cavitate pectoris* uma quantidade de sangue fresco extravascular. Os vasos das *arteriae*, tal como os *ventriculis cordis*, não estavam, como é habitual, cheios de sangue coagulado; e todas as vísceras — isto é, pulmão, fígado, estômago, baço e intestinos — estavam completamente frescas, como num indivíduo saudável. O útero estava, contudo, muito aumentado e externamente muito inflamado, pois a placenta e os lóquios tinham permanecido no lugar, razão pela qual se encontravam em completa putrefação. A pele das mãos e dos pés, juntamente com as unhas antigas, desprendeu-se sozinha, mas, em contrapartida, eram visíveis unhas completamente novas e uma pele fresca e viva.

2. Havia uma mulher chamada Militsa, de sessenta anos, que morrera após uma doença de três meses e fora enterrada cerca de noventa dias antes. No peito encontrou-se muito sangue líquido, e as restantes vísceras estavam — tal como as acima mencionadas — em bom estado. Durante a dissecação, todos os haiduks presentes se maravilharam muito com a sua corpulência e perfeito estado físico, afirmando unanimemente que tinham conhecido bem a mulher desde

a juventude e que ela fora durante toda a vida muito magra e ressequida; enfatizaram que atingira tal surpreendente corpulência na sepultura. Disseram também que fora ela quem iniciara os vampiros desta vez, porque tinha comido da carne das ovelhas mortas por vampiros anteriores.

3. Havia uma criança de oito dias que permanecera na sepultura durante noventa dias e que também se encontrava em estado de vampirismo.

4. O filho de um haiduk, de dezasseis anos, chamado Milloe, foi desenterrado após ter permanecido na terra nove semanas, depois de morrer de uma doença de três dias, sendo encontrado como os outros vampiros. [Este é obviamente o vampiro que atacara a enteada do haiduk Jovitsa.]

5. Joachim, também filho de um haiduk, de dezassete anos, morrera após uma doença de três dias. Estivera enterrado oito semanas e quatro dias e, ao ser dissecado, encontrava-se em condição semelhante.

6. Uma mulher chamada Ruscha, que morrera após uma doença de dez dias e fora enterrada seis semanas antes, em quem existia muito sangue fresco, não apenas no peito mas também *in fundo ventriculi*. O mesmo se verificava na sua criança, de dezoito dias, que morrera cinco semanas antes.

7. Também uma menina de dez anos, falecida dois meses antes, se encontrava na condição acima mencionada, completamente intacta e incorrupta, com muito sangue fresco no peito.

8. Mandaram desenterrar a esposa do Hadnack, juntamente com o seu filho. Ela morrera sete semanas antes, o filho — que tinha oito semanas de idade — vinte e um dias antes, e verificou-se que mãe e filho estavam completamente decompostos, embora a terra e a sepultura fossem como as dos vampiros ali próximos.

9. Um criado do cabo local dos haiduks, chamado Rhade, de vinte e três anos, morreu após uma doença de três meses e, após cinco semanas enterrado, foi encontrado completamente decomposto.

10. A esposa do porta-estandarte local, juntamente com o seu filho, estavam também completamente decompostos.

11. Em Stanche, um haiduk de sessenta anos, falecido seis semanas antes, observei abundante sangue líquido, tal como nos outros, no peito e no estômago. Todo o corpo se encontrava na condição de vampirismo acima mencionada.

12. Milloe, um haiduk de vinte e cinco anos, que permanecera seis semanas na terra, foi igualmente encontrado em estado de vampirismo.

13. Stanoicka [anteriormente chamada Stanacka], esposa de um haiduk, de vinte e três anos, morreu após uma doença de três dias e fora enterrada dezoito dias antes. Na dissecação verifiquei que o seu rosto estava muito vermelho e de cor viva e, conforme já mencionado, fora estrangulada à meia-noite por Milloe, o filho do haiduk, sendo também visível, do lado direito sob a orelha, uma marca azulada de sangue [isto é, uma nódoa negra] com o comprimento de um dedo [demonstrando que fora estrangulada]. Ao ser retirada da sepultura, escorreu-lhe uma quantidade de sangue fresco do nariz. Na dissecação encontrei — como tantas vezes já mencionado — uma hemorragia fresca regular e fragrante, não apenas na cavidade torácica mas também no ventrículo cardíaco. Todas as vísceras estavam em estado completamente bom e saudável. A pele de todo o corpo, juntamente com as unhas das mãos e dos pés, parecia completamente fresca.

Após o exame, as cabeças dos vampiros foram cortadas pelos ciganos locais e depois queimadas juntamente com os corpos, sendo as cinzas lançadas ao rio Morava. Os corpos decompostos, porém, foram recolocados nas suas próprias sepulturas. O que atesto juntamente com os médicos assistentes que me foram disponibilizados. *Actum ut supra*:
L.S. [assinado] Johannes Fluchinger, Médico Regimental do Regimento de Infantaria do Honorável B. Furstenbusch.
L.S. J.H. Siegel, Médico do Honorável Regimento Morall.
L.S. Johann Friedrich Baumgarten, Médico do Regimento de Infantaria do Honorável B. Furstenbusch.

Os abaixo assinados atestam por este meio que tudo o que o Médico Regimental do Honorável Furstenbusch observou na questão dos vampiros — juntamente com os dois médicos que assinaram com ele — é em todos os aspetos verdadeiro e foi realizado, observado e examinado na nossa própria presença. Em confirmação disso, segue a nossa assinatura pela nossa própria mão, Belgrado, 26 de Janeiro de 1732.

L.S. Buttener, Tenente-Coronel do Honorável Regimento Alexandriano.
L.S. J.H. von Lindenfels, Oficial do Honorável Regimento Alexandriano.

Ao estudarmos este estranho relato (que é reconhecidamente difícil de ler sem saltar partes), existe uma tentação óbvia de o descartar como um amontoado de superstição camponesa. Contudo, esta não é uma história em segunda mão sobre horrores absurdos; os três médicos eram oficiais do exército de Carlos VI, Imperador da Áustria — esse poder emergente que sucedia ao Sacro Império Romano. Estavam perfeitamente familiarizados com cadáveres, pois serviam no exército que combatia os turcos desde 1714 e que os derrotaria quatro anos depois.

Um breve esboço do contexto histórico pode esclarecer o aparecimento dos vampiros na primeira metade do século XVIII. Durante mais de quatro séculos, os turcos dominaram a Europa de Leste, marchando para dentro e para fora da Transilvânia, Valáquia e Hungria, chegando mesmo a conquistar Constantinopla em 1453. D. João de Áustria derrotou-os na grande batalha naval de Lepanto (1571), mas foi o fracasso da tomada de Viena após o cerco de 1683 que provocou a desagregação do Império Otomano. Durante as fases iniciais desta guerra entre a Europa e a Turquia, o homem cujo nome se tornou sinónimo de vampirismo — Drácula, ou Vlad, o Empalador — desferiu golpe após golpe contra os turcos, até ser morto e decapitado por eles em 1477.

Vlad Tepes (o Empalador), rei da Valáquia (1456–62, 1476–77), era, como o apelido implica, um homem de temperamento sádico cujo maior prazer era empalar os seus inimigos (o que significava qualquer pessoa contra quem guardasse rancor) em estacas aguçadas; a estaca — cravada no solo — era introduzida pelo ânus (ou, no caso das mulheres, pela vagina), sendo a vítima deixada a empalar-se lentamente sob o seu próprio peso. (Vlad frequentemente mandava rombar a ponta da estaca para prolongar a agonia.) No seu tempo era conhecido como Drácula, que significa “filho do

dragão" ou "filho do Diabo". Estima-se que Drácula tenha empalado cerca de cem mil pessoas ao longo da sua vida. Quando conquistou Brasov, na Transilvânia, mandou empalar todos os habitantes em postes e depois realizou um banquete entre os cadáveres. Quando um nobre tapou o nariz por causa do fedor, Vlad mandou buscar um poste particularmente longo e empalou-o nele. Quando esteve prisioneiro na Hungria, Vlad mantinha-se abastecido de aves, ratos e sapos, que empalava em pequenas estacas. Guerreiro corajoso e destemido, acabou morto em batalha — ou possivelmente assassinado pelos seus próprios soldados — sendo a sua cabeça enviada para Constantinopla. Quatrocentos e vinte anos depois, em 1897, Bram Stoker imortalizou-o como o sinistro Conde Drácula, já não um maníaco sádico, mas um bebedor de sangue.

Na época do surto de vampirismo em Medvegia, no início da década de 1730, os inimigos hereditários de Vlad, os turcos, tinham sido expulsos da Sérvia, e os austríacos encontravam-se agora em Belgrado — cidade que originalmente caíra nas mãos das tropas de Solimão, o Magnífico, em 1521. Os austríacos depressa tomaram conhecimento de uma estranha superstição entre os camponeses; estes desenterravam cadáveres e decapitavam-nos, alegando tratar-se de vampiros, ou *upirs*.

Histórias dos "mortos-vivos" existiam desde os tempos da Grécia antiga. Os gregos chamavam à criatura *lamia* ou *empusa* e pareciam identificá-la com uma bruxa. As *lamias* não bebiam sangue, mas eram canibais. O biógrafo Filóstrato conta uma história sobre o filósofo (e mágico) Apolónio de Tiana, que reconheceu instantaneamente a noiva do seu discípulo Menipo como uma *lamia* e, com algumas palavras mágicas, fez desaparecer todo o banquete de casamento no ar. A jovem admitiu então que tencionava devorar Menipo. (Keats romantiza a história no poema *Lamia*; incapaz de acreditar em qualquer maldade numa rapariga bonita, transforma-a numa serpente apaixonada e faz de Apolónio o filósofo frio e racional que destrói a felicidade dos dois.)

As histórias dos "não-mortos" — conhecidos como *vrykolakas* — persistiram na Grécia ao longo dos séculos e, a 1 de Janeiro de 1701, um botânico francês chamado Pitton de Tournefort visitou a ilha de Míconos e presenciou uma cena macabra de dissecação. Um camponês sem nome, de temperamento sombrio e conflituoso, fora assassinado nos campos por pessoas desconhecidas. Dois dias após o enterro, dizia-se que o seu

fantasma vagueava de noite, derrubando mobílias e "pregando mil partidas maliciosas". Dez dias após o enterro, celebrou-se uma missa para "expulsar o demónio" que se acreditava estar no cadáver, após o que o corpo foi exumado e o talhante local encarregado de arrancar o coração.

O seu conhecimento de anatomia parecia deficiente, pois abriu o estômago e remexeu nas entranhas, produzindo um fedor tão repugnante que foi necessário queimar incenso. Na igreja cheia de fumo, as pessoas começaram a gritar "vrykolakas" e a alegar que parte do fumo saía do próprio cadáver. Mesmo depois de o coração ter sido queimado à beira-mar, o fantasma continuou a causar estragos até que os aldeões finalmente queimaram o cadáver numa pira.

De Tournefort assumiu uma atitude profundamente superior perante tudo isto, convencido de que se tratava simplesmente de histeria coletiva: "Nunca vi nada tão lamentável como o estado desta ilha. Toda a gente tinha perdido o juízo; até as pessoas mais sensatas estavam afetadas como as outras." Embora o ano fosse apenas 1701, a atitude de de Tournefort era a de um típico racionalista francês do século XVIII.

Vinte anos mais tarde, depois de os turcos terem sido expulsos da Europa de Leste, a Europa Ocidental ficou espantada com estas histórias macabras de desenterros — das quais a acima citada é tão característica. E agora já não era possível adotar uma atitude de superioridade divertida, uma vez que muitos dos relatos eram em primeira mão. Um relato do que aconteceu quando um homem chamado Peter Plogojowitz foi exumado data de 1725, sete anos antes da história dos vampiros de Medvegia. É narrado por outro funcionário oficial:

Depois de um súbdito chamado Peter Plogojowitz ter morrido, há dez semanas — vivia na aldeia de Kisilova, no distrito de Rahm [na Sérvia] — e de ter sido enterrado segundo o costume raetziano, verificou-se que nessa mesma aldeia de Kisilova, no espaço de uma semana, nove pessoas, jovens e velhas, morreram também, após sofrerem uma doença de vinte e quatro horas. E disseram publicamente, enquanto ainda estavam vivas, mas já no leito de morte, que o acima mencionado Peter Plogojowitz, morto dez semanas antes, lhes aparecera durante o sono, deitando-se sobre elas e estrangulando-as, de tal modo que tiveram de entregar a alma.

Os restantes habitantes ficaram muito perturbados e ainda mais convencidos de tais crenças pelo facto de a esposa do falecido Peter Plogojowitz, depois de dizer que o marido lhe aparecera exigindo os seus *opanki*, ou sapatos, ter abandonado a aldeia de Kisilova e ido para outro local. E como, em pessoas desse género (a quem chamam vampiros), se observam vários sinais — isto é, o corpo incorrupto, a pele, cabelo, barba e unhas a crescer — os habitantes decidiram unanimemente abrir a sepultura de Peter Plogojowitz e ver se nele se encontravam tais sinais acima mencionados.

Com esse objetivo vieram ter comigo e, relatando estes acontecimentos, pediram-me a mim e ao pope local, ou pároco, que estivéssemos presentes na observação. E embora eu inicialmente desaprovasse, dizendo-lhes que primeiro a louvável administração deveria ser devidamente e humildemente informada e que se deveria ouvir a sua elevada opinião sobre o assunto, eles não quiseram de modo algum acomodar-se a isso e deram antes esta breve resposta: eu podia fazer o que quisesse, mas se não lhes concedesse a observação e o reconhecimento legal para lidarem com o corpo segundo o seu costume, teriam de abandonar casa e lar, porque até chegar uma graciosa resolução de Belgrado talvez toda a aldeia — e isto alegadamente já acontecera antes, quando estava sob domínio turco — pudesse ser destruída por tal espírito maligno, e eles não queriam esperar por isso.

Como não consegui dissuadir essas pessoas da resolução tomada, nem com boas palavras nem com ameaças, fui à aldeia de Kisilova, levando comigo o pope de Gradisk, e observei o corpo de Peter Plogojowitz, recém-exumado, constatando, em conformidade com a mais rigorosa verdade, que, antes de mais, não detetei o mínimo odor característico dos mortos e que o corpo — exceto o nariz, que se encontrava algo afundado — estava completamente fresco. O cabelo e a barba — até as unhas, das quais as antigas tinham caído — tinham crescido; a pele antiga, algo esbranquiçada, desprendera-se e uma nova e fresca surgira por baixo dela. O rosto, mãos, pés e todo o corpo encontravam-se em tal estado que não poderiam estar mais perfeitos em vida. Não sem espanto, vi algum sangue fresco na boca, que, segundo a observação comum, ele teria sugado das pessoas mortas por si.

Em suma, todos os sinais estavam presentes (como acima referido) que se supõe existirem em tais pessoas. Depois de tanto o pope como eu termos observado este espetáculo, enquanto o povo se tornava mais indignado do que aterrorizado, todos os habitantes afiaram rapidamente uma estaca — para atravessar com ela o cadáver do falecido — e cravaram-na no seu coração, após o que, ao ser perfurado, não só muito sangue, completamente fresco, jorrou pelos ouvidos e pela boca, como ocorreram ainda outros sinais selvagens (que omito por grande respeito). [Quer dizer que o cadáver teve uma ereção.] Finalmente, segundo o seu costume habitual, queimaram o referido corpo, neste caso, até às cinzas, do que informo agora a mui louvável administração, e ao mesmo tempo gostaria de solicitar, obediente e humildemente, que, se algum erro foi cometido neste assunto, ele seja atribuído não a mim, mas ao populacho, que estava fora de si de medo.

Provedor Imperial, Distrito de Gradisk

Mais uma vez temos aqui um funcionário respeitável a garantir que o cadáver parecia extraordinariamente fresco e tinha sangue fresco na boca.

Consideremos estes relatos com mais detalhe. Antes de mais, parece claro que o vampiro não é um corpo físico que sai da sepultura cambaleando — como em *Drácula* — mas algum tipo de fantasma ou "projeção" espectral. No longo relato dos vampiros de Medvegia assinado pelo Dr. Fluchinger *et al.*, verificamos que o vampiro se deita ao lado da vítima e a estrangula; uma marca no pescoço da rapariga parece indicar que foi isso que aconteceu. Nada existe aqui do vampiro à maneira de Drácula, que crava as presas pontiagudas na carne da vítima. O que os aldeões alegam é que o corpo foi tomado por uma entidade demoníaca, que ataca os vivos e de algum modo lhes drena a vitalidade.

O cadáver que serve de morada à entidade demoníaca prospera então na sepultura e continua até a desenvolver nova pele e unhas. O detalhe do sangue no peito parece um pouco desconcertante, até relermos o relato e verificarmos que o sangue foi encontrado na cavidade torácica (*cavitate pectoris*) da mulher chamada Stana, enquanto os pulmões são mencionados separadamente mais adiante na mesma frase; por outras palavras, quando o peito foi aberto, expondo o coração, encontrou-se sangue fresco. Não existe razão, neste caso particular, para supor que seja sangue da vítima; presumivelmente, é o próprio sangue do vampiro.

Os muitos céticos que escreveram sobre o tema dos vampiros produzem geralmente as mesmas racionalizações. Estas são exemplificadas pelo longo artigo sobre vampirismo na *Encyclopedia of Witchcraft and Demonology* (1959), de Rossell Hope Robbins. Ele salienta que devem ter existido muitos enterramentos prematuros e que, quando a sepultura de um desses infelizes era aberta, o cadáver era encontrado em posição contorcida, sugerindo que regressara à vida. Observa também que "a existência de maníacos que desejam sangue" poderia ter dado origem à lenda do vampiro. As mortes súbitas de grande número de pessoas em poucas semanas são explicadas por peste ou outras formas desconhecidas de doença.

Paul Barber, em *Vampires, Burial and Death* (de onde foram retiradas as traduções acima), segue essencialmente a mesma linha, embora admita que a teoria do enterramento prematuro não explica o "surto" de Medvegia. Prossegue, contudo, afirmando que corpos diferentes se decompõem a ritmos diferentes e que, portanto, não existe nada de surpreendente na descrição de um corpo com dois meses que permanece tão fresco como quando foi enterrado.

Tudo isto é suficientemente plausível. Mas, se lermos integralmente os relatos de Fluchinger e do provedor de Gradisk (um administrador de uma casa religiosa), verificamos que estas racionalizações simplesmente não fornecem uma explicação adequada para o que aconteceu. É verdade que o relato de Arnod Paole, o soldado que se tornou vampiro, é indireto, tendo ocorrido cinco anos antes de os oficiais investigarem o novo surto de vampirismo. Podemos, portanto, duvidar que ele tenha soltado um "gemido audível" quando lhe cravaram a estaca no coração, bem como de todos os outros detalhes do relato transmitido oralmente. Mas, mesmo que suponhamos que alguma peste tenha sido realmente responsável pelas mortes dos dezassete aldeões, é difícil explicar por que razão onze dos cadáveres estavam incorruptos, enquanto apenas quatro apresentavam a decomposição normal que seria de esperar.

Na verdade, o verdadeiro problema com todos estes desmistificadores da teoria do vampiro é que fazem a sua desmistificação de forma fragmentária; isto é, concentram-se num pequeno ponto que julgam conseguir refutar e depois comportam-se como se tivessem produzido uma explicação total que torna qualquer discussão adicional desnecessária.

Aqueles que — como eu — consideram as suas teorias inadequadas podem perfeitamente concordar que os vampiros não podem realmente existir. Mas simplesmente não conseguem concordar que os céticos tenham provado o seu ponto de vista e produzido uma explicação convincente para as numerosas histórias extremamente detalhadas.

Paul Barber cita também um caso interessante conhecido como o Sapateiro de Breslau. Toma a sua versão de uma coletânea de folclore prussiano publicada em 1868 por J. Grasse, mas existe uma versão mais antiga da mesma história em *Antidote Against Atheism* (1653), de Henry More. Esta descreve como, em 21 de Setembro de 1591, um sapateiro abastado de Breslau, na Silésia — um relato dá-lhe o nome de Weinrichius — cortou a garganta com uma faca e morreu pouco depois do ferimento. Como o suicídio era considerado pecado mortal, a esposa tentou ocultá-lo e anunciou que o marido morrera de um ataque. Uma velha foi tomada como confidente e lavou o corpo e ligou-lhe a garganta com tal perícia que o ferimento se tornou invisível. Um padre que veio consolar a viúva foi levado a ver o cadáver e nada notou de suspeito. O sapateiro foi enterrado no dia seguinte, 22 de Setembro de 1591.

Talvez devido a esta pressa indecorosa e à recusa da esposa em permitir que os vizinhos vissem o corpo, surgiu o rumor de que o sapateiro se suicidara. Depois disso, o seu fantasma começou a ser visto na cidade. Em breve subia para a cama das pessoas e apertava-as com tanta força que deixava as marcas dos dedos na sua carne. Isto tornou-se finalmente um incómodo tão grande que, no ano seguinte ao enterro, a 18 de Abril de 1592, o conselho municipal ordenou a abertura da sepultura. O corpo estava intato e sem sinais de decomposição, mas "inchado como um tambor". A pele desprendera-se dos pés e outra crescera no seu lugar, "muito mais pura e forte do que a primeira". Tinha um "sinal como uma rosa" no dedo grande do pé — interpretado como marca de bruxa — e não havia cheiro de decomposição, exceto no sudário. Até a ferida da garganta permanecia incorrupta.

O cadáver foi colocado debaixo de uma forca, mas o fantasma continuou a aparecer. Em 7 de Maio estava "muito mais cheio de carne". Finalmente, o conselho ordenou que o cadáver fosse decapitado e desmembrado. Quando o corpo foi aberto, o coração encontrava-se "tão bom como o de um vitelo recém-abatido". Por fim, o corpo foi queimado

numa enorme fogueira de madeira e pez e as cinzas lançadas ao rio. Depois disso, o fantasma deixou de aparecer.

Barber concorda que "muito nesta história é implausível", mas salienta que tantos detalhes — sobretudo a descrição do corpo — são tão precisos que não deixam dúvida "de que estamos perante acontecimentos reais".

Mas quais são esses "acontecimentos reais"? Antes de comentarmos mais, consideremos outro caso célebre do mesmo ano, 1592 (portanto, mais de um século antes do famoso surto de vampirismo que temos vindo a discutir). Este caso foi também abordado por More e Grasse e diz respeito a um vereador de Pentsch (ou Pentach), na Silésia, chamado Johannes Cuntze (cujo nome More latiniza para Cuntius). A caminho de um jantar com o presidente da câmara, Cuntze tentou examinar uma ferradura solta de um cavalo fogoso e recebeu um coice, presumivelmente na cabeça. O golpe aparentemente perturbou-lhe a razão; começou a queixar-se de ser um grande pecador e de sentir o corpo a arder. Recusou também receber um padre. Isto deu origem a todo o tipo de rumores sobre ele, incluindo o de ter feito um pato com o Diabo.

Enquanto Cuntze agonizava, com o filho junto à cama, a janela abriu-se e um gato preto entrou no quarto e saltou-lhe para o rosto, arranhando-o violentamente; morreu pouco depois. No funeral, em 8 de Fevereiro de 1592, "levantou-se uma grande tempestade"; continuou a fustigar enquanto era enterrado junto ao altar da igreja local.

Antes de ser enterrado, já circulavam histórias de que o seu fantasma aparecera e tentara violar uma mulher. Após o enterro, o fantasma começou a comportar-se como um duende travesso, atirando objetos, abrindo portas e provocando pancadas de tal modo que "toda a casa tornava a estremecer". Na manhã seguinte a estes acontecimentos encontraram-se pegadas de animais ou marcas de cascos na neve exterior.

A viúva fez a criada dormir na sua cama; o fantasma de Cuntze apareceu e exigiu ocupar o lugar que lhe pertencia ao lado da esposa. E o pároco da paróquia (mencionado como cronista destes acontecimentos) sonhou que Cuntze o estava "a apertar" e acordou completamente exausto. O espírito conseguia também encher o quarto de um fedor nauseabundo.

A conclusão é semelhante à da história do sapateiro de Breslau. Cuntze foi finalmente desenterrado em 20 de Julho, seis meses após o enterro, e verificou-se que estava incorrupto; quando uma veia da perna foi aberta, o sangue que saiu estava "tão fresco como o de um vivo". Depois de ser transportado com dificuldade até à fogueira — aparentemente o corpo tornara-se tão pesado como pedra — foi desmembrado (o sangue encontrava-se, mais uma vez, completamente fresco) e queimado até às cinzas.

Na verdade, existem relatos ainda mais antigos dos mortos que regressam. O especialista francês em vampiros Jean Marigny observa:

Muito antes do século XVIII, época em que a palavra "vampiro" apareceu pela primeira vez, acreditava-se na Europa que os mortos podiam erguer-se das sepulturas para sugar o sangue dos vivos. As crónicas latinas mais antigas mencionam manifestações deste tipo e os seus autores, em vez de utilizarem a palavra "vampiro" (que ainda não existia), empregavam um termo igualmente explícito, a palavra *sanguisugae* (latim para "sanguessuga" ou "sugador de sangue"). As mais antigas destas crónicas datam dos séculos XII e XIII e, contrariamente ao que se poderia esperar, não se situam em regiões remotas da Europa, mas em Inglaterra e na Escócia.

Marigny cita então quatro casos descritos pelo cronista do século XII William of Newburgh, autor de *Historia rerum Anglicarum*. Estes são demasiado longos para serem reproduzidos aqui (embora possam ser encontrados integralmente em *The Vampire in Europe*, de Montague Summers). O primeiro, "sobre os acontecimentos extraordinários quando um morto vagueava fora da sua sepultura", descreve um caso em Buckinghamshire, relatado ao cronista pelo arquidiácono local. Conta como um homem regressou da sepultura na noite seguinte ao enterro e atacou a esposa. Quando isto aconteceu novamente na noite seguinte, a mulher pediu a vários vizinhos que passassem a noite com ela, e os gritos deles afugentaram o fantasma. Depois, tal como Cuntze e Weinrichius, o fantasma começou a causar perturbação geral na cidade, atacando animais e assustando as pessoas. O facto de se tratar de um fantasma, e não de um corpo físico, é demonstrado pelo comentário de que algumas pessoas conseguiam vê-lo enquanto outras não (embora "sentissem percetivelmente a sua horrível presença").

O arquidiácono consultou o bispo Hugh de Lincoln, cujos sábios conselheiros sugeriram que o corpo fosse desenterrado e queimado até às cinzas. Hugh de Lincoln considerou isso "indesejável" e em vez disso escreveu uma carta de absolvição. Quando a tumba foi aberta, o corpo revelou-se "incorrupto", exatamente como no dia em que fora enterrado. A absolvição foi colocada sobre o peito e a sepultura voltou a ser fechada; depois disso, o fantasma deixou de vaguear.

O outro relato de William of Newburgh aproxima-se um pouco mais do vampiro tradicional, pois o fantasma — de um homem rico falecido em Berwick upon Tweed — exalava um odor de decomposição que contaminava o ar e provocava peste. O corpo foi exumado (não é referido se estava incorrupto) e queimado.

A terceira história diz respeito a um padre, capelão de uma dama de elevada posição, na Abadia de Melrose, cuja vida estivera longe de ser irrepreensível; após a morte, o seu fantasma assombrava o claustro e aparecia no quarto da dama nobre. O corpo foi exumado e queimado.

Na quarta história, um senhor devasso do Castelo de Alnwick, em Northumberland, espionou o adultério da esposa deitado sobre o "teto" que cobria a cama de dossel. A visão da mulher e do amante "a brincar às escondidas" enfureceu-o de tal forma que caiu e se feriu, morrendo alguns dias depois sem absolvição. Também ele regressou como fantasma para assombrar a região, e o seu fedor causou uma peste que matou muitas pessoas. Quando o cadáver foi exumado, revelou-se "empanturrado e inchado com uma corpulência assustadora"; ao ser atingido com uma pá, jorrou tal torrente de sangue que "perceberam que esta sanguessuga se alimentara do sangue de muitos pobres". O corpo foi cremado e a assombração cessou.

Estas histórias possuem os toques de absurdo que se esperariam de um cronista eclesiástico daquele período; ainda assim, a sua semelhança com as outras crónicas citadas sugere que possuem alguma base comum. O mesmo se aplica a outra obra, *De nugis curialum*, de Walter Map (1193), também citada extensamente por Summers.

Todos estes casos ocorreram muito antes de a Europa Ocidental ouvir histórias de vampiros provenientes dos antigos domínios turcos e, exceto no caso da "sanguessuga" de Alnwick, não existe qualquer sugestão de

ingestão de sangue. Mas, em quase todos os outros aspetos, os revenants comportam-se de forma muito semelhante a Peter Plogojowitz e aos vampiros de Medvegia. Assombram os vivos, sobem para as camas das pessoas enquanto estas dormem e depois estrangulam-nas, deixando-as exauridas de energia. E, quando os corpos são desenterrados, encontram-se incorruptos.

Parece muito claro que não existe diferença fundamental entre os vampiros de 1732 e os revenants de 1592. E, quando examinamos mais atentamente os relatos dos vampiros, descobrimos que são sugadores de energia e não de sangue. Peter Plogojowitz tem sangue fresco na boca, mas é apenas boato que tenha sugado o sangue das vítimas — o relato menciona apenas estrangulamento. De resto, estes revenants antigos comportam-se muito como os fenómenos paranormais conhecidos como poltergeists — atiram objetos e provocam perturbações.

Um dos relatos mais antigos de atividade poltergeist pode ser encontrado num documento conhecido como *Crónica de Sigeberto*, de um certo Sigeberto de Gembloux (Bélgica), que data do século IX. Uma passagem diz o seguinte:

Apareceu neste ano [858], na diocese de Mainz [perto de Bingen, no Reno], um espírito que inicialmente se revelou atirando pedras e batendo nas paredes das casas como se com um grande malho. Depois começou a falar e a revelar segredos, descobrindo os autores de vários roubos e de outros assuntos suscetíveis de provocar perturbações na vizinhança. Por fim descarregou a sua malícia sobre uma pessoa em particular, que se empenhou em perseguir e tornar odiosa a todos os vizinhos, apresentando-a como a causa da ira de Deus contra toda a aldeia.

O espírito nunca abandonava o pobre homem, atormentando-o sem cessar, queimando todo o milho nos celeiros e incendiando todos os lugares por onde ele passava. Os padres tentaram afugentá-lo com exorcismos, orações e água benta, mas o espectro respondeu-lhes com uma chuva de pedras que feriu vários deles. Quando os padres se retiraram, ouviu-se o espírito lamentar-se e dizer que era forçado a refugiar-se no capuz de um dos padres, o qual tinha desonrado a filha de um homem importante da aldeia. Continuou desta maneira a infestar a aldeia durante três anos seguidos e só desistiu depois de ter incendiado todas as casas.

O relato noutra obra, os *Annales Fuldenses*, da qual Sigeberto de Gembloux condensou esta narrativa, menciona que o homem atormentado pelo espírito era um agricultor e que o espírito o acusava de adultério e de seduzir a filha do seu feitor.

Ora, neste ponto, curiosamente, deixamos o domínio da superstição — se é que o vampiro é realmente superstição — e entramos no da realidade. Pois o poltergeist é, sem dúvida, um dos fenómenos psíquicos mais bem documentados de todos; existem centenas, talvez milhares, de relatos registados. Os poltergeists especializam-se em travessuras e parecem ser os delinquentes juvenis do mundo psíquico. Levam as pessoas ao desespero com as suas partidas, fazendo objetos voar pelo ar (e por vezes mudar abruptamente de direção em pleno voo) e frequentemente produzindo estrondos que podem ser ouvidos a quilómetros de distância. Tendo em conta os exageros do cronista medieval, o caso acima relatado por Sigeberto tem um tom de autenticidade. É verdade que poltergeists falantes são raros; no entanto, existem vários casos registados (ver capítulo 41).

De um modo geral, os poltergeists não fazem mal; Giraldus Cambrensis observa acerca de um poltergeist de Pembrokeshire, datado de 1191 d.C., que este parecia pretender "ridicularizar mais do que causar dano corporal". Mais uma vez, contudo, existem algumas exceções. O investigador psíquico Guy Lyon Playfair menciona um caso brasileiro em que o poltergeist levou uma rapariga ao suicídio ao atormentá-la.

E o poltergeist conhecido como a "bruxa Bell", cujas atividades malignas continuaram entre 1817 e 1821 no condado de Robertson, Tennessee, concentrou a sua atenção num homem em particular, o agricultor John Bell, e — tal como o poltergeist de Sigeberto — "atormentou-o sem cessar", espancando-o até o deixar negro e azul e acabando por envenená-lo.

O que é exatamente um poltergeist? Escritores como Sigeberto e Giraldus Cambrensis adotaram a compreensível opinião de que se tratava de um espírito. A investigação psíquica moderna tende a considerar essa ideia embaraçosa. Frank Podmore, um dos fundadores da Society for Psychical Research, concluiu em 1890 que se tratava de crianças travessas a atirar pedras. Mas investigadores conscienciosos rapidamente perceberam que tal perspetiva era insustentável.

Em meados do século XX acabaram por chegar a um acordo com o fenómeno do poltergeist decidindo que se tratava de um exemplo de "psicocinésia espontânea recorrente" (RSPK) ou "mente sobre a matéria". Alguns médiuns talentosos conseguem mover pequenos objetos, como alfinetes, agulhas de bússola ou pedaços de papel, concentrando-se neles. Ainda ninguém conseguiu fazer algo mais espetacular com a "força mental" — nem sequer algo tão modesto como atirar uma pedra.

Por outro lado, os investigadores notaram rapidamente que quase todas as ocorrências de poltergeist pareciam centrar-se num adolescente emocionalmente perturbado ou prestes a atingir a puberdade. Se estes indivíduos estavam de algum modo a provocar os efeitos do poltergeist, então faziam-no inconscientemente. Um dos defensores mais convictos desta teoria foi o psiquiatra freudiano Nandor Fodor, também ele um distinto investigador psíquico.

Fodor argumentava que o inconsciente freudiano era responsável pela "psicocinésia espontânea" e que as energias envolvidas eram as poderosas energias sexuais da puberdade. Nem Fodor nem qualquer outro adepto da teoria conseguiam explicar como o inconsciente podia fazer objetos pesados voarem pelo ar e até atravessar paredes sólidas. Mas a teoria tinha um tom agradavelmente científico e rapidamente foi aceite de forma generalizada.

No início da década de 1970, contudo, um investigador começou a desenvolver sérias dúvidas sobre esta teoria. Tratava-se de Guy Lyon Playfair, licenciado em Cambridge que se mudara para o Rio de Janeiro para ensinar inglês. Interessou-se pelo paranormal após uma experiência pessoal de "cirurgia psíquica" e juntou-se ao Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas (IBPP). No Brasil, uma grande parte da população segue uma religião conhecida como Espiritismo, baseada nos escritos do francês Allan Kardec, que aceita a comunicação com os mortos e o papel ativo dos espíritos na existência humana.

Após participar em várias investigações de poltergeist, Playfair estava menos inclinado a descartar o Espiritismo como absurdo — na verdade, concluiu que Kardec tinha razão ao afirmar que os poltergeists são espíritos. As suas investigações sobre a forma brasileira de vodu, conhecida como umbanda, convenceram-no igualmente de que esta realmente funciona e de que os praticantes de umbanda realizam frequentemente a sua

"magia" por meio de espíritos. As experiências que o conduziram a estas conclusões são descritas no seu livro *The Flying Cow*.

Num livro intitulado *Poltergeist*, descrevi como as minhas próprias investigações me levaram a concluir que Playfair tinha razão (ver também o capítulo 41) e como a teoria da "psicocinésia espontânea" simplesmente não abrange todos os factos. Depois de ter sido um adepto convicto desta teoria, vi-me forçado pelas provas a aceitar a embaraçosa ideia de que os poltergeists são espíritos. Desde então conheci muitos investigadores psíquicos — particularmente nos Estados Unidos — que estão pelo menos dispostos a admitir essa possibilidade.

O mesmo (como veremos noutros pontos deste volume) aplica-se ao campo intimamente relacionado da "possessão", a ideia de que seres humanos podem ser possuídos por "espíritos impuros". A visão convencional é expressa no conhecido estudo de Aldous Huxley, *The Devils of Loudun*, onde se assume como adquirido que as freiras que se contorciam no chão e proferiam blasfémias horríveis estavam sob o efeito de histeria sexual.

Aqui, ainda mais do que no caso do poltergeist, parece natural assumir que estamos perante doença psicológica — e sem dúvida que em muitos casos assim é. No entanto, vários psiquiatras americanos — entre eles Morton Prince, Ralph Allison e Adam Crabtree — produziram estudos sobre "personalidade múltipla" nos quais admitem que certos casos são difíceis de explicar exceto em termos de possessão pelo espírito de uma pessoa falecida. (Ver capítulo 42.)

Outra peça interessante de evidência a favor desta visão da possessão encontra-se no estudo do professor Ian Stevenson, *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation*. Ele descreve o caso de um rapaz hindu chamado Jasbir Lal Jat, que aparentemente morreu aos três anos de idade em 1954. Antes de poder ser enterrado, reviveu — mas com uma personalidade nova, completamente diferente da anterior. Este novo Jasbir afirmava ser um homem chamado Sobha Ram, que morrera na aldeia de Vehedi após cair de uma carroça. Dizia pertencer à casta Brahmin e mostrava grande exigência em relação à comida.

A família descartou as suas afirmações como imaginação infantil. Mas, quando Jasbir tinha seis anos, uma mulher brâmane de Vehedi visitou

a aldeia e Jasbir insistiu que ela era sua tia. Ela era, de facto, tia de um homem chamado Sobha Ram, que morrera devido a uma queda de carroça exatamente no momento em que Jasbir revivera. Levado a Vehedi, Jasbir demonstrou conhecimento íntimo do local e dos familiares de Sobha Ram, convencendo os próprios pais de que dizia a verdade. A conclusão só pode ser que, se Jasbir era Sobha Ram, então o "espírito" deste tomou posse do corpo vazio no momento em que Jasbir "morreu".

Na sua obra clássica *Human Personality and Its Survival of Bodily Death*, Frederic Myers, um dos membros fundadores da Society for Psychical Research, dedica um capítulo ao "Transe, Possessão e Êxtase". Começa por reconhecer que, quando os "médiuns" espíritas entram em transe, são "tomados" por espíritos e que isto constitui o fenómeno outrora chamado "possessão". Acrescenta que, em certos casos, as mensagens espirituais podem ser enganadoras e que "sugerem — e não podemos refutar absolutamente a sugestão — um tipo de inteligência inferior à humana, semelhante à animal, e talvez parasitária".

É o mais longe que está disposto a ir ao admitir que a possessão pode ocasionalmente ser malévola. Mas prossegue citando numerosos casos do que chama "invasão psíquica" — isto é, casos em que alguém viu o "espírito" de outra pessoa, frequentemente alguém que morreu exatamente naquele momento. Noutros casos, a pessoa que "aparece" ainda está viva. Uma senhora T., residente em Adelaide, conta como, deitada na cama mas ainda completamente acordada, viu um antigo amante de pé no quarto, bem como outro homem, que sentiu ser um primo que "o conduzira ao mau caminho". O antigo amante, muito pálido, disse-lhe que o pai acabara de morrer e que herdara os seus bens. Como o marido dela era cético em relação à visão, ela escreveu-a. Algumas semanas depois soube que o pai do amante morrera exatamente à hora da visão e lhe deixara efetivamente a propriedade.

Outro caso, citado em *Phantasms of the Living* (obra co-escrita por Myers), possui um tom ligeiramente mais sinistro. Uma rapariga de dezanove anos descreveu como começara a ter sonhos com um homem que possuía um sinal junto ao canto da boca e como esses sonhos lhe provocavam repugnância. Os sonhos começavam sempre com a sensação de algum tipo de "influência" a dominá-la. (Apesar da sua reserva, é claro que os sonhos tinham natureza sexual e que o homem a forçava a participar

em atos sexuais.) Dois anos mais tarde, numa festa em Liverpool, sentiu a mesma "influência" e voltou-se para se encontrar frente a frente com o homem do sinal.

Foi-lhe apresentado, e ele insistiu que já se tinham encontrado antes, o que ela negou. Mas quando ele mencionou um festival de música em Birmingham, ela recordou subitamente ter sentido ali a mesma desagradável sensação de "influência" e ter desmaiado. Depois disto, o homem começou a persegui-la e até passou a falar dos sonhos. Ela sentia instintivamente que, se admitisse a existência deles, ficaria sob o poder dele; por isso fingiu não compreender. Acabou por abandonar Liverpool e deixou de o ver.

Aqui parece claro que o homem a reconhecera como o tipo de pessoa sobre quem conseguia exercer alguma "influência" psíquica e que invadira de algum modo os seus sonhos. Se admitirmos a possibilidade dessa "invasão", bem como a possibilidade da existência de "espíritos", então a ideia de vampiros deixa subitamente de parecer tão absurda.

Num livro notável intitulado *Hungry Ghosts*, o jornalista britânico Joe Fisher descreveu a sua própria estranha experiência com "espíritos". Fisher escrevera um livro sobre reencarnação, durante o qual se convencera da sua realidade. Um dia, depois de ser entrevistado na rádio em Toronto (onde vive), recebeu um telefonema de uma mulher que explicou ter-se tornado acidentalmente porta-voz de "entidades desencarnadas". Estava a ser hipnotizada numa tentativa de cura da leucemia, e vários "guias espirituais" tinham começado a falar através da sua boca. (Myers observa que um "espírito" só consegue entrar num corpo quando o "inquilino" habitual está ausente, algo a ter em conta quando consideramos que os primeiros relatos de vampiros envolvem ataques durante o sono.)

Na primeira vez que Fisher foi a casa da mulher, um "espírito" chamado Russell falou através da sua boca com um reconfortante sotaque de Yorkshire e disse-lhe que tinha uma "guia" feminina, uma rapariga grega chamada Filipa, que fora sua amante numa existência anterior três séculos antes. Isto pareceu plausível a Fisher, pois sempre sentira alguma afinidade com a Grécia. Começou a frequentar regularmente as sessões e a dedicar algum tempo todas as manhãs a relaxar e tentar contactar Filipa.

Acabou por conseguir; zumbidos nos ouvidos eram seguidos por uma sensação de êxtase e comunicação. Filipa era uma pequena criatura sensual que gostava de ser abraçada, e Fisher sugere que, de certo modo, se tornaram amantes. Isto destruiu a sua relação amorosa da época; a companheira com quem vivia sentia que não conseguia competir com um fantasma.

Outras pessoas presentes nas sessões eram informadas acerca dos seus "guias" ou anjos da guarda. Um guia era um antigo piloto da RAF chamado Ernest Scott, outro um divertido cockney chamado Harry Maddox. A desilusão de Fisher começou quando, numa viagem de regresso a Inglaterra, decidiu tentar verificar as histórias de guerra de Ernest Scott — sem duvidar minimamente de que se revelariam verdadeiras. O aeródromo era genuíno; também o era o esquadrão ao qual Ernest afirmava ter pertencido; as descrições dos ataques durante a guerra estavam corretas; o mesmo acontecia com as descrições das deslocações do esquadrão de aeródromo em aeródromo. Mas nunca existira qualquer Ernest Scott naquele esquadrão, e uma longa pesquisa nos Arquivos Públicos não revelou o seu nome. Fisher regressou ao Canadá amargurado e acusou Ernest de mentir. Ernest negou energicamente. De qualquer modo, disse, estava prestes a reencarnar noutro corpo, pelo que teria de partir. Mais tarde, o "guia" Russell informou Fisher de que Ernest renascera em Inglaterra e forneceu o nome dos pais e a data de nascimento. Curiosamente, quando Fisher verificou, a informação revelou-se correta. Chegou mesmo a contactar os pais, que ficaram intrigados mas decidiram não se envolver mais profundamente.

Com a aprovação de Russell, Fisher tentou localizar a quinta em Yorkshire onde Russell afirmava ter vivido no século XIX. Mais uma vez, muitos dos factos fornecidos por Russell sobre a zona de Harrogate estavam corretos; mas, novamente, os factos cruciais estavam errados. Parecia que Russell também era mentiroso. E o mesmo acontecia, após investigação, com o adorável veterano da Primeira Guerra Mundial Harry Maddox. Os seus relatos das batalhas da guerra estavam corretos; mas Harry nunca existira.

Finalmente, Fisher levou a sua busca até à Grécia. Apesar da desilusão com os outros guias, não tinha qualquer dúvida de que Filipa era genuína. Ela possuía, afirma ele no início do livro, "mais amor, compaixão e

perspicácia do que alguma vez conheci". O problema era que todas as suas tentativas de localizar Theros — uma aldeia perto da fronteira turca — em atlas ou gazetteers tinham falhado. Ainda assim, isso podia dever-se ao facto de ter sido destruída pelos turcos nos três séculos anteriores. Mas uma cidade chamada Alexandroupoli, mencionada por Filipa, continuava a existir.

Após uma longa e frustrante busca pelos vestígios de Theros, Fisher foi até Alexandroupoli, cidade que supunha ter sido fundada por Alexandre, o Grande. Mas um folheto local desiludiu-o. Alexandroupoli tinha apenas dois séculos; nem sequer existia na época em que ele e Filipa supostamente tinham sido amantes. Tal como os outros, Filipa era uma mentirosa e uma enganadora.

Num capítulo intitulado "O Chamamento das Sereias dos Fantasmas Famintos", Fisher tenta analisar o que lhe acontecera. A resposta parece simples. Envolvera-se com aquilo a que Kardec chamava "espíritos presos à Terra", espíritos que ou não percebem que morreram ou possuem um desejo tão intenso de permanecer na Terra que continuam ligados a ela:

Estes espíritos presos à Terra ou, na terminologia budista tibetana, *pretas* ou "fantasmas famintos", são indivíduos cujas mentes, no momento da morte física, foram incapazes de se libertar do desejo. Assim escravizada, a personalidade fica presa nos planos inferiores, conservando durante algum tempo a memória e a individualidade. Daí a expressão "alma perdida", uma entidade residual que não é mais do que um cadáver astral à espera. Condenou-se a si própria a perecer; escolheu uma "segunda morte".

Fisher cita também o livro *The Astral Body*, do tenente-coronel Arthur E. Powell:

Tais espectros não têm consciência moral, são desprovidos de impulsos bons, tendem para a desintegração e, consequentemente, apenas podem agir para o mal, quer os consideremos prolongando a sua vitalidade através do vampirismo em sessões espíritas, quer poluindo o médium e os participantes com ligações astrais de natureza absolutamente indesejável.

E Fisher cita o moderno especialista americano em experiências fora do corpo, Robert Monroe:

Monroe fala de encontrar uma zona próxima do plano terrestre povoada pelos "mortos", que não conseguiam ou não queriam perceber que já não eram seres físicos… Os seres que ele percebia "continuavam a tentar ser físicos, a fazer e ser aquilo que tinham sido, a continuar físicos de uma maneira ou de outra. Confusos, alguns gastavam toda a sua atividade tentando comunicar com amigos e entes queridos ainda em corpos ou com qualquer outra pessoa que aparecesse".

Kardec insistia que a maioria dos seres humanos pode ser influenciada inconscientemente por espíritos, uma vez que estes conseguem entrar e sair livremente dos nossos corpos e mentes. E um investigador psíquico chamado Carl Wickland, cuja obra *Thirty Years Among the Dead* é um clássico do Espiritismo (ver capítulo 42), declarou que "estes espíritos presos à Terra são os supostos 'demónios' de todas as épocas; demónios de origem humana… A influência destas entidades desencarnadas é a causa de muitos dos acontecimentos inexplicáveis e obscuros da vida terrestre e de grande parte da miséria do mundo". Wickland afirma que estas entidades são atraídas pela luz magnética emanada pelos mortais; ligam-se a estas auras, encontrando um meio de expressão através da influência, obsessão ou possessão das suas vítimas.

Tais espíritos podem facilmente ser contactados através de um tabuleiro Ouija, uma superfície lisa com letras dispostas em semicírculo; os "participantes" colocam os dedos sobre um copo virado ao contrário, que se move por si próprio de letra em letra, formando palavras. Qualquer pessoa que alguma vez o tenha experimentado terá reparado que os "espíritos" raramente dizem a verdade. G. K. Chesterton dedica várias páginas da sua *Autobiography* a experiências com um tabuleiro Ouija e, embora admita que a força que move o copo é, em certo sentido, "sobrenatural", conclui no entanto: "A única coisa que direi com total confiança acerca desse poder místico e invisível é que mente."

Isto é interessante, porque Chesterton converteu-se ao catolicismo romano, e a Igreja Católica sempre se opôs fortemente ao "Espiritismo". Não porque rejeite a vida após a morte, mas porque desconfia profundamente do tipo de entidades que "se manifestam" nas sessões espíritas, considerando que os espíritos não têm razão para permanecer no "plano terrestre", tal como os adultos não desejam permanecer nas antigas escolas da infância. Ao contrário de H. G. Wells, Julian Huxley ou outros

racionalistas modernos, Chesterton não rejeitou a "comunicação espiritual" como fraude ou ilusão; mas, tal como Joe Fisher, foi incapaz de aceitar os "espíritos" pelo valor facial.

Se admitirmos simultaneamente a possibilidade de "invasão psíquica", bem como a possibilidade de "espíritos", então a noção de vampiros parece subitamente menos absurda. Em *The Magus of Strovolos*, um académico americano, Kyriacos C. Markides, descreveu a sua amizade com um místico e "mago" cipriota contemporâneo, Spyros Sathi, conhecido como Daskalos, que vive em Nicósia. Daskalos, tal como Myers e Fisher, toma como garantida a realidade efetiva dos espíritos, mas também fala sem embaraço de possessão e vampirismo.

Algumas das histórias de Markides sobre Daskalos são tão extraordinárias que a maioria dos leitores suspeitará de extrema credulidade. Contudo, os ensinamentos de Daskalos, tal como citados por Markides, deixam claro que ele merece ser colocado ao lado de mestres do século XX como Steiner e Gurdjieff. E Markides oferece numerosos exemplos que parecem não deixar qualquer dúvida acerca da autenticidade dos poderes psíquicos de Daskalos. Ele conseguiu descrever a casa de Markides na América com detalhes notáveis, apesar de não ter qualquer meio de conhecer tais pormenores. Noutra ocasião, quando Markides e um amigo procuravam Daskalos, Markides comentou em tom de brincadeira que talvez ele estivesse a visitar uma amante; quando finalmente o encontraram e lhe perguntaram onde estivera, Daskalos respondeu secamente: "A visitar uma amante", acrescentando depois que ouvira toda a "conversa idiota" deles. Torna-se claro que Daskalos considera a "possessão" algo perfeitamente natural, e Markides conta várias histórias, algumas das quais viveu pessoalmente.

Existem, afirma Daskalos, três tipos de possessão: por espíritos humanos mal-intencionados; por entidades demoníacas; e por elementais (estes últimos sendo pensamentos e desejos humanos que adquiriram vida própria). Prossegue descrevendo um caso de possessão espiritual do primeiro tipo. Daskalos foi abordado pelos pais de uma rapariga que afirmava estar a ser assombrada pelo espírito do noivo falecido. Embora tivessem vivido juntos, ela recusara permitir que ele a possuísse até ao casamento.

O homem morreu de tuberculose, atormentado por desejos não realizados. “Todas as noites, antes de ela se deitar, ele semi-hipnotizava-a e induzia-a a manter a janela do quarto aberta. Depois entrava dentro de um morcego e aproximava-se dela. O morcego fixava-se-lhe ao pescoço e sugava-lhe sangue e energia etérica.” O padre local explicou a Daskalos como lidar com a situação. Devia esperar na divisão ao lado e, quando ouvisse o morcego entrar, fechar rapidamente a janela; depois, como o morcego o atacaria, devia atordoá-lo com uma vassoura. Em seguida deveria embrulhar o morcego numa toalha e queimá-lo num braseiro. Daskalos assim fez, e enquanto o morcego ardia a rapariga gritava e gemia. Depois acalmou-se e perguntou: “Porque estavam a tentar queimar-me?” A “assombração” cessou a partir daí.

Daskalos contou outra história que contém elementos de vampirismo. Durante uma viagem pelo sul da Grécia encontrou outra rapariga que estava a ser assombrada por um antigo amante, um pastor apaixonado por ela que morrera num acidente de automóvel. Cinco anos depois, enquanto procurava cabras, a rapariga viu o pastor — chamado Loizo — e ele começou a segui-la, acabando por a fazer sentir tanto sono que se viu obrigada a sentar-se.

Então “hipnotizou-a” e levou-a a experimentar intenso prazer sexual. Quando relatou o incidente, foi examinada medicamente e verificou-se que ainda era virgem. Mas três dias depois o pastor apareceu-lhe na cama e fez amor com ela. Um novo exame médico revelou que já não era virgem. Daskalos reparou em duas manchas avermelhadas no pescoço dela. A rapariga disse-lhe: “Ele beija-me ali, mas os seus beijos são estranhos. São como sucções, e eu gosto.”

O médico que examinou a rapariga acreditava que ela própria rompera o hímen com os dedos; Daskalos parece aceitar isso, mas acredita que Loizo a levou a fazê-lo.

Daskalos afirmou que, dois dias depois, viu o pastor entrar na casa e cumprimentou-o. Loizo explicou que desejava a rapariga havia muitos anos e nunca tivera relações sexuais com uma mulher — apenas com animais como burros e cabras. Agora que a possuía, não tencionava deixá-la partir. Recusava acreditar quando Daskalos lhe dizia que estava morto. Daskalos advertiu-o de que, se persistisse em possuir a rapariga, permaneceria “num

estado narcotizado como um vampiro". Os seus argumentos acabaram por convencer o pastor, que concordou em partir.

Estes dois casos, considerados em conjunto com os outros que examinámos, oferecem pistas interessantes acerca da natureza do vampiro. Segundo Daskalos, o "espírito preso à Terra" do noivo falecido conseguia entrar num morcego vulgar e depois sugar o sangue da rapariga. Isto era uma expressão do seu desejo sexual, do seu desejo de possuí-la. Houve muitos casos do chamado Vampirismo na história dos crimes sexuais. No início da década de 1870, um jovem italiano chamado Vincent Verzeni assassinou três mulheres e tentou estrangular várias outras.

Verzeni era dominado por um poderoso desejo de estrangular mulheres (e até aves e animais). Depois de estrangular uma rapariga de catorze anos chamada Johanna Motta, abriu-lhe o ventre e bebeu-lhe o sangue. Verzeni admitiu que lhe dava enorme prazer cheirar roupas femininas e que "satisfazia-me agarrar mulheres pelo pescoço e sugar-lhes o sangue". Por isso é fácil imaginar que o noivo preso à Terra mencionado por Daskalos pudesse sentir prazer em beber o sangue da rapariga. Mas também percebemos que o seu desejo de "possuí-la" era satisfeito de outra maneira — assumindo de algum modo o controlo da imaginação dela.

Do mesmo modo, no caso de Loizo, vemos que o pastor entrou no corpo da rapariga e tomou posse da sua mente, conseguindo levá-la a romper o próprio hímen com os dedos. Isto implica — como seria de esperar — que o ato sexual não ocorreu num plano físico, uma vez que Loizo não possuía corpo. (Joe Fisher parece sugerir algo semelhante ao descrever a sua relação com Filipa.)

Tudo isto tem implicações interessantes. O ato de fazer amor parece envolver um paradoxo, pois é uma tentativa de fusão de dois corpos, tentativa condenada ao fracasso pela separação entre eles. No *Banquete*, Platão exprime o paradoxo através de um mito divertido. Os seres humanos eram originalmente seres esféricos que possuíam características de ambos os sexos. Como a sua vitalidade os tornava um desafio aos deuses, Zeus decidiu enfraquecê-los. Assim, cortou-os ao meio, "como nós poderíamos cortar uma maçã", e virou-lhes os rostos para o lado oposto. Desde então, as partes separadas passaram a vida numa busca desesperada pela outra metade, deixando de constituir ameaça para os deuses.

É evidente que, na sua forma mais crua, o impulso sexual masculino é basicamente um desejo de "possessão" e que o ato de penetração física é um ato de agressão. (A maioria dos escritores sobre Drácula, por exemplo, observou que se trata essencialmente de uma fantasia de violação.) Quando um homem segura uma mulher nos braços, sente o desejo de a absorver, de se fundir com ela, e a penetração real é apenas uma união simbólica. Assim, poderíamos dizer que um "vampiro" como Loizo consegue alcançar aquilo com que todos os amantes sonham: uma possessão que envolve interpenetração total, união de mentes.

A noção de vampirismo que começa a emergir de tudo isto é simples e — desde que se aceite a ideia de "espíritos presos à Terra" — plausível.

Daskalos disse a Markides que aqueles que cometem suicídio podem ficar presos no "etéreo do mundo material grosseiro", incapazes de passar para planos psíquicos superiores. Uma pessoa que se suicida morre "num estado de desespero e confusão" e "pode vibrar demasiado perto do mundo material, o que não lhe permite encontrar descanso". Torna-se um "fantasma faminto", vagueando pelas mentes humanas como um homem que percorre uma cidade deserta. Com toda a probabilidade, não tem consciência de que está morto. (A esposa de Peter Plogojowitz declarou que ele lhe aparecera a pedir os sapatos; como os sapatos seriam obviamente inúteis para um fantasma, devemos concluir que ele não tinha consciência de que os seus pés se haviam "desmaterializado".) Em circunstâncias normais, o espírito seria incapaz de influenciar o seu hospedeiro involuntário ou de tornar percetível a sua presença; apenas se o hospedeiro vibrar com os mesmos desejos, estiver "na mesma frequência", pode ocorrer verdadeira "possessão".

Também parece claro que alguns seres humanos possuem maior capacidade do que outros para sentir a presença destas entidades; chamamos a essas pessoas "psíquicas". Podem não ter consciência dessa sensibilidade até algum acontecimento fortuito a revelar. Num livro intitulado *The Paranormal*, o psicólogo Stan Gooch descreveu como, aos vinte e seis anos, participou numa sessão espírita em Coventry com um amigo e caiu espontaneamente num estado de transe. Quando despertou, soube que vários "espíritos" tinham falado através dele.

Foi durante este período, revela Gooch num livro posterior intitulado *Creatures from Inner Space*, que teve a sua primeira experiência de

"invasão psíquica". Estava deitado na cama numa manhã de sábado, de olhos fechados, quando sentiu um movimento na almofada junto à cabeça, como se alguém tivesse pressionado suavemente uma mão contra ela. O movimento continuou durante algum tempo; mas quando abriu os olhos estava sozinho.

Vinte anos depois, meio acordado ao amanhecer, tomou consciência de que alguém estava na cama com ele. Sentiu que era uma combinação de várias mulheres que conhecera: "Nesta primeira ocasião, o meu interesse consciente pela situação levou a melhor, e a súcubo [demónio feminino] desvaneceu-se gradualmente. Nas ocasiões seguintes, porém, a presença da entidade manteve-se, até que finalmente fizemos amor." Observa que "sob certos pontos de vista, o sexo é na realidade mais satisfatório do que com uma mulher real, porque no encontro paranormal elementos arquetípicos estão tanto envolvidos como invocados".

Estranhamente, Gooch não acredita que a sua súcubo fosse real; pensa que tais entidades são criações da mente humana. Cita casos de pessoas hipnotizadas capazes de ver e tocar em alucinações sugeridas pelo hipnotizador, bem como um livro intitulado *The Story of Ruth*, do Dr. Morton Schatzman, que descreve uma rapariga cujo pai tentara violá-la em criança e que começou a aluciná-lo, acreditando que ele estava presente no quarto. Gooch parece acreditar que a sua súcubo era uma alucinação semelhante. Contudo, esta visão parece contradita por outros casos que ele próprio cita.

O primeiro diz respeito a um polícia, Martin Pryer, que sempre fora "psíquico". A certa altura decidiu praticar o controlo das imagens hipnagógicas — as imagens que experienciamos na fronteira do sono — e rapidamente começou a viver experiências alarmantes. Numa ocasião, uma estranha entidade agarrou-se-lhe às costas como uma lapa e só o largou depois de ele atravessar o quarto cambaleando e acender a luz. Noutra ocasião, pensou que uma antiga namorada estava à janela e, quando perguntou o que fazia ali, ela respondeu: "Foste tu que me chamaste." Depois, uma entidade feminina pareceu agarrá-lo por trás, colando-se-lhe às costas; teve a sensação de que queria que ele fizesse amor com ela "de forma bruta e violenta". Após alguns minutos, desvaneceu-se.

Gooch prossegue descrevendo as experiências de uma amiga atriz chamada Sandy, também ela "psíquica". Certa noite acordou e sentiu que o

projetar no canto do teto se transformara num olho que a observava. Depois sentiu uma entidade — acreditava ser masculina — deitada sobre ela e tentando fazer amor consigo. "Uma parte dela estava bastante disposta a deixar o ato prosseguir, mas outra parte sabia que queria que parasse." A entidade tornou-se mais pesada e outra força parecia puxá-la para baixo através do colchão. Fez então um esforço para imaginar que se puxava a si própria para cima através do colchão, e a pressão desapareceu subitamente. Mas, ao ir à casa de banho, descobriu que a boca estava rodeada de manchas escuras e, quando a abriu, verificou que estava cheia de sangue seco. Não havia qualquer sinal de hemorragia nasal ou outro ferimento que pudesse explicar o sangue.

Guy Playfair descreveu um caso semelhante em *The Flying Cow*. Uma rapariga chamada Marcia, mestre em psicologia, estava na praia em São Paulo quando encontrou uma imagem de gesso da deusa do mar Yemanjá, claramente lançada ao mar como oferenda. Contra o conselho da tia, levou-a para casa. A partir daí começou a sofrer uma série de desastres. Sentia-se exausta e começou a perder peso. A panela de pressão explodiu, queimando-lhe as mãos e o rosto, e o forno rebentou. Começou a ter impulsos suicidas. Depois, certa noite, uma "entidade" entrou-lhe na cama e sentiu um pénis penetrá-la. Isto repetiu-se várias vezes. Em desespero, consultou um especialista em umbanda, que a aconselhou a devolver a estátua à praia. Assim que o fez, cessaram tanto a sequência de azar como as violações psíquicas.

Casos como estes tornam difícil aceitar a visão de Gooch de que tais entidades são uma espécie de alucinação hipnótica. Parece óbvio que chegou a essa conclusão porque a sua "súcubo" parecia uma combinação de antigas namoradas. Mas, segundo a hipótese dos "espíritos presos à Terra", presumiríamos que a entidade simplesmente colocou essas ideias na sua mente — isto é, na sua imaginação. Ele escreve: "Em suma, esta entidade, embora possuísse atributos físicos e até psicológicos que me eram familiares, era, ainda assim, essencialmente um ser independente." E concorda que os "elementos arquetípicos" foram, em certa medida, "invocados" — isto é, que ele próprio os estava a conjurar.

Sandy conseguiu libertar-se da "invasão psíquica" imaginando que se puxava para cima através do colchão, indicando que a entidade controlava a sua imaginação, e não o corpo.

Observamos também que estas "invasões psíquicas" ocorreram quando os três indivíduos — Gooch, Martin Pryer e Sandy — estavam a dormir ou entre o sono e a vigília, portanto num estado de transe semelhante à mediunidade.

As provas, então, parecem todas sugerir que o vampiro, tal como o poltergeist, é um "espírito preso à Terra", um "fantasma faminto" que retira vitalidade aos seres humanos. A observação de Daskalos a Loizo — de que "permaneceria num estado narcotizado como um vampiro" — indica que tais espíritos se tornam, de certo modo, toxicodependentes incapazes de evoluir para um nível superior enquanto permanecem presos ao vício.

Um dos poucos "vampirologistas" contemporâneos é Stephen Kaplan, licenciado pela State University of New York. No seu livro *Vampires Are . . .* (1984), descreve como se interessou pelo tema. Durante os estudos de antropologia reparou que "muitos dos costumes e rituais das culturas primitivas que estudávamos mostravam semelhanças impressionantes com os mitos e lendas sobre vampiros".

Isto levou-o a supor que poderia existir alguma verdade nas lendas vampíricas e, em 1971, fundou o Vampire Research Center em Long Island. Como resultado de entrevistas na rádio, recebeu muitas chamadas, a maioria fraudulentas. Os primeiros "vampiros" reais que encontrou foram um casal que gostava de provar sangue. (Na verdade, o sangue provoca vómitos, pelo que seria impossível bebê-lo em grandes quantidades.) A mulher chicoteava o companheiro até ele sangrar e depois lambia-lhe os cortes. Tinham formado um pequeno grupo que praticava tais atos. Outra mulher entrevistada por Kaplan obtinha sangue trocando favores sexuais.

Sem exceção, as pessoas entrevistadas por Kaplan eram "sexualmente perturbadas". (Em *The Sexual Anomalies and Perversions*, do Dr. Magnus Hirschfeld, existe uma secção dedicada ao vampirismo, na qual se torna claro que este está relacionado com necrofilia; Hirschfeld descreve, por exemplo, um coveiro chamado Victor Ardisson que bebia sangue animal e praticava diversos atos perversos com cadáveres femininos que desenterrava.) Mas Kaplan sugere que o verdadeiro vampirismo é "a drenagem de energia física de um indivíduo para outro, frequentemente através do sangue". Fala de "vampiros psíquicos", pessoas que parecem drenar a nossa energia física. Observa que o processo parece ser o inverso

da “cura psíquica”, pela qual o curador consegue transferir energia para o paciente.

Num artigo sobre ocultismo sexual na revista *The Unexplained*, o historiador do ocultismo Francis King descreve o processo através do qual um “mago” pode provocar excitação sexual numa vítima escolhida:

O aspirante a amante senta-se o mais perto possível da vítima pretendida. Observa a respiração dela pelo subir e descer do peito e, uma vez estabelecido o ritmo exato, começa a respirar em perfeita uníssono com ela. O feiticeiro continua assim durante três a cinco minutos e depois contrai os músculos do ânus durante cinco a dez segundos. Isto, supostamente, estabelece uma “ligação astral” entre as duas pessoas envolvidas, ativando o chakra *muladhara* do homem, o centro da atividade psíquica que, segundo alguns ocultistas, controla a libido. Situa-se, afirmam eles, numa parte do “corpo subtil” correspondente aproximadamente à zona entre o ânus e os órgãos genitais. O mago aumenta então gradualmente o ritmo da respiração até atingir a cadência característica do auge da atividade sexual. A “ligação astral” garante que as emoções normalmente associadas a esta respiração acelerada sejam transmitidas à mulher, que experimenta imediatamente excitação sexual. O mago inicia então a conversa.

Prossegue teorizando que o vampirismo é uma forma de drenar “energia psico-sexual” da vítima.

O que está a ser sugerido é que um homem pode estabelecer uma ligação telepática entre si e uma mulher que deseja, utilizando-a para influenciar os desejos dela. Em *God Is My Adventure*, Rom Landau conta uma história sobre o filósofo e místico George Gurdjieff que parece indicar que ele também era capaz de fazer isto. Um homem contou a Landau um episódio ocorrido enquanto almoçava com uma romancista atraente:

Gurdjieff cruzou o olhar com ela, e vimos distintamente que começou a inspirar e expirar de uma maneira peculiar. Sou demasiado experiente nestes truques para não perceber que Gurdjieff estava a utilizar um dos métodos que devia ter aprendido no Oriente. Alguns momentos depois, reparei que a minha amiga estava a empalidecer; parecia à beira de desmaiar. E no entanto ela está longe de ser uma pessoa nervosa.

Fiquei muito surpreendido ao vê-la naquele estado estranho, mas recuperou passados alguns instantes. Perguntei-lhe o que se passava. "Aquele homem é inquietante", murmurou. "Aconteceu algo horrível", continuou. "Devia ter vergonha… Olhei há pouco para o teu 'amigo', e ele prendeu-me o olhar. Fitou-me de maneira tão estranha que, num segundo ou dois, senti de repente como se tivesse sido atingida diretamente no meu centro sexual. Foi repugnante!"

Parece provável que o "homem com o sinal" descrito em *Phantasms of the Living* possuísse a mesma capacidade curiosa e que isso explique porque a rapariga desmaiou no festival de música de Birmingham; também parece claro que, tendo estabelecido a "ligação psíquica", foi capaz de invadir os sonhos dela à maneira de um "vampiro".

Tentemos então esboçar uma teoria do vampirismo que esteja de acordo com os vários relatos citados. A história de Arnod Paole, como tantas outras, deixa claro que ele não era um vampiro voluntário; o *Visum et Repertum* afirma que tinha sido "atormentado por um vampiro" na Turquia e que comera terra da sepultura para se libertar da aflição. Isso não resultou, e o espírito preso à Terra regressou após a morte para vampirizar pessoas em Medvegia.

Se assumirmos que o vampirismo é uma experiência semelhante à satisfação sexual, então a implicação é que o espírito inquieto de Paole se tornou vampiro da mesma forma que muitas crianças vítimas de abuso sexual crescem para se tornar abusadores. Mas esta perspectiva sugere que o próprio sexo pode ser encarado como uma forma de vampirismo benevolente; o ato de fazer amor, que tem de se contentar com uma interpenetração de corpos, é uma tentativa de absorção mútua.

Nesse caso, as ações dos criminosos sexuais devem ser vistas como uma forma de vampirismo malévolo. (O assassino sexual Ted Bundy disse aos interrogadores da polícia: "Às vezes sinto-me como um vampiro.") Se aceitarmos esta perspetiva, então não é difícil admitir que alguns "espíritos presos à Terra" ou "fantasmas famintos" também tentem manter a sua ligação ao mundo através de uma forma de vampirismo psíquico.

Resta apenas uma questão: se o vampirismo é uma drenagem de energia psíquica, porque mencionam tantos relatos o ato de beber sangue? Stephen Kaplan sugere que o verdadeiro vampirismo é "a drenagem de

energia física de um indivíduo para outro, frequentemente através do sangue". O *Visum et Repertum* menciona que sangue fresco escorria dos olhos, nariz, boca e ouvidos de Paole. A amiga de Gooch, Sandy, descobriu que a boca estava cheia de sangue seco após o "ataque psíquico", embora não tivesse qualquer ferimento que o pudesse explicar.

Mas porque deixaria um "vampiro" o seu próprio sangue para trás? Será possível que o sangue fosse o da própria Sandy e que o "íncubo" (demónio masculino) tivesse o poder de o extrair dela, como uma sanguessuga, sem romper a pele? Esta ideia abre um domínio inteiramente novo de especulação acerca dos vampiros — domínio que, por falta de mais provas, teremos por agora de deixar inexplorado.

59

O Cometa de Velikovsky

Quando o volumoso manuscrito de *Worlds in Collision* chegou à secretária de um editor nova-iorquino em 1947, o seu estado gasto não deixava dúvidas de que já fora rejeitado muitas vezes. Ainda assim, o editor ficou impressionado. Segundo o autor, Immanuel Velikovsky, a Terra quase fora destruída há cerca de três mil e quinhentos anos por uma quase colisão com um cometa; nos terramotos e erupções vulcânicas que se seguiram, cidades foram destruídas e países inteiros devastados. Era um livro fascinante e erudito, e o seu autor — aparentemente um respeitável psiquiatra — possuía capacidade para escrever numa prosa clara e vigorosa.

O editor recomendou-o com cautela. Os seus superiores estavam preocupados; a Macmillan era uma editora reputada, com um vasto catálogo de manuais escolares; não podiam permitir-se ser acusados de incentivar a ala lunática. Assim, chegaram a um compromisso e ofereceram a Velikovsky um pequeno adiantamento e um contrato que lhes dava a opção de publicar, mas sem garantia de o fazerem. Um ano depois decidiram finalmente avançar, e *Worlds in Collision* apareceu, com atraso, a 3 de Abril de 1950. Em poucos dias subira ao topo da lista de best-sellers.

Quando surgiu em Inglaterra, em Setembro seguinte, a sua reputação já o precedia, de tal forma que a primeira edição esgotou ainda antes da publicação. Mas, nessa altura, as dúvidas da Macmillan tinham-se revelado justificadas; as denúncias do livro foram tão violentas que a editora foi

forçada a recuar, e *Worlds in Collision* teve de ser passado para outra editora. Nessa altura Velikovsky tornara-se um dos homens mais famosos — e mais vilipendiados — da América.

Quem era este psiquiatra controverso que parecia também especialista em astronomia, geologia e história mundial? Immanuel Velikovsky era um judeu russo, nascido em Vitebsk em Junho de 1895, que estudara matemática em Moscovo. Prosseguiu depois estudos de medicina, qualificando-se em 1921, e estudou psiquiatria em Viena com Stekel, discípulo de Freud. Em 1924 mudou-se para a Palestina para exercer medicina e interessou-se cada vez mais pela arqueologia bíblica.

O ponto de viragem na sua carreira foi a leitura de *Moses and Monotheism* (1937), de Freud. Nesse livro, Freud propõe que Moisés não era judeu mas egípcio, e que era seguidor da religião monoteísta do faraó Akhenaton (ver capítulo 11), o rei que substituiu o conjunto de deuses egípcios por um único deus solar. Freud propôs que Moisés fugira do Egipto após a morte de Akhenaton (provavelmente assassinado) e impusera a sua religião aos judeus.

A objeção histórica óbvia a esta teoria é que Moisés supostamente viveu cerca de um século após a morte de Akhenaton; mas Freud contestava essa visão e entrou sem receio no campo da investigação histórica. Fascinado pela sua audácia, Velikovsky decidiu fazer o mesmo. As suas investigações sobre a história egípcia, grega e do Próximo Oriente convenceram-no rapidamente de que grande parte da cronologia aceite estava profundamente errada. Mas levaram-no a uma conclusão ainda mais heterodoxa: que o faraó Akhenaton era ninguém menos que o lendário Édipo da mitologia grega, e que a história resultava do facto de Akhenaton ter assassinado o pai e casado com a mãe.

Velikovsky avançou então para uma teoria perante a qual até as opiniões heterodoxas de Freud pareciam conservadoras: os diversos acontecimentos que acompanharam as pragas do Egipto — a travessia do Mar Vermelho, a destruição dos exércitos egípcios pelas cheias, o maná caído do céu — eram consequência de algum grande cataclismo cósmico. E nesse ponto Velikovsky encontrou exatamente aquilo que procurava: um papiro escrito por um sábio egípcio chamado Ipuwer, contendo uma descrição de acontecimentos estranhamente semelhantes à narrativa bíblica do Êxodo.

Em 1939 Velikovsky mudou-se para os Estados Unidos e prosseguiu as suas investigações nas bibliotecas americanas. Qual fora exatamente a "grande catástrofe"? O austríaco Hanns Hoerbiger avançara com a teoria de que a Terra tivera várias luas (ver capítulo 2) e que a queda de uma delas sobre a Terra causara os grandes dilúvios e convulsões registados na Bíblia e noutros documentos antigos. Mas Velikovsky acabou por rejeitar a teoria de Hoerbiger. Havia uma pista muito mais excitante. Antes do segundo milénio a.C. — e até mais tarde — o planeta Vénus não era agrupado pelos antigos astrónomos com os outros planetas. Isso poderia dever-se ao facto de estar tão próximo do Sol que fosse confundido com uma estrela — na verdade é chamado a estrela da manhã. Mas e se fosse porque Vénus não estava na sua posição atual naquela época? Velikovsky encontrou referências sugestivas em documentos antigos a algo que parecia uma quase colisão entre um cometa e a Terra. Em lendas da Grécia ao México encontrou indícios de que essa catástrofe estava de algum modo ligada a Vénus.

Apenas uma coisa o intrigava profundamente: outras lendas pareciam associar a catástrofe a Zeus, pai dos deuses, também conhecido como Júpiter. Acabou por reconciliar estas histórias chegando à espantosa conclusão de que Vénus "nascera de Júpiter" — expelido por uma gigantesca explosão. Vénus começou como um cometa e passou tão perto de Marte que foi desviado da sua órbita; depois aproximou-se da Terra, causando as catástrofes bíblicas; finalmente estabilizou perto do Sol como o planeta Vénus.

Parece pura loucura; mas Velikovsky argumentava com uma erudição impressionante. E, ao contrário do típico excêntrico, passou muito tempo à procura de provas científicas. Precisava, por exemplo, de uma análise espectroscópica das atmosferas de Marte e Vénus, e decidiu abordar o eminente astrónomo Harlow Shapley. O próprio Shapley tornara-se figura polémica em 1919 quando anunciou a conclusão de que o nosso sistema solar não está — como anteriormente se acreditava — no centro da Via Láctea, mas muito mais perto da sua periferia; talvez tenha sido o golpe infligido à autoestima humana que provocou oposição. Seja como for, Velikovsky parece ter raciocinado que Shapley poderia mostrar simpatia pelas suas ideias heterodoxas.

Shapley foi cortês, mas afirmou estar demasiado ocupado para ler *Worlds in Collision*; pediu a um colega, um sociólogo chamado Horace Kallen, que o lesse primeiro. Kallen leu-o e entusiasmou-se; disse a Shapley que lhe parecia um livro sério e valioso e que, mesmo que acabasse por revelar-se absurdo, continuava a ser uma tese ousada e fascinante. O editor da Macmillan concordou, e Velikovsky obteve o contrato.

Três meses antes da publicação, em Janeiro de 1950, um excerto de *Worlds in Collision* apareceu na revista *Harper's* e despertou enorme interesse. A reação de Shapley foi curiosa. Escreveu à Macmillan afirmando ter ouvido dizer que haviam decidido afinal não publicar o livro e que sentia grande alívio; discutira-o com vários cientistas e todos estavam espantados que a Macmillan se aventurasse nas "Artes Negras".

A Macmillan respondeu defensivamente que o livro não pretendia ser ciência rigorosa, mas uma teoria controversa que os académicos deveriam conhecer. Shapley respondeu secamente que Velikovsky era "um completo disparate" e que, quando este se apresentara a Shapley num hotel de Nova Iorque, ele olhara em redor para ver se trazia o seu tratador. O livro, disse, era "muito possivelmente intelectualmente fraudulento", uma brincadeira destinada a ganhar dinheiro, e se a Macmillan insistisse em publicá-lo, então deveria retirar Shapley do seu catálogo.

A Macmillan ignorou esta tentativa de chantagem e publicou o livro em Abril. Sem dúvida ficou surpreendida ao descobrir que tinha um best-seller nas mãos. A América possui um vasto público de "fundamentalistas" — pessoas que acreditam que cada palavra da Bíblia é literalmente verdadeira e ficam encantadas ao ler algo que pareça oferecer apoio científico a essa visão. (O mesmo público transformou *The Bible as History*, de Werner Keller, num best-seller em 1956.) Agora apressavam-se a comprar este livro que parecia provar que a separação do Mar Vermelho e a queda das muralhas de Jericó tinham realmente acontecido. Fizeram-no também milhares de leitores inteligentes comuns que simplesmente apreciavam uma aventura no pensamento especulativo.

Os cientistas não partilharam dessa abertura mental. Uma exceção foi Gordon Atwater, diretor do departamento de astronomia do Museu de História Natural de Nova Iorque; publicou uma crítica defendendo que os cientistas deviam estar dispostos a considerar o livro sem preconceitos; a

crítica resultou no seu despedimento. James Putnam, o editor que aceitara *Worlds in Collision*, foi despedido da Macmillan.

Professores inundaram a editora com cartas ameaçando boicotar os seus manuais escolares caso *Worlds in Collision* não fosse retirado. A Macmillan não demonstrou a mesma coragem que mostrara ao ignorar ameaças veladas de Shapley; entregou Velikovsky à corporação Doubleday, que não possuía departamento de manuais escolares e que provavelmente mal acreditava na sorte de receber um produto intelectual tão lucrativo.

Fred Whipple, sucessor de Shapley em Harvard, escreveu à Doubleday dizendo que, se insistissem em publicar Velikovsky, queria que retirassem da lista o seu próprio livro *Earth, Moon and Planets*. (Vinte anos mais tarde negou publicamente ter escrito tal carta.)

O próprio Velikovsky estava algo perplexo perante a violência das reações; demorara trinta anos a desenvolver a teoria e esperava controvérsia; mas aquilo equivalia a perseguição. Estava disposto a admitir que podia estar errado acerca da natureza da catástrofe; mas os registos históricos mostravam que algo acontecera. Porque não admitiam isso e depois criticavam a teoria, em vez de o tratarem como um louco? A única solução era continuar a reunir provas.

E mais provas surgiram em quantidades intimidantes durante os vinte e nove anos restantes da vida de Velikovsky; morreu a 17 de Novembro de 1979, aos oitenta e quatro anos. Em 1955 surgiu *Earth in Upheaval*, em muitos aspetos o seu melhor livro, apresentando provas científicas de grandes catástrofes. Mas novamente indignou cientistas — desta vez biólogos — ao sugerir que existem sérias insuficiências na teoria da "evolução gradual" de Darwin e ao defender que uma explicação melhor seria o efeito da radiação provocada por "catástrofes" sobre os genes.

Seguiram-se quatro livros numa série que Velikovsky escolheu chamar *Ages in Chaos*, cuja tese central é que os historiadores do mundo antigo cometeram um erro fundamental nas datas e que um período de cerca de seis ou sete séculos deve ser eliminado do registo cronológico. Na cronologia de Velikovsky, a rainha Hatshepsut, geralmente situada em cerca de 1500 a.C., torna-se contemporânea de Salomão mais de quatro séculos depois (na verdade, Velikovsky identifica-a com a Rainha de

Sabá), enquanto o faraó Ramsés II — colocado em cerca de 1250 a.C. — se torna contemporâneo de Nabucodonosor mais de seis séculos depois. A grande invasão bárbara conhecida como os Povos do Mar, normalmente datada de cerca de 1200 a.C., é colocada por Velikovsky em meados do século IV a.C., por volta da época da morte de Platão.

Os argumentos contidos em *Ages in Chaos* (1953), *Oedipus and Akhnaton* (1960), *Peoples of the Sea* (1977) e *Rameses II and his Time* (1978) interessam mais aos historiadores do que aos cientistas, mas, tal como as obras anteriores, são totalmente absorventes de ler. Dois outros volumes projetados, *The Dark Age in Greece* e *The Assyrian Conquest*, ainda não foram publicados. Mas um terceiro volume da série *Worlds in Collision*, *Mankind in Amnesia*, apareceu postumamente em 1982. Expande uma breve secção de *Worlds in Collision* argumentando que acontecimentos catastróficos produzem uma espécie de amnésia coletiva. É o seu livro mais freudiano, mas revela que nunca perdeu aquela curiosa capacidade de provocar um estado de excitação intelectual no leitor, mesmo quando os argumentos parecem mais ultrajantes.

Até que ponto merece Velikovsky ser levado a sério? Deve ser considerado outro Freud ou apenas outro Erich von Däniken? É preciso admitir que a tese fundamental de *Worlds in Collision* soa absurda: que vários acontecimentos bíblicos, como a separação do Mar Vermelho e a queda das muralhas de Jericó, podem ser explicados em termos de uma catástrofe astronómica.

Mas é possível duvidar deste aspeto da tese de Velikovsky sem rejeitar a parte mais importante da sua teoria: que Vénus pode ser muito mais jovem do que o resto do sistema solar. Além disso, independentemente de Velikovsky estar ou não correcto acerca da origem de Vénus, não existe qualquer dúvida de que muitas das suas intuições controversas foram confirmadas.

Os astrónomos objetam que Júpiter dificilmente poderia ser a origem de um "cometa", pois é demasiado frio e inativo. Contudo, um manual clássico de astronomia — *Skilling and Richardson* (1947) — afirma: "Do facto de Júpiter estar 5,2 vezes mais afastado da fonte de calor do que a Terra, conclui-se que deve receber apenas $1/5{,}2^2$, ou 1/27 da quantidade de calor recebida pela Terra. A temperatura que um planeta deveria possuir em resultado dessa quantidade de calor é muito baixa — na ordem dos –

140°C." Mas as sondas espaciais revelaram entretanto que a temperatura superficial de Júpiter ronda os –150°C e que a sua superfície é extremamente turbulenta, com explosões imensas. O mesmo manual de astronomia afirma que a temperatura à superfície de Vénus "pode ser tão elevada quanto a da água a ferver". Velikovsky argumentou que deveria ser muito mais alta, uma vez que Vénus é tão "jovem" em termos astronómicos.

A *Mariner 2* revelou que a temperatura à superfície de Vénus é de cerca de 900°C. Revelou também o facto curioso de Vénus rodar ao contrário relativamente aos outros planetas, uma anomalia difícil de compreender se tivesse sido formado ao mesmo tempo e evoluído através do mesmo processo.

As sondas espaciais russas revelaram igualmente que Vénus possui violentas tempestades elétricas. Velikovsky defendera que os planetas possuem fortes campos magnéticos e que, por isso, uma passagem próxima entre a Terra e um "cometa" produziria efeitos bastante definidos. A descoberta dos cinturões de Van Allen em redor da Terra apoiou a sua visão. Também parecem existir ligações estreitas entre a rotação de Vénus e da Terra — Vénus apresenta sempre a mesma face à Terra em cada conjunção inferior, algo que poderia resultar de um entrelaçamento dos seus campos magnéticos.

Na década de 1950, a afirmação de Velikovsky acerca de campos eletromagnéticos no espaço foi tratada com desprezo — em *Fads and Fallacies in the Name of Science*, Martin Gardner comentou depreciativamente que Velikovsky inventara forças capazes de fazer tudo aquilo que lhe convinha. A sua teoria eletromagnética levou-o também a prever que Júpiter emitiria ondas de rádio e que o Sol teria um campo magnético extremamente poderoso. Um crítico (D. Menzel) respondeu que o modelo solar de Velikovsky exigiria uma carga impossível de 10^{19} volts. Desde então descobriu-se que Júpiter emite efetivamente ondas de rádio, enquanto o potencial elétrico do Sol foi calculado em cerca de 10^{19} volts. Poder-se-ia dizer que muitas das teorias de Velikovsky são hoje parte aceite da astrofísica — exceto, claro, pelo facto de ninguém reconhecer que foi Velikovsky o primeiro a formulá-las.

Outra questão em que Velikovsky parece ter sido confirmado diz respeito à inversão dos pólos magnéticos da Terra. Quando rochas

vulcânicas fundidas arrefecem, ou quando argila ou tijolo são cozidos, os minerais magnéticos neles contidos ficam magnetizados na direção do campo magnético terrestre. No virar do século, Giuseppe Folgerhaiter examinou vasos etruscos à procura de pequenas variações magnéticas e ficou espantado ao descobrir que parecia ter ocorrido uma inversão completa do campo magnético por volta do século VIII a.C.

Os cientistas explicaram as suas conclusões declarando que os vasos deviam ter sido cozidos ao contrário. Mas, em 1906, Bernard Brunhes encontrou a mesma inversão completa em certas rochas vulcânicas. Investigações posteriores revelaram que tinham ocorrido pelo menos nove dessas inversões nos últimos 3,6 milhões de anos. Ninguém conseguia apresentar uma explicação plausível para tal fenómeno. A sugestão de Velikovsky era que se devia à aproximação de outros corpos celestes e que a passagem próxima de Vénus pela Terra deveria ter produzido uma dessas inversões.

Os seus críticos responderam que não ocorrera qualquer inversão nos últimos quinhentos mil anos ou mais. Mas, desde então, descobriram-se mais duas — uma há 28 000 anos, outra por volta de 12 500 a.C. — e um dos opositores mais ferozes de Velikovsky, Harold Urey, acabou por admitir que a teoria do "corpo celeste" é a explicação mais provável para a inversão dos pólos. Ainda assim, a prova crucial — uma rocha vulcânica revelando uma inversão por volta de 1450 a.C. — continua por aparecer.

Aqueles que consideram Velikovsky um inovador comparável a Freud devem também admitir que possuía muitos dos defeitos de Freud — sobretudo a tendência para saltar para conclusões ousadas e heterodoxas e depois manter-se fiel a elas com certo dogmatismo rígido. Contudo, deve igualmente reconhecer-se que, quer a sua teoria sobre Vénus se revele ou não correta em última análise, os seus "palpites" foram frequentemente espantosamente exatos.

Tal como Kepler, que chegou a todas as conclusões corretas acerca do sistema solar pelas razões erradas (incluindo a crença de que este era de algum modo modelado segundo a Santíssima Trindade), Velikovsky parece possuir o génio intuitivo de todos os grandes inovadores. Até um dos seus críticos mais depreciativos, Carl Sagan, admite: "Considero espantosa a concatenação de lendas que Velikovsky reuniu… Se vinte por cento das

concordâncias lendárias… forem reais, então existe algo importante que precisa de ser explicado."

60

Vórtices

A Ponte Entre o Natural e o Sobrenatural?

Em 1839, um professor de barba grisalha leu um artigo intitulado "An Essay on the Figure of the Earth" perante a Royal Society de Edimburgo; o texto revelava grande capacidade matemática e o seu autor recebera uma medalha de ouro da Universidade de Edimburgo. Mas o professor que o leu não era, na verdade, o autor; o verdadeiro autor era um rapaz de quinze anos chamado William Thomson, e não lhe foi permitido apresentar o próprio trabalho porque isso poderia embaraçar a ilustre audiência ao ser instruída por um adolescente de rosto imberbe. Com o tempo, William Thomson tornar-se-ia um dos cientistas mais célebres do seu tempo, o descobridor da Segunda Lei da Termodinâmica (o reconhecimento de que o universo está "a degradar-se"), do "zero absoluto" e do galvanómetro de bobina móvel. Foi também decisivo na instalação do primeiro cabo transatlântico e na introdução do telefone de Bell na Grã-Bretanha. Aos sessenta e oito anos tornou-se Lord Kelvin, e a escala absoluta de temperatura ainda hoje leva o seu nome.

No entanto, se Kelvin tivesse sido interrogado sobre aquilo que considerava a sua realização mais importante, teria sem dúvida respondido: a teoria dos vórtices (ou redemoinhos) dos átomos — uma teoria atualmente totalmente esquecida. De facto, muitos dos seus contemporâneos concordariam; a edição de 1875 da *Encyclopaedia Britannica* contém uma entrada de duas páginas sobre a sua teoria dos vórtices atómicos, escrita pelo eminente físico matemático James Clerk Maxwell. A ideia surgira a Kelvin em 1867, num lampejo de inspiração, e apenas algumas semanas depois apresentou um artigo sobre a teoria à mesma Royal Society de Edimburgo que ouvira o seu primeiro trabalho vinte e oito anos antes.

Kelvin fora uma criança-prodígio; filho de James Thomson, professor de matemática em Belfast, começara a assistir às aulas do pai aos oito anos e entrara na Universidade de Glasgow (para onde o pai se mudara) aos onze. Uma viagem pela Europa aos dezasseis anos apresentou-lhe o livro

de Fourier sobre a teoria matemática do calor; a partir daí decidiu tornar-se físico — ou, como então se dizia, "filósofo natural".

A ideia fulgurante que o atingiu em 1867 parece ter-se desenvolvido a partir da observação dos anéis de fumo. Uma maneira simples de os criar é introduzir fumo numa caixa com um orifício circular num dos lados. Se dermos uma pancada vigorosa no lado oposto da caixa (sobretudo se esse lado for feito de material macio, como toalha), um anel de fumo dispara pelo orifício. Mas, se tentarmos parar o anel com a mão, ele não se dissolve como uma bolha, como seria de esperar. Limita-se a ressaltar da mão como uma bola de borracha. Se fizermos colidir dois anéis de fumo frontalmente, vibram com o impacto como dois touros em investida e depois afastam-se um do outro. Em suma, comportam-se como objetos sólidos.

Em 1803, um químico inglês chamado John Dalton sugerira que a matéria é constituída, em última análise, por pequenas esferas duras chamadas "átomos", indivisíveis. Retomara a ideia do filósofo grego Demócrito, mas apoiara-a com provas muito convincentes. A teoria de Dalton conduziu a importantes avanços na física e na química, como o reconhecimento da forma como os átomos se fundem para formar moléculas — por exemplo, dois átomos de hidrogénio combinando-se com um de oxigénio para formar água.

Mas isso deixava muitos problemas por resolver. Por exemplo, porque são os átomos de hidrogénio e oxigénio tão diferentes? Seria de esperar que, se o universo fosse composto por partículas primordiais, todas fossem iguais.

Kelvin explicou então que "vórtices" de energia podem formar substâncias diferentes porque existem obviamente muitos tipos distintos de vórtices — diferentes tamanhos, velocidades, etc. Em cerca de dez anos, a maioria dos físicos aceitava a visão de Kelvin de que os átomos eram vórtices; simplesmente fazia sentido. Em 1882, um brilhante cientista de Cambridge de vinte e seis anos, J. J. Thomson (sem parentesco com William Thomson), ganhou um prémio por um artigo sobre o movimento de anéis de vórtice. Contudo, quinze anos mais tarde, a descoberta do eletrão por Thomson tornou aparentemente obsoleta a teoria dos vórtices de Kelvin. O próprio Kelvin detestava intensamente a "nova física" surgida do estudo da desintegração das partículas radioactivas e recusava acreditar que os átomos pudessem desfazer-se.

A descoberta do eletrão conduziu à física quântica, à teoria da relatividade e, eventualmente, à "descoberta" de partículas subeletrónicas como os quarks — tudo isso parecendo tornar a teoria dos vórtices duplamente irrelevante.

Em 1968, um estudante de ciências de vinte anos da antiga universidade de Kelvin, em Belfast, foi visitar o professor de zoologia, Dr. G. Owen. O estudante chamava-se David Ash e ponderava mudar de física e zoologia para medicina. Esperava alguma resistência e ficou surpreendido quando o professor lhe indicou uma cadeira e começou depois a percorrer a sala lançando uma diatribe sobre a forma como os jovens acreditam em tudo o que os mais velhos lhes dizem. Tudo o que lhes interessava, queixava-se ele, era obter um diploma e um bom emprego. Aprender pelo puro prazer de aprender desaparecera.

Quando Ash saiu do gabinete do professor, estava inflamado por uma súbita determinação. Deixaria de pensar numa carreira e dedicar-se-ia à verdadeira aprendizagem — inventar teorias e explorar ideias apenas pelo prazer de o fazer. Felizmente, o pai, Dr. Michael Ash, autor de teorias médicas altamente heterodoxas, não levantou objeções sérias.

Após um período como professor de ciências, Ash tornou-se consultor em nutrição e medicina alternativa e dedicou todo o tempo livre ao desenvolvimento das suas próprias teorias heterodoxas sobre a natureza da matéria, baseadas numa ideia a que chamou "rotação primordial" — ou vórtices. Encontrara a ideia num manual de física impresso na América em 1904 que defendia a teoria "ultrapassada" de Kelvin. Com o tempo, Ash uniu-se a um jovem licenciado em ciências, Peter Hewitt, para defender essas ideias num livro intitulado *Science of the Gods* — que, apesar do título sensacionalista, é uma tentativa séria de criar uma teoria da natureza da matéria capaz de ultrapassar as sérias limitações da ciência contemporânea.

Uma das mais irritantes dessas limitações deve ser óbvia para qualquer leitor deste livro: a ciência parece incapaz de lidar com certos mistérios fundamentais da existência humana. Nem você nem eu sabemos onde estávamos há cem anos nem onde estaremos daqui a cem anos. É uma questão real, tão importante como qualquer outra que possamos colocar; contudo, a ciência considera-a uma pseudoquestão.

A ciência moderna também não consegue lidar com mistérios como a precognição — vislumbres do futuro —, a segunda visão — vislumbres de acontecimentos ocorridos noutro lugar — ou as experiências fora do corpo. Se admitisse humildemente que esses fenómenos estão atualmente para além do seu alcance, não haveria problema. Mas insiste em afirmar que esses problemas não existem, que são apenas sinais de credulidade e autoengano humanos. No entanto, qualquer pessoa que tenha examinado seriamente essas questões sabe que isso é um disparate evasivo.

Na década de 1870, um grupo de cientistas e filósofos britânicos decidiu formar uma sociedade destinada a estudar alegações sobre fantasmas e vida após a morte; em 1882 foi fundada sob o nome *The Society for Psychical Research*. A maioria dos seus membros — cientistas como J. J. Thomson, homens de letras como Tennyson e Mark Twain, e estadistas como Gladstone — eram céticos, mas dispostos a admitir que havia ali algo que precisava de explicação. Lewis Carroll escreveu: "Que a fraude não serve como explicação completa de todos os fenómenos… estou mais do que convencido disso." Pensava que talvez os espíritos pudessem ser explicados por alguma força natural desconhecida "aparentada com a eletricidade". Na década de 1890, a Sociedade realizara importantes investigações sobre fantasmas, experiências fora do corpo e telepatia, demonstrando para além de qualquer dúvida que — como Carroll suspeitava — não podiam ser explicados como simples fraude. Mas nesse ponto ficaram bloqueados. Todas as esperanças de transformar o "paranormal" numa ciência dissiparam-se como fantasmas ao canto do galo. E, mais de um século depois, a situação permanece inalterada. Para a ciência, o paranormal não existe — ou, na melhor das hipóteses, é uma atividade marginal de excêntricos.

É por isso que David Ash e Peter Hewitt colocam uma das mais importantes e relevantes questões científicas: poderá uma nova abordagem fornecer à ciência e ao paranormal um fundamento comum?

No terceiro capítulo do seu livro levantam a questão da "chave para o sobrenatural". A energia, dizem eles, é a realidade primordial. Mas será o nosso universo físico a única realidade? Se matéria e luz são duas formas de energia (como Einstein demonstrou), não será possível existirem outras formas de energia, chamadas formas não materiais? Para qualquer pessoa interessada no paranormal, a resposta é obviamente sim. A entidade

conhecida como poltergeist demonstrou possuir a capacidade de fazer objetos sólidos atravessar paredes (de tal modo que, num caso, um quadro caiu da moldura sem partir o vidro nem o cartão selado na parte traseira).

Nem a matéria nem a luz podem atravessar paredes sólidas; logo, deve existir alguma outra forma de energia.

Se, como Kelvin acreditava, a matéria é composta por "vórtices" ou redemoinhos, em que ocorrem esses redemoinhos? Ash responde que a própria pergunta assenta num equívoco. Antes de Einstein, os cientistas acreditavam que a luz era uma vibração no "éter" — um fluido desconhecido que permeava todo o espaço. Dois físicos chamados Michelson e Morley demonstraram que o "éter" não existe. A luz parece ser "movimento puro", não um movimento em alguma coisa. Uma ilustração simples pode esclarecer a ideia.

Suponhamos que atiro um livro através da sala — como frequentemente faço, lançando livros da minha mesa de trabalho para a cama de campanha que serve de estação intermédia até à estante; enquanto o livro está em movimento, continua em todos os aspetos o mesmo livro; um pequeno cientista marciano sentado sobre ele não detetaria qualquer diferença. Contudo, o movimento é sem dúvida real. Temos de considerar o movimento como uma espécie de adição invisível. Agora tentemos imaginar essa adição invisível sozinha. É impossível, claro; mas isso não prova que ela não possa existir.

Quando olhamos para o céu noturno não conseguimos imaginar o espaço prolongando-se para sempre; contudo, o senso comum diz-nos que ele continua, mesmo para além dos limites do universo. Ash sugere que, tal como a energia é mais "fundamental" do que a matéria, o "movimento puro" é mais fundamental do que a energia.

Então porque deveria a energia estar limitada à velocidade da luz? Ash escreve: "Se o movimento pudesse ter uma velocidade mais elevada, daria origem a um tipo completamente diferente de energia." A isso chama superenergia. (Na verdade, físicos sugeriram nos últimos anos a possibilidade de uma partícula chamada taquião, mais rápida do que a luz.)

Segundo Ash: "Objetos de superenergia partilhariam a mesma forma das coisas do nosso mundo, mas a sua substância seria inteiramente diferente." Coexistiriam realmente com o nosso mundo físico mas seriam,

em circunstâncias normais, indetetáveis. E isto, sugere Ash, poderia explicar fantasmas, poltergeists, "milagres" (como os do guru hindu Sai Baba, capaz de "materializar" objetos do nada), precognição e todos os outros fenómenos ditos paranormais.

O cético perguntará: a sugestão de Ash aproxima-nos realmente da compreensão do paranormal? Em certo sentido, sim. A maioria das teorias científicas começa como tentativa de explicar algum fenómeno intrigante, como o trovão e o relâmpago. A teoria da superenergia pode certamente ajudar a explicar uma grande variedade de fenómenos "paranormais".

Comecemos por um extremamente simples: a radiestesia. Um "adivinho" pode segurar um ramo bifurcado nas mãos e detetar água subterrânea. Isto pode ser explicado em termos puramente eléctricos. A água em movimento produz um campo elétrico fraco, e os seres humanos — e os animais — parecem possuir uma sensibilidade inata a esse campo, obviamente parte do nosso mecanismo de sobrevivência.

Um académico de Cambridge chamado T. C. ("Tom") Lethbridge, também arqueólogo, utilizava frequentemente as suas capacidades de radiestesia para detetar objetos enterrados. Descobriu também que um pêndulo — um peso suspenso num fio — funcionava tão bem como a vara de radiestesia; o pêndulo oscilava em círculo sobre os objetos procurados. Depois fez outra descoberta que parece absurda mas que todos os radiestesistas confirmarão: podia "fazer perguntas ao pêndulo" e este respondia negativa ou afirmativamente oscilando para trás e para a frente ou em círculo. A teoria avançada por cientistas — como Sir William Barrett — é que a mente inconsciente conhece a resposta e faz os músculos moverem o pêndulo em círculo ou em balanço.

Durante os seus tempos em Cambridge, Lethbridge utilizou o pêndulo para explorar uma gigantesca figura celta escavada numa encosta mas entretanto coberta pelo relvado. Depois da reforma para uma velha casa em Devon, continuou as investigações sobre o "poder do pêndulo". Em vez de um pêndulo curto, experimentou um feito de um longo fio, que podia encurtar ou alongar enrolando-o num pau.

A primeira experiência consistiu em colocar um prato de prata no chão e depois segurar o pêndulo por cima dele, desenrolando cuidadosamente o fio. Quando atingiu 22 polegadas, o pêndulo começou a

mover-se em círculo. Experimentou sobre cobre; o movimento circular surgiu às 30 polegadas e meia. Tentou então o pêndulo de 30½ polegadas no jardim e depressa desenterrou um pequeno tubo de cobre.

Até aí, Lethbridge limitava-se a "provar" que diferentes metais faziam o pêndulo reagir em comprimentos diferentes. Em seguida convenceu-se de que todas as substâncias possuem a sua "taxa" característica (comprimento da oscilação do pêndulo): carvalho (11 polegadas), mercúrio (12½), erva (16), chumbo (22 — o mesmo que prata), batatas (39). Muitas substâncias, naturalmente, "partilham" uma taxa com outras, mas Lethbridge descobriu que o peso "girava" um número distinto de vezes para cada uma — por exemplo, dezasseis vezes para chumbo e vinte e duas para prata.

Agora convencido de que estava perante algo cientificamente importante, tornou-se mais ambicioso. Um dos fenómenos mais estranhos e absurdos associados ao pêndulo é a "radiestesia sobre mapas". Parece absurdo, mas um bom radiestesista consegue localizar água fazendo oscilar o pêndulo sobre um mapa. Neste ponto temos de abandonar as explicações "científicas" e recorrer à PES (perceção extrassensorial) ou aos poderes da mente inconsciente.

Lethbridge raciocinou que, se o pêndulo se sente igualmente à vontade com uma abstração como um mapa, então deveria sentir-se igualmente à vontade com abstrações em geral — amor, raiva, evolução, morte. Deveria, por exemplo, possuir uma taxa diferente para masculino e feminino. Ele e a esposa, Mina, experimentaram lançar pedras contra uma parede; depois testou-as com o pêndulo. As pedras lançadas por Mina reagiam às 29 polegadas; as lançadas por Lethbridge às 22. Estas, aparentemente, eram as "taxas" para masculino e feminino.

Outras pedras — projéteis de funda provenientes de um forte da Idade do Ferro — mostravam reação às 40 polegadas. Seria possível que as pedras tivessem sido lançadas em batalha e que 40 fosse a taxa da raiva? Lethbridge ajustou o pêndulo para 40 polegadas e pensou em algo que o irritava; imediatamente o pêndulo começou a girar em círculo.

Assim, Lethbridge estabelecera, pelo menos para sua própria satisfação, que emoções e ideias, tal como substâncias, faziam o pêndulo reagir a uma taxa definida. A taxa da morte era 40, e essa era também a taxa do negro, do frio, da raiva, da falsidade e do sono — ideias

obviamente relacionadas. Quando desenhou um círculo dividido em 40 compartimentos e colocou cada qualidade ou objeto no compartimento apropriado, verificou que qualidades "opostas" apareciam onde se esperaria encontrá-las: segurança no 9, perigo no 29, cheiros agradáveis no 7, cheiros desagradáveis no 27, e assim por diante.

Num momento de ociosidade, experimentou colocar as substâncias à distância apropriada do centro — enxofre a 7 polegadas ao longo da linha 7, cloro a 9 polegadas ao longo da linha 9, e assim sucessivamente — e depois uniu os pontos com uma linha, que era, naturalmente, uma espiral. As espirais (vórtices) parecem desempenhar um papel importante na maioria das religiões primitivas; encontram-se gravadas em rochas por todo o mundo. O vórtice incorpora evidentemente alguma ideia primitiva importante. E agora, olhando para a sua própria espiral, ocorreu a Lethbridge que uma espiral pode prosseguir indefinidamente. Porque deveria a "espiral radiestésica" parar aos 40?

Lethbridge começou então a experimentar com o pêndulo estendido para além das 40 polegadas. Descobriu que cada substância reagia agora à sua "taxa" normal, mais 40; enxofre a 43½, prata a 62, e assim por diante. Havia apenas uma pequena diferença. Se segurasse um pêndulo de 43½ polegadas sobre um monte de enxofre, este reagia mais fortemente ligeiramente ao lado do monte; o mesmo acontecia com tudo o resto que testava. Era como se, neste domínio para além dos 40, as energias sofressem uma ligeira difração, como uma pedra no fundo de um aquário que parece estar um pouco deslocada da sua posição real.

Quando o pêndulo era estendido para além das 80 polegadas, todos os mesmos efeitos voltavam a ocorrer, incluindo o "efeito de difração". E quando era estendido para além das 120, acontecia exatamente o mesmo.

A dedução de Lethbridge a partir destas observações pode soar totalmente arbitrária, embora nos seus livros ele a apresente de modo suficientemente plausível: uma vez que 40 é a "taxa" da morte, então o pêndulo para além das 40 polegadas está a reagir a um nível de realidade "para além da morte", e depois a outro nível aos 80, outro aos 120, e assim sucessivamente, possivelmente *ad infinitum*. (Achou impossível testar um pêndulo com mais de 120 polegadas porque se tornava demasiado comprido.)

Uma das curiosidades observadas por Lethbridge é que, no "nosso" mundo — abaixo dos 40 — não existe qualquer "taxa" para o tempo; presumivelmente porque estamos dentro dele e, portanto, o tempo parece "estacionário", tal como um rio pareceria imóvel a um barco que derivasse ao longo da corrente. No segundo nível — para além dos 40 — o tempo "regista-se" às 60 polegadas mas, estranhamente, parece não possuir movimento para a frente. (Não afirmo compreender o que ele queria dizer.) Depois, no mundo para além dos 80, o tempo desaparece novamente.

Lethbridge concluiu que muitos "mundos" coexistem em diferentes "taxas vibratórias". Não conseguimos ver o mundo "para além dos 40" porque ele se move demasiado depressa para nós, por assim dizer, tal como não conseguimos ler o nome de uma estação se o comboio passar demasiado rapidamente por ela. Mas algumas pessoas — os "psíquicos" — são melhores a ler palavras em movimento rápido, por assim dizer, e continuam a captar vislumbres do nível seguinte da realidade.

Lethbridge é interessante neste contexto porque não começou como ocultista, mas como arqueólogo formado no método científico. A noção de "outras realidades" impôs-se-lhe pouco a pouco, como resultado de experiências que lhe eram difíceis de explicar. Recusava sempre ir além do que os factos permitiam, mas os factos frequentemente obrigavam-no a avançar mais do que desejava. A experiência pessoal convenceu-o, por exemplo, da realidade dos fantasmas, poltergeists e do que chamava "carniçais" — sensações desagradáveis associadas a certos lugares onde ocorreram tragédias. Ainda assim, preferia acreditar que estes fenómenos podiam ser explicados em termos de "gravação magnética" — "impressões" das emoções humanas sobre algum tipo de campo elétrico.

Lethbridge morreu em 1971, mas sem dúvida teria aprovado a teoria dos vórtices de David Ash e a noção de que os acontecimentos paranormais podem ser explicados em termos de superenergia (ou, como ele diria, taxas vibratórias superiores). Provavelmente acrescentaria que cada nível de realidade possui o seu próprio nível de superenergia e que não existe qualquer limite evidente para o número de níveis.

Esta noção de níveis é fundamental no ocultismo. Madame Blavatsky ensinava que existem sete níveis de realidade, os três primeiros numa ordem descendente e os três últimos numa ordem ascendente. A Terra situa-se no fundo, no nível quatro, o mais "pesado" e denso de todos.

Contudo, a própria densidade da matéria significa que os seres humanos são capazes de realizações maiores aqui do que em qualquer outro nível — tal como um escultor pode criar obras de arte mais permanentes em mármore do que em barro.

Outro pensador que tentou construir uma ponte entre a ciência e o paranormal foi Arthur Young, inventor do helicóptero Bell. Em livros como *The Reflexive Universe*, Young especulou igualmente que existem "sete níveis de existência", que incluem (por ordem) partículas subatómicas, átomos, moléculas, plantas, animais, seres humanos e aquilo a que poderíamos chamar "verdadeiros humanos", ou seres humanos que passaram ao estágio seguinte da evolução. Este sétimo nível é também o da luz.

Para a maioria dos cientistas, tais especulações soarão suspeitamente "místicas". Contudo, o desenvolvimento científico mais interessante da segunda metade do século XX foi precisamente o reconhecimento, pelos próprios cientistas, de que algumas das implicações da física da relatividade e da teoria quântica são "místicas".

Consideremos o estranho paradoxo do "fotão que interfere consigo próprio" (pela brevidade citarei o meu próprio livro, *Beyond the Occult*):

Se fizer passar um feixe de luz por um pequeno orifício, formará um círculo luminoso sobre um ecrã (ou chapa fotográfica). Se abrirmos dois orifícios lado a lado, o resultado — como seria de esperar — são dois círculos de luz sobrepostos. Mas, nas partes sobrepostas, aparecem várias linhas escuras. Estas devem-se à "interferência" dos dois feixes — o mesmo efeito que ocorreria se duas correntes rápidas de trânsito desembocassem na mesma rotunda. Agora suponhamos que diminuímos a intensidade do feixe de tal modo que apenas um fotão de cada vez possa passar por um dos orifícios.

Quando a imagem finalmente se formar na chapa fotográfica, esperaríamos que as bandas de interferência desaparecessem. Em vez disso, continuam lá. Mas como pode um único fotão de cada vez interferir consigo próprio? E como sabe um fotão que passa por um orifício que o outro está aberto? Será que possui telepatia, como Einstein sugeriu em tom de brincadeira? … Talvez o fotão se divida e passe pelos dois orifícios? Mas um detetor de fotões revela que isso não acontece: apenas um fotão de

cada vez atravessa um único orifício de cada vez. Contudo, estranhamente, assim que começamos a "observar" os fotões, eles deixam de interferir, e as bandas escuras desaparecem.

A explicação mais provável é que o fotão se comporta como uma onda quando não é observado e, portanto, atravessa ambos os orifícios e interfere consigo mesmo. No momento em que tentamos observá-lo, transforma-se numa esfera sólida.

Em 1957, um físico de Princeton chamado Hugh Everett III sugeriu uma ideia aparentemente absurda para explicar este paradoxo. A "onda" a que chamamos quantum não é uma onda real. Impomos-lhe realidade porque as nossas mentes funcionam dessa maneira. É uma "onda de possibilidades". (O célebre "princípio da incerteza" de Heisenberg — segundo o qual não se pode conhecer simultaneamente a velocidade e a posição de um fotão — e o divertido paradoxo do gato de Schrödinger — segundo o qual um gato numa caixa pode não estar nem morto nem vivo, mas num estado "intermédio" — são exemplos da mesma ideia.)

Se os dois "orifícios" podem de algum modo interferir entre si, apesar de existir apenas um fotão, então os dois caminhos alternativos do eletrão devem existir lado a lado, por assim dizer. Mas onde? Everett sugeriu que um deles existe num "universo alternativo" paralelo. Nestes universos paralelos (ou talvez sejam apenas diferentes formas de ver o mesmo universo), uma moeda lançada ao ar pode cair cara num deles e coroa no outro. Uma onda é, na realidade, duas partículas em dois mundos diferentes — ou melhor, em muitos mundos diferentes, porque cada "alternativa" se divide em mais duas, e assim sucessivamente.

Quem achar esta ideia absurda deveria ler *Parallel Universes* (1988), do físico Fred Alan Wolf, onde as implicações da teoria são desenvolvidas em toda a sua complexidade digna de *Alice no País das Maravilhas*. O físico Sir Fred Hoyle sugeriu que os paradoxos da física quântica só podem ser explicados se assumirmos que possibilidades futuras conseguem de algum modo influenciar o presente e que, portanto, num sentido muito real, o futuro já aconteceu — possibilidade já familiar a todos os estudantes da precognição, esses vislumbres súbitos de conhecimento antecipado do futuro.

É evidente que a necessidade de encontrar um fundamento mais profundo capaz de abranger a ciência e o "paranormal" é uma das ideias mais vitais surgidas durante o século XX. Contudo, mesmo esta forma de o expressar perpetua obviamente o equívoco, uma vez que fala da ciência e do paranormal como se fossem entidades separadas, e não partes do mesmo todo. O filósofo Edmund Husserl aproximava-se da mesma perceção no seu último livro, *The Crisis in the European Sciences*, quando observou que os gregos dividiram a realidade entre o mundo fisicamente real e o mundo das ideias.

Galileu ensinou depois os cientistas a lidar com esse mundo físico em termos matemáticos, e subitamente a ciência ficou confinada ao domínio da realidade física. E, como os cientistas recusaram admitir qualquer outra realidade, a ciência tornou-se estranhamente desequilibrada. (Era isto que Alfred North Whitehead queria dizer ao acusar a ciência de "bifurcar" a natureza, dividindo a realidade entre o reino "sólido" da física e o reino — comparativamente menos importante — da experiência vivida, que inclui arte, religião e filosofia.)

Husserl argumentava que temos de adotar uma posição crítica em relação à "realidade científica" e repensar a ciência até que ela possa incluir confortavelmente toda a amplitude da nossa realidade humana. Husserl, claro, não tinha o menor interesse pelo paranormal, e o seu trabalho é duplamente importante porque mostra como um filósofo (que iniciou a carreira com um livro sobre matemática) pode chegar às mesmas conclusões filosóficas intimamente relacionadas com as de Lethbridge ou David Ash, mas partindo do extremo oposto, por assim dizer.

Em *Science of the Gods*, Ash e Hewitt fizeram uma tentativa corajosa de mostrar como a teoria dos vórtices pode explicar muitos tipos de "fenómenos psíquicos" em termos científicos, desde fantasmas e milagres até reencarnação e OVNIs. Trata-se de um programa excitante e imaginativo que — inevitavelmente — fica aquém do objetivo. Mas, pelo menos, torna-nos conscientes de que, quando Kelvin teve o seu lampejo de "visão" em 1867 e o desenvolveu na teoria dos vórtices dos átomos, pode ter lançado os alicerces para uma nova e mais abrangente ciência da realidade.

61

Quem Era Harry Whitecliffe?

Segundo um livro publicado em França em 1978, um dos mais extraordinários assassinos em massa ingleses suicidou-se numa prisão de Berlim em plena era do jazz. Chamava-se Harry Whitecliffe e assassinou pelo menos quarenta mulheres. Então porque não é o seu nome mais conhecido — pelo menos entre estudantes de criminologia? Porque, quando foi preso, utilizava o nome falso de Lovach Blume, e o suicídio ocultou a sua verdadeira identidade às autoridades.

A história completa encontra-se num volume intitulado *Nouvelles Histoires Magiques — Novas Histórias Mágicas* — de Louis Pauwels e Guy Breton, publicado pelas Éditions J'ai Lu. Apesar do título — que soa a ficção — trata-se na realidade de uma série de estudos sobre o paranormal e o bizarro; há capítulos sobre Nostradamus, Rasputine e Eusapia Palladino, bem como relatos de mistérios célebres como as pegadas do diabo em Devon (ver o meu capítulo 12).

Segundo o capítulo "As Duas Faces de Harry Whitecliffe", surgiu em Londres, no início dos anos vinte, uma colectânea de ensaios tão promissora que esgotou em poucos dias; consistia numa série de magníficos pastiches de Oscar Wilde. Mas o autor, Harry Whitecliffe, aparentemente preferia evitar publicidade; permanecia obstinadamente escondido. Jornalistas regressavam de mãos vazias. Depois, precisamente quando se começava a sugerir que Whitecliffe era um pseudónimo de algum escritor conhecido — talvez Bernard Shaw, ou o jovem T. S. Eliot — Whitecliffe consentiu finalmente em aparecer. Era um belo jovem de vinte e três anos, afável, excêntrico e amante do desporto. Era também generoso; dizia-se que terminara uma noite convivial oferecendo casualmente quinhentas libras a uma mendiga bonita. Declarava adorar flores, mas apenas se os caules não ultrapassassem vinte centímetros. Era o tipo de pessoa que os ingleses adoram, e rapidamente se tornou celebridade.

Entretanto continuou a escrever: ensaios, poesia e peças de teatro. Uma das suas comédias, *Similia*, teve quatrocentas representações consecutivas em Londres antes de percorrer Inglaterra em digressão. Fez-lhe ganhar uma fortuna, que rapidamente espalhou entre os amigos. No início de 1923 era um dos "reis da sociedade londrina".

Depois, em Setembro desse ano, desapareceu. Vendeu todos os seus bens e deu carta branca ao editor para gerir a sua obra. Mas antes do fim do ano reapareceu em Dresden. O teatro local apresentou *Similia* com enorme êxito, tendo o próprio autor traduzido a peça do inglês para alemão. Acabou representada em muitos teatros ao longo do Reno. Fundou uma editora para publicar poesia moderna e obras sobre pintura moderna — a Dorian Verlag — cujas edições valem hoje uma fortuna.

Mas continuava a ser um homem envolto em mistério. Todas as manhãs cavalgava ao longo das margens do rio Elba até às nove horas; às dez dirigia-se ao escritório, onde almoçava. Às seis da tarde ia a exposições de arte ou salões literários e encontrava-se com amigos. Às nove regressava a casa e ninguém sabia o que fazia durante o resto da noite. E ninguém gostava de lho perguntar.

Uma das razões dessa vida regular era estar apaixonado — a jovem chamava-se Wally von Hammerstein, filha de pais aristocráticos, favoravelmente impressionados com o jovem escritor. O noivado deveria ser anunciado a 4 de Outubro de 1924.

Mas, no dia anterior, Whitecliffe desapareceu novamente. Não apareceu no escritório e evaporou-se do apartamento. A desesperada Wally procurou-o por toda Dresden, sem sucesso. A polícia foi discretamente alertada e iniciou diligentes investigações. A teoria policial era a de suicídio. Wally acreditava que sofrera um acidente ou fora vítima de crime — frequentemente transportava grandes quantias de dinheiro. À medida que as semanas passavam, o desespero transformou-se em miséria; falou mesmo em entrar para um convento.

Então recebeu uma carta. Fora encontrada na cela de um condenado à morte que se suicidara em Berlim — conseguira abrir as veias com a fivela do cinto. A inscrição no envelope dizia: “Peço-lhe, monsieur le procureur do Reich, que encaminhe esta carta para o seu destino sem a abrir.” Assinava: Lovach Blume.

Blume era aparentemente um dos mais horríveis assassinos de todos os tempos, pior do que Jack, o Estripador ou Peter Kürten, o sádico de Düsseldorf. Declarara ao tribunal que o julgara: “De dez em dez dias tenho de matar. Sou impelido por um desejo irresistível, de tal modo que, enquanto não matar, sofro atrocidades. Mas quando estripo as minhas

vítimas sinto um prazer indescritível." Interrogado acerca do passado, respondeu: "Sou um cadáver. Porque haveriam de se preocupar com o passado de um cadáver?"

As vítimas de Blume eram prostitutas e raparigas sem-abrigo recolhidas nas ruas de Berlim. Levava-as para um hotel e matava-as assim que se despiam. Depois, com uma faca semelhante a um *kriss* malaio, de cabo de marfim, praticava mutilações horríveis, tão atrozes que até os médicos achavam a visão insuportável. Estes assassinatos prolongaram-se durante seis meses, período durante o qual os bairros miseráveis de Berlim viveram aterrorizados.

Blume foi finalmente preso por acaso, em Setembro de 1924. A polícia suspeitava que estivesse envolvido em tráfico de droga e bateu à porta de um quarto de hotel poucos minutos depois de ele entrar com uma prostituta. Blume acabara de cometer o trigésimo primeiro homicídio em Berlim; estava nu junto à janela, e o corpo da mulher jazia aos seus pés.

Não ofereceu resistência e confessou livremente os crimes — embora apenas conseguisse recordar vinte e sete. Declarou não temer a morte — particularmente a forma como as execuções eram realizadas na Alemanha (decapitação), que preferia muito ao costume inglês do enforcamento.

Foi este homem que se suicidou na cela da prisão e dirigiu uma longa carta à noiva, Wally von Hammerstein. Disse-lhe estar certo da existência do Diabo, porque o encontrara. Era, explicou, uma espécie de Jekyll e Hyde, um homem inteligente e talentoso que subitamente se tornava cruel e sanguinário. Via-se como vítima de possessão demoníaca. Tinha deixado Londres depois de cometer nove assassinatos, quando suspeitou que a Scotland Yard estava no seu encalço.

O amor que sentia por Wally era genuíno, disse-lhe, e fizera-o "morrer um pouco". Chegara a esperar que ela o pudesse salvar dos seus demónios, mas isso revelara-se uma esperança vã.

Wally desmaiou enquanto lia a carta. E, em 1925, entrou num convento e tomou o nome de Marie de Douleurs. Ali reza pela salvação de uma alma atormentada…

Esta é a história tal como contada por Louis Pauwels — escritor célebre pela colaboração com Jacques Bergier num livro chamado *The*

Morning of the Magicians. Os críticos assinalaram que esse livro estava repleto de erros factuais, e vários deles também podem ser encontrados no artigo sobre Whitecliffe. Por exemplo, se a data da prisão de Blume estiver correta — 25 de Setembro de 1924 — então ela ocorreu antes de Whitecliffe desaparecer de Dresden, a 3 de Outubro de 1924… Mas isso, presumivelmente, será apenas um lapso de escrita.

Mas quem era Harry Whitecliffe? Segundo Pauwels, ele disse ao tribunal de Berlim que o pai era alemão, a mãe dinamarquesa, e que fora criado na Austrália por um tio açougueiro. O tio vivia em Sydney. Contudo, numa "conversa" entre Pauwels e o co-autor no final de um capítulo, Pauwels afirma que Whitecliffe era filho de uma grande família inglesa. Mas, à parte os três magistrados que abriram a carta de suicídio — ignorando os últimos desejos de Blume — apenas Wally e os pais dela conheciam a verdadeira identidade de Whitecliffe. Os juízes morreram, tal como os pais de Wally. Wally é agora uma freira de setenta e cinco anos que, até ao presente, nunca revelara a ninguém este drama da juventude. Ficamos assim levados a supor que terá agora contado a história a Pauwels.

Este extraordinário relato despertou a curiosidade de uma conhecida escritora francesa, Françoise d'Eaubonne, que sentiu que Whitecliffe merecia um livro só para ele. Mas as cartas enviadas aos dois autores — Pauwels e Breton — ficaram sem resposta. Por isso contatou a British Society of Theatre Research, entrando assim em correspondência com o historiador de teatro John Kennedy Melling. Melling nunca ouvira falar de Whitecliffe nem de uma peça chamada *Similia*. Decidiu iniciar a investigação contactando a Scotland Yard, perguntando se existia algum registo de um assassino sexual desconhecido ativo no início da década de 1920. A resposta foi negativa; não existia qualquer série de crimes à maneira do Estripador contra prostitutas nesse período. Contatou então J. H. H. Gaute, possuidor da maior biblioteca de criminologia das Ilhas Britânicas; também Gaute não encontrou qualquer vestígio de tal série de crimes sexuais nos anos vinte. Obras de referência teatral não mencionavam Harry Whitecliffe nem a sua suposta comédia de sucesso *Similia*. Começava a parecer — por incrível que soe — que Pauwels inventara simplesmente toda a história.

Thelma Holland, nora de Oscar Wilde, não conseguiu encontrar qualquer vestígio de um volume de paródias de Wilde entre a extensa

coleção do falecido marido, Vyvyan Holland. Mas fez uma sugestão — dirigir perguntas à Biblioteca Mitchell, em Sydney. Como australiana, sentia que essa seria provavelmente a melhor hipótese de Melling para localizar Harry Whitecliffe.

Incrivelmente, esta tentativa remota produziu resultados positivos: não acerca de Harry Whitecliffe, mas sobre um assassino alemão chamado Blume — não Lovach, mas Wilhelm Blume. O jornal *The Argus*, de 8 de Agosto de 1922, continha uma notícia com o título "Assassino Culto" e o subtítulo: "Série de Crimes de um Homem de Letras". A notícia vinha datada de Berlim, 7 de Agosto.

Wilhelm Blume, homem de vasta cultura e consideráveis dons literários, cujas traduções de peças inglesas foram apresentadas em Dresden com grande êxito, confessou uma série de homicídios a sangue-frio, um dos quais foi perpetrado no Hotel Adlon, o hotel mais conhecido de Berlim.

O elemento mais significativo da notícia é que Blume fundara em Dresden uma editora chamada Dorian Press (Verlag). Trata-se obviamente do mesmo Blume que — segundo Pauwels — se suicidou em Berlim.

Mas Wilhelm Blume não era um assassino sexual. As suas vítimas eram carteiros, e o motivo era roubo. Na Alemanha, os vales postais eram pagos aos destinatários nas próprias casas, pelo que os carteiros transportavam frequentemente quantias razoáveis de dinheiro. Blume enviava vales postais para si próprio, depois assassinava os carteiros e roubava-os — o número exato não é indicado no artigo do *Argus*. Na primeira vez que o fez, foi interrompido pela senhoria enquanto estrangulava o carteiro com um laço; então cortou-lhe a garganta.

Depois mudou-se para Dresden, onde, algum tempo mais tarde, tentou roubar outro carteiro. Armado com dois revólveres, esperou pelo carteiro no alpendre de uma casa. Mas o inquilino da casa chegou tão rapidamente que teve de fugir, disparando sobre um dos polícias. Depois os dois revólveres encravaram, e foi capturado. Aparentemente tentou suicidar-se na prisão, mas sem sucesso. Confessou — como afirma o *Argus* — vários homicídios, e presumivelmente foi executado mais tarde em 1922 (embora o *Argus* não contenha mais referências ao caso).

Parece claro, então, que a pergunta "Quem era Harry Whitecliffe?" deveria ser reformulada como "Quem era Wilhelm Blume?" Porque Blume e Whitecliffe eram obviamente a mesma pessoa.

Com base nas informações de que dispomos, podemos fazer uma reconstrução provisória da história de Blume-Whitecliffe. Ele parece um exemplo típico de certo tipo de assassino que é também vigarista — outros exemplos seriam Landru, Petiot, o "assassino do banho de ácido" Haigh e o homicida sexual Neville Heath. É parte essencial da personalidade destes homens serem fantasistas, gostarem de posar como pessoas bem-sucedidas e falarem casualmente de triunfos passados. (Neville Heath apresentava-se como "Group Captain Rupert Brooke".) Habitualmente começam como pequenos burlões, depois tornam-se gradualmente mais ambiciosos e passam ao homicídio. Foi aparentemente isso que Blume fez. No caos da Berlim do pós-guerra, fez rapidamente fortuna assassinando e roubando carteiros. Talvez o último golpe lhe tenha rendido uma fortuna superior ao esperado, ou talvez as autoridades postais de Berlim já estivessem em alerta para o assassino.

Blume decidiu então que era tempo de tentar viver uma vida respeitável e pôr em prática as suas fantasias literárias. Mudou-se para Dresden, passou a chamar-se Harry Whitecliffe e fundou a Dorian Verlag. Tornou-se tradutor bem-sucedido de peças inglesas e pode até ter ajudado a financiar as produções em Dresden e nos teatros ao longo do Reno. Como fingia ser um inglês de classe alta e devia encontrar ocasionalmente outros ingleses em Dresden, podemos supor que o seu inglês era perfeito e que a história de ter sido criado na Austrália era provavelmente verdadeira. Como falava também alemão perfeito, é igualmente razoável assumir que era, como declarou ao tribunal, filho de pai alemão e mãe dinamarquesa.

Apaixonou-se por uma jovem aristocrática e contou-lhe uma história romântica típica de um sonhador compulsivo: que era filho de uma "grande família inglesa", que alcançara um êxito literário instantâneo em Londres graças aos seus pastiches de Oscar Wilde, mas que inicialmente preferira evitar os holofotes (um toque de verdadeiro Walter Mitty) até que o crescente sucesso tornara isso impossível. A sua riqueza seria resultado de uma peça de sucesso, *Similia*. (A semelhança do título com *Salomé* é evidente, e podemos inferir que Blume era admirador fervoroso de Wilde.) Mas, para evitar publicidade excessiva — afinal, vítimas de fraudes

anteriores poderiam denunciá-lo — vive a vida calma e regular de um criminoso escondido.

E, precisamente quando tudo parece correr bem — quando o sucesso, a respeitabilidade e um casamento feliz parecem ao alcance da mão — volta a ficar sem dinheiro. Há apenas uma solução: um breve regresso ao crime. Um ou dois roubos de carteiros poderiam reabastecer a conta bancária e assegurar-lhe o futuro… Mas desta vez tudo corre desastrosamente mal. Harry Whitecliffe é desmascarado como o burlão e assassino Wilhelm Blume. Não tenta negar nada e confessa os homicídios anteriores; o seu mundo desmoronou-se completamente. É enviado de volta para Berlim, onde os crimes foram cometidos, e tenta suicidar-se na cela.

Pouco depois, morre pela guilhotina. E em Dresden a verdadeira história de Wilhelm Blume rapidamente se transforma, embelezada, numa horrenda narrativa sobre um assassino em massa à maneira de Jekyll e Hyde, cuja carreira inicial em Londres acaba confundida com a de Jack, o Estripador…

Ainda existirão registos de Wilhelm Blume? Parece duvidoso — os bombardeamentos incendiários de Dresden destruíram a maior parte dos arquivos municipais, e as pessoas que o conheceram há mais de sessenta anos devem agora estar todas mortas. Ainda assim, Pauwels encontrou evidentemente alguma versão deturpada e extremamente imprecisa da carreira de Blume enquanto Harry Whitecliffe. Seria interessante saber onde obteve as informações; mas nem Françoise d'Eaubonne nem John Kennedy Melling conseguiram persuadi-lo a responder às cartas.

62

Patience Worth

Ou o Fantasma que Escrevia Romances

Num dia de Agosto de 1912, duas mulheres estavam sentadas numa casa em St. Louis, Missouri, brincando com um tabuleiro Ouija. Eram Emily Grant Hutchings e Pearl Curran, ambas casadas com empresários bem-sucedidos — os maridos encontravam-se na sala ao lado a jogar cartas. Foi Mrs Hutchings quem se interessou por tentar "contactar os

espíritos"; a amiga Pearl Curran achava aquilo tudo uma perda de tempo. E nessa primeira tarde de Agosto provou ter razão. O indicador do tabuleiro soletrou algumas palavras reconhecíveis, mas a maior parte era puro disparate.

Mas, apesar do aborrecimento da amiga, Emily Hutchings insistiu em tentar novamente. Tentaram repetidamente ao longo dos dez meses seguintes. E finalmente, a 22 de Junho de 1913, o tabuleiro soletrou várias vezes a palavra PAT, antes de escrever:

Oh, porque deixas a tristeza endurecer-te o coração?
O teu peito é apenas sua mãe adotiva,
O mundo o seu berço e o lar amoroso a sua sepultura.

Isto não só era inteligível como inteligente — embora seja necessária leitura cuidadosa para perceber plenamente o sentido.

Nessa mesma tarde, o tabuleiro continuou a produzir várias frases semelhantes, a maioria soando às declarações de uma romancista sentimental da época vitoriana:

"Descansa, coração cansado. Que apenas a luz do sol ilumine o santuário interior. Um único raio filtrará e aquecerá a tua alma gelada."

Seguiram-se várias outras frases aforísticas do mesmo género.

A vez seguinte em que as duas mulheres se reuniram foi a 2 de Julho de 1913 e, mais uma vez, o tabuleiro Ouija começou a soletrar palavras com velocidade desconcertante.

"O pó repousa em baixo, e as teias prendem-se entre os silvados. Uma única jóia cintila como visão refletida da ascensão de Vénus num lago de montanha…"

E, depois de mais sentimentos poéticos do mesmo tipo, declarou:

"Todos aqueles que tão recentemente agraciaram o vosso tabuleiro estão aqui e, enquanto a lua observa do alto, pensai neles e na sua morada como uma canção espiritual, como amigos espirituais, e numa íntima comunhão mantida entre vós e eles. É apenas uma viagem, não vedes?"

E quando as mulheres pediram esclarecimentos, o tabuleiro respondeu:

"Tudo é tão claro por detrás do véu…"

E quando perguntaram o nome, respondeu:

"Pode alguém tão próximo ser confinado a um nome? O sol brilha igualmente sobre o silvado e sobre a rosa…"

Mas, na sessão seguinte, seis dias depois, acabou por revelar a identidade:

"Há muitas luas vivi. Volto novamente — Patience Worth é o meu nome."

Mas parecia relutante em fornecer mais detalhes.

"Sobre mim muito quereríeis saber. Ontem está morto."

E tinha tendência para se expressar em aforismos; numa sessão posterior, quando lhe pediram que se despachasse, respondeu:

"Bate no cão e perde a lebre."

Tinha língua afiada e espírito rápido, embora a linguagem antiquada frequentemente dificultasse a compreensão. Parece ter desenvolvido antipatia por uma Mrs Pollard, mãe de Pearl Curran, presente em algumas sessões, e quando Emily Hutchings lhe perguntou o que pensava dela, respondeu:

"Os homens deviam pô-la no pelourinho."

Queria dizer que Mrs Pollard devia ser colocada no tronco? perguntou Mrs Hutchings.

"Sim, e deixai lugar para duas", retorquiu Patience.

Mas pouco antes do Natal Patience demonstrou uma interessante capacidade de prever o futuro. Mrs Hutchings perguntou-lhe o que Pearl Curran tencionava oferecer-lhe no Natal; Patience respondeu:

"Quinze peças, e uma rachada."

Na verdade, Mrs Curran encomendara um conjunto de frascos de cozinha para a amiga e, quando chegaram no dia seguinte, uma das quinze peças estava efetivamente rachada.

Perguntaram então o que Emily Hutchings tencionava oferecer a Pearl Curran no Natal, e Patience respondeu:

"Pano de mesa, ponto-cruz."

Mais uma vez estava correta — Emily comprara toalhas de mesa bordadas em ponto-cruz.

Mrs Pollard pediu uma dedicatória para um presente destinado à filha, e Patience respondeu:

"Um desejo ardente que nunca se apague; uma fé crescente, sempre a arder."

A frase era extraordinariamente apropriada: Mrs Pollard comprara à filha uma vela e um apagador.

Eventualmente Patience forneceu um pouco mais de informação sobre si própria. Era uma rapariga quacre, nascida em 1649 ou 1694 (o tabuleiro escreveu 1649, depois mudou de ideias e acrescentou 94) e nascera em Dorset. Trabalhara arduamente — aparentemente numa quinta — até a família emigrar para a América, tendo sido pouco depois morta por índios.

Era certamente uma criatura faladora — mesmo os registos incompletos das sessões, citados em *The Case of Patience Worth*, de Walter Franklin Prince, são exaustivos de ler. E tinha tendência para ditar longos "poemas" sem rima e com métrica incerta. O mais conhecido dos seus textos é o seguinte:

Ah Deus, bebi até às borras,
E lancei o cálice contra Ti!
O pó da retidão desmoronada
Secou e absorveu em si mesmo
Até a gota que derramei a Baco,
Enquanto Tu, infinitamente paciente,
Envias colheita púrpura para vindima futura.

Isto possui a maior parte das características das produções literárias de Patience. À primeira leitura parece sem sentido; à segunda ou terceira começa a revelar significado. Mas o leitor pode continuar na dúvida sobre se realmente valia a pena dizê-lo.

Em 1915 Patience tornou-se algo célebre quando Caspar Yost, editor do suplemento dominical do *St Louis Globe-Democrat*, escreveu uma série de artigos sobre ela, embora tivesse o cuidado de não identificar as duas

mulheres que a tinham "descoberto". Os artigos causaram sensação, e Yost acabaria por escrever um livro.

Outro jornalista de St. Louis, William Marion Reedy, editor da *Reedy's Mirror* — e um dos melhores críticos literários do seu tempo — também assistiu a algumas sessões e, para sua própria surpresa, ficou profundamente impressionado com Patience. Yost e Reedy foram responsáveis por tornar o nome de Patience Worth conhecido em toda a América.

Nessa altura Patience já embarcara em composições literárias mais ambiciosas. Primeiro surgiu *Red Wing*, peça medieval em seis atos. Depois apareceu *Telka*, romance medieval com sessenta mil palavras. E aqui deve admitir-se imediatamente que Patience é uma escritora dececionante. Se as obras fossem obras-primas literárias, ou sequer trabalho competente de escritor profissional, mereceriam permanecer editadas permanentemente. Na realidade, são tão prolixas que se tornam quase ilegíveis. Romances "históricos" como *Telka* e *The Sorry Tale* (passado no tempo de Jesus) estão escritos num estilo "arcaico" que exige atenção intensa e oferece escassa recompensa. Eis um trecho de *The Sorry Tale*:

"E a barba caía-lhe baixa sobre o peito, e falou aos homens de Roma: 'A paz de Jeová esteja convosco.' E eles cuspiram sobre os seus frutos e levantaram grandes clamores, dizendo: 'Eis que Jerusalém foi assolada por gafanhotos e pulgas do deserto…'"

Parece um pastiche bíblico de segunda categoria.

Um romance "moderno", *Hope Trueblood*, começa assim:

"O relógio de areia já escorregara três vezes, e as areias encontravam-se a meio da passagem, e ainda o pássaro saltitava dentro do cesto de vime. Creio que o relógio escorregara através de uma vintena de anos, devidamente virado a cada ciclo, e o pássaro cantara em alguns deles e lamentara-se noutros. O arco da lareira bocejava sonolento…"

E ao fim de meia página disto o leitor também boceja sonolento.

Certamente Patience parecia conhecer pouco da virtude da brevidade. Quando um médium chamado Arthur Delroy discursou numa reunião em St. Louis, comentou que o tabuleiro Ouija não tinha mais valor do que um puxador de porta e que a linguagem de Patience não era inglês arcaico, mas

apenas o tipo de linguagem aprendido na escola dominical. (Acrescentou maldosamente que não ficaria surpreendido ao saber que Mrs Curran passara muito tempo na escola dominical.)

Quando esta crítica foi transmitida a Patience, ela respondeu:

"São os tolos que ferem o alaúde e o fazem soar canção de loucura, quando a mão do sábio mal deseja tocá-lo."

Ao que Delroy replicou, no próprio estilo de Patience:

"Não, colocas-me entre os nobres. Não sou o homem sábio do Oriente que desejaria jamais ter a última palavra, mas antes aguardaria pacientemente, sim, até à milionésima fala Paciente…"

A resposta dela, caso a tenha dado, não foi registada.

Em Novembro de 1915, Mr e Mrs Curran decidiram viajar para a costa leste, onde Patience já era amplamente conhecida, levando consigo o tabuleiro Ouija. Perguntaram-lhe se estava disposta a acompanhá-los, e Patience respondeu no seu habitual estilo prolixo:

"Tal como o vosso próprio fôlego se apega a vós, assim farei eu ao seguir-vos. Pensais vós que construiria um cálice e o deixaria seco?"

E quando Patience foi entrevistada em Boston pelo eminente psicólogo Morton Prince, também ele achou a sua verbosidade extremamente cansativa.

Perguntaram-lhe se se opunha à investigação, e ela respondeu longamente, começando:

"Vós buscais medir o lugar do fumo…"

Prince repetiu a pergunta, e Patience explicou lucidamente:

"Virais uma pedra, sim, e debaixo dela está um sapo, sim, e ele pestaneja perante a luz…"

Quando Prince, desesperado, repetiu a pergunta pela terceira vez, ela esclareceu:

"Aqui há um homem que possui um novelo de fio e não está satisfeito com o novelo, mas deseja que eu o desenrole. Escuta, irmão, a tua escavação sob a pedra! Tanto me faz."

Horas de interrogatório produziram muitas mais destas obscuridades labirínticas. Patience parecia incapaz de usar uma palavra quando dez serviriam, fazendo lembrar a observação de Lincoln:

"Consegue comprimir o maior número de palavras nas menores ideias que alguma vez encontrei."

Era impossível obter dela resposta direta mesmo à pergunta mais simples. Quando Prince perguntou quantos anos tinha ao chegar à América, respondeu:

"Uma mulher feita."

E quando repetiu a pergunta, aconselhou-o a ler uma parábola que escrevera sobre um burro.

A própria Patience encerrou abruptamente a entrevista — a última — com um seco "Boa noite".

Prince ficou com a sensação de que tudo fora basicamente perda de tempo. Fosse Patience genuína ou não, era certamente evasiva. Mrs Curran recusou categoricamente a sugestão de Prince de ser hipnotizada, e os Curran deram aos jornais uma versão dos encontros que Prince considerou imprecisa, originando algumas trocas de palavras desagradáveis.

Depois deste encontro insatisfatório, os Curran seguiram para Nova Iorque, onde Patience conheceu o futuro editor Henry Holt e divagou no seu habitual estilo irritantemente prolixo. Mas Holt ficou impressionado e, em Fevereiro seguinte — 1916 — publicou o livro de Caspar Yost *Patience Worth — A Psychic Mystery*, que foi, no geral, muito bem recebido.

Os críticos descreveram Patience como uma "personalidade poderosa, única mas impalpável" e o seu trabalho como "divertido, humorístico e belo". Mas uma nota discordante foi introduzida pelo Professor James Hyslop, da American Society for Psychical Research, que lamentou a total ausência de provas cientificamente convincentes e classificou Patience como "uma fraude e uma ilusão".

Em Junho de 1917, Henry Holt publicou a vasta epopeia pseudo-bíblica *The Sorry Tale*, com mais de um quarto de milhão de palavras. Mais uma vez, muitos jornais ficaram extasiados; o *Boston Transcript* escreveu:

"Se, contudo, por causa das suas pretensões psíquicas, alguém abordar a história com incredulidade ou escárnio, será imediatamente repelido pela sua qualidade."

Enquanto *The Nation* declarou que a obra "merecia ser considerada como uma peça de ficção criativa".

O leitor moderno achará estas opiniões incompreensíveis; a escrita é atroz e frequentemente iletrada.

"Ovelhas, perdidas na tempestade, balavam, onde, pelas colinas, as haviam perdido."
"Os templos permaneciam embranquecidos e a praça do mercado mostrava-se vazia."
"E os homens de Roma desembainharam as lâminas e o ar abalou-se com gritos de falsas preces saídas dos lábios romanos."

Se Patience tivesse sido uma ambiciosa empregada de loja, o romance teria sido descartado como uma piada de mau gosto.

Por outro lado, o livro parecia revelar um conhecimento da Roma antiga que Mrs Curran insistia nunca ter possuído. O distinto investigador psíquico G. N. M. Tyrrell, escrevendo trinta anos depois, afirmou:

"Não existe aqui a grandeza do génio, mas… existe uma fonte de inspiração que poderia ter fornecido material para uma obra genial caso tivesse sido expressa através da mente consciente de, digamos, um Coleridge em vez de… Mrs Curran."

E prosseguiu citando a opinião de Caspar Yost, segundo a qual o livro revelava conhecimento íntimo da Roma de Augusto e Tibério, bem como da topografia de Jerusalém e da Terra Santa. Mas Yost era, naturalmente, uma testemunha algo parcial, tendo sido um dos "descobridores" originais de Patience Worth.

Um dos episódios mais bizarros de toda a história começou em Agosto de 1916, enquanto *The Sorry Tale* ainda estava a ser ditado. No seu habitual estilo indireto, Patience anunciou que as suas obras renderiam muito dinheiro ("mais tarde a bolsa engordará"), mas que esse dinheiro "não será para aquele que possui". Os Curran ouviram então:

"Buscareis alguém pequenino, alguém que nada possui."

E acrescentou:

“Sim, isto está próximo, próximo.”

Rapidamente se tornou claro aquilo que Patience queria dizer — ela parecia incapaz de dizer qualquer coisa de forma simples: os Curran, que não tinham filhos, deveriam adotar um bebé, e esse bebé seria, de algum modo, filha da própria Patience.

Por “mero acaso”, localizaram uma viúva grávida — o marido morrera num acidente numa fábrica — e ela concordou em entregar a criança ainda por nascer aos Curran. Patience parecia certa de que seria uma menina.

E certa noite, enquanto ditava *The Sorry Tale*, interrompeu-se abruptamente com o comentário:

“Isto basta.”

Uma hora mais tarde, os Curran souberam que o bebé nascera. Era realmente uma menina, ruiva e de olhos castanhos — descrição que Patience anteriormente dera de si própria.

Por instruções de Patience, a criança recebeu o nome Patience Worth Wee Curran.

Nesse mesmo ano — 1916 — Emily Hutchings visitou o eminente crítico literário William Marion Reedy e mostrou-lhe as primeiras dez mil palavras de um romance sobre política e jornalismo no Missouri. Nos anos recentes Emily afastara-se dos holofotes, pois tornara-se claro que a sua presença não era necessária para a manifestação de Patience.

Reedy ficou impressionado com o romance e felicitou-a. Uma semana depois deve ter tido vontade de retirar as palavras quando Emily voltou e confessou que o romance fora “ditado” pelo espírito de Mark Twain — produzindo depois várias páginas com ajuda do tabuleiro Ouija.

O romance foi aceite e publicado com o título *Jap Herron*, sendo bem recebido — embora geralmente se concordasse que a qualidade era muito inferior à das obras produzidas por Mark Twain em vida. Uma tentativa dos editores de Twain para suprimir o romance não teve sucesso.

Durante este período, a fama de Patience continuou a crescer. O romance vitoriano *Hope Trueblood* foi recebido com entusiasmo por

muitos jornais respeitáveis, embora o público leitor achasse até o estilo "moderno" de Patience excessivamente palavroso.

Em Inglaterra, o livro foi publicado sem qualquer indicação da sua origem "psíquica" e recebeu críticas mistas; mas, pelo menos, a maioria dos críticos pareceu assumir que se tratava do primeiro romance de uma escritora inglesa.

Os Curran lançaram também *Patience Worth's Magazine*, destinada a tornar os poemas e escritos menores de Patience acessíveis aos admiradores. Era editada por Caspar Yost e teve dez números.

Mas em 1918 começaram a surgir sinais de que a moda de Patience estava a terminar. Nesse Agosto, na *Atlantic Monthly*, uma escritora chamada Agnes Repplier ridicularizou a mais recente mania de livros escritos por espíritos e expressou horror perante a ideia de que Patience, estando morta, pudesse permanecer para sempre no cenário literário.

Acerca dos livros de Patience, Miss Repplier comentou secamente:

"São tão idiotas quanto aborrecidos."

Em retrospetiva, parece surpreendente que nenhum outro crítico respeitável tivesse já formulado a mesma opinião.

A explosão de ridículo marcou, na prática, o fim do período de celebridade literária de Patience Worth; Agnes Repplier declarara que o imperador ia nu, e todos perceberam que isso sempre fora evidente.

Um novo livro de Caspar Yost sobre a religião e filosofia de Patience foi recusado por Henry Holt; o mesmo aconteceu com um volume de poemas de Patience.

Pearl Curran (que sempre negara energicamente possuir qualquer talento literário) escreveu ela própria um conto sobre uma empregada de loja de Chicago — que, significativamente, é "tomada" por uma personalidade secundária — e o texto foi aceite pela *Saturday Evening Post*; mas o mais recente biógrafo de Pearl, Irving Litvag, admite em *Singer in the Shadows* que a história "nunca ultrapassa o nível de uma má novela melodramática".

Quando William Marion Reedy morreu, em 1920, Patience perdeu um dos seus defensores mais influentes. Outro sinal da queda da sua reputação

foi um artigo hostil de uma crítica chamada Mary Austin na *Unpartizan Review*; pior ainda, a revista era publicada por Henry Holt.

A saúde de John Curran começou a deteriorar-se, e ele morreu em Junho de 1922, após catorze meses de doença. Pearl, então com trinta e nove anos, estava grávida do primeiro filho; uma menina nasceu seis meses depois.

Pearl tinha agora quatro pessoas para sustentar — ela própria, a mãe, Patience Wee e a filha recém-nascida — com um rendimento em declínio. Longe de lhes trazer fortuna, as obras literárias de Patience tinham-lhes custado dinheiro; os romances venderam mal e a revista era uma produção dispendiosa.

Pearl viu-se forçada a aceitar um convite para realizar várias conferências em Chicago; relutava em fazê-lo porque sempre insistira que a sua posição como porta-voz de Patience não lhe trazia lucro algum; mas não tinha alternativa.

A morte da mãe constituiu outro golpe. Contudo, nessa altura, um admirador nova-iorquino, Herman Behr, veio em seu auxílio; não só lhe concedeu uma mesada de quatrocentos dólares mensais como financiou também a publicação dos poemas de Patience, editados sob o título *Light From Beyond*.

Mas isso não reviveu o interesse do público americano pelo fenómeno Patience Worth. Na era de James Joyce, Ernest Hemingway e John Dos Passos, as produções divagantes de Patience pareciam irrelevantes.

Litvag comenta:

"Os três anos seguintes foram solitários e bastante desesperantes para Pearl Curran. Já não celebridade, largamente ignorada pelo público… frequentemente doente, encontrava-se muitas vezes deprimida e sombria."

Em 1923 permitiu que Patience Wee fosse para a Califórnia. Em 1926 casou com um médico reformado, Henry Rogers, muitos anos mais velho; mas o casamento fracassou e terminou em divórcio.

Em 1930 Pearl mudou-se para a Califórnia, onde em Los Angeles voltou a alcançar alguma notoriedade entre um grupo dedicado de admiradores. Em 1931 casou novamente — desta vez com um homem com quem estivera brevemente noiva aos dezanove anos; ela e o marido, Robert

Wyman, mudaram-se para Culver City, e Patience começou a ditar uma nova obra literária, uma peça sobre Shakespeare.

Nas sessões espíritas continuava tão tagarela e evasiva como sempre — a pergunta mais simples podia garantir uma resposta de cinco minutos.

Em 1934 Patience Wee, então com dezoito anos, casou-se, e Patience forneceu uma longa bênção assinada:

"Tua Mãe."

Depois, em Novembro de 1937, Pearl, então com cinquenta e quatro anos, anunciou subitamente à velha amiga Dotsie Smith:

"Patience acaba de me mostrar o fim da estrada, e terão de continuar como puderem."

Parecia gozar de excelente saúde. Mas no Dia de Ação de Graças apanhou uma constipação; a 3 de Dezembro de 1937 morreu de pneumonia num hospital de Los Angeles.

Esse foi, na prática, o fim do fenómeno Patience Worth.

Patience Wee, que aos vinte e sete anos já fora casada duas vezes, morreu igualmente de forma súbita em 1943, depois de lhe ter sido diagnosticada uma ligeira doença cardíaca; inevitavelmente, houve quem sentisse que Patience acabara finalmente por reclamar a sua "filha".

O último capítulo do livro de Irving Litvag sobre Patience intitula-se "Quem Era Patience Worth?", mas ele admite quase de imediato que não faz ideia.

Os escritores sobre o caso tendem a dividir-se igualmente entre as duas teorias óbvias: que Patience era uma "personalidade secundária" de Pearl Curran, ou que era mais ou menos aquilo que afirmava ser — um "espírito".

Tanto Morton Prince como Walter Franklin Prince (não eram parentes) haviam produzido estudos clássicos de casos de personalidade múltipla; o caso "Sally Beauchamp", de Morton Prince (descrito em *The Dissociation of a Personality*), tornou-se clássico; o caso "Doris Fischer", de Walter Franklin Prince, mereceria igual notoriedade, mas nunca circulou para além das páginas do *American Journal for Psychical Research* (1923) e de *Contributions to Psychology*.

Mas qualquer pessoa que leia o caso Patience Worth depois de estudar Sally Beauchamp e Doris Fischer sente inevitavelmente que possuem muito pouco em comum.

A maioria das "personalidades múltiplas" possui historial de abusos e infelicidade na infância; Pearl Curran parece ter tido infância normal e ter sido pessoa perfeitamente vulgar e sem nada de notável até à chegada de Patience Worth.

Embora seja concebível que Pearl Curran sofresse de personalidade dupla, as provas clínicas disso não são particularmente convincentes.

Para aqueles dispostos a aceitar a possibilidade de vida após a morte, a explicação mais convincente é certamente que Patience era um "espírito". Mas isso não significa necessariamente que fosse realmente aquilo que afirmava ser.

Quem estuda "comunicação espiritual" reconhece rapidamente que os "espíritos" raramente são aquilo que dizem ser; G. K. Chesterton exprimiu-o de forma mais brusca, dizendo simplesmente que mentem.

Se Patience era realmente uma quacre do século XVII morta por índios, é difícil compreender porque era tão evasiva e porque não respondia a perguntas simples que poderiam ter permitido aos Curran provar que tal pessoa existira de facto.

O livro de Litvag deixa-nos com a convicção de que, se Patience era um espírito, então provavelmente era o espírito de uma aspirante frustrada a escritora, com forte tendência para a mitomania.

63

Zombies

As Provas dos Mortos-Vivos

Desde 1932, quando Bela Lugosi protagonizou White Zombie, a lenda do zombie tornou-se um clássico de Hollywood, rivalizando em popularidade com o vampiro, a múmia ambulante e o monstro de Frankenstein. Quem viu filmes como King of the Zombies jamais esquecerá a imagem de um zombie avançando como um robô enquanto alguém lhe dispara bala após bala para o peito.

Os zombies, segundo o livro *Voodoo* (1959), de Alfred Métraux, são "pessoas cuja morte foi devidamente registada e cujo enterro foi testemunhado, mas que são encontradas alguns anos depois… num estado próximo da idiotia". Em Port-au-Prince, afirma Métraux, "há poucos, mesmo entre os instruídos, que não concedam algum crédito a estas histórias macabras". Compreensivelmente, tais relatos foram recebidos com ceticismo fora do Haiti.

Uma das primeiras observadoras ocidentais a registar um incidente real de zombificação foi a etnógrafa negra Zora Neale Hurston, que estudara nos Estados Unidos sob orientação do grande Franz Boas.

Em Outubro de 1936, uma mulher nua foi encontrada a vaguear pelo vale de Artibonite, no Haiti; chamava-se Felicia Felix-Mentor, e tinha morrido aos vinte e nove anos e sido enterrada. Zora Hurston visitou-a no hospital de Gonaïves e descreveu-a como tendo "um rosto vazio com olhos mortos" e pálpebras "brancas como se tivessem sido queimadas com ácido".

Segundo Zora Hurston, as pessoas eram "transformadas em zombies" se traíssem os segredos das sociedades secretas haitianas. Ninguém acreditou nela, e Métraux escreve de forma condescendente acerca de "Zora Houston [sic], que é muito supersticiosa".

No entanto, Métraux relata uma história envolvendo dois membros da "alta sociedade". Depois de o automóvel avariar, um deles foi convidado para casa de um pequeno homem de barba branca, um *houngan* ou sacerdote vodu. Irritado pelo ceticismo do visitante em relação a um *wanga* (talismã mágico), o velho perguntou-lhe se conhecera certo Monsieur Celestin — que era, de facto, um dos amigos mais próximos do visitante.

Chamado por um estalar de chicote, um homem entrou cambaleando na sala, e o visitante reconheceu horrorizado o velho amigo Celestin, morto havia seis meses.

Quando o zombie estendeu a mão para o copo do visitante — evidentemente com sede — o *houngan* impediu-o de lho entregar, dizendo que nada poderia ser mais perigoso do que dar ou receber algo da mão de um morto.

O *houngan* explicou ao visitante que Celestin morrera devido a um feitiço e que o mágico responsável pela morte o vendera por doze dólares.

Outras histórias relatadas por Alfred Métraux deixam claro que ele considerava os zombies pessoas que literalmente morreram e depois foram ressuscitadas dos mortos. Compreensivelmente, rejeitava isso como superstição. Na verdade, como veremos, Zora Neale Hurston tinha razão e Métraux estava errado.

Haiti, nas Índias Ocidentais, foi descoberto por Christopher Columbus em 1492, mas só dois séculos mais tarde se tornou base de piratas e bucaneiros. Colonos franceses desenvolveram o rico comércio açucareiro haitiano utilizando escravos negros raptados em África. Os espanhóis cederam o Haiti (ou Saint-Domingue, como então era chamado) aos franceses em 1697.

Os escravos eram tratados com crueldade inimaginável — por exemplo, pendurados em árvores com pregos atravessados nas orelhas ou barrados com melaço e deixados a ser devorados vivos por formigas. Outra prática horrível consistia em encher o ânus de um escravo com pólvora e incendiá-la, ato a que os franceses frequentemente chamavam "rebentar o cu do negro".

Apesar dos riscos, os escravos fugiam sempre que podiam e escondiam-se nas montanhas, até que certas regiões montanhosas se tornaram áreas proibidas para os brancos. Na década de 1740, um escravo chamado Macandal, que perdera um braço numa prensa de açúcar, escapou para as montanhas e ensinou os escravos fugitivos — conhecidos como Maroons — a usar veneno contra os opressores. O envenenamento em massa de gado foi seguido pelo envenenamento em massa dos colonos.

Macandal acabou traído e condenado à fogueira (embora, segundo a lenda, tenha usado poderes mágicos para escapar). A partir daí, contudo, as sociedades secretas espalharam a revolta entre os escravos negros. Após as grandes rebeliões da década de 1790, a autoridade francesa praticamente colapsou e, embora tenha sido brutalmente restaurada sob Napoleon Bonaparte, este nunca conseguiu conquistar o interior da ilha.

Uma sucessão de imperadores negros governou até 1859, mas desde então a ilha alternou entre estados de quase anarquia e regimes autoritários severos, ambos favoráveis ao crescimento das sociedades secretas.

Zora Hurston afirmava que a "zombificação" era realizada por meio de um "veneno de ação rápida". No entanto, só no início da década de 1980 um jovem antropólogo americano, Wade Davis, ouviu rumores de que a zombificação era efetivamente um processo envolvendo certos venenos conhecidos, sendo o principal o peixe-balão — iguaria muito apreciada pelos japoneses, embora tenha de ser preparada com extremo cuidado. (Mais sobre isso adiante.)

Chamado a reunir-se com um psiquiatra nova-iorquino chamado Nathan Kline, Davis ouviu falar de dois casos recentes que pareciam demonstrar para além de qualquer dúvida que a zombificação não era mito.

Em 1962, um camponês haitiano na casa dos quarenta anos, Clairvius Narcisse, foi internado no Hospital Albert Schweitzer, no vale de Artibonite, sofrendo de febre; morreu dois dias depois e foi enterrado no dia seguinte.

Dezoito anos mais tarde, em 1980, um homem aproximou-se da irmã de Narcisse, Angelina, e identificou-se como sendo o irmão, Clairvius. Afirmou ter sido "zombificado" por ordem do próprio irmão, com quem disputava terras. Fora retirado da sepultura e levado para trabalhar com outros zombies. Dois anos depois, o seu "dono" foi morto e ele fugiu, vagueando pelo país durante dezasseis anos. Só depois de ouvir falar da morte do irmão ousou revelar-se.

A identidade de Narcisse foi confirmada, e a BBC realizou um pequeno documentário sobre o caso. Nesse mesmo ano, um grupo de "zombies" foi encontrado vagueando no norte do país — precisamente onde Narcisse afirmava ter sido forçado a trabalhar, confirmando assim o relato da fuga.

Em 1976, uma mulher de trinta anos chamada Francina Illeus, conhecida como "Ti Femme", foi declarada morta. Três anos depois foi encontrada viva pela mãe, que a reconheceu por uma cicatriz na têmpora; verificou-se que o caixão estava cheio de pedras. Ela acreditava ter sido envenenada por ordem de um marido ciumento.

Em 1980, outra mulher, Natagette Joseph, de sessenta anos, foi reconhecida enquanto vagueava perto da aldeia natal; "morrera" em 1964.

Quando Wade Davis foi ao Haiti investigar, a sua atenção concentrou-se na *Datura stramonium,* conhecida na América como *jimsonweed* e no Haiti como "pepino dos zombies". Foi visitar Max Beauvoir, especialista em vodu. Entrevistou Clairvius Narcisse e confirmou o relato. Descobriu igualmente que Narcisse não era simplesmente vítima de um irmão vingativo; fora uma espécie de Casanova e deixara filhos ilegítimos — que se recusava a sustentar — por todo o lado.

Mais tarde, Davis concluiu que a zombificação não era apenas questão de malícia. As sociedades secretas tinham reputação sinistra, mas pareciam menos malignas do que se dizia, atuando frequentemente como protectoras dos oprimidos. A zombificação parecia ser muitas vezes punição para comportamentos escandalosos.

As investigações de Davis conduziram-no a um sapo extremamente venenoso, o *Bufo marinus*, e a duas variedades de peixe-balão, assim chamados porque se enchem de água quando ameaçados. Ambos contêm uma neurotoxina mortal chamada tetrodotoxina, cuja dose letal caberia na cabeça de um alfinete.

James Cook sofrera gravemente depois de comer fígado e ovas cozinhadas de peixe-balão. Os japoneses descartam todas as partes venenosas e comem a carne crua — como sashimi — embora o fígado mortal também seja consumido após limpeza e fervura.

Mas tornou-se claro para Davis que o veneno do peixe-balão não constitui o único segredo da zombificação. No extraordinário livro The Serpent and the Rainbow, descreve a procura de amostras de veneno zombie. O objetivo era obtê-las e levá-las para análise laboratorial.

Embora tenha conhecido diversos *houngans* e assistido a cerimónias notáveis — em várias delas viu pessoas "possuídas" por espíritos (uma mulher conseguia colocar um cigarro aceso sobre a língua sem se queimar) — a investigação terminou prematuramente quando um dos seus principais financiadores morreu e outro sofreu um grave AVC debilitante.

Mesmo assim, o livro deixa pouca dúvida de que o segredo da zombificação reside num veneno capaz de produzir todos os sinais da morte. Quando o corpo é desenterrado, administra-se um antídoto (Davis conseguiu estudar alguns deles e concluiu que os poderes "mágicos" do sacerdote parecem tão importantes quanto os próprios ingredientes), e

depois a vítima é frequentemente entorpecida por novas drogas que reduzem o indivíduo a um estado próximo da idiotia.

Um programa da BBC de 1984 apresentado por John Tusa confirmou que a zombificação resulta de um veneno que afeta certos centros cerebrais, reduzindo a consciência a um nível semelhante ao sonho.

Wade Davis ficou sem qualquer dúvida acerca da realidade da zombificação. Mas a sua investigação da religião vodu parece igualmente tê-lo convencido de que nem todos os fenómenos do vodu podem ser explicados em termos puramente naturalistas.